**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**TRÂNSITO DE IDENTIDADES E ESTRATÉGIAS
DE NEGOCIAÇÃO FAMILIAR:
DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS ENTRE A
BOLÍVIA E O BRASIL**

VANESSA GENEROSO PAES

**São Paulo
2011**

Vol. I

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**TRÂNSITO DE IDENTIDADES E ESTRATÉGIAS
DE NEGOCIAÇÃO FAMILIAR:
DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS ENTRE A
BOLÍVIA E O BRASIL**

VANESSA GENEROSO PAES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

**São Paulo
2011**

Vol. I

Encontros e Despedidas

*Mande notícias
Do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço
Venha me apertar
Tô chegando...*

*Coisa que gosto é poder partir
Sem ter planos
Melhor ainda é poder voltar
Quando quero...*

*Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega prá ficar
Tem gente que vai
Prá nunca mais...*

*Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai, quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim chegar e partir...*

*São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem
Da partida...*

*A hora do encontro
É também, despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida...*

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

Aos meus avós Francisca, Vicente, Tobias, Eufrosina. A Julían e Victor Patzi
in memoriam

AGRADECIMENTOS

Ao Antônio, meu pai, pelo caráter, força, coragem e pelo nordeste que vive em nós.

À Maria Zeneide, minha mãe, pelo amor incondicional que constrói e pelo pertencimento a nossa comunidade amazônica.

Aos meus irmãos: Paulo, Vanderléia, Íris Célia e Mira Célia, pela afetividade, amor e apoio que nos une no cotidiano de nossas vidas.

Ao Leandro pelo carinho, apoio e companheirismo em São Paulo.

Aos amigos do antigo Centro de Hermenêutica do Presente da Universidade Federal de Rondônia: Ednéia, Arianá, Deyvesson, Lucineide por partilhar sonhos, idéias e amizade.

Às amigas Márcia e Xênia, por partilhar sonhos, amizades e pelas contribuições de sempre.

À pesquisadora Nilza Menezes, pelo apreço à pesquisa e pela amizade.

Aos amigos João Paulo, Estela Marinho e Ana Carolina pelo apoio, amizade e por terem me acolhido em Santa Cruz de la Sierra.

Aos amigos do Núcleo de Estudos em História Oral da USP: Cássia, Marcela, Marcel, Marta, Vanessa Rojas, Catarina, João Mauro, Juniele e Glauber por compartilharem estudos, pela amizade e momentos para além da Universidade.

Às Professoras Dras. Suzana Lopes Salgado Ribeiro e Andrea Paula dos Santos pelo acolhimento, formação e vivência.

À Professora Dra. Fabíola Holanda, pelo gosto que tem pela história oral, pela amizade e pelo apoio incondicional em São Paulo.

Ao professor Dr. Alberto Lins Caldas que desde o início me apoiou e acreditou no sonho.

Às professoras Dras. Samira Adel Osman, Sylvia Duarte Dantas, Zilda Grícoli Iokoi pelas sugestões e dicas.

Às Professoras Dras. Marinalva Vieira Barbosa e Milena Guidio Magalhães, pela amizade e dicas para o projeto.

À Maria Carolina Casati, pelas amizade, correções e dicas valiosas.

À Elizabeth McDonald pela amizade e traduções.

À Márcia Leticia Gomes que de longe corrigia os meus escritos.

À Universidade de São Paulo pelos espaços de estudo e apoio à moradia na pós-graduação.

Aos amigos do CRUSP, Thiago, André, Fábio, Sérgio, Jäder e Carlos pelos cafés, diálogo e amizade.

Ao parecerista oculto da FAPESP, pelas indicações e comentários valiosos para esta dissertação.

Aos colaboradores do Brasil: Marta, Arlete, Haidee, Miríam, Milene, Marcos, Leo, Ema, Lídia, Carlota, Guillermo, Maria, Rose, Ilfredo, Jenny, Aidé, Luiz.

Aos colaboradores em Santa Cruz e La Paz na Bolívia: Don Carlos, Maria, Fabiana Chirino e sua equipe de pesquisadores; Elisa Saldías, Julián, Claudia, Roberto, Silvia Rivera Cusicanqui, Alfonso R. Hinojosa Gordonava, Juan.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, por não ter desistido, pelo apoio, pela aprendizagem no NEHO, pelos valiosos comentários e por acreditar em minha capacidade enquanto pesquisadora.

E à FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO - FAPESP, pela bolsa de pesquisa que possibilitou a tão almejada dedicação total à pesquisa: meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta dissertação analisa a questão dos deslocamentos emigratórios latinos americanos a partir das histórias orais de vida de uma família de bolivianos residente na cidade de São Paulo e de sua rede social afetiva. Além disso, estabelece um diálogo com as entrevistas dos pesquisadores bolivianos por meio da história oral temática confeccionada para este trabalho. Ao utilizar dois gêneros de história oral, temos como perspectiva que esta dissertação contribua para os estudos migratórios contemporâneos. A temática central dessa pesquisa é verificar com se dá o processo de negociação de identidades entre a primeira e segunda geração da família boliviana escolhida para tal estudo, assim como entender o processo de mediação das identidades dos emigrantes com a sociedade brasileira. As identidades e as trajetórias de vida são concebidas como heterogêneas, em processo, em trânsito, articuladas por zonas de contato e trocas culturais. As memórias dos colaboradores revelaram campos de disputas, manifestam a diversidade e as ambiguidades das lembranças e esquecimentos. Deste modo, percebemos que as lembranças dos narradores são reelaboradas e passam por reapropriações culturais nos processos de deslocamentos continental e transfronteiriços no cenário latino americano.

PALAVRAS CHAVES: bolivianos, emigração, história oral, identidades, negociação, subjetividade, deslocamentos.

ABSTRACT

This dissertation examines the question of Latin American emigration movements through life history interviews from a single family of Bolivian residents living in São Paulo and its affective social network. In addition, thematic oral history interviews with Bolivian intellectuals are analyzed. As a result of its use of two kinds of oral history interviewing methodologies, this dissertation contributes to contemporary migration studies. The central themes of this research are the negotiation of identities between the first and second generations of the family chosen for this study, and the mediation of the identities of Bolivian immigrants within Brazilian society. The identities and life trajectories of the narrators are perceived as heterogeneous, in process, in transit, and articulated by zones of contact and cultural exchanges. Recorded narrations reveal fields of conflict, and show diversity, ambiguity, and silences. Thus, we find that narrators' memories are re-elaborated and go through a process of cultural appropriation as they cross borders and are dislocated within the Latin American continent.

KEY WORDS: Bolivians, emigration, oral history, identity, negotiation, subjectivity, displacement.

LISTA DE FOTOS, MAPAS E QUADROS

Mapa da Praça Kantuta	19
Mapa da Rua Coimbra	28
Quadro de entrevistas	91
Quadro da Família Patzi e Rede Social	91
Quadro de Entrevistas em La Paz	92
Quadro de Entrevistas em Santa Cruz de La Sierra	93
Foto de Aidé	225
Foto de Marta	265
Foto de Arlete	291
Foto de Haidee	309
Foto de Míriam	326
Foto de Milene	335
Foto de Marcos	357
Foto de Leo	369
Foto de Lúdia	373
Foto de Rose	398
Foto de Ema	409
Foto de Carlota	440
Foto de Jenny	464
Fotos em Santa Cruz de La Sierra	
Foto de Don Carlos	471
Foto de Elisa Saldías	475
Foto de Fabiana Chirino	482
Foto de Julián Ibarra	486
Fotos em La Paz	
Foto de Claudia	511
Foto de Roberto	519
Foto de Alfonso Hinojosa	529
Foto de Silvia Rivera Cusicanqui	538

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	12
PARTE I – HISTÓRIA DO PROJETO	15
1.1. Da Trajetória de Vida ao Tema de Pesquisa	15
1.1.1. Como tudo começou.....	15
1.1.2. Permanências - A Trajetória da Pesquisa no Brasil.....	20
1.1.3. Mudanças – O Caminho Percorrido na Bolívia.....	42
1.1.4. Permanências e mudanças do projeto inicial.....	62
1.1.5. Objetivos da Pesquisa.....	66
QUESTÕES DA HISTÓRIA ORAL	67
1.2.1. Procedimentos de Construção da Narrativa	67
1.2.2. Inscrição do Tema de Pesquisa em Área de Estudo	71
1.2.3. Memória e História Oral	75
1.2.4. Mediação e Negociação	83
1.2.5. História Oral Temática	88
1.2.6 Quadro de entrevistas realizadas	89
1.2.7. Rede de Entrevistas – Brasil – São Paulo.....	90
1.2.8. Família Patzi e sua rede social	91
1.2.9. Rede de Entrevistas – Bolívia – LA PAZ.....	92
1.2.10. Rede de Entrevistas – Bolívia – SANTA CRUZ.....	93
PARTE II	94
2.1. Identidades Negociadas.....	94
2.2. A Rota Brasileira.....	96

2.3. Dificuldades Locais na Bolívia	100
2.4. Motivos para a Emigração.....	103
2.5. Materialização da Viagem.....	115
2.6. O Que Trouxeram na Bagagem.....	118
2.7. O Porquê de São Paulo e Outros Roteiros no Brasil	120
2.8. Onde, Como, Contatos Anteriores	128
2.9. Impactos da Cidade	135
2.10. Acomodação à Cidade: aceitações e recusas.....	140
2.11. A Visão Construída Sobre Brasil	148
2.12. A Nova Família: abasileiramentos.....	154
2.13. Campos Duros de Negociação	160
2.14. Calendário Boliviano.....	164
2.15. A Família Transnacional	166
2.16. As Negociações na Família	174
2.17. As Relações de Trabalho.....	183
2.18. Ramos de Trabalho Atual.....	187
2.19. Visão cultural sobre o mundo.....	194
2.20. Sonhos	201
2.21. O Tempo da Narrativa.....	209
2.22. Objetos Biográficos.....	214
2.23. A Reinvenção da Bolívia no Brasil	217
PARTE III	227
3.1. Algumas Definições sobre o Conceito de Migração	227
3.2. A Consciência Crítica do processo Migratório a partir da Historiografia e das Entrevistas dos Pesquisadores Bolivianos	235
PARTE IV	255
4.1. Narrativas	255

4.1.1. Aidé	255
4.1.2. Luis Vasquez	259
4.1.3. Marta Patiz	265
4.1.4. Arlete Patzi	291
4.1.5. Haidee Patz.....	309
4.1.6. Míriam Duram	326
4.1.7. Milene	335
4.1.8. Marcos.....	357
4.1.9. Leo	369
4.1.10. Lidia	373
4.1.11. Guillermo Salazar	387
4.1.12. Rose	398
4.1.13. Ema	409
4.1.14. Carlota	440
4.1.15. Maria	450
4.1.16. Ilfredo	456
4.1.17. Jenny	464
4.2. SANTA CRUZ DE LA SIERRA	471
4.2.1. Don Carlos	471
INTELECTUAIS.....	475
4.2.2. Elisa Saldías	475
4.2.3. Fabiana Chirino.....	482
4.2.4. Julian Ibarra	486
4.2.5. Maria	498
4.3.LA PAZ.....	511
4.3.1. Claudia.....	511
4.3.2. Roberto.....	519

INTELECTUAIS.....	529
4.3.4. Alfonso Hinojosa	529
4.3.5. Juan	534
4.3.6. Silvia Rivera Cusicanqui	538
CONSIDERAÇÕES FINAIS	542
Bibliografia	545

APRESENTAÇÃO

Nesta dissertação, inicio a apresentação pelo título da pesquisa “Trânsito de identidades e estratégias de negociação familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil”.

Uso o termo “trânsito de identidades” para demonstrar que são construções históricos-sociais geradas pelos deslocamentos das pessoas em um espaço e em um tempo específico. Entendemos o conceito de identidade como uma categoria relacional, heterogênea, multicausal e em devir, como um “lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (HALL, 2006, p.15).

“Estratégias de negociação familiar” porque nos discursos dos narradores foi possível perceber as formas utilizadas pelos sujeitos ao negociar os laços da “bolivianidade” dos integrantes da primeira e segunda geração de bolivianos no Brasil, assim como, com a sociedade brasileira. “Estratégias de negociação”, também, por ser um termo de troca, uma posição relacional onde se travam relações que se tecem com as heranças e tradições bolivianas, que por sua vez podem ser partilhadas com as gerações posteriores, tais como a relação moral e ética que os sujeitos construíram em negociação com a sociedade brasileira.

Emprego o termo “deslocamentos populacionais” por explicar a diversidade de trânsito e fluxos de pessoas em constante deslocamento no contexto continental latino-americano, e, também, pelo fato de a Bolívia e o Brasil possuírem territórios de circunvizinhança, fazendo com que as rotas e o seu trânsito tornem-se menos dispendiosos comparados aos países do norte escolhidos como destino por tantas pessoas. A relação que se estabelece entre esses dois países construída pelas histórias de vida das pessoas que têm como base a diversificação das trajetórias pessoais, mas que nutrem em suas convicções o sentimento de pertencerem a comunidade em São Paulo.

Apresentava como problema inicial de pesquisa que os motivos e as escolhas que fazem com que as pessoas iniciem os processos de deslocamento no mundo contemporâneo são mais complexos do que os somente relacionados às causas econômicas. Com isso, não queria negar o vetor econômico, mas perceber como cada narrador teceu seus argumentos, projetos pessoais e familiares para a saída de seus

países. Acreditamos que a pluralidade de argumentos selecionados pelas pessoas pode enriquecer o debate sobre os estudos migratórios contemporâneos.

Para alavancar a dissertação, alguns pontos foram abordados nos objetivos, tais como: as motivações de partida, as questões de adaptação da família no contexto da migração; as formas de negociação com a sociedade brasileira; a constituição do núcleo familiar e o papel da família no cenário da migração na cidade de São Paulo; a percepção das formas de discriminação social contra o emigrante latino americano; as memórias afetivas e identitárias que os emigrantes bolivianos constroem a partir das vivências na capital paulista.

Foram realizadas 27 entrevistas no trajeto da pesquisa, dentre elas - 17 na modalidade de histórias de vida constituídas no Brasil e 10 entrevistas realizadas na Bolívia, onde 3 em forma de história de vida - e 7 com intelectuais bolivianos que pesquisam temas relacionados aos estudos migratórios e as questões sociais na Bolívia. Acredito que com esse conjunto de entrevistas foi possível aprofundar as questões sobre imigração/emigração internacional, bem como, perceber as especificidades da composição histórica da Bolívia no contexto latino americano.

Assim, na primeira parte desta dissertação, faço uma introdução descrevendo o trabalho de campo realizado na pesquisa, os temas referentes a história oral, à memória e ao conceito de mediação e negociação, e, insiro um quadro das redes de entrevistados da pesquisa.

Na segunda parte, constam as sessões temáticas analisadas por meio de trechos das entrevistas confeccionadas para a dissertação, tais como: identidades negociadas, a rota brasileira, dificuldades locais na Bolívia, motivos da decisão de emigrar, materialização da viagem, o que trouxeram na bagagem, o porquê de São Paulo e outros roteiros no Brasil; onde, como, contatos anteriores; impactos da cidade, acomodação à cidade: aceitações e recusas, a visão construída sobre Brasil, a nova família: abasileiramentos, campos duros de negociação, calendário boliviano, a família transnacional, as negociações na família, as relações de trabalho, ramos de trabalho atual, visão cultural sobre o mundo, sonhos, o tempo da narrativa, objetos biográficos, a reinvenção da Bolívia no Brasil.

Apresento na parte III algumas definições sobre o conceito de migração, esboço o projeto emigratório a partir da historiografia e das entrevistas realizadas com

intelectuais bolivianos. E, para finalizar, apresento as 27 entrevistas constituídas para dissertação na parte IV.

PARTE I – HISTÓRIA DO PROJETO

1.1. Da Trajetória de Vida ao Tema de Pesquisa

1.1.1. Como tudo começou

Contar a história do projeto faz-se necessário para saber a trajetória da pesquisa, mas antes é preciso contar um pouco sobre a história da minha família e o percurso de pesquisa que me trouxe até São Paulo.

Sou filha de nordestinos que migraram, com toda sua família, para a Amazônia durante o governo Vargas. Como muitos outros migrantes nordestinos que foram para o extremo norte, minha família trabalhou na produção da borracha nos seringais da Amazônia. Chamados de Soldados da Borracha pelo governo Getúlio Vargas, as pessoas foram recrutadas em uma operação militar em que “escolhiam” ir para a Amazônia lutar na “Batalha da Borracha” ou a para a Europa lutar nos campos de batalha, em decorrência do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Só pude perceber a teia histórica na qual os indivíduos estão envolvidos quando ingressei no curso de História da Universidade Federal de Rondônia, no ano de 2001. Nesse momento foi possível compreender o envolvimento de diversos grupos sociais no contexto histórico de Rondônia. Demorei a perceber que a inserção no projeto de iniciação científica travava relações com a história da minha e de outras famílias que foram designadas a trabalhar na produção do látex exportado para Europa. O projeto foi intitulado “Nordestinos na Amazônia: a experiência de dois mundos”, e contemplava um estudo sobre a experiência de vida de vários nordestinos que moravam na Amazônia. Assim, compreendi que a trajetória de vida de milhares de nordestinos que foram para Amazônia buscando alternativas de trabalho fazia parte de uma rede coletiva de experiências, construindo, deste modo, uma comunidade de destino no sentido da História Oral.

Da necessidade de entender esse processo, resolvi me engajar na pesquisa junto ao Centro de Hermenêutica do Presente, núcleo de pesquisa do qual fiz parte desde o

primeiro semestre de 2002 até o ano de 2005. Ter vivenciado a pesquisa nesse núcleo foi determinante para as escolhas futuras, pois me colocou em contato com a história do lugar, antes desconhecida, e com a história oral, horizonte teórico do cruzamento entre o passado e o presente. Participei do núcleo assiduamente, realizando leituras referentes à história oral, compartilhando e interagindo com os professores e demais pesquisadores que faziam parte do núcleo de pesquisa.

Também no núcleo de estudos, desenvolvi um sub-projeto temático da pesquisa “Nordestinos da Amazônia: história oral com Soldados da Borracha (a experiência de dois mundos)” financiado por dois anos pelo CNPq intitulado “Mulheres no Seringal”, orientado pelo professor Dr. Alberto Lins Caldas que tinha como perspectiva realizar entrevistas com mulheres que viveram nos seringais da Amazônia, e por meio de suas histórias de vida, perceber as visões de mundo, planos, sonhos, angústias e esperanças expressas nas narrativas.

Terminada a graduação em História pela Universidade Federal de Rondônia, e diante da impossibilidade de dar continuidade aos estudos, justamente porque não havia mestrado em História nessa instituição, resolvi aventurar-me em uma jornada sobre a qual não sabia o fim: migrar para São Paulo e tentar realizar o mestrado no programa de História Social da Universidade de São Paulo.

Cheguei a São Paulo em agosto de 2005, em uma tarde gelada, depois de três dias de viagem de ônibus carregando uma mala cheia de sonhos e expectativas, e desconhecendo o novo mundo que eu pretendia residir. Como muitos estudantes recém-chegados à instituição, passei a conhecê-la melhor e a entender a sua dinâmica ao frequentar o curso de pós-graduação como aluna especial “História Oral, Memória e Relações Disciplinares” ministrada pelo professor Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy. Este, por sua vez, foi despertando em mim novos interesses e questionamentos. Lembro-me, nitidamente, da conversa que tive com ele na antiga sala do NEHO, quando perguntou: “Quais são seus planos para São Paulo?” Afirmei: “Quero estudar e dar continuidade aos meus objetivos.” E de forma prática, como costuma conversar com as pessoas, ele disse: “Então, está na hora de criar novos problemas para sua vida”. E foi a partir deste diálogo que percebi a potencialidade de me debruçar sobre novos problemas práticos e teóricos, e de um campo de pesquisa novo: História Oral com migrantes bolivianos na cidade de São Paulo. Cheguei a este tema depois de fazer levantamentos sobre a Bolívia e temas correlatos constatando, na época, que não existia nenhuma

pesquisa que contemplasse a perspectiva da História Oral com esse grupo de hispano-americanos residentes em São Paulo.

Durante o segundo semestre de 2005 e o primeiro semestre de 2006, frequentei o curso da Pós-Graduação e participei das reuniões quinzenais no Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO). Nesse grupo de pesquisa, pude ajudar na organização de eventos, participar de projetos coletivos, aperfeiçoar minha formação de pesquisadora. Ter estabelecido vínculo com esse núcleo de pesquisa foi importante para aprofundar as leituras desconhecidas, problematizando os conceitos de memória e identidade, e para sistematizar o projeto de pesquisa que futuramente iria desenvolver no mestrado.

Em paralelo à vida acadêmica, busquei formas de financiamento material para a permanência em São Paulo. Por esse motivo, os três anos seguintes foram dedicados à docência da História, ministrando aulas na rede estadual de ensino como professora substituta. Somente em 2008 ingressei como aluna regular da Pós-Graduação e pude pôr em prática os objetivos da pesquisa.

À medida que fui acompanhando o curso de Pós-Graduação ministrado pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy e estabelecendo as leituras teóricas, surgiu a necessidade de trabalhar com imigrantes bolivianos em São Paulo. A migração é um problema que vem crescendo no mundo globalizado, onde contingentes de pessoas ditas do “terceiro mundo” migram de sua terra natal em busca de melhores condições de vida e novas perspectivas. Esta é uma das questões vivenciadas por um expressivo número bolivianos na cidade de São Paulo, dados do censo e da Pastoral do Imigrante cogitam em torno de trezentos mil bolivianos vivendo no país e duzentos e cinquenta mil na metrópole paulista¹.

Dessa forma, a escolha pelo tema história oral de imigrantes bolivianos em São Paulo se justifica pela importância dos estudos referentes à migração e à constituição do processo histórico da cidade de São Paulo, como também por tentar uma vinculação a temas relativos à história da América Latina que se relacionam com a história brasileira. Daí surgiu a intenção de trabalhar com um tema novo, mas que de alguma forma pudesse dialogar e não se afastasse da problemática do lugar do qual parti: o Estado de Rondônia.

---

¹Pesquisado Jornais e artigos na Pastoral do Imigrante em São Paulo, como também, nos estudos de SILVA, Sidney. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. Estudos Avançados, n 57, vol . 20, pg. 157-170, São Paulo, USP, 2006. Também consultar os dados do consulado boliviano em São Paulo.

Em Rondônia, presenciou-se um crescente número de imigrantes bolivianos, uma vez que a Bolívia é um dos países que faz fronteira com esse estado, havendo um constante deslocamento na zona de fronteira, especificamente na região que abrange Guajará-Mirim/Brasil e Guayará-Mirim/Bolívia. É importante salientar que há uma rotatividade estável de pessoas nesse espaço, por ser uma zona de contato em que as pessoas atravessam a fronteira em busca de produtos comerciais para o provimento das necessidades cotidianas.

Em pesquisa desenvolvida por NEPO/UNICAMP, as pesquisadoras Souchaud & Baeninger ao estudarem a migração boliviana na região de Corumbá/MS, enfatizam que essa forte polarização na zona de fronteira é característica da migração boliviana e, de certa forma, obedece às configurações territoriais das faixas de limite de cada país. “O fraco povoamento da área, que corresponde à fronteira com a Bolívia, e as descontinuidades específicas da distribuição da população brasileira nessa região se reproduzem na repartição da imigração boliviana na localidade”². A mobilidade de pessoas nesse espaço de fronteira justifica-se por ser uma área de livre comércio administrada pela SUFRAMA.³ Este é um órgão que regulamenta a entrada de mercadorias estrangeiras, onde há a suspensão do imposto sobre importação e sobre os produtos industrializados. Partindo dessa nota preliminar e do diálogo com o meu orientador iniciei, então, um esboço de projeto de história oral com os migrantes bolivianos na cidade de São Paulo. Realizei um levantamento bibliográfico e constatei a ausência de trabalhos a partir desta perspectiva teórica. Depois de outro encontro com o professor Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, foi estabelecido que fizesse o inverso daquilo que comumente é feito, ao se vislumbrar um projeto de pesquisa, pois se a princípio pretendia partir da fortuna crítica para delimitar o projeto, agora iria partir das entrevistas para chegar à problemática da pesquisa.

Iniciei meu trabalho de campo na Praça Kantuta localizada na rua Pedro Vicente, a duas quadras do metrô Armênia no bairro do Pari; espaço onde é realizada uma feira dos bolivianos todos os domingos. A meta foi observar o que acontecia no lugar e estabelecer os primeiros contatos com essa comunidade de migrantes. Por meio de uma ex-integrante do NEHO, Maria Eta Vieira, passei a frequentar a feira e a estabelecer contato com o grupo que ela coordenava na época, e com o qual desenvolvia um projeto

---

² Referência à Revista brasileira Estudos Populacionais., São Paulo, v. 25, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2008.

³ (http://www.suframa.gov.br/suframa_descentralizadas_alcs_guajaramirim.cfm) visto em 16/04/2010.

objetivando aproximar crianças brasileiras e bolivianas para desconstruir estereótipos constituídos na sociedade brasileira. Esse projeto foi posto em prática por meio de uma brinquedoteca destinada aos filhos dos bolivianos e brasileiros que frequentavam a Praça no período do primeiro e segundo semestre de 2006. Essa brinquedoteca foi estabelecida na sede da associação da Praça Kantuta (espaço de dois cômodos com um banheiro, que foi doado pela prefeitura), e que também, dividia espaço com o curso de Língua Portuguesa para hispânicos ministrado pela professora Maíra, à época estudante de letras/espanhol da USP. Abaixo, é possível visualizar a localização da praça.

A feira da Praça Kantuta é administrada pela Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana “Padre Bento”, sustentada pelos próprios feirantes e por empresas ligadas ao transporte Bolívia/Brasil⁵. Fui colaboradora desse trabalho, auxiliando as crianças que frequentavam a brinquedoteca por seis meses, e lá consegui estabelecer contatos com duas pessoas que freqüentavam a praça e que seriam colaboradoras da pesquisa de mestrado.

⁴ Fonte: <http://maps.google.com.br/?hl=pt-BR> acesso em 16/04/2010.

dos comerciantes bolivianos locais. Considerei o senhor Luis Vasquez, no período, ponto zero do trabalho, por ser uma pessoa engajada com projetos por melhores condições de vida dos imigrantes que vivem em São Paulo, por ser uma pessoa influente no meio local e ter vindo para o Brasil com sua esposa, Lurdes. Além do que, esta entrevista possibilitou visualizar outras redes de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo, como as famílias que trabalham no ramo da costura; que são profissionais liberais, e que têm oficinas de costura em São Paulo. No entanto, Luis Vasquez não indicou outros colaboradores para realizar entrevista, o que fez que modificasse o percurso das entrevistas.

A segunda entrevista foi realizada com Aidé Cola Conde, na praça Kantuta no bairro do Pari, região central da cidade de São Paulo. Ela trabalha no ramo da costura e estudava português na escolinha dentro da Associação Cultural e Gastronômica da Praça Kantuta.

Essas duas entrevistas foram feitas para a construção do projeto e para os primeiros encadeamentos da pesquisa, servindo como aporte prático para alavancar outras redes sociais que dariam continuidade ao projeto. Assim, desenvolvi este estudo, a partir de uma metodologia específica de história oral, visando a traçar um quadro da situação dos migrantes bolivianos na Cidade de São Paulo e compreender aspectos de sua cultura, subjetividades e valores familiares. Esta pesquisa possui como tema questões como migração, experiência de vida e subjetividade.

1.1.2. Permanências - A Trajetória da Pesquisa no Brasil

No período de três anos de pesquisa foram realizadas um total de 27 entrevistas, 19 delas na modalidade de história oral de vida, e 7 como história oral temática com intelectuais⁶. Duas entrevistas foram realizadas no período que frequentei a feira da Praça Kantuta no ano de 2006, e as restantes entrevistas foram realizadas a partir do ano

---

⁶No segundo capítulo da parte I dessa dissertação são explicados os gêneros e as especificidades das vertentes de história oral.

de 2008 quando já estava efetivada no programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

1º Momento de pesquisa de campo

O primeiro contato com a comunidade de bolivianos na cidade de São Paulo se deu em março de 2006 na Praça Kantuta. Havia conversado com Maria Eta Vieira ao telefone, e ela me deu as coordenadas de como chegar ao espaço de pesquisa. Na época, ela estava iniciando o seu projeto de Doutorado em Educação pela USP na qual desenvolvia sua pesquisa no Espaço do Centro Cultural da Kantuta com “ensino de português como língua estrangeira para latino-americanos falantes de Espanhol que vivem na cidade de São Paulo”.

A princípio, o meu projeto de mestrado estava indefinido. Passei a frequentar a Praça Kantuta com a finalidade de estabelecer os primeiros contatos com essas pessoas, conhecer as necessidades e a dinâmica da situação migratória vivenciada pelos bolivianos, para depois esboçar um pré-projeto que pudesse nortear a vida acadêmica. Como todos que iniciam pesquisa de campo, havia muitas dúvidas e nenhuma certeza, pois não conseguia estabelecer laços de afinidade com o tema pretendido para uma dissertação. Tudo me era diferente, a começar pela língua espanhola, ou como os próprios bolivianos afirmam, a “língua castelhana”; posicionamento tomado frente à colonização espanhola. Mas, aos poucos fui construindo relações de afinidade com esse grupo, afinal, possuíamos algumas identificações, pois quanto mais frequentava aquele espaço e me aproximava das histórias de vidas, dos sonhos, das expectativas que surgem com o ato de migrar, percebia que algumas experiências de vidas estabeleciam muitas proximidades, como também muitas diferenças.

O estudioso da imigração, o argelino Abdelmalek Sayad, pontua que os discursos atuais sobre a imigração, que por muito tempo foram taxados de “apaixonados, irracionais”; tratam em sua profundidade não dos “outros” da alteridade, mas de si, da identidade do eu; pois para o autor “fala-se de si quando se fala dos outros -, devem uma parte importante da dramaticidade (desejada ou não) que os caracteriza ao sentimento de que a imigração, em sua forma atual, constitui uma provação para a ordem nacional” (SAYAD, A. 1998, p. 21).

E assim, fui percebendo que havia muitas pessoas de diversas faixas etárias que freqüentavam o espaço, uma grande parte era de jovens, mulheres, homens, crianças,

idosos; todos de diferentes regiões da Bolívia, mas a grande parte das pessoas advinham da parte alta, ou seja, do altiplano boliviano. O que os trazia até ali? Por que deixar a sua terra? Quais eram os sonhos e expectativas dessas pessoas? Constatei que eram problemas vivenciados também por mim e que procurava responder por meio da migração de bolivianos na cidade de São Paulo. Deste modo, o projeto de pesquisa, outrora inexistente, começava a tomar forma.

A Praça Kantuta é a denominação formal dada a uma praça na rua Pedro Vicente, altura do número 600, no Bairro do Pari em São Paulo. Foi rebatizada pelas pessoas que a frequentam por Kantuta por designar um espaço de afetividade, uma vez que Kantuta é o nome de uma flor do Altiplano boliviano, tendo as cores da Bandeira boliviana: amarelo, vermelho, verde.

Nesse espaço, realizam-se shows, vendem-se comidas típicas, artesanatos, fotografias, roupas, cereais e raízes provenientes da Bolívia, cortam-se cabelos em barracas improvisadas, vendem-se cartões telefônicos com maior duração para ligações internacionais, agenciam-se empregos, celebram festas em homenagem à Bolívia e aos santos e padroeiros do país. Esse espaço é composto por uma quadra de futebol de salão, no meio da praça, onde acontecem torneios e disputas entre os grupos de futebol de bolivianos e brasileiros.

A feira fica na convergência de três ruas: Olarias, Carnot e Pedro Vicente. A primeira, caracteriza-se pelo comércio de comidas e pratos tradicionais; a segunda, pelo de lanches: saltenãs (empanado), bebida, e a terceira, pela venda de cereais e condimentos típicos da Bolívia, além de conter na calçada da praça barracas que vendem roupas, CDs, fotos, DVs, e ter cabeleireiro.

A primeira vez que fui ao local, por desconhecer o espaço, não consegui chegar porque descii na estação de metrô do Brás, ao invés de ir para o metrô Armênia. Era domingo de sol ardente, dia 12/03/2006. O Brás é nacionalmente conhecido por agregar em suas ruas um dos maiores centros de produção têxtil do Brasil. Como desconhecia o espaço, fui procurar a feira no lugar errado. Ao chegar à rua Rangel Pestana em frente ao Largo da Concórdia, revolvi perguntar o endereço da feira de bolivianos a uma senhora que possuía uma barraca de pilhas e cartões telefônico, a resposta foi “não conhecia nenhuma feira, principalmente de bolivianos”; mas disse que havia uma feira depois do viaduto que era conhecido como Feira do Rolo, e que por sinal, estava acabando. Fiquei pensando nessa suposta “invisibilidade social” ou o “não

reconhecimento” das pessoas que trabalham no lugar para com os bolivianos em São Paulo.

Fui ao local indicado e perguntei a um senhor que estava escorado a um poste se ele conhecia a feira de bolivianos em São Paulo, disse “não sei, pergunte para o casal da frente”. Perguntei ao casal e eles disseram que deveria retornar ao lugar de partida, e virar à esquerda na rua do banco Caixa Econômica. Antes de chegar ao local indicado perguntei a um taxista e ele disse que teria que andar mais dois quarteirões para chegar ao local. Cheguei ao local e a Praça chamava-se Padre Bento devido à pequena igreja que demarca o espaço. Esse espaço fora o primeiro lugar onde a feira dos bolivianos era realizada, sempre aos domingos, mas por problemas com os moradores estabelecidos, os que já habitavam os arredores e frequentavam a praça antes dos bolivianos resolverem montar suas barracas, por divergências e ocupação do espaço dos novatos que chegavam no bairro, os moradores estabelecidos movimentaram um abaixo assinado e criaram faixas com ditos de posse, tal como “A Praça é nossa!”⁷ pedindo que os bolivianos deixassem o local. A prefeitura assumiu a negociação e encaminhou os bolivianos para a atual Praça Kantuta. Esse episódio fez lembrar o clássico trabalho de Nöbert Elias sobre os Estabelecidos e os Outsiders⁸, livro que analisa a problemática entre dois grupos antagônicos em uma cidade do interior da Inglaterra, denominada ficticiamente “Winston Parva”, para o autor mesmo que esta cidade fosse relativamente homogênea, não era essa a percepção dos moradores antigos; para os estabelecidos, ou establishment local, a cidade continha outro grupo não reconhecido e tolerado, os indivíduos outsiders. O grupo estabelecido anteriormente fundava sua distinção e seu poder por terem se estabelecido no local em um passado remoto, e os outros viviam associados a atributos preconceituosos.

Pedi informação a um moto boy sobre a localização da feira dos bolivianos, e para tentar ajudar deu uma carona fazendo o caminho de volta, e me deixou na rua Coimbra, que na época já era um reduto frequentado por bolivianos, mas a feirinha desta rua funcionava aos sábados. Avistei a rua, e resolvi perguntar a um boliviano que estava no local se ele conhecia a feira de bolivianos, ele disse: “No hablo português.” Essa fala foi imponente e encerrou a conversa que poderia ser prolongada, caso a pessoa me conhecesse ou estivesse aberta ao diálogo. Mais à frente avistei uma jovem

---

⁷Para maiores detalhes ver Silva, Sidney Antonio. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300007&script=sci_arttext acesso em 25/04/2008.

⁸ ELIAS, Nöbert. Os estabelecidos e os Outsider. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

boliviana e resolvi perguntar o itinerário do lugar, dessa vez, deu certo e ela informou como eu deveria chegar ao local. Como já tinha caminhado 2 horas sem parar, resolvi encerrar a peregrinação e reiniciar no outro domingo.

Somente no dia 19 de março de 2006 pude conhecer a feira e ter dimensão do número de pessoas que freqüentavam o espaço. Conheci a Maria Eta Vieira nessa feira por indicação de Suzana Ribeiro que é integrante do Núcleo de Estudos em História Oral/USP. Para não ocorrer desencontros, liguei antecipadamente e marcamos de nos encontrar no local. O domingo estava quente, e resolvi esperá-la na barraca de sorvete, conhecida por todos que frequentam a feira. Quando ela chegou me apresentei, conversamos e caminhamos em direção a sala que era reservada, aos domingos à tarde, às aulas de recreação. Acompanhei e assisti a aula até 16:00 horas, ao término fui apresentada para 3 alunos de português que frequentavam suas aulas; os mesmos demonstram timidez. Saímos e demos uma volta na feira e continuamos a conversa. Fiquei no espaço até as 18:00 horas e depois retornei para casa.

No domingo de 26 de março de 2006 conheci Maíra, jovem estudante de espanhol da USP que estava interessada em fazer um trabalho voluntário ensinando português aos latino-americanos. Ela foi apresentada a todos os alunos para iniciar seu trabalho no próximo domingo. É importante frisar que a feira não é só frequentada por bolivianos, como também, sempre aparecem estudantes, jornalistas, pesquisadores, curiosos, pastores evangélicos; todos dispostos a saber como funcionam os cursos e a feira. A aula estava um pouco esvaziada e o número de alunos tinha decaído, demonstrando a rotatividade do público que a frequentava.

Ao chegar, em um outro domingo, encontrei uma fila imensa de pessoas que estavam entregando documentos para dar entrada no pedido de regularização da documentação para ficar no Brasil. Geralmente quem desempenha esse tipo de trabalho são os representantes das entidades em prol de melhorias para os imigrantes em São Paulo, tais como: ONGs, a Pastoral do Imigrante, Ministério Público, Cami (Centro de Apoio ao Migrante), e outras instituições.

Em um domingo de julho de 2006 acompanhei Lenira, agente da sub-prefeitura da Mooca que, na época, fazia um trabalho de assessoramento às pessoas que se encontravam sem documentos. Ela costumava ir aos espaços freqüentados por bolivianos para auxiliá-los entregando panfletos que continham datas, instituições e documentos necessários para regularização da condição de “ilegais” no Brasil.

Acompanhei Lenira durante um domingo e fomos a uma escola e a uma igreja evangélica que ela costumava frequentar, e me deparei com uma realidade até então desconhecida.

Eram 08:00 horas da manhã de um domingo de junho, mês de Copa do Mundo. A rua estava vazia e a Escola Sarmiento localizada no Bresser estava fechada. Esperei por Lenira na Parada de ônibus. Ela chegou toda de verde, amarelo e azul, em homenagem a seleção brasileira. Disse que nada iria funcionar naquele dia e caminhamos em direção a Igreja Assembléia de Deus localizada no bairro do Pari, onde iria realizar um culto em espanhol e teríamos que estar presente para divulgar as datas do Acordo Bilateral⁹ entre Brasil e Bolívia, acordo que iria beneficiar os bolivianos que não tinham seus documentos.

Esse acordo foi estabelecido em 2005 entre os governos do Brasil/Bolívia, e tinha como uma das principais metas a regularização dos imigrantes sem documentos que estavam residindo no Brasil, assim como, dos brasileiros que residiam na Bolívia. A mais recente ação nesse campo é o Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercosul, Bolívia e Chile, promulgado em outubro de 2009, que torna possível, entre esses países a concessão de visto de dois anos a qualquer um dos nacionais que, estando em seu país de origem, deseje estabelecer-se no território de outra parte.

A igreja internacional Assembléia de Deus possui um grande templo, que por sua vez tem espaços divididos. No hall de entrada você se depara com um templo arredondado onde acontecem os cultos com menor número de pessoas; seguindo um corredor você encontra uma livraria temática com livros, artigos, e CDs evangélicos e outro salão grande em forma retangular onde são celebrados os cultos maiores. O espaço também abriga, aos fundos, uma cozinha onde são servidos almoços a preços populares, na época o almoço custava 2,00 reais, feito pelas pessoas da comunidade da igreja. No momento, estava acontecendo uma reunião no templo maior, e Lenira pediu licença e informou a todos os latino-americanos do local as datas de encerramento do acordo bilateral.

Às 12:00 horas fomos assistir ao culto, celebrado em espanhol. Alguns discursos foram afirmados pelo pastor como normas que deviam guiar às ações dos “irmãos”, tais como: a fidelidade da mulher e do homem perante o matrimônio, colocando a figura

---

⁹<http://www.cpmigrantes.com.br/Not%C3%ADcias/clandestinidade.html> acesso em 19/04/2010.

masculina como provedor e chefe de família, a explicação de que todos os problemas sociais e políticos eram coisa do “Diabo”. Depois almoçamos e fomos para Praça Kantuta. Saí daquele espaço e fiquei refletindo sobre a transitividade do comportamento e das ações individuais no contexto da migração, onde pessoas mudam tudo, inclusive, a religião a qual pertenciam. É o lugar onde a transformação do corpo e dos ideais são bem vindos.

Em dias de festas comemorativas a Praça Kantuta fica repleta de pessoas. Bandas formadas com metais tocam músicas bolivianas, grupos de dança aparecem para alegrar as pessoas com suas morenadas¹⁰. Campeonatos de futebol aglutinam homens e mulheres que disputam prêmios, tais como troféus e presentes. É interessante notar que as mulheres jogam futebol com saias rodadas, levando por baixo das saias bermudas. Normalmente, as festas celebradas na praça fazem parte do calendário boliviano, como: dia das mães, comemorado no final do mês de maio; o pré-carnaval e carnaval, comemorado em fevereiro, e as festas de Nossa Senhora de Urcupiña e Copacabana, comemorado em julho e agosto; a festa de Independência da Bolívia, comemorado em 6 de agosto; e natal e ano novo, ambos em dezembro.

Em um domingo de maio apareceu um rapaz conversando com Maria Eta que destoava de todos o bolivianos que até então tinha conhecido. Não apresentava 30 anos, vestia camiseta branca, jeans, tênis e manejava um discurso totalmente diferenciado dos que frequentavam a Praça. Falou que ao chegar em São Paulo ficou impactado com a paisagem visual da cidade, pois assim como era toda de concreto armado, também era armada e fria para os que aqui chegavam. Falou da exclusão, do estereótipo e da indiferença com as quais as pessoas do lugar, e mesmo os bolivianos, o tratava, enfatizando sua não identificação com os imigrantes que preferiam “morar e viver em guetos” ao invés de lutarem por melhores condições de vida; frisou, ainda, que os bolivianos se auto-excluíam das possibilidades que a cidade poderia oferecer e ainda discorreu sobre o sentimento de superioridade de alguns brasileiros que veem os bolivianos como “desclassificados”. Tentei marcar um encontro com ele para realizar uma entrevista, mas nunca mais o vi pela praça. O que ficou de seu discurso foi a tentativa de aprender o português, trabalhar na sua área de formação (ciências sociais) e construir novos projetos de vida no Brasil.

---

¹⁰ Estilo de um tipo de dança onde os integrantes dançam ao som de ritmos de músicas tradicionais do altiplano boliviano.

No dia 16 de julho de 2006 foi comemorada a festa em homenagem a Nossa Senhora de Urcupiña, a praça estava repleta de pessoas, aproximadamente umas 3 mil pessoas no local. A primeira apresentação musical foi do cantor Yuri Ortuño de La Paz que canta músicas tradicionais da região dos Andes e música evangélica. Seu show aglomerou milhares de pessoas que cantavam e dançavam ao som e ritmo de sua música. Um casal que se destacou dos demais, foi chamado pelo artista para dançar no palco. A dança era mais acelerada do que as que havia presenciado, não se dançava em círculos, como grande parte dos grupos costumam fazer. As pessoas dançavam e abanavam lenços, denominando dança *a cueca*¹¹.

Por intermédio de Lenira aceitei ser professora de um cursinho pré-vestibular de História na Escola Estadual Domingos Faustino Sarmiento, localizada na rua 21 de abril no Bresser, nas manhãs de domingos. Lecionei no período de agosto de 2006 a outubro de 2006, onde era encarregada por duas aulas para duas turmas que eram compostas por alunos brasileiros e bolivianos de baixa renda que frequentavam a localidade.

A primeira entrevista realizada foi a de Luis Vasquez, ainda no ano de 2006, e hoje, ele é presidente da Associação de Moradores da Rua Coimbra. Conheci Luiz por meio da Lenira no dia 09 de julho de 2006. Ao chegarmos a sua casa, fomos recepcionadas por sua esposa, Lordes. Lenira o procurou para que a ajudasse a entrar em contato com a família de uma menina boliviana de 13 anos que estava sem documentos no Brasil porque seu pai havia falecido e a mãe estava desaparecida. Ele disse que iria tentar encontrar alguma informação do paradeiro da família, pois a menina morava com a tia no Brasil a qual queria ter a guarda da jovem. Nessa época, Luis dava aula de informática para filhos de bolivianos que residiam em São Paulo. Quando ele chegou ao país, alguns conhecidos falaram para ele montar um bar ou restaurante de comidas típicas da Bolívia, mas ele enfatizou que não era seu ramo, e resolveu montar uma escola de informática porque tinha conhecimento da área. Disse que sua escolinha

---

¹¹ A CUECA provém diretamente da Zamacueca (1824), originária do Peru, que no século XVIII derivou do Fandango Espanhol. Após a Guerra do Pacífico, ocupou os salões chilenos e argentinos como Cueca Chilena (1870), o que motivou um protesto peruano, que passou a chamá-la de Marinera (1879 – Abelardo Gamarra). Atualmente, a CUECA é dançada em todo o oeste sul-americano, desde Colômbia, passando por BOLÍVIA, Argentina, Peru e Chile, com suas variedades, segundo as regiões e épocas. Este ritmo é um baile de casais que dançam soltos, representando o "coqueteo" ou namoro. Levam em sua mão direita um lenço branco que é manuseado com voltas e floreios. A vestimenta é variável de acordo com a região, mas predomina a elegância, com belos trajes sociais. Fonte: <http://www.ccbparana.org.br/gdfb/dancasBol.html> acesso em 05 de maio de 2010.

já havia formado mais de 500 pessoas e que era um espaço aberto também para brasileiros.

Rua Coimbra no Brás¹²

Reclamou da Rua Coimbra e disse que estava cada vez mais suja e perigosa, pois estava sendo ocupada por pessoas que clonavam celulares e atraíam jovens bolivianos ao crime. Disse que seu intuito era transformar a Rua Coimbra em um espaço cultural ao invés de ser um espaço “mal” visto pelas pessoas da região. Fiz, junto com Lenira, outra visita a ele no dia 16 de julho de 2006.

Em um domingo de julho, depois de uma manhã em sala de aula, saímos da escola, e caminhamos pelas ruas do Brás até chegar à casa do senhor Luis, pessoa que participaria do projeto. Antes de chegar a sua casa paramos em um restaurante na rua Coimbra, que fica praticamente ao lado da residência de Luis, e ela mostrou o cardápio citando os pratos que gostava de saborear. Ao sair do restaurante fomos à casa de Luis Vasquez e à época não era o que é hoje em dia. Era uma casa simples, dividida em três cômodos, não adentramos ao seu interior, ficamos apenas na parte externa que possuía três divisórias onde funcionava uma escola de informática (Lan House), uma loja de venda de fios (linhas de costura), uma oficina de costura e um escritório. Conversamos durante uma hora sobre atividades que poderiam ser desenvolvidas para a comunidade e ele aceitou participar da entrevista.

¹² site: <http://maps.google.com.br/> Acesso em 24/06/2010.

Deste modo, pediu que eu ligasse durante a semana para marcar a entrevista. Conversamos sobre os seus planos e objetivos de vida, e ele disse que pretendia dar continuidade na carreira de Administrador de Vendas e continuar ajudando a comunidade boliviana em São Paulo. Liguei para sua residência e marcamos o encontro para o dia 05 de outubro de 2006 às 11:00 da manhã.

Era um dia ensolarado e Luis trabalhava em sua loja de fios, atendendo as pessoas que se destinavam ao lugar para comprar linhas de costura. Entre um intervalo e outro de venda de linhas é que a sua entrevista foi feita. Não houve um momento reservado para realização da entrevista, apesar de ter falado que seria importante, então, fizemos a entrevista entre um cliente e outro que chegava ao local. Como não foi uma entrevista linear, todo momento era necessário parar para que ele atendesse seus clientes; e precisou que eu ficasse lembrando onde parou para reconstituir a linha de pensamento. Luis estava aparentemente cansado, desanimado com os rumos que sua vida tinha tomado no Brasil. Disse que não tinha sido uma boa escolha ter migrado, uma vez que sua condição financeira não havia melhorado e não tinha conseguido a regularização da profissão de sua mulher, médica; e que esses fatores haviam ocasionado consequências para a sua relação conjugal com sua esposa.

Depois de um longo intervalo de dois anos, período que me preparava para ingressar no mestrado, retomei os contatos com Luis em 2008 para conferência de sua entrevista e autorização para uso. Tudo havia mudado, inclusive, as condições econômicas que Luis tinha agregado. Conseguiu montar duas lojas de venda de linhas de costura, tinha mais de 5 empregados trabalhando como atendente para ele em uma das lojas, sua esposa conseguiu o CRM para exercer a profissão de médica, conseguiu comprar um carro do ano e viajava todos os anos para a Bolívia.

Quando ele começou a ler sua narrativa, disse que não se lembrava mais das dificuldades que ele havia expressado no momento da entrevista. Enfatizou que sua vida havia mudado “100%!” e que seria preciso narrar outra história para dar conta das melhorias que tinham acontecido. Além do esquecimento, havia algo que ele não revelou nesse reencontro, mas que nos primeiros encontros de 2006 ele tinha citado: a oficina de costura que ele comandava. No segundo momento, esse detalhe ficou velado em seu discurso. Sua condição social havia mudado, o que acarretou, também, em uma mudança discursiva. Atualmente, passara a ser uma pessoa estabelecida no espaço

social que residia e comandava novas relações de trabalho, agregando ao seu redor vários funcionários e conhecidos.

Aidé Cola Conde foi a segunda pessoa entrevistada nessa pesquisa. Na época da entrevista era aluna da escola de português para latino-americanos. Conversamos e ela concordou participar da pesquisa; estava acompanhada de sua irmã. Como a praça estava lotada de pessoas devido à festa de Urcupiña, resolvemos gravar a entrevista no domingo seguinte, pois estaria mais tranqüila. Aíde tinha uma situação singular, pois tinha vindo de avião, e possuía os comprovantes de data de chegada no Brasil, o que facilitava os trâmites de obtenção da documentação que iria legalizar sua situação. Dizia que estava preocupada com a situação da irmã, pois ela tinha chegado ao Brasil muito antes de 2005 e não tinha documentos que comprovasse a data de entrada, o que a prejudicava porque segundo o acordo Bilateral entre Brasil/Bolívia que tinha sido promulgado em 2006, para serem beneficiadas pelo acordo tinham que ter chegado até janeiro de 2006 no Brasil e ter os documentos de comprovação em mãos; e a irmã não tinha o documento.

Sua entrevista aconteceu no meio fio da rua Pedro Vincente na praça Kantuta e sua entrevista durou aproximadamente 30 minutos. Estava preocupada com a situação da irmã e sua narrativa não fluiu muito, primeiro devido às condições de realização da entrevista: na praça sem lugar para sentar; segundo por que dizia não ter acontecimentos em sua vida que pudessem serem privilegiados em uma situação de entrevista.

Depois da realização da entrevista estabeleci mais dois encontros com Aidé onde pudemos trocar algumas idéias. Cheguei a ligar para ela em um dia de semana, mas não pôde prolongar o diálogo porque estava trabalhando e não podia parar. Aidé trabalhava na oficina de costura de seu cunhado, espaço onde presenciava vários problemas de relacionamento com a família da sua irmã, pois residia na casa do seu cunhado e era empregada dele na oficina de costura, espaço de trabalho e espaço familiar.

2ª Momento do trabalho de campo

A segunda rede de pessoas que se formou para esta pesquisa foi a construída por meio das relações de Dona Marta que conhecia Dona Ema, Marcos, Rose, Milene, Guillermo, Eli, Lídía. Essas pessoas compõem o segundo momento da pesquisa devido ao fato de ter estabelecido contato no início do ano de 2009. Dona Marta é mãe de Milene, a primeira pessoa a qual tive contato para chegar até essa rede de pessoas.

Milene fora indicada por uma amiga do NEHO, a Cássia Nunes, que a conhecia da FFLCH.

Depois de uma longa conversa ao telefone com Dona Marta durante o mês de março de 2009, resolveu marcar o primeiro encontro no espaço que ela costuma frequentar: a Igreja Nossa Senhora da Paz, que também abriga em seu terreno a Pastoral do Imigrante e o Centro de Estudos Migratórios. Era um domingo ensolarado e cheguei para o encontro durante a missa, sentei próximo a porta de entrada para facilitar a visualização. Depois de uns dez minutos ouço uma voz chamar pelo meu nome, virei e era Dona Marta que conseguiu me identificar pela roupa que usava (calça jeans, tênis, camiseta verde). Fui sentar junto a ela e nos apresentamos de forma acanhada, pois estávamos assistindo a uma missa. A missa acabou, esperamos as suas amigas (Ilda e Dona Ema) que estavam sentadas no banco da frente da igreja juntamente com o Marcos (seu esposo). Ela me convidou para ir ao Parque da Água Branca passear e conhecer um dos espaços que costuma frequentar com suas amigas, todas senhoras acima de 50 anos.

Estava a sua disposição e fomos ao lugar combinado. O parque estava repleto de gente, e de hora em hora, se apresentavam grupos de dança e de música no espaço central do parque. Caminhamos por todo lugar, passamos pelas barracas de artesanato e comida, e depois fomos tomar café num quiosque feito de barro, na direção oposta de quem entra no parque. Esse lugar tem uns bancos de madeira onde grupos de amigos e cantadores de música caipira costumam formar uma roda e relembrar os sucessos do passado musical, tão presentes nas memórias das pessoas que passam e param para ouvir, quanto dos admiradores das canções populares.

O parque me fez lembrar a Amazônia e sua floresta; e o quiosque de barro funcionava como uma lanchonete de comidas onde se podia saborear: bolo de aipim, bolo de banana, café-com-leite, café, chocolate quente, cocada e etc. Compramos café e Dona Marta pediu um bolo de banana e repartiu em quatro pedaços e ofereceu uma parte a cada uma de nós. Pensei na comunhão que existe entre essas senhoras e nas afinidades que as reúnem em passeios e trocas de experiências de vidas há mais de 30 anos. Comemos e tomamos café ao som da cantoria.

Depois do café ficamos flanando pelo espaço onde passavam animais como: patos, galos, galinhas e até um pavão colorido que resolveu abrir a sua calda e iluminar nossas vistas. Conversávamos e acompanhava o diálogo das amigas. Falaram de roupas,

da mudança de hábito das pessoas, destacando que o mundo mudava e tornava-se cada vez mais grosseiro, pois antigamente era tudo mais bonito e gentil. Dona Marta e suas amigas disseram que o Parque da Água Branca, a Praça Kantuta e a Igreja Nossa Senhora da Paz eram os espaços frequentados por ela e seus amigos. Damos mais algumas voltas pelo parque e fomos embora devido ao horário de fechamento dos portões. Esse seria o espaço escolhido por Dona Marta para realizar sua entrevista.

O segundo encontro com Dona Marta¹³ foi na praça Kantuta em um domingo, ela foi comprar seus pães e cereais que costuma consumir durante a semana, aproveitando para conversar com as pessoas que conhecia. Perguntou se eu conhecia *salteña*, apreciado salgado de origem boliviana, e disse “sim.” Conversou durante um tempo com uma senhora que vende roupas de lã com desenhos de llamas, animal de origem andina. Depois de duas horas resolvemos sair da praça devido a chuva que desenhava o horizonte.

O terceiro encontro foi para realização da entrevista. Liguei pela parte da manhã e ela marcou no Parque da Água Branca às 13:00 hora da tarde. Estava meio esvaziado e a tarde estava gelada; o céu estava de um cinza azulado e tendia a chuva. Ela chegou vestida com uma calça marrom social, blusa preta com casaco, sapatilha e uma pochete na cintura. Iniciamos a conversa e procuramos um espaço calmo e com pouca movimentação de pessoas. Ela escolheu um banco próximo a um labirinto e a imagem seria tão metafórica quanto conseguir decifrar os caminhos que ela iria trilhar. Sentamos, posicionei o gravador em minhas mãos e começamos o diálogo. Dona Marta estava muito a vontade, e uma hora e outra, passavam patos e galinhas em nossa frente.

Dona Marta tem voz ativa e fala impositiva; volta e meia manjava seus braços, teatralizando a linguagem e dando corpo ao discurso. Sua fala é detalhista, e raramente perde o ‘fio da meada’ do assunto iniciado. A escolha do espaço representa uma aproximação às lembranças da infância, onde árvores e animais domésticos costumavam dividir espaços com lugares habitados na Bolívia por sua família, já que ela advém de uma região cálida de La Paz, parte alta da Bolívia, próxima da Cordilheira do Andes.

---

¹³ Os nomes utilizados nessa pesquisa são reais, exceto os nomes de Juan e Maria entrevistados na Bolívia, pois não querem ser identificados em virtude dos cargos e posição social ocupados à época da pesquisa de campo.

A entrevista durou duas horas e meia, e no final da tarde fomos surpreendidas pela chuva que esfriou ainda mais o espaço que estávamos. Saímos do parque às 18:00 horas e a acompanhei até a parada de ônibus.

Dona Marta tornou-se colaboradora por excelência. Foi ela quem indicou sua amiga Ema para realizar entrevista; também agendou a entrevista do seu esposo (Marcos), apresentou a Rose (futura colaboradora), indicou Dona Sofia e a Carlota. Essa rede foi tecida por ela, tanto por questões de afinidade com as pessoas quanto por acreditar que tinham experiências comuns a sua.

A quarta entrevista foi feita com Marcos, esposo de Dona Marta. Boliviano de La Paz chegou ao Brasil ainda na década de 1960 e fez questão de marcar sua entrevista no Memorial da América Latina. Marcos é uma pessoa engajada às causas da migração e dos movimentos sociais. Sempre que pode frequenta reuniões da Pastoral do Migrante e participa de palestras e cursos oferecidos pelo Memorial do Imigrante. Gosta de assistir a filmes referentes à América Latina e é um pouco introspectivo.

A entrevista aconteceu no dia 14 de maio de 2009 no saguão da biblioteca do Memorial da América Latina. Vestia calça jeans, sapato social e uma camiseta polo. Estava calmo e disposto a conversar. Procuramos um lugar tranquilo onde não pudessemos ser interrompidos e sentamos em um mini-auditório do lugar. Expliquei no que concernia o projeto e disse que ele poderia narrar da forma que quisesse.

A quinta entrevista foi realizada com Rose no dia 01 de julho de 2009 em sua casa na rua Amaral Gurgel no bairro de Santa Cecília. Residem ela e seu filho em um apartamento pequeno, mas muito aconchegante dividido em uma sala (que também é o quarto da Rose), uma cozinha e um banheiro contendo a área de serviço. Dona Rose marcou o dia e o horário da entrevista, e assim que cheguei a sua casa, foi logo perguntando o que eu fazia da vida, onde trabalhava e como era o meu trabalho. Respondi as perguntas e ela pediu que sentasse à sua mesa na sala para conversarmos melhor. Ela se dirigiu a uma cômoda na sala e pegou uma sacola que continha três álbuns de fotografia e pediu para eu olhar enquanto ela falava quem eram as pessoas.

Sua entrevista só pôde ser gravada depois da visualização dos álbuns, funcionando como o ponto de partida para uma conversa que durou a tarde inteira. As fotografias funcionaram como objetos biográficos de Rose; cada fase de sua vida fora representada por uma fotografia e por um lamento. Disse que ela poderia iniciar sua narrativa da forma que quisesse e Rose escolheu a infância como ponto de partida. Ao

falar da mãe e de sua família caiu nos prantos ao rememorar os sofrimentos convividos em família. Fizemos uma pausa para recomposição de sua narrativa e prosseguiu relatando os maus tratos enfrentados por ela na infância.

Dona Rose tem um ar de melancolia. De todas as entrevistas realizadas foi a que o corpo mais se expressou pelas dores, desenhando nos lapsos de esquecimento a dor de uma infância de maus tratos. Seu ar lânguido expressa um eterno estado de abatimento ocasionado pelos traumas de uma vida em flagelo, demonstrando a fraqueza pelos abalos psíquicos e físicos que vivenciou na sua trajetória. O seu corpo emana uma cadência lânguida que contrasta com os sons diminutos do seu discurso. Algumas vezes parava de narrar e respirava profundamente para prosseguir contanto; outras vezes se silenciava como forma de esquecer os sofrimentos de um passado que ainda causa dor.

A sexta entrevista foi feita com Guillermo Salazar apresentado por Dona Marta em uma missa na Igreja da Sé no centro de São Paulo. Seu Guillermo é um senhor de fala calma e que está no Brasil desde 1960. Gosta de conversar com as pessoas e aconselhar os jovens. Atualmente, possui duas lojas de venda e conserto de guarda-chuvas, e é especialista em consertá-los. Também trabalha como colaborador de um projeto social onde guia pessoas com problemas de alcoolismo, oferecendo palestra e orientações. É um devoto fervoroso da religião católica, e quando pode, costuma ajudar seus patrícios aconselhando-os aos caminhos certos para “o bem” e o sucesso na vida.

Sua entrevista foi realizada em sua sala de reunião, espécie de escritório da família utilizado para receber pessoas da comunidade a qual faz parte e para recepcionar pessoas de fora de seu círculo de amizades. O escritório fica há um quarteirão do metrô Tiradentes na região da Luz, centro de São Paulo. Esse espaço é enfeitado com objetos religiosos e em seu centro fica uma imagem de Nossa Senhora de Copacabana, padroeira da Bolívia. Podemos perceber fotografias da família, de algumas festas importantes da comunidade boliviana e de pessoas ilustres, tais como: padres e bispos da igreja que ele costuma frequentar com a família, Igreja Nossa Senhora da Paz localizada na Rua Glicério, região baixa do bairro da Liberdade.

A sétima entrevista foi realizada com Milene, a segunda das filhas mais velha de Dona Marta e Marcos. Já havia estabelecido um primeiro contato com Milene desde o ano de 2007, mas foi somente em 2009 que a entrevista pôde ser feita. Milene marcou sua entrevista para um sábado de manhã no local de seu trabalho. Ela escolheu o lugar, hora e dia do encontro. Disse que em outro horário não poderia porque estaria

trabalhando, estudando ou cuidando de seu filho. Mostrou-se entusiasmada e disposta a colaborar com a pesquisa. Como havia entrevistado os seus pais, disse que ficaria contente em também poder contar sua experiência de vida.

Ela trabalha numa escola particular do bairro Morumbi em São Paulo e ocupa o cargo de secretária da escola, que atende principalmente alunos do bairro de classe média alta da metrópole paulistana. Fui recepcionada por dois seguranças que pediram a minha identificação, e fui liberada para entrar na escola depois que as pessoas verificaram que Milene havia telefonado pedindo para liberarem a minha passagem. Entrei e fiquei esperando-a na recepção. Depois de meia hora ela chegou com pães e sucos para tomarmos café, enquanto conversávamos sobre acontecimentos da vida. Disse que os seguranças agiram dessa forma, pois sempre acontecem coisas indesejáveis na favela de Heliópolis localizada também no bairro do Morumbi, e era ordem superior que eles averiguassem os que entravam na escola, principalmente, os que não fossem alunos para evitar constrangimentos no cenário escolar. Disse que os seguranças eram da comunidade de Heliópolis e que grande parte das pessoas que prestam serviços no bairro do Morumbi é de lá.

Sua entrevista foi realizada numa sala de aula, que ela pediu autorização de uso. Milene aparenta ser uma mulher calma e determinada. Mostrou disposição em falar sobre sua vida e se sentiu muito a vontade para narrar sua experiência. Ela perguntou como seria a entrevista e disse que ela poderia começar de onde quisesse, pois estava lá para ouvi-la. Perguntou o que eu queria saber, se seria sobre o trabalho ou afetividades. Confirmei dizendo que seria importante ela falar sobre a vida profissional, a vida familiar e a vida afetiva, todas essas dimensões eram importantes. E a partir desse ponto ela iniciou sua narrativa.

A oitava entrevista realizada para essa pesquisa foi feita com Dona Ema no dia 05 de novembro de 2009. Dona Ema faz parte do grupo de amigos de Dona Marta e Marcos. Conheci Dona Ema por meio de Dona Marta depois da realização de uma missa na Igreja Nossa Senhora da Paz. É uma pessoa que faz parte da comunidade que frequenta a igreja e ajuda na realização de eventos e festas promovidas pela Igreja Nossa Senhora da Paz.

Só depois de muitos encontros na Praça Kantuta é que Dona Ema se sentiu a vontade e me convidou para conhecer sua casa e gravarmos sua entrevista. Ela marcou o encontro às 9:00 horas da manhã; cheguei britanicamente no horário estipulado e entrei

no prédio na qual ela mora. Ao entrar no seu apartamento, logo perguntou se eu gostaria de conhecer todos os cômodos, e disse: “sim”. Mostrou a sala, sua cozinha, seu banheiro e seu quarto, em seguida levou-me para sacada do seu apartamento, por sinal, no último andar, e disse que “ficava perto de tudo”; e foi pontuando os lugares históricos e de referência do centro da cidade na rua Cásper Líbero. Seu apartamento fica a menos de uma quadra do metrô Luz e a alguns metros da pinacoteca de São Paulo, no caldeirão cultural e de vendas do centro antigo.

A cor do prédio e de seu apartamento é amarela, menos sua cozinha que é toda branca. Sua casa é adornada de lembranças da Bolívia: bandeiras, bonecas bolivianas, quadros de ienas, retratos da família e dos amigos, vasos de plantas, presentes dados por amigos, bebelôs na estante, um espelho redondo em frente à porta para rebater o mal. É difícil dizer o que sua casa representa no início, mas logo vi que era seu patrimônio, conquistado com muito “suor e trabalho”, como ela costuma enfatizar.

Grande parte dos enfeites e lembrancinhas que decoram sua casa foi dada por amigos recepcionados em seu apartamento, ou que ela ganhou em festividades em homenagem aos santos padroeiros das cidades bolivianas. De uma amiga peruana ganhou uma boneca tradicional andina revestida com todas as cores do Peru. De outra amiga boliviana ganhou os três bonecos, comumente chamado de diabinhos, que ficam no centro de sua mesa, na sala, escorados em um vaso grande de vidro cheio de lembranças das festas bolivianas que ocorrem em São Paulo. É perceptível que sua casa está cheia de objetos da cultura material boliviana, objetos que demarcam sua pertença cultural a sua “terra de origem”.

Ao olhar para uma mesa onde estão os portas retratos, que por sinal, também ficava sua televisão, deparei-me com um pote de vidro transparente que continha pedras de três cores representando as cores da bandeira boliviana: amarelo, vermelho e verde. Dentro do pote de vidro tinha várias bandeirinhas bolivianas de todos os formatos junto com a bandeira brasileira. Essa imagem ficou em minha memória, pois tudo em sua casa lembrava ou fazia menção a sua pátria.

Ela levou-me para conhecer seu quarto, e antes de chegar, vi no corredor de sua casa um altar com imagens da Virgem de Copacabana e da Virgem de Urcupinã e alguns adornos rituais, onde ela realiza suas orações e preces. Como uma devota que frequenta as missas e a Igreja Nossa Senhora da Paz gosta de participar dos festejos do calendário cristão e também exerce as funções administrativas das festas: vende

produtos nas quermesses da igreja, cozinha nos encontros de bolivianos realizados na igreja e é jurada dos concursos de danças dos grupos folclóricos bolivianos realizados na igreja Nossa Senhora da Paz.

Sua entrevista foi gravada na sala e ela demonstrou ser uma mulher ativa e independente, confirmando não gostar de melindres e nem mentiras. Sua voz oscila da calma a agilidade de quem quer ser vista como uma pessoa com autonomia. Gosta de narrar detalhadamente os acontecimentos de sua vida, contado com um arcabouço que somente a experiência e o tempo conseguiram lapidar em seu modo de ser. “Seu temperamento é forte e sua herança é indígena”, como ela mesma afirma quando é interpelada por algumas pessoas.

Por ter um temperamento forte e objetivo, às vezes é identificada como sendo uma pessoa autoritária, mas ela afirma que não é, pois gosta de brincar com as pessoas, e é considerada uma pessoa comunicativa e alegre, e o ócio não compõe a sua vida.

A nona entrevista foi feita com Ilfredo no dia 04 de fevereiro de 2010 em sua casa no bairro da Casa Verde em São Paulo. Fui a sua casa para conversar com sua esposa, Maria, porém ela tinha ido a um órgão público resolver um trâmite burocrático. Ao chegar fui recepcionada por seu esposo, que pediu que eu esperasse por ela, mas pediu que eu realizasse a entrevista com ele já que sua esposa não estava em casa. Aceitei a proposta, e realizamos a entrevista em sua área/garagem. Enfatizou que sua história era bem diferente da trajetória de vida de sua mulher porque ele foi criado na cidade e vinha de uma família que tinha posses e trabalhava no comércio. Disse que sua esposa vinha da província e de uma família muito pobre e sem recursos.

Antes de realizar a entrevista, Ilfredo queria saber quem eu era, como havia chegado até sua família e que tipo de trabalho eu fazia. Depois que expliquei a minha presença em sua residência dizendo que tinha sido apresentada a sua esposa pelo seu Guillermo Salazar, mostrou-se menos preocupado e perguntou se ele não podia ser entrevistado. Disse que pretendia realizar uma entrevista com sua esposa e, que se fosse melhor, retornaria outro dia, pois realizar uma entrevista às pressas poderia não ser qualitativo. Ele concordou e disse que não tinha nada para fazer até sua mulher chegar e que eu poderia realizar a entrevista com ele mesmo.

Iniciou sua narrativa e disse que iria participar do projeto porque tinha “muitos causos para contar”. Sua filha de doze anos, muito sorridente e simpática, ofereceu coca-cola, eu aceitei. O seu pai pediu que os meninos saíssem de perto e fossem para

dentro de casa, pois a conversa era entre adultos. Os meninos sorriram e entraram; uma hora ou outra colocavam a cabeça para fora da porta para ver o que se passava na área e sorriam desconfiados. Depois de uma hora de entrevista, o seu filho passou entre nós e ficou observando o gravador e a forma como seu pai proseava comigo. Seus filhos riam e tocavam no gravador com muita curiosidade, como se fosse o primeiro encontro um objeto até então desconhecido.

A entrevista de Ilfredo foi narrada em português e castelhano; e palavras que ele não conseguia identificar na língua portuguesa foram citadas em castelhano. Ilfredo é uma pessoa enfática, narrando com agilidade sua experiência de vida.

A décima entrevista realizada para compor essa dissertação foi com Jenny no dia 14 de abril de 2010, na Rua Rangel Pestana no bairro do Brás em seu local de trabalho. O encontro com Jenny foi inusitado, pois a conheci quando estava a caminho da Rua Coimbra. Ela entregou um panfleto de uma óptica e iniciei um diálogo sobre sua presença. Mostrou-se aberta ao diálogo e disse que seria bom participar de um projeto acadêmico. Conversamos e ela deu o seu número de celular para agendar uma entrevista.

Como ela trabalha o dia inteiro e mora longe, marcou a entrevista no seu intervalo de almoço, pois era a única forma de conversar, já que aos finais de semana dedica-se aos afazeres domésticos e ao convívio com seu marido.

Realizamos a entrevista na óptica que Jenny trabalha, sentadas no balcão de vidro onde os óculos eram expostos. Sua gerente também estava no local como forma de demarcar os limites de tempos e o horário de intervalo que seria realizado a entrevista. Quando Jenny começou a falar sobre os relacionamentos afetivos de sua vida, ela olhava para o lado onde sua amiga/gerente estava retribuindo mediante olhares, o que poderia ou não ser dito.

Sua entrevista durou aproximadamente 40 minutos. Iniciou seu discurso enfatizando que não “gosta de machismo” e que não compactua com a visão de mundo onde as mulheres têm que dizerem “sim” a tudo que os homens estabelecem como regra.

A décima primeira entrevista foi realizada com Leo no dia 13 de maio de 2010. Numa tarde de quarta-feira conheci Eleodoro, comumente chamado de Leo, cunhado de Dona Marta e irmão de Marcos. Ele fora indicado por Marta, que passou os contatos e disse que poderia entrar em contato. Na primeira conversa ao telefone que tivemos disse

que não poderia recepcionar, pois estava com excesso de trabalho. No dia seguinte, tornei a ligar e marcou sua entrevista para 18:00 na loja de conserto de eletroeletrônica onde trabalha.

Sua loja fica na rua Barra Funda, há uma quadra do viaduto da São João. Ao chegar pediu que se sentasse à mesa de vidro, solicitou que me apresentasse e esclarecesse como cheguei até a sua pessoa. Expliquei a pesquisa que estava desenvolvendo e que seus contatos fora encaminhados por Marta. Sem titubear, pediu que ligasse o gravador e começou a narrar. Sua entrevista durou aproximadamente cinquenta minuto; interrompida duas vez por pessoas que passavam e pediam informações. Sua loja de consertos é fruto da parceria entre seu outro irmão, com o qual atualmente reside. Disse que gostava do Brasil, mas não o agradava ver um grande número de pessoas morando nas ruas de São Paulo. Sua loja é repleta de retratos, espelhos e banners; como também, rádios, telefones, máquina de escrever; e objetos que conserta.

Carlota foi a décima segunda pessoa entrevistada; no dia 19 de maio 2010. O encontro ocorreu em sua casa, no número 93 da rua Areal no bairro do Pari, há menos de uma quadra conhecida rua de confecções em São Paulo: José Paulino. Ouço uma pessoa chamando o meu nome do outro lado da rua: “Vanessa, vem aqui.” Estava em seu apartamento e autorizou a minha entrada. A tarde estava fria e a encontrei vestida com um conjunto de moletom e meias. Mostrou-se atenciosa, perguntando por que a Marta não estava comigo; respondi que sua amiga estava atarefada com encomendas de roupas. Pediu que entrasse em seu apartamento, onde nos sentamos no sofá e perguntou em que consistia o meu trabalho. Explicando o trabalho e os objetivos, Carlota perguntou se falava castelhano, e disse que não; e num ar de descontração disse: “pois eu já faloportunhol.” Assim, posicionei o gravador na mesa do centro da sala e iniciou a entrevista. Ao finalizar ofereceu café e empanada de queijo, aceitei e ficamos conversando em sua cozinha.

Enfatizou da necessidade de ter sua casa para deixar de pagar aluguel. Nesse momento, chegou uma moça boliviana que sub-aluga o quarto de empregada no apartamento e automaticamente Carlota perguntou se ela gostaria de conversar comigo, mas ela disse que não e foi direto para seu quarto. Com a situação desencadeada, Carlota enfatizou que os bolivianos e paraguaios são muito tímidos para falar de si.

A décima terceira pessoa entrevistada foi Lídia, amiga de longos tempos de Marta e Ema. Sua entrevista foi gravada no apartamento onde reside a mais de quarenta anos no bairro de Higienópolis. Fui recepcionada e caminhamos para sua sala, sentei-me à mesa. Contou que tinha acabado de falar com a Marta para marcarem de irem juntas à rua 25 de março comprar adereços de roupas. Lídia é uma mulher cheia de requinte. Disse adorar música brasileira, pois escuta rádio diariamente, principalmente, os canais que tocam bolero e música clássica. Enfatizou que por meio da música consegue abstrair-se da vida e mergulhar nos seus sonhos diurnos. Disse ser aposentada e que o apartamento onde mora é da família a qual prestou serviço durante grande parte de sua vida. Para ajudar a compor a sua renda aluga um dos quartos do apartamento a uma estudante do Mackenzie. Disse morar só, mas quando pode vai às novenas e festas bolivianas para encontrar o seu grupo de amigos; revivendo suas tradições. Iniciou sua narrativa e ao final da mesma tomamos um chá com biscoito, momento este, onde apresentou os retratos da sua família e falou da sua querida neta.

Maria foi a décima quarta pessoa entrevistada. Ela é casada com o Sr. Ilfredo; a quem há um ano tinha ido a sua casa entrevistar a esposa, mas em virtude de sua ausência acabei entrevistando o marido. Maria me recepcionou na área, também garagem onde se guarda o carro de trabalho da família. Aparentava, fisicamente, cansaço, mas mostrou disposição para entrevista. Entrevistar a Maria foi um longo processo de negociação, de visitar variadas vezes ela e a banca de pães da sua família na Praça Kantuta. Apresentada por Guillermo Salasar, Maria é uma mulher forte e aglutinadora da família. Têm seis filhos, quatro vivem no Brasil e dois estão na Bolívia.

Narrou a sua história com as angústias que a atormentavam na época, criticando o longo processo burocrático brasileiro, onde tinha que ir a prefeitura regularizar os papeis para conseguir vender seus pães.

A décima quinta entrevista realizada foi com a Arlete, irmã da Marta por parte de pai. Sua entrevista foi gravada em sua casa no bairro João XXIII no dia 29 de julho de 2010. Arlete é filha do segundo casamento de seu pai, Victor Patzi, com uma brasileira de Minas Gerais, que faleceu quando ela e sua irmã Haidee ainda eram pré-adolescentes. Arlete é uma pessoa alegre, tendo no seu sorriso a marca registrada da leveza com que enfrenta os problemas da vida.

A entrevista foi gravada na sua cozinha, enquanto o seu filho e seus enteados dormiam em seus quartos no segundo andar da casa. Antes de ligar o gravador, já falava

de seu pai e de sua família. Disse que seu pai ao chegar ao Brasil, depois de muito trabalho, havia comprado vários lotes no recém criado bairro do João XXIII na zona oeste de São Paulo. Enfatizou que só depois, quando todos os filhos estavam adultos, o terreno fora repartido entre os membros da família Patzi. Chegar ao seio da família Patzi só fora possível depois de dois anos de pesquisa, pois Marta, a irmã mais velha boliviana, queria saber até que ponto seria confiável revelar a história de um clã familiar a uma pesquisadora que não é boliviana, e ainda por cima, representando a academia, símbolo do saber estabelecido na sociedade contemporânea. Compromisso e respeito ao tempo dos narradores, foi primordial para a negociação feita entre as partes da pesquisa, pois sabia que estava sendo testada pelos colaboradores. Demonstrava interesse para Marta sobre a possibilidade de realizar entrevistas com suas irmãs, e no início, quando a conheci, o seu pai tinha 91 anos; mas infelizmente ele não estava bem de saúde em virtude de um AVC e não pude realizar a tão almejada entrevista com o patriarca familiar. E em agosto de 2009 Victor Patzi faleceu, e como forma de reconstituição da memória familiar, cheguei até suas irmãs mais novas.

A décima sexta entrevista foi realizada com a Haidee, irmã de Arlete e Marta. A entrevista foi gravada em seu apartamento no bairro da Aclimação há uns quatros quarteirões do metrô Ana Rosa. Reside num pequeno apartamento com o seu marido Roberto. Fui recepcionada pelo casal em sua sala, pois logo em seguida seu esposo foi para a natação nos deixando a sós para realização da entrevista. Sentei no sofá e ela ao meu lado perguntou em que consistia o projeto; apresentei o projeto e os motivos pelos quais estava lá.

Haidee demonstrou, mesmo sendo a irmã mais nova da família Patzi, perspicácia e auto-reflexão, analisando os processos da sua vida, e ao mesmo tempo entrelaçando-os aos momentos divisores da sua família. A narradora é alegre e disse gostar de teatro e de se comunicar com as pessoas. Sua casa é pequena, mas aconchegante. Sua sala é cheia de adereços: quadros, artesanatos, fotos da família. Do lado direito de quem entra no apartamento tem um pequeno altar com santos, velas e a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Na parede acima do altar tinha um arco e uma flecha; perguntei onde havia comprado, e ela disse que ao comprar a apartamento já existia, só que ela resolveu deixar no lugar.

A décima sétima entrevista para pesquisa foi realizada com Míriam, filha mais velha de Marta em sua casa em Campinas. A entrevista durou aproximadamente duas

horas e meia, mas fiquei a tarde inteira em sua companhia. Sua casa é germinada, dividida em uma sala, um quarto de estudos, uma sala de jantar, a cozinha, e no segundo andar ficam os quartos.

Míriam recepcionou-me com alegria, dizendo que seu esposo e filho chegariam à noite. Aparentou ser calma e traquila, dizendo que desde que chegaram a Campinas não trabalhava fora, mas desempenhava toda a responsabilidade dos cuidados da casa, do filho e do marido. Formada em contabilidade, faz artesanato como forma de aprimoramento pessoal, onde produz caixas coloridas de madeira para guardar os presentes que entregariam aos membros da família nos finais de ano.

1.1.3. Mudanças – O Caminho Percorrido na Bolívia

Os caminhos da pesquisa no Brasil estavam sendo construídos com base na rede social da Marta; das visitas constantes ao campo de pesquisa, que deixou de ser apenas a feira da Praça Kantuta e feira da rua Coimbra; incluindo, as ruas e cidades da grande São Paulo; uma vez que no mês de agosto de 2010, fui a Grande São Paulo, Barueri, e na saída da estação de trem, estava ocorrendo uma manifestação de bolivianos em virtude da festa da Virgem de Copacabana, Virgem de Urcupiña, e Independência da Bolívia, datas tão respeitadas do calendário bolivianos. Grupos de danças e bandas de músicas faziam uma apresentação cultural como forma de divulgar a cultura boliviana, demonstrando a inserção dessas práticas fora do circuito dos bairros centrais da cidade de São Paulo.

Essa manifestação demonstra a proliferação de lugares e espaços nas quais os bolivianos estão se inserindo, desconstruindo a hipótese de que todos estão aglomerados nos bairros predominantemente de oficinas de costura; e demonstra outros nichos sociais que estão habitando.

Durante o processo de qualificação de mestrado, em junho de 2010, percebemos que era necessário ampliar as redes de análise das entrevistas; sendo imprescindível, realizar entrevistas com alguns integrantes dos familiares que havia entrevistado no Brasil, mas agora na Bolívia, para dar continuidade aos objetivos propostos, tendo como

meta perceber qual o critério de escolha da família boliviana na cidade de São Paulo e como se constitui o cotidiano desta; para, a partir dessa questão perceber a reorganização da família bipartida no Brasil. Contudo, foi importante compreender se a expansão física implica numa reorganização da parentela, se há uma tendência a uma nova nuclearização ou tendência a separação e reorganização dos grupos familiares.

Com o intuito de ampliar as redes de entrevistas, parti em viagem à Bolívia em 19 de setembro de 2010. Queria vivenciar a rota feita pelos migrantes bolivianos de ônibus e de trem; como é descrito nas narrativas dos colaboradores, para com isso, observar o trajeto e explicações que cada narrador constrói para si durante a narrativa. O antropólogo Clifford Geertz diz que o estar lá (campo) muda a minha percepção do estar aqui (academia); “ ‘o estar lá’ [...] é um truque tão difícil de realizar quanto ‘estar lá’ em pessoa, o que afinal exige, no mínimo, pouco mais do que uma reserva de passagens e a permissão para desembarcar, a disposição de suportar uma certa dose de solidão, invasão de privacidade e desconforto físico, uma certa serenidade diante de excrescências corporais estranhas e febres inexplicáveis, a capacidade de permanecer imóvel para receber insultos artísticos, e o tipo de paciência necessária para sustentar uma busca interminável de agulhas invisíveis em palheiros invisíveis.” (Geertz, Clifford. 2002, p. 39). Apesar de sabermos das críticas que a antropologia sofreu, o que nos interessa nessa afirmativa não é a descrição do que seja o Outro, mas sim, a descrição de como as narrativas foram construídas durante a participação no campo. Sendo assim, segue a descrição da viagem.

Saí de São Paulo às 17:15 da Estação de Metrô da Barra Funda, ainda no saguão defrontei-me com alguns bolivianos se despedindo de seus amigos, parentes e conhecidos. O ônibus era da Viação Andorinhas, companhia de transporte que faz a região Centro Oeste do Brasil, Estados da Região Norte e alguns Estados do Sul, como Paraná. A linha que embarquei vinha do Rio de Janeiro com destino a Corumbá- MS. Ao adentrar no ônibus percebi que havia uma parcela de 30 pessoas, a maior parte de bolivianos, sendo que o número de assentos chega 45 ou 46 poltronas.

Atravessei o município de Corumbá às 14:30 do dia 20/09/2010. Já em território boliviano, a cidade fronteiriça é Puerto Suarez; seus espaços lembram os bairros periféricos das cidades da Amazônia: ruas de chão batido, muitas casas de madeira, e comércios informais que vendem de tudo. Ao chegar tratei de trocar a moeda de dólar por boliviano; peguei um táxi no valor de cinco reais, mas o motorista queria fazer por

15,00 bolivianos por ser ‘gringa’. Conversei, rapidamente, com as pessoas do comércio local para pedir informações sobre onde ficava a Estação do Trem da cidade, para seguir ao local; fui motivada pelas pessoas a mudar minha rota, principalmente, pelos taxistas que diziam que era muito caro e que não haveria trens com destino a cidade de Santa Cruz à noite. Fiquei com dúvida, porque antes de sair de São Paulo, tinha elaborado o trajeto da viagem consultando sites, inclusive, da ferrovia que iria embarcar. No momento, resolvi mudar de planos e fazer o trajeto estipulado pelo taxista e embarcar junto com outras pessoas com destino a rodoviária de Puerto Suares.

Durante o curto trajeto dentro do taxi coletivo, fui conversando com três amigos que tinham uma média de dezessete ou dezoito anos. Eles pretendiam ir para o Brasil, mas foram impedidos de atravessarem a fronteira pelos policiais bolivianos porque estavam com a documentação incompleta. Ao perceberem que estava insegura, foram me tranquilizando dizendo que podia embarcar no ônibus, pois era mais barato, seguro e rápido do que seguir de trem.

A rodoviária lembra um grande galpão de armazenamento de mercadorias. Ao lado da rodoviária tem mercado popular denominado 4 de Julio; que possui bancas de comidas, de roupas, de Cds com música latina e norte americana. Estamos na periferia do sul boliviano. Fiquei pensando no que a narradora Rose disse antes de partir: “Caso chova, não vá de ônibus, pois ficará atolado durante quatro ou cinco dias no caminho.” A poeira é fofa e branca, não choveu, pois estávamos no mês da estiagem, ou, seca, na Bolívia e no Pantanal brasileiro. Na estrada, percebi a gravidade da informação, uma vez que a paisagem tinha uma ‘áurea’ branca ao redor, de tanto barro.

A rodoviária era composta por variadas bancas que vendiam comida e bebida a preços populares. Na polícia de migração preenchi um formulário verde com os meus dados e uma mulher que trabalha no local carimbou o meu formulário com um prazo de trinta dias para o retorno. Segundo uma amiga, disse que esse prazo, antes, era de 60 dias, mas reduziram a data no governo de Evo Morales.

O interessante na rodoviária de Puerto Suares é que as pessoas estavam assistindo aos programas da Rede Globo em português, acompanhando tudo atentamente, acredito que a língua portuguesa talvez não acatasse dificuldade para a comunidade local. Uma amiga que tinha feito o mesmo trajeto disse que não bebesse muita água durante a viagem, pois o ônibus não parava e, não havia banheiros ao longo da estrada; o que não era uma verdade, pois ele acabou parando numa província para o

jantar; e na província de San Jose para desembarque de alguns passageiros. Percebi que os bolivianos são acima de tudo um povo forte acostumado às intempéries da vida.

Saí de Puerto Soares por volta das 17:00 horas com destino a Santa Cruz. O percurso é cheio de buracos e a moça que ia ao meu lado tinha comprado uma caixa de música no mercado livre e fomos ouvindo ritmos bolivianos até altas horas. O ônibus parou para o jantar em um restaurante no vilarejo, havia um cheiro de queimadas, pois existia vários focos de queimada na estrada, que mais pareciam tochas iluminando a o chão. Paramos umas quatro vezes, e geralmente, o banheiro era improvisado ao lado da pista.

Chegamos a Rodoviária de Santa Cruz às 05:30 da manhã, e a moça que estava ao meu lado disse para não ficar na rodoviária devido ao número de furtos de aproveitadores, eles foram para um hotel e os acompanhei para amanhecer o dia e entrar em contato com uma brasileira, irmã de um amigo, o João Paulo. Nesse hotel paguei a diária de 60 bolivianos; onde aproveitei para tomar uma ducha e esperar o dia amanhecer, antes de seguir para La Paz.

As regiões periféricas são formadas por muitas casas de madeira e casas de lona preta, não há asfalto e, acredito, que carecem de saneamento básico. Saí do hotel por volta das 09:00 da manhã e liguei para Ana Estela, irmã do João Paulo, perguntando se ela poderia pegar-me ou se seria melhor ir direto para La Paz. Disse-me que era para esperar em frente ao guichê na Estação Bimodal de trem. Ela passou por mim e não reconheceu, retornou perguntou se era a Vanessa, disse para irmos caminhando pegar um ‘microbus’. Estela reside em uma região do segundo anillo de Santa Cruz, aportuguesando, no anel 2 da cidade. Disse adorar a cidade devido pelo fato do custo de vida ser mais barato do que as cidades brasileiras. Disse que os cruseño (nascidos em Santa Cruz) são pessoas que recepcionam bem os ‘estrangeiros’. Disse que o presidente Evo Morales aprovou uma lei proibindo o uso da designação ‘colla de mierda’ e ‘camba de mierda’, considerados os maiores palavrões da Bolívia.

Acabei mudando os planos de seguir direto para La Paz, pois Ana Estela estava de folga na semana em virtude do aniversário da cidade de Santa Cruz de la Sierra, sendo assim, iria apresentar a cidade e falar com uma de suas amigas que leciona na Udabol, uma universidade particular, para ver se conseguia alguém que eu pudesse entrevistar.

Ana é uma mulher alegre, perdeu o marido depois de um ano que estava na Bolívia, e isso fez tomar iniciativas para assumir os negócios e a criação da filha. O trauma de ter tido que cuidar do marido em sua fase terminal de um câncer, não reproduziu ressentimentos e recalques. É uma pessoa positiva, mora sozinha com a filha Ana Carolina. Disse que seus pais tiveram apenas dois filhos, ela e o irmão, sendo que seus pais residem em Dourados-MS.

No dia 22 de setembro fomos à Universidade Unabol conhecer sua amiga, pessoa que me indicaria um professor de sociologia para realizar a primeira entrevista na Bolívia.

Fui apresentada ao professor Julian Ibarra, conversamos durante uma hora e meia em uma sala de aula vazia. Disse que veio para Santa Cruz ainda jovem com sua família. A sua entrevista foi realizada na universidade particular Unabol, onde leciona, e teve aproximadamente 2 horas de duração. É um professor prestigiado, aceitou dialogar e perguntou sobre o quê exatamente era minha pesquisa. Expliquei os objetivos e em seguida liguei o gravador. Discorreu primeiro sobre questões gerais da Bolívia, exemplificando, com a história de vida de sua família. Depois do término da entrevista falou um pouco sobre a sua história de vida, de como era difícil para ele terminar o seu mestrado devido ao fato dele ter que trabalhar para manter a sua sobrevivência. Disse que seus pais saíram do campo, em Potosí, para trabalharem na cidade. Atualmente é professor interino na Universidad Autónoma Gabriel René Moreno e leciona em faculdades particulares. Ao término disse que poderia utilizar, sem nenhum problema, sua entrevista. Disse que poderia conhecer a Universidad Autónoma Gabriel René Moreno para conseguir contatos com pessoas que trabalhassem especificamente sobre migração.

Santa Cruz é uma cidade construída por *anillos* (anéis), tem uma disposição no espaço, só em horário de pico o seu trânsito é intenso; alguns motoristas não respeitam a sinalização (mas até no Brasil isso é um problema). Os ônibus são micro-vans que param onde tiver passageiro e valor do transporte é barato porque o governo subsidia a gasolina para os cidadãos.

Depois do feriado de aniversário de Santa Cruz 24, 25 e 26 de setembro fiquei na casa de Estela e aproveitei para pesquisar contatos de pessoas e professores na cidade de La Paz. Na segunda-feira 27/09/10 fui a Universidade Estadual Gabriel René Moreno para conseguir alguns contatos. No Departamento de Humanidades um pesquisador da

casa falou das pesquisas de Elisa Saldías sobre gênero e migração. Passado o feriado de aniversário da cidade, retornei à Universidade e fui ao escritório da professora Elisa Saldías. Ao entrar na sala apresentei-me e a socióloga aceitou participar da pesquisa. Expliquei os motivos que me levaram à cidade, como também, a universidade; e logo a pesquisadora disse que eu poderia ligar o gravador para iniciar a entrevista. Mostrou-se receptiva e indicou outros contatos.

Ainda no dia 27/09/10 saí de Santa Cruz e fui para La Paz por volta das 19:30, para conhecer e encaminhar outras entrevistas, conhecer livrarias e bibliotecas. A viagem foi cansativa e o ônibus ainda quebrou, a chegada atrasou mais de cinco horas. Cheguei ao terminal de ônibus e fui direto para o alojamento El Carretero no centro de La Paz, indicado por uma amiga engenheira florestal que tinha ficado no mesmo lugar para desenvolver pesquisa.

Durante o percurso da viagem passei por várias vilas e ao amanhecer estávamos em Cochabamba, iniciando a subida pelas montanhas. A partir desse trajeto o clima começa a esfriar e é seco; o sol é forte, mas o ar queima a pele. Durante o dia o ônibus passou por alguns bairros de classe média e seguiu viagem.

A paisagem mudara, agora era seca, ao contrário dos resquícios de floresta de Santa Cruz. A paisagem seca criava redemoinhos de poeiras no horizonte. Até mesmo o tipo de vestimenta e o comportamento das pessoas haviam mudado, tornando-se mais introspectivo.

No dia 29/09/10, já em La Paz, a peregrinação em busca de contatos começou cedo. Fui a UMSA, Universidad Mayor de San Andrés, em busca dos telefones de pessoas relacionadas a pesquisas com os quais poderia estar trocando informações. No Instituto de Investigación Sociológica consegui o número de René Pereira, Eugenia Bridikina e Silvia Rivera. Liguei para professora Eugenia e a mesma foi receptiva e marcou para ir conhecer a sua sala de trabalho e conversamos. Esperei no roll de entrada do instituto de humanidades e não a vi; liguei para o sociólogo René Pereira, e o mesmo disse para ir em uma reunião de seu grupo de trabalho na rua Labaeta. Cheguei apresentei o meu trabalho e o que fazia em La Paz, mostraram-se ser receptivos e o professor disse para seus alunos que me auxiliassem no que fosse preciso. É um grupo composto por alunos da UMSA, com pesquisadores que buscam por meio da sociedade civil criar políticas públicas para as melhorias de vida dos migrantes.

Ao sair da sala fui procurar Eugenia que estava no arquivo de La Paz trabalhando, conversei com ela e se mostrou receptiva a ajudar no que fosse preciso. Passou o nome de dois pesquisadores que trabalhavam com migração e pediu para citar o nome dela ao me apresentar.

Retornei para pensão no fim da tarde, o trânsito em La Paz é conturbado. Existem vários tipos de transporte com bons preços: táxi, ônibus, mini-vans; dependendo do lugar de destino paga-se 1 ou 2 bolivianos. É uma cidade com aproximadamente 2 milhões de pessoas, têm uma presença grande de camponeses indígenas com forte consciência política. As pessoas são receptivas e mostram-se com vontade de ajudar.

Há muitos vendedores e vendedoras ambulantes pelas ruas e ladeiras de La Paz; extensas ladeiras íngremes. O vento é seco e esfria muito de noite; a alimentação é variada: caldos, papaiças (batatas), muito frango e sorvetes de diversos tipos. As ruas de pedras marcam a arquitetura da cidade histórica. O especialista de migração Alfonso Hinojosa Gordonava (2009) é representante das relações exteriores e não pode me atender com calma, pois estava recepcionando o embaixador do Equador quando o procurei. Marquei uma entrevista para segunda-feira seguinte com o senhor Alfonso Hinojosa.

Em seguida fui para o PIEB (Instituto de Investigações sobre a Bolívia) e peguei o contato do senhor Goldofredo Sandoval, outro intelectual que desenvolveu uma pesquisa sobre migração boliviana para Europa. Fui conhecer a Catedral de San Francisco, ponto histórico de La Paz, entrei e percebi o sincretismo das cores e da vestimenta dos santos; as igrejas possuem um forte estilo barroco; uma parte do seu interior é todo adornado em ouro. Por trás da igreja fica o mercado de Los Brujos, ateliês e lojas de artesanato, roupas e adereços tradicionais dos Andes. Caso estivesse que voltar de avião e não tivesse que carregar tanta bagagem levaria um jogo de artesanatos. La Paz é uma cidade construída nas montanhas; fica numa depressão. Fiquei de voltar à pousada para realizar uma entrevista com Claudia, mas ela estava trabalhando e ficamos de conversar em outra oportunidade, pois aparentava estar cansada. O dono do El Carretero, o senhor Roberto, concordou em dialogar comigo no dia seguinte.

Uma pessoa importante na negociação da entrevista com Silvia Rivera Cusicanqui, uma das maiores especialistas em questões andianas, foi o seu aluno

Eduardo Schwartzberg, que pretende realizar o seu mestrado no Brasil. Ele se dispôs a me conhecer e a me levar para apresentar ao grupo de estudos da professora Silvia Rivera. Liguei para ele e ficamos de nos encontrar no sábado ao fim da tarde.

Na sexta-feira iniciei o percurso cedo às 07:00 já estava em pé para realizar uma entrevista com o senhor Juan no dia 01/10/10 no Ministério das Relações Exteriores da Bolívia. O pesquisador me recebeu às 8:40 da manhã e ao chegar ao órgão público às 9:30 apresentei-me na portaria para a guarda de segurança, e disseram que só iriam abrir para visitas às 8:40 , portanto, não iriam permitir que entrasse antes do previsto. Ao mesmo tempo chegou uma mulher bem vestida com roupas sociais, e abriram para que ela passasse. Quando às 8:38 deixaram-me subir ao 3º piso, pois 3 pessoas haviam chegado para participarem de um evento sobre clima.

Ao entrar no gabinete do Juan fui recebida por seu secretário, tudo muito formal, que pediu que adentrasse e fosse direto para a sala de reunião. Apresentei-me e expliquei em que consistia o projeto e a instituição que estava vinculada. A entrevista começou com um rapaz vestido de marrom que dissertava baixo e de forma comedida; até que entrou um senhor de mais ou menos 50 anos vestido com um terno xadrez e foi explicando no lugar da outra pessoa. Tinha uma fala pausada, porém muito oficializante, como se não quisesse estar ali.

A entrevista foi breve e com um clima policialesco. Desde o primeiro momento achei estranho, pois as pessoas entrevistadas pediram para não serem identificadas, uma vez que representavam o governo, e ser sujeito oculto era uma questão de norma; respeitei a postura da segurança e não revelaria a identidade de nenhum dos dois. Foi uma entrevista cheia de interditos, onde olhares eram trocados para se falar mais ou menos de determinado assunto.

Dentre tantas entrevistas realizadas saí do escritório com uma sensação de alívio. Fui tomar café em um lugar cheio de esculturas andinas de Tihuanaco. Após a entrevista voltei para o alojamento para comprar roupas e ir procurar a pastoral do migrante. Pensando que tivesse na Pastoral, estava nas Caritas, pertencente à igreja católica, onde há um trabalho com jovens portadores de necessidades especiais; só aí deu o endereço correto da Pastoral de Mobilidad Humana que fica na rua Sapocati. Fui atendida pelo secretário da pastoral, e ele deu o número do padre encarregado de cuidar da pastoral; e disse para retornar por volta das 13:30 da tarde.

Quando o diretor da Pastoral de Mobilidad Humana chegou, conversamos, perguntou o que estava fazendo em La Paz, onde estava, se estava bem; expliquei e ele num gesto de generosidade pegou o telefone em busca da localização de uma das referências da Bolívia, o padre/antropólogo Xavier Albó. Não tive a sorte de encontrá-lo, pois estava em uma pesquisa com o povo indígena guarani no Paraguai e só iria retornar em novembro. Conversamos e fiquei de retornar a ligação para o padre às 16:30 do sábado. Ao chegar ao alojamento fiz uma entrevista de uma hora e quinze minutos com o senhor Roberto, (retornado que morou no Brasil). Atualmente, uma parte de seus filhos mora no Brasil, pois seu primeiro casamento foi com uma brasileira natural de Curitiba no Paraná. A entrevista foi realizada no último andar do prédio El Carretero no dia 01/10/10.

Sentei em seu sofá e ouvi por um tempo, era uma sala ampla, com uma mesa preta; havia uma imagem grande no canto da sala de jantar, do Menino Jesus, onde a família devotava as suas preces. Ao lado de sua TV havia uma imensa coleção de CDs e vídeos, disse que a música era uma de suas paixões e que havia discos de todos os gêneros, inclusive, brasileiros. Chegou a estudar música na Bolívia e na UNB, universidade que primeiro frequentou no Brasil, e depois seguiu para a UFPR, onde casou e teve três filhos, todos brasileiros. Contou da existência da filha mais velha que teve com uma boliviana que reside no estado de Minas Gerais em Belo Horizonte, onde continuou a morar. Roberto mostrou ser uma pessoa alegre e batalhadora. Disse que voltou para a Bolívia porque sua mãe estava doente e não tinha nenhum filho que pudesse cuidar. Veio e depois de um tempo sua mulher curitibana foi, mas ela não conseguiu se adaptar e eles se separaram. Sua mulher voltou para o Brasil, e ele ficou na Bolívia, onde casou, novamente, e disse que não iria ter mais filhos, pois não tinha mais idade para isso.

Ao sair da casa do senhor Roberto descii as escadas e fui realizar uma entrevista com Claudia, boliviana que trabalha como camareira no alojamento El Carretero do Roberto. Disse ter ido para o Brasil e retornou para cuidar do filho pequeno. Claudia possui dois irmãos que residem no Brasil e trabalham no ramo da costura. Aparenta ser uma pessoa calma, tem um sorriso acanhado, e não gosta de ser aborrecida. Quando começou a falar sobre seu antigo namorado, motivo que a levou para o Brasil, começou a chorar; fizemos uma pausa e esperei ela se recompor para dar continuidade a entrevista. A principio pensei que a entrevista não ultrapassasse 1 hora, mas me

equivoquei. Falou dos seus gostos pela comida brasileira, das relações familiares e das decepções amorosas; não falou sobre o pai do filho. Demonstrou um ressentimento pelo ex-namorado que não a tratou como deveria.

À noite com o orientando de Silvia Rivera conversamos em uma sorveteria na avenida El Prado. No outro dia estava cansada, mas fui a Tiwauanaku.

No dia 02/10/10, sábado, saí cedo com destino ao cemitério da cidade, local por onde partem os ônibus para Tiwauanaku. Embarquei no ônibus nesse local e cheguei depois de 1 hora da tarde. Para entrar no parque arqueológico tive que desembolsar 80 bolivianos; o equivalente a R\$ 35,00 reais. O passeio durou 2 horas e meia; paguei mais 20 bolivianos de transporte e 10 bolivianos para o guia. Ao sair tomei um chá de coca para regular a dor de cabeça e retornei para a Igreja de São Francisco. Retornei para La Paz com o mesmo grupo de guias. Fui para o alojamento descansar e olhar os documentos na internet.

Liguei para o Eduardo e marcamos de nos encontrar às 20:30 no escritório de Silvia Rivera para que a professora me conhecesse. Estava usando seu chapéu todo furadinho, num estilo clássico, uma blusa branca de manga comprida e uma jaqueta marrom, calça verde e um All Star. Seu escritório fica na mesma avenida da UMSA e estava cheio de folha de coca no chão, conversa conosco mascarando folha de um canto da boca, como a antiga tradição dos indígenas do Altiplano. Perguntou o que eu fazia em La Paz e o que desenvolvia no trabalho; expliquei que fui em busca de uns livros e realizar algumas entrevistas. Ela disse que iria me emprestar uns livros para xerocopiar e outros para comprar.

Nesse ínterim, atendeu alguns telefonemas, falou com o seu aluno e fiquei observando. Em um momento se dirigiu ao banheiro e jogou fora as folhas de coca que vinha mascarando; marcou a entrevista para terça-feira. Em seguida, Eduardo falou de seus planos em fazer mestrado em São Paulo.

No dia 03/10/10, domingo frio, antes de sair fui comprar pão e café, estava confusa se ia ou não ia para a casa do migrante, porém resolvi conhecer Copacabana e a Isla del sol. Dirigi-me ao cemitério e peguei uma mini van que levou a Copacabana; a viagem durou 3 horas por uma paisagem maravilhosa, tendo como cenário o lago Titikaka. Entrei na Basílica de Nossa Senhora de Copacabana localizada na praça central da cidade. Nos arredores da praça tem uma feira que vende roupas, velas, amuletos; preceitos religiosos vendidos em toda Bolívia.

O passeio de barco que leva as pessoas a Isla del Sol é fantástico; ao fundo na margem direita fica o pico da Cordilheira Real do Andes. O ar é muito frio; e Copacabana é uma espécie de cenário simbólico do catolicismo do Altiplano. Retornei de Copacabana por volta das 23:00. Peguei um taxi no cemitério e fui para o alojamento. Nesse hostel estão sendo construídos outros quartos, onde uma chollita, senhora com vestes tradicional da Bolívia, trabalha como pedreiro.

Uma das coisas que me surpreendeu é a força das mulheres bolivianas que fazem todos os trabalhos dos homens e ainda carregam seus filhos nas costas em panos coloridos, resquício da herança dos povos originários. O alojamento El Carretero tem pessoas de todos os lados do mundo: franceses, ingleses, americanos, argentinos, holandeses, chilenos, brasileiros e outras nacionalidades. Os valores das moedas locais são convertidos e é um lugar de passagem para as ‘belezas’ naturais da Bolívia e do Peru, tais como Copacabana, Tiwauanaku, Cuzco, Machu Pichu, Salar de Yuni.

Tento olhar a realidade para não fetichizar o outro, não ver somente pobreza, pois há sociabilidades, reinvenções do cotidiano, inclusive, como os estrangeiros são vistos pelos sujeitos locais, uma posição na qual me enquadro. Sendo analisada pelos povos locais o tempo todo.

Durante o retorno no ônibus, o motorista parou duas vezes devido a acidentes na estrada para a cidade de Copacabana 03/10/10. Aqui é comum carregar animais de estimação nos transportes coletivos. Não vi muitas motos, acredito que seja devido à imprudência de alguns motoristas, pois segundo Eduardo, o governo da Bolívia está desenvolvendo uma campanha de educação no trânsito para educar os pedestres e motoristas que não respeitam as legendas. A prática do governo foi adotar zebras e burros vestidos de pessoas para quando pedestres atravessassem em sinal vermelho ou fora da faixa as zebras os seguissem, imitando os passos como forma de envergonhá-lo frente ao ocorrido.

A economia informal é evidente em La Paz, principalmente em El Alto (cidade metropolitana) onde o número de camelôs e vendedores ambulantes se enfileiram um ao lado do outro nas ruas e esquinas das cidades. Segundo Alfonso Hinojosa, na última década os migrantes transnacionais estão saindo mais das regiões metropolitanas do que propriamente do campo, e cada vez mais, o número de mulheres e seus respectivos filhos estão criando, adensando uma categoria que surgiu dentro desse movimento, a feminilização da migração e a constituição de famílias transnacionais. A comunicação, a

educação dos filhos está sendo feita pelos meios de comunicação modernos: internet, telefonemas, skype, que com horários mais em conta as pessoas comunicam-se com familiares, amigos, parentes. As redes sociais são muito importantes para estabelecer o auxílio e conseguir trabalhos nos países de destino.

Fui até a Consellaria entrevistar Alfonso Hinojosa pesquisador e coordenador consular do Ministério da Relações Exteriores. Receptivo disse que daria uma entrevista como pesquisador, pois a posição na qual trabalhava não poderia falar muita coisa. A entrevista durou 28 minutos.

Conheci o senhor David por intermédio do Roberto Bosi, dono do El Carretero. Os dois são formados pela Universidade Federal do Paraná no Brasil; foram para o Brasil por meio do convênio em cooperação técnica entre Brasil e Bolívia na década de 1970, economista e empresário de casas de doces em La Paz, é dono de três estabelecimentos alimentícios.

Sobre a Viagem

De São Paulo a Porto Suarez: das 17:00 às 14:30 (duração de 22 horas de traslado).

De Porto Suarez a Santa Cruz: das 16:30 às 05:30 (duração de 12 horas).

De Santa Cruz a La Paz: das 19:30 às 14:30 (duração de 13 horas e 30 minutos).

De La Paz a Oruro: 14:30 às 18:00 (duração de 3 horas e meia).

De Oruro a Uyuni: 19:00 às 02:20 de trem (duração 7 horas e 20 minutos).

De Uyuni a Oruro: 01:45 às 09:40 de trem (duração 8 horas e 30 minutos).

De Oruro a Cochabamba 09:30 às 14:00 (duração de 5 horas e 30).

De Cochabamba a Santa Cruz 20:00 às 06:00 (duração de 10 horas).

De Santa Cruz a Fronteira de Porto Suarez 21:00 às 10:00 (duração de 13 horas).

De Corumbá à São Paulo 14:30 às 12:00 (duração de 22 horas)

Uma das coisas que mais chama atenção a quem viaja pela Bolívia é o número significativo de cabines telefônicas que existem na cidade, praticamente uma em cada esquina, ou duas ou três juntas. Nelas funcionam redes de internet (lan house) que cobram 2 bolivianos por hora, e às vezes, ao invés de redes de internet funcionam armazéns que vendem produtos a pronta entrega aos bolivianos. Esse é um dado importante, pois o custo das ligações ao exterior são relativamente baixo.

Conversando com Roberto sobre política, explicou que Santa Cruz de La Sierra funciona uma verdadeira oligarquia que conjugava em suas mãos o governo do Estado,

a produção agrícola, a criação de gado e os grandes produtores de cocaína. Segundo ele, um verdadeiro império, e com a chegada de Evo Morales a presidência da República, onde parte da Assembleia Legislativa é do MAS, o governo conseguiu equilibrar o congresso e expulsar os norte-americanos e os estrangeiros de Santa Cruz. Para o senhor Roberto os empresários cruseños contrataram um grupo de terroristas Croatas para assassinar Evo Morales durante uma das Expocruz em Santa Cruz, mas Ivo conseguiu juntar a polícia de inteligência e entrar nas casas dos políticos corruptos e expulsá-los, pois grande parte já tinha ido embora da cidade.

Liguei para a socióloga Silvia Rivera Cusicanqui e marcamos de nos encontrar em seu escritório para uma entrevista e para comprar o seu livro. Aparentava disposição, mas falou pouco, por apenas 18 minutos e encerramos o diálogo porque estava ocupada e queria trabalhar. Como tinha um encontro com David, senhor que morou durante anos no Brasil e retornou para a Bolívia para tentar a vida de empresário. Tomei um café americano e retornei para a pensão. Como tinha curiosidade, fui fazer um passeio rápido pela Zona Sul de ônibus, o que saiu a cinco bolivianos. Essa região corresponde à parte baixa da cidade onde habitam os burocratas e empresários, e todos que têm posses. Fui ao comércio de David, mas ele estava em Cochabamba devido ao falecimento de um sobrinho.

Quando liguei para a professora Silvia Rivera Cusicanqui, enfatizou que não haveria entrevista devido ao fato que ficaria cuidando do neto; remarcou para quarta-feira às 19:30. Fui descansar cedo. No dia seguinte, a entrevista foi realizada, mas ela não estava tão disposta; concluía as perguntas de forma rápida e concisa; talvez devido ao fato de ter domínio da língua. Foi uma pessoa gentil e indicou alguns livros que poderia ler para aprofundar as análises.

Depois da entrevista fui fechar a minha diária e saí com destino a rodoviária comprar a minha passagem para Uyuni. Deu certo e consegui embarcar a tempo de chegar a Oruro e comprar a passagem de trem para Yuni no dia 06/10/10. Antes de sair do El Carretero conversando com a Claudia e com os hóspedes, disseram que poderia ir tanto via Potosí como por Oruro, pois o trajeto menor é via Oruro, mas tinha que tomar o trem via Uyuni e ao chegar contratar uma agência para conhecer o deserto.

Saí de La Paz na quarta-feira às 14:30 seguindo para Oruro. A empresa Trans Nasser é boa e foi uma dos melhores ônibus.

Ao todo fiquei 9 dias em La Paz no El Carretero e foi bom pelas pessoas que conheci e pelo acesso a cidade. A viagem de La Paz a Oruro foi tranquila e durou cerca de 3 horas e 30 minutos, o ônibus foi lotado. Oruro é uma cidade marrom, no Altiplano, é fria, mas não é tão íngreme quanto La Paz que é povoada numa depressão geográfica. A Estação de trem de Oruro é limpa e nova, os banheiros são asseados. Do vagão de onde embarquei tinha muitas pessoas provenientes da região do Altiplano. As chollitas falam Aymara no trem, principalmente os idosos. Há uma grande quantidade de crianças e vão todos sentados em suas poltronas.

Cheguei a Uyuni, em Potosí, na madrugada do dia 07/10/10 às 02:30 num frio gritante. Resolvi, como uma matuta, pernoitar até o amanhecer na estação de trem junto com as pessoas que iriam esperar amanhecer o dia, era um espaço de espera do terminal; junto com 15 pessoas. Elas estavam preparadas para o frio com muitas mantas de lã; umas três ou quatro por pessoa e, eu, sem nada.

Nesse fim de noite, durante umas três horas quase congelo os meus dedos dos pés, estavam dormentes e quase sem senti-los pela manhã. Saí da estação e fui caminhando, eram 06:30 da manhã para uma das agências comprar um pacote de um dia ao Salar de Uyuni, depois de viajar durante 12 horas. O meu despreparo é devido ao desconhecimento do lugar, pois não levei meias de lã para ficar mais dias.

A cidade de Uyuni sobrevive, em grande parte, dos turistas que passam por lá para conhecer o salar. Como é uma cidade de passagem devido a estação de trem, muitas pessoas aportam com destino a outras localidades. Tomei um café americano simples em um restaurante caro, dei umas voltas e voltei para a agência.

Passei um dia no Salar de Uyuni. Saímos do centro municipal por volta das 11:00 horas da manhã e percorremos tudo em uma picape. O primeiro ponto foi o cemitério dos trens onde tem alguns desativados, que funcionavam a gás e carvão; parece as carcaças da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Os turistas polsam e acham o máximo; achei um pouco decadente e me deu certo desânimo.

O deserto casou um sentimento de solidão, uma angústia frente às grandes dimensões da vida. Os bolivianos são, acima de tudo, fortes e corajosos, pois sobrevivem a muitas condições de intempéries, de escassez, de uma certo ‘abandono’; e ainda conseguem sorrir e seguir adiante. Ao chegar à Estação de Uyuni percebi que muitos, como eu, estavam esperando o dia raiar para prosseguir em suas atividades cotidianas.

Pequenas vilas desenham o cenário humano em meio ao deserto branco de sal. Segundo o guia tem aproximadamente 6.500 pessoas que vivem do ecoturismo e do comércio. Tudo em Uyuni é caro; tomar um café da manhã simples com pão, café-com-leite e um copo de suco custa 20 bolivianos; um prato de Pique lo Macho (espécie de batata frita com legumes e carne) custa em média 50 bolivianos; preços para turista. Os passeios são cotados em dólar e vem gente de toda parte do mundo fazer o passeio de três dias no Deserto. Ficar só bate uma sensação de tristeza e saudade: pensei em meus pais, nos irmãos, no namorado, nos amigos e nas coisas que gostaria de fazer para deixá-los felizes. A sensação de ser estrangeira é constante, parecendo que há sempre uma fronteira separando as minhas crenças e o modo de vida local. Os valores da urbanização não funcionam aqui; e isso é muito bom, porque eles não querem deixar de ser indígenas, sabem utilizar as identidades de comerciantes, de tradicionais e aventureiros.

A minha visão ocidental desfigura o olhar com os quais vejo as pessoas e a paisagem, só cabendo uma atitude, como diz a socióloga andina Silvia Rivera, para compreender a complexidade das vidas na Bolívia é necessário a descolonização do imaginário e da cultura. Percebo que a pobreza no Brasil não é semelhante à pobreza na Bolívia; há uma certa dignidade, um valor agregado na consciência de que seus modos de vida são heranças dos povos indígenas aymaras e quechuas; e isso muda a concepção e modo de vida.

O sabor da comida e bebida são mais forte e desregularam o meu estômago. A comida tem muito cominho e a presença de molho em tudo. As proporções das comidas são grandes, pois os bolivianos comem e bebem a vontade. As festas são quase sempre grandiosas, eloquentes, às vezes até ultrapassam o dia e a noite. Assim, tudo que consigo ver é parcial, fragmentário, de um olhar de quem vem de fora e que tenta perceber a organização do cotidiano. Existe uma Bolívia profunda, mas essa não consigo ver.

Estou na estação de trem de Uyuni e terei que esperar mais de 4 horas até aportar o trem. Peguei o trem Wara Wara para Oruro e cheguei às 09:10 da manhã. Depois peguei um táxi e fui até a rodoviária de Oruro, comprei uma passagem para ir à Cochabamba.

Sexta-feira, cheguei em Cochabamba às 14:00 horas e o cansaço me abateu. Acho que estou há três dias sem dormir, descansando sentada. Cochabamba é uma

cidade mista entre as montanhas e as planícies. Aqui fica mais próximo de Santa Cruz e é já sentimos a quentura, mas não é úmido.

Alguns antropólogos e sociólogos dizem que um terminal rodoviário, ou aeroporto é um bom espaço para analisar os tipos humanos e as relações sociais. Aqui as *chollitas* dormem esperando seus ônibus ou maridos, homens engravatados passam procurando alguém, crianças vendem seu doces para ajudar na renda familiar; o antigo e o moderno se encontram para compor o cenário das cidades bolivianas. Três gerações se encontram diante de mim: a mãe *chollita*, a filha em trajes urbanos com seus lenços amarrando o seu filho ao corpo.

Cheguei em Santa Cruz no sábado do dia 09/10/10 às 05:30 da manhã, suja e com sono. Descansei.

Na segunda à tarde liguei para a casa da professora Maggui Jaurequi para tentar falar com ela sobre a possibilidade de realizar uma entrevista.

Terça pela manhã fui ao encontro de Carla, que por sua vez encaminhou-me a pastoral da mobilidade humana para procurar Maria, que trabalha com migração. No dia 12/10/10 Maria foi atenciosa, conversamos sobre migração nacional e transnacional. Ela falou sobre a questão afetiva entre as famílias e seus familiares, e um assunto se sobressaiu: a perseguição política que vem sofrendo por trabalhar com os direitos humanos e por ter posições políticas contrárias a do governo estabelecido. Alguns momentos vão contra aos interesses políticos do MAS. Disse que já sofreu um atentado por terem atirado com uma metralhadora no prédio onde trabalha. Encontrou rajadas de metralhadora no prédio. Falou da nova lei anti-racismo que ao invés de melhorar, ativa e prende quem nomeia outras pessoas de ‘collas e cambas’; disse que sua posição é sempre a favor dos direitos humanos e não de partidos políticos.

O início do diálogo não foi gravado, somente depois de 10 minutos o fiz porque autorizou. Disse que apesar de não haver um estudo detalhado da população que migrou e o censo ter mais de 10 anos que não era realizado, diz que uma média que 35% da população está fora do país. Enfatizando que há mais ou menos dois milhões de pessoas vivendo na Argentina; na Espanha e na União Europeia vivem mais de 600 mil pessoas; nos Estados Unidos vivem em torno de 350 a 400 mil; e no Brasil incluindo as regiões de fronteiras onde vivem mais de 350 mil pessoas.

Disse que ficou espantada porque os dados da Polícia Federal brasileira computaram 48 mil bolivianos regularizados, ou, que conseguiram dar entrada ao

processo de anistia de 2009. “O quê que acontece que os bolivianos não conseguiram sair do anonimato?” E a questão da fronteira que ainda não foi estudada, uma vez que sabemos que o Norte do Brasil está cheio de bolivianos.

Outro fator importante e que não se sabe ao certo, é o quanto de remessas entra na Bolívia vindo do exterior. O que se sabe é que a renda e os valores são quase equivalentes ao que se ganha na extração de minério, pois de cada 1.800 mil bolivianos que entram no país 1% fica nos cofres públicos, mas o ministério das relações exteriores não diz quanto tem; uma vez que os setores sociais querem que invistam em políticas publicas para assistir as famílias dos migrantes. Foi uma de suas exigências.

Na quarta-feira do dia 13/10/10 fui falar com Maria, sobre contatos com famílias de bolivianos que tem parentes no Brasil, mas não consegui porque as famílias tinham medo que seus discursos fossem parar na mídia, de serem ‘deturpados’. Na quinta-feira do dia 14/10/10 fui falar com a professora Magguie Jaureguil.

No dia 15/10/10 fui a Universidad Autónoma Gabriel René Moreno falar com a Maggui Jauregui e não a encontrei, então falei com a Fabiana Chirino, psicóloga e professora do Departamento de Psicologia onde coordena uma investigação que tem como meta construir políticas públicas para as famílias de imigrantes. Nessa pesquisa, seu grupo vai às escolas públicas para realizar levantamentos sobre os pais ou parentes dos alunos que residem no exterior; acompanham as pessoas nas filas das embaixadas para fazer entrevistas com as pessoas que estão a caminho da Europa e de outros países, acompanham a vida das pessoas que foram deportadas para oferecer serviços psicológicos e fazer terapia de grupo.

A professora Fabiana Chirino disse que poderia acompanhar-me aos lugares e apresentar-me a familiares. No momento, apresentou-me a Magdalena, sua aluna investigadora que acompanha um dos grupos. Fui apresentada seu grupo e fiquei de ligar para realizar algumas entrevistas. Fabiana Chirino tem desenvolvido uma pesquisa fundamental para entender a dinâmica migratória a partir do ponto de vista dos filhos e familiares que ficam na Bolívia, pois a ausência da mãe, da mulher, acarreta uma série de traumas e ressentimentos. A pesquisa está sendo patrocinada pela Unicef, e juntamente com sua equipe, está percorrendo as escolas públicas dos principais departamentos da Bolívia para fazer um levantamento, mediante uma pesquisa qualitativa com as crianças, para a aplicação de questionários e acompanhamentos das

crianças com dificuldades de adaptação familiar. Assim, algumas crianças são encaminhadas a sua clínica na Universidade para acompanhamento psicológico.

Acompanhei a grupo da Fabiana Chirino para ver como era realizada as entrevistas e feitos os encaminhamentos. Primeiro há uma visita a escola para apresentar o projeto a diretora e perguntar se há a possibilidade de ser desenvolvido na escola. A diretora autorizou e perguntou o que poderia ser feito. A pedido da direção escolar, a supervisora passou de sala em sala perguntando quais alunos tinham parentes fora da Bolívia, principalmente, a mãe, e essas crianças foram, no dia seguinte, guiadas durante o intervalo a uma sala reservada onde eram feitas as entrevistas temáticas e diretivas. Tirei algumas fotos da escola e das crianças; algumas choraram durante a manifestação do problema de terem ficado com a responsabilidade de cuidarem dos irmãos mais velhos e de assumirem um papel que não corresponde a idade que vivem. E percebi o grande problema da transferência de papéis para os filhos adolescentes.

Saí de Santa Cruz às 20:40 no trem Ferrobús e cheguei às 10:30 na Estação de Quijaro, município ao lado de Puerto Sucre. A estação de trem era bonita em comparação a cidade de Puerto Quijaro que é uma espécie de província em desenvolvimento, com muito comércio informal próximo ao guichê da imigração. Esperei o Paulo, médico boliviano que veio no trem de Santa Cruz e que vive há mais de 12 anos em São Paulo. Disse que era a segunda vez que fazia essa viagem de trem e que antes era o ‘trem da morte’, vagaroso e vinha com tudo dentro: galinha, bode, pato, gente. Demorava mais de 50 horas para fazer esse percurso. Atualmente, reside no bairro de Santa Cecilia e trabalhava como médico.

A viagem durou mais que o esperado, ao invés de 12 horas, foram 15 horas com algumas paradas para esperar os trens que transportam bens passem. Ao chegar em Puerto Quijaro peguei um táxi e fui direto a outra província que fica na fronteira com Corumbá. Lá troquei com uma cambista feminina 50 dólares e 220 bolivianos por real. Fui comprar a passagem no guichê da empresa Andorinhas, empresa de ônibus que tem em Puerto Soles, mas como não aceitava cartão de débito, tive que atravessar a fronteira de táxi para Corumbá. O cambista chamou uma pessoa que poderia ir para Corumbá; ele cobrou 30 reais para atravessar, preço absurdamente caro, num trecho de menos de 2 quilômetros.

Entrei no guichê para me despedir de Paulo e ele disse que ia esperar o ônibus das 14:00 horas. Ao olhar para a rua vi o taxista com um carro rebaixado de cor preta,

um carro esportivo, muito chamativo, dizendo que iria me levar nele porque os taxistas brasileiros poderiam suspeitar e ele poderia ser multado por trabalhar em solo brasileiro, uma vez que não tinha licença para isso. Fui à imigração dar baixa na licença e segui em direção a Polícia Federal brasileira e disseram que eu não precisaria fazer nada, somente atravessar. Segui, já no Brasil, sentido a rodoviária de Corumbá para comprar a passagem. O taxista querendo evitar suspeitas deixou-me na esquina e seguiu para a Bolívia.

Cheguei em Corumbá, Brasil, no dia 25/10/10. Peguei o ônibus Andorinhas com destino a São Paulo. Havia 9 brasileiros, a contar comigo, e as outros 35 pessoas eram bolivianas. Conversei com uma mãe boliviana que vinha de La Paz com o seu filho de 1 ano; ela relatou que iria trabalhar na costura. Ao meu lado sentou um jovem casal, não tinha mais de 30 anos, com dois filhos a tira colo, um menino de mais ou menos 3 anos de idade e iriam trabalhar nas oficinas de costura de São Paulo. Fiquei atenta ao perceber que cada vez mais jovens, alguns com menos de 22 anos, que ainda não tinham chegado a concluir o ensino médio deixavam a suas casas em busca do trabalho e melhores condições de vida. A família (pai, mãe e filhos) se reestrutura, novas formas de sociabilidade são criadas mediante a dinâmica das remessas. Um jovem antes de migrar não tinha condições de ajudar a sua família, agora, por meio das remessas, poderia manipular mais de 100 dólares que os pais os enviava. Ajuda e atrapalha na relação familiar que se estabelece, pois se cria uma dependência dessa criança perante a condições da migração, fazendo os pais tornarem-se válidos apenas para o trabalho.

Na entrevista realizada com Don Carlos (irmão de Rose) no dia 16/10/10 em sua casa próximo Las Duna de Areia. Ponto final de da Linha 21 na periferia de Santa Cruz.

Ao chegar em Santa Cruz liguei para Don Carlos mas ele não poderia me atender nesse período devido ao excesso de trabalho na sua padaria. Fui para La Paz e no retorno para Santa Cruz liguei novamente e ele marcou para uma tarde de sábado às 15:00 em sua casa, mas cheguei às 16: 15 devido ao longo trajeto de ônibus percorrendo a distância de uma hora. Desci no ponto final da linha 21 e andei uma quadra do seu encontro. Estava vestido com calça social marrom, blusa social de botão e sandálias alpargatas pretas.

Don Carlos reside em uma casa grande, lembra um sítio e fica a menos de 15 minutos da entrada da lunas de areia, espécie de deserto indicado como espaço turístico frequentado por pessoas de Santa Cruz de la Sierra. A paisagem é seca e com muita

poeira fina. A impressão que desperta é que as casas foram construídas próximas a praia. Encontramos-nos na esquina de sua casa e nos cumprimentamos; pareceu uma pessoa amigável e solícita; perguntou sobre a sua irmã e disse que ela estava bem melhor, pois estava fazendo fisioterapia para os ossos.

Ao chegar na casa sentei na varanda e fui apresentada a seus convidados; uma amiga boliviana que atualmente reside na Itália e seu amigo. Almoçavam uma comida especial: bananas da terra assadas, porco assado, arroz e salada. Ofereceram e comi um pouco.

Iniciamos o diálogo e falei da pesquisa, sobre os objetivos da viagem à Santa Cruz. Conversei com a sua amiga e ela disse que morava em Milão e trabalhava cuidando de velhos. Perguntei se havia muitos brasileiros na cidade e ela disse: “sim, trabalhavam no ramo da moda.” Quando a esposa de Don Carlos me serviu disse que havia almoçado, mas que iria comer um pouco. Comi as bananas e um pedaço do porco e tomei meio copo de vinho. Perguntei a sua amiga se ela pretendia ficar na Itália, ela disse que não, uma vez que iria fazer um capital e retornar para a Bolívia. Depois de uma hora e meia que estava em sua casa os convidados despediram-se e ficamos conversando na área de sua casa.

Tudo estava bem, até retirar da bolsa uma carta de apresentação para realizar a entrevista e a desconfiança foi instaurada. Ele chamou a sua mulher e pediu que ela lesse em voz alta, a mulher disse que ele podia falar, mas devia ter cuidado com o que dissesse. Depois de uns 10 minutos sua filha mais velha apareceu e ele deu a carta para que ela lesse. Ela fez algumas perguntas e pediu que esclarecesse se iria publicar como livro, disse que geralmente os pesquisadores de Santa Cruz utilizavam as narrativas das pessoas comuns e publicavam como se fossem suas, não tendo nem o respeito em citar as pessoas; e por vezes os narradores não ganhavam os créditos do livro. Perguntou se pretendia fazer o mesmo, se tinha uma postura diferenciada. Expliquei as intenções da pesquisa e ela disse para o pai que não haveria problemas e autorizou o seu pai a falar.

A filha permaneceu no início da narrativa de seu pai e depois saiu para o seu curso. Depois de um período Don Carlos disse que não sabia ler e que por isso, chamou a mulher e a filha para explicar no que consistia a carta de apresentação.

Depois de trinta dias na Bolívia, consegui realizar 10 entrevistas, sendo duas com pessoas que viveram a experiência da emigração e 8 com intelectuais que estudaram questões relacionadas à Bolívia. Depois de um longo caminho percorrido,

retornava com novos problemas, nenhuma resposta, e muitas expectativas para a dissertação.

1.1.4. Permanências e mudanças do projeto inicial

Como todo projeto de pesquisa, o que envolveu o desenvolvimento desta dissertação não foi lapidado no escuro, pois a existência do projeto alinhavou os momentos de indecisão, incertezas, dúvidas e desânimo que qualquer pesquisa acadêmica que necessite ir a campo enfrenta para compor sua materialidade enquanto escrita. Querendo utilizar da metáfora cunhada por Vagner Gonçalves da Silva em seu livro “O Antropólogo e sua Magia”(2006, p. 9) que diz que uns dos ritos de iniciação da cabula, que é uma modalidade de culto afro-brasileiro, o iniciado; para comprovar que tem fé, teria que adentrar na floresta com uma “vela apagada” e trazer consigo, além da vela acesa, o nome da entidade que representa o seu deus de cabeça, ou, o protetor pessoal. Esse rito pode ser empregado como o ofício do pesquisador em grande parte das suas investigações, não só antropológicas, mas nas acadêmicas, principalmente, as que se utilizam do trabalho de campo para construir sua base de análise, pois reflete o terreno movediço que o pesquisador precisa aprender a caminhar para trazer à tona as explicações específicas e gerais que o campo nos faz compor.

E dentre as variadas explicações, uma das é de que esta pesquisa pretendia realizar entrevistas com todos os membros das famílias que foram entrevistados no Brasil; ou seja, com a parte que reside na Bolívia, para com isso, compreender a dinâmica migratória familiar e de suas redes afetivas; uma vez que se pretendia compreender a reorganização da bipartição familiar no Brasil. Porém, esse objetivo foi concretizado mediante uma entrevista, realizada com Don Carlos, irmão de Rose que reside no Brasil e com outros dois colaboradores entrevistados na Bolívia.

Ao sair de São Paulo, consegui os contatos indicados por Dona Marta para realizar entrevistas com o seu tio paterno, residente na cidade de La Paz. Cheguei a ligar para sua residência três vezes para marcar um encontro e tentar negociar uma entrevista, mas sua empregada doméstica sempre dizia que o senhor não estava em casa e que

ligasse em outro momento. Ao telefone, expliquei quem era, de onde vinha, quem havia me indicado e porque era necessário realizar um encontro, mas não tive sucesso na negociação, talvez porque não tivesse falado diretamente com o seu tio, Walter Castillo, porque sua empregada se encarregava de falar comigo antes de chegar ao destinatário. Desisti de realizar entrevistas com o seu tio paterno e com outras pessoas da sua família que residem em La Paz por questões de tempo de permanência nessa cidade, assim, saí em busca de novos contatos na cidade.

Estando em São Paulo telefonei para Dona Marta e explique o ocorrido; ela disse que ele era meio esquivo a desconhecidos, e que ela deveria ter feito o contato, por telefone ou por carta, para explicar a existência da pesquisa e do meu possível contato com a sua família.

Antes de partir também liguei para a colaboradora Carlota perguntando se haveria a possibilidade de entrevistar alguém da sua família na Bolívia, e a resposta foi que seria impossível, uma vez que todos seus parentes tinham falecido e só ela estava viva. Interpretei essa conversa como forma de não querer envolver outros membros da família nessa pesquisa, efetivando, assim, uma cisão com a sua parte de parentela que residia na Bolívia.

Entrei em contato em São Paulo, ainda, com a colaboradora Lídia que foi solicita e indicou o contato de uma amiga que residia na cidade de Cochabamba. Estando na Bolívia e voltando da cidade de Oruro parei nesta capital e liguei para a pessoa indicada, mas a mesma não estava em casa no momento. Outras tentativas foram feitas, mas ninguém atendia ao telefone, assim segui viagem.

Quando pisei em solo cruzeño, retornando de La Paz para fazer o caminho de volta a São Paulo, liguei para Don Carlos, irmã da colaboradora Rose residente no Brasil. Foi super atencioso e marcou o encontro para um sábado à tarde que não iria trabalhar na padaria. Fui ao seu encontro e pude concretizar a entrevista de história de vida; compreendendo a reorganização de sua família perante os traumas que ambos enfrentaram em sua história de vida.

Deste modo, saí do Brasil com a perspectiva de entrevistar familiares da parentela brasileira; porém o trabalho empírico na Bolívia foi estabelecendo novas configurações, pois se conseguiu uma entrevista, estabelecendo o contorno de uma família dos que residem no Brasil. Assim, foi possível perceber que nem todos os parentes continuam residindo nas capitais das cidades bolivianas e muitas pessoas,

atualmente, migraram para as províncias, fato que dificulta o acesso às famílias; e fez criar, assim, novas projeções de pesquisa; uma vez que conversando com o dono da pousada onde estava hospedada; ele indicou duas pessoas.

A primeira, ele mesmo, pois tinha morado por mais de trinta e cinco anos no Brasil, casado duas vezes nesse país e retornado para Bolívia e constituído uma nova família em La Paz. Outra pessoa que o mesmo indicou foi a camareira de sua pousada, a Claudia; que havia migrado para São Paulo, onde havia trabalhado durante um tempo numa oficina de costura e retornado para a Bolívia em virtude de seu filho de três anos ter ficado aos cuidados de uma amiga.

Neste contexto, ao invés de insistir na realização de entrevistas com outros familiares de emigrantes bolivianos da rede de entrevistas realizadas no Brasil, assumi, assim, as entrevistas desses dois colaboradores, pois além de terem migrado durante períodos diferentes para o Brasil, possuem familiares residentes em São Paulo e em Curitiba; mantendo, de tal modo, contatos frequentes com o seu grupo parental e estabelecendo rotas que diferiam da escolha de São Paulo como opção de cidade para trabalhar e residir.

No devir da pesquisa, também foram entrevistados sete intelectuais bolivianos que pesquisam temas relacionado à migração e a questões sociais da Bolívia. Essas entrevistas foram cogitadas como mote para aprofundar questões que as entrevistas de história de vida apontavam, sendo assim, entrevistas de aprofundamento sobre imigração/emigração internacional e pontos específicos sobre a história da Bolívia.

Destarte, o trabalho foi constituindo um caráter híbrido ao se manusear fontes orais, especificamente, história oral de vida e história oral temática para se compreender o processo emigratório dos bolivianos no contexto entre Bolívia/Brasil; diferenciando-se dos trabalhos que outrora foram realizados, uma vez que o problema foi interpretado cruzando as entrevistas entre si, e na parte III com algumas linhas interpretativas dos estudos migratórios bolivianos.

O processo de construção da pesquisa, portanto, não foi encarado como um modelo fixo a ser seguido, os devires que o campo e os próprios narradores estabeleceram com a pesquisadora na constituição das redes de entrevistas, mostraram-se motivadores para o processo da pesquisa enquanto todo.

Deste modo, é possível visualizar nessa dissertação: uma rede de entrevistas realizadas com um clã familiar (Patzí) e sua rede social afetiva de amigos; uma rede de

entrevistas com uma família transnacional que vive na Bolívia e no Brasil, uma rede com trabalhadores e donos de oficinas de costura em São Paulo, uma rede com feirantes que trabalham na Praça Kantuta em São Paulo, uma rede de intelectuais bolivianos, uma rede de retornados.

Assim, é possível perceber a multiplicidade de aportes que sustenta a dissertação; configurando uma rede ampla de entrevistas com suas trajetórias diversificadas.

1.1.5. Objetivos da Pesquisa

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o deslocamento de emigrantes bolivianos para a Cidade de São Paulo a partir da década de 1990 até o presente (este período corresponder ao de maior incidência da migração boliviana tanto no Brasil como especificamente para São Paulo) para, assim, construir compreensões acerca de como se dão os processos de subjetivação e do trânsito cultural no eixo continental latino americano a partir das experiências de vida resultantes dessa mobilidade. Para atingir ao objetivo proposto, foram abordados especificamente os seguintes pontos: a) Os motivos de emigrar, as questões de adaptação da família no contexto da emigração; b) A constituição do núcleo familiar e o papel da família no cenário da migração na cidade de São Paulo; c) A percepção das formas de discriminação social contra o migrante latino americano; d) As memórias afetivas e identidades que os migrantes bolivianos constroem a partir das vivências na cidade de São Paulo e a partir do trânsito cultural no cenário da América Latina.

Em síntese, com os objetivos elencados, procurarei responder às seguintes questões de pesquisa: existem motivos além dos econômicos e estruturais políticos que fazem com que essas pessoas migrem dentro do circuito de países na América Latina? Os problemas sócio-culturais que ocorreram na Bolívia, no decorrer da década de 1990, justificam o deslocamento de um contingente aproximado de cem mil pessoas para as cidades industrializadas da América Latina? Como os aspectos subjetivos passam a ser parte constitutiva dos movimentos migratórios contemporâneos?

QUESTÕES DA HISTÓRIA ORAL

1.2.1. Procedimentos de Construção da Narrativa

No cenário das ciências humanas, existem diferenciados posicionamentos sobre o que é História Oral. Para alguns pesquisadores ela pode ser técnica para se construir ou fundamentar hipóteses por meio de entrevistas; para outros pode ser método para construção da pesquisa; para outros é um campo de saber.

Nessa dissertação, a História Oral foi entendida como um conjunto de procedimentos que “se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.” (HOLANDA; MEIHY, 2007, p. 15). É importante ressaltar que existem diferenciados posicionamentos do que seja história oral na sociedade contemporânea, contudo, essa dissertação vinculou-se a linha exposta acima. Para isso, alguns conceitos foram mobilizados para compreender os procedimentos utilizados na pesquisa, tais como: memória, negociação, mediação.

As entrevistas em história oral implicam gêneros diferenciados no modo de conceber o processo da pesquisa. A princípio, existem três gêneros que se caracterizam em história oral: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Na história oral de vida as entrevistas versam sobre as explicações pessoais do narrador e “nesse sentido, a verdade está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. No encaminhamento mais comum adotado para história oral de vida, a periodização da existência do entrevistado é um recurso importante, pois organiza a narrativa com base em fatos que serão considerados em contextos vivenciais subjetivos. A personificação do enquadramento deve valorizar os vetores que indicam a história do indivíduo como centro das atenções.” (MEIHY, 2005, p.149). Como a história oral de vida trabalha com a dimensão da experiência do narrador; geralmente, os aportes subjetivos são as bases de ancoragem dessa linha,

mesmo assim, não se nega que as explicações são constituídas por meio da memória coletiva de cada narrador.

A história oral temática é uma das modalidades mais utilizadas nos trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento. Ela “se aproxima em certa medida dos procedimentos comuns às entrevistas tradicionais. Isso, aliás, é um risco e tem sido lugar comum a quem não entende de história oral. Porque se supõe que entrevista é meramente um diálogo investigativo, não faltam confusões. A diferença é que os procedimentos que determinam a história oral não se restringem apenas ao ato de apreensão das entrevistas. Todo o enquadramento em etapas previstas no projeto caracteriza o trabalho de história oral temática.” (HOLANDA; MEIHY, 2007, p. 35). Em sua grande maioria, os trabalhos embasados na linha de história oral temática são quase sempre usados como técnica, pois costumam serem cruzados com outros tipos de fontes documentais.

O terceiro gênero que trabalha com a fonte oral é a modalidade de tradição oral que tem na base da memória coletiva de determinados grupos sociais como sua matéria prima. Assim, a tradição oral “depende de entendimentos entre os fundamentos míticos, rituais e vida material de grupos.” (HOLANDA; MEIHY, 2007, p. 35). Segundo os estudiosos, essa linha é uma das mais difíceis de praticar, pois exige o comprometimento do pesquisador para entender as linhas explicativas macros de específicos grupos sociais.

Segundo Meihy, entrevistas *ponto zero* são aquelas iniciais a partir das quais os pontos cruciais são moldados para a continuidade da pesquisa. “É o momento onde se pode aprofundar os pontos indicados na problemática e que devem ser perseguidos pelo pesquisador.” (HOLANDA; MEIHY, 2007, p.49).

Depois que as entrevistas foram realizadas, tratei de transcrevê-las, textualizá-las e transcriá-las mediante os procedimentos da história oral desenvolvidos no Núcleo de Estudos em História Oral/USP. Esses procedimentos constituem as etapas que vertem a dinâmica da oralidade em escrita.

A transcrição em história oral é o momento da passagem literal do código oral para a grafia. O oralista tem como meta transcrever todos os sons, gestos e ruídos produzidos no momento da entrevista, tais como: buzinas, barulhos de telefone, gestos produzidos pelo colaborador. “É o momento da transposição da fala bruta, onde perguntas e respostas foram mantidas, assim como, as repetições, erros e palavra sem

peso semântico.” (MEIHY, 2005, p. 198). Nessa ocasião, trancrevi todas as palavras em espanhol que os meus colaboradores citavam, deixando o texto em “portunhol” para depois, na transcrição, traduzir o sentidos construídos no momento da gravação.

A textualização é a fase onde são eliminadas as perguntas, retirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico. O que se busca é a construção de um texto fluido para ser lido, em que o narrador é posicionado como agente principal do texto.

O conceito de transcrição (HOLANDA; MEIHY, 2007) surgiu a partir de um processo de tradução que Otávio Paz e Haroldo de Campos desenvolveram no campo da tradução de poesias. Para ambos, a tradução de poesias deveria manter o sentido da mensagem de uma estrutura linguística para outra, recriando-se, assim, a aura da mensagem primeira. Valendo-se do debate da transcrição na poesia, Meihy incorporou e aplicou este conceito, mediante uma adaptação às entrevistas de história oral. Nesse diálogo interdisciplinar, o conceito de transcrição surge como uma recriação da atmosfera da entrevista, como uma tradução possível deste momento, na qual se re-trabalha toda a entrevista sem ferir o sentido primordial da mesma, incluindo no texto final, os silêncios presenciados na entrevista, a *performance* narrativa do colaborador. Assim, seria uma forma de recriar o momento da entrevista, para comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado.

É necessário esclarecer que a transcrição foi um processo importante porque para fazê-la utiliza-se do caderno de campo com o objetivo de traduzir na narrativa toda a atmosfera que envolve o encontro com o narrador. Assim, para tornar o texto fluido e de forma compreensível no momento da leitura, deixei em espanhol apenas as expressões que eram citadas quando se falavam de questões afetivas ou quando o narrador explicava situações específicas, como diálogos com os familiares, espaços e momentos que foram importantes para a vida do mesmo. Deixei algumas palavras com a finalidade de marcar as expressões identitárias e a singularidade de cada narrador.

Cabe ressaltar que todo processo é a tentativa de recriar o discurso do colaborador no momento da entrevista, sendo mais importante a recriação do sentido que será finalizado com a autorização e conferência da narrativa pelo colaborador.

É salutar dizer que com relação às entrevistas realizadas na Bolívia na língua castelhana, houve primeiro a transcrição em língua espanhola e, depois foi feita a

tradução para língua portuguesa. Depois desse processo, foi realizada a textualização e transcrição que priorizou o sentido do texto.

Deste modo, exemplifico as etapas cumpridas para construção das narrativas nessa pesquisa: pré-entrevista (primeiros contatos, esclarecimento de como se chegou aos colaboradores, de quais os objetivos do projeto e alguns procedimentos, conhecimento prévio da história pessoal e preparação do material e da pauta), entrevista (gravação, agradecimentos e meios de contato), caderno de campo, transcrição, textualização, transcrição, pós-entrevista (conferência, autorização para uso da entrevista e carta de cessão), elaboração de resumo para arquivamento, arquivamento, publicação e devolução aos entrevistados.

1.2.2. Inscrição do Tema de Pesquisa em Área de Estudo

Uma vez estabelecidos os gêneros e procedimentos relacionados a construção da narrativa, cabe agora estabelecer em quais linhas de estudos essa dissertação se vincula.

História oral de vida foi o gênero de história oral escolhido para realizar a pesquisa, que se fundamenta nas construções narrativas do conjunto de experiências de vida de pessoas. Este gênero prioriza os aspectos gerais do comportamento social dos entrevistados, porém não se separa das questões que envolvem a vida social, cultural, econômica, política e religiosa de quem é entrevistado (MEIHY, 2005, p. 151).

Famílias, porque foram realizadas entrevistas com famílias de bolivianos que vivem em São Paulo. Entendemos por família uma estrutura relacional composta por indivíduos que possuem entre si vínculos que geram comprometimento mútuo ou propósitos comuns. Geralmente, o principal vínculo entre essas pessoas é consanguíneo, porém nesta pesquisa levaremos em conta outros elementos aglutinadores, tais como solidariedade, identidade ou projetos de vida. Escolhemos trabalhar história oral na modalidade vida de famílias porque isso possibilita ver além do agrupamento das histórias de vida dos indivíduos de um mesmo grupo; ou seja, favorece a compreensão acerca das identificações, retomadas e/ou construção de um projeto familiar na relação com os problemas sociais, culturais e econômicos mais amplos. Em nosso grupo de estudos NEHO-USP - temos exemplos dos trabalhos de Cristina Peres (1996), Samira Adel Osman (1998), Sônia Novinsky (2001), Suzana Ribeiro (2002) e Xênia de Castro Barbosa (2009) que, olhando para diferentes comunidades, conjugam em seus estudos a história oral e a temática familiar. Estas pesquisas discutiram a problemática de gênero e gerações em suas comunidades de trabalho.

Os bolivianos foram o núcleo de referência da comunidade de destino¹⁴ na qual foram realizadas as 27 entrevistas para embasar essa dissertação. Essas pessoas vivenciam o fenômeno da migração no contexto brasileiro, sendo que uma parcela delas encontra-se alijada dos seus direitos jurídicos de cidadania, sendo obrigadas a se

---

¹⁴“Comunidade de destino no seu plano físico diz respeito a situações que vinculam pessoas, clãs e grupos expostos a circunstância que dão unidade traumática ao destino das pessoas: calamidades, terremotos, pestes, flagelos, marcam a vivência coletiva de um grupo. A base psicológica diz respeito às experiências de cunho moral: pessoas afetadas por dramas subjetivos ou não naturais como violência, abusos, arbitrariedades, discriminação”. (HOLANDA, Fabiola; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. São Paulo: Contexto, 2007. p. 51)

submeter a precárias condições de trabalho. Esses indivíduos, muitas vezes, se alimentam e dormem nas oficinas em que trabalham, locais pequenos e pouco iluminados, onde permanecem realizando suas atividades por mais de doze horas, tendo direito a descanso apenas no período da madrugada e aos domingos. Por esse trabalho, recebem salários abaixo dos regulamentados pela legislação brasileira, pois do valor total são debitados os custos com alimentação e moradia. A maioria dos que se sujeitam a essa situação são migrantes ilegais¹⁵ que, devido ao estatuto sócio-político em que se encontram, não possuem documentos para permanência e trabalho no Brasil. Nesse contexto, voltaremos nosso olhar para formas de relação econômica que, baseadas na desigualdade e na diferença, chegam aos limites de negação das condições de humanidade ao migrante.

Entendemos por migrante toda pessoa que se desloca, transferindo-se de sua residência comum para outro lugar, região ou país, ou perdendo a posição social no seu espaço comum, sendo excluída e tendo restrita a sua perspectiva de reinserção no processo social produtivo (ZAMBERLAM, 2004).

Assim, tendo como principal base de ancoragem os pressupostos da história oral desenvolvidos pelo NEHO/USP e fundamentados por Meihy (1990, 1991, 1996, 2004, 2005, 2006, 2007), elaborei um projeto pelo qual pudesse conciliar um estudo sobre a migração na América Latina, a questão familiar e os valores do emigrante. Pretendo, dessa forma, contribuir com a discussão de um problema importante não só para a sociedade brasileira no contexto atual, mas para todas as sociedades que hoje vivenciam os movimentos de deslocamentos e dos atingidos pelos fortes processos de desigualdade sociais, culturais e econômicas: a migração.

Para Thomson, o fenômeno migratório tem se constituído em um campo vasto e fértil para a pesquisa em história oral, pois “o testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram a “complexidade real do processo da migração” e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades.” (THOMSON, Alistair. 20002. p. 344).

---

¹⁵Para Zamberlam, o grupo de imigrantes ilegais ou indocumentados constitui-se por “pessoas que residem no Brasil que, por razões diversas, mesmo com direito a residir no país, não providenciaram sua documentação ou, após obtê-la, não tomaram as necessárias providências para assegurar sua validade” permanecendo em situação irregular. In: O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

Sabemos que a migração, de modo geral, é tema de estudo nas mais diversas áreas das ciências humanas, com destaque à Sociologia, Antropologia, Geografia, História, Demografia. Entretanto, a migração e/ou imigração boliviana, na Cidade de São Paulo, não foi estudada no âmbito da história e, especificamente, não foi estudada no âmbito da história oral.¹⁶ Utilizar o gênero da história oral de vida, que tem como prioridade a experiência do colaborador (entrevistado) na ação de construirmos o texto em diálogo conjunto (colaboração), justifica-se porque dá ênfase também ao mundo subjetivo dos migrantes. Ou seja, valoriza os mundos internos dos e/imigrantes, suas subjetividades: emoção, paixão, fantasia, seleção de fatos. Atenta para o quê e o como dos fatos selecionados, valores, silêncios, impressões, esquecimento, mentiras e visões de mundo. Por estas questões, e por não haver nenhum trabalho de história oral com migrantes bolivianos, este trabalho mostra sua relevância e justificação.

A partir desse pressuposto, enfatizo a percepção produzida pelas próprias pessoas envolvidas no processo de deslocamento e sua mobilidade de trabalho, pois tenho como pressuposto que os motivos que levam as pessoas a migrarem, num processo de deslocamento próprio do mundo contemporâneo, são mais complexos do que os relacionados, somente, a causas econômicas e políticas. Assim, ao privilegiar a narração dos que estão envolvidos nos processos migratórios, pretendo ampliar as compreensões acerca das correntes sociais que agem sobre o indivíduo; e também ampliar as compreensões acerca de como os indivíduos agem e modificam o cenário social no qual estão inseridos.

Desse modo, a migração boliviana, entendida a partir de experiências singulares de vida, possibilitou visualizar, além das questões sócio-culturais que afetam e fundamentam os modos de compreender o homem contemporâneo, as questões subjetivas impressas nas narrativas. Desta compreensão micro, pode-se também salientar os modos de constituição de subjetividade daqueles que vivem sempre sob o signo de ser estrangeiro, ou de ser diferente. É, portanto, um trabalho que busca olhar para a alteridade, visando compreender acerca do que é subjetivo e possibilitando que se chegue à esfera pública, mediante as narrativas de vida, os processos de exclusão que fundamentam as relações capitalistas na sociedade contemporânea.

---

¹⁶Sobre este tema, um dos poucos trabalhos que existe foi desenvolvido pelo antropólogo Sidney Antonio da Silva em seu trabalho de mestrado “*Costurando Sonhos: etnografia de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo*”, e em sua tese de doutorado intitulada “*Virgem/Mãe/Terra: festas e tradições bolivianas na metrópole (2007)*”.

Estabelecido o território da pesquisa, o gênero de história oral escolhido permitiu a construção de narrativas que foram analisadas no seu conjunto, circunscrevendo a memória individual juntamente com a memória coletiva de todos os colaboradores. Mediante isso, fez-se uso do conceito operacional de comunidade de destino como mote norteador do trabalho, pois é a base material, psicológica, de gênero ou orientação (política, cultural ou sexual) das experiências dos indivíduos, marcando a união de pessoas em torno de dramas comuns vividos por uma dada coletividade e as mudanças de comportamento de grupos e comunidades. A comunidade de destino contemplada nesse projeto é aquela formada por migrantes bolivianos que residem na cidade de São Paulo.

O conceito de colônia é utilizado nessa pesquisa como uma subdivisão da comunidade de destino. Esse conceito é empregado para facilitar e organizar o estudo, pois as colônias seriam marcadas pelas relações de classe social, área geográfica, geração, gênero, etnia e outros. A colônia desse projeto é composta por pessoas que emigraram entre as décadas de 1950 e 1960, constituindo a primeira geração da migração de bolivianos em São Paulo; e por pessoas que emigraram depois da década de 1990, o que constitui o aspecto recente da migração, desenhando uma mobilidade atual para a cidade de São Paulo.

Assim, o conceito de rede foi utilizado como “uma subdivisão da ‘colônia’, portanto a menor parcela de uma ‘comunidade de destino’. Dentro da ‘colônia’ é possível identificar segmentos ainda mais restritos que possuam feições singulares. A rede deve ser sempre plural – idealmente várias -, porque nas diferenças internas aos diversos grupos residem as disputas ou olhares diferentes que justificam comportamentos variados dentro de um mesmo plano” (HOLANDA; MEIHY, 2007. p. 54). Assim, percebemos que a diversidade das redes implica explicações plurais que podem elucidar a complexidade dos processos migratórios.

Contudo, foi necessário estabelecer algumas adaptações ao conceito de rede utilizado nessa pesquisa, pois a complexidade do trabalho de campo, juntamente com as dificuldades, no início da pesquisa, em estabelecer as entrevistas para dissertação.

A primeira rede foi composta pelo grupo de amigos da narradora Marta, frequentadores da pastoral do imigrante e que estão há mais de trinta anos residindo no Brasil.

A segunda rede foi composta por pessoas que trabalharam nas oficinas costura e que atualmente estão em outros setores de trabalho.

A terceira rede composta pelas entrevistas dos intelectuais bolivianos que publicaram estudos sobre a temática migratória.

E a quarta rede composta pelas entrevistas foi de pessoas que tem famílias transnacionais, residindo na Bolívia e no Brasil, e que podem ser representadas pelas famílias de Roberto, Rose e Claudia.

1.2.3. Memória e História Oral

Nesta sub-temática faço uma discussão acerca do conto “Funes, o Memorioso” do escritor argentino Jorge Luis Borges, perpassa o conceito de memória trabalhado pela crítica literária, também argentina, Beatriz Sarlo, cujo livro é denominado “Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva”, para com isso, demonstrar as variações deste conceito na literatura acadêmica moderna e estabelecer um *locus* de enunciação com o meu trabalho de pesquisa; visto que o conceito de memória é fundamental para que se compreenda a dinâmica dos trabalhos em história oral.

No conto “Funes, o Memorioso” Borges conta a história de Irineo Funes, personagem portador de uma memória detalhista, capaz de recordar cada minúcia de um objeto, perceber as diferenças de odores de cada situação vivenciada, reconstituir cada sonho de um passado distante; “suas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada a sensações musculares, térmicas...” (1998, p. 105); possuía a capacidade fenomenológica de reconstituir um dia inteiro de sua vida, mesmo que para isso necessitasse de um dia inteiro para que tal atividade pudesse ser concluída. Sua memória era tecida pela capacidade de compor, em detalhes, o movimento da percepção mnemônica.

Assim, Funes disse ao narrador: “Eu sozinho tenho mais lembranças que terão tido todos os homens desde que o mundo é mundo [...] Minha memória, senhor, é como um monte de lixo” (1998, p. 105). A percepção de lembrar é uma das várias condições da faculdade mental humana, mas lembrar de tudo é algo absurdo dentro do panorama perceptível da realidade. Sua memória não é seletiva, é absoluta, não é reflexiva, é

racionalizada como um jogo de xadrez; não é porosa, pois preenche todas as fendas do esquecimento, não é passível de erro; embora, sua memória não contemple as nuances do pensar, pois para que este ocorra é necessário “esquecer as diferenças, generalizar, abstrair. No mundo entulhado de Funes não havia senão detalhes, quase “imediatos” dos objetos e cenas do acontecido (1998, p. 108). A memória transbordante fez de Funes um carcerário de suas próprias lembranças; preso no imaginário de suas recordações não podia libertar-se dos labirintos turvos de suas rememorações porque estava fadado a viver nas águas nebulosas e insólitas da saturação por rememoração. Funes é a metáfora da memória plena e absoluta.

A memória individual, como a memória dos narradores dessa pesquisa, é o espelho ao reverso de Funes, pois ao contrário dessa memória plena que Borges enfatiza no conto Funes, a memória individual é seletiva, falível, cheia de frestas, porosa e fadada ao esquecimento. É no jogo eterno entre o lembrar e o esquecer que a memória cria a sua atividade. A memória é por excelência uma representação presente de uma imagem ausente¹⁷, advento interligado à problemática da fenomenologia da imaginação. A representação de uma lembrança anteriormente percebida, adquirida ou aprendida, indica a inclusão de uma imagem na lembrança. A memória, na literatura de Borges, se desloca no diálogo entre a história e a ficção.

Em *Matéria e Memória*, Henri Bergson demonstra uma rica fenomenologia da memória que é exercitada em sua escrita, assim como uma série de distinções de caráter analítico. Para Bergson, o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das ideias. A análise de Bergson está pautada no princípio de diferença entre a percepção-ideia, que surge no centro de um presente corporal contínuo; e de outro, o fenômeno da lembrança, cujo aparecimento é descrito por meios divergentes entre o perceber e o lembrar.

O verbo lembrar que estabelece um processo de emanção, de vir à tona o que estava submerso no plano do inconsciente, estabelecendo o surgimento do passado no jogo contínuo entre o processo corporal e o presente da percepção. Para Bergson, a memória funciona do seguinte modo: “aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então

---

¹⁷ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens” (BOSI, 2004, p. 46).

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, também, interfere nos processos presentes das representações. É por meio da memória que o passado é atualizado e ressignificado, cruzando-se com o imediato do presente, onde desloca os espaços das lembranças para o plano da consciência. A memória surge como uma potência subjetiva e as lembranças se materializam em imagens e sonhos.

Apesar das contribuições de Bergson aos estudos referentes à memória, a relação dessa memória individual com os fenômenos e estruturas sociais do ato de lembrar não é trabalhada por ele. Maurice Halbwachs faz contraponto às análises de Bergson, na medida em que estuda os quadros sociais da memória. Desse modo, Halbwachs diz que a memória não está somente reduzida aos processos corporais e ao espírito, mas sim, aos processos e instituições sociais. A memória do indivíduo dependerá, agora, da relação entre as comunidades de destino em que o sujeito está inserido, tais como instituição familiar, partidos políticos, postos de trabalho, escola, instituições religiosas, etc. Todos os mecanismos sociais que compõem a vida do indivíduo, ajudarão a compor essa memória individual que, por fim, é constituída socialmente.

Para Halbwachs, imagem, lembrança e sentimento constroem-se nos meios e nas circunstâncias da esfera social. Para tanto, diz que

só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vida de um ou mais grupos e de nos situar em uma ou mais correntes do pensamento coletivo. Grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, só posso falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vida desse grupo (2004, p. 41) .

Desta maneira, a memória é social, livre, onírica, espontânea, dando a entender o caráter de eterna reconstrução da memória. Mediada pelo sujeito que lembra, a memória que Halbwachs teoriza é a memória do indivíduo atrelada à memória do grupo ao qual ele pertence; e este à esfera da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Precisamos ativar o mecanismo do estranhamento como forma de não cairmos nas armadilhas da percepção, como Ginzburg enfatiza em “Olhos de Madeira”¹⁸, pois o ato de perceber deve ser acompanhado do princípio de estranhamento para que não se

---

¹⁸ GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

caia no risco de banalizar a realidade. É necessário um olhar de distanciamento para não fetichizar esse passado reconstituído pela memória estudando os vestígios de memória e os testemunhos às avessas, como foi promulgado por Benjamin em seus escritos. A memória traz consigo as “relações de força” de seu tempo e dos sujeitos que as ativam.

No livro de Ecléa Bosí, ela destaca a proeza que a memória representa:

“Não basta um esforço abstrato para recriar impressões passadas, nem palavras exprimem o sentimento de diminuição que acompanha a impossibilidade. Perdeu-se o tônus vital que permitia aquelas sensações, aquela captação do mundo. Quando passamos na mesma calçada, junto ao mesmo muro, o ruído da chuva nas folhas nos desperta alguma coisa. Mas, a sensação pálida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Esta sombra tem algo parecido com a alegria, tem o seu contorno: é uma evocação” (2004, p. 84).

Essa memória que é matéria de experiências de vida vai perdendo suas evidências com o correr dos anos. Os sujeitos são dados a lembrar quando utilizam o discurso, expressam por meio da linguagem, a memória de suas vidas. Memória sonho, memória onírica, lugares de memória são dimensões de algo que está em constante modificação e repleto de significação social.

É importante salientar que memórias são lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos ocorridos, objetivos e materiais de uma vida, mas cada narrador constrói e qualifica essas lembranças por meio do filtro de suas experiências. As memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas. A independência delas se explica pela capacidade de individuação. Porém, nem sempre a memória de um passado distante irrompe por questões de querer. Às vezes, é fruto de apagamentos, silenciamentos, ocasionados por traumas, situações de guerra, violências de Estado e outros fatores.

A problemática da narrativa e da experiência foi debatida nos escritos de Benjamin, principalmente, os intitulados “O narrador” e “Experiência e pobreza”¹⁹. Para Benjamin, a narrativa tem um caráter artesanal e funda-se na experiência passada oralmente de uma geração à outra e carrega consigo a experiência daquele que narra, o narrador. Assim, Benjamin escreve:

“Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde quando ninguém mais fia ou tece enquanto ouve história. Quando mais o ouvinte se esquece de si mesmo,

---

¹⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas, vol. 1: p. 197-221, São Paulo: Brasiliense, 1987.

mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo de trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que a adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual... Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (1987, p. 205).

O advento do capitalismo, ao interferir na dinâmica do trabalho, trouxe à narrativa mudanças na forma de transmissão da experiência. Com o surgimento do romance, esse tipo de experiência passou a ser, gradativamente, prejudicado porque enquanto a narrativa era compartilhada coletivamente, por meio da oralidade, a outras gerações, o romance é um estilo que surge com a invenção da imprensa e que tem uma produção e um consumo individual, desvinculando-se, assim, da experiência partilhada em grupos.

Narrar histórias é uma forma de continuar em contato com a experiência, e nesse contexto a experiência ganha ampla dimensão. No entanto, a narrativa na contemporaneidade adquire outros significados e, atualmente, está misturada a diferenciados tipos de linguagens dos aparatos tecnológicos e meios de comunicação. A narrativa é “contada, lida ou vista no cinema, no livro ou qualquer outro veículo, mas não tem mais o vínculo com a produção artesanal na troca coletiva de experiências” (FERNANDES, 2003, p. 13). Há necessidade de recuperá-la, e a história oral é um dos exemplos mais latentes nesta busca, pois quando o entrevistado narra sua vida, rememora uma vivência esquecida, e a história oral trabalha com a valorização da experiência que ultrapassa o tempo fugaz da vida contemporânea.

Remeter-se ao silêncio e à memória, é perceber o quanto eles são permeados de sentidos e significados. A memória é “essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar e se integra, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações.” (POLLAK, 1989, p. 7). Desse modo, por existirem na lembrança atos de apagamentos, silenciamentos, esquecimentos, zonas de interditos e não-ditos, pode-se supor que os silêncios da memória são múltiplos porque podem expressar, como escreveu Orlandi, “emoções, o místico, a contemplação, a introspecção, a revolta, a resistência, a disciplina, o exercício do poder, a derrota da vontade...” (ORLANDI, 1997, p. 44). Existe uma relação entre silêncio e memória e essas

dimensões da linguagem e da vida são repletas de significação. Pensar a memória como plataforma de acionamento dessas dimensões da vida é perceber a problematização das questões referentes aos sujeitos discursivos.

No livro “*Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*”, Beatriz Sarlo apresenta algumas críticas aos usos e abusos do conceito de memória na esfera acadêmica, social e jurídica. Sua análise perpassa, desde narrativas não-ficcionais como romance históricos, biografias, autobiografias, entrevistas, histórias de vida, literatura de testemunho, até a própria incorporação desses estilos de memória no cânone acadêmico. Num balanço teórico sobre o *boom* da memória que é projetada na esfera social, ela diz: “vivemos na era da memória e o temor ou a ameaça de uma ‘perda de memória’ corresponde, mais que a supressão afetiva de algo que deveria ser lembrado, obedece a um ‘tema cultural’ que, em países onde houve violência, guerra ou ditaduras militares, se entrelaça com a política” (2007, p. 21). Esse retorno abusivo ao passado gera conflitos e guerras por aqueles que se acham detentores da memória de uma época e que pretendem legitimar suas versões diante de fatos e acontecimentos.

Vivemos num tempo de forte exposição das idéias, em que pessoas comuns fadadas a não existirem no discurso da historiografia, hoje são convidadas a dizer, a mostrar suas visões de mundo, serem ouvidas e participarem do plano historiográfico. As histórias do cotidiano, do tempo presente, da vida privada, dos oprimidos, antes relegadas às exclusões da história, passaram a ser reconhecidas pelos historiadores, pois as pessoas não são apenas frutos das estruturas históricas e sim protagonistas de negociações e de rebeliões privadas contra o poder vigente. Seus relatos eram ignorados, e recentemente, suas rememorações passaram a demandar novos métodos que “tendem à escuta sistemática dos discursos de memória” (2007, p. 17), como as cartas, os diários, os conselhos, as receitas culinárias e as orações.

Essa nova postura frente à produção do conhecimento ocasionou o que Sarlo denomina, nos dias atuais, de “guinada subjetiva”, fenômeno que tende, cada vez mais, a privilegiar os estudos de caso e abordagens ou fontes que favoreçam a possibilidade de investigar as estratégias individuais em que a primeira pessoa do relato e o discurso indireto livre tomaram a palavra e passaram a exercer o empoderamento da palavra narrada, como modos de subjetivação do narrado. Para Sarlo:

Esse reordenamento ideológico e conceitual da sociedade do passado e de seus personagens, que se concentra nos direitos e na verdade da subjetividade, sustenta grande parte da iniciativa reconstituidora das décadas

de 1960 e 1970. Coincide com uma renovação análoga na sociologia da cultura e nos estudos culturais, em que a identidade dos sujeitos voltou a tomar o lugar ocupado, nos anos 1960, pelas estruturas. Restaurou-se a razão do sujeito, que foi, há décadas, mera ‘ideologia’ ou ‘falsa consciência’, isto é, discurso que encobria esse depósito escuro de impulsos ou mandatos que o sujeito necessariamente ignorava” (2007, p. 19).

A história oral e o testemunho restabeleceram a confiança na primeira pessoa que narra sua vida para conservar essa lembrança ou para reparar uma situação ou identidade prejudicada. Para Sarlo é necessário, mais do que entender os processos de memória, entender a lembrança e examinar essa presença ausente do passado. A autora questiona a firmeza e autenticidade da memória, pois “recuperar o que foi perdido pela violência do poder, desejo cuja inteira legitimidade moral e psicológica não é suficiente para fundamentar uma legitimidade moral e psicológica não é suficiente para fundamentar uma legitimidade intelectual igualmente discutível” (2007, p. 42). Caso a memória almeje recuperar esse lugar perdido num tempo passado estaria, assim, eliminando o movimento que a afastaria de um plano utópico do discurso.

O valor da veracidade do testemunho pretende se sustentar a partir da experiência, na medida em que pode contribuir no ato de reparar um mal sofrido, tal como em casos de violência de Estado. No entanto, Sarlo demonstra a urgência de problematizar a extensão dessa hegemonia de memória como forma de compensar um dano social:

induz uma relação afetiva, moral, com o passado, pouco compatível com o distanciamento e a busca de inteligibilidade que são o ofício do historiador. Essa atitude de deferência, de respeito congelado diante alguns episódios dolorosos do passado, pode tornar menos compreensível, na esfera pública, a pesquisa que se alimenta de novas perguntas e hipóteses. Do lado da memória, parece-me descobrir a ausência da possibilidade de discussão e de confrontação crítica, traços que definiriam a tendência a impor uma visão do passado (2007, p. 43).

Sarlo salienta, também, a questão da pós-memória, capacidade de reconstituir as experiências de gerações passadas, apoiado na memória e em seus vestígios por meio de fatos recentes não presenciados pelos sujeitos que vivenciaram os acontecimentos, mas por herdeiros de gerações que passaram por traumas ou manifestações de violência. Essa tendência enfatiza que a “experiência do passado é vicária”. Para a autora, a diferença da memória para outras reconstituições do passado, reside primeiro no aspecto específico da imediatez, que trata de feições específicas da dimensão do passado;

segundo por se tratar de uma memória onde estão explícitos dois níveis de subjetividade, a memória das gerações anteriores e a memória de quem a herdou. Esses detalhes dão visibilidade nas aparências fragmentárias dessa lembrança do passado ao demonstrar a incapacidade de visualizar o todo, principalmente, para as gerações que passaram por alguma experiência traumática.

Deste modo, a pergunta que a autora faz ainda reside, nos fazendo perceber até onde vão os limites dessa lembrança: qual a zona de conflito entre a experiência do trauma e as outras experiências de vida desse mesmo sujeito? Beatriz Sarlo tenta responder esses impasses por meio da literatura. Para ela, a literatura não consegue dar conta de toda a dimensão da vida e do discurso, mas ao menos tenta explicá-los, pois no plano da ficção o narrador sempre pensa de fora, causando um estranhamento, uma distância para “compreender menos, ser ingênuos, espantar-se, porque são essas reações que podem nos levar a enxergar mais, a aprender algo” (2007, p. 119) mais próximo da dimensão simbólica e material da realidade.

Por conseguinte, a exposição do conceito de memória foi abordada neste trabalho com o intuito de perceber as nuances desse conceito. Se em “Funes, o Memorioso” essa memória representa uma plenitude, não poderíamos dizer o mesmo para representar as dimensões da memória individual do sujeito no cotidiano. Ainda que Jorge Luis Borges não tenha escrito nada que formalize uma teoria da memória, por seus textos perpassam a poética e a filosofia em que a memória ocupa uma parte central. A memória em Borges é uma articuladora de tempos, recusa ser representada pela unicidade da narrativa, critica o prevalecimento de uma consciência histórica, estabelece contradições entre ficção e realidade, aponta a dialética entre tradição e fixidez, desconstrói o paroxismo do horror, podendo ser vista como um mecanismo de criar e desconstruir realidades.

Assim, a avaliação teórica realizada por Beatriz Sarlo tem uma importância primordial para os estudos sobre a memória e para a prática do historiador, uma vez que fica a irrestrita questão de como conciliar os diferenciados tipos de fontes, sem se deixar seduzir pelo canto das sereias que o aparato da comunicação moderna nos oferece. A perspectiva de ler e analisar os discursos da memória a partir do ponto de vista história oral também permite enxergar a perspectiva do discurso da memória mediante uma reflexão invertida de tempo, espaço e representações, uma vez que nos aportamos em

narrativas constituídas no presente para tentar compreender a dinâmica social de um passado.

Em consonância com o que foi afirmado acima, o conceito de memória tem atenção especial nessa pesquisa (história oral com famílias de migrantes bolivianos na cidade de São Paulo) porque é por meio dela que os colaboradores tecem suas narrações. Ela é concebida na pesquisa como um

conjunto de impressões, imagens, lembranças e experiências recriadas pela linguagem. Não é fixa, monolítica, definida, mas encontra-se em constante elaboração. Concentra experiências oficialmente avalizadas, como também experiências que escapam ao enquadramento do que é considerado oficial e digno de ser lembrado, por serem experiências capazes de gerar memórias específicas e desencadear não só narrações das experiências vivenciadas, mas novo posicionamento ético e político frente ao mundo”. (BARBOSA, 2009. p.11).

A relação entre memória e história oral é muito próxima, uma vez que o oralista se utiliza das memórias materializadas nas narrativas para fazer posteriores análises. É importante frisar que os textos constituídos mediante os pressupostos da história oral são frutos de uma postura ética de colaboração, uma vez que a narrativa é resultante de negociações com os colaboradores, que conjuntamente com o oralista, compõem a partitura final da narrativa.

1.2.4. Mediação e Negociação

Pensamos o conceito de mediação em história oral a partir das concepções de “Cultura de Mediación y Cambio Social” (2003) de Maria Carme Boqué Torremorell, onde a autora estabelece que a mediação não é um tema novo, advém de um longo processo histórico. No livro é estabelecida variadas formas de conceber o conceito, entendido enquanto teoria e prática para a resolução de conflitos, aprendizagem emocional, negociação de poder. Fundamentada nas teorias de resolução de conflitos, para a mesma a mediação têm como método: estratégias e a linguagem da negociação para resolver conflitos e alcançar acordos entre sujeitos e instituições. O trabalho revela, também, que a mediação social tem surgido como um campo disciplinar favorecendo a prevenção, a gestão e a resolução pacífica dos conflitos. E como prática de atuação tem

envolvido deferentes ramos profissionais, tais como: advogados, psicólogos, sociólogos, pedagogos, historiadores, entres outros, para buscar formas para superar os contornos irreconciliáveis, e com isso, fomentar o diálogo e construir novas formas de cooperação.

A primeira parte, intitulada “Los orígenes de la mediación” descreve a figura do mediador como aquele que associa a paz e a justiça, um ser que dialoga e que é possuidor de um sentido comum relacional para participar dos conflitos alheios e que exerce sobre eles uma força estruturante. A autora demonstra as diferenças do exercício da mediação entre os países europeus e os países da América do Norte. Para a autora, a mediação nos Estados Unidos é motor de arranque dos movimentos sociais e de direitos humanos, enquanto na Europa surgiu primeiro no âmbito da academia, para depois transladar para a esfera social devido o apoio de instituições e entidades sociais. Deste modo, as múltiplas esferas que vestiram a ‘camisa’ da mediação proporcionaram a expansão desta forma de atuação para cenários diversos, fazendo com que emergisse o nascimento de um novo campo profissional.

A segunda parte, “Revisión del concepto de mediación” faz uma ampla retrospectiva do conceito na cultura ocidental. Demonstra que o conceito é histórico e vem sendo utilizado desde o momento em que é necessário usar a “razão por cima das armas”. Primeiramente, tem como exemplo que a mediação “é um método alternativo de resolução de disputas na presença de uma terceira parte (o mediador), que por sua vez deve agir como elemento neutro para coordenar as relações de poder num processo informal de negociação, com o objetivo de se chegar a um acordo de forma pacífica” (Torremorell, 2003, p. 22, tradução minha).

A outra matriz vê a mediação como uma técnica e arte que requer o livre consentimento dos participantes na qual a decisão final do acordo deve ser para prevenir ou curar conflitos (2003). Ela diz que para autores como Adam Curle (2003, p.53, tradução minha), “a mediação é vista como uma transformação que promove o crescimento moral e que é geradora de uma revalorização das partes em conflitos”. Agora, para Cobb (2003, p. 31, tradução minha), a mediação promove um modelo circular narrativo, pois esta é uma base da comunicação em processo de narração entre os sujeitos envolvidos.

Assim, é necessário fazer uma síntese das perspectivas de aportes teórico desse campo. A primeira linha de análise questiona se a mediação como método de resolução de conflitos, e dirá que como “resolução de conflitos designa como uma corrente

inovadora de pensamento e de aplicação daquilo que aspira compreender e intervir positivamente nas resoluções de conflitos de uma maneira prática e não violenta” (2003, p. 26, tradução minha). Desta forma, o processo de interação e cooperação entre as pessoas, a mediação pode converter-se em uma conduta indispensável para a existência de comunidades humanas baseadas na prática efetiva dos valores de convivência.

Para Torremorell o mediador é presença fundamental para resolução dos conflitos porque assume a função de ponte, de presença catalisadora nos processos de mediação. Sendo assim, alguém de ‘fora’ que entra numa situação de inconveniência, que pode “modificar as posições discursivas das pessoas e, no processo, gerar uma nova pauta de interação, uma nova interdependência” (2003, p.31). A autora enfatiza que não existe neutralidade na atividade de mediação, assim, evoca o conceito de *multipartialidade* para designar uma não dependência e uma empatia, pois ela acredita que na posição de mediação a pessoa deve ser independente com relação aos atores em conflito, podendo assim, adotar atitudes empáticas, não neutras, que possa construir confiança, incorporando a carga de signos no desenvolvimento do processo mediador.

Em seguida, a autora enfatiza que as formas de poder exercida na mediação devem ser de contorno relacional, uma vez que, tanto o mediador quanto os protagonistas do conflito devem chegar a alguma forma de acordo. Na obra, as manifestações, unânimes nessa ocasião, desencorajam o exercício de poder por parte do mediador, propondo um equilíbrio de poder entre as partes para se alcançar um acordo.

Importante destacar que existe uma diferença entre negociação e mediação, assim, ela diz que as bases do processo de mediação está na negociação. Deste modo, a mediação “não pode ser vista simplesmente como um acréscimo da negociação, ou como um conjunto de técnicas importadas por alguém complementamente afastado a disputa para corrigir os respectivos erros de que se encontra no conflito. É uma parte integral do processo de negociação e gestão de conflitos na qual cada ator, o mediador incluído, interam com os outros, exercendo uma influencia e buscando promover um resultado específico” (2003, p.42, tradução minha).

Existem alguns erros e equívocos que precisam ser desconstruídos ao se referir à mediação social. Torremorell enumera que se “acredita que o mediador é um esperto em resolver conflitos e que, por sua vez, bastará transpassar os problemas, novamente desapropriando-nos deles, para que eles se encontrem em uma boa solução. Para a autora sempre resulta em decepção descobrir que o mediador não possui uma varinha

mágica de uma formula secreta que, uma vez administrada, nos permitirá alcançar nossas pretensões. Também se pensa que ficar frente a frente com aqueles que, abaixo nosso próprio ponto de vista, dificultará o nosso caminho e permitirá dar continuidade a confrontação, ainda que uma pessoa não saiba reconhecer e outorgar a razão” (2003, p. 67, tradução minha). Assim, é importante salientar que afrontar os conflitos não é só uma questão de técnica, mas também de atitude, uma vez que a implicação não se dá somente no campo cognitivo, como também no socioafetivo e axiológico.

Na terceira parte deste livro intitulada “Modelos de mediación” dão-se padrões para resolução de conflitos. O primeiro deles seria o ‘modelo de solução de problemas’ que consiste em um método alternativo de resolução de conflitos conduzido por um mediador neutro e imparcial que dirige as partes na negociação de um acordo mutuamente aceitável. O segundo modelo seria o de ‘mediação transformativa’ denominada como diretiva que prega que as dimensões da mediação social estão relacionadas com uma visão baseada no desenvolvimento moral e nas relações interpessoais, muito mais e na satisfação e na autonomia. O terceiro modelo seria o comunicacional ou denominado circular narrativo que tem como proposta medir os elementos do conflito através dos componentes verbais e dos sistemas de comunicação digital. Para tanto, este modelo está centrado tanto nas relações quanto nos acordos.

Com base na teoria do construcionismo social, onde se postula que a comunicação humana constrói o mundo e não é a sua representação, assim, os autores dessa teoria entendem que a “evolução de um conflito enfoca não só as emoções, intenções e crenças dos participantes, como também seus interesses, não só os domínios simbólicos, narrativos e dialógicos, como o meio em que constrói e transformam os significados e práticas e surgem identidades, mundos sociais e relações emergentes” (2003, p.76, tradução minha). Com este modelo a autora conclui a idéia que a mediação comunicacional permite novas possibilidades dialógica no processo de conflito.

A quarta parte do livro intitulada “Descripción del proceso mediador” expõe o movimento circular de entrada e saída da mediação, passando pela escuta, adaptação, arregular, para se chegar no acordo. Para a autora, o processo de entrada consiste em uma fase de explicação de todo o processo de mediação, assim, o elemento essencial seria a voluntariedade dos protagonistas que decidem participar do processo, uma vez que autoriza a intervenção de outra pessoa, valorizando assim, a pertinência para os sujeitos envolvidos participem do processo.

O movimento de escuta é o momento em que o mediador se dispõe a escutar ativamente a história de cada parte, criando-se um ambiente de confiança e ajuda para apoiar as partes envolvidas.

O movimento de *situarnos* é marcado quando o mediador começa a pensar na relação eu/tu/nós, pois trata de marcar no movimento as áreas de trabalho, de criar um marco comum, um momento que avance na situação e ajude a melhorar o conflito.

O movimento *arregular* é o fortalecimento progressivo das partes envolvidas e estabelecimento de poder de reconhecimento mediante o processo de colaboração, para que enfim, dar-se o acordo que é momento onde os protagonistas trabalham para propor um acordo ou um plano de ação conjunta. Deste modo, a autora destaca que uma das tarefas mais importante da mediação reside em obter credibilidade, conseguir que as pessoas imersas no conflito, autorgue confiança para a pessoa e para o processo como um todo.

Na quinta parte do livro: “Hacia una cultura de mediación”, Torremorell propõe alguns apontamentos para se utilizar da mediação na sociedade contemporânea. Ao enfatizar a utilização dos processos de mediação na resolução de conflitos possibilita uma nova configuração das relações de poder vivenciadas pelos sujeitos sociais, uma vez que ocorreu uma redistribuição do poder, agora, baseado nas formas de conhecimento e inovação, necessitando de novas formas de relações e comunicação com as pessoas.

Essa perspectiva prática e teórica proporciona uma mediação que serve como ponto de encontro para a incidência com os diferentes posicionamentos, sem querer homogeneizar os discursos opostos. Sabe-se que o processo de mundialização de mercadorias tende a querer fundir gostos e práticas criando consumidores. Torremorell deixa claro que essa não é a linha de ação da mediação social, mas a necessidade de criar espaços comunicacionais de diálogo.

Para a autora os sujeitos protagonistas do conflito são pessoas com bagagens culturais e experiências únicas que, ao tomar uma posição em suas vidas, participam na construção e reconstrução de si mesmas, dos outros, de suas relações e do contexto que as envolve. Assim, os sujeitos se constituem em agentes que balançam as estruturas de poder e dependência e, buscam autonomia para suas ações.

Torremorell finaliza o livro dizendo que a interpretação cultural da mediação tem um projeto coletivo de humanizar as ações sociais para que se viva numa sociedade que conduza a uma existência menos violenta.

A importante relação desse livro com os procedimentos da história oral reside em demonstrar que a história oral utiliza o conceito de mediação social dentro de seus procedimentos para estabelecer relações de colaboração entre o entrevistado (colaborador da pesquisa) e o pesquisador (mediador); uma vez que é importante a participação ativa do entrevistado no processo de construção da narrativa, estabelecendo as diretrizes do que deve ou não ser dito na ação de pesquisa, assim, é importante por estabelecer relações de disparidade no momento da entrevista, já que o poder do discurso está a critério do narrador. A relação de mediação reconfigura as relações de poder no processo de pesquisa e, por isso, é importante frisar as diferenças e semelhanças no ato de construção da pesquisa.

E nessa pesquisa, em muitos momentos, a tentativa de resolver ou dar recados a outras partes envolvidas, foi perceptível como forma de reconciliação entre alguns membros da família envolvida, neste caso a família Patzi; como também, uma forma de reparação do próprio sujeito que narrou a sua história motivando-o a entender determinado contexto de sua própria vida e da história familiar.

1.2.5. História Oral Temática

Nesta pesquisa, realizamos entrevistas com intelectuais bolivianos porque necessitávamos construir uma teia de aportes explicativos a partir da visão dos intelectuais (Bolívia) como mecanismo para compreender fenômenos socioculturais que somente uma comunidade de pesquisadores locais possui para desatar os nós discursivos de um contexto específico, uma vez que as tramas das vidas das pessoas circunscrevem sutilezas que somente o olhar não genuíno pode descrever.

Tendo como mote essa perspectiva, a história oral temática mostrou-se importante para entender o problema a partir de seguimentos analíticos provenientes da Bolívia como base explicativa que pudesse aprofundar as entrevistas de histórias de vida realizadas tanto no Brasil quanto na Bolívia. Cabe ressaltar que as entrevistas

realizadas com intelectuais não foram utilizadas como forma de negar os aportes explicativos das histórias de vida, muito menos para comprovar a visão dos intelectuais sobre a vida das pessoas comuns, mas sim, como forma de correlacionar idéias díspares sobre o processo migratório, entrelaçando as linhas analíticas manifestadas nas redes dos entrevistados.

Assim, é importante ressaltar que as entrevistas dos pesquisadores bolivianos passaram por recortes temáticos que selecionou as perguntas para, em seguida, dispô-las em correntes conjuntas para análise. As narrativas dos intelectuais constituídas nesse trabalho foram cotejadas junto com os apontamentos historiográficos sobre o conceito de emigração/imigração, onde definimos as especificidades dos problemas relacionados nas redes das entrevistas.

A forma de análise do material confeccionado deu-se pelas entrevistas em sua autonomia, privilegiando as subjetividades contidas em cada uma das histórias de vida, sendo articuladas em conjunto, construindo, deste modo, uma teia de explicações sociais que deram explicações à dinâmica social no processo de emigração.

Depois de efetuado o registro das histórias de vida e de tê-los convertido em documentos, procedeu-se a análise em duas instâncias principais: em nível do discurso e em nível historiográfico. No primeiro caso, ilustrado na parte II, verificaremos as questões segundo a visão dos participantes e no segundo momento, descrito na parte III, foi considerado o leque temático das entrevistas com os intelectuais bolivianos em diálogo com a historiografia sobre estudos migratórios.

1.2.6 Quadro de entrevistas realizadas

A fim de que o leitor visualize o número e processo de construção das entrevistas, coloco as seguir o quadro de entrevista realizadas no Brasil e na Bolívia como forma de aproximação do campo da pesquisa. Assim como, também é possível visualizar as redes da pesquisa, por meio de um esquema de indicação das entrevistas realizadas. Ao todo foram 27 entrevistas, sendo, 17 realizadas no Brasil e 10 realizadas na Bolívia.

Mapa da Bolívia com setas indicando os locais de onde partiram os colaboradores²⁰

1.2.7. Rede de Entrevistas – Brasil – São Paulo

²⁰ <http://www.bolivia-internet.com/bolivia/mapas/vermapa.php?file=bolivia> acesso em 26/06/2011.

1.2.8. Família Patzi e sua rede social

1.2.9. Rede de Entrevistas – Bolívia – LA PAZ

1.2.10. Rede de Entrevistas – Bolívia – SANTA CRUZ

PARTE II

2.1. Identidades Negociadas

Na segunda parte dessa dissertação demonstro, por meio dos fragmentos das narrativas, os processos de negociação identitária entre os narradores bolivianos e a sociedade brasileira. Para tanto, fez-se necessário, antes, apontar as concepções de identidade que assumimos neste texto.

O mundo contemporâneo é atravessado por processos de mobilidade humana, e este fenômeno interfere na construção e reconfiguração das identidades dos sujeitos deslocados. O sociólogo Zygmunt Bauman pensa o conceito de identidade como sendo instável, móvel, fluido, heterogêneo, líquido. Bauman pauta suas análises nas consequências que o mundo moderno traçou ao globalizar bens, relações e pessoas. Nesse âmbito, as sociedades modernas são constituídas por mudanças constantes, diferindo-as das sociedades tidas como ‘tradicionais’ onde, segundo Giddens “o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (1990, p.37-38).”

Compartilhamos do posicionamento do crítico cultural Stuart Hall em seu texto “Quem precisa de identidade?”, onde estabelece que as identidades:

não são unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discurso, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (2000. p.108).

Os teóricos pós-estruturalistas fizeram críticas àqueles que ainda, no mudo atual, acreditam em uma essencialidade, em uma natureza das identidades, pois as identidades são ativadas por meio de construções sociais e discursivas, mobilizadas por grupos e indivíduos nos vários planos e papéis sociais onde somos “convocados” a acioná-las estrategicamente. Assim, pensar em identidades é pensar em relações entre indivíduos e

grupos, é uma categoria analítica que carrega disputas políticas em conflito, e que por vezes, se integram, sem aniquilar as diferenças, e em outros momentos, se refratam, construindo campos de poder.

Tendo como base os pressupostos de Hall, precisamos, assim, saber em que momento se dão os acionamentos de identidades emergidas pelos deslocamentos humanos, porque estas irão submergir em um espaço e tempo, onde memórias serão sobrepostas em detrimentos de outras lembranças. Segundo o autor:

Precisamos vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas: os processos de ‘globalização’, os quais, eu argumentaria, coincidem com a modernidade (Hall, 1996). e os processos de migração forçada (ou “livre”) que têm se tornado um fenômeno global do assim chamado mundo pós-colonial. As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não com uma incessante reiteração mas como “o mesmo que se transforma” (Gilroy, 1994): não o assim chamado “retorno às raízes”, mas uma negociação com nossas “rotas”. Elas surgem da narrativa do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, estejam, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático (2000, p.109).

Consideramos identidades uma categoria relacional construída discursivamente, e que é necessário compreendê-las enquanto posições estabelecidas historicamente em espaços “institucionais específicos, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p.109).

Assim, nesta dissertação dialogo, também, com o postulado do historiador Jeffrey Lesser, em sua pesquisa “A negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil” (2001). Para o autor, os migrantes não-europeus que vieram para o Brasil durante o século XIX e XX para serem reconhecidos como “confiáveis” tiveram que travar variadas lutas políticas por meio de práticas discursivas para que o Estado brasileiro reconhecesse a sua “brasilidade”, uma vez que a

luta travada em torno da pertença brasileira estava vinculada à discussões sobre economia e a processos de negociações.

Assim, acreditamos que as identidades negociadas dos emigrantes bolivianos tratados nesta segunda parte da dissertação, ocorrem em variadas frentes e posições, a saber: nas trocas familiares, na responsabilidade parental, nas representações das identidades projetadas pela mídia brasileira, nas memórias acionadas no Brasil, nas festas cívicas e religiosas materializadas na metrópole de São Paulo.

2.2. A Rota Brasileira

O processo migratório implica um plano que se inicia com a viagem e suas formas de deslocamento. Parcelas significativas dos emigrantes bolivianos seguem rumo ao Brasil pelo trajeto terrestre, precisamente por questões financeiras. Porém, atualmente, em função da procura por passagens em virtude do aumento de passageiros entre Brasil e Bolívia, as agências de viagens baratearam os custos das rotas aéreas tornando-as mais acessíveis e fazendo com que o deslocamento por via aérea passasse a ser mais frequente.

Os primeiros relatos de emigrantes que chegavam a São Paulo, ainda na década de 1950 e 1960, apresentam as dificuldades enfrentadas por aqueles que não tinham condições de arcar com os custos das passagens aéreas e, com isso, vinham de trem e de ônibus até São Paulo. Segundo o sociólogo Carlos Freire da Silva:

O fluxo migratório de bolivianos para a cidade de São Paulo teve início ainda na década de 1950. Neste período inicial as características desta migração eram bem diferentes dos dias atuais. Os primeiros migrantes bolivianos eram estudantes que vieram completar os seus estudos e acabavam permanecendo na cidade, atuando como profissionais liberais. Muitos deles vieram por motivos políticos, devido às sucessivas crises governamentais e intervenções militares que o país passou nas décadas de 60 e 70. De forma que o perfil destes primeiros imigrantes é diferente do perfil dos imigrantes mais recentes, além de uma quantidade bem menos expressiva (SILVA, 2009. P.6).²¹

A viagem que hoje pode ser feita em quatro ou cinco dias, anteriormente demorava semanas, às vezes, até um mês de ônibus.

---

²¹ SILVA, Carlos Freire. PRECISA-SE: bolivianos na indústria de confecções em São Paulo. **Travessia: revista do Migrante**. São Paulo, número 63, p.5 – 11, Jan./Abr. 2009 . Bolivianos.

É necessário apontar que a rota comumente escolhida por grande parte dos bolivianos para adentrar em solo brasileiro é a da fronteira do Estado do Mato Grosso do Sul. Esta rota é popular não apenas por razões financeiras em razão do baixo custo, mas também, por ser a rota mais próxima de cidades da Região sudeste do Brasil, principalmente, São Paulo onde uma grande parcela de pessoas seguem para trabalhar no setor da costura. Sabemos, por meio de experiência empírica, que esta não é a única rota de deslocamento de pessoas para as cidades fronteiriças do Brasil, pois o Estado de Rondônia por fazer fronteira com o Departamento de Beni no território boliviano é, também, uma região de grande fluxo de pessoas e de mercadorias, onde muitos bolivianos residem em regiões da circunvizinhas.

O município de Cárceres pertencente ao estado brasileiro de Mato Grosso, fica na região centro-sul do Estado, nas mediações do Pantanal, fazendo fronteira com a Bolívia. É um possível espaço de deslocamento de pessoas que advém da Bolívia para o Brasil. Também há indícios de pessoas que escolhem a fronteira do Brasil com o Paraguai na região oeste do estado do Paraná, em Foz do Iguaçu como rota de entrada, uma vez que é uma região de alto fluxo de pessoas, onde o acesso é feito porque a Bolívia faz fronteira com o Paraguai, e, além disso, é uma região turística forte.

Em sua grande maioria o relato de viagem possui um aspecto romântico e em pouco expressa as dificuldades enfrentadas pelos emigrantes. De acordo com a narradora Lídia:

Os ônibus eram a condução daquele tempo e não eram como hoje, tudo era muito precário. Era uma coisa de cinco dias viajando por terra, embarcávamos no trem da morte e vinha. O trem era movido à lenha; não sei como denominavam no Brasil. Era uma aventura para a garotada que viajava aos vinte e dois anos, pois queríamos fazer tudo.
Lídia

Apesar das dificuldades, a viagem é atrelada ao espírito de aventura da juventude, quase sempre disposta a enfrentar todos os problemas para atingir os anseios de conhecer novos países e cidades. Lídia parte para São Paulo sem saber bem o que iria encontrar, sem o planejamento necessário de uma viagem ao exterior. No entanto, a entrevistada não partiu com um projeto de emigrar para outro país, e sim, partiu em uma colônia de férias junto com os seus amigos de escola para conhecer São Paulo, e a princípio, não imaginava que iria ficar tanto tempo. Outras pessoas, diferentemente, fizeram o mesmo trajeto, mas já com objetivos de permanência na cidade, tanto a médio

quanto longo prazo. O não planejamento de permanecer no Brasil fez parte do primeiro movimento de Lídia, tanto é que a colaboradora saiu sem os documentos exigidos pela emigração. Assim, ela descreveu a viagem:

Vimos para o Brasil em março de 1963. Todo mundo veio no tempo de férias direto para São Paulo, alguns trouxeram documentos e outros não. Olha a aventura, nem nos lembramos de levar os documentos porque nessa época não pediam, entrávamos no Brasil sem documentos, e adolescente cheio de folia. Sei que fiz vinte e dois anos dentro do trem chegando em Corumbá. Meus amigos tinham na faixa de vinte, dezenove, vinte e dois, vinte e um anos. Chegamos a Corumbá e continuamos de trem até São Paulo e naquele tempo o trem ainda adentrava na Estação da Luz. Olha só a diferença, e hoje não entra mais. Durante toda a viagem era uma alegria e quando chegamos a São Paulo ainda mais. Éramos oito pessoas nessa fase da molecagem e ninguém se importava se era final do ano, queríamos era chegar aqui. Essa foi a maior aventura na minha juventude e posso dizer até da fase adulta. Lídia

A viagem é vista como uma aventura do porvir, na qual todas as dificuldades são postas em segundo plano. Lídia descreveu a experiência da descoberta e o trajeto tem o sentimento de encontro com o novo. A paisagem nunca vista anteriormente descreve o sabor do desconhecido. Aventura e risco são duas perspectivas que circunscrevem a experiência do grupo do qual Lídia fazia parte; uma vez que seus professores tinham entrado em contato com uma *patrícia* que iria hospedá-los no bairro de Higienópolis. Ficou tão encantada com a cidade e com as possibilidades que “tal capital” poderia oferecer ao seu espírito de juventude que resolveu permanecer na cidade, contrariando a vontade da mãe, e arcar com as possibilidades de trabalho que a capital oferecia na década de 1960.

Cinquenta anos passaram e o trajeto mais escolhido para se chegar ao Brasil continua sendo de ônibus e trem, mas agora não é mais por meio do conhecido ‘trem da morte’, pois as condições de acesso da estrada encontram-se melhores, uma vez que uma parte do trajeto que liga a capital de Santa Cruz de la Sierra ao município de Puerto Suares fronteira a cidade brasileira de Corumbá teve grandes melhorias, antes o caminho de trem levava dias para ser percorrido, agora, as pessoas podiam levar cinco dias até chegar a cidade de São Paulo. É importante ressaltar que uma empresa de ônibus, percebendo o lucro que o deslocamento de pessoas tem da fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul até a cidade de São Paulo, implantou uma linha que faz o deslocamento do Rio de Janeiro até a cidade de Corumbá, passando pelo guichê da

Polícia Federal na fronteira, e chegando ao seu percurso final em Puerto Suare, já em território boliviano. Lídia descreve as mudanças ocorridas com o passar do tempo.

Atualmente, você viaja para Bolívia por terra, embarca na Barra Funda, digamos, meio dia, tem até um ônibus chamado Companhia Cruzeña que é da Bolívia; também existe uma agência brasileira chamada Andorinhas que vai até a fronteira de Corumbá com a Bolívia. Ao chegar em Corumbá entra na fila para passar na Polícia Federal para ver os documentos, liberam você para pegar o táxi, você compra a sua passagem de trem em Puerto Quijarro e às dezessete horas você segue com destino a Santa Cruz na Bolívia. No dia seguinte já está em Santa Cruz por volta das sete horas da manhã. Hoje em dia tudo mudou e não está complicado fazer essa viagem como era antigamente. Lídia

As complicações relacionadas ao deslocamento durante a década de 1960 e 1970 foram amenizadas com decorrer do tempo devido aos investimentos de infra-estrutura empregadas pelo governo brasileiro e governo boliviano em ambas as estradas de seus países. Além dos atributos relacionados à infra-estrutura, é importante salientar o empreendimento de novas rotas de empresas de ônibus a fronteira de Corumbá devido ao crescente número de pessoas que começaram a se deslocar para cidades brasileiras no decorrer da década de 1990. Além disso, também é necessário apontar que as áreas de fronteira, como a de Corumbá, são caracterizadas por intenso fluxo de mercadorias e de pessoas, interessadas em adquirir produtos vendidos sem os tributos de impostos, uma vez que estes encarecem o valor da mercadoria, como percebidos por STEIMAN.

É consensual na literatura especializada que a presença de um limite internacional provoca uma série de efeitos sobre a sua área imediata, cuja extensão é difícil determinar. Cientes desses efeitos, alguns Estados criaram territórios fronteiriços sobre os quais incidem regras diversas de uso do solo, circulação de pessoas e mercadorias e composição do capital de indústrias e empresas ligadas ao setor primário. Esses territórios, chamados doravante de faixas de fronteira, usufruem muitas vezes de privilégios fiscais e, no caso brasileiro, foram alvo de diversos projetos de colonização e povoamento que visavam assegurar o seu controle (STEIMAN, Rebeca. p.1).²²

Mesmo com as características idealizadoras empregadas por alguns narradores nessa pesquisa ao descreverem a viagem para o Brasil, a narradora Jenny, por exemplo, desconstroem a imagem de aventura que muitos acreditavam, pois percebe o trajeto como um sofrimento a ser sobrepujado devido as más condições da pista, ao calor do trópico, aos problemas de locomoção do ônibus e às dificuldades enfrentadas durante a

---

²² Para mais detalhes consultar o artigo de STEIMAN, Rebeca. Brasil e América do Sul: questões institucionais de fronteira. In: <http://acd.ufjf.br/gruporetis/pdf/REBECAlegislatlas.pdf> . Acesso em 06/06/2011.

viagem. A discordância do relato revela um ponto significativo da contradição discursiva dos entrevistados, por explorar as divergências de posições empregadas por cada narrador ao falar de suas experiências de vida.

Vim para o Brasil de ônibus, foram quatro dias de viagem e foi horrível. Na verdade foram quase cinco dias na estrada, sentada dentro de um ônibus e tudo é horrível! Dói o pé, dói à cabeça, doe às costas, você passa fome e não pode comer com gosto porque tem outras pessoas do lado te olhando. O caminho até a fronteira, grande parte do trajeto, é percorrido por terra; você não consegue dormir porque faz barulho e o ônibus se movimenta muito, a viagem não é tranquila, e acho que é para jovens aventureiros. Agora, depois da fronteira do Mato Grosso do Sul tudo fica mais bonito, gostei muito desse trecho. Jenny

A desconstrução do belo paisagístico demonstra que não há harmonia nas esferas nomeadas pelos entrevistados, o domínio da aventura existe apenas para alguns que se reconhecem como ousados e que gostam de viver a adversidade dos momentos. Para outros, a “aventura romântica” da viagem não passa de um realismo tedioso que se prolonga no tempo, pois estava relacionado ao seu país de origem; como também, indicado pelas condições do transporte terrestre. Depois que atravessam a fronteira, as condições de transporte mudam e a paisagem também. O que se observa é o Pantanal sul mato-grossense, antes desconhecido por alguns; e passam a apreciar e a gostar do que difere da paisagem outrora conhecida.

2.3. Dificuldades Locais na Bolívia

Um aspecto que se manifesta de forma resumida nos relatos são as dificuldades enfrentadas pelos emigrantes no país de origem: a Bolívia. É importante dizer que nem todos falaram de suas dificuldades específicas ou macros que ocorrem no cotidiano das suas vidas. Porém, percebemos que muitas experiências de vida são comuns a vários emigrantes. Aqueles que apontaram dificuldades descreveram, principalmente, a falta de emprego, as questões relacionadas à pobreza, conflitos na família, busca de oportunidades de estudo em outros países, entre outros. As questões são de caráter geral e estão estritamente arroladas às questões micros, presenciadas no cotidiano.

As situações enfrentadas pela família de Aidé em sua terra fizeram com que a narradora, para ajudar na renda familiar, trabalhasse como pedreira e empregada

doméstica nas províncias de La Paz. Aidé explica a situação vivenciada conectada as dificuldades enfrentadas por todo clã familiar.

Na Bolívia trabalhava de *albañil*, aqui falam pedreiro. Trabalhei nesse setor com a minha irmã para ganhar um pouco mais de dinheiro e ajudar na renda da família. Também trabalhei de empregada doméstica, pois na época meu pai estava doente e precisava está presente. Atualmente, a minha mãe encontra-se doente e preciso continuar ajudando-os a manterem suas vidas. E assim fomos crescendo nas províncias de La Paz, mas sempre ajudando a família com o nosso trabalho. Fomos muito pobres, tínhamos dinheiro apenas para gastos com alimentação, por isso, que tenho muita vontade de estudar e trabalhar para conseguir superar a condição em que estamos vivendo hoje. Aidé

Tendo estudado até o primeiro ano do ensino médio e interrompido o curso, justamente porque as determinações econômicas a impediram de dar continuidade aos estudos, Aidé vincula as dificuldades enfrentadas pelo seu clã familiar na Bolívia às questões da esfera econômica; problemas estes que não estão reduzidos a sua família, mas que muitos entrevistados empregam como forma de descrever as situações socioeconômicas encaradas por uma grande parcela da população, principalmente as que vivem nas províncias, afastadas dos serviços institucionais do poder público das capitais bolivianas, tais como: serviços educacionais, de saúde e melhores setores de serviços.

A busca por emprego e melhores condições de acesso ao serviço público dá início ao processo migratório, principalmente, das pessoas que residem no campo para as periferias das capitais bolivianas como La Paz, Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba. A migração interna é o primeiro movimento de deslocamento, antes de ser creditados os projetos relacionados à emigração para outros países. O deslocamento de Aidé e Carmen, sua irmã, demonstra o procedimento que é adotado por muitos bolivianos antes de prosseguirem nas rotas que levam ao Brasil.

As pessoas que não conseguem trabalhos nos setores privados das capitais bolivianas são deslocadas para os setores da economia informal como uma garantia de construção de possibilidades de permanência na metrópole. É possível perceber esses mecanismos na narrativa de Maria, que atualmente reside no bairro da Casa Verde em São Paulo, mas que anteriormente trabalhava na cidade de La Paz no setor da economia informal junto com seus familiares que vinha de uma migração atrelada ao campo/cidade.

Na Bolívia só trabalhava com comércio, e foi por meio dessa atividade que conheci meu esposo; ele também era comerciante, viajava transportando mercadoria para vender. Na época que resolvemos vir para cá, tínhamos perdido toda a mercadoria para a Aduana, equivalente a receita federal no Brasil. Ela confiscou toda a mercadoria e não tínhamos como pagar as contas e nem como sair do prejuízo. Pagar a dívida se tornou uma meta, e as pessoas falavam: "Ah, porque vocês não vão para o Brasil ou para a Argentina trabalhar? Aí vocês fazem um capital e voltam para a Bolívia.", "Tá bom, vamos lá." Nessa, decidimos vir para o Brasil, mas no início sofremos muito trabalhando para os outros; depois saímos da costura e fomos nos acostumando cada vez mais em São Paulo. Maria

Vinculada as dificuldades econômicas geradas por uma crise com o seu marido, Ilfredo, relata que devido ao confisco de seus bens materiais, o casal resolveu investir no projeto de emigrar para São Paulo motivado pelo conselho dos amigos que diziam que emigrar para acumular recursos financeiros e retornar para La Paz seria a melhor iniciativa. A 'Aduana' boliviana, instituição pública, espécie de Receita Federal da Bolívia. Falidos e sem recursos próprios para dar prosseguimento no processo de manutenção familiar; a escolha em seguir para o Brasil mostrou-se premente.

O colaborador Roberto, em sua percepção, cita um problema de pessoas que não possuem perspectivas de futuro na Bolívia.

Quando os bolivianos geralmente adoecem, têm falências no seu comportamento, e acho que é por falta de emprego. Nenhum governo, até agora, deu as possibilidades de a população boliviana ter empregos dignos; ou seja, as pessoas se dedicam, mas os empregos são informais, todo mundo compra e vende na rua, e desse comércio informal vive uma grande parcela da população. Tem poucos empregos formais, empregos dignos, onde você possa ir trabalhar, marcar no relógio, ir na sua casa almoçar, ou, ter um horário continuado, volta para sua casa; para no sábado sair com a sua família, com o teu carrinho, ter uma casa para ir almoçar ao menos uma vez por mês, ou, ir almoçar no campo, ir almoçar num restaurante com a família. Não tem empregos e poucas famílias têm empregos dignos para desfrutar de uma vida digna. Roberto

Roberto atrela o grave problema do alcoolismo, fato percebido por ele em muitas famílias bolivianos, a falta de emprego e aos problemas de baixa estima que muitos homens bolivianos sofrem quando não conseguem manter a economia familiar. Apesar de Roberto ser um pequeno empresário local, dono de um albergue destinando a viajantes estrangeiros, afirma que há pouco investimento em empregos qualificados no setor de serviços na Bolívia para que a família boliviana tenha alternativas para sustentação de seu clã afetivo; uma vez que os problemas econômicos e estruturais

afetarão as perspectivas comuns de vida; principalmente das pessoas que possuem baixa escolaridade, sendo impelidas a não concorrer a cargos liberais e do setor público que o governo boliviano pode oferecer.

Na Bolívia pouca gente tem empregos que possam sustentar a família, então, o quê acontece? A pessoa não tem um emprego bom e o que fazem? Compram, vendem e depois a preocupação, o estresse faz a pessoa beber e, geralmente, os homens gostam de beber; e isso abaixa a auto-estima da pessoa, entra em um círculo negativo e a família é desfeita. Isso tudo por falta de emprego; veja como tão importante é um emprego digno para uma pessoa e isso é um pouco difícil. Então, não houve crescimento espiritual por causa de problemas externos, problemas econômicos. Roberto

O alcoolismo é um fator que afeta diretamente a estrutura familiar, sendo um dos grandes geradores de conflitos entre integrantes de qualquer família, seja boliviana ou brasileira. No conjunto de entrevistas que realizei com os integrantes da família Patzi, Marta diz que um dos motivos que trouxe seu pai ao Brasil foi a falta de alternativas que Victor enfrentava na sua cidade. Assim como todos os seus amigos bebiam muito, e como a mãe da Marta havia falecido e deixado três filhos pequenos, uma das formas de sair do ambiente e das relações de amizade que poderiam tornar um alcoólatra, foi emigrar.

2.4. Motivos para a Emigração

Elencar os objetos de escolha do país e da decisão de emigrar não é tarefa fácil; imbuídos pela mídia, que quase sempre repete a frase que tornaram-se um chavão da imigração boliviana: “migram porque buscam melhores condições econômicas e qualidades de vida”; e muitas vezes repetidas e interiorizadas como a explicação macro para os motivos da emigração, quase sempre utilizadas pelos narradores da pesquisa; foi somente com a inserção em campo e nos desdobramentos das entrevistas que pudemos nos aproximar das explicações pessoais, e em alguns momentos, até de cunho coletivo para entender como os emigrantes bolivianos contactados, construíram suas justificativas para o ato do deslocamento. Partindo dessa premissa, não queremos negar os aspectos econômicos embutidos nas vidas das pessoas, mas sim dizer que vinculado aos condicionantes sócio-históricos as pessoas criam justificativas pessoais, que

expressam a subjetividade, como mecanismos que podem ser interpretados como condicionantes micros; ou seja, escolhas diretamente não condicionadas pelas forças políticas e econômicas de uma época.

Existem variados posicionamentos sobre os motes que condicionam os sujeitos a emigrarem. Duas correntes explicativas, a marxista e freudiana mobilizam argumentos específicos sobre os condicionantes sociais. As vertentes marxistas percebem a afirmação de

que os homens (sic) fazem a história, mas apenas sob condições que lhes são dadas'. Seus novos intérpretes leram isso no sentido de que os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os 'autores' ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores (Hall, 2003, p.35).

Por sua vez, a vertente freudiana promove uma ruptura do sujeito racional iluminista, pois

A teoria de Freud de que nossas identidade, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma 'lógica' muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provida de uma identidade fixa e unificada (Hall, 2003, p.36).

Percebemos com as análises das duas vertentes acima, que existem variadas possibilidades interpretativas para entender o deslocamento das pessoas no tempo e no espaço contemporâneo. Aqui, estaremos elencando os argumentos dos colaboradores da pesquisa para entender a complexidade dessa emigração.

Ao se tratar do contexto histórico boliviano, em grande parte, é difícil perceber em meios as dificuldades locais outras explicações que legitimam a manutenção da emigração, mesmo para os entrevistados que partiram do seu país sem o planejamento para o ato da emigrar.

A colaboradora Aidé disse que os motivos de escolha estiveram diretamente relacionados aos problemas da relação conjugal que a sua irmã, Carmen, vivenciava no momento. Carmen estava passando por um processo de separação tendo que arcar com os cuidados da criação de três filhos. Preocupada com a situação da irmã, Aidé resolve vir para o Brasil para trabalhar na oficina de costura coordenada pelo seu ex-cunhado. Ao chegar percebeu que não foi bem aceita no círculo do trabalho e, como a relação conjugal da irmã passava por problemas, as duas resolvem evitar as humilhações

empregadas pelo seu cunhado e irem trabalhar na oficina do primo do cunhado, local onde também se depara com a violência psíquica deflagrada pelo patrão. Vejamos abaixo as explicações que Aidé elaborou sobre esse momento de sua vida.

Eu cheguei em São Paulo, no Brasil, em dezembro de 2005. Cheguei com gana, com vontade de trabalhar. Também porque vim com a intenção de ajudar a minha irmã que na época estava em processo de separação, porque tinha muitos problemas com o seu esposo. Quero muito ajudá-la, ajudar os seus filhos e também ajudar os meus pais, pois ficaram na Bolívia. Aidé

Conflitos e problemas no cenário migratório foram frequentes nos relatos dos bolivianos entrevistados. Estudiosos, tais como Valéria Magalhães²³, Samira Adel Osman²⁴ descrevem em suas pesquisas momentos onde os papéis sociais e os níveis de cobrança individual e familiar reconfigurados nos países de destino, são comuns, deslocando até mesmo ‘brigas’ entre os indivíduos.

As explicações construídas por Luis Vasquez é de que seu deslocamento estava associado aos planos de continuidade aos estudos. O colaborador, juntamente com a sua esposa Lordes, não tinham a intenção de vir para o Brasil, mas sim seguir para a Espanha ou Estados Unidos; mas como a sua esposa tinha finalizado a curso de medicina e ouviu de um amigo que a melhor opção de trabalho seria investir na continuidade de estudo no Brasil, resolveram arriscar as ‘fichas’ no Brasil.

Lembro que eu e a Lordes ficamos no terminal de Campo Grande sem saber o que fazer da vida... “O que fazer da vida? Voltar para Bolívia? Vai ser um fracasso.” A família ficou na expectativa porque viemos para o Brasil para estudar. A família fica muito entusiasmada. “O seu filho tá indo para outro país.” Luis Vasquez

Diferente das explicações, Marta, seus dois irmãos e seu pai, resolveram sair da Bolívia durante a década de 1960 em decorrência do falecimento da matriarca da família Patzi, e porque seu pai, Victor, estava decepcionado com os rumos que a vida havia desenhado pelo entrevistado, pois não queria continuar com a prática de ‘beber sem limites’ como muitos irmãos e primos tinham o costume de fazer, resolvendo

---

²³ **O Brasil no Sul da Flórida: Identidade, Subjetividade e Memória.** Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

²⁴ **Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida.** Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

emigrar para o Brasil para não continuar com os hábitos do local. Vejamos abaixo os argumentos de Marta.

E assim ela trabalhava e ganhava de um lado e papai ganhava de outro, e ela acabou ficando doente. E o que aconteceu? Ela começou a sofrer do coração, isso foi o que diziam na época, que era hereditário porque a minha avó faleceu com o mesmo problema que a minha mãe, do coração, e o ácido foi indo pros pulmões; onde ela ficou com problema de pulmão também, era a tuberculose, que hoje tem cura, mas naquele tempo não havia, as pessoas morriam. Tanto que ela faleceu com trinta e um anos, eu fiquei com oito anos de idade, o meu irmão ficou com quatro ou cinco anos, e a minha irmãzinha caçula ficou, deve ter ficado com três a dois anos, ela ainda mamava... Marta

O parceiro de Marta resolveu sair da Bolívia com o projeto de estudar e ter uma profissão. Pretendiam desenvolver esses objetivos no Brasil, até porque Marcos veio em um período em que o Brasil detinha um acordo bilateral com algumas universidades bolivianas na década de 1970, e ao mesmo tempo, pretendiam realizar um curso técnico de mecânico de máquina de escrever e retornar para a Bolívia para ingressar nesse ramo. Esse projeto do retorno não foi efetivado, pois acabaram casando-se e constituído família em São Paulo. Os vínculos familiares foram maiores e Marcos desenvolveu o ofício no Brasil.

Havia um projeto de partida, tinha muita vontade de sair, mas a minha necessidade era aprender, queria ter um ofício, queria sair da Bolívia para aprender uma profissão. Marcos

Marcos continuou com suas explicações ao descrever alguns acontecimentos históricos que podem servir, também, como uma explicação possível para sua escolha.

Sei que essa revolução que ocorreu na Bolívia em 1952 mudou um pouco a configuração das cidades andinas e do altiplano boliviano. Antes desse movimento uma minoria de pessoas eram donas das terras, tinham grandes fazendas. O pessoal da fazenda tinha trabalho, tinham serviços. Mas o pessoal fez a reforma agrária. Como não tinha mais fazenda o pessoal começou a migrar para a cidade, para La Paz, mas não achou emprego. Claro, no primeiro momento saíram as famílias, onde muitos enviavam seus filhos para a escola, cresceram e conquistaram trabalho. E atualmente, faz uns dez ou vinte anos que essas pessoas do interior da Bolívia estão vindo para o Brasil. Antes, partiam só os filhos da revolução, daqueles que antes não tinham terras para morar. Marcos

A revolução que Marcos cita é a revolução de 1952 que acarretou uma melhoria ao incluir os camponeses indígenas nas terras que foram repartidas. Para a historiadora Mota (2009), esses processos refletiam as condições de vida dos camponeses

originários, embora tenha alcançado níveis de distribuição de terras, nem todos puderam usufruir das reformas empregadas pelo governo.

Como não encontram empregos nas cidades, o que eles iriam fazer na Bolívia? Simplesmente uns foram para as cidades próximas da fronteira, outros migraram porque achavam que iriam melhorar de vida e que iriam ganhar rios de dinheiro. E outros, como eu, seguiam alegres pensando em estudar e trabalhar. Acho que ocorreu o mesmo para a Argentina.

Sei que Argentina e o Brasil são pólos de atração. Muitos vão para Chile, para o Peru porque faz fronteira com a Bolívia, outros partiam para a Argentina porque tinha indústria ou para trabalhar na agricultura ou hortifruiti. Os bolivianos vêm para o Brasil por causa das indústrias, só que assim que chegam aqui se deparam com a falta de documentos e aí o único lugar que podem trabalhar é na costura. A costura é uma coisa mais simples para trabalhar, pois não é necessário ter documentos. A pessoa que tem firma precisa dos bolivianos que são mão-de-obra barata, ainda sem documentos, você pode pagar ou não pagar porque não tem quem regule isso. O pessoal que volta para Bolívia com pouco dinheiro tem outra visão. Marcos

Ainda durante a década de 1970, Marcos atrelou ao fator de escolha de migrar para o Brasil o fato de cidades como São Paulo e Buenos Aires estarem num patamar industrial diferenciado das cidades bolivianas. Quando não inseridos pelas indústrias, caíam para o comércio de frutas e verduras²⁵. Marcos ainda atrela a necessidade de ter um trabalho digno como a grande premissa da migração de seus patrícios para as capitais industrializadas.

Atualmente é assim, uma parte das pessoas que saem vão para o exterior, grande parte vai para os Estados Unidos, para Europa e tem outra visão. Essa idéia é semelhante na Bolívia. Quem vem de cidade pequena, do interior, chega em La Paz, nos departamentos e tem outra visão, mas se chega em São Paulo a visão amplia mais. Muitos saem de suas cidades para ampliarem suas concepções de mundo, outros por necessidade de trabalhar, e outros por diversos motivos, pois não existe apenas um padrão de escolha. Marcos

São diferenciados os motes explicativos da migração, querer enquadrar todas as explicações por meio de um único modelo analítico seria empobrecedor. E é com a perspectiva de ampliar os fatores explicativos que envolvem o processo migratório boliviano que essa pesquisa se justifica. Relativizar as explicações será uma das

---

²⁵ Principalmente as pessoas que escolhiam a Argentina como destino, grande parcela das pessoas não tinham documentos e acabavam sendo inseridas na colheita de frutas e verduras das províncias argentinas. Para maiores detalhes consultar o artigo de CAGGIANO, Sergio. ¿Bolivianos? En dos ciudades ¿argentinas?. Identidades sociales en procesos migratorios contemporáneos. Informe final del concurso: Culturas e identidades en América Latina y el Caribe. Programa Regional de Becas CLACSO. 2001. Disponível: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/becas/2000/caggiano.pdf>. acesso em 20/06/2009.

perspectivas dessa pesquisa. Sendo assim, é importante entender tanto os cenários sociais da qual saíram muitos emigrantes dessa pesquisa, quanto as suas explicações pessoais, que comumente estão amparadas nas experiências de vida, como também, no entrelaçamento com outras experiências na metrópole paulistana.

As pessoas com menores poderes aquisitivos escolhem os países circunvizinhos da Bolívia; mas aqueles que detêm recursos para custear passagens e maiores deslocamentos vão para Europa, principalmente, Espanha e Itália para trabalhar nos setores de serviços femininos: cuidados de crianças e de idosos. Alguns sociólogos bolivianos que estudaram as migrações para Europa declaram que as mulheres formaram o grande contingente de mão-de-obra, redesenhando, assim, os papéis sociais exercidos na migração, pois se num período de menos de quarenta anos quando os homens eram os responsáveis a enviar as remessas para suas casas e famílias; agora, em detrimento dos campos de trabalho, as mulheres bolivianas estavam deixando os filhos aos encargos dos maridos, tias, avós; e seguiam para o exterior para trabalhar e enviar as remessas para suas famílias.

O irmão de Marcos, Leo, atrela as explicações de partida ao fator trabalho, pois muitos chegaram a terminar os estudos e cursarem graduação, mas não há campos de aplicação da força produtiva e acabam optando pela emigração como forma de minimizar a frustração, justificando, assim, a falta de oportunidade em dar continuidade aos projetos não desenvolvidos em sua pátria.

Acredito que muitas pessoas tenham vindo para o Brasil em busca de trabalho, porque na Bolívia não tem emprego, apesar de ter um custo de vida barato. Você consegue comprar comida, roupas, calçados; mas trabalho não se arruma, e me pergunto por quê? Acho que nós não temos indústria, não temos montadora, não temos fábrica; as que temos são pequenas e não comporta o número de desempregados que existe por lá. Então, a juventude, pessoas com dezoito, dezenove, vinte anos, termina o ensino médio, entra na faculdade, e ao saírem não sabem em que aplicar os seus conhecimentos porque não há campo de trabalho. Então, alguém chama e diz: "No Brasil você vai ganhar, na Argentina está melhor ou no Chile." São três países escolhidos pelas pessoas para trabalharem. Antigamente, a Europa era a escolhida, agora ficou difícil ir para Europa. Leo

Na sequência, Leo explicou que mesmo aqueles que terminam os cursos universitários emigraram com a intenção de realizar seus estágios no Brasil, para em seguida tentar permanecer por meio de vínculos empregatícios, mas a concretude dos fatos não permitiu tal situação, pois se para os nacionais ter um emprego digno na

contemporaneidade tornou-se uma meta e não uma realidade, para os estrangeiros tal realização ficou apenas no plano do desejo, pois muitos problemas se impõem, principalmente os relacionados ao estatuto jurídico de falta de documentos para permanecerem “legais” no Brasil.

Por que vem da Bolívia? A maioria vem de La Paz, Potosí e Oruro. Podemos fazer a mesma comparação com o pessoal do norte, do nordeste, do Ceará, da Bahia que vem trabalhar em São Paulo ou no sul do Brasil. Agora, a maioria dos bolivianos ia para Europa, principalmente, pessoas que terminaram cursos universitários e que tem condições de arcarem com os gastos do deslocamento. Muitos engenheiros foram para os Estados Unidos trabalhar de pedreiro na construção civil; tem formação, mas no exterior tem que trabalhar, mesmo não sendo no seu setor. Então, é sempre a mesma coisa; e o boliviano vem para cá para trabalhar. A não ser que ele vá estudar; não são todos, um ou outro terminaram a faculdade e ficam trabalhando, outros vem realizar estágio e ficam. Leo

As regiões do altiplano boliviano, como os estados citados por Leo, são tidos como departamentos onde um grande número de pessoas sem para outros estados bolivianos, principalmente, para cidades como Santa Cruz de la Sierra. O movimento de pessoas entre cidades é de fluxo contínuo. Essa informação revela que são desses departamentos que saem, grande parte das pessoas que vêm para o Brasil.

Diferentemente das informações acima, o senhor Guillermo, revelou que a primeira vez que ouviu um amigo falar do Brasil estava relacionado à cidade do Rio de Janeiro, tão caricata por representar um dos berços do samba e da bossa nova. As lembranças de Guillermo relacionadas ao Rio de Janeiro são repercussões de uma mídia internacional que pregava a crença no Brasil como “país do futuro”, como apanágio do Carnaval, ou, como “país tropical”. Por vivermos no país onde as contradições sociais se transformam em samba chega ao cenário boliviano como uma atitude da cidade desejada para se viver, pois aglutina em seu espaço: religião, música e futebol; esferas sociais fortes na cultura hispano-americana.

Também gosto de ouvir as músicas bolivianas, ultimamente, não tanto porque já ouvi muito, me cansei. Gosto de conhecer coisas novas, saber de outras coisas, desde que sejam boas. Acredito que tenha vindo para o Brasil porque os meus amigos comentavam muito do Rio de Janeiro, que o Rio era maravilhoso, sonhava em viver no Rio. Na época, era fabricante de para-água, fabricava guarda-chuvas no Bom Retiro, onde vendia para Rio, Belo Horizonte, Juiz de Fora, e mais algumas cidades. Guillermo

O narrador Guillermo Salazar revela o motivo, em sua esfera subjetiva, que o trouxe até o Brasil. Isso demonstra que o campo da subjetividade é um motor fértil das escolhas pessoais, por isso, não podemos negar a flexibilidade do devir que pode motivar a escolha de tais países em detrimento de outros.

Penso que saí da Bolívia por que não tinha mais família, meus pais tinham falecido; e depois juntou a minha curiosidade em conhecer outro país, o gosto pela música e filmes brasileiros. Essas coisas me chamavam atenção, mas nunca havia planejado permanecer durante tanto tempo, para mim é um sonho ter ficado até hoje. Quando penso o que passei, parece mentira ter conseguido ficar tanto tempo em São Paulo e só tenho noção de quanto tempo passou quando volto para Bolívia. Desde pequeno vivo sozinho, mas como sou muito religioso, acabei preenchendo com a fé os vazios da minha vida. Guillermo

O senhor Guillermo é órfão desde criança; os percalços que teve que enfrentar e continuar em ‘pé’ podem ser explicados pela sua matriz religiosa, já que é um católico convicto, mas que não deixa de agradecer o sucesso de ter se tornado um comerciante conhecido no Brasil. Ele arremata com o seu sincretismo a moda brasileira:

“ascendemos as velas e oferecemos a Mãe Yemanjá, agradecemos pela minha vitória, meus fracassos, minhas penas, minhas alegrias e pedi por todos os meus amigos. Eu acho que é um agradecimento muito lindo, sou muito religioso, muito espiritualista. Sempre agradeço a Deus por tudo”. Guillermo

Percebemos que as matrizes culturais, religiosas e familiares são campos que configuram as visões de mundo dos sujeitos em diferentes culturas e que interferem nos padrões de escolha das pessoas.

Em seguida a narradora Ema traçou o porquê de seu deslocamento para o Brasil, fazendo jus a um setor de trabalho que foi desempenhado por muitas bolivianas que vieram na década de 1960: o trabalho doméstico.

Eu estou no Brasil há 54 anos. Na época que cheguei não havia boliviano. Os Bolivianos começaram a chegar depois de 20 anos que estava aqui. Até então, era raro ver um. Quando vim da Bolívia, vim com contrato de trabalho, como pacho; vim com uma família de judeus, a mulher era judaico-alemã e o marido dela era sírio. Tinha um contrato de trabalho que perdurariam dois anos. Ema

O setor de serviços tidos como femininos: cuidadores de idosos, babás e empregadas domésticas²⁶ tem crescido nos últimos tempos com relação à mão-de-obra boliviana no sudeste do Brasil, uma vez que muitas mulheres conseguiram dar entrada no pedido de regularização da documentação com a anistia que ocorreu em 1990 e, outras saíram do setor da costura e foram trabalhar em outros campos de serviços. Tal escolha é visível devido ao fato de muitas mulheres não terem vínculos familiares no Brasil, o que facilita com relação ao quesito de ter que dormir no emprego; exigência de algumas famílias de classe média brasileira. Um dado importante a ser considerado é com relação a faixa salarial desses empregos, pois geralmente estão cotados acima de oitocentos reais; o que tem agradado as pessoas que seguem para esses serviços, pois ao ser convertido em moeda boliviana, quadruplicam o valor somado; além de somar o fato de não pagar aluguel e alimentação no trabalho. No entanto, a narradora Lídia argumenta outros fatores que a trouxeram para o Brasil.

Nasci na Bolívia na capital Trinidad, departamento de Beni. Foi lá que cresci e me criei até o início da fase adulta. Quando fui fazer vinte e dois anos apareceu um grupo de amigos que vinham para o Brasil e acabei embarcando junto, pois tinha paixão de conhecer o Brasil, de entrar em contato com a música e cultura brasileira, daí resolvi ir também. Lídia

Diferentemente das explicações acima, a narradora Lídia, residente no bairro de Higienópolis em São Paulo e, pertencente a rede social dos amigos de Marta e Ema, descreveram os motivos de emigrar como atrelados a curiosidade de conhecer de perto a cultura brasileira e estudar português. É importante apontar que durante a década de 1960 os expoentes da cultura brasileira no cenário internacional estavam atrelados ao cinema novo, ao futebol de Pelé, as músicas do gênero Bossa Nova e aos sambas, internacionalmente reverenciados por Carmem Miranda. As lembranças culturais de Lídia e do narrador Guillermo estão diretamente vinculadas às expressões do seu tempo.

O cine Olido era luxuoso; o metrô e o cinema pareciam um palácio. Avenida São João, onde desfilavam os blocos de Carnaval e as Escolas de samba, era magnífico. O carnaval começava na avenida São Bento e descia a avenida São João. Nesse tempo não tinha viaduto, era só a avenida São João. Na praça da avenida São João havia uma arquibancada que descia para a avenida, inclusive, o prefeito da época era o Faria Lima. Olha a minha cabeça, o Faria Lima mandou fazer isso. Depois da Ipiranga, ele mandou fazer outra arquibancada para incluir o

---

²⁶Matéria vista no Jornal Folha da São Paulo e publicado no blog <http://sergyovitro.blogspot.com/2011/02/latina-busca-vaga-de-domestica-no-pais.html> acesso em 20/02/2011.

número de pessoas. O atual cine Olido era na avenida São João, na avenida Ipiranga tinha outro cinema enorme; sei que eram quatro cinemas que tinham na avenida São João e um teatro com o nome da atriz que morreu aos 102 anos, Teatro Derci Gonçalves, atualmente fechado. Aos poucos os lugares bonitos da cidade foram se perdendo. Lídia

Assim como a paisagem transforma-se com a ação humana, as lembranças e os espaços modificam as concepções que temos do mundo.

Meu nome é Carlota Munhoz Torrico e vim para o Brasil porque os meus pais não queriam que eu namorasse, pois o rapaz que gostava era humilde e trabalhava com conserto de bicicletas. Atualmente, os pais querem que seus filhos se casem com médicos, advogados, pessoas que possam oferecer estabilidade. Naquele tempo, antes de sair da Bolívia a minha irmã disse: "Você irá para o Brasil estudar, trabalhar." Ainda na minha terra formei-me em contabilidade geral e trabalhei durante um período num escritório. Lembro que minha irmã falou: "Acho que se você for para o Brasil irá ganhar muito mais." Carlota

As histórias de amor raramente aparecem como fatores da escolha de emigrar, às vezes, as pessoas camuflam essas informações por meio dos condicionantes macros econômicos, mas Carlota inicia a narrativa revelando o que poderia ser apenas um detalhe, porém, essa minúcia reconfigurou sua vida. O Brasil não foi a sua primeira passagem por terras estrangeiras, ainda na juventude, Carlota foi para os Estados Unidos morar com uma de suas tias; ficou um período e voltou porque seu visto de estudante havia vencido. Carlota planejou quando retornasse para Bolívia, realizar um curso de inglês e tentar a sorte nos Estados Unidos, mas seu pai não deixou isso acontecer. Carlota fez um curso superior e já estava trabalhando quando surgiu a vontade de ir para o Brasil. A colaboradora tem uma irmã que morou em São Paulo, que por sua vez foi dona de uma oficina de costura. Assim, a narradora descreve que veio com o intuito de trabalhar como contadora e prosseguir em seus estudos, porém acabou no nicho da costura.

Sou Maria Luiza Mamani Vasquez, morava em La Paz, Bolívia. Era comerciante, mas como perdi muito capital acabei perdendo tudo que tinha conquistado; assim, resolvi vir para o Brasil junto com o marido e os filhos. Maria

A narradora Maria, muito próxima dos argumentos de seu esposo Ilfredo, descreve que veio devido aos prejuízos nos negócios da família. Em La Paz era comerciante e trabalhava junto com o seu marido nas vendas de mercadorias

estrangeiras que seu esposo comprava no Brasil, Argentina e Paraguai. Assim, Ilfredo descreve abaixo:

Meu nome é Ilfredo Flores Aguilar e durante um bom tempo da minha vida trabalhei com transporte de mercadorias no circuito Bolívia, Paraguai, Argentina, Peru e Brasil. Só parei de trabalhar nesse ramo devido ao fato de ter perdido muito dinheiro com a Receita Federal porque as mercadorias não tinham nota fiscal. Na Bolívia nós dizemos "Aduana de polices", mercadorias sem documentação. Perdi o meu caminhão cheio de mercadorias, um valor de quase 80 mil dólares. E esse foi o fator primordial pelo qual resolvi vir para o Brasil. Ilfredo

As motivações de Maria e Ilfredo são da esfera econômica. Buscavam compor uma renda no Brasil, retornar e pagar as dívidas que deixaram em seu país, porém acabaram ficando e hoje produzem e vendem pães bolivianos na praça Kantuta e adjacências.

A narrativa de Jenny Caballero foi norteadada pelas divergências e questionamentos dos papéis sociais de gênero presenciadas em sua vida. Jenny não titubeia e é enfática desde o início ao dizer:

Meu nome é Jenny, tenho 26 anos e nasci em La Paz. A minha vida na Bolívia era muito mais tranquila, estudava, trabalhava, gostava de passear. E foram por variadas razões, algumas que ainda não sei explicar, que vim parar no Brasil. Uma das razões é que casei com um rapaz que é filho de boliviano e sua família é dona de uma oficina de costura na cidade de São Paulo. Jenny

As motivações do plano afetivo são tidas como complementares quando encaradas com o olhar marxista de análise, mas aqui tem um peso equivalente aos problemas sócio-políticos, pois Jenny não foi para o Brasil somente porque casou, mas porque quer construir projetos de futuro fora do contexto "machista" da qual advinha. Jenny quer ditar as regras de sua vida sem a autoridade da palavra legítima do provedor de sua velha morada: seu pai. Quando a mãe de Jenny faleceu, a narradora encontra um campo fértil para a libertação do seu 'eu' aprisionado, pois almeja dar continuidade nos estudos em outro país, trabalhar e viver neste país. Tão diferente da vida de advogada na qual vivia, a entrevistada teve que rearticular a sua vida dentro de um casamento onde teria que viver, a princípio, com a família de seu marido, com um agravante que vai reposicionar sua percepção de mundo: trabalhar e residir no Brasil na oficina de seus sogros. Sabendo apropriar-se dos meios nos quais vivia, Jenny estuda e aprende português em dois anos, trabalhou como voluntária durante um período na Pastoral do

imigrante de São Paulo; e atualmente, com o processo de anistia, saiu do nicho das oficinas e trabalha como tradutora de espanhol/português em uma ótica na rua Celso Garcia no Brás; sendo mediadora de vendas para a clientela hispânica e africana do bairro.

A seguir a narradora Claudia, entrevistada em La Paz, argumentou os motivos que a levaram a partir para São Paulo, como também, o que motivou o seu retorno para La Paz.

Quando o meu irmão resolveu ir para o Brasil, foi algo improvisado, o meu irmão estava lá há dois anos, voltou e disse que queria que eu fosse com ele. Eu não queria ir, os meus planos não era sair da Bolívia. Ele foi e depois de uns meses voltou, depois de um ano lá, se não estou enganada; e no penúltimo ano que ele veio, acho que foi em 1998, queria que eu fosse. Mas estava namorado e não queria deixar o namorado só. O namorado já tinha ido para o Brasil uns anos atrás. Depois de alguns meses que estávamos juntos ele resolveu ir para tentar abrir um negócio no Brasil, um escritório próprio, não, as pessoas que trabalhavam com ele decidiram abrir uma oficina, e ele perguntou se eu poderia ir para ajudá-lo. Sei que resolvi ir, mas tinha que deixar o meu filho na Bolívia, não podia levá-lo porque ele era bebê; tinha 3 anos e meio, fiquei pensando: "Deixo com quem?", e aí deixei com a senhora que trabalha aqui na pousada onde atualmente trabalho, com a Sandra.

Claudia

Apesar de Claudia ter um irmão residindo em São Paulo, a colaboradora resolveu partir em virtude do convite do seu namorado, pois ambos tinham parentes e amigos que trabalhavam no setor da costura, mas todos os convites feitos até o presente momento foram recusado em consequência da existência de seu filho. Claudia teve uma infância difícil, aprendeu cedo o valor do trabalho, uma vez que seus pais faleceram quando era adolescente e ela e seus irmãos foram criados pela avó. No momento em que a entrevista foi gravada ela trabalhava na pousada El Carretero na parte central da cidade de La Paz. Quando resolveu seguir para São Paulo não imaginou que fosse compartilhar a casa com outros grupos de pessoas, o que fez que a relação entre ela e seu namorado ficasse conflituosa; e depois de um período de desentendimentos entre os sócios e a esposa do seu namorado resolveu retornar para sua terra e cuidar do seu filho.

Um fator importante para refletirmos é que Claudia não foi a primeira mulher boliviana que partiu para trabalhar em outro país e deixa seu filho e irmãos menores aos cuidados de parentes ou amigos próximos; pois segundo pesquisas recentes que foram realizadas por sociólogos, antropólogos e psicólogos, esse processo reflete a feminização da migração boliviana, porque se outrora eram os chefes de família que

deixavam a Bolívia a procura de trabalho para encaminhar as remessas para seus entes queridos nos últimos 20 anos, cada vez mais, mulheres deixam os seus lares em busca de melhores alternativas para a manutenção da família que ficou na Bolívia. Esse elemento foi relevante, pois afeta as relações parentais e afetivas das pessoas que partiram e dos que ficaram, porque a partir desse episódio, haverá uma redefinição dos papéis de gênero, onde homens ficam para a criação dos filhos e as mulheres saem para ocupar nichos de trabalho tidos como ‘femininos’.

A senhora que ficou cuidando do meu filho quando fui para o Brasil é madrinha dele; e gosta de cuidar dele desde pequenininho. Nesse período que estava com o meu filho, comecei a trabalhar aqui na pousada e o meu irmão mais novo deixou de estudar, antes ele até trabalhava durante as férias; mas depois dos quinze anos ele se apaixonou, começou a andar em más companhias, deixou de estudar; estava na idade da loucura, queria namorar, mas só tinha 15 anos. Quando nos interamos que ele estava andando em má companhia, começamos a ficar preocupados; e ele estudava à noite, e às vezes faltava a aula, às vezes não dormia em casa. E nessa ocasião, falei com o Roberto e decidimos que o David, irmão mais novo, iria para o Brasil trabalhar.

Fomo conversar com o meu irmão caçula: “David, queres ir para o Brasil? Tu vais, trabalha dois anos, volta para cá e vai estudar de noite.” Porque aqui existe a possibilidade de fazer em dois anos o ensino médio. Eu dizia para o meu irmão estudar porque eu comecei a trabalhar e não terminei os estudos. Ele terminou o ano e foi com o Marco Antônio trabalhar no Brasil. Cláudia

Além de Cláudia, o irmão mais novo também foi para o Brasil trabalhar junto ao seu irmão mais velho que se encontrava em São Paulo. Cláudia e outro irmão que ficaram na Bolívia resolveram conversar com o irmão caçula em virtude de ele andar em más companhias, resolvendo assim, que a melhor opção para o mesmo se desvincular dos ‘vícios’ que estava exposto, seria passar uma temporada trabalhando no Brasil para depois retornar e prosseguir os estudos.

2.5. Materialização da Viagem

O empreendimento de uma viagem longa requer recursos financeiros para a materialização enquanto projeto para o futuro. As ações e os planos são fundamentais para que possamos entender a dinâmica do deslocamento, dada a importância que os

recursos e os meios constituem, pois podem revelar as pretensões dos agentes humanos às cidades de destino e vivência. Muitas pessoas, para conseguirem custear a viagem fazem empréstimos a amigos ou parentes, vendem seus bens materiais nas cidades de origem, pedem as contas do trabalho, dentre tantos outros meios, para conseguirem embarcar na jornada e desenvolverem suas metas. Para tanto, percebemos esses mecanismos nos planos empregados por Luis Vasquez e Lordes.

Nesse tempo eu e Lordes cismamos de vir para o Brasil, deixemos tudo isso, juntamos um dinheiro para vir. Vendemos tudo que tínhamos, cada um vendeu o que tinha e juntamos quase quinze mil dólares. Com cinco mil pagamos as dívidas e com dez mil viemos para o Brasil. Agora eu fico pensando, acho que não foi uma boa decisão, quem sabe mais para frente não tenha sido uma boa decisão. Luis Vasquez

O narrador Luis Vasquez além de ter vendido todos os seus bens, fez uma reserva de dinheiro para conduzir sua meta de emigrar e fazer a tão sonhada pós-graduação em país estrangeiro. O importante dessa informação é que os recursos embutidos são frutos de um longo planejamento e que não se restringem aos planos do casal citado, e sim, de um variado número de pessoas de diferentes classes sociais. O plano de emigrar, sendo passageiro ou duradouro, perpassa a coletividade dos bolivianos que partem para o Brasil.

Diferente dos critérios escolhidos pelo casal Vasquez, a colaborado Marta descreveu como o seu pai conseguiu articular os planos de viagem para o Brasil com sua filhos pequenos. É importante salientar que o pai de Marta tinha a pretensão de ir para a Espanha e não para o Brasil, em virtude da facilidade de comunicação da língua espanhola, porém percebeu que seria uma escolha que fincaria o oceano entre sua terra natal.

Segundo o discurso de Marta, o Brasil foi cogitado como hipótese de vivência quando eles estavam decidindo o local e percebeu que um dos calendários de sua casa, ilustrado com paisagens da cultura brasileira, no episódio, uma mulata e um homem negro dançando samba e vestido a caráter. Assim, Marta descreveu como fator primordial à distância e o fato de que o Brasil ser um país de fronteira, acontecimento que norteou a escolha, pois a família pretendia, sempre que possível, visitar a parentela que ficou na Bolívia. A família Patzi viajou com os recursos de meses de trabalho que Victor havia guardado para futuros imprevistos.

E tinha escolhido três lugares: Alemanha, Espanha, Itália, nem se sonhava com Brasil. Meu pai pediu as contas porque até então estava trabalhando numa distribuidora de filmes mexicanos, era uma empresa de cinema. Já estava se aproximando de um ano de viúvo, um ano que tinha falecido a mamãe. Sei que ele pediu as contas e recebeu um pagamento pelos meses de trabalho. Trouxe um pacote maior do que uma caixa de sapato cheia de dinheiro, embrulhado em jornal e colocou em cima da cama. Marta

A restrição de dinheiro empregada na viagem do clã Patzi fez com que o patriarca da família buscasse alternativas de sobrevivência na cidade de São Paulo, pois não havia reserva de dinheiro, porque havia sido empregado nos gastos dos bilhetes de passagem e na alimentação e hospedagem imediata na cidade de destino. Marta, por ser a irmã mais velha, ficava em casa cuidando de seus irmãos menores enquanto Victor trabalhava de pedreiro para manter o conjunto familiar.

A narrativa de Claudia ilustra os recursos e meios empregados para a viagem, além da rede social que a aguardava no país de destino. Sua passagem foi paga pelo empregador que a estava recepcionando, e seu namorado em uma oficina de costura em São Paulo, porém não era um bilhete presenteado, pois tiveram que pagar com horas de trabalho na oficina de costura. A rede social de Claudia ajudou o casal quando chegaram à cidade de São Paulo. Tiveram que dividir os espaços da casa junto com outros bolivianos, o que afetou o namoro de Claudia, causando conflitos entre ela e o dono da oficina, pois este era amigo de seu namorado. A rede social que ampara os migrantes bolivianos em São Paulo é, em sua maioria, formada por parentes ou amigos conhecidos na Bolívia. Essa rede social foi reconfigurada e em alguns casos até desfeita pelos conflitos vivenciados no novo espaço migratório.

No momento, como eles foram recentemente, e como tiveram muitos gastos, e a passagem é paga aos poucos porque nem a passagem eles ganham; e quando chegam tem que aprender tudo, não permitem erros senão são descartados. Agora, quando retornei para cá o meu irmão que estava no Brasil me ajudou nos primeiros três meses, ele enviava dinheiro, não enviava todo mês, de dois ou três meses ele enviava porque sabe que aqui é muito difícil, e também porque cheguei sem nada.

Bom, quando fui para o Brasil também enviava dinheiro para cá, para a minha avó que ainda é viva, e para os meus dois irmãos que estavam aqui; os caçulas. Eu trabalhava para todo mês enviar porque tinha que pagar água, a luz, a alimentação, tinha que viver; e como ela não trabalha, eu ajudava a casa. Os dois menores fazem uns bicos, mas não ganham o suficiente porque são menores e não os pagam bem, pagam muito abaixo do valor de mercado. Como não tem muito tempo que o meu irmão está no Brasil, eles sempre ajudam quando podem; quando liguei, ele disse que não poderia enviar sempre. As pessoas da minha

família que estão no Brasil são o meu irmão mais velho e sua esposa e o meu irmão caçula. Quando eles foram, o meu irmão teve que pagar pela passagem dos três, e ainda teve que ajudar o meu irmão caçula que não sabia fazer nada. Claudia

A rede familiar de Claudia, composta pelos dois irmãos que estão no Brasil. Depois o seu irmão partiu para São Paulo e seus irmãos que pagaram os gastos com o deslocamento. Claudia continuou mantendo contatos com todos, porém depois de um período que estava no Brasil resolveu retornar para a Bolívia e cuidar do filho que havia deixado aos encargos de uma amiga. Os contatos e o envio de remessas dos irmãos foram mantidos como forma de manutenção dos vínculos familiares com os parentes que ficaram, como também, porque muitos têm em mente juntar recursos para investirem em negócios ou projetos materiais na Bolívia, tais como construção e reformas de casas e investimento educacional para os filhos.

2.6. O Que Trouxeram na Bagagem

Alguns narradores exemplificaram o que trouxeram na bagagem. Esse ato demonstra um indício importante, pois evidencia os projetos emigratórios desenhados na viagem ao Brasil. Em sua maioria, deslocar-se requer um planejamento de ações a serem desencadeadas no ato de escolha do lugar: como surgiu o projeto de emigrar, o que se busca na cidade, quem indica ou fica encarregado de recepcionar os agentes que deslocam, são medidas providenciadas antes da partida. Porém, quem parte com projeto duradouro ao país de destino, costuma levar muito mais do que seus pertences revestidos no corpo: roupas, sapatos, jóias. Quando existe um projeto de vida em torno da emigração, normalmente, transporta-se um pedaço do mundo no qual a pessoa estava inserida. Objetos materiais para o suporte da vivência no local de destino, como também objetos de cunho simbólico para a manutenção do plano estabelecido na cidade de origem.

Trouxemos tudo que podíamos, cinco malas, duas de livros, um monte de coisa como se estivéssemos nos mudando mesmo. Até que chegamos em Campo Grande cheios de esperança... Encontramos a médica boliviana e ela nos disse que não tinha mais a vaga para o cargo de médico... Luis Vasquez

A bagagem, para Luis, representa o desejo de permanência, o projeto construído na cidade de origem, é emblema da ‘esperança’ de concretizar o projeto da emigração; de estabelecer-se e criar vínculos que não sejam passageiros, deslocando signos para a manutenção da vida em outros territórios. É importante ressaltar que mesmo aqueles que não levam um conjunto significativo de bagagem, sempre há objetos que carregam para manter vínculos afetivos com a terra da qual partiram: retratos de família, brinquedos e roupas das crianças, objetos e imagens de cunho sagrado. As bagagens empregadas para a emigração carregam o ato de emancipação: ‘vencer e criar projetos para o futuro’, muitas vezes argumentos utilizados para explicar a partida.

O deslocamento mobiliza custos complexos, no caso do projeto de Luis e Lordes, sua companheira, os custos “negativos”, a princípio, foram maiores e desenhou desgastes econômicos e psíquicos de ideais empregados no deslocamento. Saíram da Bolívia com vistas a uma proposta de emprego encontrado na internet para sua esposa em Mato Grosso do Sul, mas ao chegar se depararam com a não concretização da informação. Tiveram que retrair os planos de viagem e estabelecer novas metas para o seu projeto migratório. Seguiram para Curitiba onde tinham um contato que um amigo na Bolívia indicou, caso ocorresse algum imprevisto. Permaneceram um tempo nessa cidade até irem para São Paulo residir no Brás. Um novo contexto reconfigurou novas perspectivas de vida no espaço da metrópole. Daí novos valores foram atrelados à bagagem que o casal transportou conjuntamente.

A mala, mesmo as menores, também pode ser percebida como insígnia do prolongamento do espaço de origem, pois além do emigrante transportar suas concepções de mundo, carrega alguns objetos como forma de manterem-se atrelados ao espaço de acolhimento que detinham anteriormente.

Da casa eu retirei e trouxe uma *espiriteira*, trouxe querosene, trouxe pratos, garfos, trouxe panos, toalhas, roupas para a estrada. Bem, adivinhei que iríamos precisar, fui uma advinha. Porque na Bolívia os mais velhos sempre falam: “Quando tens que viajar, só não leve a casa porque não dá para levar, porque para alguma coisa você vai precisar, alguma coisa. Tem que se prevenir, uma boa viajante tem que prevenir. Tem que levar elástico, linha, agulha, porque às vezes tora até o elástico da calcinha e precisa ter com o que costurar”. E assim, trouxe tudo, era maiorzinha. Já tomava partido de tudo; dito e feito. Marta

A prevenção do que possa ocorrer em longas viagens por vias terrestres, levou a narradora a carregar uma gama de objetos para o deslocamento da família; talvez por ser

a filha mais velha, foi incumbida de pensar na logística da viagem; de refletir nos pequenos utensílios domésticos que poderiam ser úteis durante o trajeto. O desempenho dessa atividade representa o papel social feminino em organizar, ficando encarregada na gestão dos bens transportados para a manutenção da sobrevivência familiar.

Assim, podemos perceber que a forma como a bagagem é organizada configura propostas de curto, médio ou longo prazo no projeto migratório. Mas é importante relativizar, pois esse não é um princípio a ser seguido em todas as análises, uma vez que sabemos de casos onde as pessoas partem somente com os pertences no corpo, e permanecem vivendo nos países de destino, mesmo que muitos ainda sustentem o discurso do retorno a ‘pátria amada’.

2.7. O Porquê de São Paulo e Outros Roteiros no Brasil

Os discursos explicativos dos imigrantes bolivianos apontam, em tempos diferentes, os porquês da escolha de determinadas cidades do Brasil em detrimento de outras. Sabemos que existem diferenciados motivos que impulsionam a emigração, assim como, existem variados condicionantes que interagem na escolha da cidade, ou, de países, em sua grande medida, condicionantes econômicos.

O roteiro escolhido pelo colaborador Luis, no primeiro momento, estava vinculado à cidade de Campo Grande no estado de Mato Grosso do Sul em virtude das possibilidades de atuação na área de medicina, profissão de sua esposa Lordes. Porém, ao chegarem à cidade perceberam as dificuldades de posteriores contratos de trabalho e resolveram arriscar as chances na cidade de Florianópolis, uma vez que esta cidade era muito comentada por um amigo na Bolívia, como também por atrelar a paisagem ‘exótica’ que compunham as praias da cidade Catarinense. O narrador tinha amigos brasileiros que falavam muito da cidade de Porto Alegre, sendo assim, o casal saiu da cidade de Campo Grande e resolveram seguir viagem rumo a Porto Alegre, capital que detinha uma representação positiva pela imprensa e pela rede social da qual o casal fazia parte. Ficaram dois meses em Porto Alegre na casa de uma conhecida e, depois seguiram para São Paulo porque ouviram da pessoa que os alojou que em São Paulo tinha mais opções para trabalhos e estudos.

Segundo Luis Vasquez, a cidade de São Paulo estava fora das cogitações de residência do casal, mas como sua reserva de dinheiro estava se esgotando resolveram acatar a idéia de uma amiga e seguiram com destino à cidade paulistana. A imagem de São Paulo, para o casal, estava associada aos vínculos de trabalho vividos pelos bolivianos ‘pobres’, representação esta da qual o casal queria se afastar, pois não pretendiam trabalhar nos mesmos setores desempenhados pelos bolivianos que vinham para esta capital. Luis e Loides tinham formação universitária e buscavam outros planos de vivência no Brasil, mas acabaram se deslocando para esta cidade, tendo que trabalhar junto com os bolivianos no setor da costura.

Depois de um período em São Paulo, conseguiram montar seu próprio negócio: *lan house*, uma oficina de costura e loja de venda de linhas de costura na qual grande parte de seus clientes e empregados eram bolivianos advindos das zonas periféricas de La Paz. É importante dizer que cidade de São Paulo tem uma representação negativa na Bolívia, devido às informações transmitidas pelas rádios e emissoras de TV na Bolívia, ao associarem que uma grande parcela de pequenos empresários, até mesmo bolivianos, explora a mão-de-obra boliviana, o que faz com a imagem seja atrelada a práticas de violência. A repercussão dessa imagem foi perceptível em uma parcela das narrativas dos bolivianos entrevistados para esta pesquisa.

Sabíamos também pela imprensa que aqui no Brasil, em São Paulo, tinham muitos bolivianos sendo costureiros, que a vida era difícil, bem perigosa. São Paulo estava fora dos nossos planos, então, buscamos outras opções, uma vez que Campo Grande não tinha dado certo. Tentamos ir para Florianópolis, já que o meu amigo tinha falado muito desta cidade, lembramos das revistas. Também falavam de Porto Alegre. Então, vamos para lá. Luis Vasquez

É importante frisarmos que não é somente as reverberações associadas a São Paulo com seus nichos de trabalhos em manufaturas de costura associada à super exploração da mão-de-obra boliviana que é negativa e violenta, como também, de um acontecimento que tem sido repercutido pela mídia internacional: os casos de racismo e xenofobia contra imigrantes latinos americanos, principalmente, contra os bolivianos, e as práticas xenófobas contra homossexuais e moradores de rua.

O Brasil tem sido associado a um país racista e intolerante contra as diferenças étnicas e sexuais.²⁷ Essa imagem quebra o mito do país onde o outro é “bem aceito” pelos “cidadãos” estabelecidos, além de revelar o preconceito.

Preocupado com os rumos que a vida foi tomando, o narrador Luis conta sobre as relações de amizade que fizeram com que o casal permanecessem na capital do Rio Grande do Sul até saberem o que iriam fazer com os seus projetos emigratórios.

No dia seguinte, ligamos para o número que o brasileiro passou. A pessoa indicada foi muito legal com a gente. Foi a primeira pessoa que conhecemos no Brasil que agiu com generosidade. Ela nos ajudou muito. Ficamos em Porto Alegre quase dois meses, mas tudo que tinham falado sobre a possibilidade de fazer residência no Brasil, era tudo engano, não era verdade. Luis Vasquez

Quando os recursos financeiros do casal esgotaram, o desespero incidiu sobre suas reflexões e novos trajetos foram construídos para a permanência no Brasil, se antes a cidade de São Paulo em nenhuma hipótese era cogitada como destino de trabalho e estudos, passou, nos argumentos de Luis, a ser a alternativa frente ao desespero da escassez financeira.

E perguntávamos: “vamos fazer o quê?” Passaram dois meses, e falando com as pessoas: “Vão para São Paulo, em São Paulo têm muitas faculdades, tem muitos bolivianos, vocês têm muita chance em São Paulo.” Mas nós não queríamos vir para São Paulo, já sabíamos que tinha o problema da violência. Mas não tinha outra opção, ou, seria o Rio de Janeiro, e Rio é pior. Então, dissemos não para o Rio de Janeiro e fomos para São Paulo. Luis Vasquez

O narrador Marcos, diferentemente, argumentou que veio para a cidade de São Paulo ainda na década de 1960 em busca de cursos técnicos profissionalizantes na área de mecânica. E caso não desse certo, iria para Argentina porque muitos conhecidos seus que não ficaram no Brasil procuraram esse país como alternativas frente ao prosseguimento dos estudos.

Na oficina onde trabalhei o mestre não tinha interesse em ensinar e, assim, não aprendi. Passei um tempo sem saber o que fazer da vida, cheguei até a cogitar a possibilidade de ir para Argentina trabalhar. Marcos

---

²⁷ Para maiores informações ver a notícias de jornais que saíram na BBC Brasil: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110622_imigrante_boliviana_brasil_analise_rw.shtml?s acesso em 22/06/11. Assim como, a notícia no jornal folha Universal <http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=9985&cod=152025&edicao=997> acesso em 14/05/11.

Porém, na época em que a viagem de Marcos ocorreu, nem todos seguiram para a cidade de São Paulo, alguns rumaram para a cidade de Curitiba. No período, Curitiba estava recebendo os bolivianos em virtude de acordos bilaterais firmados entre os dois países.

Naquela época era o trem noroeste que vinha de São Paulo, da Estação da Luz. A gente pegava o trem em Corumbá e descia em Bauru, fazia baldeação, o transbordo e chegava a São Paulo. Aquele colega que era o meu amigo ficou ligando e todo o meu grupo foi embora para o Brasil. Uns vieram para cá, outros foram para Curitiba. Marcos

Seguindo a linha argumentativa de Marcos, os bolivianos que resolveram vir para São Paulo nesse período, chegavam porque queriam aperfeiçoar o que tinham desenvolvido nos curso técnicos bolivianos, vindo por em prática seus ofícios.

Reuníamos-nos para nos encontrar e celebrar a amizade. Na época, os bolivianos que estavam por aqui vinham para estudar nas escolas técnicas, pois existia uma escola técnica na Bolívia e como lá não tem indústria e aqui tinha, vinham trabalhar. Muitas das pessoas que vieram nesse período faziam encontros e promoviam festas, faziam a festa de independência da Bolívia no dia 6 de agosto. Atualmente, a colônia é grande, e existe um certo consenso do povo da cidade, que acham que o de fora é melhor do que o de dentro. Então, se a pessoa ficasse na Bolívia não iria progredir e para progredir tinha que ir para o exterior. Então, o pessoal ia para Argentina, para o Brasil e Estados Unidos. Marcos

O narrador Roberto argumentou que saiu da Bolívia em virtude de um convênio entre Brasil e Bolívia. Foi estudar economia na Universidade de Brasília – UNB, mas como a verba que a família enviava não mantinha seus custos, em virtude do valor econômico de viver na cidade de Brasília, Roberto decidiu partir para Curitiba para estudar na Universidade Federal do Paraná.

Fui estudar lá em Curitiba em 1980 por meio de um convênio cultural Brasil/Bolívia. A verdade é que fui direto para Brasília, nessa capital estudei um ano e depois fui para Curitiba porque em Brasília a vida estava muito cara e a minha mesada só dava para vinte dias nessa cidade. Quando fui para Curitiba minha vida melhorou, fiquei estudando até me formar em 1984; daí eu casei com Jamile, que é uma brasileira de Curitiba. Roberto

Os planos que fizeram com que Lídia saísse de sua cidade natal até as terras paulistanas não estavam associados nem ao trabalho, nem aos estudos, apenas desejava,

em uma colônia de férias, conhecer a cidade e saber mais do Brasil que ouvira tanto nas músicas de rádio. Porém, veio e acabou ficando até os dias atuais.

Todos da minha família boliviana moram em Trinidad, Beni. E a minha mãe morou grande parte da vida em Santa Cruz, faleceu nessa cidade e todos os meus irmãos saíram de Beni e foram morar em Santa Cruz de La Sierra. Quando viajo daqui para lá, porque vou cada ano para Bolívia; fico três dias em Santa Cruz de La Sierra com todos os meus primos, filhos de minhas tias, que são irmãs de minha mãe. Fico três dias e depois vou para Beni, ver a outra parte da família que reside por lá. Fico em Beni até véspera da viagem e depois retorno para São Paulo. E assim tem sido a minha vida. Lídia

Lídia também relatou que esteve em outros países em decorrência de ter parentes na Europa. Apesar de a colaboradora ter trabalhado, aposentando-se como costureira no Brasil, possuía dois empregos, o de costureira o de cuidar da mãe de uma americana de classe média alta que residia no bairro do Higienópolis em São Paulo. Depois que a matriarca da família faleceu, também cuidou de um dos seus filhos, chegando depois de um tempo a falecer também. Foi autorizada por uma das filhas da patroa americana a continuar residindo no apartamento e sub-alugar os quartos da casa para estudantes do Mackenzie.

Conheço a Alemanha porque tenho uma sobrinha morando lá, ela é casada com um alemão. Fui em abril de 2006 no fim da neve e voltei no mesmo ano, fiquei três meses. Lá as ruas são muito limpas, nem buzina você escuta; como aqui “bi, bi, bi...” É falta de educação as pessoas ficarem buzinando à noite; as motos e carros passam e parece que vão levar tudo que encontram na frente; é uma falta de educação! E na Alemanha não vi nada disso. Eu me apaixonei por São Paulo até hoje, agora não saio mais daqui, estou com setenta e um anos; já vivi muita coisa e só posso lamentar pelas coisas que acontecem atualmente, por tudo estar assim. Lídia

As redes sociais que atrelam a vida dos narradores permitem acomodações nos lugares de destino. Apesar de Lídia residir desde a década de 1960 no Brasil, possui uma sobrinha que escolheu a Europa como alternativa para a vida. Esse indício não é um fator elementar dentro de seu texto, uma vez que demonstra outros roteiros de país e cidades escolhidas pela parentela de muitos bolivianos que residem no Brasil. Sabemos por meio dos sociólogos bolivianos que estudaram o processo migratório, que os países europeus tiveram um crescente aumento de bolivianos que escolheram a Europa em virtude da cotação do euro ter um valor superior ao dólar.

A narrativa de Rose, em alguns trechos, também perpassa sobre as outras rotas de países escolhidos como residência e zona de trabalho.

Caminhei, caminhei, caminhei, até chegar ao Brasil. Quase fui para os Estados Unidos também. Trabalhei em uma casa de frios, fiquei um ano nesse emprego, os donos me adoravam e queriam me levar para os Estados Unidos. Venderam tudo, inclusive a loja de frios para irem, queriam me levar e expliquei para eles que não queria ir para tão longe porque outros falavam: "Porque não tinha ônibus para voltar." Tinha pena de deixar minha mãe. Rose

As informações que a colaboradora trouxe são importantes para ilustrar o fato de que o Brasil não é o primeiro país de escolha de muitos imigrantes bolivianos. Antes de chegarem ao Brasil, muitos passaram por processos migratórios internos em seu país, para depois seguirem na rota que leva ao país de destino. Alguns bolivianos, antes mesmo do Brasil, passaram pelos Estados Unidos, como é o caso da narradora Carlota; ou por outras cidades da América Latina, como Argentina, também tido como um roteiro escolhido no passado, mas que também continua sendo uma aposta para o futuro, em virtude das crises financeiras que abalaram a Europa, atingindo diretamente os imigrantes latino americanos, africanos e asiáticos.

As faltas de alternativa de emprego que emergiram nesses países, fez com que bolivianos residentes na Espanha tivessem que mudar seus planos. Em parte, ter escolhido voltar para a América Latina, mas precisamente para o Brasil e Argentina, estão atrelados ao crescimento econômico destes países.²⁸

Assim, a colaboradora Rose complementou os argumentos ao falar de uma parte de sua parentela que escolheu a Espanha como país.

Eu já falei para o irmão Santiago: "Teus filhos saíram." Estão na Espanha, o irmão do meu sobrinho que está na fotografia foi para Espanha com a minha cunhada. Rose

Rose perpassa, sucintamente, sobre um episódio muito comum durante a década de 1990 na Bolívia: a saída de mães de família e mulheres que emigram para o exterior como forma de manter economicamente a família. A feminização dos movimentos migratórios é um vetor forte no mundo contemporâneo, porque muitas frentes de trabalho desempenhadas pelos homens foram suprimidas em virtude da oferta de

---

²⁸ Para maiores informações ler a notícia no site da BBC Brasil http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110622_imigracao_espanha_brasil_analise_rw.shtml?s acesso em 22/06/11.

empregos desses setores de trabalho, principalmente, construção civil e cargos na manufatura, e nessa época, sobraram os setores de prestação de serviços: empregos domésticos, cuidar de idosos e crianças. Estes setores foram , em sua maioria, ocupados por mulheres.

Primeiro fui embora para os Estados Unidos, mas não consegui me acostumar, chorava porque não entendia o inglês. Meus tios me levavam no supermercado e falavam assim: "Excuse me!" E pensava: "Deve ser desculpe-me." Levava o meu carrinho com compras e falava para o caixa: "Excuse me!" E a minha tia dava risada, estava aprendendo o inglês. Os rapazes falavam: "Let's go!" E eu repetia: "Let's go." E ela: "Você sabe o quê é?" E eu: "Deve ser até logo." Sei que me acostumei e gostei dos Estados Unidos. Minha tia sempre atenta me aconselhava: "Você vai estudar inglês, depois irá estudar o que você quiser e vai trabalhar aqui." Só que os trâmites dos documentos estavam emperrados. No Consulado dos Estados Unidos falaram que tinha que voltar para o país de origem e fazer novamente os documentos para estudar nos Estados Unidos. Eu falei: "Ah, não. Vamos embora." E a minha tia: "Vamos para o México ver se a gente consegue arrumar os seus documentos." Cheguei ao México e adorei aquele país.

Fomos para o México fazer os documentos e fiquei encantada, achei tudo lindo; as roupas, os artesanatos, tudo era especial. E ficava pensando "Ah, se eu tivesse dinheiro compraria tanta coisa aqui." Não conseguimos a documentação e nós retornamos para os Estados Unidos, sorte que a minha tia estava comigo. Fiquei sete meses nos Estados Unidos e tive que voltar para Cochabamba de novo. Eu não consegui os documentos e chorei tanto para não voltar para Bolívia. E a minha tia falou para mim: "Não chore, estude inglês na Bolívia e você volta para trabalhar aqui." Só que quando voltei para casa o meu pai não quis mais saber da conversa de Estados Unidos. Ele falou: "Você não vai estudar! Você é uma ambiciosa." E tinha um primo que falou para mim: "Por que você não estuda matemática, faça contabilidade." E assim fui estudar contabilidade na Bolívia durante quatro anos, sem repetir. Quando me formei já estava trabalhando na área. E foi nessa época que a minha irmã me convenceu a ir para o Brasil. Carlota

A experiência relatada por Carlota foi específica, porque antes de residir no Brasil passou pelos Estados Unidos e México. Carlota possui uma tia que emigrou para o Estados Unidos durante a década de 1950. Quando a entrevistada terminou o ensino médio na Bolívia, a convite da tia, foi passar um período nos Estados Unidos para verificar se conseguia se adaptar com a língua e costumes locais. A princípio, Carlota estranhou o lugar, mas depois se acostumou com os hábitos, pretendendo permanecer nos Estados Unidos. Os seus planos foram embargados porque o seu visto de estudante venceu e teve que voltar para sua casa. Durante o destrinchar da história a tia de Carlota resolveu levá-la até a cidade do México e verificar a possibilidade de conseguir um passaporte para a sobrinha. Não tendo sucesso na empreitada, desistiram ficando

acertado que Carlota retornaria para Bolívia, faria um curso de inglês e voltaria para os Estados Unidos para residir com a tia. Mais uma vez os planos de Carlota foram congelados porque seu pai não autorizou, não financiando o curso de inglês. Assim, Carlota resolveu realizar o curso de contabilidade em Cochabamba. Tendo uma irmã residindo no Brasil, Carlota foi convencida a seguir para São Paulo em busca de melhores condições de renda. A saga da emigração de Carlota foi finalizada, por enquanto, no Brasil onde casou e constituiu família.

Os argumentos do colaborador Ilfredo divergem de todos entrevistados dessa pesquisa porque seu arquétipo se aproxima do narrador benjaminiano. Um caminhoneiro que aglutina em sua narrativa as experiências e as paisagens por onde outrora passou. Segundo Ilfredo, trabalhou durante um período da sua vida como transportador de mercadorias para países circunvizinhos bolivianos, conheceu uma parte desses territórios, mas o seu objetivo não era colecionar informações e, sim, vender mercadorias para áreas de livre comércio nas fronteiras. Ao mesmo tempo, Ilfredo disse ter uma experiência distinta dos bolivianos que trabalham no setor da costura em São Paulo.

Muita gente do campo vem trabalhar em São Paulo, acho que uns 80% das pessoas que estão nessa cidade são do campo. Poucas pessoas que trabalham nas grandes cidades da Bolívia escolhem morar em São Paulo porque eles conhecem a vida das cidades e preferem outras capitais, como Barcelona. As pessoas que trabalham na costura em São Paulo, a maioria vem das províncias. Ilfredo

O narrador possui outros parentes que residem no Brasil, na cidade de Campo Grande. Essa informação é importante para citar outros roteiros escolhidos pelos imigrantes bolivianos que optaram pelo Brasil como alternativo para o trabalho.

Atualmente a minha família mora em Oruro e no Brasil tenho parentes em Campo Grande no Mato Grosso do Sul; minha família está em distintos lugares. Ilfredo

As rotas e as escolhas são divergentes e as narrativas dos imigrantes bolivianos apontaram outras capitais brasileiras como lugares que foram cogitadas como válidas, onde muitos de seus amigos e parentes decidiram morar. É importante não apontar a cidade de São Paulo como sendo a única alternativa escolhida por toda a comunidade boliviana que vem para o Brasil, até porque, por meio das narrativas e da experiência de

campo pudemos perceber os diferenciados motores que fazem com que as pessoas elegem algumas cidades e não outras para viver.

2.8. Onde, Como, Contatos Anteriores

Quanto aos estudos de deslocamentos, a análise de redes sociais parece promissora. Desde que a perspectiva sistêmica se torne uma possibilidade analítica, deparamo-nos, inevitavelmente, com o fato de que pessoas, bens materiais, informações e valores em “movimento” de um local ao outro, podem ser quase intuitivamente pensados como fluxos que se conectam internamente, segundo algum padrão determinado. Para Dimitri Fazito:

A Análise de Redes Sociais procura fazer identificar conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) dentro de um sistema determinado (uma rede pessoal ou total, por exemplo) e, desse modo, representar padrões estruturais de relações que podem ser mais ou menos constantes, ou totalmente imprevisíveis e não-lineares (relações emergentes) (pg. 4).

Desta forma, redes sociais podem ser usadas como procedimento para analisar os grupos sociais e os movimentos migratórios, fazendo compreender a dinâmica social a partir da mobilidade e infixidez dos grupos em trânsito. Essa categoria de redes sociais é importante, pois faz com que ampliemos os vetores de análise do conceito de identidade, uma vez que este não é mais visto como um ser em si, mas como processo, ativados por meio de práticas discursivas, como redes de acionamento de valores no tempo e no espaço.

A emigração como processo social implica a presença de uma complexa estrutura social que, em geral, vai além do contexto migratório. Como afirmam Massey in Fazito,

as redes migratórias consistem de laços sociais que ligam comunidades expulsoras a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não migrantes em uma teia complexa de papéis sociais e relações interpessoais complementares, mantidos por conjuntos informais de expectativas recíprocas e comportamentos prescritos. (...) Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório mas antes adaptados a ele, sendo reforçados, ao longo do tempo, através da experiência comum dos migrantes (2002, p. 2).

É uma tarefa árdua definir, empiricamente, os contornos dessas redes migratórias em um contexto social complexo (onde cooperam migrantes e não migrantes). Como estratégia de análise, Massey e seu grupo se atêm ao aspecto regionalizado e comunitário das redes migratórias e, desse modo, concentram-se sobre as relações interpessoais – levando-se em conta que, em sua análise, são os aspectos macroestruturais (econômicos e sociais) que “disparam” o processo migratório e, por consequência, definem, também, os contornos das redes migratórias.

Os contatos e as redes sociais dos entrevistados demarcam, também, as relações de pessoas que os recebem, ou, tratam de acolhê-los quando estes aportavam no Brasil. Muitos bolivianos chegavam em São Paulo e iam direto para as casas ou oficinas de costuras de parentes, amigos ou pessoas indicadas por outros conhecidos. O exemplo da narradora Aidé que descreveu o ocorrido, ao chegar à capital industrial do Brasil.

Cheguei em São Paulo em dezembro de 2005; não sabia onde iria trabalhar, mas a minha irmã tinha vindo muito antes com o seu esposo e já esperava por mim, liguei e falou: “Irei falar com o meu chefe para você trabalhar comigo”. Sei que eles conversaram e ele não aceitou a minha presença na oficina. Então, ela procurou um amigo, seu nome é Valter Iglesias, um *hermano* que buscava trabalhadores bolivianos para trabalhar nas oficinas de São Paulo. Aidé

Os contados das pessoas dentro das redes sociais, comumente, indicam outras pessoas para as cidades receptoras. Em relação os imigrantes bolivianos a regra, comumente utilizada é esta, pois serve para inseri-los nas zonas de trabalho pelo qual passam outras da comunidade para instalarem-se em São Paulo. Assim, Aidé afirmou: *é muito comum chegarmos com todos os contatos de donos de oficinas e irmos direto para o emprego.* A articulação do setor de manufatura é iniciando ainda em terras bolivianas. Quando aportam em terras brasileiras, essas pessoas entram em contato com suas redes sociais para serem alocados em seus postos de emprego.

Poucas pessoas, como é o caso do casal Luis e Lordes, vieram para o Brasil sem uma indicação precisa de onde iriam residir, pois, o objetivo do casal, a princípio, era realizar pós-graduação tendo que construir, no Brasil, as redes pelas quais iriam adentrar na esfera acadêmica.

Tudo bem, fizemos os planos, arrumamos as coisas e viemos para o Brasil. Tínhamos um contato, uma médica boliviana para quem ligamos, ela morava em Campo Grande/ MS. Disse que tinha uns estágios, uma

residência com bolivianos, e nos assegurou que tinha uma vaga. Nós íamos chegar e iria estar tudo pronto. Luis Vasquez

Por indicações de amigos em La Paz, Luis conseguiu permanecer uns dias alojado em um hotel na cidade de Campo Grande, porque acreditava que a proposta de trabalho para médicos fosse certa. Era verídica, mas não para estrangeiros. Ao saberem da notícia, o casal seguiu para Porto Alegre onde ficaram dois meses alojados na casa de uma pessoa que foi indicada por um amigo brasileiro que morava na Bolívia. Diferente da experiência de Luis foi o caso da família de Marta. Vejamos:

O meu pai comunicou a minha família de que a gente vinha para cá, ou seja, falou para os cunhados dele, irmãos da minha mãe. "Bom, eu já estou decidido ir-me, conversei com meus filhos e nós decidimos ir para o Brasil.", "O que? Ao Brasil?" Meus tios começaram a rir... "Não Victor, como você vai levar eles? Você não conhece ninguém, mesmo assim, você não consegue entender o português; a Espanha, todavia, seria o mesmo idioma, mas como vai ser no Brasil? O que vai ser de meus sobrinhos? Não, se você quer ir, você vai sozinho e depois você vem buscar os meninos porque sabe Deus como será por lá? Não conhece nada, não tem a ninguém." Aí o meu pai falou: "Não." Marta

A experiência migratória da família de Marta indica que não havia contatos com parentes ou amigos no Brasil. O pai de Marta decide sair da Bolívia, à época, fez todo o trajeto de trem e de ônibus até chegar à cidade de São Paulo e sair em busca de empregos para manter sua família. Mesmo assim, há um momento que o patriarca da família teve que deixar cada filho na casa de desconhecidos porque não poderia deixá-los sós no quarto que alugou e sair para trabalhar. Segundo Marta, foi um período curto, mas que foi superado por todos os irmãos.

Na época, não conhecia ninguém que estivesse a fim de sair da Bolívia e nem pessoa que pudesse confiar, estava sozinho. Nesse momento apareceu um colega e falou: "Vamos para Brasil?" Como estava pensando na Argentina, disse: "Vamos!", "Então vamos." E fui embora para Santa Cruz, cidade próxima ao Brasil. A cidade de Santa Cruz é grande, fiquei um tempo lá, uns três meses. Daí perguntava aos rapazes que chegavam à pensão onde estava e para onde eles iriam: "Vou para o Brasil". Nesse período, todo mundo estava indo para Brasil e fiquei com curiosidade, queria saber mais desse país. Até que um dia resolvi seguir rumo ao Brasil. Marta

Para Marcos, os contatos dos amigos foram fundamentais para saber onde e como localizar-se na cidade de São Paulo, uma vez que uma parcela dos amigos que não foram trabalhar na Argentina, seguiram para o Brasil.

nessa mesma viagem conheci uma boliviana que estava fazendo faculdade de medicina, mas ela era diferente, meio quéchua, era de Corumbá no Mato Grosso, nesse período ainda era uma cidadezinha pacata. Perguntei a essa moça como que era São Paulo e ela disse que era grande, mas não acrescentou mais nada. Daí vim embora para o Brasil, peguei o trem e parti com destino a São Paulo. Marcos

Essa decisão não foi tomada apenas por Marcos, pois Leo, um de seus irmãos, também decidiu seguir rumo a São Paulo, onde foi recepcionado por outro irmão. Ao contar sobre esse episódio, Leo enfatizou:

Na Bolívia não cheguei a trabalhar como professor porque faltava um ano para me formar como normalista. Assim, trabalhei um período informalmente com o conserto de máquinas. Quem primeiro resolveu ir para o Brasil foi o meu irmão, o Marcos. Ele veio e me deu essa oportunidade de trabalhar, resolvi partir, e aproveitei para ficar quarenta dias em São Paulo. Nesse período, fui me adaptando e acabei ficando até hoje. Leo

Leo tinha a intenção de ser professor, mas acabou vindo para São Paulo tornando-se mecânico de equipamentos manuais, máquina de escrever, costurar, telefone e fax. Ao chegar à cidade de São Paulo foi recepcionado pelo seu irmão Marcos, quem o abrigou por um período até ele conseguir emprego e, arranjar uma escola para aprender o ofício de mecânico. Leo conseguiu sua anistia no início de década de 1990, o que fez com que legalizasse seus documentos e conseguisse emprego em um setor que não fosse relacionado às confecções de costura.

A narradora Lídía descreveu seu encontro com a cidade de São Paulo como se fosse a última odisséia de sua vida. Chegou à cidade e foi direto para a casa de uma amiga, que por sinal, estava alojada em uma pensão. No período, a pensão recepcionava pessoas advindas da Bolívia.

Chegamos a São Paulo e pegamos um táxi, tínhamos o endereço do lugar onde iríamos ficar. Era na casa de uma *patrícia* que era natural de Trinidad na Bolívia, morava aqui na rua Maria Paula, Higienópolis, em frente ao edifício da Câmara dos deputados onde fica um edifício enorme. Quando chegamos na casa dela foi uma alegria imensa! Havia gente da Bolívia que estavam morando há muito tempo no Brasil, que chegaram em 1950, e assim, nos receberam e ficamos um mês. Quando deu um mês os outros voltaram e eu não voltei, fiquei e até agora estou aqui. Mas todo ano vou para Bolívia. Lídía

A rede social na qual a narradora Lídía foi inserida construiu as pontes para que ela conseguisse um espaço para ficar na cidade. Depois de sua permanência na capital e de ter tido seu filho Lídía vai residir em uma casa de classe média, no bairro de

Higienópolis. O período da década de 1960 e 1970 é considerado de pequena incidência de entradas de pessoas que vieram para o Brasil. Atualmente, formam a parcela dos que conseguiram se estabelecer e construir vínculos com instituições, tais como a Pastoral do Imigrante, organização social ligada aos trabalhos da Igreja Católica no Brasil. Como é o caso da própria Lídia.

Nesse tempo conheci a minha comadre, o meu filho estava com dois meses, ele nasceu em São José do Rio Preto porque tenho uma prima que mora lá, e aqui não tinha ninguém. Era o primeiro filho e nem tinha idéia de como era, e ela: "Lídia, vem aqui um mês antes de você ter o Natan." Já sabia que iria se chamar Natan. "Ah, tá." , "Por que não posso ir em São Paulo, cuidado, é melhor você vir aqui em São José do Rio Preto." E fui a São José do Rio Preto, já conhecia a cidade e fui ter o bebê lá e voltei para São Paulo quando ele estava com dois meses. Lídia

Foram por meio dos contatos na Pastoral do Imigrante em São Paulo que Lídia ampliou sua rede afetiva de amigos e pode conviver e compartilhar da rede social na qual Marta, Ema e Carlota fazem parte. A entrevistada também possui uma sobrinha que reside em São José do Rio Preto, cidade para onde passa o período de férias com a parte da família que está no Brasil.

Tive e fiz muitos amigos no Brasil; quando conheci a Marta, ela morava nas ruas das Palmeiras. Quando eles me convidaram para ir a uma festa, eram com todos os bolivianos. Conheci o meu marido e conheci o marido da Marta nessa festa, acho que a amizade começou em 1964; faz mais de quarenta anos essa história. Quando o meu filho completou dois meses conheci a Marta; agora o meu filho tem quarenta anos, mas já conhecia o Marcos antes de conhecer a Marta, quando eles eram solteiros. As mulheres eram solteiras, e aí todas casaram com bolivianos, outras casaram com brasileiros, outras moram aqui e outras voltaram para a Bolívia. Lídia

Segundo o narrador Guillermo na época que chegou ficou alojado numa pensão onde a dona esperava imigrantes na Estação da Luz, local onde aportavam muitos imigrantes advindos da Bolívia de trem. O colaborador Guillermo está no Brasil há mais de quarenta anos. Fez sua vida como comerciante, constituindo família na capital de São Paulo. É uma espécie de exemplo citado e reconhecido no circuito da Pastoral do Imigrante e da Feira da praça Kantuta, espaço que costuma frequentar com sua esposa, também boliviana.

Quando vim para São Paulo fui indicado para uma pensão onde quem tomava conta era uma mulher que já esperava todos os bolivianos na Estação da Luz. Lembro de uma senhora que hoje está no céu,

chamava-se Cristina Alvarado, era comerciante, trabalhava com ela, havia muito trabalho na época que cheguei, mas não tinha muito imigrante boliviano. O diálogo foi: "Você é boliviano?" , "Sim." , "Habla español? Quer trabalhar comigo?" Trabalhei num bar como garçon, depois trabalhei numa fábrica de bolsas e depois fui trabalhar numa fábrica de guarda-chuvas. Depois fui aprender a fazer guarda-chuvas com um italiano, os moldes eram simples, disse-me: "Aprendeu? Então não preciso mais de seus serviços. Pode ir-te." Esse patrão me disse isso de uma forma muito seca. Aí disse: "Nunca mais vou trabalhar para ninguém." Depois desse dia disse a mim mesmo que nunca mais trabalharia para ninguém, só para mim. Mas tem males que vem para bem. Tenho muitas histórias. Guillermo

Rose chegou ao Brasil por meio da relação de trabalho com sua ex-patroa, pessoa responsável por trazê-la a São Paulo. Rose veio trabalhar como babá e empregada doméstica na casa de uma médica que veio trabalhar no hospital do Servidor Público em São Paulo durante a década de 1970. Na época que Rose foi contratada estava enfrentando vários problemas de saúde, e em troca dos cuidados oferecidos pela médica, Rose aceitou trabalhar para sua família, pois foi uma das poucas pessoas que a tratou com dignidade, respeitando e pagando seu salário em dia. Segundo a entrevistada foi sua patroa que conseguiu agilizar o processo de legalização de seus documentos no Brasil.

Essa senhora estava no hospital da Bolívia e falou: "O que você tem? Está grávida? Está prenha?" Falava em espanhol. "Tá prenha." , "Não estou prenha. Não sei nada disso." , "Estás barriguda." , "Não, é que tenho hérnia e acho que é isso que está inchando a minha barriga." A minha barriga era enorme e parecia barriga de mulher grávida. Aí ela falou: "Você está trabalhando?" , "Não, estou a procura de trabalho." , "Então, você vai trabalhar comigo. Tenho uma filha e quero que você tome conta de minha filha." , "Tá bem." Falei. "Eu quero trabalhar. Mas estou doente." Falei. "Me dói aqui, me sai uma coisa daqui." Eu não sabia o que era hérnia e saía um líquido de mim. Aí ela falou: "Mañana voy a tomar de los cables de tu pelo hasta la punta de los pies examinar. Te llevaré al médico y yo cuidaré de ti." Aí como estava trabalhando muito tempo com ela, ela me tratou, muito boazinha. Cuidou de mim e trabalhei até esses dias com ela. Ela que me trouxe da Bolívia para o Brasil. Cheguei na casa dela e trabalhei cuidando das filhas. Cuidei da filha que estava pequenininha, levava na escola, depois da escola ia brincar com ela no parquinho; cuidei dela muito bem, por isso que ela gosta muito de mim. Saí recentemente da casa dela porque fiquei doente. Atualmente só estou em casa... Depois de quatro anos a Dona Pepita, a senhora que me pegou no hospital, retornou do Brasil e foi em casa me procurar, foi primeiro na casa que era da comadre dela. Procurou e acabou me levando para São Paulo. Ela fez os meus documentos e me trouxe para cá. Rose

Muitos narradores seguiram para o Brasil com contatos pré-definidos em suas cidades de origens. Ao chegarem às cidades brasileiras, uma grande parcela já detinha

as indicações onde iria residir e, outros, já sabiam com quem iriam trabalhar. A geração de pessoas que chegaram durante a década de 1960, 1970 detinha nichos de trabalho diferentes dos setores da costura, atualmente, destinado aos trabalhadores que não possuem documentos de permanência no Brasil; e onde se pagam “salários” muito abaixo das regras estabelecidas pelo governo Brasileiro. As primeiras gerações de pessoas que chegaram ao Brasil foram trabalhar em diferenciados setores, alguns, como é o caso de Ema e Rose que possuíam vínculos de trabalho doméstico estabelecidos em suas cidades na Bolívia; o que fez com que elas chegassem e soubessem onde iriam ficar e com quem iriam trabalhar, assim como, eram pessoas documentadas e legalmente registradas.

No final da década de 1980 e durante toda a década de 1990, com a saída de trabalhadores coreanos no setor da costura de São Paulo, novas pessoas foram sendo encaminhadas para antigas “vagas” ocupadas por outros imigrantes. Assim, vários trabalhadores bolivianos foram sendo ‘convocados’ a ocuparem esses postos, mas que por não terem seus documentos juridicamente ‘legais’, passaram a ficar a mercê das condições de trabalho e exploração de seus patrões, tornando-se vulneráveis as práticas de espoliação e violência da indústria têxtil.

No período que Carlota chegou ao Brasil, disse que ainda não existia essa prática de exploração excessiva que muitos patrões cometem contra seus empregados. Carlota trabalhou em muitas oficinas de costura em São Paulo, mas como tinha uma idade avançada não conseguiu adentrar nas disputadas empresas de confecções do bairro do Bom Retiro, por mais que soubesse todas as etapas do processo produtivo. Relatou que não tinha o objetivo de vir para o Brasil, mas acabou aceitando um convite de sua irmã e veio trabalhar em sua oficina e residir, a princípio, em sua casa.

A minha irmã me trouxe para São Paulo só que não conseguia alcançar o dinheiro que desejava. Acabei indo parar em uma oficina de costura e trabalhando, aprendi a costurar. Carlota

Atualmente, poucos foram os trabalhadores que conseguiram dar entrada ao processo de anistia no ano de 2009 e, assim, muitos continuam subjugados aos modos de exploração de seus patrões e do circuito capitalista de produção. Uma parcela das pessoas que conseguiram se ‘legalizar perante o governo’ saíram do setor de manufatura e foram trabalhar no setor de serviços, tais como balconista, frentista, diarista, vendedores. É o caso da colaboradora Jenny, que trabalhou para seus sogros na oficina

de costura da família, mas que ao conseguir seus documentos foi trabalhar em uma óptica como vendedora no Brás.

Assim, podemos perceber a predominância dos agenciamentos das redes sociais dos imigrantes como ponto para as articulações de moradia e nichos de trabalho no Brasil. Contudo, as comunidades de destino não agenciam somente os setores trabalhistas destes imigrantes, como também, suas relações afetivas e comunitárias de aporte psicológico no lugar de destino.

2.9. Impactos da Cidade

A relação de alguns emigrantes bolivianos com a cidade São Paulo foi atrelada, em sua grande maioria pelo medo, violência, exclusão e abandono dos espaços públicos. Alguns narradores descreveram situações onde passaram por situações de intimidação ou fizeram críticas às transformações que ocorreram no espaço da cidade. Aidé relatou sobre o medo que vivenciou na capital.

Eu noto que no Brasil têm alguns brasileiros que são bons, têm muitos que são mal, roubam, matam, amedrontam as pessoas. Existe muitas pessoas que não veem os bolivianos com bons olhos, pensam que somos bicho e que estamos no Brasil para roubar todos os postos de trabalho deles. Um dia estava andando pela rua, e de repente um menino me atacou com um *cuchillo*, com uma faca de cozinha e me assustei. Têm muito malandro pelas ruas do Brasil, mais do que na Bolívia, pois lá não vejo as pessoas serem atacadas com faca pelas ruas da cidade; e aqui isso é comum, e por todos os lugares tem violência. Assustei-me bastante, isso ocorreu num domingo às cinco da tarde. Aidé

O primeiro exemplo a ser considerado no trecho da narrativa de Aidé é a crítica que ela faz ao sentimento de estranheza, do olhar preconceituoso com que uma parcela da população de São Paulo veem os bolivianos. A colocação de Aidé desvela um olhar xenofóbico da população, daquelas pessoas que agem com hostilidade e que se sentem ameaçadas com a presença dos emigrantes em seu território. Estamos utilizando o termo xenofobia descrito pela antropóloga Verena Stolcke que diz:

Conforme observei no início, desde os anos setenta um novo argumento começou a permear a linguagem política e popular sobre a imigração extracomunitária. Os defensores de um basta à imigração argumentavam que é simplesmente "natural" que as pessoas com culturas estranhas em "nosso"

meio provoquem animosidade e ressentimento entre os nacionais. Quase sem refletir, a mídia e os políticos escolheram o termo xenofobia para caracterizar esse sentimento anti-imigrante, noção esta que tomou conta da imaginação européia.(18) Literalmente, xenofobia significa "hostilidade contra estrangeiros e contra tudo o que é estrangeiro".(19) Geralmente, a raiz dessa atitude não é especificada, ou é compreendida como se as pessoas tivessem uma propensão "natural" para não gostar, ou para rejeitar estrangeiros que pareçam diferentes.”²⁹

O sentimento de “fora do lugar” instaurado na percepção de Aidé demonstra o quão contraditório é viver num país que apregoa a dita “democracia racial” e política da “boa” receptividade aos estrangeiros. Como podem os nacionais brasileiros sentir-se ameaçados pelos nichos de trabalho ocupados pelos emigrantes latinos americanos, uma vez que grande parte desses postos não é preenchida por brasileiros porque paga-se muito mal, além de agregar uma jornada de trabalho estafante e exploratória.

A colaboradora sentiu-se violentada pela estrutura de trabalho, pelo olhar que é atribuído a ela pelos nacionais, pelo patrão que a explora e a maltrata, fazendo que esse medo seja sentido quando se desloca pelas ruas da cidade. O temor de sair pelas ruas foi agravado por um assalto que sofreu em uma rua da metrópole e fez com que ela questionasse essa “vida calma no Brasil” que é repercutida pela mídia no exterior.

O sentimento de medo e violência também foi expresso na narrativa de Luis Vasquez, mas atrelado a vulnerabilidade do trabalho e as questões de moradia.

Eu fiquei pensando. Olha, gostaria de voltar, pois tinha uma vida bem legal lá, não bebia, não morava do jeito que estou aqui, mas vai ser um pouco difícil, não é fácil pegar as malas e ir embora, porque teria que vender tudo, perderia quase a metade, metade do valor do preço. Então, estou nessa indecisão, mas se alguém aparecesse aqui: “ Com dinheiro talvez.” Eu vou embora porque não gosto da vida do Brasil, tem violência, a gente vive com medo. Lá é tudo diferente, tudo mais tranquilo, não tem nada disso, você pode andar na rua de noite, é assalto, não tem nada disso. Aqui é bem perigoso, neste bairro é pior ainda porque os bolivianos são fregueses dos “noias”. Então, não gosto de morar aqui. Milha família insiste muito para que eu volte para Bolívia.
Luis Vasquez

A insegurança a qual Luis descreveu estava atrelada as questões de trabalho, pois não conseguia melhorar as condições econômicas de sua vida, uma vez que no momento da entrevista possuía uma lan house e uma pequena oficina de costura no fundo da casa que residia com sua esposa. Também podemos dizer que a insegurança

---

²⁹ Artigo disponível no site da ANPOCS, intitulado “Cultura Européia: uma nova retórica de exclusão? site: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_22/rbcs22_02.htm acesso em 28/06/2011.

estava relacionada ao bairro relatado: Brás. A rua da sua casa é um espaço controlado por vendedores de droga, e o narrador, no momento da entrevista, queixava-se desse “domínio” por parte dessas pessoas.

Leo também construiu críticas ao governo brasileiro ao dizer que estranhava a quantidade de pessoas que vivem nas ruas de São Paulo. Para ele, foi um choque ter se deparado com tantos problemas no Brasil, mas o governo faz “vista grossa” com as áreas da saúde e educação. Disse em sua entrevista que “teve sorte” por não precisar, ainda, dos serviços dos postos de saúde porque tem medo de algum dia, não ser atendido pelas instituições públicas do Brasil.

De modo geral, achei o Brasil um país emergente, e pode ser a potência da América Latina, mas os governantes e o povo não ajudam. O povo está acostumado ao disfarce; e muitos não querem trabalhar; querem ter uma vida mansa; querem o que é fácil. Por que o centro de São Paulo tem bastante mendigo? Conheço o centro, Santa Cecília, República, Praça da Sé, Liberdade. Por que será que tem tanto mendigo na praça da Sé? Está cheio de idosos abandonados. Lembro que assim que cheguei não tinha muitos mendigos pelas ruas da cidade. Agora, aqui nos arredores da loja tem bastante; todos os dias aparece alguém pedindo um real, cinquenta centavos. Acho muito triste ver pessoas pelas ruas da cidade, é um grande problema social. Sabemos que no final do ano ocorrerão as eleições, e o que será mudado no cenário brasileiro? Não sabemos. Como está a nossa segurança? A Educação? Os hospitais? Tem um posto de saúde aqui, mas a saúde ainda não é prioridade nesse governo. Leo

Leo continuou enumerando suas indignações ao citar as prioridades que o governo brasileiro elege, tais como priorizar a construção de estádios de futebol para a copa do mundo, em virtude da falta de recursos para investir em educação e saúde no Brasil. Como isso, temos que convir que no “país do futebol”, deixar de realizar uma copa do mundo seria quase um “crime”, tendo em vista os setores e as pessoas que se beneficiariam com as obras de superfaturamentos nos projetos de infra-estrutura para sediar uma copa do mundo no ano de 2014.

Quer dizer, precisava fazer copa do mundo aqui no Brasil em 2014? Quantos milhões serão investidos para fazer a copa? Digo que não é justo; pois estão priorizando o futebol, para isso tem dinheiro, agora, para investir nos hospitais, na educação, na segurança, não tem dinheiro. Hoje a Europa e a Grécia estão em crise? E o governo brasileiro está emprestando dinheiro para a Grécia, então está sobrando dinheiro. Quantos milhões de dólares o governo não poderia investir nas favelas, nas casas, não podia concluir moradias populares em São Paulo, no Rio, na Bahia, no sul, lá em Manaus; cada priorizar determinadas habitações no Brasil; para que cada família tenha lugares decentes para

residir. Por que o governo está emprestando dinheiro para a Europa? Não quer saber do povo. Para mim, está tudo errado, agora, se realmente fizessem isso, o Brasil poderia ser a melhor potência da América Latina. O Brasil tem terra, o clima ajuda para produção, mas os governantes não querem investir nas melhores condições de vida da coletividade; e o Brasil desse tamanho ainda tem gente passando fome. Leo

Lídia descreveu em sua entrevista as boas impressões que teve em seu passado, justamente por estar relacionado aos espaços sociais que a cidade oferecia no centro para a população: teatros, praças, cafés, livrarias; os quais foram destruídos para erguerem novos prédios em seus lugares. Alguns se encontram, atualmente, “abandonados”, delegados ao descaso e a “sujeira” que prevalece em tais espaços.

Quando cheguei ao Brasil, a cidade me chamou muito a atenção, era muito bonita, acolhedora, limpa e as pessoas eram muito gentis. Tudo era bonito, o Masp, o Teatro Municipal, toda essa redondeza, era um luxo. A Praça da República era linda, tudo arrumadinho. O colégio Caetano de Campos na Praça da República que agora é a Secretaria da Educação era um luxo; passava numa rua em frente do colégio; na praça, do outro lado era uma rua por onde entrava os carros para pegar os meninos no colégio. Olha a diferença, mudou, agora é tudo um só. E a praça era limpa, tinha um lago lá que era lindo, onde se podia enxergava o fundo. Os patos eram tudo bem cuidados, pessoas vestidas de forma elegante, as pessoas eram muito elegantes naquela época. Tenho saudades de tudo! Lídia

Lídia olhou para os atuais espaços do centro de São Paulo com saudade de tudo que vivenciou. Saudade das boas lembranças da juventude, em uma cidade onde aprendeu a se abrigar em termos de afeto, porque saudade é uma palavra portuguesa, mas brasileira por afeto. Para os hispânicos, “sentir falta” é uma expressão que pode ser dirigida a muitas situações do cotidiano, mas a saudade é uma palavra que está ligada a memórias e a situações de privação da presença de uma pessoa ou de uma situação. Por isso, Lídia sente saudade dos seus espaços de memória do passado e que hoje só existe enquanto lembrança.

A relação que a colaboradora Maria estabeleceu com a cidade é de insegurança, pois como feirante costuma expor suas mercadorias para venda na praça Kantuta e na feira da rua Coimbra; porém uma atitude de medo tem levado Maria a se preocupar se é “bom” continuar vendendo em alguns locais da cidade. Essa preocupação está relacionada ao “rapa”, popularmente conhecido, porque são agentes da prefeitura de São Paulo que capturam toda mercadoria das pessoas que não tem licença para trabalhar na rua ou em locais de muito movimento da cidade. Esse acontecimento deixa a família de

Maria inquieta, pois a forma que encontrou de sobreviver e pagar a contas foi vendendo pães e comidas nesses espaços. Seu sentimento de desamparo é exposto quando, para não perder suas mercadorias, teve que pagar propina para alguns policiais que circulam pelas ruas da cidade como forma de continuar no espaço que costuma trabalhar.

Com relação ao Brasil, gosto de tudo, só não concordo com a postura da polícia, da prefeitura, por exemplo, eles não entendem a gente, porque a gente está trabalhando e eles pegam tudo de nós sem a nossa autorização. Nós somos bons, os vizinhos daqui também são bons comigo. Só não concordo com as atitudes dos policiais corruptos que dizem: “Ah, dá dinheiro aí!” Eles dizem que é o quebra galho.

Às vezes a gente passa por cada apuro, eles pegam o carro mesmo sabendo que necessitamos dele para trabalhar, não sei, mas os policiais sempre pedem dinheiros dos bolivianos que tem banca na rua, principalmente se for época de festa. Maria

Ilfredo também relacionou a violência como uma ação que desvaloriza São Paulo como um bom espaço para se viver. Outro fator que é citado por Ilfredo é número de festa que os bolivianos fazem na capital. O colaborador criticou o consumo exagerado da bebida por parte da comunidade, mesmo sabendo que o boliviano é “povo festeiro”. Suas críticas seguem ao citar que ao invés de investir na educação dos filhos ou na compra de uma casa, os valores que são gastos em festas, caso somados, dariam para comprar um automóvel ou financiar a prestação de uma casa.

Eu gosto de viver no Brasil, só tenho medo da violência e dos malandros, é muito roubo. Se não fosse isso, São Paulo seria lindo. Porém, em todo país tem essas coisas, todo país. Às vezes penso em voltar, mas não quero retornar por que os meus filhos são pequenos e não tenho funcionários para me ajudar com os pães; funcionários só dão dor de cabeça, querem hora extra, querem sair, bebem; porque o boliviano bebe muito, bebe muita cerveja. Não sei o porquê de tanta bebida, mas bebem.

O povo boliviano gosta de beber muito. Na Bolívia tem muitas crises econômicas, mas também tem bastante festa. Para fazer festa sacam dinheiro de não sei onde, mas para outras coisas não tem... Toda semana tem uma festa, cada mês é uma festa, normalmente é o alto pazeño que faz mais festas, do departamento de La Paz. É muita festa, se morrem fazem festa, se casam é festa, nascem é festa, tudo é festa. Ilfredo

As críticas de Jenny são construídas para a própria comunidade de bolivianos em São Paulo, ao dizer que seus compatriotas não se entrosam com a cultura brasileira, vivem em “guetos” e não aprendem o português. Acompanhemos o seu percurso crítico:

O patrão trabalha e gosta de fazer o empregado sofrer, viver virou sinônimo de sofrimento. Sei que muitos bolivianos gastam o mínimo possível; não percebem que tem que aprender o português, aprender a conviver em outros círculos de pessoas, aproveitar as oportunidades para estudar; é necessário deixar o comodismo de lado. Temos que conhecer mais, saber falar com uma pessoa deferente, saber compartilhar idéias e pensamentos diferentes. O que acontece é que muitos bolivianos se fecham entre eles, nos seus próprios nichos e aprendem muito pouco. Então, qual é a finalidade de emigrar? Acredito que se migra para conhecer, para se aproveitar tudo que o Brasil pode oferecer e que a Bolívia não está dando para nós. Muitas pessoas gostariam de estar no Brasil e não podem porque não tem dinheiro, tem família, tem muitas outras coisas; e por isso, acho que eles poderiam aproveitar mais esse país. Às vezes acho que os que podem aproveitar não gostam dos benefícios que o Brasil oferece para todo mundo. Jenny

Assim, Jenny também definiu sua percepção sobre os problemas que vê no Brasil, dentre os quais: o crime, a falta de educação da juventude e o descaso da família para com as crianças.

O que eu não gosto no Brasil é a delinquência, os crimes, crianças mal educadas, por quê? Por que desde muito pequenos respondem aos pais e dão ordens aos pais. E não gosto da atitude das crianças e dos jovens na escola que não respeitam professores, virou uma assistência fajuta onde os alunos não sabem aproveitar o ensino que tem. Na frente da minha atual casa tem uma escola, todos os dias vejo alunos brigando; ao menos uma vez por semana ocorre uma pancadaria, até entre mocinhas de sete ou oito anos de idade observo a pancadaria ao saírem da escola. E me pergunto que tipos de pessoas as famílias estão criando? Jenny

Os narradores elegeram como temas tidos como “negativos” na cidade de São Paulo as questões atreladas à violência, ao número de moradores de ruas, falta de investimento em saúde e educação, o sentimento de medo, de angústia perante o desconhecido, a falta de coletividade, tal com, a individualização das vidas em guetos na sociedade contemporânea, o que tem gerado xenofobia, racismo e preconceito.

2.10. Acomodação à Cidade: aceitações e recusas

Adaptar-se não significa, necessariamente, assimilação da cultura do outro, às vezes, comumente, estão implícitos processos de negociações culturais entre identidades diversificadas. Os processos de aceitação, como também, a negação e as críticas que os

emigrantes fazem aos modos culturais requerem uma atenção por parte do pesquisador, pois podem exemplificar as negociações identitárias estabelecidas no lugar de destino.

O narrador Luis Vasquez contou que logo que chegou a cidade de São Paulo, foi ao endereço indicado por um amigo boliviano, mas ao chegar ao local tomou um susto porque não imaginava que num espaço tão pequeno, como nas oficinas de costura, concentrava um número tão grande de pessoas trabalhando e vivendo no mesmo espaço. Ele disse:

Chegamos em São Paulo e a mesma história. Chegamos no terminal e não tinha ninguém. "Para onde ir?" Em Porto Alegre a família desta senhora que nos alojou, arrumou para nós panela, televisão, cozinha, nossa mala aumentou, já não eram cinco, agora eram dez malas. Era um pouco chamativo, parecia cigano carregando um monte de malas. Lembro que achamos a uma pessoa conhecida, essa pessoa tinha uma oficina de costura. Chegamos na casa dela, era um apartamento assim: com dois, três quartos, e nesse apartamento moravam quase quinze pessoas. Não tinha espaço para nada. As máquinas ficavam na sala, espalhadas por tudo quanto é lado. E ficamos uma noite lá e não tinha condições nem de caminhar, estava tudo cheio. Então, falamos "Aqui não podemos ficar, vamos para onde?" Essa oficina ficava no Bom Retiro. Lembro que o mesmo rapaz na Bolívia, o brasileiro, me deu o telefone de uma pessoa. Ele disse que quando viajou para Bolívia conheceu uma brasileira que foi para lá fazer um trabalho missionário, e essa senhora deu o telefone dela, "se você for para São Paulo, me liga." Então ele me deu o telefone e disse para eu ligar, e liguei. Luis Vasquez

Ao não concordar com as regras e o modo de produção dentro das oficinas, Luis Vasquez continuou em sua linha argumentativa ao contar que para montar seu primeiro negócio teve que enfrentar muitas dificuldades, inclusive de adaptação.

Começamos, montamos uma escolinha de informática, nem computador tinha, tinha só um computador bem antigo... Eu sempre tive vontade, olha, eu gostaria de montar uma escolinha, mas com que dinheiro? Porque todo o nosso dinheiro tinha acabado." Lembro que eu emprestei um computador de um amigo, tinha dois computadores emprestados e outro bem antigo que eu tinha. Com esses três computadores começamos a escolinha. O nosso começo foi complicado, chegamos num momento em que não tínhamos nada, nem dinheiro. Queríamos fazer negócio, mas não tínhamos nada. E depois começamos com três computadores, dois emprestados... Começou a vir os alunos, a gente começou a trabalhar também. Eu fazia "bico", comecei a juntar um pouquinho. E aos poucos fui saindo, melhorando a situação. Morava sempre num quartinho de aluguel numa casa, um quartinho pequeno. Pelo mês de setembro do ano 2003 aluguei uma casa. Hoje tenho vida própria, tenho as minhas coisas, não é o que eu sempre quis para mim, mas eu tenho uma casa. Luis Vasquez

Em seguida, Marta descreveu sua resistência, ainda na adolescência, em aprender português como uma estratégia de negociação para aprender a língua portuguesa. Ter que ir para escola brasileira, aprender português, iniciar um processo de diálogo marcaram esse período da vida de Marta, porque configurou um momento que ela teve que negociar esferas culturais e sociais até então desconhecidas.

A minha caminhada com destino ao Brasil foi cheia de detalhes. Tive muitas impressões ao chegar, muitas lembranças. No princípio, dizem que eu chorava muito. Meu pai conta que eu não queria ficar no Brasil: "Vamos voltar, vamos voltar." Eu estudava numa escola e não queria aprender o português, pai dizia que eu era arrogante, que falava: "Pois se quiserem que me entendam do jeito que eu falo." Pode uma coisa dessa? "Você é arrogante, você não sabe falar, não quer aprender o português, sabendo que tem que aprender." Eu batia a perna e dizia: "Não quero, não quero, não vou aprender o português, vou falar espanhol, quem queres me entender, que me entendas, se no queres me entender pois que no me itendas." Eu ficava falando... Hoje ao lembrar dou risada quando contam a minha revolta em integrar e aprender. Eu batia o pé e ficava brava quando me insistiam a aprender o português. Eu não queria porque queria voltar logo, eu já tinha me enjoado, já tinha me cansado. Marta

Muitos bolivianos descreveram as dificuldades em aprender o português, principalmente os idosos, como momento de transição. Outro aspecto salutar para análise foi que as crianças que nasceram ou vieram para o Brasil ainda pequenas aprendem o castelhano com seus pais em casa, em detrimento da comunicação que é estabelecida entre os familiares. Na escola são educadas na língua portuguesa, sendo uma parte delas, tradutora entre diálogos estabelecidos entre bolivianos e brasileiros. Lembro que ao visitar a banca de pães de Maria e Ilfredo na praça Kantuta, quem intermediava as negociações entre brasileiros e os bolivianos eram os filhos dos comerciantes, justamente por saberem falar português.

O narrador Marcos chegou a São Paulo e foi ao consulado boliviano solicitar informações sobre onde poderia residir e sobre questões referentes a documentos.

Eu e o meu colega estávamos em um Hotel em São Paulo, era pequeno e de lá eu não saía para lugar algum. Andávamos em dupla perguntando as coisas para as pessoas, a melhor coisa que a gente podia fazer era ir ao consulado. No Consulado Boliviano pedimos informações e conseguimos chegar na Avenida Senador Queiros. Lembro que chegamos numa sexta-feira e esse amigo falou que queríamos um esquema de pensão, sei que indicaram uma pensão de bolivianos na Avenida Rio Branco. Marcos

Depois de acomodado em uma pensão, Marcos foi procurar informações sobre o curso de mecânica que pretendia realizar, porém, durante o primeiro mês não conseguiu porque uma parcela das escolas exigia que fosse funcionário da empresa para realizar o curso, outro fator que o impedia era porque Marcos não tinha o mínimo de domínio na língua portuguesa.

Sei que paguei 20 dias adiantados para não gastar o dinheiro e em seguida fui ver o quê iria fazer aqui. Procurei uma Escola Técnica, mas só que não achei a escola de mecânica... Tinham fábricas de máquina de escrever que eram a Remington e a Olivetti. As empresas tinham suas próprias escolas, mas para freqüentar a escola você tinha que ser admitido como empregado ou como aprendiz, mas eu não tinha documentos, não sabia falar direito o português, então passei um mês sem fazer nada, só pensando. Aí arrumei um serviço em uma pequena oficina que precisava de ajudante, fiquei trabalhando e o meu colega sumiu, foi embora, voltou para Bolívia. Voltou antes do previsto, ele falou: "Acabou o meu dinheiro. Não dá para ficar aqui." Marcos

Leo, irmão de Marcos, relatou que a metrópole paulista era totalmente diferente de La Paz. Sua percepção foi de assombro, ocasionado devido às diferenças geográficas e culturais da cidade. Ter que aprender a falar português foi um desafio, uma vez que o mesmo se comunicava em aimará com seus pais na província na qual nasceu. Sabia falar castellano, mas o espanhol já era a segunda língua de Leo e sua língua materna era o aimará.

A capital é totalmente diferente do interior de La Paz, porque como era do interior, levei um choque ao me deparar com a cidade, pois tudo era diferente, os costumes, inclusive, a forma de comunicação. Porque no interior de La Paz a gente tem uma língua materna que se chama aimará; e desde criança ouvia meus pais e parentes conversarem em aimará; e depois que adentrei na cidade era obrigado a falar em castelhano, que é espanhol. Isso foi um choque, mas porque esse choque? Não foi um choque tão diferente, foi uma coisa que aprendi a conviver com a vivência na metrópole. Imagine o que tive que aprender na cidade de São Paulo. Leo

Dando continuidade ao argumento, Leo disse que a barreira que teria que ser superada no Brasil era o idioma, aprender a falar português para compreender o que era considerado como norma no contexto brasileiro.

Para mim, a grande diferença foi o idioma. Essa mudança pode ser comparada como sair da Bolívia e vir para cá; onde a primeira dificuldade foi o idioma. Foi como chegar no Brasil e ter que falar português; não conseguia entender todas as palavras, e tínhamos que aprender a falar direito o português. Pouco a pouco fui me habituando. [...] Quando cheguei ao Brasil a grande barreira era a dificuldade da

comunicação. Apesar de que o meu irmão, sempre comprava jornal para auxiliar na aprendizagem. Eu lia em espanhol, e traduzia mentalmente para o português. Então, passei a compreender melhor a língua, mas não tinha fluência, só entendia. A comunicação era diferente. Leo

O que para alguns é um empecilho, para outros narradores são momentos superados sem grande esforço. Foi o caso de Lídia que ao namorar um brasileiro, filho de espanhol, aprendeu a falar a língua portuguesa de forma ‘rápida’.

Aprendi super rápido o português e em dois meses falava, era uma alegria só. Depois comecei a namorar um espanhol que era filho de português que morava aqui em São Paulo, foi melhor porque ele me ensinou ainda mais a língua portuguesa. Quando cheguei estranhei muito o idioma porque queria falar, mas não sabia como iria fazer isso; prestava muita atenção em como os outros falavam, quando ia à padaria ficava olhando como as pessoas pediam os produtos, e assim, fui pegando as palavras e depois de um ano residindo aqui conheci esse filho de espanhol, brasileiro, fizemos amizade e aprendi um pouco mais a língua portuguesa. Tornamos-nos amigos não com o fim de namorar, mas com o fim de fazer amizade, e calhou e nós nos apaixonamos; e ele falava: “Não, vou lhe ensinar o português.” E era toda desengonçada para falar, ele comprava revistinhas e me trazia para ler, trazia gibi e de tanto ler gibi acabei aprendendo. Fui aprendendo tanta coisa e cada vez mais fui me entusiasmando com o português; depois fiz até amizade com uma menina brasileira. Lídia

Os namoros e amizades são formas de ampliar as redes sociais, partilhar a cultura do país na qual se optou por viver. Lídia não criou barreiras pessoais para aprender a língua, assim como revelou que aos finais de semana vivenciava os espaços culturais da cidade de São Paulo, tanto que não conseguiu desvincilhar a sua vida do ritmo que a cidade tinha.

Trabalhei, trabalhei e me aposentei em 1999. Sou de São Paulo, do Brasil. Apaixonei-me por São Paulo, não sei o que essa cidade tem que faz a gente se apaixonar! Essa cidade pega a gente, Nossa Senhora! Eu não consigo sair, vou para a Bolívia e quando chego lá dá uma saudade danada de São Paulo; e penso: “Ai, como será que está São Paulo?” E telefono para cá: “E como que está São Paulo?” , “Ah, São Paulo está bem e tudo.” Aí o meu filho, a minha nora e a minha neta falam: “Ai vó, quando que você volta?” , “Espera um pouco, estou aqui há dois dias, três dias e nem sei quando que volto.” E assim, sinto muito falta de São Paulo, e quando chego aqui sinto falta da Bolívia também; afinal de contas eu fico nessa eterna separação entre dois mundos! Lídia

Alguns narradores relataram esse processo de adaptação ao dizer que quando retornavam para a Bolívia se sentiam ‘estranhos em sua própria terra’. Esse sentimento de deslocamento e de sentir falta da vida cosmopolita da qual estavam acostumados a viver é próprio dos deslocamentos modernos. O crítico da cultura Stuart Hall, em seu

livro “Da Diáspora: identidades e mediações culturais”, diz que muitos migrantes sentem que a antiga “terra” se tornou irreconhecível. “Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas.” (Hall, 2006, p. 27). O sentimento de estar fora do lugar foi presenciado por Lídia em um de seus retornos ao seu país, pois a narradora acabou criando vínculos fortes com o Brasil.

Guillermo Salazar relatou que passou por muitos percalços, mas se orgulha por ser uma pessoa bem sucedida e ter o reconhecimento da comunidade dos bolivianos que frequentam a igreja Nossa Senhora da Paz e a Pastoral do Imigrante em São Paulo. Disse adorar música e cinema brasileiro, pois foi por intermédio dos artistas e do cinema novo que veio, pela primeira vez, ouvir falar na cidade do Rio de Janeiro, na época muito bem quista pelo colaborador.

Quando vou à Bolívia me sinto um forasteiro porque os meus amigos estão todos aqui, alguns na pastoral do migrante e outros nos laços que vamos construindo no trabalho e na família, tenho muitos amigos brasileiros. Sei que perdi os contatos com muitos amigos que viviam em Casa Verde, Cachoeirinha. Mesmo assim, às vezes dá um vazio, por isso, me dedico aos trabalhos e regressos da paz na igreja, tenho um grupo que trabalha comigo, é quase uma família, qualquer coisa, falam: “Como estás? Está enfermo? Cuide-se!.” Esse grupo transmite uma grande força.

Desde jovem sempre batalhei muito para conseguir as coisas, posso dizer que tive uma situação econômica muito boa. Lembro que falavam muito da cidade do Rio de Janeiro, de umbanda e do candomblé. Até cheguei a participar muitos anos do espiritismo, me encanta o espiritismo, pois me sinto bem quando vou tomar um *passe*. A religião de mesa branca mexe com o seu espírito porque nós somos pessoas que tem vida e conseguem destruir os elos mesquinhos que tem em qualquer religião.

Frequento a igreja, não vou por fulano, mas por Deus, porque tenho que fazer a minha obrigação, porque sei que Deus pediu para fazer algum trabalho de ajuda aqui na Terra. Antes de vir para São Paulo conheci a Gafieira, posso dizer que adoro a música Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Nat King Cole, Frank Sinatra, me gusta muito daquela artista nordestina que tem cabelo comprido que canta a Suplica Cearense, a música mais linda que existe! Que diz assim:

*Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar*

*Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há*

*Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedir pra chover, mas chover de mansinho*

Pra ver se nascia uma planta no chão

*Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração*

*Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoas
Pro sol inclemente se arretirar*

*Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inverno
Que sempre queimou o meu Ceará*

O nome dessa música é Suplica Cearense cantada por Elba Ramalho, que canta músicas nordestinas com muita atenção, e adoro esse tipo de música. Guillermo

No ritmo das adaptações Guillermo disse não compartilhar das opiniões que julgam o Brasil como um país violento, repleto de contradições, chegando a defender suas opiniões perante os próprios patrícios bolivianos. Guillermo é uma espécie de self-made man boliviano, pois chegou ao Brasil somente com uma mala e conseguiu com muito trabalho o patrimônio que dispõe atualmente.

Gosto do Brasil, muitos patrícios falavam que não gostam do Brasil porque tem muito negro e que as mulheres são mais alegres, como sou direto, disse: "Se você não gosta, pega um ônibus ou o trem e vai embora. Você está perdendo tempo no Brasil." Muitas pessoas têm inveja de mim por ter conseguido ter as coisas, e sei quando as pessoas têm inveja e quando são sinceras. E para não perder meu tempo digo : "Não, gosto muito de São Paulo, estou aqui porque eu amo o Brasil, me deu o pão para comer, me deu trabalho, deu a minha família, me deu tudo. Eu só nasci na minha terra, mas ela não me deu tudo isso que tenho hoje, eu não estou milionário, até hoje trabalho muito junto com minha esposa para ter condições dignas. Mas o Brasil deu condições e tive que me esforçar muito para conseguir o que tenho." Não sou uma pessoa de ficar reclamando da vida. Alguns são muito hipócritas, mas falo a verdade. Guillermo

A narradora Maria disse que a ausência de sua terra provocou um sentimento de depressão, tristeza, pois tudo tinha mudado radicalmente, a começar pelo clima e pela alimentação. Disse não "estar acostumada com tanta comida seca", uma vez que na Bolívia o prato de entrada é quase sempre um caldo ou sopa. Assim, descreveu:

Quando cheguei aqui fiquei muito deprimida, queria voltar rápido para minha terra; não me acostumava com o português, com as comidas que vendem nas lanchonetes, não conseguia me acostumar de jeito nenhum. Queria voltar, só que não tinha dinheiro. Sofria de saudade, sofria por causa da comida, porque na Bolívia sempre fazemos sopa e, segundo, grande parte das comidas tem caldo, tipo um picadinho. E aqui

a comida é toda seca e não me acostumei. Como não falava português pedia café e vinha só um pouquinho, além de não ser adoçado. Sofri um pouco, agora acostumei e não quero voltar para lá; é engraçado como as pessoas mudam e se adaptam com essa mudança. Maria

A ausência e a tristeza fizeram parte desse momento da entrevista. O curioso foi a colaboradora ter dito que, toda vez que retorna para La Paz para rever seus familiares, não se sente bem, pois o clima do altiplano altera sua pressão arterial e não consegue dormir. A readaptação que a família de Maria enfrentou na capital paulista modificou as relações familiares e fez com que Maria e sua família decidissem, de uma vez por todas, que não pretendiam voltar para Bolívia em razão da educação dos filhos menores e das mudanças da vida da mesma.

Todos os anos eu viajo para Bolívia, acabei de chegar de lá. Fui ver a minha mãe e a minha família. Mas não gostei. Tenho pressão alta, o clima de La Paz já não está me favorecendo, a gente não conseguia dormir, daí fiquei quatro dias e voltei. Não conseguia dormir bem, não conseguia caminhar, queria comer a comida da minha terra e não consegui porque já me acostumei com os sabores daqui. Não consegui me adaptar ao ambiente de La Paz. Maria

No caminho das acomodações à cidade, Jenny descreveu alguns sentimentos que perpassaram a sua vida durante seu percurso na cidade de São Paulo. Disse que sofreu, chegando a estranhar muita coisa, mas disse que soube aproveitar as oportunidades que surgiram em seu caminho, como o curso de português para brasileiros. Nesse sentido, Jenny relatou as suas negociações com as pessoas e os espaços da metrópole.

Uma das coisas que admirei no Brasil foi dos direitos do trabalhador: o vale transporte, às pessoas que tem registro; porque sei que uma grande parcela da sociedade não possui registro. Na Bolívia não existe esse negócio de vale transporte para trabalhador, o meio dia do lanche. Gostei disso! O estilo de vida dos brasileiros é legal, porque qualquer pessoa pode ir a um supermercado e pegar uma mercadoria, a alimentação é nutritiva. Os brasileiros têm uma alimentação muito diversificada, muito boa. E aqui o governo ajuda muito na educação, nos estudos. Vejo que aqui tem muitas faculdades, muitos cursos técnicos no SENAI, Senac, Fatec, só acho que as pessoas não usufruem como deveriam, deveriam usar mais. Não sei como pensei nisso, mas acho que aqui tem muitas oportunidades de trabalho, de estudo e o indivíduo pode ter uma vida digna. Jenny

A entrevistada citou vários elogios ao Brasil, fez comparações entre a Bolívia e o Brasil e percebeu que os brasileiros não “aproveitam as oportunidades” que este país oferece. Nesse momento, Jenny argumentou pontos relevantes e, que talvez, os bolivianos pudessem aproveitar mais “essas oportunidades”, uma vez que as pessoas

que vem para cá, poderiam buscar formas de aperfeiçoamento pessoal, como também, complementarem sua formação educacional e cultural. A negociação das identidades é latente na narrativa de Jenny, pois construiu críticas aos compatriotas que querem se isolar, não se integrando à cultura brasileira.

As formas de comunicação entre a narradora Claudia, entrevistada em La Paz, e seus irmãos que residem na cidade de São Paulo, ocorrem por meio de telefonemas e internet. Ela relatou:

Nós nos comunicamos por telefone, pela internet; falamos mais sobre as coisas essenciais. A forma mais fácil de comunicação é por telefone. Da Bolívia para o Brasil é muito caro; mas lá as pessoas compram uns cartões para ligar para cá e sai mais barato; com cinco, dez reais podemos conversar bastante; com cinco reais você conversa durante uma hora no telefone fixo; mas por celular, é menos de vinte minutos, se não estou equivocada. Às vezes eu converso com eles no trabalho.
Claudia

Os contornos de adaptação no Brasil se deram para os narradores por diferenciados repertórios, uns atrelaram os gostos pessoais à música, ao cinema e à culinária brasileira; outros estabeleceram vínculos familiares como forma de estreitamento com os laços que os agregam ao Brasil e outros narradores se recusam a falar o português como forma de resistência perante a cultura brasileira. E é por não existir uma regra, muito menos, fórmulas estabelecidas de como se deram os processos de negociação cultural no Brasil que podemos visualizar, o conjunto das narrativas, com o intuito de mostrar como as pessoas vão construindo suas estratégias pessoais do que deve ser negociado quando estamos fora do nosso lugar ou dentro de outro país.

2.11. A Visão Construída Sobre Brasil

As imagens construídas do Brasil pelos bolivianos são contraditórias e, por vezes, engraçadas. A edificação de um Brasil mítico perpassou as narrativas como o lugar que dispõe de uma paisagem exótica, repletos de praias e bulevares, do país que de colonizado chegou ao topo do processo produtivo esboçado pela cidade global de São Paulo; sem contar a “eterna” presença do samba e do futebol que circulam no

exterior, intensificando a imagem que foi construída por um longo processo histórico, e que por vezes é naturalizada nos discursos dos entrevistados.

A primeira imagem que o comerciante Luis Vasquez teve do Brasil ainda na Bolívia foi:

Nunca tive vontade de vir ao Brasil. Não conhecíamos o Brasil e nem queríamos vir... Tínhamos vontade de conhecer os Estados Unidos, a Espanha, a Europa. Tinha colegas que moravam na Suíça, na Suécia... Acontece que eu morava com um brasileiro na Bolívia, no mesmo prédio, no mesmo apartamento. Ele era de Santa Catarina e falava tanto de Florianópolis, falava que era muito bonita, que no Brasil a vida era muito legal, que tudo era bom... Ele ficou falando durante um ano, quase um ano, e a gente ficou entusiasmando com o Brasil. "Será que é assim?" Ele tinha umas revistas do Brasil, especialmente de Florianópolis, viadutos imensos que atravessavam o mar, "Que bonito!" Parecia o país dos sonhos o Brasil. Luis Vasquez

A imagem do Brasil como o país recheado de belezas naturais, praias, rios, palmeiras, a riqueza da fauna e da flora ainda continua exercendo influência no imaginário dos turistas e viajantes do mundo. O "país dos sonhos" foi desconstruído pela experiência material de viver e tra balhar nele, pois a vivência demonstrou que viver o 'sonho' sem antes ter condições materiais para dispor de uma vida digna em outro país é um problema.

O primeiro contato que o pai de Marta teve na Bolívia relacionado ao Brasil, foi por meio de um calendário, em cujo centro havia um casal de mulatos dançando samba. Visualizemos, agora, o que disse Marta sobre o momento que definiu a escolha do país pelo seu pai:

Meu pai pensativo olhou o horizonte pela janela e ficou refletindo... Nós tínhamos uns móveis, todos os móveis que tínhamos foi ele que fez. Eram grandes, maciços, muito pesados, para vida inteira, no capricho. Aí ele olhou uma folhinha de calendário e nessa folhinha estavam os dias, números do mês; e do lado tinha uma fotografia, essa fotografia era de um casal de brasileiros de cor dançando samba, o homem estava com pandeiro na mão e a mulher com um lenço amarradinho na cabeça. Depois de muito tempo é que fui saber o significado do lenço, geralmente, são usados pelas baianas, que por sinal amarram o lenço como a Carmem Miranda. O vestido da mulher era cheio de babados. Na fotografia o casal estava dançando samba e embaixo estava escrito: Brasil.

Meu pai olhou e se aproximou do quadro, da folhinha e falou: "E se nós fôssemos para o Brasil." , "Brasil?"... "Pai, onde fica o Brasil". Aí vimos que era divisa com a Bolívia. "Entonces vamos ao Brasil, que te parece?" Ele falou e perguntei para ele: "Mas será que é longe? Perto? Como será?" Perguntei e ele responde:: "Não, aqui no mapa está como divisa, algum dia a gente vai poder voltar e indo mais longe vai ser mais difícil,

se formos à Alemanha, a Espanha, vai ser mais difícil voltar para Bolívia. E indo para aquela divisa um dia regressaremos, voltaremos. Entences, já escolhemos.” Marta

Um dos critérios para a escolha do país estava relacionado às questões fronteiriças e por ser considerado mais próximo dentre os outros destinos cogitados: Espanha ou Alemanha. O calendário retratava um casal em trajes de baianos dançando samba e, assim, o pai de Marta escolheu o Brasil dentre as outras opções longínquas.

A narradora Marta relata, ainda, a questão da imagem do Brasil, um episódio que lhe marcou foi a imagem de uma família negra na praça da Luz, logo que chegou no Brasil.

Lembro até hoje que não desgrudava os olhos de uma família, era um casal com a sua menininha de cor; a menininha vestida de branco com um lacinho na cabeça, aquele cabelinho todo arrumadinho; falam cabelo ruim. O cabelo era todo crespinho e amarradinho com as marias-chiquinhas, laço branco, vestidinho branco; o pai usava um terno de linho cor de rosa com uma camisa por dentro. Não sei se era linho, a história era que tinha babado nas mangas e na tela da camisa, na parte da frente da camisa, e usava chapéu. Parecia aquele da fotografia de quando decidimos vir embora para cá. Assim, um chapéu com o terno, só que aquele estava dançando, esse aqui estava de viagem. Fiquei admirada com aquela pele, eu olhava para aquela criança, para aquela mãe, aquele pai, aquela pele escura, eu pensava: “Será que no Brasil todo mundo usa esse tipo de roupa?” Hoje lembro e fico rindo de quando era menina... Marta

Nota-se, entretanto, que Marta se considera um ser mestiço com influências para a etnicidade indígena, uma vez que a mesma enfatizou que sua família advém de uma cultura indígena, e essa identidade é um atributo que a fortalece. O seu primeiro encontro com o diferente no Brasil deu-se pela presença de uma família negra vestida com roupas que a fez recordar do calendário boliviano, onde havia um casal de mulatos, e que, à primeira vista, associou àquela imagem, chegando a indagar se era comum o uso de roupa que o casal vestia no momento. Essa pergunta só pode ser respondida depois que a entrevistada passou a conviver com a cultura brasileira.

Marcos priorizou a questão do “carisma” do povo brasileiro. A imagem do povo receptivo, que recebe a todos de forma calorosa pode estar associada, também, a um dos primeiros vídeos idealizados pelo estúdio Walt Disney sobre o Brasil, onde “Zé Carioca recebe Tio Patinhas” em 1940 para demonstrar a política da “boa vizinhança” dos

Estados Unidos com os países da América Latina³⁰. Nesse vídeo é possível perceber todos os atributos construídos pelos americanos como aquilo que caracteriza a “jeito brasileiro de ser”: a malandragem, a receptividade, o gosto por viver o presente, como povo divertido. Observemos o que diz Marcos:

A primeira percepção que tive do Brasil é que o pessoal era mais liberal, mais simpático, mais legal. Claro, quando encontrei o povo na rua, no bar, eu achei muito mais ameno, mais acessível. Mas o povo do interior é diferente, são desconfiados. Na Bolívia, a parte andina, a parte alta, o pessoal é mais fechado, e é difícil eles quererem te dar uma ajuda. E aqui achei as pessoas mais ativas, receptivas. Ninguém falou que eu era estrangeiro, que não tinha direito a nada, ninguém falou nada disso... Marcos

Em seguida o colaborador fez uma distinção do modo de vida entre brasileiros e bolivianos. Marcos utilizou o clima para distinguir características do jeito extrovertido do brasileiro para introspecção dos bolivianos. Vejamos:

No Brasil o pessoal é mais descontraído na forma de falar, mais livre, mais espontâneo, as pessoas não têm cara fechada, amarrada; mas lá acho que as pessoas são diferentes por causa do clima que é frio e as pessoas são mais recatadas, o pessoal é mais sério e não gostam de muita graça. Os brasileiros são festeiros, mas normalmente os bolivianos não são alegres, acredito que seja por causa do frio que vem dos Andes. Marcos

Logo em seguida conclui suas percepções na tão sonhada união entre os povos latinos americanos, sentimento, que dita como um valor positivo, pois agregaria, aproximando os povos que passaram por processos colonizadores europeus e dos Estados Unidos. Disse:

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
Tu me ensina a fazer renda,
Eu te ensino a namorá.

Essa música da mulher rendeira conheci com oito ou nove anos na Bolívia. Depois vieram os filmes de Cangaceiro... Hoje não lembro mais os filmes de Cangaceiros, mas antes assistia a muitos... Uma vez assisti a um filme romano, achei engraçado, depois conheci as músicas da cantora Celly Campelo, isso naquela época; conheci Jerry Adriani, isso do Brasil, da Argentina... Ortega e outros cantores. No Chile a mesma coisa, no Peru ficava encantada com as valsas, a marinera peruana, os corridos mexicanos. O México, a Venezuela, a Colômbia eram

---

³⁰ Para maiores informações verificar o site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9_Carioca acesso em 09/07/2011.

influenciados pelas músicas caribenhas como Combia, Merengue. Tinha a impressão que havia mais intercâmbio cultural. Marcos

Para Marcos, a música e a cultura, ao invés de separar podem aproximar povos, minimizando preconceitos, fazendo com que o diálogo fosse uma base de trocas entre países tão diferentes entre si.

A colaboradora Ema contou o momento em que ouviu pela primeira vez ser pronunciado o nome Brasil, mas nessa ocasião o seu cunhado o associou à imagem canibal, na qual índios utilizavam os invasores da sua terra em rituais antropofágicos, em razão de o mesmo assistir a filmes em que os indígenas eram descritos por essa imagem ‘exótica’ do diferente. A entrevistada contou:

As duas discutiam e minha irmã: “A senhora fica me chamando atenção, se estivesse nos Estados Unidos não estaria escutando que a Bolívia é pobre.” Como escutava as duas discutirem, tinha receio de falar com a minha mãe e dizer que eu queria ir para o Brasil. A minha irmã falou: “Eu vou falar com a mamãe.” E o meu cunhado escutou e naquele tempo eles estavam namorando, ainda não eram casados. E o meu cunhado dizia: “Ema, não vá para o Brasil que vão cozinhar você.” , “Cozinhar como?” Por que costumava ver filmes onde os índios cozinhavam as pessoas nas panelas para comer e ficava pensando. E ele falava: “Quando vai gente branca eles cozinham.” Falava. “Ai Juan, como assim? Todos?” Ema

Em seguida, especificou o primeiro episódio de encontro entre culturas, ao falar sobre o que ocorreu quando experimentou o doce brasileiro denominado “Romeu e Julieta”, goiabada com queijo. Assim como, descreveu o que sentiu ao provar a feijoada brasileira.

Aí falei para essa senhora que se chamava Glete também. “Dona Glete, posso ir.” Falei. “Nós vamos começar a fazer os papéis.”. Nunca imaginei que o Brasil fosse tão grande, foi uma surpresa enorme porque na minha terra ainda não tinha prédios. Minha cidade o máximo que se via era de dois andares, três andares. Fiz os papéis, o marido dessa senhora veio antes e depois eu vim com ela.

Vimos de avião na empresa Cruzeiro do Sul, o vôo parou em Corumbá. Dormimos uma noite nessa cidade e já senti o clima diferente. O clima na minha terra é seco, e o daqui é úmido. Sentia como se tivesse alguma coisa grudando na minha pele. Ficava toda hora secando o rosto; achava estranho essa mudança de clima, falava para a patroa: “Dona Glete, parece que tenho alguma coisa na pele.” , “Isso é câmbio de clima.”

Uma coisa que não esqueço é que trouxeram aquele queijo mineiro branco e a goiabada; falaram que era Romeu e Julieta. “Por que é que se chama Romeu e Julieta?” Aí a Dona falou: “A Goiaba é o Romeu e a Julieta o queijo. É uma sobremesa que você pode comer.” Ela cortou o queijo, colocou a goiabada e falou: “Come.” Achei diferente e gostoso.

Chegamos numa quarta-feira em Congonhas e o marido dela foi nos buscar no aeroporto; acho que era umas duas horas da tarde; nos levou para comer feijoada, não conhecia esse prato; nem sabia o que era isso. A minha barriga inchou tanto, e soltava gases, meu Deus! Achei gostoso. O marido da patroa disse: "Esse é um prato que se serve de quarta e sábado." Que quarta-feira para nós é Miércoles. Ele falou: "Este es un plato que se sirve el miércoles y el sábado. Se llama feijoada." À noite minha barriga estava imensa de inchada. Soltava gases, Meu Deus! Ninguém agüentava o cheiro de gases na casa. "Menina, estou me sentindo mal!" E tomava sorrisal e a dona tomava sorrisal. Mas a minha barriga ficou dura. Lógico, sair de um lugar frio e chegar numa cidade quente, no mês de janeiro e ainda comer feijoada, foi como estourar uma bomba. Ema

A aproximação com a culinária brasileira despertou atitudes de surpresa, e outras vezes, desconforto estomacal para quem não estava acostumado a comer muito feijão em sua dieta alimentar, mas foi num misto de alegria que a narradora finalizou o seu encontro com as comidas 'tipicamente' brasileiras.

O colaborador Roberto descreveu a sensação que sentiu ao ver o país pela primeira vez. O ar de um país grandiloquente e com perspectivas para o crescimento foi que marcou a sua descrição.

A primeira vez que pus os pés no Brasil tive a impressão de que o meu país estava muito, muito, muito atrasado. Porque primeiro cheguei a Brasília, cheguei no terminal e vi uma Brasília muito bem organizada, isso há trinta anos, em 1980, e o terminal fica próximo dos ministérios e tinha uma vista impressionante. Daí a gente fica impressionado. E quando fui para a Faculdade, na UNB em Brasília, vi uma universidade muito completa. Vi uma organização dez vezes melhor do que a organização daqui, uma universidade muito bem organizada, em um país que tinha um futuro muito grande e ainda naquela época já era o país mais desenvolvido da América do Sul, mas senti que o Brasil tinha muito para prosperar. E é isso que está acontecendo, eu considero o Brasil uma potência; e tive essa visão no passado. Roberto

Roberto chegou ao país por meio de um convênio educacional, para estudar na Universidade brasileira e, saltou aos seus olhos a perspectiva de um Brasil "organizado, progressista, desenvolvido", que ocasionou um impacto em relação ao nível estrutural que usufruía na Bolívia.

As visões construídas sobre o Brasil pelos bolivianos convergem imagens como "lugar do paraíso", de um espaço onde prevalece a harmonia entre homem e natureza, de um país "festeiro e alegre", até porque como diz a música de Chico Buarque e Rui Guerra: "Não existe pecado do lado de baixo do Equador."

2.12. A Nova Família: abasileiramentos

Nessa sessão temática pretendemos apontar os processos de negociações de identidade que ocorrem dentro de uma família boliviana constituída em São Paulo, a família Patzi, para então percebermos as áreas flexíveis, onde as relações de pertença ocorrem e detectar os campos duros, onde as identidades bolivianas são passíveis de negociação, mas enfrentam uma maior resistência no interior das relações familiares.

A colaboradora Marta, boliviana e filha de boliviano, constituiu uma família brasileira com Marcos, também boliviano, em São Paulo. Dessa união tiveram quatro filhos, porém, antes de casar, teve um relacionamento com um brasileiro, com o qual teve sua filha mais velha, mas a relação, segundo a sua filha, não deu certo, só depois de um tempo é que se casou com Marcos.

Nessa época conheci o Marcos e fiz família. Conheci Marcos solteiro, livre e independente feito um passarinho... Nos juntamos e pronto, tivemos uma filha, dois, três; hoje estão todos adultos, incentivamos a estudar, tanto que os cinco são universitários. Agora eu estou com sessenta anos e ele com sessenta e sete. Ultimamente a gente anda na pastoral, anda sempre com patrícios, a vida mudou bastante. Ele veio para o Brasil jovem, com vinte anos... A vida dele foi dura. Porque ele veio com amigos, não veio como o meu pai, que veio com a família. Ele fala assim: "Acabei ficando por alegre, porque a minha pretensão era sempre voltar." Ele pensava em voltar. No fim, acabou fazendo família e ficando por aqui. E agora não sei como será daqui para frente. Marta

O sentimento de conquista expressado por Marta se manifestou ao falar dos seus filhos e da relação que estes teceram com a cultura brasileira, pois, apesar de serem criados com regras da tradição boliviana, ao menos, todos finalizaram seus estudos universitários e, três filhos, ingressaram na Universidade de São Paulo, símbolo de prestígio e poder. Apesar de Marta e Marcos não terem finalizado os estudos, os critérios escolhidos pela família para educar, ensinando o respeito aos mais velhos, ao mesmo tempo, negociando elementos da cultura brasileira, fez de seus filhos a continuidade que superou os conflitos da primeira geração da migração, tornando-os sujeitos qualificados.

Segundo o historiador Jeffrey Lesser o processo de negociação das identidades de sírio-libaneses, chineses e japoneses em São Paulo foi complexo e perpassam todas as esferas da sociedade. Uma vez que

à medida que os imigrantes coreanos e chineses ascendem na escala social, e impulsionam a integração de seus filhos por meio da educação universitária, uma feia anedota começa a circular entre a elite de São Paulo: ‘para conseguir uma vaga na Universidade de São Paulo, você tem que, primeiro, matar um japonês’. Para os descendentes de coreanos e chineses, as negociações sobre o que significa vir a ser brasileiro já estão em curso (2001. p.295).

As classes médias e altas da sociedade brasileira, para reconhecer as identidades tidas como “minoritárias” de povos não-europeus, os grupos precisam fazer com que seus filhos saiam da condição de empregados autônomos e passem a ocupar, também, os postos de trabalho liberais, comumente ocupados pelos filhos da burguesia brasileira. Assim como, também passem a ocupar cargos políticos para que suas identidades sejam reconhecidas pelos nacionais.

Os cinco eu criei, os cinco eu tratei de dedicar aos estudos, sempre estudando, sempre... Sempre embaixo dos meus braços, eu não deixava eles namorarem, eu não deixava eles em balada, eu não deixava eles em rodinha em porta de escola, eu não deixava eles irem para cinema, tudo era estudar, estudar e estudar. Por isso, acho, que eles acabaram entrando para USP os quatro porque já tinha estudado muito. Marta

O pai de Marta, o boliviano Victor Patzi, chegou a São Paulo com os três filhos bolivianos: Marta, Demétrio e Angélica e, depois de um tempo casou-se com a mineira Aparecida e foi residir no bairro João XXIII na zona oeste de São Paulo. Dessa união nascem duas filhas brasileiras: Arlete e Haidee, que por sua vez, tinham idades para serem filhas de Marta, surgindo assim, uma segunda geração de filhos dentro da família que até então era composta por bolivianos e que tinha como regra, viver com os vínculos da cultura boliviana. Dado o fato do casamento e surgimento de outros filhos, novos laços afetivos foram construídos, e a reconfiguração da família e dos processos de negociação foram postos à prova.

O meu pai chamava-se Victor e seu primeiro casamento foi com a Dona Hilda ainda na Bolívia e dessa união nasceram três filhos: Marta, Demétrio e Angélica. O segundo casamento foi no Brasil e sou filha da segunda união do meu pai com uma brasileira, mais precisamente, com uma mineira chamada Aparecida, natural de Toledo em Minas Gerais, sendo que uma parte de sua família havia migrado para Jundiaí-SP, coisa que descobri há pouco tempo. Arlete

Após a união do patriarca da família Patzi com uma brasileira as divergências e os processos de negociação de identidades são acionados pelos membros da família que, a princípio, não aceitavam as mudanças na dieta alimentar que os mesmos tinham, pois a base dos condimentos e os modos de fazer eram bolivianos. Negociar implica uma relação de troca, como também de negação, nesse momento, quem teve que acatar as regras foi a esposa brasileira em relação à família que estava constituída segundo os moldes bolivianos.

O dinheiro que ele ganhava com as fotos pagava e mantinha o terreno. Em uma dessas viagens conheceu a minha mãe, creio que ela deveria ter uns 30 anos. Gostaram-se e resolveram casar em uma Igreja em Aparecida do Norte. Como o pai era bem mais velho do que a mãe costumavam brigar muito. Quando ela veio para São Paulo morar aqui no João XXIII era uma mulher bem mirradinha, magrinha; mas eu nasci bem gordinha. A mãe teve duas filhas: eu e a Haidee. A Angélica, a Marta e o Demétrio eram todos adolescentes nessa época. A Marta tinha uns dezoito anos, a Angélica devia ter quatorze anos e o Demétrio uns quinze anos na média. Os três eram bolivianos, comiam comida boliviana e tinham hábitos bolivianos. Arlete

As mudanças e a partilha não aconteceram somente do lado brasileiro da família Patzi, pois em virtude da construção de pequenos apartamentos no terreno do João XXIII que eram subalugados pelo senhor Victor aos brasileiros, em sua maioria imigrante nordestinos, foi se modificando a postura rígida da família boliviana e, amolecendo os comportamentos acionados da porta de casa para fora, pois as negociações no interior da família também passavam por análises de pertença, para ver até que ponto as pessoas podiam modificar suas práticas.

O pai sempre foi uma pessoa muito presente. Nessa época de criança, ele era mais bravo, não deixava a gente fazer um monte de coisas, pois ficávamos com medo, mas acho que ele teve uma transformação muito grande com o passar dos anos porque sofreu uma influência da cultura brasileira, foi mudando e aceitando as pessoas. Como começou a construir as casas e a ter inquilinos, as alugava. Com isso, teve a proximidade de outras pessoas, e a maioria das pessoas que iam morar lá eram da Bahia. Assim, a cultura baiana é outro tipo de cultura e as pessoas eram mais alegres, se cobravam menos. Acho que tinha mais aquela coisa da proximidade, de você chegar perto, de sorrir, de falar, mas a vontade mesmo, não tinha aquela coisa tão presa, tão interiorizada. Logo que a minha mãe faleceu, lembro-me que o pai ficou muito triste, todos ficamos muito tristes com a perda da minha mãe, eu, Arlete toda a nossa família. Haidee

Um dos valores culturais menos permeáveis por mudanças foram os transmitidos como educação para os filhos. A disciplina, o respeito à memória familiar e aos mais

velhos, as condutas morais, foram os valores elencados pelos filhos brasileiros dessa família.

O meu pai ajudou muito a Dona Deusira, ela era baiana. Foi uma dessas pessoas que começou a entrar na minha casa, uma família anteriormente fechada. O meu pai não deixava a gente se envolver com ninguém, sair, não vinha gente que não fosse da minha família ou que não fosse boliviano, era meio fechado. Então, com essa história, o meu pai que estava triste com a perda da minha mãe, e ela que também perdeu o marido. E o pai sempre foi uma pessoa de ajudar as outras; mas antes ele não se envolvia tanto. Haidee

Assim como o patriarca foi modificando suas relações sociais, saindo e partilhando de momentos de festas com brasileiros, seus filhos também aprenderam a mediar situações sociais. Haidee, a caçula da família, é tida como uma pessoa alegre, festeira, animada; características reverenciadas no imaginário popular como brasileira. Talvez seja essa diferença de comportamento, que os membros mais velhos da família consideram diferentes dos comportamentos mais ‘tradicionais’.

Lembro de uma vez que ele foi ver um desfile da Bolívia, e queria ir embora porque não aguentava, era cansativo e falava: “Ah, tudo igual, tudo igual, não.” E ele cansava das coisas, lógico que ele gostava muito da Bolívia, sempre teve vontade de voltar, mas mudou tanto que aceitava a cultura brasileira, as coisas do Brasil, a vontade dele era ir para a Bahia, conhecer a Bahia, tinha o maior sonho de conhecer a Bahia. No fim, a Arlete com a idéia dela de conhecer a Bahia, conhecer Porto Seguro, acabamos levando-o para conhecer.

Ele gostou tanto que ficou com vontade de ir de novo. “Ah, mas quando que a gente vai novamente?” Era uma pessoa de sair, de conhecer o Brasil, adorava os brasileiros, chegando a incorporar a cultura brasileira; e isso o fez ficar uma pessoa bem mais leve. Era muito querido pelos inquilinos, pelo bairro, pois praticamente inaugurou o João XXIII, porque era tudo mato, tudo árvore, não tinha nada. Comprou um terreno e muito depois que começou a construir, não tinha nem avenida, para se ter uma idéia, os terrenos foram vendidos sem avenidas, depois a prefeitura pegou o terreno e fez avenida no meio do terreno. Haidee

A herança educacional, o gosto pelos estudos são princípios que foram perpassados para as gerações dos filhos brasileiros. Percebemos que o processo de transferência de ensinamentos culturais são tidos como áreas duras de negociação. Mas, aos poucos, a comunicação, a presença da diferença brasileira foi adentrando no interior dos laços afetivos e modificando as posturas ideológicas na família Patzi. Transformar passou a ser um verbo utilizado por todos os entes familiares.

Devo o que sou ao meu pai, sabe? A educação que tenho. Às vezes é tão engraçado, como o pai era boliviano, a sua cultura é muito reta,

certinha. Para ele tudo tinha que ser correto, ser educado, saber ouvir, ter higiene, são detalhes que são passados para gente e que aprendemos a dar valor. Esses valores foram passados por meio do meu pai e da minha irmã Angélica que é boliviana também. E percebia que era diferente, como tinha a cultura do pessoal que estava presente, as pessoas da Bahia, eram culturas distintas. A gente era mais educado, acreditávamos que era muito mais importante estudar, tirar nota; levávamos isso muito a sério; respeitar pai e mãe, isso são coisas que vêm da cultura; não estou falando que seja só boliviana, mas no caso do que foi passado com a gente, e a minha família foi muito importante para a construção dos valores. (...) Ele trouxe muita felicidade, muito ensinamento... Essa transformação que ele teve fez tão bem para ele, acho que tem gente que passa uma vida inteira e não se transforma, ele não, conseguiu se transformar numa pessoa muito melhor, foi um aprendizado muito legal. Mas também fico triste por ele ter partido, mas por outro lado, sei que ele viveu o que tinha que viver. Estava com noventa e um anos de idade e não podíamos querer ser tão egoísta de querer que o meu pai vivesse muito mais daquele jeito. Arlete

Os filhos e os netos de Marcos e Marta são brasileiros, com hábitos abasileirados. Sentindo um pouco de culpa Marcos disse que todos falam português e que não procuraram aprender a língua espanhola, mesmo sabendo que alguns traços físicos e psicológicos são tidos como “marcas” bolivianas. As negociações das identidades bolivianas na esfera familiar de Marta é vista como mais flexível, uma vez que os próprios pais passaram por processos de negociação cultural ao chegar ao Brasil; e com os filhos, que estudaram em escola brasileira, e que por sua vez não viveram o sincretismo religioso do catolicismo andino, não aprenderam a falar espanhol, transformaram sua pertença cultural associada ao modo de vida brasileiro. Pode-se dizer que a segunda geração da imigração passou por negociações de identidades mais movedoras em suas constituições de sujeitos.

Os meus filhos não herdaram a cultura boliviana, pois construí família aqui, quando casei a gente já falava português. A minha esposa, Marta, também falava português e os meus filhos não aprenderam o espanhol. Com isso, os filhos começaram a falar português, eles nasceram no Brasil com o português, e quase não falam castelhano, entendem, mas acho que não falam, muito menos Aymarà. Eles dizem que não entendem nada.

Agora, o traço físico eles herdaram, talvez a tendência, o espírito; com todos os imigrantes deve ser a mesma coisa. O português deveria herdar alguma coisa do português, quem descende de inglês deve herdar alguma coisa, mas em geral tudo é Brasil. Acho que quem nasceu aqui é diferente, aquele que nasceu na Bolívia deve ter passado pelo mesmo processo de formação. Marcos

A narradora Ema passou por um processo de negociação cultural diferente. Saiu de Cochabamba e foi trabalhar como empregada doméstica para uma família de

noruegueses em São Paulo. Foi com este clã familiar, principalmente, com a matriarca da família que Ema conviveu por mais de trinta anos de sua vida. Além de ter que lidar com formas de negociação de identidades no Brasil, teve de partilhar de hábitos e de uma dieta alimentar norueguesa. Depois de vinte anos no exílio da língua espanhola no Brasil, Ema encontra cidadãos bolivianos em um ônibus metropolitano.

Fui almoçar na casa de uma moça brasileira e dentro do ônibus escutei alguém falando o castellano, não o espanhol. Aí perguntei, eram dois rapazes: "Vocês são bolivianos? De onde que são vocês?" Eles: "Nós somos bolivianos." Para mim, aquilo foi uma felicidade, fazia tempo que não escutava espanhol. Um dos dois falou: "Você é de onde?" Eu: "Eu sou de Cochabamba, e vocês?" Eles: "Nós também somos de Cochabamba." Ema

Maria disse estar tão acostumada ao clima e alguns hábitos brasileiros que afirmou que não volta mais para a Bolívia, pois seus filhos mais novos são brasileiros e possui toda uma estrutura de vida no Brasil. Um valor de difícil negociação dentro da família de Maria e Ilfredo é a língua castelhana, pois o pai só fala castelhano em casa e os filhos são impelidos a se comunicarem na língua; além do que, não deixaram de comer alguns alimentos bolivianos, principalmente, os variados os tipos de batatas e pães. Este último é produzido e vendido pelo clã familiar.

O engraçado é que sinto falta de tudo quando estou na Bolívia. Fomos de avião e voltamos por terra para ficar mais em conta. Nos primeiros anos estranhei muito o Brasil porque era muito quente, agora já me acostumei até com o clima daqui. Dá última vez que fui à Bolívia e passei mal, minha filha disse: "Como que você está?" , "Eu estou doente.", "Mãe você está doente, então, o quê que será de mim?" É por isso que elas não querem ir para lá, mas elas gostam da comida boliviana, acham as roupas bonitas. Minhas filhas não gostam do clima da Bolívia; gostam mesmo é do calor do Brasil. E quando vão para Bolívia ficam doentes. Principalmente em La Paz; Oruru, Cochabamba. Maria

Ilfredo finalizou a sessão ao dizer que apesar de todos os seus filhos entenderem a língua castelhana, os mais novos não sabem escrever e falar como os filhos mais velhos. É importante frisar que os dois filhos mais velhos do casal vieram para o Brasil, mas retornaram para a Bolívia em razão de não terem se adaptado à cidade de São Paulo e à cultura brasileira. Maria relatou que eles ficaram "desorientados" no Brasil e preferiram o retorno.

A minha filha mais velha tem dezessete anos, ela é brasileira; a outra filha do meio está na quarta série, outra filha está na segunda série.

Agora, são três rapazes, eu tenho mais dois. Os meus filhos nasceram todos aqui no Brasil, são filhos brasileiros... Nem todos meus filhos falam espanhol, eu falo espanhol em casa. Quando eu estou em casa eles hablam castellaño; são bilíngües. Ilfredo

Constatamos, por meio do conjunto das narrativas, que as relações de pertença cultural são negociadas desde que não ultrapassem as esferas da tradição das famílias. Existem esferas da cultura boliviana onde há campos duros de negociação, pois há uma resistência perante a ala das pessoas mais velhas a manterem os laços com a memória da “tradição” boliviana, que por sua vez, é instituída por práticas educacionais, morais e religiosas. A seguir, veremos como a esfera da “tradição” é legitimada pela “comunidade boliviana” em São Paulo e reinventada pelos seus membros.

2.13. Campos Duros de Negociação

A luta em torno das memórias negociadas perpassa todas as esferas da sociedade. No entanto, foi no plano das práticas cotidianas que percebemos a negação ao redor da pertença cultural. Foi no nível alimentar, religioso e das práticas cívicas que a memória nacional boliviana eclodiu com maior força, demonstrando assim, a simbologia aceita e, tida como inquestionável pela comunidade dos imigrantes bolivianos que estão no Brasil há mais de quarenta anos, campos de negociação onde as trocas e os empréstimos culturais são permitidos e agenciados com a sociedade brasileira. Visualizemos, então, os discursos dos colaboradores.

Naquele tempo, eu já estava há mais de vinte anos no Brasil e não comia a comida boliviana. Quando alguém ia para lá: “Ah! Você vai trazer isso para mim, traz aquilo para mim”. Eu lembro de uma vez quando fiquei grávida do meu terceiro filho, fiquei com vontade de comer *papalicia* que é uma batata especial. E essa batatinha tem vários pontinhos vermelhinhos, parece sardentinha. A batata tinha o cheiro de terra molhada, ficava com água na boca, pegava um punhado de terra na mão, isso grávida, fuçava a terra para sentir aquele cheirinho; fazia de conta que eu estava comendo aquela batatinha. Eu dormia e sonhava que tinha alguém vendendo cozido com batata, olhava para os lugares e via batata, olhava a Rua Consolação e via alguém vendendo batata e pensava: “Nossa, ali tem uma mulher vendendo, eu vou comprar!” Acordava comprando batata. Aí um dia viajou um patrício e falou: “Estou indo para a Bolívia.”, “Aí! Pelo amor de Deus, você traz batata para mim, nem que seja uma, nem que seja um quilo, uma na bolsa. E quando você voltar você chega aqui em casa, não vai para o outro lado,

vai trazer pão também". (...) O pão feito na Bolívia é diferente, a massa é diferente, é branquinha. "Não vai chegar bem o pão, em véspera de viagem." , "Não faz mal, pode chegar verde, mas eu quero esse pão."
Marta

Percebemos que a associação à Bolívia andina perpassa os sabores e tipos alimentares dos sujeitos. O tipo de batata ao qual Marta se refere é uma batata típica das regiões andinas, onde o valor atribuído aos tipos de batata é grande, uma vez que, em especial, as batatas são desidratadas há temperaturas baixíssimas e, depois guardadas para serem usadas em diferentes ocasiões. Foi uma adaptação alimentar desenvolvida pelos povos indígenas do altiplano boliviano para conseguirem se alimentar durante o inverno rigoroso das altitudes. A memória relacionada aos tipos específicos de batata que brotam das altitudes e aos pães que são produzidos na Bolívia, desempenharam um valor latente de memórias que resistem a negociação, pois a narradora estaria negando um dos valores que lhe é íntimo: o respeito pela memória indígena que travou batalhas para se manter viva perante a colonização espanhola. Com relação aos pães, atualmente, já podem ser consumidos pelos bolivianos que vivem na capital paulista, porque já existem muitos produtores de pães típicos, comercializado, principalmente, na Praça Kantuta em São Paulo.

Lembro que quando iniciaram as festas eram poucas pessoas que frequentavam, não existia essa aglomeração, parece que os bolivianos não saíam muito de casa para que um pudesse se relacionar com o outro. Depois de um tempo não, com os filhos a coisa mudou, foi-se abrangendo mais, os próprios filhos passaram a fazer parte de grupos folclóricos para dançar e as festas deixaram de ser mais restritas. A minha mãe não participava muito desses eventos, a não ser na organização das festas na Pastoral do Migrante. Lembro de ela sair com as amigas, amigos, mas era uma entre eles. Acredito que seja bom para eles, pois resgata e eles podem estar vivenciando a cultura. E nesse dia da festa eu expliquei para o meu filho: "Olhe, é assim, tudo tem o seu significado, eu não sei tudo. Eu sei um pouco." Míriam

Segundo Míriam, filha mais velha de Marta e Marcos, as festas em homenagem à Virgem de Copacabana e à Virgem de Urcupiña são a expressão máxima de uma tradição religiosa que é mantida pela comunidade boliviana de São Paulo e, que cresce a cada ano, em virtude do número de pessoas que participam e privilegiam a festa, incluindo não só bolivianos, como também, brasileiros; o que demonstra a construção de processos identitários que apontam para a criação de uma comunidade que luta por uma maior participação na sociedade brasileira, adentrando nos espaços públicos da cidade de São Paulo. A festa deixou de ser realizada no espaço da Pastoral do Imigrante

na região do Glicério, e atualmente ocorre no Memorial da América Latina na Barra Funda. O número de participantes tornou-se tão grande que hoje se cogita que seja necessário outro espaço público para abarcar as duas maiores festas da comunidade.

Conheci o Parque Xangai e essa amiga me convidou para ir à essa missa de Nossa Senhora de Urcupiña num sábado. "Vamos à missa." , "Que hora que vai ser?" , "Vai ser de manhã." Por que era de manhã a missa e depois tinha a festa na igreja mesmo. Fui com essa amiga e aí conheci outras amigas que tenho hoje que são da Bolívia e não saí mais da Igreja Nossa Senhora da Paz. Assisti à missa, participei da procissão da Santa da Bolívia, depois serviram comidas e teve a festa. Ficamos até umas oito horas da noite. Hoje a festa é no Memorial e é tanta gente que o espaço está ficando pequeno. Mas naquele tempo a igreja e seu pátio comportavam o número de pessoas, era muito bonito. Lídia

Existe um costume que ocorre há mais de 30 anos e que é organizado pela comunidade de imigrantes que frequentam a Pastoral do Imigrante, bolivianos, peruanos, chilenos, colombianos, que são os almoços típicos no final de cada mês. Ocorre a missa no final da manhã do domingo e logo após acontece o almoço e a confraternização do grupo, geralmente, acompanhado de música e grupos folclóricos.

Quando acabou a missa o Padre Mário falou: "Hoje tem um almoço que os chilenos estão preparando e não sei se vocês querem ficar para almoçar." Eu nunca havia almoçado lá porque como a missa era realizada nesse quarto, acabava e ia embora. Porém, quando o padre falou dentro da igreja aí disse: "Matilde porque nós não ficamos para almoçar? Eu quero ficar para ver como é." Ficamos e havia duas chilenas, uma delas chamava-se Luz e a outra era a Gimena, que mudou e mora em Curitiba. Naquela época havia uns bancos do lado de fora da Igreja onde ficávamos sentadas almoçando. As chilenas se aproximaram e disseram: "Vocês não querem cozinhar pela Bolívia?" Eu falei: "Se ela se animar para cozinhar eu ajudo, agora eu sozinha, não. Matilde, você quer?" Ela aceitou. "Eu faço sim." Foi daí que começaram os almoços com pratos da Bolívia na Pastoral aos domingos. Ema

A colaboradora Lídia, frequentadora da Pastoral do Imigrante, relatou que existem uma gama diversificada de comidas por cada Departamento boliviano, e tem comidas que não são feitas nas festas públicas em função do trabalho que requerem e do custo financeiro para realizá-las.

Na Bolívia temos um modo de cozinhar um prato típico, na minha cidade chama-se *marradito*. É um arroz com charque, banana frita e uma salada e um ovo frito. Sei que fazem isso no Rio Grande do Sul, mas é totalmente diferente. Tem outro prato chamado *turguré*, é um creme de milho que se come com leite de manhã na hora do café. Tudo pode faltar, menos isso. É uma delícia! La Paz tem suas comidas típicas, Cochabamba, Oruro, Potosí, Tarija também. Cada cidade tem, mas eu

não sei fazer. Esses pratos não são feitos nas festas realizadas na Pastoral do Migrante; dependendo da cidade que irá cozinhar os pratos mudam. Não me atrevo a cozinhar para muita gente porque erro a mão. Às vezes o pessoal fala: "Lídia, faz um marradito."; "Não, não. Tem que fazer para muita gente e eu nunca cozinho, pois só cozinho para um máximo de dez pessoas. Tem vezes que convido oito pessoas, cinco pessoas e é diferente. Cozinhar para 180 pessoas, 200 pratos é muita coisa. Eu não prometo fazer, eu prometo ajudar." Lídia

Sabemos que as misturas de ingredientes e condimentos é uma premissa forte na cozinha de diferenciadas classes sociais e, quando nos referimos a processos de negociação, a dieta alimentar também está inclusa; mas o que tentamos especificar é que por mais que estas pessoas tenham se deslocado no espaço e aprendido a falar o português, entendendo a cultura brasileira, certos hábitos culturais não foram deixados para trás. Há uma recriação, adaptação e até mesmo uma resignificação entre culturas para que a memória da tradição consiga manter sua circularidade.

Procuro continuar com alguns hábitos, como tomar chás bolivianos, mate de coca, pois serve para muitas coisas. Quando sentimos dor de barriga tomamos mate de erva doce ou mate de anis como é conhecido na Bolívia. O chá de folha de coca é bom para dor de barriga e quita o cansaço. Ele dá mais força e inibe o sono. Também mastigamos essa erva como se fosse um chiclete para mantermo-nos acordados. É um hábito cultural tomar chá. Maria

Uma dessas práticas sociais dos bolivianos é tomar o chá da folha de coca. Nas regiões andinas compostas pelo Peru, Equador e Bolívia toma-se chá da folha de coca para aliviar o mal estar ocasionado pela altitude e pelo cansaço físico e mental. Mas também, toma-se o chá da folha de coca em rituais de cunho sagrado nas regiões indígenas do altiplano boliviano. Assim, Maria descreveu, como toma o chá em sua casa.

O povo boliviano gosta de beber muito. Na Bolívia tem muitas crises econômicas, mas também tem bastante festa. Para fazer festa sacam dinheiro de não sei onde, mas para outras coisas não têm... Toda semana tem uma festa, cada mês é uma festa, normalmente é o alto paceño que faz mais festas, do Departamento de La Paz. É muita festa, se morrem fazem festa, se casam é festa, nascem é festa, tudo é festa. Para tudo se faz festa; amanhã tem um aniversário de 15 anos de um boliviano, estão trazendo duas orquestras, dois conjuntos para tocar na festa, vão comprar 100 caixas de cerveja. As festas são grandes e é muita bebedeira. Faz parte da cultura beber até cair. Ilfredo

Nas festas religiosas as bebidas e as comidas são servidas em grandes proporções. É comum, nas festas cívicas, a circulação de grandes quantidades de

bebidas, inclusive, cervejas para celebrar a data ou o Santo homenageado. Em uma das festas que tive a oportunidade de participar, realizada no clube Tiradentes, eram numerosas caixas de cervejas para celebração de uma noite. Segundo um dos colaboradores, quando sobram caixas de cervejas, os integrantes das festas organizam-se em outros momentos para beber o que restou.

2.14. Calendário Boliviano

Existem algumas comemorações na Bolívia que são muito referenciadas pelos bolivianos: o dia de finados e o culto aos mortos. Em homenagem à memória do ente que faleceu, costuma-se principalmente, cônjuges e filhos ficar de luto usando preto, respeitando alguns tabus. É referente a esse momento íntimo que a narradora Milene se refere ao falar do comportamento da família, depois do falecimento do seu avô materno.

Fui percebendo quanto os pequenos detalhes influenciam o nosso comportamento. Uma vez fui ao Memorial da América Latina ver uma exposição permanente. Tem uma parte que é do México e lá o culto aos mortos é muito forte, na verdade acabei percebendo que não é só lá, e sim, em toda a América Latina Hispânica que cultuam os mortos, aquele ente querido que faleceu, ou então, aquele amigo que faleceu há quinhentos anos eles tem aquilo: "Não, a gente vai homenagear". Sempre rememorando, aquilo é muito forte e uma forma de homenagear é você manter o luto, é você manter algumas tradições; agora, o dia 2 de novembro, dia de finados, eles têm todo um preparativo para essa data, mas entendo porque convivo com os meus pais, vivi e cresci nesse meio. As minhas duas tias mais novas não, elas não cresceram com isso, apesar de o meu avô ser boliviano e manter algumas tradições. Ele era sozinho, tinha coisas que se perdeu mesmo e as minhas tias mais velhas, irmã da mãe, não entendem dessa forma, não percebem assim. Milene

Percebemos que o culto aos mortos, a festividade de finados, é tida como um ritual sagrado que deve ser respeitado pelos bolivianos, porque faz parte da tradição andina realizar anualmente suas festividades.

Segundo o antropólogo Sidney Antônio Silva, que em sua tese de doutorado estudou as festas marianas na metrópole de São Paulo, a comemoração de finados, inicia-se na véspera, no dia de todos os santos.

É nesse dia que é montada nas suas residências a *Tumba de los Muertos* ou *Altar de Todos los Santos*, em memória de algum falecido da família. Segundo a tradição, o altar deve ser montado durante três anos consecutivos,

a partir do ano de seu falecimento. (...) A montagem dos altares varia de acordo com a criatividade e possibilidades das pessoas enlutadas. Alguns são mais simples e, em geral, são montados na sala da casa, ou ainda em meio às máquinas de costura, no caso dos costureiros. Sobre uma mesa revestida por uma toalha branca ou preta, são colocados os pães antropomorfos, representando figuras humanas, e zoomorfos, representando animais mitológicos, como o condor, a serpente, o lagarto, o sapo e a *llama*, ou ainda o elefante, animal representativo das culturas orientais. As comidas e as bebidas fariam de acordo com o gosto e a idade do falecido (a). Se ele era criança, são colocados guloseimas e refrigerantes. Se ele era adulto, cerveja, *chicha* e cigarros. As frutas, flores e velas, as fotos dos falecidos (as) e objetos pessoais, como peças de roupas, são elementos comuns a todos os altares. Importa notar que a disposição dos elementos sobre os obedece uma lógica da formação de pares. Outros altares, porém, são mais sofisticados, obedecendo a estrutura de três níveis e apresentando, assim, uma riqueza de detalhes e símbolos que só podem ser compreendidos a partir de uma cosmologia andina que lhes confere sentido (2002. p.70).

Com base na etnografia de Silva, podemos perceber o quão rica e complexa é a cosmogonia ritual de herança andina dos bolivianos, e que é transportada para a metrópole de São Paulo. Vale ainda destacar que todos esses objetos depositados no altar doméstico seguem para o túmulo do falecido para que seja celebrado pelos familiares e amigos.

O ritual de festa de fim de luto é outro momento de celebração em memória ao ente querido da família. Segundo Silva, a festa de fim de luto

expressa a passagem do (a) viúvo (a) de um estado de interdito social e, portanto, de perigo, para outro de abertura a novas relações sociais e amorosas. Vale lembrar que, antes do fim do luto (*capo de año*), são realizadas as missas de nove dias, um mês, três meses, seis meses e finalmente a festa de fim de luto. (...) A primeira parte do ritual consiste na celebração de uma missa, à qual todos os familiares comparecem ainda de luto. A segunda se dá num salão de festas, alugado pela família, no qual se prepara um altar com toalha preta, vasos de flores, frutas (banana, abacaxi e laranja) e a foto do falecido (a) (2002. p.74).

É importante dizer que depois que o pai de Marta, Victor, faleceu, sempre a encontrava vestida de preto e foi só depois de alguns encontros que ela disse que só iria tirar o luto depois da missa de um ano de falecimento de seu pai, realizada na igreja Nossa Senhora da Paz, onde toda a família e amigos estariam presentes.

Esse episódio demonstra o respeito à memória paterna e o vínculo com a tradição andina. Vale lembrar, também, que algumas cerimônias de caráter cívico são festejadas pela comunidade dos bolivianos que vivem em São Paulo.

Geralmente, a colônia dos bolivianos comemorava as festas religiosas de Nossa Senhora de Copacabana e Urcupiña e as festa de dia da Independência da Bolívia comemorado no dia 06 de agosto. Nessas festas há comidas típicas, bandas de músicas; hoje a praça Kantuta é

muito procurada por causa desses quesitos. Ultimamente não tenho acompanhado as festas; as festas locais são muito caras, hoje cobram R\$ 40,00, 50,00 reais e antes era R\$5,00, até 10,00 reais com direito a levar outra pessoa. Só os bobos que pagam para poder entrar. Sei que todo final de cada mês acontecem as novenas e reuniões sobre festa na Igreja Nossa Senhora da Paz. Carlota

Elementos como a bandeira, o hino nacional da Bolívia, a banda de músicos tocando canções de caráter cívicas são dados que não podem faltar para o dia 6 de agosto, quando se comemora a independência da Bolívia.

Vimos, assim, que as festividades religiosas e cívicas são reverenciadas até hoje pela comunidade de bolivianos na cidade de São Paulo, e veiculam a construção de uma memória comum em tono das pertenças culturais que resistem aos abasileiramentos, o que não quer dizer que permanecem imutáveis às transformações do tempo e do espaço. Ao menos esses vínculos identitários ainda prevalecem na primeira geração dos migrantes bolivianos e que, na segunda geração da migração, mudanças e adaptações estão acontecendo, uma vez que as negociações culturais com a brasilidade estão em um contato ainda maior.

Percebemos, assim, que a sacralidade e sentimento de pertença dos bolivianos é permeado pela instituição familiar, na qual o papel feminino, principalmente da mãe para perpetuação da tradição familiar e manutenção da cultura é fundamental. Assim, as diversas festas religiosas, as festas cívicas guiam o sentido de construção de uma comunidade boliviana na cidade de São Paulo por meio de uma recriação imaginada da sociedade boliviana.

2.15. A Família Transnacional

Nesse tópico pretendemos evidenciar alguns aspectos das famílias que foram redefinidos, rearticulados com o deslocamento entre Bolívia e Brasil, demonstrando, com isso, como as relações familiares se modificam, e ao mesmo, como mantêm alguns vínculos com a parentela que ficou na Bolívia depois de emigrados.

Os estudiosos do processo de migração boliviana creditam que os fenômenos contemporâneos criaram novos contextos para constituição familiar. Segundo estes estudiosos

la familia transnacional pone de manifiesto que su composición y estructura no puede ser abordada atendiendo únicamente a lo que ocurre dentro de las fronteras nacionales o a partir del modelo de familia occidental. De acuerdo con Le Gall, ‘ las familias que adoptan una forma transnacional nos muestran la diversidad de las formas familiares y cuestionan nuestra comprensión de esta institución’ (2005: 39). Es lo que autoras como Landolt (2004) denominan ‘circuitos de intereses y obligaciones transnacionales’, que condicionan tanto las expectativas diarias de las personas (posibilidades de emigrar, oportunidades de trabajo y vivienda en la sociedad de acogida, etcétera), como los deberes Morales (proporcionar ayuda y soporte a familiares y amigos). Estos circuitos son un elemento esencial de las estrategias de capitalización económica y tener en cuenta que los nexos familiares son permanentemente redefinidos a través del tiempo y espacio (Vertovec, 2003). Dentro de los campos sociales transnacionales, los individuos pueden perseguir o bien rechazar de forma activa determinados vínculos, así como crear vínculos ficticios, de manera que en todo momento escogen estratégicamente qué conexiones les interesa reforzar y cuáles debitar (GUAYGUA, Germán *et al.*, 2010, p.16).

Percebemos que as experiências geracional, familiar não está limitada apenas a um espaço territorial, mas são alargadas, redefinidas em outros espaços e tempos. Daí não podermos categorizar a quebra total dos laços familiares com os processos migratórios e, em alguns casos, dizemos que há uma redefinição, rearticulação, reconfiguração dos papéis sócias e de parentesco.

A família do narrador Marcos é grande, uma típica família rural, onde todos os membros ajudavam no trabalho doméstico. Marcos disse que depois que emigrou, poucas vezes retornou à Bolívia, em razão de ter constituído família no Brasil. Porém, percebemos que os laços afetivos com a parentela que permaneceu na Bolívia, com o transcorrer do tempo, ficaram menos arraigados, porém não foi perdido. Percebemos, em sua narrativa, que pouco dialoga, ou, costuma frequentar a casa dos irmãos que residem na cidade de São Paulo.

Na minha família somos cinco homens e três mulheres, oito irmãos ao todo. Tenho quatro irmãos residindo no Brasil, os outros estão na Bolívia. A nossa vida na província era uma vida prática. Tínhamos um terreno onde plantávamos batata e outros produtos, mas era só para o consumo familiar. Os filhos ajudavam a plantar; não trabalhávamos de empregado. Cuidávamos de alguma coisa, a trazer água encanada. A gente ajudava o mínimo, e depois ficávamos na escola de segunda à sexta. Então, a gente tinha só as tardes livres. Hoje, a minha mãe é falecida e meu pai está vivo e mora no interior de La Paz. Não posso dizer que ele esteja sozinho, as minhas irmãs vão visitar, e ajudam. Quando viajo para Bolívia sempre vou visitá-lo. Leo

O primeiro fator a ser observado é a dispersão geográfica que a família de alguns narradores enfrenta devido à emigração ser um impulsionador do deslocamento para outros países, e até mesmo para outros departamentos da Bolívia.

A minha família é composta por uma irmã, duas sobrinhas e meu cunhado. Vai fazer um ano ou dois que a minha mãe faleceu, e estava no Brasil quando ocorreu. Tenho um pai, mas não o conheci. O meu pai deixou a minha mãe quando ainda era pequena, inclusive, quando vim para o Brasil soube que o meu pai faleceu, não senti tanto, só senti a morte do meu padrasto. O meu padrasto foi uma pessoa muito boa. Eu tinha um tio que se chamava Pedro e amava ele, o tratava de pai. A relação com a minha irmã é diferente porque nós só somos irmãs por parte de mãe, ela tinha um pai e eu tinha outro. A minha irmã se chama Gregoria Merria e eu sou Emilia Térra Rocha. Há nove anos estive na Bolívia, demorei muito tempo para retornar, fui só duas vezes em 20 anos de vida no Brasil.

Quando vim da Bolívia tinha 17 anos e a minha irmã falava que ela ia viajar para a Argentina. Quando estava no Brasil, ela mandava carta, mas não recebia correspondência, sou um pouco desligada para escrever e também não encomendei mais cartas à minha irmã. Passei tanto tempo sem dar notícias que minha mãe e irmã foram ao consulado pedir informações sobre mim. Já estava trabalhando com essa família norueguesa e depois de 20 anos falei: "Dona, vou para a Bolívia!" Fui até com a Carlota. Cheguei à Bolívia e fui procurar a casa da minha irmã, mas ela tinha mudado e estava em outro lugar. Ema

A trajetória de Ema foi singular, pois veio para o Brasil para trabalhar na casa de uma família norueguesa, mas quando saiu da Bolívia estava grávida do seu único filho. Passou longos anos sem retornar para Bolívia, e disse que seus parentes perderam os contatos dela no Brasil. Ema passou longos anos se dedicando ao trabalho e fechou-se no seu mundo: entre o trabalho e a vida social que mantinha com os amigos que frequentam a Pastoral do Imigrante. Retorna para ver sua mãe e parentes, mas depois do falecimento de sua mãe e nascimento de seu neto, resolve ficar de uma vez por todas no Brasil.

A minha irmã morou no Brasil quase quarenta anos. Ela voltou depois de muitos anos que meus pais já haviam falecido. Tenho uma irmã que mora na Espanha e que já constituiu sua vida e sua família lá; e faz muitos anos que ela não vem passear. Atualmente não sei em que lugar ela e sua família moram; e faz muito tempo que não me comunico com ela, pois não tenho os contatos de ninguém. O meu irmão Eleodoro mora em São Paulo, reside no mesmo prédio em que estou atualmente, mais precisamente no terceiro andar, e a minha sobrinha mora com ele. Tenho uma irmã na Espanha, esse irmão no Brasil e os outros irmãos estão na Bolívia. Estão todos casados e não sei por onde eles andam. Dos sete irmãos, dois faleceram no Brasil. O meu irmão Jaime estava com uma doença no sangue; e quando faleceu deixou as minhas sobrinhas. E um tempo desse me contaram que uma irmã também

faleceu. Faz anos que não a vejo e nem poderei mais vê-la. Quero muito me comunicar com os meus outros irmãos; não tenho mais seus telefones, depois que mudei de residência perdi os poucos contatos que tinha. O meu filho mudou o número do telefone e não me comunico mais. A minha irmã mais velha é a que está na Espanha, depois tem outra irmã, depois dela tem a Olga, depois dela é a Julieta, depois dela é o meu irmão, depois dele, tem o Edson, depois sou eu e depois é o meu irmão que é o menor. (...) Estou há muitos anos morando no Brasil, mas sinto muitas saudades dos que ficaram na Bolívia, de todos os meus irmãos. Tento ligar para o número do telefone deles e dizem que o telefone não existe. Será que me deram o número de telefone errado? Tento ligar direto, mas acho que perdi os contatos e a comunicação com a família. Carlota.

O caso de Carlota não é único, há muitos bolivianos espalhados por cidades globais. Há tios residindo nos Estados Unidos, uma irmã que mora na Espanha, outros irmãos no Brasil. Quando lembra de sua família seu semblante muda, fica triste, mostrando nítida convicção que nunca mais irá rever sua família que emigrou. Em São Paulo reside com o seu marido e seu filho, tem dois netos e planeja comprar uma casa e sair do aluguel. Carlota tem a sua família dividida, mas a consequência psíquicas da separação delineia um estado de tristeza, que só era amenizado quando relatou a alegria de ter sido avó.

Sou mãe de seis filhos, quatro vieram comigo para o Brasil e os dois mais velhos ficaram na Bolívia, pois são três mulheres e dois homens. O mais velho tem vinte e três anos e o outro vinte um anos; esses dois ficaram. Todos são filhos do mesmo pai. Eles até chegaram a conhecer São Paulo, mas preferiram ficar estudando e trabalhando na Bolívia. O mais velho é formado e não se acostumou nesse país. Maria

A família de Maria e Ilfredo ilustra a divisão familiar pela qual passaram depois que ambos resolveram viver e trabalhar em São Paulo. Seus dois filhos mais velhos, nascidos na Bolívia, resolveram permanecer em sua terra, pois não conseguiram se adaptar no Brasil, depois de uma temporada vivenciando a cidade. Os filhos mais novos nasceram no Brasil e estão sendo educados entre as duas referências culturais. A narradora disse que anualmente visita os parentes no departamento de La Paz, mas não consegue mais se adaptar com o clima da cidade. Não falou de seus parentes bolivianos e tem plena convicção de que educará seus filhos menores no Brasil.

Quando perdemos o que temos logo todo mundo fica sabendo, as pessoas são muito invejosas, quando vê que você caiu ou perdeu o que se tinha, dizem: "Tu tens que cair." Quando aconteceu a crise, perdi tudo, fui conversar com o meu irmão: "Me empresta um dinheiro." , "Para que?" , "Eu caí na Alfândega e perdi tudo. Caí Aduana e recolheram tudo que tinha." E ele falou: "Quem manda você não ficar

em casa, você foi viajar, perdeu, fazer o quê.” E o outro irmão: “Não tenho dinheiro.” Eu tinha dinheiro com os meus hermanos, mas não me ajudaram... Eu tenho irmão, somos em 6 irmãos, 4 homens e 2 mulheres. Todos têm suas casas. Sei que irmãos nunca me ajudaram. Todos vivem na Bolívia, uns vivem em Santa Cruz, outro em Cochabamba, tenho um cunhado advogado. Nunca mais procurei ninguém da família, desmotivei, cada um que siga a sua vida. Ilfredo

O colaborador Ilfredo disse que não mantém contatos com a sua família na Bolívia. Tem irmãos, mas demonstrou-se ressentido porque no momento em que seus negócios faliram sua família não o ajudou. Segundo o entrevistado, os laços afetivos foram desfeitos em virtude da falta de solidariedade dos irmãos, fator considerado um dos pressupostos da existência do mesmo.

A família de Rose é um caso particular dentro desta pesquisa, pois sua trajetória de vida foi marcada pela dispersão da parentela ainda na sua primeira infância. Para construir essa descrição foi necessário realizar uma entrevista com a narradora em São Paulo, como também foi realizada uma entrevista com seu irmão, Don Carlos, que reside na capital de Santa Cruz de la Siera na Bolívia. A colaboradora descreveu sua vida:

Apanhei muito da minha família quando criança, Nossa! A minha história é muito triste, porque apanhei demais da cunhada de minha mãe. Naquele tempo, no tempo dos antigos, no tempo dos meus avós, eles educavam as crianças com muita porrada, cuidavam batendo. Minha família colocava sal na minha comida como forma de castigo, o prato era enorme e bem salgado, era uma coisa bem grosseira. Desde pequeninha sofro, sofri porque tinha uma tia muito ruim. Essas senhoras que eram parentes da minha mãe tiveram filhos, não com parteiras, as cunhadas de minha mãe tiveram filhos e tive que ajudar a cuidar, fui babá das crianças. Eu pequeninha tinha que ficar chacoalhando as crianças de noite para não chorar. Um dos filhos da cunhada de minha mãe até morreu. Fui largada no mudo! Por isso, fui criada com os outros parentes que me maltratavam e me colocavam para cuidar dos seus filhos, e daí virei a babá da família, mas nesse tempo as cunhadas da minha mãe, davam surras horríveis; agarravam-me pelo cabelo e me surravam no chão, não sei como não morri de tanto apanhar. Rose

Rose foi criada pelas tias e conhecidos da família da mãe. Cada irmão seu foi entregue a uma família, onde viviam como agregados das famílias dos outros, pagando sua moradia e alimentação com o trabalho pesado nas fazendas dos patrões. Humilhação, violência e maus tratos na vida de Rose são sentidos, pois de tanto apanhar tem um problema na mandíbula e fortes dores de cabeça. Sua entrevista foi marcada por pausas, justamente por que as lembranças ainda provocavam dor.

Cansei daquela vida e até ia fugir de verdade, fugir para longe, para um lugar bem longe como o Uruguai. Até que um dia fui de vez e ninguém me encontrou. Fui embora com um casal, era parente de minha mãe. Fiquei no Uruguai trabalhando com esse casal, tirava leite, fazia queijo, tomava conta de porcos; depois de dois anos que estava lá eles já começaram a me bater também, bateram em mim porque a porca colocou filhotes: "Quem colocou filhote?" Eu falava. Eles tinham outro curral com porcos gordos, eram enormes os porcos para vender. Os casais iam ao sítio comprar bichos e eles me deram uma surra de *trenzado* dobrado. O *trenzado* é aquele laço que joga na vaca para capturá-la, aqui no Brasil falam laço; nós falamos *trenzado*. E com esse *trenzado* me deram uma surra, quem me surrou foi o marido da mulher. Aguentei por um tempo, mas um casal foi comprar porcos gordos e com eles fugi novamente. Sei que perderam muito da produção porque eu tirava leite, fazia queijo, tomava conta dos porcos, dava de comer os porcos, plantava milho, lá o milho se chama *maiz*; dava água e comida para os animais, quem fazia tudo era eu. Quando as moscas colocavam bichos nas feridinhas dos animais eu que cuidava, fazia curativos, tudo isso eu fazia. Rose

Cansada de sofrer, Rose fugiu da casa dos tios e foi trabalhar na casa de outro casal, que não demoraram muito para espancá-la e praticar atos de violência física e psíquica.

Daí veio essas pessoas fazer compras e fugi na noite. Peguei duas roupinhas e fugi com eles. Era uma noite de lua cheia e os porcos não podiam ficar no sol, porque toda noite de lua cheia os donos viajavam. Fugi nessa noite, passei a noite inteira viajando e fomos parar em Cochabamba. Não sabia para onde ir e fui com esse pessoal. Sei que não conhecia ninguém em Cochabamba. Como não conhecia nada, cheguei no quiosquinho onde vendem salgados e fui tomar e comer alguma coisa porque estava com fome. Esses senhores me deram um dinheirinho para comprar a comida, não tinha nada. Esses senhores no Uruguai, onde eu tomava conta dos porcos não me davam dinheiro, não me pagavam, era tão ingênua que nem sabia o que era dinheiro. Era menor de idade ainda e não ganhava nada, só ganhava surra. Cheguei em Cochabamba e esse senhor que tinha um quiosque me deu o que comer. Aí contei a minha vida para ele, disse que tinha saído do Uruguai sozinha com um casal que foi comprar porco e que tinha vindo com ele para Cochabamba e não sabia o que fazer da vida. "Estou aqui e vou procurar trabalho. Vocês sabem se alguém está querendo empregada doméstica?" Aí ele falou: "Não, fica uns dias aqui e a gente acha para você." Depois de um mês achei trabalho. Trabalhei com um pessoal e eles me pagavam pouquinho porque eu tinha doze ou treze anos. Fiquei pouco tempo com eles, acho que fiquei um ano e meio, eram casados e tinha um casal de filhos também. Rose

Os sentimentos de solidão e abandono foram latentes na vida de Rose. Explorada, espoliada por aqueles que tinham como função protegê-la das interpéries da

vida, ocasionam mais dor, mais agressões. Rose sente-se exilada, desprovida de relações sociais e jogada no próprio devir do mundo.

Criei-me sozinha nesse mundo e por isso que vim embora para o Brasil. Em Cochabamba trabalhei com essa senhora, vim e com ela estou até agora. Rose

Assim, narrou a dispersão dos irmãos na Bolívia. Poucas vezes ilustrou detalhes sobre a mãe, e seu pai é desconhecido.

Tenho duas irmãs, uma é Vasilía a outra é Maria; além dessas, eu sou a mais velha de todos... O único que eu conheço é o meu irmão: o Santiago e o Carlinhos, esse que está na foto. O Carlinhos foi embora fazer serviço militar, não encontrava ele na Bolívia. Quando eu viajava não encontrava. Sei que ele foi para o Mato Grosso, perto do Paraguai. E do Paraguai foi para Santa Cruz de la Sierra. Falei com meu irmão por telefone: "Eu quero ver a Maria." Ele levou a minha mãe para perto da minha irmã Maria e depois a mãe foi com o Carlitos para San Juan do Piraí. De lá depois soube pelo irmão Carlitos que a minha irmã Maria estava cega.

A Vasilía faz salteña; mas não a conheço. Quando era pequena conhecia, mas depois dos meus treze anos em diante não conheci mais. Dizem que ela está em Cochabamba, porém não temos certeza. Estamos todos perdidos pelo mundo. Quando estive na Bolívia falei com o meu irmão: "Vamos divulgar na rádio para encontrá-la, talvez encontre a minha irmã e a minha sobrinha." Uma que está em uma foto por aí. Tenho uma sobrinha e não a conheço, a filha da minha irmã.

A Vasilía não tinha filhos, essa faz uns salgados tão gostosos, salteñas deliciosas. Não as vejo há muito tempo, não sei da vida, não sei de nada. Tenho saudades, mas não as conheço. Deixei a Maria pequenininha, estava com seis ou sete anos. Quando viajava ia ver a minha mãe, depois disso nunca mais vi.

Só vejo o meu irmão quando viajo, o Santiago, pai do meu sobrinho. Ele é fazendeiro, planta cana, milho, batata, batata doce, mandioca, cria frango, porco, vaca. Por ter essa propriedade não tem vontade vir embora para esse lado. Eu já falei para o irmão Santiago: "Teus filhos saíram." Estão na Espanha, o irmão do meu sobrinho que está na fotografia foi para Espanha com a minha cunhada. Rose

Em sequência, o irmão de Rose, Don Carlos, descreveu o que viveu pondo em diálogo a estrutura social na qual sobreviviam. Nascidos em meio à pobreza, foram despejados nas casas dos "outros" como objetos inúteis. Sair da esfera asfixiante imbuída de violência doméstica foi a única meta desses irmãos, separados contra a vontade, trabalhadores deslocados de um lar acolhedor, que sobreviviam à mercê da sorte.

Eu nasci em Sucre, numa família bem humilde. Legalmente eu tinha pai, tinha mãe; pessoas pobres e era difícil suportar a pobreza. Os meus pais eram pessoas muito rudes, violentos; todo dia apanhávamos por

qualquer coisa; apanhávamos até de chicote; como os bichos do mato. Não pude aguentar esse sofrimento, e o que eu fiz? Eu fugi para bem longe; acho que tinha uns dezoito anos quando fugi da casa dos futuros patrões. Também passei a sofrer na casa dos outros, até que tomei a decisão de migrar para Santa Cruz. Don Carlos

Fugir foi um ato para continuar vivo; foi sua única forma de sobreviver e resistir às formas colonizadoras das famílias que o mantinha subjugado, agregado. Foi necessário vencer o medo para libertar-se do apavorante terreno da vida das “famílias alheias”.

Meus irmãos ficaram em Sucre. A minha irmã Rosa trabalhava em um sítio quando criança; sei que tinha animais, tinha gado. Atualmente, os meus irmãos seguem vivendo lá e por lá ficaram. A minha outra irmã vive na província de Camire em Oruro, é uma pessoa bem humilde, bem pobre; sei que ela perdeu a visão, não pode mais ver e, seus filhos a ajudam nas coisas, principalmente os filhos mais velhos; é uma família pobre. Como disse, nós viemos de uma família pobre. Eu ainda trabalhei um pouco e tenho o meu espaço, mas os outros não puderam ter. Minha outra irmã, Rose, saiu de casa muito jovem. Quando a Rose saiu, ainda era criança. A Rose é mais velha do que eu, ao menos uns vinte anos. Eu não sei quanto tempo ela ficou morando no campo. Don Carlos

A presença do silêncio foi significativo na narrativa de Don Carlos, às vezes servindo para não aflorar as lembranças de sofrimento, outras para que o entrevistado conseguisse viver sem ocorrência da dor de um passado.

Era muito explorado na casa dos patrões e ainda tinha que cuidar das vacas de suas fazendas, e foi numa dessas ocasiões que quase perdi a vida. Fui procurar uma vaca que estava prenha, e não conseguia encontrá-la; procurei um, dois, três dias e nada da vaca. Procurei ao longo das montanhas, nos desfiladeiros, nos altos das cerras; olhávamos, procurávamos e nada. Não encontramos a vaca e ela estava em uma vala dentro de uma trincheira. Sei que fomos pegar a vaca, mas ela estava zangada. Tínhamos um cão e ele saiu correndo atrás da vaca; e confiando que o cachorro estava atrás; o cachorro chocou-se conosco, eu caí e a vaca começou a me chifrar. E tudo isso para cuidar das vacas do patrão. A minha vida na infância foi bem triste, bem sofrida.

As minhas lembranças de Santa Cruz são muito bonitas. Lembro que Santa Cruz era uma cidade bonita porque ao chegar fui bem recepcionado e tinha onde trabalhar; foi nesse lugar que aprendi a trabalhar e onde formei a minha família Aqui trabalho e ganho o meu dinheiro, e é aqui que estou fazendo com que os meus filhos estudem; e isso é uma boa lembrança que se pode construir de uma cidade; e digo que não sou de Sucre porque não tenho nada construído lá, mas legalmente digo que nasci lá. Mas onde estou formando a minha vida é em Santa Cruz e quero muito bem a esta cidade, e considero essa cidade muito linda, há tranquilidade, sinto paz; trabalho quando quero trabalhar e posso dizer que há vida aqui. Don Carlos

A vida em família de Rose e Carlos apresentou configurações conflitivas, marcadas pela ausência de afeto, por falta de acolhimento e de solidariedade; tiveram desde o início, que saber reinventar a vida em outros espaços. A separação delineou outras possibilidades de vivência em outros lugares. Atualmente, residem em suas casas e tem um lar onde podem construir experiências vinculadas a segurança com suas novas famílias.

2.16. As Negociações na Família

As negociações de identidades foram demarcadas, na família Patzi, por conflitos e vínculos de solidariedade, mérito que não perpassa apenas essa família, mas que compõe as relações de muitas famílias brasileiras. A contradição dos papéis sociais, a emancipação feminina, os micro poderes podem ser vistos na dinâmica da sociedade brasileira, como também, nas esferas privadas de como as relações vão se constituindo no espaço da casa. A narradora Marta falou sobre seus papéis familiares para cuidar dos irmãos:

Na época trabalhava e minha irmã foi para escola, meu irmão também foi pra escola. Juntamos um dinheiro e compramos um terreno no João XXIII, um terreno grande. Ali também era mata fechada, hoje já tem muita construção. Minhas irmãs tiveram as casinhas delas lá. Ah, papai casou novamente no Brasil. Depois que eu completei vinte dois, vinte quatro anos. Ele casou na Aparecida do Norte e desse matrimônio teve duas meninas, Arlete e Haidee. Quando a minha irmã Arlete ia completar quinze anos, faltando quinze dias, morreu minha madrastra e me deixou as duas para acabar de criar. Papai ficou viúvo pela segunda vez e já não casou mais. Marta

Arlete explicou em seguida como se deram as negociações dentro das gerações na família, uma vez que ela e sua irmã Haidee tinham quase a mesma idade das filhas de Marta quando eram adolescentes e conflitos afloraram com maior intensidade.

Às vezes meu pai defendia a mãe perante as brigas com os filhos mais velhos, e às vezes ele brigava com ela também, todos brigavam com todos; a Marta brigava com a Angélica; a Angélica brigava com os mais novos, e o Demétrio começou a beber. O Demétrio sempre chegava bêbado em casa e não sei como era a relação dele com a minha mãe. Não tenho lembranças deles juntos e conversando, mas conversavam, só que era muita briga, e a mãe aguentava tudo calada, quase nunca

respondia, quase nunca falava nada. A Marta sempre falava um “monte” de coisa da mãe: que não sabia fazer nada, que deixava as filhas criarem umas crostas no cabelo, que eu usava uma touca que piorava a crosta e ela que tinha que tirar todas as crostas. A Marta vinha da casa dela para cuidar do meu cabelo. Ela diz que cuidou de mim, que ajudou a me criar, mas sabe que não consigo lembrar esses momentos. Ela ficava muito chateada porque não lembrava, achando que sou ingrata, porque ela sempre fala que cuidou de mim. Lembro da minha mãe, mas dela cuidando, não. Ou quando lembro, é dos episódios dela brigando com a minha mãe: “Por que não é assim que faz, por que não sei o quê.” Gosto muito da Marta, sei que ela ajudou a minha mãe, ensinou, mas não do jeito muito certo, mas eles brigavam demais e a gente cresceu nesse meio de conflitos permanentes. Arlete

Quando realizamos trabalhos de História Oral a partir da perspectiva familiar percebemos os múltiplos argumentos que atravessam as configurações dos sujeitos. Além de percebermos as diferenças de visões de mundo que convergem para o cenário familiar, cada sujeito constrói sua explicação para determinados fatos do cotidiano; e, nesse momento, se instauram as divergências de posições. Arlete reflete sobre o postulado da irmã mais velha de que “cuidou dos irmãos menores”. Assim, é pela voz de Arlete, filha, que a voz da mãe reaparece no plano narrativo cobrando explicações do seu assujeitamento e subalternidade.

Acho que a minha mãe sofreu muito depois que a gente mudou para cá. Dava meia noite e filhas mais velhas batiam na porta do quarto dela: “Por que a minha calça jeans está manchada, porque não sei o quê.” A minha mãe lavava de todo mundo, ninguém se responsabilizava por suas roupas sujas, e ao invés do meu pai ficar do lado da minha mãe, ainda falava: “É, porque tem que lavar direito, porque não sei o quê e tal.” O pai brigava com ela e era por coisas bestas. Imagine o pessoal bater na porta à meia noite para cobrar a roupa, é claro que estudavam e trabalhavam o dia inteiro. A Angélica que ia bater para reclamar; era muito chato, detestava. Arlete

O enredo cresceu quando Demétrio, o irmão, quase sempre deslocado de todos os espaços sociais, inclusive da família, entrou em cena, buscando interagir com a família boliviana abraileirada.

O Demétrio chegava bêbado e diziam: “Arlete, vai pegar um balde d’água.” Eu ia pegar e ‘pum’ jogava no Demétrio. Ele era um boliviano bem grandão e o pai era baixinho. Um dia ele fez isso: “Arlete, vai pegar o balde d’água.” Fui, peguei o balde d’água e ele jogou nele, só que o Demétrio ficou doido, veio e deu um soco no pai; e o olho dele ficou todo roxo, um tempão e o pai ficou doido. Nessa hora saí correndo e o pai foi no depósito dele e pegou uma corda. “Por que agora eu mato, agora eu vou lhe matar.” E Demétrio era assim, bebia e quando ele deitava, morreu; pois podia fazer o quê quisesse porque ele não acordava. Arlete

As negociações e mediações sociais para solucionar conflitos eram empreendidas por Arlete e pelos vizinhos que apaziguavam as relações estabelecidas pelo patriarca da família. Preocupado com os caminhos que o único filho homem estabelecia para si, Victor, tentou atribuir outros afazeres para o filho como mecanismo para controlar a pulsão que o mesmo tinha para o álcool.

Ficaram um tempão sem se falar e depois o Demétrio foi pedir desculpas, chorou porque deixou o olho dele preto: "Não respeita o pai, como é que pode." Ele estava bêbado; sei que ele passou uma semana sem beber e depois começou tudo de novo; ele bebia de segunda a segunda, era alcoólatra. Começou a beber por volta dos quatorze anos, ia trabalhar com o meu pai na serralheria; e no trabalho dele todo mundo bebia um golinho; lá levaram o Demétrio para beber um golinho, ele gostou e continuou, ficou alcoólatra mesmo. Às vezes caía pelas ruas e o povo dizia: "Seu Victor, o seu filho está caído em tal lugar." Daí ia o pai ia buscar ele. Arlete

Divergências foram acionadas por meio de práticas, porém, depois de um período de suspensão da ordem, o convívio foi reativado, como se fosse um ciclo em constante movimento. A rotina familiar foi afetada com o falecimento de Demétrio e novos sentimentos de culpa surgiram como mecanismo para diminuir a dor.

Ele morava nessa casa, na parte de fora e até os últimos anos dele. Acho que morou um ou dois anos só, porque fiquei três anos morando fora. Ele morreu e tiveram que chamar um camburão para limpar, pois quando se morre em casa faz autopsia, é horrível. Sei que foi uma coisa muito ruim para todos. Nessa época, a Angélica não falava comigo porque tinha saído de casa e não podia opinar em nada; ai que coisa chata. Meu pai estava triste, a Haidee, todo mundo. Arlete

Os conflitos foram reparados entre todas as irmãs no funeral do seu pai, Victor, onde resolvem fazer um balanço das relações inter-geracionais. Mudando o tom narrativo, Arlete, resolveu discorrer sobre as fases de sua adolescência em que interagiu com suas sobrinhas, filhas de Marta, mas reclamou da aglomeração de tarefas domésticas que desempenhou em sua juventude.

A adolescência também foi legal porque o meu pai tratou a gente diferente da forma como tratava a minhas irmãs mais velhas. Quando elas eram adolescentes não podiam nada, e a Marta até fugiu de casa numa época e quando voltou estava com a Míriam, sua filha mais velha andando. A gente podia muita coisa, apesar da gente não poder sair de noite, não poder namorar, não poder nada dessas coisas, mas mesmo assim, eles deixavam a gente ir para o parque da Previdência, ir

passar: "Ta bom, pode ir. Tem que conhecer o mundo, tem que passar."

Aí as minhas sobrinhas, a Míriam, a Milene, a minha irmã Haidee, éramos da mesma faixa etária, mas eu era a mais velha. Nesse período, a mãe já tinha falecido, e isso foi quando tinha uns treze anos. Foi um momento super triste também porque foi logo no começo da adolescência e a gente sente muita falta da mãe nesse momento. Tudo sobrou para mim em casa, porque a Haidee era menor e não tinha cabeça para fazer as coisas. Quando ia fazer arroz, queimava, fazia feijão e queimava, tinha que fazer comida porque o pai tinha que almoçar meio dia e tinha que dar comida para os pedreiros, tinha que ter almoço para a Angélica, para o Demétrio e para todo mundo que ia trabalhar na construção. Além de lavar aquele monte de roupa, pois todos os serviços que eram da minha mãe passaram para mim e para a Haidee, mas só que a ela não fazia bem; a gente dividia. Arlete

Por mais que as relações familiares estivessem permeadas por conflitos, Haidee, resolveu, por meio de seu relato, enviar um recado para a sua irmã Angélica, e tentar reparar suas divergências. A trama familiar é desencadeada por sutilezas propagadas pelos narradores da família Patzi, que tentam uma reconciliação com os membros da família.

Como não pude conviver muitos anos com a minha mãe, o pai e a Angélica estavam sempre presentes, dizendo: "Come de boca fechada. Ah, não vai fazer isso, toma cuidado." Vários toques de educação, de respeito ao próximo, acho que foi tudo passado por eles. A Angélica me ajudou muito porque no fim, como era a mais nova, era a pessoa que tinha como exemplo. Porque ela trabalhava e eu era pequena e falava: "Quando crescer quero trabalhar." Tipo, querendo ser igual a Angélica. Eu via ela chegando em casa e contando os casos do trabalho dela, ela tinha as coisas dela, a roupa dela, a maquiagem, os sapatos, essas coisas; além de estudar e achava muito legal a forma que ela vivia naquela época, tinha ela como uma pessoa, uma coisa que queria ser. Haidee

Em seguida a narradora descreveu o momento em que todos foram viver suas vidas, já na fase adulta. A rotina do trabalho e as obrigações que cada um passou a desempenhar com suas novas famílias afastou, temporariamente, os irmãos que foram se reencontrar depois de anos.

E acho que isso teve em parte, a influência do meu pai, mas aí depois de anos a gente acabou, todas nós, acabamos nos separando da família. Tem um momento da história que ficamos cada um no seu canto, vivendo as suas vidas. Menos eu e a Arlete porque sempre estivemos juntas. Mas acabei meio afastada da Angélica e da Marta, acho que a Arlete foi morar fora com o namorado, e a Angélica não aceitava de jeito nenhum essa atitude, foi totalmente contra. Haidee

Segundo a irmã brasileira, a Angélica tinha um temperamento forte e impositivo, o que gerava várias interpretações por parte da família. O diálogo era sempre uma barreira a ser transposta, pois negociar com a irmã se transformou num obstáculo devido ao tipo de educação clerical que recebeu no colégio de freiras.

Nunca vi Angélica com ninguém, quando era pequena a via sair para a casa de amigos e me levava, às vezes levava a Arlete na casa de uma amiga dela que morava ali no bairro mesmo. Mas assim, nunca vi ela saindo para ir em festas ou alguma coisa nesse sentido; namorado, também nunca vi mesmo, era muito fechada e é muito difícil de ter um diálogo com ela... Acabou cuidando do meu pai, se dedicando a ele porque foi ficando cada vez mais fraco e frágil, mas tinham altas brigas porque a Angélica sempre teve autoridade de querer que ele fizesse as coisas e ele não queria fazer. Muitas vezes, ele até estava errado porque ele comia um monte de gordura e ela não podia deixar.

Sei que no fim ela acabou, como não casou, acabou ficando com ele mesmo. No final ela dormia sempre lá na casinha dele, cuidava dele direitinho, sempre esteve muito presente, a gente também participou, mas a gente não morava lá, então, todos iam aos finais de semana para o pai. A Arlete sempre estava por lá e quando voltava do trabalho ia também. Mas a Angélica não, a Angélica estava bem mais atenta, mais ali com ele mesmo. E agora a gente voltou a se aproximar, depois que o meu pai ficou mais doentinho, ficou internado e a gente começou a se aproximar mais. Até da Milene acabei me afastando, por conta da vida. Haidee

Com o advento da idade e dos problemas de saúde do patriarca familiar, as irmãs e sobrinhas reaproximam-se e juntas tentaram esquecer os ressentimentos em prol de um bom relacionamento familiar, uma vez que na doença é necessário unir forças para permanecerem perseverantes.

A gente ia visitá-lo no hospital e todo mundo ia junto, todas as irmãs, todos os dias. Foi muito bom nesse sentido da gente se reaproximar. Porque acho que foi muito importante essa nossa reaproximação, embora não esteja sempre lá na casa da Marta, nem ela vem aqui e nem esteja na casa da Angélica direto, mas ficou uma coisa melhor do que estava antes. Antes era meio esquisito, porque ela se afastou e tinha um clima meio ruim por trás. E agora não, agora, ficou tudo mais claro. A Angélica, a Arlete, aos poucos foram mudando. E para ela acho que foi muito difícil a vida. Não sei como é a cabeça dela, porque nunca conversei com ela e não sei o que passa ali dentro. Lógico que sei que em relação ao meu pai todas nós sofremos muito e é muito triste saber que não tem mais o nosso pai, mas digo não só ao meu pai, fora o meu pai, o que passa ali dentro? Pela vida que ela viveu, pelas coisas, sei lá. Será que ela é feliz? Será que não é feliz? O que será que ela quer fazer ou não quer fazer? Eu não sei. E é uma pessoa que às vezes é meio estranha para gente porque não a conhecemos, mas quem sabe com o tempo a gente volte a se aproximar mais ainda. Porque nós já nos aproximamos e o fato da gente nem se falar e hoje a gente já se fala, a gente ouve, conversa um pouco mais. Haidee

Haidee rememorou as boas lembranças do seu irmão Demétrio, sobre os seus gostos por música, pintura e sempre que possível, lembrou que ele ajudava a família.

Acho que o Demétrio poderia ter sido uma grande alegria para o meu pai por ser homem, ele queria que o filho dele tivesse sido diferente; o único filho homem. "No meio de tantas mulheres, ele vai ser a pessoa que vai orientar e ajudar, caso ele não estivesse presente!" Não foi isso que aconteceu com o Demétrio. Mas mesmo assim, muitas vezes o Demétrio estava bem, não estava bêbado. Nossa, o meu pai sempre estava junto dele nos trabalhos. O Demétrio ajudava muito, era o parceiro. Diferente de mulher. O pai só vivia envolvido em construção, tinha que carregar não sei o quê, fazer não sei o quê, coisa de pedreiro e ele era o braço direito, entendia das coisas, ia comprar, voltar, foi uma perda muito difícil mesmo. Haidee

Demétrio foi o filho boliviano que não conseguiu se encontrar. Suas irmãs descreveram a falta que provocou na família. Deslocado e exilado de sua tradição e com uma grande força para as artes plásticas não conseguiu, por muito tempo, priorizar a veia artista que detinha e aos catorze anos começou a beber nas rodinhas de amigos. Tornou-se alcoólatra e faleceu aos 44 anos de idade. Uma pulsão artística transformada em tragédia. Quando as irmãs brasileiras narravam a história de Demétrio um ar melancólico emergia nos discursos e, aos poucos, iam calando até ficar totalmente silenciadas. Porém, a memória do irmão boliviano foi lembrada com alegria por Haidee; dos momentos que ouvia ópera e música clássica com ele, quando ele desenhava e dedicava as imagens a ela. As identificações artísticas entre os dois irmãos reaproximam uma memória que não quer ser apagada.

No decorrer da entrevista de Mirim, filha mais velha de Marta, um segredo de família foi revelado, que por sua vez, possibilitou o entendimento das atitudes rígidas com as quais Marta criou seus filhos. Vejamos o que a filha disse sobre um momento de sua vida.

Tem uma coisa que acabei não contando sobre a questão familiar. Quando estávamos preparando a documentação para ir para a Espanha, a nossa certidão de casamento, a gente acabou esquecendo o detalhe da paternidade. E como não existe uma relação de proximidade, não há afetividade, acabei deletando o pai biológico da minha cabeça. Talvez na minha infância, ou, quando era da idade do meu filho; até a minha mãe vir falar comigo, fiquei sem saber o que dizer. Cheguei a cogitar com o meu avô, meio que escondido da mãe e dos irmãos; mas o meu avô se esquivava: "Isso é assunto entre você e sua mãe." E o tempo vai passando e na época você fica meio assim, pois você sabe que a sua mãe não quer falar a respeito, não tem boas lembranças ou não quer

dizer mesmo. Quando você se torna um adulto, quando você já possui a sua família, muito menos.

Eu ficava pensando: “Como é que vou querer ter algum sentimento por uma pessoa que foi só citada e tal?” Por que quando a minha mãe casou com o Marcos ela já me tinha; ele me assumiu como filha. Eu não convivi com o pai biológico. Acho que se eu quisesse, quando criança ou adolescente, conhecer essa pessoa, a minha mãe tivesse tido outra postura. Mas via que esse assunto era um sofrimento para ela. Cresci sabendo que o Marcos não era meu pai, mas não desde criança. Contaram na transição de adolescente para adulto. E acabei apagando essa história da minha vida. Míriam

Acreditamos que os segredos familiares, nessa pesquisa, só puderam submergir na esfera discursiva em virtude da confiança e mediação que foi construída entre as partes envolvidas na pesquisa. Só depois de dois anos de diálogo, encontros e conversas, determinados discursos foram revelados por suas irmãs e sua filha Míriam. Em face da educação rígida e de seu comprometimento em repassar a tradição boliviana, herdada de seu pai; a filha de Marta revelou um segredo, pois no tempo que ocorreu foi um escândalo familiar, mas nos tempos modernos, quem não conhece alguma mulher que teve a sua maternidade negada por um homem.

As explicações estabelecidas pela narradora, atrelam seus argumentos quando disse que a “vida é cíclica”, e como tal, a experiência que sua mãe teve ao ser mãe solteira, a vergonha que teve que carregar ao assumir, ainda adolescente, a responsabilidade de criar uma criança, refletiu a personalidade de Marta. Ter um filho de um pai ausente, acabou construindo um ressentimento na vida da Marta; e esse assunto se tornou um tabu entre as partes envolvidas na família. Quando esse fato foi revelado, entendi sua rigidez no tratamento da vida afetiva das filhas, pois não queria que sua experiência da maternidade, fosse refletida na vida de suas filhas. Para a tradição familiar boliviana, a afetividade deveria estar atrelada nos moldes sociais: crescer, estudar, casar, ter filhos. O seu medo estava atrelado à relação de segurança que o casamento pode proporcionar a uma família. Não podemos deixar de citar que essa é uma posição muito conservadora de instituição familiar.

Ela queria que fosse tudo desse jeito: namorar, noivar, casar e depois de uns quinze anos terem um filho. E eu não queria isso para minha vida, talvez até quisesse casar, mas não que fosse uma trilha a seguir. Queria que isso acontecesse de uma forma bem legal, mas bem casual, uma coisa que não fosse pensada. Eu queria viajar muito, queria ter saído muito, ter ido para muita festa, isso queria fazer naquele tempo. E via a minhas amigas da escola indo para o La Vilete, tinha uma boate, um bendito de um bar chamado La Vilete na Avenida Angélica que todo mundo ia e não podia ir.

Queria fazer essas coisas, ter um pouco de autonomia, ser mais independente. Na época, era muito dependente e ela queria muito que fosse dependente. Queria ter essa virada, pois quando comecei a trabalhar precisava de grana para fazer o cursinho, também precisava de grana para mim, mas também para sentir um pouco independente. Conheci o Douglas, engravidei do Douglas e isso foi em três meses, tudo escondido. Minha mãe viajou para a Bolívia, lembro até hoje, era em setembro, era no dia 7 de setembro ou perto do dia 7 de setembro, já estava grávida fazia um mês. Não sabia como contar para ela, não tinha idéia de como contar porque sabia que a minha mãe ia surtar, ia me bater, ia acabar com o mundo. "Meu Deus, vou ter que falar com o meu pai então." Vou ter que falar com ele, porque o meu pai é mais tranquilo, é mais sossegado. "Não, vou contar para o meu pai". Milene

A minha mãe sempre foi muito austera com as coisas, tinha que ter hora para entrar, hora para sair. Eu acho que um pouco do que aconteceu com ela, não queria que se transferisse para os filhos. Mesmo porque ela nunca falou de sexo, de maneira alguma com a gente, não tinha papo e as amigas dela já conversavam. Míriam

Os hábitos que guiam o comportamento de uma pessoa estão atravessados pelas diretrizes educacionais de um grupo. As práticas educativas são repetidas, construídas por meio de discursos, por vezes, coercitivos, repassados para as gerações posteriores na migração e no processo de deslocamento. Porém, as negociações foram vividas por todos os integrantes da família Patzi, inclusive, depois do falecimento do patriarca boliviano da família, onde todos foram mobilizados, questionando as bases educativas e de valores de um grupo.

Minha tia mais nova, ficou muito triste que o meu avô faleceu, mas tocou a vida para frente, foi procurar trabalho que ela estava buscando, ela tem que viajar e por conta do trabalho foi viajar, e a minha mãe e a minha outra tia ficaram muito chateadas: "Mas como? Meu pai acabou de falecer, imagina, ela está comemorando, vai sempre pro bar." Encarou a situação de outro jeito; e esse desentendimento sempre existiu. Enquanto minha mãe e minha tia Angélica sempre quiseram manter o luto, a minha tia mais nova continuou a vida. A minha tia mais velha e minha mãe tiveram uma vida muito dura aqui no Brasil, principalmente, muito sacrifício por conta do meu avô, todos os irmãos eram mais novos. Minha mãe teve que cuidar dos filhos, cuidar das irmãs caçulas, e o que ela entende por uma vida correta não é a mesma coisa que a irmã caçula entende como uma vida correta.

E fica o conflito: "Não, imagina, ela está fazendo isso, fazendo aquilo, que absurdo." E a minha tia, pelo menos agora que voltei a conversar com ela, ela faz curti a vida dela, mas ela não faz por conta dos outros, faz porque precisa fazer ou porque ela sentiu vontade de fazer, acho que ela nem imagina que seja tão julgada por conta disso. Milene

Assim, após o falecimento do patriarca da família, o clã familiar repensou suas práticas sociais e discursivas, avaliando, assim, os projetos pessoais e o projeto familiar que o patriarca almejou para cada uma das filhas, já que Demétrio havia falecido.

No final das contas a gente passou a vida inteira obedecendo, fazendo aquilo que ele achava certo. Ele achava que a minha mãe tinha que cuidar dos filhos, tinha que cuidar do marido, tinha que cuidar das coisas para casa e ela fez isso. Ele achava que a minha tia Angélica deveria cuidar dele, a irmã da minha mãe por parte de mãe e pai, apesar dele falar sempre, muitas vezes: "Vai viver a sua vida, vai casar, construir seu caminho." Mas ele precisava de alguém perto dele e ela é que dispôs a ficar. No começo, talvez por necessidade, e depois por que ela se acostumou, não saiu mais do lado do vô Victor. Na época, não tinha muitas alternativas. As outras irmãs, uma foi casar, acabou indo morar com atual marido dela, e ele achava que ela tinha que ser enfermeira e ela foi e fez enfermagem. A outra tia : "Você tem que ficar com o seu marido." Apesar dela não ser extremamente apaixonada, mas o cara é mais velho, é o dono da empresa que ela trabalhava. E ele achava que tinha que ter essa segurança. "Olhe, você tem que fazer isso, tem que ter essa segurança senão a sua vida não vai dar certo." Então assim, sempre disse o que todo mundo tinha que fazer. Com ele ausente ou cada vez mais debilitado ficou todo mundo meio desorientado, sem saber direito o que fazer. Milene

Dúvidas e indagações são lançadas para todas as mulheres do clã, questionando o porquê cada uma assumiu determinados papéis sociais, e outras, tais como a Haidee, foram viver a sua vida de forma "livre". A negociação familiar foi lançada, se haverá uma reparação entre todas as partes, não sabemos dizer, mas os sujeitos envolvidos na trama familiar sabem que repensar suas práticas e aceitar, por vezes, o esquecimento, é necessário para construir caminhos para o futuro.

Começamos a nos encontrar e perguntar o porquê uma teve que abrir mão de toda vida, aí a outra vai e fala: "Não, mas ela abriu mão porque ela quis, ela não tem que ficar flagelando, não tem que ficar questionando, não tem que ficar achando nada." A outra: "Olhe, eu não pude ficar tanto tempo com ele porque tinha a minha vida para viver." A minha mãe: "Puxa, não fiquei tanto tempo quanto precisava ficar com ele." É complicado. A gente tem muita coisa para acertar entre irmãs e tias. E é muita vida ainda; pelo menos vejo as coisas acontecendo com ela e sei que tenho parte naquilo, eu sei que muito do que está acontecendo faz parte de mim mesma, faz parte do jeito que eu sou e, ao mesmo tempo, me sinto amarrada por várias coisas. Milene

A narradora Milene fez uma reflexão sobre a interiorização das culpas que assumiu no decorrer do tempo, e percebeu que tal postura pode prejudicar a relação que a mesma passou a desenvolver com o filho. Assim, percebemos que as práticas estabelecidas em família são construções sociais e discursivas desenvolvidas pelos

integrantes que reconstrói vínculos imaginados de uma comunidade, onde há uma constante mediação entre todos sobre os valores que são legítimos e que devem ser estabelecidos intergeracionalmente.

2.17. As Relações de Trabalho

Todos os entrevistados dessa pesquisa relataram os tipos de trabalho que desenvolveram e os novos ramos do trabalho atual. Uma grande parcela dos bolivianos passou pelo setor da costura em São Paulo, poucos, como Guillermo Salazar, trabalharam em outros setores comerciais. Sem perguntar diretamente, o trabalho e suas relações atravessam a vida das pessoas, demonstrando também, que as relações estabelecem a auto-definição que os sujeitos constituem com o mundo.

Ter um empregado de forma legal no Brasil custa caro, é Inps, fundo de garantia, décimo terceiro, férias, todos esses benefícios os coreanos não pagam, nem o boliviano paga para outro boliviano. Eles trabalham por peça, mil peças, quinhentas peças, paga quinze centavos, vinte centavos por cada peça. O meu patrício cobra, digamos trinta e ele paga quinze centavos. Aí falam: "Porque tem a comida, a água, o aluguel." As pessoas não tratam os outros como ser humano, a alimentação é muito importante. Acho muito errado e não admito isso. A doutora Ruth falava dessa exploração e não gostava disso. Algumas pessoas do meu grupo falam e tem que falar o que é certo. Se os empregadores bolivianos ou coreanos pagassem todos os benefícios não teria esse problema. Um vestido de festa no shopping custa seiscentos ou setecentos reais. O boliviano entrega um vestido acabado no valor de trinta e cinco ou quarenta reais, por aí dá para ver quanto ganha o coreano ou o dono da oficina. Por que fiz essa pesquisa de confrontar os preços, falei e perguntei para muitos: "Para quem costuras tu?" , "Ah! Vestido." , "O que você costura?" , "Só blusinhas." (...) Com essa pesquisa constatei que quem sai ganhando são os donos das oficinas e as grandes empresas que pagam para os donos das oficinas. Por isso, o coreano é muito inteligente matematicamente. Os filhos estão em colégios particulares, são donos de igrejas evangélicas lindas. No Bom Retiro tem cada igreja linda. Tem uns coreanos que são católicos. Vou mostrar que perto do metrô Tiradentes tem muitos coreanos. Na praça dessa Igreja que tem aí fora, Igreja de Maria Auxiliadora se forma uma fila para doações de 150 pratos de comida, esses que doam são católicos, mas sei que tem muita Igreja Evangélica que foi construída pelos coreanos. Então, a fila começa aí na porta da Igreja Maria Auxiliadora e vai até o outro lado da rua. Sei que a vida é muito complexa. Guillermo.

O sociólogo Carlos Freire da Silva que em sua dissertação estudou o trabalho informal e redes de subcontratação das confecções em São Paulo (2008), argumenta que as indústrias de confecções passaram por um processo de reestruturação da produção

onde as empresas diminuíram o tamanho de suas plantas e concentraram-se no processo de criação, modelagem, corte de tecidos e comercialização do produtos finais. As empresas formalmente constituídas passaram a subcontratar o serviço de oficinas de costura externas às fábricas na parte mais intensiva em mão-de-obra da produção. A terceirização foi uma estratégia de gestão de mão-de-obra para lidar com uma produção diversificada, de pequenas escalas e que muda constantemente de acordo com as variações nas tendências da moda (2008. p.93).

Assim, a integração dos bolivianos nesse setor de serviços, ocorreu devido ao crescimento desse campo, juntamente com a terceirização de serviços.

As antigas indústrias que anteriormente eram responsáveis por todas as etapas do processo produtivo e que se localizavam nos bairros centrais da cidade, a partir da década de 1990, para diminuir os gastos, e aumentar o lucro, as pequenas indústrias de confecções passaram a subcontratar oficinas de costura localizadas nas regiões metropolitanas de São Paulo. Sendo assim, estas passaram a costurar as peças de roupas desenhadas nas fábricas do Brás e Bom Retiro; e, dentro desse movimento, retornam para serem comercializadas e redistribuídas nas redes de lojas, shoppings e confecções da cidade.

Segundo Carlos Freire da Silva (2008), as oficinas de costuras subcontratadas migraram das regiões centrais do Brás, Bom Retiro e Pari, em virtude da supervalorização do setor imobiliário dessas regiões, fazendo com que os donos das oficinas e seus empregados passassem a residir em regiões onde os valores do aluguel fossem menos exorbitantes. A reestruturação do trabalho no processo global da economia vem sofrendo grandes modificações, pois as empresas se reestruturam para minimizar os seus gastos produtivos, porém os setores mais frágeis desse círculo econômico são os trabalhadores informais que, por estarem em condições de fragilidade de trabalho, são mobilizados nas oficinas, justamente, para integrarem o setor produtivo e sobreviverem no mundo capitalista.

Uma vez estava no posto de saúde e vi um rapaz com uma pastinha, a gente percebe quando precisam de ajuda: "Que estás buscando? Vai para a Pastoral?" , "Sim, para a Pastoral." Eu estava debaixo daquela ponte que passa para ir no Carmo. "A Pastoral é o lugar onde está aquela torre vermelha". Era uma quarta-feira: "O que você quer com a pastoral?" Ele contou que trabalhava e o homem não queria pagar o que

devia, quando falou que queria o dinheiro dele, o dono mandou ele embora e ainda bateu no menino.

Ele estava com olho roxo: "Ele me bateu." O dono da oficina disse: "Você pode se queixar para polícia, você pode se queixar para quem você quiser, aqui ninguém vai fazer nada." Eu falei: "Não, não, não. Ande um pedaço, estás vendo aquela casa? Dê a volta nela e chegará à pastoral, lá procure o Padre Mário, pois ele te indicará o que você tem que fazer." Aí ele disse: "Mas eu não posso voltar lá." Falei: "Não, a pastoral tem espaço para ficar algumas pessoas, ou o Padre vai te indicar outra oficina de costura para você trabalhar. Caso você não queira ir agora, você vem amanhã que a Dra. Rute estará aí e quem sabe ela pode resolver. A Dra. Rute atende às quintas-feiras. Agora, se você quiser falar com o Padre Mário é só seguir."

Eu nunca mais vi esse rapaz, não sei se ele resolveu o problema, não sei se ele foi embora, sumiu. Ainda falei para ele: "Todo o último domingo do mês nós temos missa e você pode participar e depois da missa, às vezes, pode até conhecer pessoas." Às vezes fico com raiva, pois eles só aparecem na Pastoral quando estão com problemas, quando não estão com problemas somem do mapa. Ema

As práticas de violência, vinculadas à exploração de mão-de-obra são constantes no setor das oficinas de costura que agenciam os bolivianos em razão da condição de indocumentados que muitos se encontram, sendo eles coreanos, bolivianos, paraguaios que por não terem os documentos, ou, não terem se beneficiado dos processos de anistia acabam ficando em débito com o setor da imigração brasileira. Para Freire, o funcionamento das oficinas depende da capacidade que estas têm de manterem seus trabalhadores ativos.

As formas desta manutenção acabam criando uma grande abrangência no controle das condições de vida dos empregados por parte dos empregadores. A maneira como os trabalhadores são recrutados via migração e esta abrangência sobre suas condições são as características distintas das suas oficinas de costura. É um circuito de dominação e exploração econômica que se baseia na relação ampliada dentre imigração irregular, moradia e trabalho. (SILVA, Carlos Freire da. 2008. p.96).

A relação de dependência como também de violação dos direitos trabalhistas compõe vínculo de trabalho doméstico altamente exploratório, pois como grande parte dos bolivianos que trabalham nesse ramo residem em seus próprios empregos, não havendo uma separação entre vida no trabalho e vida doméstica, ocorrendo casos de violência física e psicológica.

Hoje só sinto pena dos bolivianos que chegam sem nenhum tipo de orientação. As pessoas contam muita coisa, quando vou vender salgadinhos nos campos de futebol, as meninas falam: "Aqui, os bolivianos só vem para sofrer; põe-nos para trabalhar dia e noite, nos xingam, não nos deixam dormir." E fiquei horrorizada quando elas disseram isso.

Sei que muitos donos de oficinas traziam jovens que mal haviam terminado o ensino médio. Falam para os pobres jovens que vão ganhar isso e aquilo. Sei que os campos de futebol viraram o espaço das lamentações, todo mundo chorando, reclamando: "Carlota, a gente não reclama para os donos porque podem nos por para trabalhar o dobro e ainda dizem 'você não sabe fazer, tem que lavar, tem que fazer isso.' Hoje, muitos donos de oficina estão enganando os jovens que vem para o Brasil cheios de sonhos. Eles dizem: "Eles nos tratam como escravos." Nesse dia pensei: "Meu Deus, graças a Deus que não vi isso quando cheguei. Muito menos o meu irmão."

Estou no Brasil há 40 anos e atualmente não sei como andam as coisas no âmbito da costura; mas sei que alguns continuam tratando mal as pessoas que chegam, outros já estão liberando porque alguém disse que é para trabalhar até às seis horas da tarde. Sei que quando vou vender salgadinhos nas oficinas, muitos já estão trabalhando dentro dos conformes da lei. E como também vendo aos sábados sei que trabalham até meio dia. Antes trabalhavam dia e noite, viam o dia amanhecer. Carlota

A relação de exploração e os pequenos poderes que atravessam as relações de trabalho nas oficinas são conflitantes, pois como muitas pessoas são agenciadas para vir trabalhar em São Paulo nas oficinas de parentes, complexifica ainda mais as relações, uma vez que envolvem relações parentais e de compadrio no espaço de trabalho.

O meu chefe era boliviano, por isso que às vezes falavam: "Ai que boliviano ruim." Agora até a polícia federal fala: "boliviano está levando seus compatriotas para fazer trabalho escravo." Mas isso por uns fazem ou que fizeram, e os outros pensam que todo mundo é assim, carrasco, mas, no entanto não é assim não. Antigamente era assim e quando trabalhava a dona da minha oficina fechava a geladeira com uma corrente e um cadeado para ninguém mexer na geladeira. A mulher era ruim, só eu sei o quanto sofri, mas nem todos os donos de oficina agem desse modo. Maria

A colaborara relatou as formas de pressão exercidas no ambiente das oficinas, as regras que os patrões estabelecem com as indústrias de confecções, onde há prazos para entrega da mercadoria, caso contrário, quem arca com os prejuízos são os donos das oficinas subcontratados pelas lojas e magazines.

O pessoal que sai do interior vem para trabalhar na costura, eles trabalham muito, não descansam, todo dia trabalhando, e as pessoas que residem na Bolívia têm uma vida muito diferente dos que estão vivendo aqui, era gente que não trabalhava na costura. Eu não sou contra a trabalhar de noite, pois eu também trabalho nesse período, sou contra a super exploração. Sou uma trabalhadora autônoma, trabalho hoje e já tenho o meu dinheiro; se amanhã vender sei que terei o meu dinheirinho no bolso. E os outros bolivianos que estão aqui só gastam, têm que esperar um mês para receber. A vida na costura é mais sacrificada, todo dia sentado durante horas... São padrões de vida muito diferentes. Maria

A narradora Jenny foi veemente quando fez críticas ao modo de produção desse setor industrial, uma vez que padroniza os corpos por meios de horários rígidos de trabalho, e o humano é tido como mais um produto dentro do setor produtivo, violentando as pessoas por meios de práticas de coação e propagação do medo.

Eu queria que todas as pessoas que estão trabalhando na costura façam respeitar seus direitos, pois não adianta morar em um país onde se é maltratado, mesmo que seja por outro boliviano, mesmo que seja por um paraguaio ou boliviano. Não é justo trabalhar num país, mesmo gostando dele, sem ter direitos; temos que fazer com que o Brasil passe a enxergar os bolivianos com outros olhos, como pessoas dignas, trabalhadoras, até porque os brasileiros não veem os bolivianos com bons olhos. É necessário quebrar essa imagem negativa que o boliviano tem no Brasil, é necessário que o boliviano deixe de ser mole, e passem a reclamar dos maus tratos; pois não concordo com nada disso.

Os maus-tratos é fazer uma pessoa trabalhar quatorze, quinze horas por dia. Além de ter o mau trato psicológico, parar de coagir, provocando medo nas pessoas; sei que muitos podem não aprender tão rápido o português para sair na rua com tranquilidade. Sei que muitos brasileiros tratam mal os bolivianos por terem uma aparência indígena forte; e também por ser uma migração onde a maioria é composta por pobres, pessoas que não tiveram possibilidade de estudar, por serem pessoas humildes que necessitam de muita informação. Jenny

Outro vetor que foi presenciado durante a pesquisa de campo foi a não aceitação por parte dos bolivianos, da imagem de “escravos” modernos. A negação dessa imagem se deu em virtude do congelamento da imagem de “clandestinos, escravos” por parte da mídia brasileira, que ao acompanhar as apreensões do Ministério do Trabalho e da Polícia Federal nas confecções de costura que utilizam a mão-de-obra irregular, essa imagem é, comumente, homogeneizada, congelada no tempo, produzindo, também, um estigma social por parte da comunidade de bolivianos que vivem no Brasil.

2.18. Ramos de Trabalho Atual

A emigração boliviana para o Brasil não é um fenômeno recente, dados do antropólogo Sidney Silva demonstram que este trajeto teve início no final da década de 1950, em que muitas pessoas, principalmente homens, em busca de construir projetos de vida no Brasil, não só especificamente em São Paulo, como também, muitas mulheres vieram para trabalhar no setor de serviços, normalmente, na função de empregadas

domésticas de famílias de classe média; como podemos observar nas narrativas de Ema, Rose, constituídas nessa pesquisa; com exceção de Lídia, que desempenhou a função de cuidar de idosos em uma família americana.

Nesse tópico, tentaremos observar os trabalhos desenvolvidos pelos narradores. Verificar, por meio das entrevistas, os trabalhos desempenhados, assim como, os ramos de trabalho que desempenhavam no momento da pesquisa de campo.

O narrador Leo, que veio para São Paulo no início da década de 1990, ao chegar trabalhou no setor de costura, e depois fez o curso de eletrônica para trabalhar no setor de consertos de máquinas.

Trabalhei um período numa alfaiataria. Fiquei um ano na costura e depois saí. Naquela época as máquinas eram mais antiquadas, não havia tanta tecnologia empregada; hoje em dia tem máquinas mais velozes do que outras. Trabalhei esse período, não gostei e saí.

Nesse período, minha irmã Benita chegou a vir para São Paulo, acho que ficou uns cinco anos e retornou. Não se adaptou com o ritmo de vida. Agora, todas as minhas irmãs têm família e trabalham ajudando seus esposos; como tem filhos, ficam em casa. Tenho um cunhado que trabalha como taxista, outro trabalha como caminhoneiro e outros não sei em que setores estão.

Atualmente, trabalho nessa loja que conserta máquinas: telefones, fax, máquinas de escrever, e outros. Ela pertence a um boliviano que conheci em São Paulo. Um dia estava passando pela frente dessa loja e cumprimentei o dono, ele estava consertando uma máquina. Perguntei se ele estava precisando de algum ajudante. E ele: "Eu estou precisando. E quando você vai começar?" , "Pode ser hoje mesmo." , "Amanhã você começa a trabalhar." E estou aqui desde 1993; até hoje trabalhamos juntos. Moro no Bom Retiro e gosto de trabalhar com eletrônica. Leo

O atual o emprego de Leo foi agenciado por um boliviano, atual dono da loja no qual trabalha, seu contrato deu-se de modo esporádico. Uma de suas irmãs chegou a vir para São Paulo trabalhar no setor da costura e retornou para Bolívia; como são países fronteiriços o deslocamento é constante, pois são movimentos instáveis onde a prática do retorno é presente.

A narradora Lídia é uma representante do perfil "faz de tudo". Foi balconista de loja, cuidou de idosos e dos doentes de uma família de classe média paulista, e atualmente é aposentada como costureira profissional.

Trabalhei em muitos lugares, naquela loja como balconista, depois fui trabalhar em uma loja na avenida Paulista e depois fui cuidar dessa família onde passei a residir e onde moro atualmente. Eles me pagavam, tinha que dar atenção para eles e tinha um carinho muito grande pelo irmão dela. Lídia

O narrador Guillermo Salazar representa o perfil do “Self made man”. Começou trabalhando no comércio e atualmente é dono de duas lojas, uma que produz guarda-chuvas, e outra que é uma papelaria. Seu nome consta no guia de utilidades de São Paulo no conserto de guarda-chuvas, além de ser uma espécie de referência da comunidade boliviana na metrópole.

Sei que sou uma pessoa bem sucedida; aos vinte e dois anos já tinha comprado a minha casa próximo ao centro de São Paulo e aos vinte e quatro anos tinha conseguido adquirir quatro propriedades. Sempre fui um homem econômico, não sou miserável, mas sou uma pessoa prudente. Não ganho muito dinheiro, mas quando posso ajudar a minha igreja, ajudo. Hoje, vivo no Bom Retiro e muitas vezes aparecem muchachos pedindo para ajudá-lo porque sou uma pessoa estabelecida. Tenho e divido um comércio que se chamava Mais Barato. Para chegar onde estou recordo que passei por todas as necessidades de uma pessoa iniciante que chega ao estrangeiro. Às vezes quando chego a algum comércio digo: “Dá uma janta para ele que vou pagar. Não fale que fui eu que paguei.” Justamente porque sei como é difícil iniciar uma vida fora de sua terra. Guillermo

A narradora Rose arrematou que desde criança teve que aprender a virar-se sozinha para sobreviver. Ainda na Bolívia trabalhou como empregada doméstica em sítios de parentes. Veio para a Brasil incumbida a desempenhar o serviço de babá do filho de uma médica, onde agregou o serviço de doméstica. Foi copeira e zeladora de uma empresa de construção, quando a empresa faliu teve que trabalhar vendendo salgadinhos na rua até conseguir emprego como faxineira em casas de classe média.

Ele ainda mamava e tinha que ir trabalhar, fazia faxina na casa dos outros. Fazia muita faxina porque nesse tempo não podia trabalhar fixamente em casa de família, daí fui trabalhar de faxina. Também trabalhei em uma empresa como ajudante de cozinha, trabalhei quatro anos e meio até a firma falir. Estava falindo e mandaram doze pessoas embora e ficaram outras doze na empresa. Pagaram tudo direitinho e com essa grana paguei os alugueis atrasados. Ainda cheguei a trabalhar em outra empresa de computação e trabalhava na copa fazendo café, cuidando da limpeza dos escritórios. Fiquei dois anos e seis meses nesse emprego Essa firma faliu e não pagaram nenhum tostão, saí com a mão na frente e outra atrás sem saber o que fazer. Rose

A narradora Ema veio para São Paulo trabalhar como doméstica na casa de uma família norueguesa, onde conviveu por mais de 38 anos. Ao sair foi trabalhar na casa de outras famílias de classe média, até conseguir a aposentadoria e comprar o seu apartamento no centro de São Paulo.

Tive esse filho aos 17 anos, agora meu filho está com 54 anos e tenho um neto com 28 anos. O filho nasceu e ainda continuei trabalhando com a mesma família, fui tendo amizades com outros brasileiros. Acabou o contrato com aquela família, saí da casa e fui trabalhar com outra família alemã. Trabalhei uns 3 anos com eles, saí de lá e fui trabalhar com uma família norueguesa, essa família que está na foto na parede; a mãe e o pai são aqueles que estão de casamento.

Trabalhei com a família norueguesa durante 38 anos, quase uma vida. Se tenho esse apartamento é por causa deles. A gente se separou porque a matriarca da família morreu, não estava preparada para a morte dela e sofri demais com a perda... Ema

Carlota ao chegar a São Paulo trabalhou como costureira, apesar de formada em Contabilidade na Bolívia. Desempenhou essa função durante anos até conseguir montar uma pequena oficina de costura em casa onde desempenhou esse trabalho por um período. Depois de ter seu filho e por possuir uma idade considerada “avançada” para o mercado de trabalho não conseguiu se engajar no trabalho da costura das lojas da rua José Paulino, e trabalha, atualmente, vendendo salgadinhos bolivianos para os costureiros bolivianos e brasileiros da rua José Paulino e ruas circunvizinhas.

Depois de um tempo minha irmã decidiu retornar para Bolívia, antes me inseriu em uma oficina e disse: “Vá costurar numa oficina brasileira.” Eu falei: “Como que vou costurar se não sei orvelocar, não sei colocar nem as mangas de uma camisa, nada?”, “Você vai aprender.” Não fui para essa oficina, achei um japonês que falou: “Você vai fazer desse jeito.” E explicou como aprenderia a costurar. O engraçado é que tinha ido a quatro oficinas e só consegui passar no teste na quinta que visitei, Graças a Deus, passei. Ao visitar a oficina, disseram: “Írá começar de overloquista.” Comecei a trabalhar, observava tudo que os outros costureiros faziam e acabei aprendendo tudo. Aí comecei a fazer salgadinhos em casa para o meu marido e para o meu filho. Fiz umas empadas de queijo com pimentas e meu marido falou: “Você faz gostoso, porque você não faz para vender?” E respondi: “E como que vou vender? Devo pronunciar empadas ou empanadas?” É que na Bolívia as pessoas costumam chamar de empanadas e no Brasil as pessoas geralmente conhecem por empadas. Antigamente na rua 25 de março muitas pessoas trabalhavam até duas horas da manhã, e como eu morava na rua São Caetano, ir para a 25 de março era fácil. Aí o meu filho que é brasileiro falou para mim: “Mãe, a senhora trabalha, faz salgadinhos, pois vou te acompanhar e ajudar a vender.” Falei: “Não.” Até que um dia resolvi fazer empanada de queijo com pimenta e ele me acompanhou pelas ruas do centro; por onde andava vendendo assim: “Empadas, empanadas!” E ninguém me olhava, falei para o meu filho: “Vamos embora que isso não irá vingar.” Aí o meu filho falou: “Dá mais uma volta mãe.” Dei outra volta pelas ruas e tampouco ninguém olhava. “Filho, vamos embora, porque aqui não entendem que empada é empanada.”, “Vamos dá uma última volta, mãe. Depois disso, vamos embora.”, “Vocês vão comer tudo, o que vamos fazer agora?” E quando estava dando a última volta tinha um monte de brasileiros em um canto e perguntaram: “O quê que é isso?” Quando abri e viram que estava quentinho, aí se amontoaram: “Dá um, me dá mais um...” E foi nesse

dia que comecei a minha vida de vendedora de salgados. Comecei a vender cedinho, quando amanhecia e terminava às sete horas da manhã. Sei que me acostumei a vender para os bolivianos que trabalham no centro, e eles dizem: "Me traz sellenõs." Que são uns bolinhos de batatas; depois passei a vender enroladinhos de queijo e salteñas. Os bolivianos começaram pedir: "Faz salteñas." No início não sabia fazer salgadinhos, mas acabei inventando isso para sobreviver, ajudar a compor a renda da família. Tinha uns brasileiros que falavam para mim: "Esse bolinho de batata é delicioso, parece com os salgados das senhoras baianas." Carlota

A colaboradora Maria trabalhou como cozinheira em um restaurante de uma amiga boliviana estabelecida em São Paulo; também trabalhou como costureira, mas não se adaptou às longas jornadas de trabalho. Saiu do setor da costura e montou uma cozinha onde faz pães bolivianos e os vende na Feira Kantuta aos domingos. Durante a semana abastece as oficinas de costura das regiões próximas da zona norte de São Paulo.

Quando chegamos em São Paulo começamos a trabalhar como costureiros; trabalhei nesse setor mais ou menos quatro meses, depois fui trabalhar como cozinheira no restaurante da Dona Mirta, uma boliviana que se tornou uma amiga. Depois de um tempo começamos a trabalhar por conta própria fazendo pão, e atualmente produzo pão e vendo para os bolivianos que residem no centro, Bom Retiro e uma parte da zona norte de São Paulo. Aos domingos vendo pão na praça Kantuta no bairro do Pari. Maria

Ilfredo é casado com Maria e juntos montaram um negócio onde toda a família é engajada: produção de pães bolivianos. Ele explicou como se deu esse ofício, depois que tentou montar uma oficina de costura e não deu certo.

Estou em São Paulo desde 1998 ou 1995 e com um poquinho de dinheiro montei um negócio de venda de pães para os bolivianos residentes nessa cidade. Na época, a passagem era 60,00 reais da fronteira até São Paulo, agora, deve está uns 190 reais, triplicaram o valor. De 60,00 para 120,00 reais, gasto 200,00 reais de passagem de ida e mais 400,00 reais de mercadoria para revender. Atualmente os gatos aumentaram, e é preciso ter dinheirinho para começar a vida. Hoje em dia a fiscalização na fronteira cresceu devido ao controle e tráfico de drogas. Agora ficou difícil passar com mercadoria. Ilfredo

Jenny veio para o Brasil em razão de seu casamento, mas ao chegar à casa de seu noivo, descobriu que os mesmos eram donos de uma oficina de costura e a colocaram para trabalhar no mesmo regime que os outros "patrícios" enfrentavam. Não se adaptou com as normas da casa, muito menos de ter sua liberdade de recém casada "adentrada" pela mãe de seu marido, e resolveu, após saírem seus documentos na anistia de 2009,

procurar emprego em outros setores da cidade. Atualmente trabalha como balconista em uma ótica no Brás. Também saiu da casa dos sogros e alugou um apartamento na zona norte de São Paulo onde reside com o seu esposo.

Depois de ter os documentos em mãos, saí em busca de trabalho e encontrei, mas o problema foi que o patrão que tinha era descendente de Libanês, um homem super machista que tratava todos os empregados muito mal, inclusive a sua esposa, que padecia na sua mão. Fiquei um tempo com ele, aprendi um pouco mais. Voltei para minha casa e continuei buscando alternativas de emprego, e hoje, estou trabalhando nessa ótica na avenida Celso Garcia no Brás, onde além de vendedora, faço a tradução do espanhol ao português, atendendo pessoas bolivianas, estrangeiras que falam espanhol. Ajudo em tudo que posso. Gosto do patrão e da moça que trabalha junto comigo porque eles me respeitam e tratam bem. Aqui recebo os meus direitos, pois sou tratada como pessoa, como devem ser tratados todos que trabalham dignamente. Jenny

A narradora Claudia, entrevistada em La Paz na Bolívia, disse que veio para São Paulo a pedido de seu namorado que vinha trabalhar em uma oficina de costura com amigos bolivianos. Trabalhou um tempo na região da Lapa em uma oficina de costura, e passou a vender os produtos da oficina no setor informal da zona comercial da Lapa. Vendia os produtos nas bancas improvisadas na rua, até que o grupo para o qual ela vendia conseguiu alugar uma pequena loja no centro comercial do mesmo bairro. Perderam toda mercadoria que tinham quando foram confiscados em uma blitz, por não possuírem licença comercial para funcionamento. Assim, tiveram de retornar para as vendas nas ruas nas bancas montáveis, onde vendiam bolsas.

No princípio, quando cheguei ao Brasil, foi difícil, porque éramos somente os dois, eu e o namorado, nós dois costurávamos em uma oficina, mas não sabíamos nada de costura. Então, ele me ensinou e aos poucos fui aprendendo; nós dois sustentávamos tudo isso. Trabalhei quase quatro meses, trabalhávamos desde muito cedo até altas horas, quase não dormíamos bem, eram poucas horas, porque depois começamos a sair na rua para vender também. E assim fomos trabalhando.

Morar no Brasil deu certo, ao menos o antigo namorado está lá agora, segue trabalhando na oficina, e disse que está bem. Mas eu não fiquei e vim para perto do meu filho. Espero que esteja bem porque ao fim e ao cabo ele se esforçou mais que eu. Eu fui um apoio para ele no Brasil, depois de uns meses, chegou outro casal para somar no trabalho e cresceu a produção. Aí mudamos de lugar porque vivíamos em espaço muito pequeno e não cabia ninguém, e depois veio a família dele, a prima dele com o seu esposo, vieram trabalhar conosco e a produção aumentou. Claudia

Em virtude dos conflitos presenciados na casa onde morava com o seu namorado, juntamente com outros amigos dele, onde todos trabalhavam juntos, assim teve de retornar para a Bolívia por não aguentar a pressão psicológica na qual convivia, e porque havia deixado o seu filho de dois anos aos cuidados de uma amiga.

Os meus irmãos ainda não estão com todos os documentos em dias, mas no ano passado houve a anistia no Brasil e eles aproveitaram para tirar os papéis, o meu irmão fez. Bom, como o meu irmão mais velho tem uma filha nascida lá, tiraram a documentação, mas não a definitiva, porque quando você tem um filho que nasceu lá você pode tirar a definitiva, mas eles não fizeram e não sei o que estão fazendo no momento. Sei que tem de pagar uma multa, e eles não queriam pagar a multa, e não sei qual é o valor dessa multa, e por isso tiraram os documentos no período da anistia, e espero que valha até hoje, porque antes era no máximo três meses de permissão para ficar aqui. Sei que nos deram um protocolo e com isso teríamos que recorrer com o que é o RG, mas acredito que eles recorreram, espero que no ano que quando voltar possa tirar esse documento. Todo boliviano sonha ter seus documentos, é uma ajuda ter o documento, pois serve para tudo, até para conseguir uma casa, até para isso te pedem documento, aqui é diferente, e eu gosto disso lá. Claudia

Claudia retornou para sua cidade: El Alto, mas seus irmãos e namorado ficaram trabalhando no setor da costura em São Paulo. Claudia pensa em retornar para São Paulo para conseguir juntar umas economias e montar um pequeno negocio em frente a sua casa, tornar-se uma trabalhadora autônoma. Porém, sente-se empedida de tomar essa decisão porque não quer deixar o seu filho aos cuidados dos outros. A narrativa de Claudia pode ser entendida como um deslocamento constante entre os dois países. A rotatividade e o deslocamento são tidos como comuns pelas pessoas que trabalham, principalmente, no setor da costura. Tentar definir o deslocamento boliviano como um processo sem o retorno seria fechar a análise do problema, pois instabilidade é própria desse tipo de deslocamento. Percebemos, por meio das narrativas de vidas, que o fluxo de pessoas desestabiliza os vetores clássicos que veem a migração como via de mão única. Nessa dissertação, constatamos a rotatividade, instabilidade, flexibilidade das pessoas e mercadorias que circulam entre as fronteiras latinoamericanas. Pensar o deslocamento de pessoas como móvel e constante é perceber o ir e vir desse deslocamento, próprios de uma parcela de pessoas que circulam no eixo continental da América Latina.

2.19. Visão cultural sobre o mundo

Neste tópico esboçaremos o olhar que os emigrantes bolivianos delineiam sobre o mundo no qual estão inseridos, para com isso descrever à crítica que é feita a sociedade de consumo do mundo contemporâneo.

O final do relato de Marta é caracterizado pela sua perspectiva crítica a era da obsolescência da sociedade de consumo, onde tudo se transforma em produto a ser vendido, usado e descartado, no movimento cíclico da produção econômica do qual fazemos parte.

Tudo é industrializado, não tem aquela coisa pura, que é cheia de vitamina que possa segurar tua pele, os ossos, que a visão seja prolongada muito tempo; você não toma um suco de cenoura em cada esquina. Na Bolívia tem, em Cochabamba em cada esquina tem suco de cenoura que se toma. Sabemos que é para nossas vistas. Já desde pequeno comemos tomate, comemos verdura, nos alimentamos, tomamos bastante Sol, ali quase ninguém fala em osteoporose que nem aqui, por quê? Porque aqui não tem tempo para ficar tomando Sol. Não tem tempo, falta dinheiro para estar comprando vitaminas e tudo que você compra, como é que se diz, têm conservantes, é industrializado.
Marta

O tempo descrito por Marta quando residia na Bolívia é o avesso do tempo capitalista de produção, pois se sua trajetória de infância foi marcada com o contato com a terra, onde sua família produzia os alimentos para sua subsistência, tudo era produzido pela comunidade de Los Yungas da qual fazia parte. No seu deslocamento para a cidade depara-se como o tempo dedicado ao trabalho e a produção em série, percebendo que tudo que é consumido pelos habitantes da metrópole advém de um processo industrial de produção. O tempo tornou-se contínuo e o trabalhador passou a fazer parte de sua engrenagem.

As pessoas que tem dinheiro fazem esse tipo de escolha, mas vê o tempo de vida deles. Quem tem dinheiro tem menos vida do que o pobre... Porque a vida também não se compra, a saúde não se compra, e porque se compraria? Se pudéssemos comprar a vida os ricos não morreriam. Não morreriam porque iriam pagar qualquer lugar, iriam dizer: "Meu rim está ruim, eu vou comprar um novo, colocar um novo rim." É engraçado, mas é a vida, nós sabemos que as coisas não funcionam desta forma, pois se morrer acaba, não tem jeito. Você vê, remédio é para remediar, não salva, por mais remédio que tenha, não salva, morre como morre um pobre, por quê? Porque também é humano, também tem aquela vida, mais curta que o pobre; o pobre se cuida mais que o rico sabia? O pobre pode não ter nada, mas tem mais

saúde que o rico, e para onde vai? Também não sei. Mas se você parar para pensar a vida é assim, um ciclo. A vida é cíclica! Marta

Essa visão de mundo navega paralelamente à concepção capitalista da produção, do consumo desenfreado, da lógica da desumanização das relações sociais. Com o discurso da recuperação da sociabilidade humana, enquanto uma grande parcela da sociedade preocupa-se com os i-podes e na última geração de roupas e computadores do momento, Marta instaura uma crítica a sociedade do estoque, tentativa de um discurso de desconforto frente à lógica vigente.

O tipo de trabalho que ela desempenha atualmente é a reforma de roupas e seu esposo conserta objetos velhos, percebemos a importância que o casal dá ao aproveitamento dos objetos antigos, na reciclagem, para não gerar o lixo estocado que a sociedade atual produz. Com a sua visão cósmica do mundo, recupera o que poderia haver de digno na sociedade: a sociabilidade da vida coletiva e o reaproveitamento da sobras, a reciclagem do lixo produzido pelo homem.

A colaboradora Marta integra sua visão cósmica do mundo ao contar, no final de seu relato, o episódio que ela presenciou sobre um rapaz chamado Julían: indocumentado e que sofreu um acidente de carro “há mais ou menos oito anos atrás”. À época o rapaz trabalhava em uma oficina de costura e não tinha tirado os documentos no Brasil e ao ir jogar uma partida de futebol com o grupo com o qual trabalhava, atravessou a rua Celso Garcia no Brás e foi atropelado por um ônibus. Marta soube da história de Julían quando foi solicitada a prestar auxílio no caso do rapaz, uma vez que ele foi encaminhado para um hospital público de São Paulo, mas não havia quem o acompanhasse, pois como ele não tinha documentação e a oficina na qual ele trabalha não tinha licença de trabalho para funcionar, nem os seus patrões quiseram se expondo ao hospital para acompanhar Julían temendo serem cobrados pelos policiais que receberam o acidentado.

Marta que junto com a sua rede social de amigos fazem parte da Pastoral do Imigrante prestando serviços de solidariedade à pessoas doentes em hospitais. Marta soube do que ocorrera com Julían e passou a acompanhar o caso, realizando visitas diárias ao rapaz.

Eu fiquei sabendo dessa história porque ligaram para mim e sabiam que eu iria visitá-lo na Santa Casa. “Ah, Dona Marta tem um patrício que está na Santa Casa e a senhora que sabe falar melhor o português tem como falar com o médico e ver como está.” Dessa parte, vi ele ruim,

nossa. Quando olhei falei: "Senhor!" Eu não falei para esse casal, donos da oficina, se iria ou não morrer. Eu falei que ele estava ruim. Mas para mim ele não iria aguentar. Ele ficou três meses internado.

Como esse casal estava sem documentação, eles não queriam se responsabilizar por ele, não queriam porque estavam com a oficina clandestina. Ficaram com medo que a polícia fosse lá, mandasse fechar e ir embora, como responsabilizar eles, até saber o que aconteceu com o rapaz. E aí como não tinha documentos completos, acho que a mulher tinha e o marido não tinha, uma coisa assim. Ou eles dois tinham, mas os que estavam com ele não tinha, é isso. Eu ainda falei com o médico, o médico falou, então entregaram na minha mão. Esse casal: "Dona Marta, por favor, a senhora que está com os documentos e fala melhor o português." E pediu que eu me responsabilizasse por ele. E acabei me responsabilizando pelo o rapaz. Falei: "Tá bom, vou ficar cuidando, olhando até o dia que Deus quiser."

Os patrões iam vê-lo de vez e quando, quem ia quase todo dia era eu, só que como não tem família ficava abandonado, jogado no hospital. E o que acontece? As enfermeiras não cuidavam dele, o sol batendo no corpo dele, a secreção saindo, não faziam curativo, e por trás, ele tinha um buraco, estava verde, apodrecendo, quando a carne começa apodrecer. Marta

A ausência da família de Julián, a falta de documentação para ser reconhecido como "existente" no Estado Brasileiro demonstra o descaso com a vida daqueles que não possuem papéis para comprovar sua legalidade. O descaso com a vida de Julián no hospital público só não foi agravado devido à presença e aos cuidados de Marta, o acompanhando de perto para que a negligência não se tornasse regra vigente.

Como não havia ninguém da família para acompanhá-lo, e ainda, o rapaz estava sem os documentos, sem dinheiro, e eu ia lá e colocava as mãos dele na minha mão, limpava com gases, passava água no rosto dele. Pedia para a enfermeira fazer curativo. Até que um dia chegaram e falaram para mim: "Olha, nós vamos fazer a transferência do Julián." Eu falei: "Doutor, como? Onde? Tomara que seja perto doutor, para que eu possa ir lá ver ele." Falei para aquele casal que estava com ele: "Olha, ele está precisando de creme, as unhas estavam crescendo e ninguém cortava, pedi para cortar; eu ia lá cortar, passar cremes nos pés." A última palavra que ele conseguiu falar foi: "Mami!" E daí para frente não falou mais nada. Mas ele olhava e não via, não tinha mais aquele branquinho na vista, estava toda preta a vista dele; e seu olhar era triste e infinito. Também não escutava. Chegou o dia de fazer a transferência e levaram ele lá para Cotia, no ponto final de Cotia, Pedra Branca, no ponto final de Pedra Branca, fora de São Paulo. Marta

Exatamente porque Julián estava sem documentos para comprovar sua existência em papel, mesmo que seu corpo comprovasse a sua presença, demonstrando assim, a contradição que emana do setor que deveria cuidar para que as pessoas saíssem vivas de seu espaço. Este episódio revela o descaso e o total descompromisso com a vida, com o direito a vida que os profissionais de saúde deveriam providenciar. Largado em uma sala de

hospital, sem ninguém, além de Marta, que pudesse estar presente para acompanhá-lo e exigir melhores condições de tratamento, o paciente é deixado a sua própria sorte, desassistido no momento mais frágil de sua vida: quando enfermo numa sala de hospital.

Um dia chegou, estava sozinha costurando lá em casa, todo mundo tinha saído, foram estudar, trabalhar. E tocou o telefone: "Dona Marta, o Julian acabou de falecer." Nossa, falei: "Meu Deus, não acredito." Era para acontecer porque já tinha até recebido um aviso do médico, do cardiologista. E esse médico também não deu esperança quando viu ele, falou: "Podem esperar o pior." E quando a moça do hospital falou do falecimento, pensei: "Senhor, não tenho nem cinco reais, e agora." Estava preocupada. "Meu Deus, de onde vou tirar dinheiro? O quê que vou fazer agora?" E já era de tarde por volta das seis horas da tarde. E como iria sair para ir em Cotia, pois era tão longe, de noite. E daqui a pouco toca o telefone de novo, era a médica ou enfermeira do hospital e perguntou: "Como que vai ficar, vai pegar o corpo, não vai pegar o corpo porque se não for pegar a gente vai queimar. Vai para o crematório." E eu falei: "Meu Deus, não, como? Espera mais um pouquinho que vou conversar com alguém e aí retomo a ligação.", "Tá bom." Eram seis da tarde. "Deus meu, dai uma luz, o quê que faço?" Pensei comigo. "Coitadinho, dá-me uma luz!" E de repente uma luz. Lembrei do consulado boliviano. "Ai, dizem que o consulado ajuda. Vamos ver agora, pois esse é o momento que eles têm que ajudar." Tinha o número do consulado boliviano e conheço o senhor José Bolívia, um senhor de idade que sempre está em shows tocando. "Aqui é Marta e lhe digo o quê está passando, e não quero que queime ele, pelo Amor de Deus, pobrezinho. Olhe, ele já sofreu tanto e imagina, como é que vão queimar assim. Não tenho dinheiro para enterrá-lo, disse. "Pedi ao cônsul que ajude a enterrá-lo". Marta

Julían fora desassistido, também, pelos seus empregadores da oficina de costura na qual trabalhava no momento, pois como os donos não possuíam documentação para ter o estabelecimento funcionando conforme as leis de trabalho brasileiras e por não pagarem os impostos e não terem os seus empregados legalmente registrados, ficaram com 'medo' de aparecerem no hospital e serem impelidos pela a polícia a explicarem o fato do rapaz não ter documentos e, ainda, trabalhar em uma oficina desregularizada. Sendo assim, largaram aos encargos de Marta, que se comoveu com a causa do rapaz, resolveu acompanhar, sabendo da gravidade do que poderia ocorrer: o rapaz morrer e ser sepultado numa vala de indigentes.

O caso de Julían pode gerar várias interpretações, mas é impossível não lembrarmos dos escritos de Agambem no livro "Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I", onde o autor faz uma arqueologia do nascimento da biopolítica ao demonstrar

que desde o surgimento da *pólis* grega havia formas da constituição dos corpos dóceis, o autor escreveu sobre o *homo sacer*:

Aquilo que define a condição do *homo sacer*, então, não é tanto a pretensa ambivalência originária da sacralidade que lhe é inerente, quanto sobretudo, o caráter particular da dupla exclusão em que se encontra preso e da violência à qual se encontra exposto. Esta violência – a morte insancionável que qualquer um pode cometer em relação a ele – não é classificável nem como sacrifício e nem como homicídio, nem como execução de uma condenação e nem como sacrilégio. [...] Aquilo que é capturado no *bando* soberano é uma vida humana matável e insacriável: o *homo sacer*. Se chamamos vida nua ou vida sacra a esta vida que constitui o conteúdo primeiro do poder soberano, dispomos ainda de um princípio de resposta para o quesito benjaminiano acerca da “origem do dogma da sacralidade da vida”. Sacra, isto é, matável e insacriável, é originalmente a vida no *bando* soberano, e a produção da vida nua é, neste sentido, o préstimo original da soberania (AGAMBEN, Giorgio. 2002. p. 91).

A base da vida moderna, segundo Agamben, ocorre por meio da separação entre as duas esferas, “a vida matável e insacriável é o fecho que lhes articula o limiar no qual elas se comunicam indeterminando-se. Nem *bíos* político nem *zoé* natural, a zona sacra é a zona de interdição na qual, implicando-se e excluindo-se um ao outro, estes se constituem mutuamente”. (2002. p.98).

Percebemos que as bases da política moderna está fundada sobre os processos de exclusão e morte do indivíduo moderno. Julían, depois que gerou lucros para a oficina de seus “patrões” foi descartado pelos mesmos porque estava desprovido de sua condição física para o trabalho, foi descartado pela instituição pública brasileira porque estava sem documentos que comprovassem a sua existência e suposta cidadania brasileira, desprovido do direito jurídico de ser assistido pelo poder público, foi descartado do seu direito a vida, do direito de ter direito.

Para o sociólogo José de Souza Martins o grande problema dos deslocamentos contemporâneos não é a exclusão das formas de trabalho, uma vez que o sistema capitalista de produção quer incluir a todos, transformando-os em “força de trabalho” para ser vendida, mas sim, o problema é

“das formas de inclusão, o preço moral e social da inclusão, o comprometimento profundo do caráter desses membros das novas gerações, desde cedo submetidos a uma socialização degradante. O que a sociedade capitalista propõe hoje aos chamados excluídos está nas formas crescentemente perversas da inclusão, na degradação da pessoa e na desvalorização do trabalho como meio de inserção digna na sociedade” (1998, p.23. grifo do autor).

Para Martins uma das consequências mais trágicas do capitalismo atual está na disseminação do trabalho escravo. Martins explica a diferença da escravidão que terminou no ano de 1888 e a que prevalece no mundo atual

Qual a diferença em relação à escravidão negra que terminou em 1888? A escravidão negra era infinitamente melhor do que esta escravidão, por um motivo simples. O trabalhador escravo era propriedade do fazendeiro, era um investimento de capital. Se o trabalhador adoecesse, morresse, isso era concretamente um prejuízo. Era como se morresse um cavalo ou uma vaca do mesmo fazendeiro. Ele tinha o maior interesse em cuidar dos seus escravos. Essa história de dizer que o escravo apanhava todo dia é, em grande parte, fantasia. As coisas não eram bem assim. Claro que havia um poder de vida e morte do senhor sobre o escravo. Claro que muitos escravos apanhavam e eram torturados barbaramente. Claro que sim, e isso é verdadeiro. Mas é também verdadeiro e lógico que o escravo era um patrimônio. Ele era capital do fazendeiro. Naquela época o valor de uma fazenda não era determinada pela área de terra, pois a terra raramente aparecia avaliada nos inventários dos fazendeiros que morriam. O valor de uma fazenda era determinado pelo número de escravos que possuía, escravos em condições de trabalhar e produzir. Surrar, estropiar ou matar um escravo seria a mesma coisa que hoje um industrial comprar uma máquina ultra-sofisticada e botar fogo nela (1998, p.24).

Segundo Martins as formas degradantes da economia no mundo capitalista de produção está na “inclusão degradada do ser humano no processo de reprodução ampliada do capital” (1998, p.24); uma vez que a exclusão é apenas uma das faces terríveis dessa moeda. Assim, para Martins, o problema dos filhos de emigrantes, pessoas deslocadas de seus espaços, tornou-se um problema “patológico” da inclusão. Atualmente, as novas formas de inclusão, segundo o sociólogo criou uma sociedade polarizada.

Nós estamos em face de uma nova desigualdade social, que não é mais, no plano imediato e imediatamente visível, a desigualdade de classes sociais. É por isso que com muita frequência o discurso sobre as classes é um discurso sem eficácia. Que nova desigualdade é essa? A desigualdade que há entre os plenamente incluídos (com acesso às oportunidades que a sociedade pode oferecer na economia, nas relações sociais, na cultura) em relação àqueles cuja inclusão se situa à margem dessa mesma sociedade, submetidos a permanentes insuficiências, carências e privações, não só materiais. Aqueles que se defrontam, de fato, com coisas, espaços e situações que lhes são vedados nas próprias relações cotidianas (1998, p. 28).

Essa dimensão da vida moderna que é criticada pelo sociólogo, pois a vida virou peça para atingir o lucro, desqualificada de princípios éticos, moralmente matável como emprega Agamben. Destarte, o sociólogo pensa na sociedade moderna

Os problemas que aparecem não são relativos à migração de um lugar para outro, mas são relativos aos empecilhos à migração de uma posição social a outra no interior da sociedade. É o estreitamento das possibilidades de ascensão social. Entretanto que, ao invés de pensarmos prospectivamente o

milênio e sobretudo o fim deste milênio, talvez seja o caso de começarmos a repensar as migrações além de sua dimensão territorial e demográfica. Talvez devamos entendê-las como deslocamentos sociais que se tornam problemáticos para o próprio ser humano, quando esses processos ocorrem em sociedades que estão passando por demorado período de estreitamento das oportunidades de vida, como a nossa. É preciso pensar no deslocamento social que existe no interior do deslocamento espacial, isto é, pensar nos fatores propriamente sociais, culturais e políticos embutidos no processo de migração (MARTINS, J. S. 1998, p. 31).

Assim, os problemas envolvidos nas formas atual do capitalismo é que o “trabalho passou a ter um lugar secundário no conjunto do processo de reprodução do capital. Ele é ainda essencial, evidentemente, mas está se tornando trabalho puro, em que já não importa a pessoa do trabalhador” (1998, p.33), pois o trabalho atual está imbricado na não responsabilidade social e moral do capitalista. No tempo contemporâneo, a responsabilidade moral e ética está deixando de existir e o trabalhador é único responsável pelo seu trabalho. Essa é grande tragédia que é vivenciada para muitos trabalhadores deslocados atuais, inclusive, por uma parcela de imigrantes no Brasil.

Contra essa dinâmica da exclusão total da vida, Marta ao querer restituir a identidade apagada de Julián em seu triste fim, lutou para o reconhecimento do corpo, para não ser sepultado “feito um cachorro”, para não ser queimado como os seres sem história, pois na sua Bolívia mítica, o culto aos mortos é fundamental, fazendo com que o corpo receba os atributos de sacralidade para encerrar o rito de passagem da vida.

Na Bolívia nós lembramos dos mortos a cada ano, a cada mês, a cada domingo, a cada quinzena, a cada cinco meses pelo menos colocamos uma florzinha no túmulo, uma velinha. Lembramos da mamãe, do papai, do irmão, da irmã, da família, ou de uma amiga que gostava muito. Aqui não, com o tempo se esquece, mas mesmo assim, com tempo ou sem tempo, morreu acaba... Marta

Para as pessoas advindas de uma sociedade andina, onde há uma percepção cósmica do mundo e das relações sócias, viver em sociedade é aprender a partilhar vida, como também, atribuir respeito à memória de seus mortos. Sem o ritual de sepultamento, não é possível recriar a “comunhão” cíclica com a vida que os cultos aos mortos reintegram às memórias das pessoas que pertencem a determinados grupos culturais.

O corpo veio e a gente foi lá para a Vila Formosa esperar já com caixão e tudo. Eu peguei duas madeiras ali, dois galhos que estavam jogados de um pé de uma árvore ali na Vila Formosa, fiz um crucifixo, coloquei

as flores, um crucifixo de flores para colocar para ele. Coloquei para identificar o túmulo para quando voltasse saber, porque até então não iam colocar nada, iriam colocar terra por cima e pronto. E quando voltasse como iria achar?

O crucifixo era uma referência do corpo. E também avisei aquele casal, e eles levaram os outros costureiros para acompanhar o enterro. Marta

Sei que todos os anos no dia de finados eu vou lá, e agora estou com medo de chegar lá e terem tirado os ossos dele da cova.

Por que estamos em 2010, e como não foi comprado o terreno, eles podem retirar os ossos e jogar na tumba coletiva; porque não tenho os papéis completos para poder tirar ele e colocar no túmulo perpétuo. E por outro lado precisa de cem reais para colocar no perpétuo. A história do Julián é bem triste e poderia servir como remédio para a vida! Marta

Com o ato de integrar, produzindo pertencimentos para com o corpo de Julián, Marta retira da natureza dois pedaços de madeira para formar uma cruz que serviu para identificar a cova onde o corpo foi sepultado. A cruz, por mais que seja um símbolo utilizado pelo cristianismo, nesse momento, representou o ato de solidariedade que Marta compôs para restituir o reconhecimento identitário de Julián a um determinado grupo retirando seu corpo da indiferença que esse mundo lhe concedeu.

2.20. Sonhos

Dentre os vinte e sete colaboradores dessa pesquisa, somente dois relataram por meio da memória onírica os sonhos que incidem no cotidiano de suas vidas. A esfera do sonho é uma das temáticas mais movediças e de difícil precisão das ciências humanas. Talvez a linguagem onírica esteja muito mais próxima da poesia e da linguagem literária do que propriamente das ciências tidas como objetivas. A linguagem que adorna o sonho é feita de metáforas que ornamentam o mundo interior, subjetivo dos narradores, geralmente é da esfera do desejo, e para o filósofo Bachelard é da esfera do devaneio que os sonhos são compostos, assim como, do campo da imagem. Para o filósofo: “A imagem demonstra, o simbolismo afirma. O fenômeno ingenuamente contemplado não é, como o símbolo, carregado de história. O símbolo é uma conjunção de tradições de múltiplas origens. Todas essas origens não são reanimadas na contemplação. O presente é mais forte do que o passado da cultura”.³¹

---

³¹ BACHELARD, Gaston. A Chama de uma vela. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 35.

Preciso elucidar que não pretendo aqui dizer o que significa o sonho para as narradoras que o descreveram, mas roçar nessa memória onírica não controlada de suas narrativas, uma vez que por não ter uma formação em psicanálise e não ter o domínio de suas esferas interpretativas, não posso dizer o que é o sonho, mas sim, o que eles representam para mim dentro do conjunto argumentativo das narrativas que o descrevem.

A narradora Haidee é a filha mais nova do segundo casamento de Victor Patzi, boliviano que chegou ao Brasil em 1960, é pai de Marta. Depois de adaptado e residindo no bairro João XXIII, em São Paulo, seu pai casou com uma mineira e dessa relação teve duas filhas brasileiras: Arlete e Haidee. Praticamente temos duas gerações dentro da mesma família, pois as irmãs mais velhas das mulheres citadas acima poderiam ser ‘filhas das irmãs mais velhas’.

São poucas as referências relacionadas à mãe na narrativa de Haidee, talvez porque ela ainda era criança quando a mãe chegou a falecer. As lembranças e as referências ao pai atravessam toda a narrativa de Haidee, mas é na memória onírica que a imagem da mãe surge com toda sua força. Sempre que a narradora está passando por algum problema ou tendo que tomar alguma decisão na sua vida ela sonha com sua mãe. Vejamos o que a narradora disse em um de seus sonhos:

Engraçado que toda vez que estou agoniada, com um problema, às vezes não sei nem o porquê, mas quando tem algum problema que me deixa abatida, e é difícil a gente ficar desse jeito. Mas quando fico assim, é esquisito, é uma sensação estranha, meio de tristeza, sensação de estar perdido, e sem uma razão exata, eu sonho com a minha mãe. Um tempo atrás tive um sonho muito bonito com a minha mãe. Sonhei que estava em lugar que tinha uma escada, que eu ia subindo a escada e essa escada era enorme. Ia subindo, subindo, subindo, e quando chegava lá em cima, a minha mãe estava vestida como se fosse uma santa, com um véu, lindo, lindo, lindo. Um véu azul claro, como se fosse uma santa mesmo, um manto. E aquelas nuvens. Só que nunca lembro o quê falo com ela. Dessa vez não lembrava, mas a imagem foi linda, foi o sonho mais lindo da minha vida. E desse daí não lembro nada e nem sei o que falei, ouvi alguma coisa, mas eu não lembro o quê. Haidee

Sonhar com a mãe vestida com um manto azul atrela à mãe a esfera divina da devoção, do encantamento que se distancia, de uma memória onírica que cria uma divisão entre o mundo dos vivos e dos mortos. Não há comunicação dialógica nesse sonho, pois o que elas falaram está na esfera do inconsciente, não é lembrado por Haidee quando acordada. Foge, escapa dos rastros que a entrevistada construiu como a memória materna.

Sonhei que estava lá na minha casa e a mãe estava deitada na minha cama, e a gente estava conversando e conversamos tanto, tanto, só que me lembro só de algumas coisas. Tenho noção de termos nos falado muito, ter conversado muito, muito mesmo. E ela me mostrou a cirurgia que tinha feito, porque não lembro de ter visto e a Arlete fala que foi tão grande: "Você não lembra?" , "Não, não lembro." E ela mostrou o corte que vinha até aqui, e perguntei no sonho, perguntei quanto tempo ela tinha de vida: "Não, quanto tempo você ainda vai ficar aqui?" Aí ela falou assim: "Ai, uma semana, tenho uma semana." E falei: "Nossa, uma semana." Lembro disso. E depois falei assim: "Ah, mãe, quando você for, avisa alguém lá em cima, mande alguém lá em cima para me levar também? Eu também quero ir embora mãe, fale que também quero ir." Falei no sonho. E ela: "Ah, filha, mas não é assim.", "Ah, mãe dá um jeito, fale que eu quero muito ir."

E depois ela pegou e saiu pela porta e fiquei. Só que assim, estava um clima natural, não era um clima choroso, triste, nada disso, era natural. Meio como se fosse uma visita. Daí eu peguei e falei; "Ah, meus anéis." Porque eu sempre ando com anéis, junto com o Roberto que tem um igual. "Ah, meus anéis." E saí correndo porque tinha deixado com elas os anéis. Cheguei e ela estava deitada no chão, peguei na mão dela, tirei os anéis que estavam no dedo dela, coloquei no meu dedo e ela tinha falecido. "Falecido?" Não era falecido porque não era bem isso, não tinha essa coisa. A Arlete apareceu depois que ela tinha ido embora e falou para mim: "Nossa, mas a mãe veio? Ai meu Deus, que pena que eu não pude ver." E acabou o sonho. E fiquei o dia inteiro pensando no sonho: "Ai meu Deus, o que será?" Vi a minha mãe e é tudo de bom, foi muito legal, adoro quando sonho com a minha mãe ou com o meu pai, e com ele é diferente. Haidee

O primeiro aspecto importante a ser citado é a relação entre a casa e o sonho com a mãe, porque a casa enquanto símbolo está relacionado ao retorno, a interioridade, ao abrigo, a maternidade. Sonhar com a mãe na antiga casa que viveu toda sua infância e juventude exemplifica uma relação de acolhimento e de partilha dos momentos difíceis da vida de Haidee. Para Bachelard a casa é também um símbolo feminino que alude a uma relação de refúgio de mãe, de proteção, de amparo contra as adversidades do mundo exterior. Representa o amor e asilo materno.

Para o filósofo do devaneio a casa é nosso canto no mundo. "Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmo em toda acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?"³² A casa, para Haidee, representa um elo com as primeiras lembranças da infância, com os vínculos que foram reduzidos pela vida adulta, representa um retorno à origem na qual havia se distanciado em virtude do tempo do trabalho e da reprodução do capital. A casa é o espaço para o qual retornamos depois de enfrentar as odisséias e os périplos da vida.

---

³² BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 24.

Assim, Bachelard prossegue em seus argumentos fenomenológicos dizendo que a casa

não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossas vidas se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção. Algo fechado deve guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho. Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida (BACHELARD, Gaston. 2008. p.26).

O importante ao se associar a imagem da casa da infância na qual a narradora Haidee ilustra e o seus sonhos com a imagem materna dá-se nessa força onírica com que os elementos são empregados: casa, mãe, anel, sonho; pois a imagem da mãe associada a casa representa essa energia da integração do indivíduo, da transferência da tradição, da reconciliação com uma imagem que pretendia ser apagada pela dor da perda.

A figura da mãe, no sonho, não é representada por um clima de velório, mas foi um momento de passagem, de aceitação da morte da mãe, de reconforto com as angústias que Haidee vivenciava no seu estado consciente.

O anel representado no sonho de Haidee demonstra a reconciliação com a memória feminina da mãe, de pertença à cultura brasileira da qual a mãe fez parte, indica o elo e o vínculo às manifestações culturais de brasilidade, tanto é que das filhas da família Patzi, Haidee foi a que apontou a disparidade da cultura boliviana, foi criticada pelas outras irmãs bolivianas da família por ter se distanciado, e em alguns momentos, até abandonado a memória da tradição da família que a figura paterna do patriarca boliviano representa. O anel que Haidee recolhe dos dedos da mãe adormecida no sonho pode representar um meio de reconhecimento, símbolo de uma força e de laços que ninguém poderá romper, pois não são anéis trocados entre cônjuges, são os anéis afetivos que sua mãe deixou como herança e como elo que as interliga à esfera da cultura brasileira. Os anéis de Haidee representam uma aliança subjetiva, a criação de laços comunitários que atravessam a segunda geração de sua família.

Diferentes são as lembranças oníricas narradas por Milene, sobrinha de Haidee e filha de Marta, também entrevistadas para essa pesquisa; porque seus sonhos representam momentos de angústia presenciados em determinados momentos de sua trajetória de vida. Em sua maioria, o sonho descrito por Milene está relacionado ao seu

não posicionamento perante as ações que envolvem sua vida, fazendo a narradora pensar sobre suas escolhas.

Parece aquela cena do filme: Hellraiser- Renascido do Inferno. Tem uma cena em que ele está renascendo, acho que é semelhante ao que sinto, está renascendo e tem umas garras que fincam nas costas dele, tipo correntes com um gancho na ponta; para ele não se erguer os ganchos são lançados nas costas dele e vão puxando ele para baixo assim, e vai rasgando a pele dele. Não lembro se ele sangra ou não, mas lembro que vai rasgando, ele vai tentando subir e aquilo vai rasgando, ele vai tentando subir e aquilo vai puxando ele para baixo, ele vai tentando subir e vai puxando ele para baixo. E é essa sensação, às vezes, que eu tenho; sonho que estou tentando sair de alguma coisa, vêm os ganchos, rasgam a minha pele e me puxam para baixo. Milene

Quando Milene sonha com ganchos, anzóis que atravessam o seu corpo puxando-a para baixo, a narradora intercala esse momento sobre a influência que a família tem sobre ela, pois a memória da família boliviana prevalece em sua narrativa fazendo-a refletir sobre os acontecimentos marcantes: gravidez e casamento na adolescência, morte do avô materno boliviano, separação, continuidade no mesmo emprego. Todas as contingências que o tempo desenhou na vida de Milene fizeram com que ela parasse para refletir e criasse novos objetivos para sua vida, pois agora, Milene deseja sair do emprego atual e mudar de área de trabalho, comprar uma casa para viver com o seu filho, fazer novos cursos e ter amigos. As boas lembranças estão associadas ao tempo em que fez sociologia na USP, mesmo sabendo que agora ela vive em outro tempo, onde outras demandas sociais foram criadas para sua vida.

Diferente das interpretações do nível simbólico bachelardiano, a sociologia irá interpretar os sonhos por meio das relações sociais nas quais o indivíduo está inserido. Assim, no livro “(Des)Figurações: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole”, o sociólogo José de Souza Martins diz que o universo do sonhos:

fala de nós mesmos, do nosso modo de viver e, sobretudo, de viver em conflito conosco, o grande conflito histórico que marca (e demanda) a modernidade, nela introduzindo o arcaísmo contestador das (des)figurações do sonho. [...] Os sonhos não só expressam o nosso desencontro com o mundo que juntos criamos e que se nega a cada um de nós. Mas também denunciam para nós mesmos essa mutilação, esse cerceamento, esse estranhamento. Os sonhos constituem o espelho que revela os embates que nos desfiguram e revelam, portanto, o que efetivamente somos, a nossa alienação (MARTINS, José de Souza.Org. 1996, p.13).

Nessa perspectiva, as correntes fincadas na narradora Milene estão relacionadas à esfera da vida social na qual está inserida e constitui o aprisionamento social, como

também, a culpa por não sair da relação exploratória que é estabelecida com o seu trabalho. O círculo vicioso da vida cotidiana é instaurado quando “as pessoas são levadas a agir, a repetir gestos e atos numa rotina de procedimentos que não lhe pertence nem está sob seu domínio” (1996. p.35). Assim, para Martins, a exploração incide sobre a vida cotidiana, havendo uma alienação nas reproduções sociais enquanto práticas e ações que já não podem ser, totalmente, explicadas e compreendidas porque os sujeitos estão imbuídos na esfera da reprodução. Mas, os sonhos são, também, manifestações em que a contradição e transgressão da ordem social são criticadas e desconstruídas.

Quando entrei na USP, sempre tive um sonho, aliás, sempre tive um sonho de trabalhar com escola, com ambiente escolar, porque quando era pequena o único momento que tinha de conviver com outras pessoas, de brincar, onde conheci meu primeiro namoradinho foi dentro da escola. Então, a minha vivência toda foi dentro do ambiente escolar, para mim era muito importante, sempre foi muito importante. A mãe não nos deixava sair para lugar nenhum; e a gente morava num lugar onde a porta dava na rua, então, não dava nem para brincar na rua. O quê que acontecia? O único lugar onde podíamos ir com tranquilidade era para escola, porque ela sabia que a gente ia estar dentro da escola e ela ia buscar. Depois, quando os filhos cresceram, ela sabia que a gente não ia ficar andando por nenhum lugar, o ambiente da brincadeira sempre foi escolar.

Lembro da sensação de quando estava saindo da escola, de estar perdendo alguma coisa, tenho muito isso, de perder os amigos, de perder os professores, de perder as pessoas que gosto. Lembro que uma vez sonhei que tinha entrado numa escola ou imaginava que fosse um ambiente escolar e via as pessoas subindo uma escada no meio do saguão e disse: “Puxa, quero subir nessa escada também.” Sentia muita vontade de subir, lembro que dei uma volta e subi a escada. Muitos anos depois quando fui aprovada na USP quando vi o meu nome na lista, fui conhecer a faculdade e vi a escada do sonho no meio do saguão, do jeito que tinha sonhado mesmo, era a escada da faculdade de ciências sociais. Via as pessoas andando tranquilas sem a preocupação com o tempo e toda vez que vou à USP tenho essa percepção. Milene

Sonhar com o ambiente escolar outrora vivido na infância pode estar relacionado à sensação de liberdade e paz vivida nesse espaço quando criança. Querer voltar a viver esses momentos de trocas de experiências, partilhando visões de mundo está na esfera do desejo de Milene. Sonhar com o espaço da escola, lugar este onde a colaboradora viveu bons momentos, onde tinha amigos e uma forma de sair das “asas” da mãe dominadora que teve de aprender a conviver na adolescência, aspira um desejo de

libertação. Querer viver o mundo acadêmico foi uma forma de sair do lar imperativo na qual fora criada.

Quando Milene passou na USP percebe que poderá voltar a frequentar o ambiente escolar que almejava, espaço esse que era o oposto do que ela vivia na sua vida de recém-casada, pois se o seu relacionamento era permeado por conflitos, intrigas e divergências, o espaço da USP era tido como libertador, calmo, tranquilo; mas era um espaço que divergia das obrigações do seu dia-a-dia onde ela tinha que desempenhar o papel de mãe, de esposa, de zeladora do lar, tentando intermediar esses papéis com os de estudante.

Depois que o casamento entrou em crise e a relação se desfez o mundo acadêmico e interno de Milene também ficou abalado e novas experiências foram construídas para a vida da narradora. Milene conseguiu terminar o curso de sociologia, retornou para casa dos pais e continuou a trabalhar para criar o seu filho, mesmo que sozinha, pois o marido engatou um novo relacionamento e construiu uma nova família. Assim, Milene, ao mencionar a USP depois de um período diz:

Voltei a frequentar até por conta do curso que estava fazendo, pois tenho essa sensação de liberdade de tempo. Parece que é um mundo a parte, que você não precisa controlar o tempo, não tem hora marcada. Na academia você está livre, não sei se é porque são as largas alamedas que por lá existem, não sei se quando vou está um Sol gostoso, fraquinho, não sei o que é, mas me dá sempre essa sensação de liberdade. Da liberdade de sentir que posso conseguir as coisas, de que as coisas estão mais acessíveis lá. Acho que consigo; se quiser sentar para ler sento, se não quiser sentar para ler não sento, se eu quiser só tomar um Sol, tomo. Então, tive esse sonho durante um tempo. Milene

O sentimento de liberdade e aconchego representado pelo calor do sol pode ser percebido na descrição que Milene faz do seu sonho como da esfera do desejo de ser livre. Milene é um sujeito desejante e, como tal, quer construir novas pontes para sua vida, quer criar seu filho com a plenitude de um sujeito responsável pelos custos econômicos e pela transferência de valores familiares importantes para a construção de um sujeito, também livre, consciente e cidadão, tal como ela representa. Ao mesmo tempo em que Milene tece críticas aos valores da tradição boliviana, percebe que foi por meio desses valores que se tornou um indivíduo consciente e capaz.

Não terminei de falar da escadaria lá de casa. Todo domingo de manhã o meu pai comprava, ainda compra, jornal e sentava na escadaria de casa como o sol batendo na janela e entrando em casa e lia o jornal. Aquilo era uma paz tão gostosa, tudo isso, escutando música de fundo.

Era uma paz maravilhosa! Ele conseguia ler o jornal de cabo a rabo e a gente pegou esse hábito. Lá em casa todo domingo de manhã se abre o jornal, cada um pega uma parte, esfarela o jornal e começa a ler. Sabe que a minha vontade, a minha crença de paz é essa. Toda vez que penso alguma coisa de tranquilo, penso "Puxa vida, é como se fosse abrir o jornal num domingo de manhã num raiar de sol." Que é uma coisa que tinha mesmo, uma visão de paz. Acordava de manhã, quando acordava já ia para sala tomar o café da manhã que a minha mãe tinha colocado na mesa. Meu pai estava na escadaria lendo jornal, com o jornal todo aberto e o raio de sol em cima dele, para ele poder enxergar melhor usando a luz do sol.

Quando tiver um apartamento, uma casa, vou querer ter aquele espacinho perto da janela para poder ler o jornal e sentir a paz. Milene

A reconciliação e retorno para a casa materna é o emblema do aconchego e do movimento de liberdade e de paz que Milene deseja para sua vida. Seus sonhos estão relacionados aos devaneios acolhedores que a casa traz para o ser que sonha. Apesar de a casa ser atrelada à vida familiar e em aparecer no sonho como espaço de segurança, do acolhimento e da paz; também é o espaço da dominação, do controle e autoridade paterna.

O sonho é da esfera da imaginação, sendo ele, também, da esfera noturna e diurna, e as imagens vinculadas aos sonhos podem representar o movimento subjetivo e libertador do inconsciente. Perceber os sonhos por meio das histórias de vida é compreender os rastros das subjetividades individuais dos sujeitos, assim como, da esfera coletiva onde os mesmos são atravessados pelos domínios sociais.

No plano da narrativa de Marta aparece uma pista que é utilizada pela narradora para explicar a sua trajetória de vida: uma serpente verde. Ela a encontrou próximo a um riacho quando fora buscar água para sua família beber pela manhã quando o trem em que a família embarcou para o Brasil estava parado. A serpente, em sua simbologia possui uma multiplicidade de significados tanto na cultura ocidental quanto oriental.

Um dia eu levantei cedo dentro do vagão, todo mundo levantou. Levantei para me lavar e benzer, estava no meio do mato, havia que andar um pedaço no meio do mato, e havia tipo um pilar, tipo uma cachoeirinha no mato; tinha umas folhas que descia água. A gente ia buscar água com uma garrafa. Quando eu estava chegando lá, eu vi uma cobra, uma cobra verdinha, verdinha, aí eu lembrei o que a minha mãe dizia; ela dizia que lagartixa verde, sapo verde e cobra verde era sinal de sorte. E eu vi uma cobrinha verde. Aí eu fui atrás dela, da cobra. Ela fazia um barulho: "chi, chi, chi." Marta

A simbologia da serpente também está associada à sexualidade, à renovação, a serpente vista por Marta surge repentinamente marcando a entrada em uma outra fase da

sua vida: o deslocamento para o exterior. A cor verde, mais a sua associação com o sapo e a lagartixa compõem o triângulo de significados. Os três animais habitam lugares inóspitos e úmidos, perpassam entre buracos escuros, e habitam a água. A narradora Marta os utiliza para demarcar a nova etapa de sua vida, o recomeço em outro espaço, em outro tempo. Assim, a serpente pode representar:

tanto quanto o homem, mas contraditoriamente a ele – distingue-se de todas as espécies animais. Se o homem está situado no final de um longo esforço genético, também será preciso situar essa criatura fria, sem patas, sem pêlos, sem plumas, no início desse mesmo esforço. Nesse sentido, o Homem e a Serpente são opostos, complementares, rivais. Nesse sentido, há algo da serpente no homem e, singularmente, na parte de que seu entendimento tem o menor controle. Um psicanalista (JUNH, 237) diz que a serpente é um vertebrado que encarna a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível, misterioso. E, no entanto, não há nada mais comum, nada mais simples do que uma serpente. Mas sem dúvida não há nada escandaloso para o espírito, justamente em virtude dessa simplicidade (CHEVALIER e CHEERBRANT, 2008, p.814).

Assim, a serpente é empregada por Marta como forma que encontrou de acalantar suas angústias tomando como base a memória materna, que transmitiu conforto e apontou para o “sucesso” do projeto familiar da emigração, também é da esfera do simbólico por representar o sonho diurno.

2.21. O Tempo da Narrativa

Uma parte dos colaboradores dessa dissertação, principalmente a ala dos mais velhos, exemplificou que determinados tipos de trabalhos vêm desaparecendo no modo contemporâneo de vida. São os modos artesanais de produção de objetos: roupas, móveis, joias. Esse episódio demarca o que Benjamin demonstrou em seus escritos ao dizer que “o senso prático da vida é uma das características de muitos narradores natos” (2008, p.200). Com o ensaio “O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Benjamin demonstra a morte de determinado tipo de experiência, àquela atrelada à esfera da tradição oral, uma vez que com o advento das duas guerras mundiais, o homem calou-se perante o “horror e a barbárie” do mundo. Benjamin descreveu o desaparecimento de determinados modos de produção artesanal: oratória narrativa, artes de fazer e modos de produzir; que por sua vez podem estar atrelados aos

modos capitalistas de produção, em que onde o homem deixa de ser a criatura responsável por todo processo produtivo, e passa a se ocupar apenas por um setor dentro de toda a engrenagem da produção de objetos no mundo capitalista. Podemos observar essa mudança de trabalho, também como uma mudança na perspectiva que o homem contemporâneo vivencia, pois essa nova forma de estabelecimento com a produção instituiu uma fragmentação das suas experiências enquanto formas de se dizer e criar o mundo no qual está inserido.

É importante percebermos que o tempo em História Oral é sempre o tempo do narrador, que reinventa um passado a partir de sua memória. Para Meihy, existem:

“três tempos nas narrativas de história Oral. Geralmente, quando as falas fogem da lógica comum na ‘linha do tempo’, da sequência cronológica dos fatos, o que se observa é a existência de um tempo remoto, distante, longínquo, que poderíamos chamar de ‘antigamente’ ou ‘tempo antigo’. Um segundo tempo seria o dos acontecimentos centrais e determinantes, que podemos chamar de ‘tempo das mudanças essenciais’. O terceiro momento seria o da captação do depoimento, chamado ‘tempo da narrativa’” (2005, p.114).

O tempo do mundo contemporâneo é fragmentado pela lógica do consumo e da produção e, com isso, gera um fracionamento da experiência e da memória coletiva de um povo. Destituídos de seus lugares tradicionais, das suas histórias comunitárias e da vida partilhada em comum; individualizado nas cidades modernas, o homem moderno não consegue atrelar o individual das vidas enquanto parte da esfera coletiva e dos modos tradicionais de experiências.

No mundo moderno, em razão da aceleração da produção e do processo de alienação social que envolve o mundo do trabalho, pensamos que nossas vidas estão descoladas do tempo social, nos sentimos únicos; onde poucos conseguem juntar os ‘cacos’ da existência frente ao espelho e perceber os sentidos das histórias de vida, porque não vivenciamos mais o tempo do narrador que Benjamin descreveu. Vivemos o tempo fracionado da reprodução. Porém, alguns relatos realinham um tempo onde a esfera artesanal da vida tinha outros significados. Podemos visualizar no relato que a narradora Marta contruiu ao falar do ofício do seu pai, que era marceneiro. Vejamos:

Naquele tempo se usava muito vitrina, vitrina é um móvel de parede que cabe de uma ponta a outra ponta, tipo um guarda-roupa de seis portas. Sendo que a parte de baixo era a porta corrediça e a parte de cima era vitrina como prateleiras de colocar louças. Então, as louças ficavam à vista, não ficava escondida como hoje em dia.

Era assim, havia muita encomenda para ele de móveis, óbvio que quem encomendava era gente que tinha dinheiro, ele trabalhava muito. Ele levantava cedo e ficava até tarde da noite trabalhando, e era tudo manual, não é como hoje em dia, montado com grampeador, a gente costumava falar: "Colado com *saliba*." Pois se usa três meses e já está descolando tudo, desmontando tudo, naquele tempo era madeira pura. O material era prego, parafuso e dobradiça. Às vezes utilizavam bronze, principalmente, quando alguém encomendava esse tipo de material. Era muito bom, era uma coisa que você fabricava e durava a vida inteira. Normalmente, quem mandava fazer esse tipo de serviços eram os alemães, pois tinha muito estrangeiro na Bolívia; mas também tinha italianos, judeus, espanhóis que encomendavam os móveis ao meu pai. Ele levava desmontado e montava na casa da pessoa, às vezes eu ia ajudar a montar porque ia toda enumerada e papai falava: "Vê aquela madeira e aquela peça, o número tanto". E aí você montava, uma vez montado entregava a peça dentro do local já montadinho só pra usar, esse era o ofício do meu pai: produzir os móveis artesanais. Marta

Marta apesar de não ter herdado o ofício de produzir móveis do pai, é artífice de um ramo de trabalho onde poucos são encarregados de fazer: que é a reforma de roupas. Marta, ao chegar em São Paulo desempenhou trabalho doméstico, e ao fim, foi parar no ramo da costura onde passou por todas as etapas de aprendizagem e, atualmente, é especialista em reformas de roupas. Esse ofício revela uma perspectiva de trabalho que vai contra o mundo do descarte da sociedade contemporânea, pois enquanto todos usam as roupas, e quando velhas jogam no lixo, Marta reaproveita as sobras e costura, novamente, para que sejam reaproveitadas no seu uso cotidiano. Marta ressignifica os objetos velhos, aproveita o uso que as roupas têm para transformá-las, por meio de um artifício manual, restaurando sem perder o charme que outrora existia; isso é denominado como reforma das roupas.

As coisas tinham que ser fabricadas para o resto da vida, ser bem feito, com um bom material, bem duradouro, o sapato então; a cada ano era uma meia... O coro do sapato era muito forte, só você cuidava, tinha que durar, evitar gastar, não podia, em um ano você gastava, e tinha uma meia só, um par de meia para mais um ano... Camisa acabava o colarinho, aqui mesmo eu cheguei a virar colarinho. Eu o deixava bem cerzido para traz, igual a esses europeus. Eu trabalho com reforma de roupa, por isso, tenho essas clientes ali do lado de Higienópolis porque eu gosto de fazer linha, reforma como se não tivesse mexido em nada, deixava perfeito, eu sou muito perfeccionista nesse ponto. A linha tem que ser bem igual ao tecido, o tecido bem igual aquele que vem na peça para não ter diferenças... As clientes falam: "Mas você mexeu?" , "Sim." Realmente mexia, tinha mexido. Para ver que eu mexi, eu levo o pedaço que eu tiro e falam: "Isso aqui foi excelente..." Pode vazar, colocar o tecido para fora e emendar. Marta

Esse modo de fazer tradicional é resquício de um tempo passado onde a regra era a permanência do objeto com o passar do tempo e não o seu descarte. No tempo referido por Marta a relação com a natureza era outra, pois sua percepção foi moldada para a permanência dos objetos e das relações, da comunidade da qual ela veio a relação com a terra e com a natureza era da esfera da longa duração: coisas, relações, palavras, atos, ritos perpassavam tempos e a deterioração era ínfima.

Conjugando essa prática artesanal dos modos de fazer, o narrador Marcos descreve a profissão que escolheu para viver; e percebe, depois de alguns anos que seu ofício tornou-se obsoleto, pois com o advento da sociedade da informação, o computador configurou os modos e as relações sociais.

Saía pelas ruas perguntando se alguém queria conserto, se alguém tinha máquina de escrever ou calcular e sempre aparecia. Na Bolívia também ia às casas, às lojas e sempre encontrava alguém que tinha máquina para consertar ou para limpar. Então, eu achava que era bom Trabalhar com o ofício de conserto de máquinas foi bom até o dia que apareceu o computador, oh infelicidade! O computador acabou com a profissão de mecânico de máquina de escrever. Eu podia ter partido para informática, mas eu não conseguia trabalho. O meu raciocínio era que máquina de escrever e calcular não iria desaparecer, sempre iria ter máquina de escrever e de cálculo, mas agora percebo que o computador substitui tudo. Ele escreve, faz cálculo e é rápido, e ainda te conecta ao mundo; realmente foi uma transformação. E a máquina de escrever é mais ultrapassada. Porém, sempre trabalhei, se não deu foi por causa disso, né? Devia ter mudado de área, mas nunca pensei que fosse acabar. Marcos

A transformação que o advento computacional trouxe foi sentida na vida de alguns narradores, idosos que até hoje estranham e não sabem manusear as novas tecnologias da informação. Mas além da nova forma de manuseio que a era da informação trouxe, desconectou Marcos da esfera manual na qual estava acostumado a pensar e trabalhar: o conserto de máquinas de escrever. A transformação reconfigurou as vidas do homem do presente, pois ao invés de carta, agora é e-mail, os telefones fixos foram substituídos pelos modelos móveis.

Poderíamos elaborar uma lista de coisas que mudam com a forma de comportamento do homem contemporâneo, mas basta citar o advento da informação e modernas técnicas da eletrônica para percebermos o quão diferentes são do mundo o qual o narrador Marcos presenciou no seu passado, pois esse mundo modificou a interação do homem com as máquinas e esta alterou as relações sociais do mundo.

Com isso, não queremos dizer que manusear um computador ou ter uma

máquina de lavar roupas seja negativo, mas apenas que a tecnologia construiu um tempo social diferenciado das antigas formas de tradição. Agora, Marcos rema na contramão das formas artesanais de vida.

A mudança nas relações sociais ocasionadas por meio dos modos de produção capitalistas demonstra que outras formas de fazer foram redefinidas no processo migratório. A narradora Maria descreve o ofício que desempenha na cidade de São Paulo, ensinadas ainda no âmbito familiar: as formas de produzir os pães vendidos para os bolivianos que trabalham na capital. É necessário pontuar que a narradora Maria nunca desempenhou esse ofício na Bolívia, e muito menos se interessava por esses modos de fazer; somente depois que saiu do ramo da costura é que buscou as referências de sua memória afetiva da infância, que, atualmente, promove a manutenção e a sobrevivência de sua família: venda de pães típicos bolivianos. Atingida pelas determinações do contexto no qual está inserida, Maria, ressignifica e reinventa o ofício de seus pais para garantir a renda familiar.

Na verdade aprendi a fazer pão com a minha família. Meus pais costumavam fazer muitos pães quando eram novos. A minha mãe fazia de tudo, viajava, fazia comida; e com isso os filhos foram aprendendo. Por certo tempo meus pais tiveram padaria, e como era uma criança curiosa, ficava olhando como que eles faziam; lembrei e comecei a fazer pão e deu certo; graças a Deus!
Faço pão integral, pão de milho, pão calquitas, sarnitas, que é um pão típico da Bolívia. Não fazemos pão francês. Os pães que são mais vendidos são sarnita, chamillo, pão de maiz, pão quita, cachito, mas o pão quita é o que as pessoas procuram mais. Maria

O importante ao perceber o ofício que alguns narradores atuam em sua vida cotidiana consiste no fato de manterem relações com os lugares de tradições de um tempo passado, como também, buscarem formas de sustentação em um presente que são resignificadas. Houve mudança nos papéis sociais de alguns narradores: Maria de vendedora e costureira, também se tornou padeira.

A colaboradora Marta de empregada doméstica tornou-se reformadora de roupas velhas. Victor, pai de Marta, era marceneiro e conjugou a esse ofício o trabalho de pedreiro de mão cheia. Marcos, esposo de Marta, tornou-se mecânico de máquina de escrever, assim como o seu irmão Leo. Ilfredo, esposo de Maria, era caminhoneiro e vendedor de mercadorias contrabandeadas, e passou a ser motorista do carro da família e vendedor de pães ‘típicos’ para os bolivianos residentes em São Paulo. O que

podemos constatar com esse novo cenário é a mudança dos papéis sociais na migração, ou, para alguns casos, a ressignificação de papéis na sociedade de destino.

Tentando entrelaçar os escritos que Benjamin construiu podemos dizer que as técnicas do fazer estão atreladas a determinadas visões, como também, às insurgências de novos tempos históricos que fazem movimentar as práticas sociais em um movimento que conjuga variados tempos no mundo contemporâneo. Destarte, Benjamin escreveu:

A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com os seus gestos aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.) A antiga coordenação da alma, do olhar e da mão que transparece nas palavras típicas de Valéry, é típica do artesão, e é ela que encontramos sempre, onde quer que a arte de narrar seja praticada (2008. p.221).

Em seus escritos, Benjamin, como um filósofo do sensível, vai desenhar a destruição da aura, a dissolução das formas de narrar, o silenciamento de determinados modos de produção técnica, a perda da tradição, a destituição que os sujeitos contemporâneos enfrentam com o advento das formas capitalistas de produção; muitas outras formas poderiam ser citadas, mas indicamos esta como forma de entender que a tradição não morre, ela se transveste, passa por uma reinvenção e na migração, esse transgredir a ordem é quase uma regra.

2.22. Objetos Biográficos

Nas histórias de vida, comumente, os objetos biográficos são utilizados para ampliar as explicações simbólicas vivenciadas pelo narrador, uma vez que são objetos de cunho material e são revestidos de significados que redimensionam a vida dos sujeitos envolvidos. Assim, o objeto biográfico funde memórias e explicações de cunho pessoal sobre a trajetória de vida de uma pessoa. O conceito de objetos biográficos foi cunhado pela antropóloga Janet Hoskins em seu livro “Biographical objects: how things tell stories of people’s” (1998) para designar os elementos de memória da cultura do povoado Kodi, que se localiza no sudoeste da Indonésia, onde ressalta a relação que o

povo Kodi estabelece com os seus objetos, permitindo conhecer a história de vida de um povo. Tais objetos formam designados pela antropóloga como “objetos biográficos”. Com isso, podemos dizer a partir de uma releitura do livro que o objeto biográfico

não significa em si, mas por agregar uma gama de experiências. As pessoas se relacionam com tais objetos, seja de forma empática, animista ou refletindo ‘mal-estar’ em relação a eles. De qualquer forma, torna-se possível uma leitura dos reflexos dos objetos biográficos nas histórias de vida de quem os possui, seja porque estiveram presentes em momentos importantes de sua vida ou porque foram eleitos por identificações posteriores que possuem um sentido subjetivo.”³³

Os objetos biográficos são restituídos de valores, crenças e ritos que podem ser de cunho pessoal ou social e por sua vez são manuseados pelos narradores para explicar situações outrora vividas pela pessoa que narra para explicar situações familiares, grupais e sociais presenciadas em um passado comum. Podemos perceber a construção dos sentidos por uma forte memória familiar na narrativa de Marta, que ao contar a sua história pessoal edificou uma relação afetiva com um objeto encontrado durante a sua viagem, uma moeda de prata, em viagem que sua família fez com destino ao Brasil.

E viemos parar na fronteira nesse aviãozinho com aquele dinheiro. A moeda eu ainda tenho porque eu mandei fundir, fiz um anel em forma de cata-vento e um par de brincos que eu tenho até hoje; caiu uma pecinha e tive que mandar soldar. Sei que deu para fazer isso, mesmo porque, ainda usei essa moeda para os meus filhos. Usei como? Porque no hospital eles cortam muito grande o umbigo... E eu colocava o anel em cima do umbigo para que quando o bebê chorasse o umbigo não saísse, e com o tempo não ficasse esbugalhado para fora. Então, para não acontecer isso, passava a moeda para afundar. Eu usei isso, por incrível que pareça com todos os meus filhos. Tudo que a minha mamãe disse eu fiz ao pé da letra, eu faço, fazia. E depois eu mandei fazer o brinquinho. Marta

Marta transforma um símbolo econômico, a moeda de prata, que detinha apenas um valor comercial de troca por mercadorias, em um objeto repleto de valor simbólico: um anel em formato de cata-vento que utilizou nos partos dos seus filhos para não deixar que a parte do umbigo dos filhos, no crescimento gradativo da vida, ultrapasse o tamanho permitido. Além desse valor, o anel em forma de cata-vento transporta o apego da tradição familiar, uma vez que uma de suas explicações, a família da Marta partiu

---

³³ Para maiores detalhes ver: ALMEIDA, Juniele; AMORIM, Maria; BARBOSA, Xênia. Performance e Objeto Biográfico: questões para a história oral de vida. **Oralidades: revista de história oral**, São Paulo, nº 2, p. 101-109, jul-dez. 2007.

para o Brasil em virtude da morte da sua mãe. O anel construído por Marta agrega a estima sentimental à tradição familiar, a memória da mãe que ficou sepultada na Bolívia.

Tanto que o anel só aparece no ato de gerar a vida, quando seus filhos nascem; pois Marta demonstra, assim, a acepção simbólica da criação da vida, do cuidado com filho; ressignificando um objeto material que se for visto como mero objeto não terá sentido algum, mas que visto pelo prisma da memória afetiva é repleto de significados, pois ao fim, é uma declaração de pertença à memória da mãe boliviana, não deixando de cultivar a memória dos entes que morreram; memória esta, que não foi passível de negociação no processo migratório de Marta.

No ato da descrição do objeto biográfico, Marta agregou um valor de pertencimento a uma comunidade imaginada: Los Yungas, terra de seus pais; posicionando-se contra o mundo do descarte, própria das relações capitalistas e de consumo; uma vez que este gera uma vulnerabilidade da qual o clã familiar de Marta não quer pertencer, e muito menos, compactuar.

O objeto biográfico que Marta transporta consigo faz parte da Tradição Oral não negociada no Brasil. Em todos os momentos definidores de sua vida, a narradora emprega uma frase dita por sua mãe ainda em vida, demonstrando, com isso, o zelo a uma lembrança familiar, que só foi possível se detectar por meio da memória relatada; fazendo perceber, que os objetos biográficos são, para além da memória simbólica de uma trajetória singular, pistas materiais para a reconstrução histórica de vidas e culturas em processos de dissolução. Assim sendo, os objetos biográficos são objetos de memória de um grupo, ao mesmo tempo, podem representar perspectivas culturais de determinado povo.

Deste modo, no relato de Arlete, irmã de Marta, podemos perceber que o patriarca da família Patzi, depois de muitos anos vivendo no Brasil, retornou em uma de suas viagens para Los Yungas, terra natal, em busca de um objeto que pertencia ao seu pai.

No dia seguinte voltamos para La Paz porque a Haidee passou mal. Fomos de carro e ônibus, tudo de novo; até chegar à cidade, mas aí ela melhorou. Foi nessa época que o pai pegou aquela bíblia com o meu tio, essa bíblia era do pai dele e aí o tio entregou para ele. Era muito legal a Bíblia e o Novo Testamento, sei que tinha coisas escritas desde 1888. O dono dessa bíblia tinha anotações, tinha coisas que o pai anotou, coisas que ele destacou, era muito interessante mesmo, mas ele não quis

deixar com ninguém, ele quis levar com ele. O pai foi na Bolívia só pegar a bíblia, porque ele contava: "Eu só fui na Bolívia para pegar essa bíblia porque era a única coisa que tinha que fazer." E depois a Haidee passou mal, e no outro dia voltamos." Foi muito chato, não ficou nem uma semana lá. Arlete

O senhor Victor, em sua última viagem à Bolívia, voltou à terra onde nasceu: Los Yungas, com o objetivo de pegar o objeto sagrado de sua família paterna: uma bíblia do século XIX. Seu ato encerra o ciclo de retorno à terra sagrada, pois trouxe consigo para o Brasil o objeto que foi enterrado com ele como forma de manter a memória da tradição familiar: tradição oral que seu pai havia deixado com o seu outro irmão, mas que ele, enquanto guardião do segredo deveria levar consigo, pois a Bíblia agrega, em suas diversificadas representações, tanto o objeto biográfico de heranças familiares, quanto os segredos compartilhados com o seu pai enquanto em vivo. A terra, para os povos andinos, representa a pachamama, a Deusa sagrada incumbida de gerar os frutos para a vida, pois se é da terra que brota e é gerada a vida natural, é para terra onde todos voltarão enquanto mortos; fechando, assim, o ciclo de vida e morte que a existência traz em sua representação.

Victor Patzi, encerra sua vida cumprindo uma promessa que fez ao seu pai, retornou a sua terra, a Pachamama, e trouxe a bíblia outrora pertencente a seu pai como símbolo da memória da tradição que deveria partir com o mesmo no eterno retorno da morte na tradição dos povos andinos. Pois, se em vida, ele tinha passado por todos os percalços de um emigrante, transformando sua jornada na verdadeira odisseia familiar; para assumir o retorno simbólico à sua terra, teria de levar consigo o pedaço que fora passado por seu pai como mecanismo de encerrar o ciclo da tradição que o mesmo representava, partilhando um passado comum da memória da tradição da qual ele advinha.

2.23. A Reinvenção da Bolívia no Brasil

O processo de reinvenção da Bolívia se dá por meio de práticas discursivas perpassadas nas gerações dos filhos, como também, por meio dos rituais cívicos e religiosos construídos na cidade de São Paulo. A luta por desconstruir os estereótipos negativos que são propagados pela mídia brasileira se dá pela efetivação da presença

boliviana em lutas políticas estabelecidas nos atos comemorativos, tais como a comemoração do dia internacional dos imigrantes realizado todo 18 de dezembro, nas festas em comemoração à independência da Bolívia que ocorre anualmente em 6 de agosto, o dia das santas padroeira da Bolívia que ocorre no mês de agosto. Os atos e festas comemorativas do calendário boliviano são ações das quais participa grande parcela dos bolivianos que vivem na cidade São Paulo. O respeito a essas datas promove uma concentração significativa da população brasileira e boliviana nas festas que passaram a ocorrer no Memorial da América Latina na Barra Funda, em razão do número de pessoas que as festas envolvem atualmente.

A invenção de uma Bolívia ou América Latina não é fruto de uma representação recente, pois é uma visão que foi propagada, ainda durante o século XIX, pelos libertadores San Martí, Simon Bolívar na América Hispânica. Essa representação de unidade e sentimento nacional só existe enquanto proposta do porvir político, pois a crença da unidade é dos alicerces que compõem o desejo de comunidade imaginada. O que eclode no discurso do narrador Marcos é indício de um desejo, próprio do período da década de 1960, quando o projeto socialista encabeçado por Cuba foi sonho idealizado pelos movimentos sociais do período, do qual Marcos compartilha, e continua a participar atualmente. O seu sonho de ver uma América Latina una, uma Bolívia unificada e trabalhar para construir um sentido de adesão dos bolivianos na cidade de São Paulo; mesmo que seja, ajudando nas organizações das festas, participando de eventos, sempre vinculados a espaços públicos onde se possa perceber a presença boliviana é indício da dimensão simbólica de pessoas que atualmente frequentam as festas, como também, o anseio de construção de uma comunidade em São Paulo.

O historiador inglês Eric Hobsbawm em *A invenção das Tradições* escreveu que

entende-se por tradição inventada um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (1997, p.9).

A vinculação do povo boliviano como unidade integrada é utilizada em alguns discursos de cunho idealista quando alguns narradores querem demonstrar tal unidade

por meio de um passado histórico integrado da América indígena. Podemos perceber essa vinculação no discurso que Marcos relatou:

Atualmente, tenho observado que a Bolívia sempre luta com um povo atrasado, nas estatísticas está quase sempre no último lugar, mas quem mora lá, diria que ele vive a vida, vive em contato com a natureza, quase todos os produtos que come são orgânicos. Por isso, digo que em La Paz e Cochabamba, as duas cidades, a não ser que tem mudado, mas quando estava não existam produtos industrializados era tudo orgânico, como dizem: natural.

Era batata, leite, carne de vaca, ovos, frutas, tudo natural, tinha um sabor especial. Eles viviam num paraíso, pois quem se alimenta dessa forma vive no paraíso. Claro que deve existir isso no Brasil, no interior as pessoas plantam, colhem e comem. Na Bolívia é a mesma coisa. Ali é tudo natural, tudo virgem, tudo para fazer. As cidades são pequenas, o pessoal não está tão violento. A Violência quase não existe, existe, mas é mais produto da mídia, da televisão, dos filmes. Racasquiua é Aimará. Eu também achei engraçado quando ele lançou. Lançou ano passado aqui no Memorial, no salão do parlamento, onde tem o parlamento latino. A Bolívia e a América Latina é una; somos hermanos, geralmente somos hermanos, somos descendentes de europeus, indígenas e africanos. Então, somos hermanos, nada nos separa, tudo nos une. Nessas terras tem lugar para todos. A terra ainda é virgem e a América é grande, dá para viver bem, só que tem que, como se diz: racionalizar, tem que dar trabalho aos que queiram, dar emprego aos que partem, exportar o que dá para exportar. Mas é preciso dividir.

Creio que a América daqui a uns vinte anos estará mais interligada. O comércio do Brasil com a Bolívia ou com outros países será bom, vai haver muito movimento cultural porque atualmente não tem muito, existe um movimento cultural com a Argentina, mas com a Bolívia não existe. Eu noto que não existe porque não vejo cantores aqui ou algum movimento cultural boliviano, nem teatro, nada, não se produzem, aqui no Memorial sim, um pouco, mas fora do Memorial, não vejo. Marcos

As principais ideias que entrelaçam esses argumentos são duas de caráter homogeneizador. A primeira que vincula a natureza do relevo, da fauna e flora boliviana como dados do paraíso terrestre. A segunda ideia é a que vincula o sonho utópico dos principais líderes das independências das nações americanas do Sul, tais como José Artigas, Simón Bolívar, José de San Martín e José Bonifácio de Andrada e Silva, D. Pedro I do Brasil, Antonio José de Sucre e Bernardo O'Higgins, que por diferentes propostas ideológicas cogitaram a hipótese de unificação da América Latina através da união de línguas, costumes e cultura. Tal ideário na Bolívia mostrou-se compilador de práticas violentas que buscaram, primeiro, para criar um Estado-Nação Moderno, destruir milhares de povos indígenas em prol da dita "soberania nacional". Percebemos, assim, como os discursos de caráter nacional são reapropriados pelos

narradores para criar uma imagem da Bolívia una e isenta de conflitos. Daí o modo de sua reinvenção discursiva pelos narradores bolivianos que residem em São Paulo.

Na Bolívia, tenho família, tenho raízes. Era difícil voltar para a Bolívia e com o tempo ficou mais difícil, mas sempre pensei em voltar. Comecei a minha vida na Bolívia e digo que lá é bom, porém muita gente acha que não é bom, mas acho que é bom. Por quê? Porque me sentia mais livre na Bolívia, sentia mais mobilidade, também sinto mobilidade no Brasil, mas aqui a coisa é ampla.

Lá você tem parentes, o que você fizer os parentes sempre estarão de olho em você. A cidade é pequena e se estão fazendo bem ou mal, eles estão de olho ou alguém estão fofocando. Mas aqui não, não tem ninguém. Ninguém vai falar se você está fazendo a coisa certa ou errada, então você fica mais livre. Atualmente, quase não trabalho mais; e hoje percebo que a Bolívia precisa mais de mim do que o Brasil, porque lá dá para orientar as pessoas: "Faz isso, não faça isso?" E aqui tem gente mais experiente, mais informada, onde há uma concorrência muito grande de mercado. O povo da cidadezinha da qual venho é muito simples, humilde. Eu penso na Bolívia diariamente.

A gente pensava que sair de casa e fazer faculdade era a única forma de progredir, mas hoje você pode ter uma vida melhor, ter acesso à cultura, à música sem precisar sair do seu país. Se a Bolívia tivesse tudo isso na época que vim, teria desfrutado mais porque ainda é um lugar natural, sem muita infraestrutura. Não tem empresas, não tem indústria, e tem muita gente desempregada. Marcos

Essa representação de unidade existe enquanto proposta ideológica, pois a crença da unidade permanece enquanto desejo imaginado. Assim, muitos bolivianos trabalham o ano todo para construir o sentimento de união da comunidade boliviana, mesmo que seja, ajudando nas organizações das festas religiosas, participando de eventos cívicos, em sua maioria, revividos em espaços públicos onde a sociedade brasileira possa perceber a ampla presença boliviana. Esse fator pode ser considerado como uma dimensão expressiva das pessoas que atualmente frequentam as festas como um anseio de construção e reinvenção de uma comunidade boliviana em São Paulo.

Um discurso residual que apareceu nas narrativas foi a recriação de uma Bolívia mágica, onde a natureza e ação humana foram lembradas como se fizessem parte de uma história fantástica.

E por falar em viagens fui duas vezes para Bolívia. Uma com onze anos, antes de mãe falecer, mas a mãe ficou. Viajamos no conhecido trem da morte, foi uma aventura. Esse trem não existe mais. Era um trem que a gente pegava em Puerto Quijarro, depois de Corumbá; viajamos a noite toda no primeiro, sem cadeira, sem nada. Jogávamos uma toalha, um lençol em cima e ficava um monte de gente da família. Lembro que de madrugada entrava a polícia da Bolívia, com as armas batendo nas coisas para saber se tinha contrabando. Era uma loucura! E a gente ia de caminhão nas montanhas subindo a Cordilheira. O pai era meio

aventureiro porque fazíamos a viagem de carona: "Tem carona para não sei aonde? Dá para levar todo mundo?" E todo mundo subia em cima do caminhão, até caminhão de coca-cola, ficávamos em cima das garrafas. O pai era doidinho e a gente jovem adorava. Arlete

A Cordilheira dos Andes compõe o cenário narrativo, revestida de mistérios, uma espécie de respeito pelo desconhecido que atrela os despenhadeiros do abismo, justamente porque muitos conhecidos, parentes de Arlete perderam a vida nesses despenhadeiros. E o respeito pelos limites da natureza foram algumas marcas do discurso dos narradores desse trabalho.

Fomos descendo a Cordilheira até chegar nos Los Yungas, onde o meu pai nasceu. Sei que dar para ver na internet e é bem legal, pois parece uma cidade fantasma. Visitamos a casa onde ele nasceu, a igreja, não tinha ninguém e a gente descendo do nada; nesse momento que caminhávamos pela rua de pedra começou a tocar o sino da cidade. Apareceu uma magrelinha bonitinha de saia, uma cholita com trança comprida e voou no pescoço do pai, abraçou e ele começou a rodar com ela.

Foi um momento cinematográfico porque era uma prima que não via há anos, chamada Barbarita. Entramos na casa dela, ela apresentou o marido e sua família, aquela alegria. E os donos da casa dizendo que era gente do Brasil, foi muito legal; tinha até piscina na casa da mulher. Lembro que tinha uma arara colorida enorme na casa. Como o clima dos Yunga é tropical tinha essa arara. O diferente é que estávamos lá em cima na Cordilheira, nos Altos de La Paz e para esse lugar tínhamos que descer a Cordilheira e mudou todo o clima. Era tropical, um pouco frio, mas com floresta, com rio, era o máximo. Tinha muita plantação, dava tudo: laranja, bonitas frutas, um lugar lindo e vazio, com pouca pessoas, uma cidade fantasma. O vento soprava e as janelas batiam uma na outra, o barulho do vento assobiando, era muito estranho. Arlete

O fantástico atrelou o grotesco e o alegórico no discurso de Arlete, pois demonstrou figurar o surreal, que poderiam ter vindo dos cenários dos livros de Gabriel Garcia Marques onde formigas, insetos e elementos da natureza habitam as casas da família Buendía e Aurelianos em Cem Anos de Solidão. Como vemos no trecho onde a colaboradora descreve a casa do pai na região de Los Yungas na Bolívia.

A casa dele tinha as paredes grossas e o chão de terra; dizem que o meu avô morreu naquela casa. Sei que o pai nasceu e cresceu nessa casa, e quando o avô morreu tinha a barba bem comprida, era bem velhinho, devia ter mais de cem anos. Como não tinha ninguém cuidando da casa, tinha umas abóboras grandonas cheias de raízes que guiavam os caminhos da casa. Dizem que ele tropeçou, bateu a cabeça na abóbora e morreu. É um filme essa história. Quando chegamos tinha uma abóbora no canto da casa, só que nessa época não sabia dessa história, era criança. Achei a abóbora linda e o pai queria levar a

abóbora, mas era tão pesada que nem conseguia tirar do lugar. Sei que ficou abóbora e suas raízes na casa. Arlete

A composição alegórica do caráter dos integrantes da família de Arlete que residem na Bolívia integra uma ótica em que os personagens foram cogitados como mesquinhos, avarentos, cruéis; como pessoas que tinham como prática alimentarem-se das carcaças deixadas pelos mortos, não partilhando da generosidade tida como emblema familiar.

O irmão do meu pai morreu. O ônibus que estava o irmão do meu pai caiu no despenhadeiro dos Yungas, ele e a mulher dele morreram, a sua esposa ficou ferida e ainda levaram para o hospital.

No hospital, quando soube que o marido havia morrido. Ela tinha uma filha adotiva, não tinham filhos. O nome dessa menina era Reina, os parentes venderam a casa, porque tinham acabado de receber o dinheiro e estava com uma filha deles, o dinheiro da casa. O dinheiro caiu no despenhadeiro e sumiu. A família do meu tio era muito ruim, e já tinham feito isso com a mãe da Angélica, pois quando a mãe da Angélica morreu, entraram na casa dela e levaram tudo. E da mesma forma quando o tio e sua esposa morreram entraram na casa dele, esses primos, nunca vi essa gente, nem sei se existe, dizem que entraram e pegaram tudo: talher de prata, coisas dela, dele e disseram para a adotiva que ela era adotiva e não tinha direito a nada. Não deram nada para a filha adotiva e ela sumiu. Ficamos procurando, voltamos para Bolívia, nessa época para ver se a encontrávamos. Arlete

A chegada de Evo Morales à presidência da república eclodiu opiniões de apoio e outras de repúdio. O posicionamento das classes sociais ilustra as divergências que submergem nas narrativas de vidas.

A Bolívia como ausência, como falta foi empregada por outra parcela das narrativas para designar as contradições dos espaços entre os diversificados departamentos políticos.

Tenho vontade de ir à Bolívia porque de uns tempos para cá mudou muito. Com o Evo Morales no governo a situação mudou da água para o vinho. Como eu disse, sou de uma cidade do interior que foi para La Paz, e via muita coisa errada na cidade, muita discriminação, não que fosse comigo, mas via muita injustiça. Como não tinha referência de certo ou errado, para mim era normal. Atualmente, parece que instituíram todos os direitos ao povo na Bolívia, principalmente, a gente do interior, a gente campesina. Os direitos no sentido da população poder frequentar faculdade, frequentar escola, entrar nos órgãos públicos, em qualquer lugar o cidadão boliviano tem seus direitos, por isso, a mudança foi da água para o vinho. Mudou por luta política.

Há pouco tempo aprovaram a nova constituição e nela estão incluídos todos. O povo andino é muito trabalhador, é só olhar para os costureiros que trabalham em São Paulo. Às vezes digo para os que trabalham aqui

para diminuir a carga horária, pois não fazem nada além de trabalhar, não aproveitam o que essa capital pode oferecer. Marcos

O apoio ao governo de Evo Morales foi demonstrado pelos narradores, principalmente os que são originários das regiões do Altiplano boliviano: La Paz, El Alto, Oruro, Cochabamba e Potosí; uma vez que é a região que concentra a maior densidade de povos indígenas da Bolívia. O atual presidente Evo Morales³⁴ é da etnia aimará, líder do movimento de esquerda boliviano, *cocalero*, de uma federação de agricultores que tem como tradição o cultivo da folha de coca, que tem como reminiscência o ato de mascar folhas de coca no cotidiano de suas vidas, além de representar todo o legado de herança dos povos originários. Assim, a pessoa de Evo Morales é tida como símbolo da resistência contra a opressão às práticas de exclusão do sistema colonial. Uma parcela dos narradores que assumiram a descendência dos povos originários da Bolívia partilha as práticas de tomar o chá da folha de coca, como também, mascar suas folhas como forma de associarem-se à pertença de um grupo boliviano, assim como, para reinventarem as práticas culturais bolivianas na cidade de São Paulo.

Nesse contexto de governo o Brasil está certo, claro, que é um modelo de desenvolvimento que escolheu. Os Estados Unidos escolheram um modelo e foi potência, foi o modelo que escolheram. O Brasil também adotou um modelo e vai ser potência. A Argentina também escolheu um modelo; a Bolívia também foi o modelo que escolheu e vai ser potência na frente. Posso dizer que antes não havia essa congruência, as pessoas lutando por um bem comum, por que o governo falava uma língua e o povo falava outra língua. A classe dominante tinha uma cultura e o povo tinha outra cultura, e aí ninguém se entendia. Não lembro quem disse "O país mais pobre e mais atrasado de toda a América é a Bolívia." Porque a classe dominante não fala a tua língua; e o povo tem outra cultura e outra língua. Aí não dá para entender e não se entende. Roberto

Contudo, alguns narradores se posicionaram contra ao atual governo boliviano, o que movimenta as divergências ideológicas e políticas dos grupos sociais que existem tanto na Bolívia quanto no Brasil.

Não gosto do atual presidente da Bolívia, do jeito que ele governa, porque ele está governando e deixando o povo de lado. Devia era abrir portas para deixarem os bolivianos trabalharem lá, fazer as coisas para lá. E não, todo mundo vem para cá, para o Brasil, principalmente, jovens com vinte e dezoito anos já estão vindo para cá. Aqui a polícia

---

³⁴ Para maiores informações sobre a biografia de Evo Morales consultar o site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Evo_Morales acesso em 03/08/2011.

pega porque eles bebem muito, chegam até a levarem presos, e a ainda tem o agravante da documentação. É lamentável.

Acho que vem muita gente para o Brasil porque o governo não vale nada, não fico contente com esse governo. Se o governo fizesse o deles, criasse trabalho para o povo, montasse fábricas, essas coisas, as pessoas não teriam necessidade de ir para outro país, ficariam lá trabalhando. Mas ele vem para cá arriscar a vida; vem muita gente de lá para cá, porque não estão contentes, há empregos para uns e não há para outros. Alguns ficam no Brasil, outros voltam, outros vão presos por não terem documentos. Lídia

A arena política é um espaço de conflito onde os posicionamentos de classe são mobilizados para entender o cenário das lutas e culturas políticas que coabitam no Estado. A narradora Lídia discorda dos postulados da igualdade entre etnias e o Estado, quando elege a pobreza da Bolívia como problema que não foi solucionado pelos governos anteriores, assim como, também não foi resolvida pelo governo de Evo Morales. A visão empreendida no discurso da colaboradora foi permeado por ideologias classistas que lutam por banir do espaço público as diferenças étnicas com o intuito de “fortalecer o Estado” boliviano. O racismo e o preconceito vivenciados pelas maiorias indígenas na Bolívia são resquícios de uma sociedade colonial escravista que por séculos excluiu os povos originários dos espaços de poder da sociedade.

Ele se divertiu bastante, mas não gosta da Bolívia, diz: ‘Está muito pobre.’ Está pobre porque o nosso presidente não está fazendo nada. Mas a Bolívia é um país rico, tem ouro, mas não tem trabalho para o povo. O país que não tem trabalho é pobre. A minha amiga, a Marta, não gosta que a gente fale mal do presidente dela. Eu falo para ela: “O Evo não está fazendo nada.” Lá tem muita terra para trabalhar, os brasileiros estão indo para estudar medicina e trabalhar em lavouras de café, porque tem muito brasileiro morando na Bolívia. Rose

As divergências de posicionamentos das práticas sociais empreendidas pelo governo de Evo Morales não estão isentos de contradição, pois se determinadas práticas políticas privilegiam grupos que antes eram tidos como a “maioria excluída”, outros grupos passaram a sentirem-se não representados pelo seu governo, justamente porque estes não priorizam as alianças políticas com latifundiários e representantes de outros departamentos políticos de Estados bolivianos.

Sei que vigora um novo presidente na Bolívia e algumas coisas mudaram. Evo Morales está tentando estabelecer que todas as classes sociais respeitem as diferenças, mas acho que ele está cambiando, mudando a balança, porque atualmente só os pobres e os povos originários têm cargos políticos. E acredito que falta um pouco de formação para que essas pessoas desenvolvam trabalhos importantes nesses setores. Mas olhando por outro lado, isso é positivo porque tem

muitas pessoas pobres e humildes que têm educação e capacidade para construir novos caminhos. Acredito que falta muita coisa e há uma necessidade de mudança de posturas políticas; como construir novas frentes de trabalho para a população boliviana para que eles não tenham de ir para o exterior buscar melhores condições de vida. Enquanto não houver políticas de desenvolvimento as pessoas continuarão saindo do país, vindo trabalhar no Brasil, por exemplo. Se na Bolívia tivesse comércio e indústria, iria ter um movimento e cresceria mais, sem necessitar exportar pessoas; e o trabalho que muitos bolivianos fazem no Brasil, na Argentina, na Espanha, nos Estados Unidos ou no Chile seria feito na Bolívia. Jenny

O discurso empreendido por Jenny converge para um plano de mediação social entre governo e povos originários, e sua atitude aponta para um diálogo intergrupal para que o desenvolvimento do país seja o vetor comum.

Quando cheguei a La Paz notei que a Bolívia está parada no tempo, cada vez que vou ao Brasil sinto raiva, porque vou para lugares que eram ruins e agora estão bem melhores, está melhorando lá, mas aqui, chego e continua a mesma coisa; as mesmas ruas. As autoridades não se preocupam por melhorar as coisas. Agora, La Paz, a cidade deu um salto, La Paz está muito bem, melhorou bastante. A impressão ao retornar para a Bolívia foi de raiva porque La Paz estava a mesma coisa de quando saí, há vinte anos atrás. Roberto

Os discursos dos retornados, pessoas que emigraram e voltaram para seus estados, aglutinam a alegria do retorno e o desgosto das permanências sociais. Por terem ampliados suas visões de mundo, os entrevistados fizeram comparações entre os países e exigem, às vezes, engajando-se em partidos políticos, como foi o caso de Roberto, outras vezes congelam uma imagem de uma Bolívia que não coincide com a Bolívia presenciada em seus cotidianos, mas que são frutos de projeções, reinvenções de um passado comum.

Assim, percebemos que as linguagens, imagens e práticas aglutinadas para reinventar uma comunidade boliviana em São Paulo conduz que “ a história que se tornou parte do cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo” (HOBSBAWN, 1997, p.21). Com isto, notificamos que as reinvenções das tradições são construídas por meio de afetos sociais constituídos pelas comunidades dos bolivianos residentes em São Paulo.

Percebemos que reinventar uma Bolívia faz parte de uma estratégia social para que as pessoas se sintam pertencentes a uma comunidade afetiva, mesmo que essa, seja

apenas uma projeção idealizada no discurso. Partilhamos, assim, do conceito postulado pelo historiador Benedict Anderson que em seu livro “Comunidades Imaginadas” (2008) diz que as nações são “imaginadas” no sentido de fazerem sentido para a “alma” e constituírem objetos de desejos e projeções porque possuem uma validade emocional densa. As nações são

imaginadas porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora, todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. [...] ‘O nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele *inventa* nações onde elas não existem’. [...] Imagina-se a nação *ilimitada* porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um milhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações. [...] ela é imaginada porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes últimos séculos, tantos milhões de pessoas tenham-se não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas (2008, p.34, grifo do autor).

É precisamente para não cair no tempo vazio e homogêneo de um passado longínquo que muitos narradores atrelaram suas memórias, recriadas em um presente, a uma comunidade imaginada, pois mesmo desconhecendo a multiplicidade das vozes dos seus outros patrícios, projetam a idéia de comunidade por meio de ritos culturais. Por estarem atrelados a uma memória afetiva amalgamadas em seus símbolos cívicos e religiosos, são possíveis recriações de uma Bolívia mítica, sempre resignificada na metrópole de São Paulo.

PARTE III

3.1. Algumas Definições sobre o Conceito de Migração

A imigração boliviana na Cidade de São Paulo não é um fenômeno recente. Alguns estudos antropológicos (SILVA, 1997, 2003) relatam que desde a década de 1950 existia um fluxo de deslocamento de pessoas advindas da Bolívia com destino ao Brasil, mas que foi intensificado, a partir da década de 1980, com o surgimento de novas frentes de trabalho no sistema têxtil brasileiro. Os planos econômicos desse mesmo decênio também contribuíram para o aumento desse movimento, uma vez que deixaram como herança uma grande pobreza e desigualdade na Bolívia.³⁵ Assim, devido à baixa expectativa de desenvolvimento social e econômico, à instabilidade política e ao baixo índice de desenvolvimento humano/IDH³⁶ da Bolívia, entre finais dos anos 1980 e início dos 1990, viu-se um aumento do número de emigrantes que saíam do seu território em busca de melhores condições de vida e de empregos nas metrópoles da América Latina. Estes fluxos migratórios vêm crescendo gradativamente à medida que seus precursores passaram a trazer seus famílias³⁷ ou a constituírem novas famílias na Cidade de São Paulo.

Dentre os países receptores de imigrantes que saem dos Andes, especificamente no que se refere à Bolívia, estão Brasil e Argentina por se constituírem em centros que atingiram índices de desenvolvimento industrial alto, mas também por terem baixos custos de transporte para quem vem dos países vizinhos. Sabe-se que a expectativa de vida de milhares de bolivianos não é diferente da de habitantes de outros países pobres atingidos pelos sistemas de globalização. As baixas condições sócio-econômicas são fortes propulsores dos deslocamentos rumo ao Brasil. É a partir desse contexto histórico

---

³⁵No campo, constam nas estimativas que o número de trabalhadores assalariados diminuiu de 74 mil para 64 mil pessoas. Nas cidades, o chamado setor informal composto por unidades familiares, por unidades domésticas, artesanais, e não assalariadas cresceu 68% do total da população.

³⁶O índice desenvolvimento humano da Bolívia incluída no Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, publicado em dia 27 de novembro de 2007. A Bolívia é enquadrada no 117 lugar em escala global.
In:http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_%C3%8Dndice_de_Developolvimento_Humano

³⁷ Ver entrevista realizada por Sidnei Dornelas e Mário Geremia com uma família boliviana. In. Travessia: revista do migrante. São Paulo: publicação do CEM – ano XXI, número 60, p. 10-18, Janeiro-Abril/2008.

que precisamos avaliar o fenômeno da imigração de milhares de bolivianos com destino a cidades industrializadas da América Latina pois apesar de a matriz dos deslocamentos serem *a priori* econômica, é necessário entender as explicações micros (as histórias individuais) para o ato de imigrar/emigrar.

É importante salientar que a migração tem se constituído em uma problemática muito estudada e presente nas ciências humanas, com destaque à Sociologia, Antropologia, Geografia, História, Demografia, demonstrando, com isso, os diversos matizes, âmbitos, enfoques, aspectos e pontos de vistas com que tem sido tratada, desenhando a complexidade do processo migratório.

Osman (2006, p.90), ao analisar a dinâmica migratória de famílias libanesas que migram para o Brasil e reemigram para o Líbano depois de um período, faz um grande balanço teórico sobre a problemática do retorno e do processo de migrar, avaliando quão generalizantes têm sido os trabalhos desenvolvidos com esse tema com quase ausência de quadros teóricos para problematizar, por meio de procedimentos metodológicos, a migração enquanto fato social total. Geralmente, têm se privilegiado aspectos estatísticos e desprivilegiado a migração do ponto de vista subjetivo das pessoas que vivenciam esses processos migratórios. Quase sempre o estudo da migração é realizado a partir da história da industrialização e urbanização, da classe social e da formação de sindicatos, priorizando as razões de partida do lugar, os estudos de adaptação, recepção, assimilação e formação na sociedade receptora (Osman, 2006, p. 91).

Hoje, em termos de estudos migratórios, existe uma pluralidade das correntes explicativas. Para o geógrafo Salim (1992), as propostas que procuram entender os estudos das migrações estão divididas em:

a) os modelos neoclássicos contemporâneos e mobilidade de força de trabalho (GAUDEMAR, 1997); b) análises empiristas e escola histórico-estrutural (GONZALES, 1979); c) análises sociológicas derivadas dos enfoques histórico-estruturalistas e da modernização (OLIVEIRA & STERN, 1980); d) modelo de equilíbrio da migração e a perspectiva histórico-estrutural (WOOD, 1982); e) as perspectivas demográfica, econômica, sociológica – incluindo a teoria da modernização – e histórico-estrutural (RACZYNSKI, 1983); f) correntes da psicologia face à concepção comportamental-racionalista e correntes estruturais com enfoques da modernização e histórico-estrutural (FERREIRA, 1986), (1992, p.122)

Para os modelos neoclássicos contemporâneos, os movimentos populacionais correspondem à migração geográfica dos trabalhadores. Isso pressupõe a livre decisão dos indivíduos em deixarem seus países de origem. Para Salim (1992), a fragilidade dos

modelos de explicação da teoria neoclássica está em entender os motores da migração como consequências dos sistemas macroeconômicos.

Os modelos gravitacionais, que a partir dos velhos e macromodelos explicativos privilegiavam as teorias do *push and pull* de Ravenstein (1980), transpõem para migração a mesma problemática do espaço tido como objetivo. Noções sobre as causas de expulsão nos países de partida e atração nos países de chegada, caracterizados por rígido determinismo socioeconômico, são utilizados para explicar os fenômenos e as causas objetivas, mas não demonstram aprofundamento e, sobretudo, excluem qualquer participação ativa do migrante.

O objetivo das pesquisas acadêmicas que utilizam esse referencial teórico para entender as migrações internacionais se limita à hipótese dos fatores racionais que empurram (*push*) o indivíduo a sair de seu território, e também aos fatores que puxam (*pull*) os imigrantes para a comunidade de adoção, como forma de estabelecer residência (GOMES, Charles P. p. 4). Esse migrante aparece apenas como um objeto coordenado pela “mão invisível do sistema capitalista e das forças produtivas”. Esse modelo teórico foi deixando de se impor como único e de exercer seu padrão explicativo nas correntes que estudam migração.

Nas diversas propostas na literatura política sobre migrações, constatam-se ao menos dois ramos: um sob a ótica da soberania e o outro pelo viés liberal. Os autores ‘soberanistas’ buscam “reforçar o princípio da soberania que garantiria aos Estados o controle sobre os fluxos migratórios internacionais” (GOMES, Charles P. . 2003, p. 2). Para os soberanistas, o Estado exerce um controle sobre a mobilidade espacial dos indivíduos que migram, com a finalidade de ‘vigiar e punir’ as pessoas, controlando as fronteiras e as ações humanas no espaço e tendo como fim o controle do fluxo migratório e o exercício de poder. A proposta soberanista é criticada pelos ativistas dos direitos humanos, pois estes buscam proteger o imigrante independentemente de sua nacionalidade. Por isso, Gomes (2003) diz que “Saskia Sassen (1995), Yasemin Soysal (1994) e David Jacobson (1996)” são intelectuais que apontam que essas são as principais dificuldades às ações governamentais que buscam adotar uma política restritiva, legitimadora da lógica do “nacional” contra o “não nacional”, quanto aos fluxos migratórios internacionais.

O ramo de análise histórico-estrutural entende a migração não como um ato soberano do indivíduo ou soma de escolhas individuais, mas como fenômeno, relação,

processo social, em que a unidade é o fluxo composto por classes sociais ou grupos sócio-econômicos que emanam de estruturas geograficamente delimitadas. A migração é “um fenômeno social cujos determinantes e consequências remetem a outros fenômenos sociais historicamente determinados e que se relacionam a processos de mudança estrutural em uma formação social particular” (SALIM 1992, p. 125).

O eixo teórico que agrega os fatores da migração à mobilidade de força de trabalho destoa das explicações anteriores, pois sua análise está centrada na relação capital/trabalho, produção e reprodução ampliada desta relação. Segmentos da população ou contingentes da força de trabalho deslocam-se no espaço porque esta estrutura de forma a colocá-los em movimento. Para Goudemar (1977) e Salim (1992), a mobilidade da força de trabalho situa-se de forma contraditória entre o crescimento da riqueza e a expansão do excedente populacional relativo. Desta forma, “importa apenas aprender como a riqueza é apropriada e reproduzida socialmente, pois o capital sempre gerará sua oferta de trabalho, isto é, o assalariado e o assalariado potencial, ou supranumerário” (SALIM, 1992, p. 130).

Cada vez mais tem se buscado politizar as formas de análises da migração, que se iniciam com a crítica às posturas totalizantes para se entender o fenômeno estudado. O conceito de migração ou mobilidade, como alguns teóricos modernos a qualificam, só tem sentido como categoria historicamente situada, isto é, aplicável analiticamente a certos contextos históricos, porque este fenômeno nos conduz à observação das condições em que, historicamente, a mobilidade se instituiu, ao mesmo tempo que a liberdade individual do trabalhador.

Carlos B. Vainer (2007), pautado em Marx e nos teóricos marxistas, diz que a noção fundamental do trabalhador moderno reside na noção de liberdade individual, que por sua vez é o patamar da instauração da modernidade. Este conceito surge de uma oposição clássica entre escravo *versus* trabalhador livre, pois, se o escravo é propriedade de outrem, sua capacidade de locomoção não lhe confere mobilidade porque o escravo pode até se locomover, mas não é móvel, não migra no espaço. Assim,

a capacidade de locomoção do escravo o assimila aos animais domésticos antes que ao trabalhador livre; não sendo proprietário de si mesmo, não poderia o escravo decidir seu (lugar de) destino. Não sendo proprietário de si mesmo, isto é, de seu corpo e personalidade, o escravo não trabalha para se reproduzir e só produz sob a incitação da coerção direta; tampouco se desloca. (VAINER, 2007, p. 18)

Deste modo, a única ação em que o escravo afirma sua mobilidade é quando foge. Também para esse autor, o trabalhador livre é o contrário do escravo, porque ele possui a si mesmo e às suas capacidades, inclusive a de trabalho, devendo colocar a sua força de trabalho à venda para que a acumulação do capital possa se concretizar.

Assim, o trabalhador livre é responsável por si mesmo, constituindo-se enquanto indivíduo. O que se coloca como novidade na modernidade é “o trabalhador é livre e livre possuidor de si mesmo, o indivíduo que vai decidir o seu destino. Aqui temos o fundamento mesmo da liberdade como condição e princípio da mobilidade do trabalhador livre” (VAINER, 2007, p. 19). Essa é a condição de liberdade real e histórica, pois ela marca grande parte das teorias migratórias. Dentre elas, a teoria neoclássica pauta o seu modelo de explicação da migração nesse indivíduo instituído de liberdade e destituído de historicidade. Como decorrência, os trabalhadores se deslocam para alcançar as vantagens oferecidas por um ponto determinado, sendo que tais vantagens tendem a desaparecer e a migração para este lugar tende a diminuir.

De tal modo, formula-se uma concepção que atribui ao livre arbítrio do sujeito sua capacidade de escolha para a vida, em que

de um lado as firmas detentoras de capital, de capital/dinheiro, capital/maquinas, capital/mercadorias, de outro lado temos os trabalhadores detentores de capital humano; as firmas estão buscando um ponto onde esperam maximizar os seus lucros, os trabalhadores estão a busca de pontos onde maximizar seu nível de vida, suas condições de vida, condições de valorização de seu capital humano. (VAINER, 2007, p. 20)

Assim, o indivíduo que escolhe seu lugar é a pessoa que calcula, que faz do cálculo econômico o princípio de seu pensamento, e só pode ser concebido diante da sua condição de liberdade. Destarte, para o pensamento liberal, o espaço social é o da liberdade, e a migração é o movimento por meio do qual os indivíduos exercem sua liberdade individual.

Outra matriz teórica denominada de estrutural irá conceber a migração, ou mobilidade, enquanto não escolha dos indivíduos. Para os integrantes deste pensamento não são os indivíduos e suas escolhas individuais que explicam os fluxos e a localização da população. No espaço – que não é mais o espaço da liberdade individual, mas o espaço da estrutura capitalista (espaço estrutural ou estruturado) – é o movimento do capital, sua expansão ou retração, seu deslocamento ou permanência que comanda a mobilidade e a localização do trabalho (VAINER, 2007, p. 21).

Essa concepção de migração se contrapõe à anterior, pois o que importa é a relação que submete o indivíduo, o trabalhador, à lógica capitalista de produção, e que

norteia a mobilidade locacional e toda a estrutura do espaço. Para Vainer, essa é uma perspectiva negativa por parte do trabalhador, uma vez que ele é um sujeito subordinado ao capital e ao seu movimento de circulação, compondo uma esfera negativa de sua liberdade.

Na teoria estruturalista, a mobilidade do trabalhador surge como forma de manifestação das forças do capital. Sua mobilidade está atrelada a essa dinâmica, e o único detentor da liberdade é o capital. Os sujeitos sociais e os movimentos migratórios são apenas reflexos do movimento do capital, que é o personagem principal da ação. Vainer observa como todo o processo da lógica capitalista é internalizada pelo trabalhador, pois este diferentemente do escravo, para o qual o seu senhor exerce uma ação coercitiva para que produza mais, aumentando a taxa de lucro para o patrão, pois na modernidade a pessoa vive “a necessidade estrutural como necessidade individual” (VAINER, 2007, p. 22).

Por conseguinte, essa ação deixa de ser coativa pela violência direta ao trabalhador, porque esses valores serão construídos, no modo capitalista pela tradição, pelo hábito e pela cultura, uma vez que essas necessidades de consumo foram internalizadas como necessidade individual.

Alguns conceitos como “trabalhadores clandestinos, trabalhadores não documentados, trabalhador precário, trabalhador em domicílio” por não se encaixarem nessas teorias liberais da migração, são deixados à margem das análises. É necessário entender essa dinâmica do capitalismo, e os estudiosos da migração devem formular novas categorias de análise, diferentes dessas que comportam visões de mundo, formas ideológicas que mascaram que o espaço e o tempo por onde as pessoas se mobilizam e se localizam são exercícios de poder. E para Vainer são espaços de violência direta, pela qual quase sempre o Estado age sobre os indivíduos, já que interiorizado o “sonho de liberdade”, somos convidados a viver essa dimensão moderna, em que a liberdade é seletiva, pois

no mundo desta liberdade muitos milhões não podem gozá-la. Deslocados compulsórios, refugiados, deportados, repatriados, expulsos e clandestinos, proibidos de ficar, confinados, interditados de entrar, obrigados a sair, eles nos dizem de uma outra dupla dimensão da igualdade e da liberdade: o mundo desterritorializado e sem fronteiras de uns é o mesmo mundo territorializado, murado de outros. No centro destes dois mundos, como ponto que unifica e separa, os estados nacionais, que muitos dizem estar desaparecendo, afirmam sua soberania e demarcam seus territórios” (VAINER, 2007, p. 29).

A afirmação do autor é importante porque se busca, atualmente, politizar essas teorias e perceber que apesar de o território ser um espaço de exercício do poder, também existe a mobilização das populações que lutam pela busca de seus direitos. O espaço da violência é também espaço de resistência e da luta pela democracia dos espaços.

Em outra matriz explicativa, Jean Paul de Gaudemar (1977) observa que a migração não pode ser apenas encarada como fora do movimento do trabalho social, e sim como pressuposto econômico do mesmo. Deste modo, a migração é entendida juntamente com as condições em que ocorrem a produção e estruturam as relações de trabalho num determinado espaço. Para o autor, o capitalismo gera trabalhadores excedentes, separados de seus meios de existência, criando a necessidade dos movimentos em busca de trabalho. Uma vez desempregados, os trabalhadores vão buscar fontes de empregos em diferentes locais, tornando-se condição necessária para a própria acumulação do capital. Para o teórico, a migração não é só um mecanismo de distribuição espacial da massa trabalhadora, adaptando-se aos sistemas econômicos, pois a mesma redefine várias modalidades sociais específicas da sociedade.

Gaudemar propõe, com o conceito de mobilidade do trabalho, colocar sob os holofotes dos sujeitos uma dimensão da teoria marxista que estava sendo interpretada equivocadamente, referindo-se à produção da força de trabalho como mercadoria. Ao percorrer a literatura acadêmica da economia clássica e seus derivados, percebe a forma totalizadora como os teóricos dessas correntes de pensamento estavam utilizando a categoria de mobilidade de trabalho; como se esta devesse ser perfeita para se alcançar o máximo de lucro possível, e como se os trabalhadores se movimentassem, no espaço e no tempo, para atender as perspectivas da acumulação capitalista.

Ao analisar a obra de Marx, Gaudemar afirma que o que acumula valor na exploração dos corpos dos trabalhadores e aumenta o ritmo da produção é a mobilidade do trabalho, gerando acumulação sobre a força de trabalho.

Para o sociólogo e estudioso da migração, Abdelmalek Sayad (1998), o fenômeno da migração contemporânea é complexo e precisa ser entendido a partir de diversos setores do conhecimento. Em sua concepção, a migração é o movimento de pessoas no espaço físico e social, em caráter definitivo ou por tempo longo. É um jogo de paradoxos entre i/emigração como um processo constituinte de duas faces do mesmo fenômeno: o processo migratório em seus diversos ângulos, à saída do país de origem e

imigração e a chegada e permanência no país que o abriga. Em suma, Sayad compreende o fenômeno da migração como “fato social total”, pois é um processo que carece ser interpretado a partir de várias perspectivas do conhecimento.

Neste complexo jogo, entende-se o fenômeno da migração como ascendência, como experiências de deslocamentos, mudanças de espaços e valores, sendo que “o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente” (SAYAD, 1998, p.15). E também, como espaços de construção de subjetividades. É importante frisar que o migrante não é um ser que existe a priori na sociedade da qual saiu, só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e se instala em outro território. O migrante é “edificado” a existir, a “nascer”, em uma sociedade que assim o cria, o qualifica, o desmitifica, e o reconstrói.

Na análise que Sayad faz acerca do imigrante, indo da jurisdição à condição filosófica, o mesmo diz que uma das “ilusões coletivas” sustentadas pela migração é a definição de que o imigrante é “como um trabalhador provisório e da imigração como estadia literalmente provisória” (SAYAD, 1998, p. 48). Nessa perspectiva, assume-se que a imigração e os imigrantes só têm condição de existência no quadro econômico que contabiliza os “lucros” e os “custos”, desempenhando um saldo positivo dos valores envolvidos no processo. Denomina-se o imigrante como, somente, força de trabalho provisória temporária e em trânsito. Ao criticar a ideia de que o imigrante existe pelo seu trabalho e para exercer sua força de trabalho, aponta-se para a proposta de que a imigração é problema social complexo.

[...] é de todas as categorias de nosso entendimento político (e não só político) que se trata nas ‘percepções coletivas’ que se encontram no princípio da definição dada do imigrante e do discurso que atualiza essa definição. Qual é essa definição? Se se aceita abandonar o universo familiar (universo social, econômico, político, cultural ou moral, quando não mental etc.), ao qual se pertence “naturalmente” ou do qual se é “natural”, para usar uma linguagem próxima da linguagem jurídico-política da naturalização (ou, melhor dizendo, da “naturalidade”); só se aceita emigrar e, como uma coisa leva à outra, só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro (i. e., migrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução (SAYAD, 1998, p. 57).

Essas definições por meio das quais se reconhece o imigrante estão pautadas no estatuto político que o imigrante transporta em si, uma vez que ele não é apenas um ‘alógeno’, pois suas possibilidades de estar excluído do campo político é um dos fatores desse processo de “inclusão excluída” de seus direitos.

Com esse pequeno balanço historiográfico do conceito de migração, pode-se perceber não só a multiplicidades de aportes teóricos que tratam o tema, mas também uma questão relevante: as linhas interpretativas que analisam os deslocamentos humanos no contexto da migração ancoram suas ideias em linhas explicativas macro, enfatizando, em grande parte, os aspectos econômicos, as crises financeiras, os fatores de expulsão devido à oferta de mão de obra, catástrofes naturais, para entender o movimento migratório. As histórias individuais, singulares dos sujeitos pouco ou nada contribuem para a construção das explicações. Mediante o exposto, a pesquisa que foi desenvolvida se pauta nas narrativas de famílias que passaram pela experiência da migração, para que sejam entendidas as explicações do deslocamento, desenhando no cenário das pesquisas migratórias as explicações subjetivas dos narradores, que, porventura, colaboraram com a pesquisa.

3.2. A Consciência Crítica do processo Migratório a partir da Historiografia e das Entrevistas dos Pesquisadores Bolivianos

A terceira parte dessa dissertação faz o entrecruzamento de partes das entrevistas realizadas com os pesquisadores bolivianos associando-as aos conceitos desenvolvidos pelas linhas interpretativas cunhadas pelos próprios pesquisadores em estudos sobre a migração boliviana para diversos países, tais como: Argentina, Brasil, Chile, Estados Unidos, Espanha e alguns países da Europa.

A Bolívia, assim como o México, Porto Rico e Equador, é um país diaspórico; e a emigração é um fenômeno histórico-estrutural onde uma parcela significativa de pessoas escolhe outros países como formas estratégicas para sua sobrevivência. O crescimento acelerado de diversos grupos de pessoas dentro da Bolívia nos obriga a pensar no caso boliviano como sendo significativo para os estudos migratórios internacionais da América Latina.

O sociólogo boliviano Alfonso Hinojosa Gordonava descreveu em um dos seus livros que um dos elementos importantes ao analisarmos a migração dos bolivianos deve ser a constituição da Bolívia enquanto nação, pois

Se trata de reconocer que en nuestro país, sumamente abigarrado, se sobreponen diferentes tiempos, culturas, economías y nacionalidades; y, por lo tanto, distintas dinámicas y lógicas demográficas. En Bolivia no terminó de resolverse el problema nacional y no se pudo constituir un Estado que refleje a la nación. Es decir que el proyecto de un Estado-nación que, en términos clásicos, represente a una nacionalidad, una cultura (homogénea) y un territorio, fue un proyecto inacabado, inconcluso. El proyecto nacional trató de implementarse de distintas maneras durante nuestra vida republicana. En un primer momento, por medio de la total negación y exclusión de las diferencias y de la existencia de culturas y naciones distintas; así se constituyó una doble República, con una bolivianidad que se reproducía en unos cuantos centros poblados, rodeada por otra bolivianidad en la que prevalecía una variedad de culturas que eran ignoradas y a las cuales solo se recordaba al momento de recaudar impuestos, cuando se requería de mano de obra barata o de dóciles soldados para las aventuras bélicas de la otra Bolivia. Posteriormente, con la Revolución de 1952, se trató de constituir un Estado-nación por medio de transformaciones, concebidas y aplicadas desde el Estado, que buscaban la integración del conjunto de la población boliviana. Con este objetivo se decretó el voto universal, se nacionalizó las empresas productivas más importantes, se apostó a constituir un mercado nacional, se aplicó la reforma agraria (para ampliar el mercado e integrar al mismo a los indígenas, desde entonces propietarios de sus tierras), se inició la denominada marcha hacia el Oriente ya se incentivó el desarrollo de un polo económico en Santa Cruz como una manera de integrar geográficamente al país. Finalmente, se abolió la palabra indio para nombrar a las culturas originarias, rebautizándolas como campesinos (delimitando su identidad al ámbito productivo). En todo caso, los movimientos poblacionales vividos intensamente dentro de las fronteras nacionales deben ser también considerados desde una perspectiva mayor que vincula, en los Estados nacionales, el análisis de lo interno con lo externo (HINOJOSA GORDONAVA, Alfonso R. 2009, p.18).

Os argumentos levantados por Alfonso Hinojosa Gordonava são de que não podemos entender o processo migratório boliviano como um fator recente, pois os deslocamentos dos povos originários dentro do território bolivianos advém de um longo processo histórico pré-hispânico, assim, para o autor, as migrações contemporâneas possuem elementos que a vinculam com processos históricos anteriores, principalmente, os vínculos de parentesco e a dimensão de complementaridade socioeconômica onde grupos familiares ou circunvizinhos ajudam outros grupos no deslocamento.

Nessa linha argumentativa, Alfonso Hinojosa Gordonava aponta que na Bolívia, principalmente nas regiões de vales, a dimensão cultural desenhou que desde o período pré-hispânico, diversos povos originários que residiam no altiplano e nos vales centrais “movimentaram uma cosmovisão espaço-cêntrica que se manifestava em sua permanente mobilidade e utilização de diferentes espaços geográficos e ecológicos, de

tal maneira que as migrações foram uma invariável em suas práticas de sobrevivência e reprodução social” (2009, p.18. tradução minha). Essa perspectiva de análise traz alguns elementos que foram discutidos na parte II dessa dissertação: uma visão particular dos narradores ao entrelaçarem seus deslocamentos a elementos culturais, e às vezes de cunho religioso. Assim, o sociólogo explicou em sua entrevista que

a migração boliviana é um problema estrutural da sociedade e de sua composição, por exemplo, não faz parte de um desenvolvimento recente, é um fator histórico antigo e que passou por vários momentos históricos, obedecendo diferentes dinâmicas. A maioria é migração laboral. As pessoas partem cedo, são trabalhadores adjacentes que seguem com destino a Espanha e aos Estados Unidos, vão sem titubear, e os outros países são destinos limítrofes, principalmente Argentina e Brasil, o Chile também foi uma escolha do passado, para onde foram muitos bolivianos. Alfonso Hinojosa Gordonava

As análises desenvolvidas por Alfonso Hinojosa Gordonava desconstrói as explicações que tentam vincular o processo migratório boliviano como sendo uma problemática recente, motivadas, somente, por crises econômicas. O sociólogo estabelece que a migração boliviana é uma questão cultural, onde prevalece uma cosmovisão do espaço e do tempo manifestado no contínuo processo de deslocamento dos povos. De acordo com ele, o processo migratório obedece tal composição integrando as práticas de sobrevivência dos grupos, uma vez que o clima e a composição do espaço dos Andes influenciam o deslocamento em virtude das geadas, onde o ambiente produz ciclos naturais, os quais por sua vez, interferem no constante deslocamento de tais povos, principalmente de algumas regiões de Oruro, La Paz, Potosí. Atualmente, interpretações como estas voltaram a ser discutidas em virtude do aquecimento global, que provoca o degelo das montanhas interferindo no espaço desses povos, motivando a conhecidas migrações forçadas.

A psicóloga Fabiana Chirino, que concedeu entrevista para essa pesquisa, explicou que as vertentes migratórias mais estudadas na Bolívia são os deslocamentos andinos, que se aproximam das características migratórias equatorianas. Ela disse:

Agora, nós temos entrado em contato com bases de investigação prévias e com teorias das linhas de estudo equatoriana, porque a migração mais estudada na Bolívia é a migração andina; porque é uma das primeiras migrações que ocorreram foi a do oriente boliviano; os migrantes de Santa Cruz, em grande parte vão para a Argentina, Estados Unidos, Espanha e Brasil. Depois da migração andina, ocorre uma migração interna na Bolívia para Santa Cruz, e Santa Cruz tem saltos migratórios. Então, aqui, por exemplo, em todo nosso estudo, eu

entrevistei um variado número de pessoas que nunca havia emigrado para o Brasil. Então, podemos dizer que de todas as ondas migratórias, a que vai para o Brasil é uma das menores, não dá para ter certeza, pois não há muitos dados e nem muitos estudos sobre essa emigração aqui na Bolívia. Fabiana Chirino

As informações estabelecidas por Chirino são importantes porque explicam que, antes de ocorrer a migração transnacional, existe um deslocamento interno boliviano, no qual pessoas saem das províncias com destino às capitais, para posteriormente irem aos destinos escolhidos. Esse deslocamento interno aciona um estranhamento, e ao mesmo tempo, um alargamento das percepções de espaço e do tempo. É possível perceber isso na narrativa de Eli, Marcos e Marta, citados na Parte II dessa dissertação. Podemos dizer que:

en 1976, cerca de un 20% de la población vivía en un departamento distinto al de su nacimiento, en el año 1992 esta cifra subió a un 28% y para el 2000 llegó a un 34,7% (datos de la Encuesta Continua de Hogares, Proyecto MECOVI de 2000). Aunque no disponemos de información oficial para los primeros años del nuevo siglo, podemos asegurar sobre la base de otros indicadores que este porcentaje ha seguido subiendo. De la población que habita regularmente en las áreas urbanas, un 37,6% nació en otro lugar, en el campo este dato baja al 29,6%. Esto reafirma que los procesos migratorios internos son cada vez más intensos. En este sentido, se confirma lo que diversos estudios reflejan sobre los estrechos vínculos que unen experiencias migratorias internas con la decisión de migrar fuera de las fronteras nacionales como aspectos de un mismo proceso de movilidad y circulación en el espacio (HINOJOSA GORDONAVA, 2009, p.26).

Outra perspectiva importante da questão migratória advém dos ativistas políticos que trabalham diretamente com os problemas vivenciados pelos emigrantes, e produzem uma intervenção na comunidade baseados nos direitos humanos para melhorar a vida dos emigrantes. Observemos o posicionamento de Maria sobre a questão migratória.

Outro elemento que considero importante, é que nós, ativistas, vemos que a migração é um direito da pessoa; sendo assim, ela é positiva porque junto à migração vai o desenvolvimento, a interculturalidade, o respeito, o crescimento, a abertura do horizonte, de novas visões que o sujeito irá construir para si. Então, acredito que seja forte e positivo. Não vejo a migração como um fator negativo, claro, ela traz em si, algumas coisas negativas que são próprias do movimento. Tipo, se em Santa Cruz a migração fosse mais ordenada e os recursos fossem mais equitativos teríamos, quiçá, uma qualidade de vida da população um pouco melhor. Maria

Posicionamentos teóricos como estes desestabilizam os argumentos que veem a migração como um fator “negativo” ou como um condicionante que só acarreta problemas nas sociedades de saída e destino do emigrante. A ativista vê o processo

migratório como multifacetado e que permite ao emigrante uma ampliação em sua percepção sobre o mundo.

É necessário dizer que a migração internacional é um processo que apesar de iniciar no país de origem, requer para sua materialização motivações e meios para agenciar o deslocamento, “*sentimiento de insatisfacción o precariedad (objetiva o no) y expectativas de cambio y ascenso social, antecedentes migratorios en la familia, círculo de amigos o el vecindario, presión social y posesión de los recursos mínimos necesarios para emigrar*” (CHIRINO, 1998, p. 26, grifo da autora). Assim, percebemos que o fenômeno migratório é “multicausal e complexo”, onde os seus vetores estão influenciados por aspectos históricos, pessoais, culturais, econômicos e subjetivos.

A concepção de família irá sofrer um alargamento com o processo migratório. No início dessa pesquisa, pensávamos que o deslocamento ocasionasse uma desestruturação da familiar boliviana já que, em outros momentos, a família ficava dividida com o processo migratório. Pudemos visualizar, contudo, que existe uma nova configuração familiar mediante a negociação que se dará entre os parentes envolvidos. A reconfiguração familiar se caracteriza por desenvolver técnicas e procedimentos para a adaptação de uma nova convivência mediante a utilização das novas tecnologias da informação, tais como: internet, telefone, Skyp, os quais, por sua vez agenciam uma nova reorganização das relações à distância. Logo, não há uma quebra total dos laços afetivos e sim, uma nova reconfiguração de família.

Este novo tipo de família vem sendo denominado pelos pesquisadores bolivianos como *família transnacional*, pois desestabiliza os modelos de família tradicional localizado no mesmo espaço e tempo, e apresenta uma nova realidade onde há uma construção de outro modelo de família (Levitt y Glick, 2004). Podemos observar essa nova configuração de família no relato da colaborada Cláudia, que em um primeiro momento ficou na Bolívia com o seu filho de dois anos, enquanto seus irmãos foram trabalhar no Brasil e enviavam dinheiro para ela e seu irmão caçula. Não houve uma quebra na relação parental e sim, uma nova reconfiguração que mantinha relações afetivas, inclusive de dependência econômica frente ao envio de remessas para auxiliar na manutenção do clã que ficou em La Paz. No entanto, essa concepção de família transnacional não pode ser aplicada para o clã familiar Patzi, entrevistado para essa pesquisa, pois o patriarca ao perder a esposa na Bolívia veio para o Brasil com os seus

três filhos e depois de um período casou com uma brasileira, estendendo o número de filhos e, ampliando a sua família no Brasil.

Alguns estudiosos, tal como Germán Guaygua (2010) diz que em sua maioria a família emigra gradativamente, e não é uma regra a emigração total de todos os entes familiares, mas sim se formam redes familiares de migração gradual, principalmente ao tratarmos da migração para o Brasil, onde alguns dos integrantes da família vão e vem enquanto outros ficam.

As primeiras famílias na Bolívia têm características diferentes; a princípio, eram grandes famílias que vieram para o setor urbano e o número de pessoas era de quatro a seis pessoas em cidades médias, e em áreas rurais eram de mais ou menos sete, o que significa que as famílias passavam de dez a doze pessoas, isso é um primeiro elemento. Agora, em relação às formas de organização destas famílias, e tendo em vista a migração transnacional, digo que elas saem para outras cidades não somente na América Latina, como também, para a Europa. E são principalmente as relações familiares de parentesco ou de afinidade por lugar de nascimento que vão construindo as redes das pessoas que saem. Elisa Saldías

Os argumentos estabelecidos pela socióloga Elisa Saldías em sua entrevista demonstram a convergência dos dados empíricos obtidos nessa pesquisa, pois visualizamos que as redes sociais dos emigrantes geram laços afetivos que conectam os migrantes entre os países de origem e destino por meios das configurações de parentesco, amizade e compadrio que esses emigrantes desenvolvem no processo migratório.

A emigração também é vista como um sonho para se buscar perspectivas de futuro, já que o idealismo motiva as pessoas alimentarem suas aspirações, buscando formas para financiar a educação dos filhos, a construção da casa própria, melhorar a renda familiar e, até mesmo, ascender de classe social na sociedade da qual se partiu. Esses argumentos foram articulados por Elisa Saldías abaixo:

Normalmente, tem algum membro da família ou da comunidade que migra, viaja para o exterior, e muitos acreditam no paradigma que ao viajarem estão fazendo um bem, trabalham e obtêm recursos financeiros próprios e podem ser inseridos em melhores condições na sociedade ao retornarem, e isso, para muitos bolivianos é melhor do que viver na Bolívia, pois eles conseguem aumentar a renda, melhorar a educação dos filhos, conseguindo obter melhores rendas para investirem na saúde. Existem fatores que influenciam nesse processo, e as migrações são, fundamentalmente, construídas a partir do contato entre pessoas, entre familiares, e de pessoas da comunidade. Uma das características das famílias, e também imagino que no Brasil e na

Argentina outro local onde há muita migração de bolivianos; é que essas famílias e parentes recebem em sua maioria jovens. Elisa Saldías

Conceber o processo migratório como “fato social total”, tal como desenvolvido por Sayad, pode ser articulado com o conceito desenvolvido pela psicóloga e psicanalista Fabiana Chirino e seu grupo que pensam a migração como um fenômeno complexo e multifacetado. Partilho de tal argumento, uma vez que pensar o processo migratório como se o mesmo obedecesse apenas a um único vetor faz com que se perda a dimensão dos múltiplos fatores e das contingências que interferem na vida de um sujeito.

Outro conceito mobilizado pela psicóloga Fabiana Chirino ao estudar as famílias transnacionais é de *duelo* migratório

partir requiere capacidad para dejar a los que se ama, para soportar la ruptura con una vida que en muchos casos se creía garantizada, o iniciar una nueva vida, emocionante o enigmática. En todos los casos, la pérdida desencadenará un proceso de reorganización afectiva que se denomina *duelo*. El término *duelo*, proveniente del latín *duellum*, significa guerra, combate; lo que nos remite a un “conflicto o pelea entre dos, a consecuencia de un reto o desafío” (ERA, 2001).

Así, el duelo implica un conflicto entre dos aspectos: entre el deseo de retener lo perdido, de retornar al lugar de origen; y el deseo de conocer, crecer y cumplir metas. Es un conflicto entre lo que se deja y lo que se quiere lograr, entre el yo y el objeto, entre la realidad vivenciada y la deseada. Es un combate entre dos fuerzas que después de la lucha deberán dar paso a un reequilibrio o adaptación del sujeto a la nueva situación. Sin embargo este proceso no está exento de sentimientos de dolor, lástima o aflicción, lo que nos conduce a otra de las acepciones del duelo: *dolor*. (CHIRINO, 2010, p. 51)

Assim, podemos dizer que a *duelo* migratório sentido pelos narradores dessa pesquisa é uma espécie de contradição permanente entre o anseio de ficar com seus familiares e o dever de construir alternativas de sobrevivência e construção de projetos pessoais, familiares fora de seu lugar. É uma espécie de situação existencial que conduz as pessoas a criarem estratégias de mudança para suas vidas.

No livro que publicamos fazemos uma leitura complexa da migração, ou seja, nós incorporamos a teoria da complexidade para poder entender um fenômeno atravessado por múltiplos fatores sócio-histórico, sócio-econômico, psicológicos e também histórico pessoal, ou seja, varia as condições de como se dá a migração. Enquanto a migração latino-americana tem sido caracterizada por causas econômicas, não porque estamos vivendo em países em desenvolvimento onde há crises que nos afetam; e a Bolívia é um país que viveu várias crises econômicas em seu percurso histórico. Então, na medida em que há pólos de atração; sem trabalho, as pessoas migram, não porque começaram a viver pior, vivem como viviam sempre, e podem continuar a viverem assim; mas

surgem outros pólos de atração como para se obter uma melhor perspectiva econômica e social de vida. O fator econômico é fundamental, mas ele está ligado ao avanço social, e não importa se estou indo limpar o chão em outro país, não importa se vou trabalhar e me submeter a situações de quase escravidão, mas vou juntar um capital e retornarei com outro estatuto social no meu país. E outra questão relevante é a ascensão econômica e social que consigo ao migrar. Isso é importante. Fabiana Chirino

Outro fator que vem crescendo no cenário global dos processos migratórios e no contexto boliviano tem se tornado um forte vetor é a feminização da migração. Com o processo de ascensão feminina no mercado de trabalho, aumentou o número de mulheres, inclusive, de mulheres que tornaram-se provedoras das famílias; além do vetor de que no processo migratório dos bolivianos para a Espanha, a grande parcela é de mulheres devido ao fato dos setores de trabalho que antes eram disponíveis no mercado europeu, tais como: empregadas domésticas, babás e cuidar de idosos. Esse processo de feminização e das mudanças de papéis no cenário da migração foi exemplificado por Fabiana Chirino.

Também temos encontrado, porque nos Estados Unidos há um fenômeno adicional que é a feminização da migração. Quem migra? Mulheres. Então, nessa migração invertem os papéis das mulheres dentro da família que ficou, e isso modifica o relacionamento, mexe nas relações de poder. Pode perturbar a família porque a pessoa que migra coloca, investe dinheiro na família, e com isso, atinge o status e pode fazer o que quiser. Veja, existem transformações, as mulheres migram e por vezes encontram parceiros temporários nos países receptores; o parceiro continua a sua relação, mas não se separam, pois o homem que ficou necessita do dinheiro. Então, existe uma liberdade econômica e sexual das mulheres na migração. As relações se transformam, então, nesse contexto de feminização temos encontrado que, às vezes, a migração é uma forma de sair de relações familiares conflituosas. Como nunca poderiam se separar, mas agora que o meu amigo se foi, eu também vou. Migrar é uma maneira de desvincular-me da relação que não suporto, mas que tampouco quero romper, pela família, pelos filhos, e por outros fatores. Fabiana Chirino

A reconfiguração familiar no contexto migratório mexe nas relações de poder outrora constituídas, onde a distância faz com que o sujeito amplie o campo de análise sobre os papéis desempenhados na família e, ainda, faz com que os sujeitos envolvidos no processo produzam novas concepções de si mobilizando as posturas e poderes envolvidos. Uma vez que os sujeitos iniciam o processo migratório, as percepções outrora “engessadas” são postas à crítica fazendo com que tanto quem fica nos países de origem quanto quem parte para seus lugares de destino não sejam mais os mesmos, pois

o processo migratório modifica as relações de parentesco e relações sociais estabelecidas. Percebemos essa modificação no discurso de Jenny Caballero, que veio para o Brasil para casar com um filho de boliviano, mas que ao chegar ao Brasil passou a tecer críticas à constituição da família boliviana, principalmente, ao caráter conservador e machista da mesma.

Então, a emigração também é uma saída individual para resolver os conflitos. Pensamos a emigração como algo complexo, mas não vamos considerar como fator unicausal e sim, multicausal, são muitos fatores, e não há como coordená-los porque não há como coordenar a vida, mas o contexto sócio-histórico coordena; e nessa relação se dá a migração. E isso mostra que o esquema não é somente a emigração e várias flechas, mas são coordenadas que cruzam, atravessam a vida de uma pessoa e que a leva a tomar a decisão de emigrar. E migram não os mais fracos, mas aqueles que têm alguma resistência à frustração, mesmo aqueles com recursos econômicos, porque você tem que ter dinheiro para comprar a passagem, você tem que ter algo para se respaldar. Então, é uma garantia, vou deixar a minha casa, emprestar dinheiro; como a emigração de classe média, porque a classe baixa não pode fazer isso, não tem dinheiro para a passagem, não pode fazer nada, nem emprestar dinheiro para a viagem. Fabiana Chirino

A perspectiva subjetiva elencada por Fabiana Chirino revela que as pessoas desenvolvem alternativas para lidar com a frustração, pois o que fazer ao terminar um curso de graduação e não ter campo de trabalho no departamento ou país que vive? Essa foi uma pergunta realizada por um engenheiro boliviano que reside em São Paulo. Disse que resolveu vir para o Brasil realizar um curso de pós-graduação para poder encontrar uma forma de “manter seus sonhos vivos”, pois no estado do qual saiu, Cochabamba, não conseguia emprego e seria mais um graduado no setor informal da cidade. Percebemos que independente do estamento social do qual a pessoa partiu, uma grande parcela de jovens bolivianos tem construído alternativas de projetos para o futuro na prática da migração internacional.

Alguns sociólogos bolivianos, tais como Germán Guaygua (2010), Alfonso Hinojosa Gordonava (2009), Fabiana Chirino (2009), Xavier Albó (1982), entre outros, dizem que ao se analisar o percurso internacional ou transnacional é necessário ver a rota interna realizada pelos sujeitos antes de ocorrer o cruzamento da fronteira, pois o perfil das pessoas que comumente seguem para Europa e Estados Unidos advém de pólos urbanos; enquanto as pessoas que saem das regiões de vales e dos Andes fazem outras rotas. O sociólogo Juan descreve abaixo como funcionam as rotas.

Não há mudança na base e o princípio da emigração é geral. A migração contemporânea, e é certo que tem existido a migração europeia e a americana, alguns países como a Bolívia praticam a migração interna, e é muito forte a emigração interna até o oriente; e digo migração interna porque considero que esta é fundamental para entender os deslocamentos na América do Sul. Provavelmente 80% da migração de bolivianos para o exterior são para os países fronteiriços, para países da América do Sul, com maior incidência para a Argentina, onde encontramos um maior número de pessoas vivendo, e o segundo país onde encontramos uma concentração de compatriotas é o Brasil; mas em nível mundial a demanda mais importante é a Europa. E tem sido a Espanha que atualmente tem escolhido como país de destino dos emigrantes bolivianos. E o terceiro eixo de destino é os Estados Unidos, que tem um número equivalente de emigrados, equiparando-se ao Brasil. Juan

Umas das profissões desempenhadas na Europa por mulheres é a atividade de cuidar de idosos, além de babás e empregadas domésticas. Com base nas entrevistas realizadas, pode-se dizer que, em virtude do alto custo para contratar profissionais nacionais ou colocar os idosos e as crianças respectivamente em casas de repouso e creches, tem se contratado emigrantes para desempenhar tais serviços por menos da metade do valor pago a um trabalhador europeu.

Outra migração tradicional é a que ocorre para a Europa durante os anos de 2003 a 2006 onde há uma diversificação de pessoas: professores, técnicos, principalmente, agricultores. E é muito diversa, pois foram trabalhar como babás, cuidar de idosos, principalmente as mulheres, sobretudo em Valencia. Outros vão trabalhar na construção e outras se dedicam a uma atividade que alguns países denominam como terapeutas. E isso ocorre na Itália e na Espanha onde se concentram o maior número de bolivianos, que se dedicam aos cuidados intensivos de crianças, mas também de anciãos; porque para muitas crianças existem as creches. Juan

Durante o período que vai de 2000 a 2006 houve um crescente aumento de pessoas que seguiam rumo à Europa, principalmente, à Espanha. Segundo Hinojosa, essa migração possui peculiaridades, pois grande parcela desses bolivianos estavam saindo da Argentina para Espanha, em virtude da crise econômica que desestabilizou a moeda argentina, fazendo com que muitos comerciantes e pequenos empresários declarassem falência, voltando os seus olhos para Espanha como alternativa para equilibrar as perdas que muitos bolivianos tiveram no país. Tendo essa informação como princípio, o sociólogo explicou.

A questão da documentação é um componente forte da migração para o Brasil, pois muitas pessoas tem constituído família lá para terem sua situação legalizada, uma vez que ter filhos no território garante a

cidadania no Brasil. Outro fator é que muitos migram como turistas e depois ficam, porque os países que fazem fronteira são receptores naturais da migração, mas isso não significa que não ocorra migração para outros lugares da mesma magnitude de outros países latino americanos. E na Europa houve um aumento de pessoas até quando não era obrigado a ter visto para ingressar em seu território; e em abril de 2006 houve um “boom” da migração boliviana para a Europa, onde muitos foram para a Espanha, o que era menos de dez mil pessoas em um ano, passou a trezentos e cinquenta mil pessoas em outro ano. Em outro momento, houve casos de exilados políticos; e também podemos denominar o migrante como exilado econômico que vai em busca de melhores condições de vida. Juan

Cabe explicar que em decorrência da crise que abalou a economia europeia no primeiro semestre de 2011 houve um redirecionamento das escolhas dos emigrantes que tinham a Europa como fim. Esse fator fez com que muitos latino americanos pensassem no Brasil como alternativa frente à crise, uma vez que a economia brasileira está num período de constante crescimento³⁸.

O processo migratório na Bolívia tem assumido várias vertentes. Atualmente, em virtude da configuração moderna da migração tem-se discutido a concepção de família transnacional. Segundo Levitt y Glick (2004), Germán Guaygua (2010) aponta que o ramo de explicação da vida familiar transnacional é

a reproducción social que se da a través de fronteras. Ellas se basan en Bryceson y Vuorela, quienes definen a las familias transnacionales como aquellas cuyos miembros viven algo o la mayor parte del tiempo separados, pero todavía se mantienen unidos y crean un sentimiento de bienestar colectivo y de unidad; un proceso de llaman “la familia a través de fronteras nacionales”. Bryceson y Vuorela (2002) sostienen que las familias transnacionales tienen que enfrentarse con múltiples residencias nacionales, identidades y lealtades. Como otras familias, las transnacionales no son unidades biológicas, sino construcciones sociales o “comunidades imaginadas”. Y como otras, también deben mediar en la desigualdade entre sus miembros, incluyendo las diferencias al acceso a la movilidad, recursos, diferentes tipos de capital y estilos de vida (GUAYGUA, 2010, p. 14).

A reconfiguração familiar no contexto da globalização, segundo Guaygua, não implica, necessariamente, uma ausência de conflitos, mas a ampliação dos vetores explicativos que pensavam, até o momento, a família no processo migratório. O sociólogo acentua a existências de no mínimo dois tipos de “comunidades imaginadas” no processo migratório, as que indicam o adjetivo de “nação” e as trazem o adjetivo de

---

³⁸ No site do jornal BBC Brasil a notícia “Desempregada na Espanha, boliviana quer ir a São Paulo, mas teme racismo no Brasil”, constatou que muitos latinos americanos que estavam Europa, decidiram rumar com destino ao Brasil devido às informações de crescimento da economia brasileira. In: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110622_imigrante_boliviana_brasil_anelise_rw.shtml ?s Acesso em 22/06/2011.

“família”, demonstrando assim que os trabalhos vinculados às famílias transnacionais ilustram como o sentimento de afinidade e pertença a um determinado grupo pode resistir por meios de adaptações e processos de negociações que atravessam as distâncias geográficas e temporais.

Em nossas investigações, percebemos, e vários autores coincidem, que agora falamos de famílias transnacionais, especialmente porque os jovens, a população em idade economicamente ativa é a que migra, principalmente, para inserir-se no mercado laboral, supostamente em melhores condições e qualidade de emprego e trabalho digno, o que é discutido. Mas a partir da perspectiva de jovens bolivianos que migram para outros países, assumem que esses países são mais desenvolvidos e que eles vão dar melhores e maiores oportunidades tanto de trabalho, quanto de saúde; e esses são três componentes que a investigação apontou nesse processo. Elisa Saldías

No mundo contemporâneo fincado pelas relações econômicas de produção, em que a globalização modifica a inserção das práticas humanas no tempo, pensar a família como uma instituição fixa, imóvel, seria extremamente contraditório, uma vez que existe variadas formas de instituição familiar; e, cada vez mais, esta não é somente composta por indivíduos relacionados por laços de sangue, uniões heterossexuais ou vínculos legais. Pensar o contexto familiar contemporâneo, principalmente aos nos referirmos a pessoas que emigraram, exige que o pesquisador esteja atento aos grupos que não necessariamente residem no mesmo local, porém que mantém relações de reciprocidade. Nesse âmbito, as relações de parentesco podem ser redefinidas pelo espaço e integradas por outras pessoas, ampliando, assim, a concepção que se tem de família.

Migraram para Europa mais mulheres do que homens, porque a cobertura para o trabalho laboral não articulava as atividades produtivas, mas é muito importante para os serviços, e para a Europa têm emigrado mais mulheres. No caso da Argentina são mulheres e homens porque estão inseridos principalmente em atividades têxtil, no trabalho de costura, o mesmo no Brasil. Portanto, a migração é tanto de mulheres e de homens, e essa é a diferença com relação a Europa, onde 600 mil pessoas migraram no últimos anos de Santa Cruz e do oriente boliviano; e nesse total 55% são mulheres, e neste caso principalmente parentes de jovens, irmãos, irmãs, mas os jovens estão entre dezoito e vinte cinco anos fundamentalmente. Elisa Saldías

Em virtude das modificações ocasionadas no século XX, a presença feminina foi mobilizada para as esferas da produção. A presença feminina no mercado de trabalho desestabilizou as relações de poder da sociedade vigente. No contexto migratório contemporâneo, tais mudanças foram visualizadas no cenário boliviano, onde

atualmente, o número de mulheres tem ultrapassado os números de homens no processo de emigração. Vejamos o relato da socióloga.

Tem mulheres que são mães, e elas dizem que deixam os filhos na Bolívia por um tempo determinado e são mães de famílias transnacionais, porque se comunicam com os seus filhos por telefone e internet. E hoje há tanta facilidade para poder se comunicar, e como os psicólogos sociais dizem: são mães e não estão presentes, mas mantêm o papel de atenção, de cuidado, de seguir protegendo, de seguir orientando, por meio de uma chamada ao telefone e “como está?” Eles não negam os avôs. “O que necessita, como vai no colégio?” E aqui: “você sabe que fulano bateu naquela pessoa, eu te amo e tal, vai comprar o que preciso no meu aniversário?”

Portanto, existe uma relação apesar da distância há uma relação com a mãe que partiu, que migrou e que não deixa de cumprir os papéis familiares. Embora possa ser mãe, prima, tia, avó, vizinha, mas é a maneira real e concreta de manter relação com os seus filhos. Isto, obviamente vem mudando, tem incidido nos papéis, na reestruturação dos papéis sócias em nível familiar e em grande parte dos papéis dos jovens, principalmente, nas mães e pais e jovens que migram. É um negócio a médio prazo é tentar levar os filhos para o país que foram, porque eles acreditam que as condições em termos de qualidade de vida são melhores para seus filhos do que as oferecidas pela Bolívia. Elisa Saldías

As relações de comunicação que os familiares mantêm com os parentes que iniciaram um deslocamento migratório desenham a manutenção de contatos entre familiares, amigos. É por meios das novas tecnologias de informação que muitas mães mantêm o contato com seus filhos, fazendo perguntas, acompanhando o desenvolvimento escolar, informando-se dos acontecimentos cotidianos do lugar. É importante ressaltar, que muitas relações desestabilizadas mediante conflitos que surgem durante o processo emigratório dos pais, principalmente, se for a mãe que emigrou, pois a mesma será “cobrada” pela instituição familiar pelo papel social que deixou de exercer ao se ausentar do seu lar. A contradição é parte inerente do processo migratório e todos os envolvidos, em algum momento, serão cobrados pela ausência do ciclo familiar.

Em outro nível há um problema, não sei se é um problema, mas as mulheres têm mais dificuldade em conciliar a nova vida, digamos, ao retornarem para suas casas na Bolívia porque as relações do ato de cuidar mudaram, e se expressa mais claramente nelas do que nos homens no relacionamento, no sentimento de pertença familiar. Mas para as mães, que têm um relacionamento com os filhos, o relacionamento com a unidade familiar e com todos, o que significa que o ambiente emocional da privacidade é muito importante para as mulheres e, portanto, o choque de ter que trabalhar e deixar as crianças, a família, para a mãe é muito maior do que do pai. É muito

mais forte que para um homem, onde prevalece uma visão de gênero onde o homem é superior, tem melhores chances de educação e sua personalidade social está mais bem trabalhada no âmbito político, portanto, a relação ao entorno da família muda. Obviamente, é importante porque eles também têm um sentido de pertencimento e é muito mais lógico dizer que as mulheres daquele tempo tinham um sentimento de pertença, e outra, a estrutura de personalidade social no setor privado era crucial; e esta é uma diferença importante. Elisa Saldías

A redefinição dos papéis de gênero no processo emigratório é fundamental para se entender as novas configurações que ocorrem na relação familiar, assim como, no empoderamento que a pessoa a passa ter, principalmente as mulheres, na composição de renda para a sustentabilidade do núcleo grupal. Tal modificação desestabiliza as relações de poder constituídas e estabelece, em algumas situações, a paridade de papéis na responsabilidade que os novos sujeitos assumem nos países de destino. Assim, a pesquisadora Elisa Saldías relatou o que mudou em relação aos contextos familiares.

Acredito que o tipo de família da atualidade, a família como grupo social tem mudado, hoje não falamos mais de família nuclear, falamos de família estendida, falamos de famílias transnacionais, falamos de famílias reestruturadas, há uma série de coisas, e o que está em crise hoje é a família como instituição social; e esse paradigma da família unida, da família nuclear: papai, mamãe e filhos, onde o pai era o provedor e a mãe era abnegada e sacrificada, e os outros se ocupavam da economia familiar, do cuidado, esse tipo de família como instituição social é que está em crise e está mudando, e as relações mudaram. Também mudou em relação aos direitos das pessoas com orientação sexual diferente da orientação heterossexual conservadora; e acredito que isso é que está em causa, e não a família como grupo social primário quando se verifica claramente a construção e reestruturação de funções nas relações de afeto, de empatia, etc. Mas essa família nuclear baseada no parentesco como função fundamentalmente da reprodução, está em crise e a migração tem visualizado e demonstrado essas mudanças, ainda que seja uma família como instituição social tradicional. Elisa Saldías

A reconfiguração do indivíduo muda no processo de migração, pois as pessoas modificam sua relação com o mundo, sua relação consigo mesmo e com seu entorno. Há uma reestruturação dos papéis sociais por meio de processos de negociação. Segundo Elisa Saldías, não é possível dizer que migração ocasiona processos de separação entre casais, ou, entre a família no plano afetivo, pois o fator que deveria ser levado em consideração seria o projeto familiar e o projeto migratório acionado no processo de deslocamento.

As questões da separação da família e dos números de divórcios aumentam com a imigração; e isso é o que pesquisamos sobre famílias reestruturadas. E isto segue uma lógica, que é a construção social. E como sou socióloga, então, a interação social é que constrói, desenvolve relações de empatia, e outras realidades da vida cotidiana diferentes dessa relação de afeto, de amor, de empatia vai mudando. Essa pessoa que migrou passa por um processo de mudança, por um processo de urbanização que vai modificar a sua personalidade social. Uma pessoa que viveu na Espanha por três ou cinco anos ou no Brasil pode voltar para o seu lugar de origem, e não vai viver de novo como vivia com os seus parentes, porque tem uma experiência diferente e vai encontrar muitos problemas nesse nível, e possivelmente os dois ou todos mudaram. Não diria que a migração contribuí, e sim, que é parte desse processo, e o casamento e a construção de uma unidade, da empatia, do amor é parte do cotidiano. Mas o divórcio não é somente ocasionado pelo fator migração, às vezes, tento desmitificar por meio do meu discurso que a migração não está criando uma separação. Quando fazemos uma análise da taxa de divórcios e a quantidade de famílias, onde um casal depois de cinco anos, resolveu migrar por razões de seus projetos de vida ou por projetos em conjunto no âmbito da vida de diferentes; e isso é um fator básico aqui em Santa Cruz. Elisa Saldías

O importante ao analisarmos os deslocamentos atuais é perceber o projeto migratório estabelecido pelas pessoas, pois os mesmos configuram os ideais dos sujeitos para compor suas perspectivas de futuro. Apesar de o indivíduo fazer suas escolhas em contextos específicos, suas ações são contingenciais, principalmente, no campo dos estudos migratórios, no qual o social e o psicológico interferem nos posicionamentos dos sujeitos. O sociólogo Alfonso Hinojosa Gordonava aponta as tendências contextuais que atualmente surgiram no campo dos estudos migratórios boliviano.

Durante todo esse século, a mulher é a “ponta de lança” das relações familiares e de trabalho. O tema da feminização das migrações explica não só a demanda laboral dos lugares de destino, como também que muitas mulheres saem com destino à Espanha para inserir-se num mercado aberto as mulheres. Saem da Bolívia para ocupar cargos femininos, e isso dá outro estatuto familiar à migração; ficam os filhos e as mães estão ausentes. Existe uma série de fatores, muito fortes, onde os papéis sociais outrora estabelecidos, entram em crise quando a mãe migra, e o paradigma familiar também entra em crise. Alfonso Hinojosa

A importância ao entrelaçarmos processo migratório com as redes sociais dos bolivianos demonstra que o emigrante mantém múltiplas conexões com os seus países e com suas redes de parentesco e sociabilidade por meio das tecnologias modernas de comunicação. O processo de negociação é permanente ao direcionar as novas configurações nas relações contemporâneas de construção dos afetos.

A presença da dimensão familiar quando nos referimos às redes sociais vinculadas aos processos migratórios percebemos que tem uma cifra significativa fora do país, fora de nossas fronteiras. E estimula-se que é um total de 25%, que é muito alto, como em muitos países centro americanos. Como se explica isso? Como explicar processos migratórios tão antigos, tão complexos, como para a Argentina, que, sem dúvida, tem dado lugar a organizações de integração social? E tudo isso se explica através das redes sociais que são muito fortes, solidamente articuladas. E qual a base disso? As formas de parentesco, sem dúvida. Há estudos na Argentina, Roberto Venencia especificamente que tem falado de vínculos fortes e vínculos fracos; e estes são fortes e perpassam o interior dos processos migratórios. E estes vínculos fortes são constituídos pelas redes consanguíneas, como também pela família ampliada, pelos compadres, ou redes de compadrio. Alfonso Hinojosa

Um exemplo dessa configuração das relações contemporâneas de parentesco é dado pelas informações de campo que o sociólogo Alfonso Hinojosa Gordonava realizou em sua pesquisa na Espanha, onde pode perceber como se dava os vínculos afetivos, mesmo que em outro espaço, das mães com seus filhos residindo em território boliviano. A partir de tal dado, o pesquisador construiu uma linha interpretativa das novas configurações de parentesco que tem surgido com processo global de comunicação, assim como da construção dos afetos mediante os processos migratórios contemporâneos. Vejamos o que ele disse sobre o tema:

Certa vez, encontrei-me com pai e mãe em Barcelona cujos filhos estavam aqui em El Alto e em La Paz. A mãe por telefone controlava as tarefas da criança. Depois, com o filho mais novo ao telefone ela o fez repetir a tabuada. Existem formas de se comunicar e, em alguns momentos, é muito barato. Então, pode ficar meia hora, uma hora ao telefone sem que tenha um custo muito elevado. É possível que a mãe passe orientações de onde esteja. Também por telefone a filha mais velha fala sobre novelas e episódios de televisão. Então, você mantém uma relação e o vínculo por meio das ligações telefônicas, e em muitos casos, esses laços afetivos são reforçados. Não é só uma dimensão negativa na família, como também modelos alternativos de família são criados e produzidos por meio da migração. Mas é evidente que na Bolívia faltam investigações, faltam dados que nos permita ter critérios mais preciso sobre esses casos. Alfonso Hinojosa

No estado de Santa Cruz de la Siera tive a oportunidade de acompanhar a equipe de pesquisa do grupo coordenado pela psicóloga, pesquisadora e professora universitária Fabiana Chirino a uma escola da rede estadual de ensino. Essa pesquisa era patrocinada pela UNESCO e tinha como meta o mapeamento de famílias que emigraram para Europa, para com isso diagnosticar e construir políticas públicas para assistir tais grupos sociais. Nessa visita percebe como o problema está disseminado por todos os setores da sociedade local. Os pesquisadores trabalham com grupo focal e

entrevistas individuais dirigidas. Quando algumas crianças eram convidadas a falar, muitas caíam em prantos e falavam da saudade e dor que sentiam dos pais, das brigas familiares, dos encargos de cuidar da casa, dos conflitos entre os irmãos menores que não aceitavam “ordens” vindas da irmã/irmão. Eram visíveis os problemas da transferência de responsabilidade que o processo migratório, em tais contextos, produzia.

A influência da migração na organização familiar muitas vezes tem relação com o projeto familiar ou individual. É preciso perceber o projeto migratório e é necessário analisar o projeto migratório, por exemplo, o da Espanha, onde há muitas mulheres migrantes e deixam as filhas mais velhas cumprindo os papéis de mães. Ou seja, é a filha, geralmente a mais velha que é colocada no comando da família, que assume o papel de mãe ou pai, e passa a ser a provedora da família. Sem ser mãe, as filhas entram diretamente nessa dimensão, mas como uma filha criando o segundo ou terceiro filho. Algumas migram e já tem muito peso, responsabilidade em ajudar a criar os irmãos, ou em alguns casos, são os pais que ficam aqui.

As filhas assumem a trajetória da migração, sentem-se “mais livres”, vão pensar mais nelas; não poderão fazer parceiros por lá ao buscar outro país. O primeiro país de destino, digamos a Espanha, a mãe leva alguns irmãos, para também poder mover outros. As solteiras, por exemplo, sem filhos, vão ter uma trajetória migratória distinta, sentem-se fortemente empoderadas em outros países, em termos de geração, sexualidade, independência econômica, etc. Isso vai determinar certos tipos de trajetórias, um tanto diferentes das mães ou pais que têm filhos, e é preciso diferenciar as funções. Para manter, a filha/mãe assume os papéis da mãe, e aí é preciso ter uma trajetória migratória, onde é importante diferenciar os papéis, perceber momentos na família. Ocorre o mesmo com os recém-casados, com os filhos pequenos nesse processo, quando retornam e estão casados com filhos relativamente grandes. De uma forma ou de outra a ligação entre a família ocorre quando os que ficam recebem as remessas; adquirem certo conforto, isso para os filhos. Os aposentados também determinam outro caminho migratório, são muitas nuances e vários fatores vão determinar diferenciadas formas de ver um caso em particular. Alfonso Hinojosa Gordonava

Na Bolívia têm aumentado o número de jovens que migram em busca de alternativas para superar os problemas sociais. A pesquisadora relatou sobre essa temática, que por sua vez tem se tornado comum.

Os setores mais afetados pelo deslocamento são os setores populares porque eles têm uma perspectiva não só de garantir uma renda para a reprodução social e econômica da família, mas estes jovens decidem mudar porque precisam garantir um futuro em termos de patrimônio, ou seja, “estou viajando para ganhar dinheiro, eu vou ter que fazer uma casa porque se eu continuar trabalhando na Bolívia, nas condições que estou, vou levar quarenta anos para conseguir a meta”. Eles migram,

trabalham dezesseis ou dezoito horas, não importa, pois o importante é ter recurso que permita, por exemplo, construir uma casa, gerir algum negócio ou alguma atividade. Ou seja, os aspectos de alguma maneira são econômicos, mas não somente os mais pobres necessitam garantir a alimentação básica e a reprodução social e econômica da família, como também, existe uma perspectiva de futuro em termos patrimoniais que possa permitir uma segurança e uma estabilidade econômica depois de um tempo. Por isso, estão decididos a trabalharem dezoito ou dezesseis horas nas condições mais adversas, inclusive, em seu próprio país. Elisa Saldías

Os especialistas no processo migratório boliviano enfatizam que é necessário verificar que uma grande parcela de jovens tem deixado sua terra em busca de alternativas para seus futuros; e que em sua grande maioria não chegam nem a finalizar o ensino médio. Os argumentos dos especialistas bolivianos convergem ao apontar para as idealizações de futuro que envolve tais projetos. É necessário perceber em que postulados o processo migratório desestabiliza, principalmente nas novas configurações de territorialidades, das fronteiras e da vida cotidiana das pessoas dos lugares de onde saem estes migrantes para que o Estado invista em políticas públicas em tais comunidades.

Eu acredito que um dos temas importantes é questão do espaço, do território, de região que a migração mexe, e isso implica também uma modificação na vida cotidiana e na construção social das pessoas. Temos visualizado que os riscos caem sobre as pessoas que migram, e quem migra? Pessoas com iniciativas, com perspectiva, jovens com algum nível de formação e que tem uma perspectiva de futuro, e isso mudou. Vários empresários de Santa Cruz dizem que não encontram mão-de-obra especializada, pedreiros, carpinteiros, porque os bons estão na Espanha, estão por todos os lados, e acredito que essa é uma das coisas que teríamos que verificar. Temos que analisar como a migração afeta o país de diferentes formas, especialmente, o jovem, a nossa força de trabalho, e como isso afeta nas ausências de suas famílias, nas comunidades, nas unidades e nas pequenas cidades. Elisa Saldías

Como afirmou Alfonso Hinojosa Gordonava, não há como fazer generalizações com pesquisas empíricas, pois podemos correr o risco de mumificar o conhecimento e dizer que tais modelos condizem com o “real”. É importante apontar os diferenciados projetos migratórios que os sujeitos operam para explicar suas trajetórias de vidas. No contexto boliviano há uma multiplicidade de projetos, e cada família irá construir explicações segundo os cenários presenciados no momento. Assim, percebemos que a emigração/imigração é entendida, nessa pesquisa, como um processo complexo que abrange uma multiplicidade de vetores explicativos: socioeconômicos, socioculturais,

articulam espaço e tempo, permeiam conjunturas pessoais e familiares, sem perder de vista que as contingências atravessam as vidas dos sujeitos.

Os deslocamentos populacionais contemporâneos incitam a pensar o humano na esfera social e política. Quando nos referimos à esfera subjetiva manuseamos uma esfera espinhosa, pois mexe em articulações teóricas do campo das ciências que lidam com o mundo subjetivo dos sujeitos, tais como psicologia e psicanálise. Tais aportes teóricos são variados e, por vezes, contraditórios, complementares, diferenciados, múltiplos. Pensar a subjetividade dos “deslocados” é pensar esse sujeito fora do lugar, em devir, em processo, porque os processos de deslocamentos envolvem novos contextos, novas posturas, rearranjos psíquicos, nos quais os sujeitos elaboram explicações de caráter pessoal para ímpetos que ultrapassam as dimensões de suas vidas, e deságuam no campo do social, do político, do econômico. Estes, que por sua vez, limitam a visão das pesquisas atuais porque novas territorialidades estão sendo construídas, e muitas vezes o arcabouço de métodos e teorias não dão conta de pensar o sujeito contemporâneo nas suas relações diaspóricas com o mundo. Ao menos, podemos dizer com essa dissertação que tentamos pluralizar o debate e as linhas explicativas sobre o que tem acontecido nos estudos migratórios latinos americanos sobre os bolivianos, dialogando com as principais linhas interpretativas desse país.

A vida do viajante

*Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei
Chuva e sol, poeira e carvão
Longe de casa sigo o roteiro
Mais uma estação e a alegria no coração!
Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei
Mar e terra, inverno e verão
Mostro o sorriso, mostro alegria, mas eu
[mesmo não
E a saudade no coração*

(Luiz Gonzaga – Hervé Cordovil)

PARTE IV

4.1. Narrativas

4.1.1. Aidé

(Fonte: Foto da autora, 2006) A aluna vestida de preto é a Aidé

Quero estudar, quero superar e ajudar a minha irmã, não quero ser costureira a vida toda, quero trabalhar em outra coisa, quero muito!

O meu nome é Aidé Colla Conde. Eu nasci em 10 de outubro de 1974. Eu sou de La Paz, do El Alto, lá está a minha família, os meus pais e os meus sobrinhos. Sou paceña e os meus *papás* e os meus três irmãos também são das províncias.

Na minha família, atualmente, somos três irmãos e antes éramos sete irmãos, mas morreram quatro: duas irmãs e dois irmãos. Dos irmãos ficaram as três mulheres: a irmã Carmen, irmã Neusa e eu, só nós três que sobrevivemos. Das minhas irmãs uma tá casada, eu e a minha outra irmã somos solteiras,

sozinhas, toda vez que lembro sinto vontade de voltar para a minha casa na Bolívia. Essa é a história da nossa família. Eu sou solteira, todavia, tenho vontade de encontrar alguém, mas por enquanto estou sozinha, pois prefiro estar só a mal acompanhada.

Eu cheguei em São Paulo, no Brasil, em dezembro de 2005. Cheguei com gana, com vontade de trabalhar. Também porque vim com a intenção de ajudar a minha irmã que na época estava em processo de separação, porque tinha muitos problemas com o seu esposo. Os nossos pais cuidaram sozinhos de nós e também dos sobrinhos. Estou aqui trabalhando, mas quero estudar e saber mais coisas; não quero só ser costureira! Eu quero trabalhar em outra coisa, mas por enquanto não posso porque não tenho documentos. Na Bolívia, estudei até o primeiro ano do ensino médio e me faltam muitos cursos para poder ter um bom emprego e sair do setor onde trabalho. Quero muito ajudar os meus pais e meus irmãos, principalmente, essa minha irmã que está separando. Preciso encontrar um caminho para poder ajudar toda a família.

Na Bolívia trabalhava de *albañil*, aqui falam pedreiro. Trabalhei nesse setor com a minha irmã para ganhar um pouco mais de dinheiro e ajudar na renda da família. Também trabalhei de empregada doméstica, pois na época meu pai estava doente e precisava está presente. Atualmente, a minha mãe encontra-se doente e preciso continuar ajudando-os a manterem suas vidas. E assim fomos crescendo nas províncias de La Paz, mas sempre ajudando a família com o nosso trabalho. Fomos muito pobre, tínhamos dinheiro apenas para gastos com alimentação, por isso, que tenho muita vontade de estudar e trabalhar para conseguir para superar a condição em que estamos vivendo hoje.

Cheguei em São Paulo em dezembro de 2005; não sabia onde iria trabalhar, mas a minha irmã tinha vindo muito antes com o seu esposo e já esperava por mim, liguei e falou: "Irei falar com o meu chefe para você trabalhar comigo". Sei que eles conversaram e ele não aceitou a minha presença na oficina. Então, ela procurou um amigo, seu nome é Valter Iglesias, um *hermano* que buscava trabalhadores bolivianos para trabalhar nas oficinas de São Paulo. Daí nós fomos lá e até agora estou trabalhando para ele. A verdade é que não me sinto bem nesse lugar, o dono nos trata mal, trata todos os trabalhadores bolivianos mal.

Nós viemos de outro lado de São Paulo: da Vila Guilherme, um bairro da zona norte de São Paulo, onde fui trabalhar diretamente em uma das muitas oficinas que existem por lá. É muito comum chegarmos com todos os contatos de donos de oficinas e irmos direto para o emprego. Agora, nós não estamos nos sentindo bem em trabalhar naquele espaço, como dizia, a minha irmã se separou de seu marido e estamos trabalhando com o primo de seu esposo. Não sei se estamos fazendo bem de continuar trabalhando com o primo dele porque o marido dela a desprezava muito, ela sofreu muito e seu primo não a ajuda como deveria.

Fico receosa porque esse primo pode encontrar o seu ex-marido e dizer que estamos trabalhando lá. Agora estou procurando outro trabalho, porque tenho medo de trabalhar com esse patrão porque ele bebe demais, muito, e às vezes ele quer nos obrigar a beber cerveja e fico com medo das suas ações estando bêbado. O meu cunhado também bebe demais, e quando está nesse estado, fazia medo a minha irmã ligando para as rádios, para que os locutores entrassem em contato com a polícia para que eles deportassem a minha irmã porque ela não tinha documentos; ele sabia propagar o medo. Essa atitude violenta me deixou traumatizada, como seus filhos também sentiram medo. Em algumas ocasiões o marido da minha irmã nos *pegava* e batia muito, era muito violento, tenho pavor dele. Por esses motivos decidimos que ela ia se separar. No início, resistimos um pouco a separação porque queríamos que a iniciativa partisse dela e não de mim e dos filhos. Até que chegou um dia que ela resolveu que a separação seria a melhor decisão naquele momento.

Agora, o primo do seu ex-marido sabia que ela tinha se separado e que o marido a violentava constantemente. Queria conversar com o primo do ex-marido

de minha irmã, que afinal era nosso patrão, sobre as atitudes violentas dele. Uma vez encontrei o ex-marido dela na praça Kantuta e, o dito cujo disse: "Eu não vou machucar você." Falou isso como se ele tivesse o direito de encostar suas mãos sujas em nós. Disse para mim que tinha encontrado outra mulher e que estava bem mais feliz, é uma pessoa asquerosa e que gosta de provocar os outros. O primo dele falou que o encontrou, que ele apresentou a sua atual esposa e disse: "Eu não quero ver a Aidé, quero ver a Carmem". A minha irmã chama-se Carmem e disse que não está se encontrando com ele. Contou que o viu, por acaso, na praça Kantuta e ele estava acompanhado com a sua atual esposa; e disse a Carmem: "Essa é a minha atual esposa." Isso demonstra quão mal caráter ele é.

Até o momento, estou acreditando que minha irmã não tenha tido uma recaída e reencontrado o seu ex-marido. Quem sempre o vê é o atual patrão, que passa as informações a nós. Atualmente, estou em busca de um novo emprego, pois não quero ficar nesse círculo vicioso de continuar trabalhando com os parentes do ex-cunhado, pois ele bebe demais e não confio nele. Quero trabalhar em um ambiente saudável, sem pressão por parte de ninguém. Mas antes, preciso resolver minha situação e tirar todos os meus documentos para sair do circuito de trabalho em oficinas e buscar novos meios de sobrevivência.

Antes de acontecer a separação, trabalhávamos na oficina do meu cunhado, mas como é uma pessoa violenta, pois nos tratava mal, fomos trabalhar na oficina de costura do primo dele. Na época, não havia serviço na oficina dele, e ele havia dito que poderíamos procurar outra oficina. Acabamos permanecendo na oficina do primo do ex-marido de minha irmã, onde meu tio trabalhava de overloquista. Sei que a minha irmã entrou de cozinheira e eu de costureira, mas eu não gosto de lá... O dono fala que temos que lavar roupa, limpar a casa, além de trabalhar na costura. Minha irmã já lavou muita roupa, e, além disso, não nos deixa descansar nenhum instante, e como a Carmen ficava muito cansada, acabava indo ajudá-la. Por esse motivo não quero continuar trabalhando lá. Depois de um período trabalhando para o dito primo, voltamos a trabalhar para o cunhado; ambos não são boas pessoas.

Quando vim para o Brasil, tinha o desejo de trabalhar para crescer economicamente, para ajudar a minha irmã. Agora ela estar só, e ainda tem que manter seus três filhos, o pai das crianças não quer saber de nada, nem dos seus filhos e nem dela, não quer dar dinheiro e nem ajudar a criar as crianças. Ela já conversou com ele pedindo auxílio para manter os filhos, mas quem disse que ele quer saber de cooperar em alguma coisa. Por isso, quero ajudar a minha irmã, meus sobrinhos e os meus pais... Talvez a minha irmã também queira contar a sua história.

Eu estudei pouco... Minha família é pobre, fiquei na escola até o primeiro ano do ensino médio, também tenho um pouco de culpa porque eu não gostava muito de estudar, agora eu quero estudar; acho que não aproveitei os momentos que estive na escola, também, faltavam livros, não tinha dinheiro para estudar e já não queria continuar na escola. Hoje quero estudar, quero superar e ajudar a minha irmã, não quero ser costureira a vida toda, quero trabalhar em outra coisa, quero muito! Ainda não sei o que terei que fazer para dar continuidade aos estudos, mas falaram que aqui pedem a documentação para entrar em uma escola, e ainda tem o fato de falar pouco o português e, essa coisa não me deixa superar, essas coisas empatam a minha vida... Faltam três cursos para terminar, talvez terminando os estudos no Brasil consiga sair das oficinas de costura. Eu estudei tão pouco, mas o fato é que só me dediquei ao trabalho; nunca parei, todo tempo trabalhando.

Eu noto que no Brasil têm alguns brasileiros que são bons, têm muitos que são mal, roubam, matam, amedrontam as pessoas. Existe muitas pessoas que não veem os bolivianos com bons olhos, pensam que somos bicho e que estamos no Brasil para roubar todos os postos de trabalho deles. Um dia estava andando pela rua, e de repente um menino me atacou com um *cuchillo*, com uma faca de cozinha

e me assustei. Têm muito malandro pelas ruas do Brasil, mais do que na Bolívia, pois lá não vejo as pessoas serem atacadas com faca pelas ruas da cidade; e aqui isso é comum, e por todos os lugares tem violência. Assustei-me bastante, isso ocorreu num domingo às cinco da tarde. Sei que aqui na praça Kantuta à noite é muito perigoso e, não sei se essas atitudes violentas é só com os bolivianos, não sei se isso acontece também com os brasileiros. Fico refletindo e não sei como será a minha vida aqui no Brasil... Tenho muitos sonhos... Um dele era ter uma casa com a minha força, com o meu trabalho para não depender de ninguém nessa vida. Também quero estudar, ser alguém na vida, não ser simplesmente uma costureira... Quero ser mais, quero um pouco mais de dinheiro para ter uma casa e estudar. Esse é o meu sonho e eu quero muito realizar!

4.1.2. Luis Vasquez

"Não tem nada melhor do que morar na sua própria terra".

Sou Luis Vasquez, nasci no interior da Bolívia, não sou da capital. Tinha 11 irmãos, mas morreram cinco e ficamos em seis. Meus pais ainda moram no interior boliviano e trabalham na agricultura. Aqui dizem "Da roça. " Ainda trabalham lá, gostam de trabalhar, não querem sair de lá não. E meus irmãos estão divididos por todo o lado. Tenho uma irmã na Espanha, uma na Argentina, e na Bolívia tenho irmãos que moram em diferentes lugares e estamos todos divididos. Ainda bem que a minha família, nesse aspecto, cada irmão procurou o seu próprio caminho. Acho que o meu pai fez a coisa certa, fez todo mundo estudar. A minha irmã que mora na Espanha está muito bem, já juntou um dinheiro. A minha irmã que mora na Argentina também tem sua vida feita. Tenho um irmão menor, caçula que é auditor e trabalha no Ministério de Hidrocarbono do governo da Bolívia. Tenho uma irmã farmacêutica que tem sua rede de farmácia e está bem encaminhada. Só eu que estou aqui no país, de todos os irmãos só eu que estou ficando para trás.

Cresci no interior da Bolívia e uma das coisas que eu gostei na vida foi da minha infância. Porque eu não cresci com essa questão do medo. Brinquei com jogos antigos. Eram jogos, assim, não sei como é que se chamam aqui, eu não sei o nome em português... Mais eram jogos bem antiquinhos, básicos que se jogava com o pessoal. Nada de TV e seus desenhos horríveis da atualidade. E acho que fui bem educado, cresci com valores e até hoje eu agradeço ao meu pai pelos ensinamentos. Uma das coisas que lembro e nunca esquecerei foi a questão do fumo, por exemplo. Minha mãe me ensinou que a bebida e o cigarro fazem mal. Até hoje nunca bebi, nunca peguei um só cigarro. Então, por essa parte posso dizer que foi uma boa educação. Eu estudei até o primeiro grau, agora fundamental. O primário foi no interior, o colegial e a faculdade na cidade. Mas uma parte da infância foi vivida no interior, acho que a vida do interior na Bolívia é muito boa nesse sentido dos valores, da educação, é dessa parte que eu gosto da minha infância. Agora é tudo diferente na cidade.

Na Bolívia ainda não tinha alcançado um negócio próprio para mim. Mas antes de vir para o Brasil tinha uma vida bem legal. Às vezes fico arrependido, pensando por que vim. Por isso, se o tempo voltasse para trás não viria para o Brasil. Porque saí da faculdade em 1995, terminei a faculdade de Administração de Empresas. No mesmo ano eu fui convidado a dar aulas na mesma faculdade. Trabalhei de 1996 até 1998 como professor universitário numa faculdade privada. Depois eu tinha montado um negócio de informática, sempre gostei de informática.

Quando estudava na universidade era bem engajado, gostava de política, sempre estava nesses partidos políticos da universidade. Consegui muitas coisas na faculdade, sempre trabalhando e estudando. Num dia vi uma moça entrando no restaurante, uma moça que estudava medicina, sempre têm pessoas que estudam medicina, áreas da saúde para namorar. Dizem que são os melhores partidos da Universidade. A gente fazia as escolhas. As meninas que estudavam idioma, pedagogia, não eram muito procuradas não. Mas as da área da saúde eram bem procuradas. Então, eu fui me aproximando da Lordes porque ela estudava medicina. E aí foi passando o tempo e comecei a namorar ela, pois já tinha muito tempo de encontro. Com o tempo a gente vai percebendo que não é tão assim... Mas tudo bem, fazer o que? Não tem como voltar o tempo para trás, mas também se estivesse que voltar as coisas seriam diferentes. Tenho que me conformar.

Nesse tempo eu e Lordes cismamos de vir para o Brasil, deixemos tudo isso, juntamos um dinheiro para vir. Vendemos tudo que tínhamos cada um vendeu o que tinha e juntamos quase quinze mil dólares. Com cinco mil pagamos as dívidas

e com dez mil viemos para o Brasil. Agora eu fico pensando, acho que não foi uma boa decisão, quem sabe mais para frente não tenha sido uma boa decisão...

Vim para o Brasil no ano de 2001. Nunca tive vontade de vir ao Brasil. Não conhecíamos o Brasil e nem queríamos vir... Tínhamos vontade de conhecer os Estados Unidos, a Espanha, a Europa. Tinha colegas que moravam na Suíça, na Suécia... Acontece que eu morava com um brasileiro na Bolívia, no mesmo prédio, no mesmo apartamento. Ele era de Santa Catarina e falava tanto de Florianópolis, falava que era muito bonita, que no Brasil a vida era muito legal, que tudo era bom... Ele ficou falando durante um ano, quase um ano, e a gente ficou entusiasmado com o Brasil. "Será que é assim?" Ele tinha umas revistas do Brasil, especialmente de Florianópolis, viadutos imensos que atravessavam o mar, "Que bonito!" Parecia o país dos sonhos o Brasil. Justo nesta época, a Lordes terminou a faculdade, fez o internato e eu ia trabalhar no mesmo país que ela... Como ela queria estudar no estrangeiro, nós tínhamos duas opções, vir para o Brasil ou ir para Europa.

Esse amigo falava que o Brasil era muito bom, que os brasileiros estudavam medicina. Dizia que a medicina no Brasil era uma das melhores do mundo. "Se você for como médico a sua vida vai estar assegurada pela vida inteira." Tudo bem, fizemos os planos, arrumamos as coisas e viemos para o Brasil. Tínhamos um contato, uma médica boliviana para quem ligamos, ela morava em Campo Grande/MS. Disse que tinha uns estágios, uma residência com bolivianos, e nos assegurou que tinha uma vaga. Nós íamos chegar e iria estar tudo pronto.

Trouxemos tudo que podíamos cinco malas, duas de livros, um monte de coisa como se estivéssemos nos mudamos mesmo. Até que chegamos em Campo Grande cheios de esperança... Encontramos a médica boliviana e ela nos disse que não tinha mais a vaga para o cargo de médico... Eu lembro que eu e a Lordes ficamos no terminal de Campo Grande sem saber o que fazer da vida... "O que fazer da vida? Voltar para Bolívia? Vai ser um fracasso." A família ficou na expectativa porque viemos para o Brasil para estudar. A família fica muito entusiasmada. "O seu filho tá indo para outro país." Se voltássemos no mesmo dia seria uma frustração para eles e muito mais para nós. Até mesmo porque a gente iria e voltaria rápido. E ficamos um bom dia pensando: "O que a gente vai fazer? E para onde ir?"

Sabíamos também pela imprensa que aqui no Brasil, em São Paulo, tinham muitos bolivianos sendo costureiros, que a vida era difícil, bem perigosa. São Paulo estava fora dos nossos planos, então, buscamos outras opções, uma vez que Campo Grande não tinha dado certo. Tentamos ir para Florianópolis, já que o meu amigo tinha falado muito desta cidade, lembramos das revistas. Também falavam de Porto Alegre. Então, vamos para lá. Pegamos o ônibus para Porto Alegre sem conhecer ninguém, sem saber aonde chegar, nada, e carregando um monte de malas. Lembro que na revista que o rapaz me deu, o brasileiro que estava na Bolívia tinha um endereço de uma pessoa brasileira, amiga dele em Porto Alegre. Chegamos no terminal: "E agora? E agora?" É bem difícil chegar num país diferente que você não fala a língua, não entende nada, não sabe nada do modo de vida; sem saber que caminho seguir. Perguntávamos: "Ir pra onde?" Pegamos um hotel, depois percebemos que no hotel moravam as meninas, as garotas de programa e a gente não sabia. Chegamos no terminal e pegamos o primeiro hotel e vimos e que era um hotel só de prostituição.

No dia seguinte, ligamos para o número que o brasileiro passou. A pessoa indicada foi muito legal com a gente. Foi a primeira pessoa que conhecemos no Brasil que agiu com generosidade. Ela nos ajudou muito. Ficamos em Porto Alegre quase dois meses, mas tudo que tinham falado sobre a possibilidade de fazer residência no Brasil, era tudo engano, não era verdade. Porque era bem difícil. Podia até ter uma vaga para residência, mas existiam mil pessoas concorrendo a esta vaga: estrangeiros, brasileiros. Uma das chances era passar no concurso para residência. Procuramos em todo lugar, e ficamos uns dois meses em Porto Alegre.

Imagina todo esse tempo só saindo dinheiro e não entrando nada. Nossa poupança acabou quando nós viemos da Bolívia para o Brasil, era coisa de 10 mil dólares, foi saindo, saindo, saindo, até não restar mais nada. E perguntávamos: "vamos fazer o quê?" Passou dois meses, e falando com as pessoas então falaram: "Vão para São Paulo, em São Paulo têm muitas faculdades, tem muitos bolivianos, vocês têm muita chance em São Paulo." Mas nós não queríamos vir para São Paulo, já sabíamos que tinha o problema da violência. Mas não tinha outra opção, ou seria o Rio de Janeiro, e Rio é pior. Então, dissemos não para o Rio de Janeiro e fomos para São Paulo.

Chegamos em São Paulo e a mesma história. Chegamos no terminal e não tinha ninguém. "Para onde ir?" Em Porto Alegre a família desta senhora que nos alojou, arrumou para nós panela, televisão, cozinha, nossa mala aumentou, já não era cinco, agora eram dez malas. Era um pouco chamativo, parecia cigano carregando um monte de malas. Lembro que achamos a uma pessoa conhecida, essa pessoa tinha uma oficina de costura. Chegamos na casa dela, era um apartamento assim: com dois, três quartos, e nesse apartamento moravam quase quinze pessoas. Não tinha espaço para nada. As máquinas ficavam na sala, espalhadas por tudo quanto é lado. E ficamos uma noite lá e não tinha condições nem de caminhar, estava tudo cheio. Então, falamos "Aqui não podemos ficar, vamos para onde?" Essa oficina ficava no Bom Retiro. Lembro que o mesmo rapaz na Bolívia, o brasileiro, me deu o telefone de uma pessoa. Ele disse que quando foi para Bolívia conheceu uma brasileira que foi para lá fazer um trabalho missionário, e essa senhora deu o telefone dela, "se você for para São Paulo, me liga." Então ele me deu o telefone e disse para eu ligar, e liguei. "Se por acaso precisarem de alguma coisa, liguem. Conheci uma pessoa por acaso há uns 4 anos atrás no trem e quem sabe não possam ajudá-los?!"

Procurando na nossa agenda achamos esse telefone, ligamos e explicamos a nossa situação. Essa senhora nem lembrava quem era essa outra pessoa, nem lembrava como que tinham achado o telefone dela, mas tá tudo bem. "Quem são vocês? Posso ajudar?." Lembro que nós chegamos aqui num sábado, chegamos sábado à tarde. Domingo saímos pela cidade porque sábado à noite nós dormimos nesta oficina, e no dia seguinte fomos caminhar, caminhamos até o Tiradentes. "E agora, o quê vamos fazer de nossas vidas?" Nunca tínhamos visto um metrô. "O que vamos fazer? Agora, vamos voltar." Entramos no metrô e fomos até o final. Quando saímos em Jabaquara, perguntei: "E agora?" Tinha uma perua que dizia Zoológico. Fomos para o Zoológico, ficamos lá o dia inteiro pensando... "O que fazer agora com a nossa vida?" Já eram quatro horas da tarde e começamos a ligar para pessoa do metrô Saúde, ela me disse: "Espera aí que eu vou lá te pegar."

Deu 16:30, 17:30, 18:30, "Apareceu a pessoa?" Essa pessoa nunca apareceu. "E agora?" Ela deve ter desconfiado da gente, pois quem não desconfiaria, né? Estávamos muito cansados e quase decidimos ir embora. Um telefonema, um estrangeiro. Nós ficamos uns dez minutos e apareceu uma moça moreninha, de nome Fátima: " Vocês são bolivianos ?" Eu: " Somos." "Venham cá. " Fomos lá em cima porque estávamos esperando uma família, amiga dela. "Nós somos essas pessoas."

Perguntou o quê estávamos fazendo no Brás. "Contei um pouco a minha história." E a resposta quem nos deu foi uma benção de Deus... Não sei como eles confiaram em nós, somos pessoas estrangeiras, poderíamos ser traficantes, ser um monte de coisas ruim... Eles confiaram em nós! Pegaram o carro deles e foram para Bom Retiro pegar nossas malas. Nessa mesma noite fomos para casa deles, moravam na Saúde, esqueci o nome do Bairro, mas fica perto do metrô Saúde. E ficamos na casa deles quase um ano, nós temos muito para agradecer a este pessoal. Em toda nossa história pelo Brasil, conhecemos pessoas muito boas, brasileiras, por isso acredito que o Brasil têm pessoas muito boas. Tirando a violência, existem pessoas muito boas, muito boas...

Nesse tempo começamos a procurar estágio para Lordes fazer a residência. As chances pareciam zero, porque tinha muita concorrência, muitos médicos brasileiros. Ela se inscreveu em um monte de concursos para residência, e não conseguiu. Eu lembro, depois de um tempo que nós começamos a morar na casa da tia dessa senhora que nos acolheu... Ela sempre falava: "Olha Lordes, você tem que fazer residência no Hospital São Paulo, você não pode ficar sem fazer." Porque entrar nesses hospitais como São Paulo, HU da USP, das Clínicas, são hospitais bem procurados, são bem difíceis. Todos querem entrar nesses hospitais."

Essa senhora sempre falava: "Você vai entrar nesse hospital São Paulo, você vai entrar." Sempre falava isso, "Eu fico pedindo a Deus para você entrar." Num desses dias fomos procurar uma pessoa conhecida no Hospital São Paulo, as chances pareciam zero, e felizmente conhecemos umas pessoas que tinham contato com outras pessoas lá dentro. Então, abriram a porta para fazer um estágio. Quando você está fazendo estágio, não tem valor curricular, não é pago, não é nada, é só para entrar lá dentro e ter contatos. Ela fez isso quase meio ano, nisso, alguém desistiu da outra turma e resolveu encaixá-la, e ela entrou como especializando, assim que chamam isso, de especialização.

Entrou, fez essa especialização. Ela sempre falava: "Você tem que entrar e vai entrar." Até que conseguiu. Por isso que acredito que as pessoas brasileiras que receberam a gente no Brasil foram muito legais, foram muito boas. Foi com esta senhora que a gente conseguiu todas as coisas que temos.

Como nós chegamos aqui, no meio dos bolivianos. Eu não queria, não queríamos nos misturar, um pouco porque é outra vida, né? Na Bolívia morávamos, vivíamos um pouco fora desse pessoal. O pessoal que vem aqui para Brasil, os bolivianos, eles geralmente são bem da periferia, do interior. Não tínhamos muito contato com eles, não sei o que aconteceu... Eu não queria ficar no meio deles...

Moramos dois anos fora desse círculo de bolivianos, consegui dar aulas de espanhol durante um ano. Lordes foi fazer a especialização e depois decidimos ir para perto dos bolivianos. Eu não queria não. Conseguimos vir aqui. A primeira casa que foi perto do parque Dom Pedro II. E foi um novo começo. Como toda a nossa poupança tinha acabado, zerado mesmo, não tinha mais nada... É difícil se manter sem dinheiro, como pagar o aluguel? Não tínhamos mais nada e lembro que tínhamos duas opções a fazer nessa época.

Apareceu um anúncio na Internet, dizendo que precisavam de médico lá no Tocantins, e o Tocantins é longe pra caramba, né? Precisavam de médicos, poderia ser estrangeiro, brasileiro, mas que quisessem trabalhar lá no Norte. Mas só a passagem de ida custava quase seiscentos reais. E tínhamos só isso para sobreviver. Eu falei para ela: "vamos fazer o seguinte, você vai trabalhar lá, ganha um dinheirinho. Como eu não tenho condições de ficar mais, falta dinheiro, eu volto para Bolívia, tento arrumar algum dinheiro lá e volto." Ela foi para Tocantins, só que quando chegou lá não era como tinham falado, não aceitaram ela e nós não tínhamos mais dinheiro. Ela teve que voltar, quando ela voltou, não tínhamos nada, agora não tínhamos nada mesmo. Foi uma situação bem difícil... "E agora? O que vamos fazer?" Morávamos num quatinho, numa casa de aluguel, não tínhamos mais como pagar nossas contas, todas as chances tinham se acabado. "Caramba!". Eu nem me lembro como a gente saiu dessa situação, eu não lembro, sinceramente, como saímos.

Começamos, montamos uma escolinha de informática, nem computador tinha, tinha só um computador bem antigo... Eu sempre tive vontade, olha, eu gostaria de montar uma escolinha, mas com que dinheiro? Porque todo o nosso dinheiro tinha acabado."

Lembro que eu emprestei um computador de um amigo, tinha dois computadores emprestados e outro bem antigo que eu tinha. Com esses três computadores começamos a escolinha. Era outra casa com uma sala bem pequenininha, só que não tínhamos alunos, tudo informal, era só para bolivianos, não lembro da verdade como passamos dessa etapa difícil. Mas só posso dizer que

chegamos até aqui. Nossa situação melhorou bastante, temos o nosso próprio meio de sobrevivência, as coisas não estão tão boas como gostaríamos, mas já é um começo. Olhando para trás, há uns dois anos, era bem difícil, bem difícil mesmo! Por isso que quando eu vejo um estrangeiro eu tento ajudar. É complicado quando você não tem nada.

É muito difícil para um estrangeiro vir para o Brasil, principalmente, quando não tem nada. Eu não estou falando como costureiro porque é outra história, o costureiro vai para uma casa, tem comida, trabalha, não precisa de mais nada. Mas começar como uma pessoa normal para estudar, é muito difícil.

O nosso começo foi complicado, chegamos num momento em que não tínhamos nada, nem dinheiro. Queríamos fazer negócio, mas não tínhamos nada. E depois começamos com três computadores, dois emprestados... Começou a vir os alunos, a gente começou a trabalhar também. Eu fazia "bico", comecei a juntar um pouquinho. E aos poucos fui saindo, melhorando a situação. Morava sempre num quartinho de aluguel numa casa, um quartinho pequeno. Pelo mês de setembro do ano 2003 aluguei uma casa. Hoje tenho vida própria, tenho as minhas coisas, não é o que eu sempre quis para mim, mas eu tenho uma casa. Não tinha documentos, não tinha teoricamente, porque quando eu cheguei em 2000, tínhamos visto de estudante, eu e ela. Só que o visto terminava num prazo de um ano, tinha um ano de validade.

Minha família quer muito que eu volte para Bolívia, estou pensando mesmo em voltar. Quando trabalhava na faculdade tinha um colega, um colega bem próximo que morava comigo. Fazíamos aventuras juntos, agora no começo deste ano ele me ligou: "Luiz você não quer voltar?" Ele estava de reitor desta universidade. "Eu preciso de gente que me ajude nesta faculdade." Querida que eu estivesse a frente desta faculdade, administrativa.

Eu fiquei pensando. Olha, gostaria de voltar, pois tinha uma vida bem legal lá, não bebia, não morava do jeito que estou aqui, mas vai ser um pouco difícil, não é fácil pegar as malas e ir embora, porque teria que vender tudo, perderia quase a metade, metade do valor do preço. Então, estou nessa indecisão, mas se alguém aparecesse aqui: "Com dinheiro talvez." Eu vou embora porque não gosto da vida do Brasil, tem violência, a gente vive com medo. Lá é tudo diferente, tudo mais tranquilo, não tem nada disso, você pode andar na rua de noite, é assalto, não tem nada disso. Aqui é bem perigoso, neste bairro é pior ainda porque os bolivianos são fregueses dos "noias". Então, não gosto de morar aqui. Minha família insiste muito para que eu volte para Bolívia. Estou pensando em voltar mesmo, se não for neste ano, vai ser no próximo. Quero conseguir alguém que queira comprar tudo isso e ficar com tudo. Quero voltar para lá e fazer a minha vida.

Um outro motivo pelo qual nós queremos voltar é a questão da Lorde, ela acabou a especialização e está difícil conseguir o CRM, se ela estivesse na Bolívia não precisaria disso, seria uma especialista, seria bem procurada, porque ela fez uma especialidade numa faculdade bem conhecida aqui no Brasil. Já gastamos muito dinheiro tentando conseguir o CRM, mas só a inscrição para o concurso de CRM é mil reais, um mil e quinhentos reais. Fazer os papéis é quase dois mil reais. Gastamos quase vinte e um mil reais só tentando pegar o CRM... Pensamos, "Será que vale a pena tudo isso?" Minha vida seria quase igual na Bolívia, estaria na faculdade. Trabalhamos tanto e aqui tem sempre um problema. "O quê que tô fazendo vale à pena?" Cheguei numa conclusão e nunca entendia esta frase "Não tem nada melhor do que morar na sua própria terra." Não tem mesmo, eu daria tudo para voltar. Mas por enquanto não dá, mais dias, menos dias eu pego as minhas coisas e vou embora. Porque não gosto de cidade grande na verdade, prefiro cidade pequena, ver os amigos, brincar, sair para o trabalho, jantar, passear, aqui é tudo diferente. É muito cara a vida aqui em São Paulo, o custo de vida é muito alto.

Então, quem sabe daqui uns anos eu esteja na Bolívia, por enquanto estou tentando fazer alguns planos para os bolivianos aqui, estou formando a associação

para bolivianos. Estamos fazendo alguns planos, publicando material para ajudar nas oficinas. O tempo que tenho, que posso, estou tentando ajudar. Então, para se ter uma vida com melhor sustância, qual seriam as chances? Se a gente pegasse o CRM dela talvez alguma coisa melhorasse, mas mesmo assim não compensa para nós. Se for por dinheiro, mas dinheiro não é tudo na vida, ao menos para mim. Prefiro uma vida tranquila, sossegada, ter a minha casinha, prefiro ter o suficiente para morar. Não quero ter muito dinheiro, com muito dinheiro vêm muitos problemas. Estou pensando que daqui a pouco a gente vai embora daqui, mas tentamos, viajamos para outro país com muitos sonhos, com muitas intenções, com perspectivas de que o Brasil era bom. Ainda lembro as revistas que olhávamos e tudo era tão bonito...

4.1.3. Marta Patiz

(Fonte: Foto da autora, 2010) À direita, Sofia; centralizada, Dona Marta; e a esquerda, o senhor Marcos na comemoração de 10 anos do grupo de dança Morenada Central na igreja Nossa Senhora da Paz

Tudo que eu fazia era por minha cabeça, a minha cabeça era o meu guia. Era consciente porque punha em mente os conselhos dos mais velhos, da minha mãe, das vizinhas que tive no Brasil... Sempre procurei fazer a coisa certa.

O Meu pai e minha mãe tiveram dois filhos, eu e meu irmão. Depois nasceu a minha irmã caçula. Minha mãe sempre foi uma mulher batalhadora; papai trabalhava, era marceneiro, a gente falava que ele era carpinteiro de mão cheia na Bolívia. Nossa! Ele sabia fazer cada móvel, um mais lindo do que o outro. Foi com ele que aprendi a lidar com madeira, aprendi a montar móveis.

Naquele tempo se usava muito vitrina, vitrina é um móvel de parede que cabe de uma ponta a outra ponta, tipo um guarda-roupa de seis portas. Sendo que a parte de baixo era a porta corrediça e a parte de cima era vitrina como prateleiras de colocar louças. Então, as louças ficavam à vista, não ficava escondida como hoje em dia.

Era assim, havia muita encomenda para ele de móveis, óbvio que quem encomendava era gente que tinha dinheiro, ele trabalhava muito. Ele levantava

cedo e ficava até tarde da noite trabalhando, e era tudo manual, não é como hoje em dia, montado com grameador, a gente costumava falar: "Colado com *saliba*." Pois se usa três meses e já está descolando tudo, desmontando tudo, naquele tempo era madeira pura. O material era prego, parafuso e dobradiça. Às vezes utilizavam bronze, principalmente, quando alguém encomendava esse tipo de material. Era muito bom, era uma coisa que você fabricava e durava a vida inteira.

Normalmente, quem mandava fazer esse tipo de serviços eram os alemães, pois tinha muito estrangeiro na Bolívia; mas também tinha italianos, judeus, espanhóis que encomendavam os móveis ao meu pai. Ele levava desmontado e montava na casa da pessoa, às vezes eu ia ajudar a montar porque ia toda enumerada e papai falava: "Vê aquela madeira e aquela peça, o número tanto". E aí você montava, uma vez montado entregava a peça dentro do local já montadinho só pra usar, esse era o ofício do meu pai: produzir os móveis artesanais.

E a minha mãe trabalhava fazendo pastel para viagens e para festas, mas ela também fazia bombinhas para vender. Fabricava pólvora, e foi a pólvora que acabou matando ela... Por quê? Por que ela diluía prata, prata, sabe? Essa prata era misturada com ácido. Naquele tempo, antes de eu nascer, circulava moedas enormes de prata e, a partir do momento que não se circulava mais esse dinheiro; o que acontece? E o que se fazia com essa prata? Fazia o que queria com elas, jóias ou peças como que se tem hoje: pires, canecos e essas coisas de casa, prataria.

A mãe fazia pólvora com a prata, como que era produzida a pólvora? Era diluída em ácido em cima da brasa, colocava-se o ácido numa garrafa de um litro em cima da brasa vermelha, é óbvio que a moeda não entra na boca garrafa; então ela pegava um cinzel utilizado para cortar a moeda de prata em tirinhas, com uma reta e entrava as tiras dentro da garrafa. Aí ela ia pro fundo, óbvio. E colocava na brasa e começava a ferver, diluir a prata, e diluía e saía aquela fumacinha.

Esse procedimento era visto em televisão, em cinema ou revistas quando esfrega a lâmpada maravilhosa e sai uma fumacinha e depois aparece o Aladim. Então, saía essa fumacinha da garrafa, porém, era do ácido e da prata, era isso que ela inalava sem saber, só se escondia com um paninho no nariz e aquilo lá fervia. Ela tinha que fazer óleo para não estourar a garrafa, para não quebrar, para mexer de vez e quando, mexia circularmente e diluía. Uma vez diluída essa prata deixava a garrafa em cima de uns panos para não ter aquele choque térmico e quebrar quente com o frio. Aí ela colocava em cima de uns paninhos, assim, embrulhava a garrafa, e esfriava. Uma vez frio colocava na janela para o dia seguinte.

No dia seguinte ao processo, isso é que é interessante; aquele líquido ficava parecendo um licor, meio como se fosse licor de folha de hortelã e no fundo ficava parecendo esses capins do parque da Água Branca, porém, em forma de folhinhas, a prata ficava como capinzinho. Aí ela pegava a garrafa e mexia, quando mexia ficava branquinho e já não parecia cor de licor, era branco, branco. Ela já tinha preparado uns paninhos quadradinhos onde ela escorria e coava esse líquido. Parecia maisena coada. Pegava esses paninhos juntava as quatro pontinhas e colocava em cima de uns tijolos, tijolinhos assim pequenos, hoje já não se usa muito em construção.

Para que tudo isso? Para absorver o resto do líquido, uma vez absorvido, ficava igual a um pozinho, essa era a pólvora. Colocava a pólvora em papel de seda; cortava o papel em forma de biquinhos e comprava uns papeis de ceda coloridos, de todas as cores. Cortava quadradinho e fazia em forma de estrela e colocava assim, bastante em cima da mesa como se fosse naipes de baralho. Aí vinha a pólvora com um pouquinho em cada quadradinho, depois vinha à areia. A areia a gente ia buscar nas montanhas, peneirava a areia, não podia ser a grossa, também não muito fina, porque senão na hora de estourar ela, não iria fazer aquele barulho forte, então, tinha que ser a do meio. E um pouquinho de areia em cada e, depois era só fechar, todas.

Enquanto ela fazia isso, eu fazia o grude de farinha em espiriteira com querosene, na época não existia fogão, só o rico tinha. Então, eu fazia o grude em lata com farinha, cola de farinha. E fazia os cartuchos de papel celofane, com esse grude eu colava. Uma vez feitos os cartuchos em formado de triângulos, mais ou menos, aí se enchia bem as bombinhas, os cuetillos, enchia elas um tanto assim, quase um quilo, meio quilo em cada. Eram encomendas para festas, e aí colocava em cestas grandes e tínhamos que levar para entregar. Quanto se cobrava por isso, não sei.

Além disso, ela fazia aquelas bombas que se colocava em cipó grande, eu vejo no interior xi, xi, xi e avoa longe. Ficam umas bombinhas bem longe, coloridas com pólvora. Olha quanta prata tinha para fazer pólvora e como que ela trabalhava com isso para festas. Mamãe fazia, chama-se *cuetillos* na Bolívia, *cuetillos*, e depois fazia pasteis, pasteis com queijo, com mel; fazia *sucumbés*, era uma bebida forte com leite e pinga, lá nós chamamos de *pisco*. Seria *pisco* em espanhol, isso é feito de uva pura, aqui é feito de cana. Mas como é industrializado também já não é cana pura, vai muito álcool e menos cana, faz mal. Lá ele era puro, puro como os que vão nos alambiques. Lá era feito de forma artesanal.

E assim ela trabalhava e ganhava de um lado e papai ganhava de outro, e ela acabou ficando doente. E o que aconteceu? Ela começou a sofrer do coração, isso foi o que diziam na época, que era hereditário porque a minha avó faleceu com o mesmo problema que a minha mãe, do coração, e o ácido foi indo pros pulmões; onde ela ficou com problema de pulmão também, era a tuberculose, que hoje tem cura, mas naquele tempo não havia, as pessoas morriam. Tanto que ela faleceu com trinta e um anos, eu fiquei com oito anos de idade, o meu irmão ficou com quatro ou cinco anos, e a minha irmãzinha caçula ficou, deve ter ficado com três a dois anos, ela ainda mamava...

Daí para cá meu pai ficou mais um ano na Bolívia, aí ele falou para minha família, para os irmãos, para o cunhado dele: "Vou embora da Bolívia." , "Pero donde você vai?" , "Não sei, mas vou, não quero ficar aqui." E meus tios disseram: " Pero Victor, donde vai sair com los chicos?" , "Não vou ficar aqui, por que aqui tudo é fiesta, fiesta, fiesta e me levam para beber; amanhece e eu tenho que trabalhar. também não posso negar porque o meu patrão acha ruim. Estou pensando em ir embora para Alemanha, Itália ou Espanha."

E tinha escolhido três lugares: Alemanha, Espanha, Itália, nem se sonhava com Brasil. Meu pai pediu as contas porque até então estava trabalhando numa distribuidora de filmes mexicanos, era uma empresa de cinema. Já estava se aproximando de um ano de viúvo, um ano que tinha falecido a mamãe. Sei que ele pediu as contas e recebeu um pagamento pelos meses de trabalho. Trouxe um pacote maior do que uma caixa de sapato cheia de dinheiro, embrulhado em jornal e colocou em cima da cama. Chamou eu e meu irmãozinho e falou: "Marta", meu irmão ficava com medo. O apelido dele era Papi, papito; e o meu era Mami, Mamita. "Mami, vem aqui, quero hablar contigo." , "Papi, vem aqui quiero hablar com você. E é sério desta vez." E claro, a gente obediente fizemos o que ele pediu. Sentamos em cima da cama, ele: "Abre esse pacote." Abri e vi um monte de dinheiro, "Vocês vão me ajudar a contar este número." A gente não entendia nada, eu muito pouco, o meu irmão nada, era menorzinho ainda. Mais de qualquer forma conhecíamos dinheiro.

Aí ele falava: "Olhe, coloquem o dinheiro de cem de um lado, de cinquenta de outro." Contamos. Ele pegou esse pacote já contado e no que estava contando o dinheiro, falou: "E agora tem que guardar isto, donde vamos guardar?" Ele entregou para mim o pacote e falou: "Você guarda esse dinheiro bem guardado, cuidado para não perder, cuidado com ladrão, cuidado. Você vai se responsabilizar por esse dinheiro, porque este dinheiro é para nossa viagem, este dinheiro vai levar a gente longe daqui." Aí ele falou para mim: "Para onde você quer ir? Qual o país que você escolhe? Estamos entre Itália, Alemanha e Espanha." Eu que nada sabia

para responder, tudo era longe para mim, eu não havia escutado e se alguma vez eu ouvi esses nomes, eu vi na escola, no mapa, no rádio, só.

Meu pai pensativo olhou o horizonte pela janela e ficou refletindo... Nós tínhamos uns móveis, todos os móveis que tínhamos foi ele que fez. Eram grandes, maciços, muito pesados, para vida inteira, no capricho. Aí ele olhou uma folhinha de calendário e nessa folhinha estava os dias, números do mês; e do lado tinha uma fotografia, essa fotografia era de um casal de brasileiros de cor dançando samba, o homem estava com pandeiro na mão e a mulher com um lenço amarradinho na cabeça. Depois de muito tempo é que fui saber o significado do lenço, geralmente, são usados pelas baianas, que por sinal amarram o lenço como a Carmem Miranda. O vestido da mulher era cheio de babados. Na fotografia o casal estava dançando samba e embaixo estava escrito: Brasil.

Meu pai olhou e se aproximou do quadro, da folhinha e falou: "E se nós fossemos para o Brasil." , "Brasil?"... "Pai, onde fica o Brasil". Aí vimos que era divisa com a Bolívia. "Entonces vamos ao Brasil, que te parece?" Ele falou e perguntei para ele: "Mas será que é longe? Perto? Como será?" Perguntei e ele responde: "Não, aqui no mapa está como divisa, algum dia a gente vai poder voltar e indo mais longe vai ser mais difícil, se formos à Alemanha, a Espanha, vai ser mais difícil voltar para Bolívia. E indo para aquela divisa um dia regressaremos, voltaremos. Entonces, já escolhemos."

Meu irmão estava sentadinho brincando, não estava nem aí para conversa. "Papito, queres ir?" "Sim." Minha irmãzinha: "Mamita, queres ir?" , "Sim." A caçulinha, a neném respondeu. Nós salvamos essa irmãzinha da morte, porque quase ela se foi por sentir falta da mamãe. Como ela mamava, começou a ter febre, ficou doente, quando ela foi ao médico, o especialista disse: "Não, isso aqui não é doença, isso aqui é espiritual. Ela sente falta da mãe, ela estava mamando e ficou sem mãe de uma hora pra outra, muita saudade da mãe, o senhor tem que procurar um curandeiro."

E que o pai fez? Chamou um curandeiro que morava nas Cordilheiras do Andes, ele veio, o nome dele era Emílio, ele veio e deu uns banhos de ervas. Eu estava junto com a minha irmãzinha. Nossa! Depois daqueles banhos ela dormiu como um anjo; ela não dormia, eu vivia com ela nas costas porque ela chorava muito, muita febre, ruinzinha. Depois desse banho ela sarou, sarou, ainda chegou a ir para escolinha. Eu quase não ia para escola porque a partir do momento que a minha mãe morreu, eu que fazia a parte da mãe em casa.

O meu pai comunicou a minha família de que a gente vinha para cá, ou seja, falou para os cunhados dele, irmãos da minha mãe. "Bom, eu já estou decidido ir-me, conversei com meus filhos e nós decidimos ir para o Brasil." , "O que? Ao Brasil?" Meus tios começaram a rir... "Não Victor, como você vai levar eles? Você não conhece ninguém, mesmo assim, você não consegue entender o português; a Espanha, todavia, seria o mesmo idioma, mas como vai ser no Brasil? O que vai ser de meus sobrinhos? Não, se você quer ir, você vai sozinho e depois você vem buscar os meninos porque sabe Deus como será por lá? Não conhece nada, não tem a ninguém." Aí o meu pai falou: "Não."

Porque ele tinha prometido a minha mãe de que não ia desfazer dos seus filhos, não ia abandonar nenhum deles. Minha mãe falou para ele antes de morrer que ele 'não se faça de madrastra para os filhos'; de que não abandone, onde ele for esteja junto com as crianças. E assim ele falou: "Não, eu não vou deixar nenhum." Meu tio falou: "Não, a Marta pode ficar comigo e o Demétrio com José." Que ele era irmão da minha mãe, e meu pai: "Não, sinto muito, mas eu prometi a Hilda Castillo de que não iria me desgrudar dos meninos."

Pronto, lá fizemos os passaportes da família... E o dinheiro que ele me deu eu guardei, ele disse: "Lembra que eu falei para ter cuidado com o dinheiro." Nós tínhamos uma fotografia grande de meu avô preto e branco bonita na parede. E atrás dessa foto havia um buraco do tamanho de uma caixa também de sapato, um buraco todo encapado e a foto em cima. E eu, para a segurança, guardei o dinheiro

dentro do quadro e coloquei na parede. Qualquer um olhava e não sabia nada, quadro é quadro, né? Havia muitos quadros iguais... E esqueci onde guardei o dinheiro, brincando, cozinhando, lavando, indo para escola, esqueci por completo.

No dia que chegou para pagar a documentação e comprar as passagens, pagar o passaporte papai falou assim: "Já está tudo adiantado, eu quero o dinheiro, onde está o dinheiro? Eu quero o dinheiro; eu dei para você guardar, onde está?" E agora, quem disse que eu lembrava onde estava o dinheiro. "Se não aparecer esse dinheiro vão apanhar os três." Que lá era assim: por um pagavam todos. Tanto em casa, qualquer um, como em qualquer família, como na escola, na escola também era assim. Por um que fazia bagunça pagava a classe inteira. A classe inteira ficava de castigo por causa de um.

Se for para ficar de plantão, todos ficavam de plantão. O plantão era ficar em pé virado para parede com as mãos lá em cima e um pé em cima da cadeira... De plantão, de castigo na hora do recreio; todo mundo passando, repassando e tirando onda com tua cara; isso se não davam o castigo maior de colocar duas orelhas grandes e te colocar numa esquina do pátio escrito "burro"; aí, eu queria morrer de vergonha... Então, era difícil acontecer isso porque todo mundo estudava, se dedicava... E assim, eu chorei tanto nesse dia. "Amanhã eu quero." Mais eu procurava nessa casa e nada... "Meu Deus, onde coloquei, onde guardei, vai ver que entrou alguém e você estava brincando e achou." Eu me ajoelhei e pedi para minha mãe. "Ai minha mãe, me ajude na busca do dinheiro de mi papa, ele vai matar-me, ele vai me matar." Não sabia onde havia guardado, quando olhando para cima vi o meu avô num retrato: "Ah! Sei onde está." Fui correndo no retrato do meu avô e tirei o quadro e estava do jeitinho que eu tinha deixado. Não via a hora do pai chegar para entregar para ele. Aí ele chegou e entreguei o pacote e ele: "Donde estava?" , "Estava aqui." Ele separou o dinheiro e vendeu tudo que nós tínhamos... Tanta coisa boa que nós tínhamos em casa. Ele se desfez da casa, se desfez dos móveis, se desfez das louças, ficou só com a mala e as crianças na mão.

Da casa eu retirei e trouxe uma *espiriteira*, trouxe querosene, trouxe pratos, garfos, trouxe panos, toalhas, roupas para a estrada. Bem, adivinhei que iríamos precisar, fui uma advinha. Por que na Bolívia os mais velhos sempre falam: "Quando tens que viajar, só não leve a casa porque não dá para levar, porque para alguma coisa você vai precisar, alguma coisa. Tem que se prevenir, uma boa viajante tem que prevenir. Tem que levar elástico, linha, agulha, porque às vezes tora até o elástico da calcinha e precisa ter com o que costurar". E assim, trouxe tudo, era maiorzinha. Já tomava partido de tudo; dito e feito...

Pegamos uma maria-fumaça, só que antes quando fomos à imigração para fazer os passaportes e para carimbar, naquela época eles perguntavam para gente "Está indo de turismo ou permanente?" Então, você falava se era de turismo, carimbava turismo, se era permanente carimbava permanência. Era bom naquele tempo e hoje é ruim. Papai falou assim: "Permanente". Aí disse que o homem que tava fazendo os papeis olhou para ele: "Como permanente? Você vai e nunca mais vai voltar?" , "Sim, pero sabe Deus quando, mas estou indo, estou decidido." Aí ele carimbou permanente e tirou a fotografia dos três, dos quatro, preto e branco e colocou no passaporte. Hoje esse passaporte está na mão dele e o cupim está comendo, está cheio de buraquinho, quando me lembro fico rindo...

Fomos embora, custou para chegar em Santa Cruz, estávamos a caminho, na fronteira e no meio do percurso o trem quebrou, uma peça saiu. Era Maria fumaça a base de lenha. E quebrou no meio do mato, a peça saiu do lugar chegando em Santa Cruz, do lado dos cruzeños, ainda era Bolívia, mais uns dois dias. Levamos um mês de viagem, um mês para chegar à fronteira, um mês por quê? Porque com essas paradas que teve, esse trem parou no meio do mato por mais quinze dias, a alimentação terminou e o que quê nós fazíamos? Eu ia para mato.

Andando pelo mato encontrei galinhas ciscando, aí eu falei: "Por aqui tem gente." Havia uns selvagens, a gente chama de guaranis, selvagens de Santa Cruz,

índios... E, aí eu fui entrando mais para dentro, aí encontrei, compramos mandioca. E como eu tinha espiriteira, nós estávamos num vagão de carga porque o vagão de passageiro estava lotado e não tinha espaço, não tinha onde você fazer as coisas. Então o vagão de carga era como se fosse a casa, parecia um cômodo vazio, cheio de redes, onde as pessoas deitavam em redes, outros passageiros lá embaixo. Nossa! Era incrível.

Eu coloquei a mandioca na panelinha, o pai foi buscar mandioca no meio do mato, eu estava com querosene; estava trazendo querosene, acedi a minha espiriteira com querosene e cozinhei para os meus irmãos, para o meu pai e para mim dentro do trem durante uma semana. Comemos mandioca, tomamos leite moça, comemos batata doce, milho, banana; o que ficava no mato, né? Comemos tatu, carne de macaquinho, carne de cobra frita à milanesa, sim, à milanesa; havia farinha que a gente comprou, passava na farinha e fritava com manteiga.

Um dia eu levantei cedo dentro do vagão, todo mundo levantou. Levantei para se lavar, se benzer, estava no meio do mato, havia que andar um pedaço no meio do mato, e havia tipo um pilar, tipo uma cachoeirinha no mato; tinha umas folhas que descia água. A gente ia buscar água com uma garrafa. Quando eu estava chegando lá, eu vi uma cobra, uma cobra verdinha, verdinha, aí eu lembrei o que a minha mãe dizia; ela dizia que lagartixa verde, sapo verde e cobra verde era sinal de sorte. E eu vi uma cobrinha verde. Aí eu fui atrás dela, da cobra. Ela fazia um barulho: "chi, chi, chi."

Foi-se no meio do mato e eu atrás dela correndo para pegar, né? Não era grandona, era pequena. Fui colocar a minha mão em cima da pedra onde estava descendo água, para dar com a outra mão com a garrafa e peguei na calda da cobra, ela se enfiou embaixo da pedra que estava descendo água. A água descendo e eu pus a mão e essa entrou.

Quando eu coloquei a minha mão em cima da pedra, não havia percebido que tinha um objeto estranho em cima da pedra. Coloquei a mão em cima de um moedeiro, estava na cara que era dinheiro aquilo lá e um caderninho pequenininho de contas. Quando eu coloco a mão, eu olhei para isso aí, eu peguei "De quem será?" Não ia adivinhar quem tinha esquecido esse caderno com dinheiro lá. Alguém que foi e esqueceu, e eu peguei este dinheiro, peguei água e voltei correndo para o vagão. Falei para meu pai: "Pai, encontrei esta carteirinha ali num moedeiro." Meu pai pegou e havia uma moeda de prata, havia uma quantia de dinheiro que dava para pagar passagem de avião. Aí ele falou assim: "Alegria de quem acha e tristeza de quem perdeu." Não tinha nem nome, nem nada, só tinha contas.

Então, acreditava-se que esse dinheiro e essa cadernetinha eram de algum comerciante, de alguém que fazia comércio e que estava indo para fronteira, para a Bolívia e vice-versa. Com esse dinheiro chegamos à cidade de Santa Cruz dali pegamos um avião, só que o avião não era esses aviões de agora, era um avião, aqui chama tico-teco. E nós chamamos avião de guerra; todo camuflado, não era de passageiro, só levava soldados e munição. Tanto que para não ficar pesado, um lado menos pesado que outro, nós dividimos. Dois ficavam amarrados do lado dos meus irmãos e dois desse lado e eu lá no meio junto com a bagagem.

E viemos parar na fronteira nesse aviãozinho com aquele dinheiro. A moeda eu ainda tenho porque eu mandei fundir, fiz um anel em forma de cata vento e um par de brincos que eu tenho até hoje; caiu uma pecinha e tive que mandar soldar. Sei que deu para fazer isso, mesmo porque, ainda usei essa moeda para os meus filhos. Usei como? Porque no hospital eles cortam muito grande o umbigo... E colocavam em cima do umbigo para que quando o bebê chorasse, o umbigo não saísse para fora, e com o tempo não ficasse muito para fora. Então, para não acontecer isso, eu passava a moeda para afundar. Eu usei isso, por incrível que pareça. Tudo que a minha mamãe disse eu fiz ao pé da letra, eu faço, fazia. E depois eu mandei fazer o joguinho.

Chegamos à Corumbá. Em Corumbá não tinha táxi, os táxis eram charretes de cavalo. Andamos de cavalo, a gente nunca tinha andado a cavalos em charretes antes... Compramos passagens para trem, aí era um trem; uma Maria Fumaça, só que era bem mais rápido do que o nosso trem de la muerte porque o nosso trem era o trem de la muerte; aquele vinha mesmo, nossa senhora!. Aquele vinha como se você estivesse vindo a pé no meio do mato, sem flecha, sem nada; você tinha que abrir trilha, assim ele vinha... Agora esse daqui, o trem daqui ele vinha, mas ele vinha pelo meio do Pantanal, no meio do Pantanal.

Então você via os jacarés, um maior que outro, via os macacos de longe, você via uma poção de aves, você via muita ave. Às vezes quando eu vejo assim algumas novelas eu lembro. A trilha vinha por cima de, não fala córrego, você vê água com pedras, e ouvia chi, chi, chi... Você dizia: "mais que bonitinho." Aí eu entrei, entramos ali e pela primeira vez eu vi gente de cor. Nunca tinha visto gente de cor ao vivo. Se bem que na minha família tem porque eu sou *de los yungas*, de lugar cálido; nasci em La Paz, mas fui crianda em Los Yungas, meu avô é Yungueño, de lugar cálido, de onde vêm os negritos. E aí? Por isso, os Caporales vêm de lá, que é um tipo de dança que mistura elementos da cultura indígena e crioula. Porém, não conhecia a minha família toda; nunca fui à cidade que eles moravam, só cheguei a conhecer o meu avô, do meu avô para casa, mas assim, não conheci a fundo toda minha família, principalmente, a família de meu pai. A família da minha mãe era grande e do meu pai era pequena.

Foi assim que chegamos a Bauru, no Estado de São Paulo... Cheguei em 1960, meu pai disse que nós chegamos 1959, mas acho que saímos nesse ano. E os papéis foram feitos em 1962, parece, a carteira funcional, a identidade; naquele tempo não era RG, era Modelo 19 para os estrangeiros, encadernado. E o que acontece? Nós chegamos no Hotel Federal Paulista na estação da luz, quando vejo hoje em dia que ele está em ruínas, dá uma dó. Parece que vai ser tombado esse prédio; eu estou pedindo a Deus que eles não tenham que demolir. Eu falo: "Se eu tivesse dinheiro comprava para morar dentro para eles não demolirem."

Naquele tempo, quando nós chegamos era o tempo de São Paulo da Garoa; estava garoando... Lembro até hoje que não desgrudava os olhos de uma família, era um casal com a sua menininha de cor; a menininha vestida de branco com um lacinho na cabeça, aquele cabelinho todo arrumadinho; falam cabelo ruim. O cabelo era todo crespinho e amarradinho com as marias-chiquinhas, laço branco, vestidinho branco; o pai usava um terno de linho cor de rosa com uma camisa por dentro. Não sei se era linho, a história era que tinha babado nas mangas e na tela da camisa, na parte da frente da camisa, e usava chapéu. Parecia aquele da fotografia de quando decidimos vir embora para cá. Assim, um chapéu com o terno, só que aquele estava dançando, esse aqui estava de viagem. Fiquei admirada com aquela pele, eu olhava para aquela criança, para aquela mãe, aquele pai, aquela pele escura, eu pensava: "Será que no Brasil todo mundo usa esse tipo de roupa?" Hoje lembro e fico rindo de quando era menina...

As pessoas falavam e eu não entendia nada, óbvio, estava chegando aqui pela primeira vez. Não entendíamos nada, nada, nada, nada e também não entendiam a gente. Agora entendem, as pessoas estudam, tem muitos que vão para fora do Brasil, muitos que ficam morando fora por um tempo. Hoje dá para entender, mas naquele tempo ninguém entendia ninguém.

E chegando a São Paulo saímos à procura de um quarto e encontramos uma placa: "Aluga-se para rapazes solteiros, para família sem filhos." E o dinheiro?... O meu pai tinha um radinho portátil que ele trouxe, mas nessa época teve que vender para o mesmo dono da casa... Ele falou: "Eu vou deixar isso aqui como prenda e vou procurar trabalho." Teve que imediatamente arrumar serviço. Onde ele foi trabalhar? De ajudante de pedreiro. Para quem era carpinteiro, havia serviço de sobra; e a gente ficava em casa no quarto. Não era bem um quarto, era uma cozinha onde ele dividiu, era uma casa de cômodos; não queriam a gente lá... Para o meu pai ficar com esse quarto ele teve que me entregar para uma família

desconhecida de brasileira. E o meu irmão ele entregou para uma família que tinha uma gráfica de etiquetas de guaraná. Naquele tempo o guaraná era em garrafa de vidro, eles fabricavam etiquetas, o guaraná, era no comércio da Rua Guaianases onde ele ficava.

Ele trabalhava o dia inteiro e ia dormir no quarto. Eu e meu irmão ainda éramos criança, mas o dono nós pegou e falou para o meu pai que não podia alugar o quarto com crianças. A minha irmã, através de um, através de outro, aconselharam ele a entregar para o juizado de menor, a caçulinha, pequenininha... Ele entregou... Então ele teve que se desfazer dos filhos para alugar essa cozinha, não era quarto, era uma cozinha, mas estava escrito quarto; Ele dividiu o quarto, como um bom marceneiro que era.

Dormíamos na parte de cima e embaixo era sala e cozinha; a cozinha era bem pequenininha. Ali tínhamos que conviver, nós não saíamos do quarto para não estar incomodando. Como que a gente entrou? Um dia o meu pai encontrou com o dono da casa, o dono da casa era um português, procurou o meu pai para conversar. Meu pai conversou com ele e falou assim: "Olhe, eu tenho três filhos, está assim, assim, assado..." O fez entender, aí o português se comoveu e falou: "Não, pode trazer. Vou aceitar só as suas crianças, pode trazer."

Meu pai saiu à procura dos filhos e conseguiu encontrar a minha irmã, o meu irmão estava perto; a mim ele perdeu. Perdeu porque ele não sabia onde, me levaram para Embu. "Embu?" Naquele tempo Embu era só mato, ali era onde Judas perdeu e nunca mais achou as botas. E quem disse que o meu pai sabia onde era isso, e o povo também, muita gente não sabia. Papai perguntava: "Onde é esse Embu?" , "Não sei." , "Aonde é esse Embu?" , "Não sei." Custou me achar... Um dia ele me trouxe de volta para casa, já comecei a arrumar trabalho, fui trabalhar de doméstica com uns americanos. Moravam aqui na rua Tupi, perto onde eu moro; as vezes eu passo pela rua e lembro... E esses americanos eram novos aqui no Brasil, eles falavam mais em inglês do que português. Comigo os dois se entendiam. Eu ficava com as crianças, arrumava a casa, cozinhar, eu não cozinhalva porque eles que cozinhalvavam a comida americana. Aí eles resolveram ir embora e queriam me lavar porque eu me dava muito bem com as crianças deles; eu ensinado espanhol e eles me ensinando um pouquinho de inglês, já que não se falava português.

Perto de partirem, o patrão falou: "Vamos embora." Eles teriam que me entregar para o meu pai. Eles falaram: "Não, eu fiz passaporte para você. Aqui está o passaporte". Com fotografia e com tudo. "Olhe". Aí eu falei: "No, no lo haré. No, no, porque mis hermanos, mi padre? No, tengo que hablar con mi padre." Foram falar com o meu pai e levaram o passaporte para o meu pai. Meu pai ainda perguntou para mim: "¿Quieres ir?" Três vezes, "¿Quieres ir? ¿Quieres ir?" E as três vezes eu dizia que não; mas já tinha falado três vezes que não me mandava. E ia falar que não queria ir, que queria ficar com os meus irmãos, que o que ia ser de mim? Quando eu ia voltar de lá? "Não!"

Levaram o meu passaporte de lembrança e acabei ficando em casa; pagaram para o meu pai o que eu teria que receber e pronto, eles foram embora. Daí eu fui trabalhar no Bom Retiro como costureira; eu sabia que precisavam de ajudante. "Eu vou entrar como ajudante." Falava: "Eu vou entrar, vou me virar, nem que seja de graça, mas eu vou aprender." Aprendi, entrei e vi aquelas máquinas industriais. Eu falei "Meu Deus! Costurando a mão eu ganho pouco, sentar na máquina eu ganho mais; eu vou aprender a costurar na máquina". Quando elas não vinham no sábado, eu sentava na máquina delas, nem colocava a mão para não estragar.

Eu olhava a máquina e via um buraquinho, olhava e via outro buraquinho; aprendi assim, na curiosidade mexendo na máquina. Até que quando faltava alguém, que tinha máquina sobrando eu pedia para o dono da firma se eu podia sentar para praticar um pouco. "Pode?" , "Pode." Era italiano o dono. E assim com o tempo fui aprendendo por conta própria.

Aprendi primeiro na máquina overloc; quando saía dessa fábrica de roupas eu ia para outras. "Sabe costurar?" , " Sim." Sabia nada, nem para trás nem para frente. Mas para quê que era; era para praticar mais um pouquinho e assim em cada lugar. Mas nesse eu acabei ficando, porque já tinha pegado um pouco de prática; ali eu fiquei bastante tempo, muito tempo trabalhando... Pagamento? Era em envelope fechado para papai, nas horas extras era para mim... Assim foram crescendo os meus irmãos e eu.

Aí eu cansei com a costura e fui trabalhar como fotógrafa ambulante, havia uns slides que não custa caro. Chamavam-me de a moça do binoclito, do canudinho. Eu percebi que para esse ramo também tinha que ter muita competência, fui para o interior e levava roupa para vender lá, virei mascateira também, agora mudaram de nome e falam sacoleira. Ficamos morando nesse quarto um tempo, daí nós alugamos outro. Alugamos em Imirim onde ficamos também uma temporada, papai trabalhando também como fotógrafo; trabalhou uma temporada na Ligth que agora é shopping e quando eu vou lá eu fico triste porque modernizaram tudo. Ali era tudo tão lindo, era porcelana, era bronze, era isso, era aquilo, ferro, mármore, as peças vinham da Alemanha, Espanha, hoje está tudo detonado, tudo quadrado.

Trabalhava como fotógrafa de um lado e ele de outro, e fui para o interior, viajávamos muito para o interior. A gente cansou e vinha também trabalhar, deixava a máquina de um lado, a fotográfica e comecei a trabalhar em restaurante, ajudante para aprender a cozinhar, aprender a fazer comida. À medida que ia passando tudo isso a gente ia aprendendo, assim como, o português também.

Comprávamos jornal, comprávamos dicionário para ver se realmente era aquilo. Muito desconfiados, não confiávamos muito nas pessoas. Papai dizia: "Nunca me confie em estranhos." E até hoje sou desconfiada. Então, será que é assim? Será que é assado? Para ter certeza pego o livro, o caderno e escrevo, desenho, era assim que a gente ia tendo certeza e segurança das coisas. E sempre escutava conselhos dos mais velhos, nunca conselhos dos mais novos porque conselho dos novos não é bom, só o conselho dos velhos. Por quê? Porque tem experiência da vida, são mais vividos e isso também quem dizia era minha mãe. Eu era pequena com seis anos e ela já falava, e tudo que ela falava, hoje tiro de letra.

Uma vez estava trabalhando de doméstica e uma moça bonita: "Ah! Porque você trabalha aí? O que você ganha em um mês você pode ganhar em horas, você é bonita, tem cabelos compridos, morena..." Estava eu com dezessete ou quinze anos, os cabelos até aqui na cintura pretinhos, bonito. Não é bonito agora, porque os anos vão passando e gente vais se transformando. Aí ela falava: "Menina, se você for comigo para estrada, você vai ganhar rapidinho e não precisa ficar lavando privada de ninguém, limpando cozinha de ninguém. Amanhã eu venho te buscar." , "Tá bom, que horas?" , "Tal hora" Eu fui? Até hoje ela está esperando, nem passava por perto porque eu sabia que o que ela iria falar...

Eu ficava imaginando... Como eu vou sair por aí com essa mulher desconhecida, e vem falar para mim que vai ganhar em pouco tempo andando, como que ela falou? Com caminhoneiros, andando com motoristas... Eu falei: "Não, eu prefiro ganhar o meu pão e água honestamente." E nessa semana nem aparecia mais, nem andava por onde ela andava, nem passava perto, cortava caminho, fazia outro caminho para não me encontrar.

Já as pessoas mais velhas não falavam isso, falavam: "Olha, você toma cuidado, cuidado com isso, cuidado com fulano, cuidado com sicrano." Então, dessa maneira eu também me cuidava. Na época trabalhava e minha irmã foi para escola, meu irmão também foi pra escola. Juntamos um dinheiro e compramos um terreno no João XXIII, um terreno grande. Ali também era mata fechada, hoje já tem muita construção. Minhas irmãs tiveram as casinhas dela lá. Ah, papai casou novamente no Brasil. Depois que eu completei vinte dois, vinte quatro anos. Ele casou na Aparecida do Norte e desse matrimônio teve duas meninas, Arlete e Haidee. Quando ela ia completar a minha irmã Arlete ia completar quinze anos, faltando

quinze dias, morreu minha madrasta e me deixou as duas para acabar de criar. Papai ficou viúvo pela segunda vez e já não casou mais.

Hoje ele está com noventa e dois anos. As minhas duas irmãs casaram e têm família, mas aquela irmã que veio da Bolívia pequena ela é solteira. Ela é quem fica com o meu pai mais tempo do que as outras. E eu também fiz família e vim morar em Santa Cecília, a cada quinze dias eu vou lá vê meu pai. Eu andava muito só aqui, me sentia sozinha, às vezes encontrava os patrícios, hoje em dia têm muitos bolivianos e temos Praça Kantuta.

Naquele tempo, eu já estava há mais de vinte anos no Brasil e não comia a comida boliviana. Quando alguém ia para lá: "Ah! Você vai trazer isso para mim, traz aquilo para mim". Eu lembro de uma vez quando fiquei grávida do meu terceiro filho, fiquei com vontade de comer *papalicia* que é uma batata especial. E essa batatinha tem vários pontinhos vermelhinhos, parece sardentinha.

A batata tinha o cheiro de terra molhada, ficava com água na boca, pegava um punhado de terra na mão, isso grávida, fuçava a terra para sentir aquele cheirinho; fazia de conta que eu estava comendo aquela batatinha. Eu dormia e sonhava que tinha alguém vendendo cozido com batata, olhava para os lugares e via batata, olhava a Rua Consolação e via alguém vendendo batata e pensava: "Nossa, ali tem uma mulher vendendo, eu vou comprar!" Acordava comprando batata. Aí um dia viajou um patrício e falou: "Estou indo para a Bolívia.", "Aí! Pelo amor de Deus, você traz batata para mim, nem que seja uma, nem que seja um kilo, uma na bolsa. E quando você voltar você chega aqui em casa, não vai para o outro lado, vai trazer pão também".

O pão feito na Bolívia é diferente, a massa é diferente, é branquinha. "Não vai chegar bem o pão, em véspera de viagem.", "Não faz mal, pode chegar verde, mas eu quero esse pão." O moço viajou para Bolívia, demorou uma semana de ida e outra semana de volta. Atualmente essa viagem é feita em quatro dias de ida e outros quatro dias de volta, mas um tempo atrás demorava uma semana para ir e uma semana para voltar. E assim ele matou meu desejo trazendo aquelas batatas.

Nessa época conheci o Marcos e fiz família. Conheci Marcos solteiro, livre e independente feito um passarinho... Nos juntamos e pronto, tivemos uma filha, dois, três; hoje estão todos adultos, incentivamos a estudar, tanto que os cinco são universitários. Agora eu estou com sessenta anos e ele com sessenta e cinco, sessenta e sete. Ultimamente a gente anda na pastoral, anda sempre com patrícios, a vida mudou bastante. Ele veio para o Brasil jovem com vinte anos... A vida dele foi dura. Porque ele veio com amigos, não veio como o meu pai, que veio com a família, veio com amigos. Ele fala assim: "Acabei ficando por alegre, porque a minha pretensão era sempre voltar." Ele pensava em voltar. No fim, acabou fazendo família e ficando por aqui. E agora não sei como será daqui para frente.

Eu vou levando, trabalhando, cuidando de filhos, cuidando de netos... E cuidando da saúde também, porque agora os anos vão passando e a gente vai junto. Eu gostaria que o tempo parasse, estacionasse; seria bom quando a gente chegasse aos cinquenta e estacionasse, o tempo passa muito rápido. Mas queria que estacionasse com toda a experiência que a gente tem. Eu sempre trato de passar para outras pessoas, para outros patrícios, trato de colaborar, trato de orientar...

Não ajudo financeiramente os bolivianos porque não dá, não posso; mas procuro orientar, explicar, ensinar, ajudar, indicar. Dou dicas de saúde, dicas de onde melhor comprar remédio, falo para terem cuidado, sempre recomendando para que não passem o que eu passei. Se bem que no meu tempo não tinha gente que queria te enrolar, como hoje tem. As pessoas naquele tempo eram mais sinceras, mais confiáveis...

Na época, ainda existia bondes, por isso quando eu entro no museu da CNTC às vezes eu choro de olhar para esses bondes e lembrar que já andei neles... Entrar naqueles ônibus antigos e lembrar que já andei neles; eles subindo a Avenida Angélica, eles andado na Marechal Deodoro, eles andando na São João. Nos anos

sessenta era outra coisa, o Brasil era tão lindo, muito mais bonito do que agora. As pessoas eram mais conscientes, mais família, mais sinceras.

Você podia falar tudo, ficar um dia, dois dias com o meu filho e você não tinha desconfiança, você sabia que essa pessoa ia cuidar, às vezes mais dele do que de si próprio. Podia falar: "Ela deixou para eu cuidar, sou responsável e vou cuidar". Hoje em dia não é assim, você deixa e vê o descuido, quando você vai ver se ele não aprontou com a criança, acontece qualquer coisa, por quê? Por que não cuidam; ou então são descuidados.

Naquele tempo era tudo diferente, eu estava falando do tempo do ônibus, o posto de saúde atendia quatro pessoas por vez, o governo dava latas de leite, pegava leite na Viturino Camilo, eu pegava quando eu ganhei os meus filhos e fiz pré-natal lá. Davam paras mães latas de leite, quinze latas, dez latas para usar no mês inteiro. Eles ajudavam, o governo ajudava; davam também enxoval, não era completo, mas davam; ajudavam, era muito bom naquele tempo, queria que voltasse, mas é difícil. Águas passadas não voltam mais.

A minha caminhada com destino ao Brasil foi cheia de detalhes. Tive muitas impressões ao chegar, muitas lembranças. No princípio dizem que eu chorava muito, meu pai conta. Que eu não queria ficar no Brasil: "Vamos voltar, vamos voltar." Eu estudava numa escola e não queria aprender o português, pai dizia que eu era arrogante, que falava: "Pois se quiserem que me entendam do jeito que eu falo." Pode uma coisa dessa? "Você é arrogante. Você não sabe falar, não quer aprender o português, sabendo que tem que aprender." Eu batia a perna e dizia: "Não quero, não quero, não vou aprender o português, vou falar espanhol, quem queres me entender, que me entendas, se no quieres me entender pois que no me itendas." Eu ficava falando...

Hoje ao lembrar dou risada quando contam a minha revolta em integrar e aprender. Eu batia o pé e ficava brava quando me insistiam a aprender o português. Eu não queria porque queria voltar logo, eu já tinha me enjoado, já tinha me cansado. Mas à medida que fui crescendo era óbvio que automaticamente, por obrigação, tinha que aprender, aonde eu ia era só português, não era como hoje que a cada passo têm um patrício para ficar falando espanhol comigo. Naquele momento, não tinha, se não era português, era alemão, se não era alemão, era italiano, se não era italiano, era hebraico. Tinha muito judeu na 25 de Março, Bom Retiro, muito judeu, português um e outro, chinês contava no dedo, num era como agora, Judeu até que havia mais judeu, mais que italiano, mais que alemão; japones também era contado, não havia muito japonês.

Era muito judeu, eu trabalhei muito para judeu, muito... Então a gente acaba atendendo um pouquinho, um pouquinho de outra língua, uma palavra de um, outra palavra de outro, assim, arrastava umas palavrinhas em italiano que eu achava um pouquinho similar ao espanhol... entendia duas ou três palavras do japonês, duas ou três palavras do alemão, ou então o francês, pois a minha irmã ficou um tempo trabalhando para os franceses, tanto que eles tinham uma menina chamada Milene Sueli, e achava esse nome bonito, e acabei colocando na minha filha como Milene Sueli, lembrei deles, Milene Sueli... E dessa maneira o nome da minha filha foi porque gostei do nome da filha deles, ficou Milene Sueli Pattiz Lavina, o nome completo dela é esse.

E naquele tempo também era assim, falando nomes, era tudo com M, M, M a família toda. A família toda tem Ms: Míriam, Milene, Milton, Maurício, Marco Aurélio, Marta e Marcos; todo os cinco são M. A mãe Marta com M, o pai Marcos com M também, a família do M. Na verdade, eu queria que fosse M e I nos filhos: Milene, Milton, né? Milo, Maurício Milo. E o último o Marcos falou: "Não, agora sou eu que vou colocar." Aí ele colocou Marco Aurélio; não era para ser Marco Aurélio, eu tinha escolhido outro nome com M e I também.

Mas aí deixei esse para ele escolher porque seria tomar muito a dianteira, mas ele escolheu o Marco Aurélio, e ficou Pi, eu chamo ele de Pitoco, Pitoquinho, meu Pi. Os irmão o chamam de Pi, Pipinho, Pipo. A Milene de Mi, a Míriam também

Mi, e assim são os cinco. Os cinco eu criei, os cinco eu tratei de dedicar aos estudos, sempre estudando, sempre... Sempre embaixo dos meus braços, eu não deixava eles namorarem, eu não deixava eles em balada, eu não deixava eles em rodinha em porta de escola, eu não deixava eles irem para cinema, tudo era estudar, estudar e estudar. Por isso, acho, que eles acabaram entrando para USP os quatro porque já tinha estudado muito.

Em casa não se fala palavrão, em casa não se responde mãe e pai, em casa você não tem que olhar para pai e mãe feio, em casa você não pode se intrometer no meio dos adultos, embora hoje eles sejam adultos, mas estão acostumados, sabem que não se deve se intrometer na conversa de pai e mãe. Acabam de almoçar, obrigado mãe e obrigado pai, obrigado Milton, para quem estiver na mesa tem que dizer: obrigado. Leva a louça na pia; diz bom dia, boa noite pai, mãe eu tô saindo, pai eu tô saindo; eu posso trancar, não posso trancar a porta. Perguntam: "Os irmão chegaram?" , "Já chegaram?" , "Já.", "Então tranca." Criei eles unidos, eu não chamava assim: "Milene, vem aqui. Míriam vem cá que eu quero." Foram criados com regras e educação.

Hoje o meu cabelo está bem curtinho. Quando cheguei no Brasil em 1960 cortei tipo Joãozinho, eu usava um jaleco que eu mesma tinha que fazer na firma e falavam: "Por que? Você é João ou Joãozinho?" Dentro do ônibus era muito bonito, depois também tinha o corte Dicmaleão por volta de 1970: curtinho e batidinho atrás... Dicmaleão era assim, partidinho na frente e crumpidinho atrás... Isso eu comecei a fazer depois que eu vendi o meu cabelo... Eu tinha o meu cabelo cumprido e batia abaixo do bumbum, os fios inteirinhos, cabelo de índio, pretinho, cheio e pesado. Nossa! Aquilo lá faltava trezentos gramas para um kg quando eu vendi. E era pesado, era cabelo demais.

Vendi o cabelo e pagaram trezentos na época, trezentos contos ou cruzeiros. Porque quando nós chegamos estava terminando a moeda um conto, dois contos, três contos; depois foi para um cruzeiro, dois cruzeiros, três cruzeiros; depois veio para cruzeiros novos e assim sucessivamente foi mudando a moeda... Eu fui devolver os cruzados com o Sarney e agora estamos nos reais, que também já teve Real. Um tempo atrás teve o real, não sei se foi no período Sarney, ou na era Tancredo que ia ser o presidente e acabou morrendo e ficou o Vice-presidente, que seria o Sarney. E assim também vi os presidentes mudando, mas como eu não entendia nada de política, ou seja, eu dançava a música conforme o ritmo...

Nunca tomei briga com ninguém, sempre me dei bem com as pessoas, sempre agradei as pessoas, sempre me quiseram bem, como eu também; amigas eram contadas no dedo, mas amiga, amiga, amiga, contadas no dedo. Brasileiras, eu tive duas como amigas, uma inclusive foi embora agora para Santos depois que a minha filha mais velha casou, ela foi embora para Santos e não a vi mais. E a outra faleceu, era de cor e alta esta senhora, Dona Helena... Uma senhora de cor, ela tinha um filho, trabalhou muito tempo... Era ela que me dava conselho, a gente conversa muito. Dia de domingo a gente se encontrava às vezes no tanque de lavar roupa, lavava as roupas dos meus irmãos. Lavava a roupa da semana e a de ir para escola, a gente se encontrava no tanque e ali ela conversava bastante comigo...

O espaço para lavar roupa era coletivo, dois tanques para não sei quantas famílias e tinha que ir para fora do quarto para lavar roupa. Lavar, enxaguar e pendurar no varal. Eu fazia meu varal para não incomodar ninguém, o meu varal era bem grudado na janela do meu quarto... Nós estendíamos e, ali mesmo eu recolhia; então nunca gostei de fazer assim, de me colocarem em encrencas, sempre tratei de apaziguar tudo, facilitar tudo, contornar tudo, contornar tudo para não ter problema, nunca dei motivo para falar assim: "Dona Marta é assim, Dona Marta é assado". Prefiro ficar sem nada a ter que ficar me preocupando, a ter que está sendo apontada pelos outros... Comigo sempre foi ou tudo ou nada, é mais tranqüilo. Sigo nesse ponto sem meio termo.

Por isso, que às vezes eu não compro mercadorias porque só vou comprar quando tiver dinheiro, à vista. Não gosto de comprar à prestação porque você tem

que está quebrando a cabeça. O tempo passa rápido, e você comprando à vista, embora que demore, não faz mal, mas pelo menos acabou, acabou. Até ensinei os meus filhos também assim... Se bem que agora está tudo liberado. A Milene tem cartões, faz compra, ela sabe, ela trabalha e ela sabe de onde vai tirar para pagar, ela sabe que até onde está o limite. E sempre que posso, faço, não pode, não faço. E assim eu os criei os cinco filhos; agora já estão adultos.

O Marco Aurélio está fazendo o último ano na USP em São Carlos; o Maurício está no meio caminho fazendo Artes Plásticas, a Milene terminou a graduação em Ciências Sociais na USP, o Milton está terminando Letras; a Míriam terminou, se formou, casou e mudou, fez contabilidade, casou e agora mora em Campinas. Eu tenho um neto dela que está com dez anos...

Na Bolívia eu estudei até o quinto ano porque depois a minha mãe morreu. E naquele tempo era assim, a mulher só precisava ler e escrever e não precisava mais nada, o resto da escola dela era tanque e fogão. Então, como ela morreu passei a ser mãe, irmã e esposa do nosso pai. Por que eu que lavava roupa, cozinhava, lavava os ternos, engomava; com sete e oito anos eu já tinha que ficar engomando camisas. Tinha que saber dobrar meias, para homens se dobrava de um jeito, para mulher de outro jeito, lenços também, se usavam muitos lenços; para homem tinha que ser dobrado de um jeito e para mulher de outro jeito. Passei a ser uma dona de casa. Uma dona de casa com pouca idade, por isso, eu digo que eu não tive infância, minha infância foi no trabalho.

Na juventude brinquei muito pouco, depois que mãe faleceu não brincava com mais ninguém. Eu já cozinhava, levantava cedo para cuidar do uniforme dos meninos para poderem ir para escola. Ainda estudei mais um pouquinho depois que ela morreu, mas depois que terminou o ano não fui mais.

O meu avental era branquinho e pregueado, pois precisava usar avental na escola. O avental tinha que ficar bem passado, bem limpinho e a gente tinha que está com o cabelo limpinho sem nenhum fio fora do lugar. A fita do cabelo da gente tinha que está impecável; não podia deixar ninguém passar a mão no teu cabelo e nem nada. Não podia passar a mão na fita porque podia estragar. Você tinha que sair de casa e voltar do jeito que você saiu, cuidar da roupa e não sujar, não amassar. Para sentar você precisa saber sentar para não desmanchar as pregas, ou você pegava e arrumava as pregas para ficar certinha... A roupa era engomada com anil, aqui também se usava anil quando cheguei, usava como uma pedra de carvão, eu lembro muito disso aqui, pois cheguei a ver as domésticas, senhoras de cor, usando ferro de carvão, com carvão em brasa.

Era muita trabalhadeira, muito trabalho... A gente tinha roupas que não precisam passar, passando pela porta já estava bom... Quando você passa pela porta dobra bem a saia e segue em frente, agora têm tecidos que você precisa passar. Tinha que saber passar a camisa, dobrar a camisa, passar a calça e o terno. Não podia passar com o ferro direto, sempre com um pano úmido, para não ficar aquele brilho, porque aquele brilho dá a impressão que ele está brilhando de sujeira... Então não podia, a gente aprendia isso com o alfaiate, os alfaiates passavam sempre com o pano úmido, passar roupa com o pano úmido, dobrar bem e passar uma vez só para não ficar fazendo três ou quatro riscas. É uma vez só e deixar impecável como se estivesse limpa, como se estivesse saído da loja naquela hora.

Agente com cinco, seis, sete anos já tinha que saber muita coisa. Imagina, com doze ou treze anos ser uma dona de casa. Como era aquele tempo? Só podia se falar em namoro quando estivesse maior de idade, só podia fumar quando estivesse maior de idade, não podia chegar em casa cheirando a cigarro, Deus me livre! A mãe te fazia comer o cigarro com fogo e tudo... Na Bolívia as mães eram bravas, não sei se aqui era assim, mas lá eram bravas e era muito melhor.

Eu me lembro das vizinhas que tinham filhas moças, nossa, se chegasse fora do horário dez minutos, era uma briga; porque era assim que falavam: "Mãe, eu vou sair." "Que hora você vai chegar?" , "Dez horas." Tinha que ser no horário,

nem um minuto a mais e nem um minuto a menos; se você chegasse um minutinho a mais do estipulado, nossa, você escutava três dias e três noites sem parar e calada porque se você respondesse com certeza você comia dois dentes, entendeu? E isso era triste, além de feio, a mãe ficava de mal de você, ficava sem falar, ficava mesmo sem falar. Então, para evitar tudo isso você tinha que aprender, queiras ou não queiras, desde novinha.

Não é como agora que fazem o que querem, vão aonde querem, voltam à hora que querem. Se antigamente alguém respondesse a mãe apanhava, hoje batem na mãe, matam a mãe. A coisa mudou. E naquele tempo não, tinha que saber respeitar e tinha que ser respeitado também... Para nós era assim, a partir do momento que era casado o respeito é em dobro. Ele podia ser novo, mas já era Dona, Dom. A gente passava a ser chamado de Dom e Dona, mesmo que ela tivesse dezessete anos.

Lá era difícil alguém com essa idade está casado, só se casava quando estivesse maior de idade, namorar, só maior de idade, por quê? Por que se você falasse com quinze ou dezesseis anos "eu quero namorar" o quê que acontecia? A primeira coisa: "Você sabe lavar? Você sabe passar? Você sabe cozinhar? Você sabe como economizar? Você tem profissão? Por que se você não tem profissão com o que você vai sustentar a tua família? Quem pensa que vai sustentar tua família? Quem você pensa se apoiar?" Era a resposta que você recebia quando perguntava, então, você não podia. "Você não sabe nem limpar o nariz, como você está falando em namorar." Era briga, você não podia falar, só podia falar quando você já estivesse praticamente formado, quando você soubesse de tudo, quando estivesse maior de idade.

Era assim que os pais tinham que falar. "Eu gosto de fulana.", "Vai chamar sua mãe, seu pai". Eu penso assim, cheguei a fazer isso com minha filha que estava com vinte e três anos. Estava querendo namorar, inclusive, foi com este com quem ela se casou. Com dezoito e dezenove anos ela trouxe o Andrés, ela falou que gostava dele e ele também. Aí eu o chamei, ele já era maior e falei: "Você deve ter mãe e pai porque você não caiu do céu. Você trás a sua mãe e seu pai para pedir ela em namoro." Foi com a minha filha Míriam.

Ele trouxe o pai e a mãe e pediu ela em namoro, falei com os pais dele, falei para ele: "Olha, você conheceu a Míriam na faculdade, no colégio e com família, com pai e mãe e irmãos; tem a quem dar satisfação, né? Então, eu não quero que você confunda com qualquer menina que se encontre por aí, não é uma menina solta, não mora em pensão, não mora em hotel; tem família, irmãos, pai e mãe; então tem a quem dá satisfação. Quer namorar? Pode, mas tem horário, vai ser aqui e se vai sair lá fora, mas tardar onze horas tem que está em casa. Se quiser muito bem, se não quiser a porta está aberta."

Dito e feito, ele não foi, não levou, ele saiu chateado quase chorando... Depois chegou o dia do casamento na Igreja Santa Cecília. Ele encheu a boca e disse "Agora eu posso encher a minha boca e falar, minha mulher, minha sogra." Foi engraçado, os amigos dele da faculdade começaram a rir...

Ele estudou na FATEC, se formou lá e também era isso que eu andava exigindo dele. Eu queria saber como ia sustentar, como iria ser. E como eu sabia de ante mão que estava estudando, ia se formar, eu relaxei. Às vezes quando eu me lembro dele, no fim ele acabou fazendo tudo direitinho... Quando teve a reforma da Pinacoteca, ele foi como engenheiro e o Milton foi junto de ajudante, foi lá aprender também um pouco a fazer construção civil, ele faz plantas, o Andrés. Era um relacionamento que tinha segurança. Tanto que ele está sustentando a família com isso. Trabalha em firma grande e sustenta a Míriam com isso.

Depois que casou foi morar lá pela vila Carrão e da Vila Carrão foram morar em Campinas. A princípio ele ia todo dia e voltava, mas era muito puxado; depois acabou indo e ficando uma semana, e vindo ver a Míriam; ela estava aqui. Ela e o neném acabavam ficando só a maior parte do tempo, um perigo. Aí ele pegou e resolveu alugar uma casa lá, e falou: "Você tem que mudar para cá, num vai dar."

E acabou levando a Míriam para lá... Ontem ele estava aqui, ele veio correndo, veio me deixar os papeis e foi embora, ao chegar lá ele ligou, logo no dia que cheguei, que eu sempre falo: "Quando chegar me avise." Para não ficar preocupada na estrada e acontece tanta coisa na estrada, eu fico preocupada, e ligou: "Eu já tô aqui." Eles ficaram esse dia aqui e daqui uns quinze ou vinte dias, estão voltando, eles vieram passar a páscoa porque o pai dele também está aqui. Então, ele vem ver o pai dele também.

Quando era jovem não era muito de freqüentar festas ou sair, minha vida em São Paulo foi trabalhando, muito trabalho... Conheci o Marcos aqui através de uma patrícia. O Marcos ia visitar muito essa minha amiga, ela estava morando na Parada Inglesa e nós nos conhecemos. Ela tem a casa dela próximo ao metrô; quando veio para São Paulo tinha saído de um orfanato... Ela morou em pensão de freiras, ela se criou em colégio de freiras...

Por que na Bolívia também era assim, quando pai e mãe viam que o filho ou a filha de sete anos em diante iria dar dor de cabeça: não querer estudar, ter uma queda, a primeira coisa era colocar em internato, colégio interno, pois lá você aprende tudo. Aprende a cozinhar, lavar, passar, tudo na escola mesmo com as freiras; as freiras são muito brabas; você tem que passar roupa até sem ferro... Você tinha que costurar sem agulha... A história é que você tinha que costurar, tinha que entregar costurado, você tinha que aprender a se virar desde pequena... Você não podia falar: "Eu não posso, não dá, muito menos não quero." Então, não podia falar "Ah! Não posso; Ah! Não dá, não sei como é que eu faço, muito menos não quero." , "Não sei." , "Não existe isso." , "Não sabe? Aprende." Ninguém nasceu sabendo, todos vamos aprender de uma maneira ou de outra nós aprendemos, errado ou certo, nós aprendermos. E isso está certo, isso é um dito realista.

Quem que nasceu sabendo alguma coisa? Ninguém. Então, à medida que vamos vivendo, vamos aprendendo de uma maneira ou de outra, ou certo ou errado nós aprendemos, agora cabe a gente aprender a coisa certa desde o princípio. E não aprender coisa errada, como eu aprendi na minha adolescência. À medida que o tempo passa, também fui aprendendo muita coisa errada; descobri muita coisa errada, mas cabia a mim executar, querer fazer o errado ou o certo, eu sabia que o errado era um caminho e o lado certo era outro... Sabia que se não fizesse a coisa certa ia acabar terminando mal, por quê? Ia fazer o mal não para os outros, mas para si próprio. Então, a minha adolescência foi sempre lembrando, sempre procurando ver o correto, sempre procurando a honestidade, principalmente, levar adiante a força...

Eu me criei praticamente sozinha quando criança, não tinha mãe e num tinha pai, porque o meu pai saía de manhã e voltava só de noite, então, eu não tive pai acompanhando o meu crescimento. Tudo que eu fazia era por minha cabeça, a minha cabeça era o meu guia. Era consciente porque punha em mente os conselhos dos outros, dos mais velhos, da minha mãe, das vizinhas que tive no Brasil... Sempre procurei fazer o que era certo para não sofrer.

Se você faz durante a sua vida toda coisa errada, não é pros outros, quem sofre é você mesmo. Então, para evitar isso eu tenho sempre que fazer a coisa certa, né? Fazer as coisas certas, corretas, coerentes, com consciência, não fazer o mal, desejar o mal porque um dia ou outro quem acaba pagando esse mal é você mesmo. Então, como tem aquele ditado: o feitiço acaba virando sobre o feiticeiro... Sempre pensando no bem de um, no bem de outro, procurar facilitar as coisas.

Quando era menina, eu procurava facilitar para mim, procurava não incomodar ninguém, me virava de um jeito ou de outro, tinha que conseguir fazer, pelejava até conseguir, até conseguir, sabe? Você vai insistir até conseguir aquilo que você está fazendo. "Ah! Não dá certo." , "Vai dá certo, está errado; desmancha e faz de novo, desmancha e faz. Uma hora vai acabar acertando." Você acerta uma vez, sempre você vai acertar. Mas o problema é você começar, uma vez começado, pronto. Porque tudo tem começo e fim, tudo nessa vida tem começo e fim,

incluindo nossas vidas. Hoje estamos vivos e amanhã, pode acabar a vida. A gente procura observar, se cuidar...

A partir do momento que você passa a ter família, responsabilidade, você já não pensa só em você, você pensa também na família. Por que às vezes você diz: "Eu não queria morrer, meu Deus, não quero morrer, quero morrer depois que toda a minha família morrer." Coisa de cabeça, coisa que não vai acontecer. Mas já acontecem muitos casos onde: "Morreu todo mundo e acabei ficando sozinha." As pessoas falam que não tem ninguém: "Minha mãe morreu, meus irmão também morreram, eu estou só." Quantos vezes escutei pessoas dizerem que ficaram por último. E aí o quê que vai falar? "Ah! Eu não tenho quem chore por mim, também não tenho quem chore por mim." Também é triste esse fim e como tudo tem seu fim, esse tipo de fim também é triste. Eu acho que todo fim é triste, não tem fim feliz, alegre, eu acho que não existe, não existe. Todo o fim é triste, com dinheiro, sem dinheiro, rico ou pobre, né? Eu penso assim.

A felicidade é momentânea, como tudo é passageiro, como tudo tem começo e fim, é momentâneo, acaba sendo momentâneo. Acho que a gente tem que pensar bem em tudo que faz, como você está começando? Como você vai continuar? Como vai terminar? Que tipo de fim vai ter aquilo? Que lucro você vai levar? Que lucro você está deixando para quem, com quem, a quem? Então, a vida da gente tem muito para se pensar. Na infância eu pouco brinquei.

Quando era criança lembro que eu ganhei uma boneca, naquele tempo não tinha nenhum brinquedo e a que ganhei era de porcelana. Porcelana caiu quebrou. Então, me davam presentes uma vez ao ano, era natal e meu tio comprou um saco de bonecas, um saco, sabe esse saco de farinha? Farinha de trigo? Ele encheu e andou que nem Papai Noel na casa dos sobrinhos distribuindo presentes... Naquele ano ele comprou para as sobrinhas, ele não tem filhas, só tem dois filhos. E ele resolveu comprar bonecas de porcelana para cada uma das sobrinhas. Ele chegou para mim em casa, minha mãe ainda tava viva, chegou para mim e falou: "Eu estou dando essa boneca e daqui a dez anos eu quero ela inteira, assim como eu estou te dando. Eu vou te dá a boneca com a roupa que está, e eu quero vê essa boneca daqui a algum tempo com mais roupa."

Você tinha que costurar as roupas da boneca, botar lenço de nariz, aqueles velhinhos que quase não se usavam mais, quando ficavam só os farrapos os lencinhos, a gente pegava para fazer roupas para bonecas; usávamos meias furadas, mas cerzia. Eu cheguei a cerzir tantas meias náilon desse tipo; guillonas com calça também. Como não tinha mais gente para está cerzindo, dali você fazia roupinha para boneca, aproveitava esse paninho, esse pedaço de meia, esse pedaço de lenço, esse pedaço de blusa que você não usava mais que estava faltando, tudo muito rápido... Existia esse costume de se usar até acabar a roupa.

Esse costume de usar até acabar vieram dos alemães. Eles levaram isso para Bolívia... Assim o meu pai conta. Meu tio contava, ele morreu na guerra do Paraguai com a Bolívia... Ele serviu e depois voltou, voltou fluente da guerra e depois de um tempo morreu... E ele contava que o uniforme dele era farda alemã, modelo alemão, aquelas botas até aqui no joelho, aquelas calças... Toda vez que eu vejo o Charles Chapling naquele filme que ele está com o mundo, brincando com o globo, assim com o rum... Você vê aquele uniforme, aquele quepe, eu me lembro do uniforme dos bolivianos, só batia, ele usava esses uniformes alemães.

As coisas tinham que ser fabricada para o resto da vida, ser bem feito, com um bom material, bem duradouro, o sapato então; a cada ano era uma meia... O coró do sapato era muito forte, só você cuidava, tinha que durar, evitar gastar, não podia, em um ano você gastava, e tinha uma meia só, um par de meia para mais um ano... Camisa acabava o colarinho, aqui mesmo eu cheguei a virar colarinho. Eu o deixava bem cerzido para traz, igual a esses europeus. Eu trabalho com reforma de roupa, por isso, tenho essas clientes ali do lado de Higienópolis porque eu gosto de fazer linha, reforma como se não tivesse mexido em nada, deixava perfeito, eu sou muito perfeccionista nesse ponto. A linha tem que ser bem igual ao tecido, o

tecido bem igual aquele que vem na peça para não ter diferenças... As clientes falam: "Mas você mexeu?" , "Sim." Realmente mexia, tinha mexido. Para ver que eu mexi, eu levo o pedaço que eu tiro e falam: "Isso aqui foi excelente..." Pode vazar, colocar o tecido para fora e emendar.

Também trabalhei para turcos aqui na Higienópolis... Passei pela Otto, então, vira e mexe alguém está me chamando, é roupa de ceda, é roupa de granfino... E eu não sei como as firmas que eu ia trabalhar lá no Bom Retiro não reclamavam do meu trabalho, eu trabalhava assim, reformando as roupas nas fábricas. As meninas erravam na fabricação e as peças erradas vinham para mim, então, eu ficava numa sala com duas ou três máquinas sozinha. E de uma máquina eu passava para a segunda, para outra e assim sucessivamente... E tinha a remessa de passar, então reformava a roupa, passava e entregava pronta para embalagem e tchau. Era especialista em reformar o que as outras erravam nas firmas grandes aqui... Eu tinha o quê? Quatorze, quinze, dezesseis anos, isso foi a minha adolescência: costurar, trabalhar, sempre trabalhando e não fiquei rica... Mas sabedoria e experiência consegui bastante...

E eu não me arrependo de nada disso porque foi bom para mim e eu faço isso para os filhos, agora para os netos, tanto que o Gabriel é diferente na escola porque é tudo do jeito deles... Porque em casa a regra é como eu os criei dando bom dia, dando boa noite, tchau mãe, tchau pai, "Mãe estou chegando, bom dia. Obrigado mãe, obrigado pai." , "Eu posso?" , "A senhora deixa?" Sabe? Tem que pedir, não me faça nada sem perguntar, não me jogue nada sem perguntar, tem que perguntar se serve, não serve, não importa; já pensou se eu pego alguma coisa sua e aí eu fico pensado "Ah! Não serve já joga fora." E se você for precisar, como é que fica? Então, a mesma coisa, eu tenho que perguntar: "Gabriel, você precisa? Você pai, se serve eu vou guardar, se não serve deixo." Não, vou usar, eu passo para outra para aproveitar...

Por que lá na Bolívia a escola era assim: "Você tem caderno?... Lápis?" A gente escrevia com pluma de tinta vermelha e tinta azul, a gente tinha que fazer a margem das folhas... Todas as folhas eram quadriculadas, depois de fazer a margem, você tinha que comprar capas e encapar essas capas, encapar... E essas carpeta, nós chamávamos de carpeta, esse caderno tinha que ser impecável e não se podia fazer uma orelha nele, não podia dobrar... Eu não deixava nem olhar para não estragar... Eu pegava a minha borracha, eu lembro que na escola eu fazia um buraco no meio, colocava um barbante para não perder, porque eu tinha que devolver essa borracha desse tamanho para o meu pai e minha mãe. Lápis também, não poderia ficar quebrando pontas, Deus que me livre!... Nossa, tinha que cuidar, ia na da papelaria comprar outra uma vez por ano...

A gente cuidava muito das coisas, nossas malas eram feitas de coró, coró duro mesmo... Então você colocava os cadernos em pé dentro... Não amassava, não dobrava, não arranhava. Você tinha um caderno para fazer tarefa na escola, naquele você fazia de qualquer jeito mais rápido... Aí desse a gente passava para outro; e esse, nem que eu queira, era impecável; porque no fim do ano tinha que entregar para a professora e a professora apresentava para o diretor. Então, só tinha nota quem era cuidadoso e quem era desastrado ficava no vermelho... As folhas, você não podia deixar em branco, em pedaços, tinha que aproveitar a folha inteira para escrever... Por quê? Porque tudo era caro naquele tempo.

Não é como agora... Eu vejo como é que está tudo lá fora, mal estragam a roupa e já estão jogando a roupa fora, essas coisas... Então, como eu disse, você tinha que ter seu uniforme impecável não podia nem sujar, nem amassar... A fita no cabelo tinha que está do jeito que a mamãe deixou aquele laçinho, como se fosse uma boneca... E eu tenho uma foto desse jeito porque a Milene também usou fita era assim, o pouco que eu lembro. A minha irmã estudou aqui, a minha caçula também no Colégio Bom Jesus era uma escola aqui no Bom Retiro, eu levava e ia buscar todos os dias... Ela usava uma saia azul marinho, um cinto vermelho, um boné, uma boina vermelha, gravata vermelha, camisa branca, ela ia para escola, eu

levava todo dia, ia levar e ia buscar. Quer dizer, eu já não ia, mas tinha que cuidar do uniforme dela, tinha que passar bem...

Nessa época, sabia escrever um pouco em Português porque eu aprendi por conta própria, entendeu? Pegando jornal, pegando revista, pegando dicionário para ler e aprendi... Fui pouco para a escola, uma vez fui ao Anglo Americano, parece que não existe mais. O dono era um Judeu, era ali na Liberdade, aí eu fui fazendo curso e quando chegou as provas saí porque não tinha paciência.

Depois eu fui para uma escola de corte e costura aprender a cortar, a fazer uma saia tula. Naquele tempo se usava uma saia justa. E na escola tinha que fazer o mapa do Brasil e não tinha paciência para isso... Imagina que para fazer as costuras tinha que fazer o mapa do Brasil? "Não." Eu estava acostumada a cortar trezentas, quatrocentas peças, seiscentas camisas; cantava máquina na minha mão, costurava sem parar.

O tubo de linha era um cone bem grande e dava conta de dez, onze costuras, e essas dez, onze, tinha que entregar quatrocentas, trezentas por dia. Então eu corria, era uma máquina só e sozinha fazia tudo, eu corria. Eles davam tudo para eu costurar... Como eu gostava de ver, cantava a máquina na minha mão; eu pegava máquina de overlock, máquina inter, máquina invisível, máquina zigue-zague, máquina de duas, três fechaduras, máquina impressadeira, máquina de virar gola, máquina para fazer gola, máquina para fazer o tecido, era circular com mil e quinhentas agulhas que fazia o tecido. Eu aprendi a fazer, agora me fala como se faz isso que saberei... Fazia gola de camisa na overlock... Com a modernidade as pessoas relaxaram porque a máquina faz quase tudo sozinhas, e ainda tem a máquina modeladora, olha que maravilha...

Então era assim... Os banheiros eram assim: você não podia ficar a vida inteira fumando dentro, era diferente. Você tinha que olhar e tinha duas lâmpadas, as lâmpadas do lado de fora, quando estava azul estava livre, só com essa luz você podia entrar, quando a lâmpada estava vermelha é porque estava ocupado e você não saía da máquina... Depois tinha os horários de sábados, as sexta-feira, os judeus trabalham até sexta-feira. Na sexta-feira a gente trabalhava até ao meio dia, meio dia paravam as máquinas e limpavam tudo.

As máquinas eram grandes e tínhamos que limpar tudo; você desmontava a máquina para limpar, para lubrificar... Você desligava, mas também tinha que desligar na chave geral, porque como eram tantas máquinas e demora parar o funcionamento. Às vezes podia ficar algumas ligadas à noite inteira, então, desligava na chave geral. Para conversar com alguém, quase não dava para conversar com outra pessoa devido ao barulho da máquina, não dava para conversar, tinha que falar bem de pertinho...

Não ganhávamos por produção, era salário mesmo, por quê? O trabalho era feito no capricho. Você tinha que passar a roupa, embalar ou então colocar na vitrine para exposição. A roupa tinha que está perfeita, você não podia passar um ponto à máquina a mais ou para menos, principalmente, quando essa costura tinha que estar por cima, tipo lapela, bolsos embutidos, às vezes eu fazia e quando estava pronto eu não acreditava que eu que tinha feito aquilo, falava "Meu Deus, foi eu que fiz?" , "Foi."

Antes eles entrevistavam as pessoas para trabalhar, depois de ter experiência de três meses na oficina, é que registravam você. Logo eles pagavam os seus três meses e depois te registravam. Se você faltasse, por exemplo, um dia, não sei se hoje em dia é assim, era descontado aquele dia, sábado e domingo; você perdia três dias do teu salário. Você atrasava cinco minutos, era descontado, agora, você podia ficar fazendo hora extra, era baixa. Só que essa hora extra era assim, por cada peça você ganhava o dobro. Já era por peça, ganhava no dobro. E da mesma forma era incluída no salário, era bom você fazer hora extra porque era um dinheiro a mais, era o dobro...

Se em uma hora você ganhava vinte, como era dobrado, você ganhava quarenta, nesses dias de hora extra os donos davam lanche, não era janta, mas

era um lanche bem reforçado, não era qualquer coisa, era um lanche bem reforçado mesmo. Geralmente ficava para hora extra por que se eu saísse cedo eu tinha que ficar no ponto de ônibus esperando, vinha lotada a condução, gente pendurada. Aí eu não ia poder subir e a hora passava, eu parada.

Tinha dias que estava chovendo, às vezes fazia um frio danado, às vezes um calor e você esperando o ônibus vir mais vazio, e chegava tarde do mesmo jeito em casa. O tempo que perco parada, estaria na máquina.

Meu salário era colocado num envelope. Eles pagavam e entregava para o meu pai, as horas extras ficavam para mim. Meu pai falava: "Você compra o que você quiser." No princípio ele comprava as coisas para mim, à medida que eu fui crescendo ele deixou que eu comprasse o que precisasse. O que é que eu precisava? Não se usava modess, eram toalhinhas. Usávamos toalhinhas para usar nas regras, comprava roupa íntima, coisas extras, coisa que ele não podia comprar, não podia comprar para mim.

Nada era descartável como hoje; as toalhinhas você tinha que lavar, e lavar quando? Quando estava no seu chuveiro e ninguém pudesse vê. Era bem lavado, mas você tinha um baldinho separado só para isso; só deixava na cândida para clarear, no outro dia também. Era tudo escondido, não era como agora aos quatro ventos, era tudo reservado, você tinha que lavar, tinha que passar, enxaguar bem, se você quisesse tirar aquela mancha você tinha que passar cândida, deixar de molho e para isso você tinha que enxaguar bem, ficar enxaguando e cheirando, enxaguando e cheirando... No momento que você não sentisse mais o cheiro da cândida, estava bom... Você podia secar e depois de um mês usar novamente.

Quando a toalhinha estivesse esfarelado você tinha que jogar fora, pronto, era outra toalha; ou então você comprava um pano grande e cortava em pedaços ou aproveitava uma saia para fazer as toalhinhas. Na fábrica, passava a overlock e pronto. Como não tinha máquina em casa, aproveitava a máquina da oficina. Eu falava para o dono: "Depois que passar o meu horário posso ocupar uma máquina e depois o senhor me desconta." , "Não, não precisa, imagina, pode ir só." Mas aí eu já tinha falado. Eu não pegava as coisas assim, eu falava: "Trouxe umas toalhas para passar à máquina, eu posso, por favor? E aí depois o senhor me desconta." , "Não, não, não, pode deixar que não tem problemas."

Eu ficava contente por não pagar, por não descontar no meu salário, não fazia por conta própria, morria de medo, morria de vergonha. Eu tratava sempre de pedir, mesmo que me dissessem sim ou não, não importa se falasse que não, não é ele, amanhã é outro, sim. Às vezes emprestava uma máquina na casa de uma amiga, na época que não trabalhava, e costurava as peças; quando não, tinha que fazer a mão às toalhinhas.

Era à mão e não eram toalhas, eram aquelas toalhinhas que agora usam para rosto e às vezes usam para bebê, usam na escola. Na época você comprava aqueles sacos de farinha que eram mais em conta, e depois de lavado e alvejado chuleava ele à mão. Guardava e separava ele dobradinho, guardadinho e usava.

Até o dia que eu me dei ao luxo de começar a usar modess, absorventes descartáveis. Eu chamava pelo nome "modess" é uma marca. Daí em diante já não usava, usava só modess, mesmo assim era sempre algo privado. Hoje em dia eu vejo as mães que se trocam na frente dos filhos... Dizem que é bom, eu não acho nada bom, não. Sempre privado e quem pode falar alguma coisa de mim? Quem pode ter boca para falar qualquer coisa de mim? Se falam é porque não tem espelho. Se dizem alguma coisa não é verdade. Quem pode falar alguma coisa de mim é o espelho, se inventar de quebrar, vai falar o quê? Nada. É assim que eu penso. E é assim que eu pressinto, sempre me virando, fazendo as coisas por conta própria...

Até que eu acabei ficando adulta e tendo filhos, agora as coisas são outras, as coisas mudaram, e com a tecnologia é que muda mesmo... Nossa, agora que está mudando mesmo tudo, tanta fábrica, com tanta facilidade que se tem, não

tem nada que não fabrique, tudo fabricam, tudo se transforma e nada se aproveita... Tudo se produz, mas também tudo é comércio, tudo é progresso.

O povo consome e o quê que o povo tem que fazer? Trabalhar para poder consumir, ninguém mais faz nada, já compra feito. Tudo se fabrica, a maior parte é tudo descartável, você usa e joga fora, vai entulhando o mundo com lixo. Vê o mendigo ali, ele não lava a roupa dele para usar, ele joga fora porque sabe que o outro na outra esquina vai doar uma nova. Imagina se na Bolívia acontece isso. Você ganha uma roupa, você usa, remenda, usa, vira do avesso, remenda até, como diz o alemão: "Até não ficar em nada." O mundo era diferente, pois não existia a tecnologia que nem agora, você ensaboa um lenço, esfrega; na hora de tecer não tem, sumiu, os produtos são feitos para se acabarem.

Sabe, é tão descartável que você lavou, mas na hora de torcer, sabe que você vê, não tem, sumiu na tua mão. Por quê? De tão frágil que são feitas essas coisas. Você esfrega, torce, na segunda torcida não tem mais. Faz um móvel, e você não usa mais parafuso, não usa prego, não usa, e descola a toa. Então, tudo que estão fazendo hoje em dia é fabricado muito para ser descartável. Não dura, como esse banco de madeira onde estou sentada, esse aqui tem muito prego, quantos anos será que tem? Tem gente que diz: "Ah! Esse aqui vai me durar dez, vinte, trinta anos." Não tem. A gente já não vive mais. Quem disse para gente que vai chegar a noventa, noventa e dois, noventa e três. Por quê? A alimentação da gente, a maior parte do que consumimos é tudo química, tem conservante, tem tinta.

Tudo é industrializado, não tem aquela coisa pura, que é cheia de vitamina que possa segurar tua pele, os ossos, que a visão seja prolongada muito tempo; você não toma um suco de cenoura em cada esquina. Na Bolívia tem, em Cochabamba em cada esquina tem suco de cenoura que se toma. Sabemos que é para nossas vistas. Já desde pequeno comemos tomate, comemos verdura, nos alimentamos, tomamos bastante Sol, ali quase ninguém fala em osteoporose que nem aqui, por quê? Porque aqui não tem tempo para ficar tomando Sol. Não tem tempo, falta dinheiro para está comprando vitaminas e tudo que você compra, como é que se diz, têm conservantes, é industrializado.

Você vê essa gente que vem do interior, o interiorano mesmo está com os dentes perfeitos, enxergam bem, não tem quase cabelo grisalho, por quê? A água é pura, cria galinha, mata e come; planta, colhe e come. Que química tem isso aí? Não tem e é tudo cru. Então, automaticamente se cria forte. Vive mais tempo, mais anos e tem menos correria; não está correndo até de manhã como a gente aqui, por quê? Por que precisamos. Lá eles não têm isso, são muito mais cômodos, plantou, colheu, comeu e está bom. Se criou, se morreu e se enterrou lá mesmo, e está bom. Ele não pensa, "Ah! Não, eu vou comprar um carro, vou comprar um carro bonito. Não, que eu vou viajar por aí". Não pensa.

As pessoas que tem dinheiro fazem esse tipo de escolha, mas vê o tempo de vida deles. Quem tem dinheiro tem menos vida do que o pobre... Porque a vida também não se compra, a saúde não se compra, e porque se compraria? Se pudéssemos comprar a vida os ricos não morreriam. Não morreriam porque iriam pagar qualquer lugar, iriam dizer: "Meu rim está ruim, eu vou comprar um novo, colocar um novo rim." É engraçado, mas é a vida, nós sabemos que as coisas não funcionam desta forma, pois se morrer acaba, não tem jeito. Você vê, remédio é para remediar, não salva, por mais remédio que tenha, não salva, morre como morre um pobre, por quê? Porque também é humano, também tem aquela vida, mais curta que o pobre; o pobre se cuida mais que o rico sabia? O pobre pode não ter nada, mas tem mais saúde que o rico, e para onde vai? Também não sei. Mas se você parar para pensar a vida é assim, um ciclo. A vida é cíclica!

Ontem mesmo eu encontrei com dois bolivianos, um casal, eu só não levei eles para o Hospital porque tinha que ir para outro lugar e tinha hora marcada, e eu orientei e falei: "Olha, vocês conhecem a Praça da República? Então, da Praça da República um passo mais para frente já está na Avenida Consolação e é lá que fica

este local." Estavam procurando um posto de saúde para fazer um tratamento. Não me informaram se alguém trouxe, a questão é que são pessoas que vieram do campo e conversando com um deles, eles falaram que foram gente daqui que vão iludindo eles lá. "Não, que o Brasil é bom. Que o Brasil é assim, que o Brasil é assado, que é lindo, que você vai ganhar mais que aqui. Você vai trabalhar pouco, ou, mesmo que você trabalhe mais, você vai ganhar mais. Então, os primeiros dias serão sacrifício, mas depois vai ser lucro, não vai te faltar serviço".

Falam maravilhas e eles como são pessoas humildes, pessoas não preparadas, não estudaram; e na esperança de conseguir melhores condições de vida, resolvem vir: "Ah! Então vamos." Aí por sua vez ou outra fala: "Ah não, você chega na minha casa, você trabalha comigo, eu vou te pagar. O primeiro ano, o segundo; o terceiro você já vai fazer para você, já vai comprar uma máquina, já outra, você faz para você." Por que chega aqui e não é assim, aqui eles maltratam o próprio patrício, os que estão aqui maltratam o inocente de lá.

Digamos que aquele camponês, que não tem experiência de nada, que nem a cidade de La Paz conhece, é tipo assim, você trazer um caipira que nunca pôs os pés em São Paulo, você trás ele iludindo... Ele vem confiando que você vai pagar, que você vai cuidar dele, que ele vai fazer um dinheiro, agora, ele chega aqui e você não cumpre com a palavra, o que acontece? Você o maltrata, o quê que ele faz? Ele vê que tem outros patrícios ali, ele foge. E se não tem para onde ir, fica na rua. Ouvindo um aqui e outro ali acabam parando na pastoral onde o padre fica com eles até ele achar um lugar melhor para trabalhar.

Na pastoral tem haitiano, têm chilenos, têm paraguaios, peruanos, bolivianos. Ele fica até conseguir um trabalho, uma moradia, mas é difícil também hoje confiar nos patrícios. Eles fazem as coisas nas custas daqueles que eles trazem, ou seja, você os põe para trabalhar um ano, dois anos, você não paga esses dois anos, esse dinheiro você deposita, com esse dinheiro dá para você comprar um terreno, ou uma casa, ou um carro e ele, como é que fica? E se adocece? Já houve ocasião aí que adoeceu e que é mandado de volta. "Eu pago a passagem e ele vai para lá." Já houve ocasião que eu briguei com patrício por causa disso, falei: "Não senhor, você não vai mandar e se morrer no meio do caminho? Depois, como é que vai chegar na casa da família? Ele não saiu assim, você não trouxe assim. Você vai ficar com ele até ele sarar." Já briguei com patrícios de meus sobrinhos por isso.

Eu não acho justo. Eu falo: "Coloque-se no lugar dele, vamos fazer de conta que você esteja na minha mão e eu faço isso, você vai gostar? Vai? Não. Então pronto". Então, eu aconselho a esses que estão aqui, eu falo: "Faça seu dinheiro, faça o seu capitalzinho, estude se quer estudar, aprenda alguma coisa, uma profissão e volte para lá; o quê que você quer aqui? Sofrer? Servir de cobaia pros outros? Pros mesmos patrícios? Servir de escravos para os mesmos patrícios? Fazer com que eles façam o império deles e você nada? Voltar doente ou morrer aqui? É isso que você quer?" "Não." "Então, faça um dinheirinho e meia volta. Por que tudo que você faz aqui você pode fazer lá, lá pelo menos tem quem olhe por você, tem quem chore por você e você tem por quem chorar, né?"

Ontem mesmo eu falei com um jovem casal. Olhe a situação, o marido arranjou outra pessoa e largou ela com dois ou três filhos, não paga pensão e pronto. Ela fica para pagar o aluguel do quarto, luz, água e aí? Com crianças, sem documentos... É duro para uma mulher com três filhos, é duro. Enquanto isso, o suposto marido está trabalhando, fez máquina com outra mulher, é o que ela me falou: "Já está com outra mulher, parece que já vai ter criança também, está feliz da vida e ele me deixou assim e não me dá, nem se lembra da criança e nem nada."

Pergunto, como eu vou reclamar o meus direitos se não tenho nem documentos?... É onde muitos sofrem. Onde sofrem e onde a gente acaba sofrendo por eles também, por quê? Por que você quer ajudar e também não dá, não tem como, o quê você vai fazer? Eu não posso fazer documentos para eles, são vários,

não é só um. Então, o mínimo que tem que fazer é dar um jeito de fazer o dinheiro da passagem e voltar para lá; seja como for, mas pelo menos está na sua terra; aconteça o que acontecer, está na sua terra, não está longe. Lá pelo menos tem, longe ou perto, mas a família está ali.

Aqui não, aqui vai ser sempre estrangeiro. Futuramente, acaba deixando os filhos, como eu aqui. Para mim, no meu caso é deixar aqui porque a raiz já está feita aqui. E aí queiras ou não queiras estou envelhecendo aqui, cresci aqui, trabalhei aqui, filhos e netos. Então, não resta mais tentar voltar para minha terra. É viver os últimos dias aqui. Está certo que eu irei um dia ou outro à Bolívia visitar a família, mas, além disso, não passo; ficarei um mês que seja e estou voltando, não dá para ficar lá. E aí você fica com o coração pela metade. Então não é fácil você ser imigrante. Por mais que você tenha dinheiro, por mais que você esteja bem de vida, como te digo: começo e fim.

E só Deus sabe como será o fim. A partir do momento que você plantou, como você plantou, você vai colher. Você colhe tudo que você planta. Se plantou bem, bons frutos você vai colher. Se você plantou o mal, também o fim não vai ser nada agradável. E esses patricios vêm assim, porque foram influenciados pelos outros, é difícil. Uns dizem: "Ah não, eu vou, e vou ficar por conta própria." E se vem alguém formado, com profissão, vem médicos, vem engenheiros, já vem com dinheiro. Ele não sofre, o quê iria sofrer? O idioma? Também não muito, pois eles vêm até com inglês, sabendo falar até o inglês bem.

Ele não começa de baixo, não chora, não se sacrifica muito, o máximo que pode acontecer é eles ficarem um pouco triste por estarem longe da família, só. Ficarem com saudade da família, só. Dinheiro no bolso, eles tem. Isso é que vai apaziguar a tristeza, sair da porta para fora já é outra coisa. A luz do dia é outra coisa e à noite é outra. À noite, bate seis horas e a tristeza vem, a saudade vem, mas no outro dia é outro dia. Começa tudo de novo; e quem vem formado tem outra história. E quem não tem nada? Vai sacrificar mais ainda suas vidas. E isso é triste, escravizar é triste, agora, eles se submetem a esse tipo de trabalho porque querem ganhar, querem também ter um dinheirinho.

Por outro lado, não querem ir embora, por quê? Por que como eles saíram para um país grande eles acham que tem que voltar com um nível de dinheiro. Como que eu vou sair de lá com uma mão atrás e outra na frente e vou voltar do mesmo jeito? Então, para quê que eu fui para um país grande? Se eu estou saindo, estou saindo para surgir, para crescer. Pelo menos numa profissão boa eu tenho que levar de volta. E se não tem isso? Eles têm aquele pensar de que 'vão falar o que de mim?' Para não passar vergonha, ficam aqui sofrendo, por sorte eles vão adiando, trabalhando de um lado e se sacrificando de outro; uns conseguem e a maioria não... a maioria não.

Os mais honestos se sacrificam muito; choram muito, a muito custo, a muita lágrima, a muito sacrifício, eles conseguem fazer uma casa, digamos para seus filhos; estudar, por mais que não consigam. Aqueles outros, os mais malandrinhos, como te digo, nas custas daqueles que está sofrendo, ele tem uma casa, ele tem um carro. Põe ele para trabalhar e ele não trabalha. Ele paga a roupa, digamos, por um real, dá dez centavos para ele e o resto, se quiser, porque aí ele fala: "Ah! Eu trouxe você e vou descontar a passagem, você morou, você comeu, você dormiu, teu filho também e vou descontar. Esse ano você não vai receber".

Os donos pagam seiscentos, setecentos, oitocentos, a cada ano que passa, e a cada pessoa é um dinheiro que ele pode comprar, um carro pode comprar, uma casa, dar entrada em uma casa, a custa de que? Nas lágrimas daquele que trabalha. Isso é muito triste. Sinceramente, eu fico muito triste com isso. É por isso que eu sempre falo: "Papito, você está novo ainda, faça seu dinheiro, quer estudar estude, se forme e tchau... meia volta, o quê que você vai fazer aqui? Você espera o quê? A namorada arrumar duas bocas, uma boca a mais e o sacrifício? Com o que você vai sustentar. Não tem casa, e o dinheiro do aluguel? Isso é sagrado, dê

onde você vai tirar se você não tem trabalho? Se você ganha um pouquinho." Não, não, tem que pensar bem para criar vínculos em um lugar.

Essas coisas me deixam um pouco triste, ao mesmo tempo porque eu fico pensando no futuro deles, são novos, e o quê eles fazem? Enchem-se de filhos para conseguir a documentação, mas nem com isso não se consegue, ao contrário, complica mais a vida. Por que se trabalhava a noite inteira, não dorme, como sustentar a família? E para isso você tem que estar alimentado por que senão fica doente como aquela que encontrei ontem, e eu falei para ela: "O dinheiro que você ganha se sacrificando não vai dar nem para o enterro, me desculpa está falando isso, nem pro remédio não dá. Então, para ganhar o que você ganha é melhor está na Bolívia. Pelo menos você está na tua terra, se acontecer qualquer coisa tem quem te enterre lá, tem quem chore, você estará enterrada na tua terra. Tem alguém para te levar flores, tem alguém pra te acender uma vela e aqui quem? Te colocam num cemitério e cinco minutos, depois viram as costas e pronto, já era".

Na Bolívia nós lembramos dos mortos a cada ano, a cada mês, a cada domingo, a cada quinzena, a cada cinco meses pelo menos colocamos uma florzinha no túmulo, uma velinha. Lembramos da mamãe, do papai, do irmão, da irmã, da família, ou de uma amiga que gostava muito. Aqui não, com o tempo se esquece, mas mesmo assim, com tempo ou sem tempo, morreu acaba... Então, isso é muito triste... Já pensou nisso? Vamos nos colocar no lugar dessas pessoas.

Por que todos os imigrantes, todos os estrangeiros têm histórias boas, os que vêm com dinheiro não sofrem tanto... Uns ruins e tristes, por quê? Por que começaram de baixo e vieram sem nada, sem esperanças em fazer; e esse fazer é um sacrifício, é lágrima, é pulmões dia e noite, é a vista. Quem costura dia e noite acaba com a vista. A mesma coisa para quem estuda direto, dia e noite sem dormir, o que acontece? Fica fraca, a vista escurece, a cabeça dói, a garganta seca, às vezes até o ouvido começa a ficar, parece que está na altura, está entupido. O quê que é uma estafa? O corpo fica a ponto de entrar em erupção. Então, tudo isso você tem que passar todo dia... E nós não somos feito de ferro, somos humanos, corre sangue em nossas veias, então, temos que cuidar-nos também para poder viver mais tempo e melhor.

A nova geração de jovens, de dez anos para cá, estão mudando do ruim para a pior. Estão nascendo inconscientes, e porque inconsciente? Por que a criança nasce e cresce e não tem amor ao pai, a mãe, a família; não quer saber de estudar, muito menos saber de trabalhar; além do que o amor e o carinho não estão sendo cultivados nessa nova geração. Para completar, ainda veio essa lei de que você não pode dar um tapinha, pronto, piorou. Quer dizer que hoje em dia o filho pode te matar, podem te sequestrar, bater na mãe, no pai, no avô, matar a família inteira e "Tá bom, porque se você abrir a boca para qualquer coisa você vai preso." E para mim, está tudo errado!

Às vezes penso, nascem inconscientes, se tivesse consciência não estariam matando pai e mãe, estaria tratando de estudar; por outro lado, penso que existe gente que tem filhos para educar, para deixá-los bem, como tem outros que vivem na rua, se drogando, e o quê você pode esperar do filho de um casal de drogados, de um casal de criminosos, o que você pode esperar, que espelho eles podem ser para seus filhos? Que educação? Que educação eles vão oferecer aos seus filhos se eles não tiveram? Se a vida inteira deles foi roubar, matar, estuprar, enganar, fumar droga, trocar de parceiro, nunca passou pela cabeça estudar ou parar de usar droga. Então, o filho nasce num ambiente não propício para a vida, nasce carregando o sangue dos pais, programados a morrerem. Acho que essa criança já nasce perversa, com o espírito ruim.

A criança nasce sabendo falar palavrão; a gritar com os pais, e dão um tapa, xinga ele, ele escuta esse xingamento, e começa a chamar de mãe, você é assim, você é assado. Falo: "Meu Deus, o que vai ser desse mundo." Eu olho esses bebês e penso: "Daqui a vinte, trinta anos o que será dessas crianças?" Não sei; talvez

não esteja viva para ver no que vai dar. Eles falam que 'o governo tem que educar', não acho que o governo tenha que educar, a família tem que saber educar os seus filhos.

E essa atitude grosseira é em todos os âmbitos da vida, você pode analisar dentro dos ônibus, nos metrô, bancos, em qualquer lugar, os idosos são tratados como trapo, as crianças por outro lado são tratadas como trapos, ou seja, não tem amor, não tem carinho, não tem cuidado. Quando vejo que uma pessoa está caindo vou lá, não é parente e nem nada, mas eu vou ajudar. Você vê que criança está escapando da mão e você vai lá e segura porque senão a criança cai, e a mãe está descuidada naquele momento. Às vezes vejo na rua mães de primeira viagem carregando bebês no frio com a moleira de fora, pegando de qualquer jeito parecendo que está pegando em um brinquedo, aí eu me aproximo: "Desculpa moça, mas coloca essa manta na cabecinha do neném, segura direitinho porque ele tá tão novinho, molinho que é capaz de se desconjuntar na sua mão; o nosso braço é duro, mas ele é mole, ele está de mal jeito." Por isso que digo que essa nossa geração não aprendeu nada com seus avôs, com suas tias, com os antigos. Quem tem dinheiro ainda leva mais ou menos; por que também esse que tem dinheiro é só pagar para uma empregada cuidar do teu neném, quase não participa. A mãe chega de tarde: "Ai, filhinho bonitinho." E pronto, você não sabe quem trocou fraldas, foi a babá, como que trocou, como não trocou. Você não passa a noite inteira com ele, como a babá passa, ou seja, é praticamente como se fosse uma criança comprada, quem tem filho e tem dinheiro, não cuida, compra a babá e o filho. O pobre passa a noite inteira com o seu neném, e está sempre correndo para o posto de saúde. Não condeno o dinheiro, acho que ele é bom, mas usado em demasia estraga.

Agora irei dá meu testemunho sobre uma situação muito triste que presenciei há uns tempos atrás. Um rapaz boliviano foi atropelado quando estava indo jogar uma 'pelada' num campo de futebol junto com a turma onde ele trabalhava, ou seja, era uma oficina de costura. Nessa oficina o rapaz trabalhava, mais ou menos, clandestinamente, porque não tinha tirado os documentos de permanência no Brasil; hoje essa oficina já funciona de forma regular, nos conformes da lei trabalhista. Hoje, a maioria das oficinas já estão reguladas, quase todas. E essa história faz mais de oito anos que ocorreu.

A turma estava indo jogar futebol, dizem, segundo o dono da oficina ele não fumava e nem bebia, sua rotina era trabalho e ficar em casa. Saíram todos para o campo de futebol, e ele se adiantou, e no que se adiantou, foi atravessar a avenida Celso Garcia, o ônibus veio com tudo e atropelou ele, só que ele estava na faixa e o sinal estava amarelo; foi atravessar no amarelo e o outro que atropelou, dizem que era entre um ônibus e um carro, mas quem atropelou foi um ônibus.

No momento, juntou muitas pessoas para ver o rapaz no chão. E a turma que estava junto com ele foi se aproximando, viu aquele monte de gente e falaram: "Ué, o que será que aconteceu?" Foram se aproximando e olharam por entre as pessoas, viram que a Bermuda era do Julian. "Es el Julián!" Chegaram perto, estava ruim, e até chegar o resgate, ficou no chão. Levaram para o hospital Leonel de Barros, e de lá foi para o hospital da Santa Casa; deram entrada e estava bem ruim. A cabeça foi afetada, o ombro e o pé pegaram assim de cheio. E quando eu quis saber do B.O, cadê o B.O? E no B.O estava escrito atropelado e tinha testemunhas da parte do ônibus. Tinha testemunhas que disseram que ele tinha atravessado no verde e que não viram, o motorista tinha visto só um vulto e pronto. Mas tinha testemunhas que ele estava atravessando quando não devia, e tinha muitas pessoas afirmando isso, agora, como e porque não sei. E da parte dele, obviamente, como não tinha ninguém para falar dele, não tinha nada. E isso está no atestado de óbito.

Eu fui falar com o médico, e ele disse: "Está muito ruim." Eu fiquei sabendo dessa história porque ligaram para mim e sabiam que eu iria visitá-lo na Santa

Casa. "Ah, Dona Marta tem um patrício que está na Santa Casa e a senhora que sabe falar melhor o português tem como falar com o médico e ver como está." Dessa parte, vi ele ruim, nossa. Quando olhei falei: "Senhor!" Eu não falei para esse casal, donos da oficina, se iria ou não morrer. Eu falei que ele estava ruim. Mas para mim ele não iria aguentar. Ele ficou três meses internado.

Como esse casal estava sem documentação, eles não queriam se responsabilizar por ele, não queriam porque estavam com a oficina clandestina. Ficaram com medo que a polícia fosse lá, mandasse fechar e ir embora, como responsabilizar eles, até saber o que aconteceu com o rapaz. E aí como não tinha documentos completos, acho que a mulher tinha e o marido não tinha, uma coisa assim. Ou eles dois tinham, mas os que estavam com ele não tinha, é isso. Eu ainda falei com o médico, o médico falou, então entregaram na minha mão. Esse casal: "Dona Marta, por favor, a senhora que está com os documentos e fala melhor o português." E pediu que eu me responsabilizasse por ele. E acabei me responsabilizando pelo o rapaz. Falei: "Tá bom, vou ficar cuidando, olhando até o dia que Deus quiser."

Os patrões iam vê-lo de vez e quando, quem ia quase todo dia era eu, só que como não tem família ficava abandonado, jogado no hospital. E o que acontece? As enfermeiras não cuidavam dele, o sol batendo no corpo dele, a secreção saindo, não faziam curativo, e por trás, ele tinha um buraco, estava verde, apodrecendo, quando a carne começa apodrecer.

Como não havia ninguém da família para acompanhá-lo, e ainda, o rapaz estava sem os documentos, sem dinheiro, e eu ia lá e colocava as mãos dele na minha mão, limpava com gases, passava água no rosto dele. Pedia para a enfermeira fazer curativo. Até que um dia chegaram e falaram para mim: "Olha, nós vamos fazer a transferência do Julián." Eu falei: "Doutor, como? Onde? Tomara que seja perto doutor, para que eu possa ir lá ver ele." Falei para aquele casal que estava com ele: "Olha, ele está precisando de creme, as unhas estavam crescendo e ninguém cortava, pedi para cortar; eu ia lá cortar, passar cremes nos pés." A última palavra que ele conseguiu falar foi: "Mami!" E daí para frente não falou mais nada. Mas ele olhava e não via, não tinha mais aquele branquinho na vista, estava toda preta a vista dele; e seu olhar era triste e infinito. Também não escutava. Chegou o dia de fazer a transferência e levaram ele lá para Cotia, no ponto final de Cotia, Pedra Branca, no ponto final de Pedra Branca, fora de São Paulo. E agora, para visitar ele? Só podia ir aos finais de semana; gastava quinze reais de passagem de ônibus.

Eu fazia o almoço, deixava tudo pronto, saía de manhã para ver o Julian; pegava picado para pagar menos a passagem. Era muito caro.

Um dia chegou, estava sozinha costurando lá em casa, todo mundo tinha saído, foram estudar, trabalhar. E tocou o telefone: "Dona Marta, o Julian acabou de falecer." Nossa, falei: "Meu Deus, não acredito." Era para acontecer porque já tinha até recebido um aviso do médico, do cardiologista. E esse médico também não deu esperança quando viu ele, falou: "Podem esperar o pior." E quando a moça do hospital falou do falecimento, pensei: "Senhor, não tenho nem cinco reais, e agora."

Estava preocupada. "Meu Deus, de onde vou tirar dinheiro? O quê que vou fazer agora?" E já era de tarde por volta das seis horas da tarde. E como iria sair para ir em Cotia, pois era tão longe, de noite. E daqui a pouco toca o telefone de novo, era a médica ou enfermeira do hospital e perguntou: "Como que vai ficar, vai pegar o corpo, não vai pegar o corpo porque se não for pegar a gente vai queimar. Vai para o crematório." E eu falei: "Meu Deus, não, como? Espera mais um pouquinho que vou conversar com alguém e aí retomo a ligação.", "Tá bom."

Era seis da tarde. "Deus meu, dai uma luz, o quê que faço?" Pensei comigo. "Coitadinho, dá-me uma luz!" E de repente uma luz. Lembrei do consulado boliviano. "Ai, dizem que o consulado ajuda. Vamos vê agora, pois esse é o momento que eles têm que ajudar." Tinha o número do consulado boliviano e

conheço o senhor José Bolívia, um senhor de idade que sempre está em shows tocando. "Aqui é Marta e lhe digo o quê está passando, e não quero que queime ele, pelo Amor de Deus, pobrezinho. Olhe, ele já sofreu tanto e imagina, como é que vão queimar assim. Não tenho dinheiro para enterrá-lo, disse. "Pedi ao cônsul que ajude a enterrá-lo". E a moça do consulado: "Daqui a pouco vão entrar em contato com a senhora."; "Saibam que querem queimá-lo." Aí ele falou: "Não, espere um momento." O senhor que me atendeu foi falar com o cônsul.

Retornaram a ligação: "Vamos lá, onde é?", "É em Cotia." Ele veio em casa e me pegou e fomos. Sei que o consulado fez o enterro. Mas tive que ir lá com os papeis e o nome completo dele. E fomos por estrada adentro com o José Bolívia. E ele disse: "Tão longe trouxeram." Ele esperou e conversou com IML para falar, e já marcaram para o dia seguinte às nove horas da manhã. Tinha que está às 09:00 da manhã no cemitério da Vila Formosa; e nem me passou o cemitério de Cachoeirinha naquele momento, porque nesse está cheio de patrícios. Podia ter levado ele lá e nem lembrei de pedir para a Pastoral na hora, para o padre pelo menos rezar um pouquinho para ele, nada. Essa hora é um corre-corre.

O corpo veio e a gente foi lá para a Vila Formosa esperar já com caixão e tudo. Eu peguei duas madeiras ali, dois galhos que estavam jogados de um pé de uma árvore ali na Vila Formosa, fiz um crucifixo, coloquei as flores, um crucifixo de flores para colocar para ele. Coloquei para identificar o túmulo para quando voltasse saber, porque até então não iam colocar nada, iriam colocar terra por cima e pronto. E quando voltasse como iria achar?

O crucifixo era uma referência do corpo. E também avisei aquele casal, e eles levaram os outros costureiros para acompanhar o enterro. Ele tinha uma namorada, agora que lembro, que também foi. E ele tinha costurado durante esse mês, tinha feito R\$900,00 reais; e ele tinha falado para a semana que entra, antes do acidente, que iria chegar a R\$ 1.000,00 reais; estava contente, mas aconteceu o imprevisto.

E falei para os donos da oficina: "Escuta, como é que vai ficar? Preciso de dinheiro para o tratamento dele, para isso, para aquilo. Na verdade, esse dinheiro gostaria que vocês trocassem em dólares e mandassem para o pai e mãe dele." Ele tinha pai e mãe e com ele eram sete irmãos. Inclusive um dos irmãos veio, mas ficou um dia ou dois e falou: "Dona Marta, por favor, a senhora encarregue. Depois que aconteceu isso; porque não dá para ficar aqui. Não tenho dinheiro para ficar aqui, nem para assessorar. Qualquer coisa nos comunique, pelo amor de Deus." Acabei assumindo e enterramos e pronto.

Falei para os donos da oficina: "Quero saber como ficará agora com o dinheiro do Julian, eu quero que envie esse dinheiro para a família porque ele trabalhou e você tem o dinheiro dele, e quero que enviem esse dinheiro para os pais, já que não gastaram em nada aqui.", "Ah, sim, vamos mandar." Sei que nunca mais os vi. Depois de um ano encontrei a dona na praça Kantuta, estava gorda e com três crianças. Era a Dona da Oficina. E ela falou: "A gente enviou o dinheiro para a família." E falei: "Quem garante?" Do jeito que sou desconfiada, fiquei só matutando. Sei que todos os anos no dia de finados eu vou lá, e agora estou com medo de chegar lá e terem tirado os ossos dele da cova.

Por que estamos em 2010, e como não foi comprado o terreno, eles podem retirar os ossos e jogar na tumba coletiva; porque não tenho os papeis completos para poder tirar ele e colocar no túmulo perpétuo. E por outro lado precisa de cem reais para colocar no perpétuo. A história do Julián é bem triste e poderia servir como remédio para a vida!

4.1.4. Arlete Patzi

(Fonte: foto cedida por Arlete, 2011)

Sempre gostei de cuidar das pessoas, cuidar do outro, cuidava do pai... Sempre gostei de cuidar do outro, gostava do ser humano.

Tenho trinta e nove anos e chamo-me Arlete Gomes Patzi. O meu pai era Victor Patzi Toledo; e o meu filho, o Dudu, ficou Eduardo Patzi da Silva. O pai ficou muito contente porque o Andrés, esposo de Míriam, minha irmã, colocou o nome do filho dele de Victor em homenagem a meu pai. Ficou todo contente com Victor, iria colocar o nome do Eduardo porque era Edir, o nome do pai do meu filho é Edenir. Ficou Edenir e Ar de Arlete, Eduardo. Mas se tivesse colocado Victor ele iria ficar muito contente e não coloquei Victor. Na época, não pensei nisso, pensei em Eduardo e gosto desse nome. Tem o significado que é o nome do meu pai. Sou paulista, nasci e cresci no bairro João XXII.

O meu pai chamava-se Victor e seu primeiro casamento foi com a Dona Hilda ainda na Bolívia e dessa união nasceram três filhos: Marta, Demétrio e Angélica. O segundo casamento foi no Brasil e sou filha da segunda união do meu pai com uma brasileira, mais precisamente, com uma mineira chamada Aparecida, natural de Toledo em Minas Gerais, onde uma parte de sua família havia migrado para Jundiaí-SP, coisa que descobri há pouco tempo que ela era de Toledo. Quando ele casou com a minha mãe já era idoso, tinha mais de cinquenta anos. Nessa época, para comprar e pagar o terreno onde viveu, tinha que vender um monte de coisa, era uma espécie de caixeiro viajante. Nesse terreno, comprado a custa de muito trabalho, ele construiu a nossa casa. O terreno era grande e dava para ter uma pequena plantação de mandioca, banana e verduras. Para completar renda, ele pegava a sua mala, colocava um monte de coisa dentro e saía para vender nas

idades do interior Paulista: Jundiá, Bragança, Várzea, Campo Limpo. Junto a tudo isso, o Senhor Victor ainda foi fotógrafo; tinha uma máquina antiga e tirava fotografias e vinha para São Paulo revelar e voltava na outra semana para levar as fotos às pessoas que tinham encomendado.

O dinheiro que ele ganhava com as fotos pagava e mantinha o terreno. Em uma dessas viagens conheceu a minha mãe, creio que ela deveria ter uns 30 anos. Gostaram-se e resolveram casar em uma Igreja em Aparecida do Norte. Como o pai era bem mais velho do que a mãe costumavam brigar muito. Quando ela veio para São Paulo morar aqui no João XXIII era uma mulher bem mirradinha, magrinha; mas eu nasci bem gordinha. A mãe teve duas filhas: eu e a Haidee. A Angélica, a Marta e o Demétrio eram todos adolescentes nessa época. A Marta tinha uns dezoito anos, a Angélica devia ter uns quatorze anos e o Demétrio uns quinze anos na média. Os três eram bolivianos, comiam comida boliviana e tinham hábitos bolivianos.

Lembro que a comida era toda diferente. A minha mãe era acostumada a ter uma alimentação com pouco sal, principalmente, o arroz; ela cozinhava uma típica comida mineira. A comida boliviana é uma comida bem apimentada, temperada, diferente e, para eles, a mãe não sabia fazer nada. Acredito que ela tenha sofrido muito por que não é fácil lidar com adolescentes. Hoje tenho um enteado e um filho, mas ainda estão numa fase boa e me respeitam. A minha mãe era quietinha, calada, calma, mirradinha, magrinha; e o pai e os irmãos adolescentes falavam altos e muito diferentes da sua personalidade. Até hoje não sei o que a minha mãe viu no meu pai e nem sei o que o pai viu nela; acho que era amor.

Às vezes meu pai defendia a mãe perante as brigas com os filhos mais velhos, e às vezes ele brigava com ela também, todos brigavam com todos; a Marta brigava com a Angélica; a Angélica brigava com os mais novos, e o Demétrio começou a beber. O Demétrio sempre chegava bêbado em casa e não sei como era a relação dele com a minha mãe. Não tenho lembranças deles juntos e conversando, mas conversavam, só que era muita briga, e a mãe aguentava tudo calada, quase nunca respondia, quase nunca falava nada. A Marta sempre falava um "monte" de coisa da mãe: que não sabia fazer nada, que deixava as filhas criarem umas crostas no cabelo, que eu usava uma toca que piorava a crosta e ela que tinha que tirar todas as crostas. A Marta vinha da casa dela para cuidar do meu cabelo. Ela diz que cuidou de mim, que ajudou a me criar, mas sabe que não consigo lembrar esses momentos. Ela ficava muito chateada porque não lembrava, achando que sou ingrata, porque ela sempre fala que cuidou de mim, pelo menos é o que lembro. Tenho lembranças da minha mãe, mas dela cuidando, não. Ou quando lembro, é dos episódios dela brigando com a minha mãe: "Por que não é assim que faz, por que não sei o quê." Gosto muito da Marta, sei que ela ajudou a minha mãe, ensinou, mas não do jeito muito certo, mas eles brigavam demais e a gente cresceu nesse meio de conflitos permanentes.

A casa do João XXIII era dividida da seguinte forma: tinha um galinheiro aqui onde fica essa cozinha, também tinha um banheiro naquela parede dos fundos, tinha outra parede e descia para o telhadinho onde ficava o galinheiro. Como eles brigavam, achava que eles queriam me bater e ia me esconder no galinheiro, nos pés das galinhas, até alguém me achar e tirar de lá.

A Haidee era menorzinha e eu ficava protegendo ela porque o Demétrio bebia e falava: "Vem neném me dar um beijo!" Ela pequenininha, usava franginha no cabelo. E a gente se escondia dele, quando ele chegava saíamos; principalmente quando chegava bêbado porque era aquela briga.

O meu pai obrigava a gente comer, era bravo, por tudo ele brigava. E a mãe fazia arroz, feijão e ovo com gema mole, derramava no feijão e não queria comer. E o pai passava: "O quê? Não vai comer?" Na Bolívia, tudo era assim, muito rígido e os filhos apanhavam muito. Aqui em casa tinha uma plantação e tinha uma árvore enorme ali, e ficava brincando na árvore, era uma árvore bonita que dava aquelas flores de trança. A flor ficava em pé, dava uma trança enorme, não sei o

nome, mas sei que ela é enorme. Subia naquela árvore e ficava brincando; arrancava essas flores, pois as flores eram minhas bonecas. A Haidee era pequenininha e não subia, ficava só; tinha tatu, tinha cobra, tinha um monte de coisa naquele quintal.

Minha infância foi muito legal, apesar das brigas, apesar deles baterem na gente, qualquer coisinha eles estavam bravos, mas era muito legal porque corria por cima tudo, subia na árvore, pulava na terra, era uma moleca. Chegava em casa preta de barro, coitada da mãe, as meias pretas de tanto pular na terra; porque aqui no quintal tinha um buracão e ficava pulando naquilo lá. Um dia a Haidee foi pular em cima de um monte de terra, caiu e cortou o pé num caco de vidro, um corte enorme. O Demétrio não estava bêbado, pegou o álcool e jogou no pé dela, e ela sofreu. Fiquei olhando e pensei: "Coitada, como é que pode, foi pular, pegou na perna e já cortou? Eu vou pular de novo, e pulei de novo e fiquei pulando e não me cortei." É engraçado isso.

Era muito danada, mas era muito divertido, brincava muito e qualquer coisa para mim era brinquedo. Não comprava brinquedo porque o pai nunca tinha dinheiro, e no fundo daquele buraco do quintal de casa era um lixão. As pessoas jogavam um monte de lixo ali, e ia lá andar no meio do lixo para ver o que achava. Encontrei um carrinho vermelho grandão, um cachorro enorme de borracha com um furo no pé, um funil, sempre achava alguma coisa. Quase tudo que encontrava subia o morro e levava para casa, como tinha um tanque, lavava os velhos brinquedos; que se transformavam em novos na minha mão. Brincava de casinha, de carrinho, de pega-pega. Eram todos brinquedos encontrados no lixo, que aproveitava e levava para casa para brincar. A Haidee também brincava; e posso dizer que a minha infância foi bem divertida. Também saía com a mãe para vender mandioca, banana, as coisas que plantávamos no quintal, não era vergonhoso como muitas pessoas de hoje cogitam, era divertido e necessário. Pegava a sacola e andava pelo bairro vendendo frutas e verduras. Era uma vida simples.

Estudei na Escola João XXIII que na época era um barraco de madeira grande. A parte que não era separada por uma parede era o prezinho e a gente ficava ali. Estudei lá desde pequena; uma vez peguei piolho, mas acho que foi de tanto ficar com as galinhas; e o meu pai cortou o meu cabelo todinho, fiquei careca. Deram uma toca para ir para a escola, era uma vergonha, tinha uns oito ou nove anos. O pessoal da sala pegava aquela toquinha e jogava no ar, e como não tinha nem a orelha furada para por um brinco, todo mundo zuava comigo. Ficava morrendo de raiva e chorava; até que a professora finalmente chegava, pegava a toquinha e colocava na minha cabeça. Mas foi chato.

Outra vez a mãe cortou o cabelo dela, pois era enorme. Ela ganhou um monte de retalho de roupa, peguei e amarrei aquele cabelão, nem tanto cabelo assim, com os retalhos, coloquei as fitas, pus a mochila nas costas e fui assim para escola. Só amarrei aquela fita no meu cabelo, nem sei porque amarrei o cabelo dela com fita. Quando cheguei à escola, fui abrir a mochila e a fita caiu no chão; todo mundo: "O quê que isso? O quê que isso? É cabelo, ela é macumbeira!" Ficaram o tempo inteiro gritando na minha cabeça: "Macumbeira, macumbeira, macumbeira." Passaram o ano inteiro me chamando de macumbeira; até que não aguentei, deu uma louca e falei: "É mesmo, sou mesmo macumbeira! Vou jogar uma maldição em cima de todo mundo e vocês estão perdidos!" Sei que eles pararam de me chamar de macumbeira, ficaram com medo que fizesse alguma coisa, porque não tinha jeito, tive que assumir isso. Era chato e sempre acontecia alguma coisa. Uma vez fui para a escola com um sapato preto, pois estava atrasada. Quando cheguei na escola tomei um susto porque de um lado era um sapato preto e o outro pá era um conga. O pai sempre mandou irmos para escola bem arrumadas. Pensei: "Ai meu Deus!" Era hora do recreio, corri em casa e troquei por um par igual. Ainda bem que ninguém reparou, só eu. Sempre acontecia essas coisinhas, era meio desligada. Mas a infância foi ótima, apesar de tudo.

Acho que a minha mãe sofreu muito depois a gente mudou para cá. Dava meia noite e filhas mais velhas batiam na porta do quarto dela: "Por que a minha calça jeans está manchada, porque não sei o quê." A minha mãe lavava a roupa de todo mundo, ninguém se responsabilizava por suas roupas sujas, e ao invés do meu pai ficar do lado da minha mãe, ainda falava: "É, porque tem que lavar direito, porque não sei o quê e tal." O pai brigava com ela e era por coisas bestas. Imagine o pessoal bater na porta à meia noite para cobrar a roupa, é claro que estudavam e trabalhavam o dia inteiro. A Angélica que ia bater para reclamar; era muito chato, detestava.

Tínhamos que ficar dando lustre na casa. Aos sábados passávamos o dia inteiro limpando a casa e os quartos. Sei que por um lado a Haidee era muito xereta e mexia em tudo, eu também, mas gostava de mexer numa caixa de maquiagem e nos livros, não gostava de mexer nas coisas mesmo, porque achava que ia sobrar para mim, até chegar a ponto de apanhar. A Haidee mexia em tudo, até os presentes que estavam fechados ela abria para ver o que tinha dentro e falava: "Haidee, não abra." Mas ela já tinha aberto e já estava vendo o quê que tinha dentro, e para colocar aqueles negócios no lugar de novo? Nunca. E quando ela chegava, ficava muito brava e jogava tudo no chão. "Pai, mexeram no meu presente, mexeram em não sei o quê." E ele: "Tranca essa porta." Mas se trancasse a gente não ia poder limpar, e se o quarto ficasse aberto era uma confusão; todo dia era um quebra pau em casa.

O Demétrio chegava bêbado e diziam: "Arlete, vai pegar um balde d'água." Eu ia pegar e 'pum' jogava no Demétrio. Ele era um bolivianão bem grandão e o pai era baixinho. Um dia ele fez isso: "Arlete, vai pegar o balde d'água." Fui, peguei o balde d'água e ele jogou nele, só que o Demétrio ficou doido, veio e deu um soco no pai; e o olho dele ficou todo roxo, um tempão e o pai ficou doido. Nessa hora saí correndo e o pai foi no depósito dele e pegou uma corda. "Por que agora eu mato, agora eu vou lhe matar." E Demétrio era assim, bebia e quando ele deitava, morreu; pois podia fazer o quê quiser porque ele não acordava.

O Demétrio deitado, o pai foi lá e pôs a corda no pescoço dele e começou a puxar: "Agora eu mato, agora eu mato." E saí correndo: "Mãe, o pai vai matar o Demétrio." A mãe veio e disse: "Não, não faça isso." E disse para mim: "Vai chamar o seu Vicente." E saí correndo: "Seu Vicente, o pai vai matar o Demétrio." Era amigo do meu pai, e o Demétrio lá com o pescoço jogado e o pai tentando matar ele, foi muito engraçado, ilário. Na hora foi uma confusão, deu medo, pois vai que ele morre mesmo. Seu Vicente veio junto com a mãe e tiraram a corda da cabeça dele e ficaram puxando, sei que o Demétrio nem viu tudo isso, estava dormindo feito uma pedra.

Ficaram um tempão sem se falar e depois o Demétrio foi pedir desculpas, chorou porque deixou o olho dele preto: "Não respeita o pai, como é que pode." Ele estava bêbado; sei que ele passou uma semana sem beber e depois começou tudo de novo; ele bebia de segunda a segunda, era alcoólatra. Começou a beber por volta dos quatorze anos, ia trabalhar com o meu pai na serralheria; e no trabalho dele todo mundo bebia um golinho; lá levaram o Demétrio para beber um golinho, ele gostou e continuou, ficou alcoólatra mesmo. Às vezes caía pelas ruas e o povo dizia: "Seu Victor, o seu filho está caído em tal lugar." Daí ia o pai ia buscar ele.

Existia uns gêmeos que moraram aqui próximo, essa área era tudo barro, os dois irmãos bebiam e um deles morreu atolado no barranco, literalmente na sarjeta. É triste e sei que o irmão que viveu bebe até hoje, está bem velhinho. O pai tinha medo de o Demétrio morrer do mesmo jeito, até ficava pensando.

O Demétrio faleceu em conseqüências da própria bebida, com uns quarenta e quatro anos em casa de madrugada. Coitado do pai, pois foi ele que encontrou o corpo. Ele já não estava bem, não estava evacuando direito e a barriga estava imensa, os olhos fundos. Vomitava, morreu de cirrose. Ele morava em um quarto na parte de fora da casa. Fiquei uns três anos morando fora, em outro lugar, e lembro que vim aqui e ele falou: "Ah, não estou muito bom, não estou indo no

banheiro.” E perguntei: “Você está comendo fruta?”, “Não, não estou comendo.”, “Tem que comer.” Mas não achava que fosse uma coisa grave; disse que não estava funcionando, como era poucos dias, achava que ia melhorar, mas era o intestino mesmo. Comprei um remédio e dei para ele, pois tinha médico marcado, tinha uma tabelinha lá dos dias que ele ia fazer raio X, um dia que iria fazer outros exames, e no outro dia ele ia voltar para a consulta, tudo bonitinho, ele estava indo atrás, sabe? Só que não parava de beber.

Voltei depois de um mês e ele falou que não estava funcionando o intestino dele, como estava meio bêbado não falou direito, não sei se não estava funcionando desde daquele dia até o momento ou se foi só aqueles dias, não dava para saber direito. Vi que ele estava andando, tinha médico marcado e não o acompanhei, me arrependi, pois devia ter ido com ele, às vezes o pai ia junto e acho que a Angélica também chegou a ir. Sei que depois de um dia desses começou a vomitar, vomitar e vomitar; que é da cirrose, pois fica juntando líquido e não tem para onde ir direito e fica na parede; ele engasgou-se com próprio vômito e morreu... Foi realmente horrível!!!

Ele morava nessa casa, na parte de fora e até os últimos anos dele. Acho que morou um ou dois anos só, porque fiquei três anos morando fora. Ele morreu e tiveram que chamar um camburão para limpar, pois quando se morre em casa faz autópsia, é horrível. Sei que foi uma coisa muito ruim para todos. Nessa época, a Angélica não falava comigo porque tinha saído de casa e não podia opinar em nada; ai que coisa chata. Meu pai estava triste, a Haidee, todo mundo. Fui ao enterro, mas não participei muito, sei que foi muito chato, muito triste e depois fiquei pensando um tempão e disse: “Caramba, podia ter feito alguma coisa a mais.” Como sou da área da saúde, fiquei pensando um monte, sabia que ele ia morrer, mas depois a gente fica pensando nas nossas atitudes.

Na época era auxiliar de enfermagem. Pensei: “Viver bem ele não vai mais, ele não para de beber e o fígado deve estar destrocado.” A barriga, abdômen tinha que ficar drenando e doía. Ia parar com uma sonda, ter que fazer drenagem, talvez tivesse que fazer uma cirurgia, ia sofrer bastante. Mas sei lá, às vezes me arrependo de não ter dado mais atenção, a Haidee trabalhava, a Marta morava super longe. Depois parei de pensar, pois precisamos viver.

A adolescência também foi legal porque o meu pai tratou a gente diferente da forma como tratava a minhas irmãs mais velhas. Quando elas eram adolescentes não podiam nada, e a Marta até fugiu de casa numa época e quando voltou estava com a Míriam, sua filha mais velha andando. A gente podia muita coisa, apesar da gente não poder sair de noite, não poder namorar, não poder nada dessas coisas, mas mesmo assim, eles deixavam a gente ir para o parque da Previdência, ir passear: “Ta bom, pode ir. Tem que conhecer o mundo, tem que passear.”

Aí as minhas sobrinhas, a Míriam, a Milene, a minha irmã Haidee, éramos da mesma faixa etária, mas eu era a mais velha. Nesse período, a mãe já tinha falecido, e isso foi quando tinha uns treze anos. Foi um momento super triste também porque foi logo no começo da adolescência e a gente sente muita falta da mãe nesse momento. Tudo sobrou para mim em casa, porque a Haidee era menor e não tinha cabeça para fazer as coisas. Quando ia fazer arroz, queimava, fazia feijão e queimava, tinha que fazer comida porque o pai tinha que almoçar meio dia e tinha que dar comida para os pedreiros, tinha que ter almoço para a Angélica, para o Demétrio e para todo mundo que ia trabalhar na construção. Além de lavar aquele monte de roupa, pois todos os serviços que eram da minha mãe passaram para mim e para a Haidee, mas só que a ela não fazia bem; a gente dividia.

Acertávamos tudo logo no café: “Olhe, você vai limpar a cozinha, você irá limpar a sala, você irá limpar não sei o quê lá.” Só que ela nunca ia, parece o meu filho Eduardo: “Vai fazer.”, “Tá bom, já vou.” E nunca ia, só que alguém tinha que ir porque o meu pai vinha e o almoço tinha que ficar pronto, senão, ele ficava bravo e acabava fazendo tudo. A Angélica trabalhava e estudava fora e chegava à noite, o

Demétrio bebia, e era aquela coisa, mas a falta da mãe era uma constante e foi triste o começo.

A mãe faleceu de câncer de mama e no útero. E não tinha o quê fazer, ela tinha cinquenta anos, começou a sentir umas pontadinhas. Só que ela era muito tímida. Nós nunca tínhamos visto o ceio dela; olhava e sentia que tinha uma diferença, um era maior que o outro. Mas nunca tinha passado pela cabeça e também era criança. Aí um dia ela falou que leu uma revista, a revista Super Interessante dizendo que tinham comprado um aparelho mais moderno para fazer mamografia. E ela falou, nem sabia ler: "Eu acho que estou com isso aqui." E estava escrito "para detectar o câncer de mama." E falei: "Não mãe." Mas ela tinha marcado uma consulta e o médico tinha falado, só que não sabia, pois o médico falou para o meu pai que não tinha o quê fazer porque estava muito adiantado, deu uma bronca no pai porque não a levou antes no hospital e sei que o pai voltou bem chateado. O médico marcou uma cirurgia para não sei quando, que lembro, acho que era maio. Ela foi para a cirurgia e ficou uns dois dias no hospital e voltou. Por que no hospital você fica de camisola, vão te examinar e você perde um pouco o pudor. Ela mostrou e eles fizeram uma cirurgia da região da mama até o abdômen. E como é no Hospital das Clínicas, lá tem muitos estudantes, eles fizeram mais para observar. Não iam fazer nada, porque não tinha o que fazer mesmo, só abriu e fechou. Até hoje não sei para que fizeram isso, não entendo porque abriram e fecharam sendo que não tinha o quê fazer. Por que acho assim, se não tivessem mexido ela teria vivido mais, mas só que ela não teria vivido bem; acho que ela teria morrido de dor por um lado. Eles mexeram e até fizeram um favor.

Por que ela veio para casa no segundo dia e falei assim: "Pai, ela fez a cirurgia fazem dois dias e como que mandaram ela para casa? Não tinha que ficar mais tempo lá?" , "Ele fizeram, mas não tem o que fazer ." Sei que ela ficava deitadinha e eu deitava juntinho dela, fazia mingau, dava os remédios.

E a única coisa que ela sentia era umas pontadinhas, nada que doesse ou ficasse chorando de dor. Depois da cirurgia a gente dava os remédios dela, tinha remédio para dor no meio. Aí um dia ela levantou e foi ao banheiro, acho que foi no quarto dia, no quinto dia falei para ela: "Pode deixar tudo aí que lavo." Não sei se foi o esforço e começou a sangrar um ponto do abdômen, falei para ela segurar e chamei o pai, e ele chamou um táxi. Ele enrolou ela em um lençol e depois subiu a escada, pôs no táxi e foi para o hospital. Foi a última vez que eu a vi. Às vezes choro de saudades!

Às vezes fico pensando, acho que ela sofreu muito; e é por isso que não esquento a minha cabeça, não quero nem saber. Mas ele encheu muito a paciência dela, não sei se ela teria; mas ela teve duas filhas. Geralmente quem tem filhos tem poucas chances de ter, não é que não vá ter, mas tem menos riscos de ter câncer de mama. Mas o estresse é um dos pontos que causa; comer comida enlatada, essas coisas; mas minha mãe não comia nada químico, a mãe comia tudo natural. Nessa época a gente nem comprava esse tipo de comida, era tudo coisa daqui do pé. Acho que era por causa de raiva, às vezes penso as coisas, pode não ser certo, mas sei que eles atormentavam muito ela. Se eu fosse ela já tinha catado as minhas coisas e tinha sumido no mapa, era muito chato. E o pai também, uma vez ele pegou o balde e tacou na cabeça dela, ela falava um monte de coisa para ele, mas não adianta nada.

Uma vez brigaram no banheiro e ele bateu o pé dela não sei como e quando, fui lá ver e já tinha acontecido, levou no médico e disse que caiu, que bateu. E caiu coisa nenhuma, ele que bateu nela. Era muito estresse, muito nervosismo, era tudo muito trabalhoso, tinha que tirar água do poço, tudo muito trabalhoso.

Acho que ela foi feliz porque tinha a gente, eu e a Haidee, apesar da gente dar trabalho também; pulava na terra e aprontava; mas a gente cantava com ela. Ela gostava de ir no meio da plantação, tinha um lugar calmo, e ficava rezando, cantando, essas coisas de liturgia; e a gente ficava lá também. Ela não sabia ler, mas gostava de levar os folhetos da missa. Mesmo assim ela cantava, decorava e a

gente cantava junto; era bem legal, brincava de roda. Acho que a parte que ela foi feliz foi com a gente, e o pai também, às vezes acho que ele devia ser bom em alguma coisa.

Quando a Angélica ficou adulta acho que a sua relação ficou um pouco melhor com a mãe; mas não aprovo o jeito que elas tratavam a mãe. Por isso, quando você vai casar você tem que pensar bem, por que se você for para um seio de uma família que está todo mundo quase adulto, outra geração, é muito difícil a convivência; e o pai era bem mais velho do que ela, vinte anos mais velho. A Marta era adulta, boliviana e mãe, sei que sofreu muito. Por que a mãe dela morreu e ela assumiu tudo, cuidava da Angélica, aprendeu muita coisa; Ela era nova, mas já era muito vivida de sofrimento.

Mas ela era muito fria assim, muito brava e a minha mãe não, era uma pessoa do mato, aquela calma, só flores e tirava copo de leite e levava para casa. A mãe dela muito boazinha, a família muito alegre, era outra coisa. Não era uma família estressada que nem essa; acho que foi uma besteira o quê a mãe fez. Caso ela tivesse ficado lá, estava vivinha até hoje, mas aí resolveu enfrentar essa família.

E o pai falava a mesma coisa: "E agora você que tem os seus enteados também, você vai ver, você vai sofrer porque não é fácil." Mas eu sou bem diferente da minha mãe, acho que o exemplo dela ficou e nem esquento a minha cabeça. Às vezes alguém fala não sei o quê: "Ah, tá bom; fica à vontade, é você quem sabe." Eu não vou ficar discutindo e nem vai ficar no coração assim, remoendo, nada. Não quero adoecer não; os meus enteados são bonzinhos, me respeitam, não estresso com eles e nem com ninguém.

Em casa todo mundo é católico e fui ser catequista. Era legal porque podia pegar as crianças no catecismo e sair com elas para passear. Íamos no parque da Previdência, que fica logo aqui em baixo e que também tem freiras, as paulinas, onde costumávamos visitá-las junto com catequistas mais velhos. As crianças faziam a primeira comunhão e formavam o grupo juvenil. Costumávamos dar aulas, fazer teatro e era ótimo porque éramos adolescentes com idade de quinze, dezesseis e dezessete anos. Às vezes as meninas não queriam fazer nada só conversar até onze horas da noite, e falei assim: "Quer saber, vou sumir." Ia para a igreja fazer catecismo aos sábados e domingos, e levava todo mundo para passear, justamente para não ficar em casa aos domingos cozinhando. Dizia que a igreja era muito importante. E o Demétrio falava: "E aí beata, tudo bem, beata." E respondia; "Tudo ótimo!" Foi uma estratégia que arrumei para não ter que ficar como escrava no fim de semana em casa. A Marta e as suas filhas vinham dormir aqui e ficavam tudo nas minhas costas.

As filhas da Marta: Míriam e Milene eram adolescentes, mas a Marta não ficava o dia inteiro na casa do pai, mas mandava as filhas. No entanto, se ficassem aqui e ajudassem, tudo bem, mas só bagunçavam. Não fazia comida, não fazia nada, só ficavam bagunçando. Até hoje quando as três se juntam a Míriam, Haidee e Milene para conversar é sem fim. Agora, conversava e ao mesmo tempo descascava batata, fazendo macarrão para o almoço, e tinha que falar "Vamos, vamos, vamos." Era onze e meia e ninguém dava bola. E pensei: "Quer saber, onze e meia é a missa. E dava onze e trinta e thiau." Às nove horas do domingo tinha catecismo e sumia.

Tinha momentos que elas iam para a igreja, mas não esquentava a cabeça e ao menos me livrei dos finais de semana de 'escravidão'. Outra coisa é que elas ficavam tirando sarro de mim porque era a mais peituda e mais forte da família. Diziam que era gordinha, que tinha namoradinho, que o vizinho ficava falando de mim, esses 'caras' eram todos safados; ficavam observando a gente porque éramos moças. O meu pai tinha empregados, alugava quartos para eles, e os mesmos passavam e vinham pagar o aluguel bem próximo da gente. Eram todos safados e as meninas ficavam tirando o maior sarro, dizendo que estava dando bola. Falavam um monte de bobagens; e não tinha nada disso porque assumia mesmo.

Encheram muito a paciência, fui ficando adulta, mas não namorava; o pai não deixava e não sentia interesse por ninguém. Quando tinha uns quatorze anos gostava de um menininho, mas ele não gostava de mim, fiquei enfezada e não gostei mais de ninguém. Só fui namorar mesmo aos vinte e dois anos com um policial lindo, mas depois ele morreu. Arrumei outros namorados por aí, mas já era adulta. Uma vez resolvi morar com um amigo meu que não deu certo, me arrependi, foram três anos anulados da minha vida que não vou contar. E depois de um tempo conheci o Edimir; foi legal porque a gente se apaixonou, uma coisa louca e acabamos vindo morar aqui, pois o Edu nasceu, fiz faculdade e agora estou estável.

Também já estou com quase quarenta anos. O meu jeito sempre foi meio jovem, brincalhona e ainda tenho vontade de fazer um monte de coisa, como viajar, adoro viajar; adoro praia. Pretendo arrumar essa casa, reformá-la, pois precisa de muita coisa. Quero me aposentar, faltam sete anos e meio; fazer artesanato, que adoro, e abrir uma lojinha, e viajar para trazer coisas de longe para vender nela, não depender só disso, mas quero fazer isso por prazer, ter um atelier. Não dou para pintura, mas gosto de bordar, de crochê, de fazer coisas. Quero aprender muitas coisas: a costurar, a fazer moletom. A Marta que é costureira profissional, mas quero de vez em quando pegar e fazer um tricô. Também queria morar na praia, mas ninguém quer, se um dia mudarem de idéia eu vou, mas enquanto não mudam vou viajando para passear mesmo. Porto Seguro é maravilhoso, é muito bom viajar, muito bom! Dormir e acordar com o barulhinho do mar é uma delícia, e na lua cheia é lindo, o sol nascendo é lindo, o sol se pondo é lindo, tudo é lindo no mar. O peixe é uma delícia, as pessoas são mais alegres, e em São Paulo todo mundo é estressado, fechado.

Trabalho em hospital e no começo do ano estava deprimida, o meu cabelo estava caindo, ficava chorando a toa, triste. Estava trabalhando na pediatria e os pais não tem educação, acham que só o filho dele está com emergência. Não tem paciência de esperar, é horrível porque eles gritam com os enfermeiros e pensam que somos capachos. Tem casos graves de crianças. Uma vez estava indo para a gerência, e falei para o meu amigo que virou chefe: "Getúlio, me tira da pediatria, pelo amor de Deus! Não dá mais para ficar lá." Ele me colocou no setor de adulto e deu quatro plantões diretos, viajei uma semana e voltei legal. Gosto de trabalhar com adulto, porque é assim, o outro chefe falou: "Se você quer ir para noturno, vai. Mas vai ter que ficar na pediatria, tudo bem?", "Tudo bem." Por que ficava de vez e quando, mas ficar direto, assumir mesmo, não é a minha praia.

Faz quase dois anos que assumi a pediatria. No primeiro ano, era assim, tinha uma auxiliar de enfermagem lá, grossa, sabe essas pessoas xucas, era uma grossa, a mulher é uma 'ogra'. E não era só comigo, era com todo mundo e achava que não era. Ainda falava: "Não, eu não sou grossa, é a minha cara que é feia, o meu jeito é que é bravo, mas não sou assim." E alei: "Não, tem hora que você é grossa sim, você foi grossa em não sei em que momento, assim, assim, assim.", "Não, mas falei isso por causa desse momento." O comportamento dela era esse. Estava quase conseguindo tirar ela, até fale para o meu chefe. Por que ela escrevia cartas imensas fazendo reclamação respondendo os motivos que a tinham levado a determinado tipo de comportamento. Era difícil trabalhar com ela porque ela não respeitava o trabalho dos colegas. Havia momento que falava: "Olha, você quer escrever, fique a vontade, pode escrever uma carta enorme, seja o que for, fique a vontade, pois você vai se formar e não sei se terá a chance, porque tanta coisa em seu prontuário? Tá certo que é tudo defesa sua, mas para que tanta defesa? Se tem tanta defesa é porque tem alguma razão." Fiz algumas reclamações.

Estava de férias e ela tinha acabado de se formar, e teve aquele problema do H1N1, a gripe. A gripe trouxe uns trezentos pacientes por dia para o hospital. Adultos, crianças, foi uma loucura porque não tinha lugar para colocar os doentes. E o SIVAM envia três folhas para você preencher: idade, contato. E tínhamos que contar os quadradinhos para preencher aquilo, porque todo mundo era gripe e

ninguém queria esperar, todo mundo gritando feito louco. As minhas férias estavam marcada, aí eles chamaram ela, que tinha acabado de se formar e colocaram na enfermaria, na triagem. Graças a Deus saiu da pediatria, mas não achei que merecesse a promoção. Graças a Deus me livre do estresse.

Aconteceu um monte de coisa porque é pouco funcionário. Às vezes é acidente grave, um bebezinho que morreu, ou chegou praticamente morto, horrível isso com crianças, fiquei super estressada. Agora estou numa dúvida cruel, meu amigo vai sair de férias e quem vai vir ficar comigo? Ela. Dizem que ela está mudada, que agora é enfermeira; vamos vê. Vai ficar na triagem... Vamos ver e agora é meio de igual para igual e antes ela era auxiliar... O pessoal que trabalha comigo de noite são pessoas sérias, a maioria é adulto, não gostam muito de brincadeiras e trabalham muito bem com emergência. A equipe da pediatria são pessoas alegres e pacientes.

Sempre gostei de cuidar das pessoas, cuidar do outro, cuidava do pai, levava na farmácia, queria muito entrar no hospital das clínicas, pegar no prontuário da minha mãe para ver o quê aconteceu. Era uma idéia antiga. "mas o quê aconteceu?" Queria estudar, procurar, saber e depois fui tirando isso da cabeça, mas sempre gostei de cuidar do outro, gostava do ser humano. Sempre achei que grande parcela das pessoas são boas. E quando se está doente, sofrendo e se a gente puder fazer alguma coisa para ajudar é bom, pegar na mão da pessoa, passar a mão na cabeça, cumprimentar, sou assim. Acho o toque muito importante na hora que você está doente. Costumo falar para o pessoal: "Vamos fazer o abraço coletivo." Tinha uma frase que falava antigamente, mas criei uma frase para todo mundo se abraçar e se beijar. Acho isso importante e desgostei da pediatria porque achava as mães e as avós histéricas e não sabem fazer nada. Quando chegam no hospital não sabem nada, nem o peito para a criança mamar mais, chega lá e fala: "Ai, estou com dificuldade de amamentar." Mas que dificuldade de amamentar, o menino berrando, bonito, forte, não dá para entender essa gente.

Na maternidade, as enfermeiras têm que trocar fralda dos bebezinhos deles, "Como trocar a fralda? A mãe tem que lavar e trocar, cuidar do bebê dela." Acho que eles pensam que por serem ricos e terem babá não precisam fazer isso, nem pega o bebê direito, os bebês chegam perto da mãe para mamar um pouquinho e voltam para o colo da babá, acho que é para não estragar o peito, mas é gente que tem muito dinheiro. Não entendo. As vovós perdidas porque a criança está com uma febre... "Deu novalgina?", "Não.", "Estava com quantos graus em casa?", "39 graus, trouxe para vocês verem que está com febre." E se essa criança tem uma convulsão no carro? E explicando: "Olhe, da próxima vez veja com o pediatra para ver o quê é bom, se é tilenol, novalgina, líquido. Tem que ter dentro de casa, porque uma criança desse tamanho, às vezes a febre sobe de uma vez e pode convulsionar. É vexame e não sei o quê." E ficou com medo. "A senhor pegue o carro, põe a criança no carro até chegar aqui, tem trânsito; nesse tempo de trânsito parado, a criança com febre e sem remédio, convulsiona. Ou vai abaixar ou pode chegar aqui e convulsionar.

E chegam aqui chorando. Hoje em dia as pessoas não sabem nada, nem dá uma novalgina para criança, como é que pode? E reclama: "Tá demorando." A febre não é emergência, dor de dente não é emergência, dor de ouvido não é emergência, não sabem pingar um remedinho no ouvido de uma criança. Muito triste. Graças a Deus, não quero nem saber da pediatria. Não consigo entender essa gente. Ou o inseto picou e deixa a criança com a mão inchada, chegar num estado horrível no hospital. Não dá para entender, não consigo entender as mães e os pais de hoje em dia, pessoas desesperadas. E as mães fazem o maior melodrama para os pais saírem do trabalho e chegarem correndo no hospital. Às vezes a criança não tem nada, mas é só para o pai vir para fazer média. Gente louca! Depois às vezes ficam lá e acham as auxiliares de enfermagem bonitas, porque são bonitas. E as mães loucas pensam que as auxiliares estão dando em cima do marido delas, é uma baixaria isso.

Sei que é lamentável as mães de hoje em dia, novas e totalmente inexperientes. Trabalhar com adulto é diferente, pois sabem explicar, deixam a gente escutar o pulmão, você escuta a pressão. "Ah, por causa disso?", "É por causa disso." Você explica, ele entende. Não quero mais trabalhar na pediatria, pois me estressei muito, quase fiquei doente e pedi as contas. Falei para o Edimir, disse que tinha que agüentar, ter paciência. Cheguei até a entrar no Google, mandei um monte de currículos para os lugares; porque se não saísse da pediatria iria pedir as contas. Até que resolveram me transferir para a ala adulta.

E também não dá para sair do noturno porque senão o salário cai. Estava disposta em ficar em um horário intermediário das dezessete às onze da noite, ia numa boa, mas não preciso ir, então ótimo. Estou me adaptando, por que têm as doenças dos adultos, os fluxos dos atendimentos dos adultos, e faz tempo que eu não via eletro de adulto, estou estudando um pouco, e é gostoso estudar. Outro dia estava estudando bradicardia e por causa de um paciente e fui escutar o marca-passo transcutâneo, e foi legal. Acontece coisas tristes também. Teve um dia não foi o meu plantão, mas foi no final, chegou um paciente que se suicidou em casa; horrível, era irmão de um enfermeiro. Acontece um monte de coisa. Não tenho medo de sangue, não tenho nojo de nada, às vezes tenho um pouquinho, mas a gente passa cada uma.

Teve um dia que chegou uma menina, funcionária da casa, ela tem problema na perna e anda puxando. Ficou vomitando e com diarreia no metrô. Sentou na escada e nem conseguiu levantar, alta, grandona, e eu baixinha, e isso foi logo de manhã. Uma pessoa a viu com o uniforme do hospital e a trouxe para o hospital, estava toda suja, tinha evacuado. Fui ao banheiro dá banho nela e não tinha nem uma menina para ajudar. Imagina a vergonha que ela passou. E falava: "Não, normal." Peguei o sabonete que tinha um bom cheiro, era de criança e dei banho nela. Nessa hora temos que ter jogo de cintura. Os médicos também, tem uns que são chatos, reclamam, gritam, e digo: "Doutor, você está estressado, calma." Nem fico mais nervosa com eles, eles gostam de pegar todo mundo que chega e que é novo, e fazer pegadinha, dano broncas, fingindo que estão bravos. "Bravo nada, é frescura, tudo sacanagem, tudo pilantra."

No começo eles agiam assim comigo e agora todo mundo que chega, passa igual, parece exercito. Você chega e vê as pegadinhas. "Isso aqui não viu e tal.." Um monte de questão, um monte de pergunta, coitados. "Não, assim não, isso não está certo." E a pessoa fica: "Ai meu Deus, vão me mandar embora, não sei o quê." Mas é tudo frescura e a gente já responde: "ah, não é assim.", "Então, tá bom, vamos seguir outra coisa, e assim a gente vai respondendo as coisas.

Fui mãe aos vinte e sete anos do Edu, já não era tão nova. Foi na hora certa, do jeito não muito certo, mas foi certo! Foi assim, namorava o Edimir, mas ele estava saindo do casamento dele, só que a mulher dele não o deixava em paz. Aquela coisa, até que engravide e falei para ele: "Ah, você é quem sabe?" Eu morava sozinha num apartamento, estava com dois empregos, um no Sírío Libanês, sossegada e falei: "Qualquer coisa, tinha uma pessoa que ia lá fazer comida para mim em dias intercalados." Morava em um apartamento pequeno, mas limpava, encerava, ficava bem sossegada. Ele que tinha que resolver o que queria e que não queria, mas não o pressionei em nenhum momento.

Viajei e quando voltei percebi que tinha engravidado, mas já era uma coisa que sabia que queria e sempre quis, não desse jeito, mas sempre quis ficar grávida, ser mãe, achava um sonho. Falei: "Se até os trinta não engravidar, também não vou querer mais porque não é para mim." Adorei e ele também ficou muito feliz. Só que ele estava com aquele negócio, falei: "Você resolve aí, o quê você quer fazer, você é quem sabe? Não vem ficar comigo só por causa do bebê. Resolva, se você quer ficar porque aqui não tem problema, me viro muito bem, e se você quiser ir, não tem problemas. A porta está aberta." Até no hospital falava um monte para as minhas amigas, fazia planos e falei: "Olha, o que acontecer será bom. Caso ele venha vou fazer assim, e se ele não vier, tá cheio de tia solteira no

mundo” Tinha amigos que moravam em apartamentos próximos da Santa Casa, tinha um amigo que morava e era bem legal comigo. O meu pai ia lá ver e muito legal.

Fui resolvendo a minha vida. Quando ele veio: “Resolvi, vou morar aqui, saí de lá.” E ele falou: “Só tem uma coisa.”, “O quê?”, “A ex-mulher estava grávida.” Ele veio dizer para mim, era inocente, e achava que eles não transavam mais. “E você pensava o quê?”, “Pensava.”, “Mas de vez e quando rolava.” Falei para ele resolver isso porque não queria nem saber. Disse a mim mesma que não iria esquentar a cabeça. Gostava dele. E como tinha sofrido com um amor intenso anteriormente, já estava meio vacinada. Ele acabou vindo, chorou. Sei que veio e ficou. O Edu cresceu e foi aquela alegria, curti muito a minha barriga, não deixei nada me influenciar, me preocupar, nada. Curti a beça, ia para praia de barriga, com aqueles biquines amarelos, achava lindo. Comprei um monte de roupinha bonitinha e ia andar por aí. Saía com o meu amigo gigante. Tinha um amigo, o Sílvio, ele é gay. Andava com ele para todo lado, e o Edimir nunca foi de sair muito, ele tinha a cabeça cheia. “Ah, não. Vou dar uma volta, tomar um ar.” E o Sílvio me ajudava muito, comprou uma cadeira de balanço, e pôs no apartamento dele e colocou um monte de música leve lá para eu ouvir. Ficava naquela cadeira de balanço, enjoada, às vezes. Por que enjoei até o 5º mês e conversávamos muito. O engraçado que todo mundo achava que o Sílvio fosse o pai. Não sabiam que ele era gay, é uma pessoa muito legal. Ia tirar foto na praça da república, tinha uma amiga minha do lado, a Dona Vera, ela cantava musiquinhas de neném.

E o Edimir era muito carinhoso, beijava a barriga, brincava e já morávamos juntos. Trabalhávamos no mesmo lugar e era muito engraçado porque no hospital ninguém sabia. Aquele barrigão e “Vamos fazer chá de bebê.”, “Vamos.” Ele trouxe o presente bonitinho. E abrindo o presente lá dentro, falei: “Ai, obrigada!” Ganhei muitos presentes e fraudas. Foi uma alegria para gente, para mim foi uma alegria. A Haidee ficou toda contente, o pai todo feliz, foram na maternidade ver o Dudu, meus amigos foram, foi muito legal. Tive o Dudu em julho e depois de seis meses, nasce o filho dele. Só sei que ele ama os filhos, e os dois, atualmente moram conosco.

Não costumo explicar essa história para as pessoas porque ninguém entende, às vezes “Como é que seu filho e o dele podem ter a mesma idade?” Até isso. E no início ela ligava e falava um monte, que não tinha tido tempo para conseguir reconquistar, porque ela errou muito no casamento dela, se ela podia tentar de novo. E falei: “Fique a vontade.” E falei para ele: “Ela quer tentar de novo, você ver aí.”

A gente fica pensando essas coisas, acho que é coisa de mulher, acho que eles não pensam nada. Eu não sei se apronta ou se não apronta. Sei que vai para o futebol bonitinho: “Ligaram para ir trabalhar.”, “Ta bom.” Outro dia, que nem hoje, chega de tardizinha para trocar de roupa e ir trabalhar ou vai direto. Uma pessoa vai para o futebol, está todo suado, de moletom, pega o moletom e vai trabalhar; ligam dez horas de noite para ver se está trabalhando, no particular, sei. Tem que ficar o dia todo e à noite vai trabalhar no hospital, é difícil de engolir, de acreditar piamente... Não sei até que ponto a gente vai levando, gosto muito, ele também, acredito que sim, e depois tem esses adendos, e se ele fizer alguma coisa, ele merece mesmo levar um pezão bem dado porque a gente cuida de dois filhos, um cachorro, um gato, uma responsabilidade, além de trabalhar fora. E os filhos não lavam um copinho, bebe uma aguinha e joga o copo do lado. Eu falo: “Não come lá em cima.” E comem panetone e quando olho no cantinho tá cheio sujeira.

É preciso ter paciência; até chamei uma mulher para ajudar e não passar estresse. A pessoa tem que ter um pouco mais de respeito. E se um dia descobrir coitado dos três, e quatro e cinco; porque vai tudo embora. “Ah, mais eu ajudei a construir, não sei o quê.”, “Ta bom.” Vamos dividir e vou pagando bonitinho.” Aí vou morar na Bahia e pronto. Talvez se ficar vá sofrer, chorar, então, é melhor mudar radicalmente. Vou embora, não tem mais o pai para cuidar. A Angélica,

posso convidar, ela é adulta. "Quer ir, vamos. Quer ficar, tô indo." O menino tá grande, ele vai, ele gosta de praia também. Vamos embora os dois cair no mundo porque isso aqui é nosso. Às vezes penso em tudo isso e o meu pai falou, sempre teve influência: "Você tem que pensar em tudo, o que pode acontecer de bom, o quê pode acontecer de ruim e as soluções. Não tem que viver como um cachorro que vai nascer, viver e morrer, não. Tem que viver e pensar nas possibilidades da vida, das coisas que aparecem." Sempre penso: "Eu vou viver feliz para sempre aqui, reformar a casa, tudo lindo, as crianças cada um se formando, maravilhoso, muito bom, mas pode surgir uma coisa que não dê certo, uma coisa errada e aí muda tudo. A gente tem que está preparada para acontecer tudo, até para uma doença, um acidente, senão, a gente fica igual essas mulheres fracas que acontece um negócio: "Nunca pensei que podia acontecer isso." Fica sofrendo com depressão, doente, a família jogada e aquela coisa triste. Não, você tem que ser forte, pode acontecer isso? Pode acontecer, e tem que está lá para pôr a coisa no lugar. Iria chorar um pouco, mas não ficar morrendo. Tem tanto moreno bonito por aí, é só não trazer mais para dentro de casa. Estamos aí, com aposentadoria e ser felizes para sempre...

Os planos são esses, aposentar. Tinha o sonho de dirigir, todo mundo fica na minha cabeça, até a Marta: "Tem que dirigir, comprar um carro." Tenho carteira, renovei, estou aprendendo, mas não levo muito jeito porque tenho medo, acho que vou bater e vou morrer. Tenho pavor da rodovia Raposo Tavares, da Rebouças, não consigo. O marido vai vender um terreno, a casa lá e receberá um dinheiro para comprar um carro. Vamos entrar em ordem e reformar a casa, se Deus quiser, estou esperando. Mas acho que mudei de idéia. Não falei para ele ainda, mas não quero comprar um carro. Acho que vou pegar esse dinheiro e colocar no banco, abrir uma previdência privada para usar no futuro porque a aposentadoria não dá para confiar igual antigamente. "Vou abrir uma previdência privada, entro com esses dez mil, e vou, como se tivesse comprando um carro, vou depositando lá para o meu futuro. Vou precisar e no futuro terei um dinheirinho a mais e não ficar correndo risco de vida.

A Haidee foi fazer aula com um psicólogo lá para aprender a dirigir. Ela dirige, mas até hoje tem um pouco de medo. Toda vez que entro no carro dá taquicardia, um pouco de medo, acho que não quero não. Vou de ônibus para os lugares, ponho a mochilinha nas costas, não tenho preguiça de pegar metrô. Outro dia viajei para Bahia e fomos de ônibus, de mochilinha nas costas para o Tatuapé e lá pegamos um ônibus que vai direto para o aeroporto e baratinho. Hoje em dia tudo é prático, não tem preguiça não. E sempre vou para Bertioga, adoro. Coloco a mochilinha nas costas, metrô Jabaquara, de Jabaquara o ônibus para Bertioga e já estou na praia.

Quando vou para Bertioga fico em um hotel que é cento e pouco a diária. Dá para ficar três dias e eles dão uns descontos, tem piscina, toboagua que é do tamanho dessa casa. As crianças adoram, e sempre que posso, vou. Não gosto desse tempo de inverno porque não dá para ir, então vou para Bahia. Teve um tempo que a gente foi três vezes. E no ano que vem vou de novo. Levei a molecada toda para Bahia. É uma alegria e foi muito bom! Eles curtiram a beça e ano que vem quero ir para Recife, ainda estamos escolhendo alguma coisa no nordeste, Recife, Aracajú, Maceió, não sei.

Gosto de viajar e já falei para o Edimir: "Vamos?" Mas ele nunca vai, agora no ano que vem falei: "Prepare para a gente viajar em Julho, porque estou de férias e a gente leva todo mundo.", "Está bom." Se ele for, vai ser ótimo. E se não for vai ser ótimo do mesmo jeito, que já acostumei sair sozinha. Às vezes saio com o Dudu sozinha; mas agora tem os meninos.

Eles vieram esse ano, mas o ano que vem voltam porque a mãe já melhorou. Ela estava doente, agora comprou uma casa, estão arrumando e acho que em fevereiro, devem mudar para lá de novo. Ela não está bem, então eles ficam conosco até quando quiserem. O pai achava que os filhos iriam ficar a vida

toda com ele. Só que ela melhorou, os filhos irão voltar. É uma fase de adolescentes. Ainda brigam, o mais novo quer ir de qualquer jeito, acho que vai ser bom para ela a presença dos filhos. E já tinha acostumado, agora desacostuma de novo. E aos finais de semana estarão por aqui. Eles gostam muito do pai, apesar do pai só viver trabalhando e não poder dar muita atenção. Um dia falei para elei: "Você precisa conversar com os meninos, precisa falar mais, aproveitar o tempo que tem e ficar perto." Não fala muito, quietinho. Ao invés de puxar um assunto e querer saber coisas das crianças. Converso muito com eles, a minhas irmãs falam muito aqui, são chatas; as mais velhas falam, aconselham, mas acho que é a idade também.

O filho dele tem 13 anos e deve está naquela tensão de ir ou não ir, e morar com a mãe é diferente. Acho que eles devem sentir um pouco. Não sou ruim não, mas também não sou daquelas que vai e faz tudo para os filhos. Imagina, ninguém faz nada para mim, lavo, dobro, acho que cada um tem que guardar o seu, arrumar o que é seu, deixar bonitinho.

E por falar em viagens fui duas vezes para Bolívia. Uma com onze anos, antes da mãe falecer, mas a mãe ficou. Viajamos no conhecido trem da morte, foi uma aventura. Esse trem não existe mais. Era um trem que a gente pegava em Puerto Quijarro, depois de Corumbá; viajamos a noite toda no primeiro, sem cadeira, sem nada. Jogávamos uma toalha, um lençol em cima e ficava um monte de gente da família. Lembro que de madrugada entrava a polícia da Bolívia, com as armas batendo nas coisas para saber se tinha contrabando. Era uma loucura! E a gente ia de caminhão nas montanhas subindo a Cordilheira. O pai era meio aventureiro porque fazíamos a viagem de carona: "Tem carona para não sei aonde? Dá para levar todo mundo?" E todo mundo subia em cima do caminhão, até caminhão de coca-cola, ficávamos em cima das garrafas. O pai era doidinho, e a gente jovem adorava.

Nessa viagem foi a Angélica, a Haidee, eu e o pai. E a Cordilheira dos Andes nessa época, o caminhão passava por uma rua estreita que subia, encostada nas montanhas e era uma mão de pista. Na curva, se o motorista não percebesse o que vinha, tinha que ir buzinando, porque se bobeasse caía no despenhadeiro. Dizem que morreu muita gente nessa estrada que vai para Los Yungas. Numa dessas estávamos indo e tinha uma caminhonete; uns falam que o motorista estava bêbado, outros falam que não estava, sei que o nosso carro ficou quase para cair na Cordilheira. Ficou balançando no barranco, a parte do motorista no buraco enorme da Cordilheira dos Andes e o pneu lá rodando; e o pai pegando as malas e eu: "Pai, deixa as malas." Sei que pulamos do carro, e os homens puxavam a caminhonete; quase morremos.

Até consertar o que tinha quebrado e arrumar um lugar para ficar porque ali era afastado e não passava carros freqüente. Sei que fomos descendo de pé no meio do mato com um boliviano que assustava a gente: "Oh! Olha o bicho, a cobra." E a mulher: "Ai." Aquelas cholitas com chapeuzinho e saia. Até chegamos numa casa de um povoado e falamos: "Olha, o nosso carro quebrou." A mulher falando castelhano, e nessa, as pessoas do povoado deram milho, batata, ovo e lenha para cozinhar e comermos. Subimos com um monte de coisa e cozinhamos. No momento que estava tudo cozido e todo mundo ia comer, começa a chover e todo mundo foi se abrigar de baixo do carro. À noite era infundável porque para dormir naquele frio horrroso era uma luta, e ainda por cima, começamos a imaginar que na escuridão da montanha surgia um lobo que ficava olhando para gente. Porque o pai contava muitas histórias que aconteciam na Cordilheira, que tinha ladrão, que tinha caverna onde as pessoas se escondiam; e doida para enxergar uma caverna, mas não conseguia.

Fomos descendo a Cordilheira até chegar nos Los Yungas, onde o meu pai nasceu. Sei que dar para ver na internet e é bem legal, pois parece uma cidade fantasma. Visitamos a casa onde ele nasceu, a igreja, não tinha ninguém e a gente descendo do nada; nesse momento que caminhávamos pela rua de pedra

começou a tocar o sino da cidade. Apareceu uma magrelinha bonitinha de saia, uma cholita com trança comprida e voou no pescoço do pai, abraçou e ele começou a rodar com ela.

Foi um momento cinematográfico porque era uma prima que não via há anos, chamada Barbarita. Entramos na casa dela, ela apresentou o marido e sua família, aquela alegria. E os donos da casa dizendo que era gente do Brasil, foi muito legal; tinha até piscina na casa da mulher. Lembro que tinha uma arara enorme na casa onde estava amarrada. Como o clima dos Yunga é tropical tinha essa arara. O diferente é que estávamos lá em cima na Cordilheira, nos Altos de La Paz e para esse lugar tínhamos que descer a Cordilheira e mudou todo o clima. Era tropical, um pouco frio, mas com floresta, com rio, era o máximo. Tinha muita plantação, dava tudo: laranja, bonitas frutas, um lugar lindo e vazio, com pouca pessoas, uma cidade fantasma. O vento assoprava e as janelas batiam uma na outra, o barulho do vento assobiando, era muito estranho.

A casa dele tinha as paredes grossas e o chão de terra; dizem que o meu avô morreu naquela casa. Sei que o pai nasceu e cresceu nessa casa, e quando o avô morreu tinha a barba bem cumprida, era bem velhinho, devia ter mais de cem anos. Como não tinha ninguém cuidando da casa, tinha umas abóboras grandonas cheias de raízes que guiavam os caminhos da casa. Dizem que ele tropeçou, bateu a cabeça na abóbora e morreu. É um filme essa história. Quando chegamos tinha uma abóbora no canto da casa, só que nessa época não sabia dessa história, era criança. Achei a abóbora linda e o pai queria levar a abóbora, mas era tão pesada que nem conseguia tirar do lugar. Sei que ficou abóbora e suas raízes na casa. Quem morava na casa era o irmão do meu pai com a filha dele, uma boliviana bem cholita mesmo. Foi muito legal a viagem, só que a Haidee enjoada começou a vomitar, com dor de estômago, passando mal, não queria comer nada e eu comendo tudo, achando tudo lindo. E o meu pai: "Então Davi, acho que vou ter que voltar porque essa menina tá passando mal, vai que morre."; falaram e os escutei conversando um pouco. "Mas estava tão bom, vocês acabaram de chegar e no outro dia já tem que ir embora."

O povoado é pequeno, a cidade é um ovo. Aí tocava sino e vinha gente não sei de onde. Entramos na igreja e o pai ficou contando um monte de história, cresceu ali, trabalhava nas plantações de laranja, onde quase tudo era do pai dele e depois ele descobriu que nada era do pai dele porque não ficou nada para eles. Tinha um rio no fim do despenhadeiro e fui andar um pouco para ver se conseguia chegar no rio e não consegui, só escutava o barulho da água indo: "Chu, Chu, Chu." E descia, descia, só que fiquei com medo porque era árvore para cá, árvore para lá, não sabia voltar, precisava voltar e subi e voltei. Queria saber onde ficava o rio.

No dia seguinte voltamos para La Paz porque a Haidee passando mal, fomos de carro e ônibus, tudo de novo; até chegar e ela melhorou. Foi nessa época que o pai pegou aquela bíblia com o meu tio, essa bíblia era do pai dele e aí o tio entregou para ele. Era muito legal a Bíblia e o Novo Testamento, tinha coisas escritas de 1888. O dono dessa bíblia tinha anotações, tinha coisas que o pai anotou, coisas que ele destacou, era muito interessante mesmo, mas ele não quis deixar com ninguém, ele quis levar com ele. O pai foi na Bolívia só pegar a bíblia, porque ele contava: "Eu só fui na Bolívia para pegar essa bíblia porque era a única coisa que tinha que fazer, e depois a Haidee passou mal, e no outro dia voltamos." Foi muito chato, não ficou nem uma semana lá.

Voltamos a Cordilheira inteira para chegar em La Paz, e na cidade fomos na casa do meu tio para nos despedir. Pegamos o ônibus, carro, tudo, menos avião. Depois de muitos anos, quando fiquei adulta, quando comecei a trabalhar nas Clínicas, falei: "Pai, vamos para a Bolívia?", "Vamos!", "De avião?", "De avião.", "Então, tá bom." Fomos de avião e em duas horinhas a gente estava lá. E foi ótimo. Foi eu, a Marta, o pai. Na época não tinha o Dudu. A Haidee não quis ir, e fomos só nós, a Angélica também não foi, a gente não se falava nesse período. Foi eu e a

Marta e nós nos divertimos muito também. Levamos o pai para fazer uns passeios, o tio Walter ficou todo feliz, a tia Celina, todo mundo; só que a gente não desceu para Los Yungas porque não iria voltar porque até ir, o irmão do meu pai morreu. O ônibus que estava o irmão do meu pai caiu no despenhadeiro dos Yungas, ele e a mulher dele e morreram, a sua esposa ficou ferida e ainda levaram para o hospital.

No hospital, quando soube que o marido havia morrido; também morreu. Ela tinha uma filha adotiva, não tinham filhos. O nome dessa menina era Reina, os parentes venderam a casa, porque tinha acabado de receber o dinheiro e estava com uma filha deles, o dinheiro da casa. O dinheiro caiu no despenhadeiro e sumiu. A família do meu tio era muito ruim, e já tinham feito isso com a mãe da Angélica, pois quando a mãe da Angélica morreu, entraram na casa dela e levaram tudo. E da mesma forma quando o tio e sua esposa morreram entraram na casa dele, esses primos, nunca vi essa gente, nem sei se existe, dizem que entraram e pegaram tudo: talher de prata, coisas dela, dele e disseram para a adotiva que ela era adotiva e não tinha direito a nada. Não deram nada para a filha adotiva e ela sumiu. Ficamos procurando, voltamos para Bolívia, nessa época para ver se a encontrávamos.

Foi por volta de 1995, ele morreu 1994 e ficamos procurando ela. A Marta foi anunciar no rádio e não apareceu. Depois ela escreveu uma carta dizendo que estava com dois filhos, tinha separado do marido, umas histórias que não sei direito. Entrou em contato e nunca mais soubemos notícias. A filha dele era adotiva e não sei se tinha papel, como que funciona lá, não sei, a coitada ficou sem nada, sem eira, nem beira. Como pode? Tem boliviano muito ruim.

Namorar, casar com boliviano? Nem pensar! Tudo cara de bonzinho, mas vai conviver com eles e saberá o que é ser bom. Já pensou fazer isso, entrar na casa da pessoa e levar tudo. A mesma coisa do pai falecer e vir gente de fora querer pegar tudo. Vai levar é vassourada na bunda, porque aqui não deixo. Aqui não vem ninguém não. A menina indefesa? Coitada. Essa moça tinha uns vinte anos, jovem e perdeu tudo que era do pai dela e da mãe dela; acho que ela era órfã. O pai gostava muito dela. Essa viagem foi triste porque não encontramos essa moça.

O pai queria voltar esses tempos de novo, mas não dava mais para ir para Bolívia. A médica falou: "se vocês levarem, vocês não trazem de volta." Começamos a inventar outras histórias para ele: "Pai, vamos comigo para Bahia." E ele também começou a querer mudar de idéia e acabamos indo para Bahia, ele adorou, fomos de avião e tudo. Agora por último. Nesse último ano, fomos em julho e em setembro ele faleceu. Mas ele gostou, viu o mar pela última vez, comeu comidas diferentes e gostou, não estava mais feliz como antes quando a gente levava e ele ficava todo cheio; estava cansando, nada mais o agradava. O aniversário dele, esse último foi tão triste, ele chorou. No anterior estava mais feliz; não sei se ele já estava sentindo mais alguma coisa. Mas chorou e não ficou feliz.

A viagem não foi igual às anteriores, com alegria. Falávamos com ele, brincava, dava uma risadinha, mas daqui a pouco ficava quietinho de novo, nada mais agradava. Às vezes pedia para fazer uma comida, alguma coisa, a gente fazia e "Ta bom.", "Comi mais um pouquinho.", "Não, não quero mais." Ele falava que realmente nada o agradava, e nada agradava mesmo; acho que é a idade. Não sentia mais prazer com as coisas. Ter viajado com ele fez bem para a gente, ter ficado junto. Fiquei contente de tê-lo levado a vários lugares, para o Rio de Janeiro onde fomos de ônibus. Ficamos no Hotel Glória, lindo. Ele adorou, coloquei ele na piscina de água morna e gostou muito. Comprei uma sunga para ele, noventa anos e de sunga. Na piscina do Rio de Janeiro lá no Hotel Glória, Oh beleza! Fomos ver o Cristo Redentor. Nessa época, acho que ele devia estar feliz, não tinha noventa anos ainda, devia ter uns oitenta e nove anos, por aí. Ver o Cristo lá de cima, passear no bondinho, no pão de açúcar. Fomos para Petrópolis ver a casa do Santos Dumont, tudo lindo e ele estava feliz. Fomos para Poços de Caldas também, passeamos de charrete, onde bebeu a água vaporosa de vulcão. "Pai, não bebe isso

aí.", "Mas é bom." A gente fazia muito passeio e a Haidee levava ele para vários lugares.

Fizemos muitas coisas por ele, para que ficasse feliz; por que queríamos que ele ficasse feliz! É tão gostoso ver ele rindo, contente. Era uma alegria para gente, eu adorava poder levar e vê-lo sorrindo. Era gostoso demais, nossa! Deixa uma saudade bem grande, e só resta a saudade. Faria muito mais se pudesse.

Quando teve derrame já imaginei: ele vai para casa, sem poder mexer de um lado e consciente, ele é orgulhoso e vai ficar deprimido, muito triste, a gente vai ter que inventar alguma coisa para fazer ele contente, ficava imaginando o que fazer, pensei em colocá-lo aqui na sala, por que tem Sol e montar um quarto do jeito que ele gosta, é fácil para gente mexer com ele; tem banheiro fácil, estava programando para ele ficar com a gente, não que quisesse que ele ficasse desse jeito, mas se ficasse o que a gente vai fazer. E é difícil voltar, depois que a pessoa teve um AVC, é difícil voltar. Não imaginava que iria voltar assim, achei que colocaria numa cadeira, que ia dar banho, ia por no sol; brincar com ele; levá-lo para passear, fazer alguma coisa que agradasse, mas depois ele teve outro AVC.

Ele voltou e aquela dieta, ficou numa sonda, estava trabalhando, a enfermeira falou que ia cuidar dele, olhar; não sei se olhou mesmo, às vezes fico pensando tanta coisa. A dieta estava indo com uma bomba; sabe quando tem uma bombinha, que você passa a sonda e segue a dieta. A Marta passou a noite com ele, disse que começou a sair dieta pela boca, não estava conseguindo absorver, não estava fazendo digestão. Foi para o pulmão, lógico não voltou, mas acho que nisso tudo ele teve outro AVC, talvez não tenha percebido, porque não tem como perceber. Só se pedir para movimentar. E foi horrível porque achávamos que tinha dado uma melhoradinha no dia anterior. E quando cheguei era daquele jeito; foi uma das piores horas. Nunca tinha passado por esses momentos, passei com um paciente, mas com um pai da gente, com uma pessoa de casa, nunca.

Aquelas horas agoniastes, horrível! Ai, como é horrível, Meu Deus. A médica: "Vamos reanimar, levar para UTI ou aguardar", "O que a senhora acha melhor?", "Acho melhor, não.", "Eu também acho melhor não." E ele sofrendo. Não foi para UTI. A Angélica vindo para o hospital; tinha deixado ele bem, fui trabalhar, a Angélica foi para casa e a Marta ficou junto com a Haidee. Ninguém tinha coragem de ligar e falar: "Angélica, ele não está bem, vem logo." Quando ela chegou e viu ele daquele jeito, "O que aconteceu? Arlete, faz alguma coisa, Arlete, por favor." Por que trabalho no hospital e elas ficam tudo em cima: "Não tem nada mesmo que dê para fazer." Ele nem respondia. Não falava mais nada e quando cheguei, já não falava mais nada mesmo. Passei a mão nele e o pulmão cheio de secreção, já tinha aspirado um monte, bronco expirou, não tinha jeito, e aquele oxímetro de oxigênio 60, 80. Põe a máscara e não subia, só caía, e vai entubar, não vai entubar; não vai entubar. Mas se não entubar e ficar ali é tão horrível...

Eles liberaram para as quatro ficarem: eu, a Haidee, a Angélica e a Marta; a Milene chegou, porque é muito agonizante. Falei para ele: "Pai, pode ir que a gente vai cuidar da Angélica." Às vezes as pessoas ficam ali. E a gente não sabe até que ponto esta viva ou não. Não sabemos se está escutando, se está entendendo, até que ponto ela entende? A gente não sabe. Não tem como saber, então, é melhor falar alguma coisa do que não falar nada. Eu falava: "Pai, a gente vai cuidar da Angélica. Pode ir sossegado, pode descansar." Falava para ele; a gente pegava na mão dele e a Angélica ali chorando, a Marta também; foi horrível, Meu Deus! Tirei o excesso, peguei no dedo e não tinha mais nada mesmo, eu mesma tirei e pronto. Tinha deixado preso porque um lado dele ficava puxando, soltei tudo aquilo, foi horrível, Meu Deus! Foram as piores horas da minha vida.

Teve outra que aconteceu lá no hospital que foi horrível também. Uma auxiliar de enfermagem deu o remédio errado para uma criança, meu Deus do céu. Que coisa horrível! Deu sem querer, coitada. Velha de casa, o vidro era igual e ela deu; deu ácido para a criança; na mão do pai e o pai deu para a criança. A criança começou a cuspir, a sangrar, aquela boca, aquela língua ficou branca, quase deu

perfuração de estômago. A mãe disse que era advogada e que ia processar todo mundo do hospital. E a criança chorando e a gente tentando pegar uma veia, ligava para o setor do médico para ver o quê podia fazer, foi uma agonia tremenda. Até agora a gente responde por que tem que ir à delegacia, depor. Ia na missa rezar e falava: "Ai pai, essa criança precisa melhorar." Colocava o nome na missa; até que melhorou e não perfurou o estômago. Foi para casa, passou bem, está bem; e passou um mês internada na UTI. E o pai falava para todo mundo: "Aqui deram ácido para criança, deram ácido para a minha filha, aqui é horrível." E na UTI assustava os outros pais. Já foi até no jornal umas duas ou três vezes. Ele quer indenização, quer não sei quantos milhões. Ele não vai receber porque é difícil, mas se recebe.

A criança está bem e é avaliado por psicólogos, nutricionistas, endoscopistas, tudo quando é médico do hospital, antes de darem alta avaliaram, saiu brincando, feliz, numa boa. Agora, o trauma fica mesmo, dois anos de idade; deve lembrar, jogando aquele monte de sangue pela boca e eu morrendo do coração. Saía no corredor, para o lado do adulto e falava: "Droga, não sei se vou aguentar." E voltava e aquele pai no chão e essa Renata falando.

Estava meio perdida aquele dia, a menina que deu o remédio também: "Arlete, fui eu que dei o remédio." Meu Deus, foi uma loucura esse dia e esse dia do meu pai foi um dos piores da vida. Não temos o quê fazer. Tudo que pudemos fazer, foi feito, chamei a endoscopia, consegui vaga na UTI, mas mesmo assim, foi um erro, não foi eu que dei, mas foi um erro e sou responsável pela menina, pela auxiliar de enfermagem, porque era chefe dela e tenho que responder por ela e acalmar ela também. Foi a primeira vez que aconteceu alguma coisa e a auxiliar já devia ter sido aposentado. Mas acho que o meu pai partiu em paz. Como é horrível, como é agonizante.

Quando a minha mãe faleceu lembro que tinha um cristo na parede e me pegava tanto com esse cristo, falava: "Como que ele tinha coragem de levar a minha mãe, como? Que não sei o quê? Que era um absurdo, que nunca mais iria falar com ele." Brigava com a imagem; e no momento do pai: "Não, leva o meu pai, cuida dele." E sempre rezava pelo meu pai e rezei por muito tempo, acho que ele deixou ele viver bastante porque conviveu muito com a gente, até os meus trinta e oito anos, mas não dava mais mesmo. Fazer o quê?

Mas a morte é triste, nunca entendemos, somos egoístas, mas é algo que tem que ser entendido. Faz muita falta. Arrependo-me de não ter nada gravado com a voz dele. Às vezes quero escutar e não tem nada. Sei que gravei alguma coisa em algum lugar, mas eu não lembro direito. Tinha alguma coisa gravada, alguma coisinha dele, mas não consigo lembrar aonde que tem, mas sei que tem alguma coisa gravada, e vou procurar mais. Deve ser em algum celular antigo ou máquina fotográfica, às vezes dá uma vontade de escutar a voz dele e não tem, é tão ruim. Sem mentira nenhuma, todo dia eu lembro do pai, não tem um dia que não lembre. Lembro da casa e dele, não sou espírita, nem acredito que vai voltar, tento acreditar que está dormindo e se um dia Jesus voltar, não vai voltar não, não sei. Religião é algo complicado, mas um dia acho que a gente pode está junto ainda. Não sei quando.

Espero que não aconteça mais nada nesses níveis que aconteceram comigo porque não sei se agüento. Como é horrível passar por desesperos. É muito ruim e espero que não aconteça mais. Apesar de que onde trabalho, rezo todos dias, porque é um lugar que pode acontecer de tudo, nem penso e de repente acontece. A gente tem seis auxiliares de enfermagem que agora estão estudando para técnico, umas estão se formando, mais uma auxiliar fica na ortopedia, está grávida e um técnico de gesso; tudo na nossa responsabilidade, se eles fazem alguma coisa lá que não está certo, sobra para gente.

Trabalham bem, mas teve essa mulher que trabalha há mais de vinte anos cuidando de crianças, de bebezinhos de todos os tamanhos, pega veia muito bem e acontece uma coisa dessas, ninguém está livre. Temos que tomar muito cuidado,

tenho que falar: "Gente, olhem o remédio, olhem a prescrição, conferem a pulseirinha para ver se é o doente, se é isso mesmo, porque ninguém está livre e é tudo muito rápido, pode acontecer um erro, e pode ser fatal. E se a menina morre? Já pensaram?" Acho que tinha saído, não estava mais trabalhando, não ia mais aguentar, não sei, já pensou se a menina morre? Ou se fica com sequela, coitada, por culpa de um erro.

Até hoje eles estão pedindo dinheiro, ainda não chamaram, mas dizem que vai ter uma audiência, para lembrar tudo. Ir à delegacia, os médicos terão que responder. Ela está acusando o médico de negligência no atendimento e disse que estou na defesa; colocou-me na defesa. E a médica chefe do hospital veio perguntar: "Arlete, porque você está no roll de defesa da mãe da criança?", "Eu, no roll de defesa? Não estou nem sabendo.", "Ah, ela colocou você na defesa." Por que a auxiliar de enfermagem, aquela grossa, escreveu e todos os envolvidos tinham que fazer um relatório, e colocou no relatório dela que eu e a auxiliar demos o remédio errado. A auxiliar que deu o remédio errado é uma senhora que não sabe escrever muito bem. E quem escreveu para ela foi a auxiliar. Disse que a médica enfermeira conseguiu a vaga na UTI, e a médica não queria levar elas para UTI, sendo que a criança estava grave. A enfermeira teve que insistir para a médica levar a criança para a UTI. Ela não tinha que escrever isso. Mas ela escreveu e foi parar aonde, em todo lugar.

Agora vou ter que responder, ela me põe numa encrenca que não precisava ter colocado. Terei que falar que não, que não foi bem assim; porque não posso ficar contra a médica e também não posso ficar contra a criança, contra ninguém, não quero ficar contra ninguém.

E tenho que falar o que aconteceu, e o que aconteceu foi que consegui uma vaga na UTI para a criança e a doutora falou: "Mais alguns minutos." Foi uma coisa rápida. Mas não posso ir contra o hospital e contra a médica e a favor da criança por uma coisa que não aconteceu também. Não que a médica não queria levar a criança, não foi isso, tem que levar a criança para a UTI, estava tudo certo para a criança ir para UTI. Só que eles têm que arrumar um ponto para poder pegar o dinheiro do hospital. Estão procurando, mas graças a Deus ainda não chamaram para ir para a audiência. Não sei nem como vai ser isso, não sei se a criança ficou traumatizada, mas a criança saiu bem, saiu brincando, deve ter ficado na memória.

Acontecer uma coisa dessa com uma criança de dois anos é horrível. O que não pode é viver em função do trauma, isso não. É preciso fazer a criança crescer, direcionar para outro lado, não pode ganhar dinheiro. Igual a mulher que separa e quer ganhar dinheiro o resto da vida. Parece que está sempre remoendo feridas. Vai viver a sua vida, vai fazer outra coisa.

4.1.5. Haidee Patz

(Fonte: foto da autora, 2011) Haidee num cyber café no bairro de Pinheiros em São Paulo

Sou muito positiva em tudo, é difícil estar triste, às vezes a gente fica, mas eu sou muito alegre e gosto de encarar a vida dessa forma!

Eu nasci no bairro João XXIII em São Paulo e o meu pai e a minha mãe sempre foram muito presentes em minha vida. Minha mãe faleceu quando estava com onze anos, era brasileira, mineirinha; e meu pai era boliviano. Eram duas pessoas com estilos completamente diferentes uma da outra. Meu pai tinha características de uma pessoa mais rude. Lembro que quando era pequena, sentia medo dele. A cultura boliviana é bem diferente da brasileira. A minha mãe já era mais pacífica. Passei a minha infância na casa do João XXIII; o pai tinha um terreno muito grande, éramos pessoas humildes, mas vivíamos muito bem porque o terreno parecia uma chácara plantávamos de tudo, bananas, goiaba, abacates, mandioca, legumes, tudo. A minha mãe tinha um jardim lindo em frente da nossa casa com várias flores. E essas lembranças ficaram marcadas até hoje.

O pai criava galinha, pato, tinha todas essas coisas, e pode-se dizer que era um sítio, mas na verdade era só um terreno grande onde o pai tomava conta, parte era dele e parte era da prefeitura, mas até esse momento era uma coisa só. Lembro que tinha muita bananeira. Também gostava de ficar brincando na terra, tive muito esse contato.

A princípio, a casa era feita de barro, não lembro de muitos detalhes dela porque era pequena, beberzinha. Depois de um tempo meu pai começou a construir a casa de alvenaria, de tijolos e passamos morar nela; isso foi na época que ele começou a construir as casas que ele deixou. Essa antiga casa de barro foi construída logo depois que ele veio da Bolívia, porque ele chegou no Brasil só com os filhos; lutou muito para conseguir juntar dinheiro e comprar o terreno; comprou e construiu essa casa, muito depois foi que mudamos.

A Marta e o Demétrio trabalhavam. O Demétrio, a Marta e a Angélica, eram os filhos bolivianos. Eu e a Arlete somos brasileiras. A nossa diferença de idade é bem grande. Ficávamos em casa brincando no jardim e até a minha mãe participava bastante das brincadeiras. Fomos crescendo e tudo foi mudando.

O pai sempre foi uma pessoa muito presente. Nessa época de criança, ele era mais bravo, não deixava a gente fazer um monte de coisas, pois ficávamos com medo, mas acho que ele teve uma transformação muito grande com o passar dos anos porque sofreu uma influência da cultura brasileira, foi mudando e aceitando as pessoas. Como começou a construir as casas e a ter inquilinos, as alugava, com isso teve a proximidade de outras pessoas, e a maioria das pessoas que iam morar lá eram da Bahia. Assim, a cultura baiana é outro tipo de cultura e as pessoas eram mais alegres, se cobravam menos. Acho que tinha mais aquela coisa da proximidade, de você chegar perto, de sorrir, de falar, mas a vontade mesmo, não tinha aquela coisa tão presa, tão interiorizada. Logo que a minha mãe faleceu, lembro-me que o pai ficou muito triste, todos ficamos muito triste com a perda da minha mãe, eu, Arlete toda a nossa família.

Tinha onze anos e não tinha consciência do que estava acontecendo. E o meu pai logo quis sair da casa que ele tinha construído; não sei se foi na primeira semana ou logo após o falecimento da minha mãe. Queria pegar todas as coisas dela, retirar tudo, sabe quando você quer eliminar todos os vestígios de alguém, até para evitar muito sofrimento. A vontade dele era sair daquela casa e ir para outra que estava construindo. Era muito difícil porque era a segunda esposa que perdia. Como a gente tinha as casas de aluguel, fomos para outra casa que tinha reformado e a antiga alugamos.

Naquela época eu e a Arlete cuidávamos de um filho de uma inquilina do meu pai, tinha três filhos, uma de dois anos, outro de um ano; não lembro direito, isso antes da minha mãe falecer. O pai dessas crianças faleceu e a mãe ficou sozinha com três filhos para criar, tinha uma que era bebezinha, a Luana, tinha a Sueli e a Fernanda. A mãe dessas crianças ia trabalhar, tínhamos que nos virar para colocar comida em casa e cuidar desses filhos. O meu pai ajudou muito a Dona Deusira, ela era baiana. Foi uma dessas pessoas que começou a entrar na minha casa, uma família anteriormente fechada. O meu pai não deixava a gente se envolver com ninguém, sair, não vinha gente que não fosse da minha família ou que não fosse boliviano, era meio fechado. Então, com essa história, o meu pai que estava triste com a perda da minha mãe, e ela que também perdeu o marido. E o pai sempre foi uma pessoa de ajudar as outras; mas antes ele não se envolvia tanto.

E com essa história a gente começou a cuidar dos filhos dela. A Dona Deusira ira trabalhar e as crianças ficavam na minha casa. Ela dava uma mesadinha para nós e cuidávamos; esquentávamos as comida das filhas dela, e nós também éramos criança. Eu tinha onze anos e a Arlete tinha treze anos, éramos todas crianças. Ma como éramos um pouco mais velhas, cuidávamos dos menores. Sei que a baiana ficou uma pessoa muito presente, as crianças foram crescendo e ficaram como se fossem meio que da família. Ajudávamos as crianças a estudar, levar para passear e outras coisas. Outro inquilino viu que a gente cuidava de crianças e pediu para a gente cuidar de outra, um filho dela; e a gente cuidava também.

E o que aconteceu? Passamos a ter um envolvimento com outras famílias e pessoas, e outra cultura passaram a se integrar com a nossa casa e família. Acho que o pai percebeu, e de uma certa forma, passou a entender as coisas de uma maneira diferente; mais leve. Começou a aceitar mais as pessoas e as opiniões delas; e com o tempo ele foi mudando também.

Coisas por quais antes ele brigava não querendo nem ouvir, passou a ouvir e a entender. Lembro que quando a minha irmã Arlete quis sair de casa, começou a namorar; ela foi falar com o pai e ele deu o maior apoio. "Não filha, você tem que ir mesmo, você tem que aprender a viver sozinha, porque uma hora não vou estar

aqui." Lembro dele falar isso para ela e lembro muitas vezes dele falar depois para mim, porque sempre fui pequena. Conversava comigo: "Ah, não, você vai lá comprar não sei o quê lá." Se você fosse pegar um ônibus, ele: "Você tem que aprender a pegar um ônibus, saber comprar, fazer outras coisas; aprender a voltar." Ou então: "Vai trabalhar, vai estudar." Sempre incentivava a trabalhar, a estudar, foi um grande orientador para gente e para toda família foi uma pessoa muito importante mesmo, devido essa mudança dele, pois ele mudou muito. Tanto é que achava até engraçado porque ele gostava mais, no final de está com os brasileiros do que com bolivianos. Ele sempre se sentiu a vontade com os brasileiros.

Lembro de uma vez que ele foi ver um desfile da Bolívia, e queria ir embora porque não aguentava, era cansativo e falava: "Ah, tudo igual, tudo igual, não." E ele cansava das coisas, lógico que ele gostava muito da Bolívia, sempre teve vontade de voltar, mas mudou tanto que aceitava a cultura brasileira, as coisas do Brasil, a vontade dele era ir para a Bahia, conhecer a Bahia, tinha o maior sonho de conhecer a Bahia. No fim, a Arlete com a idéia dela de conhecer a Bahia, conhecer Porto Seguro, acabamos levando-o para conhecer.

Ele gostou tanto que ficou com vontade de ir de novo. "Ah, mas quando que a gente vai novamente?" Era uma pessoa de sair, de conhecer o Brasil, adorava os brasileiros, chegando a incorporar a cultura brasileira; e isso fez ele ficar uma pessoa bem mais leve. Era muito querido pelos inquilinos, pelo bairro, pois praticamente inaugurou o João XXIII, porque era tudo mato, tudo árvore, não tinha nada. Comprou um terreno e muito depois que começou a construir, não tinha nem avenida, para se ter uma idéia, os terrenos foram vendidos sem avenidas, depois a prefeitura pegou o terreno e fez avenida no meio do terreno.

Como era necessário ter ruas e avenidas no bairro, só que essa avenida foi dentro do terreno do pai, era uma região de matagal. Foi uma pessoa muito querida por todos, ajudou a mãe das crianças; como ela precisava parar de pagar aluguel, meu pai não deixou ela pagar mais o aluguel, enquanto ela ia construindo a casa dela. Lembro que no velório dele apareceram várias pessoas que ele ajudou, que ele fez alguma coisa de legal. E tem vários casos de inquilinos que foram morar lá. Teve a história de um inquilino queria comprar uma casa e não sabia como que iria fazer; e o meu pai falava: "Ah, você paga menos o aluguel, faz alguma coisa assim." Sempre ajudou mesmo.

Aliás, quando era bem pequena já tinha ajudado uma pessoa que era o seu Vicente, ele conseguiu fazer a casinha dele. Era uma pessoa que não tinha onde morar e conseguiu construir a sua casinha. A gente fazia o almoço e levava todo dia para o seu Vicente, lembro-me da gente chamando: "Seu Vicente!" E levava o prato de comida para ele. Depois, à noite também. Ele ajudava o meu pai a trabalhar, a construir as casas e em troca disso o meu pai dava casa, comida.

Então, o meu pai sempre que pôde ajudou as pessoas, lembro-me dele falando de gente que vende as coisas; comerciantes na rua que vendem banana nos bairros periféricos é muito comum vender esse tipo de coisas, como mandioca, ovos, banana e outros. Falava: "Vou comprar ao menos dois ou um que seja para ajudar a pessoa porque sei como é tão difícil vender coisas na rua. Às vezes ninguém compra, você volta para casa e tem os filhos precisando de leite, de comida e não tem porque você não conseguiu vender."

Ele sempre pensava: "Vou comprar, ajudar um pouco." E foi uma pessoa muito caridosa também, isso para mim. Devo o que sou ao meu pai, sabe? A educação que tenho. Às vezes é tão engraçado, como o pai era boliviano, a sua cultura é muito reta, certinha. Para ele tudo tinha que ser correto, ser educado, saber ouvir, ter higiene, são detalhes que são passados para gente e que aprendemos a dar valor. E esses valores foram passados por meio do meu pai e da minha irmã Angélica que é boliviana também. E percebia que era diferente, como tinha a cultura do pessoal que estava presente, as pessoas da Bahia, eram culturas distintas. A gente era mais educado, acreditávamos que era muito mais importante

estudar, tirar nota; levávamos isso muito a sério; respeitar pai e mãe, isso são coisas que vem da cultura; não estou falando que seja só boliviana, mas no caso do que foi passado com a gente, e a minha família foi muito importante para a construção dos valores.

E com os baianos você via os filhos xingando os pais, era uma bagunça, tinha umas coisas bem diferentes mesmo: não ia para a escola, às vezes parava de estudar. Como não pude conviver muitos anos com a minha mãe, o pai e a Angélica estavam sempre presentes, dizendo: "Come de boca fechada. Ah, não vai fazer isso, toma cuidado." Vários toques de educação, de respeito ao próximo, acho que foi tudo passado por eles. A Angélica me ajudou muito porque no fim, como era a mais nova, era a pessoa que tinha como exemplo. Porque ela trabalhava e eu era pequena e falava: "Quando crescer quero trabalhar." Tipo, querendo ser igual a Angélica. Eu via ela chegando em casa e contando os casos do trabalho dela, ela tinha as coisas dela, a roupa dela, a maquiagem, os sapatos, essas coisas; além de estudar e achava muito legal a forma que ela vivia naquela época, tinha ela como uma pessoa, uma coisa que queria ser.

E acho que isso teve em parte, a influência do meu pai, mas aí depois de anos a gente acabou, todas nós, acabamos, mesmo o meu pai vivo, acabamos nos separando da família. Tem um momento da história que ficamos cada um no seu canto, vivendo as suas vidas. Menos eu e a Arlete porque sempre estivemos juntas. Mas acabei meio afastada da Angélica e da Marta, acho que a Arlete foi morar fora com o namorado, e a Angélica não aceitava de jeito nenhum essa atitude, foi totalmente contra.

A Arlete tinha uns vinte anos, estava bem mais velha e já trabalhava no hospital, é que a gente vai falando e vai misturando tudo. Mas ela já estava trabalhando no hospital. Nessa época, a Angélica achou errado e o meu pai deu a maior força para ela, mas a Angélica não, elas pararam de se falar e ficaram anos assim. Depois foi eu que conheci o Roberto e aí levei para o meu pai e contei: "Pai, estou namorando.?" Que é assim, meu pai deixava a gente fazer tudo, vai viajar, vai passear, mas se tivesse um homem na história tudo mudava. Ele pensava da seguinte forma: "A melhor coisa é você viver sozinha, trabalhar, ser independente, pagar as suas contas e fazer o que quiser, se divertir, fazer aquilo que você gosta, principalmente, se vestir bem, comer bem e aproveitar as coisas que você poder aproveitar." Agora, homem para ele só atrapalhava a nossa vida, e o pior é que ele tinha razão.

Às vezes acho que ele tinha razão, mas na época achava um absurdo, todas as amigas namorando e nunca podia namorar. E se fosse fazer alguma coisa, tinha que fazer escondido porque o meu pai não deixava em relação a isso. O resto ele deixava: sair, fazer trabalho na casa de amiga, viajar para a praia com os amigos, não ligava, mas se tivesse um namorado, alguém assim, nossa. E nem por isso deixei de namorar ou fazer as coisas, porque fazia, mas não contava para ele. Mas era uma dificuldade, porque tinha que ficar inventando histórias, é complicado, e não dava para fazer as coisas do jeito que queria, mas tudo bem.

Quando conheci o Roberto, pensei: "Ah, tenho que falar para ele." É porque antes namorava também, e uma hora teria que contar porque era apaixonada por esse outro namorado que tinha, mas sei lá, a nossa relação não dava muito certo, a gente vivia brigando, então terminei.

Antes de conhecer o Roberto; era muito apaixonada por outra pessoa, muito mesmo. Mas não deu certo e o pai não precisou ficar sabendo, já que não deu certo. Mas o Roberto era diferente porque era mais velho do que eu e não ia ter como ficar inventando muitas histórias para o meu pai, até porque ele ia está lá e não tinha como.

Quando você é mais jovem, por exemplo, ou o ex-namorado era mais jovem dava para falar uma história para ele e pronto, dava para enrolar. Mas com o Roberto não, ele era mais velho, acho que ele queria uma coisa mais séria e tive que falar com o meu pai. Antes de apresentar fui lá falar: "Pai, preciso conversar."

Foi uma sena. “Olha, conheci uma pessoa.” E o meu pai nessa época estava bem, andava, tudo normal, porque ele tinha uns oitenta anos. E conversando com ele e disse: “Mas pai, ele é mais velho do que eu.” O pai fez um monte de perguntas, perguntou como que ele morava, se morava, se tinha filho, se não tinha filho, nossa, uma entrevista. Falei tudo, que ele foi casado, mas estava separado, tem dois filhos, mas os filhos já são mais velhos, tem trabalho. Ele queria saber se ele tinha como me sustentar, na verdade. E ele falou assim: “Filha, tá certo, uma pessoa mais velha é sempre bom.” E deu o maior apoio. Falou que uma pessoa mais velha ia poder me ensinar muita coisa.

Até antes de apresentar o Roberto, já imaginava que o pai fosse aceitar, até porque ele é realmente mais velho, já tinha a sua vida, a sua casa, o seu carro, as suas coisas, entendeu? De certa forma para meu pai, a pessoa poder te dar uma estabilidade era importante, pois caso fosse uma outra pessoa que não tivesse nada, mas começando a vida e que fosse um rapazinho qualquer, já não ia gostar tanto, não ia aceitar tanto. Ele aceitou mesmo até pelo fato de ser mais velho.

Falei: “Pai, vou trazer ele aqui para você conhecer.” Eles conversaram, o pai fez um monte de perguntas e o Roberto aceitou numa boa. Nessa época o meu pai estava morando sozinho, porque foi assim. Tem uma parte legal, que é assim. A gente morou, depois que saímos daquela casa, fomos residir em outra casa, éramos eu, a Arlete, a Angélica e o meu pai. A Angélica tinha um quarto embaixo, porque era um sobradinho, onde mora até hoje. O tio Demétrio, nossa, nem falei dele, esqueci. Então, o Demétrio também morava na casa, era alcoólatra; mas morávamos todos nós.

O meu pai estava com problemas com a Angélica porque via que ele estava velhinho e queria meio que controlar a vida dele, ficava uma coisa ruim para ele, porque não podia sair, porque tinha que falar para a Angélica aonde ele ia. Ele não podia comer aquilo porque ia fazer mal. E ficavam altas brigas e ele não suportava isso. Também tinha a família da Sueli, da Dona Deusira muito presente, ela morava na casa que ele veio morar depois. Tinha a nossa casa, era um terreno grande, e do lado da nossa casa tinha uma casa menor que é onde morava esses inquilinos.

Meu pai não cobrava o aluguel dela porque ela tinha conseguido um terreno da prefeitura em um mutirão que existia antigamente, mas ela não tinha muito dinheiro para construir. E o meu pai não deixava Dona Deusira pagar o aluguel, daí os meninos dela já eram grandes, rapazes e a gente não cuidava mais. O meu pai estava esperando ela terminar de construir a casa para resolveu se iria morar naquela casa onde eles moravam, pois queria morar sozinho, mais pelo fato da Angélica encher o saco dele.

Logo que Dona Deusira saiu, ele reformou a casa do jeitinho que queria, para ele mesmo e foi morar sozinho. E falei: “Tudo bem, pai.” Na época trabalhava e ficou a Angélica embaixo, meu pai saiu da antiga casa. Eu tinha um quarto na parte de cima também. Antes disso houve o falecimento do Demétrio porque ele também morava lá. O pai passou por um tempo difícil, reformou a casa da Dona Deusira, e ela conseguiu ir para o terreno dela. E ficamos distribuídos da seguinte forma: eu fiquei em cima, a Arlete tinha saído e foi morar fora com o namorado, e a Angélica dormia na parte de baixo.

A Arlete quase não aparecia em casa, vinha de vez em quando para ver o meu pai e para nos ver, mas com a Angélica ela não falava. Eu trabalhava fora, ficava o dia inteiro no trabalho, voltava só à noite. Quando chegava ia para o quarto lá em cima, só tinha contato com a Angélica. Subia e tinha a parte de baixo onde ficava a cozinha. Quando o Roberto apareceu, ela foi totalmente contra, achava que ele era bêbado, sei lá o que ela pensou dele, ela foi totalmente contra, a Angélica. “Eu vou falar o quê para você, você não houve nada do que eu falo, eu não vou falar nada.” Ficou brava, não gostou de nada, e a partir desse dia fechou a passagem que dava para cima. Fiquei lá em cima e não tinha como descer mais para baixo porque ela tinha fechado as escadas e fiquei isolada.

Tinha uma escada do lado de fora do meu quarto, eram duas casas, a dela era fechada, só que tinha cozinha e a minha não tinha. Daí nós não nos falamos mais e a partir disso foi terrível, porque o que foi que aconteceu? O Roberto começou a frequentar mais a casa, às vezes dormia na minha casa, nem falava com ela, porque ela ficava lá embaixo. Foi muito rápido e logo depois, com três meses já estava morando com o Roberto. Na época, como não tinha cozinha lá o Roberto apareceu, acabou comprando as pias e fizemos uma cozinha, coisa que não existia. Porque não sabia que viria para o apartamento do Roberto, nem pensava. Queria comprar as coisas para deixar lá, embora a minha vontade sempre foi de morar sozinha. Estava contente no meu canto e queria comprar as minhas coisas; a minha vida era muito corrida, trabalhava direto também.

E para o Roberto, como ele morava nesse apartamento, tinha que acordar cedo porque senão atrapalhava, tinha que está no serviço às nove horas, e saí para ir para o serviço às seis horas da manhã para pegar ônibus e metrô para chegar no trabalho. E ele falava: "Ah, mas para que se você pode morar lá comigo, tão perto, tão fácil." Assim, resolvi vir para cá. Ficou a casa e todas as minhas coisas lá; peguei só as roupas. Dei um tempo de casa, acho que uns dois anos. Final de semana ia lá ver o pai; depois que passou, o Roberto falou para mim: "Ah, Haidee, vai deixar todas as coisas? Você está morando aqui, o que a gente pode fazer? Liberar lá para o seu pai alugar e tal?" Aí falei: "Ah, tá bom." Peguei as coisas que tinham lá, que tinha comprado e dividi para todo mundo, prato, copo, não sei o quê; dei para a Arlete, para a mãe do Roberto e desfizemos tudo: cama, colchão, acabou aquela casinha lá para o meu pai poder alugar e vim para cá.

E passaram-se muitos anos e a gente ficou assim, tinha essa distância entre a Angélica, a Marta. E a Marta também, porque a Marta já não era tão presente na nossa vida. Sempre foi uma querida, muito divertida, muito legal, mas não era tão presente porque tinha a família dela, cinco filhos, era bem mais difícil. Nem sempre ela estava por lá. Acabamos nos afastando da Marta mais por circunstância de momentos, de localização, sei lá. Mas não porque houve algum tipo de briga. Com a Angélica tivemos problemas. E aí cada um foi viver a sua vida, a Arlete foi viver a dela, eu a minha, a Marta a dela, e a Angélica ficou lá com o meu pai, ficou cuidando dele. Depois a Arlete casou, resolveu voltar para lá; ficou grávida do Dudu e foi para o João XXIII de novo e fui se aproximando um pouco mais.

Engraçado, a Angélica era meio que uma expiração para mim. Era brava, não sei, mas gostava do jeito dela, do jeito independente, de trabalhar, de estudar, aqueles montes de livros, as músicas que ela curtia, achava legal e tudo. Tanto é que ela nem sabe, nem sabia ou nem sabe de quanto foi uma pessoa importante, isso desde criança, porque depois que cresci já não a enxergava mais dessa forma. Mas quando era pequena enxergava dessa maneira. Adorava as coisas dela, as maquiagens. E assim, já que não tinha mãe, ela era a minha referência. Nunca posso dizer que ela tenha substituído a minha mãe, não. Até porque logo que a minha mãe morreu, a Angélica tinha que continuar trabalhando, e a gente que não fazia nada em casa, porque a minha mãe não deixava, passamos a desempenhar todas as funções domésticas de trabalho. "Não filha, você tem que brincar; e assim." Logo que a minha mãe morreu a gente teve que assumir a casa, a limpeza da casa, a comida e era muita comida, porque o meu pai, na época, construía e tinha aqueles pedreiros e a gente fazia umas panelas enormes de comida, e não sabíamos cozinhar.

No começo foi difícil e saía tudo errado, eles brigavam com a gente porque estava ruim, porque estava salgado, porque estava queimado, mas eles não sabiam fazer. E ela brigava com a gente para gente arrumar a casa, trabalhar e queria chegar e está tudo arrumadinho. E a gente ficava puto da vida, porque tinha que ficar limpando casa, a gente tinha a maior bronca dela.

Uma vez ela pegou e falou que a gente não cuidava das nossas roupas, queria jogar todas as nossas roupas no lixo. "Não, vocês não cuidam." E queria rasgar tudo, não sei se rasgou, não lembro direito. Sei que ela era bem cruel, tinha

um lado bem cruel da Angélica. E a hora que ela chegava a gente morria de medo; nossa. A gente fazia tudo; brincava o dia inteiro e quando estava perto dela chegar, a gente arrumava tudo muito rápido. Mas assim, tinha que ter a comida pronta e o meu pai trabalhava, retornava ao meio dia e tinha que ter o almoço. Começávamos cozinhar às dez horas e começa a fazer o almoço e dividia as tarefas com a Arlete. Ela fazia o arroz, a mistura e o feijão, e eu não sei o quê mais. Depois uma limpava aqui, outra limpava lá, uma limpava o quarto e a outra a cozinha. Era tudo dividido porque sobrava para gente. E assim, dava o horário e o almoço tinha que estar pronto e eram aqueles panelões de comida no almoço e na janta, porque era muita gente para comer.

Tivemos que nos virar, aprender a fazer as coisas, mas nessa época a Angélica trabalhava direto. Nunca a vi com ninguém, quando era pequena via ela sair para a casa de amigos e me levava, às vezes levava a Arlete na casa de uma amiga dela que morava ali no bairro mesmo. Mas assim, nunca vi ela saindo para ir em festas ou alguma coisa nesse sentido; namorado, também nunca vi mesmo, era muito fechada e é muito difícil de ter um diálogo com ela... Acabou cuidando do meu pai, se dedicando dele porque foi ficando cada vez mais fraco e frágil, mas tinham altas brigas porque a Angélica sempre teve essa autoridade de querer com que ele fizesse as coisas e ele não queria fazer. Muitas vezes, ele até estava errado porque ele comia um monte de gordura e ela não podia deixar.

Sei que no fim ela acabou, como não casou, acabou ficando com ele mesmo. No final ela dormia sempre lá na casinha dele, cuidava dele direitinho, sempre esteve muito presente, a gente também participou, mas a gente não morava lá, então, todos iam aos finais de semana para o pai. A Arlete sempre estava por lá e quando voltava do trabalho ia também. Mas a Angélica não, a Angélica estava bem mais atenta, mais ali com ele mesmo. E agora a gente voltou a se aproximar, depois que o meu pai ficou mais doentinho, ficou internado e a gente começou a se aproximar mais. Até da Milene acabei me afastando, por conta da vida.

Ela teve o Gabriel, teve uma relação com uma pessoa e aí as vidas da gente acabam indo para um lado. E às vezes não é a nossa vontade, mas acontece. Porque a Milene para mim sempre foi uma pessoa especial, muito querida mesmo, minha melhor amiga. Ela faz parte da minha vida e da minha família, ela é amiga porque ela sabe de tudo, sabe como é a cabeça das pessoas da minha família. É diferente de uma amiga de fora que por mais que você fale, não conviveu, não esteve ali e não sabe como é, a gente acabou se separando e voltando mais depois do meu pai ter ficado doente, da gente se unir mais, ficar mais presente, de estar juntos de novo.

A gente ia visitá-lo no hospital e todo mundo ia junto, todas as irmãs, todos os dias. Foi muito bom nesse sentido da gente se reaproximar. Porque acho que foi muito importante essa nossa reaproximação, embora não esteja sempre lá na casa da Marta, nem ela vem aqui e nem esteja na casa da Angélica direto, mas ficou uma coisa melhor do que estava antes. Antes era meio esquisito, porque ela se afastou e tinha um clima meio ruim por trás. E agora não, agora, ficou tudo mais claro. A Angélica, a Arlete, aos poucos foram mudando. E para ela acho que foi muito difícil a vida. Não sei como é a cabeça dela, porque nunca conversei com ela e não sei o que passa ali dentro. Lógico que sei que em relação ao meu pai todas nós sofremos muito e é muito triste saber que não tem mais o nosso pai, mas digo não só ao meu pai, fora o meu pai, o quê passa ali dentro? Pela vida que ela viveu, pelas coisas, sei lá. Será que ela é feliz? Será que não é feliz? O que será que ela quer fazer ou não quer fazer? Eu não sei. E é uma pessoa que às vezes é meio estranha para gente porque não a conhecemos, mas quem sabe com o tempo a gente volte a se reaproximar mais ainda. Porque nós já nos aproximamos e o fato da gente nem se falar e hoje a gente já se fala, a gente ouve, conversa um pouco mais.

É meio superficial, mas sei que é verdadeiro, sei que ela gosta de mim e gosto dela, não tem aquela mágoa, isso passou e isso é muito bom. E para a Arlete

também, depois que ela voltou para lá, levou um tempo até elas voltaram a se falar também. Então, foi tudo através do meu pai que realmente as pessoas voltaram a se unir, vamos dizer.

O Demétrio teve outra história. Ele tem uma história legal porque ele veio para o Brasil com uns treze anos e começou a trabalhar, porque todo mundo tinha que trabalhar em casa. Dos filhos, o mais velho era a Marta, com uma diferença de dois anos, se não me engano. E a mais nova era a Angélica que quando veio para cá tinha sete anos, colocaram ela num colégio interno, imagina. Acho que ela foi quem mais sofreu das irmãs.

Não sei quando ela saiu do colégio interno, ela é tão fechada, mas acho que ficou até os quinze anos do colégio e logo foi trabalhar. Voltando um pouco sobre a Angélica, ela sofreu e dar para entender porque é fechada, porque logo cedo perdeu a mãe, quando tinha uns três aninhos de idade, dependia muito da mãe, de leite, de atenção do meu pai e naquela época ele era mais severo, bravo. Na Bolívia ele bebia, contava que queria vir embora porque não queria ficar lá, porque se ficasse iria ficar bebendo, encher a cara e virar um alcoólatra. E aqui não, não foi nada disso, foi o contrário.

Imagina, a Angélica queria atenção e ele é homem, é diferente de mulher. Homem, boliviano, machão. E ficava pegando a criança no colo, acho que a Marta cuidou muito mais da Angélica. E parece que a menina ficou doente, quase morreu quando era pequena, pensaram que iria morrer. A Marta conta que ela chorava, chorava, não parava de chorar por causa da mãe; pedia a mãe. Ficou meses chorando, depois foi para um colégio interno. Não sei, muita coisa contribuiu para ela ser uma pessoa fechada por ter tido essa educação.

O Demétrio veio para o Brasil e começou a trabalhar, desenhava muito bem, tinha os traços muito bonitos, pitava muito bem; acho que ele começou andando aqui por São Paulo. Na época, tudo era manual e hoje tudo é feito pelo computador: faixas, banners, era tudo feito a mão. Ele passou em um cinema no centro e estavam pintando e perguntou, foi ver se podia aprender. E o meu pai falava sempre: "se você não tem experiência, vai lá, trabalha, não pode é ficar sem trabalhar, trabalhe em troca do seu aprendizado." E o meu irmão fez isso, pediu para trabalhar e disse: "Não, posso ajudar você, você me ensina." E era para pintar essas faixas. Sei que ele começou a fazer cartazes para cinema, para lojas e outros setores. Como tinha facilidade, desenhava bem, começou a fazer esses trabalhos, fazia perfeitamente e grandes empresas contratavam mesmo. Só que ele começou a se envolver com esse pessoal que bebia. E acho que ele tinha tendência ao alcoolismo.

Chegava bêbado em casa; o meu pai brigava, ainda nem tinha nascido, quando fui me entender por gente ele já bebia e era alcoólatra. No começo me falavam isso, que ele começou através de pessoas no Brasil e não tinha jeito; só que ele era uma pessoa que lia muito, muito interessado em ter conhecimento das coisas, todo mundo gostava, falava que ele era muito inteligente. Estávamos nos lugares: "Ah, o filho do boliviano é muito inteligente. Vem aqui." E chamavam e conversavam com ele, tinha umas sacadas legais, era engraçado, divertido, as pessoas curtiam, gostavam muito dele mesmo. Foi muito querido, adorava o meu irmão porque para mim ele era o único que me entendia.

Ele falava que eu era diferente: "Não, você é diferente. Você vai conseguir fazer isso e aquilo." E me colocava lá em cima. Ele me adorava e eu o adorava porque achava engraçado, falávamos um monte de besteira; era diferente de todo mundo do normal. Ficava tentando me ensinar a pintar, emprestava aqueles pinceis, fazia aquelas brincadeiras com a gente de criar poesia, umas coisas assim bem diferentes, colocava aquelas músicas que ele gostava orquestra.

Perto da minha casa no João XXIII tem as lojas gol que ele fez os letreiros, criava os cartazes, era muito criativo, mas tinha esse problema, bebia. Ele teve muitas oportunidades de trabalhar em empresas grandes, Philips, só que contratavam, passava um mês, dois meses, chegava bêbado e pronto, rua. Então

acabava fazendo serviços sem ser contratado, um aqui e outro ali. Às vezes chegava, pegava as coisas dele, levava as roupas, saía e voltava sem porque trocava por bebidas. Chegou a um estágio bem crítico mesmo, não adiantava que falasse, brigava muito com o meu pai, com a Angélica, xingava, falava um monte; tinha que aguentar tanta coisa e mais isso: mais um irmão alcoólatra que gritava com ela, queria bater. Quando estava bêbado, queria sumir, tinha uma árvore de abacate em casa e quando via que chegava bêbado ia na árvore e ficava esperando, deixava ele dormir para poder descer da árvore. Ele gostava de mim e começava a me chamar, gritava: "neném!" E ficava procurando, e eu desesperada com medo dele bêbado. Quando ele não estava bêbado ele era maravilhoso, mas quando ele bebia, nossa! Ficava escondida dele.

O pai chegou a interná-lo umas duas ou três vezes nessas clínicas para alcoólatras, voltava e parecia que era outra pessoa. Andava todo arrumadinho, trabalhando direitinho. Mas infelizmente, passavam-se meses, daqui a pouco ou num dia, você nem esperava e ele chagava bêbado, pronto, acabou, ia tudo por água abaixo, voltava a beber tudo de novo. Bebeu tanto, às vezes ficava caído na rua, teve cirrose. Chegou um ponto que ele via coisas. No início não era tão agressivo, mas o tempo foi passando e começou a ficar violento, queria matar meu pai, queria colocar fogo na casa, a gente morria de medo. Na época, já não morava mais na casa do pai. A Arlete não morava lá, a Angélica ficava lá em baixo, naquela casinha, lá no sobrado. O pai ficava em cima no quarto dele, só que eu ficava com medo porque a gente ia dormir; e lembro que teve uma época que ia dormir com um negócio de ferro do lado, com medo dele chegar e fazer alguma coisa.

O pai resolveu colocar ele num quarto na parte de baixo da casa com a chave, para ele sair e entrar a hora que quisesse, mas não tinha acesso a nossa casa. Foi o fim, já estava no fim mesmo; o pai começou a ficar com medo, por mim, pela a Angélica, por ele também, não tinha condições. Ele saía, entrava, a gente nem sabia mais o quê se passava com ele. Só que estava ruim, estava tão mal que levamos ele na Santa Casa, não tinha plano de saúde, nada disso. Naquela época se tivesse tido um plano mesmo, teria se internado, teria sido diferente. Mas como não era, era mês de julho, junho e me lembro que marcaram para ele voltar em setembro. Só que ele estava tão mal que nem aguentou esperar tudo isso. E um dia, acho que estava com a Milene, ia dormir na casa da Milene, sei que a Angélica ligou avisando que ele tinha falecido. Imagina, a Angélica novamente, olha quanta coisa a coitada teve que passar. Dizem que ela foi no quarto dele e quando chegou ele estava morto; ela encontrou ele morto. Teve que ligar para a polícia.

A Marta foi correndo para o João XXIII, fomos preparar tudo, Fazer o quê? Mas infelizmente foi isso que aconteceu, ele não teve saída mesmo, é uma pena. O meu pai ficou muito triste, todos ficaram. É engraçado porque era uma tristeza e um alívio, porque a situação estava tão feia, e isso a Marta não viveu. Mas a situação estava tão complicada que a gente ficava com medo do que poderia acontecer com a gente. A pessoa fora de si e o pai ficava com medo, falava: "Olha, se eu morro o quê vai ser com ele desse jeito? E as meninas?" Por mais ruim que tenha sido, teve um lado bom.

Acho que o Demétrio poderia ter sido uma grande alegria para o meu pai por ser homem, ele queria que o filho dele tivesse sido diferente; o único filho homem. "No meio de tantas mulheres, ele vai ser a pessoa que vai orientar e ajudar, caso ele não estivesse presente!" Não foi isso que aconteceu com o Demétrio. Mas mesmo assim, muitas vezes o Demétrio estava bem, não estava bêbado. Nossa, o meu pai sempre estava junto dele nos trabalhos. O Demétrio ajudava muito, era o parceiro. Diferente de mulher. O pai só vivia envolvido em construção, tinha que carregar não sei o quê, fazer não sei o quê, coisa de pedreiro e ele era o braço direito, entendia das coisas, ia comprar, voltar, foi uma perda muito difícil mesmo.

Na verdade, não tive muitos namorados, porque com o pai que tinha, e esse negócio de namorar não foi uma coisa muito boa. Acabei ficando com poucos

rapazes e na época nem podia ficar, não foram muitos, mas namorado mesmo só foi o Dory, antes do Roberto, que durou uns três anos, não, dois anos e meio. E com o Roberto fui morar juntos e estamos juntos há treze anos. O Roberto foi uma pessoa muito presente na vida do meu pai, e não dá para dizer que foi presente na vida da família porque tinha essa distância. Mas o Roberto tinha a mãe dele. A mãe dele faleceu um ano antes do meu pai; menos de um ano, estava com noventa e um anos quando faleceu, e o meu pai com noventa e um anos. O engraçado foi que quando nós nos conhecemos, eu falava, o meu pai tem tantos anos. "Ah, a minha mãe tem tantos anos." A idade dos dois era aproximada.

Ela morava no Rio Pequeno, próximo ao João XXIII. Era próximo e tinha umas coisas que eram meio parecidas mesmo, a gente passava lá, pegava a Dona Helena, levava ela para a casa do meu pai; pegava o meu pai e íamos passear. Olha, anos e anos nós fizemos isso; ou, pegávamos e levávamos para almoçar ou para fazer um passeio em algum lugar assim. A gente os levou para muitos lugares juntos. A gente foi em vários lugares em Cotia, na Roselândia, naquele templo messiânico, viajamos com a Dona Helena para praia, com o meu pai, em vários lugares e sempre a gente inventava de fazer alguma coisinha com os dois.

Tinha que andar com eles com muito cuidado, porque eram idosos, mas o Roberto sempre foi muito presente e o meu pai conversava muito com ele. Nos últimos tempos ia lá para casa, quando ia almoçar. O Roberto pegava o meu pai, levava ele no Shopping para tomar café e ele adorava porque gostava de conversar. O pai adorava contar sobre a vida dele, como foi ou como ia ser. O Roberto esteve muito presente na vida do meu pai, muito mesmo. E o pai sempre falava do Roberto, elogiava. No Natal, todas as datas, aniversário, o que o Roberto pudesse fazer fazia. O pai tinha ele como uma pessoa muito querida, muito importante. E o Roberto tem o gênio forte também, fala o que pensa, fala alto e o meu pai entendia porque ele fala alto, e o pai não ouvia muito bem e quando o Roberto conversava com ele entendia melhor.

O Roberto esteve presente, também por conta da Dona Helena, quando ficou doente, acabou ficando internada e o pai já estava de cadeira de rodas, não estava tão bem. Ficou um tempo no hospital, mas a Dona Helena era muito forte, era uma pessoa que conversava muito, era esperta, atenta a tudo, pela idade que tinha. E o meu pai já era um pouco mais depressivo, por conta da idade, ele se questionava muito e ficava muito tristonho. Mas a Dona Helena não, ela não tinha esse problema da idade, de nada, ela vivia muito intensamente. Ela tinha os amigos do bairro onde morava; acho que por ser mulher acaba se virando muito mais, cozinha, tem mais atividades, vai cuidar do jardim, costura, tem mais atividade física e mental.

E o meu pai não, o negócio dele era construir, gostava de arrumar as coisas, mexer com martelo ou com coisas pesadas; coisas que ele não podia fazer mais porque não tinha força para isso. Para ele era difícil demais aguentar uma situação onde não pudesse trabalhar, não pudesse fazer nada, e outra, não valorizava tanto um passeio, um cinema; gostava, mas acho que sempre foi mais importante o trabalho, saber que estava fazendo alguma coisa e que isso fosse gerar algum lucro. Essa questão de ter que trabalhar, ter que construir, ter que fazer alguma coisa, fazer alguma coisa importante para ter dinheiro ou para comprar alguma coisa.

E no fim não era nem comprar ou ter alguma coisa, era essa fase da conquista, da batalha; isso era importante para ele, está na roda girando a roda da vida, no movimento, não chegando ao fim, porque o fim é a morte. "Puxa, queria ter uma casa na praia; descansando, vivendo, às vezes sem precisar trabalhar." Mas para ele, o quê era legal mesmo, o quê ele valorizava era o trabalho, colocar a mão na massa, pensar, fazer alguma coisa, comprar, investir, essas coisas; e isso não podia mais, para ele era muito complicado.

Ele acordava, morava naquela casinha e eu ficava pensando: "Queria tanto ter dinheiro para fazer daquele lugar um espaço melhor para ele, com um jardim grande, com algum tipo de atividade que ele pudesse ter; porque ficava ali e era

tão pequenininho aquilo para mim.” Deve ser muito difícil você viver, passar por tantas coisas na vida e se resumir a ficar fechado, trancado num lugar esperando alguma coisa acontecer, alguém chegar.” Isso não só para ele, mas para muitos idosos.

Essa questão do idoso é muito complicada, e inda por ter toda essa força, dentro dele existia uma força muito grande, uma vontade de fazer muitas coisas. Isso não se apagou nunca, em momento nenhum. Tinha a consciência exata disso, de que não podia mais fazer nada; uma vez ele disse: “De quê que adiante se ganhasse na loteria?” Que ele vivia jogando, depois parou de jogar. “O quê que vai adiantar? Vou ter dinheiro, mas vou ter que pagar uma pessoa para ficar me olhando, cuidando de mim, fazendo as coisas para mim e não vou poder fazer nada, não vou poder curtir nada.” Ele via as coisas diferentes, não valorizava nada mais do quê tivesse porque ele não tinha forças para nada. Estava numa fase muito complicada, chorava muito e tinha as suas razões porque bastava se colocar no lugar dele para entender como deve ser difícil uma pessoa que viveu tudo que viveu e de repente: dormir, acordar, quase não tem tanta força nem para arrumar a própria cama; porque ele sempre arrumava. Aquela fragilidade de usar uma bengala, não poder sair, dar uma volta sozinho; ter que depender de alguém para levar, era complicado.

A gente não podia fazer nada, não podíamos estar vinte e quatro horas presente, não dava para isso, não tinha condições, nem mesmo a Angélica que estava lá não poderia fazer isso, acabava ficando muito sozinho mesmo. Para comer, acabava ficando com a empregada e a solidão, a falta de forças, isso é muito difícil. Chegávamos na casa e ele ficava tão feliz. Quando a gente chegava: “Ai, muito bom que você veio! Estava com saudades.” Mas todos os dias pensava nele, como que ele estava? E sabia que ele não estava bem, que ele estava triste, por mais que tivesse um pouquinho melhor, tinha dia que estava mais entristecido. Era muito complicado, meu pai viveu muito, fez muitas coisas boas, foi uma pessoa muito feliz.

Ele trouxe muita felicidade, muito ensinamento... Essa transformação que ele teve fez tão bem para ele, acho que tem gente que passa uma vida inteira e não se transforma, ele não, conseguiu se transformar numa pessoa muito melhor, foi um aprendizado muito legal. Mas também fico triste por ele ter partido, mas por outro lado, sei que ele viveu o que tinha que viver. Estava com noventa e um anos de idade e não podíamos querer ser tão egoísta de querer que o meu pai vivesse muito mais daquele jeito. Ia ser muito egoísta isso; é triste, mas sei que no fundo era o que ele queria. “O quê que eu vou fazer mais aqui?” Ele queria partir, queria descansar. No fim, foi um descanso, estava muito sofrida, muito difícil a vida. Porque para algumas pessoas, acho que você depender do outro não é bom. Pode ser ruim, mas às vezes não é tanto, mas para ele, depender de tudo para fazer qualquer coisa, era a pior coisa que podia acontecer. Por que ele sempre foi o guerreiro, a pessoa que resolvia as coisas, todo mundo sempre procurava escutar, saber o quê ele pensava. Depois essa relação mudou.

Caso tivesse sobrevivido ao derrame poderia ter vivido mais um ano, não sei quanto tempo. Mas está vivendo dependendo de todos os cuidados, com uma sonda, deitado numa cama, meio sem consciência, é horrível. Não queria isso para o meu pai, de jeito nenhum. Sou muito feliz de ter o pai que tive, ter a família que tenho, mas não desejava esse sofrimento, não mesmo. Acho que ele descansou, graças a Deus, e espero que esteja num lugar legal. A gente estava pensando; “Mas como que vai fazer, quando ele for para casa, vai ter que ter um auxiliar, alguém olhando, ter que ficar deitado na cama, ter que trocar de roupa, ter que trocá-lo, nossa! Se ele tivesse a consciência disso, seria a pior coisa que poderia ter acontecido. Tinha sofrido muito e o final foi triste, pelo fato de estar e não poder nem andar direito.

A Angélica está lá e as coisas da casa dele continuam todas como se ele estivesse vivo, ela não tirou nada do lugar. Mas cada um tem a sua cabeça, pensa

de sua forma, são as coisas boas, porque quando lembro da fase ruim é muito triste, consigo me colocar no lugar dele, de tanta tristeza. Dona Helena já não passou por isso, foi diferente, e quando ela ficou doente pela primeira vez, porque depois de tanto tempo nunca ficou internada; até chegou a ficar uma vez quando fez uma cirurgia da catarata, e não é nada grave. Mas ela ficou uma noite lá, e fora isso, sempre foi uma pessoa cheia de vida. E quando teve algo foi o fim, fora isso, sempre viveu muito bem. Mas tem muito a ver mesmo com essa coisa por ser mulher, de assumir vários papéis. E no caso do meu pai, ser homem e ser um cara trabalhador, dedicado; que sempre valorizou muito o trabalho.

Sou formada em publicidade e propaganda; a princípio, quando saí do colégio, fiz um curso, terminei o segundo grau e fiz um curso de tecnologia do vestuário; na verdade foram dois cursos feitos por mim e pela Milene. A Milene começou a fazer primeiro e depois fui fazer. A gente era envolvida nessa área de moda, tinha os desfiles, só vivíamos indo para os desfiles. Na época foi legal e muito divertido. Depois que terminei o curso, fiz estágio na área, trabalhava em uma confecção que fazia roupas infantis. A dona da confecção queria que aprendesse um curso, era Corel Draw na época, hoje eles usam outros programas, mas ainda tem Corel Draw. A dona queria que criasse algumas estampas para as camisetas. Como não tinha o curso e fui procurar onde poderia fazer. Só que nessa confecção, lembro que todo dia quando ia para o trabalho: "Putz, qual será o problema de hoje." Porque todo dia tinha uma bomba, porque quem trabalhar em confecção era uma loucura. Porque você comprava o tecido e o tecido vinha com cor errada; ou se você mandava fazer a estampa, a estampa vinha com cor errada, não vinha certinha; o pior é que você tinha prazo para entregar as peças. Era muito complicado, era uma guerra, não estava dando certo para mim. No fim acabei saindo de lá e fiquei um tempo parada, tinha que trabalhar e ficava desesperada procurando emprego, mas estava fazendo o curso, tinha feito Corel Draw.

Conheci uma pessoa no bairro que conhecia uma editora, era lá no bairro também. Estavam precisando de uma pessoa para fazer o layout dos anúncios e falei: "Ah, fiz o curso e acho que dar para fazer." Não sabia ainda, você faz o curso, mas fica meio cru. Fui e comecei a fazer o trabalho, fazia devagar e depois fui pegando o jeito e fazendo mais rápido. Comecei a trabalhar nessa área na editora com criação de anúncios, fiquei lá um tempo e logo depois os sócios abriram outra editora no centro. Fui trabalhar no centro, nessa editora, também fazendo anúncios. Fiquei um tempo nesse trabalho e depois eles montaram outra editora na Vila Mariana; fui trabalhar nessa editora, onde conheci o Roberto. E nesse tempo todo trabalhava na área de criação, estava ótimo.

Só que trabalhávamos e não tinha horário, às vezes tinha que vir trabalhar dia de sábado, tinha que ficar até bem mais tarde porque tinha que fechar a edição e correr. Estava ficando meio cansativo porque era tudo muito igual, você cria um anúncio, depois outro e começa virar uma coisa automática. Queria trabalhar em outro lugar que tivesse uma oportunidade melhor para crescer ou trabalhar em uma revista, fazer diagramação. Fazia um pouco, mas queria pegar alguma coisa. Comecei a fazer a faculdade de publicidade e propaganda, me envolvi mesmo nessa área. Tive uma briga com o Roberto, a gente acabou se separando e não queria mais trabalhar lá porque ele trabalhava também, pedi as contas e fui procurar emprego. Começava a procurar uma revista que se chamava Vencer e hoje não existe mais, mas é sobre gestão de pessoas. Fui trabalhar nessa editora, na verdade, para conseguir o cargo, lembro de ter aberto a revista, olhado quem era o editor da revista; não marquei nada e fui falar com o editor. O endereço era na avenida Paulista. Era umas seis horas da tarde. Cheguei e perguntei se o diretor da empresa estava, olha só que absurdo.

Olhei de longe e o vi, chamava Maurício e aceitou me atender. Fez uma entrevista, assim, disse que não estava precisando de ninguém na área de criação, na área de diagramação porque tinha pessoas que já trabalhavam lá, mas achava que eu tinha muito jeito para trabalhar na área comercial, e perguntou por que não

fazia um teste, ele acreditava que ia dar muito certo, mandou pensar e me fez uma proposta. Ele me deu umas revistas, levei as revistas e fiquei de dar uma resposta para ele se iria trabalhar na área comercial. Pensei: "Estou precisando de trabalho, não sei se irei arrumar no que quero, então vou dar uma chance." Fui lá e aceitei, comecei a trabalhar, a visitar agência de publicidade para vender anúncio para revistas. Fiquei trabalhando com ele um tempo. Nossa, lembro até hoje que não sabia nem pegar no telefone para conversar com alguém, ficava: "Ai Meu Deus, como que irei falar, pois tenho que vender." Queria saber como se expressar, era esquisito, como se soubesse falar ao telefone e fazer uma proposta, é diferente.

Mas foi ótimo, um aprendizado muito bom, e com o tempo fui pegando o jeitinho. Nessa empresa conheci uma pessoa que trabalhava com eventos, ela trabalhava e uma vez falei: "Ah, puxa, podia montar uma empresa." Nessa época, acho que estava no terceiro ou segundo ano da faculdade. Conversei com ela, marquei uma reunião, e ela contou que teve uma empresa antes e não tinha dado certo, tinha ficado endividada e era uma empresa na área de eventos, foi uma pessoa que iniciou essas palestras de esportistas que hoje são bem comuns.

Ela fez a primeira palestra com um treinador de uma seleção, não lembro quem era. Acho que foi o Parreira, não lembro ao certo. Ela o contratou para fazer uma palestra sobre "como motivar as pessoas com espírito de equipe." Lembro porque ela contava as histórias. E lotou, as empresas procuraram, adoraram a idéia e com o tempo foram criando. E hoje tem palestras com o Bernadinho, que é treinador. Nessa época, ela fez isso, mas eu não sei o quê aconteceu que não deu certo a empresa dela; ganhou muito dinheiro e depois aconteceu alguma coisa que acabou prejudicando a empresa, ela me contou e falei: "Ah, vamos tentar de novo."

Vimos que podíamos fazer, montamos uma empresa de eventos empresariais e começamos trabalhar tudo. Só que me baseava muito por ela porque era a pessoa da área de eventos e eu era a pessoa da área de publicidade. A gente montou um negócio na Paulista, alugamos uma sala e montamos a nossa empresa. Foi um trabalho super árduo, só que o quê acontece? Logo no começo, isso tem dez anos atrás, mais ou menos. A gente acabou metendo o pé pelas mãos, pois sou muito criativa.

Criei um evento, conversei com ela: "A gente podia fazer um evento assim?" , crie um evento chamado: "Grandes mulheres, grandes sucessos." Onde a gente entrevistava personalidades femininas que falavam da vida delas e como elas superaram alguns problemas, contar uma história de vida. A gente fez uma seleção com algumas pessoas importantes e conhecidas na mídia como Fernanda Montenegro que tem uma história de vida muito legal, a Ana Maria Braga, que na época tinha passado por um câncer, teve uma história de um câncer e ela teve que lutar contra e foi um problema complicado na vida dela. Tinha a Ana Paula Padrão porque tinha uma história que ela foi cobrir a Guerra do Golfo e tinha uma história interessante.

Selecionamos para fazer as palestras e apresentar. Só erramos porque acabamos fazendo uma coisa que exigia um tempo maior para realizar, com mais tempo de empresa e com mais conhecimento da área. A gente acabou criando tudo, um evento que seria maravilhoso e depois foi copiado e feito por uma outra empresa. Lembro que alugamos o hotel Renascença, um hotel para um público mais vip. Chegamos a anunciar e a primeira palestra que iria abrir o evento: Fernanda Montenegro. Só que a gente não teve quórum, não ia ter o número que a gente precisa para pagar todas as contas, porque não tinha como investir, estava contando com o resultado disso para a gente poder pagar depois e não tivemos lucro; e isso foi um erro grave. Então, começamos a empresa com problemas de conta para pagar, coisa que não teria que ter porque esse evento a gente poderia fazer um pouco mais para frente, e com dívidas tinha que ter os resultados mais rápidos. Queríamos fazer dinheiro e foi complicado porque não tinha mais o tempo, tudo era correndo contra o tempo.

Lembro de ir trabalhar e a gente fez muitos contatos com RHs de empresas, conseguimos fechar alguns eventos, mas nada que cobrisse o buraco que tinha feito, foi complicado. Não tinha jeito, vamos fechar a empresa, só que tinha feito tanto contato com empresas e quando fechei mesmo, não ia mais para Paulista, começaram a me ligar no celular querendo contratar palestras. Lembro de ter fechado uma palestra com Arnaldo Jabor lá com o BankBoston e nem tinha mais empresa. Era incrível, pois o trabalho dá resultado só que tem o seu tempo; e a gente trabalhou muito e o resultado estava vindo, mas o tempo não dava mais. Foi uma pena porque era uma empresa que era para ter dado super certo. E hoje a gente ia estar super bem porque a gente trabalhava com palestrantes conhecidos e a gente tinha acesso, a gente ia almoçar com a Claudia Matarazzo, vendemos várias palestras para ela da empresa. Tinha tudo para dar certo e infelizmente não deu, mas tinha que parar porque senão ia ser pior.

Acabou nos separando e ficamos com as dívidas, graças a Deus hoje não tem mais. E como estava tudo no meu nome, acabou sobrando muito mais para mim do que para a minha sócia, sempre acontece isso. Voltei a procurar emprego e trabalhar, fui trabalhar na área comercial que é a área que trabalho até hoje. Trabalhei com o Roberto no guia dele porque ele tinha uma editora. Depois trabalhei muitos anos na área de beleza com a Revista Plástica e beleza, uma revista também conhecida, vendia publicidade, anúncios nas revistas, nos sites e os eventos. Era outro mercado; um mercado de beleza onde visitava clínicas de cirurgia plástica, empresas de produtos de beleza; estava envolvida nesse mercado. Fiquei uns três anos trabalhando; fora isso já trabalhei em outras coisas, em agências de publicidade; mas não tão marcantes assim. E agora estou trabalhando na revista Melhor, que é uma revista da área de RH, uma revista da BRH nacional, trabalha com empresas que fornecem produtos e serviços para o RH, vendo patrocínio e a gente tem uns eventos que estamos organizando, que é para grupos de RH, diretorias, presidências de RH.

São grupos fechados, são os seguimentos de RH Corporety, que leva para as empresas momentos de descontração e ao mesmo tempo traça idéias. Vendemos patrocínios para esses eventos, agora, na terça-feira terá o lançamento do "jantar nas escuras", vai ser muito legal e tem a patrocinadora ticket, que fechei, aquela de vale de alimentação. Tem a mil como patrocinadores, vamos passar mais uma noite, um jantar às escuras e é importante para o RH que ele conheça também os RHS de outras empresas, porque o RH hoje é um departamento que não é mais como antigamente. Era só um departamento pessoal que contratava, fazia holerith. Hoje envolve muito mais coisas; o RH de uma empresa é uma empresa forte, participa mais nas decisões da própria empresa; porque o funcionário, o colaborador é na verdade quem movimenta a empresa. E a gente fala sempre das coisas da revista, do quanto é importante você investir no colaborador para a sua empresa crescer, para que ela seja uma empresa bem vista, cresça e seja um sucesso. Porque o colaborador que não está bem, que não está feliz no seu trabalho, não vai se doar da forma que ele faria se ele estivesse bem. Então, as empresas grandes oferecem benefícios; alias a dificuldade de mercado é de não ter profissionais qualificados para uma determinada área. Tem muita gente no mercado procurando emprego, que não consegue emprego, mas não tem qualificação.

Às vezes você tem que pegar os profissionais que já estão trabalhando e investir naqueles profissionais porque eles já conhecem a cultura da empresa; então, podem desenvolver, crescer, para ocupar outros cargos dentro da própria empresa; é como a gente fala, as empresas precisam preservar os talentos que elas têm, e hoje existe uma guerra no mercado, interessante, que é assim: os bons profissionais são muito requisitados; então, você está em uma empresa X, e a empresa Y, sabe que você está lá e ela quer tirar você de lá e levar você para essa outra empresa. Ela oferece mais benefícios, vai fazer uma proposta para você, para te tirar daquela empresa, para ir para empresa dela, fará o possível para conseguir.

E como existe essa dificuldade de ter profissional de nível, técnicos, elas trabalham dessa forma. Hoje as empresas que estão conseguindo trazer esses benefícios; e também essa cultura do próprio profissional poder se desenvolver na empresa, crescer, ter outros cargos, ter um plano de carreira. Essas empresas conseguem preservar mais os colaboradores, que muitas vezes estão em outras empresas, vai ter que passar por todo esse processo, não vai saber contratar alguém daquela forma. Estou trabalhando nessa área e é legal porque é uma área voltada para o ser humano. É bacana, os assuntos são muito legais, estou me dando bem. Não tenho muito tempo, mas é coisa de ser profissional. Quero fazer pós-graduação na área de comunicação, estou pensando em fazer na área comercial. E cada contrato fechado é uma enorme vitória.

Sou uma pessoa feliz, de bem com a vida. E sempre penso o seguinte, hoje estou aqui e amanhã posso estar bem melhor. Tenho o pensamento de que hoje está bom, mas amanhã tenho certeza que estará melhor. Sou muito positiva em tudo, é difícil estar triste, às vezes a gente fica, mas eu sou muito alegre e gosto de encarar a vida dessa forma!

Tem uma coisa que é legal falar. A fase que fiquei meio distante da família, foi uma fase muito voltada ao meu trabalho, tive um aprendizado muito grande no sentido profissional, mas acho que deixei muitas coisas de lado, coisas que gostaria de ter feito e não fiz. Sou uma pessoa voltada para a arte, para a comunicação, criatividade, são coisas que movem o meu jeito e meio que fui abandonando. Eu falei assim: "Tudo que eu não fiz que queria ter feito, eu vou fazer!" O ano passado aprendi a andar de patins, quando era pequena e olhava: "Ai que lindo, patins." Esse ano disse: "Esse ano eu vou aprender a dançar." Já me inscrevi numa escola da dança, porque sempre tive vontade de dançar, não levo muito jeito, mas sempre tive vontade. "Agora, vou aprender a dançar e o ano que vem volto a cantar." Por que antigamente eu fazia coral, era envolvida com música, me fazia super bem e quero voltar a fazer isso. Quero fazer essas coisas, teatro, sei que quero fazer todas essas coisas que tinha vontade de fazer e eu farei! Sempre vou buscar um tempo para esse lazer e que não tinha; porque assim, o Roberto não me acompanha nas coisas.

Ele é muito diferente de mim, talvez pela idade dele, não sei, mas sei que é muito diferente. Tem coisas que gostaria de curtir mais e não pude curtir da forma que deveria ou poderia. Para ele ir num barzinho e ficar jogando conversa fora, falando besteira, muitas vezes não tem graça, para mim, não é a melhor coisa do mundo. Antes era assim, porque quando a gente fica adolescente, a gente olha para gente, a gente só quer baladas, essas coisas. Não estou nesse clima, não é isso. Mas tenho esse prazer, tenho prazeres e falei: "Bom, se você não vai estar comigo, vou estar de alguma forma." Quando o meu pai estava vivo, a minha vontade era de ir lá ficar com ele; eu ia de coração. Não que eu vá deixar de fazer tal coisa, não. Eu ia vê-lo e quando eu saía de lá, saía feliz e triste por deixá-lo, fico muito feliz de poder estar mais um dia, mais um pouco com ele. Mas depois que ele faleceu, falei: "Eu vou cuidar de mim, porque não tenho mais a minha mãe, não tenho o meu pai." Eu acho que ninguém pode tirar nada de você assim. E o que tiver vontade de fazer irei fazer, independente de qualquer coisa.

Vou sair, vou me divertir, vou voltar a ter contato com as pessoas que perdi. A gente acaba perdendo quando a gente casa, quando a gente namora, você acaba se afastando de seus amigos. Não digo que irei me afastar de todo mundo, não é assim. Mas aquelas pessoas que foram importantes, vou procurar que elas estejam mais presentes. E tenho me sentido melhor; é aquilo que falo; eu penso que sempre vou ser melhor, sempre irei fazer alguma coisa legal. Sempre vai estar melhor!

Quando a minha mãe morreu, não tinha noção. A princípio nem acreditei. Porque foi assim, ela ficou internada, teve um câncer de mama, mas era pequena e não tinha consciência, e antes as crianças eram tão mais inocentes. Ela ficou internada; um dia a minha irmã estava na escola, na 8ª série, estudava à noite. E

eu ficava com o meu pai, a Angélica ia trabalhar, e o Demétrio normalmente não estava em casa. Meu pai nesse dia tinha ido visitá-la e voltou feliz falando que ela estava bem: "Ela estar coradinha, está bem." E veio uma pessoa em casa, porque nós não tínhamos telefone. Veio uma pessoa, acho que foi enviada pelo hospital, avisar que a minha mãe tinha falecido; e falou isso para o meu pai.

O meu pai saiu desesperado: "E agora, o que vamos fazer?" Esperou, pois não sabia o quê fazer... Pediu para eu chamar a Arlete na Escola e fui, a Angélica chegou, alguma coisa assim: "foram lá em casa e disseram que a mãe morreu. Mas não morreu não, deve ter sido engano." Eu falava para ela. Eles saíram para ir ao hospital, a Angélica e o meu pai, e fiquei com a Arlete em casa; a Arlete era pequena também, eu tinha onze anos e a Arlete treze anos. Lembro da Arlete chorando e eu falava: "Não." Não acreditava, para mim não era verdade. "Não, para de chorar. Não é verdade que a mãe morreu. Você vai ver que quando chegar o caixão e na hora que abrir não vai estar lá." E não acreditava, tanto é que nem chorava, para mim era tudo um sonho.

Só acreditei quando fui para a igreja porque o velório da minha mãe foi na igreja que ela freqüentava, a gente freqüentava, éramos católicas. Vi que realmente era verdade, chorei, mas fiquei tão paralisada, foi tão esquisito que nem lembro exatamente como que estava isso dentro de mim. Porque foi um choque e para mim era tão impossível isso ter acontecido... E a minha mãe foi uma pessoa de proteção mesmo; coisa de mãe, de carinho, de abraçar, a gente cantava junto, brincava de roda, foi aquela mãe muito carinhosa, nossa! Ela me amava demais, é engraçado como era...

Era muito próximo e lembro que quando a gente foi viajar para a Bolívia. Chamei o meu pai, tinha 9 anos. Eu, a Angélica e a Arlete, e a minha mãe ficou, não quis ir. E ela falava assim para mim: "Não, não vai não. Fica aqui com a mamãe." E aí fui viajar. Naquela época o meu pai ainda era meio rude... Era muito ligada a minha mãe mesmo, minha mãe era tudo. Depois que ela faleceu... A comida dela era maravilhosa, fazia uma macarronada sensacional. Tudo que ela fazia, aquela comidinha mineira, era demais, divino! Depois que ela faleceu, eu senti. Mas o engraçado é que era pequena e eu sinto; passei a sentir muito mais a ausência dela depois de anos, de você ter problemas e você não ter a sua mãe ali do seu lado para chorar a suas dores, suas penas, seus medos, não ter alguém para te abraçar; porque pai é diferente, não tem esse contato. Ele veio a ter esse contato mais próximo depois que ele estava mais velho, assim mesmo.

Preciso contar a história da minha mãe. Quando a minha mãe faleceu, antes era só carinhos. Eu senti e acho que ainda sinto falta, uma mãe presente, mas mesmo depois, quando era criança e as coisas iam acontecendo daquele jeito maluco; acho que por mais que a gente seja adulto a gente tem essa coisa de não ter essa mãezinha, esse colinho. Engraçado que toda vez que estou agoniada, com um problema, às vezes não sei nem o porquê, mas quando tem algum problema que me deixa abatida, e é difícil a gente ficar desse jeito. Mas quando fico assim, é esquisito, é uma sensação estranha, meio de tristeza, sensação de estar perdido, e sem uma razão exata, eu sonho com a minha mãe.

Um tempo atrás tive um sonho muito bonito com a minha mãe. Sonhei que estava em lugar que tinha uma escada, que eu ia subindo a escada e essa escada era enorme. Ia subindo, subindo, subindo, e quando chegava lá em cima, a minha mãe estava vestida como se fosse uma santa, com um véu, lindo, lindo, lindo. Um véu azul claro, como se fosse uma santa mesmo, um manto. E aquelas nuvens. Só que nunca lembro o quê falo com ela. Dessa vez não lembrava, mas a imagem foi linda, foi o sonho mais lindo da minha vida. E desse daí não lembro nada e nem sei o que falei, ouvi alguma coisa, mas eu não lembro o quê.

E esses dias, acho que foi a dois dias atrás, sonhei novamente com a minha mãe. Porque é assim, não é sempre que sonho. Foi engraçado porque estava meio agoniada e não falei para ninguém que eu estava desse jeito. E antes de dormi falei para o Roberto, ele nem me dá ouvidos: "Essa noite queria ter um sonho de paz,

um sonho lindo, um sonho bem bonito mesmo, alguma coisa que me tranquilize. Quero sonhar com a minha mãe.” Falei alto e fui dormir e sonhei com a minha mãe.

Sonhei que estava lá na minha casa e a mãe estava deitada na minha cama, e a gente estava conversando e conversamos tanto, tanto, só que me lembro só de algumas coisas. Tenho noção de termos nos falado muito, ter conversado muito, muito mesmo. E ela me mostrou a cirurgia que tinha feito, porque não lembro de ter visto e a Arlete fala que foi tão grande: “Você não lembra?” , “Não, não lembro.” E ela mostrou o corte que vinha ate aqui, e perguntei no sonho, perguntei quanto tempo ela tinha de vida: “Não, quanto tempo você ainda vai ficar aqui?” Aí ela falou assim: “Ai, uma semana, tenho uma semana.” E falei: “Nossa, uma semana.” Lembro disso. E depois falei assim: “Ah, mãe, quando você for, avisa alguém lá em cima, mande alguém lá em cima para me levar também? Eu também quero ir embora mãe, fale que também quero ir.” Falei no sonho. E ela: “Ah, filha, mas não é assim.”, “Ah, mãe dá um jeito, fale que eu quero muito ir.”

E depois ela pegou e saiu pela porta e fiquei. Só que assim, estava um clima natural, não era um clima choroso, triste, nada disso, era natural. Meio como se fosse uma visita. Daí eu peguei e falei; “Ah, meus anéis.” Porque eu sempre ando com anéis, junto com o Roberto que tem um igual. “Ah, meus anéis.” E saí correndo porque tinha deixado com elas os anéis. Cheguei e ela estava deitada no chão, peguei na mão dela, tirei os anéis que estavam no dedo dela, coloquei no meu dedo e ela tinha falecido. “Falecido?” Não era falecido porque não era bem isso, não tinha essa coisa. A Arlete apareceu depois que ela tinha ido embora e falou para mim: “Nossa, mas a mãe veio? Ai meu Deus, que pena que eu não pude ver.” E acabou o sonho. E fiquei o dia inteiro pensando no sonho: “Ai meu Deus, o quê será?” Vi a minha mãe e é tudo de bom, foi muito legal, adoro quando sonho com a minha mãe ou com o meu pai, e com ele é diferente.

E antes dele morrer eu senti, ele veio me dar um abraço, me abraçar e foi incrível. E a cabeça da gente, não sei o que é e nem o quê acontece. Foi na noite que ele estava mal e no dia seguinte ele faleceu, acho que senti ele me abraçar mesmo, olhei para ele e ele veio e me deu um abraço. Muito legal também. E ele é diferente porque eu sentia muito a presença dele assim. Era como se ele tivesse perto de mim. Engraçado que uma amiga minha me falou uma vez que depois que a pessoa vai embora a gente sente, mas quando ela vai embora de vez a gente sente também. E sinto que perdi um pouco esse contato que tinha, parece louco, coisa da cabeça, mas o contato que eu tinha de conversar. E às vezes ainda me pego falando como se estivesse vivo.

Tem a família da minha mãe que mora em Judiaí. Tem os tios, tem um monte de primos, mas são tantos que eu nem conheço. Mas não sou uma pessoa muito presente porque a gente, na época do meu pai com a minha mãe viva, a gente ia uma vez por ano, natal para ver a minha avó. Depois a minha avó faleceu e a gente parou de ir, então, não tem muita essa ligação com eles e eles também são bem diferentes da gente. A Arlete é mais presente, liga mais, aparece mais por lá; e eu não. Não tenho muito contato. Gosto deles, mas não freqüento muito, raramente eu apareço.

4.1.6. Míriam Duram

(Foto da autora, 2010) Míriam em sua casa em Campinas

Hoje sou uma mãe dedicada à família. Gosto de fazer artesanato. Gosto de me cuidar, mas hoje a Miriam só se dedica aos dois, filho e marido, e preciso dá uma agitada na vida, não posso deixá-la estagnar e achar que está tudo bem.

Irei começar falando da minha família, porque como referência familiar sempre tivemos a pessoa do meu avô, que foi um paizão para todos; sempre o tivemos como ponto de partida, como sou a neta mais velha e faço parte da segunda geração, cresceram comigo: Arlete, Haidee e Milene. A minha mãe é mais velha dos irmãos que vieram para a Bolívia, além dela tinha o meu tio Demétrio, já falecido, e a minha tia Angélica. Lembro que aos finais de semana e nas férias passávamos na casa do João XXIII, casa do meu avô, como a nossa família no Brasil é pequena, vivíamos entre nós.

A família do meu pai ficou na Bolívia, só os via quando viajávamos para lá, e foram poucas viagens. E aqui no Brasil a referência era o meu avô, posso dizer que a família sempre foi bem latina mesmo, não podíamos deixar de fazer as comemorações e de estar sempre juntos. Fui três vezes à Bolívia. Com isso, pude saber como era o país de meus pais, como era a vida cotidiana das pessoas, naquela idade era muito diferente. Hoje em dia os meus pais aprenderam a se relacionar muito mais com pessoas do Brasil, mas quando éramos crianças isso não ocorria.

Os nossos amigos só se reuniam em casa nas férias, porque só saíamos de casa quando viajávamos para a Bolívia; nessa viagens aproveitávamos para aprender um pouco mais da língua e dos costumes.

O meu avô Victor casou de novo no Brasil e desse matrimônio vieram a Arlete e a Haidee; crescemos juntas, éramos da mesma faixa etária; acabamos

vivendo o mesmo período, as quatro só viviam juntas na infância e na adolescência. Eu sou a mais velha de cinco irmãos. Lembro que a minha mãe ia para casa do meu avô para conversar com ele e com a tia Angélica, porque eram as duas irmãs mais velhas da família. Meu tio Demétrio ainda estava vivo nesse período. A casa era grande, e adorava ficar lá. Lembro que a esposa dele era muito boazinha e o meu avô estava sempre trabalhando para sustentar a família.

Costumo falar para o meu filho que brincávamos muito quando crianças, saíamos para brincar na rua, me sujava de terra e não tinha essas coisas de vídeo-game, de clubinhos para criança se divertir, pois tínhamos espaço em casa e a rua não era sinônimo de violência. Lembro que a minha mãe chegou a levar os filhos para conhecer a Bolívia e a parte da família ficou, era uma aventura, e passamos a entender o significado de muita coisa. Quando voltávamos era viver a normalidade: trabalho, escola, a minha mãe trabalhando em casa e o meu pai também, era assim, mas eram vivências diferentes que a gente tinha em determinados momentos. São tempos que meu filho não vivencia mais.

Às vezes tento resgatar um pouco a cultura para que ele tenha referências, entenda. Há momentos que ele pergunta o significado de determinadas coisas, explico, como um dia que o levei para a festa em comemoração ao dia da independência da Bolívia e da Festa da Virgem de Copacabana. E expliquei como as pessoas conseguiram realizar aquela festa, porque antigamente não existia.

Lembro que quando iniciaram as festas eram poucas pessoas que freqüentavam, não existia essa aglomeração, parece que os bolivianos não saiam muito de casa para que um pudesse se relacionar com o outro. Depois de um tempo não, com os filhos a coisa foi mudando, foi-se abrangendo mais, os próprios filhos passaram a fazer parte de grupos folclóricos para dançar e as festas deixaram de ser mais restritas. A minha mãe não participava muito desses eventos, a não ser na organização das festas na Pastoral do Migrante. Lembro dela sair com as amigas, amigos, mas era uma entre eles. Acredito que seja bom para eles, pois resgata e eles podem estar vivenciando a cultura. E nesse dia da festa eu expliquei para o meu filho: "Olhe, é assim, tudo tem o seu significado, eu não sei tudo. Eu sei um pouco." Isso para que o meu filho saiba, tente compreender como que é. Ele gostou da festa, mas não é uma coisa que criança adora, vai entendendo aos poucos. O meu marido também gostou, porque ele conhece um pouco, ele é filho de espanhol com italiano, entende um pouco esse movimento migratório, sabe o que o pai dele passou na vida.

O pai do Andrés, meu esposo, veio adulto e teve muita dificuldade no Brasil. Ele soube relacionar as diferenças entre os países, mas hoje em dia, o pessoal está mais envolvido e engajado em divulgar a cultura, fazer com que os filhos possam desfrutar.

Meus pais, eu e meus irmãos vivíamos no bairro Santa Cecília, também vivemos numa casa na rua das Palmeiras, era sob uma loja, e minha mãe até chegou a trabalhar para a dona da loja, era uma loja de roupas, e o meu pai trabalhava em casa no conserto de máquinas de datilografar. Ele atendia, tinha um quarto que era só dele, para recepcionar os clientes, como também, se deslocava para atender nos comércios. E a minha mãe costurava em outro local da casa.

Muitas vezes a minha mãe costurou por conta própria, outras, pegava grandes encomendas para fazer; mas hoje trabalha mais com reformas de roupas. E os filhos iam para escola, tomava conta de casa, todos tinham seus afazeres.

Eu e a Milene somos as filhas mais velhas, depois vieram três homens da casa. A mãe dividia seu tempo entre o trabalho de costura e o trabalho doméstico. E depois de uma determinada idade a gente já ajudava, e automaticamente, passamos a cuidar dos irmãos menores. Sei que uns estudavam de manhã, outros de tarde, como era a mais velha, basicamente administrava as coisas em casa.

Estudei no Artur Guimarães, um colégio um pouquinho mais longe de casa e aonde fiquei até a quarta série. Como inauguraram um colégio novo, bem mais próximo de casa, transferiram alguns alunos. Minha mãe optou pela transferência

por ficar mais próximo de casa. Era o colégio Fidelino de Figueiredo, onde fiquei até terminar o colegial. Um das parcelas das meninas da minha turma moravam próximo. Participei da inauguração do colégio, era uma escola estadual e tinha de tudo, turma da manhã, turma da tarde, turma da noite. Estudava na parte da manhã e meus irmãos, alguns estudaram na parte da tarde. Era muito gostoso, muito perto de casa e não tinha preocupação, a minha mãe deixava a gente ir sozinha.

Era um colégio muito legal que tinha muitas turmas e onde pude conhecer filho de peruano, filho de chileno, filho de português, era uma mescla de culturas. A minha mãe tinha uma amiga peruana, uma das filhas estudava comigo, a outra estudou com outro irmão meu. Era legal porque os estudantes se encontravam, as mães se encontravam para conversarem, porque era uma troca muito boa de experiências. E os meus irmãos menores ficavam em uma escolinha, como se fosse creche, porque daí ficavam o dia todo lá na avenida Angélica, e quando era maior e já podiam ir buscar. Lembro que uma vez fui buscar o meu irmão no colégio, tinha ganhado uma correntinha da minha tia, aí me pararam no meio da rua e pegaram. Mas não tinha como evitar essas coisas. Lembro que quando casei, o meu irmão mais novo tinha sete anos, a diferença de idade é grande, tanto é que o meu marido lembra: "Ah, ele era tão pequenininho, do tamanho do meu filho, mirradinho, magrinho."

Casei tinha acabado de completar vinte e três anos. O meu irmão era pequenininho e perguntou: "Quando você casar posso ir ao seu casamento?", e como criança não pode ir em muito lugares; respondi: "Pode." Ao ser a irmã mais velha assumia, mesmo sem querer, um monte de funções: cuidar dos menores, trocar a fralda, fazer dormir, fazer mamadeira. Porque a minha mãe tinha que trabalhar, e ela ajudava nas coisas e não podia parar de costurar. Quando comecei a trabalhar tinha dezoito anos. Antes disso, não, era tudo em casa. Levar os irmãos para a escola, fazer almoço, depois de uma certa idade, lavar, passar, dar banho, era uma correria.

Depois que comecei a trabalhar fora passei a ajudar na verba familiar, mas era pouco. Depois fui fazer um curso de inglês e cursinho pré-vestibular; ganhava muito pouco. Comecei trabalhando em uma farmácia de manipulação, era responsável pelo orçamento. A minha mãe: "Vê lá no que vai trabalhar, cuidado para você não se desgastar demais e não ter tempo para estudar. E não vai ajudar, vai traçar seis por meia dúzia, e se for para você ajudar, não vai ficar se desgastando." Queria trabalhar, achava que devia trabalhar mais cedo, mas a minha mãe falava para deixar para depois; porque enquanto os dois pudessem trabalhar, eu poderia está estudando. Aí falei: "Não, tenho dezenove anos e quero procurar alguma coisa para fazer, para arcar com outras coisas que quisesse."

Saí para procurar emprego com uma amiga minha de colégio. Sei que a chamaram, mas não quis e não lembro por qual motivo, logo em seguida me chamaram. Fiquei quase dois anos nesse emprego. Era um trajeto bom que fazia na minha casa, e facilitava para estudar.

Terminei o colegial de manhã e depois fui fazer cursinho à noite. Saía do serviço, que era na Brigadeiro Luis Antônio e ia até a Paulista, depois até a minha casa que era na Santa Cecília. Muitas vezes a minha mãe me esperava no ponto de ônibus, as noites que ficava até mais tarde. Nos finais de semana aproveitava para ajudar a minha mãe no que precisava, colocar as coisas em dias porque éramos sete pessoas na casa. Era uma bagunça total e antes de sair tinha que voltar para arrumar as coisas; para deixar tudo em ordem para outra semana.

No período que terminei o cursinho, meus pais quiseram viajar para a Bolívia. Estava entrando para a idade adulta; e essa foi a última vez que fui com eles para a Bolívia. Tinha por volta de dezenove anos, fomos direto para La Paz. Quando voltei, tinha saído do serviço, mas chamaram-me novamente para trabalhar. Antes trabalhava meio período e recebia um salário compatível com o período. Agora me convidaram para trabalhar o dia todo, com apenas um pequeno acréscimo no salário e falei: "Vai complicar para voltar a estudar." Expliquei que

não daria certo e fui procurar emprego novamente. Mas daí tinha prestado o vestibular e passei. Comecei a cursar letras na Unip, não fiquei muito tempo porque ficou pesado para pagar e parei. Tinha conseguido outro emprego na mesma região e morando no Santa Cecília tudo era viável. Falei que iria esperar mais um tempo para prestar de novo, depois de um tempo prestei para administração e passei.

O local onde eu trabalhava, reembolsava 50% do valor que eu pagava na faculdade. O primeiro ano englobava tudo, mas depois você direcionava, e do segundo ano em diante fui para contábeis e terminei a faculdade; continuava trabalhando durante todo dia e estudava à noite. Estudei na Faculdade Osvaldo Cruz, quando terminei a mãe tinha mudado, saído do Santa Cecília e foram morar na Barra Funda, próximo da Lapa. Depois casei e fui morar na Vila Carrão, os pais do meu marido moravam na Brigadeiro Luis Antônio e nós fomos para a zona leste de São Paulo. Continuei estudando à noite e trabalhando durante o dia, ainda no mesmo emprego, e o meu marido trabalhava em outro ponto da cidade. Depois ele acabou seguindo o rumo dele.

Conheci o Andrés no cursinho, no seu primeiro ano de faculdade, não conseguiu bancar e trancou a matrícula. Ele falou: "Eu vou prestar Fatec, vou dar mais um tempo e quando vier pego e presto." Porque não era período de prova. Nisso ele foi visitar uns amigos dele que continuavam fazendo cursinho, só que eles já me conheciam e começaram a fazer comigo. Daí eles me apresentaram e a gente namorou. Depois, no ano seguinte, ele passou na faculdade e eu passei em outra, então, cada um cursando a sua área.

Acabei saindo do meu emprego porque queria trabalhar na minha área de estudo, demorei a sair porque o meu chefe não queria me liberar. "Míriam, você quer um aumento?" , "Preciso começar a atuar na minha área, preciso pegar os macetes." Era no grupo Pão de Açúcar, trabalhando como assistente de um diretor. Ele falou: "Míriam, você está cansada daqui?", "É, quero começar atuar na área." Tentei uma transferência interna e não deu certo, fiquei mais um tempo e falei: "Gente, preciso começar a fazer estágio na área." Apesar da empresa ter ajudado com a faculdade, e também dentro da área dele era viável, precisava aprender mais sobre o meu campo. A empresa ajudava e pagava uma parcela da faculdade.

Depois que saí, nesse meio tempo estava fazendo entrevista e tentando algum estágio; em algumas tinha sido dispensada, depois chamaram-me em uma empresa de São Paulo, em Paulínea mesmo, pois tem as fábricas Cagiu. Iniciei o estágio, depois fiquei mais um tempo trabalhando na empresa, mas estava tendo muita rotatividade pessoal na área que estava encarregada. Sei que não me dei bem com uma certa administração e aquilo ali me desmotivou.

Depois de um tempo, saí porque o meu contrato era pré-determinado, depois fui fazer serviço em outra área. Mas em pouco espaço de tempo não deu certo e fiquei meio desmotivada; e acho que se eu quisesse mesmo teria brigado mais, mas não me senti motivada para continuar na área. Depois fui procurar serviço dentro da área administrativa. Aí fui trabalhar em Guarulhos.

Nesse período, já tinha o meu filho, era pequenininho. O meu marido trabalhava em um ponto da cidade e eu trabalhava lá em Guarulhos. Saía bem cedinho de casa e morava na Vila Carrão, o marido trabalhava lá na 9 de Julho. Eu saía cedinho de casa e o Andrés levava o menino para a creche, era como se fosse berçário. Na época ele tinha dois anos; e era uma correria. Eu e o Andrés passávamos o dia inteiro fora e meu filho na escolinha.

Lembro que o Andrés entreva as sete da manhã e saía no último horário estipulado, só que cada vez mais o chefe exigia que ele chegasse mais cedo. E ficamos um bom tempo nessa rotina. Como saía de casa às cinco e meia da manhã, mais cedo do que isso complicaria a vida; pois não teria com quem deixar a criança porque não tem escola aberta às cinco da manhã; mais tarde muito menos porque poderia atrasar o emprego. Falei: "Não, é complicado." Lógico que quem sustentava a casa, na realidade, era ele, eu complementava. Mas se fosse balancear, a prioridade era o trabalho do Andrés.

Foi dessa decisão que pedi para sair do serviço. Era muito complicado e às vezes pegava o meu menino quase nove horas da noite na creche, mas porque tinha a moça que dormia na escola, era caseira e não tinha condições. Meu filho Victor foi para escolinha novinho. Mas depois de um tempo resolvi sair do emprego para cuidar dele tinha mais de quatro anos, porque passei três anos trabalhando em Guarulhos. Depois de um tempo na empresa fizeram um convite para o meu marido ir para Campinas, onde residimos atualmente. Passamos por uns momentos difíceis, mas acabamos nos adaptando. A princípio, o orçamento ficou apertado, mas conseguimos conciliar.

O meu filho tem o nome do avô dele, pai da minha mãe, que se chama Victor. Eu não esperava que fosse menino, porque o médico não conseguia observar os órgãos sexuais da criança. Tínhamos pensado só nomes de meninas; mas quando nasceu o Andrés disse: "Só pensamos em nomes de meninas." Ficou pensativo e disse: "Míriam, poderia ser o nome de seu avô." E respondi: "É um nome forte e bonito, e é um nome de uma pessoa que a gente gosta. Pode ser." E ficou Victor Durand; pegou a parte espanhola da família do meu marido. E no dia seguinte fomos registrar com o nome do meu avô. Contamos para a minha mãe e esperamos o meu avô ir nos visitar; contamos para o avô e ele ficou muito feliz!

Meu filho nasceu em 1999, depois de sete anos de casada. Foi uma alegria, segundo neto, bisneto, e meu avô tendo bisneto. Ele ficou super feliz. O primeiro neto é da minha irmã, o Gabriel, filho da Milene, que já é rapazinho; e o segundo é o Victor. Às vezes a gente programa as coisas e nem sempre é da maneira que almejamos.

Meu filho nasceu e duas semanas depois a mãe do meu marido faleceu. Depois de um tempo o pai dele descobriu que estava com uma doença; e agora ele é cadeirante; mas sempre procuramos estar presente.

Teve uma época que pretendíamos ir para a Espanha, estávamos arrumando a documentação da viagem, porque estavam precisando muito de profissionais na área de engenharia civil. Isso foi há seis anos. Estávamos fazendo a documentação da faculdade, a tradução juramentada; todos os documentos necessários para ver se as disciplinas coincidiam. E quando o meu filho nasceu, fomos ao consulado, pois ele tinha a possibilidade de ter nacionalidade espanhola; existia a possibilidade e estávamos estudando-a. Sei que o pai dele deu todo apoio: "Filho, se é isso que vocês precisam para poder ir embora, vão."

A intenção é que o meu marido fosse à frente, e depois de um tempo iria. Sei que é processo longo a questão da documentação, daí o pai do Andrés descobriu que estava doente. Ficou meio chateado com a situação, até saber realmente o que ele tinha e falei: "Eu vou breçar um pouco isso daqui, vai que de repente ele precise de mim." Foi quando os médicos diagnosticaram esclerose; e o meu marido disse que não dava para ir. O pai dele estava casado com uma segunda esposa, pessoa preocupada que sempre esteve ao seu lado ajudando em tudo.

Quando estamos em São Paulo sempre estamos visitando-os. Atualmente residimos em Campinas. Só não podemos ir todos os finais de semana para São Paulo porque o meu menino já tem a rotina dele. Sempre vamos aos finais de semana e voltamos domingo ou no final do feriado. Passamos o natal na casa da minha tia Arlete, porque a casa da minha mãe tem escada e fica difícil para o pai do Andrés se locomover. Na casa do João XXIII é o melhor local e fica bom para reunir todo mundo.

Atualmente, tenho me dedicado somente aos dois, marido e filho. Até cheguei a procurar emprego logo que vim morar em Campinas, mas percebi que as oportunidades estavam meio distantes. Tentei com um colega nosso abrir uma livraria, mas não deu certo. Aí percebi que uma coisa é a amizade, outra coisa é o compromisso profissional. O Andrés ainda falou: "Faça alguma coisa que te traga um retorno, mas que você não tenha que se ausentar totalmente. Mesmo porque é

fácil de você estar aqui e ali em dois tempos; coisa que a gente não conseguia lá em São Paulo.”

O emprego era mais para estar saindo de casa, trabalhando, poder estar ajudando, contribuindo, não ficar dependendo dele para tudo. Tirei a minha carta de motorista e renovei há pouco tempo, para ver se com o tempo volto a dirigir. O meu menino está grande e hoje fica mais fácil trabalhar porque já entende as coisas.

Quando chegamos aqui, ficamos meio sem noção, por não conhecer as pessoas, não conhecer nada. Tirei a carta de motorista para ajudar mais em casa. Acaba sendo uma vida tranquila, sem estresse, não existe cobrança.

Tem uma coisa que acabei não contando sobre a questão familiar. Quando estávamos preparando a documentação para ir para a Espanha, a nossa certidão de casamento, a gente acabou esquecendo o detalhe da paternidade. E como não existe uma relação de proximidade, não há afetividade, acabei deletando o pai biológico da minha cabeça. Talvez na minha infância, ou, quando era da idade do meu filho; até a minha mãe vir falar comigo, fiquei sem saber o que dizer. Cheguei a cogitar com o meu avô, meio que escondido da mãe e dos irmãos; mas o meu avô se esquivava: “Isso é assunto entre você e sua mãe.” E o tempo vai passando e na época você fica meio assim, pois você sabe que a sua mãe não quer falar a respeito, não tem boas lembranças ou não quer dizer mesmo. Quando você se torna um adulto, quando você já possui a sua família, muito menos.

Eu ficava pensando: “Como é que vou querer ter algum sentimento por uma pessoa que foi só citada e tal?” Por que quando a minha mãe casou com o Marcos ela já me tinha; ele me assumiu como filha. Eu não convivi com o pai biológico. Acho que se eu quisesse, quando criança ou adolescente, conhecer essa pessoa, a minha mãe tivesse tido outra postura. Mas via que esse assunto era um sofrimento para ela. Cresci sabendo que o Marcos não era meu pai, mas não desde criança. Contaram na transição de adolescente para adulto. E acabei apagando essa história da minha vida.

Quando fui mexer de novo na documentação para ir à Espanha, de fazer tradução, vi que precisava da minha certidão de nascimento, pensei: “Caramba, não tenho.” E pedi para a minha mãe, a minha mãe pegou e disse: “Putz, sabe o quê que é?” Aí fui ao cartório e adquiri aquela certidão que tinha só o nome da minha mãe. Estava fazendo a tradução dos documentos, tinha o meu RG, mas não lembrava como tinha feito o primeiro RG, e a que eu tinha já era de casada. Mas também naquela documentação, precisada da minha certidão de nascimento, e daí eu fui perguntar para a minha mãe. “Mãe, a senhora tem a minha certidão de nascimento? A senhora me empresta para anexar uma cópia na minha documentação.”, Ela falou: “Miriam, vai lá ver no cartório; eu te dou o número.” Acho que ela não podia no período. Eu fui até o cartório, era uma que a minha mãe tinha antiga e que foi substituída quando fui para o cartório e aceitei colocar o nome do Marcos como sendo o meu pai. Mas daí já tinha uns 19 anos. E tinha esse documento de comprovação da paternidade.

Na verdade isso foi apenas um ato de acordo, porque desde criança tenho a imagem do Marcos como pai, sempre o chamei de pai. E sei que esse assunto para minha mãe é um tabu. E nem sei se os meus irmãos sabem dessa história, sei que a Milene, a Arlete e a Haidee sabem; até porque isso era assunto de quando éramos pequenos, porque o meu avô comentava e queria deixar as coisas claras. Não que fosse atrás, ou que ele pegasse e pedisse informações. Ele não queria se comprometer e dizia: “Se você quiser saber de alguma coisa, você vai pegar e perguntar para sua mãe.” E como eu vi que isso era algo que iria mexer com o psicológico da pessoa, que era uma coisa bem triste; fiquei na minha.

Acho que para ela foi uma decepção muito grande. E ela tinha muito medo que eu tivesse um envolvimento, que eu assumisse alguns atos e fosse frustrante. Aí peguei e deixei de mão. Um tempo eu tentei, depois não tentei mais e acabei deixando de lado. Até porque com o tempo as coisas surgiram; mas sempre

vivemos tranquilamente e passamos por cima de tudo. Sei que meus irmãos homens nunca souberam disso por minha boca, não sei se a Milene chegou a contar. Não cheguei a conhecê-lo; não sei se as imagens que eu tenho de muito criança sejam reais, porque ficava na casa de uma outra pessoa, se as pessoas de lá tinham a ver com ele, não sei. Por que a minha mãe cortou totalmente as relações.

Só tenho lembranças daí; porque era muito criança, lembro muito vagamente das pessoas. A minha mãe me disse que teve que me deixar num certo local. Eu acho que eram os conflitos que existiam entre ela e meu avô também na época. E para o meu avô era uma coisa terrível e ele não aceitava.

Sei que quando a minha mãe era jovem saiu da casa do meu avô, e quando volta estava grávida, com uma criança nos braços, e para o meu avô aquilo era fim. Acho que para o avô não ter formado uma família foi terrível, foi o fim do mundo. Lógico que nunca deixou de amparar, mas eu acredito, conhecendo ele, na época deve ter dado uma briga, um desconforto total para os dois.

Depois de um tempo minha mãe conheceu o Marcos, tanto é que tenho a diferença de quase seis anos para a minha irmã Milene. Acho que quando pequena ficava na casa de outra pessoa para a minha mãe trabalhar, porque ela tinha que bancar os custos; porque na realidade o meu avô não ia fazer nada também, ele tinha as coisas dele para fazer, mas era "Vire-se!"

Lógico que numa situação de necessidade ele iria ajudar, mas ia deixar, no primeiro momento, que ela se virasse. Eu tenho vagas lembranças, é muito estranho e a minha mãe deve ter foto, lembro que ela tem foto onde estou em outra casa, pois não lembro de ter morado naquela casa da foto na primeira infância. Depois de um certo tempo a minha mãe falou : "Ai, como será que está o pessoal e coisa e tal." Mesmo quando ela contou que ele não era o meu pai; era difícil você querer modificar a vida que vivia. Tudo bem, que tinha que falar que não era o meu pai, mas dizer, a partir daí que tudo isso não te pertence, mesmo porque a minha mãe tem as meias irmãs dela que era de outro casamento do meu avô.

É complicado porque passamos por cima de muita coisa, sabíamos que deixaria ela chateada, na época, fiquei chateada, mas depois foi indo e a gente continuou tocando a nossa vida. Teria tido um outro rumo se de repente tivesse batido o pé e tivesse ido procurar. "Ah mãe, descubra se ainda tem conhecimento da pessoa." Mas como não fiz isso e acabei não tocando.

Quando você se torna adulto muita coisa se torna pequena frente à vida. E depois de um tempo para quem mexer nisso. Foi uma escolha, sem volta ou não, não sei dizer. Tanto é que converso com o meu marido sobre isso quando surge uma situação que a gente vê na TV, ou se escuta falar. Mas a gente não chega a se aprofundar na coisa, tanto é que às vezes ele pergunta: "Míriam, você gostaria de conhecer o seu pai?", "Ah, hoje não sei." A mesma coisa com os meus amigos, conheci pessoas em Campinas e, tem pessoas que a gente tem afinidades, tem pessoas que a gente não tem. As coisas não são impostas nesse sentido de se relacionar com as pessoas. A gente gosta, e se der para gostar e tiver afinidade com as pessoas para se relacionar, bem. Caso contrário, não tem como forçar a barra.

E nem sei se algum dia ele chegou a procurar, minha mãe nunca chegou a falar que tenha ido, ou que eu tenha percebido, ou que tenha visto. Então, acabamos seguindo nossas vidas.

Eu e o Marcos passamos por conflitos como qualquer adolescente na família; mas nos resolvemos. Por que queria sair: "Ah, quero sair." A mãe diz que sim e o pai não. Mas sempre aquela figura que tem que respeitar, a minha mãe tem certa postura, o Marcos tem outra. A minha mãe é estilo o meu avô, muito exigente, pegava no pé. E o Marcos é muito banho-maria, põe panos quentes em tudo. A minha mãe não, se ela tivesse que bater, ela batia, a minha mãe era muito explosiva. Eu ficava de castigo, mas nunca me bateu. Mas quando era adolescente

tinha essas divergências. A mãe fala que não e o pai diz sim. Mas é uma coisa que acontece até aqui em casa, porque a gente tem que bater figurinha, tenho que falar uma coisa. Ou vice versa. E como a gente teve uma relação muito estreita com o meu avô, a gente falava: "Nossa, meu avô é o segundo pai." Mas quando estava revoltada na adolescência, não, o meu pai é ele e tal. Eram conflitos que existiam em qualquer família, brigas de irmãos, mãe fala uma coisa, pai fala outra. Não tem muita diferença de hoje, e temos que sempre procurar falar a mesma linguagem para não ter problemas com a criança.

A minha mãe sempre foi muito austera com as coisas, tinha que ter hora para entrar, hora para sair. Eu acho que um pouco do que aconteceu com ela, não queria que se transferisse para os filhos. Mesmo porque ela nunca falou de sexo, de maneira alguma com a gente, não tinha papo e as amigas dela já conversavam.

Para a minha mãe vida sexual dos filhos era coisa de outro mundo, a minha mãe é uma mãe dramática. Sempre tive amigas mulheres, pois se tivesse amigos homens que frequentassem a casa, achava que já tinha alguma coisa; paqueras, essas coisas. Porque ela sempre colocava o lado negativo das relações para nós. Comentava de uma amiga, e se não gostasse, já falava de fulana. Mas tem umas que preservo até hoje e quando dá final de ano a gente se confraterniza. Somos amigas desde a infância. Antes do Fidelino, desde a quarta série nos vemos. É só a mulherada e foram pessoas que mais ou menos tiveram as mesmas afinidades, tivemos a mesma projeção, cada uma seguiu o seu rumo, mas tínhamos afinidades; esses laços perduraram até hoje. As outras amizades seguiram os rumos da vida.

Meu marido quer fazer três anos a mais de faculdade na área de engenharia civil; ele fez Fatec e é tecnólogo e não consegue assumir alguns serviços por conta disso, porque não pode assumir projetos. É uma barreira, às vezes consegue driblar porque ele tem muita experiência. E eu pretendo me desprender mais da casa, preciso fazer alguma coisa para o meu benefício interior mesmo e acho que vai ajudar muito o meu menino. Então, a gente estuda as possibilidades com o meu marido, sempre conversamos muito um com o outro; para deixar uma coisa legal para o menino e também para mim. Estou muito passiva, mas não fico me culpando por isso, até porque pode dar uma reviravolta na vida.

Uma das coisas que a gente fez esse ano é voltar a renovar a carta, dirigir, porque preciso voltar a ativar os meus contatos, preciso voltar a trabalhar. Sinto que preciso apoiar mais financeiramente, e às vezes dá uma insegurança

Posso dizer que hoje sou uma mãe dedicada à família. Gosto de fazer artesanato. Gosto de me cuidar, mas hoje a Miriam só se dedica aos dois, filho e marido, e preciso dá uma agitada na vida, não posso deixá-la estagnar e achar que está tudo bem. O Andrés é uma pessoa totalmente oposta a minha pessoa, não tem muita paciência de ficar pensando demais e filosofando. Eu sou o contraponto, sinto que ele espera isso de mim. Embora a gente esteja a quase vinte anos juntos, a gente viveu muitas coisas. E a gente começou quando a gente ainda estudava, ele era novinho.

O Andrés estudou no Miguel de Cervantes. Ele teve a gramática, história, língua, tudo em espanhol. Ele é filho de espanhol e o pai dele não podia pagar o curso integral e mais o colégio, mas ele conseguiu uma bolsa. O pai dele trabalhava com construção civil, já tinha tido empreiteira, tinha caído, tinha quebrado, ficou doente, sofreu acidente, trabalha com mão-de-obra mesmo. O que ele podia bancar, ele bancava, o resto ele correu atrás. Assim, estudou da sexta série ao ensino médio no Cervantes. Então, o que ele tem de didática do espanhol já ajuda bastante o meu menino, e o que eu tenho ajuda muito.

O meu avô misturava muito português e espanhol. Quando viajavamos ajudava muito, sempre aprendíamos mais um pouquinho. Aprendíamos com as tias, que corrigia a nossa pronúncia; falo muito pouco não tenho didática. Quando queremos chamar atenção do filho falamos em espanhol. Sempre estamos dando dicas para o meu filho, que estuda numa escola bilíngüe.

Meu sogro fala tudo misturado. Conta muitas histórias boas de quando ele veio para cá no período da guerra; que veio de navio, então, ele conta esses causos, muitas coisas ele conta em espanhol, e muita coisa ele mistura. Acho que aprender outra língua e morar no exterior é uma riqueza muito grande, caso ocorra uma oportunidade para o filho irei apoiar.

O meu marido está louco para ir para Argentina, queríamos levar nosso filho para conhecer outra cultura, já que meu marido é fumante e disse que não iria passar bem com a altitude de La Paz. As pessoas colocam muitos tabus quando se trata de levar crianças ao exterior, dizem que viagens ao estrangeiro não faz bem as crianças; e não vejo assim, pois quando fui criança para a Bolívia foi a maior aventura da minha vida. Às vezes converso com a Arlete, com a Haidee, quando a gente troca idéias; era como se estivesse num filme de Indiana Jones. Onde já se viu sair correndo e o trem andando, e você jogar as suas malas, e você pegava um pelo colo e jogava dentro. E falava: "Se você gosta de aventura, passe por isso."

Gente, nunca imaginávamos que faríamos algo assim, hoje não teria coragem de sair correndo atrás do trem. Outro dia o meu filho pegou e reclamou de alguma coisa na rua: ele estava batendo o pé. Falei: "Você é muito chato para as coisas." Uma vez a gente viajou a gente tomou leite misturando água da chuva. A mãe levava aquelas latinhas de leite ninho e a gente pegou água da chuva fora do trem para tomar. Porque o trem descarrilhou e a gente ficou preso em algum lugar, não tinha como sair. O que fizemos? Tínhamos que nos alimentar com o que tinha, isso é aventura. "Você reclama das coisas, isso é aventura." Você vai para o primeiro povoado que está ali e eles servem aquilo que eles têm. Isso é aventura e se a minha mãe tivesse que pensar em tudo isso, nós não tínhamos nem saído, ela sozinha com um monte de meninos e nunca perdeu ninguém no meio do caminho.

Vamos ver se esses homens de casa conseguirão fazer alguma coisa nesse sentido. Essas viagens são boas porque não sabemos o que espera, elas surgem. E quando se trata do futuro não dá para planejar. A gente fica com medo de seguir padrões, mas é uma besteira, pois a vida é imprevisão total.

A minha tia Arlete diz que sempre fui de fazer as coisas muito certinhas, mas vejo com outros olhos. Quando faço as coisas tento me preservar ao máximo; não faço as coisas para agradar a ninguém, mas é o meu jeito de ser. Eu sei que ela falava não com o intuito de se sobressair, não querendo elogiar; mas acho que cada um vai traçando sua vida. Às vezes você tem que desviar, vai tentando de uma maneira, de outra. Às vezes você coloca os objetivos e métodos lá para frente, mas você tem que dar uma contornadinha para chegar lá. Às vezes pode demorar um pouquinho mais, às vezes não, às vezes as coisas vêm e você passa por cima de outras para você conseguir. Às vezes você estar ali. Hoje tenho quarenta e um anos e ainda espero ver muita coisa pela frente.

Das vivências só restaram as boas lembranças, principalmente da época do meu avô. Porque as lembranças de casa são muito da época do meu avô, a gente comenta muito as coisas que passávamos junto; o meu avô brigava por qualquer coisa e não deixava nada batido. Hoje a gente deixa muita coisa, ele pegava no pé da gente. Todo mundo tem seus defeitos, meu marido é muito falador. A família fala demais. E quando é para chorar a gente chora demais, a gente tem o sangue latino. Se o meu cachorro morreu, então, eu vou chorar e ficar me lamentando. No fim, somos um pouco novela mexicana.

4.1.7. Milene

(Fonte: Foto da autora, 2010) Milene com o seu filho Gabriel numa tarde ensolarada no Sesc Pompeia

Estou nesse ponto de querer uma mudança, até porque bateu os trinta e cinco anos de idade e alguma coisa tem que mudar, não é possível que tudo continue do mesmo jeito.

Ontem foi um dia divisor de águas na minha vida, senti que perdi o trem da vida em algum momento. Sentei para conversar, pensar exatamente o quê que vou fazer daqui para frente porque chega um tempo que você não quer mais as mesmas coisas que sempre vão acontecendo, quer alguma mudança, acho que até para te motivar mais. Ontem me senti muito frustrada de não conseguir dar esse passo na vida, procurar saber, entender e conhecer o processo para lecionar no Estado, mas semana que vem vou atrás de qualquer jeito. Estou nesse ponto de querer uma mudança, até porque bateu os trinta e cinco anos de idade e alguma coisa tem que mudar, não é possível que tudo continue do mesmo jeito.

Tudo na minha vida se solidificou de uma forma que não acredito que não possa mudar, que tudo vai acontecer do mesmo jeito; não quero que as coisas sejam mais assim, não mais! Minha vida profissional está estagnada. Eu me sinto presa, parece que as coisas não estão seguindo o mesmo caminho, no trabalho tudo acontece há anos do mesmo jeito. Tenho a minha vida fora do profissional onde tenho um filho, tenho os meus pais. Com a história da morte do meu avô

parece que parei no tempo, pois passei uns dias fora do trabalho e pude rever uma parte da minha família, resgatei a minha família e voltei a perceber a minha vida. No final das contas, senti-me muito a vontade com a família, sem ter as obrigações da vida cotidiana, mas tive que voltar para o trabalho.

A sensação que tive é de está num sonho gostoso, apesar da situação, livre sem sofrer pressão, sem ter as obrigações. Nem nas minhas férias sinto essa sensação de liberdade, porque mesmo nas férias você tem uma data de saída combinada e uma data de retorno estabelecida. Então, parece que o jogo está posto. Você não tem liberdade de escolher e ficar mais tempo com a família. "A partir de tal dia, três dias ou um mês eu volto." E isso que aconteceu do meu avô mexeu com várias coisas, uma delas foi a sensação de liberdade, a outra foi de que a gente tem um caminho para seguir e às vezes a gente corre tanto para conseguir as coisas e no final das contas para que tanta correria? Ficou aquela pergunta, para que? Venho pensando nisso há um tempo e me questionando, com a morte do meu avô venho enxergando as coisas da vida de outra forma. Mas meus pensamentos ainda estão confusos e crus.

No trabalho tenho um jeito a seguir; as pessoas desse setor me conhecem muito pouco: aqui sou a Milene do CPV, fora daqui não sabem muito de mim, construíram uma imagem e acho que isso me incomoda muito, uma imagem de quando entrei aqui e isso faz dez anos atrás. Mas fora daqui não me conhecem, não sabem das coisas que acontecem na minha família, pois não nos encontramos. Quase não me abro ou falo disso para ninguém, não me sinto a vontade, também não me sinto num ambiente de confiança com ninguém. A minha família tem uma importância muito grande na minha vida, porque me influenciou muito fortemente e deixo isso claro sempre. Parece que sempre vivo em guerra, passo nove, dez horas em conflito com as coisas que faço fora do trabalho. Para ter uma idéia, são poucas as pessoas que sabem do curso que faço recentemente, da faculdade que estou fazendo; eu não falei com ninguém, deixei isso muito dividido mesmo.

Não me sinto a vontade para falar; é claro que tive que pedir autorização para sair cedo do trabalho para fazer um curso e ponto. Mas não detalhei e acho que as pessoas não iriam fazer tanta questão de saber. Fora isso, tem umas mudanças que sei que tenho que fazer para me tranquilizar mais, pois sou muito preocupada com as coisas que acontecem com os outros, com as coisas que acontecem comigo, não sei se essa postura possa influenciar em algo. Quando fiquei com a minha família vi que isso é um traço da família, minha mãe é muito assim, muito preocupada com as coisas que vão acontecer, antes achava que uma atitude de mãe.

Eu acho que visitei meu avô menos do que deveria ter visitado, mas todas às vezes que fui vê-lo ele contava as histórias, perguntava como estávamos, mas ele já tinha as informações antes, as pessoas já tinham ido contar para ele o que tinha acontecido bem antes, ele dava conselho "Não, você tem que fazer assim." Às vezes ele não escutava bem, entendia a história toda errada.

Uma vez, lembro que a gente pensou: "O vô vai completar noventa anos, vamos fazer uma festa, chamar toda a família, fazer uma festa enorme. Todo mundo dançando com música boliviana, com música que a gente gosta e tal." E aí fui contar para ele, estava eu, ele e a minha tia. Ainda bem que tinha as duas tias perto, uma estava fazendo as coisas dela, mas só de ouvido em pé. A outra estava conversando com a gente. "Então vô, a gente podia fazer uma festa no seu aniversário de noventa anos." Daí ele olhou para ela: "O quê? Ela anda de festa em festa?!" Nossa, foi muito engraçado. Minha tia: "Não, ela disse para fazer uma festa para você de noventa anos." , "Não, fala para ela que não pode ficar andando de festa em festa, ela está louca? Imagina o que vai acontecer com ela?"

Não sei o que ela disse, ele olhou para mim e começou a dizer sermão: "Você não pode ficar andando de festa em festa, os rapazes não vão te respeitar". Imagina um senhor de noventa anos achando que eu estava andando de festa e festa. "Cuidado, de repente tem cigarros, de repente tem bebidas." Sei que ele

disse um monte coisa. Até explicar para ele que não era nada disso já tinha ficado irritado. "Esquece, não vamos fazer festa nenhuma." Quando ele fez noventa anos a família se reuniu, cada um trouxe uma coisa, uma levou o bolo. Ele ficou com dois bolos, toda a meninada lá e a gente cantou parabéns. Não foi a festa que tinha imaginado, pois esta seria para chamar todo mundo, fazer um jantar, alguma coisa, colocar som e todo mundo dançar. Nem pensei em chamar outras pessoas de fora, era mais com a família mesmo. Mas era para gente se divertir porque sempre achei que a nossa família ficou muito distante uma da outra.

Já não falava com as minhas tias fazia um ano, a gente já não tinha mais contato. Com uma delas, com a que é enfermeira tinha mais contato, assim, a cada mês pelo menos sabia, ligava, falava com a gente, queria saber como estávamos, mas tinha me afastado demais da Haidee, muito. Não chegamos a brigar, mas não me senti mais a vontade de conversar com ela, tivemos um atrito na época em que me separei, então, a gente não conversava mais. Voltei a conversar com ela esse ano, mas porque me senti a vontade para procurá-la e ela também me procurou para saber o que tinha acontecido, mas não tinha vontade de conversar. Então ficou assim: eu e meus irmãos num canto, as duas tias que são as irmãs mais novas da minha mãe num outro canto. Ficou todo mundo muito separado.

Era triste você só rever as pessoas no natal, pois nos reuníamos com o meu avô. E depois foi passando o tempo, aquilo que era motivo de você ficar irritado, já tinha perdido até o sentido da reunião em família. Quando o meu avô estava hospitalizado senti-me muito a vontade de voltar a vê-las, porque ela sempre foi muito desencanada, ela era o outro lado da família.

Enquanto a gente sempre foi muito preocupado em saber o quê que ia fazer da vida, em que ia trabalhar, estudar e educação dos filhos, ela não, acho que por ela não ter filhos, viveu e vive a vida, sabe todo aquele lado gostoso de se viver. Ela vai a festas, ela vai a bares, vai a todos os lugares com o marido dela. Ela viaja muito, tem tudo, está do lado prazeroso da vida. Ela gosta muito disso, parece que os problemas ficam menores e ela tem os mesmos problemas de convívio com colegas de trabalho, tem problemas de ficar pensando o quê que vai fazer da vida dela daqui para frente, ficou chateada, claro, ficou muito triste porque o meu avô faleceu, mas encara de outra forma que é difícil para o resto da família entender. Só comecei a entender melhor agora; nós duas entrávamos em conflito, até ter uma aula de antropologia sobre cultura e poder entender melhor isso.

Fui percebendo quanto os pequenos detalhes influenciam o nosso comportamento. Uma vez fui ao Memorial da América Latina vê uma exposição permanente. Tem uma parte que é do México e lá o culto aos mortos é muito forte, na verdade acabei percebendo que não é só lá, e sim, em toda a América Latina Hispânica que cultuam os mortos, aquele ente querido que faleceu, ou então, aquele amigo que faleceu há quinhentos anos eles tem aquilo: "Não, a gente vai homenagear". Sempre rememorando, aquilo é muito forte e uma forma de homenagear é você manter o luto, é você manter algumas tradições; agora, o dia 02 de novembro, dia de finados, eles têm todo um preparativo para essa data, mas entendo porque convivo com os meus pais, vivi e cresci nesse meio. As minhas duas tias mais novas não, elas não cresceram com isso, apesar do meu avô ser boliviano e manter algumas tradições. Ele era sozinho, tinha coisas que se perdeu mesmo e as minhas tia mais velha, irmã da mãe, não entende dessa forma, não percebe assim.

A minha tia mais nova, ficou muito triste que o meu avô faleceu, mas tocou a vida para frente, foi procurar trabalho que ela estava buscando, ela tem que viajar e por conta do trabalho foi viajar, e a minha mãe e a minha outra tia ficaram muito chateadas: "Mas como? Meu pai acabou de falecer, imagina, ela está comemorando, vai sempre pro bar." Encarou a situação de outro jeito; e esse desentendimento sempre existiu. Enquanto minha mãe e minha tia Angélica sempre quiseram manter o luto, a minha tia mais nova continuou a vida. A minha tia mais velha e minha mãe tiveram uma vida muito dura aqui no Brasil,

principalmente, muito sacrifício por conta do meu avô, todos os irmãos eram mais novos. Minha mãe teve que cuidar dos filhos, cuidar das irmãs caçulas, e o que ela entende por uma vida correta não é a mesma coisa que a irmã caçula entende como uma vida correta.

E fica o conflito: "Não, imagina, ela está fazendo isso, fazendo aquilo, que absurdo." E a minha tia, pelo menos agora que voltei a conversar com ela, ela faz curti a vida dela, mas ela não faz por conta dos outros, faz porque precisa fazer ou porque ela sentiu vontade de fazer, acho que ela nem imagina que seja tão julgada por conta disso. E foi nesse momento que comecei a entender direito o quê que acontecia, o quê que aconteceu antes, porque que também me irritei muito com ela. Não soube entendê-la na época e hoje sei o porquê ela não soube me entender. Por que quando me separei, achava que as coisas tinham que seguir um determinado caminho, uma determinada linha, tinha que ser feito de um jeito, achava que toda a família tinha que se desligar do meu ex-marido de todo o jeito, só que ele trabalhava na empresa dela e eles não quiseram desligar, não quiseram mandar ele embora.

Sei que parece ser egoísta e pequeno, às vezes quando você está ressentida você se sente menor, quer de qualquer jeito transformar e sumir com esse tipo de sentimento e, no caso, o jeito que via era realmente eliminar o ex-marido da minha frente de qualquer forma, se vê distante o quanto antes. Na época eles não fizeram, além de não ter feito eles me julgaram muito por sentir e agir dessa forma. No momento, também não souberam me entender e hoje entendo assim, porque eles achavam que tinha que tocar a minha vida para frente de qualquer forma; estando perto ou não estando perto, tinha que ser forte para isso. E achava que ela tinha que tomar determinadas atitudes porque era minha tia, poxa, da minha família, do meu sangue e não consegue entender aquilo que estou sentindo.

Por conta disso ficamos muito tempo sem se falar e fomos muito amigas. A nossa diferença de idade é de dois anos, quando tinha seis anos, ela tinha oito. Crescemos juntas, brincamos juntas, descobrimos as coisas juntas, tivemos os primeiros namorados juntas, então, uma contava para outra. Era segredinho para cá, segredinho para lá. A gente cresceu e sei que ela sentiu a minha falta, não posso dizer a mesma coisa, não sei se é porque sempre tive poucos amigos, sempre foram muitos poucos, mas sempre foram muito presentes. Eu sempre me abri muito, não sei se por ter que compartilhar determinadas coisas, coisas que são nossas, eu não tive, mas ela teve porque vive num outro mundo, um mundo que às vezes até é supérfluo, fantasioso, mas é gostoso, não dá para dizer que não é.

Só que as pessoas com as quais ela convive também são superficiais. É difícil de você poder contar isso. Tudo que aconteceu depois que o meu avô faleceu e isso foi em setembro de 2009, levantou um monte de coisa. Trouxe todo mundo junto e aí todo mundo percebeu que tem coisas que ainda não se encaixaram, tem coisas que tem que se deixar para traz, tem que ver como é que se vai encarar daqui para frente, é necessário esquecer para seguir adiante. Todo mundo, como o meu avô, tinha uma função certinha, tinha um papel que tinha que fazer. Meu avô sempre foi muito forte nesse sentido, sempre quis dizer para gente o que todo mundo tinha que fazer e todo mundo obedecia no começo porque era todo mundo novo, todo mundo tinha que obedecer mesmo os mais velhos, depois todo mundo viu que ele envelheceu e aí ninguém queria magoar, ninguém queria deixá-lo triste por nada.

No final das contas a gente passou a vida inteira obedecendo, fazendo aquilo que ele achava certo. Ele achava que a minha mãe tinha que cuidar dos filhos, tinha que cuidar do marido, tinha que cuidar das coisas para casa e ela fez isso. Ele achava que a minha tia Angélica deveria cuidar dele, a irmã da minha mãe por parte de mãe e pai, apesar dele falar sempre, muitas vezes: "Vai viver a sua vida, vai casar, construir seu caminho." Mas ele precisava de alguém perto dele e ela é que dispôs a ficar. No começo, talvez por necessidade, e depois por que ela se acostumou, não saiu mais do lado do vô Victor. Na época, não tinha muitas

alternativas. As outras irmãs, uma foi casar, acabou indo morar com atual marido dela, e ele achava que ela tinha que ser enfermeira e ela foi e fez enfermagem. A outra tia : "Você tem que ficar com o seu marido." Apesar dela não ser extremamente apaixonada, mas o cara é mais velho, é o dono da empresa que ela trabalhava. E ele achava que tinha que ter essa segurança. "Olhe, você tem que fazer isso, tem que ter essa segurança senão a sua vida não vai dar certo." Então assim, sempre disse o que todo mundo tinha que fazer. Com ele ausente ou cada vez mais debilitado ficou todo mundo meio desorientado, sem saber direito o que fazer.

Começamos a nos encontrar e perguntar o porquê uma teve que abrir mão de toda vida, aí a outra vai e fala: "Não, mas ela abriu mão porque ela quis, ela não tem que ficar flagelando, não tem que ficar questionando, não tem que ficar achando nada." A outra: "Olhe, eu não pude ficar tanto tempo com ele porque tinha a minha vida para viver." A minha mãe: "Puxa, não fiquei tanto tempo quanto precisava ficar com ele." É complicado. A gente tem muita coisa para acertar entre irmãs e tias. E é muita vida ainda; pelo menos vejo as coisas acontecendo com ela e sei que tenho parte naquilo, eu sei que muito do que está acontecendo faz parte de mim mesma, faz parte do jeito que eu sou e, ao mesmo tempo, me sinto amarrada por várias coisas.

Por está nesse trabalho há tanto tempo, me sinto na obrigação de fazer as coisas certas para o meu filho. Porque sei que do mesmo jeito que essas coisas estão influenciando a minha vida, estou influenciando vida do meu filho, então, sinto que estou perdendo o trem. O trem está andando e estou ficando. Não estou vendo meu filho crescer direito, vejo ele crescer fisicamente, acompanho as coisas dele. A minha vontade era ficar vinte e quatro horas com ele para ver o quê que está acontecendo; para saber do que ele sente falta, queria o ter levado mais para escola, agora ele vai sozinho e não quer que eu vá de jeito nenhum. Queria olhar mais o caderno dele, sentir mais a presença dele, ter forças para abrir o caderno, olhar e acompanhar mais a lição. Não tenho tempo e não consigo. Chego em casa exaurida, acabada mesmo, de encostar e começar a cochilar. Não consigo fazer isso, ele vem falar comigo: "Mãe, você está triste, está feliz." E mesmo estando triste, mesmo estando feliz, em qualquer coisa eu encosto, começo a dormir. É triste.

Parece àquela cena do filme: Hellraiser- Renascido do Inferno. Tem uma cena em que ele está renascendo, acho que é semelhante ao que sinto, está renascendo e tem umas garras que fincam nas costas dele, tipo correntes com um gancho na ponta; para ele não se erguer os ganchos são lançados nas costas dele e vão puxando ele para baixo assim, e vai rasgando a pele dele. Não lembro se ele sangra ou não, mas lembro que vai rasgando, ele vai tentando subir e aquilo vai rasgando, ele vai tentando subir e aquilo vai puxando ele para baixo, ele vai tentando subir e vai puxando ele para baixo. E é essa sensação, às vezes, que eu tenho; sonho que estou tentando sair de alguma coisa, vêm os ganchos, rasgam a minha pele e me puxam para baixo.

E não sei o quê fazer. Converso com muita gente, com amigos, vou para o bar para ficar conversando sobre isso, mas me sinto andando em círculos. Não sei se deixo as coisas como estão, e já entendi que isso é muito meu, de deixar o trem seguir. Poxa, de tanto não saber o que fazer o trem já passou, porque é aquela coisa, se você toma uma atitude, tudo bem. Você toma uma atitude daquilo que você exatamente fez e caso não tome as coisas vão continuar andando independente.

O Gabriel está crescendo independente, por mais que queira resgatar muita coisa, ele está crescendo. Um dia falei para ele, isso foi uma navalhada na carne. "Gabriel, vamos lá pro parque da Mônica?" , "Ai! Pro parque da Mônica? Agora não, estou muito grande para ir para o parque da Mônica." , "O quê que tem filho? A gente vai lá e brinca." , "Ai mãe, não fui pro parque da Mônica quando era pequeno, eu vou agora? Tá vendo, perdi a minha infância." , "Mas Gabriel, você só

tem doze anos. Você ainda não perdeu a sua infância.” , “Eu sei, mas aquilo era para aquele momento lá, agora não adianta mais não, agora quero ir pro Hopi Hare.”

Então as coisas mudaram. Mas sinto muito medo do que possa acontecer com ele, sinto muito medo de não está perto, de não está protegendo, ajudando, nem que seja apoio moral. Aliás, vi que para apoio moral sou ótima. Morro de medo desses brinquedos de parque, aliás, de qualquer coisa que envolva risco, sou muito medrosa. Eu não vou, não arrisco, não entro em jogo que haja risco. Então, dá para entender que dificilmente entro em jogo. E caso tenha que fazer isso, até vou, mas mergulho de cabeça.

Um dia a gente foi para o Play Center e agora é brincadeira de criança. Tem muita gente que acha que o Play Center não é mais nada porque não tem mais medo. Vai para o Hopi Hari, para o Wet’n Wild, um monte de parque e não tem receio, acham que o Play Center é coisa do passado. Mas enfim, fui e não gosto, acho um terror. Fui com toda a molecada, os amigos do Gabriel, a minha tia, o meu sobrinho, o meu priminho que é da idade do Gabriel e eles lá todos felizes, querendo ir a todos os brinquedos: os que giram, dão loping, que fica de ponta cabeça. “Nossa, vai gente. Eu fico só olhando, cuido das bolsas, não tem problemas, não esquenta a cabeça.” , “Ah! Mãe, vamos?”, “Gabriel, não me pede um negócio desse. Eu te amo, mas isso é um negócio que não consigo, entro em pânico. ” Mas o meu primo que é da mesma idade dele: “Mas Milene, você está sentindo medo por ele e por você? Você está sentindo medo duas vezes e isso não está adiantando de nada.”

Nossa, pensei em tanta coisa na hora. Eu escutei aquilo e pensei “Gente, é mesmo, como você desperdiça sentimento.” Mas sou mestra em fazer isso, sou mestra em ficar preocupada, em desperdiçar sentimento. Nem acho que as pessoas se sintam assim, acho que elas fazem e pronto, não esquentam tanto a cabeça. Mas sou muito preocupada, desperdiço uma energia muito grande com isso, não tenho como não desperdiçar, não consigo não pensar de outra forma, não consigo não me preocupar com as coisas e isso está me consumindo demais.

Policio-me diante dessas atitudes, mas não consigo não tê-las: sentir receio e me preocupar demais com as coisas. E funciona assim: Eu sei que o que tem que ser feito, será feito, mas só faço se for o correto, dentro do que eu acho que é correto. Você vê de um jeito, outro vê de outro, outro vê de outro, mas se não fizer daquele jeito certo, não faço. Não consigo fazer e assim, se for obrigado a fazer aquilo me martiriza demais. Fui percebendo isso com o tempo, que era com as coisas mais banais, às vezes com as coisas mais úteis, mais necessárias na minha vida.

Quando entrei na USP, sempre tive um sonho, aliás, sempre tive um sonho de trabalhar com escola, com ambiente escolar, porque quando era pequena o único momento que tinha de conviver com outras pessoas, de brincar, onde conheci meu primeiro namoradinho foi dentro da escola. Então, a minha vivência toda foi dentro do ambiente escolar, para mim era muito importante, sempre foi muito importante. A mãe não nos deixava sair para lugar nenhum; e a gente morava num lugar onde a porta dava na rua, então, não dava nem para brincar na rua. O quê que acontecia? O único lugar onde podíamos ir com tranquilidade era para escola, porque ela sabia que a gente ia está dentro da escola e ela ia buscar. Depois, quando os filhos cresceram, ela sabia que a gente não ia ficar andando por nenhum lugar, o ambiente da brincadeira sempre foi escolar.

Lembro da sensação de quando estava saindo da escola, de está perdendo alguma coisa, tenho muito isso, de perder os amigos, de perder os professores, de perder as pessoas que gosto. Lembro que uma vez sonhei que tinha entrado numa escola ou imaginava que fosse um ambiente escolar e via as pessoas subindo uma escada no meio do saguão e disse: “Puxa, quero subir nessa escada também.” Sentia muita vontade de subir, lembro que dei uma volta e subi a escada. Muitos anos depois quando fui aprovada na USP quando vi o meu nome na lista, fui

conhecer a faculdade e vi a escada do sonho no meio do saguão, do jeito que tinha sonhado mesmo, era a escada da faculdade de ciências sociais. Via as pessoas andando tranquilas sem a preocupação com o tempo e toda vez que vou à USP tenho essa percepção.

Voltei a frequentar até por conta do curso que estava fazendo, pois tenho essa sensação de liberdade de tempo. Parece que é um mundo a parte, que você não precisa controlar o tempo, não tem hora marcada. Na academia você está livre, não sei se é porque são as largas alamedas que por lá existem, não sei se quando vou está um Sol gostoso, fraquinho, não sei o que é, mas me dar sempre essa sensação de liberdade. Da liberdade de sentir que posso conseguir as coisas, de que as coisas estão mais acessíveis lá. Acho que consigo; se quiser sentar para ler sento, se não quiser sentar para ler não sento, se eu quiser só tomar um Sol, tomo. Então, tive esse sonho durante um tempo.

Quando fui fazer a minha prova, aliás, quando fui fazer o cursinho, não tinha grana para pagá-lo, então, sabia que era o último tiro que tinha que dar, pensava: "Se é a última bala do gatilho, tenho que fazer o certo." Senão, não ia funcionar. Só que com o tempo você vai percebendo que o certo para você não é o certo para os outros. E isso tem me incomodado muito hoje porque tento fazer o certo, mas é o certo para mim, que não é o certo para os outros, não consigo mostrar o meu ponto de vista e defender aquela idéia. Por que hoje a situação é essa. Infelizmente, se é o certo ou não é, não importa, importa o quanto você defende aquela idéia. E puxa vida, sempre fui marcada por esses valores, se é o certo, é o que tem que ser feito, e cresci ouvindo isso: "Puxa, tudo seu sempre é certo, sempre certo." No trabalho escuto muito isso. Eu já escutei de coordenador: "Eu nem vou olhar as suas coisas porque sei que está tudo certo."

Mas o que talvez eles não entendam é que não fiz só porque era o certo, fiz porque queria que vocês me mostrassem: "Olhe, tem erro aqui, você pode completar isso, você pode melhorar naquilo, acho que tem que melhorar." É isso, melhorar em alguma coisa. Tá certo quer dizer que está certo naquela hora, não quer dizer que está certo para o futuro. Então, acho que a minha preocupação vem disso, de sempre procurar acertar, nunca querer errar, nunca me permite errar. Estou tentando mudar, é difícil, mas estou tentando.

Essa segunda faculdade que estou fazendo, está valendo como outra oportunidade. É uma graduação de Tecnologia e Secretariado. Comecei a pensar o quê ia fazer daqui para o futuro, mas não queria desperdiçar nada do que já tinha aprendido, do que já tinha feito. Então, aqui entendi algumas coisas muito no dia a dia, na raça, no vamos ver, não tinha uma regra certinha para que fosse feito. Mas comecei a sentir intuitivamente mesmo, têm umas coisas que as pessoas estudaram sim, elas mediram, elas controlaram isso, tem coisas que dá para você conter, tem coisas que dá para você aprender. Tem coisas que dá para você aprender e que não precisa pastar. Tem gente que já estudou aquilo e que pode te dar o caminho e fui buscar isso porque passei dez anos trabalhando nessa escola, cinco, pelo menos cinco anos trabalhando sozinha.

Trabalho no banco de dados escolar e só passei cinco anos executando, os outros cinco anos comecei dá conta de que aquilo que estava executando podia ser mensurado de qualquer forma, não precisava ter pastado tanto para aprender. Poderia ter aprendido de outra forma, alguém poderia ter me ensinado, alguém poderia ter me mostrado o caminho das pedras, livros. Só que não tive isso. E nesses cinco anos, apesar de parecer um tempo muito longo, fiquei pulando de unidade para unidade de escola.

Saí daqui e fui para outra unidade, depois fui para outra, depois fui para outra e voltei para cá. Passei esses anos tentando entender o quê que acontecia. E entendendo também porque que eles tinham uma visão tão segmentada do que acontecia, como essa vontade de fazer outras coisas está crescendo cada vez mais e não queria desperdiçar nada daquilo que tinha aprendido. Pensei: "Não, vou procurar saber como é que isso funciona." Não consigo ficar fora de banco escolar,

preciso dessa relação de estar aprendendo e sei que uma forma de me obrigar e de obrigar a ter um tempo para isso é estando num local que vá me desvincular de todo resto. E lá funciona assim, lá entro, sento e só penso naquilo que está acontecendo. Também é outro mundo, completamente diferente da Sociologia, às vezes é bem conflituoso, às vezes concordo, às vezes discordo. Faço esse curso na Uninove da Barra Funda, pertinho lá de casa.

A diferença vai desde o público que frequenta, até a formação dos professores, desde localização até a concepção de educação. Você vai pensando em cada coisinha, desde ao fazer a matrícula, todas as diferenças.

Tudo é muito diferente, mas lá me sinto aluna, lá sinto que estou aprendendo alguma coisa, lá sinto que estou fazendo alguma coisa para o meu futuro, lá vejo que tinha algumas coisas que tinha medo, mesmo por intuição que não era as minhas verdades, sabe? Não era só eu que acreditava naquilo. Tem gente que acreditava, tem gente que acreditou também, que validou aquilo de alguma forma. Talvez isso esteja me incomodando aqui no trabalho. Por que as coisas que digo parecem que não tem a mesma validade se tivesse outro cargo, a besteira que dissesse tivesse mais valor, um valor maior. Sinto falta de me sentir valorizada, de fazer valer, de se crer naquilo que digo. Tem me incomodado muito porque não acho que tem que depender de cargo ou de função; se tenho renda, se eu não tenho renda, se acredito, se não acredito, achei que fosse um valor universal mesmo. Que todo mundo acreditasse naquilo.

E lá pelo menos eu descubro que mais pessoas pensam assim, existe um método para isso, existe alguém que tenha estudado, que tenha visto, que tenha acreditado, e que tenha mostrado, já que é isso que tem que ser feito, mostrado empiricamente que é válido. Conheci outras pessoas que tem outros assuntos, os mais diversos possíveis. As pessoas têm outras preocupações, tem duas meninas na minha sala que são muito novinhas e elas são legais.

Outra coisa que percebi, quando somos novos, somos felizes e não sabemos o quanto transmitimos felicidades para os outros. Tudo é legal, tudo é engraçado, não estamos nem aí para nada. Acho que as pessoas vão envelhecendo e perdendo essa graça, esse olhar de alegria sobre a vida. As meninas são muito engraçadas, são novinhas, acho que elas nem sabem o quanto são alegres e de bem com a vida.

A professora deu um exercício de comunicação para realizarmos, não percebemos, mas ao escutar o outro percebemos a modulação de voz: "Você só consegue se expor quando você não tem medo de se expor." Todo mundo travado, era aumentar o tom de voz, o tom da nota e ninguém conseguia realizar, chegava-se até um tom e parava, pois alguns se sentiam ridículo. Então, cada um foi no seu limite. Alguns conseguiam um tom, dois tons, outros três, tinha uns que conseguiam, outros que não conseguiam nenhum. Quando chegou a vez da menina de 16 anos, filha de uma senhora da turma, essa menina deu um show, ela soltou a voz sem medo de ser feliz. Ficou todo mundo sem saber o que falar. A professora disse: "É isso que eu quero de vocês, se soltem, se comuniquem." Mas fiquei pensando: "Puxa, para ela foi uma brincadeira, não tinha nenhuma das travas que os outros tinham, os adultos são travados. Não queria aparecer ridícula na frente do outro, não sei o que isso vai adiantar na frente do meu trabalho, então, puxa estou perdendo o meu tempo, todas as travas."

A menina na brincadeira fez o exercício. Os dois dias que ela passou lá, todas as atividades a gente sentia alguma dificuldade, mas ela fazia sem esquentar a cabeça: jogava-se no chão, levantava, cantava, falava alto, falava com voz de choro, falava com voz de felicidade. Então, é isso que sinto nessas duas meninas da faculdade, elas não têm medo: "Eu estou aqui, eu vou aprender, mas vou encarar de uma forma mais tranquila. Muita gente está sem trabalhar, tem gente que trabalhou durante muitos anos e quer mudar de área, tem muita gente que nunca trabalhou. E essas meninas trabalham, mas elas são muito novinhas. É a primeira faculdade que elas estão fazendo, tem dezoito ou dezenove anos; tudo elas fazem

de forma tranquila, todas felizes sem ser desrespeitoso, porque tem muita gente na faculdade que é sem educação. E é muito gostoso está perto delas. "Ah! Não sei o que lá." E contam histórias, ouço a opinião delas que não tem nenhuma obrigação com nada.

Acredito que tudo é para frente, existe um comportamento que você tem que seguir, não é uma etiqueta, etiqueta causa a impressão que tem que seguir um padrão, mas que não é aquilo que você acredita. Só que tem que seguir para mostrar para inglês vê. Não. Existe um comportamento que você tem que seguir como filosofia de vida, como profissional que você é, independente de onde você esteja, independente da área que você tenha que trabalhar. Na faculdade me sinto aprendendo; fora que tive uma carga muito grande de leitura na USP, não temos idéia de quanto isso dá desenvoltura, você só tem idéia quando você vê outras pessoas muito cruas, com muita dificuldade de leitura, com muita dificuldade de interpretação, coisa que para os que fazem USP é muito comum, raso, coisa de iniciante. Percebo muito isso nessa faculdade; tem muita gente que tem muita dificuldade, está com uma educação muito defasada, lá dá para vê que a educação no Brasil é muito defasada.

Vejo o pessoal com muita dificuldade de aprendizado, não vai adiantar você formar técnico, tecnólogo, profissional que vá trabalhar direto no mercado ou que não vá, que vá trabalhar em linha de pesquisa; sem a gente se dá conta que tem muita gente com dificuldade de entender aquilo que as pessoas dizem. De você perguntar um negócio numa questão e a pessoa responder outro embaixo e achar que está respondendo certo. E não é difícil de ler, são questões de bater o olho e responder. Quantas vezes as provas, às vezes por não ter estudado porque não tive tempo, mas de bater o olho e pensar "Isso aqui é o mais coerente." É uma questão de bom senso. Consigo nota assim. Daqui para frente não vai dá mais para fazer isso porque cada vez as questões serão mais específicas.

Aquilo que nós pensamos que todo mundo entende, que todo mundo pode; não é assim não. Tem gente que entra na sala e faz bagunça. "Puxa vida, pensei que isso acontecesse na 5ª série, 6ª, 7ª, 8ª, até o 3º ano." Infelizmente acontece, mas dentro de uma universidade o professor está explicando e o pessoal gritando, querendo chamar atenção de algum jeito e a menina encostada no quadro negro: "Então, a gente se encontra depois dessa aula, todo mundo lá no bar." Isso tudo sem a aula ter terminado, isso é inconcebível na USP, acho que ninguém teria coragem de fazer isso e nem o professor permitiria.

Lá poucas vezes comentei que fiz USP porque queria me sentir parte deles. Então, um professor perguntou: "Olha, preciso saber quem é você?" Fui e coloquei, mas não é uma coisa que comente com eles porque quero me sentir parte deles, quero entender as dificuldades, quero poder ajudar nas dificuldades que eles tiverem. Por que sinto que ajudando também estou me ajudando bastante. Tem uma menina que tem dificuldade em matemática e já me propus em ajudar na parte de matemática, pelo menos naquela parte da matéria não tenho dificuldade nenhuma. Mas sei que quando o Gabriel precisou não tive tempo de ajudar. Era exatamente o mesmo ponto da matéria, sabe quando parece que está passando a vida a limpo. "Quero alguns trechos."

Meu sobrinho e primo que tem a idade do Gabriel me chamaram para ajudá-los em matemática e não tive tempo. Quando estudava na escola conseguia as melhores notas, sempre consegui ajudar os meus amiguinhos. Tenho essa vontade de dá aula, fiquei pensando: "Puxa vida, não consigo ter tempo para as pessoas que mais amo. Tenho que mudar, quero distribuir esse tempo, vou te ajudar e ver no que posso fazer." E penso assim na faculdade. Quando chego em casa, preciso me desligar do mundo de fora para poder incorporar o mundo de casa. Saio do trabalho carregada de problemas, passo o tempo no ônibus martirizando e pensando.

Quando coloco o pé dentro de casa, faço um lanche para poder ir para faculdade. Pego os cadernos e sabe quando você vai entrando naquele ambiente.

Fazendo o caminho, pensando e escutando música para se desligar, chego lá e é outra coisa. Às vezes olho alguma coisa, relaciono, mas o mais forte está com a família. Acho que tentei passar a limpo muito coisa, estou tentando. Li uma vez que a gente fica tentando se livrar das culpas, prefiro não encarar como culpa, mas como uma nova oportunidade, e isso está sendo uma nova oportunidade na minha vida. Outra coisa que para mim tem sido importante. Lá na USP, não sei se é por conta da forma como a aula é dada, não sei se é porque a gente vê os professores de forma inacessível, tem uns então que são realmente inacessíveis. Você se sente muito diminuído em sala de aula, você é o aluno e pensa quinhentas mil vezes antes de levantar a mão e perguntar alguma coisa porque talvez não seja uma coisa útil para sala inteira. Você não pode ter uma dúvida por ter uma dúvida, não sei se ocorre em outras faculdades, mas nas Sociais sinto que tem a ver muito de você ter conhecimento daquilo que você está falando, têm que conhecer muito e bem porque senão se você perguntar alguma coisa, o outro aluno pode te responder: "Mas isso é óbvio, mas isso é básico." Então, o quê que acontece? Aqueles que já sabem continuam sabendo e aqueles que não sabem pensam três mil vezes antes de perguntar e não perguntam, só os mais corajosos vão se expor.

Entrava e saía da faculdade, tinha coisa que já estava rolando e que não sabia mesmo, sempre fui uma aluna passiva, agora não, preciso ser ativa. Agora, consigo conversar com os professores, pergunto para eles e não me sinto diminuída. Antes era Agora não, me sinto nessa obrigação.

Atualmente me dou ao luxo de ser uma aluna ativa, de perguntar, de questionar, de saber a opinião deles, de entender, de ficar até o final da aula, nunca pude ficar até às 23:00 horas nas Sociais porque dez para as onze passava o ônibus, depois das dez para onze só ia passar ônibus onze e vinte ou meia noite. Chegava em casa meia noite e meia para acordar às quatro e meia e ir para o trabalho, chegar às seis e trinta da manhã, é improvável.

Eu poderia fazer isso uma semana, um mês, mas o resto do ano não ia conseguir de jeito nenhum. Chegava tarde porque ia para o bandeirão e saía cedo antes da aula terminar, antes do principal. Porque é assim, a aula é ótima, tudo bem, mas o pós-aula é o que fica na tua memória, porque é o que você vai conversar com o professor, vai saber a opinião dele, ele vai te questionar e vai guardar a teu nome, você vai entender melhor. Aquele rabinho da aula é que vai permanecer na sua lembrança. É o que vai acrescentar na sua vida. Para quem tem memória fotográfica aquela aula você vai ligar para o resto da vida, aquele dia que você conversou aquele assunto. E hoje me dou esse luxo de ficar até o final. Por mais que saía onze horas da noite, só se tiver muita falta de sorte chego onze e meia em casa. Sempre chego onze e dez, onze e quinze; às vezes onze quando liberam um pouquinho mais cedo. Posso ir a pé se quiser, se não quiser posso ir de ônibus ou de metrô.

Pode ser meio bobo ter que voltar para trás. Tem essa comodidade e queria muito fazer esse curso, queria muito discutir com o professor, queria muito ter tido tempo até para perguntar. Eu posso não está no meio de todo mundo, mas posso perguntar depois para o professor. Quando estava na USP não dava. Agora, tenho esse luxo e está sendo muito bom. Não é a USP, não é a mesma coisa, porque quando pensei em fazer a segunda faculdade mesmo, pensei em fazer alguma coisa nova. Pensei no Mackenzie, pensei na PUC, pensei em todos os outros. Só que também ia ter essa limitação de transporte, não ia ter a limitação de tempo. Que era uma coisa que não queria, queria mesmo ficar até o final da aula e sempre sou a última a sair. Tenho a oportunidade de saber mais do professor, saber por que está se incomodando com o fundão da sala, muito barulho. As meninas da minha sala estão querendo se aproximar mais, é gostoso poder desfrutar tudo aquilo que tem ao meu dispor.

Estou conhecendo outras pessoas e outros jeitos de encarar a vida. Infelizmente a nossa realidade é assim: existe um mercado de trabalho que parece que vai sugando as pessoas de um jeito ou de outro, vai consumindo o humano.

Temos que encarar isso, seja pensando no abstrato, seja executando as coisas, trabalhando mais de forma operacional. E tem um movimento aí, já vi acontecer, vi isso lá na licenciatura, na pedagogia, que é de você colocar o aluno como centro das atenções, mas assim, ele se obrigado a tomar as iniciativas para que e ele consiga mudar o futuro dele, não é esquecendo todos os outros, é deixando para segundo plano todo o resto que vai influenciar. O coitado do cara que mal tem o que comer, mal tem onde dormir, pega transporte e além de tudo, ter que assumir a obrigação de mudar a vida dele. Precisamos entender direito como é que isso vai acontecer; pegar a escola como gancho "Se você estudar nove anos na escola, então você vai conseguir, sua vida vai ser diferente."

No mercado está acontecendo o seguinte, o trabalhador é o único cara que é capaz de tomar as iniciativas para vida mudar e alavancar a produtividade da empresa. Então, tem os departamentos, tem os líderes, tem todo mundo, mas você é a única pessoa que pode mudar, você é quem tem que fazer a diferença, você é que tem que ter a liderança, você é que tem que saber trabalhar em equipe, você que tem que pensar em todos os setores, conseguir integrar todos os setores e efetivar mudanças.

Quando comecei, você entende melhor o quê está regendo a nossa vida; porque a gente se sente tão indivíduo, tão pessoa única; porque por todos os lados a gente sente isso: se eu não fizer, se eu não tomar, se eu não mudar as coisas não vão andar. E está todo mundo deixando chegar num plano que não é o eu, mas é o conjunto, se é melhor ou pior, não sei. Não é só um conjunto de pessoas, mas é um conjunto de fatores; e aí você transporta isso para família. Consigo ver isso na faculdade. Não só quando eles estão expondo a aula, mas também na dinâmica de sala, vão formando os grupinhos e despontando.

Percebo isso em atividade em grupo, pois foi uma luta fazer com que as pessoas levassem um lanche para uma confraternização, porque era simples, cada um teria que dá dois ou três reais para montar a mesa, para que uma pessoa ficasse responsável em recolher o dinheiro e comprar os comes e bebes. Foi difícil de fazer porque todo mundo estava atarefado por causa do trabalho e nunca chegava no horário. Entendo, mas não era só isso, era: "Deixa ver como é que vai ficar. Fulano vai fazer, talvez Cicrano faça. Não sei, depois a gente vê isso." No final das contas todo mundo acabou trazendo por si só, não foi algo coletivo.

Cada pessoa tomou a dianteira por si, poderia ter sido algo partilhado. Foi o que percebi. Você vai montando, parece um quebra-cabeça, ligando as coisas e percebendo, se preocupando. Isso é uma coisa que penso em relação ao meu filho, o que é que estou fazendo para o meu filho? Como é que a gente vai interferir na educação dele? Como é que isso pode ser feito para melhorar? Isso vai depender só de mim, tenho que fazer a minha parte, mas mesmo fazendo a minha parte e o outro que não faz a sua parte? Quem vai criar essa consciência, como se criar essa consciência da coletividade?

Uma vez contrataram funcionários novos no meu trabalho e ficaram todos perdidos. Um desempenhando uma função e imaginando uma coisa, outro fazendo outra coisa, os mais velhos um pouco enciumados pelos os mais novos, o que é natural, já me senti assim. E uma vez a gente foi sentar e conversar todos juntos. Aí vi que cada um pensava de um jeito, cada um tinha uma idéia de como trabalhar, de como tinha que fazer, de como tinha que agir, mas ninguém nem se conhecia direito, ninguém nem sabia quem era um ou outro. Às vezes conhecendo você acaba entendendo a necessidade ou como lidar melhor com a pessoa. Isso é difícil, em casa é a mesma coisa.

Na minha casa moramos todos juntos, mas é como se não morássemos todos nos mesmo lugar porque um entra e outro sai. Quando você vai ver acaba descobrindo pelo tio, pelo primo de não sei quem que o seu irmão estava fazendo um curso de web, que é o que aconteceu comigo. O meu irmão estava prestando um concurso em Barueri, se não me engano, em Alphaville para trabalhar na área dele com web designer; ele fez Artes Plásticas e quer trabalhar como web designer.

Um dia descobri que ele tinha prestado um concurso e que tinha essa vontade, e eu do lado dele, não sabia. Não consegui, não falei no momento o que tinha para conversar com ele, normalmente se faz isso na hora de jantar ou no almoço que é quando a gente faz as refeições todos juntos em silêncio, sabe? Ou assistindo televisão. Às vezes em silêncio mesmo, pensando na comida mesmo.

Isso é uma coisa que tem em casa e não tinha entendido o quanto isso é importante. A gente sempre fez as refeições todos juntos e pensávamos na alimentação, café da manhã, almoço e jantar, irmãos, mãe e pai. Tinha o lanche das dez da manhã; o almoço. Quando assistíamos a TV ou escutamos música, era tranquilo. Aí quando todo mundo começou a trabalhar e estudar, isso foi se quebrando, mas sei que rola, pois quando estou sozinho sempre estou pensando na música. Quando estou jantando com o Gabriel é do mesmo jeito. Mas é um momento de tranquilidade, um momento de calma. No trabalho não consigo fazer, almoço aqui, então quando me servia no prato, bonitinho, comia em silêncio para escutar música, mas a maioria do pessoal quer sentar e ficar falando. E só como devagar, não consigo comer falando e continuar comendo. Não consigo fazer isso, primeiro me alimento para depois conversar, pois se converso e a comida fica lá esfriando; não gosto de fazer as coisas correndo.

Virou aquela história: "Porque a Milene almoça dentro de uma hora exato, senta para comer uma hora e demora uma hora para terminar de comer." Não consigo fazer as duas coisas juntas. E em casa isso é muito normal. Lá em casa todo mundo almoça em silêncio. Todo mundo pensa no talher que está pegando, no que está comendo ou fica viajando mesmo, ou fica pensando na matéria de jornal, sei lá, qualquer coisa. No trabalho todo mundo é acelerado. Teve um tempo que não pude mais almoçar aqui. Aliás, estou nesse tempo e tive que trazer o almoço de casa, não consigo me sentir alimentada. Porque para mim o almoço é a mesa com a toalha, com talheres, com pratos e você se servindo da panela, comendo tranquilamente.

Aqui além de não me sentir me alimentando, não me sinto num ambiente para comer, fica aquele deslocamento. Sento e como para terminar logo, lavo tudo que tenho que lavar, guardo e pronto. Aí vou sentar e conversar com as pessoas. Nunca almoço em dez, quinze, vinte minutos, sempre em uma hora mesmo, meia hora. Mas me dei conta há pouco tempo que não sinto a vontade para comer. Acho que é pelo local porque dá a impressão que você está trabalhando e a qualquer momento alguém pode entrar e perguntar alguma coisa. Nem posso achar ruim porque a obrigação é deles. Mas não é uma coisa onde me sinta a vontade. Já saí para almoçar fora daqui, mas é caríssimo para fazer isso. E você não pode fazer isso o tempo inteiro.

Essa semana teve uma reunião sobre ambiente de trabalho, e a professora falou: "Olhe, quando você tem que propor alguma coisa para funcionário, você tem que dá duas alternativas, ou você dá o dinheiro para que ele almoce fora, ou você obrigatoriamente tem que ter o refeitório. E o refeitório não pode ser em qualquer lugar, tem que ser realmente um refeitório com cara de refeitório, jeito de refeitório porque ele precisa se sentir dentro de um ambiente de almoço." Aí me toquei que talvez fosse isso mesmo, não me sinto dentro de uma cozinha ou de uma copa ou de uma sala. Eu me sinto num lugar de trabalho, é por isso que não consigo comer; como as pessoas que estão do meu lado são as pessoas do meu trabalho, não me sinto a vontade. Então, sinto-me dentro do trabalho tendo que comer alguma coisa para continuar o trabalho depois, entendeu?

Tem algumas coisas que não tinha me tocado, mas acho feliz o que acontece na minha casa. Eu queria muito poder continuar com aquilo: sentar, comer, assistir televisão. Outra coisa que sinto muita falta e não consigo mais fazer com o meu pai é ler jornal. Nós morávamos na rua das Palmeiras, tinha uma escadaria onde batia o sol muito forte e entrava sol pelas janelas dos quartos, a sala não era tão iluminada pelo Sol, mas tinha uma janela grandona que iluminava bem a escada.

Entrava aquela faixa de sol direto em casa e nós sentávamos próximo da janela para ler os jornais aos domingos. Não consigo mais fazer esse simples ato.

Lembra que falei que me sinto como se pudesse mudar alguma coisa na vida, pois não consigo mudar o resto. Antes tinha muito esse sentimento. Quando entrei nesse emprego, foi no começo do meu casamento, bem no comecinho e as duas coisas caminharam juntas, dois anos depois me separei e continuei aqui, mas sempre tinha a sensação: "Puxa vida, tenho que terminar tudo de uma vez só". Esse emprego parece um pé que mantenho no passado. Tenho a impressão que se eu tirar esse pé do passado, consigo deslanchar a minha vida para o futuro. Não consigo, não sei se é porque estou tão preocupada com isso e o resto fica em segundo plano, isso fica no terceiro plano, quarto plano. Não consigo pensar em relacionamento sem antes resolver os outros lados da minha vida.

Fui muito apaixonada pelo o meu ex-marido, fui mesmo, desde criança. Era uma coisa de adolescente, de acreditar no sonho: "Puxa, vou constituir uma família e agora tem o Gabriel e tudo."

Quando conheci o meu ex-marido trabalhava num curso de inglês. A minha relação com ele sempre foi muito por acaso. Comecei a trabalhar no meu segundo emprego, e o conheci nesse trabalho, era primo de uma menina que estudava lá. Essa menina era filha do caseiro de lá, mas estudava e depois começou a dar aulas de inglês. Ela foi atender um telefonema ou ele foi atender um telefonema e eu trabalhava lá como secretária. Foi assim que a gente se conheceu, conversando. Como ele vinha sempre dormir e visitar a prima dele, acho que ele devia ficar com a família dele, a família dele não é daqui, é de Penápolis.

A mãe e outros parentes dele moram em Guarulhos, uma parte da família dele mora em Penápolis e uma tia morava em São Paulo. Ele vinha constantemente para visitar essa prima, quando brigava com a família de Guarulhos; pois a família de Penápolis já tinha largado mão dele e sua mãe já tinha deixado-o de escanteio. Foi nesse período que ele começou a morar nessa casa, e com isso, vinha constantemente para São Paulo.

O namoro nunca foi algo aberto, pois não cresci em um ambiente onde namorar fosse normal: "Ah! Os namoradinhos." Nunca fui uma menina namoradeira, no sentido bonito da palavra, de ter namorado bastante ou várias vezes. Como eu, minha mãe e minha irmã quase não conversávamos sobre sexo, era um tabu; mas tinha essa conversa com a minha tia, aquela com quem voltei a conversar, a Haidee. A gente cresceu conversando e aprendendo as coisas através de revista, de jornal, de outras amigas do jeito mais comum. Então, nunca tive uma conversa franca com a minha mãe, fui ter depois que tive o Gabriel.

Depois de ter o Gabriel; achava bonitinho, engraçadinho, mas para namorar mesmo, não. Tive um namoradinho aos quinze anos de idade que foi escondido, na Escola. Não era uma vida muito rica e nem cheia de histórias. A gente é que inventava cada história maravilhosa, mas acontecer de fato, não. Quando conheci o Douglas, ele sempre foi uma pessoa muito falante, sempre teve vários amigos, sempre foi de festa, sempre foi muito aberto, expansivo, ele era meu outro lado. Por que sempre fui tímida, muito reservada, sempre gostei de estudar, sempre fui muito centrada na família. Eu tive poucos amigos, eram amigos que meus pais conheciam. E ele não, todo doido da vida. Tinha largado a escola, se envolvia com drogas, na época, usava cocaína.

Era outra vida, outros gostos, outras rotinas, outras crenças, tudo muito diferente mesmo. Achava aquilo encantador, maravilhoso. E tinha mais, como sempre quis muito ir para faculdade, sempre gostei de estudar e ele nunca gostou disso, a nossa admiração era mútua um pelo outro. Eu achava a vida dele um barato, muito alegre, muita coisa para contar, cheio de coisa para acontecer, cheio de coisa para fazer; onde num dia era um churrasco, outro dia era a casa de um amigo e outro dia era a festa que tinha não sei onde. E a visão que ele tinha de mim era: "Nossa! Ela é muito inteligente." Sabe aquela idéia de que o estudo é que

mede sua inteligência. “Ela é muito inteligente.” A gente se ligou muito com isso. Começamos a namorar escondido porque a minha mãe jamais ia querer um negócio desses, nunca, jamais!

Ela queria que fizesse como a minha irmã mais velha fez. O que a minha irmã fez? Minha irmã conheceu o meu cunhado no cursinho pré-vestibular namoraram uns dois anos dentro de casa, ela brigou muito com o meu cunhado, testou muito o meu cunhado, testou todos os limites de paciência que o meu cunhado podia ter. Queria saber da vida dele, foi conversar com a mãe dele, foi conversar com o pai. E fez a cabeça da mãe dele contra ele. E não deixava a minha irmã sair com ele de jeito nenhum, se saísse tinha que sair comigo, a mãe punha muitos limites. Tinha que chegar às dez horas da noite quando a festa ia começar às onze. Um negócio absurdo. E meu cunhado foi lá e foi vencendo, foi mostrando, quero casar. Até que por fim, depois de dois anos eles casaram. “A gente vai casar, nem que seja para ter uma paz na nossa vida.” São muitos apaixonados, até hoje, gostam muito um do outro; uma vida estável, assim, você não consegue imaginar diferente. O que você pensa de um casamento é aquilo lá. Ela testou muito e chorava e se jogava no chão e não queria, “não quero que vocês se casem”, entrou em complô com a mãe dele. Depois a mãe dele faleceu, mas isso depois que eles casaram.

Ela queria que fosse tudo desse jeito: namorar, noivar, casar e depois de uns quinze anos terem um filho. E eu não queria isso para minha vida, talvez até quisesse casar, mas não que fosse uma trilha a seguir. Queria que isso acontecesse de uma forma bem legal, mas bem casual, uma coisa que não fosse pensada. Eu queria viajar muito, queria ter saído muito, ter ido para muita festa, isso queria fazer naquele tempo. E via a minhas amigas da escola indo para o La Vilete, tinha uma boate, um bendito de um bar chamado La Vilete na Avenida Angélica que todo mundo ia e não podia ir.

Queria fazer essas coisas, ter um pouco de autonomia, ser mais independente. Na época, era muito dependente e ela queria muito que fosse dependente. Queria ter essa virada, pois quando comecei a trabalhar precisava de grana para fazer o cursinho, também precisava de grana para mim, mas também para sentir um pouco independente. Conheci o Douglas, engravidei do Douglas e isso foi em três meses, tudo escondido. Minha mãe viajou para a Bolívia, lembro até hoje, era em setembro, era no dia 7 de setembro ou perto do dia 7 de setembro, já estava grávida fazia um mês. Não sabia como contar para ela, não tinha idéia de como contar porque sabia que a minha mãe ia surtar, ia me bater, ia acabar com o mundo. “Meu Deus, vou ter que falar com o meu pai então.” Vou ter que falar com ele, porque o meu pai é mais tranquilo, é mais sossegado. “Não, vou contar para o meu pai.”

O meu avô percebeu e fez diferente. Ele falou: “Não, essa menina está muito triste, vai ter que morar comigo porque ela deve está muito infeliz.” E já começou imaginar várias coisas, já estava arrumando um quarto para morar com ele. Mas ele nem tinha idéia que estava grávida. Quem sabia era a Haidee e a Arlete, as duas tias. A Arlete era auxiliar de enfermagem na época e trabalhava no Sírío Libanês e morava na Marques de Itú; ela já morava sozinha, porque tinha um bom salário e conseguia se manter sozinha. Eu me encontrava com o Douglas lá por perto ou a gente combinava de se encontrar lá no apartamento dela. Minhas tias sabiam de tudo desde o começo, até quando fiquei sabendo que estava grávida. Fui saber que estava grávida com a Haidee, fui ao ginecologista fazer o exame médico, surtei quando vi o beta hcg positivo. Meu Deus! Não sabia o que falar, não sabia como falar, a minha primeira reação foi contar para o Douglas. Estava com ela e fiquei achando que o mundo ia cair na minha cabeça, que tudo ia ser diferente. Fiquei imaginando as piores coisas possíveis.

Hoje você pode ter certeza se o Gabriel fizer qualquer coisa parecida, se ele aparecer com uma namorada grávida, olha, vou dá todo o apoio que essa menina precisar. Se tiver uma filha mais para frente, não tenho intenção de ter, mas se

tiver vou dar todo carinho do mundo. A vontade que tenho é de adotar uma criança. Hoje qualquer pessoa que se descobrir grávida, toda mulher que se descobrir grávida, sou a primeira a dar os parabéns, a fazer festa e abraçar e a beijar, a querer muito bem, querer que essa criança seja muito bem vinda nesse mundo. Às vezes a pessoa não precisa nem de apoio monetário, não precisa disso, precisa de apoio moral mesmo, porque a mulher fica muito frágil, principalmente quando é uma situação dessas, de que o pai não pode saber, a mãe não pode saber, se sente sozinho.

Acho esse apoio muito importante, de você querer e se sentir bem com a situação. A minha mãe sempre falou como se fosse um erro, não foi um erro meu! Aliás, nem acho que foi um erro, mas ela via dessa forma. Conteí para o Douglas que ficou atarantado. Mas foi a melhor reação, acho que tinha medo dele: "Ah! Não. Esse filho não é meu." Qualquer coisa assim, mas ele teve uma reação: "Puxa vida, é verdade? Que bom! Eu sempre quis ter um filho." É claro que é uma idiotice pensar que ele tinha planejado isso porque não tinha. Os dois com 21 anos, mas ele falou e achei bonitinho na época: "Ah! Sempre quis ter, vai ser legal." Desligou e conversou com a família dele, contou para tia dele. "Então, ela está grávida."

A tia dele: "Você tem certeza que é seu? Você é doido, você namora com essa menina há três meses, imagina, que absurdo!" Foi uma briga na casa dele; da minha parte não teve briga naquele momento, esperei um mês depois para contar, para tomar coragem para falar. Com isso, passei a frequentar a casa dele, a tia dele já sabia, ele contou para mãe dele, mas como ele estava distante da mãe, a mãe pouco interferiu ou nada interferiu. Frequentei mais a casa da família dele e lá em casa ninguém sabia; a única coisa é que vivia enjoada, emagreci pra caramba, não sabia como contar para os meus pais porque viver com negócio que você não pode falar é muito difícil, aliás, até antes de saber o resultado foi muito difícil por causa da espera. "Meu Deus, será que estou, será que não estou." Foi muito difícil, ver a minha mãe e meu pai, ver os meus irmãos com aquela sensação de ter feito alguma coisa errada.

Minha mãe tinha ido para Bolívia, ficou fora um mês, foi com o meu avô e não lembro se ela foi com a minha tia Arlete, mas lembro que a gente foi se despedir dele e o meu avô falou: "Olha, você está muito triste, quando a sua mãe voltar a gente conversa, talvez você vá morar comigo." Disse: "Pronto, agora a casa cai." Aí a minha tia Arlete, não viajou, ela estava junto. Ela falou: "Milene, seja lá qual a decisão que você tomar." Por que não sabia, no primeiro momento pensei: "Vou tirar." Mas sou muito covarde para qualquer procedimento no corpo, nem operação. Acho que não furaria nem minha orelha de novo. "Eu vou tirar." Cada vez que passava um pensamento desses chorava uns quinhentos anos. Junta o fato de você está grávida, você fica mais emotiva, mas toda a situação e caía aos prantos.

Um dia estava voltando da casa da Arlete e passamos na praça da República. A feira ocupava quase todo espaço, tinham umas pessoas que liam a sorte, põem pêndulos. Passei por uma pessoa que parecia não ser carta omante, parecia que estava só vendendo pêndulo. Ele virou e falou: "Olha, vou falar uma coisa para você, se sim? Sim. Se não? Não. Não existe meio termo." Fiquei pensando naquilo e falei "Bom, então não vou fazer, não vou esquentar a cabeça." Aí a minha tia falou: "Seja lá o que você tenha que fazer, faça, mas deixa para trás, entendeu? Daquele ponto você tem que seguir em diante sua vida, você não pode ficar se martirizando o resto da vida por conta disso." Não fiz e falei com o Douglas sobre isso também.

Falei: "Douglas, olha, tenho essa intenção." E ele: "Não, não quero que você faça isso. Eu quero muito ter um filho, sempre quis mesmo ter um filho, quero muito esse filho." Aí a gente resolveu que não iria fazer nada, quer dizer, ele resolveu mais por mim do que eu mesma. Estava tão aérea que pensei: "não, vai ficar tudo bem, vou encarar." Quando a minha mãe voltou, meu pai já sabia. E tinha contado para o meu pai, coitado do meu pai, meu Deus! Lembro dele deitado

na cama. "Pai, acho que eu vou..." Imagina, o meu pai é super calmo. Coitado do meu pai. "Então pai, estou pensando em morar em outro lugar." , "Mas morar? Você nem trabalha direito, como você vai morar noutro lugar?", "Não, então. Sabe o quê é, antes de morar em outro lugar estou pensando em casar." Ele: "Mas como casar se você não está nem namorando nem nada." , "Tá bom pai, então, é que aconteceu um negócio. Estou grávida." O pai: "Lene."

Olha a reação do meu pai, ele tirou o lençol do rosto, pois dorme sempre todo coberto. Aí abaixou o cobertor e disse: "Nossa! Lene, isso é muito grave." Aí pensei comigo "Meu Deus! Se a minha mãe reagisse desse jeito ia ser a pessoa mais feliz da vida." Ele: "Nossa! Meu Deus Lene, isso é muito grave. Você vai ter que falar com a sua mãe. Você sabe quando ela volta? Mas você está se sentindo bem? Quer comer alguma coisa? Você está sentindo alguma dor, alguma coisa?" Falei: "Não pai, só estou pensando como é que vou falar para mãe. A mãe vai surtar, vai brigar muito. Ela vai me bater, vai fazer isso, vai fazer aquilo. Ela vai esmagar, não vai dar." Mas ele: "Não, não. A gente vê como vai fazer."

Depois ele pensou e falou: "Você já pensou em fazer alguma outra coisa?" Se referindo ao aborto. "Já pensou em tirar?" Falei: "Olha, pai, falei com o Douglas e a gente não tem essa intenção." O pai disse: "Fala com a sua tia Arlete porque ela é auxiliar de enfermeira, de repente, seja a melhor opção." Ele pensa de outra forma. Aí eu peguei: "Pai é que a gente já viu, a gente vai encarar isso, a gente vai prosseguir mesmo." Ele: "Ah! Então está bom! Veja como é que vai falar com a sua mãe, porque a sua mãe vai ficar muito brava."

Não sei qual foi a reação dele, para mim foi essa. Eu não sei como ele reagiu por ele mesmo. Não sei se ficou triste, se ficou feliz, se ficou alegre. Eu imagino que ele tenha ficado triste na época, porque sempre depositou muita esperança nos filhos, como todo o pai e toda a mãe. Aí quando a minha mãe voltou, ficava ensaiando para falar com ela, meu Deus do céu! "Hum, fale? Eu estou vendo que tem alguma coisa errada." Mãe sente as coisas. "Estou vendo que tem alguma coisa errada, o quê que foi? O quê que aconteceu?" Disse: "Então, mãe." Eu comecei a história do mesmo jeito. "Você está louca, está boba, imagina! Como que você vai morar sozinha? E Quem é esse fulano?" Inventei aquela história toda para mamãe, tinha que mostrar que não era uma história tão absurda do jeito que ela estava imaginando. Então, inventei que estava namorando há uns dois anos, que era uma pessoa que já conhecia fazia muito tempo e que a gente já tinha intenção de casar mesmo.

Fiz uma novela diferente, mas a minha mãe: "Quero ver esse rapaz aqui amanhã, eu quero ver hoje, se possível. Que história é essa?" Nossa, mas gritava, brigava, brigava tanto, tanto. "Mas mãe, está tudo bem agora. Falei com a Arlete, com não sei quem, falei com a família dele." Olha, acho que até hoje ela não sabe. O Douglas não usava cocaína diariamente, era todo o final de semana. Por isso, que ele adorava ir para festas em Guarulhos porque sabia que rolava. O primo dele usava, ele morava embaixo do primo dele, tinha todo o circuito de amizade.

Ele foi à minha casa conhecer a família e a minha mãe pesca as coisas de forma rápida. Quando tinha alguma coisa errada ela já pressentia, e a mãe sentiu isso com o Douglas. "Tem alguma coisa errada com ele, ou bebe demais ou fuma demais." Ele fuma bastante, parou de fumar agora. Dizem que parou também de beber, agora só cerveja sem álcool. Ela olhava para ele e dizia: "Tem alguma coisa errada com esse menino. Tem alguma coisa errada." Não gostou dele desde o começo. Meu pai também não gostou muito não, mas também senti que eles não gostaram porque talvez esperassem que fosse um cara formado em alguma coisa, uma pessoa estável na vida.

E o Douglas não era nada disso, mas é uma pessoa divertidíssima, aliás, até hoje ele fala bem, conversa muito bem com as pessoas. O Gabriel puxou isso dele. Isso aí o Gabriel puxou total. O Gabriel sempre foi muito extrovertido, a pessoa pode ser chata, legal, séria, triste, feliz; quando ele começa a conversar desata a falar e falar e acaba cativando as pessoas. É isso, os dois têm isso aí em comum,

eles cativam as pessoas, às vezes contando uma mentira, pode ser a pior mentira do planeta, mas cativam com o bom papo e pelo discurso. E o Gabriel não teve convívio com o Douglas para ter aprendido com ele.

Apresentei o Douglas à família e a minha mãe passou a me torturar por conta disso. Para minha mãe a minha barriga era feia, dizia que se o resto da família visse a minha barriga iriam ficar fofocando. Ela me torturou durante toda a gravidez. Não tive uma gravidez calma, já tinha todas as minhas dúvidas, todas as coisas que acreditava. E mais a minha mãe em cima me torturando, ela fazia as coisas para mim, sempre me ajudou. Mas ajudava e torturava, ajudava e torturava. "Que absurdo!" Isso foi até o Gabriel nascer, quando o Gabriel nasceu, ela cuidou do Gabriel porque ele nasceu uma criança muito grande.

Ele nasceu com três quilos, oitocentos e cinquenta gramas e cinquenta e um centímetros. Eu era pequena e ainda sou, baixinha, mais magra do que estou, era só a barriga. Minha barriga era transparente, minha pele ficou bem fininha, eu queria muito esse filho, tomei muita vitamina e ele nasceu muito grande e forte. Até hoje ele é um menino muito forte.

Só que a minha convivência com o Douglas sempre foi inconstante. Nós ficamos juntos durante a gravidez e era muita briga, o Douglas era muito instável. Não sei se por conta das drogas, não sei se porque era moleque demais, não sei se porque a gente também não tinha assunto, não tínhamos nada em comum desde o começo da relação. Ele acreditava em coisas na qual não concordava e tinha algumas coisas que tinham que ser feita e ele não estava nem aí. Era uma pessoa que não se preocupava com nada. Ajudava a cuidar do Gabriel, pois sempre gostou de criança, isso não posso negar, mas responsabilidade não tinha. "Ah! Então espera aí que eu vou te ajudar. Calma aí." Agora, nunca entendeu o momento que estava vivendo.

Entendia o Gabriel, sempre paparicou muito o Gabriel, agora, entender o meu lado, entender aquilo no qual acreditava isso ele não fazia mesmo. Passei muito tempo querendo agradar o Douglas, e ele só reclamava: "Você é muito cheia de nhê, nhê, nhê; muito cheia de fricote, de novo com esse papo? Já está chorando de novo?" Ele já estava de saco cheio e passava o tempo inteiro fazendo as coisas para que ele gostasse, deixando as coisas do jeitinho que ele gostava, para vê se ele ficava mais tranquilo e parasse de brigar tanto. A gente passou muito tempo brigando. Quando a gente foi morar junto, numa das casas do meu avô, a família aceitou numa boa.

Minha tia mais nova adorava conversar com ele, adorava ficar com ele, achava ele super divertido, as minhas duas tias, a minha irmã também gostava, o meu cunhado também porque ele cativa as pessoas pela conversa. Agora o meu avô, para ele é assim: "Está tudo bem? Vai casar? Já casou? Está junto, mas tudo bem." Não era bem aquilo que eu sonhava. O meu pai era a mesma coisa, mas ele não dizia. A minha mãe é que nunca foi mesmo com as fuças dele. Então, foi muito difícil. E a gente brigava demais.

Numa época ele foi morar em Guarulhos, saiu do trabalho dele e não tinha mais como pagar as contas e eu fui morar com os meus pais. Um pouquinho antes disso comecei a fazer cursinho e assim, a minha vida nunca foi de ficar dentro de casa, ficava com a família. Mas ficar dentro de casa cozinhando, lavando, passando e cuidando da casa, não. Isso não. Não sei se porque tive que fazer muito isso por conta dos meus irmãos quando era pequena, não sei se porque não tenho habilidade ou não gosto mesmo. Sei que nunca tive vontade e quando fui morar sozinha a minha vida reduziu a isso: ter que ficar cuidando de casa, esperando o Douglas chegar ao final do dia. A única pessoa que tinha para conversar era ele no final do dia.

A minha tia Haidee trabalhava, não tinha mais tempo, a Arlete também estava trabalhando como enfermeira e não tinha tempo, meus amigos moravam longe. Estava morando em um bairro muito distante e me sentindo super inútil. A única coisa é que conversava muito com o Gabriel quando era bebê; conversava,

falava, explicava as coisas, brincava. Nunca tive muitos amigos e nunca fui uma pessoa muito criativa.

O Gabriel aprendeu a andar praticamente sozinho, forçava ele a andar, mas não tinha muito aquela idéia de todo dia olhar para ver se ele começava a andar. E a minha mãe não estava mais perto, falava com a mãe aos finais de semana quando ia visitar. Não tinha idéia do que fazer com ele, como estimulá-lo. Um dia, estava com a Haidee e ele pegou e se soltou e deu dois passinhos. Aquilo é muito cara do Gabriel, soltou-se da gente e começou a andar sozinho. A minha tia: "Tá vendo Milene, ele está andando." , "Ele está andando!" Mas nunca fui: "Gabriel, vem aqui, olha." Ele começou a andar sozinho, até o hoje o Gabriel é assim.

De repente, descobri que o Gabriel sabe fazer alguma coisa, de repente eu descobro que o Gabriel sabe fazer isso, sempre surpreendendo, sempre independente, mas sempre querendo ficar perto de mim; mas sempre independente. O meu filho sempre foi um garoto forte, muito ele mesmo. Nesse tempo a mãe do Douglas ficou uns dias com a gente e falei para ela: "Olha, tenho muita vontade de fazer faculdade, só que não tenho grana, vai ter que ser a USP, Unesp ou Unicamp. A Unicamp não dá porque é fora de São Paulo, então vai ter que ser a USP. Quero fazer, tenho muita vontade."

Um dia andado pela rua com a minha mãe peguei um panfleto de uma pessoa, não era de um cursinho da Poli, era do Aprove, é um cursinho que é mantido pelos professores da USP, mas é para renda baixa, tem um custo, mas é mais baixo do que cursinho comercial, ele se situa na Corifeu de Azevedo Marques atrás da USP, acho que no portão 3. Eu pensei comigo "Puxa, queria tanto fazer, tanto." Fui lá me informar e tinha valor. Imagina que o Douglas ia pagar aquilo para mim, não tinha dinheiro nenhum. Como não trabalhava, pensei "O Douglas não vai querer pagar isso para mim, mas nem que a vaca tussa." Até porque para quê eu ia fazer faculdade. Peguei e fui procurar outro cursinho e por coincidência saiu no jornal o cursinho do 11 de Agosto que é do Largo São Francisco. Era mantido pelo pessoal do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Eles falaram: "Venha fazer uma prova." Porque o curso é gratuito, mas passa pela seleção.

Peguei e falei para Dona Ana. "Dona Ana, a senhora pode ficar com o Gabriel, hoje é o último dia para fazer inscrição para prova." Sempre deixando para o último dia, sempre o último tiro. "Hoje é o último dia para fazer inscrição para prova, posso ir lá? A senhora fica com ele aqui?" Daí ela: "Não, vai sim, imagina." Fui correndo fazer a inscrição e voltei correndo. Tinha que voltar antes do Douglas porque tinha que fazer a janta, tinha que fazer as coisas e deixar tudo pronto sem comentar nada com ele. A mãe dele nem sabia o que era um cursinho direito, só sabia que era alguma coisa que queria fazer e achava muito legal e pronto. Fiz a inscrição e eles chamaram para prova.

Deixei o Gabriel em casa e fui fazer a prova. Estava morrendo de sono, sabe quando você está sonhando com gana. Eu falava: "Bem que podia passar." Passei e fui saber o resultado com o Gabriel no colo. Era a única menina que estava lá, na época tinha vinte e três anos e estava com um neném no colo. O resto, todo o pessoal sabe. "Fez cursinho." Para eles dava a impressão que era assim, era mais uma atividade que estava fazendo, para mim era o tiro, era fazer daquele jeito senão não ia conseguir mais nada. Fui, tinha sido aprovada, fiz a entrevista e comecei a fazer o cursinho. Acho que foi nesse período que começamos a nos afastar demais, o Douglas e eu. Porque ele tinha a vida dele do jeito dele e eu tinha a minha vida lá com o pessoal, que era muito legal, era muito bacana, uns estavam trabalhando, outros estavam cheios de sono.

Conheci uma pessoa muito legal, inclusive, uma colega que tenho até hoje, uma amiga que até hoje convive comigo, o nome dela também é Milene. Brinco com ela, digo que ela é o meu alter ego. E a Milene sempre foi muito politizada, a conheci no cursinho e sempre gostou muito de política, se envolveu muito com política. Fazia parte do trabalho dela, era uma linha do PT. Então, sempre foi muito

engajada, vendia jornalzinho do PT e sempre discutia nas aulas de história. Ia prestar economia; e assim, sempre gostava muito de política. Já gostava de ver ela falar toda desenvolvida e me atraía mais ainda.

Falei: "Gente, eu vou prestar alguma coisa ligada a isso. As coisas não acontecem por acaso, elas têm um motivo para ser desse jeito. Acho que as minhas dificuldades não são as só minhas." Fui procurar resposta para isso. E vivia aquilo lá desesperada, não sabia se prestava economia, não sabia se prestava jornalismo, se prestava história, se prestava ciências sociais. Também tinha vontade de fazer jornalismo. Peguei o caderno da USP de profissões e vi lá o que tinha de ciências sociais e adorei o descritivo, achei um máximo.

Nesse tempo fazia o seguinte, saía da minha casa, o Douglas saía para trabalhar, preparava o nosso jantar cedo, almoçava, pegava o Gabriel, trocava, ia para casa da minha mãe, almoçava lá, dava comida para o Gabriel e ia para o cursinho. Voltava do cursinho, comia alguma coisa, o Douglas ia buscar a gente e ia lá para casa. Então assim, já estava tudo muito atravancado e depois de um tempo ele também ficou de saco cheio, via que estava perdendo tempo. E ele: "Milene, a gente não tem grana para nada disso, olha como a gente está? Para que?" Aí me desesperiei porque tinha que pagar as apostilas. Fui até a secretaria e falei para eles: "Olha, é o seguinte, não tenho como pagar mais as apostilas, mas quero muito fazer o cursinho, quero demais." Aí eles me liberaram do dinheiro da apostila, me deram o curso. Continuei fazendo o curso.

E nesse tempo as nossas brigas aumentaram mais, qualquer motivo era motivo de briga. Eu já não tinha mais saco e ele também não. Não tínhamos mais perspectiva de ficar juntos. Não sabia mais o que fazer da vida. Aí eu consegui, prestei o vestibular e passei. A reação foi muito normal, não que ele não tenha comemorado, ele até ficou feliz, mas: "E agora você vai fazer o quê com isso?" Entendeu. "Nossa, que legal para você, mas e daí?" Foi isso que senti na época, foi essa a impressão que ficou, não foi uma coisa boa para os dois, foi bom para mim. Nesse momento comecei a trabalhar junto com essa minha tia. Ela resolveu, como toda a família faz, preocupada com a minha vida, conseguiu dá um jeito de me ajudar. Colocou-me na empresa do marido dela, comecei a trabalhar e ficou pensando como é que podia ajudar o Douglas.

Eles conseguiram um emprego para o Douglas também. Comecei a trabalhar e comecei a fazer a faculdade. A gente quase não ficava juntos, o Douglas foi morar em Guarulhos e a gente teve que desmontar a casa de novo. Eu não aguentava mais ficar indo e voltando na casa. Voltei a morar com os meus pais, eu e o Gabriel, e o Douglas em Guarulhos. Também estava difícil ele chegar em casa e ficar com a gente. Ficava um pouquinho conosco e depois tinha que ir embora. Estava muito difícil. Por essa época ele começou a trabalhar em Guarulhos e por lá arranjou uma briga com o pessoal que trabalhava com ele. Fiquei sabendo dessa história depois que ele saiu. Tinha sido ameaçado de morte. Ele com receio veio até em casa, conversou, perguntou: "Então, está difícil de ficar indo e voltando porque que a gente não fica em um só lugar os dois juntos e não sei que lá."

Fui falar com os meus pais, na verdade, fui falar com minha mãe. "Mãe, ele pode ficar aqui essa noite?" , "Pode." Era para ele ficar uma noite, ficou duas, três e foi ficando. Morávamos todos juntos, foi uma coisa esquisita. Porque não pedi para os meus pais e nem ele pediu, simplesmente foi ficando. Ele se sentia mal, era a casa dos meus pais, eles queriam fazer a coisas do jeito que eles sempre fizeram e não iria mudar por nada, com toda razão.

Ficou um tempo e ele começou a trabalhar na empresa. Para ele foi um ganho porque já não tinha perspectivas. Ele tinha o feito o ensino fundamental mal feito e começou a trabalhar com vendas. Tinha que ir de gravata e achava o máximo andar super bem vestido. Eu já estava na faculdade vendo outras coisas, conhecendo outras coisas, vendo os amigos. Não tinha mais tempo para nada; eu trabalhava o dia inteiro e ia para faculdade. Via o Douglas cinco, seis horas da manhã e só ia ver onze e meia, meia noite, até onze e meia.

A gente mal dormia juntos. Nesse tempo ele se envolveu com uma menina do trabalho, na empresa da minha tia. Começou a se envolver com uma menina, começou a trabalhar em parceria com essa mulher. Estava convivendo mais com ela do que comigo, via mais ela do que eu; eles tinham afinidades, isso também é uma coisa que você não controla, tinham as mesmas vontades. Ela era mais velha, sabia conduzir melhor a situação do que eu. A gente estava com vinte e quatro anos, ela tinha vinte nove ou trinta anos, em tudo ela era mais experiente. E eu na minha vidinha daqui. Entrei na faculdade, passava o dia inteiro na faculdade.

Nós não tínhamos nada em comum, nada a ver. E foi quando comecei a desconfiar que ele estava saindo com essa menina. Por que é assim, uma vez você fala, duas vezes você fala, mas sempre falando, as vezes até trocando nomes. Um dia aconteceu: "Ah! Então.... Milene." Talvez nem fosse nada, talvez eles nem tivessem se envolvidos mesmo, mas o dia inteiro juntos, não tem como não ter afinidades, não tem como não ter assunto em comum. Desconfiei, ela tinha comprado um carro na época e estava toda feliz com o carro, ele ficou com o carro, pois ela não sabia dirigir. Então, ele tinha muito mais liberdade, saía com a menina para fazer as vendas que ele tinha que fazer. Um dia peguei e falei: "Não é possível, vocês estão juntos." Coloquei ele na parede, briguei muito. Foi uma novela, peguei todas as roupas dele, as coisas dele e mandei embora com tudo que ele tinha. No começo, a família dele não quis aceitar ela. Sofri muito com esse episódio.

A minha tia Haidee e o Roberto, o dono da empresa, gostavam muito dele; mas queria que eles tivessem mandado ele embora porque é uma sacanagem o que ele fez comigo. Sei que essa mulher também era casada. O marido dela trabalhava na empresa. E achava que tinha que dá um jeito. Eles são casados até hoje, estão juntos, hoje eles têm duas filhas, as irmãs do Gabriel. Eu não converso com ela, não sou de bater papo. Mas não sinto raiva, não sinto nada.

O que acho é que ele poderia ter melhorado com relação ao Gabriel. De ficar mais próximo, ainda mais na adolescência. E essa foi a minha primeira parte, na faculdade enquanto eu era casada.

Depois que separei, achei que tinha que aproveitar e desfrutar minha vida universitária. Nesse ano da separação não consegui cumprir crédito nenhum. Eu não fiz nada, não fiz absolutamente nada. Foi um ano jogado fora, acho que devia ter trancado, toda vez que abro o meu currículo e vejo aquele ano jogado fora, fico pensando como fui covarde e não tranquei a faculdade. Devia ter trancado e feito outras coisas e voltado depois que a cabeça estivesse em ordem. Ninguém falou nada. Saía da aula chorando. Conversava, ia para o bar conversar com as minhas amigas. E resolvi que ia para festa, fui para um monte de festa, fui para festas da USP, fui para festas fora da USP, saí muito, conheci muito o pessoal daqui do emprego, que basicamente são da USP.

Mas se disser que eu me apaixonei perdidamente por fulano, estarei mentindo. Até conheci uma pessoa, não dei liberdade para isso ou não sei se realmente não aconteceu. Fiquei com algumas pessoas. Achava interessante, legal na hora, nunca consegui pensar: "puxa, olha só, esse aqui vai ser legal, vai dar certo."

Depois de um tempo é que fui entender o porquê essas coisas acontecem; a gente não pensa de início, nem depois de um mês, nem depois de um ano. Elas vão acontecendo aos poucos. E queria tanto, acho que não tive um momento só para mim. Eu me separei, mas estava na casa dos meus pais. Antes de me separar estava com ele e antes de estar com ele, estava de novo na casa dos meus pais. Eu queria muito ter um tempo meu com as minhas coisas, não tive isso para depois me envolver com alguém, deixar e cultivar. Convivi com pessoas muito legais que poderia ter me apaixonado.

Eu tive um amigo na faculdade, a gente conviveu muito. Fiquei de 1999 até 2006 na faculdade. Esse meu amigo ficou até 2004, convivi com ele esse tempo todo, éramos amigos de não pensar em nada além da amizade. De 2004 a 2006

comecei a pensar mesmo, tanto é que a gente começou a sentir ciúme um do outro, queria ficar perto, a gente queria conversar muito um com o outro, mas sabe quando não tem que ser. Não demonstrei interesse, não sei se ele ficou com receio porque não me abria de jeito nenhum. Não deixava que as coisas ocorressem. Bom, a gente não se envolveu. Mas a gente conviveu muito e partilhou muita coisa. Tínhamos esperança. Quando ele se sentia mal ia lá ajudar, conversar, tínhamos afinidades. Acho que ele foi a pessoa mais próxima que tive depois do Douglas, de pensar alguma coisa para além da amizade.

Com as outras pessoas era só festa, não tinha nada, não enxergava nada... Depois de acreditar muito em alguém, depois de querer muito que as coisas sejam diferentes, você passa a olhar para as pessoas. "Puxa, que legal, mas deve ter alguma coisa errada aqui." Você nunca olha de forma tranqüilha, sempre com um pé atrás, sempre com uma desconfiança. "Puxa, parece tão legal, parece tão bacana, mas tem algo. Não sei, mas tem alguma coisa que não inspira confiança. E depois conheci, e conhecer em festa já não é mais." Sempre penso no que aconteceu comigo, penso que vai acontecer com um monte de menina. E tomara que seja mesmo, que seja feliz mesmo. Nunca pensei, não sei se porque quero mesmo dar esse passo primeiro. Preciso me encontrar direito para depois pensar numa outra pessoa.

Agora, sonhar com o meu apartamento já sonhei várias vezes. Como é que faria com a minha sala, como é que faria com o meu quarto, com é que faria com o quarto do Gabriel, de como faria da minha casa um entra e sai de amigos, de gente que pudesse conviver, de como ia ser gostoso. Não terminei de falar da escadaria lá de casa.

Todo domingo de manhã o meu pai comprava, ainda compra, jornal e sentava na escadaria de casa como o sol batendo na janela e entrando em casa e lia o jornal. Aquilo era uma paz tão gostosa, tudo isso, escutando música de fundo. Era uma paz maravilhosa! Ele conseguia ler o jornal de cabo a rabo e a gente pegou esse hábito. Lá em casa todo domingo de manhã se abre o jornal, cada um pega uma parte, esfarela o jornal e começa a ler. Sabe que a minha vontade, a minha crença de paz é essa. Toda vez que penso alguma coisa de tranqüilo, penso "Puxa vida, é como se fosse abrir o jornal num domingo de manhã num raio de sol." Que é uma coisa que tinha mesmo, uma visão de paz. Acordava de manhã, quando acordava já ia para sala tomar o café da manhã que a minha mãe tinha colocado na mesa. Meu pai estava na escadaria lendo jornal, com o jornal todo aberto e o raio de sol em cima dele, para ele poder enxergar melhor usando a luz do sol.

Quando tiver um apartamento, uma casa, vou querer ter aquele espacinho perto da janela para poder ler o jornal e sentir a paz. (sonho. Q.10.p.147) Eu conto isso e o povo: "Ah! Imagina que coisa mais chata, que coisa mais tediosa. Por que não pode ser uma revista." A minha tia Haidee fala: "Ah! Milene, a gente podia mudar isso. Podia ser assim, ser uma espreguiçadeira em frente à piscina lendo uma revista. O quê que você acha?" , "Mas porque não pode ser um jornal numa escada com o sol?" A minha outra tia: "Podia ser em frente a praia com água de coco lendo uma revista ou qualquer outra coisa, ou mesmo lendo um jornal. Mas tinha que ser em frente a praia." Quase não converso essas coisas com minha irmã, já escutei muito da minha irmã.

Eu me surpreendi com a minha irmã, nunca convivemos assiduamente, tive um convívio de cinco anos, pois ela é cinco anos mais velha do que eu, então, quando estava num tempo ela tava em outro. A gente só foi se encontrar mesmo depois que engravidei, porque ela teve o filho dela dois ou três anos depois que eu. Eu tive o Gabriel e ela engravidou tempos depois de mim. O Gabriel até lá era a criança da casa, e o Gabriel sempre foi muito grudado com ela, sempre gostou muito dela, abraçar e beijar. Depois de tudo que aconteceu e depois da separação é que a gente se aproximou mais. Sei que para ela deve ser meio chato essa vida de

ficar em casa, cuidando de casa, mas acho uma vida tão tranquila. Uma vida que é tão cheia, posso fazer um monte de coisa, tão liberta, tão sem duração de hora.

Vou para casa dela quando estou de férias é sempre uma tranquilidade. Ela acorda e vai dá comida para os cachorros, quando volta o Vitinho já está acordado. Ela faz almoço, de tarde vai para o clube; passa à tarde no clube ou fazendo as coisas para ela: Ioga, dança, sei lá o que. Depois pega o Vitinho no futebol. Aí o Andres, seu marido, passa lá e pega ela e o Vitor e seguem para casa. Às vezes eles estão a fim de comer uma pizza, às vezes eles estão a fim de não comer e vão jantar mesmo. Às vezes ele traz alguma coisa. É uma vida bem tranqüila, mas ela quer, tem vontade de trabalhar. Não acho que ela precise tanto assim, mas ela sente vontade de fazer isso por ela. Passei a conhecer e a entender melhor a minha irmã depois que me separei, pois a gente se aproximou mais. Ela passou a contar as coisas que passam na vida dela, os sonhos que ela tem, as brigas que ela tem com o marido; sempre acho que os problemas dela tem jeito, tem uma saída, aliás ela tem várias saídas, tem um monte de possibilidades.

Sempre acho que a minha caixinha de possibilidades está mais fechada, ainda estou com aqueles ganchos me puxando. A gente é que sabe onde o calo aperta mais, é isso mesmo. Para ela a coisa está pegando mais, não sei, parece que a vida dela está cheia de possibilidades, só de passar o dia no clube já ia ficar muito feliz!

4.1.8. Marcos

(Fonte: foto da autora, 2010) Senhor Marcos em um Fórum contra o trabalho escravo no Ministério Público de São Paulo

Quando era jovem o meu sonho era cursar uma a faculdade, queria ter feito faculdade na Bolívia ou no Brasil. Queria ter estudado mais na Bolívia porque precisam de pessoas esclarecidas, pessoas que possam orientar e ajudar o meu país

Eu nasci em uma província de La Paz chamada Guaqui em 07 de outubro de 1941. É um lugar distante, mais ou menos 100 quilômetros de La Paz. Então, posso dizer que sou um ser provinciano. Fui embora de Guaqui para morar na capital aos seis anos. Estudei e cresci uma parte da minha vida em La Paz, onde fiz o primário, o secundário e não acabei o colégio, faltou o último ano; na verdade acabei, mas não fui aprovado.

Comecei a trabalhar desde cedo como ajudante de máquinas, a função era consertar máquinas de escrever. No início, tinha dificuldade de aprender porque não existia escola técnica que ensinasse sobre máquinas. Na oficina onde trabalhei

o mestre não tinha interesse em ensinar e, assim, não aprendi. Passei um tempo sem saber o que fazer da vida, cheguei até a cogitar a possibilidade de ir para Argentina trabalhar.

Na época, não conhecia ninguém que estivesse a fim de sair da Bolívia e nem pessoa que pudesse confiar, estava sozinho. Nesse momento apareceu um colega e falou: "Vamos para Brasil?" Como estava pensando na Argentina, disse: "Vamos!" , "Então vamos." E fui embora para Santa Cruz, cidade próxima ao Brasil. A cidade de Santa Cruz é grande, fiquei um tempo lá, uns três meses. Daí perguntava aos rapazes que chegavam à pensão onde estava para onde eles iriam: "Vou para o Brasil". Nesse período, todo mundo estava indo para Brasil e fiquei com curiosidade, queria saber mais desse país. Até que um dia resolvi seguir rumo ao Brasil.

Não havia um projeto de partida, tinha muita vontade de sair, mas a minha necessidade era aprender, queria ter um ofício, queria sair da Bolívia para aprender uma profissão. Fui embora para o Brasil e ao chegar à fronteira tudo mudou, porque não entendia nada do que as pessoas falavam, não entendia o português. E a gente é diferente, tudo é diferente, porém não achei muita diferença porque como eu cresci em La Paz; uma cidade grande onde você tem contato com argentino, peruano, chileno, têm contato com um monte de gente de outras nacionalidades. Daí conheci um brasileiro, um carioca.

Achava o carioca muito engraçado, era descolado e falava como se estivesse cantando. Assemelhava-se um pouco com italiano, por ser comunicativo e alegre. Nessa mesma viagem conheci uma boliviana que estava fazendo faculdade medicina, mas ela era diferente, meio quéchua, era de Corumbá no Mato Grosso, nesse período ainda era uma cidadezinha pacata. Perguntei a essa moça como que era São Paulo e ela disse que era grande, mas não acrescentou mais nada. Daí vim embora para o Brasil, peguei o trem e parti com destino a São Paulo.

Naquela época era o trem noroeste que vinha de São Paulo, da Estação da Luz. A gente pegava o trem em Corumbá e descia em Bauru, fazia baldeação, o transbordo e chegava a São Paulo. Aquele colega que era o meu amigo ficou ligando e todo o meu grupo foi embora para o Brasil. Uns vieram para cá, outros foram para Curitiba. Eu e o meu colega estávamos em um Hotel em São Paulo, era pequeno e de lá eu não saía para lugar algum. Andávamos em dupla perguntando as coisas para as pessoas, a melhor coisa que a gente podia fazer era ir ao consulado. No Consulado Boliviano pedimos informações e conseguimos chegar na Avenida Senador Queiros. Lembro que chegamos numa sexta-feira e esse amigo falou que queríamos um esquema de pensão, sei que indicaram uma pensão de bolivianos na Avenida Rio Branco.

Sei que paguei 20 dias adiantados para não gastar o dinheiro e em seguida fui ver o quê iria fazer aqui. Procurei uma Escola Técnica, mas só que não achei a escola de mecânica... Tinham fábricas de máquina de escrever que eram a Remington e a Olivetti. As empresas tinham suas próprias escolas, mas para freqüentar a escola você tinha que ser admitido como empregado ou como aprendiz, mas eu não tinha documentos, e outro, não sabia falar direito o português, então passei um mês sem fazer nada, só pensando. Aí arrumei um serviço em uma pequena oficina que precisava de ajudante, fiquei trabalhando e o meu colega sumiu, foi embora, voltou para Bolívia. Voltou antes do previsto, ele falou: "Acabou o meu dinheiro. Não dá para ficar aqui."

Como comecei a trabalhar e conhecia um pouco de máquinas, fiquei um tempo nessa oficina. Tinha tanta vontade de aprender um ofício que acabei ficando no Brasil. Sei que continuei procurando escola, mas não tinha escolas populares de máquina de escrever, no entanto, achei um livro que foi editado na Argentina explicando os procedimentos de concerto de máquinas. Com isso, acabei iniciando os estudos e peguei alguns serviços, onde fazia manutenção em máquina de escrever e de calcular. O tempo foi passando e fui trabalhar na oficina, depois consegui emprego numa empresa de mecânica e fiquei quase dois anos. Durante

esse tempo comecei a entender onde fazia o câmbio de moedas e comecei a me virar.

Depois fiquei sabendo que a Olivetti oferecia cursos, nesse tempo não tinha empregado que conhecesse do ofício. Sei que foi nesse período que arrumei os meus documentos. Fui admitido na Olivetti, mas não queria ficar trabalhando lá porque diziam que já tinham umas 300 pessoas só aqui em São Paulo. Conhecia o mercado das máquinas, já tinha aprendido nas oficinas a maneira de ver o mercado. Então, já podia trabalhar por conta, não precisava de patrão, era só arrumar algumas ferramentas. Fiquei assim, mas não tinha um projeto de vida, trabalhava, comia, saía, passeava. E foi nesse tempo que conheci o Rio de Janeiro e algumas cidades do interior.

Do Brasil conheço um pouco o Rio de Janeiro, Santos e Bauru; conheço um pouco o interior como: Fernandópolis, São José do Rio Preto. Numa época, tinha uma cidadezinha por aí perdida que só tinha algumas casas. Claro que quando cheguei pela primeira vez eles falavam que eram filhos de espanhóis. Mas devem ser brasileiros com descendência espanhola. Conheci essas cidades porque era solicitado para consertar as máquinas. Eles mandavam e eu ia lá consertar. Depois, nos arredores de São Paulo, em São João, Jundiaí, Mairiporã, tem uns lugarzinhos por aí que eu já fui, agora de conhecer cidade grande mesmo só o Rio, eu gostava do Rio por que achava uma cidade alegre, onde as pessoas eram divertidas.

Sempre trabalhei com conserto máquinas de escrever e calcular, e ainda continuo com esse ofício; sempre trabalhei com isso porque achava mais prático, pois podia arrumar umas ferramentas e arrumar clientes, não precisava de patrão, firma, nada disso. Você podia sair na rua e ir oferecendo os seus serviços, fora que achava bom. Não tinha diferença porque na Bolívia era a mesma coisa, a gente chegava lá, pegava ferramentas e ia oferecer os serviços às pessoas.

Saía pelas ruas perguntando se alguém queria concerto, se alguém tinha máquina de escrever ou calcular e sempre aparecia. Na Bolívia também ia às casas, às lojas e sempre encontrava alguém que tinha máquina para concertar ou para limpar. Então, eu achava que era bom Trabalhar com o ofício de conserto de máquinas foi bom até o dia que apareceu o computador, oh infelicidade! O computador acabou com a profissão de mecânico de máquina de escrever. Eu podia ter partido para informática, mas eu não conseguia trabalho. O meu raciocínio era que máquina de escrever e calcular não iria desaparecer, sempre iria ter máquina de escrever e de cálculo, mas agora percebo que o computador substitui tudo. Ele escreve, faz cálculo e é rápido, e ainda te conecta ao mundo; realmente foi uma transformação. E a máquina de escrever é mais ultrapassada. Porém, sempre trabalhei, se não deu foi por causa disso, né? Devia ter mudado de área, mas nunca pensei que fosse acabar.

Aí voltei para Bolívia depois de uns cinco anos. Fiquei um tempo por lá, porém já tinha me acostumado em São Paulo. Porque a Bolívia é um pouco diferente para quem é acostumado aqui. Voltei novamente para o Brasil e fiquei trabalhando numa firma, não tinha escola. Não tinha uma orientação do que iria fazer quando sair do colégio. O quê que queria fazer? O quê que terei que fazer? Com certeza faculdade. Para ter um projeto de vida teria que ser regulado, para atingir uma ambição, uma meta no mundo.

Mas como ninguém da minha família fez faculdade e nem eu, não continuei. Nessa andança conheci a minha esposa, que é a Marta, também é boliviana, e quando a conheci não tinha ninguém. Na Bolívia, tenho família, tenho raízes. Era difícil voltar para a Bolívia e com o tempo ficou mais difícil, mas sempre pensei em voltar. Comecei a minha vida na Bolívia e digo que lá é bom, porém muita gente acha que não é bom, mas acho que é bom. Por quê? Porque me sentia mais livre na Bolívia, sentia mais mobilidade, também sinto mobilidade no Brasil, mas aqui a coisa é ampla.

Lá você tem parentes, o que você fizer os parentes sempre estarão de olho em você. A cidade é pequena e se estão fazendo bem ou mal, eles estão de olho ou

alguém está fofocando. Mas aqui não, não tem ninguém. Ninguém vai falar se você está fazendo a coisa certa ou errada, então você fica mais livre.

Como tenho família no Brasil, agora, fica difícil o retorno, e com filho pior ainda. Uma coisa que não tinha pensado agora que eu tenho filho, é que sei que a minha vida mudou, tenho propriedade, mas sinto falta da família... Passei grande parte da vida trabalhando, educando os filhos, às vezes os levo para a Bolívia. Já fui várias vezes com a minha família, mas como eles cresceram, não deu mais para ir porque ficou difícil e não dava mais para ir em grupo porque quando eram pequenos, era mais fácil, não tinha tanto gasto, depois que cresceram é mais difícil porque fica dispendioso; e lá ficavam na casa de parentes.

A primeira vez que eu vim ao Brasil foi ao final de 1962. Em 1964 vi o golpe militar, tinha assistido a revolução de 1952 em La Paz, uma revolução popular que levou o pobre a possuir armas. Em 1964 vi o golpe militar no Brasil e acho que não houve enfrentamento direto, achava os pronunciamentos da rádio um pouco pacífica. O golpe não foi tão violento como tinha sido a revolução de 1952 em La Paz. Lá teve mais enfrentamento; é claro que depois de 1952 o pessoal continuou brigava muito, acho até que brigavam por brigar, não mudaram, continuaram iguais, embora saiba que eles mudaram, mas o pessoal da cidade continuou igual no comportamento. Lembro que escutava na rádio essa discussão e a Ditadura: "Mataram não sei quem." Escutei essa notícia no rádio.

A primeira percepção que tive do Brasil é que o pessoal era mais liberal, mais simpático, mais legal. Claro, quando encontrei o povo na rua, no bar, eu achei muito mais ameno, mais acessível. Mas o povo do interior é diferente, são desconfiados. Na Bolívia, a parte andina, a parte alta, o pessoal é mais fechado, e é difícil eles quererem te dar uma ajuda. E aqui achei as pessoas mais ativas, receptivas. Ninguém falou que eu era estrangeiro, que não tinha direito a nada, ninguém falou nada disso... Na época, fui trabalhar em uma firma, qualquer firma, mas não podia porque não tinha documentos; vivia com o passaporte e não podia trabalhar... Depois que eu consegui meus documentos permanentes a vida melhorou.

Quando era pequeno a vida era tranqüila. Viver em Lá em La Paz era bom. Eu cresci no Lago Titicaca, nadava, andava de embarcação, andava nas montanhas, tudo perto de casa. Achava uma coisa livre, porque vivia em harmonia com a natureza. Gostava de brincar quando chovia, brincava de fazer o rio, fazer casinha, pegar animais. A terra tem uns bichinhos, lagartinhos, que achava no rio. Ficava encantado com as paisagens da Bolívia. E a minha infância em Guaqui foi na beira do Lago Titicaca.

Quando fui para La Paz era um ambiente totalmente diferente, porque tinha saído de Guaqui, da província, que se parece um pouco com as cidades do interior de São Paulo. O interior de Bolívia é diferente por ser uma cidade pequena e porque tem poucos investimentos em educação e cultura. La Paz é diferente, tem um pouco mais de educação, e sei que a cultura é que faz com que você encare as coisas de forma diferente. Em La Paz as pessoas procedem de forma diferente, na época não entendia, não sabia explicar. Agora eu entendo e explico, acredito que a cultura brasileira e a cultura boliviana são totalmente diferentes.

A cultura do interior de Bolívia é mais próxima da cultura oriental. É uma cultura nativa, mais indígena, por quê? Por que tem muita mestiçagem na Bolívia, e La Paz é uma cidade grande e as culturas se misturaram, ela está mais para a cultura ocidental. É fácil achar a diferença, naquela época achava diferente e pronto, não sabia explicar, não entendia.

No Brasil o pessoal é mais descontraído na forma de falar, mais livre, mais espontâneo, as pessoas não tem cara fechada, amarrada; mas lá acho que as pessoas são diferentes por causa do clima que é frio e as pessoas são mais recatadas, o pessoal é mais sério e não gostam de muita graça. Os brasileiros são festeiros, mas normalmente os bolivianos não são alegres, acredito que seja por causa do frio que vem dos Andes.

Uma vez enfrentei a nevada em La Paz, foi um pouco antes de vir para cidade. A paisagem ficou bonita, branca Nunca poderia dizer em palavras o que vi...

Na minha época não existia muitas faculdade na Bolívia, agora existem muitas, inclusive muitos brasileiros vão para La Paz e Santa Cruz estudar medicina. Atualmente, quase não trabalho mais; e hoje percebo que a Bolívia precisa mais de mim do que o Brasil, porque lá dá para orientar as pessoas: "Faz isso, não faça isso?" E aqui tem gente mais experiente, mais informada, onde há uma concorrência muito grande de mercado. O povo da cidadezinha da qual venho é muito simples, humilde. Eu penso na Bolívia diariamente.

A gente pensava que sair de casa e fazer faculdade era a única forma de progredir, mas hoje você pode ter uma vida melhor, ter acesso a cultura, a música sem precisar sair do seu país. Se a Bolívia tivesse tudo isso na época que vim, teria desfrutado mais porque ainda é um lugar natural, sem muita infra-estrutura. Não tem empresas, não tem indústria, e tem muita gente desempregada.

Eu conheci a minha esposa, a Marta, em São Paulo e já tinha bolivianos residindo aqui. A turma da qual fiz parte se reunia com mais ou menos vinte pessoas e fazia tipo uma festinha. Numa dessas festinhas foi que conheci a Marta. Mas é claro que tinham outros bolivianos nas festinhas, nas igrejas.

Reuníamos-nos para nos encontrar e celebrar a amizade. Na época, os bolivianos que estavam por aqui vinham para estudar nas escolas técnicas, pois existia uma escola técnica na Bolívia e como lá não tem indústria e aqui tinha, vinham trabalhar. Muitas das pessoas que vieram nesse período faziam encontros e promoviam festas, faziam a festa de independência da Bolívia no dia 6 de agosto. Atualmente, a colônia é grande, e existe um certo consenso do povo da cidade, que acham que o de fora é melhor do que o de dentro. Então, se a pessoa ficasse na Bolívia não iria progredir e para progredir tinha que ir para o exterior. Então, o pessoal ia para Argentina, para o Brasil e Estados Unidos.

Sei que essa revolução que ocorreu na Bolívia em 1952 mudou um pouco a configuração das cidades andinas e do altiplano boliviano. Antes desse movimento uma minoria de pessoas eram donas das terras, tinham grandes fazendas. O pessoal da fazenda tinha trabalho, tinham serviços. Mas o pessoal fez a reforma agrária. Como não tinha mais fazenda o pessoal começou a migrar para a cidade, para La Paz, mas não achou emprego. Claro, no primeiro momento saíram às famílias, onde muitos enviavam seus filhos para a escola, cresceram e conquistaram trabalho. E atualmente, faz uns dez ou vinte anos que essas pessoas do interior da Bolívia estão vindo para o Brasil. Antes, partiam só os filhos da revolução, daqueles que antes não tinham terras para morar

Como não encontram empregos nas cidades, o que eles iriam fazer na Bolívia? Simplesmente uns foram para as cidades próximas da fronteira, outros migraram porque achavam que iriam melhorar de vida e que iriam ganhar rios de dinheiro. E outros, como eu, seguiam alegres pensando em estudar e trabalhar. Acho que ocorreu o mesmo para a Argentina.

Sei que Argentina e o Brasil são pólos de atração. Muitos vão para Chile, para o Peru porque faz fronteira com a Bolívia, outros partiam para a Argentina porque tinha indústria ou para trabalhar na agricultura ou hortifrutí. Os bolivianos vêm para o Brasil por causa das indústrias, só que assim que chegam aqui se deparam com a falta de documentos e aí o único lugar que podem trabalhar é na costura. A costura é uma coisa mais simples para trabalhar, pois não é necessário ter documentos. A pessoa que tem firma precisa dos bolivianos que são mão-de-obra barata, ainda sem documentos, você pode pagar ou não pagar porque não tem quem regule isso. O pessoal que volta para Bolívia com pouco dinheiro tem outra visão.

Não sei com relação aos outros países da América Latina, pois não é só bolivianos que partem de seus países, porque muitos dizem que para progredir você tem que sair do país, não sei se é só esse motivo, muitos não tem esse estímulo, pois querem trabalhar, porém não tem onde trabalhar. No Brasil você

consegue emprego, quem quer trabalhar consegue, agora na Bolívia a coisa é diferente. Penso que se os bolivianos tivessem uma orientação nesse sentido, acho que não sairiam de seu país, mas como tem esse consenso coletivo, consenso urbano, consenso geral, as pessoas acabam emigrando da Bolívia. Mas é o pensamento: "Você tem que sair para progredir." Para melhorar, para tudo.

Atualmente é assim, uma parte das pessoas que saem vão para o exterior, grande parte vai para os Estados Unidos, para Europa e tem outra visão. Essa idéia é semelhante na Bolívia. Quem vem de cidade pequena, do interior, chega em La Paz, nos departamentos e tem outra visão, mas se chega em São Paulo a visão amplia mais. Muitos saem de suas cidade para ampliarem suas concepções de mundo, outros por necessidade de trabalhar, e outros por diverso motivos, pois não existe apenas um padrão de escolha.

Na Bolívia era agricultor, trabalhava plantando batata, como no interior do Brasil. Criava galinha e animais domésticos. Muitos dos que ficaram continuam trabalhando, e muitos pais, avôs ficaram sozinhos trabalhando na lavoura porque a juventude foi toda embora para La Paz ou outras capitais, ou foram embora para outros países.

Grande parte dos que foram para Europa estão na Espanha, na França e Suécia. Mas atualmente o grosso vai para Espanha devido ao costume, a língua, as semelhanças. Quando cheguei aqui conhecia espanhol, mas eu percebi que o português era similar. Os brasileiros perguntaram para mim se não era melhor ter ficado na Bolívia, se não estaria melhor em casa com mamãe e papai, não respondi e pensei: "Ah! Não sei o que responder."

Na Espanha parece que só falam castelhano como é uma língua familiar fica mais fácil, você se expressa melhor. Por isso, que eles vão para a Espanha, agora também vão para a França. Acho que a França deve ser bom para quem conheceu La Paz. O Francês é um pouco receptivo. Eu conheci alguns holandeses com os quais trabalhei, comecei a trabalhar como ajudante de mecânica onde acompanhava o mestre, ele ia consertar máquina, tinha uns cuidados. Acompanhava e entrei em contato, cheguei a conhecer francês, holandês, alemães, americanos tudo em La Paz, só não entendia o que eles falavam.

Quando cheguei aqui era mais ou menos a mesma coisa, encontrei espanhol, italianos, portugueses, franceses; cheguei até a trabalhar numa empresa grande francesa que valia trilhões. Conheci um gerente, um israelita, tinha bastante israelita no Bom Retiro no ramo de costura. É claro que nunca trabalhei no ramo de costura, mas conheci por causa das máquinas e aonde tinha máquinas eu estava. Gostava, sempre conversava, era curioso porque era diferente, era tipo japonês. Então, naquela época tinha muitos japoneses, se não era japonês era um povo parecido. Hoje sei distinguir as diferenças de um povo, agora que entendo, acho errado o senso comum pensar em deixar o seu país.

Como não trabalho com costura, não sei como está agora, sei que as grandes multinacionais estão em São Paulo. As empresas têm capital para investir, eles devem investir em tendências novas. O pessoal que trabalha nas oficinas também deve investir no ramo da moda. Eles cortam tecidos para fabricar roupas em certas épocas do ano. Então, parece que esse serviço é terceirizado. As multinacionais contratam os coreanos, deve haver firma coreana que faça esse sistema, mas geralmente, o serviço é repassado para os coreanos, não tenho certeza ou qualquer outra nacionalidade, pode ser brasileiro também. Agora, os coreanos repassam o trabalho para os bolivianos nas oficinas de costura. E aqueles bolivianos que estão há muito tempo e dominam a costura, parece que os veteranos dão para os que chegam, para os novos, que ainda não conhecem o mercado. Por isso, quase não recebem, recebem muito pouco. A mídia fala de trabalho escravo, é aquela pessoa que chega há pouco tempo e aceita qualquer coisa.

Os que se estabilizaram no ramo da costura continuam costurando porque sempre tem empresa para fornecer costuras. Os terceirizados oferecem serviços e eles sempre vão passar para os novos, senão estagnariam.

Eu tenho três irmãos aqui em São Paulo; dois no ramo da costura com coreanos e um que trabalha com conserto de máquinas, como eu. Porque no começo a mão-de-obra utilizada era dos judeus, israelitas, não sei qual é o certo, mas eram judeus. Muitos trabalhavam com máquinas, como eu. Muitos foram alfaiates do ramo de costura. É claro que tinha irmãs também, mas já faleceram.

Atualmente tenho cinco irmãos vivos; não, sete, sete irmãos vivos... Tenho três irmãos residindo em São Paulo. Aqueles que trabalham com costura estão bem, se deram bem e até dei orientação certa, falei "faz isso, faz isso". Conversar e tirei dúvidas que eles tinham, disse que precisavam tornar-se independentes, trabalhar. Dizia para não fazer 'marmelagem', coisas erradas, disse para fabricar roupa ou procurar estudar. Aos meus primos que estudam eletrônica, digo: "Estuda porque a melhor coisa que tem é estudar, se você não estudar você não vai a lugar nenhum." E assim eles estão bem.

Eu acompanhei o crescimento dos meus filhos, estudaram, fizeram faculdade, e eles não participam de nenhum movimento cultural ou social. Eu não participo de nenhum movimento, mas acho que para participar tem que gostar, tem que ter informações, tem que estudar ter e visão do mundo.

Quando eu cheguei em São Paulo já tinha feito colégio na Bolívia, nós entendíamos de política. Não que eu fosse político, mas entendia. Cheguei a participar duas ou três vezes do partido comunista, e pelas conversas e pelo discurso notava que era de esquerda, mas não acompanhava como militante. Atualmente, simpatizo muito dos movimentos sociais; faz tanto tempo que nem lembro direito. Sei que tinha palestras, manifestação cultural na pastoral dos imigrantes.

Quando vejo alguma notícia ou manifestação sei do que estão falando, o quê que estão reivindicando. A maioria dos imigrantes reclama da inclusão, no sentido de não ter tudo para todos, reclamam da participação, no sentido de bem estar, de ter trabalho, todo tipo de consumo. Mas como não tem serviço e o dinheiro que ganham não dá para consumir muito, não sei por que reclamam de tudo isso, todos reclamam quase a mesma muita coisa. Naquela época, quando estava na Bolívia reclamavam de inclusão, o pessoal não tinha os direitos, de alguma maneira os direitos não eram para todos. O certo é que a elite domina e que eles aproveitam tudo, o povo quase não participa. Aqui também a elite parece que tem tudo, mas o povo não tem quase nada. Por isso que simpatizo com esses movimentos sociais, pela crítica que eles fazem a sociedade.

Sei que todo mundo é imigrante. Nos tempos remotos parece que o homem imigrou da África e foi para a Europa, da Europa migrou e há quinhentos anos vieram para América. Então, todo mundo é imigrante. Acredito que todos os imigrantes têm que lutar pelos direitos de ser humano, pelo direito a tudo. Porque os capitalistas não estão nem aí, eles podem migrar para qualquer lugar; estão aqui, estão na Bolívia, estão na Europa, ocupam todos os continentes, pois têm capital para investir. Investem, dão serviços, mas ninguém os proíbe ou é contra. Acredito que todos têm direitos. Os imigrantes na Europa, nos Estados Unidos parecem que estão reivindicando o direito de livre circulação, direito de trabalho, direito de manifestação.

Quando era jovem o meu sonho era cursar uma a faculdade, queria ter feito faculdade na Bolívia ou no Brasil. Queria ter estudado mais na Bolívia porque precisam de pessoas esclarecidas, pessoas que poderiam orientar e ajudar o meu país. Não fiz faculdade, não porque ninguém não deixou, faltou à persistência de minha parte, de não ser insistente, de não ter lutado, nesse sentido de querer estudar tanto aqui como lá. Mas naquela época quase ninguém podia estudar. Tinha que conseguir notas para ingressar numa faculdade, e para ingressar é

preciso ter o colegial, ou primeiro ou segundo grau. Se tivesse feito telecurso teria notas, estaria fazendo a minha parte.

Por isso, digo que falta alguém que esclareça as coisas: "Faz isso, não aquilo." Para orientar e encaminhar os jovens. Na Bolívia o pessoal também tem pouca instrução, não tem essa visão moderna de mundo. Lá não vão te indicar o caminho certo, o máximo que irão dizer é "Tá bom.". Participei de um movimento social, mas não com aquela força de quem domina o assunto, que sabe o que a população precisa e o que não precisa, o que é necessário que seja feito ou que não seja feito.

Tenho vontade de ir à Bolívia porque de uns tempos para cá mudou muito. Com o Evo Morales no governo a situação mudou da água para o vinho. Como eu disse, sou de uma cidade do interior que foi para La Paz, e via muita coisa errada na cidade, muita discriminação, não que fosse comigo, mas via muita injustiça. Como não tinha referência de certo ou errado, para mim era normal. Atualmente, parece que instituíram todos os direitos ao povo na Bolívia, principalmente, a gente do interior, a gente campestre. Os direitos no sentido da população poder frequentar faculdade, frequentar escola, entrar nos órgãos públicos, em qualquer lugar o cidadão boliviano tem seus direitos, por isso, a mudança foi da água para o vinho. Mudou por luta política.

Há pouco tempo aprovaram a nova constituição e nela está incluído todos. O povo andino é muito trabalhador, é só olhar para os costureiros que trabalham em São Paulo. Às vezes digo para os que trabalham aqui para diminuir a carga horária, pois não fazem nada além de trabalhar, não aproveitam o que essa capital pode oferecer.

Não tive condições de estudar quando era criança, mas notava que os meninos do interior tinham mais vontade de estudar, eram mais disciplinados do que os meninos da cidade. Os meninos da cidade fazem bagunça, mas os do interior tinham um temperamento mais ameno, não sei se porque eram tímidos. Percebia que se alguém investisse neles, eles dariam bons frutos. E quem enxergou isso nos bolivianos foram os coreanos. Lógico, e porque digo isso? Por que eles foram, primeiro para a Bolívia como imigrante.

Eles fizeram as primeiras oficinas de costura na Bolívia, e acho que depois foram para o Paraguai, Argentina; não se deram bem lá e foram para o Brasil. Atualmente, parece que eles não vem direto do país deles, mas no começo eles viam pela Bolívia. Iam para Bolívia e passavam pelo Paraguai e seguiam com destino ao Brasil. Mas hoje perceberam que o trabalho dava certo, montaram oficinas e mandaram trazer o pessoal para o Brasil, os andinos. Por que o pessoal de Santa Cruz, do Oriente, não trabalha nas oficinas. O costureiro não vem de Santa Cruz, um ou outro vem, a maioria é das partes altas. E os coreanos perceberam que os bolivianos trabalham e davam conta do serviço de olhos fechado.

Uma parte das roupas produzidas no Brasil é confeccionada nas oficinas dos bolivianos, eles respeitam o prazo estipulado pelos coreanos, se os chefes falam para entregarem as peças de roupas em dois ou três dias, eles entregam esses produtos no prazo. Por isso, que eles trabalham dia e noite para cumprir a data estabelecida. A única coisa que eles exploram dos patrícios é que não pagam direito. Agora, acho que o pessoal de lá não está bem informado também, porque eles podiam seguir mais.

Na Bolívia o pessoal do interior sempre fez o serviço mais pesados, digamos: limpeza da rua, serviço doméstico, guardas dos órgãos públicos. Por isso, que digo que só trabalham e falta investir em educação. Nesse sentido é que acredito que o governo de Evo Morales mudou, como ele é do interior, até o chamamele de índio, mas acredito que seja mestiço, não é índio não, é Latino Americano. Acredito que o presidente sabe das necessidades do seu povo, tem uma noção. Sabemos que para formar gente demanda tempo, uns vinte ou trinta anos para formar qualquer

pessoa, a gente não se forma em dois ou três dias, por isso, acredito que vai melhorar.

Nesse contexto de governo o Brasil está certo, claro, que é um modelo de desenvolvimento que escolheu. Os Estados Unidos escolheu um modelo e foi potência, foi o modelo que escolheu. O Brasil também adotou um modelo e vai ser potência. Argentina também escolheu um modelo; a Bolívia também foi o modelo que escolheu e vai ser potência na frente. Posso dizer que antes não havia essa congruência, as pessoas lutando por um bem comum, por que o governo falava uma língua e o povo falava outra língua. A classe dominante tinha uma cultura e o povo tinha outra cultura, e aí ninguém se entendia. Não lembro quem disse "O país mais pobre e mais atrasado de toda a América é a Bolívia." Porque a classe dominante não fala a tua língua; e o povo tem outra cultura e outra língua. Aí não dá para entender e não se entende.

Hoje, o povo e a classe dominante falam a mesma língua. No Brasil o povo fala português? Todo mundo na Bolívia fala castelhano e Espanhol na cidade, a classe que domina fala castelhano, mas o povo falava outra língua, falam Aimará, Quéchua, Guarani, que são línguas de herança indígena. Atualmente, Aimara e Quéchua são línguas oficiais. O boliviano tem que falar uma das três línguas; e as pessoas têm que entender uma das culturas também. Creio que agora pode ser que vá para frente. Espero que daqui uns vinte ou trinta anos a Bolívia seja outro país.

A Bolívia está dividida em vários departamentos ou estados. A cidade de La Paz é a capital. No Estado de La Paz todos falam aimará, a maioria, 90% é descendente de aimará, claro, é mestiça, uns 50% é mestiço e outros 50% é aimará. Então 1% é de raça européia; 99% é aimará ou mestiça. O pessoal é diferente, por isso é que eu acho parecido com Japonês, parece que são um pouco mais morenos, são diferentes em La Paz.

Agora, em Cochabamba é quéchua. Quéchua seria a língua dos Incas. Os Incas falavam Quéchuas. Os Incas era quem dominava a região antes da chegada dos espanhóis, quem dominava eram os Incas. Esse domínio incluía Cochabamba, Sucre, parte da Argentina, Chile, todo o Peru, todo o Equador, e alguma parte do Brasil. Dos Incas a língua oficial era Quéchua, em Cochabamba se fala porque em La Paz os Incas não conseguiram dominar, por isso, que lá se fala Aimará. Os Incas não conseguiram fundir as culturas. E em Cochabamba se fala Quéchua, as etnias deles são incaicas. Não sei, mas deve ser incaica.

Em Sucre também se fala Quéchua, a etnia também deve ser incaica, mas o povo é tudo mestiço. No departamento de Santa Cruz a maioria é mestiça, sei que tem outras etnias como os Guarani. Parece que os guaranis que estavam aqui no Estado de São Paulo foram empurrados, gradativamente, e foram parar na Bolívia... Isso é a minha opinião, porque é o mesmo povo guarani, aqui dizem Tupi. Isso ocorre em Santa Cruz de La Siera. Em Beni deve ter outras etnias, não sei, mas são um pouco diferentes.

Eu sei um pouco de guarani, e falo Aimará. Grande parte das pessoas de La Paz fala aimará, mas não é obrigatório falar a língua; como você convive diariamente com falantes de aimará acaba aprendendo a língua. Grande parte dos falantes são pessoas do interior de La Paz. Quando algum comerciante quer vender mercadorias, ele vende na língua nativa da região, e qual língua ele terá que falar? Aimará. Às vezes muitos falam de forma inconsciente sem saber o que estão falando...

No Brasil têm pessoas que falam guarani, por exemplo, eu sei que a palavra moleque é de origem africana. Tem outras palavras que lembro que falam que é Guarani, e é semelhante ao aimará. Não entendo tudo, só algumas coisas. Antigamente os aimarás eram empregados domésticos; quem fazia serviços domésticos em La Paz eram os aimarás e grande parte das pessoas falava Aimará. Os patrões tinham que falar aimará para conversar, você tinha que aprender, senão, como iria mandar nos empregados? Se você pedisse um prato de comida, se

o patrão falasse em espanhol, o empregado não iria entender, por isso, muitos aprenderam a língua nativa para se corresponderem com o povo Aimará.

Os meus filhos não herdaram a cultura boliviana, pois construí família aqui, quando casei a gente já falava português. A minha esposa, Marta, também falava português e os meus filhos não aprenderam o espanhol. Com isso, os filhos começaram a falar português, eles nasceram no Brasil com o português, e quase não falam castelhanos, entendem, mas acho que não falam, muito menos Aimará. Eles dizem que não entendem nada.

Agora, o traço físico eles herdaram, talvez a tendência, o espírito; com todos os imigrantes deve ser a mesma coisa. O português deveria herdar alguma coisa do português, quem descende de inglês deve herdar alguma coisa, mas em geral tudo é Brasil. Acho que quem nasceu aqui é diferente, aquele que nasceu na Bolívia deve ter passado pelo mesmo processo de formação.

Atualmente, tenho observado que a Bolívia sempre luta com um povo atrasado, nas estatísticas está quase sempre no último lugar, mas quem mora lá, diria que ele vive a vida, vive em contato com a natureza, quase todos os produtos que come são orgânicos. Por isso, digo que em La Paz e Cochabamba, as duas cidades, a não ser que tem mudado, mas quando estava não existia produtos industrializados era tudo orgânico, como dizem: natural.

Era batata, leite, carne de vaca, ovos, frutas, tudo natural, tinha um sabor especial. Eles viviam num paraíso, pois quem se alimenta dessa forma vive no paraíso. Claro que deve existir isso no Brasil, no interior as pessoas plantam, colhem e comem. Na Bolívia é a mesma coisa. Ali é tudo natural, tudo virgem, tudo para fazer. As cidades são pequenas, o pessoal não está tão violento. A Violência quase não existe, existe, mas é mais produto da mídia, da televisão, dos filmes.

Os estrangeiros são aqueles que vêm de fora, europeus, latino americano mesmo, das cidades grandes como Buenos Aires, México, mas o pessoal de lá é pacífico. Isso eu posso falar, existe a desconfiança, as pessoas são desconfiadas. Para entender melhor a Bolívia, tem um repórter, um escritor, um jornalista brasileiro do Paraná, ele escreveu no ano passado, não vi, um livro: Bolívia Rascasquiua... Ele entrevistou muita gente, muitos sociólogos de lá para entender o que é a Bolívia. Ele é desconhecido pelo brasileiro, mas ao ler o livro, entendemos o sentido da Bolívia. Por que como eu disse, por ter entrevistado muitos sociólogos, jornalistas engajados percebeu o que é a Bolívia atual. Então, 80% do que está escrito é verídico, os 20% acho que ela não entendeu bem. Acho que o sobrenome é do jornalista é Caruso. O nome do livro é Bolívia Rascasquiua, significa a Bolívia viva.

Racasquiua é Aimará. Eu também achei engraçado quando ele lançou. Lançou ano passado aqui no Memorial, no salão do parlamento, onde tem o parlamento latino. A Bolívia e a América Latina é una; somos hermanos, geralmente somos hermanos, somos descendentes de europeus, indígenas e africanos. Então, somos hermanos, nada nos separa, tudo nos une. Nessas terras tem lugar para todos. A terra ainda é virgem e a América é grande, dá para viver bem, só que tem que, como se diz: racionalizar, tem que dá trabalho aos que queiram, dá emprego aos que partem, exportar o que dá para exportar. Mas é preciso dividir.

Creio que a América daqui a uns vinte anos estará mais interligada. O comércio do Brasil com a Bolívia ou com outros países será bom, vai haver muito movimento cultural porque atualmente não tem muito, existe um movimento cultural com a Argentina, mas com a Bolívia não existe. Eu noto que não existe porque não vejo cantores aqui ou algum movimento cultural boliviano, nem teatro, nada, não se produzem, aqui no Memorial sim, um pouco, mas fora do Memorial, não vejo.

Por que as pessoas têm que ter contato com outras pessoas, com os outros países da América Latina através da cultura, dos movimentos culturais, do teatro, da música, tem que haver mais intercâmbio. Noto que o Memorial é o único lugar

onde há momentos desse tipo, de entrosamento cultural com todos os países da América Latina, mas fora disso, não.

Os lugares onde não há intercâmbio é porque não tem interesse, não trazem dividendos, não traz lucro. Porque qualquer questão de iniciativa privada busca o lucro. Se alguém traz um teatro da Bolívia desconhecido, pode ser que não tenha público, essa é a explicação. Agora, quem tem que fazer alguma coisa é a sociedade civil, os movimentos sociais têm que fazer intercâmbio cultural. O teatro e a música têm que encarar as coisas políticas também. Isso acho que faz falta aqui, agora na Bolívia, não sei. Mas como disse, era um povo pequeno, mas eu conhecia, embora através de rádio passei a entrar em contato com a música brasileira, conhecia a Argentina, conheci o Peru, conheci o Chile. Naquele tempo havia muita informação, circulava cultura, porque conhecia a música brasileira, aquela:

“Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá
Tu me ensina a fazer renda,
eu te ensino a namorá.

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
Tu me ensina a fazer renda,
Eu te ensino a namorá.

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
Saudade levo comigo,
Solução vai no emborná.

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
Se você tá me querendo,
Vamo pra Igreja, vamo casá.

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
E depois de nós casado,
Vou pra roça, vou prantá.

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá,
Tu me ensina a fazer renda,
Eu te ensino a namorá.

Olé, Mulher Rendeira,
Olé mulhé rendá..”

Essa música da mulher rendeira conheci com oito ou nove anos na Bolívia. Depois vieram os filmes de Cangaceiro... Hoje não lembro mais os filmes de Cangaceiros, mas antes assistia muitos... Uma vez assisti a um filme romano, achei engraçado, depois conheci as músicas da cantora Celi Campeiro, isso naquela época; conheci Jerry Adriani, isso do Brasil, da Argentina... Ortega e outros cantores. No Chile a mesma coisa, no Peru ficava encantada com as valsas, a marinera peruana, os corridos mexicanos. O México, a Venezuela, a Colômbia eram influenciados pelas as músicas caribenhas como Combia, Merengue. Tinha a impressão que havia mais intercâmbio cultural.

Lembro disso de quando tinha dez anos na Bolívia. Com a idade de cinco anos já tinha ouvido falar do Brasil. Os filhos da América, algo de Espanha, sabia que chegou as castanholas. A América e os Estados Unidos também são mais forte no Rock Roll, Twist; a gente dançava por lá e era engraçado.

Gostava muito de sair e ir ao cinema. Naquela época ia para festinha, ia passear nos parques, sempre com Bolivianos porque a gente se entendia, ou no Brasil com família brasileira. Era bom, porque de alguma maneira, alguém convidava ou era aniversário de alguém.

Com relação à música, gosto de música castelhana, boleros e tal... Ah! Gosto de música caipira também... É por que eles tocam muita música mexicana. Eles traduzem, é mexicana; também gosto um pouco de samba, mas gosto mais de música caipira, música do interior do Brasil. Acho que a música do interior lembra um pouco a música guarani. No Rio Grande do Sul, aquela música, acho que tem influência do guarani. Também gosto de vanerão. Agora, música boliviana também gosto, acho que é mais sentimental e sinto mais. Gosto de dança, principalmente de Guaio. A Cuíca é um ritmo que se dança com o lenço na mão.

A Cuíca tem em vários países da América Latina, tem no Chile, tem no Peru. Só que no Peru chama-se Marinera; a Cuíca tem em diversos da América Latina. Eu acho que é uma música mestiça.

Naquela época estava na moda a música de Roberto Carlos, escutávamos bastante, mas o que dançávamos mesmo era bolero, tango e valsa. Também ouvíamos música do interior, música caipira, música Guarani, música mexicana, tipo bolero. Eu também gostava de música espanhola, achava mais impositiva. Antigamente, estava na moda o Rock Roll, o Twist, acho que Iê, Iê, Iê... Antigamente gostava de tudo isso e dançava... A gente dançava mais que hoje.

O outrora, gostava de sair, ir ao bailes e dançar colado, a gente dançava coladinho e mudou muito. Quando estava em La Paz era Bolero, e Bolero se dança agarrado, o tango também assim: duas pessoas juntas. Mas o Rock Roll pode se dançar com duas pessoas e sozinho. Twist, Iê, Iê, Iê você pode pular e não precisa de companhia, você pula e pula.

A mensagem que eu deixo é que a vida é curta, dá para viver bem, os povos têm que se unirem mais... Agora penso uma coisa; escuto falar em Ditadura no Chile, acho que mataram 30 mil, na Argentina também acho que outras 30 mil, no Brasil não sei quantas, 6 mil ou 3 mil, e assim; mas matar para quê se vivemos pouco tempo. Para quê brigar? Para que fazer isso? Quantas famílias choraram, quantas famílias passaram dificuldades por causa disso? Mas no fim, você viu os grandes ditadores uns 10 ou 20 anos e depois morrem, não levam nada... Não vale a pena brigar, não vale a pena tirar a vida do outro.

A gente tem que ser que nem a Bíblia, fazer o que o Cristo diz: ajudar o próximo. Tem que ser assim, saber levar tudo, penso que tudo na vida é momentâneo. Temos que repensar os nossos atos, por que atualmente você vê tantas brigas, guerras, passa uns 10, 20 anos e acabou, morre quem brigou e quem não brigou, mas eu acho que a humanidade tem que se unir mais; a humanidade tem que viver em Paz, principalmente a Bolívia e o Brasil que tem uma fronteira imensa. Nós morreremos e o Brasil vai ficar; a Bolívia também vai ficar e a gente passa. Acho que temos que se intercambiar mais, tem que haver muito mais diálogo.

Intercâmbio de pessoas, por exemplo, atualmente os bolivianos, gente pobre, gente que quer trabalhar vêm e é barrado na fronteira, mas se deixasse passar seria bom por que eles só vêm trabalhar, não faz outra coisa, só trabalha, trabalha, recebem e voltam. Por que a maioria volta? Acredito que fica a metade e restante volta porque não deixam passar pela fronteira.

Tendo uma oportunidade de trabalhar no Brasil, eles ficariam uma temporada e depois voltariam para Bolívia. Eles também poderiam trabalhar aqui, se houvesse um intercâmbio, uma união entre povos seria diferente... Latino americano tem que ser latino americano, como se diz: hermanos.

4.1.9. Leo

(Fonte: foto da autora, 2010) Leo em sua oficina e trabalho no bairro de Santa Cecília

Sou uma pessoa reservada

Nasci na Bolívia, em uma província de La Paz chamada Igavi, quase na fronteira com o Peru próximo da Cordilheira dos Andes no ano de 1961. Foi onde me criei e estudei, onde também terminei meu segundo grau. Depois, com vinte quatro anos fui para a cidade de La Paz e fiz curso Normal para ser professor; cursei dois ou três anos, não terminei e vim para o Brasil.

A capital é totalmente diferente do interior de La Paz, porque como era do interior, levei um choque ao me deparar com a cidade, pois tudo era diferente, os costumes, inclusive, a forma de comunicação. Porque no interior de La Paz a gente tem uma língua materna que se chama aimará; e desde criança ouvia meus pais e parentes conversarem em aimará; e depois que adentrei na cidade era obrigado a falar em castelhano, que é espanhol. Isso foi um choque, mas porque esse choque? Não foi um choque tão diferente, foi uma coisa que aprendi a conviver com a vivência na metrópole. Imagine o que tive que aprender na cidade de São Paulo.

Quando morávamos no interior sabíamos que iríamos enfrentar essa mudança, mas não a vivenciávamos na província. Na cidade, passamos a aprender o que o professor falava nas aulas que tínhamos na província; e com o tempo iam preparando-nos para isso. Ao chegar na cidade percebíamos que alguns costumes eram os mesmos, e outros hábitos mudavam. Para mim, a grande diferença foi o idioma. Essa mudança pode ser comparada como sair da Bolívia e vir para cá; onde a primeira dificuldade foi o idioma. Foi como chegar no Brasil e ter que falar português; não conseguia entender todas as palavras, e tínhamos que aprender a falar direito o português. Pouco a pouco fui me habituando.

Na Bolívia não cheguei a trabalhar como professor porque faltava um ano para me formar como normalista. Assim, trabalhei um período informalmente com o conserto de máquinas. Quem primeiro resolveu ir para o Brasil foi o meu irmão, o Marcos. Ele veio e me deu essa oportunidade de trabalhar, resolvi partir, e

aproveitei para ficar quarenta dias em São Paulo. Nesse período, fui me adaptando e acabei ficando até hoje.

Estava com vinte e seis anos quando cheguei em São Paulo. Vim com o meu irmão do meio. Não tínhamos indicação de trabalho, seguimos direto para a casa do Marcos que nos recepcionou durante uns dias em sua casa. Ele falou: "Vamos lá, você vai conhecer e se você não gostar, você volta." E isso foi acho que em 1988.

A única coisa que ajudou, foi que o meu irmão trabalhava com consertos e eu o ajudava no ofício. Ele foi explicando o que sabia sobre a dinâmica da cidade de São Paulo: "O metrô é assim, as avenidas são assim" Nos primeiros dias, ele orientava, depois passei a caminhar só.

Quando cheguei fazer um curso, ainda estava trabalhando com o meu irmão, daí ele disse: "Daqui para frente você pode trabalhar fora." Acho que era 1988; e tive a sorte de pegar a primeira anistia que ocorreu no Brasil, aproveitei e tirei meus documentos. Com isso, pude estudar e fiz um curso técnico de eletrônica de dois anos, e trabalhava fora. Terminei o curso e trabalhei um tempo na Eletrônica Max.

Quando me formei, acho que era 1991; aí teve, naquela época a inflação, estávamos no governo de Collor, a moeda desvalorizava da noite para o dia, a inflação subia assustadoramente e o número de desempregados crescia cada vez mais. Os preços triplicavam sem sabermos por que.

Depois de formado fui procurar emprego, cheguei a ir à Santo André, São Caetano, a Berrine, a Guarulhos, como técnico recém formado. Só que ninguém pegava o recém formado, tinha que ter experiência de cinco anos ou mais; tentei, tente e não consegui. Não tive chance não, pois se para brasileiro estava difícil, para estrangeiro, pior ainda. Então, comecei a trabalhar com máquina de escrever mesmo. Tinha uma firma aqui na Alameda Barro, eu vim, trabalhei uns dois anos

A viagem de vinda para o Brasil não foi grandes coisas, por que estava acompanhado pelo meu irmão, e ele ia explicando. "É assim, a parada é assim, vamos chegar a tal cidade. Praticamente não foi tão diferente das que já tinha realizado.

Na minha família somos cinco homens e três mulheres, oito irmãos ao todo. Tenho quatro irmãos residindo no Brasil, os outros estão na Bolívia. A nossa vida na província era uma a vida prática. Tínhamos um terreno onde plantávamos batata e outros produtos, mas era só para o consumo familiar. Os filhos ajudavam a plantar; não trabalhávamos de empregado. Cuidávamos de alguma coisa, a trazer água encanada. A gente ajudava o mínimo, e depois ficávamos na escola de segunda à sexta. Então, a gente tinha só as tardes livres.

Hoje, a minha mãe é falecida e meu pai está vivo e mora no interior de La Paz. Não posso dizer que ele esteja sozinho, as minhas irmãs vão visitar, e ajudam. Quando viajo para Bolívia sempre vou visitá-lo.

Quando cheguei ao Brasil a grande barreira era a dificuldade da comunicação. Apesar de que o meu irmão, sempre comprava jornal para auxiliar na aprendizagem. Eu lia em espanhol, e traduzia mentalmente para o português. Então, passei a compreender melhor a língua, mas não tinha fluência, só entendia. A comunicação era diferente.

Hoje sou solteiro, mas cheguei a casar com uma boliviana e não deu certo, nos separamos e cada um foi para o seu lado. Não tenho filhos. Tenho amigos aqui no Brasil, mas não tinha hábitos de sair ou ir para festas dos bolivianos em São Paulo; sou uma pessoa reservada.

Acredito que muitas pessoas tenham vindo para o Brasil em busca de trabalho, porque na Bolívia não tem emprego, apesar de ter um custo de vida barato. Você consegue comprar comida, roupas, calçados; mas trabalho não se arruma, e me pergunto por quê? Acho que nós não temos indústria, não temos montadora, não temos fábrica; as que temos são pequenas e não comporta o número de desempregados que existe por lá. Então, a juventude, pessoas com dezoito, dezenove, vinte anos, termina o ensino médio, entra na faculdade, e ao

saírem não sabe em que aplicar os seus conhecimentos porque não há campo de trabalho. Então, alguém chama e diz: "No Brasil você vai ganhar, na Argentina está melhor ou no Chile." São três países escolhidos pelas pessoas para trabalharem. Antigamente, a Europa era a escolhida, agora ficou difícil ir para Europa.

Quando cheguei fui morar com o meu irmão mais novo, hoje, ele tem família. Tirando o meu irmão Marcos, todos os outros trabalham com confecção. E como não tiveram opção de trabalharem em outros setores foi parar na confecção e estão nesse campo até hoje.

São poucos que trabalham e realmente ganham, poucos que são médicos, são engenheiros, mas a maioria são empregados, a maioria trabalha de garçoneiro, ou de pedreiro, por que? A maioria não tem formação universitária. Aqueles que têm formação, vão trabalhar em suas áreas.

Por que veem da Bolívia? A maioria vem de La Paz, Potosí e Oruro. Podemos fazer a mesma comparação com o pessoal do norte, do nordeste, do Ceará, da Bahia que vem trabalhar em São Paulo ou no sul do Brasil. Agora, a maioria dos bolivianos ia para Europa, principalmente, pessoas que terminaram cursos universitários e que tem condições de arcarem com os gastos do deslocamento. Muitos engenheiros foram para os Estados Unidos trabalhar de pedreiro na construção civil; tem formação, mas no exterior tem que trabalhar, mesmo não sendo no seu setor. Então, é sempre a mesma coisa; e o boliviano vem para cá para trabalhar. A não ser que ele vá estudar; não são todos, um ou outro terminaram a faculdade e ficam trabalhando, outros vem realizar estágio e ficam.

Trabalhei um período numa alfaiataria. Fiquei um ano na costura e depois saí. Naquela época as máquinas eram mais antiquadas, não havia tanta tecnologia empregada; hoje em dia tem máquinas mais velozes do que outras. Trabalhei esse período, não gostei e saí.

Nesse período, minha irmã Benita chegou a vir para São Paulo, acho que ficou uns cinco anos e retornou. Não se adaptou com o ritmo de vida. Agora, todas as minhas irmãs têm família e trabalham ajudando seus esposos; como tem filhos, ficam em casa. Tenho um cunhado que trabalha como taxista, outro trabalha como caminhoneiro e outros não sei em que setores estão.

Atualmente, trabalho nessa loja que conserta máquinas: telefones, fax, máquinas de escrever, e outros. Ela pertence a um boliviano que conheci em São Paulo. Um dia estava passando pela frente dessa loja, e cumprimentei o dono, ele estava consertando uma máquina. Perguntei se ele estava precisando de algum ajudante. E ele: "Eu estou precisando. E quando você vai começar?" , "Pode ser hoje mesmo." , "Amanhã você começa a trabalhar." E estou aqui desde 1993; até hoje trabalhamos juntos. Moro no Bom Retiro e gosto de trabalhar com eletrônica. Não conheço outros estados do Brasil, só São Paulo.

Não sou religioso, apesar de ter sido convidado por várias pessoas para frequentar diferenciadas igrejas.

De modo geral, achei o Brasil um país emergente e pode ser a potência da América Latina, mas os governantes e o povo não ajuda.

O povo está acostumado ao disfarce; e muitos não querem trabalhar; querem ter uma vida mansa; querem o que é fácil. Por que o centro de São Paulo tem bastante mendigo? Conheço o centro, Santa Cecília, República, Praça da Sé, Liberdade. Por que será que tem tanto mendigo na Praça da Sé? Está cheio de idosos abandonados.

Lembro que assim que cheguei não tinha muitos mendigos pelas ruas da cidade. Agora, aqui nos arredores da loja tem bastante; todos os dias aparece alguém pedindo um real, cinquenta centavos. Acho muito triste vê pessoas pelas ruas da cidade, é um grande problema social. Sabemos que no final do ano ocorrerão as eleições, e o que será mudado no cenário brasileiro? Não sabemos. Como está a nossa segurança? A Educação? Os hospitais? Tem um posto de saúde aqui, mas a saúde ainda não é prioridade nesse governo.

Graças a Deus, não tenho precisado usar o sistema público de saúde, quando sinto alguma coisa vou num posto de saúde aqui próximo, mas não tem estrutura para o número de pessoas que procuram o setor público. Perto das eleições os governantes dizem que vão fazer isso, e isso. Por isso que falo que o povo também é culpado. Você dá um calçado, uma camiseta, um bonezinho a ele aceita pacificamente. Será que o povo cobra quando os políticos fazem algo errado? Tem alguns que cobram, outros esquecem.

Quer dizer, precisava fazer copa do mundo aqui no Brasil em 2014? Quantos milhões serão investidos para fazer a copa? Digo que não é justo; pois estão priorizando o futebol, para isso tem dinheiro, agora, para investir nos hospitais, na educação, na segurança, não tem dinheiro. Hoje a Europa e a Grécia estão em crise? E o governo brasileiro está emprestando dinheiro para a Grécia, então está sobrando dinheiro. Quantos milhões de dólares o governo não poderia investir nas favelas, nas casas, não podia concluir moradias populares em São Paulo, no Rio, na Bahia, no sul, lá em Manaus; cada priorizar determinadas habitações no Brasil; para que cada família tenha lugares decentes para residir. Por que o governo está emprestando dinheiro para a Europa? Não quer saber do povo. Para mim, está tudo errado, agora, se realmente fizessem isso, o Brasil poderia ser a melhor potência da América Latina. O Brasil tem terra, o clima ajuda para produção, mas os governantes não querem investir nas melhores condições de vida da coletividade; e o Brasil desse tamanho ainda tem gente passando fome.

Como não estou na Bolívia, não tenho uma opinião específica sobre os problemas que tem ocorrido; mas acredito que tenha melhorado um pouco. Antigamente, há uns vinte ou trinta anos atrás; as pessoas pobres não podiam entrar em órgãos públicos, nem tinham condições de fazer uma faculdade, agora, o cenário mudou um pouquinho e muitas pessoas humildes estão conseguindo estudar. Nessa parte acho que melhorou. Talvez a educação tenha melhorado.

4.1.10. Lídia

(Fonte: Foto da autora, 2010) Dona Lídia em sua casa no bairro de Higienópolis

Fiquei apaixonada por São Paulo e até agora não saí daqui. Mas valeu a pena; adorei São Paulo

Nasci na Bolívia na capital Trinidad, departamento de Beni. Foi lá que cresci e me criei até o início da fase adulta. Quando fui fazer vinte e dois anos apareceu um grupo de amigos que vinham para o Brasil e acabei embarcando junto, pois tinha paixão de conhecer o Brasil, de entrar em contato com a música e cultura brasileira, daí resolvi ir também. A minha mãe, nesse tempo, era muito agarrada aos filhos e eu costumava dizer: "Mas todos os meus amigos vão para o Brasil!" E eles falavam: "Lídia, vamos para o Brasil?", "A minha mãe não deixa ir!" Isso com vinte e dois anos. E eles: "Vamos, eu vou falar com a sua mãe, porque vai um grande grupo para o Brasil." Esse grupo de amigos viria para São Paulo e era tudo por terra naquele tempo.

Os ônibus era condução daquele tempo não eram como hoje, tudo era muito precário. Era uma coisa de cinco dias viajando por terra, embarcávamos no trem da morte e vinha. O trem era movido à lenha; não sei como denominavam no Brasil. Era uma aventura para a garotada que viajava aos vinte e dois anos, pois queríamos fazer tudo. Lembro que foram falar com a minha mãe, ela disse: "Ai não, ela não vai!" , "Não, deixa ela ir, vai voltar no tempo de férias." Afinal de

contas, a mãe de uma delas foi e falou com a minha mãe e ela respondeu: "Você vai? Então, deixa ela ir." Vim para São Paulo.

Era uma delícia o caminho, porque era tudo era novidade, mas não olhávamos as dificuldades, somente a aventura, a viagem foi março de 1963. Fiquei tão feliz quando a mãe autorizou a ida. Na época escutava as músicas do Brasil no rádio e falava: "Que música será essa? Como será isso?" Tinha paixão pela música, sem conhecer. Não sabia nem o que era português, mas adorava música brasileira.

Vimos para o Brasil em março de 1963. Todo mundo veio no tempo de férias direto para São Paulo, alguns trouxeram documentos e outros não. Olha a aventura, nem nos lembramos de levar os documentos porque nessa época não pediam, entrávamos no Brasil sem documentos, e adolescente cheio de folia. Sei que fiz vinte e dois anos dentro do trem chegando em Corumbá. Meus amigos tinham na faixa de vinte, dezenove, vinte e dois, vinte e um anos. Chegamos a Corumbá e continuamos de trem até São Paulo e naquele tempo o trem ainda adentrava na Estação da Luz. Olha só a diferença, e hoje não entra mais. Durante toda a viagem era uma alegria e quando chegamos a São Paulo ainda mais. Éramos oito pessoas nessa fase da molecagem e ninguém se importava se era final do ano, queríamos era chegar aqui.

Essa foi a maior aventura na minha juventude e posso dizer até da fase adulta. Chegamos a São Paulo e pegamos um táxi, tínhamos o endereço do lugar onde iríamos ficar. Era na casa de uma *patricia* que era natural de Trinidad na Bolívia, morava aqui na rua Maria Paula, Higienópolis, em frente ao edifício da Câmara dos deputados onde fica um edifício enorme. Quando chegamos na casa dela foi uma alegria imensa! Havia gente da Bolívia que estavam morando há muito tempo no Brasil, que chegaram em 1950, e assim, nos receberam e ficamos um mês. Quando deu um mês os outros voltaram e eu não voltei, fiquei e até agora estou aqui. Mas todo ano vou para Bolívia.

Todos retornaram da viagem, menos três pessoas, falei: "Ah, vou ficar." Mande uma carta para a minha mãe e ela quase morreu: "Mas como? Não, você tem que vir." A dona da pensão escreveu uma carta para ela dizendo que eu tinha que embarcar logo. E queria embarcar? Não, fiquei apaixonada por São Paulo e até agora não saí daqui. Mas valeu a pena; adorei São Paulo.

E nesse intervalo, na rua São Bento havia uma loja que vendia roupas de homens: calça, camisa, tudo. Nessa loja trabalhava uma *patricia* que era gerente e conhecia a dona da pensão; a dona da pensão contou o nosso caso para a dona da loja, falou assim: "Ai, tenho umas meninas aí, porque você não pega elas para trabalhar? Elas não têm documentos, mas você faz alguma coisinha por elas." Fez, de repente toca o telefone: "Lidia, vou está na pensão tal hora.", "Ah, tudo bem.", "Eu quero conversar com você." Disse. "O que será que ela vai conversar com a gente?" Perguntava. "Ah, não sei." Ela sabia, mas não queria falar para gente. Chegou por volta das oito horas da noite e falou: "Eu quero falar com vocês? Olhe, sou gerente de uma loja na rua São Bento. Vocês não querem trabalhar lá?" Era tudo escondido naquela época, mas hoje já não se trabalha escondido, até trabalham, mas com muito cuidado. Pensei: "Como que vai ser?"

Estávamos começando a entender o português, havia um pouco de dificuldade, mas a gente dava jeito para tudo. Falei: "É, podemos experimentar, se der para a gente trabalhar lá, a gente trabalha, senão, a gente vê o que vai fazer. Agora, a gente não vai voltar para a Bolívia, vamos ficar um pouco por aqui." Ela disse: "Tá, tá bom. Vocês vão amanhã a tal hora que vou apresentar a outra pessoa lá na loja para vocês." E fui lá, fazia muitos anos que ela trabalhava nessa loja na rua São Bento, a dona já tinha confiança nela e tudo, era a gerente. Primeiro, ela foi balconista e depois foi subindo, foi subindo. Fomos à loja e conversamos com a dona: "Podemos fazer um bico para aprender o português." E nós queríamos aprender o português, fizemos tudo. E ela disse: "Semana que vem vocês já começam a fazer isso, para ver como vocês vão se dá." A outra menina

que estava comigo foi trabalhar num salão de beleza, pois ela adorava negócio de cabelo e nós fomos parar na rua São Bento.

Veio uma pessoa para mostrar camisa, calça e nós prestando atenção de como fazer. E deu certo. Fiquei três anos trabalhando na loja, quando vinha o fiscal a gente saía e depois voltava. Até que um dia ajeitamos os documentos. Hoje em dia tenho CPF, documentos de permanência, sou até aposentada no Brasil, estou totalmente legalizada.

Aprendi super rápido o português e em dois meses falava, era uma alegria só. Depois comecei a namorar um espanhol que era filho de português que morava aqui em São Paulo, foi melhor porque ele me ensinou ainda mais a língua portuguesa.

Depois de um tempo começamos a frequentar as festas bolivianas para saber como era. Tudo era novidade para nós; porque as mães na Bolívia eram muito agarradas nas filhas e caso tivesse uma festinha, tinha que ir com alguém, um irmão ou uma tia para vigiar as meninas. Quando vim para o Brasil tínhamos que nos cuidar, onde estava um, estava os outros, se uma saía, tinha que sair todas. A dona da pensão falava: "Olhe, até mais tardar, onze horas vocês voltem, senão, não deixo vocês saírem porque eu sou responsável por vocês todas. E sua mãe mandou uma carta para você, para Míriam." , "Tudo bem, não há problema." E quando saíamos, dizia: "Vai ser onze horas, vai ser dez horas." E tínhamos um amigo brasileiro que falava: "Não, fica mais um pouco, nós vamos levar vocês." , "Não, temos que sair agora." Aí ele saía e vinha nos deixar em casa. Era tudo legal naquela época, Nossa Senhora! Nós tínhamos medo porque não tínhamos documento, e o Brasil estava vivendo um período difícil onde os políticos eram todos militares, rigorosos e a gente tinha pavor daquilo. Não é como agora, você andava, andava, andava e ninguém mexia com você. Antigamente as pessoas respeitavam você na rua, respeitavam os idosos, adolescentes e ninguém mexia com as pessoas. Era uma coisa muito legal, eram severos, mas ninguém falava nada a respeito de política senão iria preso.

Depois que entrou Sarney tudo mudou, creio que foi ele que liberou tudo. O quê que deu nas pessoas? Ninguém respeita ninguém; a juventude está toda transviada, toda confusa; você só ver barbaridades. Eu sou contra tudo isso! Naquele tempo que entrei no Brasil, em 1963 era uma beleza. Mas tudo feito com muito cuidado, depois voltei para a Bolívia e entrei com o passaporte para dar entrada na documentação. Por que conhecia, e nem trouxe carteira de identidade, não sei como ninguém me barrou e tinha polícia em Corumbá. Mas a gente não perguntava, fazíamos fila. A condução de lá para cá era muito legal, você sofria porque era carente a condução de Bolívia até Corumbá. Hoje tudo mudou, o deslocamento é rápido, fui até por terra para ver como é que estava as estradas na Bolívia, e é uma beleza!

Atualmente, você viaja para Bolívia por terra, embarca na Barra Funda, digamos, meio dia, tem até um ônibus chamado Companhia Cruzeña que é da Bolívia; também existe uma agência brasileira chamada Andorinhas que vai até a fronteira de Corumbá com a Bolívia. Ao chegar em Corumbá entra na fila para passar na Polícia Federal para ver os documentos, liberam você para pegar o táxi, você compra a sua passagem de trem em Puerto Quijarro e às dezessete horas você segue com destino a Santa Cruz na Bolívia. No dia seguinte já está em Santa Cruz por volta das sete horas da manhã. Hoje em dia tudo mudou e não está complicado fazer essa viagem como era antigamente.

No ano de 2006 embarquei por terra só para ver como estava, porque até então só ia para a Bolívia de avião. Tinha medo das confusões que pudessem surgir. Depois uma amiga disse: "Por que você não viaja por terra?" , "Ah, não. A condução de Corumbá para a Bolívia é péssima! Não é muito boa." , "Não, agora mudou tudo, tá uma beleza!" E fui para ver se era verdade e gostei. Estou todo esse tempo no Brasil e não quis saber de viver em outro país. Nunca a polícia me parou para dizer se tenho documento, não. É um cuidado com estrangeiro, ao

menos comigo. Quando andávamos em grupo para conhecer o Brasil, não chamavam atenção.

Lembro que a antiga rodoviária era na avenida Duque de Caxias indo para a Estação da Luz, era a primeira estação de ônibus e saía para todas as partes. Era onde tem aquele cavalo, depois fizeram na avenida Tiradentes; fecharam. Era tudo pertinho, mudou muitas coisas, mas para o bem. Depois de um tempo casei. Fui à Bolívia em 1969, casei lá e tive um filho. Hoje ele tem quarenta anos e é casado. Voltei da Bolívia com o filho ainda pequeno e me separei. O marido ficou e estou aqui.

Meu filho mora em São Paulo, é casado e tenho uma neta de dezessete anos, estou sempre trabalhando, fazendo uma coisinha aqui. Aposentei-se na costura e costuro até hoje. Trabalhava em uma loja na Paulista na galeria 2001, costurava para a loja, fazia de tudo e continuo fazendo alguma coisa aqui em casa. Faço bainha de calça, mas já estou aposentada. Às vezes aparece alguma coisa para fazer e faço um bico aqui, um bico lá, vou levando para não ficar sem fazer nada. Nos intervalos de tempo frequento a Igreja da Paz na Pastoral do Imigrante e isso faz uns quinze anos.

Uma vez em um fim de semana apareceu uma amiga e disse: "O que você vai fazer amanhã?" Falei: "Não sei, só vou saber amanhã." Falei assim. "Sabe por que Lúcia, aos sábados tem uma missa.", "E aonde é essa missa? Por que tenho essa igreja aqui de lado." Frequentava a Igreja Coração de Maria. E perguntei; "Onde é essa igreja?" A igreja fica no bairro do Glicério. Nessa época havia um parque a caminho para a Igreja da Paz, perto de um posto de gasolina, era um parque japonês enorme, muito bonito. Isso foi mais ou menos em 1964 ou 1965. Casei em 1969, e durante todo esse tempo frequentei esse parque. Marcava de encontrar as pessoas no Parque Xangai. Uma vez uma amiga falou: "Lúcia, onde você mora?" E dizia: "Vocês conhecem o parque Xangai?" , "Conhecemos." Muitos marcavam encontro no Parque Xangai, tudo era no Parque Xangai; chegávamos e ficava esperando olhando a paisagem, era muito bonito. O acesso era muito fácil e você andava a pé, não havia metrô, só tinha ônibus. E andávamos a pé para conhecer a cidade, assim, conhecemos a Praça João Mendes, lembro que foi a primeira praça que conhecemos, depois foi a Praça da Sé onde frequentávamos as missas.

Conheci o Parque Xangai e essa amiga me convidou para ir à essa missa de Nossa Senhora de Urcupiña num sábado. "Vamos à missa." , ";Que hora que vai ser?" , "Vai ser de manhã." Por que era de manhã a missa e depois tinha a festa na igreja mesmo. Fui com essa amiga e aí conheci outras amigas que tenho hoje que são da Bolívia e não saí mais da Igreja Nossa Senhora da Paz. Assisti a missa, participei da procissão da Santa da Bolívia, depois servirão comidas e teve a festa. Ficamos até umas oito horas da noite. Hoje a festa é no Memorial e é tanta gente que o espaço está ficando pequeno. Mas naquele tempo a igreja e seu pátio comportavam o número de pessoas, era muito bonito.

Parece que a igreja Nossa Senhora da Paz tem cem anos. Assisti a um programa na TV cultura sobre o início dessa igreja, como foi que construíram, como começaram. Os bolivianos foram os primeiros juntamente com os chilenos que entraram na colônia na Igreja da Paz. Comecei a frequentar essa igreja em 1973, sei que fazia quinze anos que estava no Brasil e minha neta estava pequenininha. Antes frequentava outra igreja na rua Maranhão em Higienópolis. Conheci essa amiga e nem sabia onde ficava o bairro do Glicério e a igreja imensa de tijolinhos; porque foram os italianos que patrocinaram a construção dela. Ainda não existia nem os elevados da Radial Leste e o Elevado Costa e Silva. Quando retornei para assistir a primeira missa na Nossa Senhora da Paz não havia mais o Parque Xangai. Fiquei surpresa devido a mudança brusca na paisagem da região, porque tinha muito tempo que não ia, porque tinha ido para a Bolívia, casado e tempos depois retornado.

Depois de um tempo começaram a realizar a missa e a festa de Nossa Senhora de Copacabana e de Nossa Senhora de Urcupiña. Agora a região do

Glicério é cheio de viadutos, passarelas, elevados, um dia falei para uma amiga: "Devíamos pedir para prefeitura por um ponto de ônibus por aqui, porque a gente anda da Praça da Sé e desce; por que já fui assaltada lá. "A gente saí andando e até chegar na Igreja da Paz é um tempo. Não tem um ônibus que desça a rua e dê a volta, não sei se tem hospital atrás da Igreja, mas tinha o hospital no Carmo.

Para ir para a igreja andamos em grupo, subimos juntas até o metrô porque andar sozinha na região é perigoso, algumas pessoas foram assaltadas, e eu já fui. A gente fica até mais tarde na igreja, às vezes até dezessete horas e depende do que tivermos que fazer na Pastoral. Esse foi um período da minha vida logo que cheguei ao Brasil com vinte e dois anos. Agora estou com setenta e um anos e continuo indo na pastoral.

Casei na Bolívia e foi muito bom, mas quando tive o meu filho mudou tudo. Mudou porque vim para o Brasil. Não queria ficar na Bolívia; falei para o marido: "Você fica, mas eu vou.", "Mas como?" , "Eu vou embora para o Brasil." Minha família ficou, Nossa Senhora! Eu não quis ficar na Bolívia. Vim ter o meu filho no Brasil. Depois ele veio outra vez me buscar para me levar e disse: "Não. Vou ficar aqui. Você fica aqui se você quiser." , "Não, porque vou voltar." , "E eu fico aqui." Fiquei aqui e estou até hoje. Criei o meu filho, não faltou nada para ele, tinha trabalho, o Brasil me acolheu muito bem, as pessoas são muito simpáticas. Sempre que encontrava uma pessoa, parecia que conhecia há muitos anos. Trabalhei muito, até encontrar a minha comadre que foi madrinha do meu filho.

Nesse tempo conheci a minha comadre, o meu filho estava com dois meses, ele nasceu em São José do Rio Preto porque tenho uma prima que mora lá, e aqui não tinha ninguém. Era o primeiro filho e nem tinha idéia de como era, e ela: "Lídia, vem aqui um mês antes de você ter o Natan." Já sabia que iria se chamar Natan. "Ah, tá." , "Por que não posso ir em São Paulo, cuidado, é melhor você vir aqui em São José do Rio Preto." E fui a São José do Rio Preto, já conhecia a cidade e fui ter o beber lá e voltei para São Paulo quando ele estava com dois meses.

Conheci a minha comadre por intermédio de outra amiga. Era uma pessoa muito simpática e quando ela era jovem, solteira, estudava letras no Mackenzie. Conheci ela por intermédio dessa amiga, e ela tinha a mãe bem idosa e o pai dela tinha falecido naquele tempo. E ela falou assim: "Eu gosto do Natan." Fui na casa dela com a amiga para conhecer a mãe dela e a minha amiga disse: "É que conheço ela." E era da Bolívia e estava aqui. Tinha uma amiga minha boliviana que morava aí e cuidava dessa pessoa. E ela falou: "Vou te apresentar uma família que eu conheço, é uma boa pessoa. Ela perdeu o marido e está precisando de alguém.", "Ah, é?" Falei assim. "Vamos lá, estou passeando mesmo." Vim aqui para conhecer e era a Dona Glede, que acabou se tornando a minha comadre.

No primeiro encontro ela falou: "Lídia, seu filho vai ser o meu afilhado. Você dá para mim?" E eu: "Ele ainda não foi batizado." , "Quero ele para ser meu afilhado." Foi lá e pediu; nem conhecia muito bem ela. Naquela época ela era jovem e fazia letras. Lembro como se fosse hoje, veio aqui, ela tinha um sofá, e a mãe da minha comadre bebia de noite, ela bebia tudo, era uma coisa, ficava com tanta pena dela. Veio aqui e lembro: "Gostei do Natan." Falou ela. "Ele não vai sair daqui." Eu me assustei e disse: "Como assim?" , "Não, ele vai morar comigo." E como a minha amiga já conhecia eles há muito tempo, porque era secretária dela no escritório do seu marido, que era americano e trabalhava Recife e a comadre era paulista. Falei: "Não, não deixo o meu filho não." , "Ele vai morar aqui comigo." , "Ai, não." Falei assim. "Ela gostou de você." A minha amiga falou. E disse: "Não conheço essa gente." Falei. "É gente boa!" Ela disse que não ficaria trabalhando com a mãe da minha comadre porque têm dois filhos, marido, tudo isso.

Essa minha amiga era brasileira de Minas Gerais, estava aqui em São Paulo há muito tempo e falou: "Fica com ela." Fiquei com muita pena dela, por que ela saía para estudar e o irmão dela para trabalhar e mãe ficava sozinha. Telefonei para a minha prima em Rio Preto, contei o caso para ela e falei: "Tem uma senhora assim, ela tem uma filha e pediu o meu filho para ser afilhado dela." , "E você vai

dar para ela?" , "Eu falei que dava." , "Ela é uma pessoa boa e tudo." contei o caso que o meu filho não iria sair daqui; que fui visitar ela e não queria que eu sáísse, não queria deixar o menino sair, e falei para a amiga: "Ela é uma boa pessoa, ela está sofrendo, a Glede vai estudar e faz estágio em uma escola, não vem cedo para casa, a mãe fica sozinha todo tempo, às vezes passo aqui e subo, fico um tempo com ela, fica com ela, filha." , "Não conheço essa gente." Falei assim.. Ao conversar com a minha prima, disse: "Fica com ela. Vai ver que é uma boa pessoa, está precisando de alguém; talvez seja a hora que ela mais precisa." contei que a mãe da Glede bebia demais e que tinha uns sessenta anos.

Fique na casa da mãe da Glede e o meu filho estava com dois meses. Nossa, precisava ver; parecia que era neto dela, era impressionante. Depois fui para Bolívia, voltei e terminei ficando aqui com ela; vim e morei aqui com ela, com os dois filhos e tudo. Acabei me encaminhando com essa família. Sempre viajava para São José do Rio Preto, ficava fim de semana ou uma semana, às vezes um mês; e ela telefonava para ver como estava tudo. O tempo foi passando, o meu filho foi crescendo.

Depois veio o tempo do parquinho, jardim de infância, entrou na escola no primeiro ano, no segundo ano. Quando ele estava com sete ou oito anos fui para a Bolívia para ficar. Ele até chegou a estudar em uma escola na Bolívia, fiz de tudo, mas sempre em contato com essa família aqui. Fiquei na Bolívia, não cheguei a passar nem um ano, creio que fiquei uns seis meses; porque deu hepatite nele. Quando o meu filho ficou ruim retornei, e tinha ido para ficar de vez na Bolívia.

Isso foi em 1977. Fui para a Bolívia para ficar, porque falei: "Vou para a Bolívia porque é onde mora toda a minha família, os meus irmãos e tudo lá. Vou embora." , "Então tudo bem." Fui, cheguei lá, telefonei para ela que tinha chegado bem, que a viagem foi boa. contei a história para ela, que o Natan ia entrar no colégio, ela também ficou contente. E de repente o Natan ficou ruim com hepatite. Levei no médico correndo e ele disse: "Ele está com hepatite." Quando disse que estava com hepatite. "Ele vai ser internado urgente! Porque ele está com hepatite no fígado. E não pode comer nada que tenha gordura, tem que ficar internado." O quê que eu fiz: o internei. Dormi 25 dias dentro do hospital. Ele ficou bom e tudo, saiu, trouxe para casa. E falei para os meus irmãos: "Eu estou indo para o Brasil." , "Mas como?" , "Eu estou indo para o Brasil." E ele: "Nossa, ele vai melhorar." , "Mas estou indo para o Brasil." Arrumei tudo, vendi tudo que tinha levado e voltei para o Brasil. Quando falei para ele: "Natan, nós estamos indo para o Brasil." Ele falou: "Ai, que bom mãe!" Nunca vou esquecer esse momento. Toda vez que lembro, me emociono.... Ele disse: "Eu quero ir para minha terra!" E a terra dele era o Brasil.

Arrumei as coisas correndo e falei para os meus irmãos e eles entenderam: "Tá bom, minha irmã." , "Mas quando ele estiver maiorzinho virei outra vez com ele." Quando ele voltou estava com quinze anos. Ficamos uma semana lá e voltamos, e depois não fomos mais para a Bolívia. Voltamos para morar no Brasil e fiquei outra vez aqui. A Dona Glede mandou buscar um táxi para pegar a gente na rodoviária e viemos direto para a casa deles. A mãe dela estava doente de câncer. Ela estava pior ainda. E nós não deixamos ela nenhum minuto. A minha comadre me disse: "Ai, a minha mãe está com câncer, preciso de uma acompanhante." , "Tudo bem, estou aqui, vou cuidar dela." E o Natan estava rapazinho. E fiquei com ela, levamos no hospital. Ficou pouco tempo em casa e faleceu.

Nós fazíamos de tudo desde que tínhamos chegado da Bolívia; ela mandava carta; e até agora tenho as cartas guardadas que ela mandava. Todo ano vou para a Bolívia, quando não vou aos finais de ano, vou no começo de ano visitar a família, depois volto outra vez. O meu filho casou, a esposa dele é brasileira, a filhinha deles está com dezessete anos e é um graça.

E assim foi, quando voltei a mãe da Glede faleceu. Teve o irmão dela que também ficou doente. E falei: "Vou embora para São José do Rio Preto, vou morar lá." , "Não." O irmão dela falou. "Não, você vai e eu vou ficar sozinho?" E falei: "Eu

acho que tenho que ficar aqui, em São Paulo." Eu falei: "Mas eu sempre irei voltar." , "Mas vou ficar sozinho?" A minha amiga era casada, morava no Morumbi, irmã desse senhor, minha comadre, filha da mulher que ajudei a cuidar. O irmão dela era solteiro: "Não, fica comigo aqui." O chamavam de Li. "Olha aí o quê que aconteceu." O Natan também queria ficar em São Paulo e não queria ir para Rio Preto: "Mãe, vamos ficar em São Paulo." , "Ai, Natan." E ele: "Eu não quero ir para Rio Preto, quero ficar em São Paulo." E aqui tinha o colégio Claritiano, onde passou sua vida escolar, pois era só atravessar a rua e já estava no colégio. Assim, terminei ficando. Fazia uns quatro anos que ela tinha falecido, e depois de um tempo, o filho também faleceu.

A Dona Glede é casada, mora no Morumbi e tem três filhos. Sei que passei uma parte da minha vida com essa família e cuidei da mãe e do irmão da Dona Glede. Fiquei morando no apartamento e falei: "Eu vou embora de São Paulo." Falei para o Mário que estava indo embora para São José do Rio Preto. A Glede: "Não, você não vai, fica aí Lídia. Você e o meu afilhado vão ficar aí." , "Ai, não. Vou para São José." , "Não, podem ficar aí." Acabei ficando e estou nesse apartamento até hoje.

Moro nesse apartamento e nesse endereço há quarenta e cinco anos. O meu filho era pequeno, hoje tem quarenta anos, mas de vez em quando vou para São José do Rio Preto passar uns quinze dias com a minha prima, às vezes ela vem para cá, vou para lá porque a minha sobrinha trabalha no Mackenzie e mora na rua consolação, assim, sempre tem familiares meus aqui, ou, algumas vezes vou passear em São José do Rio Preto.

O meu filho mora em São Miguel Paulista em sua casa própria. O Natan queria que morasse com ele, mas não sei se vou me acostumar, ele é casado e não quero ficar tomando conta deles e na vida de casal sai sempre uma discussão. "Que é isso aqui, que é isso acolá." Como não quero ver isso, prefiro ficar na falta dele. E caso vá morar lá, quero uma casa separada, morar sozinha, mas que eles venham em casa me visitar. Mas morar todo mundo junto, não. Sei que tem um lugar para mim na casa deles, mas não quero, a minha neta até chegou a dizer: "Vovô, vem morar aqui, você vai dormir em meu quarto." Mas falei: "Vou dormir quando for fim de semana que vem, durmo aí com você." , "Não, é para morar aqui." , "Eu vou pensar."

Todos da minha família boliviana moram em Trinidad, Beni. E a minha mãe morou grande parte da vida em Santa Cruz, faleceu nessa cidade e todos os meus irmãos saíram de Beni e foram morar em Santa Cruz de La Sierra. Quando viajo daqui para lá, porque vou cada ano para Bolívia; fico três dias em Santa Cruz de La Sierra com todos os meus primos, filhos de minhas tias, que são irmãs de minha mãe. Fico três dias e depois vou para Beni, ver a outra parte da família que reside por lá. Fico em Beni até véspera da viagem e depois retorno para São Paulo. E assim tem sido a minha vida.

Tenho sete irmãos, mas comigo são oito. Sou filha do primeiro casamento da minha mãe e meus outros irmãos são do segundo casamento. Minha mãe casou duas vezes. Sei que me dou muito bem com todos eles, quando vou lá, é uma festa. Eles me acolhem bem, e o Natan gosta da Bolívia. Às vezes sinto uma saudade danada, se fosse pertinho, estava toda hora lá, mas já vimos que não dá, mas vou todos os anos.

A minha família trabalha no hospital, uma parte são enfermeiras, outras são professoras e dão aulas na Escola Estadual, outros estão estudando advocacia, todos trabalham. Alguns estão aposentados; outros fazem um bico aqui e outro lá. E o meu sobrinho disse: "Não precisa, ela faz porque ela quer." , "Não." , "É que ela quer se distrair." E quando vou lá digo: "Vou prender esse zíper nessa saia." E assim, cada um faz a sua vida, cada um tem a sua própria casa. Tenho três imãs que são professoras, tenho outro que trabalha com costura e tem uma oficina de costura produzindo roupas. Tenho outro sobrinho que está em La Paz, estuda e trabalha lá, os outros trabalham em Trinidad. E esse ano alguns virão conhecer o

Brasil. E tenho uma irmã que ficou doente do seio, ficou mal, uma semana antes de vir aqui, sei que levaram urgente para Santa Cruz de La Sierra. Eles não quiseram vir e agora tenho que ir no fim de ano para ver eles. E esse foi o motivo de elas não virem para cá e o meu motivo de ir para Beni. Vamos ver até o fim de ano como é que ficam as coisas. Não sei se espero elas ou se vou para lá. Mas a minha família está bem. Minha mãe faleceu, meu pai faleceu, só ficaram os irmãos, um acolhe o outro.

Quando o meu pai faleceu tinha dois anos, não cheguei a conhecer o meu pai, mas todo mundo conhecia ele; quando vou lá, Nossa Senhora! Contam tanta história dele, dizem que era uma pessoa muito boa, falam que se ele estivesse aqui eu não estaria no Brasil, não estaria nos Estados Unidos. "A minha filha vai ser assim e tudo." Só que ele faleceu quando tinha dois anos, e a minha mãe faleceu quando o meu filho estava com dois meses, estava aqui no Brasil e ela estava lá. Não cheguei a vê-la antes de falecer: "Não tive aquela hora lá." E já faz quanto tempo? Faz quarentas anos e o meu filho era bebezinho. E assim é a vida, tem cada história.

Sabia que a minha mãe estava doente e que era o fim dela. E naquele tempo não havia muito recurso para viajar. Não tinha dinheiro e era tudo certinho, até cogitei a possibilidade de ir, mas a comadre queria que deixasse o meu filho; e não queria deixar ele, era uma coisa que podia ir, mas ele ter que ficar; e se acontecesse alguma coisa com ele iria me culpar para resto da vida. Acabei ficando e não vi a minha mãe partir.

Quando cheguei ao Brasil, a cidade me chamou muito a atenção, era muito bonita, acolhedora, limpa e as pessoas eram muito gentis. Tudo era bonito, o Masp, o Teatro Municipal, toda essa redondeza, era um luxo. A Praça da República era linda, tudo arrumadinho. O colégio Caetano de Campos na Praça da República que agora é a Secretaria da Educação era um luxo; passava numa rua em frente do colégio; na praça, do outro lado era uma rua por onde entrava os carros para pegar os meninos no colégio. Olha a diferença, mudou, agora é tudo um só. E a praça era limpa, tinha um lago lá que era lindo, onde se podia enxergava o fundo. Os patos eram tudo bem cuidados, pessoas vestidas de forma elegante, as pessoas eram muito elegantes naquela época.

As pessoas andavam de vestido, de saia, de chapéu, de luva, agora andam de chinelo, de bermuda. E na Bolívia as pessoas eram elegantes também. Quando vinha do bairro para o centro era tudo diferente. Perto do Masp tinha uma loja que era um luxo a loja Masp; o Teatro Municipal em frente, onde estão as lojas Marisa era um chá da tarde, muito elegante, quando você ia tomar a sua xícara de chá era um luxo! Era um luxo tudo isso daí. Quando vou lá e procuro onde que estão os lugares bonitos, não consigo ver nada bonito. No Anhangabaú havia cinemas desse lado de cá, descendo aquela praça, onde passa o ônibus elétrico, não me lembro o nome que chamavam aquela praça, que agora tem a praça, mas está tudo diferente. Quando você descia o Anhangabaú, desse lado de cá havia um cinema, mas derrubaram o cinema, que era um luxo.

O cine Olido era luxuoso; o metrô e o cinema pareciam um palácio. Avenida São João, onde desfilavam os blocos de Carnaval e as Escolas de samba, era magnífico. O carnaval começava na avenida São Bento e descia a avenida São João. Nesse tempo não tinha viaduto, era só a avenida São João. Na praça da na avenida São João havia uma arquibancada que descia para a avenida, inclusive, o prefeito da época era o Faria Lima. Olha a minha cabeça, o Faria Lima mandou fazer isso. Depois da Ipiranga, ele mandou fazer outra arquibancada para incluir o número de pessoas. O atual cine Olido era na avenida São João, na avenida Ipiranga tinha outro cinema enorme; sei que eram quatro cinemas que tinham na avenida São João e um teatro com o nome da atriz que morreu aos 102 anos, Teatro Derci Gonçalves, atualmente fechado.

Aos poucos os lugares bonitos da cidade foram se perdendo. A Praça João Mendes e a Praça da Sé eram lindas, não havia metrô naquela época, só jardim.

Hoje é difícil perceber porque alguns edifícios foram demolidos para construir o metrô. Um dia fui andar na Praça das Bandeiras e está tudo diferente, não reconheci; outro dia cheguei na rua Santo Antônio que desce para a Praça da Bandeira, era de chão de terra, não havia asfalto, quando chovia era um barreiro só. Onde hoje é um ponto de ônibus era tudo arborizado; havia uma boate e você descia e era tudo mato. O edifício São Paulo era um luxo junto com o Lago da Memória.

Nesse lago os homens que dormiam na rua iam lavar as suas roupas, você passava e os via; acho que foi por isso que fizeram a Praça das Bandeiras. E assim era São Paulo, um luxo! A praça do lago era um lugarzinho aonde todos iam lavar as suas mãos, os que dormiam na rua; e São Paulo era assim, enorme de luxuosa. As boates funcionava de noite, mas não ia para lá porque tinha medo de sair à noite. Nesse tempo ainda não existia esse viaduto idealizado pela secretaria do deputado Maria Paulo, nesse tempo não tinha nada, era tudo arborizado; só essa rua tinha asfalto. Tudo isso eu vi quando tinha vinte e dois anos. Todos os lugares do centro eram bons, a parte da Praça da República, da avenida Anhangabaú, a avenida São João e Ipiranga, terraço Itália; avenida São Luis era tudo agência de turismo. Nos bancos você encontrava galerias de jóias, aquelas vitrines lindas de jóias em frente da praça da República, de um lado eram só galerias de jóias. Nossa, costume falar assim: "Naquele tempo que conheci valeu a pena, agora me dá uma tristeza." É gente dormindo na rua, um monte de lixo, é tudo. Você perdeu a beleza de São Paulo, principalmente depois que começaram a fazer os shoppings. A paulista daquele tempo era bonita, tinha muitas casas térreas; tinha uns corredores todo com grama e algumas galinhas, nessa casa moravam os Matarazzo, que eram donos dos cafés e eram muitos ricos. Tinha muitas casas bonitas, agora é difícil, pois antes conhecíamos tudo.

Passeávamos e ninguém mexia com a gente, se era meia noite, onze horas, passeava assim. Agora, vá passear lá e será assaltado. Lembro que na avenida Brigadeiro Luis Antônio tinham casas lindas dos barões do café que moravam... São Paulo era uma cidade bonita... Quando conheci a avenida Angélica e a Santa Casa era a coisa mais linda e ainda tinha um bonde que nos deixava bem próximo do lugar...

O bonde vinha da praça João Mendes até a Maria Paula e ia até a Santa Casa. A gente descia de bonde para ver algum amigo que estivesse doente, porque gostava muito de conhecer pessoas e a cidade de São Paulo. Mas sinto pena da forma de como a cidade está sendo cuidada, o prefeito deveria cuidar um pouco mais, poderia fazer casas para colher as pessoas que moram na rua. Por que lá na Bolívia, em Trinidad, há um galpão enorme onde ficam e cuidam das pessoas que moram nas ruas. Quando as famílias não querem eles ou eles não querem ficar com as famílias, enviam essas pessoas para esse espaço. E na Alemanha, onde estive também, elas cuidam deles. Você não vê um mendigo na rua, um coitadinho na rua.

Conheço a Alemanha porque tenho uma sobrinha morando lá, ela é casada com um alemão. Fui em abril de 2006 no fim da neve e voltei no mesmo ano, fiquei três meses. Lá as ruas são muito limpas, nem buzina você escuta; como aqui "bi, bi, bi..." É a falta de educação das pessoas ficarem buzinando à noite; as motos e carros passam e parece que vão levar tudo que encontram na frente; é uma falta de educação! E na Alemanha não vi nada disso. Eu me apaixonei por São Paulo até hoje, agora não saio mais daqui, estou com setenta e um anos; já vivi muita coisa e só posso lamentar pelas coisas que acontecem atualmente, por tudo está assim.

Quando cheguei estranhei muito o idioma porque queria falar, mas não sabia como iria fazer isso; prestava muita atenção em como os outros falavam, quando ia à padaria ficava olhando como as pessoas pediam os produtos, e assim, fui pegando as palavras e depois de um ano residindo aqui conheci esse filho de espanhol, brasileiro, fizemos amizade e aprendi um pouco mais a língua portuguesa. Tornamos-nos amigos não com o fim de namorar, mas com o fim de

fazer amizade, e calhou e nós nos apaixonamos; e ele falava: "Não, vou lhe ensinar o português." E era toda desengonçada para falar, ele comprava revistinhas e me trazia para ler, trazia gibi e de tanto ler gibi acabei aprendendo. Fui aprendendo tanta coisa e cada vez mais fui me entusiasmando com o português; depois fiz até amizade com uma menina brasileira. Como me divertia nessa cidade; e não tinha documento, não tinha nada, dizia: "Se a polícia souber que estou sem documentos, vão me levar presa." Era muito cuidadosa naquela época. Em 1963 ou 1964 era a época da ditadura, não sei qual era o governo, acho que foi aquele presidente que morreu, o Jânio Quadros ou aquele outro que fez Brasília, o Juscelino. E tudo isso vivi nessa época quando ele faleceu 1963, ou 1964.

Saíamos de noite até umas nove horas ou dez horas da noite, mas tinha que voltar correndo para casa, nós não ficávamos assim como ficam os jovens atualmente que dormem nas casas dos amigos, antigamente não tinha isso. Voltávamos para dormir em casa antes de onze horas, meia noite. Ficávamos em casa contando as histórias que tínhamos muita festa boliviana, porque a colônia boliviana, os que chegaram primeiro aqui no Brasil, Nossa Senhora, faziam cada festa na avenida Paulista; era em um clube que nem existe mais chamado Abílio Soares, o clube ficava em uma travessa da Paulista.

Depois as festas começaram a ser realizadas no clube dos militares, as festas eram muito chiques, agora já não são mais e também não costumo frequentar como antes. Hoje as festas dos bolivianos acontecem no da avenida Tiradentes. Também tinha um clube que gostava de ir que ficava no Shopping dos Bandeirantes, as pessoas andavam bem vestidas, de terno, era chiquérrimo! Agora não é assim porque já misturou tudo. Mas aproveitei bastante a juventude. Adorava dançar, adoro conversar com as pessoas nas festas. Hoje não acompanho mais como antigamente, agora vou na Igreja da Paz, terminando tudo, volto para casa. Ficávamos nas festas da igreja ajudando a organizar.

Adoro musica! Adoro música clássica, tango, a música da minha terra, músicas brasileiras, samba, tudo eu gosto. Da música brasileira gosto daquele conjunto do Zezé de Camargo e Luciano, gosto de música caipira, música sertaneja; gosto de todos os cantores que estão fazendo sucesso. Gosto de música espanhola e de bolero. Quando estou sozinha coloco música e parece que estou em festa. Gosto de receber pessoas em casa, gosto que me visitem, gosto de sair e também gosto de ficar em casa. Quando estou a fim de sair saio, e quando não, fico curtindo a casa. Atualmente tenho duas pessoas que moram aqui comigo.

Tive e fiz muitos amigos no Brasil; quando conheci a Marta, ela morava nas ruas das Palmeiras e o marido dela. Quando eles me convidaram para ir a uma festa, eram com todos os bolivianos. Conheci o meu marido e conheci o marido da Marta nessa festa, acho que a amizade começou em 1964; faz mais de quarenta anos essa história. Quando o meu filho completou dois meses conheci a Marta; agora o meu filho tem quarenta anos, mas já conhecia o Marcos antes de conhecer a Marta, quando eles eram solteiros. As mulheres eram solteiras, e aí todas casaram com bolivianos, outras casaram com brasileiros, outras moram aqui e outras voltaram para a Bolívia.

Do grupo de pessoas que vieram comigo na primeira viagem que fiz da Bolívia ficaram três, uma casou com um menino de São José do Rio Preto, outra casou com um rapaz daqui de São Paulo e eu com esse boliviano, os outros voltaram. Teve uma que casou com um brasileiro e foi morar na Bolívia, ela ficou grávida e tudo, teve o seu neném na Bolívia e chegou a falecer de parto. Aí o marido dela voltou sozinho e foi morar em São José do Rio Preto. Assim, uns voltaram e ficaram na Bolívia, outros ficaram no Brasil.

Trabalhei em muitos lugares, naquela loja como balconista, depois fui trabalhar em uma loja na avenida Paulista e depois fui cuidar dessa família onde passei a residir e que moro atualmente. Eles me pagavam, tinha que dar atenção para eles e tinha um carinho muito grande pelo irmão dela.

Eu tenho um carinho muito grande pela mãe da Dona Gledes; até que ela e seu irmão faleceram; ele era um amor de pessoa. O nome dele era Claive Aly Ranicato, eram americanos; e ela se chamava Violeta Ranicato; e a minha comadre chama Gledes Ranicato e mora no Morumbi; têm 3 filhos homens casados, duas netinhas e de vez e quando aparece aqui para tomar café, chá e assim a família foi tomando os seus rumos. Dona Gledes já foi na casa do meu filho lá em São Miguel Paulista.

Trabalhei, trabalhei e me aposentei em 1999. Sou de São Paulo, do Brasil. Apaixonei-me por São Paulo, não sei o quê essa cidade tem que faz a gente se apaixonar! Essa cidade pega a gente, Nossa Senhora! Eu não consigo sair, vou para a Bolívia e quando chego lá dá uma saudade danada de São Paulo; e penso: "Ai, como será que está São Paulo?" E telefono para cá: "E como que está São Paulo?" , "Ah, São Paulo está bem e tudo." Aí o meu filho, a minha nora e a minha neta falam: "Ai vó, quando que você volta?" , "Espera um pouco, estou aqui há dois dias, três dias e nem sei quando que volto." E assim, sinto muito falta de São Paulo, e quando chego aqui sinto falta da Bolívia também; afinal de contas eu fico nessa eterna separação entre dois mundos!

Às vezes viajo de avião e às vezes viajo por terra. Gosto de perceber se mudou alguma coisa, se estar bonito, se estar feio. E reclamo do meu país, falo mal do presidente: "Puxa a vida, desde que tinha vinte e dois anos isso não melhorou? Que presidente nós temos que não vale nada?"

Agora ninguém prende ninguém, agora tudo é Democracia. Mas tenho que falar que a democracia é isso. Eu tenho que falar. Gosto do presidente Lula, mas não gosto de todos os políticos, gosto do prefeito Gilberto Cassab. Quando o meu filho foi morar em São Miguel Paulista, era um bairro mal cuidado, cheio de mato, as ruas sem calçada, era tudo meio largado. De repente, foi melhorando São Miguel; o prefeito de lá foi modificando as coisas; não conhecia muito esse bairro, só conhecia a casa do meu filho; perguntavam e respondia: "Ah, bueno, não conheço." A avenida Tito que agora já sei de nome, não conhecia, só conhecia o endereço e o ônibus que pegava para ir a casa do meu filho. As pessoas pediam informação de endereço e não sabia falar. "Mas fica em São Miguel." , "Mas não moro em São Miguel, moro na cidade, em Santa Cecília." , "Ah, a senhora não é daqui não." , "O meu filho que mora aqui, minha nora que mora aqui."

Fica na Zona Leste da cidade e a Marta Suplicy quando entrou, fez uma avenida muito bonita e a rua, atrás da casa do filho, está tudo asfaltado, tudo era estrada de terra; era um matagal e as pessoas tinham medo de andar porque a história de ladrão no bairro. Hoje em dia tudo é bonitinho.

Hoje acompanho as missas na igreja e do cerimonial antes das festas, não para as festas dos bolivianos. Agora, as festas de 06 de agosto acontecem no Memorial da América Latina na Barra Funda; geralmente um sábado e um domingo, e as coisas vão mudando com o tempo. Sei que vem muita coisa encomendada da Bolívia para as festas. Grupos folclóricos, bandas de músicas, artesanatos, roupas, uma parte das coisas da festa vem da Bolívia, e ela agrega muita gente.

Acho que o consulado ajuda nas festas, grande parte dos donos das oficinas e dos pequenos empresários ajudam na festa. E como a acesso se tornou mais barato as pessoas tem conseguido trazer muita coisa da Bolívia.

Não gosto do atual presidente da Bolívia, do jeito que ele governa, porque ele está governando e deixando o povo de lado. Devia era abrir portas para deixarem os bolivianos trabalharem lá, fazer as coisas para lá. E não, todo mundo vem para cá, para o Brasil, principalmente, jovens com vinte e dezoito anos já estão vindo para cá. Aqui a polícia pega porque eles bebem muito, chegam até a levarem presos, a ainda tem o agravante da documentação. É lamentável.

Acho que vem muita gente para o Brasil porque o governo não vale nada, não fico contente com esse governo. Se o governo fizesse o deles, criassem trabalho para o povo, montasse fabricas, essas coisas, as pessoas não teriam necessidade de ir para outro país, ficariam lá trabalhando. Mas ele vem para cá

arriscar a vida; vem muita gente de lá para cá, porque não estão contentes, há empregos para uns e não há para outros. Alguns ficam no Brasil, outros voltam, outros vão presos por não terem documentos.

Quero o melhor para São Paulo, uma cidade limpa, tirar esse lixo da rua, levar essas pessoas que dormem na rua em um lugar onde todos possam dormir, tomar café, tomar banho e deixar a vida nas ruas. A limpeza de São Paulo, para ser uma cidade limpa. Nunca mais tive o prazer de sentar em uma praça, a praça da República é um espaço sujo, com pessoas dormindo no chão. Nos dias que vou à cidade vejo tanta coisa errada que procuro não sair mais.

Perto de casa tem um shopping, tenho ido me distrair porque não dá para frequentar os outros espaços. Quero uma cidade limpa, sem pessoas dormindo na rua, temos que ensinar as pessoas a não jogarem lixo nas ruas, não fico contente com nada disso. Gosto muito de São Paulo e do Brasil, apesar de não conhecer tudo. Não posso dizer: “não, eu conheço tudo.” Conheço Santo Amaro desde quando iniciaram a construção das primeiras casas, costumava ir para o bairro porque tinha uns bolivianos que por lá moravam; e grande parte do bairro era mato. Um dia fui para o lado de Campo Limpo e fiquei perdida, edifícios novos; porque ia na casa de minha comadre e tudo era mato, agora, só tem edifícios em volta de tudo. Lembro que tinha a favela Real Parque. O meu menino andava de bicicleta e chegava sem bicicleta chorando; por quê? As favelas pegavam as bicicletas dele; olha a diferença, era um bairro caríssimo, só mora lá quem tem e nem com dinheiro moraria lá, é melhor morar no centro onde percorro tudo a pé, ando de metrô e ônibus e não acontece nada comigo.

Ontem fui em uma novena do Peru na casa de uma moça e foi a coisa mais linda. Todos os bolivianos que frequentam a Igreja da Paz, foi um momento muito especial. Foram dois padres realizar a missa nessa novena realizada em Embú. Na novena cada um conta a sua história, como estou contando a minha. Chegamos umas seis horas, tomamos café e almoçamos nessa casa e saímos de lá por volta das seis horas da tarde. Cada um retornou para sua casa; e diziam: “Ah, vamos para cá?”, “Não, não.”, “Vamos no memorial porque tem uma peça de piano?”, “Não, quero ir para casa.” Estava cansada, ia chegar em casa e deitar para descansar.

Sei que nos deparamos com muita novidade ao chegar a um país. Geralmente, não falamos o idioma, como o Padre Mário disse: “Nesse país ninguém fala inglês, ninguém fala outro idioma, mas chega um e complementa.” O complemento, o afeto da pessoa para outra pessoa é muito forte no Brasil, as pessoas já acolhem a gente como se fosse da família. Foi o que aconteceu comigo; olho os brasileiros e brasileiros daquela época e os de agora; como mudou, mas nunca fui maltratada por ninguém. Com a idade que tenho, com o tempo que tenho no Brasil, há quarenta e cinco anos, nenhum brasileiro me maltratou, nem me xingou. Sempre com as amigas da pastoral, com as que frequentam a igreja.

Tive muitas aventuras no Brasil; cheguei a namorar um bancário que era do Egito e a sua mãe era francesa. Ele trabalhava no Citibank na avenida São João, começou sua carreira nesse banco, hoje tem seu próprio escritório. Eu o conheci na praia, ele falava: “A minha família mora em São Paulo e tenho dois irmãos.” Faz tanto tempo que não sei como ele está. Ele dizia: “Que bom Lídia, você gosta do Brasil?”, “Gosto do Brasil.”, “Minha mãe dá aula de francês. A minha irmã casou com gente de lá que vieram morar aqui no Brasil.” Ele estava há muitos anos no Brasil e me convidou para sair. Sempre saíamos acompanhados de amigos, porque um dia disse: “Eu vou levar uma amiga.” E ele: “Não tem problemas.” E fomos à sorveteria, isso foi em 1965. Saíamos, mas era tudo na esportiva e na brincadeira. Íamos ao cinema, para praia de Santos, andávamos de trem, era uma beleza!

Antigamente íamos para praia de Santos de trem; combinávamos de sair às seis da manhã, embarcávamos na estação da Luz. Chegávamos e íamos comer alguma coisa e depois seguíamos para a praia. Assim, não tinha malícia, a gente conversava, tudo era brincadeira; quando dava cinco horas da tarde a gente se

vestia para ir para São Paulo, chegava em casa e descansava para o dia seguinte ir trabalhar. Nessa época trabalhava na avenida São Bento e era assim o meu namoro. Depois um tempo namorei outro bancário também, não me lembro em que banco trabalhava; mas esse chamava-se Brás e não era de São Paulo. Sei que ele queria casar comigo, mas não estava a fim de casar naquele tempo; e falei: "Não, ainda não penso em casar. Quero passear, conhecer pessoas e lugares.", "Então, vamos conhecer na minha cidade.", "Não."

Depois de um tempo conheci outro rapaz, mas namorei pouco tempo. E assim coincidiu a época que conheci esse filho de espanhol, depois ele foi para Brasília, estava estudando engenharia; e aí acabou o namoro. Ainda chegamos a nos falar, trocar cartas, mas não vingou. E depois desse período conheci o meu ex-marido, e só tenho notícias que ele está na Bolívia.

Hoje não quero me casar com ninguém porque não quero perturbação na minha vida. Saio, não tenho hora para chegar e nem para sair. Hoje a minha vida se restringe ao círculo de amigos que criei na Pastoral. "Lídia, vamos a tal lugar tomar um chá, vamos à casa de fulana de tal, cada um leva uma coisa.", "Vamos!" Quando alguém faz aniversário convidamos todo mundo; ou telefonam: "Lídia, estamos convidando você, tem um grupo que irá nos pegar, até o padre vai." Às vezes quando ia viajar, digamos assim, um tempo viajei para Curitiba, para o Rio Grande do Sul, para o Rio de Janeiro, para Niterói, para Cabo Frio; e todas as viagens foram feitas com o pessoal da Igreja. "Vamos?" , "Vamos." E nunca deixei de ir por ninguém.

Mas tenho amigos que são bolivianos e que não frequentam a Pastoral e frequentam outras igrejas. "Lídia, vamos a tal cidade?", "Vamos." E aí o telefone toca e é o meu filho: "Natan, estou viajando para tal lugar." E assim vou seguindo a minha vida. O tempo passa e a gente vai mudando a vida da gente; mas posso dizer que aproveitei muito a vida, não me arrependo de nada.

Minha infância foi assim... Até os três anos vivi com a minha mãe e logo depois meu pai faleceu. Fui morar com meus avôs, os pais de meu pai; e minha mãe sentia muita saudade de mim, foi me buscar, mas os meus avôs não queriam deixar-me ir. Sei que os meus avôs ficaram chateados e passaram um tempo sem falar com mãe, ficou aquela rinha. Tenho muitos primos e sempre andávamos juntos. Aprontávamos cada uma...

Tinha uma casa que tinha plantação de goiaba, de manga; era um lugar diferente, bonito. Como éramos crianças nos enfiava em tudo; e quando não tinha gente na casa, subíamos nas árvores para catar fruta; e era eu quem comandava a turma, tudo que falava eles faziam. "Não, vamos pegar essas mangas lá." Subia nas árvores, e nesse tempo não se usava calça comprida, era saia, mas embaixo da saia tinha um short. Geralmente esse short era roupa de educação física da escola porque não se usava calça comprida, era saia ou vestido.

A minha saia e o meu vestido eram todos rasgados, a gente se enroscava em tudo e rasgava. Quando via que o meu vestido estava rasgado ia na casa da minha tia costurar ele antes da minha mãe ver, senão, levava uma pisa, a minha mãe era braba, mas mesmo assim a gente aprontava muito. Subíamos nos pés de fruta para colher, lembro que tinha uma fruta pretinha, como jabuticaba, que chamam por outro nome lá. Eu chacoalhava o pé e caía tanta frutinha; recolhia e colocava na sacola. Com a goiaba a era a mesma coisa.

Quando era adolescente por volta dos treze, quatorze ou quinze anos adorava festas: "Vamos fazer alguma coisa em sua casa?", "Não, em minha casa não pode ser porque a minha mãe não vai deixar.", "Então, na minha casa." Dizia. "Vamos fazer um chá". Convidávamos as amigas e cada uma levava uma coisa.", "Está bom.", "Você vai e eu vou." E cada uma levava uma coisinha ou outra, e a mãe de uma delas, arrumava a mesa, e nossa: "Anotávamos música e ia todo mundo para dançar." E de repente aparecia o pai de uma delas para ver, e estávamos dançando e tudo. Geralmente os encontros eram no sábado; fazíamos isso também em nossos aniversários. A gente brincava e se divertia muito.

A juventude da minha época era diferente. Caso a mãe dissesse: "Você não vai." Não ia. Fomos criados em casa e se fossemos para algum lugar tinha que ir com ela ou com algum irmão ou alguma pessoa responsável. Tinha que voltar na hora que ela mandava chegar; e se chegássemos tarde da próxima vez não íamos. Caso dissesse: "É dez horas." E chegássemos onze horas, no dia seguinte ela dizia assim: "Em outra festa você não vai.", "mãe, por que?", "Por que você não cumpriu o horário que a sua mãe falou.", "Tá bom." E o que fazia? Chamava as minhas amigas para fazer festinhas lá em casa. Em nossa época tudo era motivo de festa. Gostávamos de ouvir a rádio e antigamente os discos eram de vinil; tínhamos; nos encontros um levava o aparelho de som, outros traziam os discos e ficávamos brincando. É uma pena que a juventude tenha mudado tanto. Sei que agora é outro tempo.

O meu filho nunca discutiu comigo, sempre falava: "Natan, no meu tempo era assim e é assim que vou educar você." E o eduquei conforme os meus princípios e aceitou, nunca o Natan dormiu fora de casa ou na casa dos amigos, a não ser na casa do seu primo em São José do Rio Preto porque costumava viajar para lá, mas na casa de amigos, de sair e não voltar, nunca, e nunca me respondeu. Quando falava ele ficava caladinho. "Tá bom mãe, desculpe-me!" E é assim até hoje, falo quando não gosto de alguma coisa. "Natan, você não percebeu o que você fez?" Mas bem na frente da minha nora, e ele: "Não, mãe.", "Ah, você fez isso, isso e isso. Você precisa prestar atenção.", "É mesmo mãe, desculpe-me!" Sou assim também com a minha neta.

Temos que saber dialogar com essa geração, para que os filhos também não se alterem com a gente e que a gente não fique com raiva deles. Temos que ser amigos deles, saber explicar as coisas, explicar o perigo da vida, porque tem amigos que gostam de se aproveitar, tem amigos que não são amigos. Tem de tudo nesse mundo. A juventude de hoje partem para a ignorância, partem para a briga. Eu vejo coisas na televisão, na escola, acho lamentável. O mundo inteiro está assim, em São Paulo, nos Estados Unidos, na China, onde que não tem isso? Mas se a gente souber educar eles os filhos, eles não chegam até esse extremo. Às vezes os pais dão muita liberdade e não interferem na vida dos filhos. A educação deve começar cedo, ainda quando crianças porque senão começam a crescer e vão achar que podem gritar e fazerem o que quiserem.

Educar dá muito trabalho e muito medo. Eles são incompreensíveis e quando não querem fazer o que eles querem, olhe. Quando vê: "Ah, aconteceu isso com o seu filho, olha isso." Tanto a moça, quanto rapazes. Tem moças que escutam os mais velhos e tem moças que não escutam, querem se divertir; eu também me diverti muito, mas com prudência. E o mundo é perigoso, acontece as coisas nas ruas, drogas. E Isso é lamentável, tenho minha neta e não sei, ela está crescendo e não sei como será a cabecinha dela; tenho os meus sobrinhos, netos, também, na Bolívia e não sei. Às vezes os pais abandonam os seus filhos e esse é outro problema.

Na Bolívia temos um modo de cozinhar um prato típico, na minha cidade chama-se *marradito*. É um arroz com charque, banana frita e uma salada e um ovo frito. Sei que fazem isso no Rio Grande do Sul, mas é totalmente diferente. Tem outro prato chamado *turguré*, é um creme de milho que se come com leite de manhã na hora do café. Tudo pode faltar, menos isso. É uma delícia! La Paz tem suas comidas típicas, Chochabamba, Oruro, Potosí, Tarija também. Cada cidade tem, mas eu não sei fazer.

Esses pratos não são feitos nas festas realizadas na Pastoral do Migrante; dependendo da cidade que irá cozinhar os pratos mudam. Não me atrevo a cozinhar para muita gente porque erro a mão. Às vezes o pessoal fala: "Lídia, faz um marradito.", "Não, não. Tem que fazer para muita gente e eu nunca cozinho, pois só cozinho para um máximo de dez pessoas. Tem vezes que convido oito pessoas, cinco pessoas e é diferente. Cozinhar para 180 pessoas, 200 pratos é muita coisa. Eu não prometo fazer, eu prometo ajudar."

4.1.11. Guillermo Salazar

Eu me sinto bem ajudando as pessoas, faço de coração, com fé, com carinho e com o Espírito Santo sempre iluminando a gente. Cada um de nós é parte importante do mundo. Sou muito religioso e acredito muito em Deus!

Conserto de guarda-chuvas – Mal as nuvens carregadas aparecem no céu e já surge pela cidade a dança de guarda-chuvas. A maioria em indícios abastecidos, o barato, porém, às vezes sai caro, uma tempestade mais forte e eles abriram ao contrário. Qualquer problema, seja com tecido, armação, cabo ou acabamento, Guillermo Salazar pode resolver. Boliviano, naturalizado brasileiro, ele é proprietário da loja El Condor, a referência ao pássaro é para não perder as raízes, a cultura da terra natal. No ofício, desde 1960, Guillermo não só conserta como vende guarda-chuvas e sombrinhas, há desde os caros modelos italianos e, os já japoneses, e até outros mais em conta. “Existem classes sociais diferentes, preciso atender a todas” reconhece, não é miserável quem pede a reforma, o guarda-chuva pode até ter valor sentimental: a relíquia deixada pelo avô, presente do pai ou do namorado. No mesmo endereço também funciona uma papelaria. (Sr. Guillermo inicia a entrevista por meio da descrição de sua loja em um dos guias de compra da cidade de São Paulo).

Sou comerciante, atualmente mudei de ramo e trabalho um pouco com venda, cópia e plastificação de documentos. Cheguei ao Brasil nos anos 1960; passei por todas as crises, inclusive, a ditadura militar. Fiz muitas coisas boas, porque a vida é uma coisa contraditória, por isso, estou me reportando a essas coisas, mas me considero uma pessoa feliz junto com a minha família, com meus filhos e com a base espiritual que tenho. Sou muito religioso, desde quando morava na Bolívia freqüentava igrejas. Sou uma pessoa muito conhecida no meio do qual faço parte, pois faz trinta anos que estou no Brasil e frequento a Igreja Nossa Senhora da Paz, mais conhecida como Pastoral do Imigrante.

Sempre trabalhei muito e ajudei muitas pessoas. A minha esposa é uma das mulheres que cozinha nas festas religiosas da Igreja Nossa Senhora da Paz, é muito voluntária, sempre acompanha os serviços na igreja. A cada fim de mês tem um almoço que é servido depois da missa do meio dia com comidas típicas da Bolívia e nós sempre que podemos estamos presente. Existe datas e finais de semanas estabelecidos para os almoços do Peru, da Bolívia, do Paraguai, do Chile, de todos os países. Nós ajudamos os outros porque queremos ser ajudados.

Essa foto ilustra o momento que fui passante na festa de Nossa Senhora de Copacabana, a padroeira da Bolívia. A gente trouxe a imagem da santa e o bispo da Bolívia para uma das comemorações da festa de Nossa Senhora de Copacabana e a da Virgem de Urcupiña. Na época, os padres não sabiam quem era a padroeira da Bolívia, pensavam que fosse a Virgem de Urcupiña, depois de um tempo descobriram que a padroeira era a Virgem de Copacabana. À medida que novas famílias e pessoas chegavam ao Brasil aumentava o número de devotos e depois se propagou o conhecimento sobre os santos da Bolívia, até então, eram desconhecidos pelos religiosos e pelo povo brasileiro.

Existiam famílias cochabambinas que faziam festas em homenagem a Virgem de Urcupiña. Então, trouxemos a Virgem de Copacabana e fizemos a primeira festa em 1996 ou 1997, foi muito bonita porque eram poucas pessoas. Fizemos a festa e passamos a organização da próxima festa para outra pessoa, esse ato chama-se *passante*. Foi uma festa linda!

Nessa época, meu cunhado veio pela primeira vez ao Brasil e trouxe uma banda, era povo bem autêntico. Não era banda de músicos profissionais, era uma

banda que tocava de ouvido, não tinha estudo, mas tocavam antigas músicas da Bolívia e o pessoal ficava emocionado, choravam.

Sempre tive muitos afilhados, até como forma de agradecimento pela força que dou as pessoas. Tenho muitas fotos com familiares, amigos e pessoas importantes socialmente. Tenho recordações do Padre Luis que trabalhou com imigrantes no bairro do Pari. Tenho boas lembranças do tempo de Don Paulo Evaristo Ares que trabalhou sobre imigração e também trabalhou muito com o Lula e com o Fernando Henrique Cardoso, estive no parlamento por 10 anos, depois Fernando Henrique foi presidente não reconheceu a nossa causa; agora a esposa dela é muito boa, acho que a Dona Ruth Cardoso deve estar no céu, pois era uma pessoa maravilhosa, brilhante.

Muitas pessoas me procuram porque sabem que gosto de ajudar, mas grande parte delas confunde ajudar com doação. Faz um mês e meio que um menino que não me conhecia pediu para eu ser padrinho dele de batismo, era um moço, disse: "Eu sempre vejo o senhor em minha igreja, queria que o senhor fosse o meu padrinho de batismo." E como tem muitas pessoas que agem por interesse, falei: "Olhe, se for para fazer festa eu não tenho dinheiro." , "Não, tenho a minha oficina, tenho a minha máquina, minha casa. Eu não quero nada que é seu. Estou convidando porque gosto do senhor." , "Tudo bem." Fui padrinho dele de batismo.

Tenho outro exemplo, um muchacho casou com outra muchacha e disse a mesma coisa de forma diferente: "A minha mãe e o meu pai morreram e não tenho família, não tenho quem me acompanhe no altar, mas vou casar com essa moça. Eu não tenho nada." Eu falei: "Olha, se for para festa, por interesse não aceito, posso te aceitar de coração e te acompanhar na igreja." E ele respondeu: "Não, tenho a minha casa, tenho a minha oficina e não preciso que você me dê nada. Apenas lhe peço esse favor para me acompanhar até o altar." Foi bonito da parte dele. Fui e ele fez uma festona.

Várias pessoas que conheço fazem esse pedido. Sou uma pessoa religiosa e ministro cursos em igrejas evangélicas e protestantes sobre alcoolismo porque tem grupos e pessoas que às vezes se sentem muito sós e aderem aos vícios. Percebo que as Igrejas Evangélicas fazem uma lavagem cerebral nas pessoas, pedem dinheiro; fazem esse tipo de trabalho ou porque muitas pessoas bebem muito ou porque são malandros.

Eu penso da seguinte forma: Deus está em cada um de nós. Temos que reconhecer que a mudança tem que partir da pessoa, não é necessário ir pela cabeça dos outros, tem que seguir o coração. Eu sempre trabalhei muito, não me considero um santo, posso ter minhas falhas, mas procuro ser uma pessoa digna, correta, procuro ajudar o meu pessoal, ir ao hospital, ajudar o grupo de alcoólatras anônimos. Quando percebemos que tem uma pessoa passando mal, prestes a morrer, os padres são muito atenciosos, procuramos ir ao hospital visitar e orientar a família, principalmente num enterro.

A cidade de São Paulo tem recebido muitos bolivianos recentemente. Quando cheguei eram meia dúzia de bolivianos. Hoje, estamos em 2009, e os coreanos têm trazido muitos bolivianos para o Brasil; atualmente meus próprios patrícios os exploram, porque infelizmente a ganância do homem é assombrosa. Quem causa o mal a si é a própria pessoa, a pessoa tem que ser muito forte para sobreviver no mundo.

Sei que sou uma pessoa bem sucedida; aos vinte e dois anos já tinha comprado a minha casa próximo ao centro de São Paulo e aos vinte e quatro anos tinha conseguido adquirir quatro propriedades. Sempre fui um homem econômico, não sou miserável, mas sou uma pessoa prudente. Não ganho muito dinheiro, mas quando posso ajudar a minha igreja, ajudo. Hoje, vivo no Bom Retiro e muitas vezes aparecem muchachos pedindo para ajudá-lo porque sou uma pessoa estabelecida. Tenho e divido um comércio que se chamava Mais Barato. Para chegar onde estou recordo que passei por todas as necessidades de uma pessoa iniciante que chega ao estrangeiro. Às vezes quando chego a algum comércio digo:

"Dá uma janta para ele que vou pagar. Não fale que fui eu que paguei." Justamente porque sei como é difícil iniciar uma vida fora de sua terra.

Sei que não é todo mundo que vem com um objetivo certo, não são todos que vêm de forma planejada, mas sempre tem um lugar para os que chegam. Um dia é bom para um, outro dia é ruim; cada um tem suas particularidades. O ser humano é muito ruim e complexo. Hoje em dia a vida e as coisas mudaram muito, antigamente, as pessoas eram mais educadas, respeitadas. Sei que alguns bolivianos que migram tem pouco estudo, os latino americano como um todo, mas querem conhecer a cultura do brasileiro e a cultura dele. Eles não vêm na cega, querem dialogar com o brasileiro. "Oi, tudo bem? Vamos tomar uma cerveja." , "Vou ali que vão pagar uma cerveja." E por aí começa o mau caminho.

O ser humano tem que ter a cabeça no lugar e sua própria opinião, mas tem que está com Deus, pois se você não estiver com Deus, se não faz sacrifício para alcançar o seu objetivo, nunca vais conseguir nada. É preciso ter fé, carisma e sempre levantar de bom humor, brincar com os brasileiros, como tenho um comércio sempre procuro conversar, falar de antigamente, falar sobre filmes que eram bonitos. Até hoje lembro um filme maravilhoso que assisti, chama-se Cinema Paradizzo. Considero esse filme o retrato da minha vida. Toda vez que assisto penso na minha retrospectiva, na juventude e na vida adulta.

Quando digo isso sobre os evangélicos é que para eles pode ser muito fácil vender a palavra de Deus, a ganância do homem é ser um Edir Macedo da vida. Eles vendem a fé, como na televisão, fazem a cabeça do ser humano. Penso que Deus está em cada uno de nós, Deus está em mim, nas pessoas e em todos. Sempre pedimos o bem para os outros, para as pessoas que precisam de nossa ajuda, peço e agradeço a Deus, a minha mãe e meu pai, que já partiram, pela vida bela que tenho. Se não fosse a força da minha mãe e do meu pai não estaria aqui hoje. Então, a vida é muito linda, a vida é muito maravilhosa! Temos que saber aproveitar, respeitar propriamente a vida, porque o alcoolismo só traz desavenças e destrói a família.

Quando um jovem é alcoólatra ou bebe demais, fica nervoso, se desespera pela falta de dinheiro, os filhos cobram uma postura dos pais e os mesmos caem em tentação, isso causa uma pena bárbara. Temos que ser prudentes e está com Deus. Sempre procuro ler a Bíblia. Assim, percebo que há uma grande mudança entre a minha geração e a geração dos meus filhos, os valores pessoais e familiares mudaram muito nesses últimos tempos; a família tem sido muito influenciada pelos padrões da televisão, pelas as novelas.

Mas também percebo que hoje todo mundo está vivendo mais. A TV faz a cabeça das pessoas; produz opiniões, e a televisão brasileira visa muito o lucro, o ibope. O único canal que é mais ou menos é TV Cultura, o resto da televisão está muito suja, muito ruim, é um lixo!

Acredito que o tempo que vivi a infância era totalmente diferente do tempo que vivo hoje. A minha infância foi muito linda, pois brinquei muito e o curioso é que sempre morei ao lado de uma igreja, não sei por quê. Quando cheguei ao Brasil fui morar com o meu amigo ao lado da Igreja de Frei Galvão. Até hoje sou muito procurado pelos padres e seminaristas para participar dos eventos, eles são mui amigos. Um dia perguntaram ao padre Mário: "O Senhor conhece Don Guillermo? Es una buena perssoa? É uma male persona? É que estoy fazendo alguma coisa sobre a vida dele." O Padre Lírio e os outros padres são bons e trabalham conosco. Sou uma pessoa de muitos amigos.

Passei a minha infância até os quatorze anos na Bolívia e com a morte da minha mãe tudo mudou, porque até meus dezoito anos senti muito a falta da minha família. Quando fiquei adulto não queria casar porque havia passado muita necessidade na vida, costumava dizer: "No quiero hijos." Depois de um tempo conheci a Marta, minha esposa. Casamos e veio o meu filho José, depois veio a Sara minha segunda filha, comecei a sentir minha vida completa. Por que uma

família sem filhos dá um vazio danado, e com filho você tem um motivo para viver, para progredir, para ser alguma coisa na vida, para demonstrar amor.

Sei que todo Boliviano ajuda de uma maneira ou de outra seus patrícios. Sei que tem bons imigrantes e maus imigrantes. É muito triste ver as famílias sem perspectiva, hoje, vejo muito isso no albergue da Igreja Nossa Senhora da Paz; percebo as dificuldades que as famílias passam em terras estrangeiras, principalmente as mulheres que tem filhos e foram abandonadas pelo marido; é triste. E digo: "Bien que mi mame estás em riba no ceu me mirando." Por que a carne apodrece, mas o espírito dela deve estar olhando por mim. A minha mãe morreu no dia 7 de julho e coincidentemente hoje completa o seu aniversário de morte. Já fui à missa, ascendi vela para iluminar o seu caminho.

Quando vou à Bolívia me sinto um forasteiro porque os meus amigos estão todos aqui, alguns na pastoral do migrante e outros nos laços que vamos construindo no trabalho e na família, tenho muitos amigos brasileiros. Sei que perdi os contatos com muitos amigos que viviam em Casa Verde, Cachoeirinha. Mesmo assim, às vezes dá um vazio, por isso, me dedico aos trabalhos e regressos da paz na igreja, tenho um grupo que trabalha comigo, é quase uma família, qualquer coisa, falam: "Como estás? Está enfermo? Cuide-se!" Esse grupo transmite uma grande força.

Desde jovens sempre batalhei muito para conseguir as coisas, posso dizer que tive uma situação econômica muito boa. Lembro que falavam muito da cidade do Rio de Janeiro, de umbanda e do candomblé. Até cheguei a participar muitos anos do espiritismo, me encanta o espiritismo, pois me sinto bem quando vou tomar um *passe*. A religião de mesa branca mexe com o seu espírito porque nós somos pessoas que tem vida e conseguem destruir os elos mesquinhos que tem em qualquer religião.

Frequento a igreja não vou por fulano, mas por Deus, porque tenho que fazer a minha obrigação, porque sei que Deus pediu para fazer algum trabalho de ajuda aqui na Terra. Antes de vir para São Paulo conheci a Gafieira, posso dizer que adoro a música Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Nat King Cole, Frank Sinatra, me gusta muito daquela artista nordestina que tem cabelo comprido que canta a Suplica Cearense, a música mais linda que existe! Que diz assim:

*Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem para*

*Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há*

*Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedir pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão*

*Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração*

*Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoas
Pro sol inclemente se arretirar*

*Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inverno
Que sempre queimou o meu Ceará*

O nome dessa música é Suplica Cearense cantada por Elba Ramalho, que canta músicas nordestinas com muita atenção e adoro esse tipo de música. Em meu quarto sempre escuto música, aos domingos, nos feriados quando estou agoniado, coloco músicas de Tom Jobim, Vinicius, um pouco de Jair Rodrigues, também Roberto Carlos para acalmar. Tenho um DVD que aluguei umas três vezes para assistir, pois gosto enormemente da apresentação da Orquestra Sinfônica em Campus do Jordão tocando o Bolero de Ravel, alias assisti essa orquestra ao vivo e foi inesquecível! Lindo! Adoro ouvir música.

Também gosto de ouvir as músicas bolivianas, ultimamente, não tanto porque já ouvi muito, me cansei. Gosto de conhecer coisas novas, saber de outras coisas, desde que sejam boas. Acredito que tenha vindo para o Brasil porque os meus amigos comentavam muito do Rio de Janeiro, que o Rio era maravilhoso, sonhava em viver no Rio. Na época, era fabricante de para-água, fabricava guarda-chuvas no Bom Retiro, onde vendia para Rio, Belo Horizonte, Juiz de Fora, e mais algumas cidades.

Adorei conhecer a cidade de Niterói no Rio de Janeiro. Uma vez passeie de barco só para sentir o a brisa do mar batendo no meu rosto. Andava no Pão de Açúcar até a praia a pé, a praia era bonita e só via o horizonte. Tenho um amigo, que está no céu, chamava-se Osvaldo Cruz Prates, íamos nós dois de férias. "Vamos passear?" , "Vamos." Quando moço ia para o carnaval, hoje, tem que ter dinheiro para viajar porque as coisas estão muito caras. Sempre gostei do Rio de Janeiro. A primeira vez que a Marta, minha esposa, conheceu o Rio lembro que descemos na barca às 19:00 horas e às 22:00 horas da noite estávamos na Ilha de Paquetá. Encontramos um casal: "Vocês vão para onde?" , "Vamos para Campos de Santana." , "Então, vamos pegar um táxi. Vocês dois param ali e nós dividimos." O Carioca sempre foi muito educado, mas a época de hoje não dá.

Creio que esses passeios foram em 1960 ou 1970, mais ou menos, foi maravilhoso! Os homens cantavam e tudo me cantavam naquela cidade, era mais quietinho do que meu amigo brasileiro, ele me punha no chinelo. Nós íamos ao Cordão da Bola Preta, íamos em salão de bailes. "Ei moço, aqui tem um som de Cristal que está passando em uma novela, eles tocam um pouco de gafieira para mostrar as coisas antigas. Tem coisinhas que você pode aproveitar." Era bonito porque você se divertia, não tinham muitas prostitutas, a mulheres bailavam com tarjetas. Os homens pagavam e a mulher não pagava para entrar; os clubes cariocas eram freqüentado por funcionárias bem vestidas, como passou na novela Caminho das Índias; gente de toda classe social.

Hoje você anda com medo de tudo. Não sei quantas vezes me disseram: "Onde estamos vivendo? Em que lugar?" Todo lugar está assim, na Bolívia também, o mundo inteiro tem mudado muito, isso é na Bolívia, Brasil, na China, na Itália Houve uma modificação bárbara nos valores e você não pode confiar em nada, você tem que está com Deus a salvo; tem que está com um grupo de pessoas que você conhece, não dá para se expandir, pois não sabemos com quem estamos falando. Eu confio em alguns vizinhos, mas não confio nas pessoas que não conhecem a minha vida.

Sempre fui uma pessoa muito ocupada, trabalhava demais. Lembro que o primeiro filme que vi em minha vida na Bolívia, ainda era criança e entrava escondido no cinema, foi Carnaval de Orfeu Negro. Quando meu filho toca violão em casa digo: "Toca a música de Orfeu Negro." Tenho uma fita que ganhei, sempre ganho DVDs de pessoas de níveis sócias diferentes e percebo os gostos. Meu filho é casado com uma nutricionista, a mãe dela é juíza, aquelas senhoras juízas antigas. O meu filho comenta e sempre me presenteia, e da última vez me deu de presente o filme Orfeu Negro, Cantando na Chuva e A Noviça Rebelde. Às vezes vejo em casa com esse meu amigo que gosta dessas coisas: "Quer assistir um bom filme?" , "Como é? Dondes comprou?" Por isso que digo que existe muitas coisas boas para ver no mundo.

Lembro que o primeiro filme que assisti na vida foi Carnaval de Orfeu Negro ou Orfeu de Carnaval, achei MA-RA-VI-LHO-SO! Fui ao cinema com um amigo e ele até chorou. A película narra uma história grega e foi emocionante. É preciso divulgar esses filmes como Orfeu de Carnaval, Cinema Paradizo, Noviça Rebelde, são filmes clássicos e sempre se pode tirar alguma coisa para a vida.

Ultimamente, tenho ido ao Rio de Janeiro nas férias, quase todos os anos vou, este ano fui com o meu sobrinho, um que veio do Chile. Por que não tenho muitos membros da minha família no Brasil. Minha Senhora ainda tem pai e mãe vivos e um monte de irmãos. Eu tenho uma fé em Deus, essa fé é o meu porto.

Uma vez aconteceu uma história engraçada. Tinha acabado de chegar de viagem e fui a um restaurante. "Bom dia! Desculpa, vocês não tem apartamento para alugar por dia?" , "Não." , "Vocês não tem apartamento? Não tem nenhum?" Aí apareceu um, sem ter nenhum. "A noite é duzentos reais, quantas pessoas são?" , "Somos três." Disse. Ela sabia do resultado e paguei. "Tem fogão, cozinha." Eu falei: "Eu não vou cozinhar nada, nós não vamos cozinhar."

Passamos, ascendemos às velas e oferecemos a Mãe Yemanjá, agradecemos pela minha vitória, meus fracassos, minhas penas, minhas alegrias e pedi por todos os meus amigos. Eu acho que é um agradecimento muito lindo, sou muito religioso, muito espiritualista. Sempre agradeço a Deus por tudo.

Uma vez quando o meu filho era pequeno, os ladrões queriam assaltá-lo, só que a minha fé nunca permitiu isso. Um dia nós fomos para a Igreja da Penha que fica num morro muito bonito, mas nesse dia tentaram um assalto, não aconteceu nada, não me fizeram mal, porque eu mudei de Personalidade. Você sabe que quando você fica bravo você pode mudar de personalidade, vira do avesso. Sei que não deu nada. Desde meus doze anos tenho vidência, uma visão de ver pessoas, não posso mentir. Só que não tenho a visão para ver os números da loteria.

Quando vim para São Paulo fui indicado para uma pensão onde quem tomava conta era uma mulher que já esperava todos os bolivianos na Estação da Luz. Lembro de uma senhora que hoje está no céu, chamava-se Cristina Alvarado, era comerciante, trabalhava com ela, havia muito trabalho na época que cheguei, mas não tinha muito imigrante boliviano. O diálogo foi: "Você é boliviano?" , "Sim." , "Habla español? Quer trabalhar comigo?" Trabalhei num bar como garçon, depois trabalhei numa fábrica de bolsas e depois fui trabalhar numa fábrica de guarda-chuvas. Depois fui aprender a fazer guarda-chuvas com um italiano, os moldes eram simples, disse-me: "Aprendeu? Então não preciso mais de seus serviços. Pode ir-te." Esse patrão me disse isso de uma forma muito seca. Aí disse: "Nunca mais vou trabalhar para ninguém." Depois desse dia disse a mim mesmo que nunca mais trabalharia para ninguém, só para mim. Mas tem males que vem para bem. Tenho muitas histórias.

Outra história é que passei um tempo vivendo na casa de um judeu, nesse apartamento havia um parque próximo, era na Barra de Tibaji. Nesse tempo fabricava guarda-chuvas para o Paraguai, mas me mandaram a justiça para aumentar o valor. Tinha vinte anos. Disse: "Por que você me manda a justiça se pode falar comigo." E ele não podia ter me mandado para a justiça, não gostei. "Não, porque o dever é difícil e porque nós pagamos bem." , "Está bem." Não falei mais nada; aumentei o valor do dinheiro como eles queriam.

Passou um tempo, estava indo para Igreja num domingo e vi um apartamento para alugar com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, na frente da Igreja de Frei Galvão; falei com o meu porteiro e ele disse: "Homem, está para vender?" , "Sim." , "E como posso assumir sem ser comerciante?" , "Ah! Mais você vai trabalhar para mim, pois gostei de você." Gostei da vista do apartamento e sei que era o último dia na pensão. Eu havia falado com esta pessoa que me levou na justiça para aumentar o dinheiro. "Eu não quero sair porque sou acostumado no parquinho." , "Mas tem que desfilar com os meninos porque você não é o dono da casa. Um dia tu terás que sair." Aquilo me doeu tanto! Senti tanta tristeza.

Passou e consegui uma casa própria para morar. Aí fui devolver a chave e uma senhora que já está no céu disse: "Seu Jacó, aqui está a chave, consegui o um quarto de frente do poente." , "Como estou sentido, fala para seus filhos que o senhor não é proprietário, não é dona da casa, você é apenas um simples inquilino. Que um dia você tem que sair." Isso que me doeu tanto. Liguei: "Aqui está a chave, consegui um quartito em um bairro com Poente." E ele: "Não, toma aí a chave. Volta lá." Ele sentiu meio ofendido. Disse: "Não, já está tudo montadinho, tenho que mudar da casa porque já está pintado." Às vezes as pessoas acham que estão fazendo o mal para você, mas nada, estão fazendo é o bem.

Uma vez uma pessoa ligou para minha casa umas três vezes perguntando se não poderia ir a Igreja para ensinar sobre o alcoolismo, família. Ele disse: "Só vou pagar setenta pelo serviço." , "Não, não venho por dinheiro, venho por minha conta, por minha vontade." Um dia fui surpreendido por um pastor de igreja evangélica. "Irmão Guillermo! Vem para o púlpito, vai ser batizado." Falou para minha senhora também. "Mãe Marta, vem aqui para o Púlpito, a senhora vai ser batizada." Aí fui, me deram o microfone e não falei nada de batizado, pois fiquei surpreendido. Falei: "Irmãos e irmãs, não vou trair o meu pai, tenho só um pai que é o pai de todos nós e já fui batizado, não tenho dois pais, nós temos um pai." Aí me agarrou pelo braço e disse: "Ah! O irmão já foi batizado pode ir nesse lugar irmão, palmas para o irmão." Me disse isso. "Ah! Don Guillermo, senhor também é fogo." Mas já fui batizado, tenho só um pai, não tenho dois, tenho uma mãe.

Conheci a Marta, minha esposa, em uma loja que tinha, ela sempre passava por lá com outra colega brasileira. Um dia morava sozinho e então: "Você não quer ajudar sábado e domingo a lavar as minhas coisas de casa." Foi seriamente que a conheci, não tinha nada de malícia, porque já namorava com uma mulher pernambucana, mas sempre fui muito sincero: "Olha, vou namorar com você, mas não quero filho, não quero compromisso nenhum." , "Tá legal, gosto de você." E sempre teve essa namorada, saíamos, passeávamos, íamos ao cinema, ao teatro, gostava muito de teatro, agora que frequento pouco.

O teatro que mais gostei foi da Derci Gonçalves, achava muito engraçado. Lembro de uma peça da Derci que ela tinha uma casa de prostituição e o marido dela era advogado. O marido esqueceu uns documentos em casa e o fiscal era um negro, Francisco Egito, o nome dele. O Francisco Egito era bem pirado da cabeça, alto.

Na peça o homem falava que era primo de Francisco Egito. A personagem ensaiava com uma sunga branca e com as calças brancas. Como o marido dela esqueceu os documentos, ele veio e bateu na porta. "toc, toc, toc . Maria, esqueci meus documentos, Dá licença." Aí vinha uma pessoa com umas calças. "Cavalheiros, você não conhece um anjo preto, você não vê todos os dias." Ela era muito desbocada. Morro de ri toda vez que lembro. Essa foi a peça de teatro mais engraçada que vi, super engraçada. O nome da peça era Derci de Verdade... Acredito que foi a Derci que levantou a Globo. Nessa época, a Derci era empregada pela Globo. Lembro que sempre ia ao teatro com namorada.

A namorada ia me visitar e parece que a Marta falou para ela que era minha prima. Fui passear com a Marta e aconteceu dela ficar grávida e não podia negar. Aceitei o filho e nos casamos na Bolívia, somos casados só pela igreja, no papel não sou casado.

Sou naturalizado brasileiro e vivo bem. Lógico que existe as reclamações: "Por que você não fez isso." Coisas rotineiras de toda família, muitos mentem e dizem que viver junto é maravilhoso: "Que a casa é uma maravilha?" Mentira, não existe casa perfeita, isso é hipocrisia, não tem perfeição em família nenhuma. Foi assim que eu conheci a Marta. Tive meus dois filhos com ela, meus filhos estudaram nos melhores colégios da cidade, na época era o Santa Inês e era caríssimo.

Com muita luta a minha filha se formou na Faculdade Anhembí/Morumbi, pagava dois mil por mês, só tenho para agradecer a Deus tudo isso. Penso que

para uma pessoa que veio sem nada para o Brasil consegui muita coisa, mas é preciso andar direito, ser correto, caso contrário você não vai para frente. Tenho muitos amigos que estão o mesmo tempo que eu no Brasil e moram em casa alugada; bebem muito, tem duas, três mulheres. Aí não dá, nunca vão conseguir subir na vida, fico com dó deles e não adianta dizer: "Por que você não faz isso." Por que eles se ofendem: "Que tienes a ver com mi vida?" Como dizem os brasileiros: eu cuido do meu quadrado e você cuida do seu quadrado.

Bem que desejo que todos estivessem bem, não sou egoísta, sempre que posso informar alguma coisa, ajudar: "Você não faz isso, esse negócio pode fazer mal, não vai dá certo, que ramo você trabalha." A gente sempre tenta ajudar e para isso não precisa ter muito dinheiro, mas está ajudando. Eu conheci a Marta desse jeito; penso que a Marta é uma pessoa maravilhosa, sempre falo para ela perto de todo mundo: "Só ela para me aguentar e eu aguentar ela." É bonito. Ela trabalha muito para ter alguma coisa na vida, criar os filhos bem, para poder ir a um dia num restaurante chique comer bem. Então, tem que ser certo! Caso a pessoa não nasceu para aquilo, tendo três, quatro mulheres não vai crescer na vida, principalmente hoje onde tudo é difícil.

O ser humano é muito complexo e hoje tudo mudou, as relações entre pai e filho mudaram muito. Quando você vê os outros fazerem coisas erradas fica magoado. "Droga!" Eu tenho dó. Hoje, falo para todo mundo, para seminarista, para padre: "Reza por minha família." Dou uma doação escrita: "Faz uma oração por minha saúde de coração, afastar o mal e a bagunça."

Lembro que quando cheguei a São Paulo estava muito frio; era a São Paulo da garoa, caía uma garoa fina num dia nublado, senti saudade no primeiro dia que cheguei, pois queria voltar imediatamente. Passei oito anos sem documentos em São Paulo, sempre com o pensamento de ir embora. Falava: "O ano que vem vou embora porque eu não tenho documentos." Aí um dia surgiu a possibilidade e fiz os documentos, quando cheguei num despachante fui muito honesto: "Cadê a sua documentação." Fui para Bolívia e não tinha dinheiro para voltar da viagem porque faltou dinheiro, na época tinha que ter grana para gastar no consulado. Antigamente era mais difícil conseguir a documentação, era necessário fazer exame de sangue, fezes, chapa de pulmão; você não podia ter defeito físico nenhum. Hoje é fácil, você consegue os documentos tendo filho no Brasil ou casando com uma brasileira, e o governo tem ajudado muito nessa parte.

O governo brasileiro disse ao governo da Bolívia: "Quero que você trate bem os brasileiros de outros países, como nós tratamos aqui os bolivianos, chilenos, paraguaios." Esse governante do PT ganhou com isso, tanto que até no coração falo: "Esse homem tem que ser abençoado por Deus." Defeito todo mundo tem, existe casos de corrupção desde a política da Grécia Antiga. Então, gostei muito desse discurso do governo. No início, pensava em retornar, ficava muito triste, depois fui me acostumando.

Morava em uma pensão onde quase nada podia ser feito, lavava minha roupa escondido de noite. Saí da pensão onde moravam os bolivianos porque lá se bebia muito, fiquei uns três ou quatro meses na Rua São Caetano. Ajudava a pelar batata, ia à feira e pagava o meu aluguel em dia. Fazia tudo para ficar contente, varria a casa e nem por isso me sentia inferior, sei que muita gente não gosta e fala mal.

Tem uma dentista que trabalha com o nosso grupo de combate ao alcoolismo, ela se horroriza quando falo essas coisas, pois morou numa pensão e é brasileira. O meu quarto era um cubículo, lavava de noite escondido a roupa e pendurava dentro do quarto, passava ferro na roupa em cima da cama. Comprava leite, antigamente era em vidro, não era em plástico; punha o leite dentro de um recipiente de água para não azedar. Não se tomava muita coca-cola, era luxo coca-cola, comprava Tubaína para beber.

Quantas vezes acrescentei açúcar na Tubaína para perdurar mais e durava uma semana. Quando passava pelas ruas olhava os frangos e ficava igual a um

cachorrinho, morrendo de vontade de comer. Hoje posso comer qualquer coisa e nem tenho vontade de comer porque não deu tempo. Já passei por muitas situações de necessidade. A vida sempre foi apertada, se você não trabalha, você não come.

Eu tenho um empregado que trabalha há vinte e dois anos comigo, ajudei a comprar o terreno dele. Ele construiu a casa e depois falou: "Você é tipo socialista, né?" "Eu sou socialista, Deus foi o primeiro socialista do mundo, Cristo foi o mais socialista de todos porque para ele todos eram iguais. Infelizmente, o ser humano não foi o primeiro." , "Poxa, o senhor tem uma sabedoria para conversar com os outros. Você se formou em que?" , "Na vida, eu não estudei, a vida que me ensinou. Então, tenho que te falar como tem que ser feito." Eu falo para meu filho: "Hoje não é mais como antigamente." , "Ah! O senhor já falou isso." Mas é necessário repetir porque se não repete entra por um ouvido e sai pelo outro.

Esses dias falei para o Padre Mário. "Padre Mário, o senhor tem que exigir algumas coisas para ser passante, pode ser os seguintes critérios: ser casado, participar dois anos na Pastoral, ajudar, vir ajudar a cada fim de mês. E tudo isso está escrito em uma ata na pastoral. Ninguém faz isso, o povo é passante pelo prestígio, para se mostrar nas festas; bebem para se acabar, Nossa Senhora! Eu só vejo as pessoas dizerem que estão em crise, fui a uma festa faz poucos dias, um mês, tinha muita cerveja! Mas aonde que tem crise? Os estádios de futebol você ver lotado, um teatro bom você ver lotado, um cinema que você vai querer assistir um bom filme, está lotado, às vezes é o jeito de falar que tem crise. Não sei qual é a verdade nisso, crises deve ser para aqueles milionários, as bolsas caem, as bolsas sobem e aí vem a crise. Infelizmente, o ser humano, a riqueza do homem, o homem é ganancioso. Todo mundo quer ganhar alguma coisa.

A última vez que fui a Bolívia foi em novembro. Temos a Casa do Imigrante e temos os Escalabrinianos em La Paz. Sei que muitos bolivianos migram para Espanha, por que tanto boliviano vai para Espanha? Eu falo para eles: "Mas o senhor é espanhol? porque o senhor veio para Bolívia?" , "Eu gosto do Peru, amo o Peru, mas não gosto dos peruanos porque me roubaram todos os meus documentos e meu dinheiro." Agora, os bolivianos vem porque alguns se iludem, pensam que se pode ganhar muito dinheiro no Brasil, que as pessoas estão chutando dinheiro e também pensam que vão melhorar e nada acontece.

Porque na Bolívia vi várias placas com escrita: precisa-se de empregado de costura, precisa-se de cozinheira, precisa-se de vendedora. Tem trabalho na Bolívia porque a Bolívia é igual aqui o Brasil, classe alta, classe média, favelado, existe tudo isso em todo mundo existe. Então, os jovens que vêm, alguns é por aventura, outros porque fizeram alguma coisa errada ou fugiram da mulher, não quis ficar com a mulher. Alguns e a maior parte vêm por ilusão. Tenho uma amiga que faz uniformes de colégio para a escola Dom Bosco na Bolívia e não consegue empregado, está com dez máquinas paradas. E todo mundo fala: "Me vai ao Brasil, me vai a Argentina, me vai a Espanha." Na Espanha sofre porque a discriminação é muito grande, especialmente, bolivianos, latinos, eles discriminam muito. Em Roma tem muito nigeriano, africano que estão procurando outros países para viver. Em uma viagem que fiz fiquei trinta dias em Veneza, e a vida é caríssima nessa cidade.

Em Veneza juntávamos o dinheiro do grupo para comprar vinho, uma vaquinha para tomar um vinho. Acho pura ilusão querer se aventurar tanto. Agora, são poucos os que vêm com firmeza de trabalhar, mas são também os patrícios que exploram uns aos outros. Antigamente eram os coreanos, pois são tão inteligentes que a polícia federal não consegue pegar os que estão sem documentos explorando os outros. Dizem: "Dou-te essas vinte máquinas para trabalhar, mas não quero saber nada com os outros, só você, está entendido. E aí você trás vinte empregados para costurar para você." Tem boliviano que passa mal com o ritmo de trabalho, alguns cozinham só de manhã e de noite; compram um saco de osso lá do mercado e de noite e de dia colocam as máquinas para funcionar.

Sei que tem muitos casos de tuberculose ultimamente entre os bolivianos. Na pastoral tem um grupo que cuida disso. Por quê? Porque a alimentação é muito pouca e boliviano não gosta de comer feijão e verdura. Tem que comer feijão, falo: "Você tem que comer verduras, aqui é barato. E queiras ou não queiras tem que comer isso. Agrião é bom para os pulmões." Digo por que fiquei dois anos doente quando cheguei, depois de três ou quatro anos fiquei doente e todos os médicos falavam "Coma frutas e tome vitamina de maçã. Tomava todos os dias vitaminas, suco de agrião." Aí comecei a engordar e todos ficam doentes também porque uns exploram o outro. E é muito ruim isso, é um pecado, não trata como gente.

Ter um empregado de forma legal no Brasil custa caro, é Inps, fundo de garantia, décimo terceiro, férias, todos esses benefícios os coreanos não pagam, nem o boliviano paga para outro boliviano. Eles trabalham por peça, mil peça, quinhentas peças, paga quinze centavos, vinte centavos por cada peça. O meu patrício cobra, digamos trinta e ele paga quinze centavos. Aí falam: "Porque tem a comida, a água, o aluguel." As pessoas não tratam os outros como ser humano, a alimentação é muito importante. Acho muito errado e não admito isso. A doutora Ruth falava dessa exploração e não gostava disso. Algumas pessoas do meu grupo falam e tem que falar o que é certo. Se os empregadores bolivianos ou coreanos pagassem todos os benefícios não teria esse problema. Um vestido de festa no shopping custa seiscentos ou setecentos reais. O boliviano entrega um vestido acabado no valor de trinta e cinco ou quarenta reais, por aí dá para ver quanto ganha o coreano ou o dono da oficina. Por que fiz essa pesquisa de confrontar os preços, falei e perguntei para muitos: "Para quem costuras tu?", "Ah! Vestido.", "O que você costura?", "Só blusinhas."

Com essa pesquisa constatei que quem sai ganhando são os donos das oficinas e as grandes empresas que pagam para os donos das oficinas. Por isso, o coreano é muito inteligente matematicamente. Os filhos estão em colégios particulares, são donos de igrejas evangélicas lindas. No Bom Retiro tem cada igreja linda. Tem uns coreanos que são católicos. Vou mostrar que perto do metrô Tiradentes tem muitos coreanos. Na praça dessa Igreja que tem aí fora, Igreja de Maria Auxiliadora se forma uma fila para doações de 150 pratos de comida, esses que doam são católicos, mas sei que tem muita Igreja Evangélica que foi construída pelos coreanos. Então, a fila começa aí na porta da Igreja Maria Auxiliadora e vai até o outro lado da rua. Sei que a vida é muito complexa.

Na Bolívia não tem muito coreano não. Têm chineses e são todos estabelecidos, possuem restaurantes em Santa Cruz, em La Paz, não gostam muito de frio. Em Santa Cruz tem muito coreano, cada restaurante finíssimo. Em São Paulo também tem muitos restaurantes e estão sempre cheios; alguns estabelecimentos são só frequentados por coreanos.

Penso que saí da Bolívia por que não tinha mais família, meus pais tinham falecido; e depois juntou a minha curiosidade em conhecer outro país, o gosto pela música e filmes brasileiros. Essas coisas me chamavam atenção, mas nunca havia planejado permanecer durante tanto tempo, para mim é um sonho ter ficado até hoje. Quando penso o que passei, parece mentira ter conseguido ficar tanto tempo em São Paulo e só tenho noção de quanto tempo passou quando volto para Bolívia. Desde pequeno vivo sozinho, mas como sou muito religioso, acabei preenchendo com a fé os vazios da minha vida.

Gosto do Brasil, muitos patrícios falavam que não gostam do Brasil porque tem muito negro e que as mulheres são mais alegres, como sou direto, disse: "Se você não gosta, pega um ônibus ou o trem e vai embora. Você está perdendo tempo no Brasil." Muitas pessoas têm inveja de mim por ter conseguido ter as coisas, e sei quando as pessoas têm inveja e quando são sinceras. E para não perder meu tempo digo: "Não, gosto muito de São Paulo, estou aqui porque eu amo o Brasil, me deu o pão para comer, me deu trabalho, deu a minha família, me deu tudo. Eu só nasci na minha terra, mas ela não me deu tudo isso que tenho hoje, eu não estou milionário, até hoje trabalho muito junto com minha esposa

para ter condições dignas. Mas o Brasil deu condições e tive que me esforçar muito para conseguir o que tenho." Não sou uma pessoa de ficar reclamando da vida. Alguns são muito hipócritas, mas falo a verdade.

Hoje, quero enfatizar que as pessoas têm que estar com Deus, respeitar a si mesmo e respeitar as pessoas. É preciso ter fé, pois ela remove montanhas. Só tenho a agradecer as pessoas que me acolheram no Brasil. Sei que o Espírito Santo que me abençoou, sei que a minha mãe me protege e olha por mim. Sempre penso na minha mãe, porque morreu em meus braços. Era pequeno quando isso aconteceu e sei que está sempre ao meu lado. Quando olho para minha filha Sara parece que estou vendo a minha mãe, ela lembra muito a avô. Temos que saber trabalhar e respeitar as pessoas. Temos que acreditar em Deus.

Atualmente tenho dois filhos e um monte de afilhados. Tenho muitos afilhados e cada ano que passa aparece mais, vindo pedir conselho para comprar casa. Um dia contei para o Padre Mário de um que apareceu na minha casa: "Padrinho, me ajude a comprar minha casa." , "Por que você não compra. Quer uma casa primeiro? Casa pode se comprada a qualquer hora, tens um filho, tem que ter um lugar onde possa cair morto." Depois de três dias veio e disse: "Sabes que o senhor tinha razão de dizer-me isto." Ele comprou um terreno em Guarulhos. "É bom conversar com o senhor."

Contei esse episódio para o padre Mário e ele disse: "Você é um patriarca boliviano." , "Num é tanto. Sou patriarca nada." Às vezes converso muito com o padre Mário; como vive e conhece a pastoral, digo: "Eu quero que o senhor me dê algumas dicas para falar com o grupo, porque o grupo cresceu muito, as pessoas são ciumentas com os outros grupos, um fala mal do outro, o outro grupo fala mal do outro grupo, são ciumentos, e o boliviano é ciumento demais. Não se pode falar muito com o padre, dizem que aos chilenos podem falar, mas dos grupos que frequentam a pastoral o boliviano é mais ciumento, muito zeloso. Tem ciúme das amizades, você não pode nem falar que é amiga de tanto tempo."

Quando vamos para as novenas, geralmente aos sábados, todos os adeptos jantam e assistem as novenas em suas casas. As festas quase sempre são entre amigos, você não pode falar que a próxima novena será em tal casa porque já cochicham: "Não me adicionaram na novena. Disseram que não posso acompanhar o padre. Mas a reunião é para todo mundo." Somos todos ciumentos.

Tenho muitos amigos em minha vida: O padre Alcides do Peru, o padre Lírio. A relação de amizade é bonita. Eu me sinto bem ajudando as pessoas, faço de coração, com fé, com carinho e com o Espírito Santo sempre iluminando nossas ações, cada um de nós é parte importante do mundo. Sou muito religioso e acredito muito em Deus!

Vale a pena esclarecer as pessoas, principalmente, o jovem que é imigrante para que não haja sofrimento, pois muitos jovens não estão acreditando em nada, o jovem precisa nutrir alguma coisa em seu coração, senão, o que será desse mundo?

O mundo está muito tumultuado, quando cheguei ao Brasil tudo era tão lindo, maravilhoso. As pessoas eram boas, simpáticas, educadas. Sempre tive educação, sempre tive boas amizades. Há tempos que não retorno à Bolívia, mas quando vou fazem fila para verem-me no hotel.

A minha esposa veio da parte alta da Bolívia; tenho uma sobrinha que diz que sou orgulhoso. Não é orgulho ficar no hotel, mas é que quero sair e não ter horário de chegar. Tenho amigos que foram embora do Brasil e quando chegaram à Bolívia, contam: "Ah! Don Guillermo, gosto tanto que você venha a minha casa, parece uma benção de Deus. Parece que você traz uma luz para minha casa." As pessoas gostam da minha presença e acho que Deus deve estar comigo.

Sou bem recebido em todo lugar que vou e é bom ter amigos. As pessoas reclamam dos problemas, mas não se localizam apenas no Brasil; o mundo e as pessoas passam por problemas.

4.1.12. Rose

(Fonte: foto da autora, 2010) Rose em sua casa no bairro de Santa Cecília

Sofri muito nessa vida, já trabalhei em casa de família, já fui muitas coisas. Minha vida é uma história. Sofri desde o princípio, comendo coisas que não prestavam, longe da minha mãe, apanhando de desconhecidos... Pero no Morri!

A minha vida é uma história! É uma história, sabe por quê? Eu me criei praticamente sozinha na vida, sozinha! O meu caminho sempre foi cheio de pedras; não tive família e sofri muito! Só de lembrar me dá vontade de chorar, pois estava longe da família.

Apanhei muito da minha família quando criança, Nossa! A minha história é muito triste, porque apanhei demais da cunhada de minha mãe. Naquele tempo, no tempo dos antigos, no tempo dos meus avós, eles educavam as crianças com muita porrada, cuidavam batendo. Minha família colocava sal na minha comida como forma de castigo, o prato era enorme e bem salgado, era uma coisa bem grosseira.

Desde pequenininha sofro, sofri porque tinha uma tia muito ruim. Essas senhoras que eram parentes da minha mãe tiveram filhos, não com parteiras, as cunhadas de minha mãe tiveram filhos e tive que ajudar a cuidar, fui babá das crianças. Eu pequenininha tinha que ficar chocalhando as crianças de noite para não chorar. Um dos filhos da cunhada de minha mãe até morreu. Fui largada no mudo! Por isso, fui criada com os outros parentes que me maltratavam e me colocam para cuidar dos seus filhos, e daí virei à babá da família, mas nesse tempo as cunhadas da minha mãe, davam surras horróveis; agarravam-me pelo cabelo e me surravam no chão, não sei como não morri de tanto apanhar.

Eu morava no sítio, levantava cedo, as vacas já estavam pastando. E ia procurar as vacas no meio dos pampas, era um espaço verde e bonito. Dormia nos pampas durante o dia porque não me deixavam dormir de noite. Eles iam me procurar e me achavam nos pampas. Sabe o que eles faziam comigo? Pegavam

uma vara com lã comprida colocavam no meio do formigueiro e colocavam no meu pescoço. Com isso, levantava aos pulos, eles me faziam sofrer demais. De tanto me fazerem sofrer aos dez anos saí de casa.

Eles me procuravam nos vizinhos, passava dois, três dias e não me encontravam. Quando me achavam já me pegavam pelos cabelinhos, me agarravam e me levavam embora, outra vez para casa. Quando chegava em casa sabe o quê que me faziam? Eu falava: "Num quero ir! Vocês me batem, vocês me batem, num vou não!" Toda vez que lembro caio em prantos... Eles me batiam e tinha que voltar outra vez. Às vezes até passavam um tempo sem me bater, mas não demorava muito, outra vez me batiam.

Cansei daquela vida e até ia fugir de verdade, fugir para longe, para um lugar bem longe como o Uruguai. Até que um dia fui de vez e ninguém me encontrou. Fui embora com um casal, era parente de minha mãe, fugi para bem longe.

Fiquei no Uruguai trabalhando com esse casal, tirava leite, fazia queijo, tomava conta de porcos; depois de dois anos que estava lá eles já começaram a me bater também, bateram em mim porque a porca colocou filhotes: "Quem colocou filhote?" Eu falava. Eles tinham outro curral com porcos gordos, eram enormes os porcos para vender.

Os casais iam ao sítio comprar bichos e eles me deram uma surra de trezado dobrado. O trezado é aquele laço que joga na vaca para capturá-la, aqui no Brasil falam laço; nós falamos trezado. E com esse trezado me deram uma surra, quem me surrou foi o marido da mulher. Aguentei por um tempo, mas um casal foi comprar porcos gordos e com eles fugi novamente. Sei que perderam muito da produção porque eu tirava leite, fazia queijo, tomava conta dos porcos, dava de comer os porcos, plantava milho, lá o milho se chama maiz; dava água e comida para os animais, quem fazia tudo era eu. Quando as moscas colocavam bichos nas feridinhas dos animais eu que cuidava, fazia curativos, tudo isso eu fazia.

Quando não, era o meu chefe que me surrava, tinha que aguentar tudo calada. Fugia e quando me encontravam me acertavam outra vez e levavam para casa. Daí veio essas pessoas fazer compras e fugi na noite. Peguei duas roupinhas e fugi com eles. Era uma noite de lua cheia e os porcos não podiam ficar no sol, porque toda noite de lua cheia os donos viajavam. Fugi nessa noite, passei a noite inteira viajando e fomos parar em Cochabamba. Não sabia para onde ir e fui com esse pessoal. Sei que não conhecia ninguém em Cochabamba.

Como não conhecia nada, cheguei no quiosquinho donde vende salgados e fui tomar e comer alguma coisa porque estava com fome. Esses senhores me deram um dinheirinho para comprar a comida, não tinha nada. Esses senhores no Uruguai que tomava conta dos porcos não me davam dinheiro, não me pagavam, era tão ingênua que nem sabia o que era dinheiro. Era menor de idade ainda e não ganhava nada, só ganhava surra.

Cheguei em Cochabamba e esse senhor que tinha um quiosque me deu o que comer. Aí contei a minha vida para ele, disse que tinha saído do Uruguai sozinha com um casal que foi comprar porco e que tinha vindo com ele para Cochabamba e não sabia o que fazer da vida. "Estou aqui e vou procurar trabalho. Vocês sabem se alguém está querendo empregada doméstica?" Aí ele falou: "Não, fica uns dias aqui e a gente acha para você." Depois de um mês achei trabalho. Trabalhei com um pessoal e eles me pagavam pouquinho porque eu tinha doze ou treze anos. Fiquei pouco tempo com eles, acho que fiquei um ano e meio, eram casados e tinha um casal de filhos também.

Depois de um tempo saí porque estava com problemas de hérnia, tinha hérnia na barriga, era grandona e me doiiiiiii! E pensava: "O quê que eu faço?" Eu não sabia se passava no médico, era inocente. Falei para esse senhor donde doía e ele disse que podia ficar de graça na casa dele. Sei que eles me trataram como

filha, mas não podiam cuidar de mim para sempre porque não tinham condições, não tinha nem para me vestir, andava com uma roupinha simples.

Trabalhei na casa desse casal e com esse dinheirinho comprava roupa, depois fui ao médico, no servidor público, saber o que tinha. Estava um ano e meio com esse casal, fui perguntar no servidor público na Bolívia se tinha alguém que estava precisando de empregada doméstica. Aí uma senhora que atualmente está até doente, pois saí esses dias com ela, perguntei se ela conhecia alguém que precisasse de empregada. Conheço essa senhora há mais de quarenta anos, trabalhei muitos anos com ela.

Essa senhora estava no hospital da Bolívia e falou: "O que você tem? Está grávida? Está prenha?" Falava em espanhol. "Tá prenha." , "Não estou prenha. Não sei nada disso." , "Estás barriguda." , "Não, é que tenho hérnia e acho que é isso que está inchando a minha barriga." A minha barriga era enorme e parecia barriga de mulher grávida. Aí ela falou: "Você está trabalhando?" , "Não, estou a procura de trabalho." , "Então, você vai trabalhar comigo. Tenho uma filha e quero que você tome conta de minha filha." , "Tá bem." Falei. "Eu quero trabalhar. Mas estou doente." Falei. "Me dói aqui, me sai uma coisa daqui."

Eu não sabia o que era hérnia e saía um líquido de mim. Aí ela falou: "Mañana voy a tomar de los cables de tu pelo hasta la punta de los pies examinar. Te llevaré al médico y yo cuidaré de ti." Aí como estava trabalhando muito tempo com ela, ela me tratou, muito boazinha. Cuidou de mim e trabalhei até esses dias com ela. Ela que me trouxe da Bolívia para o Brasil. Cheguei na casa dela e trabalhei cuidando das filhas. Cuidei da filha que estava pequenininha, levava na escola, depois da escola ia brincar com ela no parquinho; cuidei dela muito bem, por isso que ela gosta muito de mim. Saí recentemente da casa dela porque fiquei doente. Atualmente só estou em casa.

Comprei a minha casinha, eu e meu filho. E foi com muito sacrifício que criei o meu filho longe da família. Não tenho marido, desde o começo da gravidez criei-o sozinha. Em primeiro lugar está Deus, depois sou eu e meu filho.

Fiz muita coisa, vendia coxinha, vendia refrigerante, vendia café, mas me deu um problema na coluna e bursite no braço e tive que parar, porque tudo isso agravou o problema e hoje estou em casa e não posso trabalhar, falta dinheiro. Mas graças a Deus me aposentei. O dinheiro é pouco, mas dá para ir levando.

Rezo muito para Deus e agora o meu filho está estudando, fazendo a faculdade e tenho que ajudar com esse pouquinho, ele reclama que falta dinheiro, o que vou fazer? Tenho que ajudar com o pouquinho que tenho, pago a prestação dessa Quit Net, pago o condomínio, pago luz, pago telefone, não sei de onde tiro dinheiro para pagar tudo. O dinheiro que ganho de aposentadoria é para comer; tenho que fazer o possível para pagar as contas. E vamos tocando para pagar a prestação do apartamento. O meu filho paga a prestação e eu pago o condomínio que está 286,00 reais. Vamos vivendo com sofrimento, mas com a graça de Deus estamos indo. Já passei muito sofrimento nessa vida, longe de minha família.

Uma vez levei o Tiago, o meu filho, para Bolívia e ele gostou. Tomou banho de rio, quase se afogou, quase perco o menino. A gente foi tomar banho no rio e caímos no fundo de um redemoinho; o rio tem rodadoiro e nós entramos lá dentro e não conseguia tirar ela, até ela conseguir sair. Sei nadar porque tirava peixes para os empregados, tirava um monte de peixes.

O Tiago entrou comigo no rio, acho que estava com quinze anos naquela época quando viajei para Bolívia. Levei-o para conhecer a minha família, conheceu o meu irmão, minha sobrinha, a todos. Quando ele entrou no rodadoiro com a minha sobrinha, falei: "Olha o Palo." Palo é o pau cumprido, eu quis tirar, mas quando tirei da mão ele afundou e me levou junto. Aí não consegui sair, gritei chamando a minha sobrinha: "Trás o pau." Peguei uma vara bem cumprida, ele agarrou na ponta e fui puxando e com isso ele saiu. Depois disso, nunca mais quis entrar no fundo de rio, tinha medo.

Uns amigos e amigas nos convidaram para ir à casa deles na Bolívia, convidaram para ir comer porco. O Tiago saiu com os outros parentes e foram passear de cavalo. Lá é gostoso para caminhar e andar de cavalo. Ele se divertiu bastante, mas não gosta da Bolívia, diz: 'Está muito pobre.' Está pobre porque o nosso presidente não está fazendo nada. Mas a Bolívia é um país rico, tem ouro, mas não tem trabalho para o povo. O país que não tem trabalho é pobre. A minha amiga, a Marta, não gosta que a gente fale mal do presidente dela. Eu falo para ela: "O Evo não está fazendo nada." Lá tem muita terra para trabalhar, os brasileiros estão indo para estudar medicina e trabalhar em lavouras de café, porque tem muito brasileiro morando na Bolívia.

Os brasileiros que estudam, fazem faculdade gostam. Mas o Tiago não quer ir para Bolívia, diz que tem parentes, mas não gosta de pedir favores. "Quem vai ajudar?" Eu mantenho a casa sozinha, se não tivesse pagando aluguel dava para eu ir, mas tenho que pagar o condomínio e tenho que pagar a prestação do apartamento. Por essa causa ele num quis ir estudar na Bolívia, gosta é de São Paulo. Ele se sacrifica, trabalha e estuda. Às vezes tenho dó da sua correria, mas a vida é corrida. Eu compro tudo: calça jeans, sapato, tudo, principalmente quando estou trabalhando. Essa aposentadoria é uma merreca, mas essa merreca me serve bastante.

Estou desesperada para voltar a trabalhar, com esse problema de minha coluna e a junta de minha perna, não consigo caminhar. Faço fisioterapia, acupuntura para ver se melhora. Tudo isso, talvez Deus queira que melhore e aí volto a trabalhar e ter o meu dinheirinho.

Quando estava trabalhando pude comprar uma máquina de lavar roupa, pois não estava mais conseguindo lavar roupas na mão, doía tudo e não conseguia esfregar a roupa, falei: "Já que estou trabalhando vou juntar o dinheirinho e comprar uma máquina de lavar. Com mil e cem reais comprei, depois mandei colocar a pia da cozinha, o microondas." Pretendo viajar para a Bolívia, quero ver a outra parte da família também. Sinto saudades deles, estou tão longe, mas assim mesmo pretendo viajar. Quero trabalhar para juntar o meu dinheiro para realizar meus planos.

A minha mãe foi casada com um médico em Sucre, isso há anos. Ela separou-se porque ele encontrou outra mulher. Estava com quatro anos, era bonitinha; lembro que meu pai me levava para passear no hospital. Aí a minha mãe foi para o hospital ver o meu pai e aí disse que o encontrou beijando outra. Parece que ele deixou a minha mãe. Revoltada ela agarrou a minha mão e me levou, não tinha nenhum estudo, nada. Foi morar no interior da Bolívia e nunca estudei. Acredito que se tivesse ficado com o meu pai teria estudado. Mas o lugar para onde fui não dava para estudar.

Fiquei sem estudo, só sei um pouquinho para me manter, pois estudei até a terceira série do primário. Sei que o meu maxilar caiu quando estava estudando. Não estudei na Bolívia, vim saber o que era escola em São Paulo. O meu maxilar caiu e eu não consegui mais estudar. O médico da USP examinou a minha cabeça, pois doía muito. Meu queixo ficou lá em baixo, meio caído e a boca fechada. Para comer tinha que tomar tudo por um canudinho porque o maxilar poderia cair. Era duro e não sabia qual era a causa.

Lembro que a USP não era no lugar que é hoje, era no Bom Retiro. Depois foi para o Butantã. Nessa época estavam reformando a faculdade, tudo parecia mato. Fui tratar os meus dentes e o meu maxilar e os médicos perguntaram se levei muitos tombos na cabeça e falei: "Me batiam muito em minha cabeça." Por que agarravam a minha cabeça e me derrubavam no chão para bater. Acho que por essa razão acarretou esse problema e porque caí do cavalo também. Era muito sofrimento.

Criei-me sozinha nesse mundo e por isso que vim embora para o Brasil. Em Cochabamba trabalhei com essa senhora, vim e com ela estou até agora.

Também fui casada, tive um marido e não deu certo e quando não dá certo a gente manda passear, daí em diante não quis mais saber de homem. Cheguei a ficar noiva de outro homem, ele era filho de italiano, o nome dele é José Carlos. Fui fazer despedida de solteiro na Bolívia e quando voltei a menina com quem ele saía ficou grávida dele. Pretendia casar com ele, tudo direitinho, mas ele me traiu e não quis mais. Sei que brigamos, pequei a aliança e joguei na cara dele junto com as fotos, só sobrou uma foto para ficar de lembrança. Falei para ele: "Você me traiu, ótimo. Então vá embora."

Depois de uns oito meses sem sair uma minha amiga falou: "Vamos sair, passear, o quê que você está fazendo aí sozinha? Vamos sair, arruma-se." Produzi-me e saí com a minha amiga; entramos num barzinho; estava com o cabelo enorme. Sei que chegamos nesse bar e tinha um rapaz tocando violão, o futuro pai de meu filho. Nossa! Apaixonei-me cegamente por ele! Jesus! Apaixonei-me, mas não demonstrava. Ele também gostou muito de mim e falava um monte de coisas. Assim, comecei a gostar dele, não sendo bobo logo convidou-me para ir ao cinema. "Por enquanto, a gente vai se conhecendo; eu não te conheço, não sei se você se comporta bem ou não." , "Claro, sou bem comportado." Era Um Mu-lhe-ren-go! Mas estava apaixonada e sega por ele.

Sei que não o deixei, só larguei quando estava grávida. Minhas amigas me diziam: "Deixe esse cara porque ele não presta." Sei que começava a chorar e falava: "Meu Deus! Não me falem isso porque gosto dele." Tudo bem, fui curtindo a vida com ele, namorando e depois não deu certo. Quando fiquei grávida depois de cinco anos de namoro, por que também tinha que me cuidar e aí falei: "Ah! Vou encomendar um filho, quero um filho e vou cuidar sozinha, longe da família e num ter nenhum filho." Quando encomendei um filho, perdi a criança e só depois desse é que veio o Tiago. Graças a Deus, deu tudo certo! O Tiago é o meu companheirinho, é chatinho, mas é o meu filhinho. Graças a Deus o criei, está estudando, fazendo a faculdade com sacrifício.

A vida da gente sozinha não é fácil, ainda mais com filho. Tive o meu filho numa época boa, agora, as meninas estão tendo filhos muito novas, com dez anos, é um absurdo! Depois de velha é que fui ter meu filho, nessa parte me comportei bem. Caminhei, caminhei, caminhei, até chegar ao Brasil. Quase fui para os Estados Unidos também.

Trabalhei em uma casa de frios, fiquei um ano nesse emprego, os donos me adoravam e queriam me levar para os Estados Unidos. Venderam tudo, inclusive a loja de frios para irem, queriam me levar e expliquei para eles que não queria ir para tão longe porque outros falavam: "Porque não tinha ônibus para voltar." Tinha pena de deixar minha mãe.

Estando em São Paulo fui visitar umas cinco ou seis vezes a minha mãe. Juntava o meu dinheirinho trabalhando em casa de família e ia embora. A cada dois ou três anos viajava para ver a mãe, posso dizer, que dessa parte nunca a deixei. A última vez que estive na Bolívia foi quando levei o Tiago; chegou a conhecer a minha mãe; ela estava doente, levei-a ao médico para fazer o tratamento, paguei a consulta, os remédios. Fui com o dinheirinho daqui e paguei tudo. Ela morava numa cidadezinha bem simples, levei para Santa Cruz, não demorei em Santa Cruz porque era caro demais o tratamento médico e depois levei para outra cidade. Em San Juan de Piraí tinha rios e ela gostava de tomar banho, a Laura, sobrinha, também ia tomar banho. A cidade tinha rio e elas adoraram, mas quando trouxe a minha mãe para cidade ela não gostou muito porque era muito quente em Santa Cruz, parece fogo.

Passamos um tempinho passeando e depois retornamos, quando saí a deixei melhorzinha. Retornei porque o Tiago tinha que ir para escola, estava saindo do colegial, acho que estava com quinze anos. Ficamos na Bolívia por um mês e meio e depois retornamos. Deixei a minha mãe, depois de um ano ela morreu. Não deu para ir vê-la. Ainda falei para ela: "Daqui há três anos volto mãe." Ela me chamava de gringa: "Gringa." , "Eu gringa?" E o Tiago ela chamava de gringo: "Abolita, está

se sentindo bem?" , "Não, estou mal." Ela falava dessa forma porque não queria que fôssemos embora. Colocava pretextos para que eu não fosse.

Cada vez que viajava ela se escondia para não me ver voltar. Eu sofria porque ela não queria se despedir de mim, não gostava de se despedir, nunca se despediu. Somente quando viu o meu irmão se despediu.

Acredito que se tivesse ido para os Estados Unidos a minha vida teria sido outra. Acho que não teria tido filho, iria falar inglês. É o destino, sempre é isso; quando querem te levar em algum lugar, você afirma: "Não vai." Tinha medo de ir: "Ai, nunca mais vou ver a minha mãe." Falava que nunca mais iria ver a família; mas também quiseram me levar, mas não quis ir por essa causa. O pessoal falava que matavam gente nos Estados Unidos.

Quando viajo para Bolívia vou de ônibus, embarco na Barra Funda, a empresa é a viação Andorinhas. Essa linha vai até Puerto Quijarro; município boliviano fronteira com o Brasil. O ônibus passa por Campo Grande, por Corumbá até chegar à fronteira. Antes, Corumbá pertencia a Bolívia depois venderam para o Brasil, deram de presente para o Brasil. O Brasil está embutindo tudo. O Acre foi nosso, o Mato Grosso foi nosso, e hoje tudo pertence ao Brasil. Acho que por isso os bolivianos estão vindo para o Brasil, também temos direito, temos direito de ficar aqui.

Para ter direitos é preciso ter seus documentos, tudo direitinho, pois de repente morre e você não é ninguém. Então, você tem que ter os documentos. Se você viaja à Bolívia é a mesma coisa, você tem que levar o seu passaporte. Quando fui com o Tiago levei o passaporte, inclusive, tive que vaciná-lo por causa da Febre Amarela. Só que quando estava voltado, esqueci que o Tiago era brasileiro, porque é necessário carimbar o passaporte na fronteira para entra no país, onde o prazo é de dois ou três meses. De repente, se você ficar mais tempo é preciso ter o carimbo.

Não quis falar com a Polícia Federal para entrar na Bolívia e quando estava entrando tive que pagar multa, o Tiago é brasileiro. Falava: "Os bolivianos já são bolivianos. Ah! É o meu filho. Não faz isso." Por que eles me pediram 120,00 bolivianos e falei: "Não posso pagar, não tenho dinheiro." Eles abaixaram o valor e pude passar. Depois passei e fui embora. A única coisa que me deixou chateada é que não fui ao enterro e nem visitar a minha mãe; porque estava morando na rua Marechal Deodoro, pagava aluguel, não dava para deixar a casa só por muito tempo porque entrava ladrão. Teria que voltar rápido, o menino era pequeno e ainda estava na escola, Graças a Deus ficou tudo bem.

Tenho duas irmãs, uma é Vasilía a outra é Maria; além dessas eu conheço, eu sou a mais velha de todos... O único que eu conheço é o meu irmão: o Santiago e o Carlinhos, esse que está na foto. O Carlinhos foi embora fazer serviço militar, não encontrava ele na Bolívia. Quando eu viajava não encontrava. Sei que ele foi para o Mato Grosso, perto do Paraguai. E do Paraguai foi para Santa Cruz de la Sierra. Falei com meu irmão por telefone: "Eu quero ver a Maria." Ele levou a minha mãe para perto da minha irmã Maria e depois a mãe foi com o Carlitos para San Juan do Piraí. De lá depois soube pelo irmão Carlitos que a minha irmã Maria estava cega.

A Vasilía faz salteña; mas não a conheço. Quando era pequena conhecia, mas depois dos meus treze anos em diante não conheci mais. Dizem que ela está em Cochabamba, porém não temos certeza. Estamos todos perdidos pelo mundo. Quando estive na Bolívia falei com o meu irmão: "Vamos divulgar na rádio para encontrá-la, talvez encontre a minha irmã e a minha sobrinha." Uma que está em uma foto por aí. Tenho uma sobrinha e não a conheço, a filha da minha irmã.

A Vasilía não tinha filhos, essa faz uns salgados tão gostosos, salteñas deliciosas. Não as vejo há muito tempo, não sei da vida, não sei de nada. Tenho saudades, mas não as conheço. Deixei a Maria pequeninha, estava com seis ou sete anos. Quando viajava ia ver a minha mãe, depois disso nunca mais vi.

Só vejo o meu irmão quando viajo, o Santiago, pai do meu sobrinho. Ele é fazendeiro, planta cana, milho, batata, batata doce, mandioca, cria frango, porco, vaca. Por ter essa propriedade não tem vontade vir embora para esse lado. Eu já falei para o irmão Santiago: "Teus filhos saíram." Estão na Espanha, o irmão do meu sobrinho que está na fotografia foi para Espanha com a minha cunhada.

A primeira mulher foi embora e não cheguei a conhecer, a outra o deixou com mais um filho, deixou o meu irmão com três filhos. Cheguei a viajar com o meu irmão de uma cidade da Bolívia para Santa Cruz de La Sierra para trabalhar, era uma distância como de Minas Gerais a Campinas. Viajei com o meu irmão, pois essa minha cunhada deixou ele e meus sobrinhos e se mandou com outro.

Por que eles vendiam açúcar, batata; os produtos da cidade eram levados para o campo, lá tinha muita coisa, mas não tinha farinha. Eles levavam os produtos da cidade para o campo. Meu irmão morava no campo e queria levá-lo à cidade para trabalhar, para ter dinheiro e poder comprar as coisas dele. Como a minha cunhada foi embora, o meu irmão não quis deixar as crianças sozinhas. Depois as crianças cresceram e foram embora. Eu e meu outro irmão apanhamos tanto, não entramos na escola. Quando telefone o meu irmão diz: "Nós só apanhamos e não estudamos, viramos uns analfabetos. Agora temos que investir em nossos filhos." Realmente, temos que aproveitar a juventude dos filhos, pois não tivemos uma profissão. Todos os meus irmãos ficaram sem estudar. Agora, esse irmão fez até a terceira série em Santa Cruz de La Sierra. Ele queria estudar para Polícia Militar. Ele é o único que sabe um pouquinho, pois nós só sabemos assinar o nome. Não é que não saiba nada, esse meu irmão sabe um pouquinho e assim vai tocando o trabalho dele, vendendo os seus produtos na Bolívia. Podemos dizer que somos letrados. Esses irmãos são de outro pai, o meu pai era de Sucre, cidade onde nasci. O nome dele é Aloisio, mora com outra mulher.

Eu sou sozinha, não tenho pai, não conheço o meu pai, até os quatro anos eu conhecia, depois não lembro como é a fisionomia dele. A minha mãe silenciou-se e não quis falar quem era, falou porque achava que ele fosse me procurar, cheguei a falar para ela: "Fala mãe, quero procurar o meu pai." Cheguei a ir na Universidade de Sucre procurá-lo, perguntei para todo mundo e ninguém sabia de seu paradeiro. Acho que a faculdade está melhor. Nasci no hospital da capital de Sucre e não conheci o meu pai. Hoje não tenho mãe e nem pai, isso é Triste!. A vida é assim, estou sozinha e com meu filho que amo; ainda falo para o Tiago: "Antes deu morrer quero que você me dê um neto." Mas primeiro tem que estudar.

O meu filho é muito tranquilo, não é mulherengo, não é desesperado para ter mulher. Acho que puxou a mãe; o pai dele era um assanhado, era mulherengo! Nossa Senhora! Quando ele me chamava para sair dizia: "Não quero sair. Isso são horas de chamar uma pessoa?" Quatro horas da manhã, meia-noite, cinco horas ele ir me procurar e não ia. Ajudava-o ele porque era cantor e compositor. Ainda dizia: "Agora que gravou vamos divulgar nas televisões." Por que esse tipo de trabalho pode ser divulgado na TV. Insistia: "Vamos divulgar nas televisões." Só que antes de chegar nas gravadoras ele entrava nos bares e ia beber. Ele era paulistano, não era nem feio nem bonito; também sofreu muito na vida.

Ele morreu no Rio Grande do Norte. Em São Paulo já estava na sarjeta, e a mãe dele veio buscá-lo. O cantor Ricardo Braga gravou a música dele, era aquela música que dizia:

Uma estrela vai brilhar, no meu caminho
O meu dia vai chegar,
Com muito amor no coração, eu vou seguido
Tudo então vai clarear, uma estrela vai brilhar

Uma estrela vai brilhar, no meu caminho
Minha fé va me guiar
Sobre este chão de tantas pedras e espinhos,

Meus pés não devem caminhar, uma estrela vai brilhar

Uma estrela vai brilhar,
No meu caminho,
Uma estrela vai brilhar!

Caminho, sempre sorrindo,
A esperança vive sempre em meu olhar
Sorrindo vou, cantando,
Como criança, sem confiar

Um lindo dia a alegria vai chegar

Uma estrela vai brilhar, no meu caminho
Minha fé va me guiar
Sobre este chão de tantas pedras e espinhos,
Meus pés não devem caminhar, uma estrela vai brilhar

Uma estrela vai brilhar,
No meu caminho,
Uma estrela vai brilhar!

Caminho, sempre sorrindo,
A esperança vive sempre em meu olhar
Sorrindo vou, cantando,
Como criança, sem confiar

Um lindo dia a alegria vai chegar

Uma estrela vai brilhar,
No meu caminho,
Uma estrela vai brilhar!
Uma estrela vai brilhar!
Uma estrela vai brilhar!
Uma estrela vai brilhar!

Ele disse que recebia os direitos autorais, que tinha para receber; mas morreu no Rio Grande do Norte. A mãe dele veio buscá-lo e o levou porque ele não parava de beber e morreu com cirrose. Ele já estava jogado, não queria mais nada com a vida; quando estava comigo ainda estava bem. Ajudei-o bastante, falava para ele gravar, ser alguém na vida; "Vamos comprar um apartamento e depois você pode trazer seus amigos para gravar e compor música." Eu falava para ele: "Faz música!" Não, primeiro era no bar; mas todo mundo gostava dele, era muito bonzinho.

Ele sentava e já estava compondo músicas, era muito inteligente; acho que o Tiago puxou um pouco a parte do pai, porque para ser terapeuta tem que gostar de estudar. Diziam que o meu pai era pediatra, então, alguma coisa de enfermagem o Tiago puxou por parte do meu pai. O meu filho adora fisioterapia, está adorando o curso. Eu falo: "Ainda bem filho, quero que você estude, seja alguém na vida. Se eu não tenho nada foi porque não estudei, mas quero que você seja alguém na vida, porque quando eu morrer você já tem com o que viver."

O Tiago é muito certinho, gosta de trabalhar, cumpre os horários certos, não chega atrasado, gosta de estudar. Quando procuro por ele, está estudando, passa a noite inteira em claro estudando; acordo de madrugada e a luz está acesa. "Filho, está estudando?" , "Estou, amanhã tenho prova." Não tenho ninguém no Brasil, só o meu filho. Quando meu filho era pequenininho, ficou doente e tinha que trabalhar

em casa de família com um neném no braço. Quantas vezes fui procurar emprego com neném no colo. Ele não chorava de noite nem de dia, era bonzinho, dessa parte não me deu dor de cabeça. Tirei-o da creche porque ficou doente, deu pneumonia, anemia, febre e diarreia; quase fiquei sem o meu filho, era só as pelaquinhas.

Ele não comia nada, só mamava o peito, mamou dois anos e três meses e com isso ele se criou, viveu. Quando ficou doente, ia trabalhar e internei ele na Santa Casa. Ia ao hospital de manhã, às cinco e meia já estava no hospital. Ele ainda mamava e tinha que ir trabalhar, fazia faxina na casa dos outros. Fazia muita faxina porque nesse tempo não podia trabalhar fixamente em casa de família, daí fui trabalhar de faxina. Meu filho ficou um mês no hospital, saiu e estava bonzinho.

Foi uma fase difícil porque não tinha com o que pagar o aluguel e o quê que fazia? Agarrava o meu filho no colo ia tocar campainha, procurar trabalho, muitos não me aceitavam, outros me aceitavam. Pastei muito, ninguém me dava um prato de comida, ninguém. Quem me ajudou foi Deus. Assim, peguei dois empregos de faxina, levava o meu filho e ele ficava dormindo; meus peitos eram enormes de leite. Eu o agarrava e dizia para as patroas no trabalho: "Vou dar de mamar porque meus peitos estão doendo."

Eu dava de mamar e ele não acordava, gostava muito de dormir, era dorminhoco; tinha que acordar para trocar, para tudo. Ele só gemia quando fazia cocô, tinha que trocar rapidinho, lavava as fraudas de pano, depois ensaboava e deixava em cima da pia para enxaguar depois. Depois de tudo voltava para a faxina, ele não me deu trabalho. O único trabalho foi quando ficou doente. Sofri bastante para criá-lo; mas Graça de Deus ele está vivo, grande. Hoje ele trabalha e paga a sua faculdade.

Também trabalhei em uma empresa como ajudante de cozinha, trabalhei quatro anos e meio até a firma falir. Estava falindo e mandaram doze pessoas embora e ficaram outras doze na empresa. Pagaram tudo direitinho e com essa grana paguei os alugueis atrasados. Ainda cheguei a trabalhar em outra empresa de computação e trabalhava na copa fazendo café, cuidando da limpeza dos escritórios. Fiquei dois anos e seis meses nesse emprego Essa firma faliu e não pagaram nenhum tostão, saí com a mão na frente e outra atrás sem saber o que fazer. Um amigo meu que morava na rua Baronesa de Itú conversou comigo e falei: "Quê que faço? A firma faliu, o homem foi embora e não pagou ninguém."

O dono sumiu e não pagou nem os empregados que trabalhavam nos computadores, eles faziam desenhos de prédios bonitos para vender. Falei: "O quê que eu faço agora?" Nós saímos da firma numa sexta-feira, quando a gente retornou na segunda a casa estava vazia, não tinha nada, o homem levou tudo. Os funcionários colocaram o chefe na justiça, ninguém tinha dinheiro, estávamos duros. O dono não pagou a ninguém, sumiu e até agora ninguém achou. O processo ficou três anos na justiça, depois fecharam porque ninguém achava o homem. Eu acho que a justiça não procurou nada. Fui até esse amigo e falei: "O quê que faço? Tô sem dinheiro, não tenho dinheiro para comprar nada." , "Sabe que você vai fazer, amanhã me traga 15 coxinhas." Ele tirou um dinheiro do bolso e me deu quinze reais. "Você sabe fazer coxinha? Você sabe fazer salgadinhos? Você aprendeu no restaurante?" , "Sei, mas não tenho dinheiro, como que vou fazer?"

Depois do acontecido fui trabalhar na casa de outro pessoal, esses que estão na foto, eles comiam muita verdura e diziam que era bom para o sangue. Eles gostam de ver a geladeira cheia de verduras e vão comendo sem sal, sem nada, diziam para eu comer porque era bom para o sangue e para o intestino

Quando vim da Bolívia não conseguia ir ao banheiro, tinha o intestino preso porque não tinha o habito de comer verduras, até comia, mas não era chegada. A minha barriga era dura como um pau, chegava até sair sangue no banheiro e doía demais. Aí fui comendo e o médico: "Você come verduras? Você come fruta?" , "Não como nada." Aí mandou comer: "Seria bom comprar um mamãozinho para

“você comer nas manhãs antes de tomar café, você come que limpa tudo.” Até hoje como um pedacinho nas manhãs.

É preciso comer muitas frutas e verduras, não é necessário comer tanta comida, mas se alimentar bem. Colocar no prato duas colheres de arroz, duas colheres de feijão, um pedacinho de carne e mais verdura, não é preciso comer muita carne, basta um franguinho. Agora, toda manhã faço essa dieta. Também faço isso para o Tiago. A cenoura é boa para a vista, para pele; a cebola também boa para vista. Eu como muita cebola e alho. Eu namorei um filho de italiano que colocava bastante alho na salada, os italianos adoram comer.

Namoramos bastante tempo, até íamos casar direitinho no papel, mas ele me traiu. Tudo bem, está feito, ele ia ser o meu marido, agora sei que está solteiro. Depois de ter tido cinco filhos está solteiro, a mulher dele foi morar em outro lugar, agora ele é o meu amigo. Um tempo desse ele quis sair comigo: “Vamos sair, vamos ao cinema, vamos passear.” Não quero, o quê? Depois de velha? Quando era jovem ele não me quis e foi embora com outra, agora vou querer? Uma banana pra ele! Não, agora ele é o meu amigo.”

Eu só namorei dois homens na minha vida. O José foi o meu primeiro namorado, e o segundo foi o pai do meu filho. O pai do meu filho chamava Vicente Santos. E o nome artístico era Marcos César. Quando o conheci era Marcos César.

Deus não me deu sorte, pois sempre tive o desejo de me casar toda bonita, toda de branco, era o meu desejo. Ia casar, já tinha os meus padrinhos, madrinhas, já tinha tudo e não deu certo. Nessa época o italiano estava trabalhando para uma empresa de engenharia mecânica e também estava fazendo faculdade de engenharia mecânica; teria sido um bom mecânico. Deixou tudo isso por mim, falei “Você deixou para trabalhar de caminhoneiro.” Trabalhou de caminhoneiro, agora está aposentado. Ele disse que teve problema no coração e pode morrer de repente.

É como o caso desse senhor que estava pilotando o avião e morreu. Ele tem medo de acontecer o mesmo com ele: “Não quero mais trabalhar assim. Quero ser cozinheiro.” Ele cozinha bem, italiano gosta muito de comer bem, nossa! Ele fazia cada prato gostoso, tão carinhoso, bonzinho, como ele me adorava. Os irmãos e os sobrinhos dele me adoravam, mandava cartas e cartas, inclusive guardei uma carta. Como ele disse: “Desde os fios do teu cabelo até a ponta do teu pé, eu te amo!” Eu guardei essa carta, não sou de guardar não, as outras joguei no lixo, queimei. Ele me amava loucamente; como o povo diz: tudo morre. Foi embora com outra e não deu mais.

Trabalhei muitos anos com a senhora que cuidou de mim quando fiquei doente de hérnia, foram quatro anos com ela na Bolívia e depois ela me trouxe para São Paulo; pois recebeu uma carta do Brasil para ir trabalhar no Servidor Público. Ela veio e se aposentou. Ela me deixou na Bolívia e disse: “Daqui a quatros anos volto para te levar.”, “Tá bom.” Estava com gripe, mas ela tinha que viajar porque os trâmites dela já estavam feitos. Ela me deixou na casa que ela estava, na época pagava o aluguel. Tinha uma senhora que me dava comida, pois não conhecia outras pessoas.

Saí da casa e fui trabalhar na casa de um senhor, era solteiro e ex-combatente do exército, já era de idade. Fiquei trabalhando nesse lugar e fui juntando o meu dinheirinho, comprava jogo de cama, comprava roupas de cama, mesa e banho e revendia para as pessoas. Terminava o meu serviço na casa desse senhor e ia vender as minhas coisas. Estava bem, tranquila. Depois de quatro anos a Dona Pepita, a senhora que me pegou no hospital, retornou do Brasil e foi em casa me procurar, foi primeiro na casa que era da comadre dela. Procurou e acabou me levando para São Paulo.

Ela fez os meus documentos e me trouxe para cá. Ela tinha uma amiga que morava com ela, dividia o aluguel. Eu ajudava cozinhando, lavando e passando as roupas da menina. Eu ganhava para fazer esse trabalho, mas ela me pagava pouquinha coisa, só sessenta bolivianos. Não queria me pagar mais, estava com ela

três anos e meio, depois desse tempo deixei a casa e fui trabalhar com uns argentinos. Fui ganhar 150,00 bolivianos com essa família trabalhando de babá, fiquei muito tempo trabalhando de babá e só depois que fui trabalhar nas firmas.

Trabalhei com várias pessoas que me fizeram sofrer também, sofri muito com os patrões brasileiros. Elas punham chave na geladeira, eram judeus. A patroa judia era tão braba, inclusive, tenho uma foto dela. Nossa Senhora! Eu dormia na casa deles, por isso, tinha que aguentar porque não tinha onde dormir. Limpava tudo, mas ela dizia que estava sujo, passava a mão nas coisas e dizia: "Tá sujo, limpe novamente." Como sofri na mão dessa mulher. Depois saí e fui trabalhar em outros lugares. Nessa época não estava namorando, não tinha nem o Tiago, nem pensava em ter filho. Isso foi antes de conhecer o José Carlos, filho de italiano. Agora ele não tem pai e nem mãe, mas na época cheguei a conhecer a família dele. Era sozinho e tinha cinco filhos.

Tenho alguns amigos no Brasil, uma dela é a Marta. Ela é costureira profissional. Às vezes envio umas roupas para ela arrumar, pois sua especialidade é reforma, mas fico um tempão esperando: "Arruma as minhas roupas." Ela é muito atarefada e tem o pai dela que tem noventa anos. Ele mora com as irmãs dela, com a filha enfermeira. Ela trabalha no Hospital das Clínicas. A outra irmã não sei em que trabalha, parece que são quatro filhos com a Marta. Conheço a Marta há muitos anos, dede quando os filhos dela eram pequenos. A Marta e o Marquinho são muito legais comigo. Ela criou os filhos dela com muito sacrifício. Mas os filhos não trabalharam e o meu trabalha e estuda. Ela costura e o marido dela arruma máquinas de escrever e vende.

Eles moram aqui na rua das Palmeiras. Moravam num sobrado onde criaram todos os filhos. Parece que é na frente de um supermercado, agora é mais longinho. Mas os filhos dela não trabalharam, o Pitoquinho está trabalhando, conseguiu fazer a faculdade, estuda; faz na USP de São Carlos...

Parece que o filho dela ganhava uma bolsa de ajuda de custos da faculdade, e com isso, se mantém, eles dão roupa e tudo. Ele estava trabalhando em um cinema no Shopping e saiu para fazer faculdade na USP.

Vim para o Brasil com 25 anos. Em Cochabamba a Dona Pepita me pegou com treze anos quando estava doente. Ela cuidou de mim, me tratou. Depois não fiquei muito tempo na Bolívia, minha caminhada foi toda no Brasil. Fugi de casa, viajava e voltava, desde pequena minha vida foi assim. Depois de uns cinco anos que estava no Brasil viajava sempre para ir ver minha mãe. Faz quase três anos que ela morreu. Sofri muito nessa vida, já trabalhei em casa de família, já fui muitas coisas. Minha vida é uma história. Sofri desde o princípio, comendo coisas que não prestavam, longe da minha mãe, apanhando de desconhecidos... Pero no morri!

4.1.13. Ema

Fonte: Foto da autora, 2010) À direita e de branco Ema com sua amiga na Igreja Nossa Senhora da Paz.

Sou uma mulher trabalhadora e ativa

Eu estou no Brasil há 54 anos. Na época que cheguei não havia boliviano. Os Bolivianos começaram a chegar depois de 20 anos que estava aqui. Até então, era raro ver um. Quando vim da Bolívia, vim com contrato de trabalho, como pacho; vim com uma família de judeus, a mulher era judica-alemã e o marido dela era sírio.

Tinha um contrato de trabalho que perdurariam dois anos. Porém, tinha um namoradinho e aconteceu o que não devia acontecer, vim descobrir que estava grávida aqui. contei para os meus patrões, pois queria voltar para Bolívia, mas como tinha assinado esse contrato, eles falaram: "Você não pode voltar agora." A dona da casa ainda falou em castelhano: "Tu no es una mujer macha?" Como dissesse: "Tu não é uma mulher forte? Você cria teu filho no Brasil."

Tive esse filho aos 17 anos, agora meu filho está com 54 anos e tenho um neto com 28 anos. O filho nasceu e ainda continuei trabalhando com a mesma família, fui tendo amizades com outros brasileiros. Acabou o contrato com aquela família, saí da casa e fui trabalhar com outra família alemã. Trabalhei uns 3 anos com eles, saí de lá e fui trabalhar com uma família norueguesa, essa família que está na foto na parede; a mãe e o pai são aqueles que estão de casamento.

Trabalhei com a família norueguesa durante 38 anos, quase uma vida. Se tenho esse apartamento é por causa deles. A gente se separou porque a matriarca da família morreu, não estava preparada para a morte dela e sofri demais com a perda... Criei o meu filho na casa dela, na época o meu filho tinha 3 para 4 anos e ele saiu da casa dessa família com 23 anos para casar. Graças a Deus, o casamento dele foi bom! A verdade é que tinha um pouco de medo, pois ele tinha casado muito jovem, porém, acho que minha nora tem mais cabeça do que ele, ela é uma

mulher que pensa melhor as coisas, não é aquele tipo de mulher: "Quero isso, quero aquilo". É uma mulher responsável. Às vezes percebo que o meu filho é um pouco acomodado, não puxou para mim: porque sou uma mulher trabalhadora e ativa; ele é meio falador, mas a esposa dele é mais decidida, ele é um pouco inseguro; para ele se a casa estiver caindo, tudo bem. A minha nora é mais preocupada com as coisas e ele nem tanto. Porém, graças a Deus ela é mais compreensiva; eles já estão casados há 29 anos, pois o meu neto está com 28 anos.

Fiquei um período da minha vida com essa família e a gente se separou porque ela morreu... Uma vez fui com uma moça no cemitério lá pros os lados da Vila Carrão, onde tem um cemitério grande, o Cemitério da Vila Formosa. Fui almoçar na casa de uma moça brasileira e dentro do ônibus escutei alguém falando o castelhano, não o espanhol. Aí perguntei, eram dois rapazes: "Vocês são bolivianos? De onde que são vocês?" Eles: "Nós somos bolivianos." Para mim, aquilo foi uma felicidade, fazia tempo que não escutava espanhol. Um dos dois falou: "Você é de onde?" Eu: "Eu sou de Cochabamba, e vocês?" Eles: "Nós também somos de Cochabamba."

Eu perguntei onde eles estavam morando, eles falaram: "Nós estamos aqui perto da Faria Lima, perto do Ibirapuera." Como naquele tempo não havia costureiros, eles trabalhavam com carpintaria, eram marceneiros. Eles trabalhavam talhando quadros grandes em madeira, e muitos produziam essas peças para vender em Embu, hoje Embu da Artes. Falaram: "Nós moramos e trabalhamos lá. Domingo tem um campo de jogo onde jogamos futebol." Eles me convidaram para ir nesse campo de futebol, fui lá, quando cheguei conheci um monte de bolivianos que estavam no Brasil, não sei quantos clubes de futebol, havia tudo. Foi lá que conheci uma amiga que se chama Matilde e o marido também, inclusive eles estavam na feira.

Havia me encontrado com esses rapazes dentro do ônibus e eles me apresentaram a Matilde e o Fernando. Esse casal me convidou para ir almoçar na casa deles; no campo de futebol, também conheci outra moça chamada Carlota, inclusive, ontem fui ao aniversário dela. Esses são os amigos mais antigos que conheço, vai fazer mais de 30 anos que somos amigos.

Fui construindo aquela amizade com a Matilde e o Fernando. Foi aí que comecei saber de bolivianos no Brasil, antes desse episódio, não conhecia boliviano nenhum. Eles jogavam nesse campo de futebol e se reuniam depois do jogo. Quando perdiam a partida, bebiam, se ganhavam, bebiam, havia festa para tudo. Agora, quem me trouxe na Igreja da Pastoral foi essa Matilde; ela falou assim: "Tem uma missa que é celebrada em Espanhol, em castelhano." Porque nós falamos castelhano, falei "Onde?" Marquei de ir a missa com ela. Na época que comecei a frequentar a Pastoral, não era assim, tão cheia de bolivianos, quem liderava a igreja eram os chilenos. E a missa não era na Igreja, era em uma sala onde o padre passava aulas às crianças das creches. E o padre realizava a missa nessa sala.

Lembro como se fosse hoje, quando comecei a ir à Pastoral o Padre Mário e o Padre Beto eram seminaristas, aquele que está na foto em cima da TV era o Padre Beto. Ele era seminarista e ajudava o Padre Mário. Aí o Padre Mário começou a rezar a missa em Espanhol. Primeiro, ele perguntou de onde eu era, disse que era de Cochabamba, pois ele perguntava quando chegavam pessoas novas. Ele falou: "Quem está aqui pela primeira vez fale seu nome e de qual cidade veio?" Aí chegou a minha vez, e falei o meu nome. "Sou boliviana, de Cochabamba e meu nome é Emília Térra Rocha." Quando ele começou a rezar a missa em espanhol não aguentei e comecei a chorar porque fazia anos que não escutava uma palavra em Espanhol.

A primeira igreja que conheci foi a da rua Brigadeiro Luis Antônio, no Bela Vista, naquela igreja ao lado do Extra supermercados, inclusive, o meu filho foi batizado lá porque não conhecia outras igreja. Frequentava essa igreja, porém a missa não entrava na minha cabeça porque achava difícil e diferente. Quando o

Padre Mário realizou a missa em espanhol, comecei a chorar. Aí o padre olhou: "Mas porque estás chorando?" , "Padre Mário, há anos que não escuto missa em espanhol, para mim, isso me tocou aqui dentro." Daí comecei a frequentar a Pastoral.

Naquela época que eu, Matilde e Fernando íamos à Pastoral eram mais chilenos que a frequentavam. Como era principiante, não sabia que serviam almoço nessa paróquia, porque assistia a missa e ia embora. Com um tempo apareceu a Norma e outras pessoas que falaram para o Padre Mário: "Por que nós temos que fazer a missa num quarto? Por que a gente não pode fazer dentro da Igreja? Por que tem diferenças?" Acho que o Padre Mário parou e pensou: "Tá Bom." Depois do diálogo o Padre começou a celebrar a missa dentro da Igreja. Isso porque a Norma falou: "Se os outros podem ter a missa dentro da Igreja porque nós não podemos ter?" E daí o Padre Mário aceitou e começou a realizá-la dentro da igreja Nossa Senhora da Paz.

Quando acabou a missa o Padre Mário falou: "Hoje tem um almoço que os chilenos estão preparando e não sei se vocês querem ficar para almoçar." Eu nunca havia almoçado lá porque como a missa era realizada nesse quarto, acabava e ia embora. Porém, quando o padre falou dentro da igreja aí disse: "Matilde porque nós não ficamos para almoçar? Eu quero ficar para ver como é." Ficamos e havia duas chilenas, uma delas chamava-se Luz e a outra era a Gimena, que mudou e mora em Curitiba. Naquela época havia uns bancos do lado de fora da Igreja onde ficávamos sentadas almoçando. As chilenas se aproximaram e disseram: "Vocês não querem cozinhar pela Bolívia?" Eu falei: "Se ela se animar para cozinhar eu ajudo, agora eu sozinha, não. Matilde, você quer?" Ela aceitou. "Eu faço sim." Foi daí que começaram os almoços com pratos da Bolívia na Pastoral aos domingos.

A partir desse momento fomos convidando pessoas, conhecendo mais gente, quando percebemos os almoços estavam lotados de bolivianos, hoje, a igreja está sendo frequentada mais por bolivianos. Inclusive, tenho uma amiga, a Dona Gena que é peruana, ela ficava conosco e todo mundo pensava que ela era boliviana, ela é peruana, o marido dela que é boliviano. Daí começamos a conhecer gente da Bolívia, agora, o povo não sei como chegou lá.

A primeira festa que ocorreu teve direito a banda e tudo mais, foi a Marta e Guillermo que trouxeram da Bolívia. Até então não conhecia a Marta do Marcos. Sei que ela formou um grupo para dançar, depois conversando com ela é que lembrei que ela tinha composto tal grupo. Sei que tinha a Cecília e mais alguns, fizeram um grupo para dançar que se chamava Cuiaua.

Antigamente as festas na igreja começavam cedo e acabava 4 ou 5 horas da manhã porque o povo não queria parar e tinha muita gente. Naquela época, o Padre Mário tinha saído e quem entrou foi o Padre Beto. O Padre Mário fazia as pessoas de gato e sapato. O que ele falava o povo tinha que aceitar, agora, o Padre Beto era mais pacifista: "Ah! Assim está bom." As festas começavam mais ou menos 9 ou 10 horas da noite e acabavam de madrugada porque era perigoso acabar cedo, pois como que as pessoas iam embora da Pastoral, aquela região do Glicério era inóspita.

Lembro que o senhor Guillermo Salazar e Marta foram passantes, pessoas responsáveis em arrecadar dinheiro e organizar as festas das padroeiras da Bolívia anualmente. A Matilde e eu fizemos a comida, ajudamos na organização e montagem da festa. Nesse dia fui embora da igreja às nove horas da manhã. Por que tinha chegado de madrugada e precisava limpar todo o salão, cozinhar e limpar tudo. Naquela época trabalhava com essa senhora norueguesa. Cheguei em casa, ela morava para o lado de Santo Amaro; cheguei às dez horas da manhã, às vezes ela falava: "Nossa, Ema, você está chegando dez horas?" E respondia: " É que a festa foi até essa hora."

Às vezes saía da Pastoral e ia para o Memorial da América Latina, pois vinham conjuntos da Bolívia para dançar, não eram como agora, conjuntinhos mais ou menos, eram grandes conjuntos, geralmente no Memorial as apresentações

começavam às duas horas da tarde, dormia três horas por dia para está presente. A patroa falava: "Ema, você não dormiu nada." Eu: "É que tem uns conjuntos que vão dançar lá no Memorial." Ia para o Memorial e foi assim que a minha vida começou.

Atualmente, São Paulo está cheia de bolivianos, agora mesmo estava vendo o noticiário da TV e vi que prenderam na Casa Verde pessoas que eram escravas de Bolivianos; o próprio boliviano fazendo seus patrícios de escravos, ao todo eram uns 25 bolivianos. Eles mandavam essas pessoas vir da Bolívia e falavam que iam ganhar muito dinheiro. É que lá na Bolívia, inclusive, quando o Bispo de lá esteve no Brasil nós conversamos no café da manhã sobre isso; ele disse que as pessoas fazem propaganda nas rádios dizendo: "Vocês vão ganhar tanto."

Na época, ouvimos a notícia que eles ofereciam 200,00 dólares, agora dizem 500,00 dólares; foi o que o noticiário mostrou. Naquele momento era assim: "Vocês vão ganhar 200,00 dólares livre de tudo." E as pessoas acreditavam nessa ilusão e vinham, quando chegavam se deparavam com outra realidade, pois os donos das oficinas cobravam e descontava tudo: passagem, moradia, comida e quanto ai ver não tinham sobrado nada, pois quem estava devendo eram os empregados bolivianos.

Em detrimento disso tinham que trabalhar de manhã, de tarde e de noite, das sete da manhã até uma ou duas horas da madrugada; além de tudo, diziam que os patrões não davam comida. Isso porque, às vezes, eles veem com aquela ilusão achando que vão fazer fortuna de uma vez só na cidade de São Paulo; é uma situação deprimente. Percebo que muitos bolivianos que vêm trabalhar na costura são pessoas humildes, são camponeses. Até mesmo o Padre Mário, Padre Beto e o Padre Sidney foram uma vez lá na Bolívia porque eles queriam saber, principalmente, o Padre Sidney, que na época publicou dois livros, saber como viviam e como era a situação dessas pessoas na Bolívia.

O Padre Sidney foi para Bolívia, para o campo e disse que muitos pais de famílias o abordavam, falando com carinho: "Padresito, leve meu filho para que trabalhe com você em São Paulo." Aí o Padre falou: "Eu não posso levar, não permitem que leve." Quando ele chegou contou que eles ficam desesperados para vir, pensam que tudo é um mar de rosas, criam ilusões de que vão ganhar dinheiro e publicam no rádio, em jornal que estão distribuindo dinheiro no Brasil. Acho tudo isso um engano, chegam e, olha o resultado, dá até prisão. Tenho raiva disso, para quê trazer as pessoas dizendo que vai ganhar 500,00 dólares?

Conheci um caso aonde um rapaz, a mulher e o filho vieram mais duas pessoas para o Brasil. As pessoas que os trouxeram estavam quase vendendo eles, pois ofereceram para outra família dizendo que tinham que dar 800,00 reais; era como se estivessem vendendo trabalhadores. Eu estava assistindo ainda há pouco a TV Record que eram 25 bolivianos mantidos como escravos na Casa Verde. Tenho uma amiga, a Carlota que faz salgadinhos e entrega nas oficinas, ela diz que esses que chegam encaminhados têm medo, pois pensam que se forem falar alguma coisa serão prejudicados pelo que dirão.

Uma vez falei com a Carlota: "Carlota, mesmo nessas oficinas que você vai vender salgadinhos, pergunta se eles querem fazer uma entrevista com uma moça assim e assim." Ela fala: "Não, temos medo." E expliquei: "É uma moça, e não irá prejudicar ninguém." , "Não." Ela: "E de semana?" Eles: "Pior ainda, nós não podemos parar!" Aí a Carlota falou: "Bom, eles não querem, têm medo." Eles acham que todo mundo é polícia, pensam que todo mundo está sendo mandado pela Polícia Federal para descobrir as coisas.

Eles são medrosos demais, inclusive, esse menino que denunciou essa situação chama-se Juan Carlos, disse que o dono da oficina fugiu, parece que se chamava Quisper. Ele ameaçava as pessoas: "Se você for..." Acho que ele já estava se revoltando, o dono falou: "Eu vou mandar um brasileiro te matar." O rapaz disse isso para o delegado da Polícia Federal. Parece que eram três pessoas: um brasileiro e dois bolivianos que negociavam empregados, agora estão presos.

Agora, como irão resolver isso daí, não sei. Esse menino que denunciou tem medo de ficar no Brasil. Não sei se o Consulado Boliviano vai mandá-lo embora ou deixá-lo escondido, de fato, a forma como foi feita a denúncia, deixava implícito que era trabalho escravo. Ele falou: "Eu tenho medo que façam alguma coisa porque não aguentei." Impossível não sentir medo, como ele fugiu de onde estava, ficou três dias sem comer, não sabia aonde ir, não sabia o que fazer; acabou indo à delegacia de polícia e a delegacia comunicou o Consulado, e o Consulado comunicou a Polícia Federal, e a Federal foi verificar o caso.

Eram duas casas onde funcionavam as oficinas de costura, existiam cachorros bravos e os donos não queriam atender. Os funcionários tinham ordem para não sair do espaço; pois os donos agiam da seguinte maneira: "Vai, dê-me seu documento que vou guardar para você". E não devolviam mais e, sem documentos eles não podem fazer nada, ficam completamente presos.

Uma vez estava no posto de saúde e vi um rapaz com uma pastinha, a gente percebe quando precisam de ajuda: "Que estás buscando? Vai para a Pastoral?" , "Sim, para a Pastoral." Eu estava debaixo daquela ponte que passa para ir no Carmo. "A Pastoral é o lugar onde está aquela torre vermelha". Era uma quarta-feira: "O que você quer com a pastoral?" Ele contou que trabalhava e o homem não queria pagar o que devia, quando falou que queria o dinheiro dele, o dono mandou ele embora e ainda bateu no menino.

Ele estava com olho roxo: "Ele me bateu." O dono da oficina disse: "Você pode se queixar para polícia, você pode se queixa para quem você quiser, aqui ninguém vai fazer nada." Eu falei: "Não, não, não. Ande um pedaço, estas vendo aquela casa? Dê a volta nela e chegará à pastoral, lá procure o Padre Mário, pois ele te indicará o que você tem que fazer." Aí ele disse: "Mas eu não posso voltar lá." Falei: "Não, a pastoral tem espaço para ficar algumas pessoas, ou o Padre vai te indicar outra oficina de costura para você trabalhar. Caso você não queira ir agora, você vem amanhã que a Dra. Rute estará aí e quem sabe ela pode resolver. A Dra. Rute atende às quintas-feiras. Agora, se você quiser falar com o Padre Mário é só seguir."

Eu nunca mais vi esse rapaz, não sei se ele resolveu o problema, não sei se ele foi embora, sumiu. Ainda falei para ele: "Todo o último domingo do mês nós temos missa e você pode participar e depois da missa, às vezes, pode até conhecer pessoas." Às vezes fico com raiva, pois eles só aparecem na Pastoral quando estão com problemas, quando não estão com problemas somem do mapa.

Nesse haverá almoço dos bolivianos na Pastoral e quem cozinhará serão as mulheres bolivianas, nós cozinharemos, ainda falei para a Ilda que já faz muitos anos que frequento, faz dezoito anos essa igreja. Das mulheres que frequentam a pastoral, uma das mais antigas que participa da cozinha sou eu, falei para Ilda: "Ilda, tem dias que não aguento mais, já estou cansada." , "Ah! Mas como vai ser se nós não fizermos a comida?" O Padre Mário, às vezes o Marcos, o marido da Marta diz: "Ah! Mas pode chamar outras pessoas". Eu falei: "Por que tu já não chamaste? Chama outras pessoas, porque estou cansada de chamar".

Antigamente quando ia ao Parque da Luz para passear com o meu cachorro e via bolivianos lá; aproximava e conversava: "De que lugar você é?" E a pessoa respondia: "De tal parte". E falava: "Por que você não vai à Pastoral? Lá é assim, aparece lá." Eles: "Eu vou, sim senhora." Falei e não apareceu ninguém, um dia falei para o Padre Mário: "Padre Mário, estou cansada de falar e eles não vêm. Só aparecem aqui quando estão com problemas de documentação ou quando os donos das oficinas não pagam eles, aí eles aparecem. Porém se a gente fala que venham para ajudar no fim do mês a fazer o almoço ou para ajudar a limpar as mesas, eles não aparecem."

No fundo, já estou cansada de ajudar, como essa senhora peruana, ela ajudava muito a gente, um dia falou: "Dona Ema, eu cansei! Não vou mais e acho que a senhora também devia se aposentar". Só que eu fico com pena de deixar a Ilda, deixar a Marta sozinha... Um dia a Marta falou: "Ah! A gente devia..." Eu

penso assim, ela é aposentada, o marido ganha bem porque trabalha no Einstien e é enfermeiro, ela tem uma aposentadoria muito boa, a Olga tem uma aposentadoria muito boa porque ela era enfermeira...

Agora a Ilda tem um consultório de dentista, não sei os dias que ela trabalha, eu tenho a minha aposentadoria. A Isabel fala assim: "Porque nós não contratamos uma cozinheira como fazem os peruanos, ela vem para cozinhar e pagam para ela." Eu falei: "Isabel, gostaria de saber quem vai fazer isso? Quem vai pagar?" Ela: "Ah! Você podia falar para o Padre Mário emprestar um dinheiro para pagar a cozinheira e depois a gente devolveria para ele." Eu: "Isabel, se tivesse bastante dinheiro e disposição eu pagaria." "Poderia pagar a mulher para cozinhar e pronto. Ela cobra por pratos.." Eu: "Porque é cansativo." É duro cozinhar em grandes quantidades.

Às vezes a Ilda e o Marcos saem para fazer compras, tem um colega, o Vitalino, tem carro, e marcam com ele para fazer compras no mercado. Antigamente essa Matilde era a cabeça na cozinha, porém teve problema com o marido e ficou pouco se lixando para os almoços, como se diz: decepcionada com muita coisa e não estava mais a fim de cozinhar. Algumas vezes até pedia: "Matilde, cozinha para nós." E ela falava: "Ah! Eu vou fazer por causa de vocês". Um tempo depois quando falei com ela: "Ah! Eu não vou poder porque tenho outro compromisso."

Como ela não estava mais interessada, falei para Ilda: "Ilda, não adianta falar mais com a Matilde que ela não quer." Fomos falar com mulher de Dom Guillermo que se chama Marta, ela indicou que falássemos com a Olga, fomos: "Fala com a Marta se ela pode fazer." Durante um tempo a Marta ficou cozinhando, fez alguns investimentos no mês de maio, ajudou cozinhar e tudo. Atualmente, fiquei sabendo que a Marta está cansada e que não quer mais cozinhar. Não sei como é que vai ser.

Sábado teve uma festa em homenagem a Virgem de Urcupiña, a Ilda foi falar com um casal, não sei se chegaram a um consenso. Como esse sábado vai ser a primeira novena da Bolívia da Virgem de Copacabana e de Urcupiña vamos celebrar alguma coisa nesse dia. Tenho medo porque não sei cozinhar comida boliviana, quando vou fazer alguma coisa eu pergunto. Tem uma senhora na feira da Kantuta, a Dona Petrolina, a quem costumo perguntar: "Como se faz isso assim?" Ela me explica, agora para cozinhar para 150 pessoas não sei, é muita coisa, é pesado, é trabalhoso.

Trabalhei para essa família dinamarquesa durante 38 anos, cozinhas e fazia tudo, apesar de que a comida dela era fácil de fazer. Como são noruegueses, comiam mais verduras. Agora, comida de boliviano é um pouco complicada, e não tenho coragem de meter a cara e fazer, não tenho coragem; tenho medo de sair tudo errado, não me sinto segura. Agora, para ajudar descascar batata, cebola, essas coisas, tudo bem.

Agora, para ser a chefe de cozinha e ficar fazendo molho, frango, já fico nervosa. Mesmo sem fazer isso fico nervosa: "Por que está nervosa?" Eu: "Estou com medo de não dá certo, de não ficar pronto há tempo." Às vezes estou na cozinha e muita gente acha que porque os conheço, irão furar a fila da comida e irei dar primeiro para eles, e não é assim, a primeira vez você olha e vira as costas: "Não quero que me abordem."

Eles acham que porque os conheço podem furar a fila, não é assim, senão os outros da fila ficam olhando feio para mim. E isso, às vezes, eles não entendem. Às vezes quando saio de lá eles dizem: "Ah! Você está aborrecida?" , "Não é que estava enojada, aborrecida, é que fico muito preocupada se vamos alcançar ou não a meta. O pessoal que fica chamando pensam que eu dou preferência para outra pessoa, e não é verdade. Nesse momento, tenho que respeitar a fila, não posso dar preferência para um ou para o outro." Eles: "Está bem, entendemos."

Sou um pouco preocupada com quem vai cozinhar, e o problema é quem vai cozinhar. E já havia comunicado a Ilda que não devia mais ter esses almoços.

Tivemos uma reunião e os chilenos não querem que acabem: "Ah! Não". Que havia falado assim: "Era bom não ter mais almoço, e sim, compartilhar um lanche depois da missa; cada um trazia um prato colocava na mesa e compartilhava." Aí os chilenos: "Ah! Não. Pois se for lanche muita gente pode não gostar porque eles vêm cedo de suas casas querendo almoçar e vai tomar lanche, se põe lanche alguns podem ir embora". E ficou nessa.

Estava conversando com a Marta e ela: "Já devia acabar com isso." Eu não sei, agora falo para Ilda: "Ilda, e se contratarmos uma cozinheira?" , "Ah! Quem vai pagar ?" Porque a Ilda é super segura com dinheiro, ela é durona. Antigamente tinha que pedir doações: "Ah! Eu não tenho cara para pedir." Aí foi quando falamos: "Ilda porque que a gente não pede para o Padre Mário dinheiro emprestado, depois quando a gente vender as comidas, a gente devolve e o resto deixa para ele." Ela já havia falado para o Padre Mário: "Padre Mário, o senhor empresta dinheiro?" Por que antigamente era assim, a igreja era que dava o dinheiro para fazer compras.

Quando nós começamos com o chileno Omar, que agora voltou para o Chile, ele que era encarregado de dar o dinheiro. Tínhamos que entregar a conta com a relação de todos os gastos para ele verificar o porquê gastou, o que não gastou, se faltou dinheiro, se completamos o dinheiro que faltava com o nosso para ele devolver. Ele que ajustava as contas, naquela época era o Padre Beto que ajustava as contas com ele. Porém, depois entrou outras pessoas, não sei se foi o Padre Roque ou Padre Luis, começaram a falar que seria melhor pedir doações, como não tenho coragem de pedir essas coisas para os outros, como a Ilda faz, fiquei na minha.

Ela dizia: "Ah! Nós vamos fazer almoço, nós temos que pedir doações." Ela já pedia: "Se você quer ajudar, você tem que dá um saco de papa, você tem que dá uma caixa de tomate, uma caixa de não sei o quê e tal.". A gente conseguia doações assim: primeiro era a carne e quem dava era eu, a Isabel, a Lúcia e o Guillermo... Por que o Guillermo é meio seguro para doar a carne. A Olga, a Isabel e a Gena que são peruanas, ajudavam a preparar o almoço, porque ajudo quando é o almoço do pessoal do Peru.

Porque o mais pesado era conseguir a carne, é claro que a gente procurava o que estava mais em conta para comprar, quase sempre o frango estava mais em conta do que a carne. Quando o pessoal comprava frango, comprava em excedente, se gastasse 130 reais em compras de carnes, geralmente, 10,00 ou 15,00 reais era para as pessoas que trabalhavam na cozinha, mas nunca conseguimos comer porque vai tudo embora. Às vezes só comíamos o molho com batata e arroz, pois a carne de frango ou vaca ia embora.

Quando calculávamos dava 150,00 reais e a Ilda dizia: "Vamos aumentar para 160,00 reais?" E eu: "Mas diga para os outros que estamos aqui na cozinha e nunca comemos carne, só molho." O engraçado é que preparávamos a comida e não comíamos porque não sobrava. Eram os seminaristas e outras pessoas que chegavam para almoçar e ficava chato cobrar. Quando a gente via que não tinha para nós, dávamos um jeito de guardar um pouco na cozinha, pois quem ficava lá era eu, Marta, Olga, Ilda. No sábado ia ajudar a descascar batata, cebola, essas coisas, adiantar e no domingo às 7 horas da manhã já estava lá. Era dever de quem chegasse primeiro por a água para esquentar em panelonas enormes, tendo água quente é mais fácil para cozinhar o resto.

Assim a gente fazia, agora, não sei como vai ser este mês, eu não sei. No fim do mês de novembro nós fazemos o almoço da Bolívia, justamente por dezembro ser um mês que muita gente viaja. Uma vez fizemos o almoço em dezembro e sobrou quase toda a comida. Aí falamos para o Padre Mário: "Eu acho que em dezembro não vai ter almoço porque chegam às viagens, muita viagem, bolivianos também viajam." Aí ele falou: "Se assim, não vamos fazer almoço em dezembro." Em janeiro também não fazemos almoço porque as pessoas ainda não

voltaram; só em fevereiro que começam os almoços porque muita gente já voltou. Em fevereiro tem carnaval e tem muitos que já estão por aqui.

A minha família é composta por uma irmã, duas sobrinhas e meu cunhado. Vai fazer um ano ou dois que a minha mãe faleceu, e estava no Brasil quando ocorreu. Tenho um pai, mas não o conheci. O meu pai deixou a minha mãe quando ainda era pequena, inclusive, quando vim para o Brasil soube que o meu pai faleceu, não senti tanto, só senti a morte do meu padrasto.

O meu padrasto foi uma pessoa muito boa. Eu tinha um tio que se chamava Pedro e amava ele, o tratava de pai. A relação com a minha irmã é diferente porque nós só somos irmãs por parte de mãe, ela tinha um pai e eu tinha outro. A minha irmã se chama Gregoria Merria e eu sou Emilia Térra Rocha. Há nove anos estive na Bolívia, demorei muito tempo para retornar, fui só duas vezes em 20 anos de vida no Brasil.

Quando vim da Bolívia tinha 17 anos e a minha irmã falava que ela ia viajar para a Argentina. Quando estava no Brasil, ela mandava carta, mas não recebia correspondência, sou um pouco desligada para escrever e também não encomendei mais cartas à minha irmã. Passei tanto tempo sem dar notícias que minha mãe e irmã foram ao consulado pedir informações sobre mim. Já estava trabalhando com essa família norueguesa e depois de 20 anos falei: "Dona, vou para a Bolívia!" Fui até com a Carlota. Cheguei na Bolívia e fui procurar a casa da minha irmã, mas ela tinha mudado e estava em outro lugar.

Minha mãe não estava mais morando com a minha irmã, residia em uma cidade chamada Vila de San Pedro de Sacaba, lugar onde a minha mãe nasceu. Nesse período, a minha irmã estava no Chile porque a família do marido dela era chilena e minha irmã tinha ido para lá. Quando cheguei não fazia nem duas semanas que eles tinham saído da Bolívia para o Chile. Os meus parentes pensavam que estivesse morta, inclusive, foram para uma igreja celebrar uma missa em detrimento a minha pessoa.

E o padre falou: "Não pode fazer missa sem saber se ela faleceu". Depois de 20 anos fui lá e falei para a sobrinha de minha amiga, para Carlota: "Deixa ir para ver se descubro onde é que a mãe está". Lógico que lembrava onde eu nasci, lembrava das ruas, das casas, de tudo. A minha irmã não me reconheceu. Quando cheguei na casa onde morávamos, falaram: "Tua irmã não mora aqui, mora lá de frente." Quando cheguei na casa, ela mandou minha sobrinha atender a porta, a mais velha que se chama Míriam. Quando saí da Bolívia ela tinha dois anos, também tenho outra sobrinha que se chama Celi, e nem sabia da existência dessa menina.

Cheguei lá e perguntei a minha sobrinha, ela respondeu: "Quem é?" Falei: "Sou eu, tua tia Ema." Ela: "Nossa, tia, quanto tempo!" Aí falei: "Cadê a sua mãe?" , "Foi no mercado". Ela falou assim: "Quando voltar, irei falar, vamos ver se ela te reconhece." , "Tá bom." Porque estava em outra cidade com a minha colega quando a minha irmã chegou do mercado, ela pensou que fosse amiga da minha sobrinha, entrou e falou: "Bom dia senhorita!" Eu olhava: "Bom dia!".

Ela entrou, tirou a blusa dela do mercado, estava lá no quartinho e tudo, a casa tem um quarto e uma salinha, estava no quarto sentada, entrou e falou com minha sobrinha. A minha sobrinha é que falou: "Mamãe, não está reconhecendo?" Ela falou: "Não, quem é? É tua amiga?", "Não, mamãe." Ela entrou e olhou para mim e só me reconheceu porque tenho uma pinta no rosto. Ela olhou para mim e falou: "Não pode ser." A minha família me chamavam de negra quando era menina. "La negra? Míriam é a tua tia Ema?" , "Sim, mamãe" , "Ah, não pode ser!" Ela entrava e olhava e eu olhava para ela; e falei: "Goya, sou yo."

Ela me xingou e disse: "Agora que você aparece?! Onde você estava que nunca deu notícias?" Fiquei chorando, falei: "Goya, mandava cartas, lembra quando eu viajei e você falou que iria para Argentina?" Ela falou: "Eu não fui para a Argentina, fui para Chile." Disse: "E como eu ia saber." Ela: "Ah! Porque nos fomos no consulado e o consulado disse que não sabia do seu paradeiro." Aí me abraçou.

Nossa, a minha irmã ficou tão feliz, me beliscava para ver se era verdade: "Ema és tu mesmo?" , "Sou eu Goya!" E começamos a conversar.

O meu filho ficou aqui, estava com 16 para 17 anos, novinho. Aí perguntei de minha mãe: "La mamá?" Falou: "A mãe está em Sabaca." Só que a minha mãe havia trabalhado muito tempo de cozinheira e afetou a vista dela, minha irmã levou ela para se operar em Santa Cruz. Antigamente, o indígena não ia ao médico, fazia suas efusões e tomava. Tenho uma ascendência muito forte indígena e a minha mãe usava aquelas saias enorme de *chollitas*. Os indígenas não acreditavam e não tinham muito negócio com médico, seus remédios eram ervas, como mandava a tradição indígena há tempos atrás.

Os compadres de minha mãe diziam, porque começou a crescer um tipo em seus olhos e ela não estava enxergando muito bem, e as comadres: "Não comadre, você põe um remédio que é tiro e queda, coloca que vai limpar." Sei que esse remédio queimou a retina dela e ela ficou cega. Nesse período, minha irmã estava no Chile e o filho de uns parentes da minha irmã, que era médico, foi ao consulado e mandou uma carta para a minha irmã: "Tua mamãe não está muito bem."

A minha sobrinha mais velha ficou com a minha mãe, ela não quis ir para Chile. Ele falou assim: "Coitada da Míriam, tem que estudar e trabalhar e não pode deixar a sua mãe só. Alguém tem que vir." A minha irmã veio do Chile para saber a situação da mamãe, levou em Santa Cruz de La Siera porque os médicos são melhores. Quando levou o médico disse: "Queimaram a retina da sua mãe, posso operar, mas também não garanto que assim ela vá enxergar."

A minha irmã tentou, venderam um terreno que a minha irmã tinha para pagar um médico. Como eles não tinham ninguém em Santa Cruz e minha mãe tinha que ficar num hotel... Operaram porque a minha mãe disse que via sombras e não via naturalmente. Operou e não teve resultado, voltaram de Santa Cruz para Cochabamba. A minha irmã não podia ficar muito tempo em Cochabamba porque metade da família estava no Chile, o marido estava no Chile, ela falou: "Eu tenho que voltar para o Chile." A minha mãe tem uns afilhados, um se chama José, que havia discutido com eles porque a minha irmã queria por ela num asilo, e esse meu primo José falou: "Não, ela é minha madrinha, como que vai fazer isso? Ela vai para minha casa". A minha irmã se opôs e como tenho parentes de parte de meu pai que moram em Sacaba; a minha irmã foi lá falar com esses parentes e levou ela para essa família de parte de meu pai.

Quando cheguei à Bolívia, porque fui perto de Natal; que falei para a Dona Glete, disse: "Eu quero ir para Natal." Foi o pior Natal que eu passei, foi o pior, não gosto muito de Natal... Fui e falei para a minha irmã depois que ela me xingou e tudo: "Eu quero ver a mamãe." A minha irmã não me falou que a minha mãe perdeu a visão, falei: "Onde está mamãe?" , "Ela está em Sacaba, na casa de uns parentes teus." , "Em Sacaba? Por que?" Ela falou assim: "Por que tive que voltar para o Chile e não queria deixar ela com a Míriam. Ela não me falou nada, só disse: "Eu tive que fazer uma cirurgia porque ela não estava bem da vista". Porém, não disse que mãe tinha perdido a vista. No outro dia fui para Sacaba, acho que era véspera de Natal, meu cunhado também foi. Acredito que mãe tenha um sexto sentido. Quando chegamos lá dentro, estava a minha mãe, o meu cunhado, os maridos da filhas não chamam de sogra, chamam de mamãe. Disse: "Mamãe." Minha mãe falou assim: "Que milagre é esse que vocês vieram?" Ela falou da minha irmã, perguntou das minhas sobrinhas, e minha irmã: "Ela está aqui".

E nesse momento passou um avião, estava de costas. Estava com tranças e de costas para ela. Nesse momento meu cunhado começou a mostrar a visão, fiquei sem reação. A minha mãe falou: "Sabem alguma coisa de Mirra?" E ele respondeu: " Sim, sabemos." , "Eu estou escutando passar um avião, será que ela vem vindo nesse avião?" E ele respondeu: "Mamãe, sabemos, sim, dela." , "Como ela está?" "Ela está bem." Aí ele pediu que fosse mais perto e fui. Aí ele: "Ela está aqui mamãe." Eu fiquei perto dela e ela começou a me tocar com as mãos, a passar a mão em mim.

Perguntei para minha irmã e respondeu que mamãe não via mais. A minha mãe queria saber como estava, falou em quéchua, porque quando a família está reunida fala-se na língua quéchua, e a mãe em quéchua perguntou: "Como você está?" Aí o meu cunhado respondeu em quéchua. Sei que ela sentiu minhas traças e perguntou como que eu estava; e meu cunhado falou assim: "Estás catita!" Por que catita quer dizer bonita. "Filha, és tu filha?" Ela falava um pouco castelhano, porém, falava mais em quéchua. "Sim, sou eu mamãe." Quando ela começou a pegar no meu rosto não aguentei e comecei a chorar. Para mim foi o pior natal que tive. Minha mãe falou: "Eu vou fazer uma comida para você." Parece que ela já sabia onde tinha as coisas e fez a comida.

A minha mãe começou a cantar: "Agora já posso morrer feliz." Eu falei: "Mas mamãe." Ela: "Hija, pensava que nunca mais ia lhe ver, pensei que nunca mais ia escutar tua voz." Eu chorava e ela: "Filha, não chore." Falava: "Só de escutar a tua voz faz bem para mim." Eu chorava, chorava, chorava, meu cunhado segurava minha irmã. Ficamos o dia inteiro com ela. Voltamos tarde de Sacaba, para mim foi um natal perdido, depois disse a minha irmã: "Pensando que ia ter uma surpresa boa, e que a surpresa seria eu. Eu nunca pensei que minha mamãe estivesse cega."

Minha irmã contou que tinha vindo do Chile, da época que teve que vender um terreno para pagar o médico, mas não teve resultado. A comadres dela disse que se ela colocasse um líquido quente melhoraria, acabou que queimaram a retina. No outro dia retornei a casa onde minha mãe estava e queria trazê-la para o Brasil, mas ela disse: "Hija, o que é que eu vou fazer no Brasil? Se eu não vejo nada. Se eu for, vou te dar mais trabalho, se eu tivesse vendo até que iria, mas como não estou vendo, o que vou fazer lá? Você trabalha e não pode ficar me dando atenção. Aqui tenho os meus afilhados, tenho o José, o Tito, tudo em Sacaba, tenho parentes por parte de pai, o quê que eu vou fazer lá? Não quero ir."

Depois de uns quatro ou cinco anos que estava no Brasil, soube que ela tinha falecido... A minha irmã me mandou avisar, mas não dava para ir, porque não estava com dinheiro. Avisei a irmã que não iria... Mas mandei celebrar uma missa em seu nome e fui para igreja sozinha. Depois de muito tempo retornei à Bolívia, antes da minha patroa falecer e minhas sobrinhas já estavam grandes e criadas.

Eu tenho uma sobrinha que é um pouco metida; sei que era uma pessoa pobre e não tive oportunidade de fazer faculdade, mas sempre fiz as coisas certas, o mundo me ensinou muita coisa. Essa senhora onde trabalhava me ensinou muita coisa, hoje posso conversar com qualquer pessoa, com presidente, com alta autoridade, posso conversar e sei até que ponto devo ir. Sei que não tive educação escolar, mas aceitar desaforo de sobrinhas que estudava, nunca.

Quando estive lá há nove anos, fui com uma amiga chamada Matilde e ela falava: "Ema, não vou mais porque estou sem dinheiro". Com isso, falei para minha patroa que não iria mais, mas ela falou: "Por quê?", "A Matilde não pode ir porque não tem dinheiro e sozinha não vou", ela: "Não, você vai." Ela comprou a passagem e deu para eu ir para Bolívia.

Comprei a passagem para três meses, mas só fiquei um mês, não me acostumei mais lá. A minha irmã é muito submissa aos filhos, não tem autoridade de por as regras, aceita tudo caladinha; e não sou mulher de aceitar esses comportamentos. Muitas pessoas começaram a contar o que faziam com ela, pois tenho um parente que um dia foi para cidade com minhas sobrinhas, e a mais nova que é mãe, começou a menosprezar a minha irmã na presença de seu filho.

Sou uma pessoa sem melindres, criei meu filho sozinha trabalhando na casa dos outros, sempre falava para o meu filho como as coisas teriam que ser; nunca me respondeu e quando ia falar alguma coisa, respondia: "Cala a boca! Eu estou falando. Não sou tua namorada, sou tua mãe, se você acha que é dono de si e não quer ser chamada na atenção na frente dos outros, pega a tua roupa e pode ir, porque debaixo desse teto quem manda sou Eu."

Sempre fui uma mãe ou uma mulher muito autoritária, muito mandona, não sei se por que criei meu filho sozinho, mas hoje em dia o meu filho me agradece pela educação que recebeu, porque sempre ensinei a ter horário, saber respeitar, ter honestidade, sempre esclareci tudo, hoje ele agradece: "Mãe, muito obrigado por a senhora ter me dado essa educação". Quando saía com ele, e fazia coisa errada, por baixo da mesa dava um pisão nele, só de olhar eu dominava a situação. "Você não haja dessa forma quando a gente for na casa dos outros, tem que se comportar."

As filhas da Míriam, a mais nova tinha doze anos e já era mal criada. O pedreiro vizinho me contou as barbaridades que ela faz com a minha irmã. "Senhora, você é parente de Dona Goya?" Eu: "Sou irmã dela." , "Mas você não mora aqui?" , "Não, moro no Brasil." Ele: "Coitada dessa senhora." Falei: "Por que?" Aí ele me contou: "O que a filha de sua sobrinha faz com tua irmã, trata ela pior do que uma empregada. A sua sobrinha mais nova chama ela 'Mãe, toma conta do menino.' Ela dorme até onze horas da manhã e sua irmã fica trabalhando." Eu falei: "Ah! É?" Falei: "Pois é, tenho um parente de lá que veio para Bolívia e o encontrei na praça. Eu estava na porta de uma loja parada e as minhas duas sobrinhas entraram para comprar chupeta, aí a mais nova falou assim para mim: 'Ai tia, você sabe de chupeta?' Eu: 'Não entendo de chupeta, não me pergunte sobre coisa de criança, não me vem perguntar porque meu filho têm 54 anos e até já me esqueci como é essas coisas.'"

Nesse momento apareceu um parente e disse: "Este é o meu primo por parte de mãe." Ela: "O que estás fazendo aqui?" Falei: "Que milagre vê você aqui." Aí começamos conversar, as duas saíram de da loja, falei: "Você as conhece?" , "Sim, conheço. Elas moram perto, são vizinhas da casa onde a minha irmã mora." A minha sobrinha mais velha, a Míriam, cumprimentou o rapaz e a outra nem a mão deu. O rapaz ficou com a mão estendida e a minha sobrinha não o cumprimentou. Eu fiquei tão sem graça.

Depois disso, fomos ao mercado. Elas queriam comprar não sei que coisas e já fiquei com raiva daquilo que ela fez. No mercado é assim: se faz uma fila só de roupa de crianças e uma fila para outras coisas. "Tia nós vamos ao setor onde vende roupa para criança." Eu: "Ah! Vocês podem ir.". A minha irmã: "Ei, se você for comprar uma camiseta para o menino, compre abertinha porque senão pode não entrar a cabeça e machucar a criança." Falei: "Ela está querendo que eu compre? Não vou comprar. Vocês vão lá onde é o setor de crianças e eu vou para outro lado." Eu não queria comprar porque estava com raiva pelo o que tinha feito com rapaz.

Quando cheguei em casa contei o ocorrido para minha irmã: "Goya, essa tua filha é uma mal criada, não?" Ela: "Porque?" , "O Orlando estava perto da praça e estava numa loja querendo comprar chupetas e me encontrou, ele veio me cumprimentar, a Míriam deu a mão, a Felin não deu." A minha irmã falou: "Ah! É que teve uma discussão aqui do lado de casa porque a imã dele mora aqui do lado..." Disse: "Isso aconteceu com ela, agora, só porque teve uma discussão com a irmã dele, ela não podia ter deixado de dar a mão, ele ficou com a mão no ar."

Quando estava contando isso para minha irmã ela entrou e disse: "Ai tia, você não sabe por quê." Eles tinham plantação de roça, não sei o que aconteceu, parece que as formigas atacaram a plantação de um lado e a irmã desse meu primo veio reclamar e foi na casa da irmã discutir. "É porque ela disse que as formigas do meu quintal atacaram a sua roça." Eu falei: "Rele, não quero saber. Você foi uma mal criada porque você não o cumprimentou." Ela: "Ah! Porque estava transpirando." , "E o que é que tem se você estava transpirando? Você é uma mal criada." E começamos a discutir e a minha irmã: "Ai! Não Ema, os nossos vizinhos vão escutar." Disse: "A mim pouco me importa os vizinhos". Foi quando falei: "Os vizinhos me contaram que a sua filha e a sua neta te tratam pior do que uma empregada, disse que a outra dorme até as onze horas da manhã e você cuida do filho dela, além de ter de cozinhar." Ela: "Não, não é assim." Aí comecei a discutir e

a minha irmã. "Eu não tenho medo." Aí a minha sobrinha veio falar e eu disse: "Cala a boca senão te meto a mão, eu não sou a tua mãe para que venhas gritar comigo, sua mal criada!"

Aí um dia eu vejo um monte de roupa dentro de uma bacia que era da minha sobrinha Míriam, falei: "Míriam, de quem são essas roupas?" , "É do Reges." Eu: "E quando vai lavar?" Ela: "Ah! Não sei tia." Eu "Ah! tá." Deu dois, três dias e a roupa dentro da bacia saindo bichos. Aí falei para minha irmã: "Quem vai lavar essas roupas?" Ela: "Ah! É a Rele." , "Como ela vai lavar se ela dorme até tarde." Essa sobrinha morava com um rapaz; certo dia ele veio pedir meias para minha sobrinha e para minha irmã.

A Míriam falou: "Eu não sei." Aí a minha irmã falou assim: "Será que a Rele não lavou?" Eu falei: "Como vai lavar se todas as roupas estão na bacia... E estão saindo até bichos!". Aí falei para o marido cujo nome era Miro Trifon: "Trifon, você tem que ser mais firme com ela, precisa amarrar bem as calças e falar para ela lavar roupa porque a minha irmã e a minha outra sobrinha não tem obrigação não. Como ela vai lavar se fica dormindo até as onze horas da manhã. Ela que tem que fazer a tua comida, a minha irmã não tem obrigação de ficar fazendo as coisas para vocês." E ele: "Ah, sim, sim".

Ele foi contar para ela que eu havia falado aquilo, ela veio: "Ah tia, você não podia falar isso para o meu marido, ficar falando que estou subindo no cangote dele, que ele tem que ser mais firme." , "Falei e falo, pois se ele deixou a mulher dele com filhos para ficar com você, também pode deixar você porque não é filho que segura homem. Só porque você é bonita ou porque você é boa de cama. Se deixou a mulher dele, pode deixar você também." Aí começamos a discutir: "Sim, falei que ele devia amarrar melhor as calças. A sua irmã não é obrigada a lavar roupa dele e a tua mãe não é obrigada a ficar fazendo comida para ele, se você dorme até as 11 horas da manhã, estás entendendo." Xinguei mesmo.

A minha irmã falou: "Ema, cala a boca!" Eu: "Ah! Não. Ela tem que escutar a verdade, precisa saber. Para mim, acabou, é uma mal criada, só porque eu tenho pouco estudo ela acha que pode pisar na gente. Não, não, não tenho estudo, mas não sou do jeito dela." Um dia ela falou: "Tia, em vez de trabalhar em casa de família tu devias estudar e ser alguma coisa." E eu: "E quem vai pagar os meus estudos?" E discutimos de novo: "Aqui você tem tua mãe e seu pai que pagam, né? Por isso que você fala isso; para mim você é uma mal criada, para mim você está morta, sua mal criada!"

Depois dessa, fui embora da Bolívia, tinha planejado ficar três meses, mas fiquei um mês, não agüentei, era muita discussão e a minha irmã quieta demais. Quando abria a boca para falar alguma coisa, falava: "Cala-te a boca!". A neta dela, filha da minha sobrinha mais velha é super mal criada. Um dia havia levado bolacha para minha irmã, ela comeu tudo e quando a minha irmã foi perguntar dela: "Não comi, não sou mentirosa." Disse: "Eu vi você toda hora entrando e saindo do quarto, então você não estava comendo? Eu não trouxe essa bolacha para você, trouxe para sua avó, sua mal criada." Ela veio: "Tia, você não tem nada a ver comigo!" Eu: "O quê?" Peguei o que ela tem de cabelo e falei: "Você não vai falar assim comigo sua mal criada. Eu não sou sua mãe e não sou sua avó!"

Depois que ela ficou boazinha, falou assim: "Como criou seu filho tia?" , "Meu filho só em olhar já dominava ele. Nunca gritei, só converso. Quando ele estava com dezoito anos, foi a ultima vez que gritei com ele." , "Ai tia." Disse: "Sim, tive que ser mãe e pai, assim como sua mãe. Onde está o seu pai? Ele abandonou vocês. Ele dá alguma coisa para vocês? Sua mãe se mata para trabalhar levantando seis da manhã para ir dar aulas e você ainda fica assim mal criada? Ah! Não." A menina falou: "É assim que me criam." Disse: "Ah! Não. Quando o meu filho levanta a voz, eu levantava ainda mais. E ele nunca me respondeu. Quando ele ia falar: Cala a boca!" Quando ele aprontava alguma coisa eu ficava dois ou três dias e não falava com ele, não falava. Só chamava quando era "José está na hora." Era super seca.

Às vezes ele chegava do serviço e trazia bolacha, coisas para me agradar e só respondia: "Obrigada!" Às vezes o pessoal falava: "Ema, você é muito dura." , "Se eu não for assim como é que vai ser depois? Daqui há pouco vai querer subir no meu pescoço. Não, eu tenho que ser assim." Hoje, graças a Deus, ele me agradece. Inclusive, ele trabalhava aqui em Campinas, e ajudei muito a família dele. Quando ele uma cirurgia passou um ano, quase dois anos, sem trabalhar para se recuperar. Quando ficou bom foi trabalhar na Mercedes, depois mudou da Mercedes e foi morar em Campinas. Ele conversava muito comigo. Naquela época trabalhava e o ajudava. Hoje, o meu filho reconhece. E sempre ensinei horário e tudo.

Passou um tempo trabalhando como temporário em uma fábrica; depois conseguiu pela empresa Consul. Depois de três meses de trabalho virão que ele era diferente e contrataram. Depois ele me ligou. "Eu trabalhei três meses e não sei se vou continuar porque depois de três meses, às vezes, eles despedem a pessoa. Estou preocupado." Disse: "Ai José." Depois que acabou o contato de três meses, estava em Campinas e encontrou o chefe dele: "Acho que você vai ser chamado pela firma."

Quando chegou em sua casa haviam telefonado da empresa e a mulher dele disse: "José, ligaram e é para você está às duas horas na empresa." Ele foi e falaram: "Você vai ser contratado pela empresa." Ele me ligou: "Mãe, tenho uma notícia para te dá..." , "O quê é?" , "Eu vou ser contratado pela firma; falaram que vou ter que fazer exame médico, essas coisas que tem que fazer de rotina." Ao falarem do curriculum dele enfatizaram que ele não chegava atrasado, que ele era pontual, que não ficava fazendo hora no refeitório, não ia toda hora no banheiro, não respondia as pessoas. Ele me ligou dizendo: "A gente vai contratar porque teu curriculum tem muitas qualidades. Muitas pessoas ficam o tempo todo indo ao banheiro e reclamam muito. Às vezes reclamavam da comida e tudo isso ajudou, você tem sua mãe que mora em São Paulo e agora nós vamos te contratar pela firma."

Por que sempre ensinei: "Quando você estiver trabalhando em uma empresa sempre chegue meia hora antes, nunca em cima do horário, não fique fazendo hora e tal". Ele reconheceu: "Tudo isso me ajudou, mãe, agradeço à senhora por ter me ensinado tudo isso!" Eu: "Não me faça chorar!" Ele: "Agora estou fazendo exame de médico e acho que segunda-feira vou começar a trabalhar."

Ele trabalha há seis anos nessa empresa. Parece que entrou com o pedido de aposentadoria porque estavam dispensando pessoas na empresa. "Ai José!" Falou: "Não mãe, não se preocupa porque agora vou entrar com a aposentadoria e logo vou procurar emprego." E está com 54 anos. "Estou jovem, porém estão querendo pessoas mais jovens, mas estou entrando com o processo de aposentadoria." Conseguiu um emprego, só que era para Rio Claro, como era muito longe disse que não iria. Graças a Deus ele está bem, tem a casinha dele, o meu neto vai ficar noivo esse mês.

Eu sofri muito nessa vida, hoje em dia sou muito feliz, tenho bons amigos, inclusive, gosto muito da Marta e do Marcos, gosto muito. Caso não tivesse um filho, ia deixar esse apartamento para ela, mas como tenho ficará para ele. Quando minha patroa morreu, o marido e os filhos retornaram para Noruega. Eles me deixaram um dinheiro, juntei as economias e comprei esse apartamento, paguei a vista. Foram 31 mil reais, isso vai fazer quase dez anos.

Hoje, moro no centro de São Paulo, pertinho do metrô da Estação da Luz, estão construindo outra integração nele, essa área valorizou muito, até comentei com o meu filho: "Se um dia acontecer alguma coisa comigo não gostaria que você vendesse. Se você ou o Ricardo não quiserem morar nele, podem alugar como ele está, algumas coisas vocês podem levar, mas não gostaria que vocês se desfizessem porque isso daqui José, foi uma vida de trabalho, foram 38 anos de luta e os meus patrões reconheceram o que fiz pela família dele e deixaram um

dinheiro para mim. Com as minhas economias comprei isso. Isso é mais que um palácio. Portanto, não gostaria que vocês se desfizessem.”

A Dona Glete deixou esse dinheiro porque quando comecei a trabalhar com eles o meu filho estava com quatro anos. Ele: “Não, eu não vou me desfazer por isso.”, “Para mim é uma relíquia!” Ainda falei para ele: “Se eu não tivesse você, José, deixaria para Marta.” Ele ficou meio pensativo. “Deixaria para ela porque sei que a Marta ia zelar.” Gosto muito da Marta é quase uma irmã para mim. Às vezes você pode contar as coisas para ela e ela não fala. Tem coisa que você não fala para qualquer pessoa, mais para as amigas, porém, nunca sabemos quem realmente é amigo.

Há momentos que me perguntam as coisas: “Não sei, ela não falou para mim.” Às vezes você pode contar segredos que a Marta é um túmulo. Hoje que estou conhecendo a família dela, isso depois que o pai dela faleceu. Fui à missa de sétimo dia na casa da irmã dela. E as irmãs falaram: “Porque você não vem mais vezes?” Eu: “A culpada é ela.” Eu nunca falei: “Você quer ver o meu pai.” Eu vi o pai dela duas vezes e ele estava bem. Depois, ele foi duas vezes para o hospital, ainda estava ciente das coisas. Fui visitar e sei que a irmã dela, a Angélica, sentiu muito, ela emagreceu bastante com a perda do pai.

No dia de finados fomos almoçar na casa da irmã dela, tomei café e tudo, vim embora quase sete horas da noite. Quando tinha o meu cachorrinho voltava para casa cedo. É engraçado, não sei se Deus me ajudou muito, não sei se já passei muitos percalços, às vezes, Deus coloca algumas provas para você vencer. Quando a minha patroa morreu, o meu patrão falou: “Eu vou embora para Noruega.” Eles foram no dia 12 de novembro, e novembro é um frio terrível; aí ele falou: “Ema, não acho conveniente que você vá agora, que lá é um frio que você não vai aguentar.”

Pensei “Se ela estivesse viva dava para conversar com ela, agora com ele, o que é que eu vou conversar com ele?” Não fui por causa do frio. Agora se ele tivesse falado: “Ema, você pode ficar com o que você quiser.” Quando eles partiram não tinha lugar para ficar. Eu conheci o filho da Matilde, que tem uma casa no bairro Vila Sônia, zona oeste de São Paulo, liguei para ele e falei: “Júlio, será que poderia guardar algumas coisas onde você mora?” , “Claro, Ema.” O conheço desde criança, ia muito visitar a Matilde, é uma pessoa que conheci há muito tempo e costumava visitá-los.

Ia visitá-los de tarde, nunca fui de mãos vazias, sempre levava alguma coisa. Porém quando você convive de perto conhece outro lado. Ele perguntou para mim: “A senhora vai aonde?” Eu falei: “Eu vou para uma pensão.” Ele falou: “Não, você vai para casa.” E pensando que a mãe dele, como era minha amiga de anos, fosse ajudar. Falei: “Vou levar...” Meu patrão: “Ema, cuidado. Você vai com a Matilde, você já conhece a Matilde. Você não vai ficar tão sozinha.” Eu confiada fui.

Porém, de perto vi a outra face de Matilde. Ela fez a minha vida um inferno! Como conhecia seu filho, pedi para ele guardar as minhas coisas em sua na casa; na época, namorava uma moça chamada Ana Cláudia, porém a mãe nunca gostou dela. Dizia que era metida. Quando fui para casa dele queria ser, como se diz: atenciosa com o menino e não ficava dormindo até tarde. Levantava cedo porque tinha três cachorrinhos, hoje morreram: o Estinque e o Bono. O Bono ainda está vivo e o Estinque já morreu. Eu levantava, limpava o cocô, jogava água na área. Limpava as janelas da sala, da cozinha, limpava tudo.

Um dia o filho dela chegou e disse: “Nossa, Dona Ema, agora dá para ver as janelas de tão limpo.” Ela respondeu: “Eu não sou a tua empregada para fazer isso.” Eu não me recordo das coisas em detalhes. De manhã quando ele levantou, falei: “Júlio, você quer tomar café?”, “Eu quero.” Levantei cedo e estávamos os três tomando café na cozinha. Fui fazer o café, tinha uma bandejinha, pus na bandejinha, falei: “Júlio, você quer comer aqui na cozinha ou você quer na sala?” Ele falou: “Não, vou tomar café na sala porque eu vou assistir na TV o caminho que farei para o trânsito.” Por que ele tem a loja na João Cachoeira no Itaim Bibi.

No segundo dia ele entrou e falou: "Bom dia!" Você acredita que a mãe dele fez Três xícaras de café, quando fui ver na cafeteira não havia mais café, juro que eu fiquei com vergonha. Ele olhou para mim e falou: "Não, Dona Ema, vou tomar lá no serviço." Eu falei: "Tá bom." O pai e mãe desceram na cozinha e a mãe dele falou: "Ele nunca tomou café em casa porque agora está tomando café?" Disse: "Ah! Eu não sabia." Ela: "Não, ele sempre tomou café no trabalho dele." Aí me dei conta que estava dando atenção e ela não gostou, ficou enciumada. Eu não ficava de graça na casa dela, comprava pão, comprava leite, ia à feira que era na sexta-feira para fazer compras para ela cozinhar e tudo.

A Ana Cláudia, nora, foi pegando amizade comigo. Um dia a Matilde disse: "Para ganhar uns trocadinho tenho que ficar limpando as merdas desses cachorros!" Falei: "Matilde, deixa que limpo." Aí ela falou assim: "Ah! Se você for limpar a Ana Cláudia vai pensar que sou eu que estou mandando." Disse: "Ana Cláudia? De quem é esses cachorros?", "É da Ana Cláudia." Disse: "Ah! Eu não sabia." Lógico, querendo ajudar, limpava, não tenho nojo de cachorros, limpava o cocô, jogava água. Ela foi se irritando, se irritando... Ela levantava de manhã cedo e dizia: "Ah, se você quer tomar café, tem café aí." Ela já não sentava para tomar café comigo. Disse: "Ai, se você quer comer alguma coisa tem arroz na geladeira."

Eu não abria a geladeira dela porque não era ninguém, não me sentia autorizada a fazer isso. O que fazia? Quando o filho dela saía para trabalhar eu limpava tudo, deixava a casa um brinco. Todo dia ia a Igreja para chorar. "Meu Deus, abra-me um caminho! Que caminho que tenho que fazer? Que caminho tenho que seguir? Meu Deus." Eu estava desesperada! Não queria ver ninguém, fiquei um ano sem vê o meu filho, um ano sem vê a minha comadre, não queria ver ninguém, queria ficar sozinha, me isolei.

Conheço uma senhora Peruana, a Gena, ela ligava: "Dona Ema, domingo a senhora tem onde almoçar?" Eu: "Não." Ela: "Venha para minha casa." Eu ligava e almoçava lá. Quando voltava para casa da Matilde ficava nervosa, a indiferença dela me doía, bem no meu aniversário ela falou: "Ah! Nós vamos a sair." Estava chorando na sala onde passando roupa. Eu falei: "Matilde, não estou querendo que você fique segurando a minha mão; só queria que você me desse um pouco de apoio. Você está saindo justamente no dia do meu aniversário. E você vai pagar na mesma moeda." Falei: "Te voio la pagar com la miesma moeda." Ela: "Ah! Porque nós já combinamos com a Rabequinha, temos que ir lá de manhã cedo."

Na manhã seguinte, a Ana Cláudia ligou: "Ema, não se compromete que essa noite a gente vai sair para comer fora." Eu falei: "Está bem Ana Cláudia." Quando me encontrou falou: "O que foi Ema? Você chorou?" Eu: "Chorei. Lembrei da Dona Glete. tudo. É o primeiro ano que estou passando sozinha." Ela: "E a Matilde?" , "Ela saiu de manhã cedo." Depois creio que ela percebeu e falou para mim: "Ema, o Júlio disse que você está limpando o cocô dos meus cachorros?" , "Sim." , "Então vou pagar para você." , "Não, paga para ela como tem que ser. Você combinou com ela e não precisa pagar para mim. Faço isso porque gosto dos cachorros, senão ela vai dizer que estou querendo tirar esse dinheiro, pague para ela." , "Mas o Julio disse que a senhora..." , "Não, não, não." Comecei a ser amiga de Ana.

Até que um dia mudei. O Júlio ainda veio para ajudar a carregar as minhas coisas, e o que aconteceu? A Matilde falou: "Onde você vai dormir ?" Disse: "Eu vou dormir lá em baixo." Aí a neta dela falou assim: "Não, vais dormir no quarto da Patrícia." E a neta falou assim: "E eu? Vou dormir onde? E a mãe vai dormir aonde?" Disse: "Matilde, não quero tirar a privacidade de vocês, vou dormir lá embaixo, onde está as minhas coisas, no quarto que fica debaixo da escada." Aquilo me deixou tão ressentida das coisas. Desci embaixo e nesse intermédio chegou a Ana Cláudia e o Júlio.

A Ana Cláudia: "Ema o que está acontecendo?" , "Nada, Ana.", "Porque está chorando?" , "Ah! Não vai dar certo aqui. Tenho que ver alguma coisa para mim, pois nunca vai dá certo." , "Por quê?" , "Eu não quero tirar a privacidade da neta dela,

não quero tirar a privacidade da mãe da Michele, porque ela começou a falar que a Matilde queria arrumar a cama dela no quarto da Patrícia e a menina falou 'eu vou dormir aonde? E a minha mãe vai dormir aonde?' Eu vou dormir aqui na Cláudia." Ela: "Não Ema."

Nesse momento o Júlio desceu e falou: "O que está acontecendo?" Disse: "Nada Júlio." Ele: "Porque você está chorando." , "Júlio, não vai dar certo. Amanhã irei ver onde posso ir." Ele: "Mas o que foi?" Ana Cláudia contou para ele o que tinha acontecido...

Saí com a Ana Cláudia para procurar apartamento. Na época tinha amizade com a Carlota que vende salgadinhos, perguntei se ela conhecia algum apartamento para comprar, e disse que na esquina de casa, no mercado Futurama na rua Senador Queirós tinha. Era um edifício que em baixo tinha comércio, academia, dentista, sala para fazer ginástica, tudo tinha próximo. Ela foi vender os salgadinhos e perguntou para o antigo dono deste apartamento se tinha algum para vender, ele era porteiro e se chamava Vasconcelos. "Dona Carlota, a senhora não sabe quem quer comprar um apartamento assim, assim?"

E fui ver o apartamento com a Carlota. Na época, eu tinha um cachorrinho, e o dono do apartamento disse que não podia criar cães porque tinha muita gente morando. Ficou aquela frescura; mas o meu apartamento é um dos melhores que dessa rua. O senhor falou: "Aqui não pode ter cachorro, não pode ter passarinho, não pode ter peixe, não pode ter nada e só pode morar três pessoas." Depois disso não quis nem subir. Essa minha colega falou "Ema, vendo salgadinhos e disse para mim que se você estiver interessada ele te vende.", "Eu não tenho todo dinheiro e é mais caro." Ela "Você dá uma olhada e quem sabe te convém."

Marquei com ele para ver o apartamento e gostei, mas na época não tinha esse dinheiro. Há momentos que me pergunto como arrumei todo esse dinheiro para comprar esse espaço. Depois de um tempo comprei, mas fiquei com trabalho até o pescoço. Nessa época a Ana Cláudia já foi morar com Júlio perto da Manuel da Nóbrega. Ela falou: "Ema, você não quer trabalhar comigo?", "Bom." Estava trabalhando para me sustentar porque a minha aposentadoria não dava para nada, todavia, estava sobrevivendo. Certo dia, comecei a sangrar, não sei por que, acho que levantei muito peso. Fui ao posto de saúde Pérola Byington e disseram que precisava operar, tive que operar da parte de baixo. Meu filho falou assim: "Mãe, a senhora ainda precisa trabalhar?" Disse: "Por que filho?", "Por que a senhora não pára de trabalhar, já trabalhou tantos anos." Pensei: "É, sabe de uma coisa, vou parar de trabalhar."

Parei, mas estava preocupada com a escritura do apartamento. "Ah! Meu Deus o quê que vou fazer com a escritura?" E nesse intermédio tive que operar do apêndice. O médico falou para mim: "Você não pode trabalhar, você não pode levantar peso." Falei: "Ai meu Deus e agora o quê que faço?"

Nesse momento, o pai dessa família norueguesa veio para o Brasil, eles já tinham retornado para Noruega. Quando fui ver o apartamento, isso foi numa época que tive que ser *passante*, foi no ano 2000. Fui *passante* da Virgem de Copacabana, meu filho de Campinas e falei: "Ai meu Deus, onde vou levar o meu filho agora?" Essa minha colega falou para mim: "Ema, tem uma pessoa que também está assim." Eu comprei esse apartamento em maio, mais ou menos. Aí veio o Padre Beto aqui, veio do Peru, pedi para ele benzer o apartamento para mim. Tem momentos que não acredito que consegui comprar.

O Padre Beto falou: "Ema, sei que você passou pedaços." Inclusive, estava uma bagunça porque fazia pouco tempo que havia mudado. Acho que mudei em junho ou julho e estava todo bagunçado. O padre: "Ema, você tem um bonito apartamento." Quando mudei tinha uma divisória aqui na janela da sala, pois moraram dois rapazes e fizeram um dormitório, repartiram a sala.

Quando conversei com o dono da casa, o nome dele é Edemilton Vasconcelos Rocha e me chamo Emília Térra Rocha. Disse: "Seu Edemilton, o senhor é Rocha?" , "Sou sim." , "Sou Rocha também." Conte para ele a história que

passei. "Dona Ema, gostei tanto da senhora que esse apartamento vai ser da Senhora porque a senhora parece que nem uma irmã." Por que ão tinha todo esse dinheiro. Falei: "Seu Vasconcelos, não tenho todo esse dinheiro." , "Vou esperar a senhora conseguir o dinheiro." Por isso que comecei a trabalhar com a Ana Cláudia, quase um ano e pouco. A minha aposentadoria deixava na poupança, fui juntando aquele dinheiro e quando fui ver, tinha quase o total para comprar.

E ele falava para mim: "Não, vou esperar." , "O senhor está prometendo Seu Vasconcelos?", "Estou, esse apartamento vai ser da senhora, pode ficar sossegada." Depois que me interessei apareceu gente oferecendo mais, mas ele deu a palavra para mim. Inclusive, duas amigas da minha ex-patroa, me assessoraram na compra. Falei: "Dona Vick, nem acredito." Quando disse a ela que tinha encontrado um apartamento assim, ela falou: "Ema, quero ver." Por que ela não acreditava no preço que estavam dando. Aí a Doutora Rute, a advogada da pastoral, me ajudou com os papéis.

Também uma promessa, como tive que ser passante da Virgem de Copacabana, comecei a chorar e falei: "Madrecita, abre-me um caminho, tenho que saber o que fazer. Aonde vou levar o meu filho?" E chorava, de repente o caminho foi se abrindo. Foi uma coisa incrível o que aconteceu e ainda operei de baixo, e pensava "Minha Virgem de Urcupinã me ajude!" No dia da operação pensava que a estava vendo. Minha cirurgia foi maravilhosa.

Operei da parte de baixo, já estava com hemorragia. A cirurgia foi maravilhosa! Quando falei, ela disse: "O meu marido quer ver?" Eles são alemães. Marquei com ela, subimos; o marido dela começou a bater na parede e perguntou para o seu Vasconcelos: "Quantos donos? O IPTU está tudo em ordem? Como está a parte elétrica? Como está a parte hidráulica?" E ela conversando comigo, falou: "Ema, vale a pena. É grande, não é pequeno." Só tinha esse apartamento mesmo. "Quanto?" , "Ele disse que é 35 mil." Aí conversamos e disse: "Eu faço para ela há 31 mil." Ele falou: "Porém, ela não tem todo esse dinheiro." Ele: "Não, eu vou esperar." Dona Vick ainda falou: "A gente pode dá uma entrada para segurar." E ele: "Não, eu vou esperar me dá tudo. Eu prometo para senhora, para o seu marido que esse apartamento vai ser de Dona Ema. Vou vender porque gostei dela e ela é que nem uma irmã. Esse apartamento vai ser dela."

Já passei por tantos pedaços, tudo que peço para a minha santinha, realizo. Não tinha escritura, como o meu patrão veio para Brasil e havia operado da apêndice, estava trabalhando para a escritura também. Mas, tive que parar. Ele: "Ema, precisa fazer a escritura porque de repente o Vasconcelos morre e aí os filhos vão querer de novo, e você vai ter problema." Disse: "Ai Meu Deus! O que é que eu faço? O quê que faço?" Aí uma delas falou: "Ema, se você não conseguir a gente te emprestar o dinheiro para você fazer a escritura." Eu fui lá saber o valor era 1.700,00 reais para fazer a escritura. "Ah! Meu Deus! E agora o que é que eu faço?"

O pai da menina Karen veio para o Brasil, ele disse que ela viria conhecer o Brasil. "Ema, é bonito o lugar." Ele veio uns anos por causa da aposentadoria dele. Aí ele falou: "Ema, a Karen virá." Fazia uns 20 e poucos anos que ela não vinha no Brasil. "Ela virá com toda a família." Quando ele falou: "Ema, eles podem dormir aqui.", "Por mim, podem dormir." Eles têm sacos de dormir, esses estrangeiros andam mais com sacos de dormir. "Por mim, podem dormir Seu Emílio." Falei. Aí ela falou: "Quando ela chegar vai te ligar."

Quando Karen ligou: "Ema, estou indo para o Brasil. Quando chegar te ligo." "Tá bom". Não demorou um mês ela me ligou: "Ema, estou aqui no Brasil." , "Karen, onde você está?" , "Estou na Ilha Bela, quero ver você." Fazia 23 anos que não via ela. A gente se falava por telefone. Ela: "Venha para Ilha Bela. Você tem dinheiro para pagar a passagem?", "Tenho." , "Você paga e depois te pago." Eu falei: "Tá bom." Eu falei: "Karen, não posso ir porque tenho um cachorrinho." , "Trás o teu cachorro." Fui com o meu cachorro e fiquei uma semana na Ilha Bela.

Quando cheguei ela disse: "Ema, o que é que está te preocupando?" , "A Escritura do apartamento Karen." Falei. "Eu vou te dar a escritura. Quanto é a escritura?" "1.700,00 reais." , "Eu vou te dar, quero que você fique feliz!" Ela me deu o dinheiro da escritura, deu 2.000,00 mil reais, nem acreditei. Ela foi embora no final de agosto. A escritura chegou faltando três ou quatro dias para o meu aniversário. Faço aniversário no dia sete de dezembro, a escritura chegou antes. Nem acreditei, dormi com aquela escritura no meu peito, liguei para ela: "Karen, muito obrigada! A escritura chegou." Eu fiz almoço para ela e tudo.

Ela olhou e falou: "Ema, achei bonito. Ia ficar triste se você estivesse morando em um buraco, mas aqui está muito bom." Naquele momento estavam reformando a Estação da Luz. Ela falou: "Isso vai ficar lindo!" Ela não sabia que ia ter outro metrô, quando o pai dela veio, já sabia que ia ter metrô. "Dona Ema, isso vai valorizar bastante." O dono vivia falando que ia valorizar porque sabia dos projetos. Quando veio me visitar fiz arroz de forno, salada, batata ao forno, tudo como manada o figurino. Nossa! Eles comeram, ela, o marido e os filhos.

Ela tem duas gêmeas, uma delas é minha afilhada. Europeu tem outra cabeça, outra mentalidade. Não tem esse negócio de só dá afilhado para pessoas que tem dinheiro. Quando ela me ligou: "Ema, você vai ser madrinha de uma das gêmeas." , "Ai Karen, eu?" Ela falou: "Sim, vai ser a madrinha." Eu nem acreditei. "Só que minha irmã vai representar você." Eles têm um vestido de batismo. Onde eles põem o nome do batizado e da madrinha. "Você vai levar o vestido que batiza, seu nome estará no vestido." "Karen, não acredito." , "Você vai ser madrinha de uma das gêmeas."

Quando ela chegou com suas filhas moças, fiquei surpresa com o tamanho das meninas. Conheci a filha mais velha porque ela trouxe da Noruega pequena e porque a mãe da Karen, quando viajava sempre trazia fotos; via os cafés, os bules. "Dona Glete, que hora é essa? É de manhã?" , "Não, é quase meia noite." , "Meia noite com esse clarão." , "É, é sim, é sol da meia noite Ema." E ela falava para mim: "Ema, vou te levar um dia para Noruega para você conhecer o Sol da meia noite." Mas minha ex-patroa faleceu antes de conhecer. A filha dela me mandou um convite para ir à Noruega. Fui e isso foi mais ou menos começo de maio, março. Assim, vai fazer três ou quatro anos atrás.

Certo dia, estava deitada e toca o telefone às duas da tarde. Era Karen: "Ema!" , "Karen, tudo bem? Como vai?" , "Como vai você, Ema?" "Tudo bem!." , "Estou te ligando para te convidar para você passar férias na Noruega." Eu não acreditei. "O que Karen?" , "Você virá?" Como ela gosta de uma cerveja, falei: "Karen, você está bem?." Eu não queria falar 'você está bêbada'. "Claro que estou bem, estou vendo neve aqui fora. Você faz o seu passaporte, quando estiver pronto, você me liga que mando a passagem para onde você possa pegar." Eu falei: "Tá bom."

O meu super atrasado, pensei "E agora o que eu faço para tirar? Viajar para a Bolívia não vai dar." Fui ao consulado boliviano em São Paulo, conheço o José Bolívar há muitos anos. "José, tenho um convite para ir à Noruega, tenho que ter o passaporte e o meu passaporte já está mais do que vencido." , "Ema, pede para essa senhora que te convidou enviar uma carta falando que está convidando você. Depois que você receber esse convite, você vem com o passaporte que arrumo para você." Eu falei: "Tá bom." Liguei e falei: "Karen, disseram que você tem que mandar uma carta, com isso eles vão fazer o meu passaporte." , "Você quer que mande aonde?" Eu falei: "Manda para seu Emílio." Disse que ele tem um e-mail. Quando liguei para essa amiga da minha ex-patroa. "Dona Ande, a Karen ligou me convidando para ir para a Noruega, vai ligar aí pedindo para seu marido dá o dinheiro para você fazer os papeis." , "Ema, isso foi lhe dado?"

Ela não acreditou e pensava que era brincadeira, no início até eu pensei. "Ela ligou aqui para que a gente te desse uma ajuda." Aí eu liguei para a outra amiga dela, também alemã, a Dona Vick e falei: "Dona Vick, a Karen ligou aqui pedindo que vocês me ajudem com os papeis." , "Ema, achei isso tão bonito da

Karen.” , “Eu não estou nem acreditando, parece que estou no mundo da Lua. Não entra na minha cabeça.

Liguei para a Ana Cláudia e disse: “Ana Cláudia, a Karen me ligou da Noruega me convidando e não sei o que faço com a Laisa.” , “Ema, você deixa em casa; você não vai perder uma viagem por causa da Laisa, pois essa oportunidade não é sempre que chega. Não, deixe ela comigo, nós tomaremos conta dela.” , “Porque havia pensado em deixar com a Marta, ela ficava aqui e a Marta só vinha dá comida e ficar um pouco com ela.” Aí ela falou assim: “Não, pode deixar a cachorra sozinha que fica doente. Aqui em casa tem o Bono.” Falou. “Para ela ficar sozinha não acho bom Ema.” Eu falei: “Tá bom.”

A Karen mandou um e-mail para o Seu Filipe pedindo para ele me entregar: “Ema, chegou.” Fui pegar, peguei o meu passaporte e levei no consulado. Eu entreguei numa terça-feira e ele falou: “Quinta-Feira você pode vir buscar.” Eu falei: “Tá bom.” Quarta-Feira José Bolívar do consulado ligou: “Pode vir buscar hoje mesmo.” , “Nossa! Que coisa rápida.” Dei 100,00 reais e ele deu o passaporte. Agora, não sei o quê ele fez com o consulado. Liguei para ela: “Karen, tenho passaporte e agora não sei se tenho que ir ao cônsul da Noruega para tirar o visto.” , “Ema, acho que para Noruega, não precisa.” Fui no senhor do consulado e falei: “Seu Alfino.” , “Para a Noruega, tem que tirar a vacina.” Como tinha ido para a Bolívia, tinha vacina. Mas José Bolívar falou: “O melhor é você ir no aeroporto de Congonhas e leva essa vacina que você tem, dizendo que você foi para a Bolívia.” , “Essa vacina vale 10 anos.” , “Vale, mas acho melhor ir lá para tirar a dúvida.”

Não acreditava na viagem, fazia as coisas e parecia um sonho. Quando cheguei no aeroporto a moça perguntou o quê que queria. “Não, queria saber se para a Noruega necessita de vacina? Porque tem uma vacina aqui que fiz quando viajei.” Havia uma senhora e a moça falou: “Para quem é essa viagem?” , “Para mim.” A mulher me olhou dos pés a cabeça, como se dissesse: “Essa coitada vai viajar?” Aí ela falou assim: “Você vai viajar?” Eu falei: “Vou, tenho um convite para ir para a Noruega. Tenho passaporte, vim direto do consulado.”

Depois liguei para ela, dizendo que estava tudo certo: “Karen, tenho o passaporte.” Ela: “Eu vou te ligar para você ir pegar a passagem onde puder.” Ela me ligou, falou: “Você pode pegar a passagem em qualquer agência da Varig.” Eu liguei para a Dona Vick: “Dona Vick, a Karen me ligou e disse que a passagem está em qualquer agência da Varig.” Ela falou assim: “Vem aqui em casa, você almoça, aqui perto de Santo Amaro na Borba Gato tem uma agência da Varig, a gente vai lá.” Aí nós fomos lá e a passagem já estava nessa agência. Estava tudo escrito: o lugar que tinha que sentar, o dia que tinha que voltar, tudo.

Viajei de noite, quem me levou ao aeroporto foi a Olga e a Marta. Embarquei nove horas da manhã e cheguei à Noruega no outro dia. Viajei a noite inteira. Eu me diverti tanto e não gastei um centavo. Tudo ela pagou para mim, inclusive, dava dinheiro para comprar algumas coisas para comer. Ela foi formidável! Ainda falei para ela: “Ai Karen.” E ela: “Como a minha mãe sempre prometeu que ia te trazer, mas minha mãe infelizmente foi embora. E para cumprir esse desejo de minha mãe, te dei a passagem. Senão, quem sabe a minha mãe iria puxar os meus pés?”

Quando saía com ela, e nós saíamos à maior parte do tempo, ela me apresentava às amigas da mãe. Porque a mãe dela tem uma família grandiosa. Fomos à casa dos primos, cunhadas. Ela me levava e não falava: “Ela trabalhou como empregada.” Era sempre a “Amiga da minha mãe.” Ela falava: “Amiga da minha mãe.” Por isso, que digo que eles têm uma cabeça bem diferente do brasileiro e do latino americano.

Gosto muito de ajudar as pessoas. Tenho uma amiga que está hospitalizada, ela tem 84 anos e o marido está com 87 anos. Sempre fico com eles para ajudar a família a superar esse trauma.

Desde que estou em São Paulo não tive muitos contatos com a minha família. Cheguei a mandar fotografias, encaminhar telefones, pedir para eles me

ligarem a cobrar e nada. Por isso, considero mais os meus amigos aqui do Brasil. Na minha terra o único parente que sinto falta é do meu primo José, desde meninos sempre fomos os mais agarrados. Também tenho o meu filho e não me considero uma mãe muito agarrada, pegajosa, porque como a gente diz: você nunca cria os filhos para você, cria para o mundo. Atualmente meu filho está morando em Campinas; não vou a Campinas vai fazer uns cinco ou seis anos.

Dias passados meu neto ligou falando que vai ficar noivo no dia 22 de setembro de 2009. Disse: "Bom, você me liga faltando uma semana porque às vezes eu tenho compromissos. , "Vou te ligar para confirmar." Ele disse: "Liguem antes porque se ligar em cima da hora, de repente, tenho outro compromisso." , "Então tá." O neto me chama de abolita, vovozinha.

Eu não gosto que me chame de vovô. Quando ele era pequenininho eu ia visitar ele e falava: "Zé Carlos, você não vai me chamar de vovô, chame-me de abolita." , "Tá bom." Mas quando ele era pequeno ele não falava abolita. Aí via ele brincando com os amigos dele: "Ricardo, você falou o quê?" , "Abolita." , "E o quê que isso?" , " Por que na terra dela vovô é abolita e ela não gosta que chame de vovô." Agora ele está jovem, com 20 anos: É um neto estudioso.

A mãe dele é Testemunha de Jeová, mas o meu filho não segue nenhuma religião, é meio desligado. Na religião testemunha de Jeová tem coisas boas e as ruins. Não sabia que nessa igreja não se podia fazer transfusão de sangue, diz que não permitem, inclusive, quando o meu filho operou dos rins. O casamento dele foi celebrado na Igreja dela. Aí o marido da Glete, chama-se Emílio, foi ler um livro e no outro dia falou: "Vocês sabem quem são esses Testemunhas de Jeová?" , "Nunca nem escutei falar." , "Essa religião não é ruim. Só que a única coisa estranha dessa religião é que não permitem transfusão de sangue." , "É?" , "Eles não permitem." , "Eu não sabia disso."

Quando o meu filho operou não sei o que estava falando com ela: "Júlia, dizem que na religião de vocês não permitem transfusão de sangue?" , "É." , "Só tem uma coisa." Sou um pouco durona. "Espero que não aconteça com o José, pois por causa de uma ignorância de uma religião não vou deixar o meu filho morrer. Você é a mulher dele, mas sou a mãe, caso for precisar, vou autorizar e aí nós vamos brigar. Não vou deixar o meu filho morrer por ignorância de uma religião." Ela quieta me escutou.

Passou o tempo e o meu neto teve que operar do nariz. "Espero que o meu neto também não precise." Sei que ela me respeita muito. "Não só estou falando isso porque discordo, mas vamos brigar nesse ponto." Sei que na religião deles não se comemora quase nada; dia dos pais, não tem o dia das mães, não tem nem aniversário, nada. Antigamente, costumava passar as festas de Natal com a família. Júlia falava: "Ema, como você não tem a sua família no Brasil, pode ficar com a gente."

Assim, ia para campinas e carregava um monte de coisas; mas quando chegava lá era um dia comum; como sou muito festeira; estranhava-os por não comemorarem nada. Nem vinho eles bebiam, não tinha uma cervejinha, não tinha um champagne. E isso era natal, ano novo, aniversário, dia das mães.

Um dia me enchi e resolvi conversar com a nora. E o pior é que nem no meu aniversário eles me ligavam. "Dona Glete, vou a Campinas falar tudo que quero, para não ficar indo mais vezes. Eles não ligam nem no dia do meu aniversário, não estou querendo presente e sim consideração; esquecem até do dia das mães. Parecem que estão todos mortos."

Cheguei em Campinas, quando acabaram de servir o café disse aos que estavam na sala: "Júlia, quero fazer uma pergunta? O quê que vocês festejam? Você não tem Natal? Não tem dia das mães? Não tem dia da criança? Não tem aniversário? O que vocês festejam? Para mim, parecem que vocês são mortos!" , "Ah! Acho que tudo isso é comércio?" , "Pode ser comércio, mas desde menina sempre festejei o Natal com a família. Todo ano venho aqui para nada? Nem no dia do meu aniversário vocês me ligam. Eu não estou pedindo presente, venho aqui no

dia do seu aniversário, no aniversário do José, no aniversário do Ricardo, no dia das crianças, dia das mães e o quê vocês fazem? Nada. São todos mortos! Eu estou viva, quero comemorar alguma coisa, pois quando morrer e estiver debaixo da terra, acabou tudo." Ela calada me escutou. "Esse é o último dia que venho para Natal, não gastarei meu dinheiro em outros dias."

Faltando um mês para o Natal a Dona Glete falou: "Ema, está faltando um mês para o natal." , "Eu disse que não ia mais. Fico me preocupando com presentes, com tudo, não quero mais saber." Estava tomando café no dia 7 de dezembro, meu aniversário, quando o telefone tocou oito horas da manhã, a Dona Glete: "Esse telefone deve ser para você porque é muito cedo para mim."

Era o meu filho: "Mãe." , "José, o que aconteceu?" , "Nada, estou ligando para dizer feliz aniversário." , "Ah! Valeu a pena dá uma chamada." Falei. "Parabéns mãe! A senhora está ocupada?" , "Não, estou tomando café com a Dona Glete." , "Parabéns mãe, fala para ela que mandei lembranças." , "Tá bom." Aí ela gritou: "Obrigada José." , "Você escutou?" , "Escutei." , "Depois o Ricardo e a Júlia vão ligar." , "Mas o importante é que você ligou. Muito obrigada!" Falei. "Espero que a senhora passe bem!" , "Eu vou passar." "A senhora vai sair?" , "Daqui há pouco vou sair para almoçar fora, depois vou na casa da Matilde." Assim sabe? "A família da Matilde me convidou para jantar." , "Ah! Tá bom." Agora eles ligam no dia das mães, no meu aniversário, todas as datas que considero importante.

Outro dia a minha nora ligou, inclusive, ganhei essa geladeira de meu neto e de meu filho pelo o dia das mães. Tinha a minha geladeira antiga que era da minha ex-patroa e já havia mandado consertar três ou quatro vezes e o meu filho ligou para falar feliz dia das mães: "Mãe, estou ligando para falar Feliz dia das mães! Como a senhora está?" , "Estou um pouco triste." , "O quê que aconteceu?" , "Aquela geladeira que ganhei quebrou." , "O que a senhora vai fazer?" , "Vou esperar passar os dias das mães porque sempre fica mais caro, vou esperar passar e depois vou fazer uma pesquisa de preços." , "Está bom mãe."

Sei que a nora falou para o meu filho: "Tito, a sua mãe está triste porque a geladeira dela quebrou." E meu neto respondeu a ele: "Pai, porque a gente não dá uma geladeira para abolita, porque ela nos ajudou muito." , "É mesmo." Ligaram domingo e eu não estava, mas na segunda-feira a minha nora ligou e disse: "Emília, é a Júlia que está falando." , "Oi Júlia! Tubo bem?" Eu falei: "Tudo bem." , "Você já comprou a geladeira?" , "Não." , "Você ainda não comprou? Eu liguei ontem." , "você quer me encontrar em casa num domingo? Passo o domingo na rua." , "Acho que o José e o Ricardo vão te presentear" , "Ah! não acredito?" , "Sim, eles mandaram ligar para saber se a senhora já havia comprado." , "Não, estou pesquisando."

Aí o meu filho ligou mais tarde: "Mãe, a senhora não comprou? Eu e o Ricardo vamos te dá uma geladeira, fui verificar o valor." Ele iria comprar nas lojas Baia, "Fui pesquisar, a geladeira chegará nesta semana." Nem acreditei que ia ganhar de presente. "Mãe, a senhora me liga que e vou instalar." Como ele trabalha na Cônsul e sabe mexer em eletrônica, fiquei sossegada. "Tá bom." A geladeira chegou dez e pouco: "José, a geladeira chegou." , "Vou almoçar e irei já." Chegou aqui por volta das quatro horas da tarde.

Esse presente e foi uma economia. Com a outra geladeira gastava de 48 a 50 reais de luz. E o meu porteiro falava: "Dona Ema, acho que para uma só pessoa, a senhora está puxando muita luz." Até que fim resolvi a pendência da geladeira, porque gastava muita luz e todo mês gastava 300,00 ou 400,00 reais com concerto. Atualmente gasto no máximo 22,00 reais de luz; e no inverno gasto um pouquinho mais devido o uso do chuveiro. O gás vem quase 15,00 reais porque é da rua; o que me faz gastar mais é o condomínio. Agora, pagarei um pouquinho mais porque vão consertar as escadas quebradas. Hoje gasto 255,00 reais de condomínio devido a reforma da escada por dez meses. Depois de tanto sofrimento só aproveito a vida, sou uma mulher feliz!

Tenho bons amigos em minha volta. Fiquei chateada com a Matilde porque pensei que ela fosse a minha amiga e não era, tinha duas caras. Fiquei magoada com ela porque quando a minha patroa faleceu, não queria que ela ficasse sem conversar comigo, mas ela me largava e ia embora para a casa da filha dela. Como eu falei: "Tu vais pagar na mesma moeda, vais passar pior toda a vida."

O marido dela arrumou outra mulher e me procurava para se queixar dele, eu: "Meu Deus, ela me fez chorar e agora quem está chorando é ela." Nossa! Como eu chorava, vinha de lá da Francisco Morato, era Vila Sônia, pegava o ônibus Francisco Morato lotado. Descia na Paulista e andava como uma sonâmbula. Ia na Igreja das Almas, todo segunda-feira só para chorar, punha vela para ela e muitos falavam; "Ema, não chore. Você não deixa em paz a Dona Glete." E dizia: "Mas não consigo."

Um dia estava chorando e o padre perguntou porque chorava: "Ah! Perdi uma senhora e estou me sentindo muito só." Ele me levou lá dentro e deu água com açúcar. E o padre: "Não chora, assim você não a deixa em paz. Ela passou bons dias ao seu lado, deve estar te protegendo, não chore." Sempre me lembro dela. A minha família está longe, por isso, não sabemos quem é amigo e quem é inimigo.

A primeira que pisei em solo brasileiro não sabia nada, nem sabia que existia Brasil. Quando fui convidada para vir trabalhava como empregada trabalhava com outra família, não com a que me aposentei. A irmã da senhora que me trouxe estava procurando uma pessoa. Trabalhava para a irmã dela de empregada, eram quatro irmãs: Ester, Raquel, Míriam e a minha patroa. Ela procurava alguém e veio falar comigo. Perguntou se queria ir para o Brasil, mas nem sabia onde ficava. Era tonta e não sabia de nada. Falei com a minha irmã: "Goya, a irmã de Dona Helga me convidou para ir ao Brasil, não sei." Eles eram judeus alemães, minha irmã falou: "Vai boba!"

A minha irmã trabalhava com uma família americana e convidaram a minha irmã para ir para os Estados Unidos e a minha mãe não deixou. Às vezes a gente se entendia com a mãe, outras vezes discutíamos. A minha irmã disse: "Por culpa da senhora não fui conhecer outro país. O quê que estou fazendo aqui? Nada." Elas brigaram. Eu contei para a minha irmã e a minha irmã disse: "Vai boba, vai conhecer outro país, não faça igual a mim que a mãe não deixou e nunca saí para lugar nenhum." Dizia em espanhol: "Anda tonta."

As duas discutiam e minha irmã: "A senhora fica me chamando atenção, se estivesse nos Estados Unidos não estaria escutando que a Bolívia é pobre." Como escutava as duas discutirem, tinha receio de falar com a minha mãe e dizer que eu queria ir para o Brasil. A minha irmã falou: "Eu vou falar com a mamãe." E o meu cunhado escutou e naquele tempo eles estavam namorando, ainda não eram casados. E o meu cunhado dizia: "Ema, não vá para o Brasil que vão cozinhar você.", "Cozinhar como?" Por que costumava ver filmes onde os índios cozinham as pessoas nas panelas para comer e ficava pensando. E ele falava: "Quando vai gente branca eles cozinham." Falava. "Ai Juan, como assim? Todos?" (Percepção antropológica do Brasil. I.6.p.256)

E ficava com esse pensamento e minha irmã disse: "Não acredite, Juan está te assustando; não é assim não." Goya conversou com a mãe e disse que tinha um convite para ir ao Brasil. Sei que escutei minha mãe dizer: "Caso ela queira ir, que vá! Eu autorizo; porque não quero que aconteça o que aconteceu com você, senão vão dizer que por causa de mim não foi para o Brasil. Quem quiser viajar que vá!" A minha irmã falou: "A mãe disse que você pode ir." E disse: "Mamãe, Goya falou que a senhora disse sim."

Percebi que a mãe ficou um pouco triste. Como era menor: "Eu autorizo porque não quero que aconteça o que aconteceu com a tua irmã. Se um dia você ficar com raiva, irás falar que não te deixei ir.." Aí falei para essa senhora que se chamava Glete também. "Dona Glete, posso ir." Falei. "Nós vamos começar a fazer os papeis.". Nunca imaginei que o Brasil fosse tão grande, foi uma surpresa enorme

porque na minha terra ainda não tinha prédios. Minha cidade o máximo que se via era de dois andares, três andares. Fiz os papeis, o marido dessa senhora veio antes e depois eu vim com ela.

Vimos de avião na empresa Cruzeiro do Sul, o voo parou em Corumbá. Dormimos uma noite nessa cidade e já senti o clima diferente. O clima na minha terra é seco, e o daqui é úmido. Sentia como se tivesse alguma coisa grudando na minha pele. Ficava todo hora secando o rosto; achava estranho essa mudança de clima, falava para a patroa: "Dona Glete, parece que tenho alguma coisa na pele." , "Isso é câmbio de clima."

Uma coisa que não esqueço é que trouxeram aquele queijo mineiro branco e a goiabada; falaram que era Romeu e Julieta. "Por que é que se chama Romeu e Julieta?" Aí a Dona falou: "A Goiaba é o Romeu e a Julieta o queijo. É uma sobremesa que você pode comer." Ela cortou o queijo, colocou a goiabada e falou: "Come." Achei diferente e gostoso. Chegamos numa quarta-feira em Congonhas e o marido dela foi nos buscar no aeroporto; acho que era umas duas horas da tarde; nos levou para comer feijoada, não conhecia esse prato; nem sabia o que era isso. A minha barriga inchou tanto, e soltava gases, meu Deus! Achei gostoso. O marido da patroa disse: "Esse é um prato que se serve de quarta e sábado." Que quarta-feira para nós é Miércoles. Ele falou: "Este es un plato que se sirve el miércoles y el sábado. Se llama feijoada."

À noite minha barriga estava imensa de inchada. Soltava gases, Meu Deus! Ninguém agüentava o cheiro de gases na casa. "Menina, estou me sentindo mal!" E tomava sorrisal e a dona tomava sorrisal. Mas a minha barriga ficou dura. Lógico, sair de um lugar frio e chegar numa cidade quente, no mês de janeiro e ainda comer feijoada, foi como estourar uma bomba.

Teve outra história que aconteceu comigo. Não conhecia caqui e um dia a patroa falou: "Ema, vai comprar tomate." A casa dos patrões era na Alameda Santos com a rua Maria Figueiredo. Na Alameda Santos tem uma quitanda e ela: "Vai comprar tomate." Duas coisas erradas que fiz lá... Abacaxi para nós é piña. A senhora falou: "Ema, compra piña." Cheguei na quitanda e disse: "Quero piña." O moço da quitanda falou: "Não tem piña." E eu vendo os abacaxis pendurados. Falei: "O quê?" Ele falava que não tinha. E falava: "Esse, esse." Apontando para fruta. "Ah! Esse não se chama piña, chama abacaxi." , "Ah! É?" Aí pedi para escolher um abacaxi e gesticulava: "Hummm...". Sinalizando que queria um gostoso: "Hummmmm..." E ele entendeu e comprei o abacaxi. O dono da quitanda mostrou depois uma fruta marrom dentro de uma sacola e disse que era piña. Ele falou: "Esse é pinha." , "Ah! Esse é pinha?" , "Esse é abacaxi! Não é esse não, é esse!" E levei.

Em outro momento ela me mandou comprar tomate; na minha terra naquela época não tinha, agora tem. "Ema, vai lá e comprar tomate!" , "Tá bom." Vi o caqui e achei parecido com o tomate, falei: "Nossa, mas que tomate estranho!" Mas não perguntei, comprei o tomate e levamos em casa, mas nem a patroa conhecia tomate. Ela fez uma salada de tomate; só que os achou meio esquisito. Temperamos com sal, pimenta, óleo. Quando o marido dela chegou que nós pusemos na mesa, nós não sabíamos se ele ia gostar ou elogiar...

O marido começou a dar risada: "ka, ka... O que é isso?" A mulher dele: "É uma salada de tomate." , "Isso no és tomate." Nós achamos meio doce, mas o alemão come algumas saladas meio doce; nem a patroa estranhou também, como estava acostumada não estranhei. O marido falou: "Esta es una fruta! Esta no es tomate... Quién compró?" "Eu." Ele se chamava Alfredo. "Eu, senhor Alfredo." , "Pero no preguntado si era tomate?" , "Pero estava ao lado de outro tomate, pensei que fosse tomate estrangeiro."

Existem uns tomates grandes que vem da Argentina que são meio verdes, meio amarelinho. "Pensei que fosse tomate argentino." , "No, es una fruta." Mais ele dava risada, dava risada. Quando lembro das trapalhadas morro de dar risada,

não esqueço! A primeira vez que vi o caqui fiz salada. Tiveram outras garfes, meu Deus! Mas a do abacaxi e a do caqui não esqueço não.

Com o tempo fui aprendendo, tenho aquela facilidade de conversar. Nós moramos um tempo em uma casa de térreo e lá havia uma moça que estava noiva de um policial militar, ela também fez uma garfe. Ela me convidou para sair, era perto da data de São João. "Ema, você quer ir na festa de São João onde o meu noivo trabalha?" , "Eu gostaria de ir." Fui com ela e para mim tudo era diferente, as músicas, as roupas, mas teve uma hora que eles tocaram uma música, assim, tipo bolero, Cha-Cha-Chá.

Estava sentada na mesa com e havia um homem, não era tão velho. Ele ficava balançando a cabeça e mexendo os olhos para mim. Eu olhava e pensava "Será que é tique nervoso?" A minha colega estava dançando e ele sentado na mesa com outra pessoa e mexia a cabeça e piscava os olhos. Olhava para os lados, teve uma hora que ele olhou e comecei a fazer o mesmo movimento. Claro, na minha terra não é assim, quando as pessoas querem dançar chegam perto de você e falam: "La señorita me permite para bailar?" Mas aqui chamavam para dançar balançando a cabeça e mexendo os olhos de longe e não sabia.

Quando fiz o mesmo movimento de balançar a cabeça, ele respondeu balançando e dizendo sim. Correspondi pedindo para ele vir ao meu encontro, pois estava sentada. Nesse intermédio a minha colega senta e fala: "Do que estás rindo?" , "Escuta." Eu não falava direito o português. "Quando um homem chama para dançar ele chama balançando a cabeça de longe como um tique nervoso?" Ela falou: "Sim, chama assim de longe." , "Ah! Não." Falei. "E ainda aquele cara que está chamando para dançar é mais velho do que eu. Não vou dançar não." Aí riamos.

Ela perguntou como é na tua terra. "Na minha terra chega perto para pedir para dançar. Não, porque ele está quase do outro lado do quartel balançando a cabeça. Não estava sabendo o quê era." Os colegas saíram abraçadinhos e estava olhando para o lado e dançando. Eu não sabia que não podia dançar com primeiro que chama e sair para dançar com outro. Eles denominam esse ato de 'tábua'. O mesmo cara chamou novamente: "Ah! Não vou dançar com ele não."

Havia outro homem que estava em outra mesa e também balançou a cabeça para mim. Aí levantei e fui dançar com ele. Era um clube da corporação, lugar aonde vai mais família. O outro homem que não aceitei dançar foi se queixar para as pessoas que estavam organizando a festa e falou que eu 'dei tábua no cara.' Eu dancei com o moço e tudo, depois de um tempo veio um rapaz e falou: "Estão chamando você lá na secretaria?" Aí eu falei para ele: "O que? Onde?" , "Na secretaria." Minha amiga; "O que você fez Ema?" , "Nada." Falei. "Vamos lá."

Ela me acompanhou. "Por que está me chamando na secretária, não fiz nada." E na secretaria estava o cara que me chamou para dança e não fui. O homem que organiza veio falar comigo, era simpático e falou: "Quando chamam para dançar, você não pode dançar com outro." Eu falei: "E porque não pode bailar?" Falando espanhol: "Por que no puede bailar?" , "Por que aqui é proibido, é como se você tivesse dando tábua." , "O quê que é isso? Tábua?"

A minha amiga começou a explicar: "Sabe o que é Ema? Ele não te chamou para dançar?" Eu falei: "Foi." , "E você saiu com outro?" Eu falei: "Foi." , "Não pode. É como se você estivesse fazendo desaforo dele." , "Ah! É?" , "As vezes sai até briga por isso." , "É assim? Não sabia." Ainda misturei o espanhol. "Como assim? Parece que és mio papá." O secretário da festa começou a dar risada. Ele falou assim: "Você não é daqui?" , "Não." Aí ele perguntou para mim: "Como es na tua terra?" Aí fui explicando. "Como vou bailar se ele é mais velho que eu? Eu tenho que bailar com um mais jovem, no?" Aí ele falou: "Aqui é um pouco perigoso, apesar de que o ambiente aqui seja familiar. Mas se você vai num baile de clube, baile comum é perigoso porque pode haver briga, até te podem bater." Falou. "Ai é assim?" Eu já fiquei com medo. Aí falou: "Você não faz mais isso." "Tá bom." E o

cara lá falando: "Qua, qua, qua..." Eu não estava entendendo nada do que ele falava.

O homem sentou e depois vi que estava em uma parte alta com outra mulher. Tocou uma música, o primeiro com que dancei estava olhando de novo como se pedisse para dançar. Saí para dançar com ele e o homem da secretaria que me chamou começou a ri. E eu pensei em relação ao outro: "Vou deixar ele na tábua." Falei. Saí a dançar com o primeiro homem, o secretário olhou e balançou a cabeça dizendo não. Como se dissesse 'você é danada!' Depois que acabou a dança o homem que dei tábua veio na mesa e disse: "Você se vingou, não?" , "Não, não foi vingança. Ele já me estava olhando antes." Era mentira.

Depois fui conhecer o baile na Liberdade. Antigamente havia muitos salões de baile, hoje em dia quase não tem mais. Fui à Liberdade com uma amiga que era brasileira e conhecia o lugar. Como sabia que dava problema dançar não fiz nada. Aí teve uma menina não sei se era namorada ou outra coisa, vi que o cara tirou ela para dançar e ela não saiu com o cara, saiu com outro. O homem fora do salão bateu nela, machucou tanto na cara dela. Lembrei o que o secretário disse e nunca mais fui nesse baile.

Muitos falavam que as pessoas andavam com gilete nos bailes: "Até podem cortar o teu rosto." Nunca mais fui a baile, só a primeira vez. Depois fui descobri a festa de seis de agosto que é a independência da Bolívia. Fazia-se muito no Club Homs lá na Paulista. Quando fui pela primeira vez achei maravilhoso, parecia que estava na Bolívia, dancei muito. Quem descobriu foi uma amiga minha que assistia ao programa "Almoço com as Estrelas" onde Lolita Rodrigues e Ailton Rodrigues cantavam. Tenho uma amiga chamada Ana que ligou: "Ema, amanhã tem uma festa da tua terra." , "Aonde?" , "Vai ser lá no Club Homs. Por que você não vai?" , "Como que vou sozinha? Se você me acompanha eu vou." Gui com esta amiga Ana fui para Club Homs. Nossa, foi uma festa maravilhosa.

Por esse tempo comecei a conhecer e a dialogar com bolivianos. Frequentei durante muitos anos o Club Homs, depois do Club Homs foi no Círculo Militar lá perto do aeroporto, do Ibirapuera. Depois foi no Banespa, aqui perto do Tietê. Depois do Tietê foi a festa de 6 de agosto. Eram muitas festas e gostava de acompanhar.

Conheci muitas pessoas em São Paulo. Tive um namorado brasileiro e foi a maior decepção da minha vida. O conheci no ônibus, porém agiu tão sujo comigo! Sempre fui muito franca, contei que tinha um filho, disse que trabalhava com uma família alemã. Ele me contou que estava separado. Na época, não existia divórcio, só existia desquite. Como não tinha nenhum parente em São Paulo, falei com Dona Glete, disse: "Dona Glete, conheci um moço, mas ele disse que é desquitado, que está separado da mulher. Tenho um pouco de medo." Ela falou para mim: "Ema, quero falar com ele para que não pense que você não tem ninguém." Aí eu falei com ele, chamava Nilton.

Meu filho era pequeno, estava com oito ou nove anos. Disse: "A Dona Glete quer falar com você." Apresentei-o para minha patroa que é uma pessoa muito educada e ela falou: "Nilton, a Ema contou que você está se desquitando. Perder a Ema será um pouco duro porque nós gostamos muito dela. Claro, ela é jovem e quer ter o seu canto, quer ter o seu lar e não gostaria que ela ficasse namorando na porta. Quando você vier vê-la pode entrar e tomar um café aqui, não quero que ela fique na porta porque nós consideramos ela como parte da família." , "Tudo bem!" Como sabia que não ia poder casar com papeis fui comprando o enxoval.

Metade do meu dinheiro foi para enxoval, pratos, ainda tenho algumas peças em Campinas na casa do meu filho. Sabia que não era um casamento de primeira mão. Ainda falei: "Dona Glete, tenho um pouco de medo." , "Se o primeiro não deu certo porque não pode dar no segundo casamento? Ele gosta de você, acho que você devia dar uma chance. Não só na raça de vocês, latinos, não pode dar certo. Nós podemos fazer da seguinte forma Ema, podemos ir ao advogado e fazer um contrato, pois se acontecer algo você tem direito a alguma coisa. Na nossa colônia

também temos esse problema, mas não é por causa disso que você vai ser infeliz. Você conhece a Dona Laura, conhece? Ela era separada, ela está com o seu Uisca. Conhece fulano?" , "Conheço." "Ela está com ele e não é por isso que eles são infelizes, você tem que dar uma chance, Ema."

Ela me aconselhou e segui. Quando tem que acontecer, acontece. Estávamos namorando uns quatro ou cinco anos e já tinha comprado muita coisa. Quase nunca ligava para o trabalho dele, era muito difícil. Percebi que ele sumiu uns quatro ou cinco dias. Ele trabalhava numa empresa entregando sabão e viajava muito, mas às vezes ele falava para mim que viajava para fora de São Paulo e tonta acreditava. Ele conhecia muito bem as coisas. Às vezes ele ligava: "Ema, não vou poder ir porque vou viajar e tenho que entregar sabão." Ele passou uns dias sumido e ficava pensando: "será que aconteceu alguma coisa na viagem?" Pensei e liguei para o trabalho dele.

Quem atendeu foi a secretária, só que essa secretária era nova, falei: "Será que podia falar com o Seu Nilton?" , "O Seu Nilton está viajando, ainda não chegou. Você quer deixar algum recado?" , "Fala para ele que a Ema ligou." , " Quer deixar o telefone?" E deixei o telefone. Isso foi no dia 10 de janeiro. Estava ajudando a tirar a árvore de natal da Dona Gletes, quando mais ou menos nove horas da noite escutei bater a companhia e bater palmas. Entrei no meu quarto, pois dava para ver quem estava batendo palmas do lado de fora e o meu filho estava jogando bola com alguns amigos na rua, ele viu que chegou uma mulher. Pensei: "Mas quem será?"

Saí e falei: "A senhora está procurando alguém?" , "Eu estou procurando Ema." , "Sou eu." , "Você sabe quem sou eu?" , "Não." Na época ainda falava castelhano bem puxado. "No." , "Eu sou a mulher do Nilton." , "O quê? Mulher do Nilton? Afinal de contas quantas mulheres ele tem? Por que conheci a primeira mulher, inclusive, cheguei a conversar com ela, e você é a mulher dele?" , "Ah! Eu sou a segunda mulher dele." , "Ah! Eu não acredito." , "Eu já tenho duas filha com ele." , "Ah! Não pode ser. Eu quero botar isso a limpo!" , "Se você quiser vir comigo verá onde a gente mora." , "Tá bom. Espere aqui que vou me trocar e já volto." Entrei em casa e meu filho perguntou: "Mãe, quem é essa mulher?" , "Disse que é a mulher do Nilton." E muitas vezes quando ele viajava, levava o meu filho para entregar mercadoria com ele.

"Ela disse que é a mulher do Nilton." , "Não pode ser mãe. A senhora vai na casa dele?" , "Eu vou ver se é verdade." Entrei e falei: "Dona Glete, vou sair e volto logo." , "Você vai aonde?" , "Volto já." Troquei de roupa e fui. Ela veio de taxi e rodou para me encontrar porque onde morava chamava Jardim Prudência e ela entendeu Jardim Prudente, foi para Jardim Prudente. O motorista falou que não existia Jardim Prudente, pois o endereço que ela estava procurando tinha Marituba, zona norte. "Deve ser Jardim Prudência, porque o Jardim Prudência fica lá para o lado do Jardim Miriam." Sei que ela rodou até encontrar a casa.

Muitas vezes ele vinha me buscar ou pegar meu filho para deixar o caminhão e pegar o carro dele. Ele morava perto da fábrica porque quando estava no táxi pensava: "Ele já me trouxe desse lado." Ela falou: "Eu moro aqui perto." Quando entrei no táxi estava tão nervosa que só conseguia rir. Aí ela falou: "Ele é um sem vergonha, um cachorro, que não sei o quê, essa não é a primeira vez que ele faz isso." Eu: "Bom, se você está com ele é porque você também é uma sem vergonha!"

O taxista ficou com medo que a gente brigasse dentro do carro. Ela desceu e falou: "Espera um pouco aqui." Veio uma amiga dela e disse: "Vem comigo." A dona me levou na casa de uma das amigas dela. Quando ela desceu o taxista falou: "Estou com medo de vocês brigarem." Eu falei: "Não. Eu não vou brigar não, esse não é o meu caráter!" Falei. "Nossa, mas ela está falando tanta coisa. Você não tem medo?" Eu falei: "Não, não tenho medo. Porque iria brigar com ela."

A amiga dela veio e disse : "Vem comigo." Me levou numa casa ao lado. Acho que ela o chamou e a menina também me chamou: "Vem." Quando saí e olhei

para ele e ele me viu ficou todo sem graça. Ele começou a fumar o cigarro desesperadamente. A única coisa que falei em castelhano foi: "Bonito, no? Que papel está fazendo, no? Bonito, no?" Aí ele falou: "Você vai contar para Dona Glete?" , "Lógico, ela tem que saber." Aí ele falou assim: "Vou te acompanhar." Eu falei: "Não. Não quero que você me acompanhe, vou sozinha. Você venha amanhã para nós conversarmos." Falei.

E a mulher dele: "Eu vou junto." Eu falei: "Não! O assunto não é com você, é com ele, ademais, não estou fazendo por você, como é teu nome?" , "Maria Helena." , "Estou fazendo mais por causa da meninas. Por que não quero que batam na minha porta procurando ele. Eu contei que tinha um filho e não sabia que você era a segunda mulher porque a primeira mulher conheci, se chamava Marlene. É ou não é?" , "É." , "Por que um dia ele me levou para conversar com ela. Eu não sei porque ele mostrou: 'aquela é minha ex-mulher', vi ela com outro com quem ela traiu ele. Eu conversei com ela, de fato, ela queria que saíssemos todos juntos, mas não quis." Falei. "Conheci a mãe dele, mas não podia contar, também conheci a irmã dele que poderia ter me contado a situação; mas nenhum deles contaram."

Ela falou: "Eu vou." Disse: "Você não vai, porque se for vou me encaprichar e aí vou querer ele. Por que não estou pensando em você, muito menos nele, estou pensando nas crianças. Eu tenho um filho e não quero que ele fique batendo na minha porta, a conversa é entre ele e eu, não tem nada com você." Aí ele falou: "Vou te acompanhar." , "Não precisa me acompanhar, não quero que você me acompanhe, vou sozinha."

O lugar era meio escuro, saí andando, em vez de pegar ônibus para voltar, peguei um ônibus para a cidade, um ônibus via Clementino e era quase meia noite. Tive que esperar outro ônibus, mas só conseguia chorar no ponto do ônibus. Depois caiu a minha ficha e parecia que estava pisando em ovos, nossa, como chorei. Um moço chegou perto de mim e falou: "Você está perdida?" Eu falei: "Não, não estou perdida." Esperei outro ônibus, cheguei em casa quase duas horas da madrugada. Meu filho estava me esperando na porta.

Entrei na rua vi o meu filho na porta. "O mãe o que aconteceu?" , "José, conheci a casa onde mora a outra mulher do Nilton." , "Mãe, não acredito." , "Eu falei com ele." Entrei e chorei, chorei, chorei, fiquei tão nervosa que fiz xixi na cama de noite. Meu filho: "Mãe." , "José eu acredito que está acontecendo isso comigo." Meu filho ficou preocupado e chamou a patroa: "Dona Glete, a minha mãe não está bem." Ela veio e: "Ema, o que está acontecendo?" , "Dona Glete, aquela hora que falei que ia sair e que eu ia voltar, veio outra mulher que o Nilton tinha e fui lá para ver se era verdade. Vi a casa e falei com ele." , "Ema, não acredito." Eu falei: "Sim Dona Glete, estou completamente desiludida."

Ela me levou na cozinha fez café e falou: "Ema, acalme-se! É melhor ter acontecido isso para mais tarde você não sofrer. Já pensastes se você fosse morar com ele, se você tivesse outro filho e tudo, como ia ser a tua vida?" , "Não acredito que seja verdade." Era quase três horas da manhã. Eu falei: "Dona Glete, vai dormir que me acalmo." Eu fiquei em claro; isso foi de domingo para segunda. Na segunda-feira acordei acabada. "Ema, você descansou um pouco?" , "Sim." Fui lavar roupa e só chorava. Quando foi mais ou menos seis horas da tarde, ele veio. Aí o filho da minha patroa: "Ema, o Nilton está aí." Saí lá fora e falei: "Entra." , "Não, queria só falar que." , "Pode entrar seu Nilton."

Havia uma salinha, Dona Glete disse: "Senhor Nilton, só vou pedir uma coisa para o senhor, não brinca com os sentimentos da Ema e de ninguém porque ela não precisa de um fio seu para se encostar." Aí ele falou para mim: "Não pensei que a Dona Glete fosse falar isso." , "O que você queria que ela falasse? Que você fez bonito." , "Puxa vida! Se tivesse um buraco no chão me enfiava dentro."

Ele respeitava muito ela, sabe que ele veio me fazer uma proposta para irmos morar longe. Ele: "Ema, gosto de você." , "Nilton, gostar é uma coisa, assumir um compromisso é diferente. De que adiante você me levar para outro lado e ficar com essa consciência pesada? Não. Eu gosto, eu amo você, mas prefiro

sofrer, não quero que fiquem batendo na minha porta, não quero. Eu não estou pensando em você, não estou pensando em Maria Helena, estou pensando nas tuas filhas. Por que as conseqüências são para os filhos e não para você e para ela. Gosto de você sim, mas para morar com você em outro lugar não quero não. Prefiro sofrer.” , “Esta é sua última palavra?” , “É minha última palavra. Não quero não!”

Depois dessa casa que a Dona Glete morava, mudamos para um apartamento. A casa era grande e cabiam as minhas coisas, agora o apartamento era pequeno. Tive que levar minhas coisas para guardar em Barueri com a minha comadre. Quando via o meu enxoval tinha vontade de pegar tudo, colocar no quintal e por fogo de tanta raiva que me deu. E desde esse dia nunca mais confiei em ninguém.

Depois viajei para Bolívia e a Dona Glete falou assim: “Ema, não adianta você viajar para outro lado, você tem que superar aqui porque você vai demorar para esquecer.” Passou um tempo até que superei.

Depois de um longo tempo conheci um patrício, não é que ele não me jogou sujo também. Nunca mais quis saber de homem. Sei que esse casou nas minhas costas. Fiquei com tanto ódio, já tinha conversado com ele: “Se não dá certo, chega e fale. Não me jogue sujo!”

Ele era músico e tocava em festas, nisso ele conheceu outra mulher. A minha prima conhecia essa menina, essa prima até morreu. Ela contou porque o marido dela tocava junto com ele. “Ema, fulano está viajando para Bolívia para arrumar os papeis para casar com essa moça.” , “Ah! Não pode ser!” O marido da minha prima descobriu onde ela morava e aí eu vi, peguei ele. Nossa! Falei para mim mesma que nunca mais ia arranjar namorado.

Essa minha patroa me apoiou muito, disse: “Ema, não fica triste porque ele foi um covarde.” , “Também não quero mais ninguém Dona Glete. Não quero mais saber.” Depois disso, nunca mais tive namorado, não quis. Acho que essa não é a minha sorte.

Às vezes o meu filho perguntava se iria arranjar alguém: “Mãe, não pretende mais casar.” , “José, não quero homem que se encoste em mim, não quero filho. Eu não tenho paciência de ficar lavando meias fedidas, cuecas cagadas! Ah! Não quero mais. Se eu quiser alguém é do Portão da minha casa para fora, para ir jantar, nem para motel; eu não sou para motel não.” E não sirvo para esses papeis.

Nem danço agarrada, não gosto que me agarrem na cintura, não gosto que fiquem me empurrando para perto do saco, não tenho paciência. Quando tem música lenta e o pessoal diz: “Vai lá.” Não vou. Eu danço sozinha e de longe, mas agarrado não danço não, de jeito nenhum. Eu gostava de dançar bolero agarrado com o rapaz que é o pai do meu filho, isso quando era jovem, mas aqui em São Paulo depois que tive essas duas decepções, não danço. Por isso, quando vou ao baile, que toca dança de salão ou bolero, música para se dançar coladinho, não vou mais.

Saio mais às festas bolivianas onde se dança solta, dança mulher com mulher, agora, em salão não posso porque tem que acompanhar a dança e vou dançar com o cara agarrado? Ah, não! Até atrapalha para dançar. Não sei depois que passei essas duas decepções nunca mais quis.

Às vezes a gente pensa que nunca vai acontecer e a gente se engana. Até os 41, 42 anos sonhei em casar, não precisava ser vestida de noiva, queria que fosse de vestido. Porém, infelizmente, não era a minha sorte, meu destino. Depois dos 42 perde aquela emoção, aquela emoção havia perdido e não quis saber. A gente passa cada coisa na vida... Que nem esse pai do meu filho, eu era menina e não tinha experiência. Eu vim descobrir que estava grávida no Brasil, nem sabia o quê que era ser virgem porque antigamente os pais não alertavam. No começo, tive um pouco de raiva da bebida porque fui com ele para uma festa e eu tomei. Acho que aconteceu naquela festa e não me dei conta.

Quando decidi ir ao Brasil, que falei com ele que viria, ele não gostou. A única coisa que lembro foi quando ele falou: "Não vá." Eu falei: "Por quê?" , "Não vá, tu vais se arrepender." Eu falei: "Não, me dê um motivo para que eu não vá." Acho que ele sabia, vim descobrir da gravidez no Brasil. Por isso, que brinco quando eles perguntam para mim se o meu filho é brasileiro: "Fábrica lá e indústria aqui." Fábrica lá e indústria aqui. Todo mundo ri. "O seu filho é brasileiro?" , "Não, fábrica lá e indústria aqui." E todo mundo dá risada.

Depois de vinte anos voltei à Bolívia. Ele mandava cartas, porque o avisei que estava grávida e ele falou para voltar, mas como fiz o contrato não podia voltar. Nesse período que não voltei, ele estava enamorando e casou com a minha melhor amiga. Ela chamava Norma. Ele enviava cartas para que mandasse: camisas, sapatos, essas coisas e às vezes mandava. Essa minha amiga Lordes soube e mandou uma carta dizendo: "Ema, não mandes nada para o Mário." E eu falei: "Por que será?" Aí na outra carta que ela enviou, falou assim: "Ele está namorando com tua melhor amiga, a Norma." Eu não acreditei.

Depois de um tempo, a minha irmã mandou uma carta falando que ele havia casado com ela. Não fiquei chateada, fiquei decepcionada. "Esse sem vergonha pedindo para mandar as coisas e estava namorando com a minha melhor amiga e casou." A minha mãe falou: "Se você não acredita no que a sua irmã fala é porque você ainda se corresponde com ele. Ele está casando com a tua melhor amiga." Também não mandei mais cartas e nem falei nada.

Meu filho não sabia que ele era vivo. Quando a madrinha do meu filho vinha nos visitar perguntava: "Onde que está o pai do seu filho?" Para não dá muita "corda", falava: "Morreu." E o meu filho, acho que ele escutou, 'ele morreu.' Um dia na escola a professora mandou me chamar. Meu filho "Mãe, a professora quer falar com a senhora." Eu falei: "Ai meu Deus, o que será que vão reclamar dele?" Eu fui e aí ela perguntou: "Eu tenho perguntado de seu filho onde está o pai dele e ele inocentemente, diz 'minha mãe fala que morreu.'" Como ele escutava quando as minhas amigas perguntavam: "E o papa de tu hijo?" , "E minha mãe disse que está morto." Acho que ele entendeu que morreu de verdade.

Quando a professora me chamou, ele estava com doze anos, mais ou menos. "Um dia perguntaram aos meninos e ele disse que o pai dele morreu." Eu falei: "Não." , "Mas ele falou." Aí me dei conta da situação. "Sabe o que é professora, é que às vezes a madrinha dele ou algumas amigas bolivianas que tenho querem saber quem é o pai dele e para não dá muita satisfação digo 'morreu'. Eu acho que ele escutou isso." , "Ah! É? Você tem que explicar para ele." , "Vou explicar."

Um dia estávamos sozinhos e falei: "José, preciso falar com você. O seu pai não morreu. Eu falava isso para a tua madrinha e para aquelas outras amigas não ficarem me perguntando. O teu pai não morreu, se você quiser eu te dou o endereço para você conhecê-lo. Eu não vou poder ir." Acabei com a conversa. Sabe que o meu filho falou: "Ah! Mãe, não precisa, quem me criou foi a senhora, não foi ele, o quê que eu vou fazer lá na Bolívia? Não mãe, não precisa ficar com isso na cabeça. Quando escutava pensava que fosse verdade." , "Não, falava isso para acabar com assunto. Por que eu não queria falar para não ficarem bisbilhotando a vida de fulano, não queria. Sabe? Acho que ele mora na Bolívia e está casado." , "Mãe, não vou não. A senhora fala que na Bolívia a vida é difícil, o quê que vou fazer lá?" , "Não, só estou falando."

Ele casou e o meu filho leva o meu sobrenome, não leva o sobrenome do pai, chama-se José Térra, eu me chamo Emília Térra Rocha... Depois de vinte anos fui à Bolívia. Não o reconheci porque que na minha época eu era miudinha, ele era alto, jogava basquete. Estava com aquela imagem antiga, da juventude na cabeça. Quando fui o meu cunhado já havia casado. O meu cunhado às vezes saía para beber com ele, e o dito cujo chorava: "Falei para ela não ir, ela foi por caprichosa que é." E meu cunhado falou: "Por que você fala isso?"

Depois de um tempo a minha mãe falou com ele. "Por que você não me fala o que aconteceu?" , "Não, ela foi embora por caprichosa, gostava dela, mas como ela foi embora." A minha mãe: "Ela ficou chateada porque você casou com a melhor amiga dela." Aí ele falou: "Eu me arrependi." Ele estava separado da primeira mulher, agora, a segunda vez que fui nem vi ele, não quis nem saber. Sei que o meu cunhado falou: "Vamos ver o jogo de basquete." Fui com o meu cunhado e minha sobrinha. A minha irmã não gosta muito de sair, me levou lá e depois o meu cunhado saiu para comprar um sanduíche, ele estava sentado. Eu não o reconheci...

Meu cunhado perguntou: "Estás reconhecendo alguém?" , "Não, não." Falei. "Você não se lembra de alguém?" , "Não." Aí ele falou: "Olhe e veja quem está lá." , "Onde?" Achei-o baixinho, meio careca, ele tem os olhos meio verdes. "É sério?" "Sim." , "Ah! Não creio. Nossa, como está diferente. Imaginava alto, magro, com bastante cabelo, ele está careca." E dava risada. "É sério." Falou. "É? Vou chamar."

Ele soube que cheguei, não sei quem contou, acho que foi o amigo dele que disse que havia chegado; quando fui à cidade, ao cinema e vi o amigo dele; ele ainda ficou surpreso. Ele falou assim: "Já se encontrou com fulano?" , "Não." Acho que foi ele quem falou que eu havia chegado. Ele apareceu perto de minha casa, onde estava com a minha irmã. Estava saindo para comprar alguma coisa na quitanda e ele estava na esquina. Ele falou: "Quero falar contigo." , "Falar o quê? Não quero falar contigo, só poderei amanhã." Ele marcou: "Vou te esperar lá na pracinha, lá na avenida Kendor, naquela pracinha mais ou menos às 6 horas." Falou. "Está bom."

Ele não perguntou do menino e também falei para ele, ele só perguntou assim: "Quando você vai embora?" , "Para que você quer saber quando retorno?" Ele queria tentar viajar, falei: "Não, tu não estás casado?" , "O quê que tem?" , "Como o quê que tem? Para mim tem sim. Tu não és casado com a Norma?" , "Ah! Estou separando." , "A mim não interessa se está separando." , "Não, nós podemos aproveitar o tempo que estás aqui." , "Só se for com outra. Não sei o que tu estás pensando." Ele queria me agarrar e eu falei: "Me solta." Larguei-o e fui embora; a minha irmã desconfiou da demora: "A senhora encontrou fulano?" , "Por que?" , "Por que eu vi." Ela mora em uma cidade pequena.

E foram falar para minha irmã: "Ah! Vi sua irmã na pracinha. Estava falando com fulano." , "Sim." , "O quê que ele queria?" , "Ele queria sair comigo." Ele falou. "Pero tu sabes." , "Eu sei Goya, sei que ele está casado. Agora, se ele separou ou está separando pouco me importa, não quero saber de nada que venha dele." Essa foi a última vez que o vi. Depois falaram que ele estava viajando, era engenheiro agrônomo.

A minha irmã disse: "Parece que ele está viajando." "Eu não quero saber, tive vergonha da última vez que fui. Para mim morreu e acabou." Inclusive quando eu fui para Bolívia, tive um pouco de vergonha de ter tido um filho solteira. Mas quando cheguei à Bolívia, os meus primos eram piores. O meu primo José com duas, três mulheres; o outro primo também.

Sei que José separou-se da primeira mulher, com a segunda mulher teve dois filhos, ela morreu e ele estava com a terceira. Como sou faladora, a terceira era mais jovem que ele. Ele tinha dois filhos e eram bem travessos, bem espoletas. Falei para o meu primo, porque um dia ele falou se podia ficar lá para tomar conta dos meninos. "O que?" Se eu for tomar conta vão ficar todos roxo. Não, não é comigo não." Por que ele saía. Eu falei: "Não." Soube que ele fez uma cirurgia da próstata; passou mal e tudo. Por que quando cheguei na Bolívia, fazia tempo que não via ele, ficou feliz e falou assim: "Agora posso morrer, já vi você." Estava tomando uma bebida.

Quando o primo José bebia estava com a primeira mulher; mas chamou a primeira mulher de outro nome. "José, está chamando a Célia de outro nome?" , "Psiu!" Estava com a cabeça na outra mulher; depois que ele ficou bem, fui visitá-lo na casa dele. Falei: "José, afinal de contas, quantas mulheres você tem?" Ele ficou

meio sem graça. "É, estou namorando outra." Como sou faladora disse: "E tu funciona? Por que sei que você se operou da próstata, não é? Ou estás com o pinto arriado?"

Eles me achavam avançada demais: "Como falas assim?" , "Uê! Estou dizendo a verdade. Por que se tu não funciona vai ter chifres." , "Não diz isso." Meu outro primo tinha uma mulher e sempre dava dinheiro para ela, quando não deixava, ela não permitia que ele entrasse em casa, tinha que dormir dentro do carro. A mulher dele contou e falei: "Gozado, eu pensando que era pecadora e vocês são mais pecadores do que eu, são mais sem vergonha." A mulher do outro: "Ah! Ema tens que ir falar com Ozanir." , "Eu não." Falei. "Eu não tenho nada com isso." O meu primo Tito tinha outra mulher.

Eu e meu primo fomos visitar a minha mãe de moto, ele me levou na casa da mulher dele, da prima da Julieta. Aí ele falou assim: "Você quer que eu te leve para casa?" E a mulher dele falou: "Por quê?" , "Por que ele não vai voltar" , "Vai aonde?" , "Vai na outra mulher." , "Como? Ele tem outra mulher?" Ela falou: "Sim." , "Não acredito." E o meu primo: "Ema, vou te levar em casa." , "Não, não vou agora e você também não vai." , "Por que?" , "Por que você não vai voltar. Não vai na outra mulher." , "A Julieta já te contou?" , "Sim, ela contou." Briguei com ele. "Que sem vergonha! Eu pensando que era pecadora e vocês são piores do eu. Estava com medo de dizer que tive um filho solteira, mas vocês casados são tudo sem vergonha." Xinguei eles.

E a mulherada queria que eu fosse falar com as outras mulheres. "Não, eu não tenho nada com isso, não me meta nisso. Eles já são crescidos, vacinados. Não quero nada com isso, não quero ter nenhum problema com as suas mulheres. Você é quem sabe, cada um mais sem vergonha que o outro! O outro mal está se curando e nem sei se funciona, se não funciona vai ter cuernos." , "Ai! Tu falas demais." , "É verdade, se tu não funciona vai ter chifres. No programa do Jô Soares passou um médico que põe um fiozito para levantar." Falei. Eles falaram: "Ema, você tá muito avançada para falar essas coisas." , "Mas é verdade, porque se tu não funciona vai te colocar cuernos." E eles davam risada comigo. Às vezes o meu primo falava para mim: "Ema, vou te contar uma coisa." , "Não quero saber de nada José." O meu filho, às vezes me enchia a paciência para casar, namorar; agora parou com isso, graças a Deus! Não tenho a menor paciência com homens, sou curta e grossa.

4.1.14. Carlota

(Fonte: foto da autora, 2009) Carlota em sua Casa no bairro do Bom Retiro

Hoje a única coisa que desejo além de ter a minha casa é que o meu filho e sua namorada se resolvam de uma vez, por causa das crianças que acabam sofrendo. Também me preocupo com o meu marido que ganha muito pouco e tem um patrão muito folgado.

Meu nome é Carlota Munhoz Torrico e vim para o Brasil porque os meus pais não queriam que eu namorasse, pois o rapaz que gostava era humilde e trabalhava com conserto de bicicletas. Atualmente, os pais querem que seus filhos se casem com médicos, advogados, pessoas que possam oferecer estabilidade. Naquele tempo, antes de sair da Bolívia a minha irmã disse: "Você irá para o Brasil estudar, trabalhar." Ainda na minha terra formei-me em contabilidade geral e trabalhei durante um período num escritório. Lembro que minha irmã falou: "Acho que se você for para o Brasil irá ganhar muito mais."

A minha irmã me trouxe para São Paulo só que não conseguia alcançar o dinheiro que desejava. Acabei indo parar em uma oficina de costura e trabalhando, aprendi a costurar. Depois de um tempo minha irmã decidiu retornar para Bolívia, antes me inseriu em uma oficina e disse: "Vá costurar numa oficina brasileira." Eu falei: "Como que vou costurar se não sei orvelocar, não sei colocar nem as mangas de uma camisa, nada?," "Você vai aprender." Não fui para essa oficina, achei um japonês que falou: "Você vai fazer desse jeito." E explicou como aprenderia a costurar. O engraçado é que tinha ido em quatro oficinas e só consegui passar no

teste na quinta que visitei, Graças a Deus, passei. Ao visitar a oficina, disseram: "Irá começar de overloquista." Comecei a trabalhar, observava tudo que os outros costureiros faziam e acabei aprendendo tudo.

Depois de um tempo que estava no Brasil o meu namorado resolveu separar-se e voltou para a Bolívia. Quando ele veio para São Paulo, novamente, disse para minha irmã, pois ela não havia gostado dele: "Escuta, vou arrumar um emprego e trabalhar." Graças a Deus arrumou em uma bicicletaria, onde trabalha até hoje. Com isso, a minha irmã viu que ele gostava de trabalhar e deixou de falar dele.

Depois de um tempo o meu pai veio passear no Brasil e falou: "Vocês podem fazer o que vocês quiserem, podem casar, só que a sua mãe não irá gostar." Eu e o namorado nos casamos no Brasil, continuei trabalhando numa oficina de costura brasileira de overloquista. Fiquei grávida aos trinta e três anos, passei um tempo sem costurar porque a médica disse que depois dos sete meses não poderia mais trabalhar. Parei o ritmo de trabalho e tive o meu filho.

Antigamente o custo de vida era mais barato: aluguel, alimentação, transporte. Depois que meu filho estava com uns três meses, a minha irmã disse para mim: "Não trabalhe, cuide do seu filho." , "Tá bom." Fiquei muito cansada da vida de doméstica e de só ficar em casa, o meu bebê dormia e dormia junto com ele, e pensei. "Não, eu quero trabalhar, vou comprar uma máquina de overloque para mim e costurar em casa." O meu marido disse: "Não tenho dinheiro para comprar sua máquina agora, empresta o dinheiro de alguém que pago." E disse para ele: "Sei que irei costurar e vou aprender."

Naquela época o noivo da minha irmã chegou a dizer: "Eu empresto o dinheiro para você poder comprar a sua máquina." E foi assim que comprei minha primeira máquina overloque e comecei a trabalhar em casa. Fazia roupa de criança e de adultos; trabalhava de dia e de noite, e assim consegui quitar a dívida. Aí as pessoas das oficinas ligavam para encomendar malhas, e comecei a ganhar um dinheirinho. Tinha época que fazia trezentas peças de roupa na overloque, e pensei: "Acho que chegou a hora de montar a minha própria oficina de costura." E concretizei essa idéia.

Nesse período acabei conhecendo muitas pessoas e havia três brasileiras que gostavam de trabalhar comigo; e somou mais dois bolivianos para trabalhar na oficina de costura. Costumava oferecer o lanche das 10:00 e das 16:00 horas, e saíam a hora que queriam porque eu não exigia muito. Como naquele tempo já existiam muitas oficinas, os donos das outras oficinas falavam para eles: "Venham trabalhar comigo que irei pagar mais." E os empregados falavam para mim: "Vou embora porque em outro lugar é melhor e ganho mais.", "Pode ir embora, não posso exigir dedicação exclusiva de vocês." A minha oficina não era grande e pagava menos. Nisso, as pessoas me deixavam sozinha. Nesse tempo morava na rua Paulinas, depois me mudei para a rua São Caetano no Bom Retiro e segui trabalhando.

Sei que os bolivianos foram trabalhar para outras pessoas e dois brasileiros queriam continuar comigo, e disse: "Acho que não. vou fechar a oficina." Mas as brasileiras continuaram trabalhando comigo, eram pessoas muito boas e diziam para mim: "Vamos continuar trabalhando Carlota, assim, a gente consegue uma graninha para comer e tocar a vida." E falei: "Vou pensar." Decidi que iria costurar sozinha, e um japonês que conhecia disse assim: "Você trabalha bem, costura sozinha que te pago." Eu costurava dia e noite, cheguei a trabalhar até as quatro horas da manhã, até que um dia falei para mim mesma: "Quer saber? Cansei, não vou trabalhar mais na oficina não. Vou fazer uma coisa nova agora, vou procurar emprego nas oficinas brasileiras de novo." Nesse tempo já tinha cinquenta anos e trabalhava como pilotera porque sabia fazer todo o processo de produção das roupas. Fui procurar uma oficina e disse: "Sou pilotera, tenho muita prática com oficina." E falavam: "Não, tem que ter prática e ter sido registrada." Falei: "Pensei que fosse mais fácil conseguir emprega nas oficinas dos brasileiros. Mas saiba que

tive minha própria oficina e tenho muita prática." "Não, tem que ter prática e ter carteira assinada." E falei: "Sabe o que eu vou fazer? Descansar."

Aí comecei a fazer salgadinhos em casa para o meu marido e para o meu filho. Fiz umas empadas de queijo com pimentas e meu marido falou: "Você faz gostoso, porque você não faz para vender?" E respondi: "E como que vou vender? Devo pronunciar empadas ou empanadas?" É que na Bolívia as pessoas costumam chamar de empanadas e no Brasil as pessoas geralmente conhecem por empadas.

Antigamente na rua 25 de março muitas pessoas trabalhavam até duas horas da manhã, e como eu morava na rua São Caetano, ir para a 25 de março era fácil. Aí o meu filho que é brasileiro falou para mim: "Mãe, a senhora trabalha, faz salgadinhos, pois vou te acompanhar e ajudar a vender." Falei: "Não." Até que um dia resolvi fazer empanada de queijo com pimenta e ele me acompanhou pelas ruas do centro; por onde andava vendendo assim: "Empadas, empanadas!" E ninguém me olhava, falei para o meu filho: "Vamos embora que isso não irá vingar." Aí o meu filho falou: "Dá mais uma volta mãe." Dei outra volta pelas ruas e tampouco ninguém olhava. "Filho, vamos embora, porque aqui não entendem que empada é empanada.", "Vamos dá uma última volta, mãe. Depois disso, vamos embora.", "Vocês vão comer tudo, o que vamos fazer agora?"

E quando estava dando a última volta tinha um monte de brasileiros em um canto e perguntaram: "O quê que é isso?" Quando abri e viram que estava quentinho, aí se amontoaram: "Dá um, me dá mais um..." E foi nesse dia que comecei a minha vida de vendedora de salgados. Comecei a vender cedinho, quando amanhecia e terminava às sete horas da manhã. Sei que me acostumei a vender para os bolivianos que trabalham no centro, e eles dizem: "Me traz sellenõs." Que são uns bolinhos de batatas; depois passei a vender enroladinhos de queijo e salteñas. Os bolivianos começaram pedir: "Faz salteñas." No início não sabia fazer salgadinhos, mas acabei inventando isso para sobreviver, ajudar a compor a renda da família. Tinha uns brasileiros que falavam para mim: "Esse bolinho de batata é delicioso, parece com os salgados das senhoras baianas."

Quanto mais salgados vendia mais gente passava a conhecer e falavam: "Leve seus salgados para vender no Bom Retiro em tal oficina." Nisso, comecei a fazer pãezinhos para vender; e meu marido me ajuda levando eu nas oficinas de bicicleta. Hoje vendo cerca de quatrocentos salgados por dia. Todas as manhãs saio para vendê-los.

Preparo os salgados sozinha e estou muito cansada porque tenho 64 anos e não posso ficar sovando a massa, fazendo força. Atualmente a vida ficou muito difícil, o aluguel está muito caro, e o meu marido fala: "Você tem que trabalhar em outra coisa, porque continuar assim não dá; porque quando chego em casa meio dia você está descansando." "Ele pensa que eu descanso, chego meio dia e tenho que começar a fazer tudo de novo para ir vender. Termino de arrumar a casa no fim da tarde e tenho que fazer a janta para eles comerem. Hoje tenho a clientela que compra diariamente. Deixo salgado todos os dias nas oficinas de costura.

Minha vida na Bolívia era boa. Nasci em Cochabamba. Meus pais começaram a trabalhar muito jovem e desde cedo tive que aprender a me virar também. Na verdade tinha pena porque eles se matavam de trabalhar para ganhar dinheiro para nos sustentar. Eu me virava fazendo de tudo um pouco. Depois fui fazer o colegial, isso antes de estudar contabilidade. Na juventude tive a experiência de ter ido conhecer os Estados Unidos, pois os meus tios mandaram me chamar e os meus pais não queriam: "Não vá, você vai sofrer lá." Acabei indo para os Estados Unidos porque o meu pai era ciumento. Lembro de uma vez que o atual marido foi me visitar na Bolívia e o pai disse: "Visitas são de dia e não de noite." E achava engraçado.

Primeiro fui embora para os Estados Unidos, mas não consegui me acostumar, chorava porque não entendia o inglês. Meus tios me levavam no supermercado e falavam assim: "Excuse me!" E pensava: "Deve ser desculpe-me." Levava o meu carrinho com compras e falava para o caixa: "Excuse me!" E a minha

tia dava risada, estava aprendendo o inglês. Os rapazes falavam: "Let's go!" E eu repetia: "Let's go." E ela: "Você sabe o quê é?" E eu: "Deve ser até logo." Sei que me acostumei e gostei dos Estados Unidos. Minha tia sempre atendida me aconselhava: "Você vai estudar inglês, depois irá estudar o que você quiser e vai trabalhar aqui." Só que os trâmites dos documentos estavam emperrados. No Consulado dos Estados Unidos falaram que tinha que voltar para o país de origem e fazer novamente os documentos para estudar nos Estados Unidos. Eu falei: "Ah, não. Vamos embora." E a minha tia: "Vamos para o México ver se a gente consegue arrumar os seus documentos." Cheguei ao México e adorei aquele país.

Fomos para o México fazer os documentos e fiquei encantada, achei tudo lindo; as roupas, os artesanatos, tudo era especial. E ficava pensando "Ah, se eu tivesse dinheiro compraria tanta coisa aqui." Não conseguimos a documentação e nós retornamos para os Estados Unidos, sorte que a minha tia estava comigo. Fiquei sete meses nos Estados Unidos e tive que voltar para Cochabamba de novo. Eu não consegui os documentos e chorei tanto para não voltar para Bolívia. E a minha tia falou para mim: "Não chore, estude inglês na Bolívia e você volta para trabalhar aqui." Só que quando voltei para casa o meu pai não quis mais saber da conversa de Estados Unidos. Ele falou: "Você não vai estudar! Você é uma ambiciosa." E tinha um primo que falou para mim: "Por que você não estuda matemática, faça contabilidade." E assim fui estudar contabilidade na Bolívia durante quatro anos, sem repetir. Quando me formei já estava trabalhando na área. E foi nessa época que a minha irmã me convenceu a ir para o Brasil.

A minha irmã morou no Brasil quase quarenta anos. Ela voltou depois de muitos anos que meus pais já haviam falecido. Tenho uma irmã que mora na Espanha e que já constituiu sua vida e sua família lá; e faz muitos anos que ela não vem passear. Atualmente não sei que lugar ela e sua família moram; e faz muito tempo que não me comunico com ela, pois não tenho os contatos de ninguém.

O meu irmão Eleodoro mora em São Paulo, reside no mesmo prédio que estou atualmente, mais precisamente no terceiro andar, e a minha sobrinha mora com ele. Tenho uma irmã na Espanha, esse irmão no Brasil e os outros irmãos estão na Bolívia. Estão todos casados e não sei por onde eles andam. Dos sete irmãos, dois faleceram no Brasil. O meu irmão Jaime estava com uma doença no sangue; e quando faleceu deixou as minhas sobrinhas. E um tempo desse me contaram que uma irmã também faleceu. Faz anos que não vejo ela e nem poderei mais vê-la. Quero muito me comunicar com os meus outros irmãos; não tenho mais seus telefones, depois que mudei de residência perdi os poucos contatos que tinha. O meu filho mudou o número do telefone e não me comunico mais.

A minha irmã mais velha é a que está na Espanha, depois tem outra irmã, depois dela tem a Olga, depois dela é a Julieta, depois dela é o meu irmão, depois dele, tem o Edson, depois sou eu e depois é o meu irmão que é o menor.

Na Bolívia nunca ficava em casa sem fazer nada, sempre saía para me distrair. Saía para as festas, para pular carnaval. Meu pai era ciumento e quase sempre me acompanhava nas festas para ficar observando. Desfrutei muito a minha juventude, gostava muito de passear, de encontrar as minhas colegas, falava assim: "Vamos ao cinema assistir a um filme?" Como ela morava no centro de Cochabamba, eu falava: "Que desculpa dou para o pai?" Inventávamos que o professor de matemática ia explicar um conteúdo de uma aula. E o meu pai falava: "Filha, o que vais a fazer? Podes ir a Cochabamba já que seu professor irá explicar, senão é perigoso perder o ano." Lembro que era uma faze bem legal; gostava muito da Bolívia. E a minha irmã dizia que aqui iria ser bom, que iria ganhar mais. E agora estou aqui, fazendo salgadinhos para viver.

Naquela época era solteira, só namorava. Foi no Brasil que arrumei um namorado e acabei me casando. O meu marido e meu filho são brasileiros. Tive somente um filho e não quis mais saber de parir. Porque iria ter mais filho? Só se for para sofrer. Hoje tenho até duas netas, duas gracinhas. As fotos das duas netas estão ali na estante e elas costumam vir em casa aos finais de semana; tem uma

que vai fazer cinco anos. Esses troféus expostos na sala são do meu marido e do filho, os dois são apaixonados por futebol.

Tenho muitas lembranças, sei que quando vim para o Brasil fiz o percurso por terra, de trem. Acho que o trem demorou uns sete dias para chegar à fronteira; e no caminho tive que comer de tudo, era um sofrimento terrível.

Peguei o trem em Santa Cruz e ele seguiu até Corumbá no Mato Grosso do Sul. A última viagem que fiz para Bolívia foi quando a minha mãe faleceu. Quando o meu pai estava doente, viajei para levar o meu filho para conhecer a minha terra, falei: "Se tudo der certo e se Deus quiser o meu pai vai conhecer meu filho." E com dezesseis anos ele o conheceu. Os meus irmãos são mais sossegados, moram na Bolívia, mas não tem emprego fixo. Caso você tenha trabalho você vive bem na Bolívia, senão, tá ferrado. Antigamente, o Brasil também era muito bom para emprego, agora está super difícil conseguir as coisas.

Adorava aquele período porque ia para feira com cinco reais e trazia de tudo, hoje não dá nem para comprar um quilo de carne. Viver de aluguel trabalhando com salgados é quase impossível, porque os valores triplicaram. Hoje, meu marido paga o aluguel sozinho, e trabalho para ajudar com as despesas de casa. Gasto com comida, telefone, água, produtos de limpeza. Antes até tinha o sonho de ter minha própria casa, mas agora não consigo mais pagar. Não sobra dinheiro para nada, vai tudo embora no aluguel, na comida e nas despesas de água e luz. Antigamente era bom, mas acho que Deus me colocou no mundo para ajudar meus irmãos. Imagina se fosse só eu e o marido, como trabalhamos hoje, de repente teríamos uma casa e um carro já. Mas como ajudo os irmão e minha família, não dá.

Quando a minha mãe faleceu, meus irmãos sofreram muito. Um irmão veio para São Paulo, casou com uma brasileira e tiveram quatro filhos. Ele trabalhava nos bares, só que a esposa dele não colaborava em nada. Ele tinha que dormir durante o dia, mas ela mandava ele fazer as coisas e não dormia. Durante o dia ele trabalhava vendendo livros, e ninguém ganha dinheiro vendendo livros. Sei que com essa vida que ele tinha ficou doente, sofreu bastante e faleceu no Brasil. Tinha muita pena dos meus irmãos, falava: "Será que algum dia quando eu precisar deles irão ajudar?" A vida é engraçada e ao mesmo tempo trágica.

Ajudei muitos bolivianos que vieram para o Brasil; teve até um boliviano que chegou e percebia que precisava de uma força, porque antigamente você tinha tudo mais fácil. Trabalhava na costura fazendo roupinhas de frio; e os bolivianos pediam arroz, açúcar e nunca disse não. Hoje, as pessoas que ajudei tem casa, carro, tem tudo e nem lembram que quando passavam necessidade era eu quem estendia o braço para ajudar, e se eu precisar ninguém vai me ajudar. Ninguém irá dizer: "Vem cá que te ajudo." Nada. Hoje só sinto pena dos bolivianos que chegam sem nenhum tipo de orientação. As pessoas contam muita coisa, quando vou vender salgadinhos nos campos de futebol, as meninas falam: "Aqui, os bolivianos só vem para sofrer; põe-nos para trabalhar dia e noite, nos xingam, não nos deixam dormir." E fiquei horrorizada quando elas disseram isso.

Sei que muitos donos de oficinas traziam jovens que mal havia terminado o ensino médio. Falam para os pobres jovens que vão ganhar isso e aquilo. Sei que os campos de futebol virou o espaço das lamentações, todo mundo chorando, reclamando: "Carlota, a gente não reclama para os donos porque podem nos por para trabalhar o dobro e ainda dizem 'você não sabe fazer, tem que lavar, tem que fazer isso.' Hoje, muitos donos de oficina estão enganando os jovens que vem para o Brasil cheios de sonhos. Eles dizem: "Eles nos tratam como escravos." Nesse dia pensei: "Meu Deus, graças a Deus que não vi isso quando cheguei. Muito menos o meu irmão."

Estou no Brasil há 40 anos e atualmente não sei como andam as coisas no âmbito da costura; mas sei que alguns continuam tratando mal as pessoas que chegam, outros já estão liberando porque alguém disse que é para trabalhar até às seis horas da tarde. Sei que quando vou vender salgadinhos nas oficinas, muitos já

estão trabalhando dentro dos conformes da lei. E como também vendo aos sábados sei que trabalham até meio dia. Antes trabalhavam dia e noite, viam o dia amanhecer.

Logo que cheguei comecei a frequentar as festas da Igreja da Paz no bairro do Clícério e lá conheci a Marta e a Ema. Sei que na festa de Nossa Senhora de Urcupiña tinha uma comadre que era responsável de ajudar nos preparativos da festa; nós gostávamos de dançar e conversar. Quando era jovem gostava muito de festas, e recém casada, o marido ainda jovem, toda vez que o seu time de futebol ganhava uma partida, ele fazia festa, era churrasco, adorávamos. Eu adorava dançar, como me encantava bailar. Foi nesse período que conheci a Ema e todo mundo. Ema é uma boa amiga, eu gosto muito dela, quando o meu marido reclamava e dizia para mim: "Você não vai sair.", "Eu vou sim, estou com a Ema." Ele falava: "Com a Ema pode sair." Fazia muita coisa sozinha, ia para praia, saía para encontrar as amigas. Tínhamos uma relação de confiança.

Cheguei a conhecer muitas pessoas que acompanhavam as festas dos bolivianos, a Marta, a Isabel, a Míriam. Tenho colegas brasileiras que sempre me ligam para saber como estou; perguntam se não vou visitá-las. Às vezes não dá tempo para visitar as pessoas, você trabalha tanto e quando chega em casa a única coisa que quer é descansar.

Geralmente a colônia dos bolivianos comemoravam as festas religiosas de Nossa Senhora de Copacabana e Urcupiña e as festa de dia da Independência da Bolívia comemorado no dia 06 de agosto. Nessas festas há comidas típicas, bandas de músicas; hoje a praça Kantuta é muito procurada por causa desses quesitos. Ultimamente não tenho acompanhado as festas; as festas locais são muito caras, hoje cobram R\$ 40,00, 50,00 reais e antes era R\$5,00, até 10,00 reais com direito a levar outra pessoa. Só os bobos que pagam para poder entrar. Sei que todo final de cada mês acontece as novenas e reuniões sobre festa na Igreja Nossa Senhora da Paz.

Quando as festas são locais eles cobram porque o espaço é alugado e geralmente determinado conjunto irá tocar. Geralmente costumo ir às novenas de estréia, onde são atribuídos os preparativos das grandes festas. Mas tenho o costume de ir à missa na igreja do Glicério uma vez por mês.

Assim que cheguei ao Brasil vi que tinha muitos passarinhos, muitos animais, hoje com o desmatamento está quase tudo em extinção.

Assim que me casei meu marido costumava jogar futebol e após os jogos ia para os churrascos com os amigos. Nunca me incomodei porque costumava sair com as colegas da igreja. Logo no início sentia muita falta dos meus pais e dos irmãos que deixei na Bolívia. Agora, que meus pais faleceram não tenho mais ninguém, só os meus sobrinhos que estão na Bolívia. Acostumei-me a viver no Brasil.

Assim que cheguei a minha irmã tinha uma oficina de costura e havia umas brasileiras que trabalhavam com ela; essas brasileiras falavam em português para mim: "Vocês falem devagar para eu conseguir entender o espanhol de vocês.", "Tá bom." Elas falavam e não conseguia entender bulhufas, na minha cabeça pensava que elas eram que estavam falando errado, não falavam espanhol, e quando falavam devagar até que conseguia entender. Uma dessas brasileiras sempre me convidava para almoçar na casa dela, nesse tempo ainda namorava. Ela era uma pessoa muito alegre; dávamos muitas risadas, ela tinha uma doença da cabeça, meningite. Depois de um tempo fiquei sabendo que tinha ficado doente; fiquei triste com a notícia porque ela tinha ficado noiva, ia casar; até que chegou a notícia que ela tinha falecido.

Havia me acostumado com seu jeito, era uma pessoa muito boa; sei que chorei muito com essa perda. Eu tinha uma boa convivência com todas as colegas de trabalho da minha irmã, nos entendíamos. Sempre perguntava muita coisa delas; e depois quando a minha irmã foi embora para Bolívia, trabalhei numa oficina com brasileiras, elas me entendiam e gostavam de conversar comigo.

Lembro que o patrão dessa oficina que trabalhei falava assim: "Carlota, você é uma boa overloquista, vou aumentar o seu salário. Caso as outras meninas forem te perguntar, diga que está ganhando a mesma coisa que elas." E as meninas perguntavam: "Quanto você está ganhando?", "A mesma coisa que você ganha." Toda vez que ia à Bolívia trazia alguma coisa para elas experimentarem. "Cadê aquela pastilha?" Era uma pastilha cujo o nome na Bolívia era aba. Quando não trazia, enviavam para mim; minhas colegas adoravam. Sempre me dei bem com todo mundo. Quando morava na rua Paulinas, tinha umas amigas que iam em casa me ensinar a dançar forró; aprendi a dançar e em troca ensinava música boliviana. Cheguei até a ir a um casamento de uma sobrinha e passei a noite inteira dançando forró com essa amiga. E ela falava: "Você aprendeu, parece até brasileira dançando desse jeito."

Conheço poucos lugares em São Paulo; tenho uma amiga que certa vez me levou a Barueri na grande São Paulo na casa de uma comadre para passear. Não conheço quase nada de São Paulo e do Brasil, o meu marido que uma vez foi para o Rio de Janeiro. Não, é da Bolívia. Aqui no Brasil ele está sozinho, todos estão na Bolívia.

Meu marido nasceu no Brasil, mas a família dele está na Bolívia. Atualmente, ele é mecânico de bicicletas, só que o seu patrão o engana demais. Até hoje ele ganha muito pouco, ele queria que o patrão mandasse ele embora, mas não faz esse ato para não pagar os direitos trabalhistas. Ele trabalha nesse lugar há 34 anos e até agora não se aposentou. Acredito que o patrão dele não esteja fazendo os seus depósitos na previdência social. Já dei até entrada aqui na Justiça Federal, para ele se aposentar; pois os funcionários da Justiça perguntaram por que não o aposentaram. Levei xerox de todos os seus documentos e sei que a audiência está marcada para o ano que vem, no dia 11 de novembro. Eu falei: "Tão longe?" E eles falaram: "Senhora, tem muita gente na fila." Talvez ele consiga se aposentar. Deus queira!

Agora, eu não sei como que vou me aposentar. O governo falou que posso solicitar aposentadoria como ama de casa. Já dei entrada na documentação porque vou fazer 65 anos no ano que vem. Eles falam que com 65 anos já podem aposentar e quando vou na previdência eles falam: "Você tem que ser brasileira." Eu não acredito, agora estou pensando em ir a Justiça Federal. Não entendo a legislação brasileira.

Quero perguntar para eles, porque tenho que esperar por mais não sei quanto anos, por que tenho que esperar tanto; será que tenho que me nacionalizar? Caso eles falem não, vou pedir uma carta para me aposentar. Na próxima segunda-feira estou querendo falar com a Marta para que me acompanhe até a previdência social para saber mais detalhes e averiguar. Por que eles falam: "Ah, você tem que ser brasileira." E falo que sou casada com brasileiro, tenho filho brasileiro, e estou tantos anos no Brasil e porque tenho que me nacionalizar ainda? Eu vou falar isso. Ainda não me aposentei porque não sabia que tinha que colaborar com o governo. E eles falaram que se não colaborar não poderia me aposentar. Juro que não entendo. Ouvi dizer que na Bolívia estão fazendo a mesma coisa; pois só podem aposentar quando fizer 60 anos.

Meus pais trabalharam muito. Eles tinham uma padaria, e foi daí que aprendi o ofício de fazer pães. Quando eles tinham padaria não tinha interesse de olhar ou procurar aprender; eles me chamavam para aprender e nunca ia porque levantava às quatro da manhã para estudar. Mas na medida do possível ajudava a fazer enroladinhos, quando chegava da escola. Lembro que meu pai aprontava a massa e dizia: "Eu vou fazer uma coisa para você." E começava a fazer umas empadas com bastante queijo, caprichadas para eu comer. Ele me levava para Cochabamba para estudar, pois morávamos muito distante do centro. E assim comecei a fazer enroladinhos. Os enroladinhos são muito gostosos. Aprendi a fazer outros tipos de enroladinhos nos Estados Unidos com a minha tia que é irmã do meu pai.

Às vezes penso; se os trâmites de documento tivessem dado certo, talvez não tivesse vindo para o Brasil. Essa tia ficou nos Estados Unidos; tive que retornar para a Bolívia e não voltei mais. Ela falou: "Você volta para trabalhar, ganhar dinheiro, estudar." Ia estudar inglês, mas meu pai não quis. Cheguei a falar: "Vou estudar inglês durante a noite e vou estudar contabilidade." E ele falou: "Não, não, não. Estude só contabilidade." Fiquei tão triste porque não quis que aprendesse inglês. E ele dizia: "Você não vai perder o ano, e se perder não vou te dá a bicicleta." E nunca me fez nada, passei e ele não deu a bicicleta.

No Brasil existe uma coisa que me desagrada, que é o roubo. Não gosto nem um pouco disso. No prédio onde moro atualmente já ocorreu um assalto. Os ladrões entraram no apartamento do sexto andar onde moram uns bolivianos e levaram um monte de coisa. Acho que eles entraram por volta das nove e meia da noite, já estava descansando, mas senti que entraram pessoas no prédio, uma vez que não tem elevadores. Chamaram até a polícia. Quando saio para vender salgadinhos ando com uma pochete pequena do lado da cintura.

Um dia andando pela rua com os salgados um rapaz se aproximou e pensei: "Não vou ter medo." Ele perguntou: "Você tem salgadinhos?" Respondi: "Você quer salgadinho? Eu tenho bolinho de batata e bolinho de arroz.", ele respondeu: "De arroz." Procuro não demonstrar intimidação e dou salgadinhos quando eles pedem, e eles respondem: "Brigado!" E vão embora. Um dia fui a outra oficina e tinha um moreninho sentado, e pensei: "Oh, meu Deus, será que eles vão me assaltar pensando que eu tenho muito dinheiro?" Não me assustaram, foi tranquilo. Eles falaram pra mim: "Você tem salgadinhos?", "Que salgadinho você quer? Tem bolinho de batata e tem bolinho de arroz." Responderam: "De arroz." E aí eles ficam sentados comendo.

Quando vou vender nas oficinas, alguns dizem para alguns freqüeses: "Paga mais um para mim?" Os freqüeses compram e sentam. Costumo falar: "Será que eles estão esperando? O quê que eu faço? E agora, como volto para casa?" Retorno sem medo e ainda pergunto: "Gostou? É gostoso, né?", "É." E vou embora. Desde que cheguei ao Brasil nunca fui assaltada; não costumo sair de noite e quando vou fazer pagamento da minhas contas, procuro andar bem cambiada, não andar com carteira. Coloco o dinheiro na calça que tem bolso e pago o aluguel. O meu marido diz: "Tenha cuidado, que os assaltantes vão te pegar.", "Não tenho medo." Nunca passei por isso, graças a Deus.

A minha grande angústia é que não consigo comprar a minha casa, queria muito comprar uma casa e sair do aluguel. Já fui na Caixa Econômica, mas não sei o quê que acontece; eles falam: "Não pode." Sei que tem o fundo de garantia do meu marido que disse poderia financiar com ele, mas não sei como resolver isso. Meu filho ainda disse que iria tirar um dia para ir na Caixa com o pai dele verificar isso. Eu não posso fazer nada porque não tenho carteira assinada, sou vendedora informal, vendo salgadinhos. E meu filho disse que quando alguém morre e não quita uma dívida a família continua pagando as parcelas da dívida; e já pensou se a gente morre e o meu filho continua pagando a dívida. O aluguel está um absurdo, as coisas continuam subindo. E isso me preocupa, pois quero ficar tranqüila na minha casa. Estou com 65 anos e quem é que vai conseguir trabalhar e ter forças até os 70 ou 90 anos? Não tem condições, por isso que estou preocupada, quero me aposentar logo, e isso me preocupa. Vou levando a vida vendendo salgadinhos à vista, sem sobrar dinheiro, porque esperar o pagamento do marido ou do filho para poder colocar as coisas dentro de casa, não dá. E o dinheiro para nós comer? Eu tenho que comprar as coisas.

Quando falta carne ou verduras quem compra sou eu; sempre estou trazendo coisas. Por isso que falo para eles: "Caso falte alguma coisa quem que vai comprar?" Quem é responsável de pagar o aluguel é o meu marido; mas acho que o patrão está enganando ele. Ele ganha por produção e o dinheiro está cada vez diminuindo mais e isso me preocupa. E ainda tem o agravante do marido não se

cuidar; ele se esquece de cuidar da sua saúde; não gosta de ir ao médico, e meu filho é igualzinho a ele. O marido tem diabete e pressão alta.

Meu filho trabalha e ainda mora comigo. Ele namora, mas é como se fosse casado. Tem duas filhas. Eu digo para ele ir morar coma a mãe das meninas; os dois não se decidem. Já disse a ele que aqui em casa tem um quarto sobrando. "Podem vir que tem um quarto." E ela: "Ai, não. Por que a gente quer morar sozinhos." , "Podem vir morar aqui, não pagam aluguel." , "Não." Não decidem e não sei o que vai ser deles; digo para eles resolverem logo isso. Adoro minhas netinhas, como ela é legal, como ela conversa, ela é bonitinha, fica fazendo gracinha para mim. Minha netinha é muito esperta, aprendeu até a tirar a língua; e meu marido diz: "A sua mãe disse para não tirar; senão irá apanhar na bunda." Não adianta porque quando ela vem para cá o meu marido fala: "Vem Mariana, tira a língua." , "Não, mamãe bate na bunda. Não pode, não pode." É um barato a minha netinha! "Não pode, não pode bobô; mamãe bate na bunda." Ela diz: "Bombom." Falo para o meu marido e ela repete igual a um papagaio. A mãe dela briga com ela: "Não pode fazer isso!" , "Não pode bombom, bombom porque a minha mãe bate na bunda." A Mariana é muito boazinha. Quando ela está aqui fica contanto: "Um, dos, três." Ela sabe contar até dez. Ela tem dois anos.

Mariana adora música, sabe até cantar. O meu filho tem aqueles Cds de Michael Jackson, e ela fica pedindo: "Coloca Michael Jackson, vovô coloca Michael Jackson." Ela adora escutar e dançar, fica cantando: "Feeling, feeeeling...." É uma gracinha. O meu marido tem uns chapéus brancos que ele trouxe da Bolívia, ele coloca no nariz dela: "Vovô, pra mim!" Ele traz e coloca nela. É gostoso ser avó. Quando meu filho está aqui com a mulher e a filha é uma felicidade. Ela conversa, dá risada, eu não sei o quê os dois pensam da vida, fica nessa indecisão boba, ao menos criança traz felicidade, dá risada, conversa; não sei o que decidem e não sei o que será. A menina mora com o seu pai e está esperando outro filho. O pai da mãe dela às vezes fica com a menina e de vez em quando traz sexta ou sábado aqui em casa. A Mariana fala: "Quero dormir com meu pai." Ela é uma fofa.

Meu outro neto está prestes a nascer, ainda não sabemos se é menina ou menino. O meu filho está rezando pra ser menino. O meu filho é Office Boy. Ele está bem no emprego, o patrão gosta do serviço dele.

Estou há muitos anos morando no Brasil, mas sinto muitas saudades dos que ficaram na Bolívia, de todos os meus irmãos. Tento ligar para o número do telefone deles e dizem que o telefone não existe. Será que me deram o número de telefone errado? Tento ligar direto, mas acho que perdi os contatos e a comunicação com a família. Hoje a única coisa que desejo além de ter a minha casa é que o meu filho e sua namorada se resolvam de uma vez, por causa das crianças que acabam sofrendo. Também me preocupo com o meu marido que ganha muito pouco e tem um patrão muito folgado.

As pessoas gostam muito de explorar as outras. Meu marido trabalha há anos para esse comércio e não aumentam o salário, só diminuem. Falta pulso firme por parte do marido de sentar e dizer: "O salário é tanto." Sei que ganha o salário mais a comissão, mas não colocam na carteira para não pagarem o tributos a mais. O valor é disfarçado. Sei que o patrão diz que ele só recebe comissão, e o marido acaba concordando. Daqui uns dias, quando tiver tempo irei ao Ministério do Trabalho saber a opinião deles sobre isso, vou falar: "Quero que telefonem nessa firma onde ele está trabalhando e fale 'Quanto de salário está ganhando Don Francisco Torrico? Vocês pagam salário?' E se eles falarem 'Sim, mais comissão.', 'Só queríamos saber isso'" Para falar para o marido que eles estão pagando comissão, sem o salário, e o estão enganando.

Já falei que antigamente ele não era desse jeito. "Vocês estão matando a pessoa, fazendo ele trabalhar por comissão e não tira comissão nenhuma." Ele recebia o salário e agora vem falar que só tem salário e não tem comissão. E não sei como ele aceita, não sei o que está acontecendo com a cabeça dele. Terei que ligar no Ministério do Trabalho e perguntar.

Nessa casa, além do marido e do filho, tenho uma gatinha chamada Sasha. Quando ela vê gente, estranha, se esconde; como agora que foi se esconder.

4.1.15. Maria

Hoje sou uma mulher independente e moro no bairro da Casa Verde Alta. Trabalhei na Dona Mirta, na rua Zilda; e atualmente vendo os meus pães bolivianos junto com a minha família.

Sou Maria Luiza Mamani Vasquez, morava em La Paz, Bolívia. Era comerciante, mas como perdi muito capital acabei perdendo tudo que tinha conquistado; assim, resolvi vir para o Brasil junto com o marido e os filhos. Quando chegamos em São Paulo começamos a trabalhar como costureiros; trabalhei nesse setor mais ou menos quatro meses, depois fui trabalhar como cozinheira no restaurante da Dona Mirta, uma boliviana que se tornou uma amiga. Depois de um tempo começamos a trabalhar por conta própria fazendo pão, e atualmente produzo pão e vendo para os bolivianos que residem no centro, Bom Retiro e uma parte da zona norte de São Paulo. Aos domingos tenho vendo pão na praça Kantuta no bairro do Pari.

Hoje já temos documentação para ficar e trabalhar no Brasil; mas ainda não conseguimos tirar a documentação na prefeitura para trabalhar como comerciante, mas já demos entrada na prefeitura para consegui-la. Quem está fazendo essa mediação é Associação de Vendedores da Praça Kantuta. Em detrimento desse processo, realizamos um curso no SEBRAE de manipulação de alimentos para não ter nenhum tipo de irregularidade; precisamos dessa autorização para não correr o risco de perder os produtos quando tivermos vendendo na praça ou em outros lugares.

A primeira vez que vim ao Brasil foi acompanhada com o meu marido, deixei a minha filha mais velha cuidando dos filhos menores para analisar como eram as condições de vida no Brasil. Depois de dois meses trabalhando em São Paulo retornamos para pegar e trazer os filhos. Isso foi por volta de 1997, há mais ou menos treze anos. Gostei de São Paulo, mas sempre estou trabalhando, nunca parei nem para respirar. A casa em que moramos é alugada; desde que cheguei só conseguimos morar de aluguel.

Sou mãe de seis filhos, quatro vieram comigo para o Brasil e os dois mais velhos ficaram na Bolívia, pois são três mulheres e dois homens. O mais velho tem vinte e três anos e o outro vinte um anos; esses dois ficaram. Todos são filhos do mesmo pai.

Eles até chegaram a conhecer São Paulo, mas preferiram ficarem estudando e trabalhando na Bolívia. O mais velho é formado e não se acostumou nesse país.

Por parte da minha família só eu estou aqui e por parte da família do meu marido também; tirando os meus filhos que vieram, o restante ficou na Bolívia. A minha mãe é trabalhadora informal, ela possui uma pequena tenda na frente de sua casa onde vende de tudo um pouco, mas ela advém de uma família de bordadeiras, pessoas que produzem roupas, mantas, todo um conjunto de coisas artesanais. As mulheres da família de minha mãe eram especialistas na arte de produzir roupas para morenada, que é um tipo de festa folclórica da Bolívia. Eram artesãs.

Passei a infância olhando elas fazerem esse tipo de trabalho, mas não desenvolvi esse ofício. Tive uma infância de muito trabalho, quase não brinquei, desde meus sete anos de idade foi trabalhando para ajudar a minha mãe. Antigamente, minha mãe vendia comidas, e ajudava a refogar o arroz, a fazer suco de pêssego. Então, minha vida foi de muita luta e trabalho.

Tenho três irmãos que ficaram lá, estou sozinha, não tenho ninguém. Eu estudei até o terceiro ano do ensino médio, fiz o secundário, sei que faltaram dois anos para terminar o colégio. Queria ter terminado os estudos, mas não dava para

estudar porque tinha que trabalhar. Hoje sou independente, mas quando cheguei aqui tive que trabalhar para os outros. Levantava cedinho e tinha que trabalhar até sete ou uma hora da madrugada. Agora, eu e meu marido trabalhamos juntos até dez da noite. Antigamente não era assim não, trabalhava até uma hora, meia noite, sempre trabalhei muito nessa vida.

Na Bolívia só trabalhava com comércio, e foi por meio dessa atividade que conheci meu esposo; ele também era comerciante, viajava transportando mercadoria para vender. Na época que resolvemos vir para cá, tínhamos perdido toda a mercadoria para a Aduana, equivalente a receita federal no Brasil. Ela confiscou toda a mercadoria e não tínhamos como pagar as contas e nem como sair do prejuízo. Pagar a dívida se tornou uma meta, e as pessoas falavam: "Ah, porque vocês não vão para o Brasil ou para a Argentina trabalhar? Aí vocês fazem um capital e voltam para a Bolívia.", "Tá bom, vamos lá." Nessa, decidimos vir para o Brasil, mas no início sofremos muito trabalhando para os outros; depois saímos da costura e fomos nos acostumando cada vez mais em São Paulo.

Na Bolívia sempre dependi do meu trabalho e aqui tinha que depender do outro, além de ser outro mundo. Não estava acostumada a receber ordens: "Faça isso." Havia pessoas que não ofereciam nem água para o trabalhador, enchiam um balde de tomar banho e passavam ele para a gente pegar com a caneca. Ficávamos dez horas, até uma hora da manhã trabalhando, e por isso digo que sofri. A comida também não era boa, serviam só arroz, feijão, salada e ovo; todos os dias.

Nessa época, trabalhei na costura. Como entendia de negócio, pensei: "Por que não posso fazer alguma coisa que não seja a costura." Foi daí que surgiu a idéia de fazer pão. Antigamente, havia trabalhado num restaurante de uma moça *cholla*. Eu a ajudava e aos poucos ela foi me ensinando a cozinhar. Saí dessa casa e fui morar em outra casa onde também cozinhasse. Cozinhar é bom, mas dá muito trabalho. E nesse restaurante tinha que atender os fregueses, as pessoas pediam bebida, outros pediam refrigerante, outros queriam cerveja; era muita coisa para uma só pessoa.

Dessa maneira, deixei de trabalhar nesse bar/restaurante. Como sabia fazer pão, e meu marido estava viajando para a Bolívia, pensei: "Como ele está viajando, melhor, porque eu vou fazer pão." Iniciei fazendo cinco quilos de pão na primeira semana; e na outra semana tive que fazer dez quilos, na seguinte quinze quilos e, assim, sucessivamente, fui aumentando a quantidade. Agora, produzimos muito pão, mas depende do movimento. Como trabalho sozinha e aumentou o número de padeiros que abastece a clientela boliviana, tenho diminuído, permanecendo com alguns clientes. Tenho uma clientela na feira da Kantuta e na feira da rua Coimbra no Brás.

Eu só descanso às quartas-feiras, pois nos outros dias trabalho. Durante a semana entregamos pão nas oficinas de costura. Abastecemos, entregamos os pedidos na nossa velha perua. Uns pedem dez reais, outros pedem vinte reais, e vai dependendo do movimento. Às vezes acaba tudo e às vezes sobra, não ganhamos um valor fixo.

Na verdade aprendi a fazer pão com a minha família. Meus pais costumavam fazer muitos pães, quando eram novos. A minha mãe fazia de tudo, viajava, fazia comida; e com isso os filhos foram aprendendo. Por certo tempo meus pais tiveram padaria, e como era uma criança curiosa, ficava olhando como que eles faziam; lembrei e comecei a fazer pão e deu certo; graças a Deus!

Faço pão integral, pão de milho, pão calquitas, sarnitas, que é um pão típico da Bolívia. Não fazemos pão francês. Os pães que são mais vendidos são sarnita, chamillo, pão de maiz, pão quita, cachito, mas o pão quita é o que as pessoas procuram mais.

Os meus filhos me ajudam bastante na produção. A minha filha mais velha está estudando e também trabalha comigo. Eu só tenho um padeiro, então não dá para fazer tudo sozinha. Todo mundo ajuda trabalhando. O meu marido é motorista, e dirige o carro para vender pão. Faço as empanadas, bolachas,

pamonhas e os pães. Na minha casa todo mundo trabalha, até os mais pequenos ajudam procurando não fazer bagunça. Falo para eles: "Vão assistir a um filme." É dessa maneira que eles ajudam; se todo mundo ficar na sala, só atrapalha.

Quando cheguei aqui fiquei muito deprimida, queria voltar rápido para minha terra; não me acostumava com o português, com as comidas que vendem nas lanchonetes, não conseguia me acostumar de jeito nenhum. Queria voltar, só que não tinha dinheiro. Sofria de saudade, sofria por causa da comida, porque na Bolívia sempre fazemos sopa e, segundo, grande parte das comidas tem caldo, tipo um picadinho. E aqui a comida é toda seca e não me acostumei. Como não falava português pedia café e vinha só um pouquinho, além de não ser adoçado. Sofri um pouco, agora acostumei e não quero voltar para lá; é engraçado como as pessoas mudam e se adaptam com essa mudança.

Atualmente trabalho e ganho pelo que consigo vender no dia; hoje trabalho e amanhã já tenho dinheiro. No Brasil dá para a pessoa progredir, dá para fazer muita coisa, só que aqui não tenho apóio, às vezes não posso sair na rua para vender porque tenho medo de apreenderem tudo que tenho. Como ainda não tenho a licença da prefeitura, o 'rappa' sempre fica rondando as ruas. Por esse motivo que não vamos vender na rua Coimbra por receio de perder tudo.

Uma vez pegaram todos os pães, inclusive a Perua; meu marido falou: "Eu não posso entregar a Perua." Ficamos com a Perua e eles levaram toda mercadoria, além dos isopores, banquinhos, a barraca, tudo. É por receio que não trabalhamos num lugar certo; não temos licença, caso tivéssemos apóio da prefeitura, todo mundo trabalharia decentemente. Assim, só fazemos entrega nas oficinas de costura.

Abastecemos muitas oficinas e às vezes ainda sobra pão, outras faltam. Mas acho que vendemos mais ou menos umas cem ou cento e cinquenta oficinas.

Todos os anos eu viajo para Bolívia, acabei de chegar de lá. Fui ver a minha mãe e a minha família. Mas não gostei. Tenho pressão alta, o clima de La Paz já não está me favorecendo, a gente não conseguia dormir, daí fiquei quatro dias e voltei. Não conseguia dormir bem, não conseguia caminhar, queria comer a comida da minha terra e não consegui porque já me acostumei com os sabores daqui. Não consegui me adaptar ao ambiente de La Paz.

Gosto da comida brasileira, mas sempre cozinhamos comida boliviana, porque aqui tem todos os produtos de lá. Não comemos toda semana porque sai caro comprar os produtos bolivianos em São Paulo. O quilo da batata desidratada está doze reais, e para minha família um quilo não é nada. E de vez em quando compro e faço nas sopas. Às segundas-feiras não cozinho e todo mundo come na fora para termos um descanso. Comer comida boliviana no Brasil é um luxo.

Procuro continuar com alguns hábitos, como tomar chás bolivianos, mate de coca, pois serve para muitas coisas. Quando sentimos dor de barriga tomamos mate de erva doce ou mate de anis como é conhecido na Bolívia.

O chá de folha de coca é bom para dor de barriga e quita o cansaço. Ele dá mais força e inibe o sono. Também mastigamos essa erva como se fosse um chiclete para mantermo-nos acordados. É um hábito cultural tomar chá.

Quando vou para a Bolívia fico alegre, feliz, pensando que lá vai estar tudo bem, principalmente porque estarei com a minha família. Mas chego lá e fico ruim. A gente está querendo voltar para lá, mas não dá, o ambiente não é o mesmo, e no mais, já estou acostumada aqui em São Paulo; moro há muito tempo e não me dou com o clima de lá. Antes eu e meu marido não tínhamos pressão alta, agora, não dá nem para descansar, nem para dormir.

Meus filhos retornaram para passear na Bolívia, mas os dois caçulas quase não gostaram, e isso foi a quatro ou cinco anos atrás. Fomos na temporada da chuva, o chão estava cheio de lama e a minha filha perdeu o sapato dela, por isso não gostou, porque não tem boas recordações da Bolívia. Ela: "Ah, mãe eu não gosto da Bolívia não.", "Por que você não gosta, filha?", "Por que lá a gente tem que está andando em cima da lama; tem que está pisando nos sapos." Por que na

época da chuva tem sapo, tem tudo na fronteira e ela não gostou. Agora, a filha mais velha não quer ir porque está acostumada aqui.

Os meus filhos mais novos foram criados do mesmo jeito que criei os mais velhos, acho que não tem muita diferença no tipo de educação. Foram criados com os mesmos princípios de respeitar os mais velhos e a família. Antigamente era quase tudo era feito de tecido, inclusive as fraudas. Criei todos os meus filhos assim, porque antigamente a gente não tinha muito dinheiro; tinha que usar fraudas de pano.

Com relação ao Brasil, gosto de tudo, só não concordo com a postura da polícia, da prefeitura, por exemplo, eles não entendem a gente, porque a gente está trabalhando e eles pegam tudo de nós sem a nossa autorização. Nós somos bons, os vizinhos daqui também são bons comigo. Só não concordo com as atitudes dos policiais corruptos que dizem: "Ah, dá dinheiro aí!" Eles dizem que é o quebra galho.

Às vezes a gente passa por cada apuro, eles pegam o carro mesmo sabendo que precisamos dele para trabalhar, não sei, mas os policiais sempre pedem dinheiros dos bolivianos que tem banca na rua, principalmente se for época de festa.

Quando não passa a grana eles pedem toda a documentação de permanência no Brasil, porque sabem que somos estrangeiros, mas se nem os brasileiros tem todos os seus documentos. Por isso, que a gente só vive correndo.

A vida é tão corrida e bate uma saudade da família e dos meus filhos, queria que todo mundo estivesse comigo, mas eles já são velhos, e já estão naquela fase de procurar mulher. Eles não têm vontade de morar aqui; até passaram um ano aqui, mas não gostaram e voltaram.

O engraçado é que sinto falta de tudo quando estou na Bolívia. Fomos de avião e voltamos por terra para ficar mais em conta. Nos primeiros anos estranhei muito o Brasil porque era muito quente, agora já me acostumei até com o clima daqui.

Dá última vez que fui à Bolívia e passei mal, minha filha disse: "Como que você está?", "Eu estou doente.", "Mãe você está doente, então, o quê que será de mim?" É por isso que elas não querem ir para lá, mas elas gostam da comida boliviana, acham as roupas bonitas. Minhas filhas não gostam do clima da Bolívia; gostam mesmo é do calor do Brasil. E quando vão para Bolívia ficam doentes. Principalmente em La Paz; Oruru, Cochabamba.

Não conheço nada do Brasil, nem o zoológico de São Paulo, não tenho tempo para passear só para trabalhar; senão, de onde sairá o dinheiro do aluguel, da luz, da água e tantas outras contas? Além de tudo, ainda tenho que manter os filhos. Minha única diversão é ir para a festa de 05 de agosto da Virgem de Copacabana. Há três anos participo da festa, porque já trabalhei muito e a gente precisa divertir-se um pouquinho, a vida não é feita só para o trabalho. Participo dançando morenada no grupo Morenada Central.

A única coisa que não gosto nas festas é que o boliviano bebe demais, o brasileiro bebe devagarzinho. Às vezes o boliviano perde as estribeiras, o boliviano é assim, trabalha e também gasta.

Na Bolívia, conheço a Santa Cruz, Cochabamba, Sucre, Potosí, Beni, Yungas. A maior diferença entres os departamentos bolivianos é a vestimenta e o modo de falar. Por exemplo, os *camba*, naturais de Santa Cruz, falam com um assento. Agora, o *cochallo*, naturais de Cochabamba, falam quéchua, o *paceño*, naturais de La Paz, fala aymara, o *tarijeño* também fala quéchua. Creio que as maiores diferenças estão nas línguas e nos modos de vestimenta. Às vezes há uma diferença nos tipos de comida. A alimentação da Bolívia, por exemplo, a comida de Santa Cruz típica acho que é o marradito, agora de Cochabamba é mais caldo de carne; Oruro é o charquecan; La Paz é o chairopaceño. As diferenças são poucas, na vestimenta, na comida e no modo de falar.

Antigamente na oficina da costura trabalhávamos em vinte e três pessoas; por isso, que para entrar no banheiro a gente tinha que fazer fila, por que era difícil a convivência com um monte de gente dentro de uma sala. O dono da oficina dava água para a gente beber no balde, e quando a gente estava trabalhando, as mães de crianças pegavam seus filhos, que ficavam no mesmo espaço de trabalho, e davam banho com balde de água no banheiro.

O meu chefe era boliviano, por isso que às vezes falavam: "Ai que boliviano ruim." Agora até a polícia federal fala: "boliviano está levando seus compatriotas para fazer trabalho escravo." Mas isso por uns fazem ou que fizeram, e os outros pensam que todo mundo é assim, carrasco, mas, no entanto não é assim não. Antigamente era assim e quando trabalhava a dona da minha oficina fechava a geladeira com uma corrente e um cadeado para ninguém mexer na geladeira. A mulher era ruim, só eu sei o quanto sofri, mas nem todos os donos de oficina agem desse modo.

Quando saí da oficina fui trabalhar com a Dona Mirta, que já faleceu. Ela morava na rua Zilda, ela não era assim, ela trabalhava, era enfermeira. E ela me deixava na sua casa e dizia: "Você vai fazer comida ou o quê você quiser." Só que sábado e domingo essa senhora trabalhava, tinha um bar, vendia comida típica boliviana, e ela falava para mim: "você vai fazer a comida que você quiser." Eu fazia e ela não obrigava a trabalhar além do meu horário, e não era ruim e também era boliviana.

Agora que já estou velha, sempre falo quando eu vendo pão aos donos das oficinas de costura: "Você não pode agir dessa forma com os empregados, vocês têm que dá o que é de direito, não tem que está escravizando gente, porque por causa de um, está ficando ruim para todo boliviano." Hoje tem mudado muito essa situação, agora, eles entram para trabalhar seis, sete horas, oito horas; tomando café-da-manhã e dez horas já estão virando o horário, e indo dormir. Antigamente, não era assim não, agora eles já querem trabalhar como brasileiros, com horário, com todos os direitos. Alguns trabalhadores não põem a mão ao peito, por quê? Por que o dono da oficina tem que pagar aluguel, tem que pagar água, luz, funcionários, e ainda tem que sair o dinheiro para a comida de todo mundo. Os costureiros não veem quanto que o patrão está gastando, mas já mudou mesmo. O trabalho vai só até dez horas, que é o certo, e grande parte das oficinas estão regularizadas.

Sempre falo para as minhas filhas se cuidarem, que o mais importante é ter paz, tem saúde, ter vida, ter força para poder trabalhar; digo para eles estudarem. Falei para elas: "Eu vou ajudar vocês estudem, mas não vou poder deixar uma casa, não vou deixar luxo, como alguns pais deixam de herança." A gente está em outro país, pagamos aluguel; se fosse a minha casa dividiria um pedaço para todos, mas sempre digo as minhas filhas: "Estudem, estudem, não quero que vocês sejam como eu, vendendo pão na rua, secando com o sol, passando frio com o vento." Pretendo ajudá-las a pagar os estudos.

A minha filha mais velha pensa: "Eu vou estudar e ter uma profissão." Ela falou para mim: "Mãe, eu vou estudar de manhã.", "Tá bom filha, estuda. Se puder pagar as prestações, pago e você estuda." Ela está decidindo, mas disse: "Você tem que decidir, por que vai ser algo para você e não para mim.", "Mãe, quero ser engenheira industrial." Outras vezes diz: "Eu quero ser enfermeira." Outro dia falou que queria fazer turismo e não sei o que ela quer. "Você não me fala nada disso, você tem que perguntar ao seu coração o quê você quer ser e tem que seguir adiante. Agora, se você vai querer uma coisa, duas coisas, você vai estudar quatro coisas e afinal não vai ser nada." Por que não vou ter dinheiro para ficar investindo muito.

Eu quero que os bolivianos sejam mais unidos, aprendam a compreender mais as pessoas, que não tratar mal outro patricio, por que por causa de um todos estão pagando e sendo taxados como escravos. Quero que todo mundo ponha a

mão no peito e pense melhor as coisas. E outra, a TV só passa o que é ruim, assim, as pessoas estão olhando todos negativamente. Quero todo mundo unido.

Sou super bem tratada pelos brasileiros, sou amiga de todo mundo. A única coisa ruim é a polícia, que não quer liberar o lugar para a gente trabalha. Mas o brasileiro, todo mundo é bom.

Precisamos do IPVA para trabalhar tranquilamente na praça Kantuta. A gente não tem IPVA. Agora, na rua Coimbra não tem negociação, pois o 'rapa' está sempre passando. E o meu marido falou: "Maria, o rapa foi vindo e queria pegar tudo, estava correndo com os pães." Não temos lugar para trabalhar, às vezes não pensam que a gente tem família. Acho que por isso alguns bebem de raiva.

Tem alguns bolivianos que trabalham na feira da madrugada na rua Oriente; trabalham das três até seis e meia da manhã.

Hoje sou uma mulher independente e moro no bairro da Casa Verde Alta. Trabalhei na Dona Mirta, na rua Zilda; e atualmente vendo os meus pães bolivianos junto com a minha família.

Meus filhos já vieram no Brasil. Agora, a mãe e o meu pai não. Meus filhos não se acostumaram com o português, não entendiam, eram jovens, eles falavam: "Mãe, posso ir passear?"; "Tá bom, vai lá." Eles iam, se perdiam de ônibus, perguntavam e eles não entendiam o que falavam. Era complicado.

4.1.16. Ilfredo

Trabalhei como caminhoneiro, já fui rico, já fui pobre; hoje sou um trabalhador autônomo e vivo no Brasil

Meu nome é Ilfredo Flores Aguilar e durante um bom tempo da minha vida trabalhei com transporte de mercadorias no circuito Bolívia, Paraguai, Argentina, Peru e Brasil. Só parei de trabalhar nesse ramo devido ao fato de ter perdido muito dinheiro com a Receita Federal porque as mercadorias não tinham nota fiscal. Na Bolívia nós dizemos "Aduana de polices", mercadorias sem documentação. Perdi o meu caminhão cheio de mercadorias, um valor de quase 80 mil dólares. E esse foi o fator primordial pelo qual resolvi vir para o Brasil.

Trabalhei como caminhoneiro transportando mercadorias, já fui rico, já fui pobre; hoje sou um trabalhador autônomo e vivo no Brasil... As viagens eram pela região da Bolívia e do Chile. Falo de mim porque dos outros bolivianos eu não sei... Não nasci na província, mas grande parte das pessoas que estão em São Paulo vem da província, no Brasil dizem campo, na Bolívia dizem província.

Sou de Oruro, orureño. Oruro está dividido em 16 províncias: Atahualpa, Carangas, Cercado, Eduardo Avaroa, Ladislao Cabrera, Litoral, Nor Carangas, Pantaleón Dalence, Poopó, Puerto de Mejillones, Sajama, San Pedro de Totora, Saucarí, Sebastián Pagador, Sud Carangas, Tomas Barrón. Muita gente do campo vem trabalhar em São Paulo, acho que uns 80% das pessoas que estão nessa cidade são do campo. Poucas pessoas que trabalham nas grandes cidades da Bolívia escolhem morar em São Paulo porque eles conhecem a vida das cidades e preferem outras capitais, como Barcelona. As pessoas que trabalham na costura em São Paulo, a maioria vem das províncias.

Quando resolvi partir já tinha experiência de trabalho, já conhecia o Brasil, viajava para Bolívia para levar e trazer mercadoria. Ganhava o meu dinheirito todo dia viajando... Com mil reais já dava para viajar... Antes de vir para o Brasil já vendia pão, ao chegar, eu e minha esposa pretendíamos abrir uma padaria.

O pessoal que sai do interior vem para trabalhar na costura, eles trabalham muito, não descansam, todo dia trabalhando, e as pessoas residem na Bolívia tem uma vida muito diferente dos que estão vivendo aqui, era gente que não trabalhava na costura. Eu não sou contra a trabalhar de noite, pois eu também trabalho nesse período, sou contra a super exploração. Sou um trabalhador autônomo, trabalho hoje e já tenho o meu dinheiro; se amanhã vender sei que terei o meu dinheirinho no bolso. E os outros bolivianos que estão aqui só gastam, têm que esperar um mês para receber. A vida na costura é mais sacrificada, todo dia sentado durante horas... São padrões de vida muito diferentes.

Até os meus vinte e dois anos estive na faculdade e um problema mudou tudo. Depois do fato fiquei muito decepcionado e me dediquei a beber, foi nesse contexto que conheci a Maria, atual esposa. Eu viajava durante meses; estava com vinte e três anos quando conheci a Maria e resolvemos ficar juntos; estava desorientado, sem saber o que fazer da vida... Quando você tem dinheiro ele mexe com sua cabeça, o dinheiro é bom, mas tem suas controvérsias. Meus parentes eram comerciantes e sabiam se defender, nós fazíamos contrabando de mercadoria do Chile para Oruro, do Chile para Zona Franca. Eu trazia artefatos, telas, bicicletas, liquidificador, trazia de tudo um pouco. Aí me pegaram e fiquei sem nada.

Aduana na Bolívia significa o homem que controla a mercadoria. Isso é Aduana. Se você for pego na Aduana de Bolívia tudo fica confiscado. Se você não tem nota, é necessário fazer expedição na Alfândega. As notas que você compra passam pela fiscalização.

No Brasil tudo tem que ter nota fiscal, aqui é muito arriscado; te controlam, se não tem te multam, impedem de vender, te autuam. Os governantes controlam

a documentação. Conheço a fronteira que passa por San Matias, outro lado da Bolívia, mais lá em cima em Guajará-Mirim não conheço, sei que existe uma Zona Franca lá, pero nunca fui. Eu queria passar pela Bolívia com a mercadoria, mas a Alfândega impediu e vim trabalhar no Brasil. Cheguei aqui com trinta e quatro anos, hoje tenho quarenta e oito anos de idade.

Desde quando morava na Bolívia já entendia de comércio, sabia como era viajar e negociar coisas. Viajando conheci a Argentina, o Chile, trabalhei oito anos com contrabando de mercadoria do Paraguai. Durante oito anos viajei para o Brasil, Brasil/Paraguai, oito anos direto; depois da Bolívia para o Chile; minha vida foi assim durante oito anos, trabalhando com contrabando, mercadoria sem nota fiscal. Com esse dinheiro comprei casa, comprei tudo até o dia que perdi tudo para Receita Federal da Bolívia, pegaram toda a mercadoria e não devolveram mais, não tinha a documentação: Adeus! Não tive dinheiro para tirar essa mercadoria e para pagar os impostos. És preferível que perdas do que pagar o dobro em impostos, porque o custo pode duplicar, então és preferível perder.

Sei que para retirar a mercadoria teria que ter advogado e conhecimento sobre La Aduana; era preciso de dinheiro para fazer tudo isso. Se não vão te devolver a mercadoria é preferível perder do que ficar com o nome sujo. Deixei para lá e fiquei um pouco amargurado da vida, bebia, estava decepcionado. Na Bolívia era bem conhecido, nos últimos anos consegui juntar 150 mil dólares aos trinta e dois anos. Viajava para Suíça, Finlândia, Dinamarca e depois tudo acabou...

Costumava ir a Europa comprar Caminhões... Só caminhões bons, Mercedes, caminhões grandes como esses de corrida. Caminhões grandes, caminhões sem carroceria... Comprava esses caminhões na Suíça, custavam 12 mil dólares, tinha que embarcar no Porto de Arica e levar para Bolívia com a minha apólice, trazia a documentação e vendia em Bolívia. Às vezes vendia para funerárias e elas pintavam todo o caminhão. Comprava a 12 mil dólares e vendia a 45 mil dólares.

Eu e alguns amigos trabalhávamos nesse ramo, meus pais eram comerciantes estabelecidos. Por falta de experiência acabei quebrando aos trinta e dois anos de idade, por falta de experiência é que perdi tudo, ou, por ambição porque quando você vê dinheiro na sua frente, você se transforma e acaba querendo mais e mais. Eu queria 50, 100, 200, 300, 400, e queria mais, queria o dinheiro todo pra mim e nada para os outros. Era uma ambição só... Inclusive, comprei casas fora da Bolívia, investi 50 mil dólares e sumiu... E 50 mil é muita prata, no Brasil é pouco, lá em Bolívia é dinheiro... Com 50 mil eu posso comprar a casa em que estou morando hoje.

A moeda boliviana é muito desvalorizada, na Bolívia com 100 dólares você vive bem, pode até pagar a diária em um hotel de luxo... Por que um alojamento ou hotel vale mais ou menos 30 bolivianos, 15 reais no Brasil. Aqui 30 bolivianos não é nem 8 reais. Se você for se hospedar em um hotel de luxo que custa 120 bolivianos, você vai gastar o equivalente a 30 reais. O máximo que um hotel de luxo custa é 40 reais.

No Brasil a vida é muito cara. Quando vou à Bolívia costumo comprar mercadoria em São Paulo para levar para vender nas cidades, porque não posso viajar sem levar nada, tenho que ganhar um dinheirinho. Quando vou à Bolívia, gasto dinheiro e tenho que levar mercadoria para revender. Levo 1 mil ou 2 mil dólares no valor de mercadorias para revender e faturei 3 mil dólares, ganho 1 mil reais para pagar as despesas com a família. Geralmente, compro roupas, sapatos e levo. Em uma viagem que fiz consegui 2 mil em venda de mercadoria... Levo a mercadoria e vendo, posso conseguir até uns 4 mil reais, com esse dinheiro invisto aqui e ganho uns 6 mil reais; acabo ganhando 2 mil reais livre para mim. Não fico no prejuízo, a mercadoria que vendo, recupero. Tem gente que vai e não investe em nada porque não tem dinheiro para investir... São pessoas preocupadas com o trabalho e só vivem para o trabalhar. Como sou um profissional autônomo e trabalho com venda e pães, o que consigo vender na semana é lucro, pois quase

sempre tenho dinheiro em movimento porque tenho experiência em trabalhar. Eu consegui me levantar no Brasil com 2 ou 3 mil reais...

Estou em São Paulo desde 1998 ou 1995 e com um poquinho de dinheiro montei um negócio de venda de pães para os bolivianos residentes nessa cidade. Na época, a passagem era 60,00 reais da fronteira até São Paulo, agora, deve estar uns 190 reais, triplicaram o valor. De 60,00 para 120,00 reais, gasto 200,00 reais de passagem de ida e mais 400,00 reais de mercadoria para revender. Atualmente os gatos aumentaram, e é preciso ter dinheirinho para começar a vida. Hoje em dia a fiscalização na fronteira cresceu devido ao controle e tráfico de drogas. Agora ficou difícil passar com mercadoria.

Eu viajava muito, tenho alguns contatos e conhecidos que trabalham na Bolívia e sei como funciona a passagem pela fronteira. Passei um tempo fazendo faculdade e conheci tudo, fui a Europa, conheci três países: a Dinamarca, a Suíça, a Finlândia; para ir buscar caminhões. Comprava caminhões que me agradavam e geralmente ia a esses países em grupo, com sete pessoas. Cada pessoa comprava 10 caminhões, 20 caminhões. Trazíamos em quantidade para ganhar dinheiro, íamos com 12 mil dólares para comprar 1 caminhão. A passagem era 500,00 dólares, ida e volta era em torno de 1.500,00 dólares com destino a Suíça. Agora, não sei quanto está, isso foi em 1992 ou 1993... Acho que vai fazer 20 anos. Eu caminhei tudo isso! Não sofri muito no Brasil, sofri um pouco, mas creio que dê para viver razoavelmente no Brasil.

Eu gosto de viver no Brasil, só tenho medo da violência e dos malandros, é muito roubo. Se não fosse isso, São Paulo seria lindo. Porém, em todo país tem essas coisas, todo país. Às vezes penso em voltar, mas não quero retornar por que os meus filhos são pequenos e não tenho funcionários para me ajudar com os pães; funcionários só dão dor de cabeça, querem hora extra, querem sair, bebem; porque o boliviano bebe muito, bebe muita cerveja. Não sei o porquê de tanta bebida, mas bebem.

O povo boliviano gosta de beber muito. Na Bolívia tem muitas crises econômicas, mas também tem bastante festa. Para fazer festa sacam dinheiro de não sei onde, mas para outras coisas não tem... Toda semana tem uma festa, cada mês é uma festa, normalmente é o alto pazeño que faz mais festas, do departamento de La Paz. É muita festa, se morrem fazem festa, se casam é festa, nascem é festa, tudo é festa.

Para tudo se faz festa; amanhã tem um aniversário de 15 anos de um boliviano, estão trazendo duas orquestras, dois conjuntos para tocar na festa, vão comprar 100 caixas de cerveja. As festas são grandes e é muita bebedeira. Faz parte da cultura beber até cair.

É um povo alegre, pode até não ter dinheiro, mas faz festa... Muitos costureiros freqüentam essas festas. A maioria dos costureiros são pessoas que vem do campo. Vem das províncias para trabalhar na costura. Esse pessoal que trabalha nas oficinas de costura ganha dinheiro, mas não sabem aproveitar, só pensa em comprar carros de luxo, a maioria compra carros de luxo lindos. Ganham dinheiro e gastam com bebidas saindo com bolivianos. Uma grande parte compra carros novos, porque o sonho de uma parcela dos bolivianos é ter um carro novo na garagem.

Algumas pessoas compram esses carros e tem medo de assaltos, em São Paulo há muita facilidade para assaltos. Aqui a facilidade para comprar coisas é muito grande, você pode fazer um crediário nas Casas Bahia e comprar o que quiser, mas as pessoas não costumam regular as despesas. Sempre penso que é necessário ter, em primeiro lugar, a sua casa, pagar hipoteca para depois pensar nas outras coisas. Se a tua casa vale 12.000,00 mil dólares é necessário ter o documento da casa para ter garantia. Na Bolívia se você não pagar a casa eles podem tomar de volta. Hoje até a minha filha fala: "Pai, compra um carro.", "Para que?", "Para trabalhar e para passear." Eu penso mil vezes e não compro, pois

terei dor de cabeça para pagar. É necessário ter muito cuidado na hora de comprar alguma coisa. Às vezes boliviano pensa mais em festa do que adquirir um imóvel.

Atualmente a minha família mora em Oruro e no Brasil tenho parentes em Campo Grande no Mato Grosso do Sul; minha família está em distintos lugares. A Maria, minha esposa, teve uma vida muito sofrida, ela é da parte alta da Bolívia. Desde pequena ela precisou trabalhar, vendia refrigerante, fazia refresco em Potosí, a gente vê muito vendedores ambulantes pelas cidades altas. Ela disse que caminhava pelas ruas desde os oito anos vendendo comida. Eu não passei por isso na minha vida, até os meus vinte anos não soube o que era trabalho.

Eu saí do colegial com dezoito anos, passei pelo quartel, me alistei. Fiquei três anos na faculdade de engenharia, a minha família tinha grana e pagava a faculdade. Achava a faculdade muito diferente da vida cotidiana, mais delicado; falava para os meus pais que a faculdade era suave, delicada. Quando eu dizia qualquer coisa na faculdade: "Ah!.." Não me ouviam. Agora, o trabalho com contrabando, a vida de negócio é diferente da vida na universidade, tem que ser no bate-boca, tem que falar alto, tem que ser comerciante fregado, tem que gritar, se não gritas, não é de nada, não entende.

Agora, a polícia te pára para ver se tem dinheiro e verificar os documentos: "Cadê? Não tem o dinheiro? Que coisa!" E você tem que alterar para poder se impor, se você não grita pegam a sua mercadoria. É preciso ter coragem para trabalhar com transporte de mercadorias.

Eu sempre viajei muito, mas a minha mulher não conhece quase nada. A verdade é que os países que conheci foram Argentina, Peru, Chile, Finlândia, Dinamarca e Brasil, quase todos eram bons. Quando viajava não me dedicava em conhecer o país, me dedicava mais aos negócios.

Na Argentina e no Chile me confundi com o total de mercadorias que podia passar pela fronteira, por que nesses países as mercadorias são muito baratas, o preço era muito baixo e às vezes ultrapassava o valor permitido. Trabalhava com contrabando para a Bolívia, levava mercadorias da Argentina e do Paraguai. Transportava calça jeans, leaves, cosméticos, lápis labial, detergentes, perfumes. Na Argentina isso é barato e aproveitava.

Agora, eu não gostei do Peru, pois é preciso ter muito cuidado com os malandros, te enganam facilmente; você compra um celular e te dão outro, te propagam e te dão outro. No Peru as roupas também são baratas, principalmente as roupas de algodão, os tênis, tudo eu comprava e revendia na Bolívia. Gostei de todos os países que passei; a realidade é que a Bolívia não tinha mercadoria para comprar, não tem indústria e tudo que você consome é mercadoria estrangeira.

É engraçado que no Brasil quando você tem dinheiro é bem vindo em qualquer lugar, todos te saúdam "Olá, senhor." Agora quando não: "Hu, lá vem aquele pé rapado." Nem olham para você, se você tem dinheiro, não precisa ser bonito, consegue tudo, agora se não tiver grana és um perdido. Se uma pessoa souber que tem dinheiro, dirá: "Oi, bom dia." Eu não tenho com o que gastar porque não tenho dinheiro.

Quando perdemos o que temos logo todo mundo fica sabendo, as pessoas são muito invejosas, quando vê que você caiu ou perdeu o que se tinha, dizem: "Tu tens que cair." Quando aconteceu a crise, perdi tudo, fui conversar com o meu irmão: "Me empresta um dinheiro." , "Para que?" , "Eu caí na Alfândega e perdi tudo. Caí Aduana e recolheram tudo que tinha." E ele falou: "Quem manda você não ficar em casa, você foi viajar, perdeu, fazer o quê." E o outro irmão: "Não tenho dinheiro." Eu tinha dinheiro com os meus hermanos, mas não me ajudaram... Eu tenho irmão, somos em 6 irmãos, 4 homens e 2 mulheres. Todos têm suas casas. Sei que irmãos nunca me ajudaram. Todos vivem na Bolívia, uns vivem em Santa Cruz, outro em Cochabamba, tenho um cunhado advogado. Nunca mais procurei ninguém da família, desmotivei, cada um que siga a sua vida.

Depois que vim para o Brasil acabei gostando daqui e fiquei. Aqui tudo é muito livre, aqui as pessoas podem ganhar muito dinheiro. Na Bolívia o que você

ganha é para comer. Em São Paulo mil reais não é nada, sei que o boliviano ganha dinheiro e manda para Bolívia. Lá se você tiver 20 ou 30 mil dólares dá para comprar uma casa.

Estava conversando com a Maria, cada semana gasto 150,00 reais para comprar mantimentos, assim não dá para ter dinheiro e pronto, quando necessário, depois saco dinheiro e compro o que precisamos. Sei que muitos bolivianos enviam remessas para Bolívia.

A minha vida foi muito diferente da vida de minha esposa, ela trabalha desde os seus 8 anos, eu comecei trabalhar desde os 28 anos... Eu entrei na universidade com 22 ou 23 anos e saí com 26 anos. Casei com a minha primeira namorada e vivemos juntos por 6 meses, eu tinha 22 ou 23 anos. Depois que nos separamos só me dediquei ao comércio e ao caminhão. Nesse período, encontrei a Maria; ela era uma pessoa triste: "hiiii", estava trabalhando, estava sofrendo. Na verdade, todos os bolivianos que estão trabalhando em São Paulo, uns 80% são da província, os demais são das cidades. O pessoal da província é mais forte, tem mais força; o pessoal da cidade nem tanto, os que estão aqui trabalham durante horas.

A vida é uma luta, não é mais como a juventude. Vivi muitas coisas e não me arrependo das coisas que fiz, se eu morrer, morrerei tranquilo porque vivi tudo e conheci muita coisa. Como se diz, discotecas, night club, uisquerias, casas noturnas; motéis, tudo... Tem tanta gente que não conhece nem motéis, não conhecem uisquerias, não conhecem nada. Tem pessoas que nunca bebeu licores, não conhece isso. Quando estava na Bolívia costumava sair para beber. Aqui um copo de uísque é 10,00 reais ou 15,00 reais, e lá é barato, 20 bolivianos é 8,00 reais, 5,00 reais no Brasil... Aqui é caro, o motel mesmo é caro... Um dia desses estava falando para minha esposa sobre motel, não falei que não entendia, falei que não sabia, e ela: "Mentira, que você sabe." E ficou me xingando.

Quando ia a Suíça comprar caminhões tinha que conversar em inglês, levava outra pessoa comigo para estabelecer o negócio e para traduzir para o castelhano. Quando ia uma pessoa que falava em inglês eles acabavam baixando um pouco o preço da mercadoria...

Na Bolívia é proibido aeromoça nos aviões porque algumas ofereciam bebidas e alegravam as pessoas. Depois de um tempo descobriram que as meninas violavam as regras. Até na Suíça as moças seduziam os motoristas. Como eu viajava percebia que as moças iam para os quartos dos empresários descansar, diziam que iam abrir um refrigerante, acompanhar almoços e jantares, depois saíam para dançar e iam para o motel. Até grávidas faziam isso e aí proibiram. Se você fosse para um hotel, tinha acompanhante para levar as malas, ligavam e procuram, costumavam cobrar. As mulheres da suíça são muito bonitas, são amarelas. Em todo lugar você encontra mulher bonita. Na Argentina também são bonitas. Acho as mulheres peruanas feias, não gosto. As mulheres brasileiras também são bonitas. já namorei bastante, queria voltar a ter 25 anos.

Eu tenho esse pensamento de comprar mercadoria e levar para vender na Bolívia. E tinha que ter muito cuidado quando ia comprar mercadoria em outros países, principalmente, quando saía para conhecer os bares, porque as pessoas ao perceberem que você estava com dinheiro podiam colocar droga na sua bebida para você dormir. Uma vez me aconteceu isso na Bolívia. Tinha acabado de chegar de uma viagem e saí para beber num bar com dinheiro na calça jeans, estava com mil dólares, tínhamos vendido toda mercadoria. Até tinha ido ao hotel e não sei por que não deixei tudo, deixei 500,00 dólares para pagar umas pessoas. Estava num restaurante e passou duas moças, dançaram, beberam, eu bebi cerveja. Até que dormi e quando acordei tinha bastante cerveja em cima da mesa, quando procurei o dinheiro, cadê? Cadê as chicas? Não tinha mais nada no bolso, perdi 500,00 dólares em 1 hora numa noite, até hoje lembro.

Hoje tenho diabetes. Eu vou à clínica e faço tratamento em todo corpo. "Está mal de quê?" Só testou que tenho diabetes. Tenho que fazer uma dieta alimentar, comer verduras, e ainda como pouco. Só que me dá uma cede, agora, tenho um

remédio caseiro na geladeira, faço chá e bebo no início da manhã, para que tomar tanto remédios? Eu faço chá da folha de pitanga. Eu pego as folhas lavo bem, coloco as folhas em uma panela grande com dois litros de água e coloco para cozinhar no fogo. Em uma panela grande coloco cinco litros de água, lavo as folhas e coloco para beber. Isso para matar a sede. Eu cheguei a 550% de diabetes, e o normal é 180%. A minha taxa era altíssima, dizem que dá infarto, cheguei a perder 25 quilos, cheguei a pesar 115 quilos, hoje estou pesando 82 quilos. O meu Pantalón era 58, 60 o número, era grande, agora é 50. Eu tive que seguir o conselho do médico e fechar a boca. Tive que tomar tanto líquido. Não gosto de ser assim, gosto de ser gordo.

Passei algumas dificuldades na minha vida. Na verdade, a minha vida não é parecida com a dos bolivianos, eles não são conscientes, só querem ganhar dinheiro, dinheiro, dinheiro, e não se interessam por nada. Não se interessam,

Eu tenho máquina de costura, tenho tudo aqui para produzir roupas, mas eu não gosto. Já tive oficina, agora eu não tenho, tenho máquinas. Eram 11 máquinas, já vendi 2 delas. É uma vida muito sacrificada... Claro, fazer pão é menos sacrificado.

Eu conheço as províncias da Bolívia, conheço La Paz, Cochabamba, Santa Cruz, Potosí, Sucre; eu não conheço Beni, Pando, Tarija e próximo ao litoral; Também não conheço Pando. A Bolívia é um país bonito, Santa Cruz e Cochabamba é o mesmo clima daqui, em Santa Cruz é mais forte, depois Ururo, La Paz é frio, Potosí é frioooo. Eu caminhei por todo lugar.

Aqui em São Paulo só conheço a capital, nunca fui para outros lugares. Não conheço o Parque do Ibirapuera, só conheço os lugares por onde vendo pão: Brás, Coimbra, Kantuta, Bom Retiro e Casa Verde. Não conheço Osasco. Conheço todo o caminho para se chegar em São Paulo, passei por Campo Grande, por Corumbá, o caminho do trem para São Paulo. Já vivi bastante e por todos os lugares, agora, eu fui San Matias, longe. Dois dias de viagem, San Matias é a outra fronteira da Bolívia. São duas fronteiras, uma com Corumbá e outra em San Matias... Uma vez fui a Recife, é um calor insuportável.

Já fui em Indianápolis, Campinas, Cuiabá, mas esses lugares, conheço de passagem. Como ganhava dinheiro com caminhão buscando mercadoria, viajando, vendendo. Só que a minha esposa não sabe disso... A minha esposa, depois que passou a morar no Brasil só foi à Bolívia uma vez. Ela era artesã desde os 4 anos, com 12 anos foi ser comerciante. O meu pai era caminhoneiro e do sindicato de transportes.

O nome do meu pai é Pedro e ele já morreu. Ele dizia bem claro: "Não quero que gastem o meu dinheiro, tens que estudar, quero que estude." Então, éramos em 4 irmãos e 2 mulheres. Um irmão disse que não iria estudar, o outro tão pouco, o outro nada. Eu era o único que estudava, entrei na faculdade; meus outros irmãos não estudaram. O pai tinha um pouco de dinheiro, costumava dizer: "Queres ser taxista? vai ser taxista. Quer um taxi? Toma ele. Estou te emprestando, não estou te dando. Você vai devolver o meu dinheiro trabalhando." Trabalhava e devolvia o dinheiro emprestado.

Caso você quisesse vender roupa, a minha irmã vendia roupa assim. "Eu vou comprar o material para você costurar, toma". Na nossa casa o dinheiro era assim. Então o meu pai me ajudava porque era o único que estava fazendo faculdade, o único, depois que deixei acho que meu pai ficou decepcionado, pois ele me ajudou bastante quando entrei na faculdade. Ele dizia: "Filho, porque você está deixando a faculdade por causa de uma mulher? Por quê? O que tenes?" O meu pai me dava dinheiro para ir para faculdade, tinha até um automóvel. Outros alunos não tinham condições de nada disso. Na faculdade tinha brasileiros, cambos, rochallos, chilenos, todo tipo de gente.

Fazia faculdade de engenharia. Às vezes essa gente não tinha condições de cursar e precisavam morar lá para conseguir cursar. Então, a faculdade era um internato, às vezes não tinha dinheiro, tinha gente que mandava para os alunos.

Muitos alunos que estudavam comigo comiam bem pouquinho, não tinham dinheiro para fazer outras coisas. Era vida de estudante, porque eu mesmo não fumava cigarro, eu dizia: "Quer fumar?" E dava dinheiro para os alunos comprarem cigarro: "Quer cigarro? Toma cigarrilla. Fuma lá, aqui não." Acho que o sonho da minha mãe é que tivesse concluído os estudos; levava café para a faculdade para estudar... A minha vida era muito diferente, meu papá quando saí da faculdade disse que a mulher me transviou.

Conheci essa menina na faculdade, claro, como eu tinha dinheiro, ela também era uma chica, não era desses cursos assim de engenheiro, era um mais ou menos... Ela tinha namorado também, estudávamos e dormíamos juntos, e aí eu gostei... Não era somente dormir, sei que deixei os estudos, e era muito carinhosa.

Tão pouco ela me pediu para que eu saísse de lá, ela me dizia: "Estou só, quando vamos nos juntar? Quando vamos ficar juntos." Como as minhas relações anteriores não foram muito boas, resolvi namorar ela. Eu me senti um pouco mal com a situação. Um dia falei para o meu pai que ia estudar, meu papai me disse: "Filho, acabou aqui... Queres a mulher? Vou hablar com os teus pais, queres casar? Vai casar-te. Vou mandar teu dinheiro." Eu disse ao pai: "Vou estudar sim, vou estudar, vou atender os mestres. Vou estudar e trabalhar de taxista nas noites." Foi difícil e acabou comigo.

E aí o meu pai começou a beber, se amargurou. A minha mãe começou a falar mal: "Ah! Que você largou a faculdade, o seu pai está bebendo." Por que o meu papai sempre falava: "Meu filho vai ser engenheiro." E ficou amargurado quando saí. Só faltava dois anos para terminar engenharia, já tinha feito três anos e dois anos me faltava. Eu tinha livros de física 1, física 2; coleções de física, química, cada livro custava 180,00 bolivianos, aqui não sei quanto custa um livro de física, acho que é caríssimo. Eu tinha livros, comprava para não ir a biblioteca. Eu conheci uma mulher que tinha livros e vendi a preços baixos. Meu pai ganhava muito dinheiro. Tinha casa e quando quebrou foi uma consequência de desastre. Quando eu quebrei, eu pedi a papá para me ajudar: "Ajudar, ajudar." Depois comecei a trabalhar com vendas.

Eu não me casei, só vivi seis meses. Eu ia voltar à faculdade, mas, não sei, não sei se queria essa mulher, me sentia mal e caí no mundo

Hoje tenho seis filhos e todos estudam... Eu não sei, tem gente que estuda e trabalha. Os filhos dos bolivianos que trabalham na costura não estudam, trabalham desde pequenos; os meus filhos só estudam. E tem boliviano que trabalha na costura e não estuda porque não tem dinheiro.

A questão é o seguinte, quando eu sou o chefe da oficina, ele manda na casa, tu tens que trabalhar, tem que trabalhar durante cinco anos porque é um contrato. Se você tem filhos, esse filho dá despesa para o dono da oficina. Agora, se o boliviano tiver dois filhos, quando os seus filhos puderem trabalhar terão que ajudar para poder pagar o que consome dentro da casa do dono da oficina, caso contrário, quem vai dá de comer a essas crianças? Por que tu não vai cozinhar, por que tu vai trabalhar direto na costura. O que vai fazer? Vai estudar ou vai a trabalhar?

E para o dono não mandar o empregado com os filhos embora, o filho terá que trabalhar para pagar as despesas, não dá para dizer para criança: "Vai estudar na escola porque é gratuito." É grátis, mas a criança vai trabalhar que hora? Das seis, sete da manhã até as doze horas. E que horas ele vai trabalhar? Vai à escola e vai ter que sair para o almoço. Por que na Bolívia é muito diferente do Brasil.

Na Bolívia de manhã se toma o desejum às 07:00 horas, ao meio dia é o almoço, às 16:00 hora é igual ao desejum da manhã, e às 19:00 a ceia. Então, tem que ter duas comidas e se a criança for para escola não vai comer e não vai trabalhar. Tem muita gente que não manda os seus filhos estudarem por isso. Todos os meus filhos estudam, todos eles. E se não trabalha como vais a manter?

Então tem que trabalhar. Eu trabalho com o meu pão, vendo pães. Eu tenho dois rapazes, os dois, todos eles se admiram muito.

A minha filha mais velha tem dezessete anos, ela é brasileira; a outra filha do meio está na quarta série, outra filha está na segunda série. Agora, são três rapazes, eu tenho mais dois. Os meus filhos nasceram todos aqui no Brasil, são filhos brasileiros...

Nem todos meus filhos falam espanhol, eu falo espanhol em casa. Quando eu estou em casa eles hablam castellano; são bilíngües.

4.1.17. Jenny

O meu maior desejo no momento é continuar a minha profissão de advogada e exercê-la, para isso que estudei. Acho que são os três pontos mais importantes para mim: minha família, meu estudo e a educação que carrego comigo. Gostaria de continuar o matrimônio até o fim, mas casamento é algo que não podemos prevê. Esses são os meus três pilares.

Meu nome é Jenny, tenho 26 anos e nasci em La Paz. A minha vida na Bolívia era muito mais tranquila, estudava, trabalhava, gostava de passear. E foram por variadas razões, algumas que ainda não sei explicar, que vim parar no Brasil. Uma das razões é que casei com um rapaz que é filho de boliviano e sua família é dona de uma oficina de costura na cidade de São Paulo.

Sou a filha mais nova de uma família de cinco irmãos. Estudei em uma escola pública e no final do ensino médio fiz um curso privado de advocacia. Nesse período de estudos a minha mãe faleceu e resolvi que iria cursar faculdade de Direito. Fiz o curso em cinco anos, terminei no final de 2006. Ainda não me considero uma pessoa pronta, desejo muito dar continuidade em minha formação no Brasil, estudar e realizar novos cursos. Atualmente estou casada e quero ser feliz!

Passei a minha infância na cidade de La Paz, onde fui criada por uma família de classe média. Era muito complicado estudar na Bolívia porque as pessoas não têm auxílios do governo para estudar, não é como no Brasil onde você pode realizar vários cursos gratuitos e, alguns ainda têm bolsas para estudar. Na Bolívia, somente pessoas com boas condições econômicas conseguem finalizar seus estudos, ou opta por uma escola pública ou paga uma escola privada, não existe meio termo. Para se ter uma idéia, agora é que estão implantando o sistema de pagar meia em tudo, inclusive, no transporte público. Durante a minha juventude frequentei muito a igreja católica; tenho um respeito muito forte com relação à

religião. Os jovens respeitam muito pai e mãe. Existe um valor que é intrínseco a sociedade boliviana e na qual não concordo que é o machismo, atualmente, mudou um pouquinho, mas ainda prevalece em muitas famílias e instituições.

O machismo é mais intenso em algumas regiões da Bolívia, fazendo uma comparação é como o nordeste brasileiro, onde o pai é quem decide os rumos dos filhos e da família; a mãe pode até falar alguma coisa, mas quem decide é o pai. Mas pessoas como eu, decididas, que sempre pensa no futuro; geralmente se faz um acordo entre todos os integrantes familiares: pai, mãe e filhos, sobre o futuro de cada pessoa. Agora, na geração dos antigos, era somente o pai que dava a última palavra.

Na minha família era o meu pai que estabelecia as regras, decidia quem deveria fazer o quê. A minha mãe até chegava a falar alguma coisa, mas a sua palavra não era levada em consideração porque meu pai é muito machista. É uma boa pessoa, mas ele é fruto de uma criação fechada, então, ele continua reproduzindo os padrões de uma geração autoritária. Na minha família os meus três primeiros irmãos são homens e os dois últimos são mulheres. As mulheres continuam estudando e trabalhando, meus irmãos também fizeram, mas as mulheres sempre tiveram que estudar e esforçar-se um pouquinho mais. Só para ilustrar, podemos realizar e fazer coisas que não estejam nos papéis estabelecidos da sociedade; as mulheres e os homens podem fazer muitas outras coisas além de cuidar do lar e parir meninos.

A minha família é tradicional, por quê? Existe o pai, a mãe e os irmãos que moram na mesma casa. Meus pais trabalharam muito na vida e com muito esforço conseguiram comprar a sua própria casa. Quando a nossa casa foi adquirida ainda não havia muitos habitantes na região, só depois com o desenvolvimento é que o bairro e a cidade foram crescendo e expandindo. Hoje, a casa dos meus pais tem um valor maior do que quando foi adquirida. Também somos uma família tradicional porque não moramos com tios, tias, avôs, com ninguém além dos filhos e genitores. Não somos uma família estendida.

Resolvi vir para o Brasil porque me apaixonei e casei. Meu esposo morou durante anos no Brasil; acredito que uns dezesseis anos até o presente. Ele chegou ao Brasil com um ano de idade, fez todos os seus estudos aqui; e depois seus pais o enviaram para a Bolívia para realizar estudo superior. Estudou em uma faculdade privada, e ao finalizar seu curso foi trabalhar. Eu o conheci quando fazia o curso superior de Direito, porque nós trabalhávamos juntos. Depois que ele terminou o curso, quis voltar para o Brasil; voltou, mas não conseguiu me esquecer.

Assim, ele retornou para Bolívia onde passou mais um ano e propôs que nos casássemos. Meu esposo levou seus pais para La Paz para conhecer a minha família e pedir a minha mão em casamento, meus pais autorizaram e vim para o Brasil. Vim com o intuito de trabalhar e continuar os estudos, mas não sabia que a sua família e outros bolivianos trabalhavam na costura, nem sabia como funcionava esse setor. Ao chegar a sua casa percebi que seus pais eram donos de uma oficina de costura; e totalmente por fora do que acontecia, não sabia como era o regime de trabalho. Sei que no mesmo dia que cheguei seus pais já disseram que tinha que trabalhar para ajudar na renda; aceitei sem reclamar. Até então não sabia que a jornada de trabalho era das seis horas da manhã as sete ou onze horas da noite; sendo que você tinha que tomar café da manhã, almoçar e jantar na oficina; tudo era feito ali mesmo. Tinha o agravante que além de morar na oficina, eram os meus sogros que eram donos.

O trabalho é remunerado, mas está associado ao número de peças que você consegue produzir por dia; quanto mais você produz mais um pouquinho de dinheiro consegue ter. O problema é que se paga muito pouco; como todo o trabalho é terceirizado os donos pagam vinte centavos, cinquenta centavos, um real por acabamento completo por peça. Ou seja, os bolivianos trabalham o dobro, três vezes mais e recebem somente uma parte disso. Além de ser muito cansativo e paira um medo no ar, porque são pessoas totalmente desorientadas que veem da

roça, das periferias da Bolívia e que não possuem documentos; e ao chegar aqui tem medo de sair de casa, não podem estudar, não podem sair para fazer um trâmite jurídico, não podendo ter acesso aos direitos trabalhistas: carteira de trabalho, férias, décimo terceiro. Acredito que é bom trabalhar, desde que tendo todos os direitos estabelecidos pela lei, e muitos acham melhor continuarem assim, sem reclamar, sem brigar pelos direitos.

Foi por esses motivos que não gostei desse trabalho, falei aos donos da oficina que não era certo o que acontecia, que a lei não fala sobre esse tipo de jornada de trabalho, e que por isso, não iria realizar mais determinado tipo de trabalho. Trabalhei seis meses; nesse momento saiu a anistia, foi em 2009, e consegui tirar os meus documentos e fui buscar novos tipos de trabalho.

Sei que o meu esposo apoiou-me em tudo, pois sabia que não concordava com esse tipo de trabalho e sei que nem ele concorda, mas não pode fazer nada porque seus próprios pais ganham a vida desse jeito e ele não pode ir contra as decisões dos pais dele porque foram eles que o criou. Até respeito meus sogros, mas não quero entrar nesse tipo de trabalho porque não é vida. Acredito que as pessoas têm que abrir os olhos e buscar seus direitos, com melhores alternativas de sobrevivência.

Depois de ter os documentos em mãos, saí em busca de trabalho e encontrei, mas o problema foi que o patrão que tinha era descendente de Libanês, um homem super machista que tratava todos os empregados muito mal, inclusive a sua esposa, que padecia na sua mão. Fiquei um tempo com ele, aprendi um pouco mais. Voltei para minha casa e continuei buscando alternativas de emprego, e hoje, estou trabalhando nessa ótica na Avenida Celso Garcia no Brás, onde além de vendedora, faço a tradução do espanhol ao português, atendendo pessoas bolivianas, estrangeiras que falam espanhol. Ajudo em tudo que posso. Gosto do patrão e da moça que trabalha junto comigo porque eles me respeitam e tratam bem. Aqui recebo os meus direitos, pois sou tratada como pessoa, como deve ser tratado todos que trabalham dignamente.

Eu queria que todas as pessoas que estão trabalhando na costura façam respeitar seus direitos, pois não adianta morar em um país onde se é mal tratado, mesmo que seja por outro boliviano, mesmo que seja por um paraguaio ou boliviano. Não é justo trabalhar num país, mesmo gostando dele, sem ter direitos; temos que fazer com que o Brasil passe a enxergar os bolivianos com outros olhos, como pessoas dignas, trabalhadoras, até porque os brasileiros não veem os bolivianos com bons olhos. É necessário quebrar essa imagem negativa que o boliviano tem no Brasil, é necessário que o boliviano deixe de ser mole, e passem a reclamar dos maus tratos; pois não concordo com nada disso.

Os maus tratos é fazer uma pessoa trabalhar quatorze horas por dia. Além de ter o mau trato psicológico, parar de coagir, provocando medo nas pessoas; sei que muitos podem não aprender tão rápido o português para sair na rua com tranquilidade. Sei que muitos brasileiros tratam mal os bolivianos por terem uma aparência indígena forte; e também por ser uma migração onde a maioria é composta por pobres, pessoas que não tiveram possibilidade de estudar, por serem pessoas humildes que necessitam de muita informação.

Não acho certo fazer uma pessoa trabalhar quatorze horas por dia, e dizer que durante os três primeiros meses na oficina a pessoa não pode sair na rua, por quê? Para ficar o dia inteiro enfurnado numa sala trabalhando. E quando uma pessoa não consegue se adaptar, não consegue aprender não deixam ficar aqui, mandam embora. Eles tiram da sua casa, mas não dão dinheiro para eles voltarem para seu país, e de onde eles vão tirar esse dinheiro? Não tem donde tirar. O que é ruim é que eles não fazem nada, somente aguentam, e parece que está tudo bem.

O patrão trabalha e gosta de fazer o empregado sofrer, viver virou sinônimo de sofrimento. Sei que muitos bolivianos gastam o mínimo possível; não percebem que tem que aprender o português, aprender a conviver em outros círculos de pessoas, aproveitar as oportunidades para estudar; é necessário deixar o

comodismo de lado. Temos que conhecer mais, saber falar com uma pessoa deferente, saber compartilhar idéias e pensamentos diferentes. O que acontece é que muitos bolivianos se fecham se fecham entre eles, nos seus próprios nichos e aprendem muito pouco. Então, qual é a finalidade de migrar? Acredito que se migra para conhecer, para se aproveitar tudo que o Brasil pode oferecer e que a Bolívia não está dando para nós. Muitas pessoas gostariam de estar no Brasil e não podem porque não tem dinheiro, tem família, tem muitas outras coisas; e por isso, acho que eles poderiam aproveitar mais esse país. Às vezes acho que os que podem aproveitar não gostam dos benefícios que o Brasil oferece para todo mundo.

Quando iniciei o relacionamento com o atual marido, era tudo bonito; porque gostava muito dele. Passamos um tempo namorando por meio da internet. Agora, no momento da convivência foi um pouco difícil justamente por não conhecer a família dele, e ainda tivemos que morar todo mundo junto debaixo de um teto. Acho que eles não gostaram muito da minha pessoa, devido ao fato de terem outro pensamento, serem mais fechados, e bati de frente com muitas idéias. Como meu marido é o primeiro filho que casava, ficaram ciumentos, queriam que eu fizesse tudo para eles e, pouco a pouco foram aceitando o meu jeito de pensar. Agora, posso falar que está tudo bem, não posso falar que está 100%, estou tentando enxergar a situação. O marido é uma boa pessoa, tenta me apoiar em tudo, mas sei que ele não pode bater de frente com as convicções de seus pais, mas ao menos tenta apoiar um pouco, uma vez que penso e compactuo com outros tipos de pensamento, tipo: que homens e mulheres têm que repartir o trabalho doméstico, de que os homens têm que ajudar a cuidar dos filhos, na relação é necessário ter compromisso e liberdade para dar certo.

Sei que os pais do meu marido sofreram muito ao chegarem ao Brasil, e talvez por isso, achem que se deve tratar todo mundo da mesma forma como eles foram tratados e com a mesma atitude daqueles que tratam outros bolivianos. Como sei que eles advêm de uma família humilde com cinco filhos, relevo muita coisa. Na concepção deles a mulher tem que fazer tudo em casa, além de trabalhar fora para ajudar na renda; os filhos homens não podem lavar suas roupas, não podem ou não conseguem cozinhar, por serem homens tem o direito de acordar tarde e a mulher não; eles são mocinhos e por isso não podem nem colocar o pé na cozinha. Acho que está tudo errado!

Na casa da minha família via que o meu irmão cuidava dos filhos, cuidava da cozinha, cozinava, lavava roupa, somente o meu pai que não fazia nada disso. Mas ele é mais velho, né? Os meus irmãos têm uma mente mais aberta e acham que a mulher e o homem têm os mesmos direitos e os mesmos deveres e, para mim, também é assim, mas a família do meu marido não. Eles acham que o homem é o ser mais forte da relação, mas o contraditório é que a mulher tem que fazer o dobro dos serviços que o homem desempenha. Não concordo com esse tipo de pensamento, e o engraçado é que já desisti de tentar mudar a visão das pessoas, mas nem por isso irei pensar como eles pensam, porque não sou assim, não nasci assim e irei continuar com as minhas convicções!

Vim para o Brasil de ônibus, foram quatro dias de viagem e foi horrível. Na verdade foram quase cinco dias na estrada, sentada dentro de um ônibus e tudo é horrível! Dói o pé, dói à cabeça, doem às costas, você passa fome e não pode comer com gosto porque tem outras pessoas do lado te olhando. O cominho até a fronteira, grande parte do trajeto, é percorrido por terra; você não consegue dormir porque faz barulho e o ônibus se movimenta muito, a viagem não é tranquila, e acho que é para jovens aventureiros. Agora, depois da fronteira do Mato Grosso do Sul tudo fica mais bonito, gostei muito desse trecho.

Quando cheguei ao terminal da Barra Funda que entrei no metrô achei tudo divertido porque na Bolívia não tem metrô e nem trem, era uma novidade só. Achei São Paulo uma cidade imponente, bonita, com uma diversidade cultural incrível. Têm libaneses, têm chineses, têm coreanos, têm angolanos, têm africanos, têm bolivianos, têm mexicanos, têm americanos, nossa, vi um monte de nacionalidades,

e o Brasil tenta acolher todo mundo, mas entendo que ainda seja difícil mudar o estilo de vida e abarcar todos.

O que eu não gosto no Brasil é a delinquência, os crimes, crianças mal educadas, por quê? Por que desde muito pequenos respondem aos pais e dão ordens aos pais. E não gosto da atitude das crianças e dos jovens na escola que não respeitam professores, virou uma assistência fajuta onde os alunos não sabem aproveitar o ensino que tem. Na frente da minha atual casa tem uma escola, todos os dias vejo alunos brigando; ao menos uma vez por semana ocorre uma pancadaria, até entre moças de sete ou oito anos de idade observo a pancadaria ao saírem da escola. E me pergunto que tipos de pessoas as famílias estão criando?

Quando era criança, sete anos, quando não estava dormindo, estava brincando, nunca meus pais deixaram ficar brigando na rua; eles não admitiam uma coisa dessas. Não gosto da atitude dos adolescentes e das moças de hoje em dia, de ficarem se drogando, se matando. Tenho percebido que a droga no Brasil faz parte do cotidiano dos jovens e na Bolívia os jovens são um pouquinho mais fechados; não serei hipócrita e dizer que não exista droga, existe, mas não é tanto como o Brasil. Aqui a droga mata as pessoas e as famílias. Sinto pena pelas crianças que estão vendo esse mundo tão destruído, tão sem perspectivas, porque os jovens, mocinho de doze anos já tem até ocorrência na Polícia Federal. Acho isso muito triste, e não é só no Brasil, acredito que é a realidade de muitos países. Esses são os problemas mais gritantes que vejo pelas ruas do Brasil; além da educação, das crianças que ficam na rua porque os pais saem para trabalhar e não tem onde deixar seus filhos; diferente do meu tempo, acho que a rua não é mais um bom lugar para deixar os filhos crescerem. Estamos presenciando uma crise de valores na família e na sociedade. Para se ter um filho hoje em dia é necessário ter tempo para criá-los. Ainda não tenho filho, mas penso em ter um filho.

Uma das coisas que admirei no Brasil foi dos direitos do trabalhador: o vale transporte, às pessoas que tem registro; porque sei que uma grande parcela da sociedade não possui registro. Na Bolívia não existe esse negócio de vale transporte para trabalhador, o meio dia do lanche. Gostei disso! O estilo de vida dos brasileiros é legal, porque qualquer pessoa pode ir a um supermercado e pegar uma mercadoria, a alimentação é nutritiva. Os brasileiros têm uma alimentação muito diversificada, muito boa. E aqui o governo ajuda muito na educação, nos estudos. Vejo que aqui tem muitas faculdades, muitos cursos técnicos no SENAI, Senac, Fatec, só acho que as pessoas não usufruem como deveriam, deveriam usar mais. Não sei como pensei nisso, mas acho que aqui tem muitas oportunidades de trabalho, de estudo e o indivíduo pode ter uma vida digna.

Na Bolívia estão tentando fazer isso, mas não vai ser de um dia para outro, vai demorar muito tempo, porque temos a lei que estipula oito horas de trabalho e meio-dia para o almoço, mas não temos auxílio trabalhista, não temos auxílio transporte, não temos lanche, não temos um salário mínimo respeitado por todo mundo. O governo precisa olhar com mais atenção esses quesitos.

Sei que vigora um novo presidente na Bolívia e algumas coisas mudaram. Evo Morales está tentando estabelecer que todas as classes sociais respeitem as diferenças, mas acho que ele está cambiando, mudando a balança, porque atualmente só os pobres e os povos originários terem cargos políticos. E acredito que falta um pouco de formação para que essas pessoas desenvolvam trabalhos importantes nesses setores. Mas olhando por outro lado, isso é positivo porque tem muitas pessoas pobres e humildes que tem educação e capacidade para construir novos caminhos. Acredito que falta muita coisa e há uma necessidade de mudança de posturas política; como construir novas frentes de trabalho para a população boliviana para que eles não tenham que ir para o exterior buscar melhores condições de vida. Enquanto não houver políticas de desenvolvimento as pessoas continuarão saindo do país, vindo trabalhar no Brasil, por exemplo. Se na Bolívia tivesse comércio e indústria, iria ter um movimento e cresceria mais, sem

necessitar exportar pessoas; e o trabalho que muitos bolivianos fazem no Brasil, na Argentina, na Espanha, nos Estados Unidos ou no Chile seria feito na Bolívia.

Hoje, tenho uma vida ativa, por quê? Por que acordo seis horas, cozinho, tomo banho, saio para pegar o metrô, um ônibus; sempre estou falando com alguém, brasileiro ou qualquer pessoa, chego no trabalho; também tem muita gente boliviana, angolana que vem na ótica; acho bonito conhecer pessoas diferentes, conhecer outras culturas, conhecer outros tipos de alimentação.

Gosto de comer feijão com arroz, a coxinha de galinha é uma maravilha! E o que mais? Depois que saio do trabalho, às seis horas, volto para casa, pego outro ônibus, conheço mais gente. Chego a minha casa tranquila, sem problema nenhum, faço todos os deveres que tenho que fazer, agora posso dizer que estou bem.

Às vezes quando dava, ia ao zoológico, fui conhecer a Praça da Sé, Praça das Bandeiras, andar pelas ruas do Brás para comprar roupas, andar pela avenida Paulista, a região do Anhangabaú, tentei conhecer o mais que pude. Agora, os domingos estão reservados para ficar em casa porque tenho muito trabalho para fazer, ficar com o meu esposo porque de segunda a sábado eu trabalho, não dá muito tempo, mas de domingo eu fico em casa, faço umas compras e se dá para sair saio um pouquinho.

Meu esposo é tecnólogo e trabalha na SPCOM com telecomunicações, foi contratado há pouco tempo, tem registro na carteira, mas está trabalhando há seis meses. Ele está começando, ele é novo como eu, temos a mesma idade. Somente o salário dele é muito baixo.

Os meus sonhos é continuar a minha carreira, tirar o certificado de advogada na Bolívia, exercer a minha profissão e continuar a minha vida matrimonial até o fim. Acho que são os dois objetivos mais importantes, além de está perto de meu pai e de minha família para lutar junto deles. O meu maior desejo no momento é continuar a minha profissão de advocacia e exercê-la, para isso que estudei. Acho que são os três pontos mais importantes para mim: minha família, meu estudo e a educação que carrego comigo. Gostaria de continuar o matrimônio até o fim, mas casamento é algo que não podemos prevê. Esses são os meus três pilares.

Antes de conseguir esse emprego fiz um curso de operadora de caixa e conheci umas vinte ou trinta pessoas de todas as idades, de todo o nível social e até agora tenho amigos que construí lá. Também fiz um curso supletivo. Estou há pouco tempo em São Paulo, mas fui para todo lado. Fiz um curso para aprender português, onde conheci a diretora da escola e outros amigos. Percebi que tem muitas pessoas que não sabem falar e nem escrever o próprio espanhol. Também trabalhei um período no Centro de Apoio ao Migrante junto com o senhor Paulo; trabalhei auxiliando e explicando para os migrantes como dá entrada ao processo de anistia.

Esse trabalho foi muito importante porque conheci de perto a realidade da vida de muitos migrantes que vivem em São Paulo. Escutei muitas histórias de vida; e percebi que cada pessoa tem uma história diferente da outra, e as poucos laços em comum com as outras histórias é que grande parte dos que não tem documentos estão na costura. São pessoas muito humildes, muito trabalhadoras, mas que precisam sair desses nichos de trabalho e continuar com a cabeça erguida.

Respeito muito os bolivianos pelo trabalho que eles fazem e gostaria que eles tivessem tudo de melhor, que consigam seus documentos, que abram um pouquinho mais a mente para que possam respeitar os seus direitos. Gostei de trabalhar nesse espaço porque tem gente de todo lugar, são estrangeiros paraguaios, peruanos. Eles acolhem as pessoas para que consigam estabelecer uma confiança mútua, e dão apoio jurídico e moral.

Gostei do trabalho, mas não podia ficar mais tempo porque precisava de dinheiro, de trabalho. Desempenhei um trabalho voluntário para ajudar e conhecer mais o porquê é que acontece a anistia; como o Estado pode ajudar os estrangeiros

e de que jeito isso é feito. Convivi um pouco e pude perceber como é a vida de muitos migrantes.

4.2. SANTA CRUZ DE LA SIERRA

4.2.1. Don Carlos

(Fonte: foto da autora, 2010) Ao centro, Don Carlos; atrás sua esposa e suas três filhas

Hoje estou na minha casa com a minha família, meus filhos, e sempre incentivo as incentivo a estudarem, uma vez que eu não pude estudar e elas têm a oportunidade de estudarem e construírem uma vida melhor para elas

Eu nasci em Sucre, numa família bem humilde. Legalmente eu tinha pai, tinha mãe; pessoas pobres e era difícil suportar a pobreza. Os meus pais eram pessoas muito rudes, violentos; todo dia apanhávamos por qualquer coisa; apanhávamos até de chicote; como os bichos do mato. Não pude aguentar esse sofrimento, e o que eu fiz? Eu fugi para bem longe; acho que tinha uns dezoito anos quando fugi da casa dos futuros patrões. Também passei a sofrer na casa dos outros, até que tomei a decisão de migrar para Santa Cruz. Aqui comecei a trabalhar e ainda jovem fui para quartel cumprir o serviço militar. Depois do serviço militar conheci a minha esposa e começamos a trabalhar juntos. Hoje estou na minha casa com a minha família, meus filhos, e sempre incentivo as incentivo a

estudarem, uma vez que eu não pude estudar e elas têm a oportunidade de estudarem e construir uma vida melhor para elas.

Eu tive três irmãos: a Rosa, o Santiago, a Maria; e eu, Carlos. Tenho outra irmã, mas eu não a conheço e não sei por onde ela anda. Somos quatro irmãos ao todo e todos estão vivos.

A minha vida foi bem triste, principalmente a minha infância. Como digo, não tive amigos, o único amigo que tive foi o trabalho. Desde criança trabalho, capinava, colhia milho para dar aos porcos. Como muitas crianças que trabalham desde pequeno não joguei bola, não brinquei, só trabalhei na minha infância e na juventude. Ainda jovem fui para o quartel, e ao sair de lá, me casei e fui construir a minha casa. Eu tenho quatro filhos; todas são mulheres. Estão todas jovens e todas estão estudando.

Quando cheguei a Santa Cruz, a vida era um pouco difícil, mas foi bem melhor do que morar em Sucre, e é por isso que digo graças a Deus de ter vindo para Santa Cruz porque fui muito bem recepcionado nessa capital. Até hoje trabalho, sou um pai de família e todos me respeitam. Em Santa Cruz comecei trabalhando como padeiro. Iniciei como ajudante e saí desse emprego mestre. Assim, comecei a trabalhar por todos os lugares, ia em cada padaria onde necessitassem de mim, chegava e trabalhava; até que um dia eu me cansei de trabalhar como empregado para as pessoas e comecei a trabalhar por minha própria conta, agora tenho o meu próprio negócio: uma padaria, e com isso mantenho a minha família. Conhecia a minha esposa trabalhando; pois trabalhávamos no mesmo lugar. Conhecemos-nos e resolvemos nos casar e assim estamos juntos até hoje.

Meus irmãos ficaram em Sucre. A minha irmã Rosa trabalhava em um sítio quando criança; sei que tinha animais, tinha gado. Atualmente, os meus irmãos seguem vivendo lá e por lá ficaram. A minha outra irmã vive na província de Camire em Oruro, é uma pessoa bem humilde, bem pobre; sei que ela perdeu a visão, não pode mais ver e, seus filhos a ajudam nas coisas, principalmente os filhos mais velhos; é uma família pobre. Como disse, nós viemos de uma família pobre. Eu ainda trabalhei um pouco e tenho o meu espaço, mas os outros não puderam ter. Minha outra irmã, Rose, saiu de casa muito jovem. Quando a Rose saiu, ainda era criança. A Rose é mais velha do que eu, ao menos uns vinte anos. Eu não sei quanto tempo ela ficou morando no campo.

Passei um tempo da minha vida trabalhando como padeiro, onde também ensinava a fazer pão, assim, consegui comprar o meu terreno e construir a minha casa. Tive que trabalhar muito fazendo pão e foi dessa maneira que consegui ter o que tenho hoje.

Eu não tenho muitas recordações dos meus pais... Lembro de uma vez que a minha mãe quase me matou. Ela me colocou em uma cadeira, não lembro bem o que era; perguntou o que eu tinha feito; arrancou um pedaço de pau e me bateu tanto que quase morri. A minha mãe era terrível, muito mau. O meu pai era desconhecido, não cheguei a conhecê-lo.

Até hoje me pergunto por que os pais cometiam essas maldades com os filhos; eram muito maus, muito maus. A verdade é que as pessoas antigas eram muito estranhas, muito ruins. Depois que eu fui viver com os meus patrões foi muito difícil também; pois eles me agrediam, uma vez quase me mataram. Levaram-me para um rio e quase esmagaram a minha cabeça debaixo da água; porque amarraram uma pedra na minha coluna e iam pisando em todo o meu corpo. Eu não sei o que eu fiz para sair dessa situação; sei que saí quase morto, com uma ânsia de morte; fomos paridos e jogados no mundo feito bicho bruto. Fui uma pessoa muito humilhada, muito agredida; fui uma criança muito sofrida; não tenho nem lágrima para chorar pelo que passei na infância, por isso, que não gosto de recordar, são lembranças muito fortes, muito tristes. Como disse, não sei como sobrevivi depois de tanta humilhação e sofrimento.

Sempre fui uma pessoa honesta; não era malcriado, não era ladrão. E em Santa Cruz sempre fui bem recebido, aqui me respeitam e também respeito às pessoas, e é por isso que até hoje estou aqui. Era muito explorado na casa dos patrões e ainda tinha que cuidar das vacas de suas fazendas, e foi numa dessas ocasiões que quase perdi a vida. Fui procurar uma vaca que estava prenha, e não conseguia encontrá-la; procurei um, dois, três dias e nada da vaca. Procurei ao longo das montanhas, nos desfiladeiros, nos altos das cerras; olhávamos, procurávamos e nada. Não encontramos a vaca e ela estava em uma vala dentro de uma trincheira. Sei que fomos pegar a vaca, mas a ela estava zangada. Tínhamos um cão e ele saiu correndo atrás da vaca; e confiando que o cachorro estava atrás; o cachorro chocou-se conosco, eu caí e a vaca começou a me chifrar. E tudo isso para cuidar das vacas do patrão. A minha vida na infância foi bem triste, bem sofrida.

As minhas lembranças de Santa Cruz são muito bonitas. Lembro que Santa Cruz era uma cidade bonita porque ao chegar fui bem recepcionado e tinha onde trabalhar; foi nesse lugar que aprendi a trabalhar e onde formei a minha família. Aqui trabalho e ganho o meu dinheiro, e é aqui que estou fazendo com que os meus filhos estudem; e isso é uma boa lembrança que se pode construir de uma cidade; e digo que não sou de Sucre porque não tenho nada construído lá, mas legalmente digo que nasci lá. Mas onde estou formando a minha vida é em Santa Cruz e quero muito bem a esta cidade, e considero essa cidade muito linda, há tranquilidade, sinto paz; trabalho quando quero trabalhar e posso dizer que há vida aqui.

Tenho muitos amigos e vizinhos aqui, uns são bons e outros que são ruins, mas a maioria é gente boa, nos cumprimentamos, ao menos perguntamos como um e outro estão: bom dia, boa noite. E assim cada um vai construindo a sua vida.

Moro nesse bairro há muitos anos, vi este bairro nascer e crescer e, também, como pessoa estou ajudando no seu crescimento. Quando vi morar nesse bairro ele se chamava Palmira X. Quando comprei este lote não havia casa nesse lugar, tinha muitas montanhas; havia muito bicho, até tigre tinha. Tinha tigre, cobra. Não existiam ruas, e havia vários caminhos de formigas quando comprei esse terreno. Para abrir caminhos, o conselho do bairro pediu um trator para limpá-lo. Assim, o bairro foi crescendo aos poucos, não havia avanço e ainda tinha uma grande vala cheia de água e as crianças não podiam ir para escola porque tinha que atravessar a vala. Desta maneira, como moradores do bairro, decidimos fazer uma ponte, todos os moradores trabalharam juntos em sua construção; até hoje a ponte existe. É um bairro tranquilo, calmo, de vez e quando você vê uma pessoa passando de moto, micro ônibus. O bairro está crescendo gradativamente, onde eram montanhas agora é casa; faz dez ou onze anos que moro no bairro. Nessa rua onde moro só passa um micro, mas o trajeto.

Temos o conselho do bairro, que é formada por um grupo de pessoas que buscam a melhoria do bairro frente à prefeitura. O conselho do bairro tem um papel importante, pois tem um presidente, um vice-presidente, secretários e assim vai agregando o pessoal. O conselho tem conseguido melhorias para o mesmo. Mas nós tivemos que pedir iluminação pública, pois as ruas eram escuras; e para isso tinha que levar a fotocópia do comprovante de moradia e entregar para o conselho do bairro para solicitar iluminação pública na prefeitura. Este conselho encaminha os pedidos para receber os postes de luz. "Don Carlitos, já estão aqui os postes, agora a sua rua está iluminada.

Cada pessoa tem esse trabalho de cobrar e questionar para receber melhorias. O bairro está crescendo pouco a pouco; como agora, que estamos pedindo que a linha de ônibus passe aqui na rua de casa, pois ela vai até duas quadras atrás no terminal, e o bairro já cresceu e está crescendo com o passar do tempo. Como o bairro cresceu, tem pessoas idosas e doentes que não podem sair de casa porque não tem acesso ao micro; por isso, estamos pedindo uma linha de micro ônibus para passar nessa rua.

Tenho algumas lembranças de bons momentos na minha vida. Quando a minha filha saiu bacharel, foi um momento muito bonito, porque eu não tive a oportunidade de estudar. Quando minha filha finalizou a sua graduação com todos os seus companheiros e professores; onde todos os pais dos estudantes estavam presentes e todos os filhos acompanhados por seus pais e suas mães, foi um momento bonito. Embora eu estivesse um pouco nervoso ao desfilar com a minha filha pela primeira vez quando ela saiu bacharel enesquecível. Foi tudo muito lindo, foi uma alegria imensa. A emoção de ver pela primeira vez uma filha bacharel e poder segurar em seu braço, acompanhando-a, foi muito agradável e depois viemos para casa compartilhar esse momento com amigos e, tiramos algumas fotos. Foi um dia muito feliz!

Depois, outra filha tornou-se bacharel, foi outro momento importante. Reunimos os amigos e companheiros para celebrar. Esse momento de formação da minha segunda filha foi muito bonito. Tivemos outro momento importante na minha família quando, depois de muitos anos de casado, resolvi casar com a minha esposa na Igreja, e foi muito bonito. Todos os meus amigos, os meus compadres, a minha família, os meus filhos; compareceram e pude tirar muitas fotos, um amigo filmou os momentos e foi um momento muito bonito. Esses são boas lembranças que guardo da minha família.

Tem uma história engraçada para contar é foi há muito tempo atrás. Andava pela redondeza desse bairro, e tinha um rapaz que vivia nas montanhas. Algumas pessoas não capinavam os seus terrenos, não limpavam a frente de sua casa. E havia um casal que se mexiam dentro do mato, nas montanhas. E até que alguém perguntou: "Quem está aí?", e a pessoa disse: "Gente.", "O quê está fazendo?", "Mais gente", falou o casal que foi questionado. No fim, o casal estava dentro do mato fazendo amor. E hoje, quando amanhece o dia ou anoitece, algumas pessoas ficam com medo de andar próximo dos matos e montanhas porque lembram da história. "Quem está aí?", "Gente.", "O que está fazendo?", "Mais gente." É uma piada que surgiu no bairro, esse conto, surgiu aqui sobre o amanhecer.

Nesse bairro há alguns lugares de diversão; uma cabana onde jogamos sinuca, às vezes vamos jogar e tomar uma cervejinha com os vizinhos. Mas a maioria dos locais são tranquilos, com muito silêncio. É quase uma região de chácara.

A minha mulher nasceu em Cochabamba e cresceu em Santa Cruz. Ela vive nessa cidade há mais de quarenta anos. Ela tem parentes em Santa Cruz; moram uma tia, uma prima, uma irmã; uma prima irmã. Ela tem seu pai, sua mãe, seus sobrinhos, todos os parentes ainda vivos.

Não tenho muitos parentes no Brasil, apenas a minha irmã Rose e um conhecido que se chama Charlin, faz tempo que não vem para cá. Ele veio esse ano, no mês de janeiro, até ficou hospedado na minha casa. A última vez que a minha irmã veio foi em janeiro e ficou até março, e até cheguei ir em Cochabamba. A minha irmã está com problemas na coluna; estava com problemas no braço, bursite. Creio que esteja melhor agora, tomando remédios para os ossos e está mais alegre.

INTELECTUAIS

4.2.2. Elisa Saldías

(Fonte: foto da autora, 2010) Elisa Saldías em seu escritório na Universidad Autónoma Gabriel René Moreno

Elisa Saldía é socióloga. Possui mestrado em descentralização e gestão pública, e está cursando doutorado no Canadá sobre cidadania e direitos humanos com populações migrantes. É diretora do Instituto de investigações da Faculdade de Humanidades e docente na Universidade Autônoma Gabriel René Moreno.

Meu nome é Elisa Saldías e sou socióloga de profissão. Tenho mestrado em descentralização e gestão pública, e estou fazendo doutorado no Canadá sobre cidadania e direitos humanos, especialmente, com populações migrantes. Trabalho no Instituto de Investigação da Faculdade de Humanidade, onde sou diretora deste instituto, e também sou docente na área de sociologia da investigação e sociologia urbana.

As primeiras famílias na Bolívia têm características diferentes; a princípio, eram grandes famílias que vieram para o setor urbano; e o número de pessoas era de quatro a seis pessoas em cidades médias, e em áreas rurais eram de mais ou menos sete, o que significa que as famílias passavam de dez a doze pessoas, isso é um primeiro elemento. Agora, em relação às formas de organização destas famílias, e tendo em vista a migração transnacional, digo que elas saem para outras cidades não somente na América Latina, como também, para a Europa; e são principalmente as relações familiares de parentesco ou de afinidade por lugar de nascimento que vão construindo as redes das pessoas que saem.

Normalmente, tem algum membro da família ou da comunidade que migra, viaja para o exterior, e muitos acreditam no paradigma que ao viajarem estão fazendo um bem, trabalham e obtêm recursos financeiros próprios e podem ser inseridos em melhores condições na sociedade ao retornarem, e isso, para muitos bolivianos é melhor do que viver na Bolívia, pois eles conseguem aumentar a renda, melhorar a educação dos filhos, conseguindo obter melhores rendas para investirem na saúde. Existem fatores que influenciam nesse processo, e as migrações são, fundamentalmente, construídas a partir do contato entre pessoas, entre familiares, e de pessoas da comunidade. Uma das características das famílias, e também imagino que no Brasil e na Argentina, outro local onde há muita migração de bolivianos; é que essas famílias e parentes recebem em sua maioria jovens.

Na investigação que nós fizemos, percebemos que geralmente migram jovens em idade de trabalhar, mulheres e homens no auge da vida reprodutiva. Aqueles que permanecem, em primeira instância, são as crianças e os avôs que ficam para reconfigurar a família, porque são os que ficam com a responsabilidade de cuidar dos netos e dos irmãos menores. Esta relação familiar gera uma rede permanente, coletiva, um fluxo migratório embasado, principalmente, na solidariedade e no apoio familiar de parentesco ou de origem étnica, e sob essas características dizem que a família perdeu contato, apesar de ser no Brasil ou na Argentina ou outros lugares. Agora, a comunicação e a troca de informação ainda perduram com relação ao lugar de origem e com a família.

Em nossas investigações, percebemos, e vários autores coincidem, que agora falamos de famílias transnacionais, especialmente porque os jovens, a população em idade economicamente ativa é a que migra, principalmente, para inserir-se no mercado laboral, supostamente em melhores condições e qualidade de emprego e trabalho digno, o que é discutido. Mas a partir da perspectiva de jovens bolivianos que migram para outros países, assumem que esses países são mais desenvolvidos e que eles vão dar melhores e maiores oportunidades tanto de trabalho, quanto de saúde; e esses são três componentes que a investigação apontou nesse processo.

Tem mulheres que são mães, e elas dizem que deixam os filhos na Bolívia por um tempo determinado e são mães de famílias transnacionais, porque se comunicam com os seus filhos por telefone e internet. E hoje há tanta facilidade para poder se comunicar, e como os psicólogos sociais dizem: são mães e não estão presentes, mas mantêm o papel de atenção, de cuidado, de seguir protegendo, de seguir orientando, por meio de uma chamada ao telefone e "como está?" Eles não negam os avôs. "O que necessita, como vai no colégio?" E aqui: "você sabe que fulano bateu naquela pessoa, eu te amo e tal, vai comprar o que preciso no meu aniversário?"

Portanto, existe uma relação apesar da distância há uma relação com a mãe que partiu, que migrou e que não deixa de cumprir os papéis familiares. Embora possa ser mãe, prima, tia, avó, vizinha, mas é a maneira real e concreta de manter relação com os seus filhos. Isto, obviamente vem mudando, tem incidido nos papéis, na reestruturação dos papéis sócias em nível familiar e em grande parte dos papéis dos jovens, principalmente, nas mães e papais e jovens que migram. É um negócio a médio prazo é tentar levar os filhos para o país que foram, porque eles acreditam que as condições em termos de qualidade de vida são melhores para seus filhos do que as oferecidas pela Bolívia. A migração é permanente, e hoje a migração interna se mantém, que é do campo para a cidade, e de cidades como La Paz, Cochabamba para Santa Cruz, e esta cidade ainda está recebendo uma migração significativa em nível de país, para países vizinhos e para a Europa.

Isso tem gerado um processo de re-acomodação, de reorganização familiar e social muito importante, mas também afeta não somente as famílias, como também, os entornos no qual se desenvolvem, e isso é visto com muita nitidez em todos os lugares, como por exemplo, em áreas de províncias onde as construções

das habitações são muito modestas, são muito básicas, e isso é bem típico de famílias que estão trabalhando, que migraram e que estão trabalhando em outras cidades, e os resultados nas melhorias das habitações é grande. Os filhos dos pais que migraram estão melhores assistidos e tem gerado uma mudança na estrutura social, na diferenciação social dessas comunidades, na população ou em pequenas cidades onde se viabiliza essas mudanças; e também, afeta a relação dos que migram e sua relação com lugar de origem se mantém: as festas nas comunidades.

Nas pequenas e nas médias cidades são pontos importantes para aqueles que emigraram e que já tem consolidado, digamos, sua atividade econômica e sua estabilidade social, pois dos lugares que essas pessoas migraram, estas pessoas voltam nas comunidades, principalmente, nas cidades pequenas com contribuições para o jogo de futebol, a pelada na escola, ou qualquer outra atividade que possam ajudar o seu povo, e isto é muito comum em toda a área rural. E na cidade de Santa Cruz, por exemplo, isso já não é tão visível, mas nas comunidades das áreas rurais e nas pequenas cidades, essa relação com a origem é bem importante.

Migraram para Europa mais mulheres do que homens, porque a cobertura para o trabalho laboral não articulava as atividades produtivas, mas é muito importante para os serviços, e para a Europa têm emigrado mais mulheres. No caso da Argentina são mulheres e homens porque estão inseridos principalmente em atividades têxtil, no trabalho de costura, o mesmo no Brasil. Portanto, a migração é tanto de mulheres e de homens, e essa é a diferença com relação a Europa, onde 600 mil pessoas migraram no últimos anos de Santa Cruz e do oriente boliviano; e nesse total 55% são mulheres, e neste caso principalmente parentes de jovens, irmãos, irmãs, mas os jovens estão entre dezoito e vinte cinco anos fundamentalmente. Então, qual é o efeito da migração, como é a migração nesse nível?

Em outro nível há um problema, não sei se é um problema, mas as mulheres têm mais dificuldade em conciliar a nova vida, digamos, ao retornarem para suas casas na Bolívia porque as relações do ato de cuidar mudaram, e se expressa mais claramente nelas do que nos homens no relacionamento, no sentimento de pertença familiar. Mas para as mães que têm um relacionamento com os filhos, o relacionamento com a unidade familiar e com todos, o que significa que o ambiente emocional da privacidade é muito importante para as mulheres e, portanto, o choque de ter que trabalhar e deixar as crianças, a família, para a mãe é muito maior do que do pai. É muito mais forte que para um homem, onde prevalece uma visão de gênero onde o homem é superior, tem melhores chances de educação e sua personalidade social está mais bem trabalhada no âmbito político, portanto, a relação ao entorno da família muda. Obviamente, é importante porque eles também têm um sentido de pertencimento e é muito mais lógico dizer que as mulheres daquele tempo tinham um sentimento de pertença, e outra, a estrutura de personalidade social no setor privado era crucial; e esta é uma diferença importante.

Outras mulheres estão sujeitas a maiores riscos no âmbito laboral, assédio sexual, violência, estupro, e o trabalho, socialmente, não é reconhecido por uma organização internacional do trabalho; porque as mulheres ganham menos que os homens, inclusive, pelo mesmo trabalho que realizam onde prevalece uma visão patriarcal de que as mulheres quando tem marido, os homens têm que manter; e isso ainda prevalece. Fora que ao cumprir a jornada de trabalho, chegam em casa e ainda tem que cumprir a jornada de trabalho doméstico. E as mulheres que estão envolvidas com atividades relacionadas à atividade doméstica no setor privado, são muito menos valorizadas do que o trabalho feito por homens, embora ambos possam ter o mesmo nível de formação e instrução, e este é outro problema; que para mim, a partir de uma perspectiva de gênero dificulta a inclusão da mulheres no mercado trabalho.

Os setores mais afetados pelo deslocamento são os setores populares porque eles têm uma perspectiva não só de garantir uma renda para a reprodução

social e econômica da família, mas estes jovens decidem mudar porque precisam garantir um futuro em termos de patrimônio, ou seja, "estou viajando para ganhar dinheiro, eu vou ter que fazer uma casa porque se eu continuar trabalhando na Bolívia, nas condições que estou, vou levar quarenta anos para conseguir a meta". Eles migram, trabalham dezesseis ou dezoito horas, não importa, pois o importante é ter recurso que permita, por exemplo, construir uma casa, gerir algum negócio ou alguma atividade. Ou seja, os aspectos de alguma maneira são econômicos, mas não somente os mais pobres necessitam garantir a alimentação básica e a reprodução social e econômica da família, como também, existe uma perspectiva de futuro em termos patrimoniais que possa permitir uma segurança e uma estabilidade econômica depois de um tempo. Por isso, estão decididos a trabalharem dezoito ou dezesseis horas nas condições mais adversas, inclusive, em seu próprio país.

Na Bolívia há pouco estudo e pouca informação sobre deslocamentos forçados. E isto pode estar relacionado ao tráfico, ou seja, com a comercialização das mulheres como objetos sexuais. Não existem dados sobre isso, as informações que temos é, digamos, não oficial, mas elas também são contraditórias, e nós sabemos que existem alguns canais, em especial com mulheres da Bolívia oriental que são bonitas, atraentes, têm um grande físico e, portanto, são o maior alvo de serem capturadas por essas redes; para serem prostitutas em atividades ilegais, porque é ilegal. Há canais, muitos canais, e nós temos alcançado, procuramos fazer um levantamento, estamos no processo para saber os lugares onde aqui em Santa Cruz de La Sierra tem pontos de referência, de concentração, para depois, levá-las, especialmente, ao Brasil, a Argentina, e não sei o porquê, ao Paraguai.

Agora, no terminal bimodal de ônibus e trem, e isso é uma observação muito mais empírica, chegam várias mulheres, especialmente jovens, com a perspectiva de inserir-se no trabalho doméstico de Santa Cruz. E assume-se nos discursos que Santa Cruz de la Sierra é uma cidade desenvolvida, de êxito; e não se advertem o que temos visto, não percebem, e isso não é só eu que digo, pessoas idosas falam isso, que as meninas chegam sozinha, em seguida, algumas pessoas convidam elas para almoçarem e oferecem um trabalho melhor, e não sabemos mais detalhes, pois existem um véu que encobre isso. Mas acho que existem espaços e lugares, e nós fazemos pesquisa para denunciar os lugares, como também, os efeitos que estão causando na juventude. Sabemos que esses temas afetam a unidade e a composição familiar, social primária. Assim, temos muito mais uma perspectiva empírica, e não temos tentado estabelecer, mas isso é uma questão que queremos desenvolver no próximo ano.

As investigações que fiz e as que participei de maneira direta são investigações referentes aos efeitos, digamos, da migração na composição familiar, na unidade familiar de grupo social primário, principalmente, em Santa Cruz, mas fiz essa pesquisa a partir de uma visão social coletiva, em termos da sociologia política, mas os estudos, e há uma pesquisa que fiz o prólogo, mas é mais qualitativa, que foi sobre as extensões de trabalho e seus efeitos na migração de Santa Cruz nas famílias que ficaram nesse departamento. É uma investigação sobre os que ficaram e os que partiram; é interessante para saber qual é o efeito nas pessoas que migraram, não para o Brasil, mas para a Europa.

Nas investigações que nós temos realizado, uma parte delas é em função dos povos indígenas, não somente por razões econômicas, como também por determinadas práticas culturais na qual se veem obrigadas, principalmente, as mulheres, a sair de seu lugar de origem, e isso, não somente os povos indígenas do oriente, como também as comunidades do norte de Potosí, lugar onde temos realizado investigações sobre como as mulheres indígenas se inserem no mercado de trabalho de Santa Cruz de la Sierra através do serviço doméstico, e depois, este é um caminho para logo irem para o setor informal na comercialização de produtos.

Por exemplo, padrões culturais ou ritos que as comunidades realizam, uma espécie de feira onde participam homens e mulheres jovens. O homem que fez o

serviço militar e é capaz de exercer a sua cidadania, e às vezes a mulher que é sua companheira, a *cholata*, diz que gosta da pessoa e a leva para morar na casa dos seus pais, onde vivem e convivem por um determinado tempo. Se a mulher for 'boa' e os familiares gostarem, casam com todos os ritos possíveis, caso contrário, a esposa é devolvida para a família donde ela saiu, a casa materna de seus pais. Mas essa jovem que foi desprezada, que retorna, como é que ela vai ser recebida pela comunidade? Socialmente ela está desprestigiada porque não é uma boa mulher e não pode ser uma boa esposa. E o que ela faz? Sai da comunidade e vai morar nas cidades, como por exemplo, em Santa Cruz, e isso é outra causa de expulsão de mulheres jovens, geralmente, indígenas, ou então, é a gravidez, ou seja, estão grávidas, não casadas e saem da comunidade e se perdem por causa da vergonha de seus pais, de sua família, e migram fundamentalmente para cidade como Santa Cruz, La Paz, Cochabamba.

E essa é uma das pesquisas que estamos realizando no momento, ou seja, esses indígenas são migrantes que chegam, são mulheres que chegam até Santa Cruz e quais são suas razões? Nós sempre dizemos que é uma questão econômica, porque eles querem, mas existem relações que são culturais, se não, e, obviamente, sabemos que nove meninas de origem indígenas chegam a Santa Cruz; nove de dez se inserem no mercado através do serviço doméstico e depois ao mercado informal. E sabemos que os padrões culturais afetam os direitos humanos universais.

Há fatores subjetivos que estão relacionados com a cosmovisão e a identidade cultural dos povos indígenas. É uma investigação mais culturalista que estamos fazendo no momento.

Acredito que o tipo de família da atualidade, a família como grupo social tem mudado, hoje não falamos mais de família nuclear, falamos de família estendida, falamos de famílias transnacionais, falamos de famílias reestruturadas, há uma série de coisas, e o que está em crise hoje é a família como instituição social; e esse paradigma da família unida, da família nuclear: papai, mamãe e filhos, onde o pai era o provedor e a mãe era abnegada e sacrificada, e os outros se ocupavam da economia familiar, do cuidado, esse tipo de família como instituição social é que está em crise e está mudando, e as relações mudaram. Também mudaram em relação aos direitos das pessoas com orientação sexual diferente da orientação heterossexual conservadora; e acredito que isso é que está em causa, e não a família como grupo social primário quando se verifica claramente a construção e reestruturação de funções nas relações de afeto, de empatia, etc. Mas essa família nuclear baseada no parentesco como função fundamentalmente da reprodução, está em crise e a migração tem visualizado e demonstrado essas mudanças, ainda que seja uma família como instituição social tradicional.

Na Bolívia, a opção sexual ainda é um tabu, mas nos nossos arredores, México, Argentina, Brasil, percebemos que a Bolívia não é isolada. E não é uma caixa de vidro, e hoje existem organizações de gays, travestis, etc, que estão na Bolívia, e já estão incorporando na constituição do Estado para proibir a discriminação baseada no sexo e na religião. Pretendem incorporar esse elemento na constituição e na política de Estado. Então, eles estão trabalhando sob diferentes formas, para que se reconheça e que respeitem, digamos, suas características e suas próprias opções; em Santa Cruz, mais que La Paz e em Cochabamba. Mas, todavia, isso é um tabu. É uma grande mudança, mas os outros elementos que nós temos no contexto estão dentro das correntes de transformação desse processo.

Eu acredito que um dos temas importantes é questão do espaço, do território, de região que a migração mexe, e isso implica também uma modificação na vida cotidiana e na construção social das pessoas. Temos visualizado que os riscos caem sobre as pessoas que migram. E quem migra? Pessoas com iniciativas, com perspectiva, jovens com algum nível de formação e que tem uma perspectiva de futuro, e isso mudou. Vários empresários de Santa Cruz dizem que não encontram mão-de-obra especializada, pedreiros, carpinteiros, porque os bons

estão na Espanha, estão por todos os lados, e acredito que essa é uma das coisas que teríamos que verificar. Temos que analisar como a migração afeta o país de diferentes formas, especialmente o jovem, a nossa força de trabalho, e como isso afeta nas ausências de suas famílias, nas comunidades, nas unidades e nas pequenas cidades.

As orientações do comportamento coletivo, por exemplo, em Cochabamba tem uma comunidade, não lembro o nome neste momento, que existe uma quantidade importante de jovens que migraram e que estão bem inseridos na Espanha; então, eles têm casas de dois pisos e etc. Em relação aos outros, tem casas que são bem simples na comunidade. Eles sempre trabalharam sob uma visão coletiva onde os habitantes de casa fazem uma atividade de limpeza, correção nas escolas, etc. E acontece agora, não somente vivem lá, porque as outras casas são muito boas, mas os donos não vivem na comunidade. Aí vem uma discussão que é: para que fazer tudo isso se os donos não estão presentes, são ausentes, e com isso, vivem uma mudança no estatuto social e na estrutura social, e acredito que esse tipo de coisa deve ser investigado.

Uma aluna de sociologia fez uma tese muito interessante nos Estados Unidos para sua graduação. Ela construiu três formas para entender a estratificação de três tipos de migrantes no processo de migração nos Estados Unidos. A primeiro momento, é de deslumbramento da cidade, do país e das riquezas, o desenvolvimento e, portanto, aí há coisas novas, são mais limpos, são mais organizados; tudo era mais. O segundo momento, era o desembarque, a adaptação, onde se sente discriminação, onde se tem os obstáculos, onde depois de tudo, o progresso visto na cidade cria outras lacunas, a começar, pela comparação subjetiva com sua personalidade social baseada na cidade de origem. E a terceira, é onde você realmente se inseriu e passou a fazer parte desse processo, mas possivelmente você pode perder a identidade pessoal. Qual é a mais complicada? A segunda etapa é complicada para as mulheres. E essa estudante investigou que fez isso no Arcanjas, e que essas mulheres que chegavam sofriam, porque essa relação subjetiva que nós temos comprovado com outras investigações que temos feito; mas, além disso, as mulheres têm menos tempo do que os homens, e aí tem uma barreira. A outra, não há unidade, porque tem menos possibilidade de praticar estudo ou profissionalização do que os homens, então, as dificuldades de inserção e de adaptação são mais complexas para as mulheres que para os homens.

A questão da separação da família e dos números de divórcios aumentam com a imigração; e isso é o que pesquisamos sobre famílias reestruturadas. E isto segue uma lógica, que é a construção social. E como sou socióloga, então, a interação social é que constrói, desenvolve relações de empatia, e outras realidades da vida cotidiana diferentes dessa relação de afeto, de amor, de empatia vai mudando. Essa pessoa que migrou passa por um processo de mudança, por um processo de urbanização que vai modificar a sua personalidade social. Uma pessoa que viveu na Espanha por três ou cinco anos ou no Brasil pode voltar para o seu lugar de origem, e não vai viver de novo como vivia com os seus parentes, porque tem uma experiência diferente e vai encontrar muitos problemas nesse nível, e possivelmente os dois ou todos mudaram.

Voltar a trabalhar nesse processo, obviamente, ocorrem separações, divórcios, mas não somente na migração. Na época da ditadura, clandestinamente ou eram exilados; depois voltaram para o país em 1982 para a Bolívia, e obviamente a quantidade de divórcios aumentou. Cuba é outro exemplo, os que estão nos Estados Unidos, parte das famílias que lá estão tem problemas muitos complicados nesse nível. Não diria que a migração contribui, e sim, que é parte desse processo, e o casamento e a construção de uma unidade, da empatia, do amor é parte do cotidiano. Mas o divórcio não é somente ocasionado pelo fator migração, às vezes, tento desmitificar por meio do meu discurso que a migração não está criando uma separação. Quando fazemos uma análise da taxa de divórcios

e a quantidade de famílias, onde um casal depois de cinco anos, resolveu migrar por razões de seus projetos de vida ou por projetos em conjunto no âmbito da vida de diferentes; e isso é um fator básico aqui em Santa Cruz.

Mas existe um fato de que a mulher deve casar para ter filhos, e isso em São Paulo já não é tão grave, mas a nossa sociedade é tradicional e Santa Cruz de la Sierra é uma das mais tradicionais. O fato de estar grávida e não ter casado; os casamentos estão voando, não importa se você se casa e depois separa; essa criança não pode nascer fora do casamento, o que é uma visão católica, e a religião por muitos fatores influencia. Você verá que nas estatísticas grande parte das pessoas que se divorciam são muito jovens, porque casaram jovens e não tinham projeto de vida, e que por razões como estas o planejamento não fez parte do planejamento da vida; e por isso, a migração é um componente a mais, um fator a mais, assim como pode ser a pobreza, pois a pobreza obriga as pessoas a se deslocarem.

Há brigas e finalmente termina a empatia e acaba a relação. O amor não é somente o amor do que estar vivo tem outros elementos, e assim, creio que a migração contribuí, mas é um fator a mais, não é o único, e há fatores internos que tem relação com fatores culturais, que tem a ver com o econômico, que tem a ver com visões políticas, sobretudo depois da ditadura, que os casais eram do mesmo partido, que lutavam juntos. Não é que eles tinham visões diferentes, opções políticas diferentes. Eu acredito que se estigmatizam muito a migração, ou seja, é um componente como outro qualquer.

4.2.3. Fabiana Chirino

Fonte³⁹:

Fabiana Chirino é psicanalista. É mestre em Educação Superior pela (Universidad de Aquino Bolivia) e outro pela Investigación em Ciências Sociais (Universidad PIEB). Participa da Associação do Campo Freudiano na Bolívia. Tem experiência docente na Universidad Autónoma Gabriel René Moreno e pelo Instituto Normal Enrique Finot. Formou parte da equipe de investigação do trabalho Malestar social y administración pública, publicado na Coleção Documentos de Trabajo do Programa de Investigación Estratégica na Bolívia PIEB. Onde tem consultório clínico.

Para o nosso grupo de estudos interessa-nos emigração transnacional, e nessa medida nós começamos a trabalhar “Homens Novos” que é uma comunidade educativa que só tem no plano de estudo três mil e em dezessete unidades educativas. Dessas unidades fizemos um estudo prévio sobre o rendimento das crianças e como a imigração afetava os pais e familiares dos alunos das unidades; e assim, obtivemos uma investigação de base que nos permitiu orientá-los. Ao longo da nossa jornada não encontramos pessoas que foram para o Brasil, porque podemos dizer que há ondas de migração na Bolívia; a primeira onda de migração ocorreu para a Argentina; uma segunda onda para os Estados Unidos; e a terceira

---

³⁹ Foto encontrada no site: <http://rimd.reduaz.mx/pagina/showdocentes?id=613> acesso em 01/10/2011.

onda para a Europa, principalmente, para os países de língua espanhola como a Espanha. Percebemos com esse estudo que a migração ocorre por redes sociais, aquele que parte e vai puxando outras pessoas com eles. Existe um interessante estudo chamado "Tu siempre jalas a los tuyos" de Peggy Levy que descreve esse processo.

Agora, nós temos entrado em contato com bases de investigação prévias e com teorias das linhas de estudo equatoriana, porque a migração mais estudada na Bolívia é a migração andina; porque é uma das primeiras migrações que ocorreram foi a do oriente boliviano; os migrantes de Santa Cruz, em grande parte vão para a Argentina, Estados Unidos, Espanha e Brasil. Depois da migração andina, ocorre uma migração interna na Bolívia para Santa Cruz, e Santa Cruz tem saltos migratórios. Então, aqui, por exemplo, em todo nosso estudo, eu entrevistei um variado número de pessoas que nunca havia emigrado para o Brasil. Então, podemos dizer que de todas as ondas migratórias, a que vai para o Brasil é uma das menores, não dá para ter certeza, pois não há muitos dados e nem muitos estudos sobre essa emigração aqui na Bolívia.

Agora, depois desse estudo, estamos fazendo uma nova investigação sobre a migração de retorno; com a delegação de pessoas que retornaram depois da crise na Europa. É sobre o retorno das mães migrantes que voltam para as suas casas e que encontram tudo mudado em seus antigos lares, onde as crianças que deixaram cresceram e tomaram o controle de suas vidas e novas crises aparecem, novos duelos são reconstruídos, que ao retornarem da Europa não estavam esperando, apesar de alguns pais não terem mudado satisfatoriamente suas posições. O que ocorre é que há mais mudança na relação entre mãe e filhos, e é isso que estamos investigando.

Agora, também estamos trabalhando com outra rede educativa, e esta tem vinte unidades em toda a cidade; ou seja, saímos do Plano Três Mil que é uma zona periférica da cidade propagada, e até o momento estamos fazendo entrevistas, grupos focais, entrevistas com professores, para perceber as mudanças e as crises dos papéis familiares em detrimento da migração feminina. Posso dizer que até o presente, não estamos encontrando pessoas que migraram para o Brasil.

Veja você, a migração é um fato significativo, porque ou toda a família migrou para Argentina, ou alguns foram para a Europa. Bom, também não há muitos dados sobre a emigração para o Brasil. O que podemos fazer é que muitos da equipe estão fazendo pesquisa nas escolas, realizando entrevistas com grupos focais, para ouvir a dinâmica das famílias que migraram.

Olhe, acredito que na próxima semana teremos grupos focais, faremos entrevistas e vamos aos colégios, e creio que seja uma via para se conseguir chegar até as famílias porque nós chegamos até as crianças por via da instituição escolar; vamos até as casas, falamos com as tias dos alunos, com as mães, e assim fazemos uma rede, porque essas pessoas passaram dificuldades e é difícil falar sobre isso, e saber porque migraram, para onde migraram para alguém que não é do lugar é difícil; e para que um pesquisador consiga entrar nas redes precisa ser apresentada e é bom ir conosco para ter como chegar nessas pessoas, creio que assim seja melhor.

Participamos de outras investigações, nessa, com mulheres que emigraram e retornaram para o laço conjugal; onde íamos para a embaixada espanhola pela manhã quando os bolivianos estavam para serem atendidos e nós os entrevistávamos. Também íamos aos aeroportos quando eles chegavam ou saíam da Bolívia. Observávamos e entrevistávamos as pessoas que saíam e a família que ficava; e como somos psicólogas, na medida em que falávamos como eles, ficavam muito comovidos e convidávamos os parentes que ficavam para ir ao nosso espaço terapêutico para falar sobre a migração, sobre a separação; e como a perda é algo que dói, então, dávamos a oportunidade deles falarem sobre isso; e montamos uma rede para falarmos sobre coisas sensíveis.

No livro que publicamos fazemos uma leitura complexa da migração, ou seja, nós incorporamos a teoria da complexidade para poder entender um fenômeno atravessado por múltiplos fatores sócio-histórico, sócio-econômico, psicológicos e também histórico pessoal, ou seja, varia as condições de como se dá a migração. Enquanto a migração latino-americana tem sido caracterizada por causas econômicas, não porque estamos vivendo em países em desenvolvimento onde há crises que nos afetam; e a Bolívia é um país que viveu várias crises econômicas em seu percurso histórico. Então, na medida em que há pólos de atração; sem trabalho, as pessoas migram, não porque começaram a viver pior, vivem como viviam sempre, e podem continuar a viverem assim; mas surgem outros pólos de atração como para se obter uma melhor perspectiva econômica e social de vida. O fator econômico é fundamental, mas ele está ligado ao avanço social, e não importa se estou indo limpar o chão em outro país, não importa se vou trabalhar e me submeter a situações de quase escravidão, mas vou juntar um capital e retornarei com outro estatuto social no meu país. E outra questão relevante é a ascensão econômica e social que consigo ao migrar. Isso é importante.

Estamos interessados, por exemplo, em entender e analisar o uso das remessas; as remessas são enviadas e as pessoas estão investindo esse dinheiro em que? Investem em bens que reforçam a segurança, como: casa, terreno, e depois em estudos para os filhos. E nós percebemos que há uma promoção ou ascensão social da criança, porque eles são os pais que não estudaram, que trabalharam toda a sua vida. Mas entendo que um dos investimentos é na educação dos filhos, então, escolas, livros, cursos no período da tarde, no período da manhã, cursos de computação e curso de inglês são os mecanismos que muitos encontraram para investir em seus filhos.

Também temos encontrado, porque nos Estados Unidos há um fenômeno adicional que é a feminização da migração, quem migra? Mulheres. Então, nessa migração invertem os papéis das mulheres dentro da família que ficou, e isso modifica o relacionamento, mexe nas relações de poder, podem perturbar a família, porque a pessoa que migra coloca, investe dinheiro na família, e com isso, atinge o status e pode fazer o que quiser. Veja, existem transformações, as mulheres migram e por vezes encontram parceiros temporários nos países receptores; o parceiro continua a sua relação, mas não se separam, pois o homem que ficou necessita do dinheiro. Então, existe uma liberdade econômica e sexual das mulheres na migração. As relações se transformam, então, nesse contexto de feminização temos encontrado que, às vezes, a migração é uma forma de sair de relações familiares conflituosas; como nunca poderiam se separar, mas agora que o meu amigo se foi, eu também vou. Migrar é uma maneira de desvincular-me da relação que não suporto, mas que tampouco quero romper, pela família, pelos filhos, e por outros fatores.

Então, a emigração também é uma saída individual para resolver os conflitos. Pensamos a emigração como algo complexo, mas não vamos considerar como fator unicausal; e sim, multicausal, são muitos fatores, e não há como coordená-los, porque não há como coordenar a vida, mas o contexto sócio-histórico coordena; e nessa relação se dá a migração. E isso mostra que o esquema não é somente a emigração e várias flechas, mas são coordenadas que cruzam, atravessam a vida de uma pessoa e que a leva a tomar a decisão de emigrar. E migram não os mais fracos, mas aqueles que têm alguma resistência à frustração, mesmo aqueles com recursos econômicos, porque você tem que ter dinheiro para comprar a passagem, você tem que ter algo para se respaldar. Então, é uma garantia, vou deixar a minha casa, emprestar dinheiro; como a emigração de classe média, porque a classe baixa não pode fazer isso, não tem dinheiro para a passagem, não pode fazer nada, nem emprestar dinheiro para a viagem.

A migração que estudamos foi a que as pessoas escolhiam a Europa como país de destino, mas temos que melhor analisar as chamadas migrações de

fronteira, porque estes podem sair com a roupa do corpo. Agora, estou pensando por cima, porque nós não estudamos a migração para o Brasil; porque existe um componente que é a língua, e isso pode ser um obstáculo. E entre a Argentina e o Brasil, muitas vezes, optam por migrar para a Argentina, ou também para o Chile; e a Bolívia também faz fronteira com o Chile. E isso é um espaço para a análise; as condições em que vão trabalhar, a questão da manufatura, a produção têxtil, no comércio, no campo. São questões gerais.

4.2.4. Julian Ibarra

(Fonte: foto da autora, 2010) Julián Ibarra na Universidade em que Leciona: Udabol.

Julian Ibarra é sociólogo político e está finalizando seu mestrado em Educação. É professor de Antropologia da Educação na Universidad Autónoma Gabriel René Moreno e na Universidad Udabol.

Meu nome é Julian Ibarra, sou sociólogo político, e atualmente faço mestrado, falta defender a minha tese em desenvolvimento educativo. Leciono Antropologia da educação na universidade estatal, Universidad Autónoma Gabriel Reina Moreno, como também leciono outras disciplinas onde trabalho, na Universidade Udabol, que é uma faculdade particular e, nela leciono metodologia científica, como também, disciplinas de sociologia geral no curso de ciências, administração de empresas; e metodologia em várias carreiras.

Quero falar do tema das etnias. Muitos falam de etnias indígenas, e creio que seja algo muito relativo. O que os espanhóis chamaram com a vida de Cristovão Colombo, porque precisamente iam em busca de exploração, porque estava em busca das índias, mas, no entanto, a história mostra que nessa época veio as contradições, as revoluções entre o que é ocidente/oriente, assim como muçulmanos e católicos, como não havia outro caminho a percorrer para chegar as Índias, Colombo então decidiu seguir pelo lado oposto.

Depois de um período de trinta e um dias, se não estiver enganado, Colombo encontrou a ilha das Antilhas no Caribe, que são hoje os países do Caribe,

onde é Cuba, Guatemala, Porto Rico, etc. Encontrou uma população, poderíamos dizer, tão desenvolvida quanto as dos europeus culturalmente; uma população onde se vivia de forma prática, e eles os chamavam de selvagens. No entanto, esse processo de coloração veio posteriormente, concordemos, com o apoio exclusivo da coroa Espanhola. Seguindo o raciocínio, Cristovão Colombo atribuiu as Índias, mas o continente foi batizado por América; precisamente ao tratar os escritos, os mapas que Américo Vespúcio tenha constituído para a América.

O processo de colonização, tanto portuguesa quanto a espanhola, são processos similares. Olhando a República da Bolívia, embora esse processo de independência fosse praticamente era independente, tivesse um desprendimento por parte da coroa espanhola. Quem lutou pela independência? Os crioulos, ou também, os indígenas? Mas aqueles que formaram um novo estado de classe; os famosos crioulos e brancos. Qual porcentagem equivale a classe branca? Crioulos 10%, outros dizem 20%, outros 10%, temos uma média de 15%. Esta classe política nunca foi capaz de integrar-se ao Estado, até pelo menos 1952. Obviamente era um Estado Republicano, era um estado de direito elegido pelas as eleições, com todo o processo, mas esta classe social, estamos falando de 1980/1985 e mais de 90 autores falam, que essa classe nunca integrou-se ao Estado; então, socialmente estavam excluídos, politicamente estavam excluídos e culturalmente estavam excluídos. Mas, no entanto, é contraditório porque eles os mantinham economicamente, e quem foi o apoio financeiro mesmo nos anos 1850-1860; os indígenas contribuíam com o Estado pagando impostos, por meio da produção, e os brancos e crioulos seguiam com as suas famosas fazendas, e de alguma forma, com a economia; até mesmo porque uma parcela ainda trabalha para eles.

Dessa forma, como eram comunidades ilhadas, e de fato, grande parte da população, mais de 60% pertenciam a um ambiente rural, viviam no campo. Qual o papel desempenhado pelos indígenas e pelos camponeses no campo? Lavrar a terra, mas havia uma participação dessas pessoas na tomada de decisões do Estado? No setor cultural? Não, de forma alguma, então, havia essa desvinculação do Estado e as classes sociais, principalmente os chamados indígenas, populações que até hoje prevalecem em grandes parcelas na Bolívia.

As nações originárias ou povos indígenas, naquele período correspondiam a 90% no surgimento da República, isso a partir de 1825. Mas estes povos, estas comunidades indígenas sempre estavam nesse processo de reivindicação social, mas os diferentes governos oligárquicos, liberais, estabeleciam políticas contraditórias com relação às demandas sociais. E penso que isso gerou um processo de conscientização, precisamente, a partir dos anos 1930.

A Bolívia tem marcos importantes, que ocasionou mudanças sociais e políticos; mas também em detrimento de guerras, um exemplo claro é a Guerra do Pacífico, onde o país perdeu a costa litorânea em detrimento de um sistema liberal de governo, mas esse sistema liberal tampouco incluiu esses setores sociais; e depois veio a Guerra do Chaco em 1932-1935, no qual os indígenas não faziam parte do Estado. Materialmente, a Bolívia necessitava de recursos humanos, soldados, contudo, o que o governo resolveu fazer? Fez uma campanha nacional, e adicionou os indígenas, que em governos anteriores foram excluídos, pois a classe política os mencionavam como inferiores, que não podiam ir aos quartéis. Numa certa comunidade, e se não estou equivocado em Chuquisaca, eles iam aos quartéis, aprendiam os ofícios e tinham os mesmos níveis de aprendizagem, mas tinham dificuldades em aprender o idioma espanhol, no entanto, eram anexados pelo Estado para irem lutarem nas guerras, em sua maioria camponês e povos indígenas do leste, do oeste, dos vales. Mas estes indígenas nem sequer sabiam manejar uma arma, não conheciam armas, não haviam relacionado esse ato nas suas participações nas guerras contra o inimigo Paraguai. No entanto, milhares de indígenas já haviam morrido em valas pelo inimigo; sei que muitos morreram devido ao calor, a sede e a fome que passaram a população em geral. E isso

circulava na parte ocidental da Bolívia; então, as pessoas vinham da parte fria do ocidente para o lado tropical quente e não suportaram o clima, não conheciam o terreno. E isso é um fato histórico, e desse acontecimento se gerou um novo pensamento. Primeiro, os indígenas tanto do ocidente, do oriente e dos vales, se questionaram, perguntando se eram os mesmos, se faziam parte do mesmo povo falando idiomas distintos; uns aimarás, outros quéchuas, guaranis, e outros. Mas, no entanto somos bolivianos e estamos lutando contra o inimigo, contra outro país. Enquanto a classe política estava lutando pelo poder, eles estavam lutando contra o inimigo. E nesse momento surge a questão da nacionalidade na Bolívia, onde já existia um processo de integração entre o ocidente (altiplano) e o oriente (vales amazônicos) Boliviano.

A nacionalidade se constituirá mediante os conflitos internos e externos. A Bolívia estava numa guerra com o Paraguai. E quem foi à guerra? Foram os indígenas, como se dizia, que nem sequer sabia disparar uma arma, mas aprenderam isso; não sabiam falar o idioma castelhano, mas aprenderam por meio da força alguns sinais, aprenderam com dificuldades e conheceram a realidade diversa. Houve um processo de integração entre o ocidente e o oriente, entre o norte e o sul. Nasce um sentimento de nacionalidade, somos bolivianos, mas somos distintos. Daí surge o tema da criação dos sindicatos dos trabalhadores, também nasce os partidos políticos de esquerda, influenciados pelos socialismos, nasce os diferentes partidos políticos, mas o processo liberal nasceu a partir da Guerra do Pacífico. E vive-se na Bolívia uma nova era de reivindicação social, de integração, de geração de mudanças, mas também, o surgimento de grupos liberais, os famosos os senhores Joche, Jamallo y Patiño, pessoas que se deram bem, de fato, milionários em nível mundial, mas quase nada acrescentaram ao Estado, e, no entanto, criaram condições em outros países, mas não na Bolívia, e continuaram a explorar matéria-prima.

Todos esses eventos têm sido gerados, sobre a Guerra do Pacífico, e a mentalidade do boliviano tem mudado, e paralelamente criaram algumas escolas indígenas em Oruro. Então, os indígenas que estavam aprendendo a ler e a escrever, obviamente estavam se dando conta de qual era a realidade na qual viviam, se anteriormente não davam educação aos indígenas, porque de alguma forma era um perigo para a classe crioula, e era um perigo para mais quem? Porque alfabetizados iam exigir seus direitos, e por outro lado, isso levaria uma retomada da suas terras, uma vez que tinham removido seus privilégios; obviamente, recuperando um processo de integração.

Mas a partir de 1952, melhor dizendo de 1932, 1933-1935, foi perdurado pela guerra, depois vem o processo de nacionalismo. Mas esse processo de nacionalismo vai consolidando-se por volta de 1952 com a revolução nacional de 1952, onde diferentes governos que haviam adentrado numa independência populista; tinham realizados algumas medidas sociais, ainda não suficiente, onde a elite crioula tinha presença. E aí surge paralelos ideológicos diferentes como o de Frank Tamayo, como de René Zabaleta, depois a tese de Pulacayo; digamos, intelectuais que descrevem a realidade, mas não somente a descrevem, como dão uma orientação até onde a Bolívia tem que ir. Mas, paralelamente, estava ajudando o contexto latino americano, para que recordemos que nesse contexto se vivia o tema do nacionalismo em quase todos os países da América Latina.

Então, desde 1952 há a consolidação; e quem toma o poder? Mineiros, sobretudo camponeses dos setores indígenas, da classe popular, da classe mestiça, que adentram nas esferas de poder e enfrentam o exército e, paralelamente, o exército também estava dividido; onde havia um setor de classe política que era conservador e o que havia por detrás; e toda as demanda dessas classes sociais e o produto disso gerava a revolução, classes como a dos garimpeiros, fazendeiros e trabalhadores. Nesse tempo eles não tinham um líder político como existe hoje em dia coma a presença de Evo Morales.

Nesse época, surgiu um novo partido que de alguma forma tinha uma ideologia nacionalista, surge como produto das contradições, e nesse tempo existia duas alternativas: o liberalismo, que estava presente no sistema capitalista; e o socialismo, que estava presente em outra esfera, não somente na Bolívia, como também em toda a América Latina onde apareceram todos os partidos socialistas, e obviamente, também estava presente na Bolívia. Os partidos de esquerda, obviamente, a sua base eleitoral estava nas classes, e se eles iam tomar o poder, a consciência iria puxar esse tipo de curso por meio dos partidos políticos, mas em 1952 não foi feita através de partidos políticos, mas desencadeado pela força.

Então, como se dizia, o partido nacionalista, que é o MNR, ainda está parado em alguns pequenos trechos, digamos, mas no entanto existia três representações em diferentes níveis do governo. Nesse ar de popularidade, o capitalismo e o socialismo surgem por intermédio do nacionalismo, e os lêem muito bem os fundadores do MNR. Dizem, nem capitalismo, nem socialismo, e além do mais, esse partido político é tomado por pequenos liberais, e os pequenos empresários, os mineiros, os campesinos, os tomam. Então, existia uma aliança de classes e de alguma forma aparece figurada a de Victo que é um líder político vai comandar esse processo.

Dentro do partido havia diferentes correntes que faziam parte do setor liberal, do setor nacionalista, da ala dos socialistas; e dentro havia os mais radicais e mais moderados, e no entanto, era uma aliança de classes. Cada setor mandava em pontos específicos no governo depois da revolução. O que os camponeses alegavam? Queriam a nacionalização das terras, a reforma agrária, e grande parte da população dessa época era campesina, vivia no campo, mas eles trabalhavam para os donos das terras, e os donos eram crioulos, para os brancos, como num sistema comunitário, onde todos as terras pertenciam ao patrão e eles tinham que pagar. E essa demanda era o pedido deles ao governo; e esses eram os que eles cobravam por terem participado da revolução, precisamente para serem proprietários das terras.

Depois da revolução que os camponeses realizaram, porque tinham armas, tomaram a parte, e também de Cochabamba, entraram nas fazendas com armas e se apropriaram das terras. Um ano depois, nesse processo, o governo havia ditado o que hoje é a reforma agrária, onde todos, por exemplo, os campesinos são proprietários de terras. O que os mineiros solicitaram? Que os trabalhadores das empresas privadas, pediam a nacionalização das minas, e se fez a nacionalização das minas. Como também pediam a revolução. Antes existia o voto universal, antes de 1952 quem poderia ser eleito? Os que tinham renda, também tinham o direito de eleger somente homens; as mulheres não podiam ser eleitas, nem tampouco o direito de eleger, nem as mulheres que tinham renda. Quem podia ir para as escolas e para universidades? Tinha que ser da classe crioula, então, frente a essa realidade, foi empregado o voto universal, onde foi estabelecida a educação gratuita, houve um processo de criação de escolas em diferentes comunidades e nos campos, sobretudo nas área rural. Obviamente, isso foi um avanço grande para integrá-los, para nacionalizá-los, para castelhanizar a população que tinha seus idiomas maternos que eram o quechua, aymara, guarani, etc... Nesse processo houve mudanças na estrutura do Estado, mesmo não cumprindo todas as expectativas, não houve um verdadeiro processo de integração, mas teve uma participação política; se bem que passou a existir a educação gratuita, mas não cobria todas as partes e classes sociais. O líder que encabeçou esse processo revolucionário é uma pessoa de classe média, não era indígena, e mais, ele não é nem socialista, nem capitalista, era nacionalista. Mas esse processo de nacionalização, assim como toda revolução traz o caos, essa trouxe escassez, trouxe crise, e a Bolívia vivia isso.

Frente a essa realidade, quem é que vai financiar a reconstrução do estado? Os Estados Unidos, e com que objetivo? Com o objetivo político. E com qual finalidade econômica? Par que o estado não caia no socialismo, como veio se tornar

Cuba. Então, era um perigo deixar estabelecer o socialismo, porque recordemos, a revolução de 1952 foi realizada na Bolívia e, posteriormente, em 1959 realizou-se em Cuba, igual a todos os países latino americanos, que também seguiram o mesmo modelo. Estabeleceram o voto universal, mas o sistema democrático perdurou até 1964, quando eclodiram as ditaduras, incluso, em toda a América Latina. E quem financiou os diferentes governos ditatoriais? Os Estados Unidos, se bem que alguns governos ditatoriais não recebiam apoios e eram pro-imperialistas ou anti-imperialistas. Mas o objetivo estava em consolidar ou manter um estado capitalista, não capitalista puro, mas um capitalismo de estado; e através da ditadura estavam mantendo isso.

A classe política que permanecia era a classe crioula, com algumas participações dos indígenas. Não houve uma verdadeira mudança nas estruturas, não, somente a normatização; obviamente foi um avanço, mas no ano de 1969 chegou na presidência Juan José Torres por meio de um golpe de estado, anti-imperialista. Isso deu liberdade de organização e os partidos de esquerda, os mineiros, os camponeses e outros setores estabeleceram, o que viria a ser a assembléia popular; e nessa assembléia, o que falavam? Discutia-se políticas de estado e dentro dessas políticas de estado uma decisão que haviam tomado, é que o governo tinha que dar armas para fazer a revolução, entretanto, o governo negou a fazer isso.

Com não aceitaram essa decisão, os setores fizeram um conflito que paralelamente veio até o golpe de estado de Hugo Banzer, financiado pelos Estados Unidos; e dentro dessa figura entra o que é o Pinochet na Argentina, no Brasil, no Paraguai e em todo esse sistema. Não recordo, nesse momento, se foi a Escola Condor, etc. Repito, os Estados Unidos optou por esse sistema? Precisamente para esses países não caírem no socialismo, e nos anos 1980, 1985, o sistema ditatorial já era insustentável. Como todo sistema tem um fim, esse sistema das ditaduras acabou, e há uma redemocratização do governo. E quem iria ajudar a estabelecer a democracia? Tivemos a ajuda dos Estados Unidos, mas houve reivindicações, lutas constantes de facções de partidos de esquerda, como o MIGRAN que nessa época era a UDP, que lutavam para conquistar a democracia; mas na década de 1980 a Bolívia vivia uma crise, uma das piores, provavelmente uma das piores em nível mundial, a hiper inflação, desemprego em massa.

Em 1952 estabeleceu-se um estado nacionalista onde as empresas estratégicas, inclusive alguns serviços que eram administrados pelo estado, mas até os anos 1980 e o que aconteceu nessa década com as empresas? Os partidos políticos que estavam a função do governo, apoderaram-se dessas empresas com os seus próprios fins, oprimindo as empresas, não estabelecendo parâmetros para a reposição da tecnologia, onde não era a favor ou não detinha renda, não tinha Superávit, e obviamente isso levou a uma crise, e mais, como uma empresa pública o fim é a coletividade, enquanto que a propriedade privada gera o lucro, embora haja uma boa renda, e de fato teve o seu boom, principalmente, a mineração na Bolívia na década de 1970. Os partidos políticos, praticamente como as empresas nacionais que tem a sua finalidade e, na verdade, se eu estou na base do governo, que é a lógica da administração pública, portanto, eu tenho que colocar essa empresa no estado, tenho que colocar o meu povo no estado, assim como os outros trabalhadores, não importa se é temporária, importa que seja para o trabalho. Isso, de alguma forma, possibilitou a criação de empregos, a burocratização das empresas estatais, chegou a um fim.

Nenhum produto da Bolívia era competitivo, mas, provavelmente, porque diferentes governos agiam de acordo com os seus fins e não colocaram um pessoal adequado, não houve esse processo de institucionalização, e as empresas quebraram. E paralelamente a isso veio o narcotráfico. O que se deveria fazer nesse instante? Não havia alternativas, e o sistema nacionalista de estado havia chegado ao seu fim, e tiveram que tomar uma decisão, mas uma decisão fria, porque eles tinham tentado; a UDP com Hernán Siles, mas entre anos tiveram que

cortar custos, veio a renúncia e novas eleições foram realizadas, no qual foi vencida por Victor, que tinha nacionalizado em 1985, e ele mesmo mudou o questão nacionalista para um sistema liberal, através de um decreto e, de alguma forma tinha uma participação dos sindicatos; e os mineiros, obviamente, ficaram reduzidos, politicamente foram derrotados. Mas esse processo de nacionalização e reivindicações sociais resultou numa pequena integração social

A partir de 1982 veio o sistema liberal, se bem, paralisou a super-inflação, estabilizou a economia do país, mas sob um custo muito elevado, despediram milhares de mineiros da parte ocidental para salvar a Bolívia. Para onde foram esses mineiros? Alguns foram para o Alto e muitos outros migraram para o oriente boliviano, migrações planejadas e outras não; para onde foram os outros? Foram para Chapare, plantar coca; outros para San Julian, Yapacani; para o norte integrado, como Pando. Poucas pessoas tinham uma formação ideológica de sindicalismo, mas tinham uma tendência marxista, e o que é que precisamente nasce, o Decreto 21060, e Evo Morales surge como consequência desse decreto, porque os mineiros cresceram com a coca de Chapare. Nessa época, aparentemente Evo Morales era jovem, mas tinha habilidades e participava de atividades. Em alguns sindicatos participava como líder, e posteriormente se consolidou, mas era um governo liberal, não como o MNR. Todos administravam o poder com a mesma lógica.

Chegando as situações atuais... As políticas públicas são diferentes da do governo, serão para estabilizar a economia num sistema liberal, e também fará parte da luta contra o tráfico de drogas; dentro dessa discussão está a o tema da erradicação da folha de coca. Há um precedente com a lei 1008, através de diferentes governos como o MIR, como o González Sánchez Lozada, seu primeiro mandato que deu um avanço grande no governo de Hugo Banzer Suárez; então era uma luta constante.

No entanto, os produtores da folha de coca resistem, e porque resistem? Porque nenhum outro produto é tão rentável quanto a coca, rende o triplo, do que produzir milho, produzir palmito, e além disso não existe muito investimento, não precisam de muita manutenção para dá uma boa produção e renda, tendo colheita três vezes ao ano.

Esse processo de erradicação da folha de coca, de formas de vida, faz com que o presidente lide constantemente com os bloqueios, as marchas que realizam, os movimentos cocaleros. Paralelamente surgiram outras reivindicações em 1992, como as reivindicações dos indígenas do oriente, onde não eram reconhecidos na constituição, reivindicavam terra, território, porque queriam recuperar as terras pertencentes aos seus ancestrais. Queria o reconhecimento de suas terras como as de TCOs, que são terras comunitárias que foram invalidadas por diferentes concessões, dos diferentes governos empresariais, os que exploram madeira; mas não era somente luta, eram lutas e reivindicações culturais, onde os indígenas do oriente marcaram por meio do rito de 1992 com a Marcha até La Paz; indígenas que chegaram a La Paz e encontraram outros indígenas do ocidente, para um novo encontro, um encontro de indígenas de diferentes etnias: Aymaras, Quechuas, Guaranis, Mojeños, e que repercutiu em nível mundial, mas paralelamente surgiram os partidos indígenas da Bolívia, como o partido Tupac Katari. Também o partido de Diego Cárdenas.

Esses partidos, de alguma forma, buscaram o poder por meio de uma identidade cultural que é um tema indígena. No entanto, Victor Hugo Cárdenas chega a vice-presidência com o convênio com o MNR, como também surgem, nessa época outros partidos políticos como o CCS. Havia problemas no governo até os anos noventa... E a partir de 1985 até 2005 eram legais estabelecidos na constituição. Jaime Paz se elegeu com 17%, Gonzalo Sánchez Lozada, se não estou equivocado, com 36-37%, Banzer com 32%, Victor Perez, creio com 20%, Gonzalo Sánchez em 2002 com 21%; e o que significa isso? Significa que somente 20% da população votava, e os 80% da população? Então, isso era um erro, cometido

fundamentalmente, pelas elites políticas. Apesar de eles terem levado o programa de governo adiante, a função da quantidade representativa não era a maioria, não existia o segundo turno. Conclusão, os indígenas, com todo esse processo, houve uma verdadeira inclusão política. Primeiro, a falta de inclusão, poderíamos dizer que tem diferentes cenários, diferentes âmbitos. Politicamente, temos feito uma narrativa histórica, mas a exclusão ou a falta de integração não só política mas também cultural e de raça foi permanente. Culturalmente ou psicologicamente o crioulo, o espanhol quando veio da Espanha não tinha como meta o processo de integração, eram muitos poucos espanhóis que se casaram com indígenas, praticamente era proibido, mas existem indígenas que tem sobrenomes espanhóis. A criolização foi estabelecida através da violência, onde o patrão tinha o direito de abusar da mulheres indígenas, e isso é um claro exemplo.

Eu nasci em Potosí e a minha avó que até hoje é viva e veio de povos originários, mas eu não denomino indígenas, os chamo de originários, que é o nome do lugar donde eles vinham e que existia os sistemas de fazendas. A minha avó nunca teve pai, ele era espanhol, era o patrão, mas a minha avó foi criada pela sua mãe que era indígena. O patrão lhe deu um sobrenome, e também davam certa quantidade de terra, mas os filhos, filhas dos espanhóis, alguns eram identificados como crioulos. Alguns não ficavam ao entorno da família indígena, então, não havia esse processo de integração cultural, psicologicamente eles não aceitavam, até hoje em dia não tem um processo de aceitação, porque não vai existir um branco para casar com indígenas, por mais que seja bonita. É muito difícil ver isso, e em outros países talvez não seja assim, tipo, no Brasil é normal, mas aqui há esse distanciamento de raça.

Na Bolívia o racismo é radical. Então, culturalmente, como lhe dizia, existe muitos autores que estabelecem que a Bolívia é racista. Se é racista, não aceita outra raça que não seja a sua. Então, necessariamente, tem que existir outros processos de integração entre *cambas* e *collas*, indígenas, brancos, negros, mas tem que ser por uma mudança na mentalidade, pela educação, algo que estamos distantes de um processo de integração social.

Outro elemento que também faz parte é a diversidade geográfica da Bolívia. Hoje, existe uma nova constituição na Bolívia que tem estabelecido que existe 36 nacionalidades; e o que significa isso? 36 línguas, 36 culturas provavelmente distintas, que tem a sua história. Alguns têm materializado a sua história e outros não, e porque não se perguntam por que essas culturas ficaram intactas. E hoje há culturas que são intactas com seus sistemas de produção, em seus sistemas políticos. Alguns avançaram, mas existe em diferentes partes, em diferentes regiões do país uma diversidade. O estado nunca os integrou nessas culturas nessa nacionalidade, e portanto, ficaram com os seu sistema, mas tampouco houve uma educação adequada para lidar com a diferença, então, se não receberam educação, obviamente é muito difícil que vão poder integrar os agentes de socialização, de integração também são encarregados pelos meios de comunicação, e a comunicação não chega a essas comunidades indígenas. Hoje, chaga-se a rádio, mas as comunidades não têm TVs, e eles vivem em seu mundo, com os seus costumes, com tudo. Seu sistema de produção é somente de subsistência e não costuma gerar excedentes. Existe cerca de 36 nacionalidades, mas a Bolívia tem três macro regiões: a andina, o altiplano andino, os vales, que faz parte da Amazônia. Na região andina há culturas muito desenvolvidas, como a cultura Aymara, a cultura Quéchua, que é difícil distribuir; mas também existem outras culturas nos vales, mas com um certo grau de desenvolvimento. Existem afinidade de culturas na parte Amazônica de Santa Cruz de Nijato; mas essas culturas, por grande parte dos espanhóis terem encontra com pouco desenvolvimento, por alguns viverem num período que eles atribuíam como 'selvagens'. 'Selvagens do oriente' não haviam estabelecido grandes cidades, nada, praticamente haviam vivido da colheita, da pesca e da agricultura. Esta era uma cultura de minorias, a população de Santa Cruz da parte oriental. Na parte dos vales podemos dizer que é

meio a meio; na parte ocidental: La Paz, Oruru e Potosí a maioria da população é originária; porque aqui já tinham desenvolvidos grandes culturas como a Aymara e o Quéchuá, algumas anteriores ao Império Incaico.

Existia uma população indígena que era originária e os crioulos que eram 'donos' do estado Republicano. Eles detinham o poder e, de fato, detinham o controle das minas, mas foram os povos originários que detinham o saber agrícola e não os integraram, e mais, esta classe social da elite que detinha o poder político-social e econômico não permitiu a migração de povos estrangeiros, e mantiveram a mesma estrutura familiar crioula; enquanto que nos vales, de alguma forma houve um processo de integração porque não tinham culturas originárias tão desenvolvidas. As culturas originárias da parte ocidental sempre foi muito mais forte, por que? Por que sua cultura está muito desenvolvida, bastante avançada, entre os vales e o oriente. E no oriente são muito poucas culturas, e essas culturas, as vezes, adaptam-se muito mais, e são poucas em toda a realidade da população; a população que gravita em Santa Cruz, La Paz, Cochabamba. E qual é a composição da população cruceña? É uma mistura de estrangeiros, de bolivianos de outros departamentos, de indígenas, de mestiços, e uma mescla de crioulos, de espanhóis.

Então, como o poder econômico-político não está aqui, bem, vamos dar liberdade para os estrangeiros que querem ir para o leste, e ir morar lá, mas estamos aqui com o nosso poder econômico e político, porque a economia do país, pelo menos até cerca de 10, 20 anos, e é até hoje continua a ser um mineiro. Em seguida, a classe política, sempre foi protegida. Era algo muito fechado, não era permitida a migração, depois com a República do Estado boliviano, não houve migração em massa, como aconteceu no Brasil, como ocorreu na Argentina, após a criação das repúblicas.

Nesse processo de integração houve um avanço significativo, mas foi produto de uma nova dimensão de um espaços sociais que seria mestiços, porque no ocidente ou por vontade nasceu classes sociais que é uma mescla entre os indígenas e os crioulos, e mais, atualmente existe uma amplitude com os sistema de educação. Muitos indígenas já estão em processo de integração, exemplificando, nos anos 1950 nos campo, e até os anos 1990 mantinham o mesmo sistemas; e eu poderia ter ficado no mesmo lugar, mas houve, de alguma forma uma abertura do sistema educacional, tornou-se gratuito, e deu a possibilidade, de muitos, graças a forças empregadas para a integração, possibilitasse um estado mais inclusivo, e hoje isso faz parte desse processo de construção de um estado plurinacional da Bolívia.

Hoje em dia existe a conformação de diferentes etnias, de diferentes culturas. Agora, esse processo está sendo levado por meio de reivindicações culturais, sobretudo, as reivindicações sociais e de reconhecimento político mediante leis... Mas provavelmente esse processo de integração de um estado plurinacional levará uns 20 a 50 anos para que se veja os resultados, para se ter uma Bolívia inclusiva; mas de alguma forma existe alguns autores que estabelecem que o tema da diversidade geográfica, as vezes, é vantajoso e desvantajoso e de alguma forma, aparentemente, temos que saber aproveitar a diversidade que temos, a diversidade cultural, a diversidade geográfica, e acredito que para alguns é desvantajoso porque não há uma comunicação adequada entre as rodovias, e precisamos de estradas, precisamos de mídia, falta um relacionamento entre as culturas, talvez falte até uma identidade nacional ainda. Caso você perguntar no Brasil para um boliviano, de onde você é? Ele vai dizer que é de Cochabamba, vai dizer que é paceño, vai dizer que Potoseño ou cruseño. Não existe uma valorização, não existe uma identidade de construção nacional. E de fato, se observarmos a Bolívia, os indígenas tem a sua bandeira, respeitam a bandeira nacional, mas a sua bandeira é um símbolo é a Wipala, talvez seja algo que não apareça, não ocorra no Brasil ou em outros Estados. Lá todos são orgulhosos, são brasileiros, não acredito que haja tanto regionalismo.

Aqui, não estamos falando de uma só região, cada região tem a sua própria identidade. E aí fica um vazio o tema nacionalidade, não existe uma identidade, porque no na Argentina, o argentino é orgulhoso de ser argentino, aqui não, só os símbolos nos unem, a bandeira, nos unimos quando seleção joga futebol, nós todos aplaudimos, mas cada departamento é distinto; o único lugar onde existe um processo unificação é em Santa Cruz. Existe racismo, tem regionalismo, no entanto, de alguma forma tem uma aceitação, existe uma integração, uma construção de uma nova cultura; aqui não prevalece a cultura camba, nem nenhuma cultura originária, na parte ocidental sim, por que? Porque Santa Cruz é produto da migração de diferentes nacionalidades, a forma de pensar daqui é distinta, é muito mais diversificada, nos outros departamentos não, não existe esse verdadeiro processo de integração, de identidade nacional.

Um exemplo claro é os Estados Unidos que é um estado federal, cada estado tem as suas próprias leis, mas eles tem uma identidade que os unifica que é ser americano; mas aqui não, nos falta cumprir essa identidade. Se você for conhecer povo a povo, inclusive, o acento na fala, na forma de atuar, até na questão física somos distintos, nas formas de vestir somos distintos. Sempre vou em diferentes lugares, e o acento do paceño é distinto do cochabambino, do potosino, do cruseño, do de Chuquisaca, do de Tarija. Cada um é distinto do outro, como dentro das comunidades, como com os campesinos também. Um claro exemplo são as mulheres, em La Paz as *chollas* paceñas tem seu estilo de vestimenta, tem a sua pollera, o que fica facilita a identificação dos povos. A mulher de Potosí tem outro estilo, as de Chuquisaca tem outro estilo, as de Cochabamba tem outro estilo. Então, posso dizer que são culturas distintas, e que é bonito ver isso, no entanto, também traz problemas, digamos que estejamos num processo de construir uma nacionalidade forte, um estado forte, provavelmente como alguns autores dizem, que a Bolívia vai se desintegrar. O certo é que estamos nessa parte, agora não, vemos isso somente como uma introdução acerca de como a história vai se construindo.

Com relação a migração de bolivianos, o primeiro país onde há um número representativo é a Argentina, cogita-se que morem mais de um milhão de bolivianos nesse país; mas quem migra para esse país? Sobretudo os potosinos, os chuquisaqueños, os tarijeños, e também o paceños; agora muito poucas pessoas do oriente boliviano. Agora, quem vai para o Brasil? Geralmente o pessoal da periferia de La Paz, El Alto e Oruro, para trabalhar no setor de costura. Para o Brasil, em geral, vai gente de todo o oriente, de Santa Cruz, Beni, Pando, por serem regiões de fronteira, e também de La Paz, Cochabamba, mas sobretudo de Santa Cruz. E Por que migram? Porque existe possibilidades de trabalho nesse país. Vamos supor que eles ganhem em moeda local, em real, aqui a moeda é boliviano. Vamos supor que ganhem 10 reais ao dia, e esse real aqui na Bolívia se converte em 40 bolivianos ou 80 bolivianos. Então, o que faz o boliviano? Lá tem trabalho, se bem, que para o país é pouco, mas o que fazem os bolivianos, eles poupam, gastam somente com a comida; esse dinheirinho que é pouco no Brasil aqui se multiplica, é a mesma coisa na Argentina.

A Argentina nesse tempo o peso era equivalente ao dólar; então como o um dólar aqui equivalia a 7 bolivianos. Vamos supor que ganho 10 pesos, quando envio ou trago para a Bolívia vira 70 bolivianos; de alguma forma existe um desnível econômico grande. A vida na Bolívia é barata, a mão-de-obra é barata, mas a mão-de-obra de outro país é mais cara, podemos dizer que é mais certificada porque são considerados bons trabalhadores, e acredita-se que são mais honestos; e isso é o outra coisa, muita gente vai por tempo determinado ganhar alguns pesos e vem gastar aqui, vão e vem, são trabalhadores temporários; mas alguns vão com famílias inteiras buscar oportunidades em outros países.

Um claro exemplo é a Argentina onde fiquei um ano trabalhando, nessa mesma lógica. Um exemplo, e porque eu fui? Por que se aqui na Bolívia eu vou

trabalhar numa empresa e sei que vou ganhar pouco, e trabalhando em um ano não vou ganhar quase nada, agora se vou para o Brasil ou Argentina em um ano posso trazer uma renda, supondo uns 2.000,00 pesos, apesar de saber que irei trabalhar duro e sei que irão me explorar, etc...

Mas o melhor é economizar para se ter mais dinheiro; essa é lógica dos bolivianos, porque aqui os salários são baixos e o governo também não oferece oportunidades. Enquanto que as pessoas que vão com toda a família, em poucos anos conseguem juntar dinheiro. Um exemplo é que 25% ou 30% da produção de hortifruti, legumes, em Buenos Aires é produzida por bolivianos; e o que significa isso? Esse campesino que vivia no campo, que migrou e trabalha nas fazendas ou nas empresas, pouco a pouco foi acumulando e comprando a sua terra até converter-se em proprietário, e existe muitos casos de pessoas que tiveram essa oportunidade, e o governo não ajudou nessa parte. A parte de criação de novas empresas, não há incentivos; no entanto, a Bolívia é um país que inovou por suas próprias necessidades, não parou de gerar utilidades, e esse é outro fator. Essa é a parte da migração; mas os bolivianos sabem que vão sofrer lá.

Acredito que os fatores é a necessidade de conseguir melhores recursos para a família ou buscar melhores alternativas nessas regiões. Provavelmente, um dos fatores de migração forçada seria o que existe hoje em dia; há quase dois anos após o fato que ocorreu em Pando; são pessoas que saíram do estado, exilados, e foram para o Brasil; isso foi com relação aos líderes que de alguma forma se estivessem lá estariam sendo acusados pelos atos que ocorrem em Pando; onde houve um confronto entre camponeses e a população da cidade; e isso está estritamente relacionado à política tradicional de alimentação. Assim, eles seguem; a migração acontece, mas não é contabilizada porque as pessoas entram e sai do país, muitas vezes ilegalmente, mas para obter algum recurso ou para encontrar algumas alternativas, sobretudo, econômica.

Em geral, são poucas pessoas que migram com toda sua família, ou vai o pai e fica a mãe com os seus filhos. Alguns voltam, outros não voltam... Tem pessoas que encontram muito mais oportunidade, podem enviar remessas, podem enviar dinheiro para os seus filhos. Mas de alguma forma já existe uma ruptura entre a relação de pai e filhos, marido e mulher, e muitos desses casamentos acabem em divórcio, em rupturas, em desagregação familiar e o produto disso aqui, digamos, nas famílias daqui, de fato pode ocasionar o envolvimento desses filhos na delinquência. O que acontece? Quando o pai vai para a Espanha ou para o Brasil; a mãe tem outras preocupações, outras prioridades e descuida do filho, da filha, e o pior é quando estão na adolescência, descuidam e por causa das influências da amizade, disso tudo, o adolescente cai em vício; e porque cai? Por que não há uma relação, porque falta alguém que oriente e coloque ordem na família, porque é necessário de diretrizes.

Em termos gerais, quem estabelece as regras são os pais, então, repito, e quando partem; obviamente há um efeito que é a desintegração da família; e a vinculação dos jovens no vício; e aqui só conhecemos as informações que chegam por meio dos meios de comunicação; que quando os seus pais vão para a Espanha, que a filha de alguém se meteu nisso, que o filho de alguém se meteu naquilo. Tem uma liberdade maior do filho; não existe um controle rigoroso quando os pais partem e deixam os filhos com as avós, com tios. E qual é o resultado: as violações das crianças, das mulheres. Tem vários casos que conheço que caí nessa problemática porque existe uma desintegração familiar, porque nessa parte a sociedade boliviana tem uma concepção muito tradicional, e em outros países não consideram tanto assim. A família se reduz, provavelmente no filho e no pai; e a concepção de família na Bolívia é ampla, são os avós, os tios, todos os familiares da esposa, do esposo; poderíamos dizer que a concepção é ampliada e conservadora. Uma pessoa que se desintegre, obviamente, afeta diretamente, emocionalmente as outras partes, inclusive, economicamente.

O que fiz, com essa entrevista, foi um apanhado geral, falando dos aspectos gerais acerca da migração, também, sobre a questão indígena, que é um tema que passa pela questão da integração da sociedade boliviana, do reconhecimento da cultura, das línguas e pela construção de um estado. Pretende-se nesse processo de mudança chegar a isso, mas o governo carece de políticas de estado; em geral está levando como uma política de governo, não como uma política de estado, e mais, de alguma forma trata de consolidar o poder político, um poder hegemônico, um poder com uma só visão, e não como uma visão ampla de todo o setor, de tudo que é a sociedade boliviana. É onde provavelmente, a cultura vai ter problemas porque não está integrando as diferenças como tem que ser.

Outro exemplo está na parte de produção da economia, e pergunto, será que a economia dos indígenas realmente está melhorando? Será que estão criando formas de manutenção da economia, pequenas empresas ou sistemas de produção? Está mudando? Esses fatores tampouco existem, mas são reivindicações sociais, um exemplo claro na Bolívia é sobre a industrialização, será que houve realmente um processo de industrialização? Não. A famosa nacionalização; e o maior acionista da empresa aqui é o Estado, que por sua vez tem os seus parceiros; e que ditam as suas regras. E se uma empresa estrangeira não puder garantir o seu investimento, não investem, e aí vem a falta de investimento econômico na Bolívia.

O problema, para superarmos a pobreza é sobre a questão dos modos de produção, e como dizer, se nesse país existe matéria-prima qualificada e barata, mas o que é feito com isso, se compramos até os brinquedos chineses, artefatos chineses. Mas ainda assim, o governo está lutando para nacionalizar as empresas francesas e outras que têm aqui. O sistema de produção não mudou em nada, continua o mesmo, então, nós não produzimos bens e serviços com valor agregado. Vamos seguir tal como estamos? Por que o Brasil, a Argentina produzem bens e serviços, e grande parte de sua produção é nacional, e aqui não. Se formos aos mercados da Bolívia ou perguntar aos filhos quais são as indústrias nacionais que existem no mercado, ele não saberá porque a maioria são de produtos estrangeiros. E são coisas simples que nós mesmos poderíamos estar produzindo, e não há essa inovação e incentivo. E aqui a classe empresarial e a classe política ficam se debatendo em conflitos políticos, e continua as reivindicações sociais e as exclusões, etc.

Falta um verdadeiro projeto de construir uma nação e estamos longe disso na Bolívia, e o que vai acontecer? Não sabemos, talvez mudanças substanciais, mas tem que existir um verdadeiro projeto, tem que existir um curso real, que contribua para a Bolívia, que não tenha sido copiado, pois não podemos continuar a viver nesse contexto, porque podemos viver bem.. Aplicamos o socialismo, sim, mas o socialismo morreu; e vivemos num sistema capitalista; o socialismo já é uma utopia que fracassou.

Então, a sociedade boliviana, os políticos atuais da Bolívia ainda seguem pensando nessa lógica. Grande parte dos trabalhadores na Bolívia pensam ainda nos moldes do sistema socialista, mas não há um modelo de Estado até onde estamos. Hoje, estamos em Estado muito mais próximo do nacionalismo, mas com vistas ao socialismo, nem sequer chegamos ao socialismo, só o temos como horizonte. Provavelmente no Brasil ou no Chile pode entrar um governo de direita ou de esquerda, mas os pilares fundamentais do Estado não muda, o governo mudo, mas ele não muda.

Nos Estados Unidos o sistema econômico e político não muda, há alguns encaixes, mas não muda, pois tem um modelo de Estado e nós não. Somos tão distintos, tão diferentes nas formas de pensamento, de ideologia, de regimes e não temos um projeto nacional, algo que pudesse confluir num verdadeiro Estado, e no entanto, temos matéria-prima, temos recursos humanos, mas não são suficientemente capacitados; mas temos. Provavelmente nos falta a parte de

capital, mas podemos conseguir com uma vontade política, com projetos que tenham isso como horizonte.

Nasci em Potosí e sou filho de camponeses, na zona rural, acredito que ficava a uns 50 quilômetros da cidade, que tem o seu modelo, a sua cultura, tem a sua forma de organização na comunidade. Fica na parte ocidental da Bolívia, com questões geográficas, questões culturais específicas, até porque a parte da geografia da cidade ajuda muito. Meus pais migraram em 1989 ou 1990, eu tinha 5 anos, e viemos para a parte oriental ao lado de Ignacio de Velazco, próximo do Brasil. Fui criado próximo dessa comunidade, não tinha oportunidade de estudar e tive que migrar para Montero que ficava a uns 50 quilômetros. Estudava e trabalhava, saí bacharel, e ao me formar fui para Argentina porque tinha a possibilidade de continuar os estudos. Queria muito cursar uma Universidade, mas não tinha possibilidade porque nesse tempo os custos para ingressar eram altos, se bem que na Estadual San Gabriel eram mais baixos, mas ainda eram caros, necessitava de dinheiro. E o que fiz? Passei um ano trabalhando na Argentina, durante todo o ano de 1999, com vontade de ingressar na Universidade. Trabalhei todo o ano e retornei para fazer o exame, realizar as provas para ingressar na Universidade, ingressei e comecei a estudar, trabalhando de dia e estudando à noite. Dessa forma, conclui em 5 anos, mas não dava para retirar o título porque os custos econômicos eram altos. Tive que esperar, juntar recursos, no valor de 1, 500,00 dólares para retirar o título.

Quando era estudante, me ofereci a ajudar na aulas, ser auxiliar da docência de estatística. E acredito que aprendi muito com o tema da docência, gostava de ensinar, e alguns estudantes me pagavam para ensinar. Quando estava terminando já auxiliava no PAB, aqui chamam de cursos preparatórios para ingressar na Universidade, dava aulas nesse projeto. Quando consegui o meu título fui convidado para ingressar na Universidade de San Gabriel para lecionar Ciências Sociais na Educação, e paralelamente a isso, depois de um semestre, tive a oportunidade de ingressar com uma matéria no curso de mestrado, depois outra disciplina. Logo após, a minha colega Nadir, chamou-me para lecionar, o que seria a disciplina de filosofia, um grande desafio. Aceitei, tive que estudar muito, mas teve seus frutos e posteriormente, nesse mesmo curso, dei outra disciplina para outro curso. Hoje, tenho 9 turmas; de metodologia, sociologia e filosofia; isso juntando as aulas no Estado como professor enterino, onde vou às províncias ministrar aulas. E isso é outro processo bastante difícil, porque é um longo processo que você tem que cumpri para ingressar na Universidade Estadual para ser docente; porque como não tenho influências de familiares, nem de padrinhos dentro da Universidade, o que tenho que fazer? Tentar ingressar pelos meus próprios métodos.

4.2.5. Maria

Seu pseudônimo é Maria. É ativista político e luta em prol de melhorias nas vidas das populações carentes no departamento de Santa Cruz.

Na Bolívia existem três fenômenos importantes: o primeiro é a migração interna, que é a maior; o segundo é a migração boliviana para o exterior e o terceiro é a presença do estrangeiro na Bolívia. São três tipos de migração, muito fortes que temos, principalmente, no Departamento de Santa Cruz. Esta Cidade recebe da migração interna, ou seja, de todos dos departamentos da Bolívia, anualmente, segundo o senso de 2002, 80 mil pessoas. Podemos incluir nesse movimento, as cidades mais desenvolvidas e cidades de fronteiras; uma vez que temos duas fronteiras fortes: a fronteira de Cáceres, divisa com Mato Grosso; e a fronteira de Corumbá, divisa com Mato Grosso do Sul, ambos estados Brasileiros.

A migração interna é móvel porque o trânsito de mercadoria é intenso, tanto com os estados internos, quanto com as cidades de fronteiras com o Brasil, Chile, Argentina, Colômbia, visto que em alguns deles possuem mercados livres, zonas francas. E nisso, há um intercâmbio forte, tanto de trabalhadores quanto de produtos. A Bolívia vê Santa Cruz como o Estado da esperança. Deste modo, esta cidade não tem estrutura para oferecer os serviços básicos necessários para uma população.

O segundo ponto importante é a migração de bolivianos para o exterior, e um fator interessante, é quando vamos ao Serviço Nacional de Migração; que perguntamos quais são as principais vias de saída do boliviano é o departamento de Santa Cruz. Só que nos damos conta de que não é uma verdade, pois os cruseños, já vieram de uma primeira migração. Existe uma parcela grande de cruceños que estão no exterior, mas se nos aproximarmos dos dados, o Estado que mais expulsa, no bom sentido da palavra, é Cochabamba, e, Santa Cruz na segunda alternativa. E há estatísticas que Santa Cruz está em terceiro lugar.

Percebendo-se, assim, que existe um movimento dentro do território nacional, e este, repercute os dados oficiais que por sua vez não engloba todo o movimento. Um fator visível é que o maior aeroporto internacional existente na Bolívia fica em Santa Cruz; e muitas pessoas são direcionadas a passar por esta cidade, para depois seguirem suas rotas pessoais; e nem todas as pessoas são de Santa Cruz.

Irei mostrar um mapa para dizer como é a proporção do movimento dentro da Bolívia até 2002. Outro elemento que considero importante, é que nós, ativistas, vemos que a migração é um direito da pessoa; sendo assim, ela é positiva porque junto à migração vai o desenvolvimento, a interculturalidade, o respeito, o crescimento, a abertura do horizonte, de novas visões que o sujeito irá construir para si. Então, acredito que seja forte e positivo. Não vejo a migração como um fator negativo, claro, ela trás em si, algumas coisas negativas que são próprias do movimento. Tipo, se em Santa Cruz a migração fosse mais ordenada e os recursos fossem mais equitativos teríamos, quiçá, uma qualidade de vida da população um pouco melhor.

A cidade de Santa Cruz de La Sierra é dividida por anéis, anillos circulares; e percebemos que até o quarto ou quinto anillo, as pessoas têm certa qualidade de vida, possuindo serviços básicos; nem todos os serviços que mereceriam, mas tem. Se formos ver a questão do saneamento básico: abastecimento de água, esgoto, asfalto; visualizaremos que existe até o quarto anillo; deste anel em diante só tem

nas radiais. Nesse sentido, a população está totalmente desassistida. Vejamos a questão da água e da luz; existe, mas é aquela situação, as águas servidas saem na rua, e não tem esgoto. E a qualidade de vida perde muito, porque o asfalto, para mim, não digo que é a parte básica, mas é um elemento importante, porque associado a ele vem outros benefícios e o desenvolvimento. Esses são pontos negativos e que interfere no desenvolvimento integral do ser humano.

Hoje, estamos comemorando o bicentenário de Santa Cruz, e ao menos a história conta que até os anos 1950, esses serviços existiam do segundo anillo para dentro, do terceiro anillo para fora já era considerado interior. A paróquia da Virgem de Cotoca que ficava nessa direção; e há livros que demonstram que até os anos 1960 para cá a cidade explodiu, por quê? Para explicar é necessário entender a história desse processo onde o povo começou a se mexer de lugar, porque uns dos fenômenos que gera a migração são a pouca atenção do Estado na questão agrícola da Bolívia, principalmente, o Altiplano, que vive de pequenas porções de terra. Porções de terra onde produzem pouco, por quê? Porque a estrutura do meio ambiente é assim, não se pode ter grandes extensões, como ocorre em Santa Cruz, uma vez que trabalham-se pequenas extensões de terra que conseguem produzir para pequenas famílias e ter uma vida mais ou menos, não diria digna, mas para a sobrevivência. Com o câmbio climático e o uso por anos e anos do mesmo solo faz com que o solo enfraqueça e a produção seja menor. E também as catástrofes ambientais: seca, neve, chuva demasiada; porque não estamos tendo o equilíbrio ecológico, claro, não conseguem produzir e aí dizem: "Santa Cruz é industrializada e é pra lá que eu vou." E nós temos bairros aqui que são compostos por departamento, onde em um a maioria é Cochabambina, outro onde a maioria são de potosinos, outros bairros que tem uma quantidade significativa de Sucre, Oruro, Potosí, enfim... Houve e continua tendo a migração da juventude do campo para a cidade por falta de estrutura educacional no campo, também, para se ter um acesso à saúde, porque a qualidade de vida e de saúde pública em Santa Cruz de la Sierra é precária.

Quando cheguei aqui, nisso faz uns nove anos, a cidade, segundo o senso demográfico, existia um milhão e duzentos mil habitantes, agora, existe um milhão e seiscentos mil habitantes. Então, podemos concluir que entram 200 mil pessoas por ano nessa cidade, esse crescimento é uma loucura. Mas esta é a realidade de Santa Cruz. Então, a migração caminha sempre em dois expoentes. Ela tem uma parte de problemática normal de crescimento desordenado; e por outro lado, vejo que Santa Cruz da la Sierra conseguiu se desenvolver como uma cidade expoente da Bolívia, justamente porque tem a capacidade de se abrir e deixar que outras culturas, que outros povos chegassem à Bolívia, assim como, temos áreas e grupos de migrantes internacionais que tem um peso bastante grande no desenvolvimento agrícola boliviano.

Nós temos, por exemplo, os menonitas, que são em torno de 60 mil pessoas, normalmente, vivendo em colônias agrícolas. Eles vivem a sua própria cultura, tem a sua forma de vida, são comunidades fechadas, mas tem uma produção agrícola impecável. Produzem leite e seus derivados, uma produção muito forte que abastecem a cidade com o quê eles produzem. Temos outra colônia, que se calcula que existam entre 40 ou 50 mil habitantes, que é a japonesa em três cidades do interior, Okinawa 1,2 e 3, que foram fundadas por japoneses; e que deram um suporte agrícola forte para o desenvolvimento de Santa Cruz. Depois temos os grupos que vieram e já são um pouco mais antigos, são os croatas, chegaram e desenvolveram a parte industrial.

Hoje nós temos várias empresas que foram fundadas por descendentes dessas famílias que trabalham, e são as maiores fábricas que temos em Santa Cruz. Depois, já nos anos 1990 chegaram os brasileiros, com muita força na área agrícola, a produção extensiva de todo o norte de Santa Cruz foi trabalhada por eles, que é uma 'faca de dois gumes', porque de um lado trás o desenvolvimento na produção de soja, na agricultura e pecuária, mas por outro lado, a presença

desses grupos deterioraram o meio ambiente com a derrubada de matas, com as queimadas, não preservando os rios. Uma vez que em Santa Cruz os rios são muito superficiais, e se tornam mais superficiais ao se mexer na terra, mudando o ciclo das chuvas, a água leva a terra para o leito dos rios; então, cada vez a água está mais superficial; fazendo com que qualquer chuva um pouco mais forte facilite a inundação. A região é plana e fácil de inundar, principalmente, no mês de janeiro e fevereiro; onde os rios sobem e vão levando tudo com ele.

Temos dois rios que percorrem a cidade de Santa Cruz, e a mesma é abastecida por dois rios importantes que é o Rio Pirai, que é o mais próximo situando-se no quarto anillo, e temos o Rio Grande que está a 70 quilômetros daqui. A cidade não é inundada pelo Rio Grande, e sim pelo rio Pirai, pois a natureza tem uma lógica que difere da lógica humana. Depois, tem o fato de não ter drenagem de água fluvial e a cidade é bastante plana; também tem outro fator, não temos a cultura da limpeza e jogamos muito lixo no chão, e quando chove, entope tudo, pois existe poucas 'bocas de lobo', e as que existem são entupidas e inundam as ruas.

A minha casa que fica na periferia, choveu, inundou, a casa não, mas as ruas. Chove, você pode até sair a pé, mas terá que meter o pé na água, você não tem condições de sair de casa sem pisar na água; justamente porque numa rua tem boca de lobo, e outra rua não tem, mas como tem muito lixo no chão; água vem e tapa tudo. Até que alguém pegue uma enxada e tire a sujeira, já acabou o dia. É triste ver essa situação porque poderíamos ter melhor qualidade de vida na cidade, mas não temos certos hábitos que são importantes para a convivência social.

Digo que são vários os fatores que levam as pessoas a migrarem. Existe o chavão que diz que o primeiro fator para a imigração internacional ou interna se dá pela questão econômica. Foi feita uma pesquisa na Espanha com os bolivianos residentes na lá e a surpresa foi que 80% dos que saíram da Bolívia para a Espanha tinham trabalho na Bolívia. Então, parece que não é bem o fator econômico que domina, pesa também, até porque todo mundo quer uma melhor situação financeira, então, não condeno isso.

O segundo elemento, vejo assim, que tem muitos casais que estão a bordo da separação, da quebra da relação, mas como a família ainda é um elemento fundamental e forte na Bolívia, apesar de sabermos que não é, pois teoria e a prática não coincidem, mas temos uma teoria muito forte de que o valor familiar é importante, é essencial na vida; e assim, muitos para que o povo não fale que eu me separei, busco a desculpa e vou para o exterior para melhorar a qualidade de vida. Então, não houve a separação, mas houve a separação; houve a separação de fato, mas não de reconhecimento da família e da sociedade, porque a pessoa migrou para conseguir, olha o chavão: "uma melhor condição de vida e melhorar a economia". Muitos planejam a saída, os que planejam, a relação é um tanto mais fluida, e também ela é um pouco interessante.

Quando saem, entram em contato duas, três vezes por semana, via telefone, com a família, mas conforme vai passando o tempo essa comunicação vai se distanciando, e passando cinco anos o homem dificilmente volta a se comunicar. A mulher mantém o laço, mas o homem perde mais facilmente o laço e a responsabilidade no aporte econômico da família, a mulher continua comprometida e enviando as remessas, fazendo o que pode, trabalhando 24 horas por dia, mas a mulher envia e ajuda economicamente a família. Enquanto que com marido não é assim, sei não dá para generalizar, dizer que com todo mundo é assim, mas na porcentagem, dá para dizer que em muitos casos isso virou um denominador comum. Os homens ficam passeando e na medida em que vão se distanciando também deixam de ajudar economicamente. Isso é fator interessante.

Temos alguns problemas relacionados ao retorno da emigração, porque sabemos que tem um grupo significativo que está retornando da Europa, não conseguiu documentação, não conseguiu os papeis, e com a famosa lei do retorno

se sentem um pouco coibidos e acabam voltando. O retorno tem alguns problemas sérios, por quê? A família não é mais a mesma depois que os pais emigram. Quando sai um dos integrantes da família, depois de muitos anos que se passam, as pessoas foram crescendo e as cabeças foram mudando. Quem saiu, saiu e viu o mundo diferente e volta com outra percepção; e quando chega em casa aí vem o elemento interessante; porque se deixou meninas, hoje são moças; e a mãe saiu e a menina passou a ser a mãe da casa, assumiu o papel da mãe que migrou. Aí começa o conflito entre a mãe e a filha porque a mãe chegou para ocupar seu posto que a filha se encarregou de exercer durante um determinado momento. Então, é uma disputa de poder inconsciente, mas é uma disputa. Você cria muitos problemas em cima disso; em outros momentos tudo mudou, já não é a mesma família, já não são as mesmas relações, já não são as mesmas pessoas, e atividade não é a mesma, um monte de coisas mudaram. É difícil e leva tempo para conseguir engrenar de novo, e às vezes, sem uma ajuda, sem uma pessoa que possa mediar as relações é difícil retornar a convivência. E nesse momento, que entremos na família e assumimos uma reparação entre os membros envolvidos.

Nós estamos com um grupo que retornou da Itália, estamos tentando fazer uma experiência piloto, vamos começar a por em prática a partir de dezembro de 2010. Muitas pessoas vão começar a retornarem para suas famílias, estamos contatando pois alguns parentes nos avisaram que em dezembro irão chegar; assim, estamos preparando a família para a volta deles, pois temos grupos de ativistas políticos na Itália fazendo a ponte, estão preparando psicologicamente as pessoas para o retorno, para que voltem e tenham que mudar de novo a cabeça porque o país que elas deixaram não é o mesmo que elas irão encontrar; as famílias que elas deixaram não é a mesma que elas vão reencontrar; e a mesma coisa acontece com os que aqui estão. A mãe que foi não é a mãe que vai voltar, ela já tem outra cabeça, ela tem outra visão, ela tem outra forma de se expressar, de ser, de atuar. Porque uma coisa é você crescer cinco, dez anos em torno de sua família, ou cinco anos estando praticamente sozinha, estando só voltada ao trabalho; com poucos amigos. Então, tudo isso interfere na relação quando retorna.

Depois de acompanhar o trabalho de umas 15 famílias para fazer o retorno, vemos a diferença que tem do retorno acompanhado e do retorno espontâneo. A nossa mediação não está na parte econômica, mas sim, na parte psicológica, de acessória, de acompanhamento, de estar ao lado, de fazer os momentos de encontro, de fazer as terapias em grupo e, tudo isso, para tentar fazer com que não haja esses fortes conflitos que se vê muitas vezes por aí. Vou contar um caso que me deixou muito abalada. A mãe foi para a Espanha e o pai ficou com três filhos: um menino de dois anos, um de seis anos e um de oito anos. Quando a mãe voltou, depois de cinco anos; o filho que tinha oito já não era o mesmo, estava com treze anos; o que tinha dois estava com sete anos, ou seja, a questão familiar já era outra e as cabeças tornaram-se diferentes.

Tem um detalhe, a mãe chegando na Europa; digo que não é só essa mãe, são questões de limitações humanas, não digo que sejam mais santos ou menos santos, e também, não é julgar; mas essa mãe partiu, conseguiu um companheiro e teve um filho. O que aconteceu? Ela se deu conta que o pai do filho feito na Espanha desapareceu, sumiu, não se sabe mais dele. E o pai que ficou também teve uma relação com uma outra mulher e teve, também, um filho na Bolívia. Nisso, a mãe da Espanha voltou sem avisar e quando chegou na casa deu-se o choque violento: encontrou no lugar dela outra pessoa, e ainda mais, essa pessoa com uma criança, e essa criança ser filha do marido dela. Sei que ela veio e trouxe outro filho e a família que era composta por 3 filhos, de repente são 5 filhos, porque a diferença entre as duas crianças geradas são de três meses de idade de uma para outra. Quer dizer, temos quase que irmãos gêmeos, sem serem irmãos eram irmãos, mas não eram irmãos ao mesmo tempo, ou seja, um é filho do pai e o outro é o filho da mãe, mas não são filhos do casal.

Isso gerou uma situação muito incômoda, difícil, até que a pessoa que estava com o marido na Bolívia, explodiu e disse: "Aqui não é o meu espaço e estou indo embora, fique com a criança que você gerou. Não tenho condições de criar, e tu crias a criança e não me procures." Só que o menino é o homenzinho da casa, e ele começou a ter uma relação muito forte e negativa contra a mãe e contra o pai, porque ele dizia: "Nós somos três irmãos, agora têm mais dois intrusos nessa casa." Aí o quê que fez o menino? Ele quis dar um golpe nos pais para fazer com que eles refletissem um pouco, os pais discutiam muito; claro, buscando encontrar culpas e nenhum dos dois eram culpados.

E filho que não suportava mais a questão do confronto familiar; e o quê que ele fez? Pegou e tomou sabão em pó, só que em quantidades mínimas, que não fez nada, só fez dar um susto, que era o que ele queria. Tomou sabão em pó e fez que tinha caído, mas ele armou um show em si. O garoto começou a babar com a espuma do sabão em pó; e os pais, claro, assustadíssimos, pensaram que o menino tinha tomado veneno e levaram para o hospital.

Aí me chamam no hospital: "Maria, nosso filho tomou veneno." E lá vou correndo. Quando chego no quarto, já tinham feito a lavagem estomacal, não tinha mais nada e a espuma já não existia, só que olhei para a cara do rapaz e pensei, porque também não vou poder questionar; nesse momento você tem que ser presença, sem ser juiz. Pensei: "Mas santo pai." Perguntei como estava, mas aí olhava para ele e pensei: "Meu Deus, já vi tanta pessoa que toma veneno e fica parecendo vela de branco e esse menino tá coradinho, bonito. Mas que raro isso!" Mas cada pessoa é diferente. Aí disse: "Vou perguntar para médico." Lá vai eu metida a falar com o médico. "Maria, não acredito que isso seja veneno; acho que ele tomou outra coisa dizendo que era veneno. Porque ele não tem sintomas de quem esteve envenenado." Mas disse, a mim: "tudo bem."

Aí os pais entraram no quarto, enquanto eu estava no canto e falei; "Vão tomar um café, vão tomar alguma coisa porque é importante abaixar o estresse." E os pais saíram para tomar alguma coisa, e eu entrei no quarto e o médico veio atrás. Aí o menino começa a rir. E eu disse: "O quê que tu tens que começa a rir, não é para rir do que tu fizeste. Teus pais disseram que tu tomaste veneno. Rapaz, não é coisa que se faça. Mas tudo bem, tu debes ter os seus motivos. Agora, você vai me contar quais são os motivos para ter tomado veneno.", aí ele disse: "Maria, não tomei veneno." Aí contou o que tinha tomado, mas ao fim, ele queria dar um susto nos pais para ver se eles reagiam e deixavam de discutir e tomassem conta da casa e da vida. Porque além de terem levado duas pessoas para dentro de casa; que não eram irmãos como ele se considerava irmãos dos outros, os pais viviam discutindo, viviam em clima de guerra, como ele disse: "Eu não aguentava mais. Eu quis dar um alerta de basta porque eles não me escuta, quem sabe agora eles me escutem porque vou começar a ameaçar de novo. Agora, vocês estão proibidos de dizer para eles que eu não tomei veneno."

Aí fizemos todo o seguimento, era tentar fazer com que o rapaz, porque eu dizia para ele: "Rapaz, aqui a questão é outro, tu já tem idade; daqui uns tempos vai te indepenizar, porque tu não vai ficar toda vida vivendo com os teus pais. Tu deixa que eles vivam a vida deles, aceite teus novos irmãos, que eles não tem culpa. Aqui não é culpar ninguém, são situações e aqui os teus pais, os dois se equivocaram, só que não dá para indicar qual foi a causa; e nós também temos culpa no cartório, e a gente tem que ser capaz de perdoar. E na hora que vocês conseguirem se perdoar, vivam bem esse momento, esqueça o que passou e não especulem o que vai acontecer, vivam bem hoje, amanhã, Deus dirá. Mas se vocês vivem bem hoje, amanhã vocês estão felizes."

E continuamos com esse trabalho de matriz mental, tiramos essa matriz negativa e até de veia suicida, porque em si não foi suicídio, foi um 'showcídio'. E por mais que tenha sido sabão, poderia ter sido um momento de desequilíbrio, de ter tomado uma medida mais drástica. Falei: "Esquece tudo isso e vamos lá, vamos

para frente.” Sei que isso custou dois anos de trabalho, só que hoje conseguimos colocá-los de pé, felizes, vivendo todo mundo junto.

Aí me pergunto, se essa família não tivesse caído em nossas mãos, o quê teria acontecido? Porque nós não conseguimos acompanhar todos os retornos e não somos nós que iremos solucionar todos os problemas, né? Por isso, a nossa preocupação é trabalhar com grupos e tentar fazer essa relação entre país de origem e país de destino; para ver a possibilidade de fazer contatos, unir as duas partes. O motivo básico de saber por que saíram, não queremos entrar em detalhe porque muitos, também, principalmente adolescentes, aborrecentes, porque sei que é próprio da idade e não dar para criticar e nem condená-los. Mas os adolescentes são os que mais reagem quando os pais voltam e eles dizem: “Por que voltou, agora nós vamos ficar na miséria como antes? Agora não temos mais dinheiro e não tem quem mande para nós.” De certa forma é uma cobrança, como se os pais fossem bancos, não se dão conta de perguntar: “O quê se passou? Como que tu tinha que trabalhar para conseguir esse dinheiro para mandar para nós?” nada disso, era simplesmente o bem estar pessoal. Era individualizar e esquecer a relação afetiva que deveria ter com os pais.

Esses elementos são muitos fortes quando a gente começa a avaliar que a separação desconstrói, cria o distanciamento da parte afetiva. Isso é o que muitas vezes depois cria vários conflitos, conforme as coisas vão andando. E muitas mães, por exemplo, saíram sem avisar os filhos que iam. Foram, colocaram os filhos para dormir, como o avião saí na madrugada, o menino estava dormindo, agarraram um taxi e foram embora, para não ter que dar explicações aos filhos.

Aí o pai ou a pessoa que fica encarregada vai ter que dizer que a mãe foi trabalhar para mandar dinheiro para comprar isso, comprar aquilo, comprar outras coisas. Não existe uma preparação para a partida, e quando existe, preparam a criança é oferecendo mercadorias, assim, é uma forma capitalista de preparo. Então, a mãe foi para outro país para comprar o bem estar dos filhos; por isso, que quando volta é de que não tem mais mercadoria para oferecer.

Vejamos, uma criança que ganhe na Bolívia 100 dólares por mês, é um salário mínimo. E a criança que não têm noção de como gastar, ela se torna poderosa com 100 dólares na mão. E de repente esses 100 dólares não existe mais. Não sei, não posso julgar. Também se nota, é uma questão de observação, que quando as pessoas enviam as remessas, quando chega o dinheiro se faz festa; daí uma parte do dinheiro é gasto em festa, e a outra é gastada nas coisas que se necessita, na sobrevivência familiar, nos gastos com educação, saúde, compra de lote de terra, construção de casa, enfim, naquilo que se determina.

No bairro sei que todas as famílias quando recebem a remessa, tem festa e não importa o dia da semana, claro, no início eu perguntava o porquê eles faziam isso, e aí aproximando-se das famílias, comecei a perguntar: “Qual o motivo da festa? Quem está fazendo aniversário?”, “Não, é que a minha filha, a minha mãe, o meu esposo, a pessoa que está no exterior, mandou a remessa e nós celebramos, o que Deus nos deu.”

As famílias que conheço, mas não dá para dizer que isso seja a verdade. Digo que seja uma média de 100 a 150 dólares mensais. E para a Bolívia com 150 dólares se faz alguma coisa. Mas é interessante a gente fazer toda a análise, quer dizer, para o países que recebem, já recebem o capital humano pronto; e para o país que permite a saída é uma perda. Porque essa pessoa custou ao país por ter dado educação, saúde, enfim, até a idade que ela teve é um custo social para o país. De repente saí e o país que o acolhe é um país que recebe a pessoa pronta, né? É uma mão de obra para trabalho imediato e não precisa investir.

O que não gosto das leis é criminalizar a migração. Eu não aceito isso em nenhum país, vejo que na América Latina tem alguns avanços, mas falta caminhar muito para a livre circulação; porque que tem mecanismos, tem meios de poder acompanhar as pessoas, de ter o registro, saber quem são, e não precisar de uma inversão de um capital exageradamente alto para poder se documentar; cumprir

com uma quantidade de requisitos. Só é necessário ter certas garantias de que a pessoa seja honesta, mas acho que o preço esteja um pouco elevado. Aqui, por exemplo, uma pessoa que vem para se documentar na Bolívia, ela precisa de 2.000,500 bolivianos, mais 100,00 dólares; que seriam 3.000, 300 bolivianos por 30 dias. Depois outro tanto por um ano, outro tanto por mais dois anos, outro tanto por mais cinco anos e outro tanto para a indefinida, que aí é mais cara.

Praticamente uma pessoa para se documentar, viver dentro das normas e mês de um país, a pessoa terá que trabalhar só para estar em dias com os seus documentos. E estou muito triste com isso porque leva com que as pessoas sejam indocumentadas. Porque o salário de uma pessoa não é tão alto para poder cobrir esses gastos; porque são mais de seis mil bolivianos em questão de 30 dias.

Na verdade, são 6.000,500 bolivianos, mais ou menos em 30 dias de quando começa e quando termina; só que isso é para um ano. E no Brasil não é tão diferente. Muda a moeda, mas no fundo tu vais e é pouca diferença. Por isso, espero muito no encontro desse mês em Cochabamba, aonde vão tratar a questão dos tratados internacionais; e espero que os governos sul-americanos aprovem a menção que nós fizemos da livre residência. O que tu tem que fazer é chegar para o governo e dizer: "eu sou essa pessoa e quero estar trabalhando nesse país." E com a documentação mínima eles vão te documentar, te dando um carnê de residente e pronto; que depois eles façam o seguimento para ver se você trabalha ou não trabalha; que vejam se tu é uma pessoa segundo tu disseste, e isso é procedimento da justiça e não é nosso, né? Mas acredito que as pessoas têm direito a livre residência, ao livre trânsito. Apesar de que o cone sul já não se necessita de tantos documentos para cruzar a fronteira, mas para a residência necessita-se de passaporte. E são coisas assim.

A mão-de-obra feminina ainda tem espaço no mercado de trabalho, enquanto que a mão-de-obra masculina vem decaindo. Eu digo, também, que nós criamos uma barreira entre o que é feminino e o que é masculino. O quê que vamos fazer, pois não seremos nós que vamos mudar isso; apesar de que não gosto de dizer que esse serviço é de homem e esse é serviço de mulher, mas é nossa realidade e temos que tratar assim. Mas o homem geralmente vai para os trabalhos da construção civil, são mais trabalhos braçais; e a mulher mais trabalho doméstico, cuidar de idosos e crianças. Vemos hoje que o trabalho braçal não está no auge, a construção civil, todo trabalho mais direcionado ao tradicional tá em decadência; enquanto que o trabalho que a mulher faz, limpar casa, lavar roupas, esse trabalho, se bem que há alguns que fazem, mas é a minoria, e a maioria são mulheres.

Então, o trabalho continua no auge, pois necessita-se desse trabalho principalmente a classe média alta. O mercado de trabalho para mulher é mais fácil do que para o homem, apesar de que a mulher também entrou bastante forte em todos os estratos sociais de trabalho. A mulher prepara-se, a mulher saí a luta, a mulher é capaz de fazer dupla jornada de trabalho, enquanto o homem não tem essa consistência, eles não alcançam isso, e vejo isso com os meus companheiros de trabalho.

Chega o fim do dia e eles estão acabados, e as mulheres que trabalham, fazem o mesmo trabalho que eles, chegam às suas determinadas casas e ainda tem todo o trabalho da casa para fazer; só que eles vão brincar com as crianças, que também é um trabalho, porém a mulher tem que limpar casa, lavar a sujeira de todo mundo, tem que passar, tem que cozinhar, tem que dá banhos nas crianças; e o marido não dá conta de fazer a terceira jornada de trabalho.

Podemos dizer que a feminilização da migração é forte nesse sentido; e percebi isso na minha última viagem para a Europa. Fui à Bérgamo porque temos 18 mil bolivianos na cidade de Bérgamo na Itália; onde a maioria são mulheres. E o que impressiona é que a população italiana envelheceu, mas os italianos ainda possuem certo patrimônio econômico. Assim, muitos italianos ainda estão na condição de pagar uma empregada doméstica, e falando com alguns italianos, eles

diziam: “Maria, se a gente for fazer as contas, para eu internar a minha mãe que é velhinha num asilo, eu gasto cinco mil dólares por mês; agora, se eu contrato uma mulher para que dê os mesmos cuidados para ela dentro da minha casa, não chego a gastar mil dólares. Então, eu economizo quatro mil dólares. A vantagem é contratar uma pessoa para cuidar da minha mãe e pago mil euros e ainda me sobram quatro mil. E ainda por cima, a minha mãe é tão bem cuidada quanto no asilo, pois aqui ela ainda tem o carinho dos filhos, a visita dos filhos. É essa história.”

O benefício social, no caso das bolivianas em Bérghamo, é grandioso, mas por outro lado se nota que a mulher vai, trabalha e não tem nenhuma garantia de ter um benefício no futuro pelo trabalho que exerce. Esse é o problema.

Porque ela vai, faz o trabalho, mas o que ela deveria portar como benefício social na Europa não serve para uma futura aposentadoria na Bolívia. Então, ela não pode aposentar nem lá e nem cá. Ela fica sem o benefício social apesar de ter trabalhado uma vida inteira. Esse é um dilema que nós vemos e que nós questionamos. Acho que deveria existir, principalmente na América do Sul, esse reconhecimento. Exerceu trabalho na Bolívia, com o meu aporte na Bolívia, deve servir para a minha aposentadoria no Brasil porque aqui fiquei menos tempo, no Brasil eu fiquei a maior parte da vida trabalhando, só que com o que eu tenho de aporte lá eu não posso me aposentar aqui. Senão fico só com uma aposentadoria por idade, enquanto que toda vida colaborei para o benefício social, só que não passo a ter esse direito, porque me ausentei do meu país de origem.

É uma reflexão que a gente está fazendo bastante nesse sentido e também onde a onde vamos fazemos essas reflexões porque o migrante internacional faz tudo que as normas do país de destino pede. Só que depois, na hora que ele vai ter o benefício social, ele não tem direito, principalmente na questão da aposentadoria. Por que aí ele passa a perder o direito no país de origem e no país de destino, porque cada país fica com um direito.

Na Itália questionávamos isso em Bérghamo onde fui, especificamente, para visitar a colônia boliviana. Eu dizia: “Também se desconta de todos eles, né? Então isso ajuda a manter essa aposentadoria dos Italianos, mas quando esses bolivianos, um dia por eventualidade, retornem a Bolívia, o quê que eles levarão? O desgaste, o envelhecimento, o cansaço, nada mais que isso, porque os direitos, eles deixam aqui; em Bérghamo, no Brasil, na Espanha, na Argentina, nos Estados Unidos, em qualquer lugar. Eles vão só com os deveres de volta para a Bolívia.” Foi um momento interessante que a gente fez a reflexão com eles e dizia: “Quem sabe que nos acordos internacionais ou binacionais tratem esse tema? Porque é um tema delicado e acho que dentro das políticas migratórias dos países essa é uma das coisas que não pode faltar.” Fazer acordos com os países onde estão os meus, que eu tenho que me preocupar dos meus e não o país que acolhe tem que se preocupar. Quem tem que tomar a iniciativa para esses acordos deve ser o país de origem. Claro, o país de destino tem que se considerar que isso pode acontecer.

Nós estamos ela elaborando, contribuindo com nossas ideias para a nova lei de imigração, porque a lei de migração boliviana é de 1950.

É uma lei um pouco atrasadinha, mas é a que temos e não adianta brigar em cima disso, então, o que a gente quer conseguir com o governo, agora, é criar ou editar uma nova lei de migração. Então dentro dessa nova lei e com o aporte que o governo pede que a gente dê, trabalhamos muito esses pontos, pois para nós são importantes para desenvolvimento da qualidade de vida das pessoas. Acho que toda pessoa tem obrigação de trabalhar e ter o direito de benefício. Não é só: eu trabalho porque tenho que trabalhar para viver, não. Eu trabalho e o meu trabalho está fazendo com que o país onde eu estou; logo sou um grão de areia, e não faço praia sozinha, posso por o meu grão de areia no macro e mudar a engrenagem do movimento. É fazer com que o governo tenha a preocupação de fazer convênios bilaterais. Estamos num processo interessante com o Brasil e com a Argentina, mas ainda não chegamos ao ponto e, também, com a Espanha estamos nesse trabalho.

Estamos lutando para fazer com que o tempo de serviço em cada país seja reconhecido para apostar na aposentadoria futura. Tem muita água para correr embaixo da ponte. Então, Graças a Deus, o governo nos permite dá sugestões, participar, discutir. Então, vamos vê qual vai ser a resposta quando se plasma um projeto de lei. No momento, estão fazendo uma espécie de coleta de idéias. Nós enquanto movimento social articulada a Pastoral da Mobilidade Humana em nível nacional, fazemos o acordo que todos os estados, aporte com isso e que a mesma idéia seja comum nos outros estados.

Essa pessoa que acabou de entrar na sala quer lecionar inglês para os refugiados que nós atendemos; pois temos 60 refugiados aqui em Santa Cruz; a grande maioria vindo da Colômbia.

Sabe, com relação a refúgio político é complicado a gente poder dizer o quê passa na cabeça dos outros. Mas vou fazer uma pequena análise do que a gente vê aqui. Sabemos que há uma polarização muito forte entre o governo central e Santa Cruz. Houve muitas coisas, pontos soltos que não se sabe o quê realmente é, e o quê aconteceu, ou, quem estava por detrás, ou no meio, ou ao lado, não sei, das coisas. Há uma acusação, os moradores de Santa Cruz da acusam o governo central em La Paz e o governo central acusam os dirigentes daqui. Então, é difícil porque a gente não consegue entender bem o quê é essa história. Sabemos, muito superficialmente, que com a história da morte do grupo terrorista, e até hoje não se sabe se realmente eram terroristas; e não temos as provas suficientes também, e não temos um informe que diga: "sim, esse povo é terrorista." Disseram que é, e os informes ainda não saíram. E muita gente, nessa época, estavam como lideranças sociais ou institucionais, tipo comitê cívico, pessoas que estavam ligada a prefeitura, pessoas que estavam ligadas a todo o processo dos cabildos, que foram feitos aqui em Santa Cruz para reivindicar as autonomias. Enfim, houve muito movimento de polarização e confronto entre oriente(região de Santa Cruz e vales) e o ocidente(região de La Paz e o altiplano). Muitas pessoas se sentiram ameaçadas porque houve uma ingerência; não sei.

É a tal da história, vinham, pegavam e levavam as pessoas para a cidade de La Paz para serem julgados lá, ficavam presos. Então, muitos dos que foram citados para se declarar em La Paz, não se apresentaram e deixaram o país; sentido que seus direitos e garantias estavam sendo ameaçados. Agora, se essa é a versão real, ou, se realmente eles tinham a ver com a suposta banda terrorista, aí a gente não sabe. E nesse momento temos muitas pessoas que por não concordarem com a forma de pensar do governo Evo Morales, sentem-se ameaçadas e, por isso, saem e pedem refúgio e asilo político em outros países, entre eles o Brasil.

Sabemos que tem pessoas que estão ligadas ao movimento social, do movimento ao socialismo e que por não coincidir com a forma de pensar, de certa forma, dizem que se sentiram ameaçados e deixaram o país. Agora, a gente não tem parâmetros de análise em cima disso, é o que a gente vê. Há muito choque entre oriente e ocidente nas lideranças. A relação entre o povo com a base é outra. Quanto que a relação do governo central com os governos departamentais há um problema. Quem tem a razão? A história dirá, não sei por que depois da última eleição, que nós tivemos em 2005 veio a polarização. Em 2009 com a reeleição do Evo Morales e a eleição dos prefeitos, da Assembleia Legislativa, viu-se o país dividido entre Oriente e Ocidente; e fortalecida essa divisão. E aí algumas coisas sucederam e a gente não os entende, eu também não sei quanta razão tem um e quanta razão tem outro, mas há um problema de relacionamento e de intolerância vigorando.

O presidente ganhou em cinco departamentos e perdeu quatro, na questão do governo do Estado. Ele perdeu oito prefeituras nas capitais. Só que das oito prefeituras que ele perdeu nas capitais, ele já tombou, quantas? Sucre, Potosí, La Paz, Pando não é do MAS, isso em três prefeituras. Então, três prefeitos de capitais, foram tomados por, não sei, se era real ou não, as denúncias feitas contra eles, só

que nenhum do governo caiu, só caiu os opositores. Aí a gente percebe que tem sim um serrote que vai e vem; e acusações mútuas. Depois, todos os governadores que são da oposição tem vários processos nas costas; e os governadores não tem um processo nas costas, ou seja, se são santos ou pecadores, não sei. São coisas que não se conseguem entender e nem ler, são coisas que a gente constata. E isso faz com que fortaleça também, o sentir-se perseguido. Então nós temos, por exemplo, o presidente do comitê cívico de Santa Cruz que está nos Estados Unidos, o vice está nos Estados Unidos; o presidente da Comissão de Direitos Humanos está nos Estados Unidos, e assim, todos que ocupavam cargos de Defesa dos Direitos dos pequenos se sentiram ameaçados e estão fora... É claro que sai e a maioria deles pedem asilo político em outros países e que não seja deportado.

Porque o refúgio é uma das coisas que lhe dá garantia é a não deportação, e eu digo que muitos se colocam nessa solicitude para não correr o risco de ser enviado de volta a Bolívia e voltar para a Cadeia. Porque temos, por exemplo, caso concreto do governador do Departamento de Pando, ele foi eleito e está no cárcere faz quase dois anos, sem julgamento, sem nada, está preso.

Teve todo aquele conflito em Pando que morreram oito pessoas e que tem 120 refugiados no Brasil, no Estado do Acre. Por todo esse conflito que não se sabe até hoje o quê aconteceu realmente; porque tu escuta um lado e ele tem razão, você escuta outro e ele tem razão. Você não sabe dizer quem é o mal na questão aí. Eu sei quê digo que os dois lados são intolerantes, só que a lei do mais forte é quem manda. O governo Central sediado, em La Paz, é quem decide prender, prendeu e levou para La Paz, estar preso, teve três ordens de soltura e não soltam. Tem situações, assim, que vulneram os direitos individuais e as pessoas não querem correr o risco de passar pelo mesmo. E antes de passar pelo mesmo foge; nós temos no Brasil vários casos de pessoas que foram solicitaram refúgio; só de Pando temos 120 pessoas, e ultimamente, que é uma novidade, irem refugiados políticos para o Brasil.

Então, não é uma tradição ter refugiados políticos bolivianos no Brasil, isso que é a novidade. Não é quantidade. Não importa quantos tenham, então, também estão sendo analisados, e cada país tem o direito de dizer sim ou não. É uma situação um pouco complicada, prefiro não me pronunciar porque os dois lados falam e parece que os dois tem a razão. E você pergunta: "onde estar a culpa? Quem cometeu o erro?", "Não sei."

O Protocolo de Palermo, justamente, revela isso, de dizer: toda pessoa que solicita refugio tem que ter fundados temores de que sua vida estar em risco. Em cima disso é suficiente quando dizem: "olha, eu fazia isso e sinto que estou sendo ameaçado, meus direitos estão sendo negados, tenho essa sensação." São coisas que a pessoa vive; em cima disso o Brasil vai tomando as decisões, e não sei quantas pessoas o Brasil aceitou realmente como refugiados. Temos solicitado, agora quantos ele aceitou eu não sei. Eu não tenho acesso a isso, é segredo de estado; sei que alguns foram pedir refúgio sim, mas não sei o resultado, se foram ou não foram. Por que teria que conseguir fazer um pedido especial às Nações Unidas para que nos informe sobre isso; mas com um caráter sigiloso. Eu prefiro não saber, para não dizer besteira e não ter que falar.

Mas conhecemos um grupo que de 60 pessoas, e estamos dando apoio no que pode para que os direitos dele sejam garantidos, e que possam, daqui um tempo, inserir-se na sociedade boliviana. Não podem deixar de ser do país de origem, como ninguém pode dizer que é apátrida, mas por outro lado, também não fica 'chorando a cebola do Egito'. Por que se uma pessoa saiu do seu país por motivo de perseguição ou de temor, agora inicie a tua vida e vá para frente. O governo te disse: "Bem vindo, aqui." Então, toca o barco.

Aquele senhor que esteve antes aqui, está sendo apoiando, motivado e já conseguimos que ele compre o lote, já conseguimos que ele compre a casa; é também dá uma certa estabilidade. E a gente vai apoiando, contribuindo, fazendo gestões para que ele possa ter condições de continuar a viver. Não precisa fazer

uma mansão, faça um quarto para ti e um para os filhos e entre, deixe de pagar o aluguel; o que você pagaria no aluguel vai crescendo a casa.

E é o que ele está fazendo, saindo do aluguel, e essa semana pondo a telha da casa dele e morando. E têm várias famílias que estão assim, e isso é importante para nós. O trabalho é isso, é dar essa confiança de que aqui possam trabalhar, pois o governo já os aceitou, e eles estão vivendo legalmente, tem todos os direitos como cidadãos estrangeiro residente aqui, os mesmos direitos que tem os cidadãos bolivianos. Só que tem algumas restrições, claro, não pode participar de eventos políticos, não podem participar da formação de sindicatos; mas essas são organizações próprias do Estado. No entanto, eles podem se beneficiar de todo o resto, como todos se beneficiam, isso é importante e essa é a consciência.

Assessoramos num trabalho psicológico, temos um convênio com a Universidade Estadual René Moreno, precisamente com grupo de psicólogas liderados por Fabiana Chirino, encarregadas de fazer terapia de grupo na área psicológica, para fazer com que eles percam os temores; sem os entraves. A pessoa deixa o país sem querer deixar, sentem que suas vidas estão ameaçadas por A, B ou C. Claro que vem com umas raías, a gente tem que trabalhar também, para que eles possam sentar o pé no chão e levar a vida normal, sem problemas.

Às vezes a gente ajuda na área de educação, dá para cada estudante uma ajuda desse tamanho daqui, para que ele possa comprar uniformes, possa comprar materiais escolares, para poder contribuir com a família nesse sentido. No início do ano sabemos que é um pouco mais pesado para todas as famílias porque passa as férias e termina o dinheiro, isso é normal em todo mundo. Contribuímos, também, para que eles não sejam discriminados por falta de materiais, por falta de uniformes, por essas coisas. Contribuir para a inserção dos estudantes no próprio meio. Os estudantes estão muito bem, a maioria deles são os primeiros da sala, muito bons alunos; eles vêm com outro nível de formação, mas são muito bons alunos e já temos quem vai sair para a universidade; e também estamos vendo a possibilidade que ele ingresse na universidade sem precisar fazer aquele famoso exame que fazem aqui para essa universidade. Que ele possa entrar direto, mas tudo isso a gente vai trabalhando. Quando eles estão com dificuldade, também, na questão de saúde a gente apóia, temos convênio com dois hospitais de Santa Cruz que possa atender.

Nós contribuímos para o sistema de saúde na Bolívia; se a pessoa gasta tal quantidade de dinheiro, aí a gente faz um estudo sócio-econômico da família e vê. Bom, essa família está em más condições, está em média, está bem. Aí a gente apóia com tal quantidade do monte que eles gastaram. Se eles gastam 100 bolivianos, aí a gente vê em que categoria a família se enquadra, não que a gente classifique, só que uns tem melhores condições que outros, e alguns realmente estão chegando e não tem nada. Aquele que não tem nada a gente ajuda mais, aquele que tá mais ou menos a gente ajuda menos. Mas todos têm uma pequena ajuda na área de saúde, só que os convênios que eles têm com os hospitais é justamente para baratear custos. Eles vão e tem uma tarifa especial. Também estamos ajudando com um convênio que fizemos para eles. É um trabalho de apoio para que eles se insiram na sociedade e superem o trauma que eles trazem do país de origem. Eu sei que no Brasil eles fazem o mesmo trabalho; com a Pastoral e com a Comissão Nacional de Refúgio, que fazem um trabalho parecido com o que nós fazemos. É um trabalho interessante, eu gosto e ao mesmo tempo ele é desgastante, mas vale a pena, lutar pelos direitos do outro vale a pena, sempre! Em qualquer realidade.

A migração, do meu ponto de vista é assim, quando a migração é espontânea, livre, não cria rupturas, mas quando ela é forçada ela cria rupturas de laços afetivos. A menina, por exemplo, que ficou no lugar da mãe, quando ela assume o papel de esposa, de mãe, ela vai repetir o que a mãe fez no passado. Quer dizer, o que se reproduz é a mesma experiência que a mãe teve. Então, se a minha mãe me deixou e eu pude sair a diante com a minha família; minha filha

também pode fazer o mesmo. Essa problemática se dá já; inclusive, a Universidade Estadual René Moreno está fazendo uma pesquisa, justamente para perceber quais as consequências da menina que teve que ser mãe antes do tempo, sem ser mãe biológica. Por que ela não produziu, não reproduziu o filho, não deu a luz a um filho; mas ela teve vários filhos já adulta; ou seja, já crescidinhos; teve que terminar de criar.

Quais as consequências que essa menina terá? Ela não viveu sua infância, sua adolescência, sua juventude; então ela passa a ser uma pessoa que no futuro vai ter problemas; senão apoiada, ela pode ter problemas de conduta, na relação ou na personalidade dessa menina; ou na família que ela for constituir.

Há uma preocupação grande aqui em Santa Cruz da gente trabalhar isso, a gente faz muito esse trabalho nas escolas. Porque onde você encontra os filhos dos migrantes? Tu encontras eles nas escolas, a gente trabalha muito nas escolas para fazer com que eles sejam protagonistas naquele momento; e que esse protagonismo tem que ser no bom sentido. Quer dizer, de não reproduzir o quê eles experimentaram; como eles sentiram falta do afeto materno, do afeto paterno, que eles não façam a mesma coisa com os filhos deles; ou que eles não queiram assumir a vida dessa forma. Temos algumas moças que eram adolescentes quando as mães se foram, faz cinco, seis anos que as mães viajaram.

E elas dizem: "Maria, casamento não é coisa boa." Ai você tem que começar a trabalhar isso. "Claro que é coisa boa o matrimônio. O matrimônio é um valor." Só que ela tem uma experiência negativa do matrimônio dentro da própria casa porque houve uma separação. Então a gente trabalha muito esse aspecto com a parte formativa nos colégios, quer dizer, quando se detecta esse problema temos os nossos psicólogos que podem ajudar a apoiar para que a criança consiga se desenvolver sem os traumas, e não fique estagnada em cima de uma experiência que teve as suas causas e consequências, mas que não afete o comportamento da pessoa. Eu trabalho um pouco essa dimensão com as psicólogas nas escolas.

Outra questão também é, como que um elemento da família sai e como essas crianças compreendem o sentido da autoridade; é outro elemento forte. Quer dizer, se você não tem referência de uma autoridade, como é que você pode entender a autoridade. Mães que vão e deixam a encargo do pai as crianças; passa um tempo e o pai já não consegue dar conta; e os homens, não todos, mas o grande número de homens não se dedicaram a criação do filho; delegaram a responsabilidade mais a mulher, então, quando se toca ele se sente perdido; então o que ele faz? Ele entrega esse papel a mãe dele, ou a irmã dele, ou a cunhada dele, ou seja, as crianças que antes tinham a referência paterna, ao menos como autoridade, de repente é um estranho que tem a autoridade. Então, "o quê que o estranho tem a ver com a minha vida?" Aí cria um conflito interior, esses são os pontos que mais aparecem nos nossos apoios à criança e ao adolescente. Porque passa de mão e mão e perde a referência da figura da autoridade, da autoridade no sentido de crescimento, de fortalecimento da persona; uma vez que toda criança necessita de termos de referência para poder atuar e saber até onde que ele pode chegar, entende os limites.

O que acontece depois? A criança desenvolve o medo, ainda não podemos constatar isso, mas já é uma realidade. Tenho muito receio que dentro de uns anos a questão família perca muito o quê hoje ela tem de bonito, que é de congregar, de unir, de aproximar as pessoas; o receio é que juventude e o adolescente de hoje não passe pela experiência da família, pois assim será muito difícil que amanhã ele possa construir uma família com os valores básicos de uma família: da afetividade, da responsabilidade, da co-responsabilidade, todos esses elementos são importantes nos valores de uma família; e de uma pessoa.

Ainda não podemos dar informações suficientes sobre isso; mas é uma inquietude que eu tenho. E se eu não tenho experiência para servir como bom senso nas minhas ações, como posso viver? A gente só ama o que conhece, se não conhece, se não vivi, se eu não passei pela experiência, como posso dizer que isso

é valor? São elementos, claro, que tem que ser trabalhados, são inquietudes, cruzar os braços não é uma boa atitude. Acho que aí é onde a gente tem que aportar para buscar e criar mecanismos, instrumentos da sociedade organizada que venha respaldar também esse processo de seguimento, principalmente, na área educacional; pois se eu não tenho a experiência, mas tenho a referência dentro de uma escola, por exemplo, eu já amenizo a ausência da minha mãe, dos entes que me faltam. Mas se essa referência não existe nem na escola aí a coisa vai se degradando, nesse sentido.

4.3.LA PAZ

4.3.1. Claudia

(Fonte: foto da autora, 2010) Claudia com o seu filho na pousada em que trabalha em La Paz

Tenho alguns projetos para a minha vida, quero voltar a estudar, quero trabalhar por conta; abrir um pequeno negócio aqui, uma venda porque não pretendo ficar toda a minha vida trabalhando para os outros

Meu nome é Claudia Álvarez, nasci aqui em La Paz, na Bolívia e vivo na cidade do El Alto com a minha família. Tenho cinco irmãos e um filho, sou órfã de pai e mãe. Tenho três irmãos que residem em La Paz e dois irmãos estão no Brasil, na cidade de São Paulo.

Eu e meus irmãos éramos muito unidos. Sou a filha mais velha dos três irmãos; e tenho um meio irmão; que é irmão por parte de mãe. Tanto de pai quanto de mãe sou a mais velha e cuido de um irmão mais novo. Minha vida sempre foi cheia de obstáculos e sofrimento, mas tenho boas recordações da infância, pois podíamos fazer tudo que uma criança tem direito: brincar, e adorávamos assistir filmes.

No início éramos três irmãos; o meu irmão mais velho vive aqui na Bolívia; e meus irmãos menores vivem comigo. Quando era adolescente meus pais se

separaram, depois do terceiro filho, sei que depois disso houve uma grande mudança na vida dos filhos. A minha mãe só teve três filhos, e com a separação o meu irmão teve que começar a trabalhar; enquanto eu estava terminando o ensino. Vivia numa luta constante entre estudar ou trabalhar; até um certo tempo tomei a decisão de estudar, depois não pude continuar por falta de dinheiro; a economia da casa estava precária e comecei a trabalhar.

Depois, os meus pais voltaram a ficar juntos, e aí outro filho foi gerado que é o meu irmão mais novo, agora já é um homem. A relação não teve continuidade, brigavam demais, até que chegaram a se separar definitivamente; e a minha mãe criou os quatro filhos sozinha. O meu irmão mais velho é independente, trabalha só para ele, claro, ajudava um pouco a família porque os outros irmãos eram menores.

Desde então comecei a trabalhar e deixei definitivamente os estudos. A minha mãe sempre cuidou dos quatro filhos; o mais velho foi ficando independente e ajudou um pouco com as despesas da família, porque ainda éramos crianças. Aos 20 anos já estava trabalhando e depois o meu irmão seguiu o ritmo e começou a trabalhar também, fez o serviço militar, acho que estava entre 18 ou 20 anos.

E assim, passei 5 anos trabalhando como empregada doméstica para uma família, depois desse período a minha mãe ficou doente, paralisia cerebral, e as coisas ficaram mais difíceis para os filhos. Os outros irmãos também começaram a trabalhar, e se não estiver equivocada, no ano de 1995 um dos meus irmãos foi para o Brasil e ficamos em três, eu e dois menores. Eu cuidei da minha irmã caçula, pois a minha mãe estava doente e não podia fazer isso.

Quando o meu irmão resolveu ir para o Brasil, foi algo improvisado, o meu irmão estava lá há dois anos, voltou e disse que queria que eu fosse com ele. Eu não queria ir, os meus planos não eram sair da Bolívia. Ele foi e depois de uns meses voltou, depois de um ano lá, se não estou enganada; e no penúltimo ano que ele veio, acho que foi em 1998, queria que eu fosse. Mas estava namorado e não queria deixar o namorado só. O namorado já tinha ido para o Brasil uns anos atrás. Depois de alguns meses que estávamos juntos ele resolveu ir para tentar abrir um negócio no Brasil, um escritório próprio, não, as pessoas que trabalhavam com ele decidiram abrir uma oficina, e ele perguntou se eu poderia ir para ajudá-lo. Sei que resolvi ir, mas tinha que deixar o meu filho na Bolívia, não podia levá-lo porque ele era bebê; tinha 3 anos e meio, fiquei pensando: "Deixo com quem?", e aí deixei com a senhora que trabalha aqui na pousada onde atualmente trabalho, com a Sandra.

O meu filho ficou com ela porque fazia anos que ela trabalhava na pousada; e como sei que ela e sua família queriam muito bem ao meu filho; então ela disse que ficaria com ele sem nenhum problema, e como não sabia com quem deixá-lo porque os meus pais já haviam falecido há muitos anos atrás, antes do meu filho nascer.

Sei que gostei de conhecer o Brasil, claro, no princípio estranhei um pouco o clima; não me senti melhor porque era muito quente. Depois de um tempo, começou a mudar de clima, e ficou frio como La Paz. Agora, não consigo me acostumar com clima quente.

No princípio, quando cheguei no Brasil, foi difícil, porque éramos somente os dois, eu e o namorado, nós dois costurávamos em uma oficina, mas não sabíamos nada de costura. Então, ele me ensinou e aos poucos fui aprendendo; nós dois sustentávamos tudo isso. Trabalhei quase quatro meses, trabalhávamos desde muito cedo até altas horas, quase não dormíamos bem, eram poucas horas, porque depois começamos a sair na rua para vender também. E assim fomos trabalhando.

Morar no Brasil deu certo, ao menos o antigo namorado está lá agora, segue trabalhando na oficina, e disse que está bem. Mas eu não fiquei e vim para perto do meu filho. Espero que estejas bem porque ao fim e ao cabo ele se esforçou mais que eu. Eu fui um apoio para ele no Brasil, depois de uns meses, chegaram outro casal para somar no trabalho e cresceu a produção. Aí mudamos de lugar porque

vivíamos em espaço muito pequeno e não cabia ninguém, e depois veio a família dele, a prima dele com o seu esposo, vieram trabalhar conosco e a produção aumentou.

E assim, até o final do ano nós trabalhamos produzindo muito, recuperamos tudo que perdemos com a viagem; porque se eu não me engano, em maio de 2009, um pouco antes de encerrar a produção, estávamos indo vender na zona oeste de São Paulo, na Lapa. Num certo dia que estávamos vendendo veio à fiscalização, e disseram ao proprietário da loja que não poderia continuar aberto porque não tinha os documentos regularizados, pois o senhor que alugou o espaço não pagou e fecharam tudo, confiscaram tudo que havia dentro da loja. E como nós tínhamos mercadorias armazenadas lá, tomaram tudo que tínhamos. Um dia antes da batida, tínhamos feito bolsas de todos os tipos porque iria chegar uma senhora para ajudar a vender as mercadorias. Nós fazíamos o deslocamento da Lapa até a nossa casa, transportávamos as sacolas, porque a tia de uma senhora vendia mercadorias na Lapa, e esta senhora ajudava a guardar as mercadorias, mas num certo dia chegamos no seu ponto e estava tudo fechado, e não podíamos retirar nada, não podíamos recuperar a mercadoria.

Nesse dia estávamos sem dinheiro, tinha apenas dois reais no bolso. Não tínhamos dinheiro para comprar material, nem para fazer os sacos. E o dono da mercadoria investiu cegamente, mas não podíamos imaginar o que iria acontecer. Bom, sei que não deixaram vender nem nas ruas, tivemos que sair em busca de outro lugar para vender; e começamos outra vez do zero, sem nada, sem um centavo. Claro, tínhamos material, mas não tinha como fazer, e outra, iria demorar; e o pouco material ficou em casa, levei para vender no dia seguinte. Vendi duas bolsas de dez reais, e com isso, deu para comprar no dia seguinte; e aos poucos as pessoas foram conhecendo o trabalho. Assim, buscamos outros pontos para vender.

Depois de um mês solucionaram o problema na Lapa, e voltamos a abrir a loja, antes vendíamos na rua, e aí que arriscamos a comprar um ponto. Não era um bom ponto comercial, mas ao menos dava para o que necessitássemos. E assim, fomos caminhando. Em seguida, tratamos também de obter, fizemos que com que esses duas pessoas que trabalhavam conosco fossem vender também; então, passamos a ser quatro pessoas vendendo. Mas nós fomos perdendo porque na rua todo mundo te tira. E somente depois de um tempo ficamos com um ponto na Lapa. Depois, o dono passou a ter outro ponto, ficaram dois pontos; e acredito que agora, o ex-namorado deva até está pensando em comprar um carro. Ele foi para um lado e eu fui para outro; nos separamos porque era sempre uma briga com brasileiros disputando, um vendia na rua, um querendo vender mais que o outro.

Sei que o dono não queria mais problema para ele, saiu daquele antigo ponto. O maior sonho dos bolivianos é terem seu carro, acho que ele está pensando em comprar o seu. Ele tem a ilusão de ter um carro, ao invés de uma casa, em que todos os meses você perde o dinheiro do aluguel; e tem que pagar água e luz.

Bom, a família do ex-namorado foi para o Brasil, e como toda família, sempre se metem na vida dos outros. No entanto, os meus parentes que estavam lá, meu irmão e sua esposa, quase não interferiam na nossa relação, não se metiam entre nós dois. Eles vieram trabalhar uma semana, tentaram morar na casa que morávamos, mas decidiram que não era bom trabalhar entre familiares, porque sempre há um estranhamento. Eu ouvia de outros bolivianos e dizia que com o meu irmão seria diferente, mas a esposa do meu irmão não estava feliz de morar com a gente; e meu irmão para não criar problemas comigo, resolveu procurar outro lugar, e assim, ficamos tranquilos em quatro pessoas. Pois é, os dois sempre estavam conosco, apesar de que ela tinha o seu esposo e saiam para onde queriam.

Eles trabalhavam com a tia do meu namorado e numa outra casa tiveram um problema com um dos trabalhadores da tia do meu namorado; e como os trabalhadores também são parentes da sua tia, ela não podia mandá-los embora; e

eles não sabiam o quê fazer. Em seguida; eles vieram nos pedir para ficar com a gente, aceitamos.

Depois vieram os primos do meu namorado e ficavam arrastando ele o tempo todo para todos os lugares. Sei que ele só queria ficar com seu primo e sua esposa, para tudo era o seu primo. E eu me incomodava porque não podia fazer nada com ele as sós, porque sempre tínhamos que arrastar seu primo e a mulher dele com a gente. Na verdade, não é que não gostava, mas ficar todo tempo, sem limites, era demais; e havia lugar onde podíamos ir os quatro, mas tinha momentos que não dava. E isso me irritava, e nesse momento nos desentendíamos; pois no principio quando eles chegaram estava tudo bem, nos falávamos, ela tinha um bebê, eu até cheguei a comprar uma roupa para o seu bebê porque me fez lembrar do meu filho.

E tudo estava bem, mas só me irritava porque era um pouco desordenada, não era uma pessoa muito limpa, e isso não me agradava. E como na casa tinha muitas baratas, e as baratas vão se sucedendo; preferia manter a casa limpa, mas ela se ocupava da cozinha, e a cozinha era cheira de baratas.

Ao meio dia, ela estava no comando da cozinha, e eu ficava à noite. Ela cozinhava na parte da manhã e durante a tarde ajudava na oficina. Eu ajudava em tudo, colocava botão nas roupas, e à noite eu cozinhava para não prejudicá-la; e quando ia cozinhar a cozinha estava toda suja, por isso, era uma porcaria. Isso começou a me incomodar e disse para o primo do namorado não deixar as coisas assim; porque eles não limpavam nada. E ele disse que ia falar para ela limpa.

Ela até chegou a limpar uma mesa, mas no dia seguinte era a mesma história de sujeira; estava cansada dessa situação; o seu primo não ajudava, a mulher dele pior ainda. Eu não queria ficar com raiva, porque poderia criar uma rivalidade; mas o ex-namorado cansou de ouvir as minhas queixas todos os dias. Até que veio mais um casal morar na mesma casa, que por sinal os conhecia, ficaram até o final do ano e vieram ajudar na mão-de-obra. Por isso, decidi sair da cozinha onde a prima dele cozinhava, e a mulher que chegou foi cozinhar.

Depois, gradativamente, ela começou a rivalizar comigo porque a senhora que começou a cozinhar tornou-se minha amiga, porque ela tinha opiniões parecidas com a minha e também não gostava de ver a cozinha e casa suja; gostava de manter a casa limpa e não tinha queixas. Ela ficava chateada, porque às vezes, ela ia fazer as coisas dela e deixava tudo sujo; ou quando não, deixava as coisas do seu bebê largadas; e eu ficava chateada com isso; disse para a senhora cozinheira que não aguentava isso.

Fiquei calada até não agüentar mais, até que explodi, e falava para o meu parceiro, e nessa houve discussões, brigas, e não gostei. Com isso, eu ameacei de ir embora, disse que iria embora; para mim foi um teste. Até que quando falei que iria embora, ele disse: "Tudo bem." Não imaginei que ele fosse agir assim. Quando disse que iria para a Bolívia, ele disse que não tinha importância; e não aceitei essa atitude de indiferença dele. Eu sofri mais por sua indiferença. Se por ventura o seu primo não tivesse agido assim, talvez ele não tivesse tomado essa atitude. E essa senhora que criou problemas comigo também retornou para Bolívia porque teve problemas com o seu esposo. Decidi ir embora para resolver todos os problemas.

No início, a família do meu parceiro tinha me aceitado numa boa, mas quando souberam que eu tinha um filho ficaram indignados, pois não sabiam da existência, como se fosse algo de outro mundo. Quando cheguei na Bolívia disseram que me viram com uma criança; eu tirei uma foto do meu filho e trouxe como lembrança para o Brasil. Como havia comprado uma lembrança; e me veio na mente que talvez quando íamos trabalhar, o nosso quarto ficava aberto, a prima do namorado iria mexer nas minhas coisas, acho que nessa, ela viu a foto do meu filho. Eu não tinha nada de valor e o dinheiro, guardava em outro local; só tinha a TV, umas roupas, algumas coisas; e imagino que como ela era curiosa, deve ter entrado no quarto e viu a foto de uma criança, e deve ter pensando que fosse o meu filho.

A família dele não queria saber de nada da minha vida. Não conseguimos nos acertar como casal, mas conseguimos manter uma relação de amizade. Nós conversamos e ele disse que estava muito bem. Eu retornei para a Bolívia. Faz duas ou três semanas que ele veio aqui, mas teve que voltar para lá porque deixou a oficina ao encargo de outra pessoa; às vezes nos comunicamos.

Eu e os meus irmãos que estão no Brasil ainda nos comunicamos. Antes de eu vir parra cá, meu irmão veio; como eles tiveram um filho no Brasil, vieram visitar a família ano passado e ficaram para o natal. Parece que eles viriam em março. Era um casal que se dava bem, tinham um filho, inclusive mais velho do que o meu filho; disse que o seu filho já era grande e que poderia ficar tranquilo, pois não iria irritá-los, que iria ficar vendo TV, jogando.

A senhora que ficou cuidando do meu filho quando fui para o Brasil é madrinha dele; e gostava de cuidar dele desde pequenininho. Nesse período que estava com o meu filho, comecei a trabalhar aqui na pousada e o meu irmão mais novo deixou de estudar, antes ele até trabalhava durante as férias; mas depois dos quinze anos ele se apaixonou, começou a andar em más companhias, deixou de estudar; estava na idade da loucura, queria namorar, mas só tinha 15 anos. Quando nos interamos que ele estava andando em má companhia, começamos a ficar preocupados; e ele estudava à noite, e às vezes faltava aula, às vezes não dormia em casa. E nessa ocasião, falei com o Roberto e decidimos que o David, irmão mais novo, iria para o Brasil trabalhar.

Fomo conversar com o meu irmão caçula: "David, queres ir para o Brasil? Tu vais, trabalha dois anos, volta para cá e vai estuda de noite." Porque aqui existe a possibilidade de fazer em dois anos o ensino médio. Eu dizia para o meu irmão estudar porque eu comecei a trabalhar e não terminei os estudos. Ele terminou o ano e foi com o Marco Antônio trabalhar no Brasil. Nó princípio, ele dizia que era difícil e não se acostumava com o calor, era muito quente. E no começo queria levar agasalho de lã, disse para ele não levar; disse para ele levar só para o inverno porque iriam ter que sair para vender nas ruas, sair às 04:00 da madrugada para ir vender e iriam necessitar de agasalhos. Quando estive no Brasil, trabalhava dentro da oficina e não precisava de muitos agasalhos porque ficava dentro de casa.

Falei para ele colocar roupas leves: shorts, camisetas. Agora que está lá, disse que sente muito calor, e até está com catapora, mas que está tudo bem, está aprendendo a costurar. Quando vivi lá era ruim porque tinha muito mosquito. Ele disse que está bem, que conheceu muitas pessoas, que está aprendendo a falar português, que está se comportando bem; disse que estava aprendendo computação, que vai na rua Coimbra comer frango, também vai passear com o Marco Antonio; saí para jogar bola nos finais de semana, todo boliviano adora futebol. Ele disse que gosta de aproveitar os domingos; disse que até pode estudar lá, mas tem que se esforçar para aprender o português para terminar o colégio. Eu não me preocupo mais com ele e está tudo bem.

Nós nos comunicamos por telefone, pela internet; falamos mais sobre as coisas essenciais. A forma mais fácil de comunicação é por telefone, mas gasta. Da Bolívia para o Brasil é muito caro; mas lá as pessoas compram uns cartões para ligar para cá e sai mais barato; com cinco, dez reais podemos conversar bastante; com cinco reais você conversa durante uma hora no telefone fixo; mas por celular, é menos de vinte minutos, se não estou equivocada. Às vezes eu converso com eles no trabalho.

No momento, como eles foram recentemente, e como tiveram muitos gastos, e a passagem é paga aos poucos porque nem a passagem eles ganham; e quando chegam tem que aprender tudo, não permitem erros senão são descartados. Agora, quando retornei para cá o meu irmão que estava no Brasil me ajudou nos primeiros três meses, ele enviava dinheiro, não enviava todo mês, de dois ou três meses ele enviava porque sabe que aqui é muito difícil, e também porque cheguei sem nada.

Bom, quando fui para o Brasil também enviava dinheiro para cá, para a minha avó que ainda é viva, e para os meus dois irmãos que estavam aqui; as caçulas. Eu trabalhava para todo mês enviar porque tinha que pagar água, a luz, a alimentação, tinha que viver; e como ela não trabalha, eu ajudava a casa. Os dois menores fazem uns bicos, mas não ganham o suficiente porque são menores e não os pagam bem, pagam muito abaixo do valor de mercado. Como não tem muito tempo que o meu irmão está no Brasil, eles sempre ajudam quando podem; quando liguei, ele disse que não poderia enviar sempre. As pessoas da minha família que estão no Brasil são o meu irmão mais velho e sua esposa e o meu irmão caçula. Quando eles foram, o meu irmão teve que pagar pela passagem dos três, e ainda teve que ajudar o meu irmão caçula que não sabia fazer nada.

Falava para ele ter calma e não se preocupar porque ao menos estou trabalhando e está dando para ajudar em casa. Gostaria de reformar a nossa casa porque a casa é velha, é antiga, e o meu irmão não pode fazer isso porque é casado e já tem sua família, e ficou eu e um outro irmão para ajudar a minha avó; se a nossa casa ainda está assim é por causa da nossa avó, pois é ela quem mantém a casa. E o que nós podemos fazer para ajudar? Reformar a casa, dar algo melhor para a nossa avó porque ela sempre cuidou de todos nós, se isso ocorresse seria ótimo.

Tenho alguns projetos para a minha vida, quero voltar a estudar, quero trabalhar por conta; abrir um pequeno negócio aqui, uma venda porque não pretendo ficar toda a minha vida trabalhando para os outros. Quando fui para o Brasil, não saía do meu pensamento abrir um negócio em minha casa, um mercadinho, porque onde vivo não há muitos, e os que existe não tem tudo, tem somente o básico, às vezes um busca uma coisa, outros buscam outra coisa, é bom porque ajuda.

Quero montar o meu próprio negócio, ter meu mercadinho é um dos meus sonhos. Mas atualmente não podemos fazer porque não terminamos de construir a casa, falta o muro da frente; e quando vem dinheiro, guardo. E tudo que entra em casa é para comprar alimentos, compro algumas coisas para o meu filho, a minha tia também compra. Nos primeiros meses de vida do meu filho, cuidava dele, não trabalhava; mas hoje que trabalho, o que eu desejo é ter um negócio, tanto para mim quanto para a melhoria dele, para ajudar a família.

Um dos meus irmãos já casou, e o outro que está lá tem outros sonhos; queria que meus irmãos menores vivessem numa boa casa. Hoje nós dormimos todos em um mesmo quarto; quero que todo mundo seja independente. Deus queira que no ano que vem tudo melhore, estou pensando em ir para o Brasil ficar um ano trabalhando; mas o problema é que o meu filho tem catarata nos olhos e tem que operar os dois e terá que ficar um mês e meio em recuperação. Não dá para ir no momento, então, até o fim do ano espero que tudo esteja bem, e ele não tenha problemas com a visão dele, porque a visão é muito importante.

Talvez tenha que ficar na pousada até março porque em janeiro e fevereiro chegam muitas pessoas, muitos argentinos, e é um período de férias e fica lotado; e dá para tirar um dinheirinho a mais, pois a pousada fica cheia e você não tem tempo nem para almoçar, nem para jantar, somente preocupa-se com a limpeza; esses meses de férias é um mês que beneficia o proprietário e o empregado, é o período que o dono mais ganha, é como o natal no Brasil. Nesse período o dono consegue recuperar todo o ano, janeiro e fevereiro é um mês para aproveitar e recuperar o capital. Eu também decidi ficar esse período porque os donos e a pessoa que cuida do meu filho me ajudam muito, e não seria justo partir nesse período de férias porque vão necessitar de pessoas que possam ajudar. E às vezes falta pessoas, e além de mim vem outra pessoa para ajudar o dono, o Roberto. O meu trabalho consiste em arrumar o quartos; e como fiquei esses anos aqui essa é a minha decisão: ficar nesse período e depois partir, tenho que corresponder a ajuda deles.

O Marco Antônio tem um bebê pequeno e pretende ficar no Brasil até o seu filho completar 5 anos; depois desse período ele quer montar algo aqui. Ele disse que quer que sua filha estude aqui, mas vai saber daqui uns anos o que se passará com eles... E ele quer abrir sua própria oficina, um negócio próprio lá também; mas isso vai depender do tempo, talvez até mude de decisão; ao menos sei que ficará bem, talvez no ano que vem ele consiga se estabelecer no Brasil e não venha mais para cá. Também, há momentos que penso em ir para o Brasil e ficar por lá, que meu filho estude lá. Mas há momentos que penso muito em minha avó, tenho também uma tia, e essa tia é um pouco doente, e não posso deixar elas; talvez por elas pense duas vezes antes de tomar uma decisão; talvez fique por lá só um período e retorne para cá e aqui consiga abrir um negócio, e assim, não sair nunca mais da Bolívia. Dá para sobreviver na Bolívia, mas sabemos que os bolivianos, às vezes, não sabe lidar com situações difíceis, cai e se desanima, e não quer tentar viver aqui, e pensa que sair para o estrangeiro será muito melhor, mas às vezes não é assim que funciona. Eu tenho escutado pessoas dizerem que ficaram um mês fora, e como se deram bem resolveram ficar; outros dizem que morar no estrangeiro é bom, mas eu digo que depende de cada um; se uma pessoa propõe fazer isso, se tem vontade de mudar, deve fazer isso, porque nem tudo é flores e há tropeços; tem uma outra coisa, há pessoas que se desanimam, mas é preciso ser forte e conseguir vencer tudo isso...

A minha família é daqui de La Paz, meu pai e a minha mãe. A minha família me apóia, e nessa parte eu não tenho nenhum problema, não tive problema nem por parte de pai e nem de mãe, eles sempre nos apoiaram, sempre nos informaram. Nós como órfãos, conseguimos ser fortes e manter a casa; meus pais não nos apoiaram economicamente porque não tinham condições, mas moralmente sempre nos aconselharam; diziam para nunca pararmos, para que trabalhássemos e tivéssemos os nossos filhos; e nessa parte não tenho reclamações da família; ninguém nunca questionou porque para onde íamos ou o quê iríamos fazer no estrangeiro; porque os familiares só querem o nosso bem, eram pessoas compreensíveis, sempre dando conselho.

Trabalhar para os outros é muita pressão, tem um ritmo e isso me estressa. Fiquei um tempo trabalhando aqui e depois resolvi sair. Eu gostaria de ser independente, ter uma pequena venda, depender do meu trabalho, depender do meu próprio tempo, ter tempo para cuidar do meu filho, porque às vezes o meu filho passa o tempo todo na casa da madrinha dele, que fica no terceiro andar da pousada e eu fico trabalhando, e não posso ver o que ele está fazendo.

Às vezes ele fica em casa, outras vezes não quer ficar. E ele precisa de mais atenção, uma mãe é uma mãe e tem suas obrigações, e também quero ser mais independente por isso. Uma vez até pensei em abrir um negócio, um salão de festas infantis para alugar para aniversários, porque aqui em La Paz têm muitos, mas lá no El Alto não há muitos; talvez pudesse ser na casa da minha avó, que tem espaço para abrir um pequeno salão de festas infantis, e acho que isso pode dar resultados.

Conheci muitos espaços de festas no Brasil, mas não entrava porque não tinha crianças para levar, mas vi muitos. E sempre tem armazém para comprar enfeites de aniversário, tem muita coisa interessante e eu ficava olhando e pensando que poderia investir nesse setor na Bolívia.

Eu não cheguei a terminar o colegial porque na época a minha mãe ficou doente, e era a minha mãe que me ajudava a pagar as mensalidades; estudei um ano e depois não pude terminar.

Em La Paz tem muitas universidades e você pode estudar e trabalhar para ajudar a pagar, mas te cobram a mensalidade; agora, eu não sei quanto está atualmente; no ano que estudei custava duzentos bolivianos por mês, agora talvez tenha subido o valor, mas se quer estudar em uma estadual tem pagar imposto, mas necessita de todo o tempo, passar o dia todo na universidade e as vezes não tem como trabalhar.

As universidades particulares lhe permitem trabalhar, por outro lado, quem estuda em uma universidade estadual ou federal tem todo o seu dia livre para estudar para as provas, têm seus pais para dar o dinheiro da passagem, dão dinheiro para tirar fotocópias, para comprar livros. Tenho uma amiga que terminou a faculdade, estudou odontologia e está trabalhando no Brasil, não sei, mas acho que desde pequena ela foi para o Brasil, fez o colegial dela no Brasil, e fez a Universidade lá.

Não sei o que aconteceu depois porque não tinha muita relação, mas sei que terminou o curso dela e está trabalhando, é dentista. Mas não tinha muita informação dos estudos no Brasil, e não podia averiguar e não tinha tempo, e nessa época não sabia onde ir para ter informação, onde estudar, sabe? Teria que ter tido tempo livre, não tinha tempo para trabalhar, imagine estudar; teria sido uma boa aluna, mas não pude correr atrás disso no Brasil, tampouco aqui na Bolívia que trabalho o dia todo e chego em casa de noite super cansada.

Às vezes não consigo chegar em casa cedo porque tenho que esperar o ônibus, para conseguir chegar em casa pego uns micros lotados que balançam o tempo todo, e ainda tenho que andar um pouco, demora, principalmente quando estou com o meu filho, fico na parada até passar um menos lotado, porque é difícil pegar um ônibus lotado com uma criança. Sei que tem pessoas que estudam e trabalham e estão bem; e também é muito esforço trabalhar e estudar, a mente se cansa, a vista cansa. A minha jornada é longa e difícil, às vezes penso que poderia estar na escola o tempo que perco no caminho; e viver muito longe também afeta a vida.

Os meus irmãos ainda não estão com todos os documentos em dias, mas no ano passado houve a anistia no Brasil e eles aproveitaram para tirar os papeis, o meu irmão fez. Bom, como o meu irmão mais velho tem uma filha nascida lá, tiraram a documentação, mas não a definitiva, porque quando você tem um filho que nasceu lá você pode tirar a definitiva, mas eles não fizeram e não sei o que estão fazendo no momento. Sei que tem que pagar uma multa, e eles não queriam pagar a multa, e não sei qual é o valor dessa multa, e por isso tiraram os documentos no período da anistia, e espero que valha até hoje, porque antes era no máximo três meses de permissão para ficar aqui. Sei que nos deram um protocolo e com isso teríamos que recorrer com o que é o RG, mas acredito que eles recorreram, espero que no ano que quando voltar possa tirar esse documento. Todo boliviano sonha em ter seus documentos, é uma ajuda ter o documento, pois serve para tudo, até para conseguir uma casa, até para isso te pedem documento, aqui é diferente, e eu gosto disso lá. No Brasil você pode conseguir as coisas, pode conseguir só por ter o documento; e aqui mudou também porque te pedem um recibo; e te pedem isso para poderem tirar crédito de alguma coisa, e é isso que admiro lá. No Brasil, se a pessoa tem documentos ele pode comprar uma televisão, pagar e quitar qualquer coisa, só com o documento, e aqui dizia que não é assim.

4.3.2. Roberto

(Fonte: foto da autora, 2010) Roberto em sua casa no centro de La Paz

Sou um líder solidário que busca a paz e a felicidade!

Meu nome é Roberto Bozo Bollate; nasci na cidade de Ruvenabaque, Beni. Quando eu tinha quatro anos de idade os meus pais vieram morar aqui em La Paz. A nossa vida foi feita nessa cidade, trabalhar e estudar. Aí quando estava com dezenove anos fui estudar lá no Brasil.

Fui estudar lá em Curitiba em 1980 por meio de um convênio cultural Brasil/Bolívia. A verdade é que fui direto para Brasília, nessa capital estudei um ano e depois fui para Curitiba porque em Brasília a vida estava muito cara e a minha mesada só dava para vinte dias nessa cidade. Quando fui para Curitiba minha vida melhorou, fiquei estudando até me formar em 1984; daí eu casei com Jamile, que é uma brasileira de Curitiba mesmo, e morava com a família dela. Desse casamento nasceram três filhos: o Lúcio Roberto que está morando aqui comigo, estudando Psicologia na Universidade Católica de La Paz; depois veio a Bianca que já se formou na Universidade Federal do Paraná e mora em Curitiba; e a Júlia que está fazendo Engenharia Industrial lá em Curitiba também. Eles são adultos e a minha filha mais nova tem dezenove anos. Mas também tenho outra filha...

Quando fui para Curitiba, no Brasil, conheci uma menina boliviana e nós tivemos uma filha, essa filha é a mais velha das minhas filhas brasileiras, o nome dela é Raquel e é odontologista. Fez odontologia em aqui em La Paz, mas no último finalizou em Minas Gerais. Faz três ou quatro anos que se formou e está exercendo a profissão no Brasil. Até fui em seu casamento e, Graças a Deus, ela está muito bem; casou com um rapaz muito bom, ele é brasileiro e ela também é brasileira, mas os dois pais, eu e a mãe dela, somos bolivianos.

Fiquei trabalhando no Brasil por mais de vinte anos só em Curitiba. Aí tive que retornar para a Bolívia porque tinha que atender alguns assuntos. A minha mãe e minha irmã estavam sozinhas, as duas não podiam tocar o negócio da pousada só, porque estava acabando as condições físicas para continuar trabalhando. O meu pai faleceu em 1990, então, as duas mulheres, estavam sozinhas, tinha esse pequeno negócio aqui, que agora, Graças a Deus não é muito pequeno. Acabei vindo para La Paz reforçar o trabalho daqui e poder dar uma vida tranquila para minha mãe.

Cheguei em La Paz com a Jamile, chegamos todos, só que a Jamile não se acostumou, ficou só seis meses e não se adaptou com a cidade. Sei que ela voltou depois de um ou dois anos que estava aqui, ela disse que era melhor nos separarmos e que era para eu ir para Curitiba porque já estava tudo conversado. Fui e nem deu duas horas e já saiu o divórcio; fui me divorciar e voltei para cá. Ela ficou com as meninas porque retornou para o Brasil e levou toda a criançada, né? Foi muito triste para mim pelo fato de que o objetivo era que ela ficasse aqui, trabalhasse junto com a gente, crescesse dessa forma. E quando ela veio para cá não tinha nada, era só uma casinha velha no lugar dessa pousada.

Era uma casa de família e a minha mãe alugava quatro quartinhos para pessoas que chegavam do Departamento de Beni, mas voltei com esse objetivo de fazer isso crescer, era o meu sonho e, lastimosamente, ela não soube esperar. Cheguei a falar: "Aguarda um, dois ou três anos, estamos começando do zero, aguarde um pouco.", "Não, porque tenho uma boa vida lá, tenho um bom padrão de vida e não vou trocar por isso aqui..." Mas ela morava muito bem lá, a gente morava muito bem no Brasil. Daí ela não soube esperar, não acreditou no meu potencial de poder fazer as coisas melhorarem. Ela foi e depois comecei a fazer o sonho, pois pretendia fazer um prédio com dois blocos.

O meu objetivo ao retornar era trazer a minha família de lá, fazer uma vida aqui e prosperar aqui também. Porque lá a gente morava bem, mas queria morar muito melhor porque em Curitiba fui até gerente regional de uma grande empresa, sou economista, tive a minha especialidade e tudo; análises de marketing. Estava trabalhando bem, só que em outras condições. Consultei ela: "Vamos para lá, a mãe está sozinha, não posso abandonar ela nesse momento.", "Vamos." Ela ficou muito animada, mas quando ela veio, não viu aquilo que talvez ela queria; viu uma casinha pequena, desorganizada, como as casinhas velhas das cidades antigas, então, não consegui aguentar o sacrifício, mas se tivesse ficado, talvez, tivesse morando muito bem aqui. Foi para lá; não sei muito da vida dela porque comprei um apartamento para ela e meus filhos no centro de Curitiba, sei que mora com as minhas duas meninas; comprei para elas ficarem tranquilas e não estarem passando necessidade. Então, graças a Deus, ela está trabalhando, a minha filha mais velha está trabalhando, só uma que está estudando; e o Lúcio Roberto está aqui em La Paz.

Eu retornei para La Paz em 1998, mas em 1999 a Jamile voltou para Curitiba; e no ano 2000 continuei trabalhando e demorou muito tempo para conhecer outra pessoa, passaram uns 10 anos para casar novamente. Mas casei com uma pessoa que tem mais ou menos os mesmos objetivos que os meus. Ela não pode ter filhos, também não quero mais; não tenho mais idade para ter mais filhos, então, estamos lutando para viver melhor. Ela é boliviana.

Acredito que as pessoas que moram em Curitiba, como a cidade é muito boa, é difícil acostumarem-se em La Paz; talvez por causa do padrão de vida que o Curitiba tem, pois se não acostumam nem em outras partes do Brasil, imagina, pior na Bolívia, um país que está bem abaixo da média de desenvolvimento brasileiro. O Brasil está muito melhor em termos estruturais e econômicos; e isso é um dos fatores. O outro fator foi que ela veio pensando em outra coisa, mas quando chegou, não era do jeito que pensava. Tivemos que começar do zero, tudo; e isso foi um fator que fez com que ela desistisse. Outra coisa foi o fato da família

dela falar: "Mas como que você vai trocar o Brasil pela Bolívia? Como você vai trocar o seu apartamento, a casa de praia, a vida que você tem pela vida na Bolívia?" O pai dela ganha muito bem, ela tem muitas coisas, vive bem, troca de carro todo ano, imagina para essa mulher de classe média vir morar no Altiplano boliviano. Então, ela escutava essas coisas e foi a influência que fez com que ela decidisse voltar para lá; porque talvez ela tenha pensado que iria demorar muito o progresso na Bolívia. Foi só no terceiro ano que comecei a construir a parte vermelha do prédio onde estou. Depois de quatro anos, em 2008, construí esse bloco daqui; passaram-se dez anos só, ela podia ter aguentado um pouquinho. Mas esse meu casamento se desfez.

A minha família boliviana é uma família com poucos recursos, abaixo da média, porque o meu pai trabalhava no Aeroporto, ele tinha um salário fixo e a minha mãe fazia refeições, tínhamos um pequeno restaurante no térreo onde hoje é a pousada, onde a minha mãe servia comida, mas a família era uma família que trabalhava muito.

O meu pai era despachante, controlava a entrada e saída de mercadorias que entrava no avião. Também fazia um serviço de seleção de mercadorias e de sua organização. Sei que ele ganhava bem para o padrão de vida boliviano; era o pai que bancava mais a parte do orçamento familiar. E a minha mãe fazia e vendia comida, geralmente, comida da parte oriental da Bolívia para os viajantes que vinham do Beni.

A minha família sempre foi muito unida, nos respeitamos, mas economicamente quando eu fui para lá e voltei; a minha família estava igual, mas com menos estrutura. Não tinha prosperado quase nada, permanecia na mesma situação, a diferença foi que cheguei com muito mais conhecimento de prosperidade; esse conhecimento que trouxe do Brasil e botei para prosperar porque um amigo falou para mim: "O que você vai fazer na Bolívia?", "Mas lá ainda dá para prosperar." Eu vejo que em qualquer lugar do mundo você pode prosperar tendo conhecimento; se você tem conhecimento no que você vai fazer, você prospera; não tem outra." Foi isso que comecei fazendo e foi o que aprendi no Brasil; era gerente de marketing de mercado e todas essas coisas aprendi e apliquei nesse pequeno negócio. Lá trabalhava em uma empresa de marketing, de produtos, de vendas de imagens, às vezes, atendíamos até políticos nas diferentes eleições que ocorreram, trabalhávamos assim.

Os emigrantes que vão para o Brasil trabalhar nas confecções, crio que aqui tenha bastante trabalho para isso, só que não ganham quase nada; e as pessoas vão em busca do famoso sonho americano. Antes todo mundo ia tentar o sonho americano nos Estados Unidos; só que de mil pessoas que iam, cinco conseguiram a realização e os outros tinham que voltar para a Bolívia. Então, acho que o sonho do boliviano é prosperar, ganhar muito dinheiro e enviar o dinheiro para família que está aqui. Por que geralmente as pessoas vão lá e trabalham e enviam um pouco de recursos para a família, vão para juntar dinheirinho e enviam para cá; mas um de cada mil podem abrir uma empresa fora, geralmente, os mesmos bolivianos exploram outros bolivianos. Eu acho que esse "boom" é um sonho ilusório, agora não é mais nem americano, é o sonho brasileiro. O Brasil está muito bem hoje, está precisando de mão-de-obra. Quando fui para Curitiba no ano passado, não tinha profissionais lá. Estavam faltando engenheiros, profissionais de diversas áreas, parece que ingressaram menos do que o país precisava; então, muita gente está indo para lá trabalhar na parte técnica, nas confecções, nas áreas que o Brasil está crescendo; até porque os bolivianos que estão no Brasil são pessoas de pouca escolaridade.

As pessoas precisam de trabalho, para os que têm pouca especialidade; ou seja, técnicos, construtores, pedreiros, tornearia, instrução de vendas e na fabricação de roupas, roupas de cor, porque o boliviano trabalha muito bem o couro e lá parece que tem muita confecção de couro em São Paulo, nos setores têxteis. E é isso que fazem lá as pessoas que vão trabalhar, e muitos seguem

porque são chamadas por meio de outras pessoas: "Estamos precisando de uma mão-de-obra aqui, vem para cá que você vai ganhar bem." Eu não sei como entram, mas chegam no sudeste.

A primeira vez que pus os pés no Brasil tive a impressão de quê o meu país estava muito, muito, muito atrasado. Porque primeiro cheguei em Brasília, cheguei no terminal e vi uma Brasília muito bem organizada, isso há trinta anos atrás, em 1980, e o terminal fica próximo dos ministérios e tinha uma vista impressionante. Daí a gente fica impressionado. E quando fui para a Faculdade, na UNB em Brasília, vi uma universidade muito completa. Vi uma organização dez vezes melhor do que a organização daqui, uma universidade muito bem organizada, em um país que tinha um futuro muito grande e ainda naquela época já era o país mais desenvolvido da América do Sul, mas senti que o Brasil tinha muito para prosperar. E é isso que está acontecendo, eu considero o Brasil uma potência; e tive essa visão no passado.

Quando cheguei em Curitiba vi outro estilo de desenvolvimento, pode-se dizer, uma cidade mais européia, uma cidade onde $2 + 2$ é 4, muito racionalizada, muito matemática, as ruas muito limpas, as pessoas são muito diferentes das de Brasília. Quando cheguei pensei que estava na Europa em Curitiba, tudo era lindo. Na minha sala de aula o único moreno e outros dois latinos que tinha era eu e um colega, eles pensavam que eu era até japonês: "Oi japonês, tudo bem?", "Eu não sou japonês, sou boliviano." E o restante de alunos da minha sala era tudo loirinho. As cidades do sul do Brasil são muito bem organizadas, muito bem planejadas, assim, vi duas formas, muito distintas de organização. Quando fui a São Paulo, percebi que era totalmente diferente; São Paulo é um monstro industrial, uma cidade que vai e cada vez está maior, e sei que não dá para conhecer tudo. Fiquei trinta dias em São Paulo na casa de um amigo, olha, eu não conheci nada. O meu amigo me levou para conhecer o zoológico, passamos por uma avenida chamada Dutra, depois fomos à avenida Paulista, mas não dá para conhecer porque é muito grande.

Mas percebi que o Brasil tem diferentes formas de progresso, diferentes formas de vida. Quando fui passar um carnaval em Olinda, percebi que era completamente diferente do Rio. O Rio é um carnaval espetáculo e Olinda já é um carnaval de rua, de trios elétricos. Recife é muito diferente das duas cidades que morei. Tem muitas culturas diferentes no Brasil... Aqui na Bolívia as pessoas pensam que no Brasil é só samba, mas não é não, tem uma cultura muito diversificada e forte. Eu que conheci de perto sei que a cultura brasileira é riquíssima. Essa foi a minha percepção, um país muito progressista e muito diversificado, e a Bolívia está estancada no tempo.

Quando cheguei a La Paz notei que a Bolívia está parada no tempo, cada vez que vou ao Brasil sinto raiva, porque vou para lugares que eram ruins e agora estão bem melhores, está melhorando lá, mas aqui, chego e continua a mesma coisa; as mesmas ruas. As autoridades não se preocupam por melhorar as coisas. Agora, La Paz, a cidade deu um salto, La Paz está muito bem, melhorou bastante.

A impressão ao retornar para a Bolívia foi de raiva porque La Paz estava a mesma coisa de quando saí, há vinte anos atrás. Esta rua daqui era de pedra quando eu fui, e quando cheguei não tinha nem pedra, estava só de terra, esta ruazinha da pousada. Fiquei com raiva porque como é possível que o Brasil que é um país tão rico, tem tudo e pode prosperar. Então, comecei a trabalhar...

Quando cheguei estava tudo ruim, tudo mal e falei para um amigo: "Morocho, o quê vocês estão fazendo pela nossa ruazinha ali que está pior do que quando fui há vinte anos, está pior e o quê está acontecendo?", e ele responde: "Roberto, aqui a corrupção das autoridades é demais. Ninguém pode fazer nada porque se você fala alguma coisa já pegam você." É tempo de ditadura, mas aqui o município podia fazer algo. "O quê que podemos fazer para melhorar esse negócio aqui?", "Aaqui tudo funciona com bloqueio." Bloqueio de ruas e coisas. "Vamos fazer um bloqueio." Falei para ele. "E pode?", "Lógico, vamos precisar disso e disso.

Não se preocupe que irei fazer o possível para que dê tudo certo, nós não podemos morar assim.” E eu vim com um objetivo de prosperar, de fazer um hotel bom, mas as ruas não podem continuar cheias de buracos. “Então, preparamos para quando?”, “Tem que ser segunda-feira.” Falou para mim. E eu falei: “Morochó, vamos furar o pneu daquele rapaz ali; vamos esvaziar o pneu do carro dele.”, “Mas eu não furo.”, “Vai furar os quatro pneus do carro dele.” Ele é assim, bem decidido. A gente fez esse bloqueio aqui na esquina e não passava nenhum carro, até que veio os meios de comunicação. E no outro dia começaram a colocar os blocos de pedra na rua, ficou linda a rua, agora já está um pouquinho diferente, está faltando arrumar; mas no outro dia tinha ficou linda; em trinta dias arrumaram a rua.

As pessoas na Bolívia, geralmente, esperam alguém fazer para eles seguirem; nós fizemos e todo mundo começou a apoiar, mas um tem que fazer primeiro para depois eles apoiarem, eles apoiaram o bloqueio e todo bairro saiu. A impressão de tudo foi que o meu país não tinha avançado em nada, não tinha prosperado nada as ruas, e a gente continuava na mesma situação, ou seja, o boliviano não é muito rico espiritualmente.

Quando os bolivianos geralmente adoecem, têm falências no seu comportamento, e acho que é por falta de emprego. Nenhum governo, até agora, deu as possibilidades de a população boliviana ter empregos dignos; ou seja, as pessoas se dedicam, mas os empregos são informais, todo mundo compra e vende na rua, e desse comércio informal vive uma grande parcela da população. Tem poucos empregos formais, empregos dignos, onde você possa ir trabalhar, marcar no relógio, ir na sua casa almoçar, ou, ter um horário continuado, volta para sua casa; para no sábado sair com a sua família, com o teu carrinho, ter uma casa para ir almoçar ao menos uma vez por mês, ou, ir almoçar no campo, ir almoçar num restaurante com a família. Não tem empregos e poucas famílias têm empregos dignos para desfrutar de uma vida digna.

No Brasil você vai à praia quase todo final de semana no verão, as pessoas iam para a praia passear com os familiares. A casa de praia da família da Jamile era frequentada por toda família dela, claro que não era minha, fiz uma casa, mas depois vendi e comprei um apartamento quando cheguei em La Paz. Mas todo mundo em Curitiba vai para a praia, tem a sua casinha em Camburiú, tem a sua casinha em Caiobá, Matinhos, essas praias aí. E as pessoas vão aos restaurantes aos finais de semana, vão às churrascarias e muitos têm empregos dignos, muita gente tem bons empregos para poderem manterem suas famílias.

Na Bolívia muito pouca gente tem empregos que possam sustentar a família, então, o quê acontece? A pessoa não tem um emprego bom e o que fazem? Compram, vendem e depois a preocupação, o estresse faz a pessoa beber e, geralmente, os homens gostam de beber; e isso abaixa a auto-estima da pessoa, entra em um círculo negativo e a família é desfeita. Isso tudo por falta de emprego; veja como tão importante é um emprego digno para uma pessoa e isso é um pouco difícil. Então, não houve crescimento espiritual por causa de problemas externos, problemas econômicos.

Desde menino sou muito apegado a música. Quando fui para o Brasil, em poucos dias vi um concerto de um grupo do Peru que tinha chegado não sei de onde, mas eles iam morar lá em Curitiba, parece que dois deles moravam lá; o nome de um era Fred. E quando entrei no concerto 50% do repertório era tudo da Bolívia, o quê aconteceu? Senti raiva porque eles pronunciaram para platéia que o repertório era todo peruano. Esperei e falei: “Os cachapare são da Bolívia; essas músicas são da Bolívia. Muitas músicas que vocês tocaram são da Bolívia e vocês colocaram aqui que estão tocando folclore peruano, e isso não é bom.”, “Ah, porque nós moramos lá em São Paulo e outros moram aqui e nós tiramos todas as músicas de um amigo peruano que deu para nós, pensávamos que fosse do Peru.”, “Mas não é; e vocês não podem mais tocar isso aí e tem que especificar que é boliviano.”

Nesse momento apareceu um amigo meu, o Moy, que tinha fugido dois dias antes. “Como estás?”, “No foldem não tem nenhuma notificação sobre música

boliviana.” Ele ficou bravo e falou para eles: “Vocês só vão tocar a segunda parte se vocês explicarem ao público que as músicas são da Bolívia porque senão não iremos deixar vocês tocarem.” Aí tudo bem, eles já mudaram, falaram e explicaram ao público. Como já sabia fazer música, tocava bolero, era cantor de bolero, mas não sabia cantar música boliviana, muito pouco, uma cueca, umas três, quatro musiquinhas.

Foi quando estava passando por um restaurante e vi um grupo de pessoas cantando: “Viva mi pátria Bolívia...” Ouvi essa música por uma janelinha de um restaurante. Entrei lá e vi um grupinho de bolivianos que estavam cantando com o violão, sentei e eles me chamaram, estava com uma blusa boliviana: “Você é da Bolívia?” Aí falei para um rapaz que estava tocando guitarra: “Por que nós não fazemos um grupo?” Ele perguntou: “O quê você sabe cantar?”, “Eu sei cantar cueca.”, “Qual cueca?”, “A do segundo Delano.” Eu cantei e ele encaixou a sua segunda voz, então, a gente se encontrou no primeiro dia. Esse rapaz era muito esperto em tocar charango, e aí já tinha guitarra e charango.

Avisei na Universidade Federal do Paraná quando cheguei em Curitiba: “Precisam de estudantes bolivianos que saibam tocar instrumentos bolivianos de vento.” Samponhã, quena, targa e apareceram umas 50 pessoas. A gente fez a prova e foi escolhendo um por um. Fizemos o grupo com os amigos, era o grupo ‘Bolívia Canta’ em Curitiba. E esse grupo foi tão bom que o reitor decidiu que todos os estudantes de outros países fizessem seus grupos folclóricos; e criaram para nós um departamento de órgão suplementares, para que organizássemos todos esses grupos.

Sei que fizemos o primeiro Festival Folclórico Latino Americano, fizemos o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto; até o quinto acompanhei, depois me formei e fiquei mais um ano. Agora é a CBB, Centro Cultural Boliviano, eles apresentam grandes espetáculos lá no Paraná. E aí o departamento fechou porque o pessoal da Bolívia se formou, todo mundo casou e outras pessoas não tiveram condições de poder seguir com esse projeto. Também, mudou a vida econômica dos países e já foi mais difícil vir estudar no Brasil. Quando eu vim estava bem, mas depois ficou difícil, se tornou muito caro estudar no Brasil. O que está acontecendo agora? Hoje muitos brasileiros estão indo estudar na Bolívia; os brasileiros que não têm condições vem para cá fazer medicina porque é bem difícil entrar nas Universidades Federais brasileiras. Milhares de estudantes brasileiros fazem diversos cursos na Bolívia, principalmente medicina. Porque pagar um curso de medicina no Brasil é caríssimo e aqui é bem baratinho para eles.

Gosto de muito de música brasileira, porque a melhor fase da minha vida foi a que eu passei no Brasil, um período que marcou a minha juventude, meus melhores momentos, meus amores, tudo isso foi no Brasil; fui novinho para lá. Toda essa parte de CDs de cima da estante da sala é do Brasil, tem Demônios da Garoa, Benito de Paula, Roupas Nova, Legião Urbana, tudo que eu gostava naquele tempo trouxe para ouvir; agora já devem ter outros grupos, mas desse tempo tenho um monte de LPs de samba e de variados estilos musicais brasileiros. Muito boa música!

A diferença da música brasileira para a boliviana é muita, por quê? Por que a música brasileira me acompanhou nos melhores momentos, nos momentos de solidão, nos momentos que estava estudando, nos piores momentos quando faltava dinheiro ou quando não chegava a minha mesada e tinha que sair a trabalhar de noite, cantar alguns bolerinhos em alguns barzinhos para poder ganhar um dinheirinho. Então, a gente ouvia música no rádio, a música brasileira cresceu comigo porque fui formar o meu caráter na profissão e em tudo a música brasileira esteve presente. Até fiz um grupo de música boliviana só para mostrar a cultura boliviana, mas a música brasileira sempre me acompanhou. Trouxe muita música de lá, até agora quando vou para lá, sempre vou buscando as músicas que não tenho, fico cassando as boas safras da música. A gente não tinha “Menino do Rio”; não tinha e encontrei; comprei e agora quando eu for lá, vou ter que comprar o do

Pepeu Gomes que gosto e não tenho, não encontrei, mas tenho a da ex-mulher dele a Baby do Brasil.

O melhor momento que eu tive no Brasil e até hoje lembro foi quando o reitor da Universidade Federal do Paraná falou para o grupo que nós íamos tocar com a Orquestra Sinfônica do Paraná no Teatro Guaíra. Foi um momento lindo! Entremos pela parte de trás e não conhecíamos o teatro Guaíra. Foi um dos melhores momentos, mas este é o melhor. A gente estava conversando e aí o meu amigo Pacheco falou: "Olha, vocês terão que ficar aqui atrás; vai se apagar a luzes e vocês irão caminhar sete passos porque o microfone está justamente no sétimo passo. Você irá ver uma luzinha e vai estar tudo escuro. Vocês não vão ver nada, mas a gente vai olhar para vocês porque as suas vestimentas são luminosas e na escuridão, elas brilham." O uniforme era com plumas, um chapéu com plumas, bem boliviano mesmo. "Eles irão ver vocês, mas vocês não vão ver eles."

Quando o grupo anunciou a pessoa, abriu o telão e caminhamos os sete passos. Imagina essa emoção quando ligou a luz, não imaginava que teatro era tão grande e estava tudo lotado; assim eu vi, fiquei surpreso, como se alguém tivesse me dando um presente, como se fosse um carrão e começamos a tocar, foi uma grande alegria. Esse foi o melhor momento da minha juventude no Paraná, de ver o teatro cheio e uma boa programação, e o meu grupo estava se apresentando.

E outro momento bom foi quando a Universidade de Londrina levou a gente para tocar em um clube. Era uma lagoa muito grande e nessa lagoa a gente entrava em barco para tocar no palco. Fomos para o palco de barco, foi um espetáculo muito lindo, cheio de luz. As pessoas sabem fazer bons espetáculos no Brasil. Esses foram dois momentos bonitos, agora os momentos familiares, posso dizer que o melhor momento foram os nascimentos dos meus filhos. Foi muito lindo quando nasceu, pegar os meninos no colo. Outro momento lindo foi quando levei o meu filho mais velho na escola; é uma sensação muito diferente ver o menininho entrar na escola. Dá uma vontade de ficar lá para ver; esse momento foi muito lindo! E isso aconteceu com os três filhos, de levar eles na escola no primeiro dia de aula.

Vou contar um momento muito especial ainda. Lá onde eu morei tinha uma praça chamada Osvaldo Cruz e nós tínhamos que apresentar uma dança, foi em 1985. Então, nós fizemos todos os esforços para poder apresentar a dança. A Universidade colaborou, muitas instituições colaboraram e apresentamos a dança dos caporales; isso foi em 1985. A praça Osvaldo Cruz era um espaço onde se apresentavam todas as etnias européias: Polônia, Itália, França, Ucrânia, Espanha, Portugal; mas nós conseguimos que a Bolívia também entrasse no roteiro. Eram só convidados e não estavam concursando. Mas um conselho que houve foi que falaram que também podíamos concursar. Entramos no concurso e não éramos só convidados. Apresentamos e todos os filhos de bolivianos que eram brasileiros dançaram; era uns 50 dançarinos, tudo filho de bolivianos, pai brasileiros, mãe bolivianas.

Quando anunciaram que conseguimos ficar em primeiro lugar, foi outro momento lindo. Daqui, os mais bonitos momentos foram quando trouxe os meus filhos de volta para cá. Fui ao Brasil e trouxe os meus filhos, os levei para Chacaltaia, para todos os lugares. Esse foi um dos melhores momentos em família: estar com os meus três filhos e ter os levando para todos lados de La Paz. Esse foi o momento mais lindo que eu tive aqui! Momentos normais, almoços, uma jantinha, conversar no dia-a-dia, seguir uma rotina. Depois de eles terem estado muito tempo lá no Brasil. Foi um lindo momento, não esqueço, viajamos para todos os lugares: Titicaca, Chacaltaia. Outro momento bonito em La Paz foi quando o meu partido político ganhou.

É o MSM – Movimento dos Sem Medo. Acontece que quando fui arrumar a rua, as pessoas precisavam de um líder e eles perguntaram se eu poderia ser o representante do bairro para melhorá-lo. Falei que não podia porque tinha meus compromisso empresariais. Houve uma eleição só que não deu certo, parece que

um cara estava observando e o outro não dava porque estava fora da jurisdição do bairro; e ao final vieram para cá de novo porque tinham que ter uma pessoa jurídica do bairro. E como era conhecido por ter arrumado a rua até na praça, acabei aceitando. Eu fiz a minha fórmula verde esperança, o meu slogan era verde esperança. Esse verde esperança trouxe lá de Curitiba porque a Universidade tinha uma fórmula que era verde: a esperança dos estudantes. Lembrei e pensei: "Verde esperança é bonito." Então montei a chapa, comprei os papéis verdinhos, organizamos a secretaria de cada vizinho, fui secretário de relações públicas, secretário geral, e apresentei uma outra fórmula também.

As pessoas de outros grupos eram bem radicais, de outro estilo. Houve a eleição, fizemos a campanha aqui no bairro, chamamos, e o bairro é grande, vai da rua Sucre, segue quatro quarteirões para lá e doze quarteirões para cima. O setor é bem grande e fizemos a junta de vizinhos. Botaram mil pessoas e ganhamos com oitocentos votos; outros tiveram só duzentos e poucos votos. Mas foi goleada.

Quando comecei a fazer a papelada da junta vizinal, não tínhamos pessoa jurídica, não tínhamos o Plano Vizinal. O quê significa Plano Operativo Vizinal? É um orçamento que o governo municipal tem para o bairro, não tínhamos; e por isso não tínhamos nenhuma obra, nenhuma prosperidade; não tinha obra nesse bairro porque não tinha plano. Eu fui e contactei as pessoas para saber o que precisavam para termos um plano vizinhal. Foram seis meses de trâmite, mas eu me movi, fizemos um plano em dois meses. Tirei pessoa jurídica porque esse bairro já tem nome, já tem sobrenome; e aí assinamos um plano. Disseram que íamos ter 65 mil bolivianos para o bairro, vocês podem dispor, mas não vão pegar nenhum centavo, mas você vai ver que prioridade deve ter no seu bairro; e o município vai lá e faz essa obra.

Tive que conhecer todos os setores e os lugares mais afetados eram lá em cima na periferia do bairro, pois não tinha grade, não tinha escadas, os meninos e as meninas que iam para a escola tinham que tirar os sapatinhos deles e depois ir lá embaixo e colocava um sapatinho de novo. Não tinha água, não tinha encanamento, um monte de coisa faltava. Então, o povo utilizava umas grades para as criancinhas que iam para a escola e nós fizemos 89 grades para eles saírem de suas casas. Todos que estavam lá em cima desciam por essas grades até no final; aí arrumamos as ruas, as pessoas até choraram de felicidade porque já tinham as escadas bonitas para descer.

Aquelas casas que ficavam no alto e no fundo do bairro, deu uma chuva que caíram as casas; por quê? Porque não tinham todas as águas servidas do bairro, as águas dos banheiros iam para o terreno e ficava encharcado e caía tudo. Então, o quê que eu fiz? Em uma emergência fiz um pedido para fazer uma espécie de esgoto para todas as pessoas colocarem, nesse esgoto, as suas águas. Assim, o terreno ficou seco e não tem mais o perigo das casas caírem. Sei que fizeram 120 escadas. Foram mais ou menos umas 30 obras de todo setor e ultrapassamos alguns setores porque não dava para arrumar uma rua só minha porque ela passava nas outras jurisdições, e dessa maneira fui conhecendo o bairro e as pessoas.

O quê acontece? O porquê do MSM? Por que o meu bairro precisa de obras, e as obras só podem ser feitas pelo município, e o município agora está com o MSM. Eu entrei no MSM e vi que o partido trabalha muito honestamente, eles se preocuparam e ajudaram muito nas obras. Também fiz o projeto do gás domiciliar, toda parte lá de cima já tem gás domiciliar, ou seja, gás encanado para cozinhar e não precisam sair com umas garrafas para comprar. Fiquei conhecido e quando houve a campanha para a mudança de governo conseguimos eleger nosso candidato. La Paz é a massa pensante do país, este buracão aqui é a massa pensante de toda a Bolívia. É aqui que pensam as coisas, é daqui que saem as idéias, é daqui que saem os candidatos, é daqui que saem a classe política e a classe intelectual, tudo sai daqui.

Houve uma proposta de câmbio do companheiro Evo Morales, uma proposta de câmbio e o nosso partido político apoiou essa proposta de câmbio para tudo mudar, porque não tinha mais condições e queríamos melhorar tudo, foi melhorando; considero o senhor Evo Morales uma boa pessoa, só que têm algumas pessoas dentro do partido dele que são muito radicais, têm muitos que estão por fora da realidade, da mesma realidade de saber como podem prosperar um país.

Nós apoiamos a mudança, fui chefe de campanha nesse setor aqui do MSM, e pouco a pouco comecei e me entrosar com a cúpula do MSM, agora nas reuniões de cúpula, eles me chamam não só a troca de promessas do Evo Morales, mesmo que seja do partido, o outro é do partido do MAS e eu sou do MSM. Mas chamo de companheiro porque estamos no mesmo rumo, no rumo do câmbio. Então tem alguns erros, mas quem não tem? Todo mundo tem. Sei que o MSM apoiou, estamos aí e somos um partido nacional. O meu partido está em nível nacional; somos a segunda força política do país, o Movimento Sem Medo, sabe por quê?

O fundador do partido era Juan e no tempo da ditadura, imagine o tempo da ditadura, ninguém podia falar nada e ele colocou na cadeia o presidente da república, o maior ditador que tinha aqui; colocou na cadeia e por isso que chamaram ele de Juan sem medo. E ele fundou um partido chamado Movimento dos Sem Medo porque ele era conhecido como sem medo? Estamos apontando para o câmbio para que melhores as coisas na Bolívia, esse é o papel político, também é o meu objetivo porque estou no MSM e porque estou ajudando nesse câmbio; quero que a gente cresça e a gente mude a forma de ser, mude a forma de pensar no outro, mude a forma de dizer as coisas: "Aquele índio, aquele negro."

Acho que temos que esquecer que existe preconceito, parar de rotular as pessoas: "Aquele branco, aquele negro." Sei que é difícil, mas já venci essa fase. Acredito que todo mundo é igual, para mim não tem negro, branco, graças a Deus, eu venci essa etapa. Ajudou muito ter ido morar no Brasil, no Brasil aprendi a ver a realidade do meu país, lá aprendi a ver a realidade dos indígenas, das cholitas, das sujeiras da Bolívia; aprendi a ver essa realidade no Brasil e saber por que a Bolívia é pobre espiritualmente.

Lá no Brasil não vi esse racismo exacerbado em Curitiba, de vez em quando você vê um negro lá, agora deve ter mais, mas naquele tempo não tinha, um ou dois, não tinha discriminação nenhuma. Eles, os negros, ficavam muito entrosados na turma, talvez tirando alguns outros setores da sociedade. Lá na faculdade vi que não se discriminam, trouxe mais ou menos esse modo de pensar para cá, de solidariedade, de trabalho em equipe.

Aqui as pessoas são muito individualistas, querem fazer tudo, eles puxam seu tapete para você não subir. Lá não, em anos de gerência, todo mundo trabalhando em equipe, os gerentes todos em equipes. Então, por isso, a empresa prosperou bastante. E é isso que a gente colocou aqui, no modo de pensar e aqui a gente é bastante solidária, fui solidária com eles e eles têm que serem mais ou menos iguais aos líderes, solidários uns com os outros. E é por isso que tenho uma boa colhida nesse setor.

Os meus planos são fazer da minha família, uma família que tenha crescimento espiritual e paz. Porque o econômico, graças a Deus, não tem muito, mas também não tenho pouco, mas estou consolidado. Os meus filhos são quase todos profissionais, falta só um, o Lúcio que está quase finalizando a faculdade. O meu sonho é que a minha família tenha muita espiritualidade como os outros; esse é o meu sonho para a minha família. O meu plano é que a minha empresa continue crescendo, crescendo, mas sem esperar aquele crescimento estrondoso, sei que se trabalho hoje, amanhã vou ter de volta.

Não quero andar para trás, sempre ir para frente. Poderia resumir que quero uma empresa muito bem consolidada no futuro. Quero viver em paz e quero que toda a minha família seja feliz! Isso é que eu quero e esses são os meus desejos. Que a empresa seja bem consolidada e que meus empregados vivam dignamente. Esse é um dos meus sonhos. Estou fazendo o possível hoje para que

eles tenham saúde, aposentadorias. Tenho sete empregados que vivem desse negócio e todos eles têm seus planos de saúde e suas coisas, quero que eles estejam felizes de estar aqui.

O Roberto é uma pessoa que por ter sido na juventude bagunceiro, gostava muito de música, era um menino que gostava muito de meninas. Hoje, o Roberto é uma pessoa que procura muito a paz e a solidariedade de uns com os outros. O Roberto é um líder que precisava desse setor, desse bairro, de passar a maneira de pensar de todos se ajudarem no setor e que um a pessoa não pode fazer a mudança sozinha. Sou um líder solidário que busca a paz e a felicidade!

INTELECTUAIS

4.3.4. Alfonso Hinojosa

Fonte⁴⁰ À esquerda, Alfonso R. Hinojosa Gordonava

Alfonso Hinojosa é sociólogo. Possui mestrado em Ciências Sociais, é docente da Faculdade de Humanidades da Universidad Autónoma Juan Misael Saracho de Tarija. É membro do Grupo de Trabalho sobre "Migração, Culturas e Políticas" do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). É autor do livro "Buscando la vida: familias bolivianas transnacionales en España" (2009).

Atualmente, tenho trabalhado com famílias que são atingidas pela migração, e isso se traduz em uma demanda para serviços referentes a documentação, registro civil, certidões de nascimento, etc. Como também, em outros âmbitos públicos em nível dos governos locais, por exemplo, a defensoria de proteção da criança, onde se percebe a migração no impacto familiar dos últimos processos. Nessa direção, uma boa parte do nosso trabalho centra-se em apresentar a documentação para gerar um processo de adaptação no exterior, tanto relacionados a documentos pessoais quanto do núcleo familiar. Também temos uma unidade de atenção aos bolivianos no exterior encarregada de gerir isto, de atender aos casos particulares de reclamação.

Em relação às famílias surgem temas transnacionais, por exemplo, que é em função das tecnologias e de uma série de características atuais dos fenômenos emigratórios onde os bolivianos podem manter relações estáveis, de forma virtual, com os seus familiares e amigos.

⁴⁰ Foto consequina no site: http://www.google.com.br/imgres?q=fotos+de+Alfonso+Hinojosa+R.+Gordonava+Bolivia&um=1&hl=pt-BR&rlz=1G1SNNTCPT-BRBR419&biw=1024&bih=462&tbm=isch&tbnid=gd79uia3vhlzM:&imgrefurl=http://waatp.com/people/alfonso-hinojosa/1789061/&docid=ZUMn_IumqSJhOM&w=500&h=334&ei=q1iMTqGuHqKJsQKsuOXIBA&zoom=1&iact=rc&dur=438&page=4&tbnh=110&tbnw=153&start=41&ndsp=12&ved=1t:429,r:6,s:41&tx=86&ty=21 acesso em 05/10/2011.

Primeiro, a migração boliviana é um problema estrutural da sociedade e de sua composição, por exemplo, não faz parte de um desenvolvimento recente, é um fator histórico antigo e que passou por vários momentos históricos, obedecendo diferentes dinâmicas. A maioria é migrações laboral. As pessoas partem cedo, são trabalhadores adjacentes, que seguem com destino a Espanha e aos Estados Unidos, vão sem titubear, e os outros países são destinos limítrofes, principalmente Argentina e Brasil, o Chile também foi uma escolha do passado, para onde foram muitos bolivianos.

Nas últimas décadas, cada vez mais, eu diria, mais famílias tem migrado, não que não partissem antes, mas hoje são de diferentes maneiras e para diferentes lugares com suas famílias, e o recurso gerados pela migração atualmente é maior e cobrem as deficiências da economia familiar. No contexto rural, há ciclos agrícolas onde há mais de vinte anos atrás era fortemente de caráter rural, e hoje, tem mudado um pouco esse cenário, pois é urbana e periférica; de regiões metropolitanas, por exemplo, em Cochabamba é a zona metropolitana e em La Paz é o El Alto. E essas pessoas vivem processos migratórios rurais e urbanos fortes e com muita vinculação. Algumas medidas ainda são elementos de comunidade na migração rural no presente, que a meu ver facilita muito as sociedades de destino e conformação de comunidades transnacionais, com muita capacidade de coesão, com capacidade de organização no interior da comunidade, e isto vêm em forte medida dos processos migratórios anteriores, mas como um patrimônio comum de acervos comunitários, e são os valores rurais fortemente fincados não só na migração internacional, como também na migração interna, intra-departamental que fazem os grupos de origem. Existe isso, mas nos últimos anos, antes, havia a dimensão familiar onde eles levavam os recursos, mas nos últimos anos, e com mais ênfase, quinze ou dez anos, novos membros da comunidade vão somando para um efetivo processo migratório; não só esperam as remessas, como podemos dizer que os envios econômicos são também fortemente simbólicos; e as trocas simbólicas são intensas que estão vinculadas ao fator imigração.

Nos finais dos anos noventa, por exemplo, quem ia para a Argentina era normalmente o chefe do lugar, o homem. Por um determinado tempo, três, quatro, seis ou oito meses ou um ano ele ficavam lá, dependia muito da zona agrícola da qual estava, o migrante, e retornava. Mas nos final dos anos noventa, o homem viu-se ligado a outros membros da família, dependendo do número de filhos, dependendo do ciclo familiar; normalmente a migração tradicional era do homem recém casado, em um determinado momento da convivência familiar o homem partia.

Agora, muitos anos depois, quando os filhos estavam grandes, as mulheres e os filhos partiam ou iam com pai. No final dos anos noventa, são muitos bolivianos do norte da Bolívia, e dos sul da Bolívia, principalmente, jovens; filhos que se atrelam aos seus pais para migrar. Com dezesseis, dezessete anos estão partindo com os seus pais. E aí a migração vai adquirindo uma face familiar, como no caso da Espanha. Durante todo esse século, a mulher é a "ponta de lança" das relações familiares e de trabalho. O tema da feminização das migrações explica não só a demanda laboral dos lugares de destino, como também que muitas mulheres saem com destino à Espanha para inserir-se num mercado aberto as mulheres. Saem da Bolívia para ocupar cargos femininos, e isso dá outro estatuto familiar à migração; ficam os filhos e as mães estão ausentes. Existe uma série de fatores, muito fortes, onde os papeis sociais outrora estabelecidos, entram em crise quando a mãe migra, e o paradigma familiar também entra em crise.

Ligando esse processo Espanhol ao processo Europeu, que é muito particular, todo esse tema. De acordo com as gerações, nos países de destino tem o nome de "efeito de chamada"; antes de estabelecerem o visto em 2007, estabelecem o visto para a Europa, e todo o espaço, um ano antes de 2006, quando o então vice presidente chega na Bolívia e diz que vai entrar em vigência o visto, não avisa a população.

Sabíamos que não iam colocar o visto, pois conhecíamos isso como 'efeito cascata' porque muitas mães levaram os seus filhos antes de conseguirem os vistos. E isso é uma das particularidades familiar concreta, especialmente no caso espanhol. A presença da dimensão familiar quando nos referimos à redes sociais vinculadas aos processos migratórios percebemos que tem uma cifra significativa fora do país, fora de nossas fronteiras. E estimula-se que é um total de 25%, que é muito alto, como em muitos países centro americanos. Como se explica isso? Como explicar processos migratórios tão antigos, tão complexos, como para a Argentina, que, sem dúvida, tem dado lugar a organizações de integração social? E tudo isso se explica através das redes sociais que são muito fortes, solidamente articuladas. E qual a base disso? As formas de parentesco, sem dúvida. Há estudos na Argentina, Roberto Venencia especificamente que tem falado de vínculos fortes e vínculos fracos; e estes são fortes e perpassam o interior dos processos migratórios. E estes vínculos fortes são constituídos pelas redes consanguíneas, como também pela família ampliada, pelos compadres, ou redes de compadrio.

Os fracos vínculos são os que te permitem a inserção laboral, que permitem a construção de espaços de diversão para os camponeses; relações de companheirismo, e isso são formas estruturais da presença familiar, e a dimensão familiar nos processos migratórios são complexos e particulares. Inicialmente era apenas receptivo, onde os processos de migração eram realizados pelos chefes de família, normalmente o pai, mas mostrou-se receptivo em termos econômicos, em termos de mobilidade passiva ou ativa. E com o tempo e dependendo de onde você está, recebe um papel muito mais ativo, como se explicar que em menos de sete anos, dos anos 2002-2007, menos de cinco ou seis anos; um número de 300 mil pessoas, sobretudo mulheres tem deixado a Bolívia; e isso representa uma quantidade muito grande em um tempo relativamente pequeno; 300 mil pessoas é um percentual do que temos no Brasil e o que tem nos Estados Unidos, mas em ambos os casos formados em décadas; e em cinco, seis anos para cá tem ido para a Espanha, como explicar isso? Sem dúvida há muitos fatores, crises econômicas aqui, crises do outro lado, mas, explicamos basicamente esse deslocamento, a possibilidade de realizar esse projeto por meio das redes sociais muito ativas, organizadas; e cada vez mais temos evidência que os primeiros migrantes bolivianos na Espanha entre 2002 e 2004; não saíam diretamente da Bolívia, saíam da Argentina, depois da crise econômica que ocorreu na Argentina. E esse momento afetou de maneira muito forte, não só os argentinos, como também os migrantes bolivianos presentes na Argentina. E eles começaram a puxar pessoas a partir de canais de pessoas daqui, claro, temos que somar outros fatores, e não digo que isso seja o único, mas é um elemento forte e importante que devemos ter em conta. Podemos dizer que a dimensão familiar sempre foi importante, mas com nuances e dinâmicas diferentes.

A questão da separação entre família é um caso específico. Em muitos casos quando a mulher deixa o espaço familiar há a separação por conflitos, em outros não. Todavia, na Bolívia há uma culpabilização exaustiva, no presente, das mulheres que deixam seu país e seus lares por meio da imprensa, da mídia.

Os aparelhos midiáticos têm dramatizado o fato das crianças terem sido abandonadas, até criminalizando os pais, principalmente, as mães nestas questões. Não temos muitas notícias, mas Cochabamba, por exemplo, há um caso de um comandante da polícia que disse a uma pessoa que 75% de todos os crimes juvenis que ocorreram no departamento de Cochabamba foram cometidos por crianças cujos pais ou mães estão fora, emigraram ou foram para a Espanha. O que ele fez? Mostrou uma dimensão da migração onde ela é criminalizada, disse que a saída das mulheres desestruturou, quebrou a unidade familiar, ocasionando a crise na mesma.

Pode até ser, mas em muitos casos, como a migração do Equador que é muito semelhante a nossa, onde novas pesquisas dão novos dados, e acho que não está distante de nós, que muitas saídas dessas mulheres, deixam o ambiente

familiar para ir para a Espanha, e basicamente tudo que ele fez foi formalizar a crise familiar existente, e dizer que isso é uma forma da mulher sair da crise familiar, chegando a determinar que essa crise é gerada pela migração de mulheres. E os dados que nós manejamos aqui são que boa parte dessas mulheres que tem saído com destino à Espanha provém de famílias mono-parentais onde há mulheres como chefes de família, e esse dado, também, está mostrando alguma coisa. Então, não concordo com essa visão unilateral de que as saídas de mulheres tem gerado crise, gerado rupturas, mas também em muitos casos essas rupturas já estavam dadas, essas crises já eram latentes nos sentidos familiares, mas em outros casos, que foi no que trabalhamos, em alguns momentos, tem-se mostrado novos modelos familiares que se configuram, como as famílias transnacionais. De que há a possibilidade de manter as funções básicas de uma família assumindo que mais de um membro dela esteja ausente, e isto não seria possível sem a dimensão da tecnologia, sem a dimensão da comunicação que temos hoje em dia e que tem sido um elemento de forte vinculação.

Certa vez, encontrei-me com pai e mãe em Barcelona cujos filhos estavam aqui em El Alto e em La Paz, e a mãe por telefone controlava as tarefas da criança. Depois, com o filho mais novo ao telefone ela o fez repetir a tabuada. Existem formas de se comunicar e, em alguns momentos, é muito barato. Então, pode ficar meia hora, uma hora ao telefone sem que tenha um custo muito elevado. É possível que a mãe passe orientações de onde esteja. Também por telefone a filha mais velha fala sobre novelas e episódios de televisão. Então, você mantém uma relação e o vínculo por meio das ligações telefônicas, e em muitos casos, esses laços afetivos são reforçados. Não é só uma dimensão negativa na família, como também modelos alternativos de família são criados e produzidos por meio da migração. Mas é evidente que na Bolívia faltam investigações, faltam dados que nos permitem ter critérios mais preciso sobre esses casos.

A questão dos deslocamentos forçados é algo que estamos começando a trabalhar, e há muito pouca informação sobre isso. Temos mais informações que enfatizam os deslocamentos por processos sociais; agora, processos violentos como os que ocorrem na Colômbia ou Peru no momento, não sabemos. As mudanças climáticas é um discurso, sem dúvida, que tem tomado força, e está tomando corpo a idéia de migração e mudanças climáticas ou a relação entre esses fatores, mas é algo do presente. Na Bolívia, tivemos um ano especial em 1980 e 1982 onde ocorreu uma seca prolongada que marcou o período, porque descobrimos que muitas áreas rurais de forte presença étnica, de povos indígenas de Potosí foram fortemente impulsionados para as cidades para mendigar, e para nós, essa imagem ficou muito visível; nessa época vieram indígenas do norte de Potosí para as cidades pedir esmolas.

Nesse sentido, acredito que seja uma variante de secas prolongadas, inundações, que em outros lugares estão obrigando, cada vez mais, as pessoas a movimentar-se. E setores importantes da população, e catástrofes naturais estão ocasionando isso. Mas existia uma reflexão sobre os significados disso.

A influência da migração na organização familiar muitas vezes tem relação com o projeto familiar ou individual. É preciso perceber o projeto migratório e é necessário analisar o projeto migratório, por exemplo, o da Espanha, onde há muitas mulheres migrantes e deixam as filhas mais velhas cumprindo os papéis de mães. Ou seja, é a filha, geralmente, a mais velha que é colocada no comando da família, que assume o papel de mãe ou pai, e ela passa a ser a provedora da família. Sem ser mãe, as filhas entram diretamente nessa dimensão, mas como uma filha criando o segundo ou terceiro filho. Algumas migram e já tem muito peso, responsabilidade em ajudar a criar os irmãos, ou em alguns casos, são os pais que ficam aqui.

As filhas assumem a trajetória da migração, sentem-se “mais livres”, vão pensar mais nelas; não poderão fazer parceiros por lá ao buscar outro país. O primeiro país de destino, digamos a Espanha, a mãe leva alguns irmãos, para

também poder mover outros. As solteiras, por exemplo, sem filhos, vão ter uma trajetória migratória distinta, sentem-se fortemente empoderadas em outros países, em termos de geração, sexualidade, independência econômica, etc. Isso vai determinar certos tipos de trajetórias, um tanto diferentes das mães ou pais que têm filhos, e é preciso diferenciar as funções. Para manter, a filha/mãe assume os papéis da mãe, e aí é preciso ter uma trajetória migratória, onde é importante diferenciar os papéis, perceber momentos na família. Ocorre o mesmo com os recém-casados, com os filhos pequenos nesse processo, quando retornam e estão casados com filhos relativamente grandes. De uma forma ou de outra a ligação entre a família ocorre quando os que ficam recebem as remessas; adquirem certo conforto, isso para os filhos. Os aposentados também determinam outro caminho migratório, são muitas nuances e vários fatores vão determinar diferenciadas formas de ver um caso em particular.

Para finalizar, acho que precisamos observar as segundas gerações da migração; acredito que estão acontecendo muitas coisas importantes que não havia recebido muita atenção; quando digo segundas gerações, refiro-me tanto aos nascidos na Bolívia quanto aos filhos pequenos levados para a sociedade de destino e que são criados lá, onde são socializados e que há muitos elementos que entram em jogo, porque sabemos das experiências da Argentina, da Espanha, recentemente do Brasil. Por que escolhem o Brasil? E no Brasil o filho dá a cidadania aos pais; e aí vai encontrar dados de jovens, jovens mulheres que engravidam no Brasil, em São Paulo e essas experiências são diferenciadas, onde casais jovens vão se constituir, e aqui também existe, e não digo que só existe lá, ou só jovens casados, mas acredito que, em certa medida, os casamentos também determinam isso. Muitos casais jovens, ou jovens que vão ter seus filhos no Brasil para conseguir documentação. Estatísticas de quantos filhos de bolivianos existem no Brasil e o que está passando com eles; e, sobretudo, sabemos que muitos deles estão vivendo em condições muito difíceis de trabalho; e outra questão importante é o nicho particular de inserção laboral que são as oficinas de costura. E creio que esses são outros elementos importantes na migração Bolívia-Brasil.

4.3.5. Juan

Seu pseudônimo é Juan. Durante sua entrevista pediu para não ser identificado porque falou em nome de uma instituição estatal boliviana. Ele é sociólogo e especialista em temas urbanos, étnicos e de desenvolvimento.

Temos compatriotas bolivianos que tem deixado o país, um número bastante elevado para a Argentina, onde falamos mais ou menos de um milhão e meio de pessoas residentes nesse país, mas são dados extra-oficiais porque não temos um número exato. Depois temos para Espanha, que não temos dados concretos, porque falamos de acordo com o ano de 2007 ou 2008, ano que foi decidido que para entrar em seu território necessitaria de visto, e acredito que adentraram no seu território um número de quinhentos mil bolivianos na Espanha. Para o Brasil tenha um número de quinhentas mil pessoas, talvez um pouco mais de emigrantes; e posteriormente os Estados Unidos, onde não temos um número específico, mas em detrimento de sua importância ele está em quarto lugar.

A migração de acordo com as informações que manejamos nessa instituição, seria de suma importância, pois os cidadãos bolivianos estão em busca de melhores condições de vidas para as suas famílias, e isso é um aspecto naturalmente econômico; onde vigora uma mentalidade onde muitos estão em busca de oportunidade de trabalho, com a projeção de voltarem para o país de destino; buscando compor uma reserva de dinheiro, e esta é a intenção deles; para voltar para o país e comprar um imóvel, um carro, e seguramente, juntar um capital para poder estabelecer um pequeno negócio com o qual possam sobreviver e seguir suas vidas.

Com a experiência que temos, estamos sempre atendendo, e dando atenção ao bolivianos, que seguem fundamentalmente, para a Argentina, e poderíamos nos referir a uma classe baixa, composta principalmente pela população campesina; onde norte de Potosí é um grande centro impulsor de pessoas. Também podemos nos referir que a grande força de imigrantes bolivianos concentra-se na Argentina. Temos muitos casos, por exemplo, de pessoas que denunciam os maus tratos, até de xenofobia contra os nossos compatriotas, justamente porque muitos que migram para a Argentina dominam somente o idioma nativo que é o Quechua. Quando emigram para a Argentina tem sérios problemas referentes a conhecimentos de seus próprios direitos para poder recorrer às autoridades Argentinas em busca de seus direitos. Fundamentalmente as pessoas do norte de Potosí, os campesinos, buscaram alternativas de sobrevivência na Argentina. Para o Brasil também vão pessoas de baixa renda.

O registro histórico das migrações sempre há uma motivação, e a motivação é de caráter econômico, para melhorar a qualidade de vida. Quando os europeus, os espanhóis chegaram na América estavam buscando melhorar sua capacidade comercial, encontrar as especiarias que eram muito valiosas para eles.

Não há mudança na base e o princípio da emigração é geral. A migração contemporânea, e é certo que tem existido a migração europeia e a americana, alguns países como a Bolívia praticam a migração interna, e é muito forte a emigração interna até o oriente; e digo migração interna porque considero que esta é fundamental para entender os deslocamentos na América do Sul. Provavelmente 80% da migração de bolivianos para o exterior são para os países fronteiriços, para países da América do Sul, com maior incidência para a Argentina, onde encontramos um maior número de pessoas vivendo, e o segundo país onde encontramos uma concentração de compatriotas é o Brasil; mas em nível mundial a demanda mais importante é a Europa. E tem sido a Espanha que atualmente tem escolhido como país de destino dos emigrantes bolivianos. E o terceiro eixo de

destino é os Estados Unidos, que tem um número equivalente de emigrados, equiparando-se ao Brasil.

A migração para o Brasil é fácil de entender porque está orientada fundamentalmente para São Paulo, essencialmente tecnificada pelo seguinte. Aqui em La Paz a escola industrial Pedro Domingo Murillo, é um o ingresso das pessoas que primeiramente foram para o Brasil devido aos acordos bilaterais entre Bolívia e Brasil durante a década de 60 e 70, épocas onde havia uma maior atividade industrial na cidade de La Paz, e uma percentagem desses estudantes foram para o Brasil trabalhar em suas zonas industriais, em São Paulo; e agora, mais recentemente tem-se ido para trabalhar no setor têxtil. Muitos cidadãos bolivianos, por um determinado tempo, têm assumido a nacionalidade brasileira, porque a migração para o Brasil ocorre desde.

Grande parte das pessoas que tem ido para Argentina vão trabalhar no setor agrícola. Os migrantes bolivianos foram para São Paulo nas década de 1960 e 1970, eram técnicos que ingressaram na Escola Industrial Pedro Domingo Murillo ou alguns que haviam alcançado níveis de tecnificação, e isso foi uma consequência por haverem prestado serviços a algumas fábricas, porque existia uma atividade maior do que hoje. Nos anos de 1930 durante a Guerra do Chaco houve a necessidade de fortalecer o setor industrial, e criaram muitos incentivos, e esses incentivos, atualmente, foram diminuindo e liquidado com o decreto 21060 no ano 1985 quando se criou a liberalização do mercado boliviano. E nesse período muitas pessoas ficaram desempregadas, principalmente, os técnicos, e alguns foram trabalhar no Brasil, outros optaram por trabalhar no setor agrícola, e não há dúvida que a Argentina foi um dos principais destinos, ao menos para a grande Buenos Aires foram 75% ou 80% da produção agrícola que é feita por bolivianos que migraram mais ou menos há 35 anos.

Outra migração tradicional é a que ocorre para a Europa durante os anos de 2003 a 2006 onde há uma diversificação de pessoas: professores, técnicos, principalmente, agricultores, e é muito diversa, pois foram trabalhar como babás, cuidar de idosos, principalmente as mulheres, sobretudo em Valencia. Outros vão trabalhar na construção e outras se dedicam a uma atividade que alguns países denomina como terapeutas, e isso ocorre na Itália e na Espanha onde se concentram o maior número de bolivianos, que se dedicam aos cuidados intensivos de crianças, mas também de anciãos; porque para muitas crianças existe creches.

Na Europa essas pessoas têm possibilidade de cuidar de idosos para trabalhar em tempo integral, ou seja, são pessoas que cuidam desde o asseio pessoal até os cuidados das necessidades fisiológicas; são pessoas que trabalham nesse setor. Alguns saem daqui com conhecimentos básicos de enfermagem e lá fazem um curso para poder administrar infecções, isso para aqueles que têm maior capacidade arcar com os custos da viagem; são pessoas que não ganham muito, menos que um salário mínimo europeu, mas cobre as necessidades de muitas pessoas. Esse trabalho exige que a pessoa fique noite e dia com os idosos e são ocupados em grande parte por mulheres que migram de todo país; e talvez o maior impacto seja nas cidades de Cochabamba e Santa Cruz, mas também de todo o território nacional porque a migração é contínua. Agora, o grande volume é a Argentina, grande parte da população vai trabalhar nos cultivos de frutas; principalmente na região de Tucuman.

A migração para os Estado Unidos também é variada. Tem um ponto que gostaria de ressaltar sobre a migração para Espanha, porque o maior número tem sido de mulheres que tem saído para realizar atividades em nichos 'femininos', e isso repercutiu na Bolívia justamente porque a mãe na Bolívia constitui a base fundamental do lugar, do espaço, e lastimosamente tem gerado conflitos; porque a mãe também saí em busca de melhores condições econômicas e, infelizmente, muitos espaços e famílias foram desconstituídos pela ausência materna; e isso é um ponto importante ao se referir a migração para a Espanha.

Não poderia afirmar que com a saída da mulher há uma total desestruturação da família porque há poucos estudos sobre esse fator, mas no caso das mulheres, há uma cobertura financeira relevante, pois as crianças adquirem uma boa capacidade econômica devido às remessas, em seguida, podemos dizer que se estabelecem uma nova reconfiguração das relações na família.

Muitas vezes isso ocorre e os papéis sociais são negociados e reconfigurados. As avós, nesse caso, as mães que estão no exterior, concedem os papéis de cuidar dos filhos a elas, estabelecendo um grau de confiança às avós para cuidarem da família que ficou, e também há muitos casos em que as crianças ficam a encargos dos tios, dos irmãos mais velhos e de outros familiares. Infelizmente, isso tem gerado conflito, por exemplo, uma cidadã boliviana que chegou preocupada da Espanha porque havia confiado sua filha a avó e um tio lastimosamente havia aproveitado da sobrinha; e isso gerou uma série de conflitos, dramas familiares que repercutiram até na mídia; que se aproveita de casos como esses para construir generalizações.

O trabalho que fazemos é de assessoramento a compatriotas no exterior, um trabalho cotidiano que podem gerar alguns elementos para entender o processo migratório, mas conseguimos perceber que a desestruturação familiar é fato evidente.

Vemos que o movimento migratório boliviano é importante, mas não temos estatísticas que podem direcionar os dados; como estou falando como representante de um órgão público, muitas informações são sigilosas por trabalharmos com pessoas. Temos algumas situações aqui que são difíceis porque temos que trabalhar com a restituição de menores, repatriação de cadáveres, pessoas que morrem e precisamos orientar.

Os bolivianos que estão no exterior mediante os consulados a atenção principal é a documentação para que possam regularizar sua situação migratória nos países onde estão domiciliados, creio que também seja uma preocupação no Brasil. Agora, o que assistimos são situações difíceis, obviamente, um dos temas recorrentes é repatriação de cadáveres, porque houve um falecimento e os familiares recorreram aos consulados, e temos consulado no Brasil. Pode tratar-se em alguns casos de alguém que não tem família ou que não se conhece a família, inclusive, há casos de gente que por estarem tanto tempo lá, não tem mais família, ou não se conhece a família, ou pode haver casos de pessoas que deixam propriedade; às vezes nem é fortuna, e se há imóveis, casas, isso pode incentivar que as pessoas ou que os familiares que estão aqui tenham interesse no assunto, mas às vezes certos direitos ativam obrigações; então é necessário pagar imposto para demonstrar que são herdeiros legítimos, e como os trâmites são custosos, e tem pessoas que não tem condições de pagar ou ter nenhum tipo de seguridade e necessitam de auxílio de parte da comunidade de bolivianos.

Para encerrar gostaria de indicar que a migração para o Brasil é importante, tradicional, que tem uma grande relevância em nível latino americano e não em nível mundial. Temos visto que é mais ou menos a quarta em nível mundial porque é um país de fronteira onde os custos para se migrar são mais baixos. E na Argentina há uma concentração de mais ou menos 1 milhão e meio de pessoas, poderíamos até dizer, falando uma anedota, que provavelmente é a terceira ou quarta cidade com a maior população boliviana fica em Buenos Aires, depois vem La Paz, Santa Cruz e El Alto; porque só nos arredores de Buenos Aires vivem 1 milhão e cem mil pessoas; o que podemos reinterar é que para nós a migração não é ilegal, nenhum migrante é ilegal.

A questão da documentação é um componente forte da migração para o Brasil, pois muitas pessoas tem constituído família no Brasil para terem sua situação legalizada, uma vez que ter filhos no território garante a cidadania no Brasil. Outro fator é que muitos migram como turistas e depois ficam, porque os países que fazem fronteira são receptores naturais da migração, mas isso não significa que não ocorra migração para outros lugares da mesma magnitude de

outros países latino americanos. E na Europa houve um aumento de pessoas até quando não era obrigado a ter visto para ingressar em seu território; e em abril de 2006 houve um “boom” da migração boliviana para a Europa, onde muitos foram para a Espanha, o que era menos de dez mil pessoas em um ano, passou a trezentos e cinquenta mil pessoas em outro ano. Em outro momento, houve casos de exilado político; e também podemos denominar o migrante como exilados econômicos que vai em busca de melhores condições de vida.

4.3.6. Silvia Rivera Cusicanqui

(Fonte: foto da autora, 2010) Silvia Rivera Cusicanqui em seu escritório no centro de La Paz

Silvia Rivera Cusicanqui é socióloga e escritora. É precursora de uma corrente analítica denominada Estudos Sulbanernos, onde se baseia na teoria anarquista e nos elementos da cosmogonia Quechua e Aymara para compor seus livros. Foi diretora e membro do Taller de Historia Oral Andina. Ela também é ativista político e trabalha diretamente com os movimentos indígenas na Bolívia, como o movimento katarista e o movimento dos produtores de coca. Dentre seus livros mais conhecidos e traduzidos para diversas línguas consta Oprimidos pero no Vencidos: lutas camponesas entre Aymara e Quechua na Bolívia – 1900-1980.

A questão étnica foi um processo colonial. Em tempos anteriores da colônia, sem dúvida, havia muitas identidades locais vinculadas ao parentesco e ao território que foram incorporadas nos diferentes horizontes estamentais, desde Tiwanaku, logo no estado Inca Tawantinsuyu. Então, o que houve ali foi uma cosmogonia cultural que permitia que a dominação seja legítima, porque os Incas incorporaram os deuses dos vencidos e fizeram com que eles tornassem parte do seu próprio panteão de deuses, não houve uma erradicação da crenças anteriores. Quando tratamos de etnia na colônia, em primeiro lugar, tudo é homogeneizado, degradando a condição do 'índio', e 'índio' é uma categoria, sobretudo, tributária, ou seja, são índios porque pagam tributos, ou pagam tributos porque são índios.

Depois, a etnogênesis é baseada na condição tributária que é, ou que provém do direito de conquista, então, o que é mais importante é observar as mudanças nos mecanismos de dominação; e a partir da colônia há duas classes de

seres humanos; os ateus, e os hereges são sub-humanos porque estão ao entorno do diabo, do demônio. E ser cristão, é uma categoria intermediária que seria dos neófitos, que adotaram a religião, mas sempre se suspeita que eles podem voltar a serem idólatras, nunca estão incorporados plenamente na sociedade, são sempre semi selvagens. Então, eu acredito que isso também explica porque as pessoas queriam fugir do escalão do imposto para pagar tributos, e fugiram das comunidades assentadas e foram para outras comunidades como outsiders, ou ficaram como trabalhadores nas minas; então, aí criaram novas etnicidades coloniais desenraizadas de seu território colonial, tornando-se estrangeiros em novas comunidades.

E desde século XVII os indígenas foram censurados e o fisco foi aplicado; entretanto, o tributo era mais baixo, e outros povos fugiram para as províncias que não eram submetidas as metas, e outros fugiram para lugares distantes na selva. Supõe-se, por exemplo, que os Quichuas del Napo, em parte, eram instalações dos Incas da Amazônia, que estão no Equador, mas também em parte, foram zonas de refúgio para escapar das mitas e dos impostos. Então, a etnicidade é um fenômeno colonial, e durante a república mudou os princípios ideológico pelos quais os índios foram sendo discriminados, pois se antes era porque eram hereges, agora, é porque são selvagens frente aos civilizados. Finalmente no século XX irão falar de desenvolvidos versus subdesenvolvido, então, sempre haverá uma categorização para desqualificar e dizer que é menos humano.

Existem demasiadas formas de organização em diferentes comunidades; nas áreas andinas a unidade organizativa fundamental é o ayllu, um sistema de parentesco metafórico e também de território que implica no uso comum da terra, onde há um certo controle pela comunidade que cuida de sua organização. Agora, desde 1952 se universalizou o sindicato e foi contra a organização do ayllu, ou seja, o importante das características das organizações étnicas, uma das mais importantes é a combinação das atividades seculares com as atividades religiosas, foi uma autoridade que estava mediando o sagrado. Um dos elementos mais fortes que foi modificado pelo sindicato foi a secularização e o abandono de uma série de práticas rituais. Depois de anos, final de 1980 sobretudo 1990 temos um processo de retornar ao ayllu (aire), e desse processo surge o que agora se chama a CONAMAC, Conselho Nacional de marcas e os ayllus do Colla Suyu, e em muito lugares existe uma divisão, ou seja, há setores que querem sindicatos e há setores que querem o ayllu, sobretudo, aqueles setores que se consideram mais modernos querem sindicatos e querem abandonar toda a ritualidade, a mudança é que os ayllus recuperaram fortemente a questão ritual.

O livro 'Oprimidos pero no Vencidos' é um livro que eu elegi, na verdade, que advém do ativismo político vinculado com o movimento katarista. Na verdade, tinha a intenção de fazer, de colocar a disposição do público estudantil de todos os tipos o que tinha produzido por muitos anos, inclusive vários trabalhos em inglês, porque não eram acessíveis, por exemplo, um importantíssimo trabalho sobre o sindicalismo campesino nos vales de Cachabamba realizado por Jorge Dander, existia apenas em inglês que foi a sua tese de doutorado, e ninguém conhecia. Eu passei um bom tempo trabalhando com fontes secundárias para reconstruir um longo processo histórico, digamos, e para o período mais recente foi basicamente a minha experiência de militância, o que serviu para construir este livro; mas foi para acompanhar o movimento Katarista e Indianista.

Eu apóie o katarismo enquanto estive independente dos partidos, mas em 1988 muitos partidos de esquerda e de centro desestruturaram o movimento, e praticamente, dividiram a sub-sede, partiram-se definitivamente. Até este momento acompanhei, depois, nos anos noventa fui viver nos Yungas e me vinculei aos cocaleros.

A minha vinculação aos produtores da folha de coca, primeiro fui acompanhar o cotidiano e, em seguida, quando foi 2001 veio a invasão dos soldados para forçar a erradicação da folha de coca; e aí diretamente eu afirmei,

intervi e estive apoiando e o resultado dessa mobilização e experiência é o livro "las fronteras de la coca". É um livro multimídia onde eu filmei e há vídeos sobre a produção e o cotidiano nas plantações de coca.

O movimento cocalero surgiu da pressão que existe pela erradicação da coca, agressão do governo perante as comunidades produtoras, e esse processo tornou-se mais agudo a partir de 1994 quando se criou um plano. E este é um projeto de Gonzalo Sánchez de Lozada, a chamada opção zero, que foi criada para erradicar toda a coca, mas que sempre enfrentou a resistência cocalera, pois durante a década de noventa se intensifica a repressão, e foi um movimento muito grande em defesa dos plantadores de coca, especialmente nos Yungas, que não estavam vinculados a nenhum narcotráfico. Então, surgiu como resposta a política repressiva, e estão articulando, cada vez mais, noções de soberania, soberania estatal, soberania pessoal, soberania territorial, e isso está muito atrelado com a coca.

Fizemos uma investigação, uma consultoria que conduziu um grupo de TOA, e eu escrevi um livro com base na etnografia, onde várias companheiras em diferentes setores, ao fazermos um levantamento, fizemos entrevistas em profundidade para ver a trajetória dos migrantes. Trajetórias laborais, migratórias, educativas e conjugais.

E percebemos, a partir das entrevistas, um pouco da importância das redes familiares, de parentesco, de cooperação, a importância da luta por espaço urbano, ou seja, para ocupar os mercados informais. Sempre houve uma frente de luta contra a cidade, contra os impostos e também luta por espaço. Não era um movimento de mulheres, com uma filosofia para mulheres, e sim um movimento sindical.

Não trabalhei diretamente com migração. Claro, temos as festas e nesse período retornam os migrantes, e isso é muito forte na Bolívia, a presença de migrantes nas festas religiosas, e vem muitos migrantes do Brasil e de outras regiões. Vem do Rio de Janeiro, de todo lado. E em São Paulo é muito forte a presença do migrante Aimará, e existe muitas redes para trazer os migrantes, amigos, especialmente, parentes, outros vem à paisana, ou seja, da mesma comunidade vai muita gente, principalmente, na organização das festas. Alguns são donos de oficinas, outros são trabalhadores e outros trabalham para os coreanos.

Acredito que com a ascensão social, alguns bolivianos tenham conseguido suas próprias oficinas, como em Buenos Aires, começaram como oficinistas vinculados aos coreanos, e agora são independentes. Eles são muito explorados pelos próprios bolivianos.

Há um fluxo cada vez mais de mulheres que vão, porque as mulheres são empregadas como trabalhadoras domésticas, desenvolve tarefas referentes aos cuidados de idosos, de crianças, sobretudo, na Espanha onde vão muitas mulheres para o trabalho doméstico. Inclusive, profissionais que não cuidar de idosos e de crianças, e as vezes chegam a se legalizar e levam toda a sua família.

Existe o tema das remessas, ou seja, pessoas que enviam dinheiro a seus familiares, e às vezes, deixam os seus filhos com suas mães, suas avós, e elas recebem o dinheiro do exterior e com isso criam os filhos. Não acredito que seja muito organizado, são estratégias pessoais, familiares.

Atualmente tenho ficado mais na Universidade, e estou trabalhando com sociologia da imagem, com muitos companheiros publicamos uma revista. Tenho trabalhado sobre os Ayala no século XVII, sobre um pintor do século XIX que também é contemporâneo. E agora temos trabalhado muito sobre os cultos aos santos padroeiros em várias comunidades onde existe igrejas coloniais, e por isso, publicamos "Principio Potosí Reverso"

O trabalho de história oral que realizei foi sobre os sindicatos anarquistas, e ele está esgotado há muito tempo.

Não acredito que ocorra deslocamentos migratórios forçados na Bolívia, pode ter alguns casos, os Yukis, creio que tem se deslocado, mas não sei se existe, também não sei se tem situações de violência que possa ocasionar o deslocamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação encerra um ciclo de pesquisa, porém, não esboça um ponto final nas reflexões elencadas durante todo o processo da investigação, pois o que fiz foi tentar levantar motes explicativos para o processo de deslocamento dos colaboradores no eixo continental da América Latina, mais especificamente, Bolívia/Brasil.

Utilizei os procedimentos da história oral de vida para a constituição de entrevistas com os emigrantes bolivianos residentes na cidade de São Paulo e, a história oral temática com os intelectuais que se dedicam aos estudos migratórios bolivianos para outros países, na tentativa de dialogar com os pesquisadores que possuem explicações específicas de tais processos. Acreditamos que as redes dessa pesquisa puderam apontar a diversidade que integra a comunidade boliviana no Brasil.

Assim, alguns pontos foram eleitos no processo interpretativo das histórias de vidas. Percebemos que o processo de negociação das identidades construídas no deslocamento para o Brasil travou-se por lutas de pertencimento dentro do cenário familiar para que os laços afetivos com a Bolívia não fossem perdidos na vivência do contexto brasileiro. O *duelo* (CHIRINO, 2010) emigratório se traduz nas formas de apropriação de cultura brasileira e na luta para que se mantenham os traços culturais e religiosos na segunda geração dos filhos que estão sendo criados no Brasil. Assim, no processo emigratório falamos de construção e trocas culturais, de influências mútuas, de reciprocidade, de negação, da contradição que emana da convivência entre zonas de contato culturais.

De tal modo, o trânsito das identidades dos colaboradores bolivianos é entendido pelos intercâmbios culturais, em que as situações de troca são postas no contexto brasileiro e são negociadas pelos sujeitos tanto no cenário micro das relações familiares e de afetividade com os amigos, quanto em relação à sociedade brasileira, uma vez que as representações sociais construídas pela imprensa brasileira associam o “emigrante boliviano” como representante do “trabalho escravo”, enquadrando todos os bolivianos numa categoria estigmatizada. Com esse dado, não estou negando as formas de exploração do mundo do trabalho, mas apontando outras formas de identificações pelas quais a comunidade boliviana quer ser representada no contexto brasileiro.

As negociações das identidades atravessam o plano familiar, cultural e religioso. O processo de mediação perpassa os “campos duros de negociação”, momentos, espaços e situações onde a comunidade boliviana agencia as relações de trabalho, as relações educacionais, assumindo diferenciados papéis para manter a sobrevivência no contexto emigratório; porém as negociações dos rituais religiosos, das relações de parentesco, das relações amorosas são situações onde a mediação é atrelada por conflitos entre os representantes da primeira e segunda geração de emigrantes para que haja a manutenção da tradição boliviana na metrópole de São Paulo.

Percebemos, também, que a circulação de pessoas no espaço continental da América Latina, que por sua vez é um reflexo da crescente econômica que o Brasil vivencia no momento, exige a necessidade de se redimensionar as dinâmicas migratórias dos deslocamentos atuais, pois estas estão configurando novas relações de identidades, de comunidades, de redes sociais, de mercados laborais, da relação entre o local e o global, e o nacional e o transfronteiriço. Tentar perceber tais movimentos apenas por um prisma seria empobrecedor. No processo de deslocamento contemporâneo há uma diversificação do trânsito de pessoas nos eixos transfronteiriços da América Latina – e, por isso, novas configurações de espaço estão sendo criadas e rearticuladas atualmente.

Assim, finalizo a dissertação tecendo algumas considerações sobre os aspectos simbólicos e culturais expressos nas histórias de vidas dos colaboradores decorrentes das relações com processo de pertencimento dos bolivianos à cultura andina, principalmente, as pessoas que advém de La Paz, Potosí e Oruro, pois as composições geográficas e culturais desses espaços configuram visões de mundo próprias de grupos específicos. Também apontamos a importância de se estudar as dimensões simbólicas do imaginário e das representações sociais que uma comunidade específica tece no cenário dos deslocamentos contemporâneos.

Destarte, o trabalho foi constituindo um caráter híbrido ao se manusear fontes orais, especificamente, história oral de vida e história oral temática para se compreender o processo emigratório dos bolivianos no contexto Brasil/Bolívia. Procuramos nos diferenciar dos trabalhos que outrora foram realizados, uma vez que o problema foi interpretado cruzando as entrevistas entre si na parte II, com algumas linhas interpretativas dos estudos migratórios bolivianos na parte III.

Deste modo, foi possível visualizar nessa dissertação: uma rede de entrevistas realizadas com um clã familiar boliviano (Patzí) e sua rede social afetiva de amigos; duas entrevistas que apontam para uma rede de entrevistas com uma família transnacional que vive na Bolívia e no Brasil; uma entrevista que aponta redes de trabalhadores e donos de oficinas de costura em São Paulo; duas entrevistas que apresentam uma rede de feirantes que trabalham na Praça Kantuta em São Paulo; e, por fim, uma rede de intelectuais bolivianos, uma rede de retornados.

Foi possível, assim, perceber a multiplicidade de aportes que sustenta esta dissertação, configurando uma rede ampla de entrevistas onde as pessoas tinham trajetórias diversificadas. Contudo, cabe dizer que ao apontar os diferenciados projetos emigratórios dos colaboradores e de suas constituições familiares, levantamos muitas perguntas, e percebemos que suas respostas exigiriam outros estudos, novos desdobramentos, com trajetos diferenciados a serem construídos. O que fizemos com essa pesquisa foi um esforço para alinhar tentativas de se compreender a problemática emigratória no contexto Bolívia/Brasil por meio da história oral e circunscrevê-la nos estudos migratórios latino-americanos, sem esquecer que essa é apenas uma perspectiva das variadas possibilidades e propostas de interpretação que existem no cenário atual.

Bibliografia

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- ALBÓ, Xavier; Sandoval, Godofredo; Greves. *Chuquiyawu: La cara aymara de La Paz*. La Paz: CIPCA, 1982.
- ALMEIDA, Juniele; AMORIM, Maria; BARBOSA, Xênia. Performance e Objeto Biográfico: questões para a história oral de vida. **Oralidades: revista de história oral**, São Paulo, nº 2, p. 101-109, jul-dez. 2007.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira & SASAKI, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In. **Migrações Internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A Chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARBOSA, Xênia de Castro. **Experiências de Moradia: história oral de vida familiar**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. 7. Ed. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BAENINGER, Rosana; SOUCHAUD, Sylvain. *Collas e Cambas* do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. In **Revista brasileira Estudos Populacionais**. São Paulo, v. 25, n. 2, jul./dez. 2008. p. 271-286.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso, **Ficções**. São Paulo: Globo, 1998, vol. I, p. 539-546.
- _____. **Everness. O outro, o mesmo**. São Paulo: Globo, 1998, vol. II, p. 328

_____. Guayaquil. **O informe de Brodie**. São Paulo: Globo, 1998, vol. II, p. 469-476

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURGOS, Elizabeth. **Me Llamo Rigoberta Menchú y Así Me Nació la Conciencia**. México: Siglo Veintiuno, 1987.

CAGGIANO, Sergio. ¿Bolivianos? En dos ciudades ¿argentinas?. Identidades sociales en procesos migratorios contemporáneos. Informe final del concurso: Culturas e identidades en América Latina y el Caribe. Programa Regional de Becas CLACSO. 2001. Disponível: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/libros/becas/2000/caggiano.pdf>. Acesso em 20/06/2009

CALDAS, Alberto Lins. **Transcrição em História Oral**. NEHO História, Revista do Núcleo de Estudos em História Oral – USP: v.01, n.01, 1999. p.71–80.

_____. **Interpretação e Realidade**. Caderno de Criação, UFRO/Dep.de História/CEI, 13, ano IV, Porto Velho, Setembro, 1997.

_____. **Oralidade, Texto e História**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Nas Águas do Texto: palavra, experiência e leitura em história oral**. Porto Velho: Edufro, 2001.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Migrações forçadas: o racismo como elemento mobilizador. Artigo apresentado no Seminário Internacional Migrações e identidade: conflitos e novos horizontes. Universidade de São Paulo de 5 a 7 de agosto de 2008.

CARUSO, Mariléa M. Leal; CARUSO, Raimundo C. Bolívia Jakaskiwa: mudanças políticas, povos indígenas, educação, reforma agrária (entrevistas). Florianópolis: Inti Editorial, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CHIRINO, Fabiana; JÁUREGUI, Maggie; JORDÁN, Nelson; HOLLWEG, Karin. **Huellas Migratorias: duelo y religión em las familias de migrantes del Plan Tres Mil de la ciudad de Santa Cruz**. Santa Cruz: Fundación PIEB, 2009.

CROCI, Federico. Migrações e História: uma abordagem global para um fenômeno global, algumas reflexões. Artigo apresentado no Seminário Internacional Migrações e identidade: conflitos e novos horizontes. Universidade de São Paulo de 5 a 7 de agosto de 2008.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Bircholas. **Trabajoo de Mujeres: exploración capitalista y opresión colonial entre las migrantes aymaras de La Pa y El Alto**. La Paz: Editorial Mama Huaco, 1996.

DIOGO, A. Fernandes (trad.). Bolívia: crise e migração temporária. In **Travessia, Revista do Imigrante**, nº1, maio/agosto, 1988: 21 e 22.

DOMINGUES, José Maurício. **A América Latina e a Modernidade Contemporânea: uma interpretação sociológica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DORNELAS, Sidnei e GEREMIA, Mário. Uma família boliviana vagando por São Paulo. In. **Travessia**: revista do migrante. São Paulo: publicação do CEM – ano XXI, número 60, p. 10-18, Janeiro- Abril/2008.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsider: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAZITO, Dimitri. **A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade** Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível:

http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf

Acesso em 27/06/2009.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. A narrativa no pensamento de Walter Benjamin. In: **Cultura Vozes** – Nº 3, Maio-Junho, 2003.

FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas**. São Paulo: Edusp, 2003.

FERRUFINO QUIROGA, Celia; FERRUFINO QUIROGA, Magda; BUSTOS, Carlos Pereira. **Los Costos Humanos de la Emigración**. La Paz: Fundación PIEB, 2007.

FONSECA, Claudia. **Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica** . *Saude soc.* [online]. 2005, vol.14, n.2, pp. 50-59. ISSN 0104-1290.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2001a.

_____ **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____ **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **História da Sexualidade: o cuidado de si.** 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Microfísica do Poder.** 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FREIRE, Eduardo Maganha. **Bolívia: crise de coesão territorial no coração da América do Sul.** Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GATTAZ, André. **Braços da Resistência: antifranquistas em São Paulo.** História oral da imigração espanhola. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. **História oral da imigração libanesa para o Brasil – 1880 a 2000.** Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GAUDEMAR, Jean P. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital.** Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

_____. **Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Relações de força: história, retórica, prova.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GODARD, Henri; SANDOVAL, Godofredo (Eds.). **Migración Transnacional de los Andes a Europa y Estados Unidos.** La Paz: Fundación PIEB, 2008.

GOMES, P. Charles. Os Estudos de Imigração: sobre algumas implicações políticas do método. In: NETO, Helion Pova & FERREIRA, Ademir Pacelli. **Cruzando Fronteiras Disciplinares: Panorama dos Estudos Migratórios.** Rio de Janeiro: Faperj, 2003.

GONZALES, Élbio Neres. **A migração de trabalhadores rurais no Brasil.** Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

- GRELE, R. J. La Historia y sus Lenguajes en la Entrevista de Historia Oral, Quién Contesta a las Preguntas de Quién y Por Qué?, **Historia y Fuente Oral**, nº 5, 1991, p. 111-29.
- GROS, Frédéric (org.). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004.
- GUAYGUA CHOQUEGUAITA, Germán; HERRERA, Beatriz Castillo; MAHANEY, Patrisia Prieto; ROMERO, Pamela Ergueta. **La Familia Transnacional: cambios en las relaciones sociales y familiares de migrantes de El Alto y La Paz a España**. La Paz: Fundación PIEB, 2010.
- HALBAWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- _____. Quem precisa da identidade? In: **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (Org.) SILVA, Tomaz Tadeu da. Woodward, Kathryn. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Paz e Terra, 1985.
- HINOJOSA GORDONAVA, Alfonso R. **Buscando la Vida: familias bolivianas transnacionales en España**. La Paz: CLACSO: Fundación PIEB, 2009.
- _____. **Migración Transnacional y sus efectos en Bolivia**. Las Paz: Fundación PIEB, 2009.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.) **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- HOSKINS, Janet. **Biographical Objects: how things tell stories of people's lives**. New York, Londres: mandarin, 1997.
- JIMÉNEZ, Marcelo Arroyo (coord.). **La Migración Internacional: una opción frente a la pobreza**. La Paz/Gobierno Municipal de La Paz. La Paz: Fundación PIEB, 2009.
- KLEIN, Hebert S. **Bolívia – do período pré-incaico à independência**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- LAROSSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 35 – 86.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p.419- 476.
- _____. Documento Monumento. In: **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 525 – 541.
- LENHANRD, Martin. **Los Testimonios Populares y la Cuestión de su Lectura**. Cuadernos de Literatura – La Paz/Bolívia: n. 38, p. 03 – 24, 2001.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- LEVITT, Peggy; GLICK, Nina. Perspectivas internacionais sobre migración: conceptualizar la simultaneidad. In: **Migración y Desarrollo**. Segundo semestre 2004.
- LEWIS, Oscar. **Antropologia de la pobreza: cinco familias**. Mexico : Fondo de Cultura Economica, 1992.
- _____. **The children of Sanches. Autobiography of a Mexican family**. New York, Vintage, 1963.
- LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Ideologia da Escrita: recalque e discriminação da alteridade** in Abebe: a criação de novos valores na educação. Salvador: Edições Secneb, 2000.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **O Brasil no Sul da Flórida: Identidade, Subjetividade e Memória**. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MARTINS, José de Souza (Org.). **Desfigurações: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. MARTINS, José de Souza. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: _____ O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio. In: **O fenômeno migratório no limiar do 3º milênio: desafios pastorais / Apresentação Luiz Bassegio**. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p.19-34
- MARTINE, Geoge. A Globalização Inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 3, jul/set. 2005. p. 23-33.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia Brazilianista: história oral de vida acadêmica**. São Paulo: Nova Stella, 1990.

- _____ **Canto de Morte Kaiowá: história oral de vida.** São Paulo: Loyola, 1991.
- _____ **(RE) introduzindo História Oral no Brasil.** Org. São Paulo: Xamã, 1996.
- _____ **Brasil fora de si.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____ **Manual de História oral.** 4 ed., São Paulo: Loyola, 2002.
- _____ **Manual de História oral.** 5 ed., São Paulo: Loyola, 2005.
- _____ Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em história oral. **Oralidades:** Revista de História Oral, São Paulo, Ano I, n. 03, jan./jun. 2008, p. 141-150.
- _____ Mas há fronteiras? **Migrações internacionais: desafios para o século XXI.** São Paulo: Memorial do Imigrante, p.31-50.
- _____ **Uma Certa História de Vida: Betita e Carolina Maria de Jesus.** Artigo apresentado no Simpósio internacional de Autobiografia em setembro de 2005 na Universidade de São Paulo.
- MOTA, Aurea. et al. (org.). **A Bolívia no Espelho do Futuro.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- NOVINSKY, Sonia Waingort. **As Moedas Errantes – narrativas de um clã germano judaico centenário.** Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- OLIVEIRA, O & STERN, C. Notas sobre a teoria da migração interna: aspectos sociológicos. In: MOURA, Hélio A., (Ed). OP. Cit., p. 245-265.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio.** Campinas: Unicamp, 1997.
- OSMAN, Samira Adel. **Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar.** Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- _____ **Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida.** Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas.** São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul/set. 2005.

PAES, Vanessa Generoso. **Mulheres no Seringal**. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, Relatório de Iniciação Científica PIBIC/UNIR/CNPq, desenvolvido de Agosto de 2004 a julho de 2005.

PAIVA, Odair da Cruz. (org) **Migrações Internacionais : desafios para o século XXI**. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007.

PERES, Cristina. **Famílias Imigrantes em São Caetano do Sul: história oral de vida**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1999.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In. **Projeto História**. PUC. n. 10, São Paulo, dez. 1993. p. 41-58.

_____. História Oral como Gênero. In. **Projeto História**. PUC. n. 22, São Paulo, Jun. 2001. p. 09-36.

_____. O que faz a história oral diferente. In. **Projeto História**. PUC. n. 14 São Paulo, fev. 1997, p. 31-32.

PLUTARCO. **Como Ouvir**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RACZYNSKI, Dagmar. La movilidad territorial de la población en América Latina: perspectivas de análisis y lineamientos de investigación. In: **Memórias Del Congreso Latinoamericano de Población y Desarrollo**. México. Vol. 2, p. 863-892.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, Hélio A. (ed.). Op. Cit., p. 19-88.

RESENDE, Selmo Haroldo de. Abordagens Biográficas e Foucault. **Nêho-história**: revista do Núcleo de estudo em História Oral., 1999, Nº 1, p. 59 – 70.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RIBEIRO, Suzana. **Processos de Mudanças no MST: história de uma família cooperada**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

RONCKEN, Theo; ARCE, Oscar Alquizalet; CIELO, Cristina; REDNER, Céspedes Quiroz; GUZMÁN, Yeshid Serrudo. **La vencidad que no viajó: migración internacional y desarrollo comunitario en zonas periurbanas de Cochabamba**. Cochabamba: Fundación PIEB, 2009.

GRELE, R. J. "La Historia y sus Lenguajes en la Entrevista de Historia Oral, Quién Contesta a las Preguntas de Quién y Por Que?", **Historia y Fuente Oral**, nº 5, 1991, p. 111-29.

SADER, Amir. **A Revolução Democrática na Bolívia**. Programa de las Américas (Silver City, NM: International Relations Center, 20 de Janeiro de 2006)

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAFRA, Gilberto. **Curando com Histórias**. São Paulo: Edições Sobernost, 2005.

SALIM, Celso Amorin. **Migração: o fato e a controvérsia teórica**. VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais, Vol. 3, São Paulo, ABEP, 1992, pg -119 - 144.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Sidney Antônio Silva. **Costurando Sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. **Virgem, Mãe, Terra: festas e tradições bolivianas na metrópole**. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. **Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade**. Estudos Avançados, n 57, vol . 20, pg. 157-170, São Paulo, USP, 2006.

_____. **"A Praça é Nossa!" faces do preconceito num bairro paulistano**. In Travessia, Revista do Imigrante, nº 51, janeiro/abril, 2005: 39-44.

_____. **Clandestinidade e Intolerância: o caso dos bolivianos em São Paulo**. In Travessia, Revista do Imigrante, nº 30, janeiro/abril, 1998: 25-29.

_____. **Os Imigrantes e a Cidadania Regulada**. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios.

_____. **"Salud! Sirvase Compadre!" a comida e a bebida nos rituais bolivianos em São Paulo**. In Travessia, Revista do Imigrante, nº 42, janeiro/abril, 2002: 05-10.

_____. **Hispano-Americanos no Brasil: entre a cidadania sonhada e a concedida**. In. **Migrações Internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD, 2001.

_____. Artido no site da Pastoral do Imigrante (www.imigracao.com.br/artigos.html) acesso em 07/04/2006.

SILVA, Carlos Freire da. **Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. PRECISA-SE: bolivianos na indústria de confecções em São Paulo. **Travessia: revista do Migrante**. São Paulo, número 63, p.5 – 11, Jan./Abr. 2009 . Bolivianos.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua Magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2006.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STEINER, George. Origens Duradouras. in: **Lições de Mestres**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

TORREMORELL, Maria Carme Boqué. **Cultura e Mediación y Cambio Social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração**. In *Rev. Bras. Hist.*, 2002, vol.22, no.44, p.341-364. ISSN 0102-0188.

TRABATTONI, Franco. As Doutrinas não Escritas, in: **Oralidade e Escrita em Platão**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

VAINER, Carlos B. Migração e mobilidade na crise contemporânea da modernização. In: **Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais**. Org. HEIDEMANN & SILVA. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 11 – 30.

VANGELISTA, Chiara. 1808-1908-2008: interpretações de imagens da imigração no Brasil. Università degli Studi di Genova. Artigo apresentado no Seminário Internacional Migrações e identidade: conflitos e novos horizontes. Universidade de São Paulo de 5 a 7 de agosto de 2008.

VIEIRA, Maria Eta. **A caballo entre dos mundos: Guerra Civil Española y el “exílio infantil”**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

VIEZZER, Moema. **“Se Me Deixam Falar...”: Domitila: depoimento de uma mineira boliviana**. São Paulo, Global, 1984.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

WOOD, Charles H. Equilibrium and historical – structural perspectives on migration. *International Migration Review*, 16 (2), 1982. p. 298-318.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

Artigos em Revista e na internet

DOMINGUES, José; DOMINGUES, Cesár; MANEIRO, Maneiro Maria. **Bolívia uma crise sem fim**. Acesso em 26/08/2008 (http://observatorio.iuperj.br/artigos_resenhas/historia_sem_fim.pdf)

HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. **A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guatari**. Acesso em site (http://www.uff.br/geographia/rev_07/rogerio7.pdf) em 01/11/06.

LAUMONIER, Isabel. Festividade de Nossa Senhora de Copacabana: motivo de união dos migrantes bolivianos na Argentina. In **Travessia**, Revista do imigrante, nº 11, setembro/dezembro, 1991: 27-36.

MARIMUCCI, Roberto; MILOSI, Rosita. **Migrações Internacionais Contemporâneas**. Acesso no site (www.migrante.org.br/as_migracoes_internacionais_contemporaneas_160505b.htm) em 25/04/06.

ROSSI, Camila Lins. **Nas Costuras do Trabalho Escravo**. Visto em site (<http://www.reporterbrasil>)

Índice de Desenvolvimento Humano da Bolívia acesso em 28/08/2008 http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_%C3%8Dndice_de_Developmento_Humano

Secretaria Nacional de Pastoral Social (SENPAS). Analisis de La Realidade Migratoria en Bolivia. Mosoc – Programa de Migraciones, Bolivia, 1991.

Sites de periódicos: http://www.onu-brasil.org.br/view_news.php?id=3347 acesso em 05/08/2009.

http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf visto em 01/08/2009 artigo de Dimitri Fazito, UFFMG/Cedeplar, visto em 01/08/2009.

<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1733.pdf> artigo de Roberto Cardoso de Oliveira, acesso em 01/08/2009.

STOLCKE, Verena. Artigo lido no site da ANPOCS, intitulado “Cultura Européia: uma nova retórica de exclusão?” site: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_22/rbcs22_02.htm acesso em 28/06/2011.

STEIMAN, Rebeca. Brasil e América do Sul: questões institucionais de fronteira. In: <http://acd.ufrj.br/gruporetis/pdf/REBECAlegislatlas.pdf>. Acesso em 06/06/2011